PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DECIMO PRIMEIRO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — Largo do Camões — 6
1886

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIL DE MATOS—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—S. João Evangelista—fogos 148—almas 592. Carvalho deu-lhe 160 fogos.

Foi curato amovivel da apresentação do parocho da freguezia de Barcouço,—pertenceu ao extincto concelho d'Ançã—depois ao de Catanhede—e hoje pertence ao de Coimbra por decreto de 24 de outubro de 1855.

Comprehende as aldeias seguintes:—Vil de Matos (sede da parochia) Vendas de Sant'Anna, Mourellos, Costa e Rios Frios,—os casaes da Murteira, Cartaxos e Cova de Coelhos—e a quinta da *Zombaria*, pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, benemerito director do Jardim Botanico de Coimbra e muito illustrado lente de botanica na Universidade,—a quinta do *Barreiro*, pertencente ao barão do Cruzeiro, de Mogofores,—a do *Burlegão*, pertencente a Joaquim Maria Diniz—e a do *Paraiso*, pertencente ao sr. conselheiro dr. Francisco de Castro Freire.

As suas freguezias limitrophes são:—Antuzende e Trouxemil, do concelho de Coimbra, — Ançã, concelho de Cantanhede, — e Barcouço do concelho da Mealhada.

—

Dista de Coimbra 12 kilometros para N. E. —da estação de Souzellas (C. de ferro do N.) 7 kilometros para O,—119 do Porto—e 232 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal da ponte da Carvalhinha á povoação de Vil de Mattos;—dista 3 kilometros da estrada districtal de Coimbra a Cantanhede—e 2 da estrada real de Lisboa ao Porto.

A egreja matriz é pequena e tem altar-mór e 2 lateraes com decorações de talha singela;—em um dos altares lateraes se vê uma lindissima imagem de Nossa Senhora

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DECIMO PRIMEIRO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — Largo do Camões — 6
1886

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIL DE MATOS—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—S. João Evangelista—fogos 148—almas 592. Carvalho deu-lhe 160 fogos.

Foi curato amovivel da apresentação do parocho da freguezia de Barcouço,—pertenceu ao extincto concelho d'Ançã—depois ao de Catanhede—e hoje pertence ao de Coimbra por decreto de 24 de outubro de 1855.

Comprehende as aldeias seguintes:—Vil de Matos (sede da parochia) Vendas de Sant'Anna, Mourellos, Costa e Rios Frios,—os casaes da Murteira, Cartaxos e Cova de Coelhos—e a quinta da *Zombaria*, pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, benemerito director do Jardim Botanico de Coimbra e muito illustrado lente de botanica na Universidade,—a quinta do *Barreiro*, pertencente ao barão do Cruzeiro, de Mogofores,—a do *Burlegão*, pertencente a Joaquim Maria Diniz—e a do *Paraiso*, pertencente ao sr. conselheiro dr. Francisco de Castro Freire.

As suas freguezias limitrophes são:—Antuzende e Trouxemil, do concelho de Coimbra, — Ançã, concelho de Cantanhede, — e Barcouço do concelho da Mealhada.

—

Dista de Coimbra 12 kilometros para N. E. —da estação de Souzellas (C. de ferro do N.) 7 kilometros para O,—119 do Porto—e 232 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal da ponte da Carvalhinha á povoação de Vil de Mattos;—dista 3 kilometros da estrada districtal de Coimbra a Cantanhede—e 2 da estrada real de Lisboa ao Porto.

A egreja matriz é pequena e tem altarmór e 2 lateraes com decorações de talha singela;—em um dos altares lateraes se vê uma lindissima imagem de Nossa Senhora

do Rosario. Tem mais nas Vendas de *Santa Anna* uma capella publica d'esta invocação, com festa propria e romaria annual no 1.º domingo depois de 26 de julho,—em Rios Frios a de S. Thomé, tambem publica, sem festa ha muitos annos,—e uma capella particular na quinta da Zombaria.

A capella de Sant'Anna já foi a matriz d'esta parochia e é bastante antiga, porque já se vê mencionada na *Chorographia Portugueza*, bem como a de S. Thomé.

—

Banham esta freguezia o rio de Cavalleiros, que atravessa o *Valle Travesso* e desagua na *Valla do Norte* (parallela ao Mondego) a distancia de 5 kilometros,—e as vallas da *Linteira* e do *Carregal*, que desaguam no rio de Cavalleiros, em Valle Travesso.

Tem 2 pontes,—3 moinhos em Cadavae, Paraiso e Carvalho, que moem milho, trigo e centeio—e 1 em Valle Travesso, que se emprega em preparar o arroz.

Produz milho, trigo, centeio, cevada, feijões e nomeadamente *vinho* de mesa, muito bom, e arroz.

Este ultimo artigo constitue hoje uma das producções mais importantes d'esta parochia, mas tem dado origem a febres devastadoras, muitos desgostos, muitas desordens e grandes questões que promettem reviver.

A cultura do arroz tem sido uma mina para muitos proprietarios d'este districto, mas foi uma *verdadeira praga* para esta e outras muitas parochias!...

Daria grossos volumes tudo o que se tem escripto sobre tão momentoso assumpto e bem quizeramos aproveitar o ensejo para consignarmos aqui os topicos principaes da grande questão, mas somos forçados a aligeirar e resumir e portanto apenas indicaremos muito summariamente a parte que prende com esta parochia:

Data de 1864 ou 1865 a cultura do arroz n'esta parochia. [1]

O dr. Eusebio Rodrigues Manique, de Coimbra, comprou uma grande porção de terreno no sitio de Val Travesso, semeou-o todo de arroz em um d'aquelles annos e, como auferisse lucros, proseguiu com a mesma cultura nos annos de 1866, 1867 e 1868; desenvolveu-se porém logo uma medonha epidemia de febres pestilenciaes n'esta freguezia e na de Barcouço, sua limitrophe, a ponto tal que os habitantes das duas parochias e da de Ançã resolveram fazer justiça por suas mãos.

Em certo dia aprasado (um domingo) reuniram-se na ponte de Maurelles alguns centos de pessoas,—homens e mulheres, velhos e novos, padres e seculares,—invadiram os arrosaes do dr. Eusebio e d'outros —e destruiram-nos completamente todos.

Nem o dr. Eusebio nem outro algum dos proprietarios d'arrosaes colheram n'aquelle anno um grão unico de arroz!...

Instaurou-se processo contra os delinquentes, mas ninguem ficou culpado, porque todas as testemunhas inqueridas disseram que aquelles destroços foram causados pelos habitantes das tres freguezias em *massa*, *sem distincção de pessoas*.

—

Em vista de facto tão estranho o dr. Eusebio e os outros exploradores da mina da orysicultura esmoreceram; não mais semearam arroz desde 1868 até 1876, pelo que o estado sanitario d'esta parochia e das limitrophes foi excellente durante aquelle periodo; mas em 1876 a *sacra fames auri* determinou varios egoistas a posporem á saude publica os seus interesses;—repetiram a cultura do arroz e a desenvolveram em larga escala, desenvolvendo-se logo na mesma proporção as sezões malignas, como consequencia evidente, necessaria, fatal, ameaçando converter esta e as parochias limitrophes em um deserto. Graças, porém, á dedicação do ex.mo sr. Bispo Conde (D. Manuel Correa de Bastos Pina) e d'outros cidadãos benemeritos, ha 3 annos que foi extincta a cultura do arroz n'esta e em outras parochias d'este districto de Coimbra onde a orysicultura era mais nociva á saude publica.

---

[1] Referimo-nos á cultura *em grande escala*, pois já desde 1853 se haviam feito ensaios e tentativas.

Foi optimo o estado sanitario d'esta freguezia até 1883, mas este anno dois especuladores de Mira arrendaram ao sr. Alberto Ferreira Pinto as terras de Val Travesso e de novo as semearam d'arroz, pelo que o parocho d'esta freguezia e todos seus parochianos representaram ao governo contra semelhante sementeira e em abril ultimo foram pessoalmente entregar a representação ao sr. governador civil de Coimbra, que prometteu fazer-lhes justiça; receiam porém que sejam obrigados a appellar para meios violentos, como já fizeram duas vezes, — a 1.ª unidos aos habitantes das freguezias de Ançã e Barcouço — a 2.ª de per si sós e com menos felicidade, porque ficaram pronunciados em numero de 14.

—

No *supplemento* ao artigo *Coimbra* volveremos ao assumpto e iremos um pouco mais longe; entretanto quem quizer iniciar-se na grande questão dos arrozaes pode ler — a lei de 1 de julho de 1876, os *officios* que o sr. bispo-conde dirigiu ao governo com data de 7 de janeiro e 26 de fevereiro de 1881, — e 15 de fevereiro de 1882, — a *Pastoral* do mesmo sr. com data de 3 d'abril de 1882, — os decretos de 23 de março e de 5 d'abril do mesmo anno, — o n.º 1 das *Instituições Christãs*, 1.ª serie, 1883, pag. 14, — e o n.º 8 das mesmas *Instituições*, 1.ª serie do 2.º anno, 1884, pag. 249.

Tudo isto corre impresso e torna evidentissima a nefasta influencia dos arrozaes sobre a hygiene publica, nomeadamente nos concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira, Soure, Pombal, Condeixa e Leiria; — mas, para se formar idéa de quanto podem o sophisma e a sêde do lucro, ou a *sacra fames auri*, devem ler-se tambem, como reverso da medalha n'este assumpto, as celebres *cartas de Amaro Mendes Gaveta*, pseudonymo de um dos nossos mais laureados poetas contemporaneos, grande proprietario e grande cultivador dos malditos arrozaes no districto de Coimbra.

Apesar de haver sido terminantemente prohibida a cultura dos arrozaes em 1867 e 1882, ella teve um *incremento* de 80 p. c. nos ultimos 10 annos, calculando-se em 1:880 hectares o chão empregado hoje na dita cultura??!!!...

Isto é official.

—

Na correspondencia de Coimbra para o *Commercio do Porto*, que é sem contestação o jornal menos faccioso e mais serio de todo o nosso paiz, se lia com data de 20 de setembro ultimo (1884) o seguinte:

«Já principiou a colheita do arroz, cuja producção é abundantissima. A este respeito podemos informar que nunca a oryzicultura no districto de Coimbra tomou tanto desenvolvimento como no presente anno. E isto apesar de todas as leis, portarias, decretos e commissões! As doenças originadas nas emanações deleterias d'estes verdadeiros pantanos tambem este anno recrudesceram, havendo povoações onde as febres intermittentes teem feito grandes estragos.

«E' lamentavel que a saude dos povos assim esteja á mercê do capricho e ambição dos potentados monetarios e das influencias politicas, que são os que aqui, como em toda a parte, querem e defendem os arrozaes.»

VIL DE SOUTO — Freguezia. V. *Villa de Souto*.

VILHARIGAS ou **VILHARIGUES** — Freguezia do concelho de Vouzella. V. *Paços de Vilharigues*, vol. 6.º, pag. 397, col. 2.ª

VILIAR — portuguez antigo — despresar, ter em pouco, desestimar.

De uma sentença de 1496 consta que a villa de Val de Prados, em terras de Bragança, devia ter *forca, picota e tronco por ser villa sobre si, sem por isto viliarem e deshonrarem a villa de Bragança.*

VILLA — designação de centenares de povoações, casaes e quintas do nosso paiz.

Só este topico (em boa hora o encetemos!...) daria um volume, se não fossemos obrigados a aligeirar e resumir quanto possivel para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume, reservando para o *supplemento* as *rectificações* e *addicções*.

VILLA. — Em todos os nossos documentos até os fins do seculo XII se tomou villa não por uma povoação grande, superior a uma aldeia e que tivesse juiz, senado

e pelourinho com os mais distinctivos de jurisdicção civil e criminal, mas sim por uma pequena ou grande herdade, casal ou granja, comprehendendo terrenos com sua casa rustica e abegoaria para recolher os fructos e criar os gados e outros animaes domesticos.

Dividia-se a *villa*, segundo Columella, em *urbana*, *rustica* e *frutuaria*. A primeira constava de uma casa mais elegante e aceada (casa nobre) em que o senhor da *villa* residia temporaria ou permanentemente; — a segunda pouco ou nada tinha de polida e era destinada para habitação do colono e sua familia; constava tambem de curraes, cortes e cobertos para os animaes e aprestes da lavoura; — a terceira finalmente era o que chamamos *adega* ou *celleiro*. A *villa* (herdade ou quinta) menos importante era denominada *villula*, *villar* e *villarinho*.

Desde os fins do seculo XII até os do seculo XV tambem algumas vezes se tomou villa como synonimo de cidade, assim se encontra em muitos documentos *villa de Bragança, de Lamego, de Coimbra, da Guarda*, etc., mas desde o tempo de el-rei D. Affonso III se começou a chamar *villa* uma povoação grande ou cabeça de concelho, na qual se decidiam as causas na primeira instancia e n'esta ultima accepção se toma hoje em Portugal a palavra *villa*.

V. *Aldeia* no *supplemento*.

VILLA D'ALA — freguezia do concelho do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago — Nossa Senhora da Assumpção, — fogos 122, — almas 535.

Reitoria. Foi curato annual da apresentação do marquez de Tavora, da corôa e da mesa da consciencia.

Dista 9 kilometros do Mogadouro para E., 35 de Miranda para S. O., 56 de Bragança para S. E. e 10 da margem direita do Douro. Toca na povoação de villa d'Ala, séde d'esta freguezia, a estrada da villa da Bemposta para o Mogadouro.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Paçô e Santiago.

As suas parochias limitrophes são Thó, Mogadouro, Variz e Villa de Rei.

Ha n'esta freguezia uma pyramide geodesica que marca 816 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

O seu chão é aspero e frio e as suas producções dominantes são batatas, lã e cereaes.

Entre esta parochia e a de Variz está a serra d'Ala, onde se encontram vestigios de povoação importante antiquissima que talvez fosse cidade outr'ora.

Vide *Ala*, serra, vol. 1.º, pag. 45.

VILLA ALVA ou **VILLALVA** — freguezia do concelho e comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, provincia do Alemtejo.

Orago Nossa Senhora da Visitação, — fogos 370, — almas 1:400.

Foi villa e teve por donatario o duque de Cadaval. Pertenceu ao concelho de Villa de Frades e á comarca de Beja.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa com data de 1 de junho 1512. *Livro dos Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 56, col. 2.ª

Veja-se o processo para este foral na *Gav.* 20, *Maço* 12, n.º 24.

Está situada em planicie na margem esquerda de uma ribeira affluente da de Odivellas, 10 kilometros a E. da estação d'Alvito e 12 ao N. da de Cuba, na linha ferrea do sul, 29 ao N. de Beja e 134 a S. E. de Lisboa.

Comprehende além da villa, povoação unica d'esta parochia, os *montes* ou casaes de Gandra, Zambujal, Farelôa, Ribeira, Chouriça, Marqueza e Antas.

É priorado e em 1768 rendia 600:000 rs.

As suas producções dominantes são vinho, que é o melhor do districto, azeite e lã, pois cria bastante gado. Tambem produz muita fructa de pevide e de caroço e cortiça.

—

A sua herdade mais importante é hoje a do Zambujal, pertencente ao sr. José Maria Ayres Parreira Capas.

Freguezias limitrophes — Cuba, Oriolla, Villa Ruiva, Villa de Frades e Albergaria dos Fusos.

Tem uma estrada a macadam por Villa de Frades para a estação de Villa Nova da Baronia e outra para a estação de Cuba.

A sua egreja matriz é pequena; está no meio da villa e a poucos metros de distancia ha uma torre que foi feita quando trouxeram de um dos conventos d'Evora um bom relogio que n'ella collocaram.

Diz-se que esta freguezia tomou o nome do antiquissimo casal de *Monte Alvo.*

Tem casa de Misericordia, hoje em decadencia. A sua egreja soffreu varias modificações, mas ainda conserva alguma obra de talha dourada de merecimento.

Ha ainda n'esta parochia mais 2 templos publicos pouco notaveis, — ao todo 5.

A industria local reduz-se a uma fabrica de rolhas de cortiça, que são exportadas quasi que exclusivamente para a America do Norte.

Tambem exporta alguma madeira d'alamo.

A distancia de 4 kilometros d'esta villa (approximadamente) no sitio de *Malk-abrão* ou *Malcabrão* teem apparecido algumas moedas antigas de prata e cobre. Em uma se lia *Cesar Tib.*

—

Ha n'esta villa um edificio brasonado, pertencente ao sr. Fernando Guilherme Guedes Pimenta. Está na Praça Velha, junto da torre do relogio. Tem mais dois bons edificios, embora sem brazões, — um na Praça Nova, pertencente a Joaquim Antonio da Fonseca, — outro na rua da Misericordia, pertencente á sr.ª D. Anna Rita da Cruz Arce.

Esta villa nunca foi fortificada, nem teve convento algum, nem feiras ou mercados.

Ainda n'ella se veem os antigos paços do concelho e a cadeia. O pelourinho já desappareceu.

Tem um largo arborisado e 5 ruas principaes — de Lisboa, Misericordia, Figueira, Carreira e Outeiro.

Ha n'esta freguezia 5 moinhos de vento e 3 d'agua na ribeira de Odivellas, onde ha tambem uma ponte de pedra junto da extremidade d'esta parochia.

Villalva assenta nas vertentes septentrionaes d'uma pequena cordilheira de montes que fazem parte da serra d'Alpedreira, ramificação da serra d'Ossa. V. *Alpedreira.*

Tem duas escolas d'instrucção primaria elementar para os dois sexos, — 1 hospital, que é o da Misericordia, — e 1 hospedaria de Manuel Calado da Luz.

—

Temos em nosso poder uma copia do foral que D. Manuel deu a esta villa e bem quizeramos extractal-o, porque é muito interessante, mas como este artigo vae já bastante longo, no *supplemento* encontrarão os leitores o extracto do dito foral sob o mesmo titulo *Villa Alva.*

VILLA D'ALVA — villa acastellada e freguezia em 1240, hoje uma pequena e pobre aldeia pertencente á freguezia de Poiares no concelho de Freixo d'Espada á Cinta, provincia de Traz os Montes.

V. *Alva,* vol. 1.º pag. 169, — *Barca d'Alva* no mesmo vol. pag. 324 — e o *Douro Illustrado,* pag. 66 a 68.

VILLA D'ALVARO — villa e freguezia do concelho de Oleiros, comarca da Certã no antigo priorado do Crato, até 1882 patriarchado de Lisboa e desde 1882 bispado de Portalegre.

E' priorado. Conta hoje 356 fogos e 1:374 habitantes.

Orago S. Thiago Maior.

Comprehende esta freguezia, alem da villa, os logares de Gaspulha, Povoa da Talvinheira, Povoa do Meio, Povoa de Cima, Val da Carreira, Sendinho de Santo Amaro, Quartos d'Alem, Quartos d'Aquem, Quartinhos, Valinho, Pandos, Bexinheira, Corugeira, Longra, Sarnadas d'Alem, Sarnadas d'Aquem, Val dos Vascos, Portella, Corga, Povoas, Povoas da Ribeira, Casal da Ordem, Beco, Frazumeira, Pecegueiros, Maria Gomes, Travessa e Portalegre.

V. *Alvaro,* n'este diccionario, tomo 1.º e no *supplemento* — e as *Memorias da Villa de Oleiros* pag. 236, pelo rev.^{mo} Sr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel, bispo d'Angra.

VILLA DO BISPO — villa, freguezia e séde do concelho d'este nome, comarca de Lagos, districto e diocese de Faro na provincia do Algarve.

Orago Nossa Senhora da Conceição, — fogos 277 e 1:181 habitantes.

A *Chrographia Portugueza* em 1708 deu-

lhe 200 fogos, a *Chrographia do Algarve* em 1837 deu lhe 211 — e o Portugal Sacro e Profano 144 em 1768, accrescentando que o seu parocho tinha de rendimento oito moios de trigo e era prior da apresentação alternativa do papa e do prelado. E' hoje vigairaria.

Dista 4 kilometros para O. e 6 para o N. do oceano, que aqui fórma um pontal, especie de peninsula tendo na sua extremidade S. O. o cabo de S. Vicente a 10 kilometros d'esta villa, a qual dista de Lagos 25 kilometros e de Faro cerca de 100 para oeste.

—

Em 1840 esta villa com a de Sagres e as freguezias de Bordeira, Budens Barão, Raposeira e Carrapateira constituiam o concelho de *Villa do Bispo*, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando as ditas freguezias para o concelho de Lagos; mas por decreto de 10 de setembro de 1861 foi restaurado o antigo concelho de Villa do Bispo com as mesmas freguezias, exceptuando a de Bordeira e a sua annexa de Carrapateira, que passaram para o concelho de Aljesur; mais tarde a de Carrapateira passou outra vez para este.

Comprehende pois este concelho hoje 4 freguezias — Budens, Raposeira e Carrapateira, sua annexa, Sagres e Villa do Bispo, com o total de

Fogos	953
Almas	4:151
Superficie em hectares	22:867
Predios inscriptos na matriz	7:504

—

Esta freguezia tem uma area bastante extensa; o seu chão é alto, lavado dos ventos e muito saudavel, pelo que outr'ora vieram residir para este concelho, como para uma estação de saude, muitas familias abastadas e cavalleiros de pontos distantes, o que ainda revelam os claros vestigios de embellesamentos que se notam nas quintas de Val Santo, Guadalupe, Lontreira, Alagôas, etc.

Comprehende esta freguezia, alem da villa, os casaes, quintas e hortas seguintes: Tabual ou Atabual, Pedralva, Santo Antonio, Horta Garcia, Pena Furada, Monteso e Murração.

As herdades principaes hoje são *Fonte dos Monteiros*, pertencente a José Cardoso e *Valle do Paço*, de José de Sousa Marreiros Cintra, ambos d'esta villa.

Freguezias limitrophes: — Budens, Raposeira, Sagres e Bordeira, sendo esta ultima do concelho de Aljesur.

—

É atravessada pela estrada do litoral, em via de construcção.

Os seus templos reduzem se á egreja matriz, que se acha em bom estado de conservação e tem boas alfaias, avultando entre ellas uma custodia de muito merecimento. As festas principaes que n'ella se celebram são a da padroeira, N. S. da Conceição, no dia 8 de dezembro, e a de S. Vicente no dia 22 de janeiro.

Costuma haver aqui annualmente um pequeno mercado de gado bovino que dura duas a tres horas e que chamam *feira da villa*.

O seu terreno é muito fertil, como todo o Cabo de S. Vicente, por justos titulos denominado *celleiro do Algarve*; as suas producções são trigo, cevada, milho, batata redonda, chicharos, grão de bico, algum vinho, lã e queijos, pois cria bastantes cabras e ovelhas e do leite fazem queijos excellentes e manteiga.

Tem igualmente abundancia de peixe, lebres, coelhos e perdizes.

A sua agua potavel é boa.

Foi conduzida para a villa por um pequeno aqueducto.

—

Apesar da fertilidade do solo, os seus habitantes em geral são pobres, porque a maior parte da propriedade pertence a estranhos.

As mulheres vestem surianos e estamenhas e occupam-se na colheita do espartō para diversos usos.

Segundo a *Geographia Commercial* do sr. João Felix, ha n'este concelho 23 theares de lã.

A antiga povoação de *Santa Maria do Cabo*, hoje séde d'esta parochia, foi doada aos bispos do Algarve por el-rei D. Manuel, quando visitou o Cabo de S. Vicente, pelo que desde então se ficou denominando *Al-*

deia do Bispo e *Villa do Bispo* depois que D. Pedro II a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral (diz a *Chorographia Moderna*) mas nem Franklim nem a *Chorographia do Algarve* o mencionam.

Ha aqui um vasto Reguengo que pertence aos *proprios nacionaes* e um baldio para logradouro commum e pastagem dos gados. Se fossem divididos em courellas pelos habitantes da freguezia e convenientemente agricultados, podiam transformar-se em um bom elemento de riqueza.

Nas *Memorias para a Historia Ecclasiastica do Algarve*, escriptas pelo mesmo auctor da *Chorographia do Algarve*, João Baptista da Silva Lopes e publicadas pela Academia Real das Sciencias em 1848, se diz a pag. 641 (nota):

«Estes dous concelhos (Villa do Bispo e Aljesur) não devem subsistir por insignificantes: os seus moradores vão a Lagos consultar Medico, Cirurgião, Advogado, e prover-se de tudo que lhes falta, levando ali todos dias os seus generos para vender».

—

Ainda existem os antigos paços do concelho e a cadeia d'esta villa, mas já não existe o pelourinho, que estava na praça, porque foi derrubado por um tufão no dia 4 de fevereiro de 1871, pelas 5 horas da manhã.

Esta freguezia é banhada por uma ribeira que tem uma pequena ponte na estrada do litoral e desagua no oceano a 12 kilometros de distancia.

Ha n'esta freguezia 2 minas de manganez e de outros metaes, simplesmente registradas, no sitio de *Morração*.

N'esta parochia é sensivel a falta de arvoredo, inclusivamente de figueiras que tanto abundam na maior parte do Algarve.

João Baptista da Silva Lopes menciona na sua *Chorographia* um benemerito prior d'esta parochia, José Pedro da Silva Gonçalves Reis que, *em premio do seu zelo pela prosperidade dos seus parochianos*, foi perseguido e preso em 1823 e veiu a morrer martyr da liberdade poucos mezes depois de sair pela segunda vez da prisão, em 1833.

Causou aqui muitos prejuisos o grande terremoto de 1 de novembro de 1755. Desmoronou todas as casas da villa, exceptuando unicamente uma!...

Este beneficio foi um dos melhores do Algarve. O seu prior recebia os dizimos das *miuças*, que eram importantes.

Os dizimos da *massa grossa* d'esta freguezia e da de Sagres foram alguns annos arrendados por 1:600$000 réis, cento e dez alqueires de trigo e duas pipas de mosto.

VILLA BOA — Aldeia da freguezia de *Serapicos* no concelho de Valpassos, pertencente á diocese de Braga desde 1882.

Foi séde da extincta freguezia de Santo Estevão de Villa Boa de Carças. O sr. J. M. Baptista na sua *Chrographia Moderna* menciona mais 27 aldeias ou simples povoações e 4 quintas ou casas com o nome de *Villa Boa.*

VILLA BOA—Aldeia da freguezia de *Boivão*, concelho de Valença do Minho, da qual já se fallou no vol. 1.º, pag. 407, col. 2.ª *Vide*.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Lordello, Pedreira, Paço, Cimo de Villa e *Villa Boa.*

N'esta foi publicamente exautorado com todas as formalidades do estylo, em 10 de outubro de 1839, o 2.º sargento de infanteria n.º 10. José da Silva Rosa, condemnado em ultima instancia a ser-lhe despida a farda com todos os signaes de despreso, e degredado para um dos logares da Africa por 10 annos.

O crime do dito sargento foi o ter abusado da sua auctoridade e extorquido dinheiro a varios moradores d'aquella aldeia.

Toda a guarnição da praça de Valença foi assistir ao acto da exautoração.

VILLA BOA—*freguezia* do concelho e comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança na provincia de Traz os Montes.

Orago Santa Maria Madaglena,—fogos 67, almas 304.

Em 1768 contava 43 fogos e rendia réis 30$000.

Pertenceu ao concelho de Lamas d'Orelhão, extincto pelo decreto de 31 dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Mirandella, e até á ultima circumscripção dioce-

sana feita em 1882, era do arcebispado de Braga.

É reitoria, hoje annexa civilmente á freguezia do Franco. Foi apresentada pelo vigario de Lamas de Orelhão, mas os dizimos d'esta parochia, da do Franco e das outras d'aquelle extincto concelho pertenciam ao convento das freiras franciscanas de Santa Clara de Villa do Conde.

Comprehende além da povoação, séde da freguezia, a pequena aldeia da Gricha, que tambem já foi parochia.

As suas freguezias limitrophes são—Franco, Avidagos e Abreiro.

Dista 3 kilometros para S. E. da estrada nova de Villa Real a Mirandella e Bragança, — 20 da séde do concelho e 92 da séde do districto.

É atravessada por uma estrada municipal; deve passar a 15 kilometros de distancia a linha ferrea de via reduzida em construcção da foz do Tua (linha do Douro) a Mirandella,— e dista da foz do Tua e da linha do Douro 30 kilometros para N. E.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella sem terem coisa alguma digna de menção.

E' banhada por dois pequenos ribeiros que nascem na serra do Franco e desaguam na margem direita do Tua a 12 kilometros de distancia, sem terem pontes nem moverem moinhos.

As suas producções dominantes são vinho, azeite e cereaes.

O seu vinho é bom, como vinho de pasto, por estar esta freguezia comprehendida na região da *Terra Quente*, mas os seus vinhedos acham-se compromettidos e doentes, como todos os do Douro, depois da invasão phylloxerica.

É uma aldeia pequena e pobre.

Muito tinhamos a dizer com relação á freguezia do Franco, hoje identificada com esta, mas como somos obrigados a *aligeirar* e *resumir*, veja-se *Franco* n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA BOA — Freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga. Abbadia. Orago S. João Baptista, fogos 60, almas 280.

Em 1768 contava 66 fogos; era da apresentação da mitra e rendia 300 mil réis.

Dista de Barcellos 3 kilometros para N., cerca de 20 de Braga para O. e 4 da margem direita do Cavado para N. O.

Comprehende as aldeias de Villa Boa, séde da freguezia, Covello, Egrega, Estrada, Tornada, Forca Velha, Jordão, Bermil, Serodio, Cachada, Curujo, Ribada e Sindim.

As suas producções dominantes são vinho verde e cereaes.

Foi da apresentação da mitra.

VILLA BOA — freguezia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago S. Pedro *ad Vincula*, — fogos 200, almas 801.

Em 1768 era curato da apresentação do reitor da Nave; — contava 109 fogos e rendia 40$000 réis; —depois foi annexa á freguezia da Nave, 3 kilometros distante para leste, mas desde 1834 é abbadia independente.

Pertenceu ao bispado de Lamego, — depois ao de Pinhel — e desde 1882 ao da Guarda pela suppressão legal do de Pinhel e pela ultima circumscripção diocesana operada em 1882.

—

Esta freguezia é formada por uma povoação unica. Não tem aldeias nem quintas, casaes ou herdades dignos de menção. O seu predio mais consideravel é a *quinta do Costa*, entre esta freguezia e a de Rendo.

Parochias limitrophes — Souto e Nave, a leste, — Ruvina, ao norte, — Rendo, a oeste — e Quadrazaes, ao sul.

Dista 8 kilometros do Sabugal para N. E. — 28 da Guarda para S. O. — 15 da estação da Cerdeira na linha da Beira Alta, — 242 da cidade da Figueira, — 296 do Porto — e 420 de Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia as 3 capellas seguintes — Nossa Senhora da Assumpção na séde da parochia; S. Gregorio 2 kilometros a leste, no *cabeço* do seu nome e Santo Antão 1:500 metros ao sul, entre Villa Boa e Ouzendo, freguezia hoje annexa á de Guadrazaes.

A de S. Gregorio tem festa e romagem no dia 12 de março e a de Santo Antão 2 festas com romagem tambem a 17 de janeiro, dia do orago, e na 2.ª feira immediata á dominga *in Albis*

Santo Antão é particularmente venerado pelos povos circumvisinhos que, em satisfação de votos, costumam offertar-lhe no dia 17 de janeiro, trigo, centeio, dinheiro, chouriços e pés de porco. E' tal a fé com este santo que as mulheres de Quadrazaes costumam esfregar a capella com lenços e depois com os lenços a cara, julgando que isto as preserva das bexigas!...

—

Esta parochia é banhada pelo ribeiro da Murganheira que move 6 moinhos, 4 pisões e 2 fabricas de cobertores de lã. Não tem pontes e desagua a menos de 1 kilometro d'esta parochia na ribeira de *Poucafarinha*, confluente do Côa.

As suas producções dominantes são — batatas, milho, centeio, trigo e castanhas.

Tem uma escola d'instrucção primaria para o sexo masculino, creada em 1882.

Ao digno abbade actual d'esta freguezia, o sr. padre Francisco da Ressurreição Quelho, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA BOA — freguezia do concelho e comarca de Sattam, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Orago S. Miguel, — fogos 349, almas 1:573.

Em 1768 era vigairaria do padroado real, contava 200 fogos e rendia 40$000 réis.

Comprehende 8 aldeias — Abrunhosa, Ladario, Serraquim, Travaço, Travacinho, Travancella, Portella, Villa Boa, Carvalho, Crujeira, Fervença, Forno Telheiro, Outeiro, Prechocas, Sequeiros, Torneiros e Villa Nova.

As suas quintas principaes são — *Ramada* e *Paços*, de Antonio Maria Lopes d'Almeida Ferreira, — *Tapada*, de José Cardoso de Carvalho Homem, — *Regada* e *Torneiros*, de Antonio e Manuel de Figueiredo, — *Sequeiros*, do conego Francisco d'Abreu, — *Corugeira*, do dr. Valeriano Pinto de Queiroz, — *Egreja*, de Manuel de Figueiredo — e *Villaboinha*, do Visconde de Loureiro.

Freguezias limitrophes — Villa d'Egreja, S. Pedro de Franco, Povolide, Pindo, Luzinde e Rio de Moinhos.

—

Dista da séde do concelho, que é a parochia de Villa da Egreja, 7 kilometros para S. O. — de Vizeu 20 para N E. — da linha ferrea da Beira Alta (estação de Mangualde) 20, — da Figueira 148, do Porto 204 e de Lisboa 328.

A povoação de Villa Boa está em um valle, cerca de 3 kilometros a E. da margem esquerda do rio Sattam, rio que dá o nome a este concelho e desagua no Dão, confluente do Mondego.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal n.º 40 e passa a 7 kilometros a estrada municipal de Castendo a Mangualde.

Ha n'esta freguezia 4 capellas publicas — Senhora da Esperança, privativa da sua irmandade, S. Silvestre, S. Paulo, S. Domingos e 5 particulares — uma em Torneiros, outra em Serraquim, outra na Abrunhosa e duas em Villa Nova, — todas em bom estado de conservação.

Ha tambem n'esta freguezia, além da sua egreja matriz em Villa Boa, outra egreja no Ladario, que era a matriz da villa e parochia d'este nome, hoje extincta e annexa á Villa Boa.

V. *Ladario*, vol. 4.º pag. 10, col. 1.ª

A capella de Nossa Senhora da Esperança na aldeia da Abrunhosa é um dos mais formosos templos das circumvisinhanças, muito elegante, bem alfaiada, muito bem tratada e situada em local muito interessante e pittoresco. Pertence a uma rica e numerosa irmandade[1] com muitas indulgencias e privilegios especiaes e todas as indulgencias concedidas á veneravel archiconfraria do Santissimo Sacramento da Basilica lateranense de Roma, á qual foi aggregada em 1743.

———

[1] Esta irmandade foi erecta em 1690, sendo bispo de Vizeu D. Jeronymo Soares, e em 1716 contava 350 irmãos. O papa Alexandre VIII lhe concedeu muitas indulgencias. V. *Sant. Marian.* vol. 5.º pag. 476.

Tem luzida festa e grande romaria no dia da padroeira, 8 de setembro.[1]

Ha na povoação e villa extincta do Ladario, hoje parte integrante d'esta freguezia de Villa Boa, uma feira consideravel todas as segundas feiras depois do 4.º domingo de cada mez, avultando em gado bovino preto e cereaes.

Na mesma povoação ha um grande edificio brasonado, hoje em ruinas, pertencente ao conde da Lapa, e outro na povoação de Torneiros. Pertenceu ao dr. Diogo do Amaral e hoje é de Antonio de Figueiredo.

Ha tambem no Ladario um edificio importante e digno de menção, embora não seja brasonado, — é a antiga *Casa de Borba*, hoje em reedificação e pertencente a Luiz Philippe de Carvalho-Homem.

—

Esta freguezia de Villa Boa nunca foi villa, mas sim a do Ladario, hoje extincta e annexa a esta.

Ainda conserva o seu vetusto pelourinho como tropheu da gloria perdida.

Banham e fertilisam esta parochia o Sattam e 8 ribeiros, dos quaes 3 desaguam no Côja e 5 no Sattam.

Tem 12 moinhos, uma azenha e 2 pontes de pedra, — uma em Villa Boa, outra em Fervença.

As suas producções dominantes são — cereaes, vinho e fructa.

Tem apenas uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Appareceram e conservam-se ainda na aldeia de Travacinho duas moedas romanas, uma de cobre e outra d'ouro, do tempo de Constantino Magno (dizem os apontamentos que recebi da localidade) — e o dr. Hübner diz que appareceu aqui uma lapida sepulchral na aldeia de Villa Boa, mas não deu a copia d'ella. *Notic. Arch. de Port.* pag. 66, na traducção feita pela *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1871.

—

A séde d'este concelho e d'esta comarca de Sattam está, como dissemos, na parochia limitrophe — *Villa da Egreja*, mas muito injustamente, pois por todas as considerações a séde d'este concelho e d'esta comarca devia ser a importante povoação do *Ladario*, hoje pertencente a esta freguezia de Villa Boa.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Sattam*, vol. 9.º pag. 64 — e *Villa da Egreja*.

VILLA BOA DO BISPO — freguezia do concelho e comarca de Canaveses, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago Santa Maria, — fogos 362, almas 1:360.

A *Chorographia Portugueza* (vol. 1.º pag. 398 a 400) deu-lhe em 1706 — 260 fogos — e o *Portugal Sacro e Profano* em 1768 deu-lhe 329 fogos e 60$000 réis de rendimento ao seu vigario, que era apresentado pelo prior dos conegos regrantes de Villa Boa.

Pertenceu esta freguezia ao antigo concelho de *Bem Viver* (vol. 1.º pag. 382 col. 2.ª) extincto, bem como o de *Soalhães*, pelos decretos de 31 de março e 28 de dezembro de 1852 — e 31 de dezembro de 1853, passando as freguezias que os compunham e outras a constituir o novo concelho do *Marco de Canaveses*.

—

Comprehende esta freguezia os logares de Retiro, Lamoso, Pinheiro, Pombal, Veiga, Formiga. Casal, Casadella, Casal de Mattos, Lages, Meixide, Estrada, Sidraes, Cavalhões, Cavalhõesinhos, Bairral, Uzenda, Deguilhas, Fafiães, Bouça, Ribeira do Barco, Ribeira de Cima, Ribeira de Baixo, Albello, Valle, Valverde, Mirijeiro, Quebradas, Villar, Outeirinho, Coalva, Quintãs, Carcavellos, Eidinho e Lavandeira — e as habitações isoladas de Baceira, Bremes e Gandra.

Está na margem esquerda do Tamega e as suas freguezias limitrophes são — a O. S. Paio de Favões e Ariz [1], — Sande a S. —

[1] «A riqueza do templo e o magestoso do arraial não tem igual entre nós» — diz um jornal de Vizeu.

[1] Esta parochia pertence ao concelho de Canaveses e não ao de Baião, como por lapso se disse quando se fallou d'*Ariz*. Tem aqui a sua casa o visconde d'Ariz, na povoação da Feira Nova, onde se faz uma feira importante bimensal, nos dias 12 e 27.

Avessadas a E. — e ao norte Abragão, na margem direita do Tamega.

—

Dista cerca de 12 kilometros da foz do Tamega e da linha ferrea do Douro, (estação de Marco) — 9 da sede do concelho e 72 do Porto.

Passa ao nascente d'esta freguezia a estrada n.º 12, de Basto a Entre os Rios, que a liga com a estação do Marco — e já chega á freguezia limitrophe de Abragão a nova estrada a macadam de Penafiel ao apeadeiro da Palla na linha do Douro.

Moninho Viegas, o *gasco*, em cumprimento d'um voto feito quando andava por estes sitios pelejando contra os mouros, fez aqui um mosteiro de conegos regrantes, ao qual deu principio em 990 N'este mosteiro passou os ultimos 5 annos da sua larga vida o bispo resignatario do Porto D. Sizenando, irmão do fundador.

Vivendo aqui o santo e decrepito D. Sizenando, costumava ir todas as sextas-feiras dizer missa em uma capella que havia no monte proximo, cerca de 2 kilometros para o nascente do mosteiro, dedicada a S. Salvador, e, estando um dia a celebrar o sancto sacrificio, os mouros que ainda habitavam terras não muito distantes na margem esquerda do Douro, o surprehenderam e trucidaram, em 1035. Os conegos regrantes o sepultaram sob o altar da capellinha onde foi morto e alli se conservaram os seus restos mortaes 107 annos, até 1142, data em que D. Pedro Ribaldis, bispo do Porto, indo ao dicto mosteiro, mandou abrir o tumulo de D. Sizenando, cujo corpo encontrou intacto e o fez trasladar para a egreja do mosteiro, onde foi mettido em um outro tumulo de pedra (á direita, entrando pela porta principal). O 1.º tumulo tinha a inscripção seguinte:

III KAL. FEBR. OBIIT
IN DOMINO D. SESNANDUS, EPIS
COPUS PORTUGAL.ª A MAURORUM
TELIS CONFOSSUS, DUM SACRUM
FACERET. ERA MLXXIII.

«Aos 30 dias do mez de janeiro falleceu o bispo do Porto D. Sizenando, morto ás lançadas pelos mouros, quando estava a dizer missa. Na era de 1073 (anno de 1035).»

O 2.º tumulo (na parede da egreja do convento) tinha esta inscripção:

MARTYR, & ANTISTES JACET HIC
RITE SEPULTUS V. IDUS OCTOB. IN
ERA M. C. LXXX.
SESÑADUS NOMINE, QUẼ CHRISTUS
AD AETHERA SŨPSIT
III KAL. FEB. IN ERA M.LXXIII.

«O martyr e bispo D. Sisnando, a quem Christo levou para o ceu em 30 de janeiro do anno de 1035, foi aqui sepultado com solemne rito em 2 d'outubro de 1142.»

—

Esta parochia tomou o titulo de *villa* desde que el rei D. Affonso Henriques visitou este mosteiro e o coutou, em 12 de fevereiro de 1141.

Dizem que se denominou *Villa Boa* por ser o seu chão mimoso, saudavel e fertil, — e *do Bispo* para commemorar e perpetuar o martyrio de D. Sizenando.

Tambem se diz que foi este santo e martyr o primeiro christão que se sepultou dentro de um templo (a capellinha de S. Salvador) no bispado do Porto, honra que nem aos fundadores das egrejas se concedia, como prova o terem sido sepultados seu irmão e sobrinhos em jazigos nas paredes da egreja do convento para o lado dos claustros, onde ainda hoje se conserva a inscripção seguinte:

ERA M. C. LX.[1] OBIT D. MUNIÕ
VIEGAS, PRIOLI, QUI DICITUR GASCUS,
ET FILII EJUS, EGAS MUNIZ, ET
GOMEZ MUNIZ. REQUIESCÃT
IN PACE. AMEN.

«Na era de 1060 (anno de 1022) morreu o prior D. Moninho Viegas, chamado o *gasco*, e jazem aqui com elle seus filhos Egas Moniz e Gomes Moniz. Dencancem em paz. Amen.»

---

[1] Assim se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes*, vol. 1.º pag. 288, mas deve lêr-se: *Era M. LX.*

—

Este mosteiro de Villa Boa, originariamente de cruzios, passou em 1740 para os jesuitas, que alli viveram até á sua extincção, revertendo em seguida para a corôa; depois foi vendido por uma bagatella a um particular, que o revendeu á familia Ribeiro Vieira, em cuja posse ainda hoje se conserva.

A sua egreja foi sempre a matriz d'esta parochia e o mosteiro, sempre pequeno, está bem conservado, bem como a cerca, que tem solidos muros.

A torre foi n'este anno de 1884 reformada á custa do governo, sendo para lamentar que lhe pozessem uma cupula de madeira e lousa, havendo na localidade bom granito. Nos claustros e na egreja se conservam differentes sepulturas antigas, além das mencionadas, com as suas respectivas inscripções, tal é a de Julio Geraldes fallecido na era de 1419, cuja familia é hoje representada por Antonio Carneiro Geraldes de Figueirôa, da Casa Nova, na freguezia limitrophe de S. Paio de Favões,—e outra do D. prior Salvador Pires, fallecido em 1392.

Tambem alli jaz Pedro Gonçalves Cabral, filho do commendatario D. Nicolau, casado com D. Brites Affonso Vieira de Mello, de quem descendem os Vieiras Lemos da casa do Ribeiro, em S. Lourenço, representados hoje pela viscondessa de Negrellos;—os Vieiras de Mello, da casa do Pinheiro, tambem de S. Lourenço do Douro, representada por Luiz Carneiro de Vasconcellos, casado com D. Maria Thereza Nobre, de Penafiel, — e os Mellos das casas da Lage e Foz, de S. Thomé de Covellas, representadas por D. Maria de Mello e sua irmã D. Anna Amelia Pinto da Cunha; a 1.ª casou com João da Silveira Pereira Bravo, da Quintã, de S. Thiago de Piães;—a 2.ª que tambem succedeu na casa de Carrapatello, freguezia de Penhalonga [1], casou com Duarte Huet Bacellar, de quem faremos menção em Villa Boa de Quires.

—

Villa Boa do Bispo é uma das freguezias mais importantes d'este concelho. As suas producções dominantes são fructas, vinho verde e cereaes, e tem muitas casas nobres, tal é a do *Casal*, junto da grande capella publica do Pinheiro, que tomou o nome d'um monstruoso pinheiro, ha poucos annos derrubado por uma tempestade. Deu taboas que mediam 1^{m},30 de largura, e ainda lá se vêem outros pinheiros de notavel grandeza, pertencentes á dicta quinta do Casal, do visconde de Alemtem, cavalheiro respeitabilissimo e o primeiro proprietario do concelho de Lousada. Entre os seus nobres ascendentes conta D. Christovam d'Almeida Soares, 1.° bispo de Pinhel (V. vol. VII pag. 64, col. 2.ª e seg.)

Outra familia nobre é a d'Alvélo, dos Geraldes, da Casa Nova;—outra era a de Oleiros (Pereiras Bravos) cuja casa passou a extranhos; — outra é a da Lavandeira, dos Britos Corte-Reaes, representada pelo dr. Antonio Pimentel Corte-Real e por seu irmão Carlos Corte-Real.

São tambem dignas de menção as casas de Carcavellos, Eidinho, Córtes, Cavalhões, Cavalhõesinhos e a do Bairral, pertencente ao dr. Augusto Anthero de Madureira, que foi commissario geral da policia no Porto e é hoje official do governo civil d'este districto, casado com D. Carlota de Lencastre, irmão do visconde d'Alemtem.

—

No alto d'esta freguezia está o Monte Arado (*mons aratus*) e na cumiada d'elle se vêem as ruinas d'um grande castello que se suppõe estar occupado pelos mouros quando D. Moninho o cercou e tomou, pelo que fez o voto de edificar o mosteiro.

Foi tal a mortandade nos mouros fugitivos (diz a lenda) que a uma ponte proxima se deu o nome de ponte da *Degola*, nome que ainda hoje conserva.

Este D. Moninho Viegas reedificou a cidade do Porto, depois de expulsar d'ella os mouros, e, unido á hoste de Mendes de Sousa e de Arnaldo de Baião, levou os mouros de vencida até Rezende, havendo lhes tomado entre outros, os castellos de Villa Cova, de Vez d'Aviz e de Abragão, na margem direita do Tamega, hoje concelho de Penafiel, no

[1] Vide *Penha Longa* no vol. 6.° d'este diccionario e no *supplemento*.

ultimo dos quaes mataram o seu alcaide Agam e fizeram prisioneira Zaara, sua filha, a qual depois resgataram os mouros e era casada com o rei de Lamego Iben Alboacem, que veiu com grandes forças vingar a morte do sogro, ficando por seu turno vencido na grande batalha do *Mons Aratus.*

—

N'esta freguezia se vê ainda hoje em uma bouça, junto da estrada publica, um arco de granito em ogiva, denominado *Marmoiral* (Memorial) sendo muito diversas as opiniões relativamente á sua fundação e significação.

Para evitarmos repetições veja-se no 1.º vol. pag. 503 o artigo *Bugefa*; no 5.º vol. pag. 87, col. 1.ª o artigo *Marmoiral*—e no mesmo volume, pag. 67, col. 2.ª o topico *Santa Maria de Villa Boa do Bispo*, no artigo *Marco de Canaveses.*

O padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*, tomo I pag. 399, diz que o *Marmoiral* commemora o sitio onde esteve a capella em que foi martyrisado D. Sisnando. *Tot capita, tot sententiae!..!*

Com relação ao mosteiro de Villa Boa do Bispo e ao martyrio de D. Sisnando, leia-se a *Chorographia Portugueza*, logar citado, e a *Chronica dos Conegos Regrantes* por D. Nicolau de Santa Maria, vol. I pag. 287 a 294.

Ao ex.^{mo} sr. Duarte Huet Bacellar agradeço os apontamentos que se dignou fornecer-me para este artigo.

VILLA BOA DO CARCÃOZINHO—freguezia do concelho e bispado de Bragança, hoje extincta e annexa á de Serapicos do mesmo concelho.

Villa Boa e *Carcãozinho* foram outr'ora freguezias independentes e pertenciam ao concelho de Izeda, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855. Hoje são duas pequenas aldeias da mencionada freguezia de Serapicos ou Sarapicos, parochia (abbadia) independente, mas que por seu turno já foi curato annexo á abbadia de S. Pedro *de Carças*, do mesmo concelho de Bragança.

Vide *Carcãozinho*, vol. 2.º pag. 105, col. 1.ª — e *Serapicos* (a 1.ª, orago N. S. da Assumpção) vol. 9.º pag. 150, col. 1.ª n'este diccionario e na *Chorographia Moderna*, vol. 1.º pag. 320.

VILLA BOA D'OUZILHÃO — freguezia do concelho de Vinhaes em Traz-os-Montes.

Já se tratou d'esta freguezia no artigo *Miguel de Villa Boa de Ouzilhão* (S.)—vol. 5.º pag. 220, col. 1.ª *Vide.*

Esta parochia está hoje annexada civilmente á de *Ouzilhão. Vide*, vol. 6.º pag. 363, col. 2.ª

VILLA BOA DE QUIRES — freguezia do concelho do Marco de Canaveses, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Orago Santo André,—fogos 430, habitantes 1:700.

A *Chorographia Portugueza* deu-lhe 212 fogos,—o *Port. Sacro e Prof.* 304,—Almeida 383 — e o *Almanach Ecclesiastico do Porto* para o anno de 1857 deu-lhe os mesmos 383 fogos e 1:317 almas.

É hoje abbadia, mas já foi reitoria apresentada pela casa de Bragança, rendendo apenas 90$000.

O *Almanach Eccles.* diz que rende 250$000 rs, sendo 50$000 rs. provenientes do passal, 104$000 réis do pé d'altar e benesses e 96$000 réis de derrama.

Tem coadjutor com 67$960 rèis pagos pela freguezia, — residencia e cemiterio parochial.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Penafiel, mas por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o de Canaveses.

Em tempos anteriores foi commenda da ordem de Christo, pertencente á casa de Bragança e cabeça do couto de Villa Boa de Queires no antigo concelho de Porto Carreiro, comarca ou provedoria do Porto, de onde dista 56 kilometros, pela linha ferrea do Douro (estação de Villa Meã), — 5 kilometros d'esta estação — e approximadamente 8 das estações do Marco de Canaveses, Penafiel e Cahide, com as quaes se acha ligada pela estrada real n.º 34, que passa ao nascente d'esta freguezia.

As suas parochias limitrophes são a leste Sancta Eulalia de Constance, Canaveses e o Tamega, — ao poente Villa Cova de Vez de Aviz, Rande e Croca, — ao sul Mourelles e Abragão,— ao norte Castellões e S. Martinho de Recesinhos, no concelho de Penafiel.

Teve foral dado por D. Manuel em Lisboa, no dia 1 de setembro de 1513. Era o mesmo do antigo couto e villa extinctos de Porto Carreiro e comprehendia tambem a freguezia de Abragão.

—

A egreja matriz é um templo muito antigo, pequeno, mas de merecimento, estylo gothico, paredes revestidas d'azulejo, no cimo d'ellas varias figuras e sereias esculpidas em granito, capella-mór abobadada com apainelados e boas pinturas a oleo representando os Passos do Redemptor; altar-mór e 4 lateraes, todos de entalha antiga dourada, e confrarias ou irmandades do Santissimo Sacramento, Senhora do Rosario e Menino Deus, todas de remota fundação.

Como a egreja fosse muito pequena para a população actual d'esta parochia, ampliaram-n'a recentemente, accrescentando-lhe quasi o dobro em comprimento, prolongando-lhe as paredes lateraes até absorverem a galilé ou alpendrada que tinha na frente,— e que era um pouco mais baixa do que a egreja, tapada pelo sul por uma parede, — pelo norte e poente firme em columnas de pedra—e pelo nascente presa ao frontispicio da egreja, que olhava e olha para o poente.

Tambem lhe addicionaram uma torre, pois só tinha um campanario de duas sineiras que rematava a frontaria do templo.

Houve todo o cuidado em respeitar o seu estylo architectonico, pelo que a sua frontaria actual é com pequena differença a mesma que tinha antes da ampliação. Apenas avançou alguns metros para a frente, conservando o seu elegante portico, hoje mais vistoso e desafrontado, com as suas quatro ordens de columnas e correspondentes arcadas firmes em capiteis muito ornamentados, representando cabeças de boi e outros animaes, tudo de granito, e superiormente a fresta do velho templo, no mesmo estylo do portico.

No acto da demolição e remoção da frontaria, encontrou-se uma pedra com uma data que se julgou ser 1180.

Em seguida á ampliação do templo foram restaurados e dourados de novo os altares, —e tambem se alargou o cemiterio e se restaurou e accrescentou a residencia parochial.

Todas estas obras foram levadas a effeito por espontanea generosidade d'alguns parochianos benemeritos, debaixo da activa e zelosa inspecção do não menos benemerito padre Victorino José Alves, professor regio n'esta parochia, sendo muito efficazmente auxiliado pelo sr. Antonio de Vasconcellos, da nobre casa dos Chãos.

—

As producções principaes d'esta parochia são fructas, cereaes e vinho verde—e os seus habitantes são muito trabalhadores e industriosos, pois n'ella abundam pedreiros, carpinteiros, trolhas, ferreiros, serralheiros, alfaiates, soqueiros, chapelleiros de palha e tecedeiras.

Tambem aqui ha uma boa banda de musica, desde longa data.

No *Alto do Crasto*, ao cimo e poente d'esta freguezia, houve em tempos remotos um castello, de que ainda hoje se vêem os alicerces, a 6 kilometros da margem direita do Tamega, approximadamente;—e no logar da Torre ainda existe a casa da camara e cadeia do antigo concelho e couto de Porto Carreiro, ha poucos annos vendida pelo estado a um particular que a modificou e apeou o velho pelourinho.

—

A pequena distancia da dicta casa se vêem tambem ainda hoje as ruinas do antiquissimo solar da Torre de Porto-Carreiro, dividido em emphyteuse por varios lavradores, alguns dos quaes ainda reconhecem por directo senhorio a nobre familia Porto Carreiro, do palacio das Sereias ou da Bandeirinha, no Porto, hoje representada por João Pinto Pisarro da Cunha Porto Carreiro, casado e com successão, descendente de D. Reymão Garcia Porto Carreiro que veiu para Portugal com o conde D. Henrique e foi o primeiro que usou d'este appellido, depois que o dicto conde D. Henrique lhe deu e coutou a terra e concelho de Porto Carreiro n'esta freguezia, onde estabeleceu o seu solar, na celebre quinta e casa da Torre.

D. Reymão Garcia Porto Carreiro era fi-

lho de D. Garcia Affonso, rico-homem do tempo de D. Ordonho III de Leão e descendente dos mesmos reis de Leão.

D'esta familia Porto-Carreiros descendem muitas familias da primeira nobreza de Portugal e da Hespanha, taes são os Viscondes de Porto Carreiro, de Laborim e de Bovieiro, os condes da Costa, os Vasconcellos da casa de Villa Boa de Quires, os Huets e Guedes do Ruibal, Padornello e Fojo, os Cyrnes do Porto, os Guedes d'Avelêda, etc. — e em Hespanha os condes de Teba e de Montijo, Medelim, Puebla del Maestro, Palma, Montalvim e Monclava, — os marquezes de Villa Nueva del Fresno, Alcalá, Alameda e Barca-Rota e os duques de Ossuna, todos grandes de Hespanha, muitos dos quaes se appellidam ainda hoje Porto-Carreros.

Os condes de Montijo são em Hespanha os representantes do ramo primogenito dos Porto-Carreiros portuguezes, e por isso a ultima imperatriz dos francezes, D. Eugenia, viuva de Luiz Napoleão, se appellida Gusman de *Porto Carrero*, por ser filha dos mencionados condes.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Porto*, vol. 7.º pag. 519, col. 1.ª e seg. — e pag. 500, col. 2.ª — e o art. *Porto Carreiro*, no mesmo vol. pag. 565, col. 1.ª

—

Ha n'esta freguezia 4 capellas publicas: Senhora do Pilar, (em ruinas) S. Sebastião, Senhora do Penedo e Calvario, em substituição da antiga capella de S. Miguel—e 4 particulares das casas de Villa Boa, Penidos, Buriz e Telha. Esta ultima foi da nobre familia Camellos Leites e é hoje d'um lavrador, por compra.

Tem aqui o conde de Rezende o *Paço do Pombal*, que foi tambem dos Porto Carreiros, mas venderam-no a Duarte Carneiro Rangel. Estava fóra do antigo concelho de Porto Carreiro, no antigo couto que houve na parte norte d'esta freguezia.

É natural d'esta parochia, da nobre casa dos *Chãos*, o sr. Duarte Huet Bacellar, cavalheiro respeitabilissimo, casado com a ex.ma Sr.ª D. Anna Amelia Pinto da Cunha e Abreu, residentes no Porto.

No supplemento a este artigo darei uma nota genealogica de ss. ex.as

Foi muitos annos abbade d'esta freguezia, collado em 19 de junho de 1841, o rev. José Joaquim Duarte Pinto Bandeira e Castro, egresso franciscano da provincia da Soledade, prégador eleito em capitulo geral da sua ordem, no dia 15 de novembro de 1823.

Veja-se no supplemento a este diccionario o artigo *Villa Boa de Quires*.

VILLA BOA DA RODA—concelho extincto na antiga comarca de Guimarães; distava cerca de 24 kilometros de Braga para N. E. e comprehendia sómente a freguezia de S. Thiago de *Guilhofrei*, hoje pertencente ao concelho e comarca de *Vieira*. V. *Guilhofrei*.

Era da corôa; tinha juiz ordinario e de orfãos, 2 vereadores e procurador do concelho feitos por pelouro e eleição triennal do povo, a que presidia o corregedor de Guimarães,—2 escrivães, distribuidor, inquiridor, contador, almotacé e meirinho, que servia de carcereiro.

El-rei D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no dia 8 d'agosto de 1514 [1].

Pela divisão judicial feita por decreto de 7 d'agosto de 1835, ficou pertencendo ao julgado de primeira instancia de Cabeceiras de Basto e pelo recenseamento de 1820 contava 310 fogos; o Flaviense deu-lhe 1:108 habitantes e o padre Carvalho 130 fogos.

Agradeço estes apontamentos ao meu illustrado collega o rev. José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires.

VILLA BOIM — freguezia e villa extincta no concelho e comarca d'Elvas, hoje diocese d'Evora, districto de Portalegre, na provincia do Alemtejo.

Até 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertenceu ao extincto bispado d'Elvas.

---

[1] *Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes* fl. 23, col. 2.ª

Tambem teve *foral velho*, dado por el-rei D. Affonso III em Guimarães no dia 15 de fevereiro de 1261. *Livro I de Doações do sr. Rei D. Affonso III, fl. 51. col. 2.ª*

Veja-se a Inquirição para o *Foral Novo* no *Maço unico de Inquirições*, armario 17, n.º 15.

Orago S. João Baptista,— fogos 120, almas 1:697.

Em 1708 contava 60 fogos — e 120 em 1767.

É priorado; foi da apresentação da casa de Bragança e pelo meiado do ultimo seculo rendia apenas 90:000 réis.

Dista d'Elvas 10 kilometros para O. S. E. — 60 de Portalegre e 70 d'Evora, 12 da estação d'Elvas, no caminho de ferro de leste, e é atravessada pela estrada real a macadam d'Elvas para Extremoz, construida de 1848 á 1857.

—

Comprehende além da villa, séde da parochia, as hortas de Chamorra de Baixo e Chamorra de Cima (que formam a herdade da *Chamorra*, pertencente á casa de Bragança) — Ponte, Magdalena, Monte Velho, Azenha de Pariz — e os montes (casaes) Novo, Valbom, Valverde, Cavalleira, Teixugo, Serra e e um casal na travessa da Magdalena.

A maior parte d'estes montes são herdades; pertencem á casa de Bragança as de Atalaia, Valbom, Castello, Valverde, Cavalleira, Teixugo, Serra, Monte Novo e Ramalha, hoje quasi todas divididas em courellas pelos habitantes d'esta freguezia, que as cultivam e usufruem, mas pagam fôro á casa de Bragança.

Tambem ha n'esta freguezia a herdade de *Carnagem* ou *Canugem*, pertencente a Joaquim Marques Pinto—e a do *Baldio*, grande parte da qual foi cedida para logradouro commum aos habitantes d'esta parochia, sendo tambem foreira á serenissima casa de Bragança.

—

Freguezias limitrophes: S. Lourenço a E. — Santo Antonio da Terrugem a O. — Villa Fernando a N.—e Ciladas a S.

A egreja parochial é um bom templo. Já se achava construida em 1446 e foi reedificada em 1778 a 1785. Tem capella-mór e duas lateraes, uma dedicada a S. Miguel e Almas, outra á Senhora dos Remedios, todas tres revestidas de marmore.

A imagem da Senhora dos Remedios é alvo de muita devoção e desde tempos remotos tem luzida festa e grande romagem.

Ha tambem aqui a egreja da Misericordia e houve (não sei se ha ainda) n'esta freguezia, duas capellas mencionadas na *Chorographia Portugueza*,—uma de S. Bartholomeu, outra de Santa Maria Magdalena.

Tem feira annual importante nos dias 10, 11 e 12 de maio.

Esta parochia foi villa e concelho, até 1836, pertencentes á provedoria ou comarca de Villa Viçosa. Ainda existem os antigos paços do concelho, a cadeia e o pelourinho.

As suas ruas principaes são a d'Elvas, a meio da qual tem um largo,—a de Borba e a de Villa Viçosa.

Banham esta freguezia os ribeiros de Valverde, do Teixugo, dos Chiqueiros e o de *Todo o Anno* que desaguam a 2 kilometros de distancia na ribeira de Moures — e esta na margem direita do Guadiana.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra e uma azenha, movida por agua.

—

Producções dominantes — vinho, azeite, trigo, cevada e aveia, caça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

É saudavel o clima d'esta parochia, mas fez aqui bastantes victimas o cholera em 1855.

Entram n'esta parochia as serras de *Moisés* (?) — do *Maluco* (?)— e o monte do Ferreiro, que nada offerecem de notavel.

Tem uma escola publica d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e tres particulares para o sexo feminino, — uma casa de Misericordia muito antiga, mas hoje decadente—e duas estalagens.

Têem apparecido aqui, em differentes pontos d'esta parochia, moedas romanas e vasos de vidro e de louça, revelando muita antiguidade.

Os duques de Bragança tiveram aqui uma grande coutada para os seus entretenimentos venatorios.

—

A povoação de Villa Boim, outr'ora *Villa d'Aboim*, está muito vantajosamente situada em alegre e vistosa planicie; foi fundada por D. João Pires d'Aboim, de quem tomou o

nome [1], como consta da 5.ª parte da Monarchia Lusitana, liv. 16, cap. 53, fl. 124, e teve antigamente um bom castello, com hortas, casas e fontes dentro e fóra d'elle, mas foi arrasado pelos castelhanos, quando D. Luiz d'Haro sitiou a praça d'Elvas. A este castello foi el-rei D. Philippe I, quando estava em Elvas, visitar a duqueza de Bragança D. Catharina, sua prima co-irmã.

Hoje (1884) apenas restam os alicerces d'alguns lanços do mencionado castello e algumas paredes servindo de muro aos quintaes de diversas habitações.

A pequena distancia d'este castello e á vista d'elle, se erguia uma atalaia na eminencia da serra, occupando o ponto mais alto que ha de Lisboa até Madrid (diz a *Chorographia Portugueza*). D'ella se descobria um vastissimo horisonte e tres reinos—Portugal, Castella e Leão, — 3 cidades episcopaes, Elvas, Portalegre e Badajoz—uma archiepiscopal, Merida, a antiga capital da Lusitania, — e grande numero de villas nos tres mencionados reinos.

Até 1836 teve esta villa juiz ordinario, feito por pelouro, na fórma da Ordenação, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara e da almotaçaria e outro dos orfãos, do judicial e notas.

Têem foral dado por D Manuel em Lisboa no dia 1 de julho de 1518. *Livro de Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 111, v. col. 1.ª

—

Em junho de 1876 Braz Leon Alvares sollicitou do governo o diploma de descobridor legal de uma mina de cobre no sitio de Valbom, d'esta freguezia.

Falleceu no dia 6 d'abril de 1876 o abastado e honrado lavrador d'esta parochia, Luiz Marques Pinto, cavalheiro muito estimavel e muito obsequiador. A sua casa e a sua mesa estavam sempre á disposição dos seus numerosos amigos e mesmo de quaesquer pessoas extranhas que em passeio ou jornada por aqui fizessem caminho.

Era um *quartel general* permanente a sua casa, pois n'ella recebeu innumeras vezes officiaes de differentes corpos e os generaes, principalmente quando a séde da divisão do Alemtejo estava em Extremoz. Seus paes foram egualmente generosos e hospitaleiros e tiveram a honra de receber inclusivamente a rainha, a sr.ª D. Maria II e seus augustos filhos, o principe D. Pedro, depois rei, D. Pedro V, e o infante D. Luiz, hoje imperante, quando em outubro de 1843 foram a Elvas, sendo ainda hoje proverbial a admiração que a Sua Magestade causou o *lunch* que os donos da casa lhe offereceram, *lunch* que podia abastecer um exercito!

É digno prior actual d'esta freguezia o rev. sr. Marcos da Cruz Serpa, a quem agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA-CÃ — freguezia do concelho e comarca de Pombal, districto de Leiria, diocese de Coimbra, na Estremadura.

Fogos 358, almas 1687, orago S. Bartholomeu.

Em 1768 contava apenas 253 fogos, era vigairaria da apresentação d'el-rei pela Mesa da Consciencia — e rendia 40$000 réis para o pobre parocho.

Foi commenda da ordem de Christo.

Está situado o logar de Villa Cã (Villa *Cãa* ou Villa *Cão*) entre duas pequenas ribeiras que formam a ribeira de Valmar, uma das nascentes do rio Nabão, 3 kilometros a O. S. O. da villa de Abiul e da estrada de Pombal para Thomar, 11 a E. da Estação de Vermoil, 9 a N. N. E. da estação de Albergaria (C. de ferro do N.) e 10 a S. E. de Pombal.

Comprehende mais esta freguezia os logares ou aldeias de Tourilhe ou Touril, Garriapa, Castello, Carvalhal, Chão de Ulmeiro, Alcaria, Aroeiras, Valle, Outeiro da Gallega, Casaes, Lameiros, Baltaria, Traz os Mattos, Gonçalvinho, Outeiro, Vicentes, Fontainha, Viuveiro, Val da Vinha, Souto, Pipa, Villa Pouca e os casaes de Tojeira, Mont'agudo, Cardeaes, Casal Novo, Matta, Serodia e Fonte Nova.

---

[1] Este D. João d'Aboim foi grande privado de D. Affonso III e de D. Diniz e um dos homens mais ricos de Portugal no seu tempo. É o mesmo de quem ja extensamente se fallou nos artigos *Aboim da Nobrega*, vol. 1.º pag. 14, col. 2.ª — e *Mosteiro* (de Nobrega) vol. 5.º pag. 557. *Vide*.

Vem mencionados na *Chorographia Portugueza* os logares de Garriapa com uma capella de S. João Baptista, Chão d'Urmeiro com outra capella de Nossa Senhora da Conceição, Valle com outra de Nossa Senhora do Amparo e Traz os Mattos com outra de Nossa Senhora do Soccorro.

As suas freguezias limitrophes são Litem, Abiul, Pousa Flores e S. Simão.

—

Ha n'esta freguezia de Villa Cã um ribeiro, em cujo leito, de tal a tal ponto apenas, apparece mui frequentemente ouro de apuradissimo quilate, sendo certo que até os proprios pastores, sem terem conhecimento algum dos processos empregados para a procura d'aquelle metal, o encontram sem grande difficuldade.

Temos visto já por muitas vezes alguns boccados de ouro do tamanho de grãos de milho e outros maiores ainda, que vão ser vendidos nas differentes feiras, e que, apenas vistos pelos ourives, são immediatamente comprados. Isto indica que a sua qualidade é excellente.

Parecia-nos que alguem, conhecedor de terrenos auriferos, não perderia o seu tempo, vindo a estes sitios orientar-se e fazer as pesquizas convenientes.

VILLA CAHIZ E PASSINHOS — freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago S. Miguel e S. Julião, — fogos 250, almas 900, comprehendendo as duas freguezias, que hoje constituem uma só. É orago da 1.ª S. Miguel — e foi orago da 2.ª S. Julião.

A aldeia de Villa Cahiz, séde da parochia, dista 3 kilometros da margem direita do Tamega para O.—8 de Amarante para S. O.— cerca de 20 de Penafiel para E. N. E. — 30 da foz do Tamega — e 3 da linha ferrea do Douro, (apeadeiro da Livração).

Freguezias limitrophes—Louredo e S. Julião de Passinhos[1], annexa de Villa Cahiz, a E.—Santa Eulalia de Constance a O.—Banho e Carvalhosa a N.—e Toutosa a S.

—

Esta parochia é abbadia; pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da nova circumscripção diocesana; — em 1768 era da apresentação da condessa d'Alva, — rendia 400$000 réis—e contava 130 fogos.

Foi *villa*, *couto* e *honra* do antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, em virtude do qual passou para o concelho de Amarante.

Em um alto, na proxima freguezia de *Louredo* e não de S. Martinho de *Recezinhos*, como por engano dissemos[1], se vê ainda a antiga capella de Santa Cruz, que dava o titulo ao concelho, e ao lado d'ella se notam claros vestigios d'uma velha fortaleza.

Esta *honra* foi dos senhores de Unhão. Ayres Gomes da Silva a vendeu por 120$000 réis a Gomes da Silveira, que casou com Isabel Pinheiro, dos Pinheiros de Barcellos, de quem teve entre outros filhos a Leonardo da Silveira que foi o 2.º senhor d'esta *honra* e casou com Isabel Teixeira da casa de Cergude, cuja successão póde ver-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 1.º pag. 132 e seg. Vagando para a corôa em 1673 por fallecimento do ultimo donatario Francisco da Silveira, que não deixou filhos, D. Pedro II a deu a Roque Monteiro Paim, do seu conselho e seu secretario, juiz presidente da junta da Inconfidencia, commendador de Santa Maria de Campanhã na ordem de Christo, senhor dos concelhos da Maia e Refojos, etc. Pode ver-se a sua nobilissima ascendencia e descendencia na *Chorographia Portugueza*, logar citado.

Aqui tiveram os donatarios d'esta *honra* um palacete, venerando solar, denominado da *Pena*, hoje pertencente a um capitalista que o obteve por compra modificando-o e destruindo com a restauração do edificio uma formosa capella, que tinha o privilegio de n'ella poder conservar-se o Santissimo permanente

[1] Não se confunda esta freguezia com a de *S. Miguel de Passinhos*, annexa á de *Boêlhe*, no concelho de Penafiel. V. *Boêlhe*.

[1] V. *Recezinhos*, orago S. Miguel, vol. 8.º pag. 77, col. 2.ª

—

Ha n'esta freguezia, em um vistoso pincaro, a linda capella de Nossa Senhora da Graça, luxuosamente reedificada nos ultimos annos pelo benemerito e zeloso padre Antonio Augusto Pinto de Magalhães, distincto orador sagrado que, com o auxilio dos fieis e com o producto da predica, alli tem feito obras importantes. Não só transformou a vetusta e humilde capella em um esplendido sanctuario, mas fez um collegio onde vivem algumas piedosas mulheres, irmãs do Coração de Maria, que se dedicam ao culto da Virgem e ao ensino de meninas, quasi todas pobres.

Este virtuoso ecclesiastico, sendo ainda novo, tem arruinado a saude com o seu trabalho insano em pró de tão santa instituição, dando-se por bem pago das suas fadigas por vêl-a prospera e florescente.

É hoje esta capella um dos mais formosos sanctuarios do Minho;—n'ella se fazem muitas festas com romagens, clamores e grande concorrencia de fieis dos povos circumvisinhos.

D'ali se descobre um largo horisonte e a linha ferrea do Douro que lhe fica ao sul, distando apenas 3 kilometros o apeadeiro da Livração, que tomou o nome do santuario de Nossa Senhora da Livração, pertencente á freguezia de *Toutosa*[1].

O *Santuario Marianno* (vol. 7.° pag. 442) publicado em 1721, fallando da capella de Nossa Senhora da Graça, diz que a imagem da Virgem estava em um retabulo de talha dourada; que era de pedra, mas muito linda, tendo tres palmos e meio d'altura e sobre o braço esquerdo o Menino Jesus, amparando-o com a mão direita. Que a egreja era bonita e tinha na porta travesssa uma galilé muito elegante sobre 6 columnas de pedra com 3 entradas e que a egreja mostrava ter sido reconstruida.

Que o dicto templo era muito concorrido pelos fieis e a elle íam com romarias e clamores em certos dias do anno varias parochias, tal era a de Villa Bôa de Queiris e outras, então do arcebispado de Braga, mas que a estas lhes fôra prohibido o irem incorporadas.

Que antigamente tivera ermitães que velavam pelo sanctuario, mas que n'aquella data (1721) já os não tinha, porque lh'os não permittiram os prelados bracarenses. Finalmente que nada se sabia ao certo, nem mesmo pela tradição, relativamente á origem d'este sanctuario.

—

O antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega teve foral, dado em Lisboa por D. Manuel a 1 de setembro de 1513.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 87, v. col. 2.ª

O dito foral comprehendia as terras seguintes, pertencentes ao mencionado concelho:

Castellãos, Athayde de S. Pedro, Cahide de Rei, Constance, Ermida, Figueiró de Santa Christina (sic), Louredo, Oliveira de Sampaio, Recezinhos, Rial, Sansinhos, Travanca e *Villa Cahiz*.

As producções dominantes d'esta parochia são — milho, trigo, centeio, azeite e vinho verde *d'enforcado*.

—

Cahiz ou *cafiz* era antigamente o nome de uma medida dos solidos ou grãos.

Havia *cahiz grande*, ou maior, e *cahiz pequeno*, ou menor; o 1.° constava de 16 alqueires, que formavam um *quarteiro*, quarta parte do moio ordinario ou geral, a que davam além dos 15 um alqueire mais de *verteduras*;—o 2.° constava só de 8 alqueires.

No anno de 1229 se deu uma sentença apostolica por um rescripto de Honorio III contra D. Durão de Corces e Domingos Marcos, o *barba de porco*, que haviam feito graves damnos ao mosteiro de Santa Maria de Aguiar e lhe tinham furtado da granja de Turões *14 bois, 5 carneiros e seis cafizes e meio de trigo e centeio.* D'esta medida ainda hoje se usa na Hespanha.

Villa Cahiz quer pois dizer—a villa onde se pagavam os taes *cahizes*.

---

[1] V. *Toutosa*, vol. 9.° pag. 705, col. 1.ª

A pequena distancia do sanctuario da Livração ha um cruzeiro antiquissimo, chamado do *Paço*. Diz a tradição que foi erguido em memoria d'um *rei mouro* (?) que alli falleceu.

Talvez que do mesmo *cahiz* provenha tambem o nome da freguezia de S. Pedro de *Cahide de Rei*, outr'ora do mesmo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega e hoje do concelho de Lousada, posto que o meu antecessor opinou por outra etimologia bem differente.

Veja-se *Caíde* (ou Cahide) *d'El-Rei*, vol. 2.º pag. 33, col. 2.ª *in-fine*.

—

O extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega pertenceu á provedoria ou comarca de Guimarães até 1776, data em que por uma provisão d'el-rei D. José, de 5 de julho d'aquelle anno, passou para a comarca de Penafiel.

«Houve por bem ordenar que da comarca de Guimarães se separassem o concelho de Unhão, o de Santa Cruz de Riba Tamaga, o de Govêa de Riba Tamaga, o de Gestacô, a *Honra de Vila Cahiz* e a villa de Canavezes e Tubias, e se aggregassem á de Penafiel, ficando precipuos para a comarca do Porto os concelhos de Gondomar, Aguiar de Sousa, Maia e Refoios, que sempre constituiram o termo d'ella» — diz a citada provisão, que póde ler-se na sua integra na *Descripção historica e topographica de Penafiel* por Antonio d'Almeida, publicada no tomo X, parte II da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, pag. 167 a 168.

Esta freguezia comprehende as aldeias seguintes: Villa Cahiz, séde da parochia, Esporões, Carvalhal, Pena, Outeiro, Aldeia Nova, Villarinho, Coura e Passinhos, freguezia annexa e que hoje tem apenas 22 fogos.

A egreja parochial de Villa Cahiz é um bom templo, feito em 1774, bem tractado e com uma torre moderna e elegante, mandada fazer por João Pereira de Magalhães.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do Menino Deus, no dia 6 de janeiro, e a do Santissimo Sacramento a 15 d'agosto.

Ha n'esta freguezia uma capella de S. Pedro na aldeia de Coura. É particular, pertencente a Victorino Ferreira de Magalhães, da freguezia de Santo Isidoro.

—

Os edificios principaes d'esta parochia são a casa de Cimo de Villa, onde viveu e morreu o capitão-mór do extincto concelho de Santa Cruz, Bento Corrêa,—a casa da Pena, antigo solar do conde d'Alva, marquez de Santa Iria, comprada pelo capitalista Francisco José Cardoso, hoje restaurada e possuida por seu filho Joaquim Augusto Ferreira Cardoso,—e a de José Augusto Moreira de Mattos, em Coura.

Até 1835 teve casa de camara, cadeia, pelourinho, as auctoridades proprias do concelho e um capitão-mór; extincto o concelho, foram supprimidas todas as auctoridades, mas ainda existem o pelourinho e a casa da cadeia.

Esta freguezia vai pelo nascente até o Tamega onde tem 12 rodas de moinhos.

Além da serra da Senhora da Graça ha n'esta freguezia o monte das Costeiras, sobranceiro ao Tamega, — monte que tem de notavel um penedo denominado *Penedo da Moura* com um lagar, uma lagareta e uma *lagarinha* (dizem os apontamentos que me enviou o rev. parocho)—tudo obra dos mouros, segundo reza a tradição.

Tem finalmente esta freguezia uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma archi-confraria do Santissimo Coração de Maria, erecta com grande pompa no santuario de Nossa Senhora da Graça, no dia 14 de maio de 1876.

VILLA CHÃ — aldeia importante na freguezia da Penajoia, concelho, comarca e diocese de Lamego.

V. *Penajoia* n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA CHÃ — freguezia do concelho de Esposende, comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Orago S. João Baptista,—fogos 166,—almas 694.

Em 1708 contava 110 fogos, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, — e o *Port. Sacro e Profano* deu-lhe os mesmos 110 fogos em 1768.

Foi sempre abbadia e da apresentação da casa de Bragança até 1836.

Comprehende os logares da Egreja, Outeiro, Aldeia de Cima, Aldeia de Baixo, La-

goeíra, Bicudo, Lages, Sovereira, Chouso, Casaes e Abelheira.

Freguezias limitrophes — Antas, S. Paio, Marinhas, S. Bartholomeu do Mar, Forjães, Belinho, Curvos, Palme e Feitos.

Dista de Esposende 5 kilometros, 16 de Barcellos, 34 de Braga e 11 da estação de Barrosellas no C. de F. do Minho.

Nenhuma estrada a macadam construida ou em via de construcção atravessa ou toca esta freguezia, mas passa a 2 kilometros d'ella a estrada real de Barcellos a Vianna.

A egreja matriz é um templo regular e decente. N'ella se fazem duas festas principaes —a do padroeiro, S. João Baptista, — e a da Assumpção do Senhor.

Ha n'esta freguezia uma capella com a invocação de S. Lourenço. É publica e tem festa e romagem no dia 10 d'agosto.

—

Banha esta freguezia o ribeiro da Abelheira, que desagua no occeano a 3 kilometros de distancia, na praia das Marinhas, freguezia limitrophe. Move uma fabrica de serrar madeira e 2 moinhos; não tem ponte alguma.

Producções dominantes — cereaes, vinho verde e algum azeite.

O termo d'esta freguezia comprehende parte da serra de S. Lourenço, que se ergue a poente, encimada pela vistosa capellinha d'aquelle nome, de que já fizemos menção— e o monte de *Figueiró* ao nascente. É pouco elevado e bastante plano, sem pincaros nem morros e baldio ou logradouro commum.

Ha n'esta parochia apenas uma aula de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Em uma escavação que se fez, haverá 10 annos, na serra de S. Lourenço, appareceram algumas moedas romanas pequenas e de cobre.

Ha na dicta serra um pequeno penedo com uma cavidade, na qual por vezes se encontra agua, proveniente do *influxo das marés* (diz o povo)—agua que julgam milagrosa e por isso denominam aquelle penedo *Fonte da Virtude*.

É certo que muitas pessoas das circumvisinhanças, até 15 e 18 kilometros de distancia, costumam levar pequenas porções da dicta agua para lavarem com ella creanças que padecem certas molestias, julgando-a remedio efficaz.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca da Ponte da Barca, districto de Vianna do Castello, diocese de Braga, na provincia do Minho.

Orago S. João Baptista,—fogos 227,—almas 663.

Em 1708 contava 160 fogos e 192 em 1768.

Reitoria; foi da apresentação do arcediago da Nobrega e Neiva; rendia para o vigario 100$000 rèis e 300$000 réis para o arcediago. Foi outr'ora vigairaria.

A egreja parochial dista 4 kilometros da margem esquerda do Lima para S. S. E.—8 da Ponte da Barca para E. S. E. na estrada de Lindoso para Pico de Regalados — e 49 de Vianna.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Portuzello, Paradella, Seixas, Golfeiro, Egreja, Santa Marinha, Quinteiro, Loureiro, Saborido, Barral e Cajaneiro.

Producções dominantes — cereaes, vinho de enforcado e batatas.

Limitam esta freguezia a E. o riacho de Germil, — a N. o rio Lima e a freguezia de *Villa Chã* (S. Thiago) — a O. a freguezia de Touvedo — e ao S. a de Sibões, do concelho de Terras de Bouro.

Banham-na varios ribeiros, que alimentam 14 moinhos, um lagar d'azeite e uma fabrica de burel.

A quinta principal d'esta parochia pertence a D. Carlota Amalia de Paços, viuva do desembargador José de Vasconcellos Athaide e Menezes—e compõe-se das terras chamadas da *Patriarchal* e do *Passal da Egreja*.

Ha n'esta freguezia o monte do *Outeirinho*, que lhe fornece matto para estrume e pastagens para os gados. Tambem fica proxima a serra do *Galinheiro*.

Tem finalmente esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca da Ponte da Barca, districto de Vian-

na do Castello, diocese de Braga, na provincia do Minho, Reitoria.

Orago S. Thiago,—fogos 107,—almas 436.

Em 1708 contava 80 fogos, diz a *Chorographia Portugueza*; o *Portugal Sacro e Profano* deu-lhe 74 em 1768.

Foi vigairaria annexa á abbadia de S. Miguel d'Entre os Rios, apresentada pelo abbade d'aquella parochia e rendia em 1768 apenas 40$000 réis. Hoje é parochia independente.

O logar de Villa Chã, séde d'esta freguezia, está na margem esquerda do Lima, 3 kilometros a S. S. E.—10 a E. da Ponte da Barca, na estrada que d'esta villa vae para Lindoso, — 51 a N. E. de Vianna — e 36 a N. E. de Braga.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Seixenha, Barreiro, Eido de Baixo, Eido de Cima e Lamellas.

As suas producções dominantes são vinho de enforcado e cereaes.

Limitam-na ao nascente a freguezia de S. Miguel d'Entre os Rios,—ao sul e poente a de S. João de Villa Chã,—e ao norte o rio Lima.

Até 1859 teve feira mensal, no dia 26 de cada mez.

Banham-na differentes regatos que desaguam no Lima.

V. *Entre Ambos os Rios*, vol. 3.º pag. 37, col. 2.ª

VILLA CHÃ—ou *Villa Chã da Montanha* —freguezia do concelho e comarca de Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Thiago, — fogos 276, — almas 1:019.

Em 1706 contava 100 fogos, — e 153 em 1768,—era vigairaria collada da apresentação do reitor de Alijó e rendia 100$000 réis.

Tambem já esteve annexa algum tempo á villa d'Alijó, mas hoje é reitoria independente.

Foi do arcebispado de Braga até 1882, data da nova circumscripção diocesana.

Comprehende as aldeias de Villa Chã, séde da parochia, Chã e Carvalho.

As suas freguezias limitrophes são—Alijó, Villar de Maçadá, Parada do Pinhão e Riba-Longa na margem direita do rio Tinhella, confluente do Tua,—e na margem esquerda Santa Eugenia e Carlão.

Dista 3 kilometros da margem direita do rio Tinhella para poente, 6 d'Alijó para N.N.O. — 18 da estação de Pinhão na linha ferrea do Douro, — 145 do Porto e 482 de Lisboa.

Producções dominantes — vinho, azeite e cereaes.

VILLA CHÃ — freguezia do concelho de Macieira de Cambra, comarca de Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Até 1882 pertenceu á extincta diocese de Aveiro e anteriormente pertenceu á comarca d'Arouca.

Orago Nossa Senhora da Purificação, — fogos 230—almas 897.

Em 1708 contava apenas 150 fogos,—pertencia ao termo da extincta villa de Bemposta, de que foi donatario o conde de Villa Verde, — e era um simples curato da apresentação das freiras benedictinas do Porto; —mas em 1768 já era priorado da apresentação do convento d'Arouca, — rendia réis 400$000 e contava 201 fogos.

Hoje é priorado e comprehende as aldeias seguintes: Villa Chã, séde da parochia (a egreja matriz está um pouco isolada) Boucinha, Cancella, Corredoura, Devesa, Gandra, Leiras, Lordello, Moradal ou Muradal, Moinho Vedro, Picão, Pedreira, Portella, Povoa, Refoios ou Refojos, Relva, Regadas e Theamonde.

O logar de Villa Chã dista 2 kilometros de Macieira de Cambra para oeste e (approximadamente) 15 de Oliveira d'Azemeis para N. E.—20 d'Arouca para S. O.—e 23 da estação d'Ovar, na linha ferrea do norte.

Passa n'esta freguezia a nova estrada a macadam, n.º 40, de Ovar para Entre os Rios e Arouca, por Oliveira d'Azemeis, servida por diligencias — e deve atravessar tambem esta freguezia a nova estrada districtal, de Vizeu ao Porto, em via de construcção.

—

Freguezias limitrophes—Castellões a S.—Macieira de Cambra a E.—Carregosa e Villa Cova do Perrinho a N.—Ossella a O.—e Cedal a N. O.

A egreja matriz é um templo regular bastante antigo, demandando nova capella-mór, e tem a freguezia 3 capellas publicas—uma de Santo Antonio, na Gandra,—outra da Senhora das Dores, em Lordello,—e outra da Senhora da Ribeira, em Theamonde, sendo esta *meieira* com a freguezia de Carregosa. Tem mais 3 capellas particulares—uma em Refojos, outra na Cancella e outra no Moradal.

Feiras—uma mensal, no logar da Gandra, no dia 9,—outra tambem mensal no dia 2, em Coelhosa, aldeia de Castellões, freguezia limitrophe.

—

Banham e fertilizam esta parochia 2 rios—o *Vigues*, que corre de N. para S. O.—e o *Trancoso*. que corre de N. para S.—mais 2 ribeiros, o dos *Cães* e o dos *Pelames*, que desaguam no rio Trancoso, bem como este no Vigues, no sitio da ponte da Gandra,—e o Vigues no Caima junto de Areias de Castellões.

Tem o Vigues duas pontes de pedra na estrada n.º 40, de Ovar a Entre os Rios, a da *Berbolga* e a da *Gandra*—e outra no *Moradal*, feita ha poucos annos.

O rio Trancoso tem uma, prestes a concluir-se, no *Souto*, junto da egreja matriz, e no regato dos Pelames ha outra em via de construcção, já com o arco fechado.

Esta parochia não tem fabricas, mas tem bastantes moinhos, todos movidos por agua.

As suas producções dominantes são milho e vinho verde.

É natural d'esta parochia o barão de Salgueiro, que vivendo em Leiria alli casou.

Tocam n'esta freguezia os montes de *Ario* e *Perrinho*, que nada offerecem de notavel.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis, districto de Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Orago S. Pedro, apostolo,—fogos 225,—almas 1:030. Abbadia.

Em 1708 contava apenas 120 fogos e já era abbadia apresentada pelo bispo do Porto;—em 1768 contava 134 fogos, rendia réis 320$000 e era apresentada pelo cabido e pelo bispo da mesma diocese do Porto.

Até 1802 (approximadamente) pertenceu á grande comarca da Villa da Feira, passando em seguida para o concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis.

Comprehende as povoações de Villa Chã, *Costa-Má*, Bustello, Gandra, Lomba, Samil e Travessas.

O sr. J. M. Baptista menciona mais—Outeiro, Ramillos, Covada, Farrapa e Fonte-Chã.

Está tambem nos limites d'esta parochia a grande quinta, casa e fabrica dos fidalgos, hoje condes, do Côvo.

Freguezias limitrophes—Nogueira do Cravo, Pindello e Ossella a E.—Couto de Cucujães e S. Thiago de Riba d'Ul a O.—S. João da Madeira e Macieira de Sarnes a N.—e Oliveira d'Azemeis a S.

—

Dista 4 kilometros de Oliveira d'Azemeis,—12 da estação d'Ovar, na linha ferrea do norte,—34 do Porto, pela estrada real a macadam do Porto a Lisboa, mas 48 pela linha ferrea do norte (estação d'Ovar)—40 de Aveiro—e 313 de Lisboa.

Atravessam esta freguezia uma estrada districtal a macadam, servida por diligencias, da estação d'Ovar, no caminho de ferro do norte, á villa d'Arouca, tocando em Oliveira d'Azemeis e na casa e fabrica do Côvo—e outra estrada tambem a macadam de Oliveira d'Azemeis para a villa de Arouca e que toca no logar de Bustello. Esta ultima é municipal.

Emquanto a templos, tem esta parochia, além da sua egreja matriz, 2 capellas publicas, muito decentes,—uma de Sant'Anna, em Villa Chã, que data de tempo immemorial,—outra de Santo Antonio, em Bustello, edificada pela junta de parochia em 1882. Tem mais uma de Nossa Senhora da Conceição, particular, mas franca ao publico, pertencente á nobre casa do Côvo. Foi feita em 1862 pelo fallecido sr. Sebastião de Castro e Lemos, pae do actual sr. conde do Côvo. Está extremamente limpa e ricamente decorada e tem um mausoleu para sepultura da familia, com as armas dos *Castros Lemos*.

—

O chão d'esta freguezia é bastante accidentado, mas fertil e muito abundante de agua potavel e para irrigação e moagens, pois banham-na 3 rios — o de *Samil* e o da *Ribeira Verde* que desaguam no rio Ul, a 2 kilometros de distancia, e o rio *Antuan* que desagua no Vouga, junto de Aveiro, a 39 kilometros d'esta parochia.

Tem o Antuan uma ponte de pedra no local da *Fuzeira*, dentro da grande quinta do Côvo,—tem outra a Ribeira Verde no local de *Silvares*, — e outra o *Samil*, todas 3 nos limites d'esta parochia. Movem tambem dentro d'ella o rio *Antuan* 8 moinhos de milho e centeio, 1 d'azeitona e a importante fabrica de vidros da nobre casa do Côvo,—o de *Ribeira Verde* 2 moinhos de milho e centeio— e o de *Samil* 28 moinhos de milho, centeio e trigo, — total 39 moinhos, e 2 fabricas, a de vidros, no Côvo, e uma de cortumes de couros, na povoação de Bustello.

Tem só esta freguezia mais agua perenne do que metade da provincia do Alemtejo!

As suas producções dominantes são milho, vinho verde, trigo, centeio, feijões, azeite e hervagens. Tambem engorda muitos bois que vende pára Lisboa e para a Inglaterra.

—

Posto que desde tempos remotos é S. Pedro o orago d'esta freguezia e seja officialmente denominada *S. Pedro de Villa Chã*, o povo a denominou sempre e a denomina ainda hoje *S. Roque de Villa Chã* ou *Villa Chã de S. Roque!...*

Talvez que S. Roque fosse o seu primeiro orago ou que houvesse aqui em outros tempos alguma capella dedicada a S. Roque.

Em 1857 era abbade d'esta freguezia (collado em 12 de janeiro de 1846) um venerando sacerdote, D. João da Natividade, prégador e egresso da congregação dos conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios) e contava então esta parochia mais 6 presbyteros, naturaes d'ella — Domingos Luiz Valente e Manuel Marques de Pinho, de *Costa-Má*, — João José Ferreira e Manuel Dias da Costa, de *Samil*, — José Luiz Ferreira, de *Villa Chã*—e Lourenço Luiz Dias da Costa, de *Bustello*.

—

A casa e a quinta do Côvo são uma das mais importantes vivendas da provincia, verdadeira residencia senhorial.

O edificio para habitação é espaçoso, foi reedificado em 1850 — e com a fabrica de vidros e suas dependencias fórma uma povoação.

A quinta é um *condado!* Tem de circumferencia 10 kilometros e comprehende grandes tractos de terra lavradia, vinhedos, olivaes e um vastissimo pinheiral que occupa a maior parte do grande predio, não só montes asperos, mas valles fundos e ferteis que, se fossem arroteados e convenientemente agricultados, podiam produzir milhares de alqueires de pão e muito azeite e vinho.

Toma grande parte d'esta parochia e das tres parochias visinhas—Pindello, Ossella e Oliveira d'Azemeis, sendo cortada e servida pela estrada a macadam d'Ovar para a villa d'Arouca e banhada por differentes rios e ribeiros.

A dicta estrada corre a jusante do palacete e da fabrica, na distancia d'alguns metros apenas.

É hereditaria e proverbial nos donos d'este grande predio a nobreza do sangue e dos sentimentos, pelo que os povos circumvisinhos, longe de se insurgirem contra tão opulentos senhorios, sempre os acataram e respeitaram.

Como prova da magnanimidade e generosidade de ss. ex.as basta notar-se que desde tempos remotos, todas as semanas, em dias determinados, franqueiam ao publico a sua grande mata e permittem que todos indistinctamente se abasteçam de lenha para o consumo domestico, o que para a pobreza é uma grande esmola, de que usa e *abusa*.

Tambem são proverbiaes n'esta familia o vigor e força herculea.

De um ascendente do nobre conde se diz que em um momento de bom humor dobrára e partira com os dedos uma ferradura nova de grande espessura, bom ferro e bem forjada!...

—

A fabrica de vidros do Côvo foi a primeira fabrica de vidros que houve em Portugal.

É anterior a 1484. A 2.ª foi a de Coina, no Ribatejo—e a 3.ª a da Marinha Grande, em substituição da de Coina.

Entre os muitos privilegios que os nossos reis outr'ora concederam a esta fabrica do Côvo, um d'elles era o seguinte: — só ella poderia vender vidro em todo o norte do nosso paiz, até á margem direita do Mondego.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Côvo*, tomo 2.º pag. 436 — e *Marinha Grande*, tomo V, pag. 79, col. 1.ª e 2.ª

—

Do ultimo *inquerito industrial*, ordenado pelo nosso governo em 1880, extractámos com relação a esta fabrica o seguinte:

«Produz productos de vidro branco e de côres, copos, garrafas, frascos, chaminés para candieiros, etc.

Não produz chapas de vidro.

Possue um pisão com motor hydraulico para triturar os differentes materiaes, e quatro fornos aquecidos a lenha dos pinhaes, consumindo annualmente 6 a 7:000 steres, que reputa no valor de 400 réis cada stere.

Emprega a argilla extrahida em terreno perto e pertencente á fabrica, ligada com a do Casal dos Ovos, do districto de Leiria; o manganez é das minas da Anadia; não usa areia, mas seixo moido, extrahido a 5 kilometros da fabrica, em Vermoil, onde possue jazigos inexgotaveis de quartzo, casco de vidro em pó, cal fina nacional, e soda, arsenico, e productos córantes de origem estrangeira, comprados no Porto.

Occupa o seguinte pessoal: um director que tem interesse na producção, 4 officiaes ganhando 800 a 900 réis diarios, 4 primeiros ajudantes 400 réis diarios, 4 segundos ajudantes 285 réis, 16 aprendizes menores 100 réis diarios, 2 atiçadores 200 réis diarios, 2 olheiros 400 réis, 1 fundidor 345 réis, 2 lapidadores, que se empregam a tirar ponteis, a 2$000 réis diarios. Estes operarios trabalham 5 horas em cada dia. Emprega mais 6 rachadores de lenha a 300 réis diarios e 4 mulheres a 100 réis, que trabalham de sol a sol, com as horas de descanço do costume.

Os potes refractarios são fabricados com argilla plastica do Côvo e da Bairrada, e bem assim os tijolos refractarios.

Declarou que julga ser sufficiente a protecção concedida á sua industria, de 160 réis cada kilogramma, direito estabelecido na pauta aos productos similares da industria estrangeira, e entendia podia ser diminuido esse direito, se lhe fossem concedidas livres de direitos as materias primas que precisa importar, e que muito lhe sobrecarregam os productos.

Ensaiou em tempo a soda nacional produzida por Deligny; teve de a abandonar por ser pouco graduada; tem assim de a importar do estrangeiro, pagando direito elevado; o mesmo acontece nos productos córantes, que pagando muitos d'elles mais de 20 por cento do respectivo valor, de direitos, lhe custam preço elevado, e não se fabricam no paiz.

Declarou mais terem os seus productos sahida, sendo vendidos no deposito da fabrica, na rua de D. Pedro, no Porto, e não ter falta de capital.»

A exploração é feita por conta do ex.mo sr. Gaspar Maria de Castro e Lemos, hoje conde do Côvo, proprietario da dicta fabrica.

—

Thereza Luiza Dias, casada com Manuel Alves da Costa, do lugar da Farrapa, d'esta freguezia, deu á luz na noite de 9 para 10 de julho de 1881, uma creança do sexo masculino com duas cabeças, quatro braços, quatro pernas, uma só barriga e duas partes genitaes; ao nascer ainda tinha vida uma das cabeças, mas logo morreu.

O pae, quando viu tal aborto, começou a gritar, acudindo toda a visinhança para ver aquelle triste espectaculo, e sem detença enterraram o feto, perdendo-se um interessante exemplar para estudo.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago S. Mamede, — fogos 150, — almas 618. Abbadia.

Em 1706 pertencia ao concelho da Maia; era da apresentação do collegio da Companhia de Jesus, de Braga, e tinha apenas 46 fogos; — em 1768 era da apresentação do pa-

droado real, — contava 55 fogos e rendia 70$000 réis. Tambem foi algum tempo apresentada pela universidade de Coimbra.

Comprehende as aldeias de *Villa Chã*, séde da parochia, Rio da Egreja, Outeiro, Lavandeira, Rio da Gandra, Figueiras, Cimo de Villa, Fundo de Villa e Poça.

As suas freguezias limitrophes são Mindello a N. O. — Modivas a leste e Labruge a S. E.

Ao poente é banhada pelo occeano, do qual a povoação de Villa Chã dista pouco mais de 1 kilometro,—8 de Villa do Conde para S.S.E.—3 da estação de Modivas na linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Famalicão,—19 do Porto (pela linha ferrea) —e 356 de Lisboa.

Passa tambem ao nascente d'esta freguezia a estrada a macadam do Porto a Villa do Conde.

As suas producções dominantes são cereaes e vinho de enforcado, muito *rascante* e muito verde.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca de Fornos d'Algodres, districto da Guarda, diocese de Vizeu, na provincia da Beira Baixa.

Fogos 54,—almas 230,—orago Nossa Senhora das Boas Novas, ou da Assumpção.

Em 1768 contava apenas 32 fogos; — era curato da apresentação do vigario d'Algodres, que recebia os dizimos e dava ao pobre cura 15$000 réis e o pé d'altar.

Ainda é hoje um simples curato, — comprehende uma unica povoação, Villa Chã,— e tem por freguezias limitrophes Maceira, Figueiró da Granja, Corticô d'Algodres, Muxagata e Sobral Pichorro.

Dista 7 kilometros de Fornos d'Algodres e da estação d'este nome na linha da Beira Alta, — 69 da Guarda,—30 de Vizeu,—160 da cidade da Figueira, — 216 do Porto — e 340 de Lisboa.

A estrada a macadam mais proxima é a districtal n.º 41-*A*—de Vizeu a Celorico da Beira e que toca em Fornos d'Algodres.

—

A egreja matriz é um templo singelo e pobre sem coisa alguma notavel.

O melhor edificio d'esta parochia hoje é a casa de Antonio Pedroso de Sousa Coutinho, um dos 40 maiores contribuintes d'este concelho. É bastante antiga, mas foi ha pouco reedificada e bem mobilada. Tem uma linda capella contigua com porta franca ao publico e boas decorações,—retabulo de talha dourada com a imagem da padroeira, Nossa Senhora do Carmo,—e tecto apainelado com bastante obra de talha, dourada tambem, formando vãos quadrados, todos com pinturas religiosas sobre madeira, antigas e bem conservadas.

Tem esta povoação duas ruas (?) principaes—a da Fonte e a da Egreja.

Banham esta freguezia 3 ribeiros — o do Gallego, o do Valle de Gavinho e o do Preto, —passam a 2 kilometros as ribeiras da Muxagata e a de Corticô—e o Mondego 4 kilometros ao sul. Producções dominantes—cereaes, vinho e azeite.

Era natural d'esta freguezia o valente major Joaquim José Pedroso, que muito se distinguiu no cerco do Porto em 1832 a 1833, merecendo a honra de ser condecorado pelo proprio imperador, o sr. D. Pedro IV, no campo da batalha.

Está sobranceiro a esta freguezia o monte do Crasto, que pelo nome que ainda conserva e pela sua posição, muito defensavel para os tempos d'armas brancas, se suppõe ter sido fortificado em outras eras.

Do alto d'elle se gosa um vasto e muito interessante panorama sobre a bacia hydrographica do Mondego. D'ali se descobre grande parte dos concelhos de Celorico da Beira, Céa e Gouvêa, Linhares, Folgosinho, Figueiró da Serra, Sampaio, Nabais, Nabainhos, Mello, a linha da Beira, a estrada de Vizeu á Guarda, o Mondego e grande extensão do antemural da Serra da Estrella, na parte que olha para o norte.

Ha finalmente n'esta freguezia uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma sepultura aberta na rocha, ao poente da povoação, junto da quinta da familia Pedrosos.

VILLA CHÃ DE BACIOSA ou **DA BARCIOSA**—freguezia do concelho e comarca de Miranda do Douro, districto e diocese de Bragança, na provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia, — orago S. Christovam, — fogos 204,— almas 825 (comprehendendo as duas freguezias annexas).

Em 1768 já era abbadia do padroado real, —contando apenas 93 fogos e rendendo réis 500$000, somma importante n'aquelle tempo e n'aquelles sitios.

Antes da creação da comarca de Miranda, pertenceu á do Mogadouro.

Comprehende 3 povoações — Villa Chã, séde da parochia, — *Fonte d'Aldeia* e *Freixiosa*, que já foram freguezias independentes, mas ha muito se acham annexadas a esta de *Villa Chã da Barciosa.*

A de *Fonte d'Aldeia* tambem outr'ora esteve unida algum tempo á freguezia de Picote, e por seu turno esta á de Sendim, todas d'este concelho.

Freguezias limitrophes — Palaçoulo, Senhora do Monte das Duas Egrejas, Picote e Sendim.

Dista 12 kilometros de Miranda, para S.O. —55 de Bragança para S. E. — 80 da linha ferrea do Douro (estação da Barca d'Alva, que é a mais proxima)—e 2 da margem direita do Douro, que aqui corre fundo por entre medonha penedia escarpada, bem como desde o alto d'este concelho de Miranda, desde o ponto em que fórma a raia ou linha divisoria entre Portugal e Hespanha, até á Barca d'Alva e, com pequenas excepções, até o Porto; — são, porém, as suas margens levemente accidentadas do alto do concelho de Miranda para cima, emquanto não toca em Portugal.

—

Atravessa esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira, pelo Pocinho, Foscôa e Marialva, mas infelizmente a sua construcção ainda se acha muito atrazada na provincia de Traz-os-Montes, onde tão precisa era. Apenas tem alguns kilometros construidos a partir de Miranda, emquanto que na margem esquerda do Douro, desde Celorico da Beira até o Pocinho, se acha quasi concluida. Apenas lhe falta um pequeno lanço entre Marialva e Foscôa.

As 3 melhores propriedades ou quintas d'esta parochia hoje são — a dos herdeiros de Manuel Paulo, de Fonte d'Aldeia,—a dos herdeiros de Fructuoso Antão e a de Domingos Martins, do Prado de Gatão.

Tem esta freguezia 3 egrejas, — uma em Villa Chã, outra em Fonte d'Aldeia, outra na Freixiosa

A 1.ª, que é a matriz actual, tem 20 metros de comprimento, 10 de largura e 8 de altura, 5 altares, capella-mór de construcção mais moderna, boa sacristia e grande campanario com 2 sinos e 4 sineiras. A 2.ª é mais pequena do que a 1.ª — tem 3 altares, pequena sacristia e um pequeno campanario com 2 sinos. A 3.ª é ainda mais pequena do que a 2.ª, mas de construcção igualmente antiga,—e tem como ella 3 altares, sacristia e campanario com 2 sinos. Foram estas duas egrejas as matrizes das duas parochias extinctas, annexadas a Villa Chã da Barciosa.

—

Ha no limite da extincta parochia de Fonte d'Aldeia uma capella da Santissima Trindade; é muito antiga,—tem de comprimento 15 metros, 5 de largura e 6 d'altura—e todos os annos festa, romagem e grande feira, sempre policiada por um destacamento de tropa, vinda de Bragança, por ser uma das feiras mais importantes da provincia.

A capella está em um pittoresco monte povoado de sovereiros, distante da Freixiosa cerca de 1 kilometro.

O melhor edificio particular de toda esta freguezia é a casa, a que chamam das *Familiares*, bastante espaçosa, mas sem brazão. Foi da familia Moraes e hoje é de Antonio Delgado. N'ella houve um sargento-mór, Manuel Antonio de Moraes, que teve dois irmãos conegos, José Francisco e Paulo Miguel. Este ultimo foi deão e governador do bispado de Bragança.

Foi tambem natural d'esta freguezia um monteiro mór.

Posto que esta parochia tenha o nome de Villa, nunca foi villa.

As ruas principaes de Villa Chã são a do Bairro da Egreja, Bairro do Carvalho e Bairro de Baixo.

—

Banha esta freguezia pelo lado norte um ribeiro que desagua no Douro—e pelo lado E. o mesmo Douro, movendo o dicto ribeiro

20 moinhos de pão — e o Douro 3 azenhas, nos limites d'esta parochia. Ha tambem um lagar d'azeite na Freixiosa.

Tem esta freguezia cemiterio e uma aula official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Producções dominantes—vinho bom para mesa, centeio, trigo, *serodio*, batatas, azeite e lã, pois tambem cria algum gado lanigero. A industria principal d'esta parochia — industria muito importante — é a criação de gado vaccum da celebre *raça mirandeza*, por justos titulos muito estimada em toda esta provincia.

Os bois d'esta raça são escuros, muito corpolentos, muito valentes e doceis, com armação pequena e magnificos para todo o trabalho.

Por vezes se encontram nas feiras de Traz-os-Montes exemplares soberbos, chegando a vender-se a junta por 60 a 70 libras — ou 270 a 315 mil réis da nossa moeda!...

Ha n'esta freguezia lavrador que tem 30 vacas para creação!...

VILLA CHÃ DE CANGUEIROS—freguezia do concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar, districto de Vizeu, diocese de Lamego, na provincia da Beira Alta.

Curato—fogos 90,—almas 381,—orago S. Sebastião.

O *Portugal Sacro e Profano* não menciona esta freguezia e mal pode suppor-se que ao tempo (1768) estivesse annexada a outra, porque todas as freguezias limitrophes demoram a grande distancia, mettendo-se de permeio montes desertos e muito asperos no inverno. Menos póde suppor-se que ao tempo ainda não existisse, pois é povoação muito antiga e tanto que teve foral, dado pelo mosteiro das Salzedas no anno de 1295, foral que Franklin não menciona. N'elle se diz, entre outras coisas, que os moradores d'esta povoação de Villa Chã não pagariam coimas, *salvo d'omem morto*, e *rouso*, e *lixo em boca*.

Doc. das Salzedas.

—

A *Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego*, escripta na 2.ª metade do sec. XVIII, diz que este curato rendia com o pé d'altar 50$000 réis,—contava 85 fogos e 221 habitantes — e era apresentado pelo abbade do mosteiro das Salzedas, que pretendia ter n'esta parochia jurisdicção ordinaria, não sendo porém reconhecida pelo bispo de Lamego.

Esta parochia é formada por uma povoação unica de aspecto pobre e humilde, situada em terreno alto, agreste e frio, mas pouco ingreme e com formosos campos e lameiros, nas abas das serras de Santa Helena e Almofala.

As suas freguezias limitrophes são — Granja Nova, Cimbres, Passô, Cever e Sarzedo.

Dista 6 kilometros de Mondim da Beira para E. N. E.—11 d'Armamar para S.—15 de Lamego para S. E. — 35 de Vizeu e 27 da estação da Regoa, na linha ferrea do Douro.

Passa a 5 kilometros d'esta freguezia a estrada real a macadam da Regoa a Celorico da Beira, por Lamego e Trancoso.

A egreja matriz é bastante antiga e pobre. Tem altar-mór e 3 lateraes, um de Nossa Senhora do Rosario, outro do Espirito Santo e outro do Senhor da Misericordia—e ha na povoação 3 capellas publicas—uma de Santo Antonio, que foi a primeira matriz,—outra de S. Pedro — e outra de S. Mamede, todas abertas ao culto e bem conservadas.

—

Banha parte d'esta freguezia o rio Galhosa, que atravessa as freguezias da Granja Nova e Salzedas, — desagua no rio Barosa entre Salzedas e Gouviães, na distancia de 5 kilometros, e move em todo o seu percurso 7 moinhos de cereaes e um d'azeite.

As producções principaes d'esta parochia são milho, centeio, trigo, cevada, feijões, batatas, hervagens e castanhas.

Tambem cria algum gado lanigero e vaccum.

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar mixta para os dous sexos.

No dia 5 de maio de 1864 pairou uma medonha trovoada sobre esta freguezia e, quando de manhã se tocavam os sinos, chamando os fieis para a missa da Ascenção do Senhor, cahiu na torre da egreja matriz um raio que destroçou a cupula, fendeu a abobada e ma-

ou instantaneamente tres rapazes que estavam tocando os sinos, deixando mais dous em misero estado e um incolume; — partiu grande quantidade de telha no telhado da egreja, e, descendo ao interior d'esta, despedaçou a porta principal e a pia do Baptismo, lascou a porta travessa e, correndo ao longo da parede, deslocou muita cal, foi ao altar do Espirito Santo, onde deixou apenas leves vestigios da sua vertiginosa carreira e, chegando ao arco cruzeiro, penetrou no chão e sumiu-se, deixando a egreja toda cheia de fumo e a povoação tranzida de susto e banhada em lagrimas!

Por fortuna a egreja se achava inda erma de povo, aliás seriam mais numerosas as victimas.

VILLA CHÃ e **LARIM**—titulo de dous concelhos extinctos que outr'ora pertenceram á comarca de Barcellos,—depois á de Pico de Regalados — e por ultimo se fundiram no actual concelho e comarca de Villa Verde, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Para evitarmos repetições veja-se *Larim*, vol. 4.º pag. 54, col. 1.ª — e *Villa Verde* — villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome.

VILLA CHÃ DO MARÃO — freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia,—fogos 237,—almas 913,—orago Santo Estevam.

Em 1706 contava apenas 80 fogos — e 99 em 1768, sendo o seu parocho abbade da apresentação da mitra e tendo de rendimento 700$000 réis!...

Foi do extincto concelho de Gestaçô, comarca de Penafiel; — até 1882 pertencia ao arcebispado de Braga—e teve algum tempo como annexa a freguezia de S. Martinho de Carneiro, d'este mesmo concelho d'Amarante.

Comprehende as aldeias seguintes:—Villa Chã, séde da parochia, Barreiro, Paço, *Egreja e Pedra*, Rua Nova, Ribas, Ribeiro, Ribeira, Novios, Boa Vista, Real, Cadafaz e Motta;— os casaes do Outeiro, Real, Ribeiro da Azenha, Marãozinho (isolados) Uveira Branca, Regadinhas, Souto, Burgo, Casaria, Tapada dos Mouros, Val de Caez (isolado) — e as quintas de *Lama*, pertencente a José Pessoa Alão de Moraes.—*Sandrigo*, de João Teixeira Mendes, — *Paço*, de D. Joaquina Emilia Pereira Peixoto, — *Lage*, de Antonio José Xavier Ferreira,—*Santa Eulalia*, de Francisco José da Motta — *Burgo*, de Manuel Gomes Pereira Pinheiro — e a do *Rio*, que foi do conde de Villa Real.

Freguezias limitrophes—Santo Isidoro de Sanche, a E.—S. Salvador de Lufrei, a S. e O.—e a N. os rios Ollo e Tamega.

—

O logar de *Villa Chã de Marão* demora na antiga estrada de Amarante para Ermello e dista 1 kilometro da margem esquerda do rio Ollo,—5 d'Amarante para N. E.— 20 da estação de Villa Meã, no caminho de ferro do Douro—e 71 do Porto.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal n.º 12, d'Amarante a Fridão e deve atravessal-a tambem a estrada municipal, em projecto, d'Amarante ás pedreiras calcareas de *Sobrido*, na serra do Marão.

A egreja matriz data de 1600;—é um templo decente, mas simples—com altar-mór e 4 lateraes.

A freguezia não tem capellas publicas, mas sómente duas particulares,—uma de S. Bento, na povoação de Ribas, — outra de Santo Antonio, na quinta do Rio.

As producções principaes d'esta parochia são—milho, vinho verde e azeite.

Banham-na os rios Tamega e Ollo, que desagua no Tamega (margem esquerda) no sitio de *Varões*, limite d'esta parochia.

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

Esta parochia é muito antiga, nomeadamente a aldeia da *Motta*, *meieira* com a freguezia de Lufrei.

Na dicta povoação teve uma quinta importante Mem Gondar, nobre cavalleiro asturiano que veiu para Portugal com o conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques. Estabeleceu-se na freguezia de Gondar, d'este concelho d'Amarante, onde fundou o seu solar, que deu o nome áquella freguezia, e seus descendentes

tomaram da mencionada quinta o appellido de *Mottas*.

O primeiro que se acha com este appellido é Ruy Gomes de Gondar da Motta, no tempo de D. Affonso II, porque fixou a sua residencia n'esta quinta da Motta e n'ella teve o seu solar.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Mota* ou *Motta*, vol. 5.º pag. 563, col. 1.ª — e *Gondar*, vol. 3.º pag. 301, col. 1.ª e 2.ª

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu nos tempos modernos, avultam quatro grandes patriotas, bem dignos de que os recommendemos á veneracão da posteridade:

Francisco Xavier Ferreira de Sousa Gavião Pessoa distinguiu-se pelas armas e pela dignidade com que exerceu diversos cargos publicos.

Na segunda invasão franceza elle com o seu filho José Ferreira de Sousa Gavião Pessoa, mancebo ainda imberbe, de 16 annos de idade, não podendo conter a sua indignação contra os invasores, alarmou os povos d'este concelho d'Amarante e dos concelhos limitrophes, foi o primeiro a levantar o brado da revolta contra os malditos corsos e a acclamar a soberania do principe regente, depois rei, D. João VI. — Á frente de milhares d'homens que acudiram ao chamamento, — dirigiu-se ao juiz de fóra e obrigou-o a tomar o estandarte da villa d'Amarante e a incorporar-se na procissão civico-religiosa que organisou no intuito de determinar o povo a tomar as armas em defeza da patria, levantando-o do torpor em que jazia.

Mais tarde, quando o paiz se determinou a sacudir o vergonhoso dominio estrangeiro, foi um poderoso auxiliar do valente general Silveira, marquez de Chaves e conde d'Amarante, na heroica defeza d'esta villa, como juiz de fóra e vereador mais velho, fornecendo-lhe não só munições de guerra e de bocca para o seu exercito, mas tambem combatentes, aliciando muitos á sua custa, collocando-se denodadamente á frente d'elles e batendo-se como um heroe!

Antonio Cerqueira de Moura Coutinho, major de cavallaria n.º 6 (Dragões de Chaves) e seu irmão, o *padre Francisco Cerqueira Moniz Coelho de Magalhães*, não menos se distinguiram por essa occasião, nomeadamente o ultimo, animando e alarmando os povos, espiando o inimigo, levando ordens a toda a parte, expondo a todo o momento a vida em defeza da patria e dando repetidas provas de grande coragem, illustração e atilamento em tão medonha conjunctura!

Terminarei consignando um facto muito honroso para esta freguezia. Tal foi a heroicidade dos seus habitantes, que os francezes não se atreveram a passar além dos limites d'ella.

Ainda hoje se denomina *Valle dos Francezes* o ponto em que fizeram alto e foram obrigados a retroceder.

VILLA CHÃ DA MONTANHA. V. *Villa Chã*, freguezia do concelho e comarca de Alijó.

VILLA CHÃ DE POYARES—freguezia extincta no bispado de Coimbra, orago S. Miguel.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*, era curato da apresentação da Universidade,—rendia 40$000 réis—contava 112 fogos—e distava de Coimbra 3 leguas.

O *Flaviense* tambem a menciona e lhe dá 200 fogos, mas não a encontramos na *Chorographia Portugueza*, nem na *Chorographia Moderna*, nem no *Diccionario* d'Almeida, nem na *Chorographia* de Lima, nem nos *Censos* de 1864 e 1878, nem no *Mappa das Dioceses*, nem no *Districto de Coimbra* pelo sr. dr. Secco.

Suppomos que era a povoação de *Villa Chã*, que deu o nome á ribeira de *Villa Chã* no concelho de Poyares—aldeia mencionada na *Chorographia Moderna*, como pertencente ás duas freguezias de S. Miguel e Santo André de Poyares, sendo esta ultima hoje a séde do concelho de Poyares, no districto e diocese de Coimbra; estranhamos porém que o sr. J. M. Baptista, mencionando na sua *Chorographia Moderna* a dicta povoação, não lhe addicionasse a nota de *freguezia extincta* e *annexa*, como addicionou a todas as povoações que fôram sédes de parochia e perderam a sua autonomia.

Veja-se *Poiares* n'este diccionario, vol. 7.º pag. 114—e *Villa Chã de Poyares* no *supplemento.*

VILLA CHÃ DA RIBEIRA—freguezia extincta na diocese de Bragança. O *Portugal Sacro e Profano* diz que em 1768 era curato da apresentação do abbade de Villar Secco (então concelho de Miranda e hoje de Vimioso)—que tinha como orago S. Lourenço—rendia 35$000 réis, afóra o pé d'altar—e contava 31 fogos.

O *Flaviense* diz que era da comarca do Mogadouro e contava 98 fogos, no seu tempo; — a *Chorographia Moderna* menciona-a como simples povoação pertencente á freguezia de *Uva*, no concelho de Vimioso, actualmente,—e a *Chorographia Portugueza* diz que em 1706 era parochia annexa á de S. Pedro da Silva!...

V. *Silva*, freguezia de Traz-os-Montes, vol. 9.º pag. 365, col. 1.ª—e *Uva* n'este 10.º vol. pag. 23, col. 2.ª

VILLA CHÃ DE SÁ—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Vigairaria,—orago S. João Baptista,—fogos 187,—almas 760.

Em 1708 era curato da apresentação do bispo e do cabido da Sé de Vizeu — e em 1768 era curato da apresentação do bispo,—contava apenas 94 fogos—e rendia para o cura a bagatella de 6:000 réis, afóra o pé d'altar.

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, tendo apenas fóra d'ella o casal de Soutulho e a quinta dos *Lagares*.

É banhada por uma ribeira que desagua na margem esquerda do rio d'*Asnes*, confluente do *Dão* e este do Mondego.

A povoação de Villa Chã é uma aldeia grande e bonita com bons edificios, algumas casas nobres e uma elegante e vistosa egreja matriz, bem tractada e muito vantajosamente situada a cavalleiro da povoação, dominando-a toda e os seus mimosos e ferteis arrabaldes. Tem uma boa torre a meio da frontaria, — um bom adro para o qual se sobe por amplas escadas de granito—e á entrada d'estas um grande cruzeiro de pedra.

As suas producções dominantes são — vinho em quantidade e do melhor da Beira, milho, feijões e castanhas.

Ha tambem n'esta freguezia muitos pinheiros mansos, alguns de grande porte.

Não tem serras nem baldios. Todo o seu chão é productivo e muito bem cultivado.

Dista de Vizeu 8 kilometros para S. O.—e passa ao poente d'esta freguezia a estrada real a macadam de Vizeu para Tondella e Mealhada.

VILLA DO CONDE—freguezia, villa e séde do concelho e da comarca do seu nome, districto do Porto, arcebispado de Braga, provincia do Douro.

Priorado,—orago S. João Baptista,—4:963 almas em 1:135 fogos (comprehendendo a sua annexa Formariz).

Em 1706 era vigairaria da apresentação da abbadessa do mosteiro de Sancta Clara d'esta villa, quando o vigario não renunciasse, — contava 900 fogos — e rendia 200$000 réis para o parocho.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação, — contava 1:078 fogos — e rendia 500$000 réis.

Está muito vantajosamente situada na margem direita do rio Ave em terreno vistoso, alegre e pittoresco, distando da beiramar cerca de 500 metros para leste,—3 kilometros da Povoa de Varzim para S. — 25 do Porto para N. O. — e 54 de Braga para S. O. pela linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Famalicão, seguindo depois pela linha ferrea do Minho até á estação de Nine e d'alli pelo ramal até Braga.

Tem estação propria na linha ferrea do Porto á Povoa e Famalicão, que passa a leste da villa, e boas estradas a macadam para o Porto, Povoa de Varzim, Barcellos, Esposende, e diversos pontos do concelho, quasi todas servidas por diligencias, e a de Villa do Conde á Povoa de Varzim por uma linha ferrea americana, cuja exploração se inaugurou no dia 22 de outubro de 1874 [1].

—

Villa do Conde é povoação muito antiga. Suppõe-se que os romanos aqui tiveram um

---

[1] V. n'este 10.º vol. o art. *Vias Ferreas*, pag. 484, col. 1.ª

castro no sitio em que hoje se vê o convento de Santa Clara e que pelos annos de 1093-1112 o conde D. Henrique a doara ao conde D. Mendo Paes Rofinho, ou *Rufino*, tomando esta povoação desde essa epocha o titulo de *Villa do Conde*. Alguem duvida da existencia de tal *castro* e da doação feita a D. Mendo, tronco dos Azevedos, mas todos concordam em que D. Sancho I aqui fez um palacio e o doou á sua favorita, D. Maria Paes Ribeira, a celebre *Ribeirinha* de quem tanto fallam as chronicas e lendas e que foi uma das mulheres mais formosas do seu tempo. O Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Chorographia Portugueza* disse que D. Maria Paes Ribeira foi amante não de D. Sancho I, mas de D. Diniz. O mesmo se lê no *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida por haver copiado a *Chorographia Portugueza*—e o mesmo se encontra na *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista por haver copiado o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida,—e nas *Villas e Cidades* do sr. I. de Vilhena Barbosa,—mas Alexandre Herculano, a nossa primeira auctoridade n'estes assumptos, fallando de D. Sancho I, diz[1]: «Era o concubinato vicio commum naquelle tempo, commum nos principes como entre os nobres e o clero; e a historia conservou o nome de duas amantes do rei de Portugal (D. Sancho I) D. Maria Ayres de Fornellos e D. Maria Paes Ribeira. Foi filho d'aquella Martim Sanches que tão importante papel fez no meio das ultimas discordias de Affonso II com Leão: da outra teve *cinco filhos*, um dos quaes, Rodrigo Sanches, tambem pertence á historia. D'estes que mencionamos, e dos outros, cujos nomes deixamos na sua tranquilla obscuridade, descende mais de uma nobre familia da Hespanha.» E em uma nota manda ver ácerca d'este ponto a *Mon. Lusit.* L. 12 c. 21[2] e L. 14 c. 24,—o Testamento de D. Sancho I, ibid. App. escr. III, e os antigos Nobiliarios.

[1] *Hist. de Portug.* tomo 2.° pag. 86, *in fine*.

[2] Ali se diz que D. Maria Paes Ribeira teve de D. Sancho *6 filhos*—D. Theresa Sanches, D. Constança Sanches, Gil Sanches, Rodrigo Sanches, Nuno Sanches e Dona Maior Sanches.

É pois incontroversa a existencia d'esta povoação no reinado de D. Sancho I,—1185 a 1211.

—

Ha n'esta villa tres obras monumentaes, o convento de freiras de Santa Clara,—o aqueducto do mesmo convento—e a egreja matriz. É tambem muito importante o caes, que se prolonga pela margem direita do Ave desde a ponte de madeira, proximidades do grande convento, até o mar,—e não menos importante e digna de menção era a ponte de granito sobre o Ave, mandada fazer pelo benemerito corregedor D. Francisco d'Almada, no ultimo seculo, mas que infelizmente desabou no dia 11 de janeiro de 1821.

O grande convento foi fundado por D. Affonso Sanches, filho natural d'el-rei D. Diniz, e por sua mulher D. Theresa Martins, filha de D. João Affonso Tello de Menezes, conde de Barcellos, senhor d'Albuquerque e Villa do Conde. Lançou-lhe a primeira pedra no anno de 1318 e, depois de concluido, o entregou ás religiosas franciscanas de Santa Clara, doando-lhes ainda na sua vida muitos bens e por sua morte e de sua mulher deixou-lhes o senhorio d'esta villa e d'outras terras, com avultadas rendas.

Lograram as freiras este senhorio muito tempo, mas el-rei D. Duarte começou a contestar-lhes tão grandes privilegios e regalias;—D. João III as desempossou d'elles, em 1537, dando este senhorio ao infante D. Duarte, seu irmão,—e pelo casamento de D. Catharina, filha d'este infante, com D. João I, sexto duque de Bragança, passou este senhorio para a real casa de Bragança.

—

O convento de Santa Clara e o seu famoso aqueducto, diz o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa[1], são dous monumentos grandiosos, que avultando gigantescamente sobre todas as construcções da povoação, dão á Villa do Conde um aspecto nobre e particular.

Ergue-se senhorilmente em sitio um pouco elevado e sobranceiro á villa. A primeira fabrica de D. Affonso Sanches conservou-se com algumas leves modificações até o seculo

[1] *Villas e Cidades*... livro 3.° pag. 150.

passado, mas, achando-se então em ruinas, foi mister proceder-se a uma reedificação completa. E tão avultadas eram ainda as suas rendas, apesar do muito que haviam diminuido com a perda dos direitos senhoriaes da villa, que a nova fabrica, *verdadeiramente sumptuosa*, foi levantada á custa da ordem. Não chegou a concluir-se, mas ainda assim *é um dos mais vastos mosteiros que ha no reino, e quanto á regularidade, bellesa e magestade da sua architectura* (diz o sr. Vilhena Barbosa) *é muito superior aos melhores de Lisboa e a todos os que conhecemos no paiz.*

A frontaria principal está voltada para o sul e era digna de um palacio real. Compõe-se de tres andares com dezesete grandes janellas em cada um e divide-se em cinco corpos por duplicadas pilastras. O do centro é coroado por um frontão, ornado no tympano com um baixo relevo, e no vertice com uma estatua colossal representando uma mulher com uma cruz na mão, montada em um elephante. Nos acroterios tem quatro grandes vasos ou pyras por decoração superior, — outros quatro vasos eguaes nas extremidades de cada um dos corpos—e a meio de todos os grupos de vasos um castello em baixo relevo.

A egreja é boa, posto que pequena;—tem formosos tectos de madeira em cume, um bello pulpito de pau santo, um orgão com linda caixa, alfaias de muita riqueza e primor e no corpo da egreja, do lado do evangelho, uma sumptuosa capella de architectura manoelina, onde jazem os fundadores d'este convento em dous magnificos mauzoleus, do lado da epistola, tendo em frente outros dous mauzoleus mais pequenos, onde jazem (segundo se suppõe) dous filhos seus.

Com o corpo da egreja se prolongam os dous vastos e lindissimos córos, alto e baixo, havendo n'este ultimo um outro mauzoleu, em que jaz D. Brites Pereira d'Alvim, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, primeira mulher do conde de Barcellos, D. Affonso, que foi tambem depois o primeiro duque de Bragança.

Falleceu a dicta senhora em Chaves, onde foi sepultada, bem como o seu marido, no mosteiro de S. Francisco, mas depois a trasladaram para Villa do Conde.

Este convento foi riquissimo e chegou a ter 120 religiosas professas. Com a perda dos seus direitos senhoriaes e por ultimo com a extincção dos dizimos, em 1834, as suas rendas baixaram lastimosamente, comtudo ainda tem podido provêr á conservação da sua grande casa e da pequena communidade.

Conta hoje apenas 5 religiosas professas, mas, comprehendendo as meninas do côro, as senhoras recolhidas e as creadas, ainda alberga um pessoal numeroso e sustenta e ampara muitas familias pobres, que não cessam de pedir ao ceu a conservação d'este convento.

São estes tambem os nossos ardentes votos.

Depois do grande aqueducto dos *Arcos das Aguas Livres*, em Lisboa, é o d'este convento o *primeiro* de Portugal [1], muito superior ao de Coimbra e mesmo aos d'Evora e Elvas, que já vimos.

Tem de extensão mais de 5 kilometros e contava 999 arcos, todos de solido granito, quazi todos symetricos, prolongando-se em columna cerrada e quasi em linha recta desde o convento até á raiz da montanha que fecha o horisonte ao norte.

Alem d'este grande convento de freiras, teve a ordem de S. Francisco outro convento de frades n'esta villa.

Era muito mais pequeno,—foi extincto em 1834 — e n'elle se acha installado o *Azylo da Ordem Terceira de S. Francisco*, á qual pertence.

Foi este hospicio ou pequeno mosteiro fundado em 1522.

O pequeno convento dos frades de S. Francisco estava a leste do grande convento das freiras e contiguo á Ordem Terceira.

Tiveram tambem os frades carmelitas um *Hospicio* a O. d'esta villa, com uma pequena egreja e uma cerca mimosa e muito fertil. Foi tambem extincto em 1834 e n'elle funccionam hoje diversas repartições publicas, —o tribunal judicial, a conservatoria, admi-

[1] Foi feito á custa das freiras sob a direcção do architecto italiano Filipe Terzio.

nistração do concelho, escrivania da fazenda, etc. A cerca é hoje um largo publico, denominado *Largo da Alfandega*, revestido de elegantes predios. A egreja é administrada pela confraria de Nossa Senhora do Carmo. Tem uma só nave,—altar mór e 2 lateraes.

—

A egreja matriz é um templo vasto de tres naves e um dos mais perfeitos exemplares d'architectura manoelina que se encontram ao norte do nosso paiz.

Não custava hoje menos de 80 a 100 contos de reis, talvez.

É toda de bella cantaria de granito, com uma soberba frontaria muito ornamentada, e coroam as paredes em toda a sua dimensão duas ordens d'ameias correspondentes ás paredes que formam as suas tres naves.

Interiormente tem capella-mór, duas lateraes formando a cruz latina, — grande numero d'altares com boas decorações de talha dourada recentemente restaurados, — duas ordens de arcaria de granito em que assentam as tres naves,—e sobre o guarda-vento um bom côro com grandes cadeiras d'espaldar, pois tambem foi collegiada, erecta em 1518.

Tem a villa outros muitos templos, taes são os seguintes:

A capella de S. Thiago, a primeira matriz d'esta villa, veneranda pela sua remota antiguidade, erecta no *bairro velho* com a mesma denominação de S. Thiago tambem.

Foi esta capellinha restaurada e accrescentada em 1857 a 1858 e com tão pouco criterio que despedaçaram uma pedra, em que se achava gravada a inscripção seguinte:

SAC . SACR . DIV . JAC . APP . MAI .
EREC . OLIM . TEMP . AZVREI . PRIM .
EDIF . IN . AC . PART . P . CASTR .
—HODIE . RCUP . RELIG . ZELO .
DEV . PIE . ET . VOT . D . MENDO T
BOFINHO . CONDECIUS . ET . DOM. .
HUI . TER . ANNO . KRIS . DOM .
M. C. C. C. XIV.

«*Esta capella é consagrada a S. Thiago Apostolo Maior; erigida n'outro tempo pelos Templarios d'Azurara, foi a primeira edificada n'esta parte do povo de Castro. — Hoje restaurada pelo religiosissimo zêlo, devoção, piedade e voto de D. Mendo Bofinho, conde e senhor d'este territorio. No anno de Christo Nosso Senhor, de 1314.*

Foi esta inscripção copiada e traduzida pelo benemerito sr. padre Thiago Cesar de Figueiredo Mendes Antas e por elle offerecida ao meu antecessor, de saudosa memoria, o sr. Pinho Leal, com a carta seguinte:

Ex.^mo Snr.

....

«Esta capella foi accrescentada em 1857 a 1858, á custa d'alguns devotos, e, quando apeavam a frontaria, copiei essa inscripção da pedra em que se achava e que os pedreiros partiram para metterem em outro logar, picando-a e despedaçando a corôa de conde que a encimava, em alto relevo. A minha curiosidade salvou o que remetto por copia; e pela leitura d'alguns livros tirei essa interpretação, que submetto ao juizo de V. Ex.ª

«Villa do Conde 15 de janeiro de 1883.

«Padre Thiago Cesar de Figueiredo Mendes Antas.»

Bem haja o meu illustrado collega,—bem haja!

—

As outras capellas de Villa do Conde são a de Nossa Senhora da Guia ou de S. Julião, na boca da Barra, lado norte, tambem muito antiga e muito interessante, cercada por uma plataforma e alguns casebres que foram a primeira obra de defesa da barra, muito antes de se construir o pequeno forte contiguo e o castello de que adiante fallaremos.

Tem esta capellinha o tecto apainelado com pinturas a oleo, que alguem attribue a el-rei D. Duarte, e foi ella oratorio dos fundadores do grande convento.

Exteriormente tem um pequeno farol denominado da *Senhora da Guia*.

Capella de S. Roque,—tambem muito antiga. Suppõe-se ter sido fundada por occasião de uma grande peste que assolou esta villa no tempo em que se fez tambem o antigo cemiterio que ainda hoje se nota junto da capella de S. Thiago.

Capella de Nossa Senhora do Soccorro, muito antiga tambem.

Foi fundada por Gaspar Manuel, cavalleiro do habito de Christo e piloto-mór da carreira da India.

É de fórma quadrada, coberta por um zimborio liso redondo e assenta em uma platafórma com vistas esplendidas, dominando o Ave que a banha pelo sul, todo o caes, o seu vasto campo e o estaleiro, a villa, o grande convento, Azurara, o castello e grande extensão do occeano.

É um dos mais interessantes e concorridos miradouros de Villa do Conde.

Capella de Santo Amaro, tambem antiga. Olha para o poente e se ergue na extremidade norte da pequena cordilheira que cinge a leste a villa.

Tem festa e feira, hoje pouco importante, no dia do seu orago — 15 de janeiro,—mas ainda no seculo passado a feira durava 3 dias e 8 em tempos anteriores.

Capella de Santa Catharina—olha para o poente, — ergue-se sobre uma rocha pouco elevada no extremo norte da villa, a oeste da estrada da Povoa de Varzim, na direcção do mar. Tem do lado sul uma porta lateral com galilé cercada de assentos e d'alli se gozam amplas vistas sobre a terra e o mar.

É administrada pelo povo e tambem muito antiga.

Não tem festa nem irmandade propria.

Capella de Santa Lusia.—É um dos templos de mais regular construcção e dos mais modernos da villa, mas estando todos muito limpos e bem tractados, este infelizmente se acha em completo abandono!

É toda de bella cantaria com boa distribuição de ornatos, tem um frontispicio elegante e interiormente tres altares e um *carneiro*, pois era cabeça de um morgado, instituido por Martim Vaz de Villas Boas.

Capella de S. Bento—não é muito antiga e foi tambem cabeça de um morgado instituido por Manuel Barbosa, natural de Villa do Conde.

Capella do Espirito Santo—está em frente da egreja da Misericordia e foi tambem cabeça de um morgado, instituido pelo abbade de Ballasar.

Não tem confraria e é zelada pelos visinhos.

Capella de S. Sebastião. — Era bastante antiga e foi sempre administrada pela camara, que a mandou demolir em 1859, para o alinhamento e construcção da nova estrada a macadam d'esta villa á Povoa de Varzim, mudando-a para o cemiterio publico, onde se acha.

Estava na boca da rua de S. Sebastião, que tomou o nome da vetusta capella e suppõe-se que era tão antiga como a de S. Roque.

Capella do Senhor da Agonia, — fronteira aos paços do concelho.

É bastante antiga e foi cabeça d'um morgado instituido por um ascendente do dr. Eusebio da Novoa Sarmento, medico residente no Porto pelos fins do seculo passado, e já então tinha confraria propria.

—

Ha tambem n'esta villa mais tres egrejas — a da Misericordia, a dos Terceiros de S. Francisco e a de Nossa Senhora da Lapa.

A egreja da Misericordia foi fundada, bem como a irmandade que a representa, em 1525, no local onde existia desde tempos muito anteriores a capella do Anjo.

É um templo espaçoso, singelo mas elegante, de uma só nave com as paredes interiormente forradas d'azulejo, côro sobre o guarda-vento, altar-mór e 4 lateraes, um de Nossa Senhora da Piedade, outro do Senhor dos Passos, outro do Senhor *Ecce Homo* e outro do Bom Pastor.

Toda a esculptura dos retabulos é simples, mas decente — e a egreja está muito limpa e bem conservada.

Tem contigua a casa das sessões da mesa ou do *despacho*, coeva da egreja, concluida porém mais tarde.

Na frente da egreja ha um pequeno adro com um grande cruzeiro de granito — e a poucos passos de distancia do lado N. O. se ergue o hospital da Misericordia, fundado em 1634 por Diogo Pereira e sua mulher Filippa Nunez, naturaes de Ponte Vedra, na Gallisa, e por elles dotado com a somma de 444$000 réis de juro.

Da frente d'este hospital e da egreja da Misericordia vai hoje em linha recta até á beiramar uma ampla rua, denominada de

Bento de Freitas, recentemente construida para serviço da nova praia de banhos, tendo a dicta rua na sua extremidade oeste, junto da praia, dous bellos renques de casas parallelas destinadas para os banhistas e feitas por uma *Companhia Edificadora*, formada *ad hoc*; esperando que a concorrencia dos banhistas a indemnisaria de toda a despeza, o que infelizmente não se deu até hoje; não obstante a companhia ainda não perdeu as esperanças de realisar o *desideratum*.

A egreja dos Terceiros de S. Francisco — ergue-se a poucos metros de distancia do grande convento de Santa Clara, para o norte, — é bastante antiga e pouco espaçosa,— tem uma linda portada, estylo renascença— e d'este templo sae todos os annos a procissão de cinza com muitos andores, muitos *anjos*, e muitos irmãos *terceiros*.

É absolutamente a primeira procissão da villa e do concelho, muito concorrida pelos fieis das circumvisinhanças, nomeadamente da Povoa de Varzim e do Porto, depois que se fez a linha ferrea do Porto á Povoa e Famalicão, estabelecendo sempre varios comboyos a preços reduzidos e sempre regorgitando de fieis e forasteiros n'aquelle dia para verem tão apparatosa procissão.

Egreja de Nossa Senhora da Lapa—construida no proprio local onde esteve a antiquissima capella de S. Bartholomeu, na extremidade N. E. da villa, ao lado norte da estrada municipal a macadam que da villa conduz á freguezia de Ferreiró, mas que deve proseguir até Villa Nova de Famalicão.

É um templo espaçoso e elegante com duas torres na frente, muito bem situado em alta e vistosa planicie e com uma ampla e formosa avenida que lhe dá ingresso. Olha para o poente; — tem do lado norte casas para o sacristão e na retaguarda um pequeno cemiterio.

Temos no nosso paiz centos de egrejas parochiaes muito inferiores a esta.

Foi sempre do povo e da administração publica e data a sua ultima reconstrucção do 3.° quartel do seculo XVIII.

—

A barra é estreita e só permitte entrada a navios de pequena lotação. Defende-a um forte, denominado *castello*, com cinco baluartes, principiado no seculo XVI por ordem de D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte e neto d'el-rei D. Manuel.

Fez o risco e dirigiu a obra Filippe Terzo, architecto italiano que esteve ao serviço de Filippe II de Hespanha, pelo que alguns escriptores attribuem a este soberano a edificação d'aquelle forte.

Pelos annos de 1624, pertencendo já então o senhorio d'esta villa á casa de Bragança, mandou o duque D. Theodosio II continuar as obras da fortaleza que vieram a concluir-se durante as guerras da restauração do reino.

Um operario que trabalhava nas dictas obras achou alli, no anno de 1636, uma bella saphira que vendeu ao conego Belchior Maio. Este vendeu-a na cidade do Porto por vinte e cinco mil réis a um estrangeiro que a levou a Paris, onde dizem que a vendera por *setenta mil crusados!...*

Na mesma occasião appareceram mais algumas saphiras, mas todas de menos valor.

Antes da fundação d'este castello havia para defesa da barra apenas uma platafórma com 4 peças, junto da capella de Nossa Senhora da Guia, já por nós mencionada.

—

Villa do Conde é povoação muito farta e saudavel. Os seus habitantes pela maior parte se empregam no commercio e nas pescarias e, antes da lastimosa decadencia da nossa marinha mercante, muitos se empregavam tambem na construcção do grande numero d'embarcações que pejavam o seu estaleiro, hoje quasi sempre nú!

Tambem é muito importante ainda hoje n'esta villa a industria das formosas rendas de bilros, em que se empregam centenares de mulheres desde a idade de cinco annos, o que lhes dá uma certa delicadeza e distincção de maneiras, mesmo ás filhas do povo.

Villa do Conde, Vianna do Castello e Peniche são as tres povoações do norte do nosso paiz em que se fabricam em maior escala as dictas rendas, sendo porém as de Peniche muito superiores absolutamente a

todas as de Portugal em mimo, variedade e perfeição.

Em Villa do Conde e Vianna apenas fazem fitas de renda, de 2 centimetros a 2 decimetros de largura e do preço de 100 a 1$500 réis o metro,—emquanto que em Peniche fazem com bilros por vezes fitas de meio metro de largura até o preço de tres libras (13$500 réis) por metro corrente. E, além das fitas, fazem tambem lenços, punhos, golas, almofadas, travesseirinhas [1], cobertas para guarda-soes de senhora, chailes de fio de seda no valor de 200 a 300$000 réis cada um e toalhas para altares com as imagens dos santos a que se destinam, desenhadas e executadas a bilros, — trabalho admiravel e difficillimo, que faz o espanto de nacionaes e estrangeiros [2]!...

—

As producções principaes dos arredores d'esta villa são trigo, centeio, milho, cebolas, vinho verde ou *de enforcado*, fructas e hortaliça.

Tem uma feira annual, a de Santo Amaro, no dia 15 de janeiro, e 4 mensaes, nos dias 3, 12, 20 e 27 de cada mez, — todas muito concorridas e muito abundantes, nomeadamente de gado bovino, cereaes, louça branca e amarella nacional, artigos de tenda, aprestes de lavoura e peixe secco.

N'ellas se ostenta o typo sympathico e vigoroso das lavradeiras do Minho, carregadas de saias, saiotes e cordões d'ouro com pequenos chapeus de panno enfeitados com espelhos, fitas, pennas de côres e flores artificiaes,—grandes lenços de seda e algodão com ramagem de côres vivas ou brancos de cambraia, bordados a rétalho, e pequenas chinelas ponteagudas, de couro ou de verniz.

Entre o castello e a capella de Nossa Senhora da Guia se vê na praia uma pyramide que commemora a chegada da esquadra do sr. D. Pedro IV, duque de Bragança, no dia 8 de julho de 1832, e o desembarque de Bernardo de Sá Nogueira, depois marquez de Sá da Bandeira, enviado pelo imperador, como parlamentario ao brigadeiro realista José Cardoso que se achava a pequena distancia com a sua brigada, convidando-o para se unir aos defensores da liberdade e do throno de D. Maria II,—convite que aquelle brigadeiro recusou altivamente, mas, em virtude de instrucções superiores, longe de se oppôr ao desembarque, marchou sobre o Porto, deixando a praia livre.

O monumento ou obelisco é uma das duas pyramides que se erguiam á entrada da avenida da grande ponte de pedra, mandada fazer por D. Francisco d'Almada sobre o Ave e que desabou no dia 11 de janeiro de 1821, como já dissémos. A outra pyramide lá se conservou até o mez de julho d'este corrente anno, data em que a camara mandou apeal-a e demolir a avenida que se prolongava de poente a nascente na margem direita do Ave, quando tractava da construcção e nivelamento da nova estrada que da villa conduz á estação da linha ferrea.

A pyramide ou monumento erguido á beira-mar é de granito, tem quatro faces, e 5m,50 d'altura, desde o chão até á cuspide, que era encimada por uma corôa real, tambem de granito, mas ha annos, uma faisca electrica despedaçou-a com a extremidade superior da pyramide, arrojando os fragmentos a distancia.

Assim se conserva o pobre monumento!...

Levantou-se este padrão por iniciativa de Antonio José d'Avila (depois duque d'Avila e Bolama) sendo governador civil do Porto, e por iniciativa sua se ergueu tambem outro padrão analogo na praia de Pampelido ou do *Mindello*, onde desembarcou o exercito libertador, no mesmo dia 8 de julho de 1832, um pouco ao sul de Villa do Conde [1].

—

A passagem sobre o Ave, entre esta villa e a margem opposta é feita por uma ponte

[1] Tenho eu uma com as minhas iniciaes, toda feita com bilros e linha de Guimarães. E' muito linda, mas custou-me 13$500 réis!...

[2] V. *Peniche* n'este diccionario e no *supplemento*.

[1] V. *Mindello*, vol. 5.º pag. 235, col. 1.ª— e *Lavra*, vol. 4.º pag. 59, col. 2.ª

de madeira que se construiu depois que desabou a grande ponte de pedra. Anteriormente á construcção da grande ponte era feita em uma barca que crusava entre o *caes das lavandeiras*, contiguo á velha capellinha de S. Thiago — e à entrada sul da ponte actual de madeira.

Cortava o Ave em angulo obliquo, porque ainda ao tempo não existia o grande caes que formou o *campo da feira*, enxugando com o aterro um braço do Ave que se estendia para o norte, na direcção da estrada actual da Povoa de Varzim, até ás proximidades da Capella de Santo Amaro.

Ainda em 1860 vivia na rua de S. Sebastião d'esta villa o mestre pedreiro que lançou a primeira pedra na obra do caes. Era appellidado o *Mansinho* e falleceu contando mais de noventa e tres annos de idade.

Tambem ainda hoje existem n'esta villa mulheres appellidadas *as barqueiras* por descenderem da ultima familia que trouxe arrendada a velha barca da passagem muitos annos.

Junto do *caes das lavandeiras* ou do lagedo onde abicava a dicta barca do lado da villa, estava um nicho com a imagem do Redemptor, denominado *nicho do Senhor das Pautas*, porque nas costas d'aquelle nicho costûmavam afixar-se as *pautas* com os preços e regulamentos da passagem.

Quando se fez a ponte actual de madeira transferiu se o mencionado nicho para a avenida ou entrada norte d'ella, e conserva ainda hoje (1884) bem vizivel a inscripção seguinte que prova o que levamos exposto:

TAXA DA
PASSAGE
CADA P.ª
M.º REAL
BESTA MAY
OR HO REAL
BESTA MEN
OR M.º REAL
OS DONOS
DELLAS NA
DA NEM OS
M.res DESTA
VILLA
SOB AS PE
NAS DO FO
RAL
1634

—

Esta villa teve foral dado por D. Diniz em Lisboa a 10 de fevereiro de 1296. *Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Diniz* f. 119, v. col. 1.ª—e D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa tambem, no dia 10 de setembro de 1516. *Liv. de Foraes Novos do Minho*, f. 14, v. col. 1.ª

Foi esta villa muito estimada e considerada por D. Manuel, como provam o foral que lhe deu, a soberba egreja matriz com que a ornou e os paços do concelho que ainda hoje existem e conservam a esphera armilar e a cruz da ordem de Christo, signaes que se vêem em todos os edificios mandados fazer pelo rei venturoso.

Esta villa teve sempre muita nobreza e desde remotas eras produziu muitas pessoas notaveis.

Poderiamos citar uma extensa lista d'essas pessoas, mas, como este artigo já vai longo, no *supplemento* a daremos, bem como outras noticias que prendem com ella e que agora omittimos.

Por decreto de 23 de maio de 1867 foi annexada a esta villa a velha parochia de Formariz, cujo orago é S. Pedro Apostolo,

Em 1768 era abbadia da apresentação do abbade de Touguinhó, contava 14 fogos e rendia 30$000 réis.

V. *Formariz*, vol. 3.º pag. 215, col. 1.ª

Tem este concelho :

Superficie em hectares...........	12:775
População — fogos..............	5:426
» — almas...............	23:660
Freguezias.......	31
Predios inscriptos na matriz......	21:748

Nas antigas cortes d'esta villa tinha assento no banco oitavo—e o seu brasão d'armas é uma nau á véla em mar azul.

—

A freguezia de Formariz, hoje annexa á de Villa do Conde, está situada ao norte do rio Ave e ao norte da villa, distante d'esta cerca de 800 metros, 50 da margem direita do Ave, cerca de 1 kilometro da freguezia de Touguinha e 100 a 200 metros da freguezia da Retorta, mettendo se de permeio o Ave.

No chão de Formariz se edificou na margem direita do Ave uma grande fabrica de fiação e tecidos pela companhia denominada —*Industrial e agricola portuense.*

Formou-se esta companhia em 1 de junho de 1875 e no mez de julho do mesmo anno deu principio ás obras, conservando as azenhas para moagem que alli existiam e existem.

O seu capital é de trezentos contos.

A fabrica é movida pelo Ave. A dicta companhia comprou todo o passal da extincta parochia e destinou a casa da residencia para habitação dos seus operarios.

Junto do convento de Santa Clara tinham as freiras um grande açude com um grupo d'azenhas para moagem de cereaes, mas ha annos o dr. Faria, de Villa do Conde, comprou as dictas azenhas e lhes addicionou, para servir no tempo da estiagem, uma machina a vapor e moinhos correspondentes.

VILLA CORTEZ DA ESTRADA—ou *Villa Cortez da Serra* — freguezia do concelho e comarca de Gouvêa, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Conceição,—fogos 160,—almas 674. É priorado.

Em 1768 pertencia ao bispado de Coimbra, — contava 91 fogos, — rendia 160$000 réis — e era da apresentação dos condes de Mello.

Para se distinguir da parochia de *Villa Cortez do Mondego*, d'esta mesma diocese, denomina-se Villa Cortez da *Estrada*, porque demora na estrada real de Celorico da Beira para Coimbra, pela ponte da *Murcella* e Oliveira do Hospital,—ou Villa Cortez da *Serra* por estar a pequena distancia do pendente N. O. da serra da Estrella.

Algumas chorographias, entre ellas o *Diccionario abreviado* de J. A. d'Almeida, dão-lhe como orago *Nossa Senhora da Expectação*, mas o *Portugal Sacro e Profano*, os Censos de 1864 e de 1878 e o *Mappa das Dioceses*, publicado em 1882, dão-lhe como orago *Nossa Senhora da Conceição.*

—

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia pertenceu ao concelho e termo de Linhares, mas que extincto este concelho por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o de Gouvêa.

Isto não é absolutamente exacto.

A povoação de Villa Cortez, séde d'esta parochia e a unica que a constitue, posto que é uma povoação compacta, dividia-se d'um modo curioso em differentes grupos ou bairros — um pertencente ao termo da extincta villa de *Linhares*,—outro ao termo da extincta villa de *Folgosinho* — e outro ao termo da villa de *Gouvêa*. Ainda hoje (1884) n'esta povoação se distiguem aquelles 3 grupos de casas, bem como os seus habitantes, dizendo-se: — *estes são do termo de Gouvêa*, — *aquelles são do termo de Folgosinho*. No termo de Linhares já se não falla.

As suas freguezias limitrophes são — *Figueiró da Serra*, a 4 kilometros de distancia,—*Villa Ruiva*, a 2:500, — *Villa Franca da Serra*, a 4,—a villa de *Cabra*, a 5, mettendo-se de permeio o valle d'Arinte,—*Nabaes, Nabainhos* e *Mello*, a 4 kilometros, — *Folgosinho* a 6 — e Freixo da Serra a 4.

Dista de Gouvêa 9 kilometros para N. E. — da estação de Gouvêa ou da de Fornos d'Algôdres, na linha da Beira Alta, 7 kilometros,—6 da margem esquerda do Mondego, — 41 da Guarda para O. pela estrada a macadam.—65 pela linha ferrea (estação de Fornos d'Algodres) — 152 da cidade da Figueira (pela linha ferrea, estação de Gouvêa)—207 do Porto—e 332 de Lisboa.

—

Esta freguezia é pouco saudavel por estar em planicie funda, no sopé da serra da Estrella e na margem direita de uma grande ribeira, formada pelas de Mello e do Freixo que fazem juncção na grande ponte de pedra da estrada a macadam de Celorico a Coimbra,—estrada que toca n'esta povoação, do lado sul, e a separa da sua egreja matriz, correndo de leste a oeste.

As dictas ribeiras, por occasião das chuvas e do desgêlo da grande serra proxima, avolumam d'um modo espantoso com a grande quantidade d'agua que se despenha da serra em torrentes e inundam parte da povoação e da campina marginal, causando por vezes prejuizos consideraveis e compromettendo a salubridade publica.

Tem havido aqui epidemias devastadoras, matando familias inteiras e deixando casas deshabitadas!...

A egreja parochial é um templo espaçoso e elegante, muito vantajosamente situado a cavalleiro da estrada a macadam e da povoação, em sitio relativamente alto, alegre e vistoso.

Foi mandada fazer nos fins do ultimo seculo ou principios d'este pelos condes de Mello, donatarios d'esta parochia e que apresentavam o seu prior.

Tem altar-mór com um bello retabulo de talha dourada e tres lateraes,—côro sobre o guarda-vento, torre com 4 sineiras, muito elegante e bem acabada, cemiterio em volta de toda a egreja,—ampla escadaria que dá entrada para o cemiterio—e outra d'este para a porta principal da egreja.

Circumdam o cemiterio ciprestes e oliveiras—e ha na egreja duas irmandades—uma do Santissimo, que é a fabriqueira,—e outra do Senhor das Almas.

No centro da povoação ha uma capella de S. Bartholomeu, que foi a *velha matriz* e teve festa propria e grande feira, em outros tempos, no dia de S. Bartholomeu, 24 d'agosto.

—

Ha n'esta parochia um edificio brasonado, antigo, pertencente á familia Mendonças, de Freches, no concelho de Trancoso; entre os não brasonados os que mais avultam hoje são os seguintes:—um de Joaquim Tavares Ferreira, pae de 3 presbyteros, sendo dous formados em direito,—outro de Francisco Maria, de Sandomil,—e outro dos herdeiros de Ruy d'Almeida, que foi negociante e deixou boa fortuna. Este ultimo é o melhor e mais moderno.

Além das ribeiras já mencionadas e que, depois de se fundirem em uma só, desaguam no Mondego, junto da povoação, antiga villa de *Cábra*, banha esta freguezia o ribeiro do *Ollo*, cerca de 500 metros ao norte e pouco importante.

Na grande ribeira ha duas pontes de pedra,—uma mesmo na povoação de Villa Cortez,—outra alguns metros a montante, feita pelas obras publicas na estrada real a macadam—e dous pontões tambem na povoação para serventia do pequeno bairro que foi e ainda hoje se chama *termo de Folgosinho.*

Ha tambem na grande ribeira 3 moinhos de pão, 1 lagar d'azeite, 1 fabrica de fiação de seda, que foi de Ruy d'Almeida,—e outra de queimar vinho, pertencente a Joaquim Tavares Ferreira.

Houve tambem aqui n'outros tempos um bom estabelecimento de tinturaria, a que o povo chamava e chama o *Tinte*. D'elle restam hoje apenas uns grandes casarões e grandes fornalhas, tudo em ruinas.

—

Esta parochia nunca foi villa, mas gosou de todos os privilegios das villas de Gouvêa, Folgosinho e Linhares a cujos termos pertencia, como já dissémos. D'ellas se fallou já n'este diccionario e se fallará mais detidamente no *supplemento.*

Ha no limite d'esta parochia um pequeno morro denominado *Castelejo*, que se suppõe ter sido *atalaia* em tempos remotos,—e n'elle uma cavidade denominada *capella dos moiros.*

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

As suas producções principaes são—milho, feijões, batatas, vinho e azeite. Exporta todos estes artigos em quantidade. Tambem produz muita hortaliça, com que abastece os mercados de Gouvêa,—muito queijo que vende para o Porto e Lisboa, onde é bem conhecido por *queijo da serra da Estrella,*—centeio para consumo e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

Como passava n'esta freguezia a antiga estrada militar, que é, com pequenas variantes, a mesma estrada nova a macadam, soffreu muito esta povoação com os movimentos de tropa, principalmente na guerra peninsular, quando o exercito francez, commandado por Massena, retirava das linhas de Torres Vedras pela ponte da Murcella e Celorico da Beira para a Hespanha.

Occuparam litteralmente esta povoação durante a passagem de todo o exercito e aqui tiveram um hospital de sangue na casa dos

Sequeiras Corte-Reaes, pagando-lhes generosamente incendiando-a, bem como grande parte d'esta povoação, quando se retiraram.

A tradição local ainda conserva muitas recordações d'aquelle tempo e entre ellas a lenda seguinte:

Em certo recontro que os francezes tiveram com o exercito anglo-luso na *Carrapichana*, um soldado da cavallaria franceza recebeu tal golpe no pescoço que lh'o cortou, ficando a cabeça pendente sobre as costas,—e, partindo o cavallo á desfilada sem governo, só parou junto d'esta povoação, trazendo na sella o cavalleiro decapitado!...

A freguezia da Carrapichana está tambem na mesma estrada de Celorico, que atravessa Villa Cortez, mas distante cerca de 4 kilometros para leste.

Diz tambem a tradição local que no sitio da *Coutada*, pequeno cabeço nos limites d'esta parochia, houvera em tempos remotos um *vulcão* ou *olho marinho*, de tal ordem que levou d'envolta um espaçoso tracto de terra com arvoredo, inclusivamente um castanheiro, indo parar tudo na ribeira proxima, a distancia de 200 a 300 metros.

Assim o affirma a tradição local, mas *quem não acreditar não pecca.*

Ao rev. sr. José Nunes Morgado, digno prior d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA CORTEZ DO MONDEGO — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Priorado. Orago S. Sebastião, — fogos 91, —almas 365.

Em 1708 contava 67 fogos, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*; — o *Portugal Sacro e Profano* em 1768 deu-lhe 62 fogos e 100$000 réis de rendimento,— e J. A. d'Almeida em 1866 deu-lhe 185 fogos, o que foi erro typographico por certo. Suppomos que o benemerito auctor do *Diccionario chorographico abreviado* escreveu—85.

O seu prior era collado e da apresentação da corôa em 1768, mas até 1758 foi da apresentação dos marquezes de Gouvêa, condes de Portalegre e por ultimo, para sua desgraça, tambem duques d'Aveiro, tornando-se os fidalgos mais ricos e poderosos que Portugal teve no ultimo seculo.

> Tudo perderam com a propria vida—e não só os duques d'Aveiro, marquezes de Gouvêa, mas os marquezes de Tavora, condes d'Athouguia e muitos dos seus familiares, no dia 13 de janeiro de 1759, em seguida ao attentado contra D. José I, na noute de 3 de setembro de 1758.
>
> V. *Chão Salgado*, vol. 2.º pag. 271, col. 1.ª e seg.

—

Os marquezes de Gouvêa foram senhores e donatarios das villas de Gouvêa, Vallezim, Villa Cova a Coelheira, Celorico, etc. etc. e por isso apresentavam o prior d'esta freguezia de Villa Cortez do Mondego, porque pertencia ao termo de Celorico.

V. *Gouvêa* n'este diccionario (vol. 3.º pag. 312, col. 2.ª) e no *supplemento*, onde ampliarei consideravelmente aquelle artigo.

O padre Carvalho diz que o orago d'esta parochia de Villa Cortez era S. Domingos em 1708,—e o mesmo orago lhe deu D. Luiz Caetano de Lima em 1736, — mas o *Port. Sacro e Prof.* em 1768 e todas as chorographias e publicações officiaes posteriores lhe deram como orago *S. Sebastião.*

Esta parochia é formada por uma unica povoação —*Villa Cortez* — situada a 1 kilometro da margem esquerda do Mondego, a 11 da Guarda para N. N. O. — e a 8 de Celorico para E. S. E.

Comprehende as quintas da Banha e Insua—e os moinhos da Videira, Lage, Entre Aguas e Lagarteira.

As suas producções dominantes são vinho, azeite e cereaes.

VILLA COVA—freguezia do concelho e comarca de Fafe, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia — orago S. Bartholomeu, — fogos 110,—almas 481.

Em 1706 já era abbadia do padroado real pertencente á grande comarca de Guimarães, contava apenas 40 fogos e estava unida

ao arcediagado de Guimarães, que tinha o titulo de *Villa Cova*;—em 1736 pertencia á mesma comarca de Guimarães,—já contava 89 fogos e e 225 habitantes, — em 1768 era tambem abbadia do padroado real,—contava 94 fogos e rendia 450$000 réis;—nos principios d'este seculo pertenceu ao concelho e julgado de Celorico de Basto, comarca de Fafe;—em 1840 pertencia ao concelho e comarca de Guimarães — e, por decreto de 31 de dezembro de 1853, passou para o concelho e comarca de Fafe.

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, o logar de *Villa Cova, Assento* ou *Egreja* está situado na margem direita do rio Vizella, do qual dista 1 kilometro para N. O. —e 7 de Fafe para o N.—17 de Guimarães, 73 do Porto e 410 de Lisboa.

Comprehende mais esta freguezia os logares ou povoações de Vallado, Lameira, Passos, Cotelhe, Outeiro, Toutiço, Casaes, Padinho, Crujeira, Valdelhe, Lamas, Bairro, Moure, Castanheira, Sancha, Rio, Loureiro, Fornello, Portella, Boa Vista, Calçada, Carvalhal, Quinta Má, Portellinha, Aidro e Lata.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam de Guimarães para Celorico de Basto, passando a meio da villa de Fafe e da povoação da Lameira, que está em sitio alto, alegre e vistoso, mas muito frio no inverno.

As suas producções dominantes são—vinho verde, cereaes e lã, pois tambem cria gado lanigero.

—

Nasceu n'esta freguezia, nos principios d'este seculo, o famigerado salteador e assassino Manuel Joaquim Lopes Queijo, sapateiro, que fixou a sua residencia na freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto.

Foi preso e julgado por arrombamento e roubo feito na casa e quinta de Manuel Joaquim da Motta, — por assassinar o dito Manuel Joaquim da Motta,—por ferir e roubar Manuel Matheus, — por assassinar Antonio Teixeira Tendeiro,—por usar d'armas defesas — e por extorquir dinheiro a differentes pessoas com armas e ameaças.

Em audiencia geral, de 6 de junho de 1838, no julgado de Celorico de Basto, presidida pelo juiz de direito da comarca de Fafe, foi condemnado á pena de morte na forca, que para isso deveria erguer-se na praça da villa de Freixieiro, sendo-lhe em seguida cortada a cabeça e suspensa alli mesmo em um poste.

O reu appellou, e por accordão da Relação do Porto, com data de 15 de fevereiro de 1839, foi confirmada a sentença da 1.ª instancia. Interpoz ainda recurso de revista, que lhe foi negado por accordão do supremo tribunal de 18 de novembro do mesmo anno; —e por portaria de 11 de junho de 1840 se communicou ao presidente da relação do Porto que S. M. ouvido o conselho de ministros, houve por bem que a sentença se cumprisse.

Foi justiçado em 11 de julho de 1840 na villa de Freixieiro.

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

No *supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Freixieiro* circumstanciada noticia d'este infeliz, extrahida por nós dos proprios autos.

Foi este o 4.º dos ultimos (16) individuos justiçados por crimes communs ao norte do nosso paiz, depois de 1834. Veja-se este vol. 10.º pag. 604 e seg.

VILLA COVA—freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Thiago Apostolo,—fogos 107,—almas 470.

Em 1706 contava apenas 54 fogos e era da apresentação dos frades Jeronimos do convento de Belem, mas em 1768 já contava 62 fogos e era vigairaria da mesma apresentação dos Jeronymos, que davam ao pobre parocho apenas 19$000 réis e o pé d'altar.

Foi uma das muitas parochias que formavam o termo da antiga comarca de Villa Real. Em 1840 pertencia ao concelho de *Ermêllo*, de que já se fallou no vol. 3.º pag. 45, col. 2.ª — concelho extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, passando em seguida para o de Villa Real.

É hoje parochia independente, mas já esteve annexa á freguezia de *Quintã*, com a qual confina pelo sul,—com a de *Bardelhas*

pelo norte,—com a de *Villa Marim* pelo nascente — e com a de *Campanhó*, do concelho de Mondim de Basto, pelo poente.

Está situado o logar de *Villa Cova*, séde d'esta freguezia, ao norte da estrada real de Villa Real para Amarante, pela Campeã e Padornello,—estrada hoje ampla, suave, macadâmisada e das mais bem traçadas que tem o nosso paiz, emquanto que a estrada velha foi uma das mais concorridas, mais desabridas e medonhas!

O antigo traçado seguia pelo alto da serra, desde a Campeã até Ovelha do Marão, atravessando muitos kilometros com tanta altura de neve, durante mezes, no inverno, que ali pereceram muitos viandantes, almocreves e correios, pois foi até o meiado d'este seculo a estrada principal e mais seguida do Porto e do Minho para Traz-os-Montes.

Suppõe-se até que a freguezia de *Ovelha do Marão*, em que tocava a velha estrada, principiou por uma especie de *albergaria* para abrigo dos desgraçados viandantes e que pelos serviços, *bemfeitorias* ou *benefactorias* que lhes prestava em tão ermas e desabridas paragens (recorda-nos o convento de S. Bernardo, nos Alpes) os nossos primeiros reis lhe deram o titulo e privilegios especiaes de *beetria*,—titulo e privilegios de que se ufanam apenas 10 povoações em todo o nosso paiz!...[1]

—

O novo traçado não entra, como o antigo, na povoação da Campeã; passa a cavalleiro d'ella, pelo sul, e desce logo em ziguezagues suavissimos pelo primeiro valle abaixo, fugindo da serra do Marão, que atravessa rapidamente, deixando a grande distancia a humilde parochia e *beetria* da Ovelha.

A antiga estrada era uma medonha sequencia de barrancos e precipicios — em quanto que a nova estrada, feita approximadamente em 1860 a 1870, é ampla e suave e foi servida por boas diligencias, que trabalharam entre o Porto e Villa Real até que se inaugurou a linha ferrea do Douro, acabando com aquellas diligencias e com as que desde 1857 trabalhavam (por vezes 3 ao mesmo tempo) entre o Porto e a Regoa, por Penafiel, Casaes, Amarante, Quintella, Mezãofrio e Rede[1].

As diligencias, *galéras* e *carros mattos* acabaram com as liteiras, arrieiros e almocreves;—os caminhos de ferro vão acabando com as diligencias—e, por seu turno, outro systema de viação acabará com os caminhos de ferro.

Le monde marche!...

Esta freguezia de Villa Cova dista de Villa Real 10 kilometros para O. N. O. — 38 da linha ferrea do Douro (estação da Regoa)— 142 do Porto—e 479 de Lisboa.

O seu clima é frio e aspero;—as suas producções dominantes são cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Em dezembro de 1881 foi concedida por tempo illimitado a Maximiliano Schereck a propriedade de uma mina de chumbo, situada no Valle de *Cieio* (?) n'esta freguezia.

VILLA COVA e **BANHO**—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria;—oragos Santa Maria e o Salvador, — fogos 300, — almas 1:291, — comprehende a freguezia de *Villa Cova*, propriamente dicta, e a de *Salvador do Banho*, sua annexa desde antes de 1840, da qual já se fallou no vol. 1.º pag. 316, col. 2.ª (*Vide*).

Esta freguezia de Villa Cova em 1706 contava 200 fogos;—tinha por orago Santa Maria,—era commenda da ordem de Christo e reitoria da apresentação da mitra, rendendo

[1] V. *Ovelha do Marão*—vol. 6.º pag. 371, col. 2.ª—*Villa Marim*, freguezia do concelho de Mezãofrio, n'este diccionario — e *Beetria* no supplemento.

[1] Em todo o nosso paiz não ha nem houve caminho para diligencias peior do que era este!

Desde Amarante até o alto de Quintella (15 kil.) — e desde a Rede até o dicto alto (outros 15 kil.) ha declives de 10 a 12 por cento, pelo que as diligencias na subida eram morosamente arrastadas por 2 juntas de bois — e na descida largavam os bois e fugiam sempre em carreira vertiginosa, desde Quintella até á Rede e Amarante, *quando não ficavam despedaçadas pelo caminho*, o que succedeu muitas vezes!...

para o parocho 140$000 réis — e 600$000 réis para o commendador.

O *Portugal Sacro e Profano*, publicado em 1768, diz que esta parochia tinha como orago Nossa Senhora da Expectação,—rendia réis 150$000 e contava 173 fogos.

Está situado o logar de Villa Cova 3 kilometros ao norte da estrada real de Esposende á villa de Barcellos, da qual dista 9 kilometros para O. N. O.—4 da margem do Cavado para N.—10 da beiramar (foz do Cavado) para E.—28 de Braga (pela linha ferrea) para O.—60 do Porto e 388 de Lisbọa·

Passa a N. E. a estrada real a macadam do Porto a Valença por Barcellos e Vianna do Castello, — bem como a linha ferrea do Minho.

As suas producções dominantes são — vinho de enforcado, cereaes, e madeiras, que exporta em quantidade.

Além da povoação de *Villa Cova*, séde da egreja matriz, comprehende esta freguezia as povoações de Samo, Xate, Mereces, Outeiro, Portella e Banho.

—

Nos montes de *Mereces* tem uma das suas nascentes o pequeno rio *Agro do Banho* e outra nos montes da freguezia de S. Claudio. É pobre no verão, mas no inverno, com as chuvas, torna-se caudaloso, trasborda e inunda os campos marginaes. Na sua maior extensão é placido, mas em alguns sitios, por ter margens fragosas e asperas, a sua corrente é muito precipitada.

Cria trutas, escallos, eiroses e *panchorcas* —e desagua na margem direita do Cavado [1], onde chamam o *Rio-grande da Barca do Lago*, um pouco a jusante do vau do *Rio Grande*, limite da freguezia de *Geneses*.

[1] J. A. d'Almeida disse que desagua no *Lima*. Foi lapso. E, fallando da freguezia do *Banho*, annexa hoje a esta de *Villa Cova*, disse que «tem uma ponte de pedra de dez arcos sobre o *Vouga*.»

Confundiu a freguezia do *Banho*, na margem direita do *Cavado*, com a extincta e antiquissima *villa do Banho*, onde brotam as celebres aguas thermaes de *S. Pedro do Sul*, na margem esquerda do *Vouga*.

Solatium est miseris socios habere!...

Esta freguezia de Villa Cova foi mosteiro de freiras benedictinas, em tempos muito remotos, e n'elle foi abbadessa no reinado de D. Diniz uma filha de Paio de Moles Corrêa, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas nem a *Benedictina Lusitana*, nem a *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* fazem menção de tal convento.

Extincto o dicto convento passou esta freguezia a ser commenda da ordem de Christo e reitoria da mitra.

Freguezias limitrophes — Perelhal, Geneses, Palme e Feitos, Palmeira do Faro e Villar do Monte.

Templos—a egreja matriz actual,—a matriz velha em ruinas,—a capella publica de S. Braz—e as particulares, de S. João, no casal dos Curvos, e a de Nossa Senhora, de Luiz dos Santos Portella.

Em tempos remotos existiu tambem no monte de S. Mamede uma capella dedicada ao santo d'este nome.

Edificios brasonados—a casa nobre (em ruinas) na quinta da *Espinheira*, da viscondessa d'Azevedo.

Industria local—azenhas para moagem de cereaes e uma fabrica de serrar madeira, movidas por agua.

Escolas—uma official de instrucção primaria para o sexo masculino.

VILLA COVA DE CARROS—freguezia do concelho e comarca de Paredes, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia,—orago S. João Evangelista,—fogos 70—almas 295.

Em 1706 já era abbadia da apresentação do mosteiro de Cête, *com reserva*, contava 66 fogos, rendia 200$000 réis e pertencia á *beetria* de Louredo, julgado d'Aguiar de Sousa, na antiga comarca do Porto.

Em 1768 era da apresentação alternativa do Papa, da mitra e do collegio dos eremitas de Santo Agostinho (gracianos) de Coimbra.

Pertenceu á comarca de Penafiel até 1875, data em que se creou a comarca de Paredes.

Comprehende as aldeias seguintes: — Egreja, Cruz, Outeiro, Cavada, Cimo de Villa, Villa Meã, Corujeira, Granja, Gran-

jão, Seixo, Olho do Mouro, Cavadinha, Ribeiro, Fermentões e as quintas ou casaes de *Cima de Villa*, de D. Custodia Maria de Jesus, *Ribeiro*, de Luiz Coelho Leal, *Granjão*, de Antonio Guimarães, de Penafiel, e *Fermentões*, de D. Margarida Maria da Torre, de Braga.

Freguezias limitrophes—Besteiros a E.— S. Romão de Mouriz a S. — Baltar a O. — e Vandoma a N.

Dista de Paredes (séde do concelho e da comarca) 5 kilometros—10 de Penafiel—40 do Porto e 377 de Lisboa.

—

Actualmente não entra n'esta freguezia estrada alguma a macadam; deve porém atravessal-a uma estrada districtal, já estudada, que partindo da de Paredes a Paços de Ferreira (do sitio do *Barro Branco*) a deve ligar com a que está em construcção de Cétte (estação do caminho de ferro do Douro) a Mouriz.

As estradas a macadam que mais se approximam hoje d'esta parochia são a real, n.º 33, do Porto á Regoa, que toca em Mouriz, — e a districtal, de Paredes a Paços de Ferreira, que toca em uma das extremidades d'esta freguezia.

Passa tambem a 5 kilometros de distancia o caminho de ferro do Douro, que tem uma estação em Paredes.

O templo unico d'esta parochia é a sua egreja matriz, templo muito antigo, muito pobre e singelo, mal decorado e quasi em ruinas, principalmente a capella-mór, tanto que o parocho já não consente que se façam n'ella festividades, mesmo porque não tem throno para exposição do Santissimo. Accresce ainda a circumstancia de que está em sitio fundo, (a *cova* de que tomou o nome) abafado e muito humido. Total — uma vergonha e *vergonha flagrante*, porque, se a freguezia é pequena, tem bons proprietarios e nem um parochiano mendigo.

Além d'isso esta abbadia ainda hoje, mesmo depois da extincção dos dizimos, é uma das *primeiras* e *mais ricas* do bispado do Porto.

Rende cerca de 900$000 réis e póde considerar-se um *beneficio simples*, sem encargos ou serviço algum, porque, attenta a sua diminuta população — apenas 70 fogos — é trivial decorrer um anno inteiro sem haver n'ella 1 obito — e por vezes em 2 e 3 annos seguidos não ha n'ella 1 casamento?!...

O pé d'altar é pobrissimo, mas tem bons passaes, em parte já vendidos em hasta publica, por ordem do governo, mas averbado o seu producto em inscripções, na forma da lei, aos abbades, que recebem os juros correspondentes ás dictas inscripções, — tendo além d'isso casa de residencia muito decente com uma boa horta contigua, etc.

—

Houve n'esta egreja uma confraria ou irmandade, cuja fundação ignoramos, mas que datava de seculos e decahiu ou se dissolveu em 1850. Tinha por padroeira *Nossa Senhora da Batalha* e todos os annos lhe fazia pomposa festa com grande romagem. Tudo acabou, excepto a romagem.

N'esta parochia não ha feiras nem mercados, pelo que os seus habitantes procuram as feiras de Paredes (dias 1 e 18 de cada mez) —a de Baltar (dia 16) tambem mensal, a— dos Chãos, freguezia de Bitarães (dia 8) — e as do *Cô*, *Freamunde* e *Penafiel*, todas muito proximas.

Não tem edificios brasonados ou sem brasões, dignos de especial menção, nem vestigios d'algum convento, posto que o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida diz que houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas! Julgamos ser lapso, pois não o encontramos mencionado em chorographia alguma, nem no *Catalogo dos Bispos do Porto*, nem no *Almanach Ecclesiastico* d'esta diocese, nem na *Benedictina Lusitana*.

Tambem nunca foi villa, mas teve diversos foraes, que eram os mesmos do extincto concelho *d'Aguiar de Sousa*, nos quaes se fazia menção d'esta parochia como uma das que formavam aquelle termo.

Foram os dictos foraes concedidos — um por D. Affonso III, em 1269,—outro por D. João I, em 1411—e outro por D. Manuel, em 1513.

Provam os dictos foraes que esta pequena povoação data, pelo menos, dos principios da nossa monarchia.

Veja-se *Aguiar de Sousa*, tomo 1.º pag. 39, col. 2.ª

Nasce nos montes d'esta freguezia um regato que atravessa a de Mouriz e desagua a 6 kilometros de distancia no rio Sousa, junto da estação de *Cête*, caminho de ferro do Douro.

Producções dominantes — milho, centeio, feijões, painço, linho e vinho verde enforcado e pessimo.

Tem desde 1879 uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

N'esta parochia não ha vestigios de fortificações, mas encontram-se, aliás muito importantes ainda, em um monte proximo, denominado *Montanha do Muro*, pertencente á freguezia de *Vandoma*, de que já se fallou n'este volume a pag. 199, col. 1.ª

Alli se vêem ainda os alicerces d'um largo *muro* que cinge toda a explanada e cumiada do dicto monte e que defendeu e abrigou uma cidade ou povoação antiquissima.

V. *Vandoma*, logar citado.

VILLA COVA A COELHEIRA — freguezia do concelho e comarca de Ceia, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Curato, — fogos 119, — almas 520. Orago S. Mamede.

Em 1708 era villa e séde de concelho da provedoria e comarca da Guarda e do bispado de Coimbra; — tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da camara, um juiz dos orphãos, um tabellião de notas, um alcaide e uma companhia de ordenanças,—contava 150 fogos, tinha 3 capellas publicas e era abundante de pão, vinho, frutas, gado e *coelhos, d'onde tomou o appellido*, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Foi dos marquezes de Gouveia, condes de Portalegre e por ultimo tambem duques de Aveiro, mas em seguida á medonha catastrophe que levou ao cadafalso no dia 13 de janeiro de 1759 aquelles duques, bem como os marquezes de Tavora e os condes d'Athouguia, sendo-lhes sequestrados todos os seus bens, passou para a corôa [1].

—

Em 1768 era curato da apresentação do reitor de Ceia, — pertencia ao bispado de Coimbra—contava 97 fogos e rendia para o cura 6$000 réis, além do pé d'altar.

Em 1840 pertencia ao concelho de *Sandomil*, extincto pelos decretos de 10 de fevereiro de 1846 e 24 d'outubro de 1855, pelos quaes passou para o concelho e comarca de Ceia, — e, em virtude da nova circumscripção diocesana, realisada em 1882, passou da diocese de Coimbra para a da Guarda.

Comprehende uma povoação unica, *Villa Cova*, séde da freguezia, e os casaes de *Anciães*, da *Fraga*, do *Joguinho*, dos *Niombos*, dos *Valles*, de *Miguel Gil* e do *Val da Trave*.

As suas freguezias limitrophes são—Vallezim,—S. Romão de Ceia,—Sandomil e Torrozello.

Dista 6 kilometros de Ceia para S. O., — 45 da Guarda,—20 da estação de Nellas, na linha da Beira Alta,—138 da cidade da Figueira,—193 do Porto—e 318 de Lisboa.

Teve foral dado por D. Manuel em Lisboa no dia 21 de julho de 1514, — diz a *Chorographia Portugueza*, ou no dia 12 do dicto mez e anno, segundo se lê em Franklim.

Liv. de Foraes Novos da Beira, fl. 44, col. 2.ª

Veja-se na *Gav.* 6, *Maço* 1.º o n.º 239, onde se menciona este foral.

—

A egreja matriz é um templo venerando pela sua muita antiguidade. Tem a porta principal em ogiva, altar-mór, 2 lateraes e baptisterio em mau estado, apesar das reparações que n'elle se fizeram em 1876, por occasião da visita do benemerito bispo-conde de Coimbra, o ex.mo e rev.mo sr. D. Manuel Corrêa de Basto Pina, incansavel em visitar a sua diocese.

A egreja está fóra da povoação, 60 metros ao sul, e junto d'ella o cemiterio da parochia, mandado construir em 1831, como se lê em uma inscripção gravada entre a porta lateral e a da sacristia da mesma egreja.

Á entrada do adro se ergue uma faia soberba, de magestoso porte e grande altura. No seu genero é um dos mais formosos exemplares que se encontram em todo o nosso paiz.

---

[1] Vide *Chão Salgado*, vol. 2.º pag. 271, col. 1.ª e seg.

Tem 4 metros de circumferencia no tronco?!...

Na egreja matriz se celebram as missas conventuaes, nos dias sanctificados; as outras, nos dias de semana, celebram-se em uma capella que ha no meio da povoação,—capella publica muito antiga, onde, para maior commodidade, se conserva o Santissimo Sacramento. Foi reparada em 1862, mas apezar d'isso demanda obras urgentemente, pois ameaça esboroar-se com o peso dos seculos. Tem um campanario com dous sinos e relogio, comprado em 1875 a expensas do povo.

—

Ao norte e contigua á povoação, existe outra capella, tambem publica e muito antiga, com a invocação de S. Pedro e tambem muito arruinada. Tem altar-mór, dous lateraes, uma irmandade com o titulo do orago e estatutos approvados ha mais de 400 annos!... Conta actualmente 50 confrades e celebra todos os annos um anniversario com jubileu e muitas indulgencias pelas almas dos irmãos fallecidos.

Ha tambem instituida n'esta capella a confraria do Santissimo Sacramento, administrada por tres mordomos, que todos os annos, no 1.º domingo do mez de janeiro, mandam celebrar uma festa, para a qual a junta de parochia, desde tempo immemorial, dá 6:000 réis e o povo varias esmolas em dinheiro e em generos. É denominada *as janeiras*.

Os apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador d'este concelho não fallam da 3.ª capella mencionada na *Chorographia Portugueza*. Provavelmente já não existe.

—

No centro d'esta povoação se ergue um vasto e formoso edificio de architectura moderna, denominado *as obras* [1]. Foi mandado construir no 2.º quartel d'este seculo pelo dr. José Pinto Fontes, lente de prima na nossa Universidade, e é hoje da ex.ma sr.ª D. Maria Pinto Clementina de Mello, sobrinha do fundador.

Possue tambem a mesma sr.ª outra casa muito notavel pelas suas tradições historicas e remotissima antiguidade—é o *paço* e a *cadeia* d'este extincto concelho.

Em frente dos dictos paços se vê tambem ainda hoje o *velho pelourinho* que os habitantes d'esta povoação (honra lhes seja!) conservam como padrão dos seus antigos foros.

Esta povoação tem apenas uma rua e tres largos—o da *Praça*, onde se ergue o vetusto pelourinho,—o da *Fonte*—e o do *Rocio*.

Cerca de 300 metros ao sul d'esta povoação corre o Alva, que vem da serra da Estrella e, depois de receber como tributarias as ribeiras da *Caniça* e de *Vallezim*, banha os ferteis campos d'esta povoação de Villa Cova, os de Sandomil e Penalva d'Alva, atravessa a historica ponte da Murcella, onde as aguias francezas foram *bem feridas*, e desagúa no Mondego, um pouco a jusante da *Raiva*, tendo nos limites d'esta parochia uma antiquissima ponte de granito com 2 arcos ogivaes, ligada a esta povoação por uma bella *calçada*, feita em 1872.

Tem esta freguezia no Alva 10 rodas de moinhos de moer pão, que fornecem farinha para esta parochia e para as de Torrozello, S. Thiago de Ceia e outras muito mais distantes.

—

Uma das coisas mais notaveis que ha n'esta freguezia e que muito depõe a favor da illustração e bom criterio dos seus habitantes é o grande *açude* ou *levada* que rega e fertilisa os seus montes e campos, duplicando ou triplicando o valor que tinham anteriormente e que prova o grande partido que outras muitas parochias do nosso paiz podiam e deviam tirar dos rios que o cruzam em differentes direcções.

O dicto açude parte do Alva, do sitio dos *Pisões Velhos*, junto da ponte de *Jogaes*,—tem de percurso mais de 5 kilometros,—foi construido em 1815—e custou 3:200$000 réis, somma importante n'aquelle tempo, nomeadamente para estes povos sertanejos.

[1] Assim se denomina tambem o palacio da viscondessa de Vallongo, na villa de Ceia, mandado fazer pelo 2.º bispo de Pinhel, D. José Pinto de Mendonça Arraes. V. *Pinhel* e *Cêa*.

Tem um *procurador*, um *conservador* e um *repartidor*, sendo este ultimo de eleição popular e encarregado da distribuição das aguas no verão, por todos os proprietarios d'esta parochia, desde o dia de S. Pedro, data em que é sempre eleito, até o dia 8 de outubro de cada anno.

Que lindissima instituição!

Que exemplo tão digno de imitar-se!...[1]

—

As producções principaes d'esta parochia são — milho, feijões, centeio, batatas, castanhas, algum vinho, azeite, fructa abundante, variada e saborosa, lã e bom *queijo da Serra da Estrella*, pois tambem cria muito gado lanigero.

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu n'este seculo, são dignos de menção — o dr. José Pinto Fontes, lente da Universidade, — seu irmão Joaquim Pinto Fontes, capitão de mar e guerra, — os capitães de infanteria Antonio Joaquim Botto Machado e Manuel José Ferreira—e o cirurgião-mór do regimento de Castello de Vide, Francisco de Brito Freire, — todos já fallecidos.

Cerca de 1:500 metros a N. O. da povoação de Villa Cova ha jazigos de estanho, ainda por explorar.

Esta freguezia está em um enorme *covão*, formado por elevadas montanhas, ante-mural da grande serra da Estrella, que o circumdam a leste e sul e das quaes muito naturalmente lhe proveiu o nome de *Cova*, assim como lhe provém a amenidade relativa do seu clima e a fertilidade dos seus campos.

Junto da povoação, para N. E. ha um grande fojo, denominado *barroca*. Não se póde atravessar com um tiro de pedra, — tem de profundidade cerca de 40 metros—e faz eriçar os cabellos a quem d'elle se aproxima!...

Esta freguezia não tem aula alguma official, nem sequer d'instrucção primaria elementar. O seu ultimo professor foi o venerando padre Antonio Lobo Pinto Monteiro, fallecido em 1860 com 73 annos de idade e 43 de serviço!...

Cerca de 200 metros a N. E. da povoação apparecem claros vestigios d'antigas construcções, entre elles muitos tijòlos de grande espessura.

N'esta freguezia não ha, como em outras das abas da serra da Estrella, fabricas de lanificios, regularmente montadas. Tem sómente um pisão e alguns *obradores* particulares para bureis e saragoças.

VILLA COVA A COELHEIRA — freguezia do antigo concelho de Fragoas, hoje *Villa Nova do Paiva*, comarca de Castro d'Ayre, districto de Vizeu, bispado de Lamego, provincia da Beira Alta.

Abbadia,—orago S. João Baptista,—fogos 418,—almas 1690—segundo rezam os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. parocho, mas o censo de 1878 deu-lhe 352 fogos e 1:284 habitantes.

A differença é consideravel!...

Em 1708 contava 300 fogos e era vigairaria da apresentação do commendador da ordem de Malta, pois tinha aqui esta ordem uma commenda que comprehendia tambem a freguezia do Touro e era orçada em réis 1:200$000 de rendimento,—pagava de *responsão* 88$800 réis—e de pensão *magistral* 94$000 réis.

> *Responsão*, portuguez antigo, significava contribuição, subsidio, cóta, finta, tributo e toda a qualidade de desembolso que se fazia por obrigação e com que o vassallo, emphiteuta ou colono respondia ao soberano ou directo senhorio.
>
> *E dem em cada anno 2:500 libras de Responsom ao convento.* Doc. de Thomar, de 1321.

A *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego* deu-lhe, pelos annos de

---

[1] Na freguezia de *Alvarenga*, hoje do concelho e comarca d'Arouca, ha tambem um açude muito similhante e muito notavel, mas não tem a organisação d'este.

V. *Alvarenga* n'este diccionario e no *supplemento*, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo e daremos noticia do mencionado açude.

1720, apenas 167 fogos e 634 habitantes—e o *Portugal Sacro e Profano* deu-lhe em 1768 apenas 180 fogos e 300$000 réis de rendimento. Custa-nos pois a crer que em 1708, segundo diz a *Chorographia Portugueza*, tivesse 300 fogos!

—

Comprehende 5 aldeias e quintas (—diz o seu rev. abbade nos apontamentos que se dignou enviar-me) e não as menciona. A *Chorographia Moderna* menciona apenas as quintas de *Carvalha*, *Mieiras* e *Malhada*.

As suas freguezias limitrophes são—Pendilhe, Touro, Fragoas, *Villa Nova do Paiva*[1], e o proprio rio Paiva.

Dista 10 kilometros da nova séde do concelho (a tal freguezia das *Barrellas*, chrismada em *Villa Nova do Paiva*) para N. O., —15 de Castro d'Ayre para E. S. E.,—25 de Lamego e de Vizeu — 141 do Porto — e 478 de Lisboa.

Não tem estrada alguma a macadam; deve porém passar perto a districtal de Vizeu a Lamego, em via de construcção.

A linha ferrea mais proxima é a do Douro (estação da Regoa) da qual dista 37 kilometros.

A egreja matriz é um templo pequeno e singelo, mas bem conservado. Tem altar-mór e 2 lateraes, — um de S. João Baptista, outro do Senhor do Calvario.

Foi antigamente villa, pertencente á comarca e provedoria de Lamego; nada porém resta da casa da camara, da cadeia e do pelourinho, *por terem sido vendidos*—diz o meu informador.

—

Banha esta freguezia um ribeiro que desagua na margem direita do Paiva a 3 kilometros de distancia. Tem uma ponte e alguns moinhos que moem pão.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, batatas e lã, pois tambem cria algum gado lanigero e vaccum.

Tambem produz algum vinho de enforcado, muito verde e pessimo!...

Foi natural d'esta freguezia o barão de Villa Cova, João Antonio d'Almeida.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Teve n'esta parochia uma quinta o regedor das justiças, Ayres Pinto de Mendonça Coutinho, do qual passou a seu filho Manuel de Mendonça Cardoso Figueira d'Azevedo —d'este a seu neto Ayres Pinto de Mendonça e d'este a uma sua bisneta, que a vendeu.

A povoação de Villa Cova está em terreno alto;—o seu clima é aspero e frio;—as suas casas são de humilde aspecto e quasi todas cobertas de *colmo e lageas*.

É cercada por altas serras, a que no verão lançam fogo para afugentarem os lobos e terem melhores pastagens para o gado no anno seguinte.

No meio da villa ha um pequeno largo, onde está a egreja matriz com a sua galilé na frente e guardas de pedra que servem de assentos, tendo do lado da epistola um campanario com dous sinos.

Passa n'esta povoação a antiga e escabrosa estrada de Vizeu para Lamego por Côtta (Sanguinhedo) Sobrado de Paiva, *Villa Cova a Coelheira*, Tarouca e Britiande.

Ha n'esta freguezia bastantes *sorveiras*, que dão *sorvas*, especie de peras bravas, grande mimo para os pobres serranos, — e sovereiros, de que fazem muito carvão, bem como de urze, arbusto espontaneo e muito abundante nos montes d'este concelho.

É o fabrico do carvão a principal industria d'esta parochia e costumam ir vendel-o á cidade de Lamego, distante 25 kilometros, em carros tirados por vaccas, — o de sobro para as brazeiras—e o de urze para os ferreiros.

—

N'esta freguezia e nas limitrophes, tanto os homens como as mulheres costumam vestir-se de burel muito aspero e grosseiro, de que fazem capotes que, pela sua singeleza e barateza, formam a antithese dos denominados em Traz-os-Montes *honras de Miranda*.

Os de Miranda, tambem de burel, mas muito mais grosso e mais caro, são uma es-

---

[1] Esta freguezia denominou-se sempre *Barrellas*, mas, quando em 1883 foi arvorada em séde do concelho de Fragoas, foi-lhe dado ao mesmo tempo o nome de *Villa Nova do Paiva*, por ser mais bonito.

pecie de *gabões* com bandas, bolsos e capuz luxuosamente bordados a retalho, custando por vezes muito mais o feitio do que a propria peça — emquanto que os capotes dos serranos d'esta freguezia de Villa Cova e das limitrophes são do burel mais barato e singelos quanto possivel,—sem bolsos, nem fôrro, nem ornato algum. Reduzem-se a uma especie de pano de guarda-chuva sem armação, terminando a parte superior em um pequeno capuz collado na cabeça nua, d'onde muito desgraciosamente pendem, como de um cabide!

Os homens usam calças e calções do mesmo burel e no inverno costumam revestir a extremidade inferior com polainas grosseiras do mesmo estôfo ou de junco fendido e entrançado como o das *caroças* ou *palhoças*, muito usadas tambem pela gente do campo na Beira, no Minho e em Traz-os-montes para abrigo da chuva, sendo Penafiel a povoação do nosso paiz em que mais aperfeiçoada se acha aquella industria.

Dá-se com as *palhoças* o mesmo que se dá com os capotes de burel.

Os de Miranda, sendo bem feitos, custam 20 a 30 mil réis,—emquanto que os do concelho de Fragoas custam 2 a 3 mil réis. Assim as taes *palhoças* na Beira e em outros pontos do nosso paiz custam 2 a 3 tostões e em Penafiel chegam a custar 2 a 3 mil réis, — mas são verdadeiras *obras d'arte*, e todas as outras *singelissimas*.

Voltando á freguezia de Villa Cova, — as mulheres usam tambem saias de burel e meias de lã *sem pés* sobre as tibias, para as não ferir a aspereza do burel das saias;—e tanto os homens como as mulheres calçam tamancos muito grossos, ferrados com enormes pregos forjados *ad hoc* e revestidos na frente com uma chapa (*biqueira*) de ferro, forjada *ad hoc* tambem.

Formam igualmente os taes tamancos uma perfeita antithese com os de Penafiel, — aquelles grosseiros, lisos, pesados e ferrados como arietes, — estes muitos leves, elegantes, bordados e ornamentados com todo o luxo, hoje imitados perfeitamente pelos artistas de Braga e do Porto, onde têem largo consumo.

VILLA COVA DO COVELLO—freguezia do concelho de Penalva do Castello, comarca de Fornos d'Algodres, districto e diocesse de Viseu, na provincia da Beira Alta.

Curato—fogos 150,—almas 612.

Orago Nossa Senhora da Expectação ou *da Esperança*, como diz o seu rev. parocho.

Em 1768 contava apenas 91 fogos,—era da apresentação do abbade do Castello de Penalva e rendia 40$000 réis para o cura, incluindo o pé d'altar.

Esta parochia é formada por uma povoação unica; apenas tem fóra d'ella o casal do *Rio Carapito.*

Demora na margem esquerda do rio *Dão*, do qual dista 3 kilometros para S. E.—10 de Penalva, séde do concelho para leste,— outros 10 de Fornos d'Algodres, séde da comarca, para N. O.,—13 da estação de Fornos, na linha da Beira Alta,—40 de Viseu, —221 do Porto—e 346 de Lisboa.

É banhada pelo rio Carapito que passa a distancia de 1 kilometro ao sul e desagua na margem esquerda do rio Dão, a distancia de 3, bem como este na margem direita do Mondego.

—

Em 1708 era do mesmo concelho de Penalva do Castello, mas da comarca de Viseu, provedoria da Guarda — e antes da creação da comarca de Fornos d'Algodres pertenceu á comarca de Mangualde.

As suas freguezias limitrophes são—Castello de Penalva, Mareco e Antas.

A egreja parochial é de modestas proporções, mas decente e bem conservada.

Tem apenas uma capella publica da invocação de Santo Antonio.

Producções dominantes—milho, centeio, batatas, vinho e castanhas.

Tem uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Ha n'esta freguezia uma industria importante, privativa d'ella e unica,—é o fabrico de variados artigos de fêno, *barça* [1] ou *bar-*

---

[1] No *Grande Diccionario Portuguez*, de Fr. Domingos Vieira se encontra o seguinte: «*Barça*, s. f. O mesmo que *Brasa* ou *Balsa*; especie de palham com que se forram

cejo, a que dão o nome de *bracejo*,—uma especie d'herva com que fazem esteiras para forrar templos e salas,—capachos, ceiras para azenhas ou moinhos d'azeite, ceirões para cavalgaduras, capas ou cobertas para garrafões e garrafas, etc.

São estes artigos exportados *em grande quantidade* para varios pontos d'esta provincia e da de Traz-os-Montes e mesmo para o Porto, Coimbra e Lisboa.

Na dicta industria se occupam quasi todos os habitantes d'esta parochia no inverno e mesmo no verão, em todo o tempo que lhes sobrá dos trabalhos da agricultura.

Representa a dicta industria muitos contos de réis e não ha nas circumvisinhanças outra povoação que a explore.

VILLA COVA DA LIXA—freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria,—orago S. Salvador, — fogos 320 —almas 1:303.

Em 1706 pertencia ao concelho de Felgueiras e á comarca e provedoria de Guimarães, arcebispado de Braga;—tinha 120 fogos;—era reitoria da apresentação dos arcebispos e commenda da ordem de Christo;—rendia para o parocho 120$000 réis e para o commendador 750$000 réis.

Em 1768 contava 250 fogos e rendia réis 150$000 para o parocho.

Tambem foi algum tempo apresentada alternativamente pelo papa, pelo rei e pelos arcebispos.

Em virtude da ultima circumscripção diocesana passou para a diocese do Porto, desde 14 de setembro de 1882,—e, antes da creação da comarca de Felgueiras, pertencia ao concelho e comarca de Guimarães.

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes:—Monte, Quebrada, Assento, Quintella, Souto, Boa Vista, Espenca, Tojal, Casarias, Ferreira, Traz-Cova, Picoto, Campo, Campo da Presa, Barreiros, Passos, Costa, Campello, Arraido, Eira Vedra e *Lixa*, segundo se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador do concelho, mas a *Chorographia Moderna* diz que pertence a esta parochia apenas metade da povoação da *Lixa*, quasi contigua á egreja.

Comprehende tambem os casaes de Lamas, Gondariz, Assento, Ribeira, Padraços, Loureiro, e Sabariz—e as quintas ou habitações isoladas de Torre, Villa, Lordello, Padroucellos, Logarinho, Quinta, Estrada e Teixeira.

As suas freguezias limitrophes são—Caramos, Borba de Godim, Refontoura, Macieira da Lixa, Santão, Figueiró, Freixo e Ayrães.

—

Dista 7 kilometros de Margaride, séde do concelho,—14 da estação de Cahide, na linha ferrea do Douro,—61 do Porto—e 398 de Lisboa.

Atravessam esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.º 27, de Ponte do Lima á Regoa, e a real d'Amarante ao Porto.

A egreja matriz é um templo modesto, mas decente, edificado em 1719 e muito bem tractado.

Ha n'esta freguezia tres capellas publicas —uma da Senhora do Desterro, outra de Santo Antonio e outra de S. Roque,—e uma particular, na *Casa da Torre*,—todas bem conservadas e a matriz e a capella de Santo Antonio muito asseadas.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são a do Santissimo Sacramento, na egreja matriz.—e a de Nossa Senhora do Desterro na capella da sua invocação, na 1.ª segunda feira de setembro com arraial, romaria e grande feira,—*a mais importante do concelho.*

Ha tambem n'esta freguezia 2 feiras mensaes na povoação da Lixa, uma na 1.ª segunda feira de cada mez, outra no dia 18— e todas as semanas dous mercados de cereaes, tambem muito importantes, nas terças e sextas feiras, na mesma povoação da Lixa.

Ha n'esta freguezia um edificio brasonado. É a *Casa da Torre*, pertencente ao ba-

---

os vasos de vidro. Capa de vimes, propria para louça. Citado por Fr. Marcos de Lisboa, Fernão M. Pinto, Couto e Franco Barreto.

«*Barceiro*, s. m. Que faz Barças ou cestos de vime que envolvem garrafões ou quaesquer outros vasos de vidro, para que não quebrem.»

rão da Torre de Villa Cova da Lixa, Antonio de Magalhães Menezes e Lencastre.

No *supplemento* a este artigo daremos a genealogia de s. ex.ª

A rua principal d'esta parochia é a *estrada-rua* da Lixa.

Tem mais de 500 metros de comprimento e um largo espaçoso.

Producções dominantes—milho, centeio, feijões, batatas e vinho verde.

—

Em 3 d'abril de 1834 feriu-se aqui, no monte de Nossa Senhora da Victoria, uma batalha importante, entre as tropas liberaes sob o commando do general Torres e as tropas realistas commandadas pelo general José Cardoso, retirando estas com grandes perdas.

Tem esta parochia uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino—e uma casa de pasto, ou hospedaría, na povoação da Lixa, denominada *Hospedaria da Franqueira.*

Houve n'esta freguezia, em tempos muito remotos, um convento de freiras benedictinas, que passou a ser commenda da ordem de Christo; [1] ignora-se porem a data da sua fundação e extincção.

A *Benedictina Lusitana* (Livro 2.º cap. 3.º pag. 90) apenas diz o seguinte:

«Já que estamos nos contornos d'Amarante, não sayamos d'elles sem primeiro fazermos menção de dous Mosteyros de Monjas Bentas, que n'aquellas partes florecerão, dos quaes melhor sabemos o fim que tiveràm, do que o principio que a devoção dos fieis lhes deu.

«O primeiro foi o do Salvador ou de Santo André de Villa Cova, posto perto do de Tolões, [2] de que temos tratado no capitulo antecedente. As religiosas d'elle viveram em grande observancia, e santidade, e a prova d'isto é chamarem-se vulgarmente *padrinhas da terra,* porquanto os moradores, e visinhos d'ellas, nas preces e orações d'aquellas religiosas achavão o remedio certo de seus trabalhos, e da necessidade que tìnhão de sol ou chuva.

. . . .

«Que o dito mosteiro fosse de S. Bento, consta dos Registros antigos de Braga. De prezente he commenda, com suas annexas.»

O convento de Tellões foi duplex (de frades e freiras)—primeiramente da ordem benedictina e depois de conegos regrantes (cruzios).

V. *Tellões,* vol. 9.º pag. 533, col. 1.ª

VILLA COVA DA MORREIRA—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga.

V. *Morreira,* vol. 5.º pag. 550, col. 1.ª onde se descreveu esta freguezia.

VILLA COVA DO PERRINHO — freguezia do concelho de Macieira de Cambra, comarca d'Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Priorado. Orago S. João Baptista,—fogos 51,—almas 212.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* pertencia ao termo da villa da Bemposta, comarca de Esgueira, tendo o titulo de Villa Cova do *Porrinho,* era curato annexo á freguezia de Macieira de Cambra e contava 200 fogos, o que nos parece erro de cifra. Talvez quizesse dizer 20 fogos, pois ainda hoje conta apenas 51—e n'aquelle tempo era uma freguezia tão pouco importante que estava annexada a outra. O *Portugal Sacro e Profano* nem a menciona!...

Tambem já esteve annexada á freguezia de S. Salvador de Roge e pertenceu á comarca d'Arouca.

Em 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertencia ao bispado d'Aveiro.

Comprehende tres povoações, quasi juntas,—Fundo d'Aldeia, Meio do Logar e Cimo do Logar.

Freguezias limitrophes—Villa Chã, no nascente,—Macieira de Cambra, ao norte,—Chave e Carregosa, ao poente.

Dista 5 kilometros de Macieira de Cambra, séde do concelho,—18 de Oliveira d'Aze-

---

[1] D. João V a deu ao marquez de Penalva em duas vidas.

[2] *Santo André de Tellões,* freguezia do concelho d'Amarante.

Em todo o nosso paiz não ha freguezia alguma denominada *Tolões.*

meis,—37 d'Aveiro—39 do Porto—310 de Lisboa—e 29 da estação d'Ovar, que é a mais proxima, na linha ferrea do norte.

As distancias com relação ao Porto e Aveiro são contadas pela estrada real de Oliveira d'Azemeis ao Porto e pela districtal de Aveiro a Oliveira d'Azemeis.

—

Emquanto a templos tem apenas a egreja parochial, bastante antiga, mas pequena, singela e pobre.

Banha esta freguezia um ribeiro que corre de N. a S. e desagua no rio Trancoso, na freguezia de villa Chã. Não tem fabricas nem pontes, mas move alguns moinhos.

Producções dominantes—cereaes e vinho verde. Tambem cria algum gado laginero nas serras ou montes denominados do *Perrinho*, que nada offerecem de notavel.

Ao sr. dr. José Gomes d'Almeida, digno administrador do concelho de Cambra, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, por intermedio do sr. governador civil d'Aveiro, a pedido do sr. visconde de Guedes Teixeira, digno governador civil d'este districto do Porto.

VILLA COVA DE SUB-AVÓ—freguezia e villa extincta do concelho e comarca d'Arganil, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Priorado.

Orago—Nossa Senhora da Natividade,—fogos 314,—almas 1380.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era villa e concelho da comarca de Viseu, provedoria da Guarda e priorado com 250 fogos, [1] pertencente á diocese de Coimbra, cujos bispos eram donatarios d'este concelho, por ser parte integrante do condado *d'Arganil*. Veja-se esta palavra no vol. 1.º pag. 238—*M*—col. 2.ª

Tinha esta villa 1 juiz ordinario, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 3 do judicial, notas e orfãos e uma companhia de ordenanças.

Como recordação do tempo em que foi villa e séde de concelho, ainda conserva na praça o seu antigo pelourinho. A casa da camara e da cadeia foi vendida e é hoje propriedade particular, pertencente a Antonio Maria Madeira.

Esta parochia em 1840 pertencia ao concelho de Coja, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Arganil.

Está nas faldas da Serra da Estrella, na sua pendente N. O., a juzante da extincta e antiquissima villa e concelho d'Avô, pelo que se denominou *Villa Cova de Sub-Avô*, para se distinguir das muitas freguezias que ha no nosso paiz, denominadas *Villa Cova*.

Não sabemos se teve foral, posto que Franklin menciona um, dado por D. Manuel, em 22 de setembro de 1514, a *Villa Cova*, da provincia da Beira. Tanto pode referir-se a esta como a outra qualquer das villas que ao tempo existiam na provincia da Beira com o mesmo nome de *Villa Cova*, e só pela leitura do dicto foral poderá resolver-se a questão.

Encontra-se elle na Torre do Tombo, no *Liv. de Foraes Novos da Beira*, fl. 44, col. 2.ª

Veja-se na *Gav.* 6, *Maço 1.º o n.º 239*, onde menciona o dicto foral.

—

Esta freguezia comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Vinhó, Barril e Villa Cova, séde da egreja matriz;—os casaes de S. João e da Ladeira—e as quintas de—Fonte Espinho, Candosa, Figueira do Ouriço, Casal, S. Miguel, Joaninho ou *Dejouninho*, e Ortigal.

As suas freguezias limitrophes são—Avô a N. E.—Coja a S. O. Villa Pouca da Beira a N.—e Cerdeira a S.

Está na margem esquerda do Alva, d'onde dista cerca de 200 metros,—18 kilometros d'Arganil, 25 da linha ferrea da Beira, 44 de Coimbra,—163 do Porto—e 262 de Lisboa.

É atravessada por uma estrada a macadam em via de construcção e passa a distancia de 7 kilometros a estrada real de Coim-

---

[1] O *Portugal Sacro e Profano*, escripto 60 annos depois (1768) da-lhe apenas 195 fogos!... Diz mais—que era da apresentação da mitra e que rendia trezentos mil réis.

bra á Guarda, pela ponte da Murcella, Gallises e Celorico da Beira.

Tem dous magnificos templos na villa—a egreja matriz e a do extincto convento dos capuchos, hoje da Misericordia,—2 capellas publicas—a capella (antiga egreja) da Misericordia com a casa do despacho e a de S. Miguel. Fóra da villa tem as capellas seguintes:—na povoação do Barril 3 publicas e 1 particular, pertencente a José Freire de Carvalho,—1 publica em Vinhó,—outra publica no casal de S. João, e outra, tambem publica no sitio de S. João d'Alqueidão. Total—2 egrejas, 8 capellas publicas e 1 particular, todas bem conservadas e bem tractadas.

A capella d'Alqueidão foi em tempos remotos a egreja matriz, como assevera unanime a tradição local. Ainda hoje aprezenta vestigios de ter sido mais ampla.

Ha n'esta parochia duas festas com grande romagem—a de S. João d'Alqueidão, no dia 24 de junho—e a Santo Antão, em Vinhó, na segunda feira immediata ao domingo de Paschoa.

—

Tem tres edificios brasonados,—um do conde da Guarda, residente em Lisboa,—outro do digno par do reino Miguel Osorio Cabral, residente na Quinta das Lagrimas, em Coimbra,—e outro que foi de Francisco de Brito da Costa, hoje pertencente a Antonio Mendes Ferrão d'esta villa.

Dos edificios não brasonados os que mais avultam hoje n'esta parochia são os seguintes:—o convento, pertencente ao dr. Alexandre Cupertino Castello Branco,—a *Casa da Praça*, pertencente ao mesmo senhor,—a do rev. Esequiel de Moura Velloso,—a do rev. José Nunes d'Oliveira—e a de José Freire de Carvalho Lopo d'Albuquerque, no Barril.

Houve n'esta parochia um convento de frades *antoninos* (*capuchos*) com cerca e matta. Foi extincto em 1834;—pertence, como já dissemos, ao dr. Alexandre Cupertino —e está bem conservado. A egreja foi dada pelo govêrno á Misericordia e está muito bem tractada e bem conservada tambem.

Esta villa é atravessada por um ribeiro confluente do Alva, que vem da Serra da Estrella e desagua no Mondego um pouco a jusante do *porto da Raiva*, tendo junto d'esta villa uma soberba ponte de pedra (granito) com quatro arcos.

Atravessa tambem a povoação de Vinhó e o casal de S. João, d'esta freguezia, uma ribeira que desagua tambem no Alva em Coja, a distancia de 5 kilometros.

Ha n'esta freguezia dous lagares ou moinhos para moer azeitona e fabricar azeite,—e oito moinhos ou azenhas no Alva para moer cereaes.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, feijões, vinho, castanhas, azeite, e fructas variadas, muito saborosas, nomeadamente melões.

Posto que está contigua ao Alva, não tem fabricas de lanificios, sendo para lamentar que até hoje (1884) não seguisse o exemplo de tantas outras freguezias das abas da Serra da Estrella, nomeadamente da Covilhã, Gouvêa e Cêa.

A sua unica industria reduz-se ao fabrico de canastras, feitas de vergas, castanheiro, que exporta em grande quantidade para todo o districto.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia tem produzido, avulta o desembargador Luiz da Costa Faria que, depois de voltar da India onde foi governador, mandou edificar *á sua custa* o convento d'esta villa, —deu para a reedificação da egreja matriz, alem de muitas madeiras, *seiscentos mil réis em dinheiro*,—instituiu na matriz a irmandade das Almas (hoje incorporada na da Misericordia)—dotando-a com *um conto e seiscentos mil réis* em dinheiro e com ricos paramentos e damascos de seda da India—e instituiu um morgado em Oliveira do Conde, impondo ao seu administrador o onus de dar á dicta irmandade a quantia de quarenta mil réis annualmente,—onus que foi religiosamente cumprido até á extincção dos vinculos.

Falleceu n'esta villa tão benemerito cidadão, no dia 24 d'abril de 1730. D'elle se pode dizer, sem lisonja:

Semper honor, nomenque tuum laudesque manebunt!...

Foi tambem natural d'esta freguezia o rev. bacharel formado em canones, Silvestre Freire de Faria e Costa, vigario geral d'Aveiro e depois muitos annos advogado n'esta villa.

Juntou grande fortuna em dinheiro, mas todo lhe foi roubado por differentes no ultimo quartel da vida.

Tambem cabe a esta parochia a honra de ser a terra natal do conselheiro José Cupertino da Fonseca e Brito, juiz de fóra, corregedor, desembargador honorario, secretario geral do governo civil de Coimbra e deputado ás côrtes constituintes de 1826.

Tem esta freguezia uma escola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma irmandade de Misericordia muito antiga que, apesar de haver perdido grande parte das suas rendas d'outrora, ainda presta relevantes serviços á pobreza.

—

N'esta freguezia, bem como em todo este concelho e nos limitrophes, praticaram muitas violencias e extorsões, pelo meiado d'este seculo, os celebres assassinos e salteadores *Caca*, e Brandões, de Midões, que foram o terror d'estes povos, muitos annos. Incendiaram muitas casas e roubaram e mataram muitas pessoas, mas *talis vita—finis ita!*...

O *Caca* foi queimado vivo com um bando dos seus em um lagar, pelo povo enfurecido e que tentava prendel-os. Dos ultimos Brandões,—João e Antonio—o 1.º foi degredado perpetuamente para a Africa e ali assassinado,—o 2.º vive homisiado, ha muitos annos, coberto de vergonha e de remorsos e tremendo com a lembrança de que o espera a mesma sorte do irmão!...[1]

VILLA COVA DE VEZ D'AVIZ—freguezia do concelho e comarca de Penafiel, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia,—orago S. Romão,—fogos 135,—almas 542.

Em 1706 pertencia ao termo da honra e beetria de Gallegos, comarca, provedoria e diocese do Porto,—era da apresentação da mitra tendo sido anteriormente da apresentação da *casa da Calçada*, (Peixotos)—rendia 250$000 réis e contava apenas 72 fogos.

Em 1768 era outra vez da apresentação da casa dos Peixotos,—rendia 450$000 réis—e contava 82 fogos.

Em 1614 era da apresentação do collegio d'Evora,—depois passou para a Universidade,—e em 1820 era alternativa da Universidade e dos Peixotos de Guimarães.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Paço, Quintella, Cruzes, Senhora, Ribella, Roubins, Pinheiro, Riba Boa, Ventozella, Corcovido, Outeiro, Outeiral, Barral Campo e Aspero. Não tem quintas ou casaes que mereçam especial menção.

Freguezias limitrophes—Perozello, Duas Egrejas, Villa Boa de Quires, Aragão e Luzim.

A povoação de Villa Cova está na margem direita do Tamega, do qual dista cerca de 4 kilometros,—9 de Penafiel,—11 da linha ferrea do Douro (estação de Penafiel)—50 do Porto—e 387 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia ma estrada municipal a macadam de Penafiel pela aldeia de Perafita, da parochia de Duas Egrejas,—Ribaçaes, aldeia da freguezia de Abragão,—Villa Boa do Bispo e Feira Nova, onde entronca na estrada districtal de Basto a Entre os Rios ou Santa Clara do Torrão, na margem direita do Douro, passando esta ultima estrada em Amarante e no Marco de Canavezes.

—

Além da egreja matriz, que é um vasto templo e muito bem conservado, tem uma capella particular em Riba Boa, que foi cabeça de um morgado dos Sousas Lopes,—e uma capella publica, de Nossa Senhora do Rosario, anterior a 1500, mas por vezes reedificada, conservando um precioso retabulo de talha dourada antiga. É administrada por uma irmandade propria,—tem lusida festa annual no mez d'agosto—e missa nos domingos e dias santos, em cumprimento d'um legado de José da Silva Leão, capitalista natural d'esta parochia, tendo emigrado para o imperio do Brasil, onde adquiriu boa fortuna.

---

[1] Veja-se n'este vol. 10.º o art. *Vide*, freguezia do concelho de Céa, pag. 652, col. 2.ª—e os artigos citados na respectiva nota.

Os edificios principaes d'esta parochia são a casa de *Villa Flor*, brasonada e que pertenceu á familia Pereiras Meneses, de Cabanellas,—e a casa do *Aspero* (antigamente *Cadeade*) onde viveu o abbade d'esta freguezia Domingos Borralho, por alma de quem ainda hoje se resam no fim da missa conventual 5 *Padre Nossos* em cumprimento de uma verba testamentaria, na qual assim o recommendou, deixando aos abbades 60 litros de cereaes para aquelle serviço.

—

Esta freguezia tomou o nome do local onde se acha a matriz, pois é uma grande *cova*, cercada a leste pelos montes do *Portêllo*,—a oeste pelos montes da *Lagoa* e da *Ermida*—e ao norte pelos montes de *Perafita*, e *dos Castellos*, tendo horisonte aberto e com largas vistas unicamente do lado sul, para alem do Tamega e do Douro.

Diz-se que os franceses, por occasião da guerra peninsular, estiveram em Abragão e marcharam para o norte por esta freguezia de Villa Cova, mas que, apenas defrontaram com a grande *cova* e se viram cercados de montes por todos os lados, mudaram immediatamente de rumo!...

No monte da Ermida se encontram restos de antiga povoação e de velhas fortificações, a que o vulgo chama *horta dos mouros*.

Tambem no *monte dos Castellos* ha grossos muros e claros vestigios de antiquissimas obras de defesa, as quaes deram o nome ao dicto monte.

Nasce n'esta freguezia o ribeiro *dos moinhos* ou dos *pedreiros*, que move muitos moinhos de cereaes, no inverno, e desagua na margem direita do Tamega, a 4 kilometros de distancia, no sitio da *Rainha*.

Producções principaes — milho grósso, azeite, centeio, feijões, vinho verde de inferior qualidade e fructa. Em outros tempos tambem produziu muitas castanhas.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino e outra para o sexo masculino na proxima povoação de Ribaçaes da freguezia d'Abragão.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia tem produzido merecem especial menção—o rev. Manuel Joaquim de Sousa Moreira, abbade de Britello, em Celorico de Basto, homem de grande valimento,—o padre Francisco Paula Mendes, jornalista distincto,—seu irmão José Anastacio Mendes, litterato e bom latinista—e José da Silva Leão, capitalista e muito esmoler [1].

É abbade actual d'esta freguezia o rev. João Pinto da Motta, da freguezia d'Avessadas, concelho do Marco de Canavezes. Tomou posse em fevereiro do corrente anno de 1884.

Foi abbade anterior o rev. Joaquim da Cunha Coelho Barbosa Brandão, da casa da *Maragoça*, freguezia de Val Pedre, concelho de Penafiel, fallecido a 20 de janeiro de 1883—e que succedeu ao abbade Bento Pereira de Menezes Sotto Maior, da casa de Cabanellas.

Ha n'esta freguezia um bom cemiterio parochial. Foi benzido e inaugurado com grande pompa nos principios de outubro de 1883, assistindo ao acto religioso (durante o qual tocou a banda de Villa Boa do Bispo) alem de muitos ecclesiasticos e parochianos, os srs. drs. Soares de Moura, administrador do concelho e Adriano de Sequeira, sub-delegado de saude.

Na mesma occasião foi exumado o cadaver de Antonio Soares da Silva Mattos e trasladado para um jazigo de familia, erecto no mesmo cemiterio, sendo o cadaver do dito sr. Silva Mattos o primeiro que ali se sepultou.

—

Esta parochia é muito antiga.

D. Paio Petriz e sua mulher D. Godo haviam dado a oitava parte d'ella ao mosteiro de Paço de Sousa e tendo-se alienado, o prior D. Diogo a recuperou de Diogo Gratiz e

---

[1] Falleceu solteiro no Porto, em julho de 1876 e, apesar de ter ainda viva a mãe, que herdou duas terças partes da sua grande fortuna, deixou legados no valor de muitos contos de réis em favor d'esta parochia e de differentes ordens, amigos, parentes e indigentes.

No supplemento a este artigo daremos um extracto do testamento de tão benemerito cidadão.

Diogo Furtuniz, a 28 de setembro da era de 1145, que corresponde ao anno de 1107, como consta das cartas de cedencia feitas por elles no sobredicto mez e anno.

Das mesmas cartas se vê tambem que n'aquelle tempo eram oragos d'esta freguezia o apostolo S. Filippe, S. Romão e S. Marcello, pois ali se diz:

... de Ecclesia Sanctorum Martyrum Filipi Apostoli, Romani, et Marselli, quorum aula sita est in Villa Cova, subtus monte Petrafixa, et monte Batial, discurrente ribulo Tamice territorio Portugalensis Ecclesiae...

«Da egreja dos santos martyres S. Filipe apostolo, *S. Romão* e *S. Marcello*, cuja matriz está na povoação de Villa Cova, na raiz do monte de *Petrafixa* (Perafita) e do monte *Bacial* (?) junto do rio Tamega, na diocese do Porto.»

—

Esta parochia nunca foi villa nem teve foral proprio, mas gosou de todos os privilegios, exempções e regalias da *honra* e *beetria* de Gallegos, em cujo termo se achava, bem como dos privilegios concedidos a Penafiel no foral de D. Manuel, com data de 1 de junho de 1519, pois no dicto foral claramente se diz que comprehende esta freguezia de *Villa Cova* e todas as outras que ao tempo pertenciam ao termo de Penafiel.

Veja-se o processo para este foral na Gav. 20, Maço 12, n.° 19.

Penafiel teve tambem foral velho, dado pelo conde D. Henrique e confirmado por seu filho, o nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques [1].

É o foral de D. Manuel dividido em 30 titulos, pertencendo a esta freguezia o n.° 18, no qual se diz que ao tempo *comprehendia 17 casaes* e pagaria para a corôa os direitos seguintes:

Bragal—(varas)	64 1/2
Cabritos	3
Cacifos	7
Capões	8
Carne (costas)	8
Carneiros	2 1/6
Centeio (cacifos)	4 1/3
Cevada (cacifos)	10
Espadoas	2
Gallinhas	16
Maravidiz (moeda)	1/4
Meado (milho e centeio) alqueires	56 1/2
Miunça	1/2 1/3
Ovos	70
Pão	1/4
Pretos (moeda)	86
Reaes (moeda)	51
Vinho	13 1/2

Outras freguezias d'este reguengo pagavam tombem mel, marrã, patos, trigo, linho, botinas, feijões, manteiga, calaças, peixotas, etc.

Veja-se a *Memoria* citada, pag. 21 a 25—e no *supplemento* a este diccionario o artigo *Penafiel*.

VILLA DIANTEIRA—aldeia.

V. *Dianteira* n'este diccionario e *Villa Dianteira* no supplemento.

VILLA DA EGREJA—villa e freguezia, séde do concelho e da comarca de Sattam, districto e diocese de Viseu, na provincia da Beira Alta.

Vigairaria,—orago Nossa Senhora da Graça,—fogos 447,—almas 1:905.

Em 1708 era vigairaria do padroado real e commenda da ordem de Christo,—contava 276 fogos e o vigario apresentava o curato de S. Pedro de Mioma, freguezia de 126 fogos, que com a de Villa da Egreja constituiam o antiquissimo concelho de Sattam, comarca de Viseu e provedoria da Guarda. Comprehendia o dicto concelho apenas 402 fogos e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 do judicial e notas, 1 alcaide, 2 companhias de ordenanças e 1 capitão mór, a quem obedecia tambem o extincto concelho de *Gulfar*, onde havia outra companhia de ordenanças.

Em 1736, segundo se lê na *Chorographia* de Lima, contava esta parochia 297 fogos e

[1] V. *Descripção Historica e Topographica de Penafiel* por Antonio d'Almeida, pag. 20, publicada em 1830 na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo X, parte II.

972 habitantes—e o concelho de Sattam, 744 fogos e 1:506 habitantes, pertencendo á freguezia de Mioma (D. Luiz Caetano de Lima dá-lhe o nome de *Meimoa*) 180 fogos e 534 habitantes.

Em 1768 contava esta freguezia de Villa da Egreja 312 fogos,—era vigairaria do padroado real—e rendia para o vigario réis 100$000.

—

Alem da povoação de Villa da Egreja, séde da parochia e da matriz, comprehende as aldeias de Sarrazella, Cruz, Tojal, Samorim, Paço, Villa Cova, Pedrosas, Pedrosinha, Muxós, Contigem, Avellosa, Concão, Lameira, Cigarral, Villa d'Alem—e as quintas e casaes da Granja, Pereiro, Lavandeira, Prado, Porto Largo, Val da Lebre, Pontão, Fonte Arcada, Gandra, Val da Zebra e Calha Bem, todos pouco importantes.

As suas freguezias limitrophes são—Mioma, Barreiros, S. Miguel de Villa Boa, S. Pedro de France, Queiriga e Ferreira d'Aves.

Está na margem esquerda do Vouga e na direita do Sattam, distando do Vouga cerca de 7 kilometros para S.—8 do Sattam, confluente do rio Dão, para N. O.—20 de Viseu para E. N. E.—22 da estação de Mangualde, a mais proxima, na linha da Beira Alta—e, por esta linha e pela do Norte, 130 da Figueira,—206 do Porto—e 229 de Lisboa.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal a macadam de Viseu a Lamego.

A egreja matriz que, se attendermos ao titulo d'esta parochia, *Villa da Egreja*, devia ser uma obra monumental, é um templo singelo, pobre, maltratado e em ruinas!

Tem mais os templos seguintes:—na povoação do Tojal a capella do Espirito Santo, publica, e a egreja do extincto convento de Freiras dominicas,—em Muxós a capella de Santo Amaro,—a de S. Saturnino na aldeia de Pedrosas,—a de S. Sebastião na Villa da Egreja,—todas publicas,—e em Contigem uma capella particular, de Nossa Senhora do Desterro,—todas ordinarias, mas abertas ao culto.

A do Espirito Santo está em local muito interessante e pittoresco e tem festa com romagem, bem como a de S. Sebastião.

—

O unico edificio brasonado d'esta parochia são os novos paços do concelho; mas o brasão não é o do concelho,—é o da familia a quem foi comprada a dicta casa, aproximadamente em 1876, pouco depois da creação d'esta comarca.

Ali funcciona o tribunal e se acham installadas quasi todas as repartições publicas do concelho e da comarca, vivendo ainda no mesmo predio a familia do seu ultimo possuidor, Antonio Miguel de Carvalho, na parte que reservou, quando o vendeu á camara.

Ainda existem os velhos paços e a cadeia do concelho,—edificio humilde, hoje habitado pelo carcereiro.

O pelourinho já desappareceu.

A villa é uma povoação pequena. Reduz-se a um largo ou praça e tres ruas insignificantes, mas datam de tempo immemorial, tanto esta povoação como esta villa e este concelho, pois já o conde D. Henrique e sua mulher D. Theresa, paes do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, lhe deram foral em 9 de maio de 1111, confirmado em Santarem por D. Affonso II, em 31 de janeiro de 1218. D. Sancho II lhe deu outro foral, estando na cidade da Guarda, em 10 de julho, de 1240—e D. Manuel lhe deu foràl novo em Lisboa, com data de 6 de maio de 1514.

Para evitarmos repetições, veja-se com relação á historia d'este antiquissimo concelho o artigo *Satam, ou Sattam*, vol. 9.º pag. 64, col. 1.ª

Ali se mencionam as 12 freguezias que hoje constituem este concelho; note-se porem que d'aquellas 12 freguezias a de Aguas Boas e a de Forles estão hoje annexadas civilmente á de Ferreira d'Aves,—e as de Decermillo, Silvã de Baixo e Villa Longa estão egualmente annexadas á de Romãs.

Pelo ultimo recenseamento de 1878 comprehendia este concelho:

Fogos	2:958
Almas	12:767
Superficie em hectares	22:995
Predios inscriptos na matriz	10:917

—

Banham esta freguezia os rios Vouga e Sattam, confluente do rio Dão, no qual desagua perto de Alcafache,—e os ribeiros de Muxós, Tabolado, Pedrosas e *da Villa*, que desaguam no Sattam.

Producções dominantes — centeio, trigo, milho, batatas, vinho de mesa, hervagens, hortaliça, gado e caça.

Tem uma escola official de instrucção primaria elementar do sexo feminino e outra do sexo masculino, prestes a transformar-se em escola complementar.

No sitio denominado *Santos Idolos* (?) termo d'esta parochia, se encontram ruinas de velhas fortificações e de antiquissimo povoado, o que alguem attribue á occupação do povo—rei.

Ali teem apparecido em differentes datas varios artigos de ceramica e de ferro e cobre bem como algumas moedas romanas.

No povo do Tojal houve minas e fornos de cal, hoje em abandono—e um convento de freiras dominicas, fundado em 1640, segundo se lê no *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, ou em 1630, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*; mas a chronica da ordem diz que este convento de Nossa Senhora da Oliva foi fundado pelo rev. dr. Feliciano de Oliva e Sousa, tendo alcançado licença do bispo de Viseu, D. Bernardino de Senna, em 7 de julho de 1632,—alvará de Filipe IV de Hespanha e III de Portugal, em 15 de maio de 1638,—e breve apostolico da Santidade de Urbano VIII, em 27 de maio de 1640 [1].

Inauguraram-se as obras com grande pompa no dia 6 d'abril de 1633 e com grande pompa n'elle deram entrada em 8 de setembro de 1640 as primeiras religiosas, que foram 11,—duas chamadas do convento de *Corpus Christi*, do Porto, (Villa Nova de Gaya) para fundadoras e directoras da nova communidade, uma com o titulo de Prioresa e outra com o de subprioresa,—mais 3 irmãs e 6 sobrinhas do benemerito fundador, ainda noviças.

Foi este convento do Tojal o 1.º que teve a ordem dominica na provincia da Beira, e por isso fr. Lucas de Santa Catharina, lhe prestou toda a attenção e lhe dedicou dous largos e muito interessantes capitulos, que extractaremos no *supplemento* a este diccionario. Vamos fechar este artigo consignando algumas noticias que o rev. vigario d'esta parochia se dignou enviar-nos com relação ao mencionado convento, relativas á sua extincção e ao que d'elle resta na actualidade.

—

Este convento foi extincto por falta de meios e de pessoal, approximadamente em 1830. Não chegou pois a completar 200 annos de existencia.

Na data da sua extincção contava apenas 1 religiosa professa, já muito velhinha, e 5 seculares.

A pobre senhora professa foi recolhida no mosteiro benedictino de *Ferreira d'Aves* [1], tambem d'este concelho, onde, passado pouco tempo, falleceu.

O edificio do convento nunca foi muito espaçoso nem muito notavel.

O breve pontificio de Urbano VIII apenas auctorisava a reclusão de 33 religiosas;—outro breve posterior auctorisou a reclusão de mais 7, mas não ha memoria de que a communidade preenchesse em tempo algum o numero de 40 religiosas professas.

Extincto o convento, passou para os proprios nacionaes, achando-se a egreja em perfeito estado de conservação e o edificio do convento muito velho e deteriorado, mas não em ruinas e ainda muito habitavel. Passado algum tempo o governo vendeu os materiaes do edificio a differentes, que o demoliram para aproveitarem a pedra e as madeiras;—depois vendeu ao grande proprietario José Antonio da Silva, de Aguiar da Beira, a cerca, o chão que havia sido occupado pelo convento, o mirante e a casa da hospedaria, o que tudo hoje está em tercei-

[1] *Historia de S. Domingos* por fr. Luiz de Sousa, continuada por fr. Lucas de Santa Catharina, Parte IV, vol. V, cap. 35, pag. 1 g da 3.ª edição.

[1] V. *Ferreira d'Aves*, vol, 3.º pag. 171, col. 2.ª—e a *Benedictina Lusitana*, vol. 2.º pag. 240, col. 1.ª e seg.

ro possuidor e é propriedade do sr. dr. João Paes d'Almeida Leitão, aqui residente. O mirante, de que apenas restavam as paredes, foi restaurado e unido á casa de habitação do seu proprietario, que restaurou tambem a casa da hospedaria e tem a cerca perfeitamente agricultada, constituindo o todo uma das primeiras vivendas d'esta parochia e d'este concelho.

—

A egreja foi cedida pelo governo á povoação do Tojal e ainda existe, mas muito deteriorada, o que é para sentir, pois era um lindo templo.

Ainda conserva o altar-mór e os dous lateraes com soberbos retabulos de preciosa talha dourada e as paredes todas litteralmente revestidas de bom azulejo.

Nos ultimos tempos faziam aqui as religiosas tres grandes festividades—uma a Nossa Senhora da Oliva, a padroeira do convento,—outra a S. Domingos, o patriarcha da ordem,—e as *endoenças* ou festas proprias da semana santa.

A egreja não tem brasões d'armas; consta porém que existiram em differentes capellas no interior do convento, o que tudo foi destruido pelos vandalos d'este *seculo das luses*!...

Salvemos as inscripções que ainda restam:

Na verga da porta que dá entrada para a veneranda egreja se lê a seguinte:

DEDICADO A NOSSA SENHORA DA
OLIVA A 6 D ABRIL DE
1633.

Na capella mór, em uma lapide sepulchral:

S. DO DOTOR FELICIANO DE
OLIVA E SOUSA FUNDADOR
DESTA CASA. FAL.º A 2 DE
FEVER.º DE 1656.

No forro da capella mór:

ESTA OBRA DE TREBUNA E
FORROS MANDOV FAZER
O ABBADE DE RERIS
FELICIANO DE OLIVA E
SOUZA CABRAL.
ANNO 1744

No mirante:

ESTA OBRA MANDOV
FAZER A M.ᵉ M.ª
DE XP.ᵗᵒ BAP.ᵗᵃ
PRIORESSA DESTE MOS-
TEIRO DE N N.
SS.ª DA OLIVA
ANO DE 1694.

Note-se que muitas lettras das 4 inscripções supra estão incluidas umas nas outras como ao tempo se usava.

Agradeço ao meu illustrado collega os apontamentos que se dignou enviar-me, lamentando que a sua modestia me não deixe consignar aqui o seu nome.

VILLA FACAIA—freguezia do concelho e comarca de Pedrogam Grande, districto de Leiria, bispado de Coimbra, na provincia da Extremadura.

Curato. Orago Santa Catharina d'Alexandria, Virgem e Martyr,—fogos 350,—almas 1:565.

O padre Carvalho deu-lhe o titulo de Villa *Faquay*, mencionando as freguezias que no seu tempo constituiam o concelho de Pedrogam Grande, da comarça de Thomar, e simplesmente indicou em globo a população do concelho.

D. Luiz Caetano de Lima nem sequer mencionou tal parochia!

O *Port. Sacro e Profano* apenas diz que em 1768 era um curato da apresentação do cabido da sé de Coimbra, rendendo 24$000 réis e contando 189 fogos.

Em 1852 contava 295 fogos,—e o *Diccionario* d'Almeida deu-lhe 307 em 1866.

O chão d'esta freguezia é bastante pedregoso e muito accidentado, principalmente o de Villa Facaia, séde da parochia, pequena aldeia de 40 fogos, aspecto triste e pouco saudavel.

Comprehende mais 16 aldeias,—6 a jusante da matriz: Pé da Lomba, Cume, Lameira Cimeira, Lameira Fundeira, Ramalho e Aldeia dos Freires ou das Freiras;—e 10 a montante: Gravito, Salaborda ou Sellaborda Velha, Salaborda ou Sellaborda Nova, Campello, Rabilgordo, Valle de Nogueira, Casal d'Alem, Pobraes, Alagôa, Varzea,—os

casaes de Moleiros e Pinheiro de Bollin—e a quinta ou habitação isolada, de Sabrosa.

As suas freguesias limitrophes são—Graça a S.—Campello e Castanheira de Pera a N.—Pedrogam Grande a S. E.—e Figueiró dos Vinhos a S. O.

—

A povoação de Villa Facaia, séde da parochia, está na margem direita da grande ribeira de Pera, da qual dista 4 kilometros, —8 de Pedrogam Grande,—10 da margem direita do rio Zezere, no qual desagua a ribeira de Pêra,—24 d'Alvaiazere, séde do arcyprestado,—42 de Coimbra—e 60 de Leiria.

A egreja parochial é um templo soffrivel, forrado de madeira, aproximadamente em 1880. Tem altar mór com retabulo e throno de talha e uma linda imagem da padroeira Santa Catharina, imagem feita em Braga. Tem mais 2 altares lateraes com decorações modestas.

Ha n'esta freguezia as capellas seguintes, todas publicas—Senhor do Calvario, em Villa Facaia,—Santo Antonio, em Sellaborda Nova,—Senhora do Resgate, em Aldeia dos Freires ou das Freiras—e Senhora da Piedade, na povoação do Ramalho.

Tem esta parochia uma confraria maior, muito antiga e com bastante rendimento ainda,—e 8 menores, ou simples *devoções;* a maior é a do Santissimo,—as menores são a de Santo Antonio de Sellaborda Nova, Santo Antonio da Egreja, Santa Catharina (padroeira) S. Caetano,—S. José,—Senhor do Calvario,—Senhora do Resgate—e Senhora da Piedade.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as do Santissimo Sacramento, Santo Antonio da Egreja, Santo Antonio de Sellaborda Nova, S. Sebastião, Senhora da Piedade e Santa Catharina, no dia 25 de novembro, com romaria e feira.

Segundo se lê no *Santuario Marianno* (vol. 4.º pag. 667) a capellinha de Nossa Senhora da Piedade era em 1712 já bastante antiga e particular, pertencente a uma quinta do sargento mór Luiz da Vide de Andrade, suppondo se ter sido feita pelos ascendentes do dicto sargento mor. A imagem da Senhora era de pedra, reprezentando-a com o seu amado filho morto nos braços, medindo a imagem da Senhora 5 palmos e 6 a do Senhor. Era alvo de grande devoção, mas não tinha festa em dia determinado.

—

Esta parochia não tem passal, mas a residencia é soffrivel.

Recebe o parocho 80$000 réis de derrama em dinheiro, mais cerca de tres moios de pão de *ementas* [1] e de cada fogo uma quarta pela missa dos sabbados. Tem alem d'isso de cada baptisado uma gallinha, dada pelos paes da creança, e 120 réis dados por cada um dos padrinhos que tambem, por costume antiquissimo, lhe dão a *competente bucha* (diz o meu informador) servida no logar destinado junto da sacristia.

D'aqui vem talvez a locução do povo, usada mesmo nas provincias do norte,—*pagar a bucha.*

Tambem o parocho recebe dos casamentos 240 réis pela missa dos noivos, mais 120 réis de cada um dos padrinhos e a *competente bucha,* dada pelos padrinhos e convidados e servida tambem no local proprio, contiguo á sacristia.

Por occasião da dicta *bucha* costumam concorrer ao *beberete* os visinhos, compadres e amigos dos noivos (diz ainda o meu informador) caprichando em levar as denominadas *amostras* (grande variedade) de vinhos «fazendo muitas vezes com que os convivas joguem o sôco e apanhem a sua *piteira.*»

Note-se que a producção dominante d'esta parochia é vinho e que os seus habitantes são turbulentos e de genio caprichoso e irascivel, tanto os homens, como as *mulheres*, algumas das quaes chegaram a conquistar uma certa celebridade no crime, matando os filhos, envenenando os maridos e *batendo nas suas proprias mães?!...*

[1] V. *Amenta*, vol. 1.º pag. 199, col. 1.ª

—

«A séde da comarca foi subtrahida ainda ha pouco tempo (diz o meu informador) de Figueiró dos Vinhos para Pedrogam *por artes de berliques e berloques*, com bastante prejuiso do publico.»

Ha n'esta freguezia uma eschola official de instrucção primaria elementar, creada em 1870, mas foi provida apenas em 5 de abril de 1873, sendo regida, aliás muito dignamente, desde aquella data até 1879, pelo rev. Albino Simões Cardoso Dias, então parocho encommendado aqui tambem [1].

Esta freguezia, além do vinho, sua producção dominante, produz tambem cereaes, fructas, batatas, azeite e lã, pois cria algum gado lanigero nos seus amplos montados, mas *nada exporta* (diz o meu informador) pelo que é pobre.

Não tem nem d'ella se approxima estrada alguma a macadam e, quanto a linhas ferreas, a mais proxima è a do norte, distando 44 kilometros da estação de Coimbra e pouco menos da de Pombal.

A confraria do Santissimo acompanha e suffraga todos os irmãos que fallecem; mas, se o fallecido não fôr confrade e quizerem que ella o acompanhe, teem de dar-lhe uma gratificação,—ordinariamente 1$200 réis *ou uma oliveira.*

VILLA DA FEIRA. V. *Feira*, villa, n'este diccionario e no *supplemento.*

VILLA FERNANDO—freguezia do concelho e comarca d'Elvas, districto de Portalegre, arcebispado d'Evora, provincia do Alemtejo.

Priorado,—fogos 127,—almas 492,—orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era villa,—contava 80 fogos,—todos lavradores,—pertencia á casa de Bragança e á comarca e ouvidoria de Villa Viçosa—e tinha uma capella de S. Romão, da qual hoje nem vestigios restam.

Em 1768 (segundo se lê no *Port. S. e Profano*) contava apenas 30 fogos,—era priorado da apresentação da casa de Bragança—e rendia 200$000 réis.

Atè 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertenceu ao bispado d'Elvas, hoje extincto.

Freguezias limitrophes—Santa Eulalia a N.—Villa Boim a S.—S. Vicente de Fóra a E.—Terrugem e Santo Aleixo a O.

—

Comprehende, alem da povoação de Villa Fernando, séde da parochia e villa extincta, os *montes* (casaes) seguintes:—S. Romão, Casas velhas, Paço, Carrão, Chaminé, Alcarapinha, Defesa, Serranos, Serranicos, Alcobaça, Velhinhos, Barrocal, Villa Fernando e Pegaxa,—a quinta das Casas Velhas e cinco *hortas* [1].

A maior parte d'estes *montes* são *herdades.* Pertencem á serenissima casa de Bragança as de Villa Fernando e Barrocal—e as de Serranos ou Serrões e Velhinhos ao digno par do reino Carlos Eugenio d'Almeida.

Esta freguezia está situada ao norte da estrada d'Elvas a Extremoz, pela freguezia da Orada, distando da dicta estrada 4 kilometros,—15 d'Elvas para N. O.—35 de Portalegre para S.—50 d'Evora para N. E.—15 da estação de Santa Eulalia, na linha ferrea de leste,—261 de Lisboa—e 384 do Porto.

Em toda esta freguezia apenas ha 2 kilometros d'estrada a macadam, da estação de Santa Eulalia até á herdade, hoje *Colonia* ou *Eschola Agricola* de *Villa Fernando.*

—

Este priorado está hoje ecclesiasticamente unido ao de Barbacena, por ser muito sensivel a falta de presbyteros e não ter parocho proprio.

O prior de Barbacena, em virtude de auctorisação especial do seu prelado, depois de dizer a missa conventual aos seus freguezes nos domingos e dias santos, vae celebrar 2.ª missa na egreja parochial de Villa Fernando.

---

[1] É natural a freguezia da Bemfeita, concelho d'Arganil, e primo do illustrado professor e poeta, dr. José Simões Dias.

[1] No *supplemento* a este diccionario, artigo *Aldeia*, explicaremos o que ao sul do nosso paiz, nomeadamente na provincia do Alemtejo, se entende por *montes, herdades, quintas* e *hortas.*

Por egual motivo se dá hoje tambem o mesmo facto nas dioceses ao norte do nosso paiz, nomeadamente na de Lamego.

Algunspresbyterosse acham ali encarregados de duas e por vezes *tres* parochias, celebrando tambem duas e por vezes *tres* missas conventuaes nos domingos e dias santos,—uma em cada freguezia a seu cargo.

Deus vele pela sua egreja e ponha cobro a semelhante anomalia.

—

Em quanto a templos ha hoje n'esta parochia apenas a egreja matriz, que nada tem de notavel e se acha em grande abandono, ameaçando cahir em ruinas.

Tambem não tem edificios que mereçam especial menção, exceptuando as novas construcções na *Colonia Agricola.*

Nada resta dos antigos paços do concelho nem da cadeia e do pelourinho d'esta villa.

Suppõe-se que estiveram no chão hoje occupado pelo *monte* de Villa Fernando.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as de S. Pedro, Senhora do Rosario e Senhora da Conceição, a padroeira, a 8 de dezembro.

A povoação de Villa Fernando, séde da parochia, tem sete pequenas ruas, sendo a *de Elvas* a principal.

Banham esta freguezia um regato e a ribeira de *Villa Fernando,* que passa junto do monte assim denominado e d'elle tomou o nome.

Tanto esta ribeira como aquelle regato são atravessados pela nova estrada a macadam da *colonia agricola* para a estação de Santa Eulalia, tendo uma bella ponte de pedra de 2 arcos sobre a dicta ribeira e outra sobre o regato. Desaguam no rio Caia e este no Guadiana.

Banham tambem esta freguezia outros ribeiros e regatos menos importantes.

Tem duas minas de cobre hoje abandonadas.

Producções dominantes — trigo, centeio, cevada, aveia, favas, feijões e mel, pois cria bastantes colmeias.

Tem algumas serras pouco importantes, sendo apenas digna de especial menção a da *Atalaia dos Sapateiros,* cujo nome ainda hoje faz eriçar os cabellos, pois muito tempo foi povoada e dominada por salteadores e assassinos.

N'este concelho fazia *pendant* com o pinheiral d'Azambuja e com a serra da Falperra!...

Tem esta freguezia uma escola official mixta de instrucção primaria elementar—e a *Colonia* ou *Escola agricola de reforma,* com uma estação telegraphica e um observatorio.

A casa de Bragança obteve o senhorio d'esta villa por compra que fez a sr.ª D. Catharina, mulher do duque D. João I, dando por ella o juro que tinha na alfandega das Almadravas, no Algarve.

Ao digno prior de Barbacena, o rev. Joaquim Francisco Celestino Mouquinho, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

—

Esta *Colonia* ou *Escola Agricola de Reforma* foi instituida pelo nosso governo para n'ella recolher e educar, *nomeadamente nos misteres da agricultura,* os vadios e presos por culpas leves.

Na escolha do local deu-se a preferencia á provincia do Alemtejo, por ser entre todas as do nosso paiz aquella em que a agricultura se acha em maior abandono e mais necessita de protecção e estimulo.

A dicta *Escola* é um verdadeiro *Seminario d'Agricultores,* que deve prestar muito relevantes serviços áquella provincia e a todo o nosso paiz—e foi montada na grande herdade de *Villa Fernando,* por ser uma propriedade vastissima e comprehender terreno que se presta a todas as culturas.

Esta grande herdade pertence (como já dissémos) á serenissima casa de Bragança e foi arrendada pelo governo por um praso sufficientemente largo para n'ella se poderem fazer as muitas construcções e modificações que demanda um estabelecimento d'aquella ordem,—construcções a que se deu principio em janeiro de 1884 e que vão

já muito adiantadas, mas que por certo não se ultimarão tão cedo, pois são vastas, variadissimas e não devem custar menos de 200 a 300 contos de réis?!...

N'esta data (janeiro de 1885) está construido um lago de *mil metros cubicos*, onde já corre a agua das nascentes do chafariz proximo á estrada de Barbacena, elevada por um moinho de vento americano—e está em construcção um chafariz para o publico, junto da aldeia da Conceição.

Tambem já se fez a estrada a macadam com duas boas pontes de pedra, até á estação de Santa Eulalia,—preparou-se o terreno, encheram-se todos os cavoucos e as alvenarias vão a 1 metro e mais de altura fóra do chão para as *cazernas dos colonos, edificios escolares, armazens, lavanderia, cozinhas, refeitorios, enfermaria*, etc.,—e vae dar-se começo ás edificações para *casa do director, secretaria, instrucção militar, egreja, rezidencia do capellão, mais casernas para os colonos, estação telegrapho-postal* e *observatorio*, pois estas duas ultimas repartições estão provisoriamente montadas em casas de madeira.

Tambem já se acham montados dois *observatorios agricolas*, um no ponto mais alto da *Colonia*, outro no *viveiro das plantas*, na baixa, junto do *monte*, onde estão actualmente a secretaria das obras e casas d'alguns empregados.

Tambem já se fez o desmonte para as edificações da *Granja*, ao norte da estrada de Barbacena, fronteira á *Colonia*—e tem-se regularisado a directriz dos ribeiros que banham a grande herdade de *Villa Fernando*, aberto vallas e feito outros melhoramentos n'aquella vasta propriedade.

As grandes plantações d'arvoredo, principiadas em 1882, em volta das edificações e do *monte* da *Colonia*, estão esplendidas e, alem de aformosearem o local, teem beneficiado muito a athmosphéra e favorecido a salubridade publica.

Finalmente a proxima aldeia da Conceição tem prosperado bastante com a vida que recebe da *Colonia*, já pela convivencia com os muitos empregados e operarios que se occupam n'ella, já pelo commercio de comestiveis e d'outros generos, já pelo trabalho que os jornaleiros n'ella encontram e encontrarão por muito tempo.

VILLA FERNANDO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria,—fogos 237,—almas 1:020,—orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era da apresentação do thezoureiro mór da sé da Guarda e tinha 500 fogos—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

O *Portugal S. e Profano*, em 1768, ou 60 annos depois, deu-lhe 406 fogos e 150$000 réis de rendimento—o *Flaviense*, em 1852, deu-lhe apenas 71 fogos—A *Estatistica Parochial*, em 1862, ou passados apenas 10 annos, deu-lhe 234 fogos e 978 habitantes,—Almeida, em 1866, deu-lhe 228 fogos—e o ultimo censo deu-lhe 237 fogos, em 1878.

É espantosa e parece incrivel tão grande oscillação na população d'esta parochia e nós não podemos dar a razão d'ella, porque, infelizmente, havendo estado por vezes na Guarda, nunca estivemos em Villa Fernando nem *até hoje* recebemos d'ali apontamentos alguns. Dá-nos porém alguma luz a *Chorographia Moderna* do sr. José Maria Baptista, pois no vol. 3.º pag. 741, citando o *Diccionario Geographico Manuscripto* (collecção dos relatorios dos parochos existente no Archivo Nacional, referida ao anno de 1758) diz que esta parochia n'aquelle tempo comprehendia *cinco* (aliás *seis*) pequenos concelhos:—*Villa Fernando* (o principal) com as quintas do Monte Carreto, do Meio e de Cima,—*Albardo* (hoje freguezia independente) com a quinta de João Dias,—*Villa Mendo*, hoje uma simples aldeia d'esta parochia de Villa Fernando,—*Adão*, hoje freguezia independente tambem,—*Pousa Folles*, hoje talvez a freguezia de *Pousa-Folles do Bispo*, no concelho do Sabugal,—e *Roto*, hoje outra simples aldeia d'esta parochia de Villa Fernando.

—

É possivel e até *provavel* que a *Chorographia Portugueza* e o *Portugal Sacro e Profano* conglobassem no titulo de *Villa Fernando* a população d'aquelles *seis concelhos*,

dous dos quaes são hoje simples aldeias e os quatro restantes parochias independentes, com a população total de 674 fogos e 2:764 habitantes, segundo o ultimo recenseamento.

Sendo porem esta parochia *séde de seis concelhos*, parece que devia tambem ser villa, ter foral e senhorio proprio, mas nem Franklim nem chorographia alguma dizem tal!..

O padre Carvalho em 1708, indicando todas as villas, parochias e concelhos da comarca da Guarda, apenas a menciona como *simples parochia* entre as do termo d'aquella cidade (vol. 2.º pag. 348)—e D. Luiz Caetano de Lima em 1736 (*Geographia Historica*, tomo II, pag. 128) fallando da comarca e correição da Guarda, diz que se compunha de uma cidade, um couto e trinta villas que menciona, mas não encontramos entre ellas *Villa Fernando* nem algum dos outros cinco concelhos indicados em 1758 no *Diccionario Geographico Manuscripto*.

Valha-nos Deus!

—

A povoação de Villa Fernando está em planicie, na estrada da Guarda para Villar Maior, 1 kilometro ao sul da margem direita da ribeira de Noeime, confluente do rio Côa;—dista da Guarda 12 kilometros para E. S. E.—e 18 da margem esquerda do rio Côa, para oeste.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Villa Mendo, Roto, Val de Carros, Pombaes e Cravella;—os casaes do Carreto e do Cimeiro—e as quintas do Meio, de Cima, de João Dias, Corte e Moinho.

As suas freguezias limitrophes são—Casal da Cinza a N.—Adão a S.—Panoias a N. O.—e Albardo a N. E.

Producções dominantes—cereaes e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

D'esta freguezia tomou o nome de *Villa Fernando* uma das estações do caminho de ferro da Beira Alta.

É a 24.ª (apeadouro) partindo da Figueira para Villar Formoso e Salamanca. Dista 218 kilometros da cidade da Figueira e 35 de Villar Formoso, ainda hoje, (15 de janeiro de 1885) a estação *terminus* da mencionada linha, na fronteira de Portugal; brevemente porem se inaugurará a exploração até Salamanca, talvez antes de chegarmos ao artigo *Villar Formoso*.

VILLA FLOR — palacio e quinta *extramuros* da cidade de Guimarães, na circumscripção da freguezia de *Urgeses*, sub-urbana e em contacto com a cidade. V. *Urgeses* vol. 10.º pag. 17, col. 2.ª

Este palacio e quinta formam uma das mais pittorescas e interessantes vivendas de Guimarães e da formosa provincia do Minho.

Pertenceram a Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho Fonseca e Camões, fundador do palacio e da maior parte da quinta, 7.º senhor dos coutos d'Abbadim e Negrellos e dos morgados da Camoeira, em Aviz, Carvalhos, em Alemquer, Landim, Torneiros e Monte Longo, padroeiro das respectivas egrejas, cavalleiro professo da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, academico supra-numerario da *Academia real de Historia portugueza*, da dos *Infecundos* e da *Arcadia*, em Roma, patrono da *Academia Vimaranense* e um dos homens mais illustrados do seu tempo.

Na *Academia Real* tinha o nome de *Tagomello Coriteo*;—imprimiu e compoz em parte o *Guimarães Agradecido* (2 vol.) e deixou manuscriptas as *Memorias ecclesiasticas, seculares e genealogicas da Villa de Guimarães*.

Nasceu em 21 de fevereiro de 1692.

—

O palacio e quinta de *Villa Flor*, por morte de Thadeu Luiz, passaram a uma sua filha e depois a uma neta, a qual casou com Antonio José d'Almeida e Mello, 2.º visconde de Villa Nova de Souto d'El-rei, cujos filhos venderam as dictas propriedades a sua prima, D. Maria Leonor de Sousa Peixoto de Carvalho, senhora do morgado de Pousada em S. Pedro d'Azurem;—esta as vendeu em 1829 a Lourenço d'Arcochela, que por sua morte as doou ao seu sobrinho Nicolau, conde d'Arrochela. D'este passaram a sua filha

D. Leonor d'Arrochela e d'esta a seu irmão Heitor d'Arrochela que em 1881 as vendeu por 39:500$00 réis a Antonio de Moura Soares Velloso, capitalista, socio, director e gerente da *Companhia do caminho de ferro de Bougado a Guimarães,* casado com uma filha do visconde de Godim.

Tem a mencionada linha ferrea a sua estação *terminus* dentro da quinta de *Villa Flor*, a poucos metros de distancia do palacio, em terreno que o sr. Antonio de Moura Soares Velloso vendeu á companhia por 19:000$000 de réis.

—

O palacio, posto que ainda se acha incompleto, é um dos melhores de Guimarães. Occupa um planalto vistoso, muito pittoresco e (segundo resa a tradição local) foi fundado por um vice-rei da India, deportado para aqui; mas o meu illustrado collega, João Gomes d'Oliveira Guimarães, reitor de S. Vicente de Mascotellos, diz que vira um *in-folio* manuscripto, que foi da casa de Thadeu Luiz A. L. C. F. C.—casa e manuscripto hoje pertencentes ao dr. Motta Prego,—e que no dicto *in-folio* se lê que o fundador do palacio em questão fôra, como já dissemos, o mencionado Thadeu Luiz.

Tem este palacio hoje as armas dos Arrochelas (*Vieiras*) seus ultimos possuidores, em substituição das de Thadeu Luiz (*Carvalhos*) que ainda hoje lá se veem quebradas e dispersas em fragmentos pelos recantos dos jardins!...

N'este palacio se hospedou a familia real na sua vizita ás provincias do norte—em 1852.

SS. MM. a rainha, a sr.ª D. Maria II e el-rei o sr. D. Fernando, o principe D. Pedro (o *santo* e *chorado* rei sr. D. Pedro V)—e o infante D. Luiz (hoje S. M. el-rei o sr. D. Luiz I) entraram em *Villa Flor* no dia 15 de maio d'aquelle anno e ali se conservaram até ao dia 17, ás 4 e meia horas da manhã, dando SS. MM. e AA. beijamão no dia 16, para o que se improvisou um throno na sala nobre do palacio,—e foram convidados por SS. MM. para o jantar d'esse mesmo dia os titulares e as auctoridades de Guimarães.

N'este palacio se realisaram tambem no ultimo anno (1884) duas festas memoraveis e esplendidas,—a abertura da exploração da linha ferrea, no dia 14 d'abril,—e a *Exposição Industrial de Guimarães*, pomposamente inaugurada no dia 15 de junho e encerrada no dia 26 de julho do mesmo anno.

Com relação a esta linha ferrea veja-se n'este volume 10.º o artigo *Vias Ferreas*, pag. 473, col. 2.ª—e com relação ás dictas festas vejam-se os jornaes do tempo, nomeadamente o *Commercio Portuguez* e o *Commercio do Porto*—e o *Relatorio* da dicta Exposição, publicado no mesmo anno.

Projectam-se no momento duas amplas avenidas,—com 24 a 30 metros de largura—da estação de *Villa Flor* ao centro da cidade de Guimarães,—uma em direcção ao *Campo da Feira*, outra em direcção ao *Toural*.

No *supplemento* a este diccionario darei mais desenvolvimento aos differentes topicos d'este artigo, aproveitando os interessantes apontamentos que se dignou enviar-me o meu illustrado collega, João Gomes de Oliveira Guimarães, pelo que mais uma vez lhe beijo as mãos agradecido.

VILLA FLOR—villa e freguezia extincta, hoje simples povoação de 25 fogos e 84 habitantes, pertencente á freguezia de S. Thiago da Amieira, concelho de Gavião, comarca de Nisa, districto e bispado de Portalegre na provincia do Alemtejo [1].

Em 1708 era villa e freguezia da comarca de Portalegre,—contava 80 fogos—tinha por seu orago S. Bartholomeu Apostolo (como *Villa Flor* de Traz-os-Montes) egreja parochial e duas capellas publicas—e era commenda da ordem de Christo e titulo de condado.

Em 1768 era villa e freguezia do bispado de Portalegre e da apresentação d'el-rei pelo tribunal da Mesa da Consciencia,—contava

---

[1] V. n'este diccionario *Amieira*, a penultima, vol. 1.º pag. 200.

Amieira foi villa fortificada e teve foral dado por D. Manuel em 15 de novembro de 1512, posto que Franklim o não menciona.

No *supplemento* a este diccionario daremos mais desenvolvimento ao art. *Amieira* bem como a este de *Villa Flor*.

apenas 38 fogos—e rendia para o parocho 96 alqueires de trigo, 6 almudes de vinho e 20$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar.

Dista 1 kilometro da villa da Amieira para E.—2 da ribeira de Figueiró para S.—3 da margem esquerda do Tejo,—19 de Gavião, séde do concelho, para E. N. E.—10 de Nisa para O.—25 da estação do Peso, na linha ferrea de Caceres,—229 de Lisboa—e 352 do Porto.

Tem diligencia diária entre Nisa e a estação do Peso.

Esta freguezia de Villa Flor acha-se annexa á de S. Thiago d'Amieira desde 1836 para os effeitos civis—e desde 1856 para todos os effeitos.

Em 1834 ainda era villa e séde de concelho.

As suas producções dominantes são—trigo, centeio, milho, vinho, gado e caça.

—

Esta *Villa Flor* foi sempre uma povoação insignificante, mas muito notavel por ser titulo do condado instituido por D. Affonso VI em 23 de junho de 1661 na pessoa de D. Sancho Manuel, general das provincias da Beira e do Alemtejo e um dos maiores vultos na guerra da independencia ou dos 27 annos, em seguida á memoravel revolução de 1 de dezembro de 1640.

Foi D. Sancho Manuel o 1.º conde e 1.º donatario de Villa Flor, graça que D. Affonso VI lhe conferiu como galardão da heroicidade com que se portou na batalha e victoria das *Linhas d'Elvas* (14 de janeiro de 1659) sendo governador d'aquella praça, quando D. Luiz d'Haro a sitiou com um poderoso exercito castelhano, para ficar completamente derrotado, sendo tido como *primeiro general da Hespanha* n'aquelle tempo!...

Para evitarmos repetições, veja-se no vol. 3.º o art. *Elvas*, pag. 18, col. 2.ª

Na batalha das *Linhas d'Elvas* o exercito portuguez foi commandado pelo conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, feito marquez de Marialva em 11 de junho de 1661.

D. Sancho Manuel, já conde e donatario de Villa Flor e general em chefe do nosso exercito, derrotou os hespanhoes commandados por D. João d'Austria, na celebre batalha do *Ameixial*, no dia 8 de junho de 1663 [1].

—

Era D. Sancho Manuel de sangue nobilissimo, descendente do infante D. Manuel, de quem tomou o appellido, filho do rei de Castella D. Fernando, o *santo*, e de sua mulher a rainha D. Brites; mas á nobreza do sangue soube juntar, como poucos, a nobresa do caracter e dos grandes feitos.

Foi conde e donatario de Villa Flor, do concelho d'estado e da guerra, commendador das commendas de S. Nicolau de Celorico de Basto, de Santo Adrião de Penafiel e de Santa Maria do Marmeleiro, governador da cidade do Porto, da Torre de Belem e da praça d'Elvas e por ultimo nomeado vice-rei do Brazil.

Falleceu coberto d'honras e de gloria no dia 3 de fevereiro de 1677.

Foi 2.º conde de Villa Flor D. Chrystovam Manuel,—3.º conde D. Martim de Sousa e Menezes Manuel,—4.º D. Luiz Manuel de Sousa e Menezes,—5.º (me parece) D. Joaquim Manuel de Sousa e Menezes,—6.º D. Antonio do Populo Manuel de Sousa e Menezes Severim de Noronha—e 7.º e *ultimo conde* de Villa Flor, por successão na nobilissima casa dos *Manoeis*, como todos os outros 6 condes d'este titulo,—D. Antonio José de Sousa Manuel e Menezes Severim de Noronha,—um dos vultos mais proeminentes da accidentada historia de Portugal, n'este seculo.

Não nos sentimos com força para escrever a sua biographia, nem ella cabe nas estreitas columnas d'este diccionario. Indicaremos apenas *muito ligeiramente* alguns topicos:

—

Foi s. ex.ª 1.º marquez e 7.º conde de Villa Flor, 1.º duque da Terceira, 9.º copeiro-mór e gentil-homem da camara de S. M., condestavel temporario, par do reino, conselheiro, ministro e secretario d'estado honorario, grã cruz das ordens da Torre e Éspada, S. Bento d'Aviz e de Nossa Senhora

[1] V. *Ameixial*, vol 1.º pag. 195, col. 1.ª

da Conceição de Villa Viçosa, das de S. Fernando em Hespanha, de Ernesto Pio, da Saxonia, e de Leopoldo, da Belgica, commendador da de Christo, condecorado com a cruz d'ouro da guerra peninsular por 6 campanhas e com a medalha de commando em batalha por S. M. Catholica,—com a da de Victoria,—governador da Torre de S. Vicente de Belem, presidente do supremo concelho de justiça militar, marechal do exercito, etc.

Entrou no serviço militar em 1803, no regimento de cavallaria n.º 4 e, sendo alferes no mesmo corpo, passou a ajudante d'ordens do general visconde de Souzel, em 1808; foi em 1813 ajudante do marechal Beresford com o posto de capitão; fez *todas as campanhas da guerra peninsular* e passou ao Brazil em 1816. Em 1817 voltou com uma expedição ao Brazil, commandando um regimento da divisão dos *Voluntarios Leaes* e n'esse mesmo anno foi nomeado governador e capitão general do Pará. Estando nomeado em dezembro de 1820 governador e capitão general da Bahia, voltou com el-rei D. João VI para a Europa em 1821.

Foi ajudante da pessoa do infante, commandante em chefe do exercito em 1823 e então enviado a Hespanha a comprimentar S. A. R. o duque d'Angouleme;—foi governador das armas do Alemtejo em 1826 e, pouco depois, commandante de uma divisão, á frente da qual combateu os absolutistas n'aquella provincia e nas do norte, ganhando as victorias de Coruche da Beira, Ponte do Prado e Ponte da Barca, obrigando-os a refugiar-se em Hespanha, onde foram desarmados.

—

Foi governador das armas do Porto, desde 25 de agosto de 1827 até fevereiro de 1828.

Tendo-se mostrado affecto ás idéas liberaes, emigrou para o extrangeiro em março d'esse mesmo anno e voltou ao Porto em junho do anno seguinte para auxiliar os movimentos constitucionaes.

A celebre alçada que levou ao patibulo os 10 *martyres da liberdade*, o exautorou e privou de todas as honras, privilegios e dignidades, por sentença de 21 d'agosto de 1829, e o condemnou a ser com baraço e pregão conduzido pelas ruas publicas do Porto até á Praça Nova e a morrer ahi, de morte natural de garrote, e depois de lhe ser decepada a cabeça, seria pregada em um poste na estrada de Mathosinhos (onde tinha desembarcado) ficando exposta até que o tempo a consumisse;—*o corpo e o cadafalso seriam reduzidos a cinzas e lançadas ao mar para que d'elle e da sua memoria não houvesse mais noticia.*

Accrescenta ainda a famosa sentença—*confiscação e perdimento de todos os seus bens!...*

Valeu-lhe o ter emigrado e achar-se ausente.

Na mesma sentença e nas mesmas penas eram comprehendidos o marquez de Palmella, os condes de Sampaio e das Taipas,—João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, depois duque de Saldanha,—o barão de Rendufe,—o marechal de Campo Francisco de Paula d'Azeredo, depois 1.º conde de Samódães,—Thomaz Pinto Saavedra, tenente de cavallaria, tio paterno do meu bom amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra de Provezende, no alto-Douro, e outros muitos, que não foram justiçados, por haverem emigrado a tempo.

Veja-se o art. Porto, vol. 7.º pag. 328, col. 2.ª até pag. 336.

Sendo capitão general da Ilha Terceira, em 1829, repeliu na Villa da Praia a expedição mandada de Lisboa pelo sr. D. Miguel contra ella. Em 1830 foi membro da regencia e commandante das tropas liberaes na mesma ilha; em 1831 restaurou do poder absoluto as outras ilhas dos Açores;—em 8 de julho de 1832, sendo commandante em chefe do exercito libertador, desembarcou nas praias do Mindello com o sr. D. Pedro IV e ganhou nome e gloria no cerco do Porto. No fim d'aquelle anno foi dispensado do commando que o sr. D. Pedro tomou a si e, nomeado 1.º ajudante d'ordens do mesmo senhor, continuou na defesa do Porto até 21 de junho de 1883, data em que partiu como general da expedição ao Algarve. Desembarcou em Cacella e, atravessando o Algar-

ve e o Alemtejo com uma marcha rapida e atrevida, chegou a Cacilhas, onde bateu e derrotou a 23 de julho de 1833 a divisão do feroz general Telles Jordão, quatro vezes maior do que a sua, deixando morto no campo o dicto Telles Jordão e entrando triumphante em Lisboa no dia seguinte.

Foi depois encarregado de diversos commandos na defesa das linhas de Lisboa; capitaneou por vezes as tropas d'observação a Santarem—e, sendo finalmente escolhido por S. M. Imperial para commandante de uma divisão expedicionaria ao norte, sahiu do Porto a 5 d'abril de 1834. Depois de haver percorrido e libertado todo o Minho, Traz-os-Montes e Beira, ganhou na Extremadura, a 16 de maio do mesmo anno, a decisiva batalha da Asseiceira,—passou ao Alemtejo e concluiu a campanha no dia 27 do mesmo mez e anno com a completa submissão do inimigo, estipulada na convenção d'Evora Monte.

—

Foi nomeado conselheiro de estado em 1833,—ministro da guerra em 1835,—e presidente do conselho de ministros em 1836.

Nasceu a 18 de março de 1792,—succedeu no titulo de conde de Villa Flor e na casa de seu pae no dia 6 de março de 1795 —e falleceu no dia 26 d'abril de 1860, contando 68 annos de edade.

Casou duas vezes, mas não deixou successão.

Para a sua genealogia e outras minudencias biographicas veja-se a *Chorographia Portugueza*, tomo 2.º cap. 6.º pag. 566 e seg. —as *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, pag. 623 a 631,—a *Rezenha das Familias titulares do Reino de Portugal*, (Lisboa, 1838), pag. 235 a 238,— o *Diario Mercantil* de 26 de abril de 1860— e o *Universo Pittoresco*.

—

As armas dos condes de Villa Flor eram as seguintes: escudo esquartelado, no primeiro as dos Sousas, esquartelado das quinas de Portugal e armas de Leão,—no segundo as dos *Manoeis*, tambem esquartelado; no primeiro de vermelho um coto d'aguia com uma mão, segurando uma espada guarnecida d'ouro,—no segundo um leão de purpura armado em campo de prata. No meio do brasão o escudo dos Menezes, tendo em campo d'ouro o annel. Tinha a principio a corôa de conde,—depois a de marquez—e por ultimo a de duque.

A pobre villa de Villa Flor, titulo d'estes nobres condes, nunca teve armas proprias nem foral.

—

Esta pequena povoação é muito antiga, pois nas *Memorias de Nisa* se encontra o seguinte: «Como os templarios foram os que libertaram as margens do Tejo e n'ellas arvoraram o pendão de D. Affonso, tambem foram d'estes as primicias que lhes deu. Segundo Manuel Severim de Faria, nas suas *Noticias de Portugal*, as primeiras que elles houveram foram Thomar, Alpalhão, Nisa, *Villa Flor* e Montalvão.

Passa no antigo termo d'esta parochia extincta a ribeira de Figueiró, que nasce entre Alpalhão e Castello de Vide,—atravessa os termos de Nisa e de Arez e desagua no Tejo, nas proximidades de Villa Flor, no sitio denominado as *Oleiras*. Tem diversas pontes de pedra, sendo uma das mais antigas a que se acha proxima de Villa Flor. Na margem esquerda da dicta ribeira, junto da mencionada ponte se vê gravada em uma pedra a inscripção que temos por copia, desenhada pelo rev. parocho da Amieira. É muito curiosa, mas só em gravura póde reproduzir-se, porque não tem semelhança alguma com os caracteres conhecidos, usados na imprensa.

Parece um anagramma arabe, especie de jerogliphico.

VILLA FLOR de Traz-os-Montes—villa, freguezia e séde de concelho, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança.

Reitoria,—orago S. Bartholomeu Apostolo,—fogos 432,—almas 1850,—segundo os apontamentos que d'ali me enviaram e que muito agradeço.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 427 fogos e 2:067 almas, no que acho grande desproporção.

Em 1706 (diz Carvalho) era *abbadia* do padroado real,—contava 300 fogos, 12 ca-

pellas e 10 fontes—e rendia para o parocho mais de 800$000 réis, somma importante n'aquelle tempo.

Em 1768 (diz o *Portugal Sacro e Profano*) era *reitoria* do padroado real,—contava 274 fogos—e rendia apenas *cem mil réis!*

Aqui houve grande lapso, pois só para a capella real davam annualmente os *abbades* ou *reitores* e deram até á extincção dos dizimos *duzentos mil réis!*...

Note-se tambem que os *abbades* ou *reitores* d'esta villa apresentavam os parochos de *Roios* e *Nabo*, freguezias limitrophes [1].

—

Até 1834 pertenceu esta villa á grande comarca de Moncorvo, a maior das quatro em que se dividia toda a provincia de Traz-os-Montes.

As outras 3 eram Bragança, Miranda e Villa Real.

Foram donatarios de Villa Flor os Sampaios de Mello e Castro, depois condes e marquezes de Sampaio, [2] tambem senhores da villa e honra de S. Paio, onde tinham o seu solar, na freguezia do mesmo nome, hoje d'este concelho de Villa Flor.

Os seus primeiros donatarios foram os Aguilares, cujo senhorio e outras muitas terras e honras o nosso rei D. João I lhes tirou por seguirem o partido de D. João I de Castella na guerra da successão, em seguida á morte do nosso rei D. Fernando, o *formoso* e *inconstante*, filho de D. Pedro, o *justiceiro*.

Para a genealogia e armas dos ultimos donatarios d'esta villa, veja-se *Paio* (S.) vol. 6.º pag. 415.º, col. 1.ª—e *Moncorvo*, vol. 5.º pag. 386, col. 1.ª tambem.

—

Villa Flor está situada em terreno alto, mas relativamente abrigado, mimoso e muito fertil entre Mirandella e o Douro, na linha N. S.—e entre a ribeira da Villariça e o Tua, na linha E. O.—em uma leve depressão de terreno, ao sul e nas faldas da serra de *Val Frichoso*, serra quasi toda aravel e bem cultivada.

Pela contagem antiga distava 3 legoas de Moncorvo, 3 de Mirandella, 3 da margem direita do Douro, foz do Sabor, e 3 da ponte d'Abreiro, sobre o Tua.

Tambem contavam antigamente 3 legoas de Mirandella a Murça, a Val Passos, a Carrasedo de Montenegro e a Macedo de Cavalleiros—e outras 3 leguas de Carrazedo de Montenegro a Val Passos, a Murça e a Chaves, o que hoje causa riso.

Parece que em Traz-os-Montes não havia para distancias outra craveira alem da de 3 leguas!

Villa Flor dista hoje de Moncorvo, pela nova estrada a macadam, 27^{k} 687,^{m}78 para N. O.—de Mirandella os mesmos 27 a 28 kilometros, para S.—10 (approximadamente) da margem esquerda do Tua, para E.—20 da margem direita do Douro (*Rego da Barca* ou foz do Sabor)—23 da estação do Pocinho, commum a Villa Nova de Foscoa e Moncorvo, na linha ferrea do Douro,—30 da

---

[1] Em 1675 contava 400 fogos e rendia 1:500 ducados, segundo se lê na *Poblacion General de España* de Rodrigo Mendes da Silva, pag. 144, v.

Nenhum dos nossos chorographos foi mais lisongeiro para com Villa Flor do que Rodrigo Mendes da Silva, no logar citado.

As poucas linhas que lhe dedicou são um primor de estylo, um *bouquet* de mimozas flores.

[2] D'esta nobre familia ha dous ramos em frente de Villa Flor, na margem esquerda do Douro, provincia da Beira Baixa,—um na freguezia do Rabaçal, concelho e comarca da Meda, hoje representado pela viuva e filhos de Antonio Homem da Silveira Sampaio e Mello,—outro na villa de Marialva, representado pelo rev. Dionisio Ignacio de Sampaio e Mello e sobrinhos.

estação de Tua, na mesma linha do Douro, —169 do Porto (pela estação de Tua)—e 506 de Lisboa.

Logo que se inaugure a linha ferrea da estação de Tua a Mirandella, hoje (1885) em construcção e que deve dar estação a Villa Flor, todo o movimento entre esta villa e o Porto será feito pela mencionada linha e as distancias marcadas variarão um pouco.

—

Freguezias limitrophes — Roios, Villas Boas, Freixial, Candoso, Nabo, Junqueira, S. Paio, Samões, Seixo de Manhoses e Meirelles, freguezia hoje annexa á de Villas Boas.

Villa Flor comprehende alem da Villa a povoação do Arco, [1] outr'ora pertencente á freguezia do Nabo,—e as quintas do Carrascal, Athayde, Val d'Espinho, Val de Castellares e S. Domingos, segundo se lê na *Chorographia Moderna.*

Os meus apontamentos fazem tambem menção da quinta de S. Gonçalo.

As producções dominantes d'esta villa e d'este concelho são—vinho, trigo, centeio, azeite, castanhas, batatas, hortaliça, muita fructa, especialmente *melões e melancias* na ribeira da Villariça, [2] linho canhamo e lan, pois cria bastante gado ovino, caprino, bovino e suino.

Tambem é abundante de caça miuda—lebres, perdizes e coelhos.

O vinho foi a sua producção principal. Ainda em 1880 produziu (a freguezia de Villa Flor)—2.758:225 litros;—em 1881—2.697:894—e em 1882—apenas 1.796:000 litros de vinho,—2.400:400 de trigo,—3:600 de centeio,—940 de milho e 360 de cevada;—mas hoje (1885) o *oidium tukeri* a *phyloxera*, a *angnillula*, a *clorose*, a *antrechnose*, o *mildin*, a *termes* ou formiga branca, a *maromba*, a *cicada atra*, o *vermelhão* e outros muitos inimigos das videiras que já destruiram a maior parte dos vinhedos do Alto Douro e que ameaçam de morte os vinhedos de todo o nosso paiz, já reduziram tambem os d'esta parochia, d'este concelho e d'esta provincia a um estado que inspira dó e faz recear o seu aniquilamento em praso breve!...

No artigo *Villarinho de Cottas* volveremos ao assumpto e lhe daremos mais desenvolvimento.

—

Não se sabe quando nem por quem foi fundada esta povoação, mas é com certeza muito antiga,—anterior mesmo talvez á occupação romana, pois dos romanos aqui se teem encontrado moedas e outros vestigios.

Teve *foral velho confirmado* por outro de D. Diniz em Lisboa, no dia 24 de maio de 1286.

Liv. do sr. Rei D. Diniz, fl. 166, v. e fl. 167. col. 1.ª e *Monarchia Luzitana*, parte 5.ª liv. 16, cap. 51, pag. 119, v.

Este foral se conservava no archivo da camara, mas desappareceu ha pouco tempo.

Teve tambem *foral novo*, dado por el-rei D. Manuel em Lisboa, a 4 de maio de 1512, *Livro dos Foraes Novos de Traz-os-Montes* fl. 17 col. 1.ª

Este foral se conserva ainda hoje no archivo da camara,—*completo, bem tractado* e *bem conservado.* É muito curioso e muito interessante. Já o tivemos em nosso poder e d'elle fizemos um longo extracto, que daremos no *supplemento*, para não alongarmos demasiadamente este artigo.

Comprehende 14 folhas de pergaminho com o indice, escriptas em portuguez, mas em caracteres gothicos, tendo a primeira pagina uma vistosa tarja com illuminuras a côres e grandes lettras a côres, tambem, no principio dos diversos topicos. Tem mais 3 folhas de pergaminho e 2 de papel commum com os *vistos* dos corregedores de Moncorvo, desde 1538 até 1831, sendo este ultimo firmado pelo corregedor Oliveira Malafaia.

Este foral julgou-se perdido, mas nós tanto lidámos que o descobrimos em Vinhaes e conseguimos fazel-o reentrar no archivo da camara, d'onde fôra levado por emprestimo.

—

Foi D. Diniz o rei mais benemerito para esta villa, pois não só lhe confirmou e ampliou o seu velho foral e a cingiu de mu-

[1] Em 1708 contava 20 fogos; hoje tem 46.
[2] V. *Villariça.*

ros,[1] mas lhe mudou o antigo nome de *Povoa d'Alem do Sabor* para o actual de Villa Flor,—e el-rei D. João I lhe deu por brasão uma flor de liz e o escudo das armas reaes com as quinas e 7 castellos, em substituição das armas dos Aguilares, seus primeiros donatarios e que eram 5 aguias, como ainda hoje se vêem nos paços do concelho, que revelam muita antiguidade.

—

Até o fim do seculo XV foi terra importante e rica. Era habitada então por grande numero de judeus que a tornavam florescente pela industria e tracto commercial de todo o genero, incluindo a ourivesaria e joalharia, mas, pela barbara e mal entendida expulsão dos judeus, em virtude da condição expressa no contracto matrimonial de el-rei D. Manuel com a princesa D. Isabel de Castella, sua primeira mulher, começou a decadencia de Villa Flor, porque não só perdeu a actividade e o genio mercantil e industrioso que caracterisaram sempre os israelitas, mas tambem os capitaes que ao tempo eram apanagio quasi exclusivamente seu.

Assim veiu a diminuir consideravelmente a população d'esta villa e muitos dos seus edificios cahiram em ruinas [2].

O mesmo succedeu em Bragança, Moncorvo, Villa Nova de Foz Côa, Gouvêa da Beira Baixa, Covilhã e n'outras povoações em que abundavam os judeus.

Sobre este assumpto, nomeadamente com relação á villa de Gouvêa, é muito digno de ler-se o que Alexandre Herculano diz na sua interessante obra *Do Estabelecimento da Inquisição em Portugal.*

V. *Gouvêa*—villa da Beira Baixa, no *supplemento.*

—

Os velhos muros d'el-rei D. Diniz tinham 4 portas (alguem diz 5) das quaes hoje apenas resta a denominada da *Villa* que olha para o sul.

É de arco e tem 3^m,50 de largura e 4^m,0 d'altura.

A camara demoliu em 1868 a *do Rocio*, que dava para o largo d'este nome. Das outras não ha memoria.

Junto da *porta da Villa* ainda hoje se vê um pequeno lanço dos velhos muros, tendo contigua uma casa de dous andares, reformada nos ultimos annos, e que denota grande antiguidade.

Parece ter sido uma torre ou fortim para defesa da dicta porta.

Tambem se veem ainda junto da mencionada porta, *intra-muros*, bastantes casas velhissimas, formando *bitesgas* que a tradição aponta como resto da *judiaria* que houve n'esta povoação.

—

No local que hoje occupa a egreja matriz e que é o ponto culminante do bairro murado, pequeno outeiro que se ergue a meio da villa, houve em tempos remotos um castello ou torre de menagem. Tendo cahido em ruinas e tornando-se inutil depois da invenção da artilheria, não mais restauraram aquellas obras de defesa e com a sua pedra construiram a egreja anterior á egreja actual, no mesmo sitio do castello ou da torre, como fizeram em Ceia e Mirandella e *deviam fazer* em Moncorvo [1].

A egreja matriz de Villa Flor, alem de estar muito vantajosamente situada, é tambem vasta e sumptuosa,—talvez a 3.ª da provincia, depois da sé de Miranda e da egreja de

---

[1] Veja-se o artigo *Moncorvo*, vol. 5.º, pag. 332, col. 1.ª

[2] Só de 1675 até 1768, como já dissemos no principio d'este artigo, a sua população baixou de 400 fogos a 274.

Em 93 annos perdeu pois 126 fogos e 500 a 600 habitantes—e mais devia perder nos 179 annos que decorreram desde 1496, data da expulsão dos judeus, até 1675.

[1] A egreja matriz de Moncorvo é um templo monumental, o primeiro da provincia de Traz-os-Montes, depois da Sé de Miranda e *sem contestação* um dos primeiros do nosso paiz! Custou 6 vezes mais do que a sé actual de Bragança, *vergonha de todas as Sés*; mas brilharia *em dobro* se estivesse onde hoje estão os novos paços do concelho, no local do antigo castello. Infelizmente ficou abafada e sem horisonte em um dos pontos mais baixos d'aquella grande villa.

V. *Moncorvo*, vol. 5.º pag. 383, col. 2.ª

Moncorvo, da qual parece imitação, pois tem como ella *gigantes* em toda a circumferencia para ampararem as suas altissimas paredes,—mas tem interiormente uma só nave em quanto que a de Moncorvo tem duas,—e na frontaria duas torres, em quanto que a de Moncorvo tem só uma;—é porém muito mais elegante e mais ornamentada a frontaria da de Villa Flor.

Tem de altura exteriormente 15^m,20,—de largura 14^m,0,—de comprimento 42^m,20—2 torres com 24^m,60 d'altura, cada uma, e do lado sul um bom relogio.

Interiormente: — largura 9^m,20,—altura 14^m,0,—comprimento 39,^{m}20—e 6 altares, tendo os 4 lateraes retabulos de boa talha antiga dourada e o altar mór um espaçoso e elegante retabulo de talha dourada mais moderna, dos fins do seculo XVIII (1787).

Tambem tem interiormente uma capella que foi dos condes de Sampaio, donatario d'esta villa, conservando ainda os brasões d'elles.

—

Este magestoso templo foi feito no ultimo seculo em substituição da egreja matriz, que esteve no mesmo local e desabou no dia 31 de janeiro de 1700. Tractaram logo da nova construcção, mas, como a obra fosse muito dispendiosa, durou annos e por vezes se interrompeu.

A tradição ainda hoje repete uma cantiga popular feita a proposito;—é a seguinte:

Villa Flor já não és villa,
Nem villa te chamarão,
Porque te cahiu a egreja
E tarde a levantarão.

Achando-se paradas as obras, um benemerito filho de Villa Flor apresentou-se á commissão promotora com um chapeu cheio de luzentes peças d'oiro e lhes disse: *continuem as obras emquanto durar este dinheiro!!..*

E as obras proseguiram—e a egreja se ultimou.

Sentimos que a tradição local, repetindo ainda hoje unanime o facto, não conservasse o nome de tão benemerito cidadão.

Tambem consta que a camara da villa vendêra alguns bens do concelho para auxiliar a construcção da egreja—e que os judeus ou *christãos novos* ao tempo domiciliados na villa, mediante certa somma que deram para as obras, se libertaram de irem á missa sob prisão, acorrentados por uma fita, e de outros vexames, taes como serem obrigados a *commungar por um buraco* aberto na parede da egreja [1].

—

Alem da sua magestosa egreja matriz tem Villa Flor a egreja da Misericordia, hoje em reconstrucção, e as 5 capellas publicas seguintes:

1.ª—De *Santa Luzia*, no cimo da Praça descendo, á esquerda.

É pequena e muito singela, mas veneranda pela sua antiguidade.

Foi a primeira matriz de Villa Flor e *mesquita dos mouros*. Tem ainda bem vizivel a porta d'arco de volta inteira, apertando na parte inferior em *fórma de ferradura*, no estylo arabe, posto que modernamente metteram dentro do arco em *fórma de ferradura* um portico rectangular.

É tambem muito interessante interiormente, mas como este artigo vai ja muito longo, no *supplemento* completaremos a descripção d'ella com as notas que tomamos quando ali estivemos em outubro de 1883.

2.ª—De *S. Sebastião*, a leste e já fóra dá villa, junto da *Fonte das Bestas*.

Foi reconstruida, ha poucos annos, em substituição d'outra muita antiga, tambem attribuida aos mouros. Teve tambem um portico em *fórma de ferradura* [2] e interior-

---

[1] Nas venerandas ruinas do antigo convento de S. Pedro das Aguias, da ordem de Cister, denominado *S. Pedro Velho*, na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, diocese de Lamego, ainda hoje (1885) lá se vê na parede da capella mór, do lado da epistola, o *buraco* por onde commungavam os judeus ou *christãos novos* d'aquelles sitios.

V. *Tavora* da Beira Alta, n'este diccionario, vol. 9.º pag. 516, col. 1.ª e no *supplemento*.

[2] Conserva ainda hoje tambem a mesma *fórma de ferradura* a porta principal da soberba egreja matriz da freguezia da Trindade, n'este concelho de Villa Flor — e consta-me que no concelho de Lousada existe outra egreja matriz com um portico muito ornamentado e a mesma *forma de ferradura*, na freguezia de Santa Maria de Meinedo.

mente 3 altares, como a de Santa Luzia, e as mesmas dimensões.

3.ª—De *Nossa Senhora da Lapa*, tambem fóra da villa e a cavalleiro d'ella, dominando-a perfeitamente toda, com vastissimo horisonte sobre esta provincia e sobre as da Beira Alta e Beira Baixa.

O altar foi aberto a pico em uma rocha ou *lapa* de que tomou o nome.

Está na pendente sul da serra de Val Frichoso.

4.ª—De *Nossa Senhora da Encarnação* ou da *Veiga*, hoje dentro do cemiterio parochial.

5.ª—Do *Santo Christo*, na Praça e a pequena distancia da de Santa Luzia.

Todas estão bem tractadas e abertas ao culto, posto sejam muito antigas. Acham-se porem já em ruinas e prestes a desapparecerem as seguintes: de *S. Martinho*, na rua do mesmo nome,—de *Santo Antonio*, fóra da villa, junto da estrada de Moncorvo,—de *Santa Marinha*, no alto da serra de Val Frichoso, na estrada de Roios (apenas lá se veem as paredes)—mais uma do *Espirito Santo* e outra de *S. José*.

Todas estas capellas eram publicas e suppomos serem as 10 indicadas pelo padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*.

Ha hoje tambem n'esta villa uma formosa capella particular, mas com porta franca ao publico, no palacio de Diogo Augusto Pinto de Lemos, sobrinho do visconde de Lemos,—e houve mais 3 capellas particulares, hoje todas tres em ruinas, na quinta de S. Gonçalo, uma de *S. Gonçalo*, outra de *S. Jeronymo* e outra de *Santa Barbara*.

Total dos templos d'esta villa—2 egrejas e 14 capellas.

—

Tem a villa cemiterio parochial, mas infelizmente está em sitio fundo e humido, no valle da Veiga, a jusante da povoação e distante d'ella cerca de 500 metros.

O local é bonito, mas improprio para cemiterio.

Inauguraram-se n'elle os enterramentos no dia 18 de junho de 1876.

Houve outr'ora n'esta villa fabricas de cortumes. Ainda existe no sitio dos *Pelames* um pôço ou tanque, resto d'aquelles estabelecimentos.

Nem a guerra peninsular, nem as guerras civís posteriores causaram aqui grande damno.

Dos *excessos* praticados por occasião das mencionadas guerras civis, apenas citarei um que é *original* e muito depõe a favor de uma illustre dama d'esta villa: Foi multada *por excesso de caridade* para com uma leva de presos?!...

—

Tem esta villa casa de Misericordia muito antiga. Data dos fins do seculo xv ou principios do seculo xvi e d'ella fallaremos mais d'espaço no *supplemento*.

É seu actual provedor, aliás muito digno e zeloso, o sr. José Manuel Teixeira Malheiro, pharmaceutico e vogal da mesa gerente do santuario de *Nossa Senhora da Assumpção*, n'este concelho, hoje o 1.º santuario d'esta provincia. D'elle fallaremos no artigo *Villas Boas*, em cuja freguezia se acha.

É tambem o mesmo sr. dono da quinta de *Bemsaude* [1] e das aguas *alcalino-gazosas*, d'este nome, que brotam na mencionada quinta, a pequena distancia d'esta villa e dentro d'este concelho, na sua pendente sobre a ribeira da Villariça,—aguas bem conhecidas em Portugal e no extrangeiro pelas suas propriedades medicinaes e que são congeneres das de *Vidago* e das *Pedras Salgadas*, orgulho d'esta provincia.

V. *Villariça*.

A egreja da Misericordia tinha 7,m0 de largura e 18 de comprimento; por ser muito antiga, desabou em 1882, mas em 11 de no-

---

[1] *Bemsaude* ou *Bem-Saude* é claramente o nome hebraico *Bensaude*.

N'esta data vive em Lisboa o capitalista e banqueiro muito notavel entre a colonia israelita Abraham *Bensaude*, um dos fundadores e directores da grande *Companhia do Zaire*, recentemente ali formada com o capital de 500:000 libras esterlinas ou réis 2.250:000$000, para exploração das nossas possessões africanas.

Suppomos, pois, que a mencionada quinta tomou o nome d'algum dos muitos israelitas que viveram n'esta villa, chamado ou appellidado *Bensaude*.

vembro de 1883 se deu principio á sua reconstrucção por iniciativa do seu actual provedor J. M. T. Malheiro, coadjuvado por alguns irmãos benemeritos, entre os quaes é digno de especial menção o rev. Fr. José da Santissima Trindade, venerando egresso franciscano do convento ou seminario do *Monte da Falperra*, que deu para ajuda das primeiras obras 100$000 réis e para hospital *a propria casa em que vivia e vive!...*

No *supplemento* daremos a interessante biographia d'este venerando ancião que pelas suas acrisoladas virtudes é geralmente estimado e respeitado como um *santo*, qual outro Fr. João de Neiva.

—

Este concelho de Villa Flor confina ao N. com os de Mirandellá, Macedo de Cavalleiros e Alfandega da Fé,—a S. com o de Carraseda d'Anciães,—a E. com a ribeira da Villariça—e a O. com o rio Tua.

Comprehende hoje as 19 freguezias seguintes:

Assares, annexada civilmente á de Santa Comba,—*Bemlhevae*, annexada civilmente á de Valle Frichoso, — *Candoso*, — *Carvalho d'Egas*, annexada civilmente á de Valle de Torno,—*Freixiel*,—*Lodões*, annexada civilmente á de Villa Flor,—*Mourão*,—*Nabo*, annexada civilmente á de Villa Flor tambem, —*Roios*, annexada civilmente á de Valle Frichoso,—*Samões*, *Santa Comba*, *S. Paio*, annexada civilmente tambem á de Villa Flor, —*Seixo de Manhoses*, annexada civilmente á de Valle de Torno,—*Trindade*, annexada civilmente á de Valle Frichoso,— *Valle Frichoso*,—*Villa Flor*,—*Villarinho das Azenhas*, annexada civilmente á de Villas Boas—e *Villas Boas*.

D'estas 19 freguezias as mais importantes são *Villa Flor*, *Villas Boas*, *Santa Comba e Freixiel*.

Fogos (total)	2:510
Almas	10:112
Superficie em hectares	21:590
Predios inscriptos na matriz	13:600

—

Em 1798 este concelho de Villa Flor differia bastante do concelho actual e, segundo se lê em um manuscripto existente na *Bibliotheca Municipal do Porto*, [1] tinha 864 fogos, 3:083 habitantes (1:495 mulheres, e 1:588 homens) 6 barbeiros, 38 presbyteros seculares e 2 religiosos, 6 pessoas litterarias, 53 sem occupação, 51 negociantes, 3 cirurgiões, 3 boticarios, 232 lavradores, 222 jornaleiros, 29 alfaiates, 30 sapateiros, 3 carpinteiros, 5 ferreiros, 5 tosadores, 1 pintor, 6 moleiros, 2 cerieiros, 50 criados e 35 criadas. Pastores *nem um*, — emquanto que o concelho de Villas Boas, limitrophe, contando apenas 234 fogos, tinha 134 criados, 87 criadas e 25 pastores.

—

Conta hoje este concelho de Villa Flor 8 bachareis formados:—João Antonio Teixeira de Castro, pertencente á freguezia de Villas Boas,—Manuel Antonio de Azevedo, pertencente á freguezia de S. Paio,—Antonio Alexandre Pinto Barroso e Pedro Gomes de Magalhães Pegado, pertencentes á freguesia de Roios,—Candido Augusto d'Oliveira, pertencente á freguezia de Santa Comba (delegado no Porto)—e 3 pertencentes á freguesia de Villa Flor, Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, que já foi deputado ás côrtes filho de Manuel Antonio Ferreira d'Aragão, marechal de Campo,—Bento Manuel da Costa Vaz, delegado em Baião,—e Jorge Leite Pereira, sobrinho do visconde de Seabra. Tambem já foi deputado e é recebedor em Vinhaes.

Conta hoje tambem este concelho 18 presbyteros,—4 na villa e 14 nas 18 freguezias restantes.

Os 4 da villa são o seu digno reitor, Daniel José de Moraes,—o santo fr. José da Santissima Trindade, egresso do convento da Falperra,—Fr. Alberto de Maria Santissima e o rev. Francisco da Conceição Pereira Cabral, que já foi professor no collegio de S. Luiz, em Braga, depois no do *Padre Roseira*, em Lamego, e actualmente é professor, aliás muito digno, no novo *Seminario de*

[1] Codice n.º 486, *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da dicta provincia.

Nossa Senhora do Rosario, ou dos *Carvalhos,* na diocese do Porto.

Ainda no ultimo anno (1884) falleceram em Villa Flor 2 presbyteros,—o rev. arcypreste, João Caetano Pereira, contando 84 annos de idade,—e o rev. Albino José de Moraes Ramos.

Em 1854 só na matriz de Villa Flor costumavam celebrar o incruento sacrificio da missa 10 presbyteros *diariamente.* Hoje rareiam d'um modo lastimoso em todo o nosso paiz e tanto que já n'esta diocese de Bragança, na de Lamego e em outras, muitos parochos estão curando *simultaneamente* 2 e por vezes 3 freguezias e com previa auctorisação celebrando nos domingos e dias santificados 2 e por vezes 3 missas?!...

Deus se condôa da sua egreja e pônha termo a tão anomalo estado de cousas!

—

Dos 40 maiores contribuintes d'este concelho couberam a Villa Flor no anno ultimo os 15 seguintes—dr. Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, Martinho José Pinto de Figueiredo, administrador do concelho [1], Adrião Maximo da Silva Magalhães, Alexandre Cesar Lopes Pastor, Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, Francisco Pinto de Lemos, Elias Ribeiro Commenda, Francisco Diogo Pereira Cabral, João Pedro Miller, João Teixeira de Figueiredo, Sebastião José Lopes (engenheiro civil) Paulo José Pinto (presidente da camara) Pedro José Ribeiro, Manuel Joaquim Teixeira e Francisco de Moraes Leite Sotto Maior e Castro.

Tem a villa estação telegrapho-postal, uma casa para escola feita com o subsidio do benemerito conde de Ferreira, 2 aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dous sexos, 1 casa de Misericordia, 4 agencias bancarias, 1 boa philarmonica ou banda marcial, 3 machinas de queimar vinho, 2 largos (o *Rocio* e a *Praça*) 7 edificios brasonados, muitas familias nobres e ricas, 1 pharmacia, 2 hospedarias e varios estabelecimentos commerciaes, contando entre elles um a leste da Praça, que é dos melhores da provincia, pertencente a Belmiro Benevenuto de Mattos e Sá, montado em uma elegante casa nova de dois pavimentos com portas d'arco em ogiva.

—

Até 1834 esta villa teve um ouvidor, apresentado pelos condes de Sampaio, senhores d'ella, 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 juiz dos orfãos, 1 capitão-mór, 1 sargento-mor, 4 companhias de ordenanças na villa e seu termo e mais 3 companhias com 3 capitães nas villas de Frechas, S. Paio e Villas Boas.

O corregedor de Moncorvo apenas aqui entrava em correição.

Villa Flor nunca teve convento algum, mas houve aqui um *hospicio* de Nossa Senhora da Assumpção, fundado em 1791, que em 1798 contava apenas 2 leigos e não tinha rendas algumas certas ou incertas,—diz o *codice* da *Bibliotheca portuense,* já citado.

Na rua do *Paço* ao nascente d'esta villa, um pouco a jusante da *Casa do Paço* que foi dos condes de Sampaio, appareceram ha annos, por occasião de um desaterro, varias moedas romanas. Muitas outras se teem encontrado em differentes pontos da villa e arrabaldes.

No valle da Veiga, por exemplo, se encontrou junto do actual cemiterio uma moeda d'ouro do tempo de Trajano e ruinas d'um

---

[1] Era casado com a ex.ma sr.a D. Maria Pinto de Figueiredo e apenas com o intervallo d'alguns dias falleceram *ambos* em dezembro de 1884.

Bom esposo, bom pae, excellente cidadão, affavel no tracto, lhano para com todos, tendo por norma do seu proceder a mais rigida probidade e o mais inquebrantavel cavalheirismo, soube o venerando ancião crear em volta de si um circulo de sympathias profundas, contando os amigos pelo numero das pessoas que tinham a ventura de o conhecer.

Era tio segundo do sr. dr. Augusto dos Santos Pinto, de Carrazedo de Montenegro, distincto jurisconsulto e cavalheiro respeitabilissimo tambem.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

aqueducto antiquissimo, talvez romano tambem.

—

Os paços do concelho são muito antigos, mas singelos.

Para n'elles se accomodarem as diversas repartições publicas, a camara mandou tapar 4 arcos sobre que assentava a frontaria.

O velho pelourinho já não existe.

Estava na praça, em frente dos paços do concelho, mas foi demolido ha annos, quando se regularisou e arborisou a dicta Praça, cujo chão foi antigamente um *souto de carvalhos*, pertencente aos duques de Lafões, que tiveram muitas propriedades n'esta villa e n'este concelho e ainda hoje aqui teem bastantes foros.

—

Diz a tradição que, em tempos remotos, veiu a Villa Flor um destacamento *expressamente* para conduzir a *importante somma* de 720 réis para o castello d'Almeida!...

Tem esta villa feira mensal muito importante e muito abundante de gado bovino, suino e caprino, cereaes, etc., no dia 15 de cada mez—e mercado todas as quintas feiras.

O clima d'esta parochia é muito saudavel e não ha n'ella memoria de grandes epidemias. Apenas o typho appareceu aqui ha annos e fez 4 ou 5 victimas.

Nos limites d'este concelho foi manifestada uma mina de varios metaes, na serra de Val Frichoso, do lado de Roios;—e na serra do Faro, em frente do pincaro onde se ergue o santuario de Nossa Senhora d'Assumpção, ha importantes jazigos de ferro, o que em parte revelam as nascentes d'agua ferruginosa que brotam na pendente do dicto monte sobre o Tua.

Houve em tempos remotos n'esta villa uma mulher, chamada Anna Borges, que *era obrigada* a tocar uma charamella na egreja matriz, durante a elevação da hostia!...

Este concelho tem apenas uma estrada a macadam, de Mirandella a Moncorvo, que atravessa Villa Flor de N. O. a S. E. e fórma a sua principal rua, sendo todas as outras tortas, estreitas e mal calçadas, o que não depõe muito em favor dos seus edis. [1]

—

Na estrada nova a macadam, de Villa Flor a Moncorvo, ha duas grandes pontes de pedra, de maxima utilidade para o publico,—uma sobre o rio Sabor,—outra sobre a ribeira da Villariça. A 1.ª era já muito antiga mas foi restaurada e alteada pelas obras publicas, porque as cheias do Douro a cobriam, como succedeu em 1860;—a 2.ª denominada da *Junqueira*, por ficar a pequena distancia da freguezia d'este nome, foi feita pelas obras publicas, quando se construiu a nova estrada.

É hoje a *unica* ponte que ha sobre a grande ribeira da Villariça; todos os povos das duas margens a demandam no inverno, desde a margem do Douro até cerca de 15 kilometros para o interior, quando necessitam de atravessar a grande ribeira.

Demanda este concelho mais duas estradas urgentemente,—uma da foz do Tua, por Carrazeda d'Anciães, a Villa Flor, entroncando na de Mirandella a Moncorvo,—outra da séde do concelho á estação de Villa Flor, na linha ferrea do Tua.

A 1.ª já se acha estudada, approvada e construida desde a Foz do Tua, ou da estação d'este nome na linha do Douro, até Carrazeda d'Anciães,—a 2.ª ainda não passou de projecto, mas para desejar seria que se convertesse em realidade, antes de se concluir a linha ferrea do Tua, em via de construcção.

Para evitarmos repetições veja-se com relação a esta linha o artigo *Vias Ferreas*, n'este 10.º vol. pag. 478, col. 1.ª

—

Tem Villa Flor 6 fontes d'agua potavel, 3 de poço e 3 de bica.

Os 3 poços são o da Praça, o do Rocio e o que está ao sul da villa, junto da estrada

---

[1] Inaugurou-se a construcção da dicta estrada n'esta villa em 1868—e em 1874 n'ella se estabeleceram as primeiras diligencias, entre esta villa e Mirandella.

O cemiterio data de 1875.

nova, á esquerda indo para Moncorvo, sendo este ultimo notavel pela sua fabrica, attribuida aos mouros ou aos romanos! [1]

Tem 3 metros de profundidade e boa agua nativa,—é coberto por abobada de pedra com portico em ogiva,—tem superiormente um recinto quadrado, formando uma especie de *kiosque* ou mirante com pavimento e guardas de granito, coberto por uma cupula em forma de pyramide, sustentada por 4 columnas tambem de granito—e na cornija da cupula tem varios emblemas, sobresahindo entre elles uma cara e duas cornetas partindo da boca da dicta cara, cada uma para seu lado,—tudo em baixo relevo.

Do lado superior havia um tanque muito antigo tambem com duas bicas. Foi demolido quando se fez a estrada nova e substituido por outro que a camara mandou fazer junto do exotico poço, para o lado da villa e tambem á esquerda da nova estrada, indo para Moncorvo.

É um tanque espaçoso com 2 bicas e tem na parede, a meio d'ellas, um escudo com uma flor de liz,—superiormente um *bouquet* —e inferiormente a data da construcção, 1859.

Os outros 2 poços são redondos e muito singelos; teem cerca de 9 metros d'altura e 4 de diametro cada um — e apenas uma guarda de pedra lisa no bocal.

Sobre o do Rocio, que está junto da egreja da Misericordia, houve até 1870 um cruzeiro, onde se prégava um sermão nas festas de *endoenças* [2],—festas que foram sempre muito notaveis e são ainda hoje as primeiras da provincia, no seu genero.

Os outros 2 tanques são o do *Toural*, feito pela camara em 1864—e o das *Bestas*, junto da capella de S. Sebastião.

—

Dos 7 edificios brasonados que tem hoje esta villa 2 são publicos,—o novo tanque, já descripto, e os paços do concelho,—os outros 5 são particulares,—3 no Rocio:—a casa que foi do visconde de Lemos, por elle edificada em 1846, e hoje pertencente a uma sua sobrinha,—o vistoso e elegante palacete, sem contestação o 1.º da villa, com uma linda capella, pertencente a Diogo Augusto de Lemos, sobrinho do dito visconde,—e o palacete que foi de Luiz Antonio de Moraes e Castro, ultimo capitão-mór d'esta villa, hoje pertencente por compra (desde 1881) á familia Pinto de Figueiredo e que ainda conserva as armas dos seus fundadores. O 4.º edificio particular brasonado é a *Casa do Paço*, que foi dos condes de S. Paio, hoje pertencente a João Pedro Miller, que a restaurou e modificou, mas conservando o brasão dos ditos condes, depois de a obter por compra, bem como todos os bens que aqui possuiam os mesmos condes, entre os quaes avulta a grande quinta do *Carrascal*, na Villariça.

O outro edificio brasonado é de humilde apparencia, mas muito notavel pela sua antiguidade e tradições. As portas teem as quinas boleadas;—foi solar dos Cardosos de Menezes—e hoje pertence por successão a a monsenhor D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo titular de Mytilene e vigario geral do patriarchado de Lisboa.

Está em ruinas com o peso dos seculos e foi muito privilegiada.

Todo o criminoso que fosse perseguido pela justiça e lançasse a mão a uma argola que havia na frente da dicta casa, não podia ser preso no momento.

—

Manuel de Faria e Sousa no seu *Epitome de las Historias Portuguezas*, pag. 344, diz que esta Villa Flor de Traz-os-Montes foi titulo de condado.

Aliquando dormitat Homerus!...

Villa Flor, titulo de condado, não foi esta, mas sim a do Alemtejo, como dissemos no logar proprio. *Vide.*

Aqui nasceu em 1795 e aqui morreu o 1.º visconde de Lemos, Antonio Pinto de Seixas Pereira de Lemos, do conselho de

---

[1] Rodrigo Mendes da Silva o mencionou em 1675 sob o nome de *Poço do Arco*.

[2] Em Moncorvo ha tambem junto da Mizericordia e para o mesmo fim um *pulpito de pedra*, muito notavel! É talvez o 1.º do nosso paiz, depois do de Santa Cruz em Coimbra. V. *Moncorvo* no *supplemento*.

S. Magestade e marechal de campo graduado [1].

Foi governador civil de Villa Real.

> Não se confunda este visconde de Lemos, general e marechal, com o general José Antonio de Lemos que foi o ultimo general em chefe das tropas do sr. D. Miguel e que negociou e firmou a convenção d'Evora-Monte. Este general realista nasceu na freguezia de Santa Maria de Villar, concelho de Villa do Conde, em 1 de outubro de 1786 e falleceu no dia 16 de fevereiro de 1870, em Lisboa, onde jaz, no cemiterio occidental.
>
> V. *Villar* (Santa Maria de).

—

Foram tambem naturaes d'esta villa, entre outros escriptores, o poeta *Paulo Montes de Madureira Roubão*, auctor do poema heroico *Progressos Luzitanos*, em louvor das acções do exercito portuguez na guerra da successão de Hespanha;—*Manuel Antonio de Meirelles*, capitão d'engenheiros, auctor de varias obras publicadas nos annos de 1746, 1748, 1749 e 1750, com relação ás nossas conquistas da India,—e *Diogo Barrassa* ou *Barros*, judeu portuguez, medico e astrologo.

Foi auctor do *Prognostico e lunario do anno de 1635... tirado do arabigo, que traduziu do syriaco de Jonathas Abenizel Rabbi Israel de Ulmasia*,—Sevilha, 1630, 4.º—obra hoje rarissima.

—

Com rasão se orgulha esta villa de haver, desde tempos remotos, produzido muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas virtudes e pelas lettras,—familias de nobre linhagem,—cavalleiros e commendadores de differentes ordens, prelados de muitos conventos, jurisconsultos, desembargadores, deputados, titulares, generaes, marechaes de campo, etc.

Poderiamos dar uma extensa lista de muitas d'essas pessoas com as suas genealogias, mas este artigo vae já muito longo e não podemos alargal-o mais.

—

Foi nosso principal Cyreneu n'este artigo o sr. Antonio José de Moraes, uma creança na idade, pois conta apenas 21 annos, mas um cavalheiro de muito merecimento pela sua illustração e bom criterio e que tem diante de si auspicioso futuro, se Deus lhe prolongar a vida.

É s. ex.ª filho de Alipio Corrêa de Moraes e de D. Josefa Pinheiro de Moraes;—nasceu na povoação e freguezia do *Amêdo*, concelho de Carrazeda d'Anciães, no dia 10 de agosto de 1863—e, perdendo o pae aos 7 annos, passou em seguida para a casa do seu bom tio paterno, o rev. Daniel José de Moraes, digno parocho de Villa Flor, onde tem vivido até hoje.

Em outubro de 1878 foi admittido no seminario de Braga, onde cursou com muito aproveitamento as aulas de preparatorios até ao mez de maio de 1880, data em que uma grave doença o obrigou a interromper os seus estudos.

Em outubro de 1883 matriculou-se no 1.º anno do curso theologico no seminario de Bragança, por haverem passado em 1882, os concelhos de Villa Flor e de Carrazeda d'Anciães, com outros da provincia de Traz-os-Montes, da diocese de Braga para a de Bragança.

A todos os cavalheiros que se dignaram enviar-nos apontamentos para este artigo protestamos a nossa eterna gratidão,—nomeadamente ao sr. Antonio José de Moraes, a quem já devemos tambem apontamentos *interessantissimos* com relação aos prelados de Miranda e Bragança e outras muitas finesas, posto que não temos a honra de o conhecer pessoalmente.

VILLA FONCHE—freguezia do concelho e

---

[1] Nasceu em 1 de junho de 1795 n'esta villa e n'ella falleceu, solteiro e sem successão, no dia 16 de janeiro de 1862, sendo sepultado na egreja matriz, por não estar ainda feito o cemiterio.

Deixou os 7 irmãos seguintes:—Diogo de Lemos, que herdou o morgado,—D. Sophia, D. Emilia, D. Anna e D. Genoveva, todos ainda vivos e solteiros,—Padre Manuel e Dionysio, já fallecidos.

comarca dos Arcos de Valle de Vez, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria. Orago Santa Comba, fogos 94, almas 361.

Freguezias limitrophes. — Parada a N. — Rio Frio e Guilhadeses a O.—e S. Salvador dos Arcos a S. E.

Comprehende as aldeias seguintes—Egreja, Eira, Fijó, Quinta, Casal Soeiro, Fojo, Arrancado, Cepa, Fàcho, Pontilhão, Thomada, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Torim, Santa Barbara e duas quintas notaveis—a de *Casal Soeiro*, vendida pelos marquezes de Terena e Monfalim ao visconde de Rio Vez, [1] —e a de *Santa Barbara*, com capella, pertencente ao dr. Gaspar d'Azevedo Araujo e Gama, advindo-lhe por sua mulher e prima D. Philomena Pinto Pisarro Gil Vasques da Cunha Coutinho Porto-Carreiro, da casa da *Bandeirinha* ou *Palacio das Sereias*, no Porto.

V. Vol. 5.° pag. 271, col. 2.ª e pag. 296 col. 1.° *infine*—e vol. 7.° pag. 519 e 565, col. 1.ª

Passa junto d'esta freguezia a estrada real dos Arcos a Monsão,—e o ribeiro *Tourim* que desagua no rio Vez a dois kilometros de distancia.

É povoação muito antiga. O seu primitivo nome foi *Gilifonte*,—depois *Guilhafonxo*, *Guilhafonce* e *Guilhafonso*.

Veja-se esta ultima palavra n'este diccionario, vol. 3.° pag. 349, col. 1.ª onde já se fallou d'esta freguezia, que foi da apresentação dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Ao ex.^mo^ sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna do Castello, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FORMOSA—quinta da freguezia de Sacavem, no concelho dos Olivaes, districto de Lisboa.

Foi esta uma das primeiras propriedades em que se manifestou a maldicta phyloxera na provincia da Extremadura.

Manifestou-se tambem, quasi ao mesmo tempo, nas quintas de S. João, Restaurada, Francelha de Cima, Prior Velho e Marchante, todas da mesma ferguezia de Sacavem.

Comprehende mais esta importante parochia as quintas seguintes: Moxo, Ferro, Pretas, Cangalheiro, Penicheiros, Penamacor, Fonte, Archeiro, Couve, Pinheiro, St.° Antonio da Serra, Varzea, Victoria, Torres Vedras, Mercador, Meirinho, Senhora da Saude, Casquilhos, Manteiga, S. José, Nova, Nuncio, Fonte Perra, Chouriço, Roldão, Calçada, Anjos, Rio, Aranha, Francelha de Baixo, Serra, Cabeço, Areias, Malvasia, Condessa, Queimada, Sequeira, Alto, Quinta Velha e Horta do Meio.

V. *Sacavem*, vol. 8.° pag. 310, col. 1.ª

VILLA FRADE—antigamente freguezia e hoje simples povoação da freguezia de *Lama d'Arcos* no concelho de Chaves, districto de Villa Real de Traz-os-Montes. V. *Lama d'Arcos*, vol. 4.° pag. 29, col. 1.ª

—

Na povoação de *Villa Frade* existiu em 1738 e não sei se existirá ainda hoje um padrão redondo, junto da egreja, com a inscripção seguinte:

IMP. CAES
M AUR CA
RINO : : : : :
P. F. AUG
FR P : : : : : :
PP.

Quer dizer: *Esta memoria se dedicou ao Imperador Cesar, Marco Aurelio, Carino. Pio, Felix, Augusto, do poder tribunicio, pae da patria.*

VILLA DE FRADES—freguezia do concelho da Vidigueira, comarca de Cuba, districto e bispado de Beja, na provincia do Alemtejo.

Fogos 470, almas 1915.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, em 1708 pertencia á comarca de Beja e contava 800 fogos (?)—era da apresenta-

[1] Esta quinta adveiu aos Terenas pelos Gomes d'Abreu, vulgó *Trancas*—e anteriormente foi dos *Britos Cações*.

ção dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra,—tinha casa de Mizericordia,—uma capella do Espirito Santo,—outra de Santo Antonio dos Açôres—e a meia legua de distancia outra de S. Thiago, fundação dos mouros, toda cercada de vinhas;—eram senhores d'esta villa os marquezes de Nisa — e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 tabellião do judicial e notas e mais officiaes.

Em 1768—ou decorridos apenas 60 annos —esta villa e freguezia contava 326 fogos (diz o *Port.* S. e Profano)—pertencia ao arcebispado d'Evora—e rendia 200$000 réis.

Priorado. Orago S. Cucufate.

Foi villa e séde do concelho do seu nome até depois de 1840.

Ainda conserva a antiga cadeia e os velhos paços do concelho, onde actualmente funccionam duas aulas officiaes d'instrucção primaria elementar,—uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino. Já desappareceu o pelourinho.

—

Comprehende os *montes* (casaes) de St.º Antonio, Senhora de Guadalupe, Outeiro, Macabrão, Azeiteira—e as *hortas* d'Aparissa, Aroeira, Hortão, Malhada do Carneirinho, Ratoeiras, Córte do Judeu, Moia de Baixo, Moia de Cima e Motta.

Freguezias limitrophes — Cuba, Selmes, Vidigueira, Sant'Anna e Villalva.

Dista 2 kilometros da Vidigueira, séde do concelho, para oeste,—8 de Cuba, séde da comarca e estação da linha ferrea do sul, para N. E.—25 de Beja,—145 de Lisboa—482 do Porto—e 612 de Valença do Minho.

Tem boas estradas a macadam para Cuba, Vidigueira e Portel, já construidas—e para Beja e Villalva, em via de construcção.

Em quanto a templos tem hoje, alem da egreja matriz, a egreja da Misericordia e 4 capellas—S. Braz, dentro da villa, e St.º Antonio dos Açores, assim denominada por ter sido feita por um conde da Vidigueira em cumprimento de um voto se achasse um açor que encontrou no monte onde erigiu e se vê a mencionada capella, fóra da villa e a pequena distancia.—Tem mais a de S. Thiago que se suppõe ter sido *mesquita* dos mouros, [1]—e a de N. S.ª de Guadalupe, na serra d'este nome,—todas 4 muito antigas e quasi em ruinas.

Teve mais tres capellas, que já desappareceram—a do Espirito Santo, mencionada pelo padre Carvalho, a de S. Bento—e a de S. Sebastião.

A egreja matriz é de abobada,—tem altar mór e 4 lateraes—e paredes com *17 palmos de espessura!*—segundo se lê na *Descripção da Vidigueira e seu concelho*, pelo dr. Agostinho Albino Garcia Peres, de Setubal, ainda manuscripta, e de que já fizemos menção no artigo *Vidigueira*.

O altar mór e 2 lateraes teem boas decorações de entalha dourada. Os outros dous são de gesso ou estuque.

Data este templo de 1707 e tem de comprimento (interiormente) 33,ᵐ15—e de largura 12,ᵐ35.

O movimento d'esta parochia em 1883 foi o seguinte—baptisados 44,—casamentos 17 —obitos 26.

—

Nascem n'esta freguezia dous ribeiros, um que parte para N. O. e desagua na ribeira de Odivellas, confluente do Sado,—outro que parte para S. O. e desagua na ribeira de Odiarse, confluente do Guadiana.

É temperado e saudavel o clima d'esta villa, que está na encosta da serra de Guadalupe no cimo da qual e distante da villa pouco mais de 2 kilometros para S. O. se vê uma pyramide geodesica marcando 317 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

Producções dominantes—vinho, azeite, cereaes, fructa, caça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Pesou sobre esta freguezia, em 21 de junho de 1849, uma trovoada medonha que destruiu toda a propriedade, causando prejuizos enormes!

Foram donatarios d'esta villa os marquezes de Nisa—e antecedentemente os conegos

---

[1] Dista cerca de 2 kilometros de Villa de Frades. Diz a tradição que foi a 1.ª matriz d'esta parochia e das circumvisinhas, inclusivamente da de Cuba.

regrantes de St.º Agostinho, que lhe deram o seu primeiro foral, não sabemos quando.

D. Manuel o confirmou em Lisboa a 1 de junho de 1512. *Liv. de Foraes Novos do Alemtejo*, fl., 35, v. col. 2.ª

Veja-se o processo para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 12, n.º 24.

—

Houve aqui 2 conventos um de S. *Covado* ou Cucufate, de monges negros ou benedictinos,—outro de Nossa Senhora da Assumpção, de frades *capuchos*, franciscanos da Provincia da Piedade.

O primeiro foi um dos mais antigos e mais notaveis de Portugal e da peninsula. O seu prelado se intitulava, como os de Cluni e do Monte-Cassino *Abbade dos Abbades*.

Foi muito anterior á invasão do- mouros, —conservou-se aberto ao culto muito tempo durante a occupação mussulmana—mas por fim os mouros o destruiram.

Teve grandes rendas e fabrica sumptuosa —e já depois da completamente arrasado e deserto, foi dado com esta freguezia pelo nosso rei D. Sancho II, em 1225, aos cruzios de S. Vicente de Fóra, os quaes (segundo me parece) nunca o restauraram nem habitaram, mas povoaram o sitio e crearam esta villa, dando-lhe o seu primeiro foral, pelo que a povoação se denominou *Villa dos Frades* ou *de Frades*.

Estranhamos que a *Chronica dos Conegos Regrantes* não mencione este convento, mas menciona-o a *Benedictina Lusitana*. L. 1.º pag. 446 e 447, para onde remettemos os leitores.

Veja-se tambem no *Elucidario* de Viterbo a palavra *Abbade Magnate*, pag. 17, col. 2.ª *mihi*—e a *Monarchia Lusitana*, parte IV, fl. 200, v.

—

O segundo convento foi fundado em 1545 pelo conde da Vidigueira D. Francisco da Gama (filho de D. Vasco da Gama) e por sua mulher D. Guiomar de Vilhena, no local onde existia uma antiquissima capella da invocação de S. Bento.

Era guardiania de 13 a 14 frades e foi extincto em 1834, tendo apenas 6 ou 8 religiosos.

Do 1.º convento nada resta. O seu chão e a sua cerca passaram dos cruzios para os marquezes de Nisa,—está tudo plantado de vinha — e ali se teem encontrado alicerces das antigas fundações e muitos fragmentos de louça.

Do 2.º apenas se conservam as ruinas do convento e da egreja. A cerca é hoje vinha e olival—e o seu bello aqueducto, de 2 kilometros d'extensão aproximadamente, está em completa ruina tambem!...

Veja-se a *Chronica da Provincia da Piedade*, Liv. III, cap. 22.

No *supplemenlo* a este diccionario completaremos a historia do antiquissimo e venerando convento de *S. Cucufate*.

—

Na noite de 24 de dezembro de 1882 commetteu-se n'esta freguezia um desacato repellente! Foi violado e roubado o tumulo do benemerito filho d'esta villa, par do reino e conselheiro, Justino Maximo de Baião Mattoso, fallecido em junho d'aquelle mesmo anno.

Os ladrões forçaram a grade da capella onde se acha o jazigo do finado e, na incerteza do logar em que se encontrava o cadaver, arrombaram mais tres sepulturas.

Encontrando o que procuravam, abriram o caixão de madeira e o interior, que era de zinco, e despojaram o cadaver, do espadim, condecorações, botões e galões da farda de par do reino, que vestia.

Pelo exame do local em que se praticou o delicto, conheceu-se que os malfeitores sacrilegos operaram com todo o vagar a sua sinistra tarefa e que, não satisfeitos da injuria exercida sobre o morto, damnificaram os ornatos interiores da capella.

Não se commenta semelhante vandalismo!

Aqui falleceu em 3 de novembro de 1789 o poeta João Xavier de Mattos. Ignora-se a sua terra natal. Escreveu varias obras em prosa e em verso, indicadas por Innocencio Francisco da Silva, uma das quaes foi mandada á Exposição de Paris, em 1867.

O seu amigo, dr. Joaquim Antonio Alho Mattoso, lhe fez o funeral com a maior decencia, no dia 4 de novembro de 1789, na egreja parochial d'esta villa, e mandou gra-

var sobre a sepultura do finado um soneto que anda impresso.

—

Ao meu presado collega, o sr. Joaquim Freire de Carvalho, digno prior d'esta villa, agradeço os apontamentos que me enviou.

VILLA FRANCA — freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Orago, S. Miguel — fogos 140 — habitantes 880.

Em 1706 contava os mesmos 140 fogos — e 145 em 1768.

Foi da apresentação da mitra e commenda da ordem de Christo, do commendador de Lanheses (C. d'Almada) no termo de Barcellos.

Comprehende as aldeias seguintes—*Villa Franca*, Gondufe (são estas as principaes), Egreja, Figueiredo, Bairrinho, Pereira, Conceição, Estrada, Mosteiró, Pinheiro, Barrosas, Monte, Santa Cruz, Vallada, Rua Cega, Lomba, Visos, Estivada e Afranco,—a quinta que foi dos Cunhas Sotto-Maiores, hoje da viuva de João da Silva S. Miguel, negociante de Vianna,—e a quinta da *Barroca*, propriedade importante, que D. Maria do Carmo Pinto d'Almeida e Menezes, em 1877, deixou com suas pertenças e grandes capitaes (cerca de 300 contos!...) a Antonio Ribeiro da Silva, que falleceu em 1884. Tem capella e boa casa de residencia.

—

Até 1834 pertenceu esta freguezia ao termo de Barcellos.

Está na pendente norte do monte de *Roques*, onde apparecem, em volta da sua pyramide geodesica, ruinas de uma grande povoação que (dizem) era a cidade *Armenia*.

Este monte de *Roques* é tambem denominado monte do *Santinho* pelo povo que julga ver em uma pedra do dito monte as pégadas de S. Silvestre.

Freguezias limitrophes — Sub-Portella, ao nascente,—Mujães e Villa de Punhe, ao sul, — Mazarefes e Darque, ao poente—e ao norte o rio Lima, defrontando com as freguezias de Santa Martha e Serraleis.

Passa em *Villa Franca* a estrada districtal n.° 3, de Vianna a Ponte de Lima, pela margem esquerda do rio d'este nome.

Dista 3 kilometros da estação de Darque, na linha ferrea do Minho,— 8 de Vianna do Castello — e 34 de Braga.

—

Ao ex.^mo^ sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, pelo que mais uma vez lhe beijo as mãos reconhecido.

—

Falleceu no dia 11 de março de 1884 no Rio de Janeiro, capital do Brazil, Manoel Antonio Ribeiro, natural d'esta freguezia, solteiro, capitalista e que foi ali negociante muitos annos.

Não tendo herdeiros forçados, dispoz dos seus bens da maneira seguinte:

Deixou 2:000$000 réis, a cada uma de suas irmãs, Rosa, Maria, Maria Thereza e Joanna, 2:000$000 réis, a cada um de seus irmãos, João e Antonio, 2:000$000 réis, para serem divididos entre seus cinco sobrinhos, filhos de seus finados irmãos Agostinho e José, rs. 500$000 fortes, a seu sobrinho Manoel Antonio, filho do seu finado irmão José, réis 100$000 fortes á sua madrinha de baptismo, 100$000 réis fortes, para a coadjuvação os reparos da egreja da freguezia onde nasceu, 4:000$000 réis em moeda brasileira, a seu sobrinho e segundo testamenteiro, João Gomes da Silva, 2:000$000 réis a seu sobrinho e terceiro testamenteiro Manoel Gomes da Silva, 300$000 réis a Manoel Gonçalves Penedo, o usofructo de duas apolices da divida publica do Brazil, do valor nominal de réis 1:000$000 cada uma, a seu sobrinho José Affonso Fortes, 300$000 réis a seu afilhado Manoel, filho de seu compadre Manoel Ferreira da Silva, 300$000 réis á sua afilhada, filha de seu compadre Victorino Joaquim de Carvalho, 300$000 réis a seu afilhado Francisco Pereira d'Azevedo, 300$000 réis á sua afilhada, filha de seu compadre Clemente José Ferreira Guimarães, 300$000 réis á filha do finado José Gonçalves Corrêa, o usofructo de uma apolice da divida publica do Brazil, do valor de 1:000$000 réis, a Margarida Ribeiro Guimarães, a parte que pos-

suia em um terreno na rua de Avila a seu compadre Clemente José Ferreira Guimarães e a seu primeiro testamenteiro; 500$000 réis á preta Manoella, 500$000 réis ao patrimonio da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 300$000 á menor filha de Manuel Antonio da Silva Cruz, além de outros muitos legados a diversas pessoas.

Instituiu herdeiros universaes do remanescente de seus bens, em partes iguaes, as suas irmãs e irmãos Rosa, Maria, Maria Thereza, Joanna, João e Antonio e sua cunhada Rosa Ribeiro Machado.

VILLA FRANCA—quinta na margem direita do Mondego a S. *O.* de Coimbra, entre a Arregaça e a Portella.

Foi até 1754 casa de recreio e de convalescença dos jesuitas e é local muito aprazivel pela sua luxuriante vegetação e pelo seu frondoso arvoredo.

N'esta quinta residiu o famoso jesuita padre Antonio Vieira e aqui escreveu algumas das suas obras.

—

N'esta data (fevereiro de 1885) annuncia a *Empresa Litteraria Fluminense*, com succursal em Lisboa, que vae fazer uma luxuosa edição de *todas as obras* d'aquelle afamado escriptor, comprehendendo as suas cartas, sermões, etc., precedida de um estudo critico sobre a vida do auctor e valor litterario das suas producções.

A edição será *illustrada* e d'ella se fará uma tiragem de 5:000 exemplares—e a impressão em typo elzevir será feita pela *Typographia Elzeviriana de Lisboa.*

Vae o *principe dos oradores portuguezes* receber a consagração do seu extraordinario talento.

—

Com relação á mencionada quinta de *Villa Franca* é muito digno de ler-se o curioso e consciencioso folhetim que o sr. Joaquim Martins de Carvalho, indefesso investigador das antiguidades patrias, lhe dedicou no *Conimbricense* de 9 de janeiro de 1869.

Esta quinta pertence hoje ao sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena,—e, em tempos remotos, pertenceu a Diogo Rodrigues e sua mulher D. Guiomar da Costa, de Coimbra, dos quaes se apoderou a inquisição, confiscando-lhes todos os bens e a mencionada quinta. D. Sebastião—a mandou entregar á Companhia de Jesus, por carta de 27 de maio de 1571, pretendendo a Companhia compral-a, para o que offerecia certas cousas.

Os padres da Companhia deviam fazer vir de Roma a necessaria licença do seu geral para essa transacção, dentro de 8 mezes. O mesmo D. Sebastião lhes prorogou por mais 6 mezes aquelle praso, em provisão de 29 de janeiro de 1572—e finalmente, em 9 de dezembro de 1573, fez doação da quinta á Companhia de Jesus, em attenção á cedencia de certas casas que eram da mesma Companhia e que háviam passado para a inquisição de Coimbra.

Ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, muito illustrado redactor e proprietario do *Conimbricense*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DA CARDOSA — hoje Castello Branco.

Foi o 2.º nome que teve esta cidade, se é que primeiramente se donominou *Castraleucos.*

V. *Castello Branco*, vol. 2.º pag. 177, col. 1.ª e 2.ª

VILLA FRANCA DO DEÃO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. Fogos 126, almas 461, orago S. Thiago Maior.

Em 1708 contava 120 fogos e era da apresentação do chantre da sé da Guarda.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, contava 94 fogos,—era da mesma apresentação—e rendia 12$000 réis para o pobre vigario, além do pé d'altar.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe apenas 83 fogos.

O logar de *Villa Franca do Deão* está na encosta de uma pequena serra, 5 kilometros a O. da margem esquerda da ribeira de Massueime.

Comprehende mais a povoação de Trajinha — e as quintas de Almas, Picota e Migueis.

—

Freguezias limitrophes—ao nascente Codeceiro e Avelans da Ribeira,—ao poente Vellosa,—ao norte Alverca—e ao sul Rocamonde e Avelans d'Ambom.

Dista da Guarda 18 kilometros para N. [1] —22 de Trancoso para S. E.—6 da estação de Pinhel na linha da Beira Alta—e 13 de Villa Franca das Naves para S. pela mesma linha ferrea.

Esta freguezia de *Villa Franca do Deão*, não se vê no mappa do conselheiro Folque, mas sómente *Villa Franca das Naves*, tambem ao norte da Guarda, porem mais distante alguns kilometros.

Não se confunda pois uma com a outra.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, bem conservada, mas sem coisa alguma notavel,—e ha uma capella de S. Sebastião, muito simples e em mau estado.

Tem 3 moinhos na ribeira de Massueime, confluente do Côa.

Fazem-se os enterramentos no adro da egreja matriz, por falta de cemiterio.

Ha n'esta parochia uma escola official de instrucção primaria elementar, mixta.

O seu clima é frio, mas salubre,—e as suas producções dominantes são batatas e centeio.

Ao meu bom amigo e collega, o rev. José Abrantes Martins da Cunha, illustrado redactor do *Districto da Guarda*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DE LAMPAÇAS—freguezia extincta e annexada desde muito á freguezia de *Quintella de Lampaças*, sua limitrophe, concelho, comarca, districto e diocese de Bragança, na provincia de Traz os Montes.

Esta freguezia de Villa Franca teve por orago S. Bento—e foi villa da comarca, ouvidoria e correição de Bragança, bispado e provedoria de Miranda.

Ainda em 1768 era freguezia independente, mas o seu parocho (vigario) já era da apresentação do abbade de Quintella de Lampaças,—rendia 8$000 réis de congrua, afóra o pé d'altar—e contava a extincta parochia apenas 40 fogos.

—

N'esta pequena, insignificante e extincta parochia de *Villa Franca de Lampaças* nasceu em 1543 D. Frei Gonçalo de Moraes, que foi monge benedictino, 4.º abbade triennal do convento de Tibães e geral da congregação, eleito em 1590, e depois bispo do Porto, aliás *muito virtuoso* e *benemerito*. Foi elle quem mandou reconstruir *a fundamentis* a capella mór da sé portuense, onde jaz sepultado, tendo fallecido no anno de 1617 com 74 annos de idade.

Tambem deu principio ao convento do *Santo Milagre* em Santarem, no qual viveu e foi prior alguns annos, edificando a todos com as suas extraordinarias virtudes.

Tambem restaurou e decorou luxuosamente a sachristia da sé do Porto,—fez em toda a cathedral grandes obras e a dotou com alfaias riquissimas,—visitou *todas as egrejas* da sua diocese *repetidas vezes*—e em esmolas e obras pias gastou *todas as suas grandes rendas*, fallecendo pobre como Job!...

—

Foi o 56.º bispo do Porto e *bispo modelo a todos os respeitos*, durante 15 annos, succedendo-lhe outro prelado tambem dignissimo—D. Rodrigo da Cunha, depois arcebispo de Lisboa. No seu *Catalogo dos Bispos do Porto* lhe dedicou paginas que ninguem lerá sem compunção e que todos os bispos *devem ler e decorar*.

Veja-se o referido *Catalogo*, pag. 349 a 363, *mihi*—e n'este diccionario os artigos *Lampassas*, vol. 4.º pag. 42, col. 1.ª—*Quintella de Lampaças*, vol. 8.º pag. 35, col. 2.ª —e *Bragadinha*, vol. 1.º pag. 480, col. 2.ª

Nasceu tambem n'esta parochia, hoje extincta, e professou no convento da Graça de Lisboa em 1594, Fr. Diogo de Sant'Anna.

Morreu em Gôa, a 6 d'outubro de 1646, e escreveu *a Verdadeira relação do grande e portentoso milagre que aconteceu com o Santo Crucifixo do coro da Igreja das Freiras de Santa Monica de Goa, em 8 de fevereiro de 1636*. Lisboa, por M. da Silva, 1640, 4.º

[1] A *Chorographia Moderna* diz 27:500^{m} (5 $^{1}/_{2}$ leguas) confundindo esta freguezia com a de *Villa Franca das Naves*.

—

Esta obscura povoação de *Villa Franca de Lampaças*, freguezia extincta, foi, em tempos remotos, povoação importante com o nome de *Bragadinha*, mas os seus moradores, um bello dia, apurando não sabemos que odios e rivalidades, com inaudito furor *se mataram todos uns aos outros em um só dia*, sobrevivendo apenas alguma mulher que pôde esconder-se?!...

Consta isto das *Inquirições* de D. Affonso III, de 1260.

D. Diniz, achando-se em Thomar em 9 de dezembro de 1286, resolveu povoar de novo a dita aldeia e com esse fim lhe deu foral n'aquella mesma data, mudando-lhe o nome de Bragadinha para o de *Villa Franca.*

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Dinis, fl. 187, col. 1.ª

No *Corpo Chronologico, Parte II, Maço 11, documento 154,* acha-se tambem a *Inquirição* para o seu *foral novo* na reforma d'el-rei D. Manoel.

No dito *foral velho* se declara «que todo o homem, ou mulher, que for *maninho*, possa vender o seu á sua morte, a quem muito quizer.»

Maninho quer dizer—*que não tivesse ou deixasse successão.*

Era de grande alcance aquella disposição do foral, porque os frades do riquissimo convento de *Castro d'Avelans* (Vide) ao tempo senhores da tal *Bragadinha* e de outras muitas terras em Traz-os-Montes, costumavam, não sabemos bem com que jús, levar a terça parte dos bens de todos aquelles que nos seus coutos e terras falleciam sem filhos, embora anteriormente os tivessem.

A' vista da isempção de que ficaram gosando os habitantes de Villa Franca de Lampaças, insurgiram-se os povos visinhos contra as extorsões de *Avelans*. Não foi surdo aos seus clamores o primeiro duque de Bragança e conde de Barcellos, D. Affonso, pois no anno de 1452 escreveu á camara de Bragança e aos seus termos e concelhos mandando-lhes que não guardassem *o depravado costume que o Mosteiro de Castro de Avelans tinha introduzido de levar a terça parte dos bens de qualquer defuncto contra a Ordenação do Reino, e toda a boa razão que ordena—fiquem as duas partes aos filhos do defuncto, e que do Terço disponha livremente a beneficio da sua alma.*

Apesar d'isto os frades d'Avelans não se deram por vencidos e continuaram a exigir a terça em questão, o que determinou os duques de Bragança a publicarem outras disposições mais explicitas.

Chamava-se aquelle odioso tributo *maninhado, manería* ou *maninhadego.*

VILLA FRANCA DAS NAVES—freguezia do concelho e comarca de Trancoso, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. Orago, Nossa Senhora dos Prazeres, fogos 158, almas 640, segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev.º parocho, mas o censo de 1878 deu-lhe apenas 133 fogos e 519 habitantes. A differença é sensivel, mas aceitavel, attendendo á vida que lhe insufflou a linha da Beira Alta, primeiramente com as obras da construcção em que se empregaram annos muitos homens, mulheres e creanças d'esta parochia, auferindo interesses, — e depois com o movimento da estação que tem aqui a mencionada linha, dentro dos limites d'esta parochia,—estação muito bem situada e de bastante movimento, denominada *Villa Franca.*

Dista apenas 1 kilometro da povoação, séde da egreja matriz, e está a juzante d'ella, em ampla, vistosa e agradavel planicie, onde, antes da construcção da linha ferrea, costumavam os amadores da caça correr as lebres a cavallo e com galgos, por ser a campina aberta e prestar-se admiravelmente para aquelles divertimentos venatorios.

Como o terreno era lindissimo e chão, mas deserto, teem pullulado as edificações junto da estação e ali se formará com o decorrer do tempo um povoado importante.

Já hoje (1885) ali se véem tres casas com tabernas, uma hospedaria rasoavel, differentes armazens para depositos de sal e d'outros generos, etc.

O terreno presta-se admiravelmente para toda a sorte de construcções. Além d'isso parte da estação uma estrada antiga, mas

quasi plana e muito viavel que, atravessando esta parochia, segue para a Povoa do Concelho, freguezia muito populosa, e d'ali para Villa Garcia, Cotimos, Cogulla, etc., sendo a Cogulla hoje a freguezia *mais rica e endinheirada* de Trancoso, pois tem abastados proprietarios, negociantes de vinho, aguardente e lã, e differentes capitalistas que, ha muitos annos, não cessam de dar dinheiro a juro.

—

Esta freguezia de Villa Franca das Naves em 1708 contava apenas 90 fogos—e 80 em 1768.

Foi curato da apresentação dos abbades de S. Thiago de Trancoso e pertencia ao bispado de Viseu, do qual passou para o de Pinhel e d'este para o da Guarda desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Até 1834 pertenceu ao termo da villa de Trancoso e á provedoria e comarca de Pinhel.

Denominou-se sempre e se denomina ainda hoje Villa Franca das *Naves* e não das *Neves*, como se lê no *Diccionario Chorographico* de Bettencourt, no censo de 1878, no *Mappa das Novas Dioceses* e em varias chorographias.

Tomou o titulo *das Naves* para melhor se distinguir das outras parochias denominadas *Villa Franca*—e o titulo é apropriado, por ter ao sopé e dominar grandes planicies fundas ou valles abertos, a que em alguns pontos d'esta provincia dão o nome de *naves* [1]. Dentro da serra da Estrella, por exemplo, vimos nós a *Nave da Argenteira*, de *Santo Antonio* e outras, quando ali estivemos com a *Expedição Scientifica*, em 1881.

Tambem na serra da Estrella denominam *covões* as depressões mais pequenas, fundas e abafadas.

Lembramo-nos do *Covão do Boi*, *Covão da Vacca*, *Covão do Homem* e *Covão da Mulher*, alguns pittorescos e muito interessantes, nomeadamente o *Covão do Boi*, a montante dos celebres cantaros *Raso* e *Magro* e contiguo a elles.

—

Esta freguezia não tem aldeias nem quintas. É formada por uma humilde povoação unica e compacta, mettida entre arvoredo, um souto de carvalhos e oliveiras, em terreno levemente accidentado, nas faldas de uma encosta e na sua pendente sobre a *nave*, onde passa a linha ferrea e se ergue a estação de *Villa Franca das Naves*, vendo-se perfeitamente da estação.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella publica, ambas muito antigas e decentes, mas sem coisa alguma notavel.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Nossa Senhora da Boa Esperança.

Banham esta freguezia alguns pequenos ribeiros, que não têem pontes nem moinhos, e desaguam na ribeira de Macoeime, a 5 kilometros de distancia, bem como esta no rio Coa—e o Coa no Douro.

Parochias limitrophes—Maçal da Ribeira, Villares e Feital.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, batatas, vinho e lã, pois tambem cria algum gado lanigero.

Dista 1 kilometro da sua estação no caminho de ferro da Beira Alta,—3 da margem esquerda da ribeira de Maçoeime,—15 de Trancoso,—33 da Guarda,—72 de Villar Formoso,—183 da Figueira,—238 do Porto —e 326 de Lisboa.

—

Fez aqui bastantes victimas o cholera, em 1855, e nos ultimos annos o typho,—não só n'esta parochia, mas nas limitrophes e em outras muitas d'este concelho e d'este districto, nomeadamente em Manteigas, Folgosinho e Gouveia, o que se deve attribuir á falta de limpesa das *ruas*, das *casas* e do *povo*, pois n'esta provincia (exceptuando as villas e cidades) as ruas são estrumeiras *propriamente dictas*;—as casas são quasi todas velhas, immundas, esboracadas e negras, lobrigando-se *por excepção* uma ou outra caiada;—o povo apenas de longe em longe

[1] No portuguez antigo *navas*, campos planos, cercados de bosques.

Em Hespanha tornaram-se celebres as *Navas de Tolosa* pela batalha que n'ellas deu e grande victoria que alcançou contra os mouros D. Affonso VIII de Castella, em 1212.

lava *unicamente* as mãos e o rosto,—veste burel ou saragoça baixa, que *nunca* lavam, formando com o uso uma crusta de esterco, densa e asquerosa,—e vive em *intimo contacto* com bois, gallinhas, cavalgaduras, porcos e gado lanigero!...

Em toda esta provincia, bem como na da Beira Alta e na de Traz-os-Montes, apenas *por excepção* se lava uma casa ou outra nas *villas* e *cidades*, duas ou tres vezes *por anno?!...*

VILLA FRANCA DO ROSARIO—aldeia ou sitio no concelho e comarca de Torres Vedras, provincia da Extremadura.

Denominou-se *Villa Franca do Rosario* uma das 14 estações do *Caminho de ferro Larmanjat*, que em 6 de setembro de 1873 se inaugurou entre Lisboa e Torres Vedras, para se suspender passado pouco tempo, com prejuizo total dos accionistas.

Eram tão frequentes os tombos e os descarrilamentos, que os passageiros preferiam as diligencias—e a companhia falliu!...

As outras estações eram—Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Nova Ciutra, Santo Adrião, Loures, Pinheiro de Loures, Lousa, Venda do Pinheiro, Malveira, *Villa Franca do Rosario*, Barras, Freixofreira, Turcifal e Torres Vedras,

V. vol. 9.º pag. 656, col. 1.ª

VILLA FRANCA DA SERRA—freguezia do concelho de Gouveia, comarca de Fornos d'Algodres, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Priorado. Orago S. Vicente martyr,—fogos 152,—almas 630—segundo os apontamentos que recebi do seu digno prior.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 142 fogos e 563 habitantes.

Em 1708 era priorado do padroado real —e pertencia ao termo da villa e do concelho de Linhares, provedoria e comarca da Guarda. Em 1768 era priorado da diocese de Coimbra e da apresentação da Casa do Infantado,—contava apenas 70 fogos—e rendia 200$000 réis.

Em 1852 pertencia ao concelho de Linhares e á comarca de Celorico da Beira; mas, desde 24 de outubro de 1865, data da extincção do concelho de Linhares, passou para o concelho de Gouveia e para a comarca de Fornos d'Algodres, além do Mondego!...[1]

O *Flaviense*, publicado em 1852, menciona outra freguezia de *Villa Franca*, pertencente á comarca de Gouveia.

Foi lapso, pois *nunca* pertenceu á comarca de Gouveia freguezia alguma com o nome de *Villa Franca*.

—

Esta freguezia está situada na pendente N. O. da Serra da Estrella, da qual tomou o titulo para melhor se distinguir das outras freguezias do mesmo nome de *Villa Franca* (ha 3 n'este districto da Guarda)—e fica na margem esquerda do Mondego, do qual dista 3 kilometros para S. E.—5 da linha ferrea da Beira (estação de Fornos d'Algodres)—7 de Fornos d'Algodres, séde da comarca,—13 de Gouveia pelo ramal de S. Paio ou da sua estação na linha da Beira,—45 da Guarda pela estrada a macadam e 69 pela linha ferrea,—158 da cidade da Figueira,—209 do Porto—e 321 de Lisboa.

É formada unicamente pela povoação de *Villa Franca da Serra*, erguendo-se do lado norte um pequeno outeiro que a esconde ás vistas da séde da comarca, Fornos d'Algodres, que demora na outra margem (direita) do Mondego.

Comprehende apenas duas quintas—Val das Casas e Ponte Nova, junto do Mondego, onde vivem hoje 4 familias.

As suas freguezias limitrophes são—Cabra, Mesquitella, Juncaes, Villa Ruiva, Villa Cortez da Estrada—e Fornos d'Algodres além do Mondego.

—

A egreja matriz está no centro da povoação. É templo muito antigo, mas singelo e pouco elegante. O altar mór tem boas decorações de talha dourada de merecimento;

[1] Bellesas da nossa divisão administrativa e judicial, pois a villa de Gouveia é séde de concelho e de *comarca* tambem, comprehendendo o concelho do seu nome e o de Manteigas.

as decorações dos altares lateraes são muito simples e baratas.

A tradição diz que esta egreja foi fundada em tempos remotos por dois fidalgos—D. *Ozerão* ou *Ozores* e sua mulher D. Urraca—que para aqui vieram viver homisiados ou degradados—e que não só fundaram a egreja, mas por sua morte a dotaram com todos os bens que aqui possuiam, legando-os para patrimonio ou passal do parocho e alguns para patrimonio da confraria do Santissimo.

Constituiam elles um bello passal. Com o decorrer dos seculos perdeu-se uma parte d'aquelles bens, mas ainda ultimamente, quando o governo mandou inventariar e louvar os passaes, foram avaliados em *nove contos de réis*—e da parte que pela lei da desamortisação foi vendida em hasta publica e averbado o seu producto em inscripções a favor dos parochos, recebem estes hoje 270$000 réis de juro, annualmente.

—

Com os bens legados á Confraria do Santissimo, hoje representada pela junta de parochia, impozeram a condição de mandar dizer todos os annos, no dia da festa do padroeiro S. Vicente (22 de janeiro) oito missas resadas com dois responsos no fim de cada uma,—e por ultimo uma missa cantada pelas almas dos instituidores, o que a junta de parochia, como fabriqueira e possuidora dos dictos bens, ainda actualmente cumpre, dando *mil réis* de esmola por cada uma das missas resadas.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do padroeiro S. Vicente e as do Santissimo Sacramento e Santo Antonio.

Alem da egreja matriz, ha n'esta parochia tres capellas particulares e uma publica.

O edificio mais notavel d'esta parochia é a casa de Jeronymo Henriques da Cunha, posto não seja brasonada.

Este senhor é grande proprietario e muito *progressista*—e, como o penultimo parocho Eduardo Cabral, fosse muito *regenerador*, travou-se entre os dois tal desintelligencia, que durou annos! A freguezia dividiu-se em dois grupos de fanaticos e praticaram-se os maiores excessos, desordens e perseguições entre uns e outros.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam. As que mais se approximam d'ella são a de Mangualde a Celorico, que passa na distancia de 4 kilometros ao norte, pela margem direita do Mondego—e a de Coimbra pela ponte da Murcella a Celorico tambem, que passa ao sul, na distancia de seis kilometros.

Ha n'esta freguezia um penhasco imponente, denominado *mazorro*,—e duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar—uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, vinho, batatas, fructa e lan, pois tambem cria gado lanigero.

Ao rev. prior d'esta freguezia agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DE XIRA — villa e freguezia, séde do concelho e da comarca do seu nome, districto e diocese (patriarchado) de Lisboa, na provincia da Extremadura [1].

Orago S. Vicente Martyr,—fogos 1:120,—almas 4:900.

Priorado.

Rodrigo Mendes da Silva deu-lhe 400 fogos, em 1675,—o padre Carvalho 900, em 1712, — João Baptista de Castro 950, em 1758,—Paulo Dias de Nisa 387, em 1768,—o *Flaviense* 1:017, em 1852,—J. A. d'Almeida 1:116, em 1866—e o censo de 1878 deu-lhe 1:041 fogos e 4:204 habitantes.

—

Esta risonha e populosa villa, sem contestação hoje uma das mais importantes da Extremadura e de todo o nosso paiz, está

---

[1] Desde já peço desculpa dos lapsos e omissões, porque nunca visitei Villa Franca de Xira. Apenas a tenho visto a *vol d'oiseau* da linha ferrea muitas vezes, desde 1858, data em que, vivendo em Lamego, fui pela primeira vez a Lisboa, achando-se ainda ao tempo aberta á circulação a linha ferrea do norte apenas até o Carregado.

Peço tambem desde já a todos quantos conheçam esta importante villa—nomeadamente aos seus illustrados habitantes—me indiquem os *lapsos e omissões* para os reparar no *supplemento*.

muito vantajosamente situada a 38 gr. e 57 m. de longitude e 9 gr. e 20 m. de latitude [1], em mimosa e fertil planicie, no classico *Riba-Tejo*, na margem direita do rio d'este nome, dominando as afamadas *Lezirias*, que se estendem desde a *Ponte da Herva*, junto de Alhandra, até á *Bocca do Vau*, defronte da Azambuja, sendo limitadas a S. e E. pelo rio de Samora Corrêa e a N. e O. pelo Tejo, medindo ao todo cerca de 68 milhas quadradas e produzindo approximadamente milhão e meio de litros de cereaes, alem de crearem muito gado bovino e cavallar.

Tem uma só freguezia, cujo prior é *vigario da vara*. Pertenceu á comarca de Torres Vedras; foi do padroado real e commenda da ordem de Christo, da casa dos marquezes d'Arronches; e em 1768 o seu parocho era vigario da apresentação do padroado real e recebia quatro moios e meio de trigo, uma pipa de vinho, cinco cantaros d'azeite e oitenta e cinco mil réis em dinheiro, afóra o pé d'altar.

—

Dista de Alhandra 5 kilometros, 6 do carregado, 16 da Azambuja, 31 de Lisboa, 44 de Santarem, 306 do Porto, 351 de Braga e 436 de Valença do Minho.

Comprehende além da villa a povoação de A dos Bispos, — os casaes de Prilhão da Matta, Conde, Raposa, Carvalheira, Manuel Luiz, Fonte de Baixo, José de Pinho ou do *Fidalgo*, José da Casa, João Francisco, Manuel Ramos, Manuel Alves ou do *Tivoli*, Pedra, Santo Amaro, Remedios, Novo da Estrada, Novo do Prilhão, Palyart, Prilhão da Estrada e Boa Vista;—as quintas de Paraiso Sevadeiro, Torres, Santa Catharina, Borrecho, Salgado, Fonte, Prilhão da Matta, Desterro, Bom Retiro, Pinheiro ou *do Palyart*, Farrobo, Secta e Bairro;—as vinhas de José Maria Ogando, Cerquinha, Corrieiro, Torricada, Bolonha, Caracol de Cima, Baeta, Barreteira, Santa Sophia, Lameiros, Boa Vista, Corvo, Marromeiro, Bom Proveito, Bolhão, Leal, Torre, Torrinha, S. João, Fonseca, Provella, Monte Gordo, Serralheira, Ginja, Bacello de Pontével, Barrada, Barrão, Confeiteira, Pedra Furada—e os moinhos d'Alberto Affonso e da Boa Vista?!...

—

Note-se que além dos elegantes palacetes alvos de neve, que abundam na villa, cercados de formosos jardins, quasi todos os casaes, quintas e vinhas que mencionámos teem vastos edificios para os caseiros e jornaleiros, armazens e mais dependencias e alguns tambem casas nobres em que vivem temporaria ou permanentemente os seus proprietarios.

Todo este magestoso e esplendido conjuncto fórma o que se chama *Villa Franca de Xira*—ou Villa Franca dos *mattos e silvedos* —porque a palavra *xira* no portuguez antigo *cira* vem do arabico *xara* e significa *mata*, *brenha*, *logar cheio de silvas e matagaes*.

«Á direita do Tejo, e cinco legoas de Lisboa (diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario*) havia uma dilatada *cira* ou *mata*, que el-rei D. Sancho I doou a D. Raulino, e outros flamengos no anno de 1200 para ali se estabelecerem, e com as maiores franquias. Parece não fizeram largos progressos, e que havendo roteado alguma pequena parte, a dimittiram á corôa, pois no de 1206 o mesmo rei fez doação da sua villa de Villa Franca de *Cira* (que hoje dizem X*ira*) a D. Fruilla, ou Froilhe Hermiges, pelos muitos serviços que lhe tinha feito.»

—

No anno de 1228 a mesma sr.ª D. Froilhe doou esta sua Villa Franca de *Cira*, então simples *quintã*, *quinta* ou *casal*, e outros muitos bens que possuia em Portugal, Leão e Castella aos templarios, pelos serviços que tinha recebido e esperava receber d'elles. (Doc. de Thomar) E nos *Concilios de Hespanha* por Aguirre (tomo 3.º fl. 168) em uma escriptura do mosteiro *d'el Pino* se lê o seguinte, que prova claramente ser então *cira* synonimo de mata: — *Et concluide per illa semita antiqua... usque Cira de Lupos* — ou em vulgar: *E vae pela estrada ve-*

[1] *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro.

lha... até á povoação de Cera ou Mata de Lobos [1].

—

Ignoramos quando e por quem foi primitivamente fundada esta povoação. O que sabemos é que, em virtude das guerras d'exterminio que assolaram e despovoaram a peninsula, já na lucta entre os seus antigos habitantes e os phenicios, gregos, cartaginezes e romanos, já entre estes e os barbaros do norte, já entre os godos e arabes e entre os arabes e portuguezes, ella se achava deserta e convertida em montes e silvedos, quando D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros em 1147, com o auxilio dos crusados de diversas nações.

A prova está em que na distribuição que D. Affonso Henriques fez das terras circumvisinhas de Lisboa pelos crusados que o ajudaram na conquista, dando esta villa aos soldados inglezes, a denominou *Xira, Cira, Cera* ou monte inculto, nome que os inglezes substituiram pelo de *Cornwalia*, por serem oriundos de *Cornwall*, na Inglaterra. Prevaleceu, porem, o de *Xira*, porque os inglezes pouco tempo a occuparam e mal arrotearam as suas brenhas,—e o de Villa *Franca* em rasão dos muitos privilegios e *franquias* que os nossos reis lhe concederam.

—

Foi-lhe dado o seu primeiro foral por D. Fruilla ou Froylhe Ermiges, em novembro de 1212.

Maço 3 de Foraes antigos, n.os 12 e 13; —*Gaveta* 7, *Maço 11*, n.° 7—e *Livro de Mestrados*, fl. 70, v. col. 1.ª

N'este foral, entre outras coisas, se lê: *Huum petintal, e dous spetaleiros, e dous ploeiros, mando que hajam foro de Cavaleiro.*

Petintal era *carpinteiro da Ribeira*, calafate ou constructor de todo o genero de embarcações, segundo se lê no *Elucidario* de Viterbo, mas João Pedro Ribeiro diz que era *official do mar*.

No mesmo foral se lê o seguinte:

O Coelheiro, que fôr á soieira, e hi ficar, déé de foro huum coelho com a sua pelle.

Isto prova que ao tempo esta, como outras muitas terras do nosso paiz, se achava *inculta*, pelo que os seus habitantes costumavam exercer a profissão de caçadores *por industria e negocio.*

Teve tambem esta villa foral *novo*, dado em Santarem por D. Manuel, com data de 1 de junho de 1510, confirmando e ampliando o foral *velho*.

Livro de Foraes Novos da Extremadura, fl. 45, col. 1.ª

Mas deixemos a velha Villa Franca de *Cira*, dos silvedos e *coelheiros* e fallemos da villa actual, que bem póde denominar-se *Jardins de Villa Franca.*

—

Entre as suas vastas e riquissimas propriedades, muito summariamente indicadas supra, alem das afamadas Lezirias, cuja companhia só no celleiro d'esta villa costuma recolher mais de 1.200:000 litros de cereaes, merecem especial menção as quintas seguintes:

1.ª—*Quinta do Paraiso*, onde nasceu em 1453 D. Affonso d'Albuquerque, o *grande.* É hoje de Antonio de Sousa e Mello.

Para evitarmos repetições veja-se n'este n'este diccionario o artigo *Paraizo*, vol. 6.° pag. 472, col. 2.ª—no artigo *Lisboa* o topico em que se fallou da *Casa dos Bicos*, 4.° vol. pag. 140, col. 1.ª—e no supplemento a este artigo *Villa Franca* o topico das *pessoas notaveis*, onde daremos ao grande D. Affonso d'Albuquerque o logar d'honra, que bem merece.

2.ª—*Quinta de Palyart*, hoje de D. Manuel Telles da Gama, descendente do grande Vasco da Gama, descobridor da India.

3.ª—*Quinta do Farrobo*—com um palacio esplendido, mandado edificar pelo grande capitalista barão de Quintella. Deu o titulo de 1.° conde de Farrobo ao mesmo barão e pertence ainda hoje aos seus herdeiros.

---

[1] V. *Cira* no *Elucidario* de Viterbo.

D. Froilhe Hermiges era viuva e familiar da ordem do Templo,—vivia no convento de Fontearcada, bispado do Porto—e, por morte d'um *seu filho unico*, ficou riquissima!

Ainda no anno de 1239 deu aos templarios muitas herdades e egrejas nos bispados de Lamego, Braga e Coimbra.

4.ª *Das Torres*, com um soberbo palacio tambem.

Foi do mesmo barão de Quintella e é hoje do conde da *Torre de Novahes*, hespanhol [1].

5.ª—*Desterro*, pertencente á firma commercial da *Viuva Lima & Filhos*, de Lisboa.

6.ª—*Casal do Linheiro*, pertencente a D. Amalia Affonso de Carvalho, de Villa Franca de Xira.

Além d'estas, são tambem muito importantes as quintas do *Borrecho*, *Sevadeira*, *Secta* e outras.

Ha tambem nos limites d'esta parochia (ou d'este concelho) uma propriedade denominada *Quintinha*, pertencente ao visconde de Coruche e n'ella uma nascente d'agua sulfurea, muito propria para o tractamento de molestias cutaneas e como tal reconhecida ha muito.

D'aquellas aguas miraculosas costumam fazer uso em banhos muitas pessoas, por concessão especial do mesmo sr. visconde.

—

Freguezias limitrophes—Povos, ao nascente,—Cachoeiras, ao norte,—S. João dos Montes e Alhandra, ao poente,—e rio de Samora Correia, ao sul.

Atravessam esta freguezia a linha ferrea do norte,—a estrada real a macadam de Lisboa ao Porto—e outra d'esta villa, pelo Farrobo, a Santo Antonio da Castanheira.

A linha ferrea tem aqui a sua 7.ª estação, partindo de Lisboa.

Poucas terras do nosso paiz teem tão boas vias de communicação, pois alem das mencionadas accresce um esteiro ou caes que a liga ao Tejo, com bastante movimento de falúas e barcos de toda a ordem, que navegam entre uma e a outra margem do grande rio,—entre Lisboa e Alcantara, cerca de 40 kilometros a montante de Villa Velha de Rodam [2]—e entre todas as povoações marginaes intermedias, sendo para lamentar a falta de policia e regulamentos com relação a esses barcos e falúas, o que tem dado logar a muitos naufragios e perdas de vidas e mercadorias.

Em 29 de junho de 1874, por exemplo, naufragou um barco nas aguas d'esta villa, perecendo Manuel de Mesquita, muito estimado por todos, e sete raparigas que eram a flôr de Villa Franca;—poucos annos antes se haviam submergido tambem aqui dois barcos, um da Povoa e outro d'esta villa, morrendo varias pessoas;—mas, de todos os naufragios que Villa Franca tem presenceado n'este seculo, o mais luctuoso foi o que teve logar no dia 26 de maio de 1875.

Partia do Carregado uma falua com mercadorias para Lisboa, e, achando-se ali muitas pessoas que desejavam ir ver a procissão do Corpo de Deus, o falueiro offereceu-lhes passagem pela modicidade de 100 réis?!...

Entulhou-se immediatamente a falúa, mas por infelicidade, indo á vela e soprando vento rijo, voltou-se com uma rajada e sossobrou entre esta villa e a da Castanheira.

De cento e tantas pessoas que iam a bordo pereceram mais de sessenta!

Acudiram varios barcos e salvaram alguns dos passageiros, mas os que iam *debaixo da coberta* e que constituiam o maior numero, *pereceram todos!...*

Imagine-se a afflictiva situação d'aquelles desgraçados, sem ar, vendo a agua precipitar-se sobre elles pela escotilha, debatendo-se em vão, soltando inutilmente dolorosos gritos, sem poderem respirar, sem poderem ser ouvidos, sem esperança de se salvarem, e fazer se-ha idéa da suprema agonia d'aquelles infelizes e do quadro horroroso de tão angustiosa scena!...

«Era um espectaculo verdadeiramente afflictivo (diz um correspondente do *Diario Illustrado*) ver as innumeras pessoas que

---

[1] Veja-se o art. *Farrobo*, vol. 3.º pag. 151, col. 1.ª e rectifique-se o que ali se lê com o que levamos exposto.

[2] V. *Tejo*, vol. 9.º pag. 525, col. 1.ª onde por lapso dissemos que este rio é hoje navegavel até Villa Velha de Rodam *sómente*.

Vão ainda hoje (1885) muitos barcos até *Alcantara*, povoação hespanhola, donde costumam conduzir para Lisboa grande quantidade de minerio, alem d'outros artigos.

corriam banhadas em lagrimas junto ao logar do sinistro, procurando no meio de espantosos gritos umas o marido, outras o pae, o irmão e os filhos, e pouco distantes, alguns dos naufragos, debatendo-se com as ondas!

Uma rapariga de 15 annos, dos arredores de Alemquer, teve a rara coragem de se agarrar ao mastro e de subir por elle á medida que o barco se ia afundando, esperando no topo que alguem a salvasse conjunctamente com tres ou quatro desgraçados que a ella se agarraram.

Ao vêr já perto a lancha, que foi em seu auxilio, não esperou que ella se aproximasse; lançou-se á agua e foi salva felizmente com aquelles que a acompanharam.»

—

Esta villa, como póde vêr-se na gravura que o *Diario Illustrado* de 13 de junho de 1876 publicou, acompanhada de uma ligeira descripção, e como nós temos visto da linha ferrea muitas vezes, tem um aspecto senhoril e pittoresco, — bons largos, praças e ruas,—vistosos palacetes e formosos jardins.

Alem da *Praça*, que fórma o coração da villa, são dignos de especial menção os largos do *Conde de Ferreira*, do *Espirito Santo*, de *S. Sebastião*, do *Sapal* e do *Campo da Feira*.

As suas ruas principaes hoje são — *Direita, Ribeira, Alegrete, Corredoura, Nova, Ribeiro, de Baixo* e *das Pedras*.

Dos seus edificios mencionaremos apenas os seguintes:

Na Praça os paços do concelho e a cadeia, fundados em 1773 e conservando ainda em rente o vetusto pelourinho.

Nas *Cidades e Villas*... que teem *brasão d'armas*, — interessantissima publicação do meu bom amigo e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, não se encontra o brasão d'armas d'esta villa, nem no archivo da *Torre do Tombo*, mas, segundo lemos algures, o seu brasão é o dos condes de Pombeiro, antigos alcaides móres d'esta villa,— *em campo branco um leão rompente de ouro*.

— Na rua Direita o palacete que foi do morgado Baracho Saccotto Encerrabodes e que é hoje de Antonio Francisco de Jesus.

— Na rua de S. Francisco o grande edificio da Ordem Terceira do Carmo, que pertenceu aos abastados lavradores *Apparicios*.

—Na rua da Barroca o grande predio mandado edificar pelo *nobre* e rico *lavrador* Basilio Lopes da Guerra [1]. Pertence actualmente a Joaquim Ambrosio da Fonseca Esguelha.

— Na rua Nova o palacete que foi do capitão mór José Pereira de Sousa. É hoje da viuva Esguelha.

—Na rua da Ribeira o palacete onde actualmente se acham montados o tribunal judicial, a administração do concelho, a repartição de fazenda, etc.

Foi rezidencia do capitão de ordenanças José Carlos de Sousa e é hoje de Antonio Pereira Caldas.

—Na rua do Caes o palacio que foi da nobre familia Garcez Palha e que depois pertenceu a José Maria Pereira.

É hoje de Luiz Antonio de Sousa.

Em 1820 foi este palacio aposentadoria do supremo governo de Portugal, generaes, etc.

—No largo de S. Sebastião o palacio do barão de Villa Franca, hoje do seu neto Miguel José de Sousa.

N'este palacio residiu D. João VI emquanto esteve n'esta villa, no anno de 1823, por occasião da famosa *campanha da poeira* ou *Villafrancada*. [2]

---

[1] N'esta provincia da Extremadura, bem como na do Alemtejo e no Alto Douro, denominam-se *lavradores* os proprietarios, por vezes cavalheiros distinctissimos, fidalgos da primeira linhagem.

[2] Depois de abolir a constituição que jurara, regressou a Lisboa, no dia 5 de junho do mesmo anno. Foi tal o enthusiasmo dos absolutistas que alguns em Arroyos desprenderam os cavallos do coche real e *elles proprios o conduziram*. Celebrou-se depois *Te Deum* pelo restabelecimento dos *direitos inauferiveis* e houve grandes demonstrações de regosijo publico.

Mitigaram a sua dôr os liberaes d'aquelle tempo fazendo publicar na *Gazeta de Lisboa*, n.º 138 de 12 de junho do mesmo anno, o *annuncio* seguinte:

«Para o dia 25 do corrente mez se hão de arrematar em hasta publica *umas parelhas de bestas* que puxaram o carrinho d'el-rei, quando mudou de bestas em Arroyos.»

Preludios do drama que ensanguentou Portugal e terminou em *Evora-Monte*, no dia 27 d'abril de 1834.

Além d'estes edificios são ainda importantes — os hospitaes da Misericordia e da Caridade, a casa de Miguel Antonio de Sousa e Mello, na rua Direita,—a da viuva Pires, na rua do Caes,—a de Jeronymo José Monteiro, na Praça, — a de Antonio José Baeta, na rua do Alegrete — e o grande *Celeiro* da *Companhia das Lezirias*, onde costuma ter em deposito *um a dois milhões de litros de cereaes?!*

Tudo isto *sómente na villa*, não contando os palacetes disseminados pelo seu termo.

—

Esta villa, por estar em planicie, nunca foi murada ou fortificada.

Tambem não teve conventos. Apenas houve aqui um *hospicio de frades* (ignoramos de que ordem) na quinta assim denominada.

Pertence a Joaquim Ambrosio da Fonseca Esguelha e está bem conservado ainda.

Os templos d'esta villa são—a sua egreja parochial, feita pela Ordem Terceira de S. Francisco, em 1677,—a egreja da Mizericordia, pertencente á irmandade d'este titulo, —a do *Senhor Jezus dos Incuraveis*, pertencente á confraria do *Hospital da Caridade*, — a capella de S. Sebastião, pertencente ao municipio, — e os santuarios da *Ordem Terceira do Carmo* e da de *S. Francisco*.

Todes estes templos se acham limpos, bem tratados e bem conservados.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as da Semana Santa e da Quaresma e as das confrarias de Nossa Senhora da Purificação e Assumpção.

Ha tambem no termo d'esta parochia differentes capellas publicas e particulares. A *Chorographia Portugueza* menciona ao todo as seguintes:—Nossa Senhora dos Remedios, Santa Sophia, Santo Amaro, Senhora das Mercês, S. Sebastião e Senhora do Desterro.

—

Foram alcaides mores d'esta villa os condes de Pombeiro, pela casa de Bellas—e até 1834 tinha um juiz de fóra, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com os seus officiaes, 1 capitão mor, 1 inquiridor, 1 distribuidor, 1 contador, 1 alcaide e 3 escrivães do judicial e notas.

Tem uma feira annual, que dura 4 dias, principiando no 1.º domingo d'outubro. Em outros tempos foi *franca*, e tão privilegiada como as de Vizeu e de Trancoso. Data de tempos remotos, pois já Rodrigo Mendes da Silva a mencionou em 1675.

J. A. d'Almeida no seu *Diccionario abreviado* disse que havia aqui outra feira annual de tres dias, começando no 3.º domingo de maio,—e o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, copiando J. A. d'Almeida, disse o mesmo; creio porem que ambos se enganaram, porque os apontamentos que recebi do *proprio administrador d'este concelho*, a quem beijo as mãos agradecido, não mencionam tal feira.

Tem a villa estação telegrapho-postal;—diversas hospedarias muito decentes, sendo superior a todas a que se acha contigua á estação do caminho de ferro, pois tem sala com piano, bilhar e bons quartos;—uma *Associação fraternal de artistas Villafranquense*;—dois hospitaes, um da *Mizericordia*, outro da *Caridade*, e duas escolas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos. No anno ultimo estava prestes a crear-se (não sei se já se creou) outra escola official de ensino complementar,—e teve em 1876-1877 (não sabemos se tem ainda hoje) um *Collegio de instrucção primaria e secundaria* dirigido pelo rev. João Antonio Simões, em que se leccionava instrucção primaria, o curso completo de portuguez (3 annos) geographia, chronologia e historia, introducção aos tres reinos, chimica, physica, etc.

Ha tambem n'esta villa um club com dois bilhares,—dois theatros de pequenas dimensões, mas muito elegantes, em que os amadores e artistas costumam dar frequentes recitas,—e uma boa praça de touros, em que os afamados touros do *Riba-Tejo* ou da *borda d'agua*, que são de *raça pura*, costumam fazer *proesas* e o encanto dos amadores dos divertimentos tauromachicos.

Ahi vae uma amostrinha do panno — e bem recente:

—

Quando no dia 14 de setembro ultimo (1884) era conduzida para a praça d'esta villa uma manada de touros, tresmalhou-se

um—e seguindo direito ao pelourinho, alli varou com as pontas dois homens. Um d'elles, de 82 annos, morreu pouco depois — e outro ficou em misero estado!...

Digam os caturras o que muito bem quizerem,—não ha divertimento mais *innocente* nem mais *civilisador*; mas as touradas em Portugal nunca valeram um caracol. Touradas *brilhantes* são as de Sevilha e de Madrid, onde o sangue e as tripas dos touros, dos cavallos e por vezes tambem dos capinhas e cavalleiros, *enchem litteralmente as praças*.

Em outubro de 1880 assistimos nós em Madrid a uma, que nos deixou as *mais gratas recordações*.

Em menos de 3 horas foram *espatifados* 8 touros e 22 cavallos, ao som das ruidosas ovações de 19:000 espectadores [1],—homens, mulheres e creanças de todas a cathegorias, incluindo S. M. catholica o sr. D. Affonso, duas irmãs e varias damas e fidalgos da sua côrte [2].

Hurrah pela Hespanha!...

—

Esta freguezia no momento atravessa um periodo excepcional de *prosperidade*, porque, alem do negocio importante que sempre fez com Lisboa, cria muito gado bovino, suino e cavallar — e produz muita fructa, muita uva d'embarque, muito azeite e sobre tudo—*muitos cereaes* e *muito vinho*, encontrando venda facil e remuneradora para todas as suas producções.

Em todo o nosso paiz é hoje esta a freguezia que produz maior quantidade de cereaes.

Só a *Companhia das Lezirias* colhe annualmente cerca de *milhão e meio* de litros de trigo, milho, cevada e centeio, sendo para lamentar os destroços e prejuizos que as enchentes do Tejo causam nas suas afamadas Lezirias, alguns annos. Ainda em abril ultimo soffreu prejuizos avaliados em *oitenta contos* e não foram talvez menores os que soffreu com as inundações em dezembro de 1876, pois não ha memoria de maiores inundações ao sul do nosso paiz, tanto nas margens do Tejo, como nas do Guadiana.

É pois muito importante a producção cerealifera d'esta parochia, mas hoje é *muito mais importante* a sua producção vinicola.

—

Depois que o maldito phyloxera aniquilou os vinhedos do Alto Douro, que eram a riqueza e orgulho de Portugal e que produziam o famoso *Port Wine*, inveja do mundo inteiro, [1] a nossa primeira região vinicola é *sem contestação* a provincia da Extremadura, na qual se comprehendem e occupam logar distincto *este concelho* e *esta parochia* de Villa Franca.

Exceptuando os seus terrenos alagadiços. hoje muito bem cultivados e aproveitados pela Companhia das Lezirias, todos os outros,—valles, encostas e montes,—estão litteralmente cobertos de luxuosos vinhedos que produzem milhares de pipas de vinho, sendo nos ultimos annos quasi todo comprado *a bom preço* pela França, para supprir com elle a falta dos vinhos proprios, depois que o phylloxera invadiu e destroçou grande parte dos seus vinhedos,—em quanto que, por fortuna, até hoje (1885) tem poupado os nossos vinhedos da Beira, Bairrada, Estremadura, Alemtejo e Algarve,—embora achem-se infelizmente já todos *manchados* e *ameaçados* pela mesma epidemia!...

Nunca a provincia da Estremadura produziu *tanto vinho* nem o vendeu *tão facilmente* e apurou *tanto dinheiro* como na actualidade!

Tem muitos proprietarios que colhem uma a duas mil pipas por anno—e um no concelho de Obidos, o sr. Francisco Romeiro da Fonseca, da aldeia do Sanguinhal,—que é

---

[1] É de 19:000 logares a lotação da grande praça de touros—e estava *litteralmente cheia*.

Nunca vi espectaculo tão estupido, tão barbaro, tão sangrento e revoltante.

Uma vez a Cascaes, — uma vez e não mais!...

[2] Já estivemos em Badajoz tambem, na ante-vespera d'uma *grande tourada* e da *execução de dois salteadores*, achando se a forca já erguida *no mesmo campo da praça de touros* e a *pequena distancia d'ella?!...*

[1] V. *Villa Flor* de Traz-os Montes, *Villarinho de Cottas*—e *Villa Formosa*.

hoje absolutamente o *maior colheiteiro de vinho em Portugal—e talvez na peninsula!...*

Colhe *seis a sete mil pipas* por anno *em propriedades suas* e costuma comprar para negocio *nove a dez mil* e por vezes *mais ainda!?...* [1]

—

Tem esta freguezia grandes montes sendo o maior denominado *Monte Gordo*, encimado por 3 moinhos de vento. Ha n'elle grandes cavernas, muito dignas de serem visitadas, e do seu cume se gosa um panorama encantador, largo horisonte e vistas esplendidas sobre o Tejo, arredores de Villa Franca, Povos, Cachoeiras, Alhandra, etc.

No alto d'este monte, antes da invenção dos telegraphos electricos, esteve uma estação telegraphica do systema antigo (madeira), que foi incendiada em 1837 pelas forças do general, depois marechal e duque de Saldanha.

Ha n'esta freguezia uma *fabrica de cintas* que produz grande quantidade d'estes artigos, muito usados na Extremadura, nomeadamente no *Riba-Tejo*,—e uma outra de moagem a vapor, cujas machinas estão paradas, ha muito.

Banham esta freguezia o Tejo e o ribeiro de *Barbas de Bode*, que tem tres pequenas pontes.

—

Em 1807, mandando a camara concertar a estrada publica d'esta villa para a povoação de *A dos Bispos*, ao cortar-se um comoro no sitio denominado a *Torre*, encontrou-se um vaso de barro, tapado com um tijolo. Os trabalhadores partiram-n'o para verem o que continha e para que não ficasse com elle um só. No mesmo momento se espalharam pelo chão muitas moedas romanas, de differentes epochas, pertencendo a maioria baixo imperio.

[1] A pipa é de 27 almudes ou 486 litros.

O grande proprietario e negociante Francisco Romeiro da Fonseca mora na aldeia do Sanguinhal, freguezia do Senhor Jesus (outr'ora de S. Pedro) do Carvalhal, concelho d'Obidos, onde tem varias quintas, bem como nos concelhos da Lourinhã, Caldas da Rainha, Cadaval e Torres Vedras.

No mesmo vaso se encontrou tambem um annel d'ouro com um camafeu, tendo gravado um corço fugindo a um cão. Era quadrilongo, medindo de comprimento uma polegada e de largura 8 linhas.

O rev. Luiz Duarte Villela foi o primeiro que observou as medalhas;—escolheu as mais antigas—e comprou por 1$200 réis o annel ao trabalhador que o possuia.

O mesmo Villela examinou e classificou as dictas moedas e escreveu sobre o assumpto uma *Memoria* que enviou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo que esta o premiou com uma medalha especial.

Offereceu o annel ao distincto archeologo D. fr. Manuel do Senaculo, arcebispo d'Evora. *Revista Universal Lisbonense*, tomo 4.º n.º 15, pag. 175 a 177.

Junto da capella de S. Sebastião, na extremidade d'esta villa e sobre a estrada real, se vê uma lapide tambem bastante antiga.

Pertence ao reinado de D. Sebastião (1557-1578).

—

Esta formosa villa não é muito saudavel por estar em planicie baixa, poucos metros superior ao nivel do Tejo e em intimo contacto com as grandes Lezirias, que, apezar da sua belleza e riqueza, são pantanosas.

São triviaes aqui no verão as febres intermittentes—e, desde abril até agosto de 1833, foi esta villa cruelmente açoutada pelo cholera, fazendo grande numero de victimas; comtudo não rareiam entre os seus habitantes pessoas de longa edade. Ainda em setembro de 1883, por exemplo, aqui falleceu Florinda Rosa, contando a bagatella de 104 annos!...

—

Quem hoje defrontar com esta villa, tão alegre e tão risonha, contemplando descuidosa os encantos e a magestade do Tejo e dos seus vastos jardins das Lezirias, saudada a todo o instante pelos *hurrahs* do progresso, o silvo das locomotoras, e por milhares de viajantes e forasteiros, mal imagina o que ella tem soffrido!

Sem remontarmos aos tempos em que as guerras a converteram em *xira* ou monte inculto, ainda na primeira metade d'este se

culo passou duras privações e foi cruelmente flagellada pela *peste, fome* e *guerra*, que dizimaram a sua população e, se a Deus não prouvera dar-nos a paz octaviana que felizmente gosamos desde 1848, esta gentil flor da *Borda d'agua*, princesa do *Riba-Tejo*, volveria a ser a *xira* d'outras eras,—silvado, brenha, monte inculto.

Soffreu muito,—roubos, incendios, depredações, violações e mortes—com as tres invasões francezas, nomeadamente com a ultima, por estar em contacto com Lisboa e com as *linhas de Torres Vedras* [1]—e por ser atravessada pela *primeira estrada militar* do nosso paiz, o que n'aquelles tempos era *uma verdadeira praga*!...

Soffreu tambem muito com as guerras civis posteriores até 1847 e em 1833 com o flagello do cholera.

Felizmente, desde o principio da 2.ª metade d'este seculo volveu á vida com a paz e liberdade que temos gosado e com os assombrosos progressos que n'aquella data se iniciaram entre nós e que fizeram de Portugal um *jardim á beira-mar plantado*, sendo esta formosa villa uma das suas mais mimosas flores [2].

—

Comprehende este concelho as 9 freguezias seguintes: — Alhandra, Alverca, Cachoeiras, Calhandriz, Castanheira, Povoa de Santa Iria, Povos, S. João dos Montes e *Villa Franca de Xira* com a população total de 3:178 fogos e 13:003 habitantes—segundo o ultimo censo, de 1878, mas a sua população tem augmentado consideravelmente.

Superficie, em hectares........... 19:481
Predios inscriptos na matriz........ 6:402

—

Com rasão se orgulha esta formosa villa de haver em todos os tempos produzido muitas *pessoas notaveis* pelas armas, virtudes e lettras.

[1] V. vol. 9.º pag 651, col. 1.ª e seg.

[2] Para se avaliar a sua riqueza, note-se que hoje o seu rendimento collectavel se approxima de 170.000$000 de réis!?...

Podiamos e *bem desejavamos dar aqui* uma extensa lista d'essas pessoas, desde o grande D. Affonso d'Albuquerque, famoso vice-rei da India, até o nobre marechal de campo, actualmente provedor e director do *Asylo dos Invalidos de Runa*; mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores *e dos editores*, no *supplemento* daremos essa tão longa como interessante lista.

VILLA FRESCA D'AZEITÃO — freguezia do concelho e comarca de Setubal, districto e diocese de Lisboa na provincia da Extremadura.

Orago S. Simão,—fogos 286,—habitantes 1:076, pelo ultimo recenseamento.

Priorado.

—

Temos em nosso poder interessantissimos apontamentos, muito generosamente fornecidos pelo sr. Antonio Maria de Oliveira Parreira, que nos habilitavam para darmos, como era intenção nossa, um *longo e variado artigo* com relação a esta parochia e outro com relação á de *Villa Nogueira*, sua limitrophe, tão cheias de palacios e de recordações historicas; *somos*, porem, *forçados a aligeirar e resumir*, para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume, e por isso reservamos aquelles *dois artigos* para o *supplemento*, pedindo desculpa aos leitores e ao sr. Antonio Maria de Oliveira Parreira, a quem mais uma vez beijamos as mãos agradecido pela sua relevante finesa.

Entretanto remettemos os leitores para o art. Azeitão, onde, embora *muito superficialmente*, já se fallou d'esta parochia.

V. *Azeitão* ou *Villa Fresca d'Azeitão*. vol. 1.º pag. 289, n'este diccionario—e *Azeitão* no *Diccionario Universal Portuguez*, onde se encontra um excellente artigo, devido á mesma penna do meu illustrado informador.

VILLA FRESCAINHA (orago S. Martinho) — freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 105—almas 442.

Em 1706 contava apenas 42 fogos—e 62 annos depois, ou em 1768, contava 51 fogos, —era vicariato da apresentação do D. prior

da collegiada de Barcellos—e rendia para o vigario 40$000 réis.

Comprehende esta freguezia os logares ou aldeias seguintes:—Capucha, Egreja, Ordem, Outeiral, Adão, Areial, Peneda, Queimado, Carregal, Villa Meã, Bouça da Ponte, Barral, Gestido, Casal de Nique (ou Nil) Nique de Baixo, Senra, Paço Velho (parte) Bemfeito, Peneda—e as quintas de Nique, pertencente a Candido Augusto de Moraes Campello,—Paço Velho e Mattos, de Manuel José Gomes Graça,—e *Berneque* (ou *Wernek*) dos Mendanhas.

Freguezias limitrophes—Barcellos a leste, —Mariz a oeste,—Santa Maria do Abbade de Neiva ao norte,—e S. Pedro de Villa Frescainha e o rio Cavado, ao sul.

—

Está na margem direita do Cavado, do qual dista meio kilometro,—2 de Barcellos e da estação de Barcellos, no caminho de ferro do Minho,—16 de Braga pela estrada a macadam e 28 pela linha ferrea,—52 do Porto—e 389 de Lisboa.

Passa n'esta freguezia uma estrada a macadam de Barcellos para Esposende.

Alem da egreja matriz, que é um templo regular, tem hoje as capellas seguintes—Santo André,—Senhora da Oliveira em Casal de Nique ou Nil, e S. João Baptista, em Paço Velho, todas publicas e abertas ao culto, mas sem coisa alguma notavel.

Tem dous edificios brasonados—um em Casal de Nil, que foi de Ayres Mendanha, —e outro em Paço Velho, que foi d'um capitão mor de Barcellos.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce em Villar do Monte,—passa na aldeia de Casal de Nil—e desagua na margem direita do Cavado.

Tem moinhos para moer cereaes e um engenho de serrar madeira.

Producções dominantes—cereaes e vinho verde *rascante* ou *de enforcado*.

Comprehende esta freguezia parte do monte da *Peneda*, que é muito penhascoso.

VILLA FRESCAINHA (orago S. Pedro Apostolo)—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 72,—almas 295.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do reitor de S. Salvador do Banho,—contava 30 fogos—e rendia apenas 25$000 réis, —em 1768 era vigairaria da mesma apresentação,—contava 58 fogos—e rendia para o vigario 50$000 réis.

Comprehende as aldeias seguintes:—Paço Velho (parte; a outra parte é da parochia de S. Martinho de Villa Frescainha)—Monte, Gestido, Egreja, Agueda—e as quintas de *Paço Velho* (parte) de Manuel José Gomes Graça—e *Agueda*, de D. Emilia de Sá Vianna Barbosa de Faria.

—

Está na margem direita do Cavado, do qual dista para o norte meio kilometro,—5 de Barcellos,—20 de Braga pela estrada a macadam e 31 pela linha ferrea do Minho, —55 do Porto—e 392 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—S. Martinho de Villa Frescainha e Santo Emilião de Mariz.

—

Atravessa esta parochia a estrada a macadam de Barcellos para Espozende—e passa a leste a linha ferrea do Minho, distando esta freguezia 6 kilometros da estação mais proxima (Barcellos).

Templos—a egreja matriz—e a capella da *Torre* em estado lastimoso, na aldeia de Paço Velho. Foi edificada em 1735 por Antonio José Barbosa de Faria e D. Maria Rosa Leite.

N'este mesmo logar existiu a egreja de S. Simão, de que hoje apenas restam vestigios.

Esta parochia é banhada ao sul pelo rio Cavado, onde tem uma pesqueira ou açude, pertencente a João José Gomes de Faria.

Este e outros açudes e pesqueiras circumscreveram muito a navegação do Cavado, que outr'ora foi navegavel desde a sua foz até á villa de Barcellos.

Comprehende esta freguezia parte do *Monte Alto*, em cujo cimo tem uma pyramide geodesica.

O *Flaviense* deu como orago a esta freguezia *S. Salvador*.

Foi lapso, porque os apontamentos que recebi, bem como todas as chorographias e publicações officiaes, dizem que o seu orago é (e foi sempre) *S. Pedro*.

Tambem estranhamos que J. A. d'Almeida no seu *Diccionario Abbreviado* não fizesse menção d'esta parochia nem da de *S. Martinho de Villa Frescainha,* sendo parochias independentes e autonomas e como taes mencionadas em todas as outras chorographias e publicações officiaes.

Producções dominantes—milho, trigo, centeio, batatas e vinho verde.

VILLA FRIA—orago Santa Maria,—parochia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Até setembro de 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga.

Abbadia. Fogos 130,—almas 652.

Em 1706 pertencia ao concelho e á grande comarca de Guimarães,—era abbadia do padroado real,—tinha 80 fogos—e rendia para o parocho 200$000 réis;—em 1768 era abbadia da mesma apresentação,—contava 133 fogos—e rendia 400$000 réis;—pelo ultimo censo (1878) contava 122 fogos e 465 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Fria,* séde da parochia,—Rua, Sá, Assento, Arco, Bouça, Boucinhas, Tathoz, Telhado, Devesa, Barroco, Eiró, Eiriz, Rapozeira, Souto e Boa Vista;—os casaes de Lampada, Vinha e Bairrinho—e as quintas e habitações isoladas de Portas, Quintã e Outeiro.

Freguezias limitrophes — S. Jorge de Vizella, Penacova, Lagares, Pombeiro de Riba-Vizella, Santa Maria de Gemeos e S. Lourenço de Calvos, pertencendo estas ultimas duas freguezias ao concelho de Guimarães —e todas as outras ao de Felgueiras.

—

Está na margem esquerda do rio Vizella do qual dista 1 kilometro,—6 de Margaride, séde do concelho e da comarca, para N. O. —6 da estação das Caldas de Vizella, no caminho de ferro de Guimarães á Trofa,— 54 do Porto—e 391 de Lisboa.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz que só tem de notavel o ser muito antiga e estar muito arruinada com o peso dos seculos—e a uma capella particular, pertencente á *Casa das Portas.*

Não tem festas nem romarias—nem escola alguma, mesmo de instrucção primaria elementar!...

Banha esta freguezia o rio Vizella, que tem aqui uma solida ponte e alguns moinhos.

Producções dominantes — milho, feijões, batatas, centeio e vinho de enforcado, muito verde ou *muito rascante.*

O *Port. S. e Prof.* deu como orago a esta parochia *Nossa Senhora da Assumpção.*

VILLA FRIA — orago S. Martinho Bispo, —parochia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 130,— habitantes 517.

Em 1706 contava 80 fogos,—era vigairaria do convento de S. Romão de Neiva, — rendia para o convento 90$000 rs. e 40$000 réis para o vigario — e pertencia ao concelho de Espozende, comarca de Barcellos.

Em 1768 contava 115 fogos, — era vigairaria da mesma aprezentação do convento benedictino de S. João de Neiva — e rendia para o vigario 50$000 réis.

O censo de 1878 deu-lhe 121 fogos e 600 (?) *habitantes.*

Alem da povoação de Villa Fria, séde da parochia, comprehende as de Sabariz, Souto, Ribeiro, Coutos, Cabase (ou Cabaje) Bouça — Cova, Junqueiro, Monte Froi — e duas quintas historicas e muito notaveis — *Paço* e *Sabariz.*

Parochias limitrophes — Mazarefes e Darque, ao norte,—Anha e S. Romão de Neiva, ao poente, — Alvarães, ao sul, — e Villa de Punhe, a leste.

—

Passa n'esta freguezia a linha ferrea do Minho, sendo a sua estação mais proxima a de Darque, da qual dista 2 kilometros, — 6 de Vianna do Castello, — 55 de Valença do Minho e de Braga,— 79 do Porto — e 416 de Lisboa.

Tambem passa ao norte d'esta freguezia a estrada districtal n.º 4. Dentro d'esta parochia cruza com a linha ferrea do Minho, que a acompanha em plano inferior com uma grande trincheira.

O terreno d'esta parochia é plano, mas

muito humido e frio. As suas producções dominantes são milho e vinho *muito verde*, colhido em videiras suspensas em arvores e em *bardos* e *ramadas de esteira*, formando *talhões* atravez dos campos, o que não é trivial no Minho.

—

Na interessante *Noticia Biographica das cidades, villas e casas illustres do Minho*, publicada em 1873 pelo rev.º dr. Antonio Lopes de Figueiredo, illustrado conego de Braga, se lê a pag. 138, com relação á quinta do Paço, d'esta parochia, o seguinte: «*Paço de Villa Fria*. Esta casa é a principal da familia Alpoim, cuja nobresa é conhecida n'este reino desde a conquista de Santarem por elrei D. Affonso Henriques, onde muito se distinguiu o fundador d'esta notavel geração. São os Alpoins d'esta casa senhores da de *Merece*, solar dos Regos, em S. Pedro de Calvello, no concelho de *Penella* (sic).»

Isto não é absolutamente exacto, como provaremos no artigo *Villa de Punhe*, onde havemos de fallar da nobre familia *Alpoim*; entretanto diremos que n'esta quinta do *Paço*, solar dos Alpoins, se estabeleceu no principio do seculo XVI João Martins d'Alpoim, natural da villa d'Atalaia e que em 1545 foi em soccorro de Tanger.

O seu actual proprietario é o sr. Jeronymo d'Alpoim da Silva Menezes, 7.º neto d'aquelle heróe.

A quinta de *Sabariz*, hoje da familia Ferraz Gouveia, de Barcellos, foi tambem primitivamente dos Alpoins, e n'ella (segundo consta) esteve escondido D. Antonio, prior do Crato, antes de embarcar para França, depois de se haver acclamado rei e de ser derrotado pelas tropas de Philippe II, de Hespanha, o *Diabo do Meio Dia*.

D. Antonio era filho do infante D. Luiz, duque de Beja, e da formosa *Pelicana*.

Veja-se o artigo *Crato*, vol. 2.º, pag. 442, col. 1.ª e seg.

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, meu illustrado amigo e benemerito cyreneu, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

VILLA FRIA — quinta muito antiga, outr'ora pertencente aos religiosos agostinhos do convento da Graça, d'Evora, e que elles haviam emprasado em 1716.

Demorava a S. E. (margem esquerda) da ribeira Xarrama, uma das nascentes do Sado, distando d'ella cerca de 4 kilometros, nos arrabaldes de Evora.

Houve na mencionada quinta uma capella de Nossa Senhora da Esperança, tão antiga que em 1716 já não havia memoria da sua fundação!

A dita capella era pequena; tinha cerca de 6 metros de comprimento e 3 de largura, — tecto d'abobada e capella-mór com o formato de meia laranja. A imagem da Senhora era de roca e muito linda, com cerca de 5 palmos d'altura; — estava em um nicho, tendo á direita a imagem de Santo Agostinho — e á esquerda a de S. Nicolau Tolentino. Era pomposamente festejada todos os annos pelos frades do convento da Graça, em um dos domingos entre a Paschoa da Resurreição e a de Pentecostes, com assistencia da communidade, que ali tinha permanentemente um religioso para receber as oblatas e velar pela decencia do culto.

Celebravam-se na dita capella outras muitas festividades em cumprimento de votos dos fieis — e missa nos domingos e dias santos pelos religiosos agostinhos.

VILLA GARCIA — antigo concelho da comarca de Vianna da Foz do Lima e do termo da villa de Pico de Regalados, na provincia do Minho.

Este concelho distava cerca de 30 kilometros de Braga, para o norte, e em 1706, segundo diz Carvalho, comprehendia as parochias do *Espirito Santo de Villa Garcia* (ou de *Bruffe*) annexa á da *Carvalheira*, — *Santa Maria de Moz*, — *S. Mamede de Gondiães*, — *S. Claudio de Geme* — e *S. Thomé de Lanhes*.

Tambem comprehendeu as 4 aldeias ou povoações seguintes — *Cotello*, *Cabenco*, *Logarinhos* e *Gil Barbedo* ou *Gilbarbedo*, pertencentes á freguezia de *Cibões*.

Na aldeia de *Cabenco* ou *Cacunco* (segundo se lê na Chorographia Portugueza) pagava cada morador dous alqueires de pão e uma gallinha á casa de Gil Barbedo, *onde estava*

o foral [1], casa que deu origem á povoação d'este nome e que foi vivenda e solar dos fidalgos d'este appellido. Passou depois esta casa para os Abreus, senhores de Pico de Regalados; mas por morte de Leonel d'Abreu coube ao seu filho Lopo Gomes d'Abreu, cuja filha e herdeira, D. Maria d'Abreu e Noronha, a vendeu a Luiz de Sousa e Silva, seu sobrinho, então morador nas *Goladas,* em Braga.

—

Até 1835 teve este concelho juiz ordinario e camara propria com 2 vereadores, procurador, meirinho, carcereiro, e quadrilheiro,—e vinha escrever aqui, por distribuição annual, um escrivão de Pico de Regalados, a cujo termo pertencia.

O juiz era nomeado por seis homens — e estes pelo povo.

Ainda hoje (1885) vivem alguns individuos que exerceram aquelle cargo, — e dizem elles que eram juizes do *crime*, *civel* e *orfãos.*

Um d'aquelles antigos juizes é Antonio Affonso, do logar de Bruffe, que mal sabe escrever o seu nome.

N'aquelles tempos as cousas corriam *assim,* — e talvez melhor do que nos nossos dias?!...

Foi este concelho extincto em 1835, passando então para o julgado da primeira instancia (comarca) de Pico de Regalados. Pela divisão judicial, feita em virtude do decreto de 28 de dezembro de 1840—e pela divisão administrativa, feita por decreto de 18 de março de 1842, ficou pertencendo ao concelho e julgado de Terras de Bouro, comarca do Pico de Regalados; — actualmente é do mesmo concelho de Terras de Bouro, mas da comarca de Villa Verde.

—

A séde d'este concelho extincto era (como diz Carvalho) na aldeia de *Gilbarbedo.* Ali se conservam ainda as casas da camara, do tribunal e da cadeia. Foram vendidas; são hoje de João Ferreiro — e estão bem tratadas e bem conservadas.

—

No artigo *Bruffe* dissemos que esta parochia esteve muitos annos annexa á de *Villa Garcia.*

Foi lapso.

Esteve annexada—e somente um anno— á de *Cibões.*

Comprehende apenas duas aldeias—*Bruffe* e *Cortinhas*, com o total de 22 fogos e 126 habitantes,—61 do sexo masculino—e 165 do sexo feminino.

A egreja matriz de *Bruffe* está isolada das duas povoações e a meio d'ellas, distando cerca de 2 kilometros tanto de uma como da outra.

Foi reconstruida nos annos de 1881 a 1882 por iniciativa e esforços do seu digno parocho (encommendado) actual, filho da mesma parochia,—o melhor caçador d'estes sitios,—P.e Antonio José Francisco.

Deu o estado 300$000 réis para ajuda das obras — e o cofre da bullas da Santa Cruzada 30$000 réis.

A tradição local diz que antigamente o orago d'esta parochia de *Bruffe* era S. Silvestre e que o parocho da freguezia da *Carvalheira*, a pedido do povo, o substituira pelo *Divino Espirito Santo,* cuja imagem se venerava em uma capella da mesma invocação no logar de *Freitas*, da parochia de *Covide*, havendo pomposa festa no dia da trasladação.

—

N'esta freguezia de *Bruffe* não ha capella alguma — e a povoação d'este nome conta apenas sete fogos, quatro dos quaes possuem e apascentam na serra *Amarella* mais de 500 cabeças de cabras, sendo muitas devoradas todos os annos pelos lobos, que no inverno abundam por estes sitios,—bem como raposas, teixugos e tourões, fazendo estes ultimos grande damno nas colmeias, pois gostam muito de mel.

No cume da serra *Amarella* ha um fojo para caçar os lobos.

Faz se a montaria em todos os sabbados da quaresma, sendo obrigados a concorrer os povos das freguezias de Lindoso Ermi-

---

[1] Franklim não menciona este foral, mas apenas um dado a *Villa Garcia*, no termo de Celorico de Basto.

da, Cibões, Germil e Bruffe, bem como os habitantes de *Loure*, povoação da freguezia de Entre Ambos os Rios, e os de *Villarinho da Furna*, aldeia da freguezia de S. João do Campo.

—

Ainda nos principios do seculo actual os habitantes d'esta freguezia de Bruffe trajavam d'um modo exotico. Os homens vestiam calção, colete, casacão e barrete, tudo de burel; as mulheres por seu turno cortavam das teias do mesmo burel vara e meia de pano, que enroscavam na cintura, prendendo-o apenas com um botão do mesmo pano ou de sola no cimo da abertura—e assim caminhavam por toda a parte!...

Tambem por aquelle tempo não havia n'esta parochia estrada alguma para carros, —*nem boa nem má!* Todos os carretos eram, como nos sertões da Africa, feitos ás costas dos seus habitantes.

—

Um pouco a montante de *Pontido* ou *Rio Secco* (vol. 2.° pag. 298, col. 1.ª) sae do rio *Homem* uma levada d'agua para o logar da *Infesta*, da freguezia da *Carvalheira*, formando a dicta levada ou açude um outro *Pontido* mais pequeno, mas que tristemente foi assignalado pelos dois factos seguintes:

No dia 25 de julho de 1883 José Fortunato Martins, viuvo, *de 87 annos de idade*, lavrador natural da povoação de Ervideiros, freguezia da Carvalheira e ali residente, suicidou-se, afogando-se no dicto orco ou buraco;—e no dia 14 de outubro do mesmo anno fez o mesmo outro infeliz velho da mesma povoação, tambem viuvo e lavrador, —João Antonio Corrêa, *de 77 annos de idade!...*

É tal o sorvedouro que não mais appareceram os cadaveres d'aquelles dois infelizes.

V. *Bruffe*, vol. 1.° pag. 497, col. 2.ª—*Carvalheira*, vol. 2.° pag. 135, col. 2.ª—*Cibões* no mesmo vol. pag. 298, col. 1.ª—*Geme*, vol. 3.° pag. 264, col. 2.ª—e *Gondiães*, no mesmo vol. pag. 303, col. 1.ª *in fine*.

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. João dos Santos Moura, digno abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA GARCIA—freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria. Orago o Salvador,—fogos 80,—almas 328.

Em 1706 contava apenas 32 fogos e era vigairaria annexa ao prestimonio ou commenda da freguezia de Santa Maria d'Alvarenga, em Lousada,—e em 1768 era da apresentação do reitor d'Alvarenga,—contava 98 fogos—e rendia para o seu vigario apenas 12:000 réis, além do pé d'altar.

Comprehende as aldeias de *Villa Garcia*, séde da parochia, *Massa Corte*, *Roussadas*, ou *Roçadas*, Taleigos, Herdade, Fundego, Tapada, Raposeira, *Crasto*, Rebolão, Presa Soutello, Ferreiro, *Cobrada* ou *Quebrada*, Estres, Alambique, Valles, Barral, Carreira e Bouças.

Freguezias limitrophes — Gatão, Aboim, Chapa e Tellões.

O logar do *Assento de Villa Garcia* dista d'Amarante 5 kilometros para o norte,—20 da estação de Villa Mean, na linha ferrea do Douro,—71 do Porto (pela linha ferrea)—e 408 de Lisboa.

—

Pertenceu antigamente ao concelho de Celorico de Basto, da grande comarca de Guimarães, e ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Corta esta freguezia a estrada districtal a macadam de Amarante para Freixieiro, capital do concelho de Celorico de Basto, mas até hoje apenas tem concluidos 9 kilometros ou a parte que toca ao districto do Porto.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, muito pobre e muito simples,—e á pequena capella de Santo Amaro, que tem festa annual em janeiro.

No monte do *Crasto* d'esta freguezia houve um *castro romano* de que apenas restam vestigios nas largas escavações feitas pelo povo para aproveitar e empregar em outras obras a pedra dos alicerces.

Tambem se teem encontrado ali muitas moedas romanas.

Demora esta freguezia na margem direita

do Tamega, do qual dista 3 kilometros e é banhada a N. O. pelo rio ou ribeiro de Santo *Anatario* (?...) que desagua no Tamega.

«*Sobre este rio* (dizem textualmente os méus apontamentos) ha uma ponte que liga esta freguezia com a de S. Pedro d'Aboim. É grande, de um só arco e de granito—e parece ser do tempo de D. João III, pelos restos de um escudo que se vê no meio da ponte.»

Ha *n'este rio* (julgo que os apontamentos se referem ao tal rio de *Santo Anatario*, confluente do Tamega) 16 rodas de moinhos para cereaes e alguns engenhos para *descascar* linho no tempo proprio, na circumscripção d'esta freguezia.

Producções dominantes — vinho, cereaes, fructa e linho.

Note-se que o vinho é verde, mas não *rascante*. É vinho de pasto *delicioso*, do melhor entre os afamados vinhos de meza *de Amarante e Basto*,—vinhos que constituem uma especialidade distincta entre todos os do nosso paiz, muito estimados e muito procurados no Porto e fóra do Porto.

A fructa d'esta freguezia é tambem deliciosa, nomeadamente *òs pecegos*, variadissimos e saborosissimos, muito estimados e muito bem pagos no Porto como *pecegos d'Amarante*. Ali os temos visto vender a 100 réis cada um?!...

São os melhores de todo o nosso paiz.

—

Ha n'esta freguezia duas casas muito importantes e que absorvem a maior parte das propriedades d'ella,—são a *Casa da Egreja*, solar dos viscondes de Villa Garcia, alliados com os representantes do visconde de Montalegre,—e à *Casa das Roçadas*, que foi do dr. Joaquim Augusto Rodrigues Coimbra, hoje dos seus herdeiros.

Foi 1.º visconde de Villa Garcia José Vaz Pereira Pinto Guedes, irmão do 2.º visconde de Montalegre, Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, filhos segundos da *Casa do Arco*, de Villa Real.

O 1.º visconde de Villa Garcia teve um filho, seu herdeiro o successor, Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes que, sendo capitão de cavallaria, foi morto na acção de *Santa Barbara*[1] em 1823.

Succedeu-lhe sua filha unica e herdeira, D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto, que ficou senhora da casa de Villa Garcia e da de Rio de Moinhos, no concelho de Lousada.

Casou com seu primo Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar, filho e herdeiro do 2.º visconde de Montalegre, senhor da Casa de *Villar d'Ossos*, em Vinhaes,—e d'este casamento houveram 17 filhos, entre elles os seguintes:—*Luiz Vaz*, 2.º visconde de Villa Garcia, casou com uma filha de José Maria Pereira de Vasconcellos, da casa de *Val Melhorado*, no concelho de Felgueiras;—*Manuel Pinto* casou com uma filha de Sebastião Manuel de Sampaio, visconde da *Bouça*, freguezia d'este nome no concelho de Mirandella, onde rezide, sendo visconde do mesmo titulo;

—*D. Ignez Candida* casou com Manuel de Mello Vaz de Sampaio, da freguezia da Espinhosa, junto de Trovões, na Beira Alta, e vivem hoje na casa de *Villar d'Ossos*, antigo solar dos viscondes de Montalegre, no concelho de Vinhaes.

Esta parochia de *Villa Garcia* teve foral dado por D. Manuel, a 29 de março de 1520. É o mesmo dado ao concelho de *Celorico de Basto*, de que já se fez menção no 2.º vol. pag. 233, col. 1.ª—*Vide*.

VILLA GARCIA — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Orago — S. Thiago,—fogos 122, — almas 470.

Priorado.

Em 1708 contava 100 fogos e era da apresentação dos Saraivas, da cidade da Guarda.

Em 1768 ainda era da apresentação da mesma familia Saraivas,—rendia 100$000 réis—e contava 88 fogos.

Comprehende as aldeias de Cume, Cairão, e Carapito,—os casaes de João Saraiva e de José de Pina, de Lobão,—e as quintas de

[1] V. *Santa Barbara*, vol. 8.º pag. 403, col. 1.ª e 405, col. 1.ª tambem.

Villa Garcia, Ordonho, Naves e Carapito da Legoa.

A egreja parochial esteve na quinta de Villa Garcia, segundo se lê no *Diccionario Geographico* manuscripto, existente na secretaria do Reino.

Freguezias limitrophes—Guarda, Panoias, Arrifana e Casal da Cinza.

O logar de Cume, séde actual d'esta parochia (segundo supponho, pois não recebi apontamentos para a descripção d'ella) está em planicie, na margem esquerda da ribeira de Noeime, confluente do Côa, da qual dista muito pouco—e da Guarda 7 kilometros para E. S. E.

Passa a pequena distancia d'esta freguezia a linha ferrea da Beira Alta.

As suas estações mais proximas são a da Guarda e a de Villa Fernando.

—

Em cumprimento d'antigos votos foram muitos annos os habitantes d'esta freguezia em romagem á capella de *Nossa Senhora das Azenhas* junto da villa e praça de Monsanto, distante d'esta parochia de Villa Garcia cerca de 70 kilometros para S. S. E.?!...

Suppõe-se que fizeram aquelle voto á *Senhora das Azenhas* para se verem livres d'uma medonha praga de gafanhotos que infestava os campos e destruia as searas.

O dia da romagem era o 3.º domingo de maio e por essa occasião davam aos pobres um grande bôdo.

Veja-se o artigo *Monsanto*, (villa da Beira Baixa)—vol. 5.º pag. 416, col. 2.ª *in fine*—e pag. 417, col. 1.ª

—

Foi 10.º e ultimo senhor do padroado d'esta freguezia o barão de *Ruivoz*, Francisco Saraiva da Costa Refoyos, marechal de campo, etc

V. *Ruivós* ou *Ruivoz*, freguezia da Beira Baixa, vol. 8.º pag. 260, col. 1.ª e seg.

VILLA GARCIA E FREIXIAL — freguezia do concelho e comarca de Trancoso, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.—Curato.

É orago de Villa Garcia Nossa Senhora dos Prazeres,—fogos (d'este curato sómente) 90,—habitantes 315.

Em 1708 contava 64 fogos e era curato annexo á reitoria de S. João Baptista *intra-muros* da villa de Trancoso. Estava no termo d'esta villa, mas pertencia á comarca de Pinhel e ao bispado de Vizeu, do qual passou para o de Pinhel e d'este para o da Guarda em 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Em 1768 era ainda do bispado de Vizeu e da apresentação do reitor de S. João Baptista de Trancoso,—rendia 25$000 réis—e contava 72 fogos.

Esta parochia era formada por uma povoação unica (hoje comprehende tambem a do Freixial, sua annexa)—está na margem esquerda da ribeira de Massueime, confluente do Côa, da qual dista 2 kilometros para oeste, — e 12 de Trancoso para E. N. E.

—

A egreja parochial é um templo pequeno muito antigo, mas bem tractado e bem conservado.

Cerca de 200 metros a O. está a capella de Santa Barbara, tambem muito bem tractada e muito querida dos devotos, que lhe fazem todos os annos uma festa no 3.º domingo de dezembro.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella de Nossa Senhora das Necessidades, pertencente a João Diogo de Andrade, hoje o primeiro proprietario d'esta parochia.

Na matriz ha uma importante irmandade das Almas, instituida em 1694, com prévia auctorisação do rev. Manuel Cardoso Monteiro, reitor de S. João *intra-muros* de Trancoso, por ser esta parochia da sua apresentação.

Foi confirmada a dicta irmandade em 1751 pelo dr. Caetano Velloso de Figueiredo Abranches, desembargador d'el-rei,—e ainda hoje conta mais de 500 irmãos!...

—

Freixial é hoje uma pequena, pobre e triste aldeia de 40 fogos e 130 almas, annexa a Villa Garcia e distante d'ella pouco mais de 1 kilometro para leste, mas já foi *villa* e *muito considerada*, pois teve foral dado por D. Sancho Fernandes, prior da ordem do Hospital, em abril de 1112,—e D.

Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 19 de julho de 1515?!...

Nós já ali passámos, indo da Cogulla para Figueira de Castello Rodrigo, Barca d'Alva, Escalhão, Pinhel, Almeida, e ainda nos recordamos com dó da *pobre villa*!

O seu chão é de agradavel aspecto e prestava-se admiravelmente para a cultura da vinha, de olival e cereaes, mas está quasi todo inculto, porque é quasi todo foreiro á grande *Mordomia* de Trancoso, o que torna a propriedade immovel e converte os seus habitantes em simples colonos ou *servos de gleba* cujas habitações revelam a pobresa dos seus inquilinos.

São todas muito humildes e estão todas muito negras e arruinadas.

Ainda conserva a sua antiga egreja matriz aberta ao culto, mas pobre, pobrissima —e uma capella, tambem muito antiga, muito humilde e prestes a desabar!

No termo d'esta *pobre villa* vimos boas oliveiras, plantadas em terreno baldio, mas *pertencentes a extranhos*,—bem como uma bella quinta, recentemente plantada de vides e oliveiras, mas pertencente a um cavalheiro de Trancoso.

O parocho de Villa Garcia celebra nos domingos e dias sanctificados missa nas duas povoações alternadamente,—dous dias na de Villa Garcia e um na do Freixial, sua annexa.

Teem as duas povoações apenas uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino, desde 1883.

Producções dominantes—em Villa Garcia bom vinho de meza, cereaes, castanhas e azeite,—no Freixial pouco vinho, pouco azeite e cereaes que mal chegam para as rendas, foros e juros que os seus habitantes são obrigados a pagar.

É uma das povoações mais pobres da provincia!

V. *Freixial*, vol. 3.º pag. 231, col. 1.ª

Freguezias limitrophes,—Povoa do Concelho, Povoa d'El-rei, Falachos, Cotimos e *Cogulla*, sendo esta ultima freguezia hoje a *mais rica e mais endinheirada de todo o concelho de Trancoso.*

Ao meu bom amigo, o sr. Miguel Antonio d'Almeida Crespo, cavalheiro respeitabilissimo e um dos primeiros proprietarios da Cogulla, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA GATEIRA ou **VIL GATEIRA**—aldeia da freguezia de *Varzea de Santarem.* V. vol. 10.º pag. 233, col. 2.ª e seg.

Dista 8:200 metros de Santarem, para o norte,—está em uma pequena elevação,—conta 51 fogos com 220 almas—e tem, como já dissemos, uma capella de *Santo Antonio.*

Suppõe-se que esta capella foi edificada em 1623, pois tinha esta data gravada sobre a porta. Como ameaçasse ruina, foi restaurada a expensas dos habitantes d'esta parochia, por iniciativa do seu prior encommendado, o rev. e benemerito padre Antonio de Carvalho.

Ficou lindissima e um pouco mais ampla do que a capella antiga.

Tem hoje 10,m8 de comprimento, 4,m5 de largura — e côro assente sobre duas columnas de pedra, contiguo á porta de entrada.

Principiaram as obras nos fins d'abril de 1880, sendo no dia 25 d'aquelle mez removida em procissão a imagem do padroeiro para a egreja matriz, onde se conservou até o dia 14 d'agosto do mesmo anno, data em que a nova capella se concluiu e foi solemnemente benzida e de novo aberta ao culto, do que tudo se lavrou auto do theor seguinte:

«Aos 14 dias do mez d'agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1880, pelas seis horas da tarde, o rev.º padre Antonio de Carvalho, prior encommendado da freguezia de N. S. da Conceição da Varzea, concelho de Santarem, benzeu solemnemente, por se achar com a decencia devida, a capella de Santo Antonio de Villa Gateira, conforme o ritual romano, com auctorisação do Eminentissimo Patriarcha, na presença da junta de parochia e da irmandade do Santissimo Sacramento da mesma freguezia.»

—

D'este auto se mandou uma copia para a camara ecclesiastica.

Concluida a cerémonia, se trasladou processionalmente a imagem de Santo Antonio da egreja matriz para o seu altar;—em se-

guida subiu ao pulpito o rev. Manuel de Carvalho, que em uma breve mas commovente pratica, avivou a devoção dos fieis para com o padroeiro da nova capella e agradeceu a efficaz cooperação de todos para a rapida conclusão das obras.

O triduo continuou nos dias 15 e 16 com missas cantadas e sermões, — musica de egreja e d'arraial pela banda de *Rio Maior*, —e na tarde dos dois ultimos dias as celebres *cavalhadas*, enlevo dos povos d'estes sitios.

N'esta aldeia houve outra capella dedicada a S. Francisco. Foi profanada pelas hordas francezas do general Massena, em 1810, e assim se conserva ainda.

—

Na distancia de 50 metros d'esta aldeia para o nascente demora a quinta do *Freixo*, de José Augusto Galaxe, onde actualmente vive seu irmão Antonio Galaxe, afamado cavalleiro.

Tinha tambem esta quinta outra capella, que foi igualmente profanada pelos francezes em 1810, e assim se conserva tambem ainda.

Cerca de 100 metros ao norte d'esta aldeia está a quinta da *Narcisa*, pertencente á viuva de Antonio da Costa Rebello, que foi um dos maiores proprietarios de Santarem,—e cerca de 1:200 metros ao sul d'esta mesma povoação demora a quinta da *Laranjeira*, confinando com a mimosa e formosa quinta de *S. Martinho*, encantadora vivenda e habitação de sr. Paulo Maria da Costa Barros, cavalheiro estimabilissimo e dono d'estas ultimas duas importantes propriedades.

Na quinta de S. Martinho ha tambem uma capella de Nossa Senhora do Amparo, que os francezes profanaram em 1810.

Banha esta quinta o rio de *Perofilho* que move alguns moinhos e rega formosas varzeas. Junto de uma d'estas esteve a velha egreja matriz, que tomou d'ella o nome, bem como esta freguezia da *Varzea*.

—

Houve aqui um devoto do deus Bacho (diz a tradição) que costumava embriagarse com *agua-pé*, pelo que o denominavam *Vil-Gateira*, ou vil bebedeira,—e d'elle tomou asta povoação o nome de *Villa Gateira*.

Póde ser, pois com *agua-pé* costumavam embriagar-se tambem os trabalhadores nas quintas do Alto-Douro, antes do phyloxera as aniquilar; mas suppomos que esta povoação tomaria o nome de *Gateira* dos *gatos* montezes ou teixugos que em outros tempos talvez abundassem n'estes sitios, como dos mesmos *gatos* provieram os nomes de muitas freguezias, aldeias e casaes do nosso paiz.

Com o proprio nome de *Gato* temos nós 2 aldeias, 4 casaes, 3 quintas e um monte; —com o nome de *Gata*—1 aldeia, 2 herdades e 2 sitios;—com o nome de *Gatos* 1 aldeia, 1 casal, 1 quinta e 1 sitio;—com o nome de *Gatas* 1 casal;—com o nome de *Gatão* 1 freguezia, 6 aldeias e 2 casaes;—com o nome de *Gatões* 1 freguezia e 2 aldeias;—com o nome de *Gateira* 11 aldeias e 1 quinta;—com o nome de *Gateiras* 1 aldeia, 1 casal e 1 sitio—e com o *mesmo nome* de *Villa Gateira* 1 sitio na parochia de *Litem*, concelho de Leiria.

Julgamos, pois, que o nome de *Gateira* proveiu dos *gatos*, como dos *coelhos* provieram os nomes das terras do nosso paiz denominadas *Coelho, Coelha, Coelhal, Coelheiro, Coelheiros, Coelheirinha, Coelhoso, Coelhosa*, etc.

Lembramo-nos ainda de duas parochias denominadas Villa Cova a *Coelheira*, — uma no concelho de Fragoas e outra no concelho de Ceia.

Desculpem-nos a diversão.

VILLA DA IGREJA—V. *Villa da Egreja*, freguezia do concelho de *Sattam*.

VILLA JUSÃ—freguezia do concelho de Mezãofrio, comarca da Regoa, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho Bispo,—fogos 127,—almas 410.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, contava 115 habitantes, — em 1687, segundo se lê nas *Constituições* do bispo D. João de Sousa, contava 27 fogos com 116 habitantes, e em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, contava 50 fogos e rendia 12$000 réis, afora o pé d'altar.

Até 1836 foi curato annexo á abbadia de

S. Pedro da Teixeira—e já em 1623 era da mesma apresentação.

Administrativamente pertenceu ao antigo concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca de Lamego—e até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ecclesiasticamente ao bispado do Porto. [1]

—

A população d'esta freguezia está disseminada pelas aldeias seguintes:—*Villa Jusã*, S. Martinho, séde da parochia, Mattos, Cima do Douro, Bernardo de Cima, Registro, Monte, S. Fr. Gil, *Ponte Henrique* e *Fundo de Villa*.

Comprehende tambem as quintas do *Bernardo de Cima*, da familia Rangeis, do Porto, *Quelhas*, da familia Mesquitas, de Mezãofrio, *Quartenões*, da familia do barão Fornellos, —*Souto Maior*, que foi do fallecido Antonio Augusto d'Almeida e Castro e é hoje do seu herdeiro Carlos Negrão, a de Antonio Manuel Pinto d'Abreu, e a da *Ferreira*, da familia Xavier.

Fundo de Villa não é povoação ou aldeia independente e autonoma como as outras; —é *parte integrante* da villa de Mezãofrio; comprehendendo as casas da sua extremidade sul e que ficam em plano mais baixo, na pendente sobre o Douro, formando o *fundo da villa*, seguindo-se a pequena distancia e na mesma pendente a aldeia de *Villa Jusã*, assim denominada por estar *a jusante* de Mezãofrio. [2]

Comprehende, pois, Mezãofrio uma parte d'esta parochia de *Villa Jusã*, além das duas parochias de *S. Nicolau* e *Santa Christina* formando um amalgama insupportavel!

As 3 freguezias deviam formar *uma só*—e os concelhos de Baião e de Mezãofrio *uma comarca*, tendo por séde esta villa.

No *supplemento* trataremos a questão.

—

Freguezias limitrophes—Barqueiros, S. Nicolau, Santa Christina e o rio Douro, ao sul.

A povoação de *S. Martinho*, [1] séde d'esta parochia de Villa Jusã, dista de Mesãofrio 1 kilometro, para S.—1 $1/2$ da margem direita do Douro, para N.—3 da estação da *Rede*, na linha ferrea do Douro, para N. O., — 12 da Regoa pela estação da Rede, 94 do Porto pela estação do Bernardo—e 490 de Lisboa.

Esta povoação é antiquissima, pois comprehende a aldeia da *Ponte Henrique* sobre o rio Teixeira, que a banha a N. O.—ponte de que hoje só resta o nome, mas que, segundo se suppõe, foi mandada fazer por D. Affonso Henriques, bem como se attribuem ao mesmo rei e a sua mulher a rainha D. Mafalda, a egreja matriz da parochia de S. Nicolau e a celebre *Ponte do Piar* sobre o Douro, na parochia de Barqueiros, junto d'esta de *Villa Jusã*.

Foi esta parochia tambem sempre parte integrante de Mesãofrio e por consequencia da behetria d'este nome, uma das poucas que houve em Portugal e que era cabeça das behetrias de *Villa Marim*, parochia sua limitrophe, — e da de *Cidadelhe*, limitrophe de *Villa Marim*.

Veja-se *Mesãofrio*, vol. 5.º pag. 196,—*Cidadelhe*, (a 2.ª) vol. 2.º pag. 399—*Villa Marim* n'este diccionario e Behetria no *supplemento*. Entretanto, quem quizer estudar a a questão das nossas behetrias leia no tomo 1.º das *Memorias de Litteratura Portugueza*, pag. 98 a 257, a excellente *Memoria* de José Anastacio de Figueiredo, que é o trabalho *mais completo* que possuimos sobre o assumpto.

---

[1] Pela nova circumscripção diocesana o bispado de Lamego ficou limitado a leste pela ribeira de Maçoeime e rio Côa — e a oeste pelo rio Paiva, passando para o bispado do Porto as freguezias que o de Lamego tinha na margem esquerda d'este rio, nos concelhos d'Arouca e Castello de Paiva, mas em compensação recebeu na margem direita do Douro, *onde nada tinha*, os concelhos de Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião, Alijó e Murça, com o total de 71 freguezias, comprehendendo tambem 2 no concelho de Villa Real.

[2] V. *Jussã*, vol. 3.º pag. 430, — *Pereira Jusã*, vol. 6.º pag. 685 — e *Vicente de Pereira* (S.) vol. 10. pag. 562.

[1] Não se confunda a povoação de *S. Martinho* com a de *Villa Jusã*. São duas povoações distinctas.

A egreja matriz e a casa da residencia parochial estão na primeira.

Falla repetidas vezes d'estas 3 behetrias, citando documentos muito interessantes.

—

As *behetrias*, povoações excepcionalmente honradas e privilegiadas, principiaram em tempos muito remotos por simples estalagens, montadas em sitios ermos sobre as estradas publicas e, por serem muito uteis aos transeuntes, os nossos reis lhes concederam privilegios extraordinarios.

Esta de Mezãofrio e Villa Jusã estava então em sitio ermo, tambem na *importantissima* estrada de Entre o Douro e Minho para a Beira, por Penafiel, Canaveses e Bayão— e por Amarante, Quintella e *Padrões* [1] da Teixeira até Mezãofrio e Villa Jusã, seguindo depois para as antiquissimas cidades de Cidadelhe e Panoias, em Traz os Montes, pela ponte *Cavalar*, sobre o rio Sermanha, — e para Lamego, Caria, etc., na Beira, atravessando o Douro na barca do Molledo, depois barca do *Por Deus*.

—

Destruidas Cidadelhe e Panoias e as vias militares romanas, a estrada mais seguida da provincia d'Entre o Douro e Minho para a Beira era por Canaveses e Bayão até Mezãofrio; atravessando depois o Douro na barca do Molledo, seguia pelas encostas da freguezia da Penajoia até *Santiaguinho*, nas abas do monte do *Poio*—e d'ali por *Avões* para Lamego, etc.

Tambem se suppõe que nos principios da nossa monarchia a dicta estrada passava o Douro na celebre ponte do *Piar*, de que já se fallou nos artigos *Barrô, Barqueiros*, e Mezãofrio, e que estava entre a freguezia de Barqueiros, junto d'esta de *Villa Jusã*, e a freguezia fronteira—Barrô,—na margem esquerda do Douro.

Ainda ali se veem restos authenticos dos grandes pilares da dita ponte, que foi a primeira que houve sobre o rio Douro.

Alem dos logares citados, veja-se o que d'esta ponte disse Ruy Fernandes em 1532 na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, descripção que se acha nos *Ineditos de Historia Portugueza*, tomo 5.º pag. 546 a 613—e n'ella, a pag. 563 e 564, os interessantissimos topicos relativos á ponte, sob os titulos *Piares do Douro*, e *Menja frio*.

Bem quizeramos dal-os na sua integra, mas a necessidade de *aligeirar* e *resumir* nos força a passar adiante.

—

Esta freguezia desce até ao Douro e acompanha-o pela margem direita desde a quinta de Villa Verde a leste, pertencente á parochia de Santa Christina, até á casa do *Registro*, a oeste, limite d'esta parochia de Villa Jusã e da de Barqueiros, comprehendendo cerca de 1 kilometro da linha ferrea.

Toca tambem n'esta freguezia a estrada a macadam da Regoa ao Porto, que é plana desde a Regoa até á Rede, mas muito ingreme desde a Rede até o alto de Quintella, na extensão approximada de 15 kilometros, bem como desde Amarante até o mesmo alto, na extensão de 10 a 12 kilometros, pelo que as diligencias eram arrastadas desde Amarante e da Rede até Quintella por duas juntas de bois,—*a passo de lesma e com muda a meio caminho*—ficando os pobres bois sempre cobertos de suor, porque a estrada tem declives de 12 a 15 por cento!

Na descida de Quintella até Amarante e até á Rede as diligencias largavam os bois, atrelavam os cavallos e fugiam em carreira vertiginosa por aquellas medonhas ladeiras abaixo, vencendo em uma hora o espaço que na subida consumia 4 a 5 e a paciencia dos passageiros!...

Nunca se viu em Portugal caminho peor para diligencias e tão concorrido até á inauguração da linha ferrea do Douro.

Muito tempo trabalharam na dicta estrada simultaneamente tres diligencias diarias—e muitos foram os tombos, contusões e ferimentos, mas não nos consta que alguem perecesse, emquanto que nas viagens pelo Douro, antes de se montarem as diligencias, pereceram *milhares de pessoas!*...

Só em um naufragio do barco da carreira

[1] Este sitio tomou o nome de *Padrões* dos marcos milliarios que se erguiam na estrada romana que por alli passava para Cidadelhe, Panoias, Lamego, Caria, etc. Vide *Cidadelhe*, a 2.ª

junto das Caldas de Aregos, approximadamente em 1850, morreram afogadas 30 a 40 pessoas—e muito posteriormente mais de 30 no naufragio d'outro barco de carreira entre Pinhão e a Regoa, *em uma vespera de natal*?!...

—

Aquella medonha estrada foi feita nos fins do ultimo seculo pela *Companhia dos Vinhos*—não para diligencias, mas para liteiras, que eram o melhor transporte n'aquelle tempo. E para que os *nobres* [1] empregados da *Companhia* tivessem onde pousar commodamente entre Penafiel e a Regoa, desviou a estrada para Amarante, abandonando o traçado seguido até aquella data—e muito mais suave—por Canaveses e Baião,—traçado que os nossos engenheiros indicaram como preferivel a todos os respeitos para a estrada a macadam; mas, como a estrada feita pela *Companhia* já tivesse bastante largura [2], o governo provisoriamente a mandou reparar e macadamisar, emquanto não construia a estrada por Canaveses e Baião,—obra muito mais morosa e muito mais dispendiosa.

É a estrada real, n.º 34, de Penafiel á Barca d'Alva.

Ainda hoje (1885) vae na altura da estação de *Mosteiro*; tem de atravessar a parte restante do concelho de Baião e depois esta freguezia de Villa Jusã e a de Santa Christina até á povoação da Rede, onde entronca na parte já construida da mesma estrada n.º 34, da Rede até á Pesqueira.

Principiava então a febre das diligencias ao norte do nosso paiz, pelo que, apenas viram a estrada da *Companhia* macadamisada, logo se organisou, approximadamente em 1858, uma empreza de diligencias para a explorar—e pouco depois outra e outra!

[1] O alto e numeroso pessoal da poderosa *Companhia*, desde o seu provedor até os provadores, era quasi todo constituido por *filhos d'algo*!...

Era assombrosa a série de banquetes de *centos de talheres* que dava na sua grande casa da Regoa a todos os lavradores do Douro *indistinctamente*, nos dias destinados para a compra dos vinhos.

[2] Com relação ás nossas estradas antigas era uma estrada esplendida!...

Muitas vezes fiz a viagem entre a Regoa e o Porto nas taes diligencias e em barcos, pelo Douro, vendo a morte a cada instante. *Horresco referens!...*

—

Atravessava e atravessa ainda hoje esta freguezia a velha estrada do Porto e Mezãofrio ao fundo da povoação da Rede e que seguia para Lamego e Beira pela barca do *Por Deus*.

Na Regoa, hoje a villa mais formosa do Douro, nem se fallava antes da *Companhia dos Vinhos* ali estabelecer a sua grande casa e os seus grandes armazens, nem havia da Rede para ella estrada alguma alem da de Sirga, que foi sempre um medonho carreiro de cabras *no verão*, pois no inverno a cada passo o Douro a cobre e desapparece!...

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e a 3 capellas.

A egreja é muito pequena, muito velha e pobre, e foi construida com a pedra d'outra egreja antiquissima, ou do mosteiro ou hospicio que (segundo resa a tradição local) existiu n'esta parochia, cerca de 150 metros ao nascente da matriz, no chão (hoje campo e vinhas) onde esteve a eira da quinta que foi do reitor de S. Nicolau, da familia *Tovar*,—bens que passaram para a familia Fornellos e d'esta para estranhos,—mesmo em frente e no mesmo nivel do convento de freiras franciscanas (hoje collegio de meninas) que estava na margem opposta do Douro, na freguezia de *Barrô*.

No dicto local teem apparecido e continuam a apparecer muitas pedras em esquadria.

Ao passo que a pobre egreja matriz, com o abandono em que jaz, vae perdendo o reboco, vê-se entre a alvenaria das paredes pedras em esquadria e fragmentos de columnas, claros vestigios de construcção mais antiga e mais importante.

Interiormente tem altar mór e dois lateraes com retabulos de talha muito antiga, formando paineis com pinturas a oleo sobre madeira, mas nota-se tambem que os tres retabulos pertenceram a outro templo mais espaçoso e que foram cerceados e violenta-

mente adaptados ao pequeno e mesquinho templo em que se acham.

O retabulo do altar mór é formado por tres paineis, representando o do centro Nossa Senhora,—o do lado do Evangelho S. Martinho, o padroeiro—e o do lado da Epistola um frade a cavallo, com a cruz em uma mão e uma espada na outra, partindo a capa para dar a um pobre.

As capellas são—uma de *S. José*, de Antonio Manuel Pinto d'Abreu e outra de *S. Vicente Ferreira*, na quinta da *Ferreira*, de Antonio Xavier Pinto, ambas particulares e em mau estado—e uma de S. Silvestre, publica, no monte de S. Silvestre.

—

Houve tambem n'esta freguezia mais tres capellas,—uma de S. Fr. Gil, publica, na povoação d'este nome,—outra, de Nossa Senhora da Conceição, na quinta da *Quelha*, da familia Mesquitas,—e outra, da invocação de S. Bernardo, na quinta do *Bernardo de Cima*, que foi cortada pela linha ferrea, ficando a dicta capella ao sul e junto da dicta linha, do lado do Douro. Ambas eram particulares;—a 1.ª já desappareceu e a 2.ª está em ruinas [1].

Esta parochia não tem cemiterio. Os enterramentos fazem-se no adro da egreja matriz.

Tem tres edificios brasonados,—a casa de Antonio Manuel Pinto d'Abreu, sobre o largo onde se suppõe que esteve antigamente o pelourinho, na aldeia de Villa Jusã—a de Carlos Negrão, em *Fundo de Villa*—e a do *Registro*, que foi da extincta Companhia dos Vinhos, tendo esta ultima casa por brasão as armas reaes portuguezas.

—

Pela organisação despotica da *Companhia dos vinhos*, creada pelo marquez de Pombal em 1756, [2], foi a região vinicola do Alto-Douro (Cima-Corgo e Baixo Corgo) dividida em dois lotes,—um de vinhos de *feitoria*, ou de embarque (os superiores) destinados para exportação,—outro de vinhos de *ramo*, destinados para queima e consumo no Porto e seus arrabaldes, onde a *Companhia* tinha tambem o *exclusivo* das tavernas.

O 1.º lote acompanhava as margens do Douro e dos seus affluentes desde esta freguezia de *Villa Jusã* e da de Barqueiros até os confins do concelho d'Alijó, na margem direita—e desde as freguezias de Barrô e da Penajoia até os confins do concelho da Pesqueira, na margem esquerda.

O 2.º lote acompanhava o 1.º, comprehendendo uma certa faxa de terreno immediatamente superior, sendo ambos divididos por grandes marcos de pedra, muitos dos quaes ainda hoje existem, o que deu causa a *serios desgostos*, porque por vezes ficaram divididas propriedades compactas do mesmo dono e era *crime horrendo* [1], fulminado com graves penas, o passar uvas ou vinho de um lote para outro.

—

Os dois mencionados lotes comprehendiam—no todo ou em parte—48 freguezias na margem direita do Douro, sendo as primeiras, para quem vae do Porto, esta de *Villa Jusã*, Barqueiros, S. Nicolau e Santa Christina. Todas 4 formavam a raia ou extremidade O. d'aquella região priveligiada, ao norte do Douro.

Na margem sul, ou esquerda, eram aquellas freguezias em numero de 22, formando a extremidade oeste as de Barrô e Penajoia, fronteiras a *Villa Jusã*, pois a barca do *Bernardo*, que atravessa aqui o Douro, toca na margem direita nas extremidades S. O. de Villa Jusã e S. E. de Barqueiros, — e na margem esquerda nas extremidades N. O. da Penajoia e N. E. de Barrô.

—

Villa Jusã olha para o sul. O seu clima é saudavel e temperado,—as suas producções dominantes são vinho maduro, bem conhecido por *vinho do Porto*, milho e fructas variadas e muito saborosas, como todas as do

[1] A capella de *S. Vicente Ferrer* ou *Ferreira* deu o nome á quinta da *Ferreira*,— assim como as quintas, o sitio e a barca do Bernardo tomaram o nome da antiquissima capella de *S. Bernardo* — e a capella de *S. Frei Gil* deu o nome á povoação assim denominada.

[2] Veja-se o art. *Victoria*, vol. 10.º pag. 597 a 604.

[1] Logar citado, vol. 10.º pag. 598, col. 2.ª

Douro,—e o seu chão é mimoso e muito fertil. Basta dizer-se que faz parte da abençoada região por justos titulos denominada *coração do Douro*, comprehendida no vasto triangulo formado por *Lamego, Villa Real* e *Mezãofrio*, tendo por corôa e centro a formosa villa da *Regoa*.

Não se encontra em todo o nosso paiz—e *difficilmente se encontrará nos paizes extrangeiros*—um tracto de terreno de eguaes dimensões tão fertil, tão mimoso, tão povoado tão lindo e de tanto valor como é este!

Queremos-lhe muito e conhecemol-o de perto, porque tivemos a ventura de nascer n'elle, mas não nos cega o amor da terra natal.

Appellamos francamente para o testemunho de quem saiba o que é o *coração do Douro* e já o visitasse desde abril até novembro.

—

Jaz na egreja matriz d'esta parochia João Pereira Soares d'Albergaria, filho bastárdo de Manuel Soares d'Albergaria, fidalgo distincto, mas muito excentrico e *algo mas*... que viveu nas suas casas da Ribeira da Rede, tendo vinculos e outras casas importantes em Aveiro, Oliveira do Conde, Sinfães, Midões, Resende e Villa da Feira.

O tal sr. João Pereira foi muito tempo o açoute e terror d'estes sitios.

Valente, desordeiro e chefe de uma quadrilha de malfeitores, praticou muitos excessos e crimes de toda a ordem, mas *talis vita, finis ita!*...

Foi preso e fuzilado no *Fundo de Villa*, povoação d'esta parochia, por uma força de caçadores n.º 3, mandada para esse fim *expressamente* de Villa Real, no 2.º quartel d'este seculo.

—

Esta parochia de *Villa Jusã* e as outras duas que com ella formam a villa de Mezãofrio, pelo facto de estarem na importante estrada militar do Minho e do Porto para a Regoa e para as provincias da Beira e Traz-os-Montes, e por formarem a maior povoação que se encontrava no espaço de trinta e tantos kilometros desde Amarante até a Regoa, soffreram sempre muito em tempos de guerra e mesmo de paz com os repetidos movimentos de tropa e conducções de presos, desde as epochas mais remotas até á inauguração da linha ferrea do Douro.

Ainda n'este seculo foram cruamente açoutadas durante a guerra da peninsula e as guerras civis posteriores.

—

Em junho de 1808, por exemplo, chegou aqui o sanguinario Loison com a sua divisão, em marcha de Almeida sobre o Porto, que ao tempo já se havia sublevado contra os invasores, bem como Amarante e as provincias do Minho e Traz-os-Montes. Tentando seguir para o Porto, foi surprehendido por grande numero de populares armados que lhe interceptaram a passagem nos Padrões da Teixeira e pelos que, descendo de Villa Real, se dispunham a mettel-o entre dois fogos. Retirou precipitadamente sobre Lamego, talando e saqueando as terras que deixava apoz de si, matando muitas pessoas indefesas e incendiando varias casas, a principiar por esta parochia e pelas de Mezãofrio, onde reduziu a cinzas a egreja dos franciscanos, o hospital da Misericordia, etc.

Batido pelos valentes transmontanos, passou o Douro na Regoa e chegou a Lamego na tarde do dia 21 do dito mez de junho, marchando na manhã do dia immediato para Vizeu com tal precipitação que deixou no paço episcopal de Lamego parte da sua bagagem e dos roubos feitos n'esta freguezia de Villa Jusã e em outras d'este concelho de Mezãofrio e do da Regoa.

Entre a dita bagagem se encontraram as peças de prata seguintes:—13 castiçaes, 2 serpentinas grandes, 2 escrivaninhas, 3 bacias de mãos e 2 jarros, 6 duzias de garfos, facas e colheres, 4 clarins, 2 grandes cruzes processionaes, 1 imagem de Christo, 2 vasos sagrados, uma rica banqueta d'altar com 51 peças, 6 grandes salvas, 7 pucaros e 13 bacios [1], sendo 6 de cadeira, grandes, —*tudo de prata* e com o peso total de 462

---

[1] Extracto fiel do inventario, feito por ordem do nosso governo, em fevereiro de 1809.

marcos e 6 onças,—além de uma caixa forrada de marroquim, contendo 13 peças de louça da India.

Vejam que salteador?!...

—

Esta parochia tem na villa de Mezãofrio, de que é parte integrante, muitos mercados e feiras, escolas officiaes para ambos os sexos, um theatro, casa de Mizericordia com hospital, muitos estabelecimentos commerciaes, etc.

É tambem mimosa de peixe do Douro e do mar, principalmente depois da inauguração da liaha ferrea.

Foi baptisado n'esta freguezia o sr. José Caetano de Carvalho, residente no Porto, cavalheiro estimabilissimo, dono das quintas da *Gafaria* e de *Villa Nova*, na freguezia de Santa Christina—e da de *Freixieiro*, na de Barqueiros, todas d'este concelho de Mezãofrio.

É s. ex.ª irmão do sr. Antonio Caetano de Carvalho, nosso vice-consul em Angra dos Reis, provincia do Rio de Janeiro, no Brazil.

—

A *Chorographia Portugueza* não menciona esta parochia, nem as de S. Nicolau e Santa Christina de Mezãofrio, nem a de Villa Marim, todas d'este concelho, sendo aliás *muito importantes e muito antigas*. Foi lapso da impressão, talvez. Consta porem que esta parochia de *Villa Jusã* foi antigamente *villa* e n'ella ha ainda memoria do seu ultimo pelourinho. Dizem que estava no pequeno largo que ainda hoje se vê na aldeia de Villa Jusã, cerca de 1 kilometro a oeste da egreja matriz.

Dizem mais—que *era de madeira*, e que foi roubado uma noite pelas auctoridades e pelo povo de Santa Martha de Penaguião!...

O facto hoje não é muito facil de explicar, pois Santa Martha de Penaguião dista d'esta freguezia cerca de 20 kilometros para N. E.; mas é possivel que o facto se désse, porque outr'ora chegava até aqui o concelho de Penaguião e comprehendia, como já dissémos, esta parochia de Villa Jusã.

Da cadeia e dos paços do concelho não ha memoria alguma nem nos consta que tivesse foral proprio, alem dos da villa de Mezãofrio, de que é parte interessante.

—

Foi natural d'esta parochia Fr. Antonio da Annunciação, agostinho descalço (*grillo*) religioso de muita illustração e virtudes.

Professou no seu convento do Porto (hoje seminario diocesano) no dia 26 de janeiro de 1804.

Foi tambem natural d'esta parochia Fr. José da Ave Maria, religioso da mesma ordem e que professou no convento do Monte Olivete ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 9 de abril de 1804.

Foi dr. de capello em theologia pela Universidade de Coimbra, e padre mestre na sua religião, muito considerado pelos seus vastos conhecimentos.

—

Por alvará da rainha D. Maria I, com data de 15 de fevereiro de 1791, se mandou concluir a ponte *d'Alvarenga*, sobre o rio Paiva, no concelho d'Arouca, principiada pelo benemerito bispo de Lamego.

Importaram as obras em 3:300$000 réis que, em virtude do mesmo alvará, foram derramadas pelas comarcas da Villa da Feira e de Lamego. Pagou a 1.ª 1:000$000 réis—e a 2.ª 1:300$000 réis, que foram divididos por todos os concelhos d'aquella vasta provedoria, pertencendo a este de Mezãofrio 46$000 réis, dos quaes esta parochia de Villa Jusã pagou tambem a sua quota.

Mal imaginarão hoje os municipes de Mezãofrio que tambem contribuiram para a construcção do celebre *ponte d'Alvarenga?!...*

VILLA DE LEDRA—parochia extincta no concelho e comarca de Mirandella, provincia de Traz-os-Montes.

V. *Fornos de Ledra*, vol. 3.º pag. 219, col. 1.ª—e *Guide*, no mesmo vol. pag. 346, col. 2.ª.

VILLA LONGA—freguezia do concelho e comarca de Sattam, districto e diocese de Vizeu, na Beira Alta.

Curato. Fogos 68,—almas 296,—orago Nossa Senhora da Graça.

Em 1768 já era curato da apresentação do vigario da freguezia das *Romans*, á qual

hoje está civilmente annexa,—rendia para o pobre cura 6$000 réis, além do pé d'altar, e contava 38 fogos.

Além da povoação de Villa Longa, séde da parochia, situada em um valle, que é um souto de castanheiros por onde corre a ribeira de *Coja*, uma das nascentes do rio *Dão*, comprehende esta freguezia as quintas do Seixo, Pégo d'Urso, Buraco e Malcata.

Freguezias limitrophes—Dornellas, Corticada, Romans, Cesures e Silvã.

Segundo se lê no *Diccionario Geographico Manuscripto* (collecção dos relatorios dos parochos, existente no Archivo Nacional, referida ao anno de 1758) esta freguezia estava no termo da villa de *Douro Calvo*, hoje simples aldeia da freguezia de *Romans*.

—

Producções dominantes—vinho, cereaes, batatas e castanhas.

Dista de *Villa da Egreja*, séde do concelho, 15 kilometros para E. N. E.—32 de Vizeu,—e 28 da estação de Mangualde, que é a mais proxima, na linha ferrea da Beira Alta.

Tem uma ponte e duas estradas a macadam, todas estas obras em via de construcção;—a ponte é sobre o rio Coja, que desagua no Dão a 18 kilometros de distancia, e dá movimento a 2 pisões e uma azenha nos limites d'esta parochia;—das estradas a macadam uma parte de Castendo e deve passar a 2 kilometros de Villa Longa,—a outra deve passar a egual distancia e parte de Vizeu.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella de S. Thiago,—templos muito singelos, sem coisa alguma que mereça especial menção.

V. *Romans*, vol. 8.º pag. 224 col. 2.ª

VILLA MAIOR — freguezia do concelho e comarca da Feira, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia. Orago S. Mamede,—fogos 170,—almas 695.

Em 1708 era reitoria da apresentação da *Companhia de Jesus*—e contava 100 fogos.

Em 1768 era do padroado real,—contava 113 fogos—e rendia para o seu reitor réis 200$000.

Tambem foi algum tempo da apresentação da Universidade.

Freguezias limitrophes — Canedo a E. — Gião e Lobão a S.—Sanguedo e rio *Uima*, que as divide, a O.—e Sandim, a N.—todas do concelho da Feira, exceptuando a ultima que pertence ao de Villa Nova de Gaya.

Comprehende as aldeias seguintes: Lobel, Cedofeita, Boa Vista, Padrão, Serrão, Tojal, Quintão, Gaeta, Redondo, Estrada, Pombal, Passaes, Moinho, Lavandeira, Rubina, Carvalho, Valle, Salgueiro, Moliceiro, Cal, Barreiro e Cimo d'Aldeia.

—

Ha n'esta parochia tres quintas importantes:—uma no logar de *Quintão*, pertencente aos condes d'Alcaçovas, senhores de grande parte d'esta parochia e d'algumas limitrophes;—a do *Serrão*, que é pequena, mas muito embellesada e muito bem tractada, pertencente ao negociante e capitalista do Pará, benemerito filho d'esta parochia, Bernardo Ferreira d'Oliveira,—e a de *Gaeta*, que a oeste confina com o rio Uima. É grande e importante;—n'ella ha muitos moinhos de cereaes e uma excellente ponte de granito feita em 1884.

Pertence ao abastado proprietario d'esta freguezia, Joaquim de Fontes.

Demora esta freguezia na margem esquerda do Douro, do qual dista 6 kilometros para S. O.—15 de Villa da Feira para N. N. E.—e 16 do Porto para S. E.

Passam nas freguezias de Lobão e Gião, ao sul d'esta e suas limitrophes, a estrada districtal d'Ovar a Carvoeiro e a municipal d'Arouca á praia de Espinho, ambas em construcção e que devem crusar na aldeia da *Corga*, freguezia de Lobão;—e ha em projecto outra estrada municipal de Milheirós a entroncar na de Avintes a Sandim e que deve atravessar de sul a norte esta freguezia de Villa Maior.

—

A egreja matriz é pequena, mas bem tractada e bem conservada.

Tem cinco altares e tres d'estes boas decorações de talha antiga dourada. N'ella se fazem varias festas, sobresaindo a do Espirito Santo, que é a mais pomposa e attrahe

muitos habitantes dos povos circumvisinhos.

N'esta freguezia não ha feiras, mas tem uma muito importante e mensal no dia 7, na povoação do Mosteiro, da freguezia de Canedo, sua limitrophe. N'ella se fazem valiosas transacções em pannos de lã e de linho, lenços, bois, etc.

Ha n'esta parochia dous edificios notaveis, —um antiquissimo brasonado e em ruinas, pertencente aos nobres condes d'Alcaçovas, que ali passavam parte do anno. Teve tambem contigua boa e grande capella, da qual já nem restam vestigios!

Esta casa e a quinta que a rodeia eram priviligiadas e o *couto* dos mancebos apurados para o serviço militar, pois ali não entravam as justiças nem os podiam ir prender.

O outro edificio demora no largo da aldeia do *Serrão*;—foi feito pelo commendador José Pinto de Fontes—e pertence hoje ao abastado capitalista Bernardo Ferreira d'Oliveira, que o restaurou e embellesou.

É uma linda vivenda.

Em frente d'esta casa, no dicto largo do *Serrão*, se faz um bom mercado nos domingos e dias santos—e outro na aldeia do Padrão, das 7 ás 11 horas da manhã.

—

Banham esta parochia o rio *Uima*, a oeste, que corre de sul a norte e desagua na margem esquerda do Douro, em *Crestuma*, a 7 kilometros de distancia,—e um ribeiro que desagua no rio *Uima*, na aldeia de *Gaçamor*, freguezia de Sandim.

Producções dominantes—cereaes e madeiras de pinho, que exporta em grande quantidade. Tambem produz alguma cortiça e algum vinho, muito verde, e cria bastante gado bovino para serviço da lavoura e para embarque, depois de gordo.

Comprehende esta freguezia grande parte do monte de *Gaeta*, com vastos pinheiraes e pastagens para o gado lanigero e vaccum, sendo tambem abundante em optimo granito.

Ha tambem n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino, desde tempos remotos, e uma hospedaria no logar do Padrão, cuja especialidade são caldos de gallinha e frangos guisados.

—

Foi presa no Porto, no dia 25 de abril de 1884, Maria Moreira, de 56 annos de edade, natural d'esta parochia e moradora na rua das Eirinhas, por exercer a profissão de *bruxa* ou *feiticeira*, deitando cartas, preparando certas drogas e usando d'outras artes *ejusdem fusfuris*, para extorquir dinheiro aos papalvos, que, mesmo no Porto, ainda acreditam em bruxas!...

A policia aprehendeu na casa da dicta intrujona uma pequena porção de terra embrulhada em um papel, que (segundo ella disse) era do cemiterio do Prado do Repouso,—uma bolsa com diversas sementes —um vidro com oleo, etc.

Eram os ingredientes das nigromancias que a levaram á cadeia.

A pequena distancia da egreja matriz d'esta parochia ha uma nascente d'aguas ferreas medicinaes, de que muitos doentes fazem uso.

VILLA MAIOR—freguezia do concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, districto e diocese de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Purificação,—fogos 264—habitantes 1:156.

Em 1768 era abbadia do padroado real, —contava 168 fogos—e rendia 205$000 réis

Estava no antigo termo de Lafões, mas não conseguimos lobrigal-a na *Chorographia Portugueza*, nem nos nossos mappas.

Freguezias limitrophes—S. Pedro do Sul, séde do concelho,—Sul,—Pinho,—S. Felix—e Figueiredo d'Alva.

Dista 5 kilometros de S. Pedro do Sul,—13 de Vouzella,—15 de Castro d'Ayre—26 de Vizeu—73 da estação de Estarreja, na linha ferrea do norte,—122 do Porto—e 361 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes: —*Cobertinha*, Goja, Peso, Valle, Sendas, Joazim, Outeiro, *Estercada*, Castello—e as quintas ou casaes de Salgueiroso, Amarante, Pedraes, Ribeira, Dardão, Estrada, Fontainhas

Pousadouros, Ucharia, Agua Fria, e Mal Pensa.

Os templos d'esta freguezia reduzem-se á sua egreja parochial e a duas capellas.

Producções dominantes—cereaes e vinho.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar.

A isto se circumscrevem os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. parocho, terminando por dizer que *esta freguezia nada offerece de notavel* e que *nunca foi villa.* Não sabemos pois se o foral dado a *Villa Maior* por D. Affonso III, em Lisboa, a 7 d'abril de 1257 e mencionado por Franklin, se refere a esta ou a outra freguezia ou povoação do mesmo nome.

Veja-se o *L. I de Doações do Sr. Rei D. Affonso III. fl. 20, col. 2.ª in medio.*

—

Nós nunca visitámos esta parochia, mas passámos por ella muitas vezes, desde 1851 até 1856, quando frequentavamos a Universidade, porque de Lamego para Coimbra o caminho então mais curto e mais seguido era por Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul, Vouzella e Sardão,—total 21 leguas de caminho diabolico (segundo a craveira d'aquelles tempos) principalmente desde Lamego até Castro d'Ayre, atravez da serra do Mezio—e desde Vouzella até o Sardão, atravez da serra das Talhadas e da de *Rompe Cilhas!...*

De Castro d'Ayre a S. Pedro do Sul contavam-se 3 leguas,—duas muito rasoaveis, de Castro d'Ayre á villa d'Alva e de Cobertinha (aldeia d'esta parochia de *Villa Maior*) a S. Pedro do Sul; mas a intermedia—d'Alva a Cobertinha—era rival da celebre *legoa da Povoa,*—uma legoa interminavel, insupportavel, immensa! E poucos tiveram occasião de a medir e saborear, como eu e o meu bom patricio e sempre amigo, dr. Antonio Rodrigues Pinto, actualmente juiz de direito em Sinfães, e n'aquelle tempo (1854) meu contemporaneo na Universidade.

—

Em seguida á grande desordem que houve em Coimbra no carnaval de 1854, a 28 de fevereiro, [1] depois da marcha da Academia até Thomar, recolhemos a Coimbra e, como o governo (entre outras muitas coisas) nos concedesse férias de 30 dias,—ferias que depois prolongou até o fim das de Paschoa,—resolvemos ir ver as nossas familias.

Fieis ao programma da celebre *thomarada,* [1] partimos *a pé* de Coimbra para os Fornos; alugámos ali *gericos* até á Mealhada e proseguimos *a pé* para *Avelans do Caminho,* onde pernoitámos. De Avelans fomos em *gericos* para o Sardão e alugámos ali dois garranos para S. Pedro do Sul, onde chegámos pelas 11 horas da manhã, tendo percorrido bons 60 kilometros, porque o meu garrano não tinha outra andadura além do passo ordinario, muito moroso e *galope bravio.* Atravessei, pois, a galope (?!...) a serra de *Rompe Cilhas* e a das Talhadas.

Quizemos alugar cavalgaduras em S. Pedro do Sul, mas não as encontrámos e por isso resolvemos ir *a pé* para *Cobertinha,* esperando encontral-as ali, mas debalde as procurámos tambem.

Como ainda o sol fosse alto e ali não houvesse hospedarias, fomos *a pé* para Alva, povoação já nossa conhecida e muito mais importante.

Surprehendeu-nos a noite a meio da maldita legoa, sobrevindo chuva glacial e uma escuridão medonha!

Levavamos percorridos talvez 70 kilometros desde Avelans,—iamos já moídos como salada e não podiamos dar um passo; mas o terreno era completamente deserto e só em Alva poderiamos encontrar abrigo. Fazendo pois *ex tripis coraçonem,* esforçámonos por transpor aquelle humido, escabroso e negro deserto, mas succumbimos muitas vezes e—só depois de esgotadas as ultimas forças—chegámos a Alva moidissimos, suados e encharcados em agua e lama!

Batemos a muitas portas, mas nenhuma

---

[1] V *Lamego* no *supplemento*—e os *Apontamentos para a Historia Contemporanea* pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho, pag. 241 a 248.

[1] Note-se que não me filiei na *Liga Academica,* associação secreta, muito similhante á *Carbonaria,* formada pelos estudantes meus contemporaneos, em seguida a grande desordem.

se nos abriu; apenas nos indicaram a casa do regedor, como a unica em que poderiamos pernoitar.

Depois de muitos tombos, chegamos á dicta casa, nossa ultima esperança; fallou-nos uma mulher dizendo que não nos podia receber, porque estava o seu marido auzente.

E fechou immediatamente a porta.

—

Não se imagina o nosso desapontamento e a tristesa que de nós se apoderou, vendo-nos sem esperanças de encontrarmos abrigo —*post tot tantosque labores?!*...

Sentámo-nos nos degraus do pateo, expostos á chuva e ao vento, tiritando com frio, silenciosos e chorando a nossa desgraça, convencidos de que, antes de amanhecer, ali morreriamos, porque a noite estava chuvosa e glacial e nos era *absolutamente impossivel* transpormos a grande legoa que ainda nos separava de Castro d'Ayre.

N'aquella tristissima e angustiosa situação passámos uma hora talvez, *chorando* encostados um ao outro, até que de repente subiu as escadas um homem com um varapau na mão. Defrontando com os dois vultos, disse em voz de Estentor:

— Quem está ahi?

— Somos dois pobres estudantes que vão de Coimbra para Lamego (respondemos nós com as lagrimas nos olhos). Vimos já hoje de Avelans do Caminho e pediamos por esmola abrigo para esta noite!...

Recebeu-nos o santo homem promptamente. Exposemos-lhe a nossa desgraça;—pedimos-lhe que nos mandasse matar uma gallinha e nos désse agua quente para banharmos os pés, que nós tudo pagariamos.

Annuiu a tudo o bom do homem;—appareceram logo muitas raparigas da terra que vinham (na fórma do costume) fazer serão para a mesma sala onde estavamos; cantaram e palestraram—e nós comemos, palestrámos e *cantámos* tambem; passámos o resto da noite em um palheiro enxuto—e de manhã seguimos *a pé* para Castro d'Ayre, onde alugámos cavalgaduras que nos levaram até ás nossas casas, nos arrabaldes de Lamego.

Que viagem a nossa—e que extensa nos pareceu a maldita legua *d'Alba a Cobertinha*?!...

Horresco referens! [1]

Desculpem-nos o desabafo e a digressão.

—

Passa hoje n'esta freguezia de *Villa Maior* e nas mesmas povoações *d'Alva* e *Cobertinha* uma estrada districtal a macadam, servida por boas diligencias, de Lamego a Vizeu—e anda em construcção outra, muito mais curta, de Lamego a Vizeu tambem, por Mondim da Beira, Barrelas [2] e Fragoas.

Muito temos progredido desde aquella data, no artigo viação!

Ainda eu frequentava a Universidade quando em Coimbra se estabeleceu a 1.ª estação telegraphica e ali chegou pela 1.ª vez a mala-posta, vinda do Carregado, em 1855 ou 1856.

VILLA MAIOR—quinta pertencente á freguezia de *Cabeça Boa*, concelho e comarca de Moncorvo, em Traz os-Montes.

Comprehende tambem a dicta parochia as aldeias de *Cabanas de Baixo* e *Foz do Sabor* ou *Torrão de Murça*, na margem direita da Foz do Sabor e da ribeira da Villariça, na sua confluencia com o Douro,—ficando-lhe em frente, na margem esquerda da foz do Sabor e da mesma ribeira da Villariça, na sua confluencia com o Douro tambem, a povoação do *Rego da Barca*.

O sr. João Maria Baptista, na sua *Chorographia Moderna*, fallando d'esta parochia diz que deveria denominar-se *Cabeço* e não *Cabeça*, por estar perto de um grande penhasco, na serra que vae do Sabor ao Tua, atravez do concelho de Carrazeda d'Anciães, formando a região denominada *Terra Fria*, em contraposição á *Terra Quente*, sua limitrophe a N. O. comprehendendo o concelho

---

[1] Os roteiros d'aquelle tempo marcavam de Avelans do Caminho até Alva 12 leguas, que correspondiam seguramente a 18 d'hoje —ou a 90 kilometros, dos quaes no memoravel dia transposemos talvez 15 *a pé*, 20 *em gericos* e 55 nos garranos, *em marcha bravia*!...

Contava eu então 21 annos e frequentava o 4.º theologico.

Bom tempo era esse!...

[2] Hoje *Villa Nova do Paiva*.

de Murça e parte dos de Alijó e Mirandella, na margem direita do Tua. Diz mais que por antithese lhe deram o titulo de *Bôa*, «pois eu (continua s. ex.ª) que por ali andei mais do que me convinha (acompanhando o marechal duque de Terceira em 1837) *nunca vi nada peior!*...

—

Em verdade a pendente d'esta parochia para leste, sobre a ribeira da Villariça, é muito escabrosa—e *mais ainda* a pendente sul, sobre a margem direita do Douro, como tivemos occasião de notar em outubro de 1883, quando visitámos a provincia de Traz-os-Montes, subindo pela Regoa até Verim, regressando a Chaves,—passando d'ali para Bragança por Carrazedo de Montenegro, Franco e Mirandella,—volvendo a Mirandella e seguindo por Villa Flor para Moncorvo, d'onde descemos á Foz do Sabor e seguimos em um barco pelo Douro até á estação de Tua, deixando á nossa direita as medonhas e ingremes ladeiras de *Cabeça Boa* e atravessando todas as cachoeiras do Douro desde o Sabor até o Tua, nomeadamente a escura e medonha garganta do *Cachão da Valleira*, onde perdeu a vida o barão de Forster [1].

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos?!...

—

Na dicta parochia de *Cabeça Boa* está, como dissemos, a quinta de *Villa Maior*, da qual tomou o titulo o 1.º visconde de Villa Maior, Luiz Claudio d'Oliveira Pimentel, pae do 2.º visconde do mesmo titulo—Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, que foi um dos homens mais illustrados e mais notaveis d'este seculo—socio da Academia Real das Sciencias, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da Torre Espada e da Legião de Honra, condecorado com o habito d'Aviz, lente da Eschola Polytechnica de Lisboa, director do nosso Instituto Agricola, fundador e director da fabrica de productos chimicos da Povoa, fidalgo da casa real, bacharel formado em mathemathica pela Universidade

[1] Veja-se n'este 10.º vol. e no art. *Vias Ferreas* a pag. 488, col. 1.ª e seg.

de Coimbra, major graduado de infanteria, deputado ás côrtes em varias legislaturas, vereador e presidente da Camara Municipal de Lisboa, membro de varias associações scientificas e por ultimo reitor da Universidade de Coimbra, onde falleceu no dia 20 de outubro de 1884, tendo nascido em Moncorvo, no dia 11 de outubro de 1809.

—

Foi s. ex.ª um caracter nobilissimo e uma das maiores illustrações contemporaneas auctor do *Douro Illustrado* e d'outras muitas obras, das quaes Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* registrou em 1860 a bagatella de 33!...

Era s. ex.ª neto paterno de João Carlos d'Oliveira Pimentel, capitão-mór de Moncorvo que, por alvará de 1 de setembro de 1807, foi auctorisado a formar, como formou, uma companhia por acções para tornar o rio Douro navegavel desde o *Cachão da Valleira* até á *Barca d'Alva*, obra de grande utilidade e que em 1811 já se achava concluida, apesar das contrariedades provenientes da guerra da peninsula [1].

Foi seu tio paterno o general Claudino, que desempenhou um papel notavel nas luctas entre os constitucionaes e realistas no 2.º quartel d'este seculo, fallecendo nas cadeias da Relação do Porto, depois de preso pelos realistas junto da actual estação do Molledo, quando em um barco descia pelo Douro, de Moncorvo para o Porto.

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, 2.º visconde de Villa Maior, casou em 18 de julho de 1839 com a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Sophia de Roure Auffdiener, senhora muito illustrada e auctora de varias publicações tambem, hoje (1885) viuva, da qual teve filhos que vivem com sua mãe em Lisboa.

Teve tambem muitos irmãos, todos já fallecidos, exceptuando um, rezidente em Braga.

Não podemos ser mais extensos; mas quem desejar mais amplas noticias de Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, 2.º visconde de Villa Maior, leia as duas interessantes biographias de s. ex.ª—uma publicada pelo sr.

[1] *Douro Illustrado*, pag. 104.

Latino Coelho na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (tomo 2.° pag. 439 a 455 —e 559 a 570—e vol. 3.° pag. 11 a 17)—a outra publicada pelo sr. dr. Antonio Candido no ultimo *Annuario* da nossa Universidade, relativo ao anno de 1884-1885.

Para as suas obras consulte-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

VILLA MARIM—freguezia do concelho de Mezãofrio, comarca da Regoa, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Mamede,—fogos 469, habitantes 1:749, segundo o ultimo recenseamento.

Em 1532 contava apenas 80 fogos e era da apresentação da ordem de Christo [1].

Em 1768 era reitoria da apresentação do prelado do Porto, contava 220 fogos e rendia para o parocho 200$000 réis.

Tambem foi algum tempo da apresentação do Papa.

Esta freguezia (bem como todas as d'este concelho e parte das do concelho da Regoa) pertenceu ao bispado do Porto até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes: — Ventozellas, Miradouro, Egreja, Donsemil ou D. Somil, Paço, Venda Nova, Pereira, Martyr, Villa Cova, Ladoeiro, ou Lodoeiro, Reimonde de Cima, Reimonde de Baixo, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Reduida, Santiago, Rede, (parte, sendo a outra parte de Santa Christina), Villa Pouca, Ponte Cavallar [2], Pousafolles, Granjão de Baixo, Salgueiro, Salgueiral, Moinhos, Serradouro, Val de Ferreiros, Fonte Ribeiro, Mosteiro, Boa Vista e Corredoura;—os sitios de Fonte Condessa, Camatonga, Morganhos, S. Lourenço, Azenha, Valcovo, Serro, Paredes, Vigaria, Moledo, Fraguinhas, S. Thiago (sitio e azenhas), Barca, Lombo, Sermanha, Reimonde de Baixo, Ermeiro, Guarita, Casal, Capelleda, Barreiro e Santo Antonio;—as quintas *do Paço*, hoje de Mauuel de Queiroz e Vasconcellos,—*S.r Lourenço*, de João Baptista de Figueiredo, negociante, natural d'esta parochia, mas residente em Lisboa,—*Reimonde de Cima*, que foi da familia Sequeiras e é hoje da familia Victorinos, d'esta parochia,—*Reimonde de Baixo*, da familia Alpoim,—*Molledo*, que foi do general miguelista José Cardoso, d'Armamar,—*Bebereira*, assim denominada por ter junto das casas nobres e da estrada real, que da Regoa conduz ao Porto, uma bebereira gigantesca, magestosa, — *Casal* que foi de Miguel Peixoto e é hoje de seus filhos e herdeiros,—*Salgueiral*, da familia Azevedos,—*Villa Cova, Mochinhos*, etc.

—

Freguezias limitrophes—Santa Christina de Mezãofrio a S. O.—Santa Maria d'Oliveira e Cidadelhe a N. E.—Sediellos a N.—rio Douro a S.—e Penajoia além do Douro.

A séde da parochia dista 3 kilometros da estação (apeadeiro) da Rede, na linha ferrea do Douro,—4 de Mezãofrio,—13 da Regoa—24 de Lamego, pela estação da Regoa,—51 de Villa Real de Traz-os-Montes, pela mesma estação,—98 do Porto—e 435 de Lisboa.

Tem esta freguezia uma estrada municipal a macadam para a villa de Mezãofrio, séde do concelho,—estrada que deve seguir até Santa Martha de Penaguião, a N. E.

Passam tambem n'esta freguezia, pela sua extremidade sul, a estrada real a macadam do Porto á Regoa, da qual já se fallou em *Villa Jusã*, e a linha ferrea do Douro, desde a povoação da Rede, a S. O., até á do Granjão de Baixo, a S. E.—tendo na Rede um apeadeiro d'este nome, o apeadeiro de mais movimento nas linhas do Minho e Douro e que por isso ha muito devêra ter sido elevado á cathegoria de *estação*, com tarifa pro-

[1] Na mesma data *Cidadelhe*, freguezia limitrophe, contava 20 fogos, *Santa Maria d'Oliveira* outros 20, *Fontes* 25, o *Peso da Regoa* 60 e *Mezãofrio* 200, comprehendendo as 3 freguezias de S. Nicolau, Santa Christina e Villa Jusã—e talvez as de Barqueiros, Trezouras, Frende e Loivos da Ribeira.

V. Ineditos de Hist. Portugueza, tomo 5.° pag. 550 e 583.

[2] Esta aldeia está junto da *Ponte Cavallar*, a N. E. de Cidadelhe e tem casas pertencentes a 3 parochias—*Cidadelhe, Cediellos* e *Villa Marim*?!...

pria. Serve todo o concelho de Mezãofrio e grande parte da populosa freguezia da Penajoia, na margem esquerda do Douro.

—

Tem esta parochia os templos seguintes: —a egreja matriz, muito antiga e bastante arruinada, com uma capella e uma confraria das Almas, 4 altares e boas decorações de talha antiga.—e a egreja de S. Caetano, mais moderna, mais solida, mais central e já aberta ao culto, mas incompleta ainda; —as capellas de S. Sebastião, Santo Antonio e Senhora do Rosario, todas publicas— e 6 particulares, a de S. João Baptista, com um bom retabulo de talha dourada e lindas imagens, pertencente á quinta e casa do Salgueiral, da familia Azevedos,—a de Nossa Senhora da Ajuda, pertencente á familia Queiroz,—a da quinta de Reimonde, da familia Victorinos, — a de S. Lourenço, na quinta d'este nome,—outra na quinta da *Bebereira*,—e a de Santa Luzia, que esteve na povoação de Villa Pouca e hoje está contigua ao palacete do visconde do Granjão, na aldeia d'este nome, e tem festa annual com romagem, no dia sanctificado mais próximo ao dia da padroeira.

Teve mais na povoação do Outeiro a capella de S. Francisco, publica, já demolida e transformada em casa de habitação,—e na quinta do Molledo uma capella particular, que foi demolida para passagem da linha férrea do Douro.

—

Ha n'esta freguezia duas familias muito nobres e muito antigas—a dos Azevedos, do *Salgueiral*, e a dos Peixotos Pinto Coelhos.

A 1.ª conta entre os seus ascendentes aqui nascidos o dr. João Alberto da Silva Azevedo, que foi juiz de fóra em Lamego, ouvidor em Barcellos e uma das victimas do marquez de Pombal, e D. Fr. Alberto da Silva Vasconcellos, arcebispo de Goa, onde falleceu em 1675.

Da nobre familia Peixotos, da quinta do *Casal*, é hoje representante D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral, um dos muitos descendentes e representantes de Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques.

Entre os seus nobres ascendentes conta s. ex.ª os senhores de Felgueiras e Vieira, Travanca, Fermedo, Cabeceiras de Basto, etc.

É o sr. D. Francisco Peixoto primo do sr. D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Padilha Seixas Harcourt, entre os quaes se pleitêa uma grande demanda, iniciada por seus avós ha *quarenta e tantos annos* (?!...) e que versa sobre um certo lote de bens, comprehendendo a quinta do *Cedro*, a mais mimosa e mais fertil da encantadora bacia de Jogueiros, na Regoa,—e a quinta de *Calvilhe*, outro predio soberbo tambem, nos arrabaldes de Lamego.

Pouco mais hoje resta da grande casa dos Peixotos Pinto Coelhos, — *tão grande* que chegou a ter um desembargador *privativo* com um escrivão e um cartorio *privativos tambem* ?!...

Para evitarmos repetições, veja-se *Felgueiras*, vol. 3.º pag. 162, col. 1.ª—*Fermedo*, no mesmo vol. pag. 164, col. 2.ª—*Travanca*, vol. 9.º pag. 731, col. 1.ª e seg. — *Vieira*, n'este vol. 10.º e no *supplemento*—e *Lamego* no *supplemento* tambem.

Aproveitando o ensejo de fallarmos d'esta nobilissima familia, faremos uma rectificação:

O sr. D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Padilha tem (do seu consorcio com a sr.ª D. Bertha) dois filhos e uma filha, e não duas filhas e um filho, como se disse por lápso no artigo *Travanca*.

A mencionada filha, por nome D. Bertha, não se acha em estabelecimento algum de caridade, como no mesmo artigo se lê, mas na companhia de sua tia paterna, a ex.ma sr.ª D. Maria da Madre de Deus Peixoto Coelho Padilha, rezidente em Lisboa.

Em nome do meu antecessor, peço desculpa dos lapsos.

—

Hoje os edificios mais notaveis d'esta parochia são os seguintes:—a casa do *Paço*, com brasão d'armas, outr'ora da familia Alpoins e hoje propriedade de Manuel de Queiroz e Vasconcellos,—a do *Miradouro*, tambem brasonada, que foi da familia Mirandas e é hoje de Antonio Victorino de Quei-

roz,—a de *Reimonde* de Baixo tambem brasonada, pertencente a D. Carolina d'Azevedo Alpoim,—a do visconde do Granjão, na aldeia d'este nome, com as armas da familia, —a da *Egreja*, de Manuel d'Almeida Coutinho,—e a da *Pereira*, de José Victorino de Queiroz, bons edificios, mas sem brasões. Tambem é digna de especial menção a *casa de S. Thiago*, na Rede, que foi de Manuel Soares d'Albergaria e é hoje do barão de Fornellos.

—

Banha esta freguezia o Douro, desde a aldeia do *Granjão de Baixo*, a S. E. pertencente a esta parochia, até á povoação da Rêde, a S. O., pertencente á parochia de Santa Christina de Mezãofrio e a esta de Villa Marim, como logo explicaremos.

Banham tambem esta parochia o ribeiro da Rêde, o de Reimonde e outros e o rio *Sermanha*, que nasce nas abas da serra do Marão, corre de norte a sul por entre as freguezias de Cidadelhe e de Villa Marim, á direita, e as de Moura Morta, Santa Maria de Oliveira e *parte* da de Villa Marim, á esquerda,—e desagua na margem direita do Douro, precisamente no *ponto* da *Sermanha* formado por elle, (V. no art. *Pontos do Douro* o n.º 24)—passando por baixo do grande viaducto da *Sermanha*, na linha do Douro e dividindo na sua confluencia á aldeia do *Granjão de Baixo*, na margem esquerda, da de *Villa Pouca*, na sua margem direita,—ambas pertencentes a Villa Marim.

Veja-se o art. *Sermanha*, vol. 9.º pag. 155, e note-se que este rio *não nasce nem toca* na serra de Santa Christina nem na freguezia de Fontellas, como disse por lapso o meu antecessor.

—

A circumscripção d'esta parochia é uma das mais curiosas que se encontram no nosso paiz.

Achando-se Villa Marim entre Mezãofrio e Cidadelhe, quasi na mesma altitude e a igual distancia da margem direita do Douro (cerca de 3 kilometros) em uma larga zona de terreno, cortado a leste pelo rio Sermanha, a oeste pelo rio Teixeira e ao sul pelo Douro, nas faldas da serra do Marão que se ergue ao norte, podiam e deviam dividir proporcionalmente entre si aquella zona, respeitando como linhas divisorias os tres rios, —dando a Cidadelhe, que é a freguezia mais proxima do Sermanha, a margem direita do rio d'este nome, e a Mezãofrio a esquerda do Teixeira,—dividindo proporcionalmente entre si a margem direita do Douro; mas que succede?

A villa de Mezãofrio foi caprichosamente dividida pelas suas tres parochias.

Descendo pela *estrada-rua* central, deram as casas e o terreno do lado direito (aliás muito limitado) á freguezia de S. Nicolau até á margem esquerda do rio Teixeira;—as casas e o terreno do lado esquerdo á parochia de Santa Christina, prolongando-a escandalosamente para E. S. e O., na extensão de bons 3 kilometros, até á margem do Douro, comprehendendo a maior parte da aldeia da Rêde, que está a jusante de Villa Marim e que devia pertencer *toda* a esta parochia. [1]

—

Deram o fundo da Villa de Mezãofrio á parochia de Villa Jusã, prolongando-a até o Douro—e suspenderam Cidadelhe a meia encosta, não a deixando tocar no Douro, mas sómente no Sermanha.

Villa Marim, partindo da sua extremidade O., desce para o sul sobre a caprichosa faxa de terreno pertencente á parochia de Santa Christina, até á povoação da Rêde,—ali toca na margem do Douro e segue para leste, acompanhando-o com uma estreita faxa de terreno até á margem direita do Sermanha comprehendendo a povoação de Villa Pou-

---

[1] É formada a separação pelo ribeiro que vem de *Fonte-Condessa* e desagua no Douro, cortando de N. a S. a povoação da Rêde.

Ficaram pois pertencendo a Santa Christina as terras e casas da margem direita do dicto ribeiro, e a Villa Marim as da margem esquerda, taes são as casas e azenhas de S. Thiago, a casa que foi de Bernardo Teixeira, hoje de José Pinto Leite—e a estação da *Rêde*, na linha do Douro.

Fica assim *em parte* rectificado o que se disse no art. *Rêde*, vol. 8.º pag. 78, col. 1.ª

ca, [1] a jusante e proxima de Cidadelhe, não permittindo a esta freguezia tocar no Douro. Para maior escandalo Villa Marim passa o Sermanha e vae buscar á margem esquerda d'este rio a pequena aldeia do *Granjão de Baixo, sómente*, [2]—aldeia que devia pertencer á freguezia d'Oliveira, na qual está encravada, pois (exceptuando a dicta povoação) pertence á freguezia d'Oliveira todo o terreno da margem esquerda do rio Sermanha, desde Moura Morta, a N., até á margem direita do Douro, a S., acompanhando este rio para leste, na extensão approximada de 1 kilometro, até um pequeno ribeiro que ha na povoação das Caldas do Molledo e que divide o concelho de Mezãofrio do da Regoa e a parochia de Fontellas da de Oliveira, pertencendo a esta ultima *todo o estabelecimento dos banhos* e os quarteis da margem direita do dito ribeiro—e á de Fontellas todas as casas da margem esquerda do *ribeirinho* [3].

[1] A casa e quinta do *Jayme*, n'esta povoação, pertenceu á freguezia de Cidadelhe, cuja matriz está cerca de 1 kilometro a montante, emquanto que a de Villa Marim dista mais de 3?!..

[2] O *Granjão de Cima* comprehende apenas uma casa, cerca de 1 kilometro a montante do Granjão de Baixo, e pertence á freguezia de *Oliveira*!...

[3] Chamamos a attenção dos leitores para o que levamos exposto, *que não se encontra em chorographia alguma* e que serve para rectificar *muitos lapsos* em que teem cahido outros auctores, fallando das *Caldas do Moledo*, incluzivamente o meu benemerito antecessor, por não as conhecerem tão bem, como nós, pois nascemos quasi em frente d'ellas, na pequena povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, á qual pertence tambem a povoação do *Molledo*, que deu o nome a estas Caldas.

Não se confundam, pois, as *Caldas do Molledo*, que estão na freguezia de Oliveira, concelho de Mezãofrio, e na de Fontellas, concelho e comarca da Regoa, na margem direita do Douro, provincia de Traz-os-Montes, —com a povoação do *Molledo*, de que tomaram o nome e que está cerca de 2 kilometros a O. na margem esquerda do Douro, freguezia da Penajoia, concelho e comarca de Lamego, provincia da Beira Alta.

Vejam-se os artigos—*Corvaceira, Fontellas, Molledo* (aldeia) *Penajoia* e *Rêde*, n'este diccionario e no *supplemento*.

Note-se tambem que passa *pelo meio* do Granjão de Baixo, freguezia de Villa Marim, a estrada publica e *unica* de Oliveira á foz do Sermanha e ás Caldas do Molledo, cujos banhos e parte dos quarteis são da dicta parochia de Oliveira, como já dissemos.

Só quem ali tenha estado muitas vezes, como nós, poderá comprehender semelhante amalgama!

O rio Sermanha devia ser a linha divisoria dos concelhos da Regoa e de Mezãofrio —e não o pequeno e microscopico ribeiro das Caldas,—passando para o concelho da Regoa a freguezia de Oliveira;—e o mesmo Sermanha devia dividir a parochia de Oliveira da de Cidadelhe, com exclusão da de Villa Marim, pois a de Cidadelhe deveria descer até o Douro e comprehender na margem d'este rio um espaço approximadamente egual ao que tem a O. da sua matriz, até á fronteira da parochia de Villa Marim.

—

Esta freguezia tem a fórma d'um L prolongando disparatadamente a sua haste inferior e horizontal pela margem direita do Douro até além do Sermanha, servindo-lhe de remate a leste a pequena aldeia do Granjão, escandalosamente roubada á freguezia de Oliveira, suspendendo na mesma haste a freguezia de Cidadelhe, para que não toque no Douro.

—

Esta parochia pela sua extensão e população, pela amenidade e salubridade do seu clima, pela fertilidade do seu terreno, todo comprehendido no *coração do Douro*, [1] e pela variedade e quantidade das suas producções, é sem contestação uma das parochias mais importantes do nosso paiz.

Produz muitos cereaes, batatas, azeite e fructa variadissima da mais saborosa do Douro, nomeadamente laranjas, pois comprehende parte da fertilissima e mimosissima *Ribeira da Rêde*, que faz *pendant* com a *Ribeira dos Fornos*, outro chão extrema-

[1] Vide *Villa Jusã*.

mente mimoso e fertil na margem opposta (esquerda) do Douro, pertencente á grande freguezia da Penajoia,—e com as ribeiras de Jogueiros, na Regoa, e da Villariça, junto de Moncorvo,—todas formadas e adubadas pelos gordos nateiros que as cheias do Douro n'ellas depositam, sendo as producções dominantes d'esta da Rede—vinho de feitoria e laranjas.

As *laranjas da Rede* constituem uma especialidade distincta. Foram sempre das mais afamadas do Douro, rivaes das de S. *Mamede de Riba-Tua*, que são talvez as *melhores* de todo o nosso paiz; mas a producção dominante d'esta parochia é o vinho *de ramo* ou de consumo, na parte alta,—e de *feitoria*, na parte baixa, [1] pois comprehende cerca de 3 kilometros ao longo da margem direita do Douro, desde a Rede até o Granjão, produzindo ao todo talvez mais de 1:500 pipas de vinho, *ainda hoje*, o que no Douro é muito.

Para se formar idéa da importancia d'esta freguezia, note-se que já em 1532,—contando apenas 60 fogos, como já dissemos,—produzia 900 almudes d'azeite,—12:000 alqueires de pão,—15:000 alqueires de castanhas, —e 15:000 almudes de vinho,—segundo se lê na conscienciosa *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandez e publicada pela Academia Real das Sciencias no tomo V dos *Ineditos da Historia Portugueza*, pag. 546 a 613.

Imagine-se a riqueza d'aquelles 60 fogos!...

E note-se que aquella avaliação foi feita pela *dizimaria*, sempre inferior ao rendimento das propriedades.

Os dizimos d'esta parochia pertenciam então á ordem de Christo.

—

Além de ser sempre esta parochia muito considerada pela sua riqueza, mais considerada era ainda pelos seus extraordinarios privilegios, pois não só foi *villa, honra* e *concelho* com justiças proprias, comprehendida nos foraes de Mezãofrio, mas tambem *behetria*—povoação excepcionalmente *honrada e privilegiada*.

Tivemos em Portugal muitos coutos, villas e honras com grandes privilegios, mas *behetrias* muito poucas;—apenas as 16 seguintes:—esta parochia e as de Mezãofrio e Cidadelhe, suas limitrophes,—Britiande, Varzea da Serra, Mezio, Campo Bem Feito, na Beira Alta, junto de Lamego,—Amarante e Ovelha, a S. O. do Marão,—e Canaveses, Thuias, Gallegos, Louredo, Gontigem, Paços de Gaiolo e Santo Isidoro, nas comarcas de Penafiel e Canaveses.

Para não alongarmos demasíadamente este artigo, veja-se o que sobre o assumpto já dissemos no artigo *Villa Jusã* — e *Behetria* no *supplemento*.

—

Datam de eras remotas as behetrias em Portugal e na Hespanha. Principiaram por simples estalagens montadas nas estradas publicas e, pela sua grande utilidade para os viandantes, os reis as cercaram de grandes privilegios.

Esta de Villa Marim, bem como as de Mezãofrio e Cidadelhe, estavam na estrada, aliás importantissima desde o tempo da occupação romana, de Entre o Douro e Minho para Penaguião e Panoias, pela ponte *Cavallar*—e para Lamego, Caria, Trancoso, Alafões, Vizeu, etc., na Beira Alta (V. *Cidadelhe*, a 2.ª)—atravessando o Douro na barca do Molledo ou do *Por Deus*,—ou na do Carvalho,—ou na da Regoa,—ou na celebre ponte do *Piar*, de que já se fallou em Villa Jusã,—se é que chegou a concluir-se.

—

Segundo se lê nas *Memorias sobre os foraes*, por Franklim, o foral *novo* de Mezãofrio, dado por D. Manuel em 27 de novembro de 1513, confirmando e ampliando o de D. Affonso Henriques, comprehende tambem esta parochia de *Villa Marim*. Nós accrescentaremos—*e a de Cidadelhe*, pois temos

---

[1] V. *Villa Jusã*.

Os terrenos mais proximos das margens do Douro são os mais abrigados, mais mimosos e que produzem os vinhos superiores. D'aqui vem o dizer-se—e com rasão—que o *melhor vinho do Douro é o que ouve ranger a espadella.*

V. *Douro Illustrado*, pag. 45.

sobre a nossa banca de estudo o dicto foral, que a fl. 6 diz:

—«Cidadelha pagua os foros que antiguamente pagou, sem nisso haver mais emnovação... e na homrra de Villa Marim se recadará por direito real o gaado do vento segundo nossa ordenaçam.

«Outrosim ha hi uma quintã no limite da dita homrra e Julgado, a que chamam *Miradouro*, com certos casaes decrarados no tombo do dito Julgado de Villa Marim, a qual é propria do senhor que fôr da dita terra e recebe della os direitos e foros, a que são obrigados os caseiros, em virtude dos prasos ou aforamentos...»

—

Entre os *vistos* do dicto foral se encontram 4 muito curiosos relativos á mencionada quinta.

No 1.º, com data de 21 d'agosto de 1743, disse o corregedor Proença:—«Acho mais que El Rei tem huma Quinta, chamada do *Miradouro*, na Honra de Villa Marim, de que havia Tombo e varios prasos, de que colhe alguma renda o Almoxarife de Villa Rial, mas não consta o que he. Tambem acho que tem huns foros em Cidadelhe, mas não se me dá noticia d'isto, para o que ordeno aos Juises e Vereadores façam dilg.ª por tudo, p.ª na pr.ª Corr.ªm se arrecadarem...»

No seu visto de 1744 mandou o mesmo corregedor Proença que os juizes e vereadores satisfizessem áquelle provimento, sob pena de 6$000, etc., etc.

No de 1745 disse o mesmo corregedor:—«Não se me deu cumprimento aos provimentos supra, por tanto hey aos Juizes *do anno passado* por incursos na pena dos 6$000 réis, e mando que o Escrivão os torne a intimar aos Juises d'este anno na fórma referida, tudo debaixo das mesmas penas.»

Trovejava o olympo, mas rapidamente serenou, pois logo em seguida, com data de 14 de novembro do mesmo anno, disse o mesmo corregedor Proença:—«Visto os juizes estarem auzentes e não lhe ser intimado o provimento senão em novembro, por onde *não podem* dar comprimento ao 1.º e 2.º provimento, *os absolvo* da condemnação imposta, etc.»

E não mais fallou em semelhante coisa?!...

—

Lembramo-nos da phrase attribuida aos corregedores, quando viam escacear os prezentes e queriam encher o estomago, as copas, capoeiras e algibeiras—*Toca a mover a vara!*—pois apenas se annunciava correição, ferviam os prezentes e brindes *de toda a ordem.*

Vem isto a proposito dos *aprumos* e do *zêlo* do tal sr. Proença com relação ao descaminho dos fóros e direitos reaes, para de prompto em um dado momento reconsiderar e indultar os juizes, e vereadores, com o futil pretexto de que *estiveram auzentes*?!...

Como póde crer-se que estivessem auzentes desde 21 de agosto de 1743, data do 1.º despacho, até novembro de 1745?

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Era pois *reguengo* a tal quinta do *Miradouro*, que ainda hoje existe com o mesmo nome e,—graças ao *zêlo* e *dignidade* dos corregedores Proença e quejandos—ficou *livre* e *allodial!...*

—

Temos encontrado em differentes foraes *centos* de *vistos* dos taes corregedores apenas com o *titulo, data* e *assignatura*, o que prova que aquelles magistrados *nada viam* alem da *colheita* e da *comezaina*, pois tambem nos consta que as aposentadorias eram uma verdadeira praga para os povos! E, quando iam alem do sacramental *visto*, a desconsideração era certa.

No mesmo foral d'esta villa e da de Mezãofrio, por exemplo, mandou em 1819 o corregedor Pimentel que se traduzisse *immediatamente* para boa lettra o foral, *para que podesse ser de todos lido;* [1] mas em 1828 ainda se não havia copiado, pelo que no visto do corregedor Tavares, em correição d'aquella data, se lê: «Deve ser copiado em boa letra este Foral. *Cuide* disso os Srs. Ve-

[1] É escripto em portuguez, mas em caracteres goticos, com illuminuras, e comprehende 10 folhas de pergaminho, mais 2 com o indice no principio e 2 no fim com os *vistos* dos corregedores, desde 1583 até 1831.

readores até á futura correição, *sub pena de se mandar copiar á sua custa (sic).*»

Agora a nota comica:

Em 1829 o corregedor, vendo ainda o foral por traduzir, com manifesto desprezo das terminantes ordens dos seus collegas, desde 1819, lavrou o chistoso *visto* seguinte: *Não se copie este Foral para que não se escarneção mais os Provimentos das Correições. Zuzarte.*

Obedeceram os illustres vereadores, pois só em 1866—ou 47 annos depois do 1.º provimento—foi o dicto foral traduzido pelo sr. Kerubino Lagoa, cartorario da Santa Casa da Misericordia do Porto.

—

Banham esta freguezia o Douro a S. e o Sermanha a S. E.

O Douro tem nos limites d'esta parochia os *pontos* (*rapidos, galeiras* ou *cachoeiras*) do *Conde* e da *Sermanha*.

V. *Pontos do Douro*, n.os 23 e 24.

O do *Conde* tomou o nome dos condes de Marialva, antigos alcaides móres de Lamego, porque no dicto *ponto* cobravam certos direitos;—o da *Sermanha* tomou o nome d'este rio, em cuja embocadura se acha e que o formou com a grande quantidade de pedras que tem despejado sobre o Douro, bem como o ribeiro da *Curvaceira* e o rio *Corgo* formaram os *pontos*, a que deram os seus nomes.

O ponto da *Sermanha* tambem podia denominar-se *Ponto do Frade*, porque muitos annos, até 1834, foi uma das quintas mais rendosas de um frade da Penajoia, bem conhecido por *Fr. Bernardo do Molledo*,—um dos homens mais valentes e mais temidos n'aquella grande freguezia e *em todo o concelho de Lamego*, no 2.º quartel d'este seculo.

Não sabemos bem porque bullas todos os barcos que subiam o dito ponto eram obrigados a dar-lhe 480 réis por cada sirga que lançassem a terra, pois só com os bois do dito frade podiam ser guindados n'aquelle ponto. E, sendo os marinheiros rabellos *de pelle diabi*, nomeadamente os *afamados valentões* de Barqueiros e de Porto Manso, *todos* se curvavam á despotica imposição do fradinho e pagavam *pontualmente!...*

Morava elle na povoação do *Codorneiro* (uma das muitas da Penajóia) junto da do Molledo e do dicto *ponto*, e deixou boa fortuna, hoje de um seu 2.º sobrinho, Antonio Rodrigues França, que habita a mesma casa do tio, a melhor d'aquella povoação e que avulta a meio d'ella, distinguindo-se perfeitamente do Douro, d'esta parochia de Villa Marim e do mencionado *ponto*, por ter um espaçoso mirante envidraçado.

—

Tem esta parochia uma fabrica de queimar vinho e duas azenhas na Rede, movidas por agua,—outras duas mais distantes, movidas por gado—e no Sermanha um bom estabelecimento de moagem de pão.

Tem na foz do Sermanha tambem uma grande ponte de pedra de um só arco, na estrada real da Regoa ao Porto [1]—e o grande viaducto da *Sermanha*, uma das primeiras obras d'arte na linha férrea do Douro. V. *Sermanha*.

—

A jusante do *ponto* da *Sermanha* e a montante do *do Conde* crusa entre esta freguezia e a da Penajóia a celebre barca do Molledo ou do *Por Deus*, que tomou o nome da antiga povoação do Molledo, na margem sul,—povoação que deu o nome ás *Caldas do Molledo* e á quinta do *Molledo*, uma das muitas d'esta parochia, por estar em frente d'aquella povoação, na margem norte (direita) do Douro.

—

Ha n'esta parochia, na vinha e montes da *Capelleda*, junto da egreja de S. Caetano (lado norte) uma mina de estanho, registrada e principiada a explorar na segunda metade d'este seculo por Miguel Peixoto, de sociedade com alguns capitalistas de Lisboa.

O minerio era de excellente qualidade,

---

[1] Esta ponte foi mandada fazer pela *Companhia dos Vinhos*, quando fez a estrada do Porto á Regoa. V. *Villa Jusã*.

Anteriormente havia, um pouco a montante d'esta, outra ponte para communicação entre os povos das duas margens d'este rio. Era tambem de pedra e ainda lá se vê, sendo denominada *ponte velha*.

mas os filões descobertos muito frouxos, pelo que suspenderam a lavra.

N'ella se encontraram vestigios de remota exploração,—galerias, pratos de estanho, picaretas, etc.

—

Entre esta parochia e a de Cidadelhe, sua limitrophe, ha um morro, denominado *Castello dos Mouros*, onde se vêem ainda hoje ruinas consideraveis de um castello antiquissimo, cuja fundação se attribue aos romanos.

Ali se teem encontrado muitas medalhas romanas, de cobre, prata e ouro. Uma de ouro, de Cesar Augusto, encontrada depois do meiado d'este seculo, tinha de valor réis 4$100, avaliada pelo preço corrente do nosso ouro. Outra, encontrada tambem pelo mesmo tempo, e tambem de ouro, tinha no anverso a efigie de uma mulher e no reverso a efigie d'outra mulher, e pelo preço corrente do nosso ouro em barra valia 800 réis.

Alguem diz que n'este morro esteve no templo dos romanos uma cidade ou povoação muito importante, com os restos da qual se formou a freguezia e povoação de *Cidadelhe*, muito proxima.

V. *Cidadelhe*, a segunda.

—

Ao norte d'esta freguezia se ergue imponente a serra do Marão, notavel pela sua altitude, tendo sobranceiras a esta parochia e á de *Cediellos* as medonhas *Fragas da Ermida*,—um dos maiores despenhadeiros que se encontram em Portugal!

D'ali se gosa um panorama vastissimo sobre a bacia hydrographica do Douro e sobre as provincias da Beira e Traz-os-Montes, ficando aos pés do observador desenhado o abysmo com as mais vivas cores do bello horrivel.

Deslumbra o assistir do alto d'aquelle penhasco ao nascer do sol.

Existe ali, no ponto mais elevado,—*Cabeço da Lousa*,—um pequeno poço, aberto pela natureza na rocha, com alguns litros d'excellente agua potavel, que não trasborda nem secca. «Mais de uma vez a saboreámos pela aba do nosso chapeu»—diz o meu informador.

A serra do Marão, ao norte, e a do Monte do Muro, ao sul, abrigam e defendem das intemperies o Alto Douro e contribuem para a excellencia das suas producções, nomeadamente do vinho, como se lê no *Douro Illustrado*, pag. 28 e 29.

—

A povoação da Rêde foi na primeira metade d'este seculo a vergonha e o açoute d'esta freguezia e de todo este concelho.

Era um covil d'assassinos e salteadores que tinham por valhacouto a casa de Manuel Soares d'Albergaria, mas com a morte d'este e do seu filho bastardo João Pereira, fuzilado em Mezãofrio, aquelles meliantes mudaram de rumo.

V. *Villa Jusã* n'este diccionario—e *Rede* no supplemento.

—

Na aldeia do *Granjão* ha duas pessoas notaveis—o visconde d'aquelle titulo e o venerando e benemerito cirurgião Joaquim José de Sousa.

Antonio Botelho Teixeira, 1.º barão do Granjão por mercê de 7 de maio de 1867, e 1.º visconde do mesmo titulo por mercê de 28 d'abril de 1879, nasceu no *Granjão de Cima*, parochia de Santa Maria d'Oliveira, nos principios d'este seculo, e foi capitão do exercito realista do sr. D. Miguel, que o condecorou com a sua *real effigie*.

Depois da convenção d'Evora Monte, recolheu-se a sua casa, abraçou o partido liberal—e *ha bons trinta annos* é presidente da camara de Mezãofrio, *sem interrupção?!..*

Casou em Fornos d'Algodres com a ex.ma sr.a D. Carlota d'Albuquerque Pimentel e Vasconcellos, já fallecida, senhora muito virtuosa. D'este consorcio houveram uma filha unica, D. Amelia Teixeira Botelho d'Albuquerque, senhora virtuosissima tambem, hoje casada com o dr. José Abranches Homem da Costa Brandão, antigo deputado ás cortes e cavalheiro de muito merecimento, natural do concelho de Ceia, districto da Guarda.

O sr. visconde do Granjão ainda vive n'esta data e teve um irmão. que falleceu ha poucos annos, dr. José Botelho Teixeira, excellente pessoa, advogado distincto e muitos

tos annos juiz de direito substituto na Regoa.

—

Joaquim José de Sousa, filho natural de uma mulher de Villa Pouca, povoação d'esta freguezia de Villa Marim, nasceu na villa de Moimenta da Beira, em agosto de 1804.

Protegido por um abbade de Cidadelhe, formou-se em cirurgia na Escola do Porto, matriculando-se em 1825 e terminando com distincção a formatura em 1830.

Passou em viagem de instrucção pelo nosso paiz o anno de 1831, que foi um vulcão de revoluções!...

Em principios de 1832 foi nomeado pelo sr. D. Miguel cirurgião ajudante do regimento de infanteria n.º 19, de Cascaes.

Sitiado o Porto pelas tropas do sr. D. Miguel, prestou Joaquim de Sousa relevantes serviços nos hospitaes de sangue que se improvisaram em volta d'aquella cidade para os sitiantes e sitiados prisioneiros, nomeadamente no hospital que se creou no convento da Formiga, no qual só no dia de S. Miguel de 1832 entraram cerca de 1:000 soldados feridos.

Desgraçados tempos!...

—

Em 1833 foi despachado cirurgião mór para o regimento d'artilheria de Faro;—em abril de 1834 passou com a mesma patente para cavallaria n.º 8—e, em seguida á convenção d'Evora Monte (27 de maio d'aquelle mesmo anno) deixou a carreira militar, que tão auspiciosa lhe sorria, e recolheu-se a sua casa.

Recebeu convite para servir no exercito liberal com a mesma patente de cirurgião mór (contava elle então 30 annos!...) mas não acceitou, sustentando inabalavel *até hoje* as suas crenças realistas,—sempre respeitado e muito considerado por todos, incluindo os proprios liberaes,—porque foi sempre um cavalheiro a toda a prova e exerceu sempre a clinica particular com grande proficiencia, muito zelo e muito desinteresse nos concelhos de Mezãofrio, Regoa e Lamego, nomeadamente na freguezia da Penajoia.

Fixou a sua rezidencia no *Granjão de Baixo*, onde tem vivido e vive ainda, mas já completamente inutilisado com o peso dos seus 81 annos!

Poucos cirurgiões ruraes terão trabalhado tanto e deixarão de si tão abençoada memoria!...

—

Falleceu no dia 9 de abril de 1882 na sua quinta do *Casal*, n'esta freguezia, o sr. Miguel Peixoto Pinto Coelho de Sá Carneiro, pae do sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral.

Chamava-se *Miguel*, por ser afilhado do sr. D. Miguel I, que no baptismo se fez reprezentar pelo marquez de Bellas.

O finado era filho de Anselmo de Andrade de Sá Carneiro e de sua esposa D. Maria Henriqueta Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello,—neto pela parte paterna do general Antonio José Baptista Sotto-Maior de Sá Carneiro e Castro, e pela parte materna de Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva, ultimo senhor donatario de Felgueiras, Vieira e Fremedo, legitimo descendente e representante do famoso Egas Moniz.

Nascêra Miguel Peixoto em Lisboa, no dia 19 de julho de 1831.

—

Em volta de Lamego ha muitas povoações cujos nomes terminam em *im*, taes são Lalim, Lazarim, Ferreirim, Magustim, Mondim, Gojim, Goujoim, Sendim, Sedavim, Cantim, Contim, Gondim, Penim, Almeirim, etc.

Todas estas povoações foram restauradas pelo benemerito emir ou rei mouro de Lamego, *Zadam-Iben-Huim*, de quem por gratidão tomaram e ainda hoje conservam o appellido.

Talvez que do mesmo regulo tomassem tambem a desinencia *im* esta parochia de Villa *Marim*, a de S. José de *Godim*, junto da Regoa, e a povoação de *Nostim* da freguezia de Moura Morta, visinha de Villa Marim, pois todas estas povoações estão a pequena distancia de Lamego, embora na margem direita do Douro, e é possivel que no tempo da occupação arabe pertencessem ao reino de Lamego, assim como posteriormente pertenceram á provedoria da mesma cidade e agora pertencem áquella diocese.

—

Esta parochia soffreu muito em 1808 com os excessos de toda a ordem, praticados pelo sanguinario general francez Loison, n'este concelho de Mezãofrio e no da Regoa. V. *Villa Jusã.*

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos—e na villa de Mezãofrio, séde do concelho e sua limitrophe, tem muitas feiras e mercados importantes, muitas lojas de commercio bem sortidas, um theatro, um hospital da Misericordia, pharmacias, etc.

Os primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são — Manuel d'Almeida Coutinho, Victorino de Queiroz e o visconde do Granjão.

Aos meus illustrados collegas, os rev.os Antonio Corrêa da Silva e Abilio Pereira Dias, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLA MARIM — freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Marinha,—fogos 303,—habitantes 1:260.

Em 1706 contava 135 fogos,—era da apresentação dos jeronymos de Belem—e pertencia á comarca, ouvidoria e corregedoria de Villa Real, provedoria de Lamego.

Em 1768 era da mesma apresentação,—contava 194 fogos—e rendia para o seu vigario 40$000 réis.

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes: *Villa Marim*, Ramadas, Gallegos, Quintella, Arnal, Outeiro, Barroca, Muas ou Mecas, Agares, Pombal e Refontoura;—os casaes ou quintas de Cabril, Fojo, Covello e Veiga;—a casa, habitação isolada, dos *Machados*—e os sitios da Marinheira e Coucieiro.

—

Freguezias limitrophes—Mondrões a S. O. —Borbella a N. E.—Villa Real a S. E.—e Villa Cova a O.

Dista de Villa Real 3 kilometros para N. O.—30 da Regoa,—134 do Porto—e 471 de Lisboa.

Producções dominantes—cereaes, castanhas, batatas, melancias, maçãs e vinho *muito aspero.*

—

No seculo XIV D. Martinho d'Oliveira, quarto do nome, natural d'Evora, annexou ao convento benedictino de Pombeiro esta parochia de *Villa Marim*, e as de Santa Maria de Canedo, em terras de Basto, S. Miguel de Vargiella, S. Diniz de Villa Real de Traz-os-Montes, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de *Bobadella*, S. Fins de Torno, S. João de Cavez, S. Salvador de Moure, S. Mamede de Villa Verde, S. Martinho d'Armil e Val de Bouro, segundo se lê na *Benedictina Luzitana*, L. 2.º pag. 72, col. 1.ª

—

Esta parochia é muito antiga e muito considerada pois já no tempo do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques era *honra;*—pertencia como tal a *Mem-Guedes*—e d'elle passou por varonia, durante seculos, aos Guedes Alcoforados, descendentes de Mem Guedes.

Tomaram o appellido *Alcoforados* depois que Diogo Guedes, 3.º neto de Mem Guedes, casou com D. Goldora Goldares Alcoforado.

Caetano Guedes Alcoforado foi o 17.º neto d'aquelle avoengo e teve uma irmã, D. Magdalena Maxima Souto e Medeiros, que casou em Provezende com José Botelho d'Azevedo Cão, fidalgo distincto, capitão mor do Couto de Provezende, morgado e descendente do celebre Diogo Cão, descobridor do Congo.

Do consorcio com D. Magdalena teve José Botelho uma filha unica e herdeira, D. Quiteria Liberata Souto Maior d'Azevedo Cão, que casou com Affonso Botelho de S. Payo e Sousa, morgado de Passos, junto de Sabrosa, descendente de Affonso Botelho, o *velho*, primeiro alcaide-mór de Villa Real de Traz-os-Montes, por graça d'el-rei D. Diniz.

Por esta fórma os vinculos de Passos e Provezende se reuniram em uma só familia, que pelo lado materno procedia dos Guedes Alcoforados, senhores da *honra* de Villa Marim, concelho de Villa Real, desde o principio da nossa monarchia.

—

Estas casas e estes vinculos foram em nos-

sos dias representados pelo notavel campeão das medidas restrictivas do Douro, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, Affonso Botelho de S. Payo e Sousa, [1] mas não representava a casa de Villa Marim. Apenas tinha o sangue d'ella.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação de *Quintella*, uma torre antiquissima, acastellada e ameiada, com o aspecto da *Torre da Marca*, hoje dos Terenas, no Porto. Antes da fundação de Villa Real de Traz-os-Montes já existia a mencionada torre de Villa Marim—e em 1721 era senhor d'ella o conde de Vimioso.

Ignoramos a quem pertence na actualidade e quem foi o seu fundador.

—

Ao meu illustrado cyreneu e bom amigo, o ex.^mo sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

—

Com relação a esta parochia diz J. A. de Almeida:

«No logar de *Agares* está a ermida de S. Torquato, aonde concorriam muitos romeiros. Aqui junto ha memoria de um castello demolido, com uma cova no meio, entulhada de pedras lavradas, e com o seu recinto de muralhas por fóra, de que se vê ainda hoje parte, e que dizem ser obra dos mouros. Mais perto do mesmo sitio vê-se uma cova em terra de salão, d'onde, affirmão algumas pessoas, se tirára um caixão com muitas peças d'ouro.»

Foi natural d'esta parochia Fr. Seraphim da Conceição, carmelita descalço.

Nasceu a 6 de janeiro de 1734 e falleceu a 6 de fevereiro de 1814. Passou a maior parte da sua vida em Braga, onde, pela sua illustração e virtudes, foi bem acceito aos arcebispos D. Gaspar, D. Fr. Caetano Brandão e D. José da Costa Torres, de quem foi confessor.

Escreveu varias obras, indicadas por Innocencio Francisco da Silva.

—

No *supplemento* a este diccionario — se Deus nos der vida e forças e elle estiver ainda a nosso cargo—desenvolveremos consideravelmente este artigo.

VILLA MARTIM—hoje *Martim*, freguezia do concelho e comarca de Barcellos, da qual já se fallou no vol. 5.º pag. 100, col. 2.ª

E' povoação muito antiga, pois d'ella faz menção o livro *Fidei* dizendo que estava nas faldas do monte *Bascio* (ou Bastucio) e que ali tivera certas propriedades Anagildo,—propriedades que vendeu a Guthierre Lovesende e a sua mulher D. Aragunta, no anno de 1024.

—

Comprehende hoje esta parochia as aldeias ou povoações seguintes: *Martim*, séde da parochia, Venda, Pousada, Pomares, Riquinha, Lousa, Caldellas, Logar d'Alem, Tapada, Portella e Carcara.

A aldeia de Martim, outr'ora *Villa Martim*, é atravessada pela estrada real a macadam de Braga para Barcellos e demora na margem esquerda do rio Cavado, do qual dista 3 kilometros,—10 da villa de Barcellos —62 do Porto—e 399 de Lisboa.

VILLA DE MATTOS — V. *Vil de Mattos*, n'este vol. 10.º pag. 661.

VILLA MEÃ—freguezia, convento e couto extinctos no concelho de Sinfães.

V. *Escamarão* e *Souzello*.

Note-se que o concelho de Paiva, de que se fallou nos logares citados, já não é do bispado de Lamego. Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, ficou pertencendo ao bispado do Porto, bem como todo o concelho d'Arouca, exceptuando unicamente a freguezia d'Alvarenga, por estar na margem direita do rio Paiva, linha divisoria adoptada para extrema dos bispados do Porto e de Lamego, como já se disse em *Villa Jusã*.

VILLA MEÃ—freguezia do concelho de Villa Nova da Cerveira, comarca de Valença do Minho, districto de Vianna do Castello, diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago S. Paio,—fogos 102,—habitantes 404, comprehendendo a povoação de *Chamosinhos* que lhe foi annexada administrativamente, mas que para os effeitos espirituaes pertencia e pertence á parochia de S. Pedro da Torre.

---

[1] V. *Sabrosa* e *Provezende*.

Esta freguezia é formada pela povoação do seu nome, em cujo centro está a egreja matriz, e pela de *Montorros*, que apenas tem 3 fogos.

A aldeia de Chamosinhos em tempos mais remotos esteve annexa á freguezia de Santa Maria da Silva, d'este mesmo concelho de Valença, mas depois, por contracto feito com o convento de Oia, em Galliza, padroeiro da dicta parochia da Silva, passou para a de S. Pedro da Torre, mediante o pagamento de 80 alqueires de pão por anno ao convento de Oia.

—

Em 1706 denominava-se esta freguezia *Villa Meão*,—contava 40 fogos—e era vigairaria da apresentação da collegiada de Valença.

Em 1768 era da mesma apresentação—contava 65 fogos—e rendia para o seu vigario 30$000 réis.

Demora na margem esquerda do Minho, do qual dista 2 kilometros para S. E.,—5 de Villa Nova da Cerveira e de Valença,—35 de Vianna do Castello,—70 de Braga,—116 do Porto—e 453 de Lisboa.

Os campos de *Villa Meã* foram cortados ao sul pela estrada real de Caminha a Valença,—e ao norte pela linha ferrea do Minho, cuja estação mais proxima é a de S. Pedro da Torre, a distancia de 3 kilometros.

Producções dominantes—cereaes,—vinho verde e hervagens.

Tambem é mimosa de peixe do mar e do Minho, nomeadamente de salmões, saveis, e lampreias.

Esta parochia já esteve algum tempo annexada á de Campos, sua limitrophe, mas hoje é freguezia independente, com parocho proprio.

V. *Campos*, vol. 2.º pag. 75, col. 1.ª

—

A *Villa Meã*, a que se referem as Inquirições de D. Affonso III, no termo de Vianna, e a troca feita com D. Gil, bispo de Tuy, era um logar da freguezia *d'Affife*, concelho de Vianna do Castello.

V. *Afife, in fine.*

VILLA MEÃ—quinta antiquissima junto de *Prime*, no termo de Vizeu, em 1207, data em que D. Sancho I a doou a Martinho Salvador, como se lê em Viterbo no artigo *Calumpnia*, e como nós já dissemos tambem no art. *Prime.*

Suppomos que a tal quinta de *Villa Meã*, mudou de nome, pois no concelho de Vizeu não conhecemos quinta ou povoação assim denominada, alem da povoação de *Villa Meã* na parochia de Povolide, distante de Fragosella cerca de 10 kilometros, para N. E.—em quanto que *Prime* é hoje uma das aldeias da parochia de Fragosella. As outras povoações d'esta parochia são—Fragosella de Cima, Fragosella de Baixo, Sarnadinha, Tapado, Espadanal e Granja.

A *Chorographia Moderna* não menciona quinta alguma pertencente á esta parochia. E possivel que outr'ora se denominasse *Villa Meã* alguma das mencionadas aldeias.

V. *Prime, Fragosella* e *Povolide.*

VILLA MEÃ DE BAIXO [1] —aldeia da freguezia de *Real*, concelho d'Amarante.

V. *Real*, vol. 8.º, pag. 63, col. 2.ª

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Real, Outeiro, Ribeira, Rubim, Salgueiras, Salvador, Souto, Cruz do Souto, Pardieiros, Aldeia, Aldeia Nova, Aldeia Velha, Pias, Eirado, Bemfica, Ponte da Pedra, Monte, Moinhos, Outeiro, Fundo de Villa, Terça, Eira, Fonte de Cima, Penedo, Santa Comba Rua, Adega Velha, Agro Maior, Salgueirinhos, Feitoria, Casas Novas, Assento, Montinchol, Cotovial e differentes casaes e quintas.

—

Passa junto da aldeia de Villa Meã de Baixo a linha ferrea do Douro, que tem ali a sua 10.ª estação a contar do Porto, denominada *Villa Meã.*

Ha na dicta aldeia uma importante industria de mortalhas de palha de milho para cigarros, que são exportadas para o Brazil, nomeadamente para o Rio de Janeiro, *em grande quantidade*, — e temos ao norte do nosso paiz outras muitas terras que explo-

---

[1] *Villa Meã de Cima*, aldeia proxima, pertence á freguezia d'Athaide, tambem do concelho d'Amarante.

ram a mesma industria, nos concelhos de Amarante, Lousada, Sinfães, etc.

São no Rio de Janeiro actualmente conhecidas 50 marcas differentes de palha portugueza, que representam outras tantas casas expedidoras.

As ditas mortalhas foram a principio enviadas da ilha de S. Miguel (Açores) mas acabou ali esta industria por ser a palha toda mais grossa e não poder competir com a palha do nosso continente.

—

Para se avaliar a importancia d'esta industria, note-se que só uma casa do Rio de Janeiro costuma ter em deposito palha no valor de 20 a 30 contos de réis fracos?!...

A palha portugueza é ali conhecida por palha *especial* e *fina*, de 1.ª e 2.ª qualidade —e vendida em pacotes de 500 mortalhas cada um, regulando actualmente o milheiro de 2.ª por 800 réis,—o de 1.ª por 1$000 rs. —e o da especial por 1$300 a 1$500 réis fracos.

O governo brazileiro a principio cobrava na alfandega 200 réis por kilo;—hoje cobra 1$500 réis—e o consumo tem subido em dobro nos ultimos annos.

Ha no Rio de Janeiro fortunas feitas só com este artigo.

A palha de milho, portugueza é a melhor que se conhece para as mortalhas dos cigarros. Lamentamos que na maior parte do nosso paiz ainda hoje se ignore esta particularidade e o grande partido que podiam tirar d'ella, como tiram esta aldeia de Villa Meã e algumas outras do Minho e da Beira, nomeadamente de Sinfães.

—

Esta aldeia de *Villa Meã* foi a séde do antiquissimo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Amarante.

Ainda ali se vê a casa da camara e da cadeia, bem como o pelourinho.

Era pois uma povoação importante, em quanto foi séde do concelho; extincto este, decahiu bastante, mas hoje, depois da construcção da linha ferrea do Douro, que lhe deu estação propria, Villa Meã recobrou nova vida e rapidamente ultrapassou a importancia que perdeu.

Alem da estação e das suas dependencias, já tem muitas casas novas, differentes estabelecimentos commerciaes, dois hoteis como nunca teve, etc. [1]

VILLA MEÃ DE BORNES—aldeia da freguezia d'este nome, junto das *Pedras Salgadas*, no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, provincia de Traz-os-Montes.

V. Bornes e *Pedras Salgadas*.

A freguezia de S. Martinho de Bornes comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Meã*, Rebordechão, Lago Bom, Tinhella de Cima, Tinhella de Baixo, Valhegas e Lagôa todas muito antigas,—e a das *Pedras Salgadas*, muito moderna, mas hoje a mais notavel e mais importante, formada pela benemerita companhia exploradora das aguas *alcalino-gazosas-sodicas*, bem conhecidas em Portugal e nos paizes extrangeiros como aguas das *Pedras Salgadas*, rivaes das de Vichi, em França, das de Verim, em Hespanha, e das de Vidago e Bensaude, n'esta mesma provincia de Traz-os-Montes.

—

O dia 9 de setembro de 1884 foi altamente lisongeiro para esta povoação de Villa Meã.

Achando-se nas *Pedras Salgadas* el-rei o sr. D. Fernando com a sua esposa actual, a sr.ª condessa d'Edla, e com seu filho o sr. Infante D. Augusto, fazendo uso das aguas alcalino-gazosas,—para fugirem á monotonia e para respirarem a pulmões cheios o ar puro do campo, não cessavam de passear pelas cercanias d'aquelle estabelecimento balnear. Um dia espraiavam-se pelos montes caçando,—outro dia alongavam o passeio até ás margens dos rios mais proximos, entretendo-se com a pesca,—outro dia foram nos seus trens até Villa Pouca d'Aguiar;—visitaram tambem o Vidago e Chaves—e no mencionado dia 9 offereceram um *pic-nic* aos hospedes do *Grande Hotel*, onde a familia real se achava hospedada tambem.

---

[1] Dão-lhe tambem muita vida 2 boas estradas a macadam, que partem da estação para o concelho d'Amarante, servidas por diligencias.

Realisou-se a festa em um dos sitios mais pittorescos das visinhanças das *Pedras Salgadas*,—um souto de castanheiros na aldeia de que nos occupamos.

Teve a honra de ser um dos convidados o sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, ao tempo tambem ali a banhos, chronista e redactor do *Commercio do Porto*, para o qual enviou no dia immediato uma interessante correspondencia da qual extractamos o seguinte:

—

Pedras Salgadas 10 de setembro de 1884.

«Ficarão memoraveis no espirito de todos os que tivemos a honra de ser convidados para o *pic-nic* realisado hontem pela familia real, as impressões agradabilissimas que nos proporcionou aquella festa, já pela magnificencia com que foi disposta, já pela occasião que tivemos de conhecer, melhor do que nunca, o trato delicado e captivante de el-rei o senhor D. Fernando e de sua esposa a senhora condessa d'Edla, do infante o senhor D. Augusto e ainda das pessoas que n'esta localidade formam a sua pequena e despretenciosa côrte.

Estas qualidades excellentes, que são tradicionaes na familia real portugueza, só bem se apreciam quando, como hontem, nos encontramos par a par com os seus membros, sentindo o magnetismo suave das attenções com que nos penhora e das amabilidades com que nos confunde.

— Aqui somos todos iguaes—disse el-rei.

E effectivamente, ao vêr-se a convivencia franca e desprendida que durante a tarde reinou entre todos os convivas, ninguem julgaria que entre nós, simples cidadãos, estava por exemplo, o pai do chefe do Estado, um monarcha, emfim, que por mais de uma vez tem presidido aos destinos d'esta patria, que já de ha muito é tambem a sua, se não por nascimento, comtudo pelos laços da familia que o prendem a um torrão, pequeno em dimensões, é verdade, mas grande nos feitos gloriosos que ennobrecem as paginas brilhantes da sua velha historia.

El-rei e sua familia pareciam sentir-se bem n'este grupo, que apesar da liberdade que lhe era dada pelo exemplo do mais amavel convivio, se via apenas embaraçado por vezes em não poder testemunhar-lhes bem claramente o reconhecimento de que estava possuido perante uma affabilidade tão lhana como expontanea.

Nós, os hospedes do Grande Hotel, estavamos já habituados ao trato familiar e attencioso de el-rei, de sua esposa e filho, pelas conversações a cada passo travadas entre tão elevados personagens e nós, mas todos esses requintes de cortezia e de fina educação duplicaram na festa de hontem.

. . . .

O dia apresentou-se perfeitamente adequado á diversão que se effectuava, porque até o calor dardejante do sol tornava mais appetecida a sombra que projectava no sitio a ramagem frondosa dos castanheiros.

Os snrs. Ferreira de Almeida, Mendes de Araujo e eu preparamos o terreno e dispozemos o local para a mais commoda permanencia n'elle.

Desbravou-se o chão, collocou-se um tolde para interceptar algum raio solar mais indiscreto, disposeram-se as ramagens e as bandeiras e procurou-se emfim dar ao sitio um aspecto festivo e uma disposição aprazivel.

A's quatro horas da tarde estavamos ali todos os hospedes convidados. Pouco depois chegaram os regios personagens, que foram recebidos por nós, proximo do souto destinado ao banquete; ao mesmo tempo estrondeavam os foguetes e a musica [1] executava o hymno d'el-rei.

O povo que se juntára, attrahido pelos signaes da festa, collocára-se a distancia e saudava respeitosamente S. M. e a sua familia.

Emquanto se tratava dos preparativos, o senhor D. Fernando, a senhora condessa e o senhor infante faziam as honras do *campo* com a maxima urbanidade e cortezia, já conversando com todos os convidados, já dispensando as maiores attenções ás senhoras,

---

[1] Era a banda marcial do regimento d'infanteria n.º 13, que esteve nas Pedras Salgadas, emquanto ali se conservou a familia real.

que a senhora condessa tinha chamádo para junto de si.

Estendida a branca toalha no chão, no centro da qual se destacava um modesto centro das pobres flores que trabalhosamente conseguiramos reunir, alfombrado o chão com um macio tapete de fetos sobre os quaes se estenderam os chailes e as mantas de viagem, el-rei deu ordem para que nos sentassemos e procurassemos os lugares que melhor nos approuvesse sem distincções de cathegorias, e cada um se acommodou perfeitamente, dando-se principio ao *pic-nic.*

—

«Eram quasi cinco horas e a tarde principiava a tornar-se amena. Collocados em uma eminencia, a nossa vista dominava um formoso panorama emoldurado ao fundo pelas curvas das serras, cuja cadeia parecia prolongar-se infinitamente, contrastando o negrume das suas massas granitivas com o viço dos valles que lhes contornavam a base.

A refeição correu animadissima, por entre os dictos alegres e as conservações prasenteiras de uma sociedade composta na apparencia e na sua totalidade de amigos velhos, tal era a cordialidade com que a todos tratava a familia real.

Do serviço o maximo elogio que se pode fazer d'elle é declarar simplesmente que era da casa d'el-rei.

Ao champagne, S. M. congratulou-se por ver alli reunidas pessoas cuja companhia summamente disse ser-lhe agradavel pelo prazer que duplamente lhe tinham dado com a acceitação do seu convite, e brindou por todas ellas, agradecendo a participação que haviam tomado n'aquella festa sem pretensões.

Respondeu em nome d'estes o sr. dr. Navarro de Paiva (procurador regio na Relação do Porto), saudando o rei e a familia real. Em seguida brindou tambem a S. M. el-rei o sr. D. Luiz I.

O sr. Ferreira de Almeida, deputado ás côrtes, brindou pela rainha a senhora D. Maria Pia e depois pelo senhor infante D. Augusto.

O sr. Mendes Araujo, como filho do Porto, relembrando a memoria de D. Pedro IV, brindou pelos seus descendentes.

O sr. Navarro de Paiva brindou pela senhora condessa d'Edla.

El-rei D. Fernando por ultimo saudou todas as presentes.

....

Entardecia já, quando nos dispozemos a regresar ao hotel. Deu-se antes um pequeno passeio, durante o qual a senhora condessa afagava com carinho verdadeiramente maternal as creancinhas do povo, e depois dirigimo-nos a pé, pela povoação de Villa Meã até á estrada onde estavam os trens, erguendo-se durante o percurso calorosos vivas a el-rei, ao senhor infante e á senhora condessa.

A familia real pôz de novo á disposição dos convidados um dos *breacks* e uma outra carruagem, e pouco depois seguiamos para o hotel, á porta do qual nos despedimos de el rei e de sua familia, exprimindo-lhes o nosso agradecimento pela distincção com que nos penhorára, e as gratas impressões que em nós permanecerão indeleveis pelas attenções de que foramos objecto.»

—

Terminado o banquete, a senhora condessa d'Edla mandou dar ao povo, que se achava reunido a pequena distancia, tudo o que sobrou e que era muito, inclusivamente champagne e outros vinhos generosos.

Foi uma *rasia* completa, — a nota mais alegre da funcção!

Os criados a custo salvaram a louça e os talheres, porque o povo cuidava de metter *tudo* no estomago—e, se não interviessem os policias civis que acompanharam a familia real, não sabemos o que succederia!...

Conclusão:—Graças ao sr. D. Fernando, á sr.ª condessa d'Edla e ao sr. infante D. Augusto, é hoje o pittoresco souto de *Villa Meã* uma das estancias mais salientes e de mais gratas recordações nos arredores das *Pedras Salgadas.*

VILLA MEÃ DO BURGO—(hoje simplesmente *Burgo*)—aldeia da freguezia de S. Salvador do Burgo, concelho e comarca de Arouca, districto d'Aveiro, hoje diocese do Porto na provincia do Douro.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu esta freguezia ao bis-

pado de Lamego, mas pela nova circumscripção passou para o bispado do Porto com todas as do concelho d'Arouca, exceptuando a d'Alvarenga, por estar na margem direita do rio Paiva, que ficou sendo por este lado a linha divisoria dos bispados do Porto e de Lamego.

Tambem passaram para o bispado do Porto todas as freguezias do concelho de Paiva, que eram do bispado de Lamego.

V. *Burgo*, vol 1.º pag. 505, col. 1.ª—*Salvador do Burgo*, vol. 8.º pag. 360—e *Lamego* no *supplemento*.

—

Esta aldeia de *Villa Meã do Burgo*, hoje simplesmente *Burgo*, é antiquissima e já foi villa e séde de concelho com justiças proprias, casa de camara, pelourinho e cadeia, mas nunca foi freguezia.

Era uma das povoações que constituiam e constituem a freguezia ainda hoje, denominada *S. Salvador do Burgo*, porque foi sempre seu padroeiro S. Salvador até os fins do ultimo seculo, data em que o substituiram pelo Santissimo Sacramento.

Alem das povoações mencionadas no artigo *Salvador do Burgo*, comprehende esta parochia as seguintes:—Forcada, Lourosa, Figueiredo, Romariz d'Alem, Romariz d'Aquem, Vessada, *Villa Meã do Burgo*, ou simplesmente Burgo, Ponte do Burgo, Alhavaite, Monte Calvo, *Povos* e *Morta* [1] e a quinta da Torrena, aldeia de Lourosa ou Leirosa dos Campos.

N'esta quinta houve (não sabemos se ha ainda hoje) uma torre antiquissima, da qual partia uma estrada subterranea para as faldas do monte, onde estava ou está a dicta torre.

—

Esta parochia do Burgo é muito antiga, tanto que alguem pretende que a sua egreja matriz (S. Salvador) foi a 1.ª que houve em todo este valle d'Arouca; inclinamo-nos porem a crer que a 1.ª foi a de *Urrô*.

O abbade era aprezentado pela abbadessa do real mosteiro d'Arouca. Recebia elle a terça dos dizimos, das *sanjoaneiras* e do rendimento do passal, afóra o pé d'altar;—as outras duas partes eram das freiras, donatarias d'esta freguezia e de todas as outras d'este concelho e que, além dos dizimos, tinham aqui muitos foros.

Rendiam os dizimos, *sanjoaneiras* e passal 420$000 réis, pertencendo ao parocho 140$000 réis—e ás freiras 280$000 réis.

O chão d'esta parochia é fertilissimo, ameno, saudavel e de formoso aspecto, pois é parte integrante do valle d'Arouca, um dos mais formosos tractos de terreno que se encontram em todo o nosso paiz.

Passa pelo meio d'esta parochia o rio *Arda*, que banha e fertilisa os seus vastos campos e recebe aqui, como tributarios, diversos ribeiros, entre elles um que nasce no sitio da Forcada e desagua na povoação da Pimenta.

V. *Arda*.

—

A maior parte d'esta freguezia era do termo e couto d'Arouca; a parte restante formava o antiquissimo concelho de *Villa Meã do Burgo* que, apesar da sua diminuta população, tinha juiz ordinario e vereadores proprios; mas, como as freiras d'Arouca fossem donatarias d'elle, os escrivães d'este concelho eram os do couto d'Arouca, pelo que nos dois concelhos se faziam as audiencias em dias differentes.

A extincta e antiquissima villa do Burgo, outr'ora *Villa Meã do Burgo*, compõe-se apenas de uma estreita e tortuosa rua, que era a antiga estrada d'Arouca para Oliveira de Azemeis, na qual, *por influencias politicas*, metteram ou antes *entalaram* a nova e lindissima estrada actual a macadam, feita em substituição d'aquella.

Todas as suas casas são de humilde apparencia e revelam muita antiguidade, sobresaindo entre ellas a que foi do capitão-mór Vaz Pinto e que hoje é do seu herdeiro e representante Verissimo Albino Teixeira Vaz Pinto, o primeiro proprietario d'esta freguezia e um dos primeiros d'este concelho.

—

Esta casa é bastante espaçosa, irregular e

[1] A *Chorographia Moderna* diz—*Possos* e *Manta*.
Foi lapso.

muito antiga, mas revela muito maior antiguidade ainda um appenso, já sem tecto e que foi talvez o nucleo d'esta casa e o solar d'esta familia.

Facéa o dicto appenso com a mesma *estrada rua*;—tem apenas duas portas e duas janellas—e a meio d'estas uma lapide com uma inscripção muito gasta e quasi inintelligivel.

Estando nós ali em 1883 com os nossos bons amigos, os srs. Tito de Noronha, engenheiro, escriptor publico e socio correspondente da Academia Real das Sciencias,—e dr. Manuel de Barros Nobre, então delegado do procurador regio n'esta comarca d'Arouca e hoje (1885) juiz de direito nos Açores, —a custo podémos ler o seguinte:

FERN. VAZ PINTO
FIL. ESTEVAN VAZ PINTO
MORT. AFRICA MAGN
VIRT... REGIS SEBASTIAN.
... SELERUM COMES FACTUS
ANNO DI. 5 8 4.

Eu mesmo a copiei *attentamente*, mas não me responsabiliso por ella, porque os caracteres estavam muito gastos e tanto que não me foi possivel decifrar alguns.

Parece que diz:

FERNÃO VAZ PINTO, FILHO DE
ESTEVAM VAZ PINTO, MORREU NA
AFRICA E FOI UM VALENTE
MILITAR NO REINADO DE
D. SEBASTIÃO

A data 584 (anno de 1584) refere-se talvez ao anno em que ali poseram a lapide, pois o reinado de D. Sebastião terminou em 1578.

Em 1584 já Filippe II de Hespanha, o *demonio do meio dia*, dominava Portugal.

—

A pequena distancia d'esta casa e do mesmo lado (norte) da rua, se lê na padieira da porta d'outra casa muito mais humilde, esta inscripção

O P.e ANTONIO ARANHA.
JESUS MARIA JOSÉ.
1 6 7 9.

Em frente d'esta ultima casa, do outro lado (sul) da mesma rua, se vê uma casa nova, simples, pouco espaçosa, mas elegante, pertencente aos fidalgos de Paço de Sousa que possuem aqui um bom casal.

Tem a dicta casa um brasão esquartelado: —no 1.º 3 flores de liz,—no 2.º uma cruz aberta, em campo vermelho:—assim os contrarios—e por timbre a mesma cruz e duas flores de liz.

—

Pretende alguem que a primitiva villa d'Arouca foi esta aldeia de *Villa Meã do Burgo*, o que não acreditamos, porque Arouca já existia no tempo dos romanos e foi uma povoação florescente no tempo dos godos.

Na doação que o conde D. Henrique fez em 1102 de Jesus Christo, a Echa Martins, ultimo rei mouro de Lamego, menciona-se Arouca e outras povoações adjacentes, mas não se falla n'esta de *Villa Meã* ou do *Burgo*. Com certeza já então existia, mas era uma aldeia de pouca importancia.

Quero dizer com isto que o Burgo (na minha humilde opinião) não foi a velha *Arauca*, *Aruca* ou *Araducta* dos romanos,—nem como villa tem a antiguidade de Arouca.

No artigo proprio já dissemos que Arouca teve foral *velho*, dado por D. Affonso I em abril de 1151 e que D. Manuel lhe deu foral *novo* em 20 de dezembro de 1513—e não nos consta que esta Villa Meã tivesse foral *velho* nem *novo*.

Franklim menciona um foral dado a *Villa Meã, aldeia*, por D. Affonso III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255.

Maço 9 de Foraes Antigos, n.º 8. fl. 18, v. —Liv. 1 de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 10, col. 1.ª—Liv. 2.º de Doações do mesmo Sr. Rei, fl. 55, in medio—e Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova, fl. 146, col. 1.ª

Não diz porem Franklim qual a parochia, concelho ou provincia da tal *aldeia de Villa Meã*,—e, havendo em Portugal tantas aldeias com o nome de *Villa Meã*, só pela leitura do foral póde saber-se a qual das dictas aldeias pertence;—suppomos porem não ser a esta, porque em Arouca não ha memoria alguma de semelhante foral. E mesmo que elle fosse

dado a esta Villa Meã, isso provava que Villa Meã ainda em 1255 era uma simples *aldeia*, o que eu não nego. O que sustento é que a villa de Arouca é povoação muito mais antiga e foi sempre mais importante do que a villa do Burgo.

Talvez que o Burgo já fosse aldeia antes d'Arouca ser villa, mas isso não prova que a primitiva *Arouca* fosse a aldeia do *Burgo*, como alguem pretende.

—

É inegavel que esta aldeia de Villa Meã do Burgo data de tempos muito remotos.

Sabemos que na era 958 de Cesar (920 de Jesus Christo) eram senhores do valle de Arouca D. Ansur [1] Godsteiz e sua mulher D. Eleva, que reedificaram e ampliaram o convento d'Arouca, doando-o com muitas rendas e senhorios ao abbade Hermigildo, por escriptura feita a 12 d'abril da era 999 de Cesar, ou 961 de Jesus Christo, na qual escriptura se declara que os doadores viviam em *Villa Meã do Burgo*.

Não sabemos quando esta aldeia foi feita villa—nem quando deixou de ser concelho independente. O que sabemos é que foi demolida em 1864, para passagem da nova estrada a macadam, a sua casa da camara e da cadeia. Já não tinha tecto, nem portas, nem janellas e era um edificio pequeno e modesto, mas construido de granito e muito solido ainda.

Como padrão dos seus antigos foros ainda conserva o seu velho pelourinho, que se vê junto de uma capella, a N. E. da villa.

—

Cerca de 300 metros a S. O. do Burgo se vê tambem junto da nova estrada, do lado sul, a capella de Santo Antonio e contiguo a ella um arco, a que o vulgo erradamente chama *moimento da Rainha Santa*.

É um arco de granito de architectura musarabe, sem inscripção alguma e com uns toscos relevos,—obra muito antiga.

[1] D. Ansur era tambem senhor—e *senhor de baraço e cutelo?!...*—da cidade ou comarca *d'Anegia*, a cujo termo Arouca pertencia n'aquelle tempo.

V. *Areja* n'este diccionario—e em Viterbo a palavra *Cutelo*.

A tradição diz que foi feito para n'elle descançar o feretro da rainha Santa, *quando veiu de Castella*—e que por essa occasião se construiram outros muitos arcos semelhantes desde Castella até aqui, sendo dois d'elles, o do *Marmoiral* e o que se vê á entrada da quinta da Boa Vista, em Sobrado de Paiva.

Isto é um disparate dos muitos que abundam nas nossas lendas;

1.º—Porque o monumento do *Marmoiral* é o tumulo de D. Souzino Alvares. V. *Bugefa* e *Marmoiral*;

2.º—Porque a sepultura que está junto do portão da Boa Vista é evidentemente o jazigo d'um guerreiro (não de uma senhora) como revelam as espadas que n'elle se veem esculpidas;

3.º—Porque Santa Mafalda não morreu em Castella, mas sim no convento d'Arouca, onde professou e rezidiu durante 70 annos, approximadamente, no que todos os chronistas e historiadores concordam.

—

O monumento de Santo Antonio do Burgo é incontestavelmente um mausoleu d'alguma pessoa notavel,—talvez d'algum nobre guerreiro que fallecesse na batalha ferida aqui pelo conde D. Henrique e por Egas Moniz contra o ultimo rei mouro de Lamego.

Poderia tambem ser o tumulo de D. Ansur, depois transferido para o convento de Arouca,—ou de algum seu ascendente—ou de outro qualquer cavalleiro d'estes sitios.

Está ainda bem conservado, posto que não ha memoria da data em que d'elle tiraram o ataude com os ossos da pessoa que ali jazia.

Note-se finalmente que este monumento estava alguns metros mais ao norte; mas, quando se fez a nova estrada a macadam, por causa do alinhamento, removeram-no (approximadamente em 1864) para o ponto onde hoje se vê, ao sul da dicta estrada e contiguo a ella,—*sem a minima alteração ou mutilação*,—graças ao engenheiro que superintendeu na transferencia.

—

A rainha Santa Mafalda concedeu aos ha-

bitantes d'este concelho de *Villa Meã do Burgo* o privilegio de não serem obrigados a ir ás montarias nem aos clamores ou preces que se faziam na quaresma em differentes freguezias d'este valle.

A mesma rainha no seu testamento mandou que se désse annualmente a 12 viuvas d'este concelho do Burgo 12 medidas de pão 12 de vinho e 500 réis em dinheiro, a cada uma, o que ha muitos annos se não cumpre.

Veja-se o artigo *Arouca*, onde se fazem muitas referencias a esta *Villa Meã do Burgo*—e para a sua etimologia leia-se o artigo *Burgo*, vol. 1.º pag. 507, col. 2.ª *in-fine*.

VILLA MEÃO ou VILLA MEÃ—freguezia extincta no concelho, comarca e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Tinha como orago Santa Olaya ou Santa Eulalia,—era curato da apresentação do reitor da freguezia de *Rabal*—e commenda.

Em 1706 contava 40 fogos;—em 1768 contava 41—e rendia para o seu cura 8$000 réis além do pé d'altar.

Desde muito se annexou á freguezia de *Rabal. Vide.*

—

Esta freguezia de *Rabal* demora na provincia de Traz-os-Montes (concelho, comarca, districto e diocese de Bragança) e não na do *Douro*, como se disse por lapso no artigo proprio.

Conta hoje 102 fogos e 426 habitantes.

Em 1706 estava dividida por 4 commendas, a que chamavam *quartos*, rendendo cada um cerca de 50$000 réis,—total 200$000 réis, dos quaes os commendadores davam ao reitor d'esta freguezia 42$000 réis.

Tinha tambem annexa a commenda de *Villa Meão*, que rendia 130$000 réis—e a de *Grademil* que rendia 50$000 réis. Ambas eram curatos.

Era pois esta parochia de Rabal (com as suas duas annexas) patrimonio de 3 parochos e de 6 commendadores?!...

Ditosos tempos!

VILLA MENDE—aldeia da freguezia de *Ferreira*, concelho e comarca de Coura, provincia do Minho.

V. *Ferreira*, vol. 3.º pag. 170, col. 1.ª

Esta parochia de *Ferreira* comprehende as povoações seguintes:—*Villa Mende*, Ferreira, Valle, Venade, Quintão, Cascalhal, Portella, Morim, Cruz, Centieira, Quingustos, Barrocas, Villares, Veiga, Fijó, Penedo e Tourem.

A povoação de *Villa Mende*, notavel por muitos titulos, está na vertente meridional do monte de S. Silvestre, na margem direita do rio Coura, d'onde dista cerca de 1:500 metros. Demora no valle de *Ferreira*, banhado por um ribeiro d'este nome.

Antigamente esta parochia de Ferreira pertenceu á comarca de Valença, como se disse no artigo proprio, mas em 1874 passou para a de Coura.

—

Na mencionada aldeia de *Villa Mende* é muito digna de menção a antiquissima *Casa do Paço*, que por alliança passou para a familia Champalimaud, a qual ainda hoje a possue.

Junto da dicta *Casa do Paço* existia desde tempos muito remotos a celebre *Torre de Ferreira* ou de *Villa Mende*.

Foi demolida ha muitos annos, talvez nos fins do seculo XVII ou nos principios do XVIII, e com a sua pedra se edificou a capella de Nossa Senhora dos Remedios, como consta da inscripção seguinte, que se vê no frontispicio d'ella:

EX TURRI FERREIRA OLIM
EST DIMENSA SACELLUM
STRUXIT SED LAPSO CONDIT
IPSA MODO

—

É tradição que fora senhor da dicta *torre*, e nascera na dicta *Casa do Paço* D. Antonio Mendes de Carvalho, 1.º bispo d'Elvas.

Assim o asseveram tambem alguns dos seus biographos; outros porem dizem que nasceu na casa de *Boi a Monte*, em Formariz, parochia d'este mesmo concelho de Coura, limitrophe da de Ferreira, para leste e muito proxima. Parece porem fóra de duvida que foram senhores da *Casa do Paço* e *Torre de Villa Mende*, solar dos *Mendes*, os paes do benemerito bispo D. Antonio Mendes.

Pouco mais de seis annos haviam decorrido depois que tomara posse da sua diocese, quando se perdeu na Africa el-rei D. Sebastião com os 18:000 portuguezes que o acompanharam, ficando captivos cerca de 16:000. Tractando-se logo do resgate, o santo bispo D. Antonio Mendes—á custa dos maiores sacrificios—*resgatou todos os que pertenciam ao seu bispado,* no que empregou *todas as rendas* da diocese, ficando reduzido ao estrictamente necessario para a sua parca e modesta subsistencia!...

Mandou tambem fazer o paço episcopal e viveu sempre com grande parcimonia. Era só generoso para com a pobreza e tanto que, sendo ainda parocho de S. Miguel de Rebordosa, concelho de Paredes, no bispado do Porto, [1] chegou a passar privações com a sua generosidade para com os pobresinhos.

Sendo ainda ali parocho, foi um dos primeiros que adoptaram os livros do registro parochial para os nascimentos, casamentos e obitos, pouco depois que o infante D. Affonso, arcebispo d'Evora e de Lisboa e abbade d'Alcobaça, filho d'el-rei D. Manuel, creou o mencionado registro.

—

Falleceu D. Antonio Mendes em Elvas com opinião de santidade, no dia 9 de janeiro de 1591 e jazeu muitos annos em sepultura raza na capella mór da sua sé (hoje extincta) até que fazendo-se de novo a dicta capella e achando-se o seu corpo incorrupto, o bispo D. Antonio de Mattos e Noronha o collocou em tumulo alto na mesma capella, do lado do Evangelho, com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DE D. ANTONIO
MENDES DE CARVALHO, PRIMEI
RO BISPO D'ESTA CIDADE E
BISPADO D'ELVAS.

Deus o tenha em bom logar!...

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA MENDO — aldeia da freguezia de Abrunhosa Velha, concelho e comarca de Mangualde, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

V. *Abrunhosa-A-Velha,* vol. 1.º pag. 23.

Esta freguezia tem hoje 270 fogos com 1891 habitantes (em 1708 contava apenas 176 fogos) e comprehende unicamente duas aldeias ou povoações—*Abrunhosa Velha,* séde da parochia, e *Villa Mendo,*—alem dos casaes seguintes:—Manteiro, Covello, Abrunhal, Pedrogo, Feiteira, Pisão, Senhora dos Verdes, Poço Mourão, Fojo, Eiras e Pousada —e as quintas da Retorta, Boa Vista, Cabral, Caducas, Bochinhas e Carregal.

No seculo XVIII as duas povoações de *Villa Mendo* e *Abrunhosa Velha* foram desmembradas do antigo concelho de Tavares e arvoradas em concelho proprio com o titulo de *Villa Nova de Abrunhosa Velha,* por estar a séde do concelho em Abrunhosa Velha.

Foram senhores donatarios d'este concelho os Paes de Mangualde, hoje condes da Anadia.

—

Na aldeia de Villa Mendo ha uma casa nobre, muito importante. É a do visconde de Villa Mendo, que tomou d'esta aldeia o titulo,—Antonio de Gouveia Osorio, irmão do dr. José de Gouveia Osorio, dignissimo juiz de direito no Fundão, e de Manuel de Gouveia Osorio, tenente coronel de engenheiros, actualmente inspector de Engenharia na 2.ª divisão militar, com residencia em Vizeu —e do dr. Francisco Augusto de Gouveia Osorio, juiz de direito na cidade de Bragança.

O visconde de Villa Mendo, Antonio de Gouveia Osorio, ainda solteiro, nasceu na casa de Villa Mendo em 1826. Foram seus paes Manuel de Gouveia Osorio e D. Maria Maxima de Gouveia Osorio, sua sobrinha, d'este, filha do dr. José de Gouveia Osorio, desembargador da Relação e Casa do Porto, procurador da corôa e deputado ás côrtes de 1820.

É o dicto visconde bacharel formado em direito com distincção e actualmente conselheiro do supremo tribunal de Contas, tendo sido deputado ás côrtes em differentes legis-

[1] Foi ali parocho durante 14 annos.

laturas e governador civil nos districtos de Angra, Madeira, Evora, Aveiro, Villa Real de Traz-os-Montes, Faro, Coimbra, etc. Não quiz ser governador civil de Vizeu, por ter n'aquelle districto a sua terra natal,—nem do Porto, por ter ali uma parte dos seus parentes,—a familia Ayres de Gouveia. V. *Vouzella.*

Os ministros do reino duque de Loulé e Rodrigues Sampaio o consideravam como magistrado de superior merecimento.

Tem o solar da sua casa em *Selvite*, freguezia de *Ventosa*, no concelho e comarca de Vouzella.

Aos trabalhos do dicto sr. visconde e ao seu notavel discurso na camara dos deputados contra o monopolio da Companhia dos Vinhos se deve (em grande parte) a abolição dos privilegios d'esta.

—

O clima d'esta freguezia d'Abrunhosa é temperado e muito saudavel, pelo que n'ella se encontram muitas pessoas de 80 a 100 annos.

Ainda em março ultimo aqui falleceu uma mulher, por nome Maria Ferreira, contando a bagatella de 100 annos.

Era muito jovial e dotata de excellentes qualidades. Não obstante o ser pobrissima, os seus visinhos (honra lhes seja!) fizeram-lhe um funeral pomposo e a philarmonica d'esta parochia acompanhou gratuitamente o cadaver da boa centenaria até o seu ultimo jazigo.

Falleceu tambem ha pouco tempo a mãe do sr. visconde de Villa Mendo, que era uma santa senhora e contava mais de 80 annos de idade.

Não succede o mesmo nas parochias dos campos de Coimbra, depois que n'elles se desenvolveu a cultura dos malditos arrosaes, transformando-os em um medonho foco de febres endemicas!

VILLA DE MILHO, V. *Verde Milho*, vol, 10.° pag. 296, col. 2.ª

VILLA MOU—freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Fogos 107,—almas 512.

Vigairaria. Orago S. Martinho Bispo.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, — contava 60 fogos, — era da apresentação das freiras de S. Bento, de Vianna,—rendia para o vigario 80$000 réis —e para as freiras 200$000 réis, comprehendendo os dizimos dos prazos que ellas tinham n'esta parochia.

Em 1768 era da mesma aprezentação — rendia 40$000 réis para o seu vigario—e contava 83 fogos.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Mou*, Agra, Lameiro, Valle, Coixinho, Aldeia Cruzeiro, Pedreiras, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Calvario, Eiras, Quelha, Rasas, Lombo, Medros, Carvalhal, *Torre*—e os casaes ou quintas de Carvalhal, Ponte, Eirado, Torre, Terrados, Cunhas e Rasas.

—

O logar de *Villa Mou* está na margem direita do Lima, do qual dista 1 kilometro,—12 de Vianna,—35 de Braga,—61 de Valença do Minho,—142 do Porto—e 349 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Meixedo a N.—Lanheses a E.—S. Salvador da Torre a O.—e o Lima a S.

Producções dominantes—vinho de enforcado e milho, pois comprehende extensos e formosos campos, uma veiga fertilissima que se estende até o rio Lima.

Esta parochia é muito antiga; — a sua egreja matriz data do seculo XVI e é a mais pobre de todo o concelho de Vianna.

Corta esta freguezia a lindissima estrada real a macadam, de Vianna a Ponte do Lima.

Segundo se lê na *Benedictina Luzitana*, vol. 1.° parte II, cap. 29, pag. 413, esta freguezia (ou a povoação) de *Villa Mou*, já existia no tempo dos mouros e lhes foi tomada pelo capitão Payo ou Pelagio Vermudez, que alguns chamam *conde de Tuy.*

Este conde a possuiu muitos annos e no seu termo restaurou o convento benedictino de S. Salvador da Torre, primitivamente fundado por S. Martinho dumiense. Pelos annos de 1068 de novo o restaurou, ampliou e generosamente dotou Fr. Ordonho, descendente de D. Pelagio—e por ultimo D. Frei Bartholomeu dos Martyres o uniu ao seu convento de S. Domingos de Vianna.

Este mosteiro deu o nome á freguezia de *S. Salvador da Torre*, limitrophe a O. d'esta de *Villa Mou*.

V. *Torre*, freguezia,—vol. 9.º pag. 599, col. 2.ª

Ao ex.^mo^ sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Concluiremos dizendo que um pouco a montante da egreja matriz d'esta parochia se veem ruinas de uma fortificação antiquissima.

VILLA NOGUEIRA D'AZEITÃO — villa e freguezia do concelho e comarca de Setubal, districto de Lisboa.

Orago—S. Lourenço.

Bem desejavamos dar aqui na sua integra o bello artigo que o sr. Antonio Maria d'Oliveira Parreira se dignou enviar-nos com relação a esta formosa villa e que agradecemos com profundo reconhecimento, mas *somos forçados* a aligeirar e resumir para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume—e por isso no *supplemento* publicaremos aquelle interessantissimo trabalho.

Desculpem-nos o sr. Oliveira Parreira e os leitores. Entretanto veja-se n'este diccionario o art. *Azeitão*, vol. 1.º pag. 288, col. 1.ª, onde já se fallou d'esta freguezia.

Póde tambem ver-se no *Diccionario Geographico Universal* o excellente artigo *Azeitão*, devido á illustrada penna do mesmo sr. Antonio Maria d'Oliveira Parreira.

VILLA NOVA—aldeia da freguezia de S. Cypriano, concelho e comarca de Rezende, districto de Vizeu.

V. *Cypriano* (*S.*) vol. 2.º pag. 462, e *Miumães*, vol. 5.º pag. 345, col. 1.ª

Alem das aldeias indicadas no artigo proprio, comprehende a freguezia de S. Cypriano as seguintes: — Louredo, Vau, Carril, Prado, Venda, Gallises, Outeirinho, Torrinha, Major, Pinheiro, Telhado e *Villa Nova*; —os casaes de Brejo, Ceara, S. Christovam, Torre, Chã das Quartas, Mattinho, Valle, Firvida, Sobro, Regada, Ponte, Quintans, Pinhel e Vinha—e a quinta da Torre.

—

A freguezia de S. Cypriano pertencia ao antiquissimo concelho d'Aregos, extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou para o de Rezende.

O extincto concelho d'Aregos comprehendia mais as parochias d'Anreade, Frei Gil, S. Romão, Pancherra e Oradas — e desde 1834 até 1855 a sua séde,—a casa da camara e a cadeia—estiveram na freguezia de S. Cypriano, na aldeia de Villa Nova, supra indicada

VILLA NOVA — aldeia da freguezia de Carvalhaes, concelho e comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança.

V. *Carvalhaes*, vol. 2.º pag. 132.

Comprehende esta freguezia as aldeias de *Villa Nova*, *Contins* e *Villar de Ledra*, que antigamente foram (todas tres) parochias independentes.

Em 1706 *Villa Nova* contava 28 fogos e era curato da apresentação do vigario de *Suzães* ou *Suzains*, [1] no termo de Lamas d'Orelhão; — *Contins* apenas contava 20 fogos,—era da apresentação do reitor dos *Valles*, no termo de Chaves,—e rendia para o commendador dos Valles 30$000 réis;—*Villar de Ledra*, era da apresentação do reitor de *Mascarenhas*, hoje freguezia do concelho de Mirandella, e contava 30 fogos.

VILLA NOVA—aldeia da freguezia de *Donai*, concelho e comarca de Bragança.

Orago S. Justo.

V. *Donai*—vol. 2.º pag. 478.

Esta aldeia já foi parochia independente, cujo orago era S. Jorge. Em 1706 contava apenas 16 fogos—e estava annexa á reitoria de Castro d'Avelãs.

Tambem n'aquelle tempo a freguezia de S. Justo de Donai contava apenas 50 fogos e era um simples curato annexo á reitoria da Carregosa.

Em 1768 este curato de S. Jorge de Villa Nova era da apresentação do cabido de Mi-

---

[1] Assim se lê em *Carvalho*, mas o *Port. S. e Profano* escreveu *Succães*—e hoje na localidade leem e escrevem *Succães*.

V. *Succães*, vol. 9.º pag. 463, col. 1.ª

Em 1768 este curato de *Villa Nova*, tinha por orago Santo Antonio (antigamente foi Santa Comba)—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 30 fogos.

randa,—contava 23 fogos—e rendia para o cura 8$500 réis, afóra o pé d'altar.

VILLA NOVA D'ABRUNHOSA VELHA. Vide *Villa Mendo.*

VILLA NOVA D'ALVITO. Vide *Alvito* e *Villa Nova da Varonia.*

VILLA NOVA D'ANÇOS—freguezia do concelho e comarca de Soure, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—Nossa Senhora de *Finis Terrae,* ou Finisterra.

Priorado. Fogos 298,—habitantes 1:203, segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o proprio administrador do concelho, mas pelo ultimo censo (1878) contava 380 fogos e 1:070 habitantes, população pouco acceitavel, pois 380 fogos deviam ter *pelo menos* 1:420 almas.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* contava 500 fogos (?)—já era priorado, da apresentação do duque de Cadaval, conde de Tentugal, e tinha casa de Misericordia, hospital e duas capellas,—Senhora dos Remedios e Santo André, ambas publicas. Era tambem villa e séde de concelho de que eram senhores os duques de Cadaval, tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 tabeliães, 1 alcaide, 2 companhias de ordenanças,—e pertencia á comarca e provedoria de Coimbra.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação,—rendia para o seu prior 300$000 réis—e contava 280 fogos, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano.*

Perdêra pois nos ultimos 60 annos—ou de 1708 a 1768—220 fogos,—e tem hoje, 1885, ou passados 117 annos, apenas mais 18 fogos, o que tudo é pouco acceitavel e parece depôr contra as nossas estatisticas.

O *Flaviense* deu-lhe 233 fogos, em 1852—e Almeida, em 1866, deu-lhe 246 fogos,—população muito inferior á que o Padre Carvalho e o *Port. S. e Profano* lhe deram no ultimo seculo!...[1]

—

Comprehende as aldeias ou povoações de *Villa Nova d'Anços,* séde da parochia, Val d'Azurva e Ribeira da Matta ou *Monte,*—os casaes de Almoinhas, Giraldo, Valente, Martins, Regato, Brito, Marqueza e dos Montes e as quintas do Azevedo e da Caramancha.

Freguezias limitrophes—Soure, Gesteira, Alfarellos, Brunhoz, Villa Nova d'Anços, Ega e Figueiró do Campo.

É cortada pelo rio Soure, que a banha e fertilisa, e pela linha ferrea do norte, distando 5 kilometros da estação para N. N. O.,—6 da villa de Soure,—8 da estação de Formoselha para S. S. O.—24 de Coimbra,—143 do Porto—e 191 de Lisboa.

Anda em construcção uma estrada districtal que deve atravessar a séde d'esta parochia.

—

Tem esta freguezia hoje 7 templos—a egreja matriz,—a egreja da Misericordia,—as capellas do Santissimo Sacramento, da Senhora da Conceição, da Senhora da Piedade e de Santo Antonio, todas dentro da villa—e a 1 kilometro de distancia a capella de Nossa Senhora dos Remedios, que tem festa e romagem na 1.ª oitava da Paschoa.

Foi villa, como já dissemos;—nada porem já resta da casa da camara, da cadeia e do pelourinho.

Tem uma feira mensal no dia 3, mas é pouco importante.

Villa Nova d'Anços tomou o nome do rio *Anços,* (antigamente *Anceo, Anco* e *Arunce*) assim denominado por nascer junto das aldeias de *Anços* e *Outeiro d'Anços* na freguezia da Redinha, concelho de Pombal.

O mesmo rio Anços se denomina tambem *Soure* pelo facto de tocar na villa d'este nome.

V. *Soure,* vol. 9.º pag. 431, col. 1.ª—e *Anços,* vol. 1.º pag. 213, col. 2.ª—e note-se que este rio *não passa pela villa de Monte-Môr o Velho,* como por lapso ali se disse, pois esta villa demora na margem direita do Mon-

---

[1] A extraordinaria oscillação que se nota na população d'esta parochia talvez provenha das grandes epidemias que teem pesado sobre ella, geradas nos seus pantanos e nos malditos arrosaes, que a tornam muito insalubre.

dego—e o rio Soure desagua na margem esquerda, cerca de 5 kilometros a jusante de Monte Mor e de 4 a montante de Verride.

—

N'esta parochia de Villa Nova d'Anços, que está sobre a margem direita do rio *Anços* ou *Soure*, tem este rio uma boa ponte de pedra, de um só arco,—duas em Soure —uma na Redinha—e junto da de Villa Nova d'Anços, na margem direita, varios moinhos de cereaes e um lagar d'azeite.

Producções dominantes—trigo, milho, cevada, batatas, azeite e vinho.

Tambem colhe algum arroz em terrenos pantanosos, que muito prejudicam a salubridade publica, pois são um verdadeiro foco de febres intermittentes. V. *Vil de Mattos.*

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza* e na *Charographia Moderna* esta villa teve foral, dado por D. Affonso IV, sendo ainda infante e por consequencia durante o reinado de seu pae D. Diniz (1279 a 1325).

D. Manuel lhe deu foral *novo* em Lisboa, no dia 12 de dezembro de 1515. *Liv. do Foraes Novos da Extremadura*, fl. 117, v. col. 1.ª

Veja-se a *Minuta* para este foral no *Corpo Chronologico, Parte II, Maço 28, Documento 78.*

—

Houve — e não sabemos se ha ainda hoje aqui—uma associação dramatica, de que em 1878 era presidente o sr. Antonio de Napoles, benemerito filho d'esta villa, — e um theatro em que se representaram diversas composições, entre ellas o drama sacro *Santo Antonio*, na noite de 11 d'outubro de 1874.

Os actores eram todos curiosos, filhos d'esta villa, que mostraram ter pronunciada vocação para o palco, distinguindo-se entre elles o ferreiro José Antonio d'Azevedo, artista muito intelligente, premiado nas exposições *Districtal* de Coimbra e *Internacional*, de Vienna d'Austria.

Desempenhou admiravelmente o papel do thaumaturgo.

Um dos primeiros proprietarios d'esta villa é o sr. Pedro Henrique de Castro Finali, cavalheiro de muito merecimento.

—

Sob a epigraphe *Campos do Mondego*, publicou em 1875 um jornal de Coimbra um curiosissimo artigo ácerca dos estragos causados pelos arrosaes e dos bons reslutados obtidos posteriormente com o saneamento dos pantanos. Diz a folha alludida que um casal da freguezia das Alhadas, atacado pelas febres paludosas, ficou reduzido a um só homem valido; que em Montemór o Velho, foram atacadas 897 pessoas de 1:363, que eram a sua população ; e que em Cioga do Campo, Ameal, S. Fagundo e S. Fino se fecharam muitas casas por falta de habitantes.

Felizmente tem-se limpado já muitas vallas, que estavam obstruidas ha mais de 40 annos; tem-se aberto outras para dar escoante ás aguas; tem-se feito as vallas reaes do norte e sul do Mondego, Cidreira, Pereira, Arzilla, Valle Travesso, Gesteira, *villa Nova d'Anços*, Alfarellos, S. Fagundo, etc., despendendo-se n'estas obras, por conta do governo e de particulares, cerca de 100 contos, até 1875.

Mais de 2:000 hectares de terreno foram conquistados para a cultura. Campos que não produziam coisa alguma estão arrendados por bom preço. Os exemplos são muitos. Um proprietario que tinha 2 hectares de paul, e que havia mais de 56 annos nada lhe rendiam, feitas as primeiras obras, obteve uma renda de 200 alqueires.

—

São effectivamente importantes os melhoramentos realisados nos campos de Coimbra e de Leiria, mas pouco tem lucrado a hygiene, porque, apesar dos clamores da imprensa [1] e do publico e das repetidas leis e portarias prohibindo a cultura do arroz, ella

---

[1] Na crusada contra os arrosaes merece especial menção o *Conimbricense*, pois desde a sua fundação até hoje lhes tem feito crua guerra, cabendo por isso justos emboras ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, benemerito e muito illustrado filho de Coimbra, proprietario e redactor do *Conimbricense.*

tem assumido n'aquelles dois districtos *proporções espantosas!*

Tanto póde a *sacra fames auri?...*

—

Ao ex.^mo^ sr. administrador de concelho de Soure agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me por intermedio dos ex.^mos^ srs. governadores civis de Coimbra e do Porto, aos quaes igualmente beijo as mãos agradecido.

—

Por carta régia de 24 de julho de 1481 el-rei D. Affonso V deu ao conde de Tentugal, D. Alvaro, para elle e para um seu filho *lidimo*, em satisfação da villa de Torres Novas que o dito conde cedeu á corôa, esta *Villa Nova d'Anços* e as villas e logares de Tentugal, Povoa, Pereira, Buarcos, Rabaçal e Anobre, com todas as suas rendas, reguengòs e jurisdicções, e os padroados das egrejas de S. Miguel e da Magdalena de Monte-Mór o Velho, alem dá villa d'Alvaiazere, que já tinha.

Foi esta doação confirmada por D. Manuel em 1496 e 1516—e por D. João III em 1523, —exceptuando a villa de Pereira, que passou para a corôa em troca dos disimos novos de Buarcos e de Monte-Mór o Velho.

VILLA NOVA DA BARCA — freguezia do concelho e comarca de Monte-Mor o Velho, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago Nossa Senhora da Conceição,—fogos 152,—habitantes 460,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o proprio administrador do concelho,—pois o ultimo recenseamento official (1878) deu-lhe 149 fogos e 507 almas.

Em 1708 era curato da apresentação da mitra, contava apenas 80 fogos—e pertencia ao termo e concelho de Monte-Mór o Velho, comarca de Coimbra.

Em 1768 era curato da apresentação do prior de S. Miguel de Monte-Mór o Velho, —rendia para o cura 15$000 réis, afóra o pé d'altar—e contava 142 fogos, segundo se lê no *Portugal S. e Profano.*

Em 1840 pertencia ao concelho d'*Abrunheira*, que pelo decreto de 7 d'outubro de 1844 passou a denominar-se *Verride*. Depois, sendo extincto este concelho por decreto de 31 de dezembro de 1853, foi transferida esta parochia para o concelho de Monte-Mór o Velho.

Ainda hoje é curato.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes—*Villa Nova da Barca*, séde da parochia, Marujal, Caixeira, (parte) e Laranjeira—o casal de S. João—e as quintas de *Marujal*, da viscondessa de Maiorca,—*Boa-Vista*, da viscondessa da Ponte da Barca,—*Vigia*, de Antonio Ferreira de Mattos—e *Cardosas*, do visconde da Bahia.

A aldeia de *Villa Nova da Barca* está em um pequeno monte na margem esquerda do Mondego, do qual dista 1 1/2 kilometro,—6 de Monte-Mór o Velho,—8 da estação de Formoselha, na linha ferrea do norte,—24 de Coimbra,—143 do Porto—e 210 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Villa Nova d'Anços, Afarellos, Brunhoz e Samuel, no concelho de Soure,—e Verride no de Monte-Mór.

Tem já construida uma estrada municipal da povoação da Caixeira a Verride—e anda em construcção um lanço da estrada districtal n.º 60 A de Lares a Formoselha, o qual atravessa toda a freguezia.

—

A egreja matriz é templo muito antigo;—tem varias sepulturas com inscripções — e, porque ameaçava ruina, foi reconstruida em 1884.

Tem duas capellas publicas, hoje pertencentes á junta de parochia, uma de Nossa Senhora da Conceição, para a qual se transferiu o Santissimo Sacramento durante as obras da matriz,—outra de S. João—e a particular, de *Santa Leocadia*, na aldeia do Marujal, pertencente á viscondessa de Maiorca. A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Nossa Senhora do Rosario, no primeiro domingo de Maio, com grande romaria.

Em outros tempos viveram aqui muitas familias nobres, das quaes restam ainda differentes casas apalaçadas, taes são as dos Napoles, Athaides, Mellos, Cardosos e da Telhada, todas em ruinas com o peso dos seculos e com a ausencia dos seus donos.

—

Em um largo de Villa Nova da Barca se vê uma columna de pedra, encimada por uma pequena cruz. O povo chama a esta lapide *pelourinho,* mas não nos consta que esta povoação fosse villa.

Esta parochia é banhada a N. pelo Mondego *Velho* (dizem os apontamentos que recebi) e a leste pelo rio Soure, que nos limites d'esta parochia não tem pontes, nem move fabricas, moinhos ou azenhas.

Producções dominantes — cereaes, vinho, azeite, fructas e arroz; pelo que é na estiagem cruelmente açoutada pelas febres paludosas, — graças aos *benemeritos* exploradores, dos malditos *arrosaes,*—a maior praga que pesa sobre os districtos de Coimbra e Leiria, desde o meiado de ultimo seculo.

Por ser muito lucrativa a agricultura, tem attingido extraordinario desenvolvimento nos ultimos annos n'esta parochia e nas circumvisinhas.

Rem, rem, quomodo cumque rem—dizia o satirico romano.

Como a coisa rende (dizem os nossos cultivadores dos arrosaes) *pouco nos importa que o povo clame e grite,—que viva ou morra—ou que o leve o diabo!*

Ao inferno almas tão vis, o seu nome á execração!

Esta freguezia não tem aula alguma official, nem sequer d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino!...

Com vista á camara de Monte Mor o Velho.

Consta que teem apparecido aqui em differentes datas moedas muito antigas.

Esta parochia foi completamente saqueada pelos francezes, durante a guerra peninsular.

—

Ao ex.mo sr. administrador d'este concelho de Monte Mór agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me por intermedio dos ex.mos srs. governadores civis de Coimbra e do Porto, aos quaes igualmente beijo as mãos agradecido.

VILLA NOVA DA BARONIA—villa e freguezia do concelho d'Alvito, comarca de Cuba, districto e bispado de Beja, na provincia do Alemtejo.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção,—fogos 300,—habitantes 1:220,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho.

O censo de 1878 deu-lhe 276 fogos e 967 almas.

Em 1708 esta freguezia denominava-se *Villa Nova d'Alvito,*—era séde de concelho com casa de camara, cadeia, pelourinho e justiças proprias,—2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 tabelliães do judicial e notas, 1 alcaide, e uma companhia de ordenanças,—e contava 550 fogos!...

Em 1768 contava apenas 189!...

Perdeu pois 361 fogos em 60 annos, por que uma medonha epidemia pesou cruelmente sobre ella,—dizem os meus apontamentos.

Ainda hoje em quaesquer escavações se encontram nos seus quintaes alicerces das habitações que ficaram desertas.

Bem medonha e horrorosa foi por certo a tal epidemia!...

—

Foram senhores donatarios d'esta villa e seu concelho os condes-barões d'Alvito, mas o seu parocho (reitor) era da apresentação da mitra ou dos arcebispos d'Evora—e tinha de rendimento apenas 40$000 réis, afóra o pé d'altar que, antes da grande epidemia, foi muito importante.

Note-se que esta freguezia até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ecclesiasticamente ao arcebispado d'Evora. Judicialmente pertenceu outr'ora á comarca de Beja. Administrativamente, quando foi extincto o concelho de Villa Nova da Baronia, passou esta parochia para o concelho d'Alvito;—extincto este concelho, por decreto de 23 de dezembro de 1873, esta freguezia, com as outras que o formavam, passou para o concelho de Cuba,—mas, restaurado o concelho d'Alvito, voltou para elle e hoje é formado sómente por esta parochia e pela d'Alvito, séde do concelho, ambas da comarca de Cuba, judicialmente.

—

Esta parochia é formada pela villa do seu

nome, povoação ainda hoje importante, pois comprehende cerca de 230 fogos,—e pelas *hortas* e *herdades* seguintes, todas habitadas:

Herdades: a de *S. Brissos*, pertencente ao dr. Borges, d'Alcaçovas, com 1 fogo,—a do *Miradouro* e a do *Sobral*, pertencentes a Francisco Manuel Fragoso, tambem d'Alcaçovas, com 4 fogos,—a do *Pego do Couto*, pertencente aos filhos de José Augusto Fragoso, tambem de Alcaçovas, com 1 fogo,—a dos *Marmellos* e a de *Faimais*, pertencente á casa pia de Vianna do Alemtejo, com 2 fogos,—a das *Amorciras*, pertencente ao dr. Ramalho, d'Evora, com 1 fogo,—as de *Cabreiros, Cadema* e *Horta Grande*, pertencentes aos Cabraes, de Vianna do Alemtejo, com 3 fogos,—a dos *Albardeiros*, pertencente a José Leonardo, de Vianna do Alemtejo, com 1 fogo,—as de *Vallongo, Outeiro* e *Minas*, a Luiz Ignacio de Paiva, de Alcaçovas, com 2 fogos,—a de *Rio Secco*, pertencente á baroneza de Mesquita, com 1 fogo,—as das *Pedras*, e das *Barras de Cima* e *Barras de Baixo*, pertencentes aos herdeiros de Thiago da Silva Monteiro, d'Evora, com 3 fogos,—as do *Azinhal, Patas, Fontes* e *Ayres*, pertencentes a Manuel Nunes Serrão, de Villa Nova da Baronia, com 3 fogos,—a de *Covas Ruivas*, pertencente ao marquez d'Alvito, com 1 fogo,—a de *Santa Agueda Velha*, pertencente a José Maria de Carvalho e Costa, de Lisboa, com 1 fogo, — as de *Bolorina* e *Freixieira*, pertencentes a José Maria Parreira Capas, de Villa Ruiva, com 2 fogos,—a de *Maria Pires*, pertencente a João Thiago da Silva Monteiro, d'Evora, com 1 fogo,—a de *Galas*, pertencente a Antonio Isidoro de Sousa, de Vianna do Alemtejo, com 1 fogo, —a do *Zambujal*, pertencente a Pedro José Limpo Toscano, d'Alvito, com 1 fogo,—as de *Telheiros* e *Vendas*, pertencentes a João Antonio Martins Morom, de Vianna do Alemtejo, com 2 fogos,—a de *Monte Conde*, pertencente ao visconde da Serra de Tourega, d'Evora, com 2 fogos,—e a de *Monte-Barão* pertencente a D. Maria Rita Rosado Perdigão, d'Evora, com 2 fogos.

—

Comprehende tambem as hortas seguintes:—a da *Lameira*, pertencente aos herdeiros de José Filippe, de Villa Nova da Baronia, com 2 fogos,—a de *Privanes*, pertencente a Gertrudes Maria, tambem d'esta parochia, com 1 fogo,—a de *S. Neutel*, pertencente ao conde da Esperança, de Cuba, com 1 fogo,—a da *Fonte da Rata*, pertencente a Francisco Gonçalves Godinho, d'Alvito, com 1 fogo,—a de *Freixo da Cruz*, pertencente a Manuel Nunes Serrão, d'esta villa, com 1 fogo,—a *Horta a Baixo*, pertencente a Domingos José Fialho, d'esta villa, com 1 fogo,—e a *Hortinha*, pertencente a Manuel Valerio, tambem d'esta villa, com 1 fogo.

Comprehende ainda as herdades de *Albardeiros, Ayres, Amoreira, Cabreiros, Castello Ventoso, Freixieira, Monte Pires, Toscanos, Pego do Couto, Cavallinha* e *Conde* — e as hortas de *Fonte Coberta* e *Almoinhas*.

Tem mais na povoação, denominada *Aldeia de S. Neutel*, cerca de 3 kilometros ao sul da villa, 7 fogos,—8 a 10 na *Mina d'Ayres*, vivendo uns nas casas do dono da mina outros em choças ou cabanas, feitas de pedra solta e cobertas de junco e palha,—e alguns fogos tambem na estação do caminho de ferro.

Do exposto se vê que esta parochia, apesar de haver perdido cerca de *tres partes da sua população* com a medonha epidemia que pesou sobre ella no ultimo seculo—e de perder tambem posteriormente a sua autonomia como concelho, é uma freguezia muito importante, sendo para lamentar que a maior parte das suas numerosas herdades pertençam a estranhos, como vimos.

—

Parochias limitrophes—Torrão e Alcaçovas a O.—Alvito a E.—Vianna do Alemtejo a N.—e Odivellas a S.

Producções dominantes—azeite, cereaes, cortiça, laranjas, vinho e lã, pois cria bastante gado lanigero.

A séde da parochia está entre dois regatos que mais abaixo se juntam e formam a ribeira *Sobrena* ou de Villa Nova da Baronia, confluente da de Odivellas.

A ribeira de Villa Nova tem duas pontes de pedra,—uma denominada *ponte Carvalha*,

outra *ponte do Azinhal*, ambas insignificantes e muito estreitas.

Um dos ribeiros que desagua na ribeira de Villa Nova denomina-se *Ribeiro das Passadeiras* e tem uma ponte denominada *Ponte do Tabellião*, tambem de pedra e muito acanhada.

Banha tambem esta parochia o ribeiro de *Santo Antonio*, que desagua na ribeira de Odivellas e tem uma ponte como as antecedentes.

Movem estas ribeiras 3 moinhos--e ha n'esta parochia mais 3 movidos pelo vento.

—

Tem esta freguezia estação propria na linha ferrea do sul,—denominada estação de *Villa Nova*, e é a 13.ª partindo de Lisboa.

A séde da parochia dista cerca de 500 metros da sua estação,—8 kilometros e 500 metros [1] da de Alvito, séde do concelho,—20 kilometros e 500 metros da de Cuba, séde da comarca,—37 kilometros e 500 metros de Beja,—43 kilometros e 500 metros d'Evora,—127 de Lisboa,—464 do Porto—e 594 de Valença do Minho.

Atravessa uma parte d'esta parochia a estrada districtal n.º 115, do Torrão a Portel, tocando na estação d'esta villa.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se a 2 egrejas,—a matriz e a da Mizericordia—e a 4 capellas, todas publicas.

A egreja matriz é um templo não muito antigo, mas vasto, elegante e sem contestação um dos melhores da provincia. Pela sua amplidão bem revela que esta freguezia já foi muito mais populosa.

É toda exteriormente revestida de *columnas* (talvez *gigantes* para contraforte das paredes) que se elevam acima do telhado e terminam em ponta de lança, dando ao todo agradavel perspectiva.

Interiormente é digna de especial menção a tribuna do altar-mór, precioso e valioso retabulo de talha dourada com soberbas columnas torcidas, cobertas de ramos de videiras, cachos e seraphins, tudo em alto relevo.

A egreja da Mizericordia é mais antiga e mais pequena, mas tambem muito elegante, imitando no estylo a egreja matriz.

Tem sobre o arco cruzeiro a data 1613 que ou se refere á sua construcção ou restauração.

—

As capellas são as seguintes:

1.ª—S. *Neutel*, a mais antiga de todas, em estylo manoelino, obra de muito preço e digna de attenção.

Está no centro da *Aldeia de S. Neutel*, á qual deu o nome,—e foi do municipio.

Teve outr'ora grande romagem, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, [1] mas ha muito que essa romagem terminou

2.ª—*Nossa Senhora da Conceição*,—templo pequeno e simples, forrado interiormente d'azulejo.

Demora na praça da villa e julgamos ser a capella da *Senhora da Assumpção*, mencionada na *Chorographia Portugueza*.

3.ª—*S. Sebastião*, sem ornato algum e tambem mencionada por Carvalho, em 1708.

Está hoje dentro do cemiterio da villa.

4.ª—*Santo Antonio*, tambem muito simples e com alpendre ou galilé á porta.

Carvalho não a menciona, mas em vez d'ella menciona uma ermida de S. Pedro, que não encontro nos meus apontamentos.

Ha hoje n'esta parochia apenas uma romaria, na dominga *in Albis*,—é a de Santa Agueda, a que o povo chama *festa* e *romaria do leite*, porque todos os lavradores, desde eras remotas, costumam offerecer a Santa Agueda n'aquelle dia o leite dos seus rebanhos, que é vendido aos romeiros á porta da ermida de *S. Neutel*.

Foi outr'ora muito concorrida esta romagem (suppomos ser a mencionada na *Chorographia Portugueza*, como *romaria de S.*

---

[1] Em 1708 contavam apenas meia legua, d'Alvito a esta parochia.

Muito grandes eram as leguas n'aquelle tempo!

[1] Diz tambem a *Chorographia Portugueza* que esta ermida distava *um quarto de legua* da villa. Esse *quarto de legua* da hoje cerca de 3 kilometros!...

Neutel) mas hoje vae em pronunciada decadencia.

—

Houve tambem n'esta villa antigamente uma feira a 3 d'outubro, mas cessou ha muitos annos.

A *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista, copiando o *Diccionario abreviado* de J. A. d'Almeida, menciona como existente ainda a dicta feira e diz que dura 3 dias. Foi lapso.

Os edificios mais notaveis d'esta parochia na actualidade são a egreja matriz pela sua vastidão e elegancia—e a capellinha de S. Neutel pela sua antiguidade e pela sua architectura em estylo gothico florido.

Esta villa nunca foi fortificada, mas tem a pequena distancia um morro, denominado *castello*.

Não se veem ali hoje vestigios alguns de obras de defesa, mas é possivel que as tivesse em outros tempos.

Esta villa ainda conserva os paços do seu extincto concelho. N'elles funcciona uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Tambem esta parochia tem outra eschola official de instrucção primaria para o sexo feminino.

Conserva tambem ainda a sua antiga cadeia.

O pelourinho foi derrubado em certa noute e d'elle resta hoje apenas o pedestal, mas removido para um canto do largo onde se erguia e pompeou durante seculos.

—

Tem esta villa um largo, a que dão o nome de *Rocio da Fonte*, sem embellesamento algum,—e 2 praças, *nova* e *velha*, ambas muito acanhadas e sem embellesamento algum tambem.

As suas ruas principaes hoje são as seguintes:—*rua Nova, rua d'Evora, rua da Praça, rua Grande* e *rua dos Lagares*.

Ha n'esta freguezia hoje em exploração duas minas de ferro,—uma na herdade dos *Ayres* e outra na do *Zambujal*, ambas exploradas pelo cidadão inglez—Thomaz Jorge Elliatte. Alem d'estas, ha n'esta freguezia outras, mas simplesmente registradas.

Em 21 d'agosto de 1877, por exemplo, registrou na camara d'Alvito uma de ferro e outros metaes, M. Gonçalves d'Azevedo Caruço, que descobriu na herdade dos *Albardeiros*,—e em outubro de 1881, José Duarte Alves pediu ao governo o diploma de descobridor legal d'outra mina de ferro no sitio do *Monte do Conde*.

—

Ha nos limites d'esta parochia dois serros denominados *Outeirões das Barras*, cobertos de espesso matto, coito e viveiro de javalis, pelo que ali se fazem grandes caçadas, tendo el-rei assistido a algumas d'ellas.

A unica associação de beneficencia que ha hoje aqui, depois da extincção da Misericordia d'esta villa e do seu hospital, é a junta de parochia. Em cumprimento de differentes legados e com o subsidio que recebe da camara de Beja, como senhora dos bens da extincta Misericordia, tem a seu cargo soccorrer os pobres com medicamentos e dietas. Nada mais resta do antigo hospital e da Misericordia d'esta villa, extinctos e transformados em patrimonio da Casa Pia de Beja.

Ha finalmente n'esta villa uma estalagem insignificante e unica na *Praça Nova*.

—

Em julho de 1874 falleceu n'esta villa, de fome e de miseria, um professor que deixou avultada fortuna á junta de parochia.

Encontrou-se grande porção de dinheiro nos forros de um immundo collete que trazia sempre vestido e com o qual morreu.

Na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, districto de Vizeu, onde já fomos parocho, de 1861 a 1863, conhecemos nós outro professor que podia fazer *pendant* com este.

Chamava-se *padre Sebastião*,—viveu sempre só em uma casa immunda, envolto em andrajos e *litteralmente coberto de bichos*, sendo proprietario e pertencente a uma das primeiras familias da localidade.

Falleceu velhissimo e por sua morte os herdeiros encontraram boa somma em luzentes peças de ouro, escondidas pelos recantos do immundo albergue,—alem das que lhe haviam roubado.

Deus lhe perdôe!

—

Segundo se lê nas *correcções* e *addicções* ao tomo II do *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, houve tambem n'esta parochia uma egreja de *Santa Agueda*, erecta no proprio local onde em tempos muito remotos existiu um templo de *Diana*, como affirmou e communicou a J. B. de Castro o rev. Fr. Francisco d'Oliveira, baseado em uma inscripção que ali encontrou e que fez collocar em 1761 no frontispicio da *nova* casa do despacho da Misericordia da mesma villa.

Não sabemos se ainda lá se encontra.

Este Fr. Francisco d'Oliveira, frade dominico, natural de Beja, homem muito illustrado e profundo investigador, é muito nosso conhecido, e d'elle fallaremos detidamente no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos aos artigos *Beja* e *Cubá*.

—

No *Codice* n.º 104 da *Bibliotheca Municipal Portuense* se encontram os tres manuscriptos seguintes, todos muito interessantes:

1.º—*Dialogos* de Christovão Rabello de Macedo, escriptos em 1625 e que tratam das antiguidades de Beja.

A pedido nosso foram publicados, ha annos, em folhetins no *Bejense*, com o titulo de *Peregrinos de Beja*.

2.º—*Memorias da Villa do Alemtejo*.

Não teem data nem nome do auctor; mas julgo serem escriptas pelo mesmo Fr. Francisco d'Oliveira e d'ellas fiz um extracto que offereci ao meu antecessor e bom amigo Pinho Leal, para o artigo *Vianna do Alemtejo*. Veja-se este vol. 10.º pag. 322, col. 2.ª e seguintes.

3.º—»Memorias Historicas que do Logar de Cuba escreve no anno de 1742 Fr. Francisco de Oliveira, da ordem dos Pregadores.»

D'este ultimo trabalho existe no archivo da camara de Cuba hoje uma copia tirada por mim em 1883, a pedido do sr. dr. José dos Santos Pegas Cabrita, benemerito filho da mesma villa de Cuba.

—

A villa de que nos occupamos denominou-se *Villa Nova da Baronia* por fazer parte do grande senhorio dos *barões d'Alvito*.

Veja-se esta ultima palavra no vol. 1.º pag. 180, col. 2.ª e seguintes.

Tambem esta parochia se denominou *Villa Nova d'Alvito*, por ser fundada depois da de Alvito; comtudo, já existia no seculo XIV, pois no *foral velho*, dado por D. Diniz a Vianna do Alemtejo em 1313, lhe assignou por termo Alvito, *Villa Nova d'Alvito*, Villa Ruiva e Malcabron.

V. *Vianna do Alemtejo* n'este vol. 10.º pag. 322, col. 2.ª, e particularmente a pagina 323 col. 1.ª *in fine* e seguintes.

É mesmo anterior ao seculo XIV, pois lhe deu o primeiro foral o provincial da ordem da Trindade pelo foral de Santarem, por Carta, de 18 d'agosto de 1280. *Maço II de foraes antigos* n.º 2 e 3.

D. Manuel lhe deu tambem *foral novo* em Lisboa, no dia 20 de novembro de 1516.

Liv. de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 100 v. col. 1.ª.

—

No artigo *Alvito* se fez menção do convento de *Mujadarem* ou *Mongedarem* (*monges d'além*) convento benedictino do tempo dos godos, destruido pelos arabes e depois reedificado e dado aos franciscanos com o titulo de Nossa Senhora dos *Martyres*, em memoria dos monges n'elle martyrisados pelos mouros. [1]

Alguem diz que o velho convento de *Mongedarem* foi fundado por Santo Eleuterio (outros pretendem que o seu fundador foi S. *Lauteno*, monge francez) abbade do convento benedictino de S. Marcos junto á cidade de Espoleto, na Italia, fundador de varios conventos da mesma ordem na Hespanha. Pelo menos é fóra de duvida que Santo Eleuterio viveu e depois teve culto no convento de Mongedarem e que em uma das invasões dos mouros alguns fieis esconderam as imagens que ali se venera-

---

[1] O convento de *Mongedarem* era um dos que obedeciam ao de *S. Cucufate*, pelo que o prelado d'este se intitulava *Abbade dos Abbades*.

V. *Villa de Frades*.

vam, entre ellas a de Santo Eleuterio e a de Nossa Senhora dos *Ares*.

Esta ultima, passados seculos, appareceu no termo da villa de Vianna de Alemtejo, no local onde lhe erigiram e ainda hoje se vê o sanctuario da *Senhora dos Ares* ou d'*Ayres*, de que já se fez menção n'este vol. 10.º pag. 330, col. 1.ª e seguintes.

Por ser aquella imagem muito querida dos povos do Alemtejo lhe dedicaram outras ermidas; e d'estas e da dicta imagem tomaram e conservam o nome varios sitios e herdades d'esta freguezia de Villa Nova da Baronia, já indicados supra.

—

A imagem de *Santo Eleuterio* appareceu no termo d'esta parochia, precisamente no local onde lhe erigiram e se vê ainda hoje a capellinha de S. *Neutel*, na povoação d'este nome, ambas tambem já mencionadas, pois o vulgo com o andar dos tempos fez de Eleuterio *Neutel*—como de Cypriano *Cibrão*—de Eduardo *Duarte*,—de Jacob *Jaco, Jacques, Yago* e *Thiago*,—de Eulalia *Olaia* e *Ovaia*,—de Juliano *Julião* e *Gião*, — de Isidoro *Isidro* e *Cidro*,—de synagoga *esnoga*,—e de Magdalena *Madanella*, como ainda hoje teima em denominar uma freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, etc.

Com relação ao convento de *Mongedarem* e á capellinha de *S. Neutel* ou Eleuterio é muito digno de lêr-se o artigo publicado na *Benedictina Luzitana*, vol. 1.º pag. 448 e seguintes.

VILLA NOVA DA BARQUINHA—villa, freguezia e séde de concelho, districto de Santarem, provincia da Extremadura.

V. *Barquinha*, vol, 1.º pag. 337, col. 2.ª

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao mencionado artigo :

—

Tem hoje esta parochia 235 fogos e 980 habitantes—e já não pertence á comarca de Torres Novas, mas á da Gollegã.

Este concelho comprehende 4 freguezias, —tem de superficie em hectares 6:771,— fogos (pelo ultimo recenseamento de 1878) 871, —habitantes 3:675,—predios inscriptos na matriz 3:047.

A villa tem por brasão d'armas um escudo bipartido (em palla) orlado interiormente na parte inferior com duas palmas crusadas, atadas com uma fita azul e a legenda *Villa Nova da Barquinha* 1836. No quartel da direita um barco á véla—e no da esquerda uma oliveira, tendo no chão de cada lado uma infusa preta,—tudo em campo branco.

—

Freguezias limitrophes—Atalaia, Tancos, Asseiceira, S. Thiago de Torres Novas, Nossa Senhora da Conceição da Gollegã e Santa Maria do Pinheiro Grande, da Chamusca.

Partem d'esta parochia para Santarem a estrada districtal n.º 75 e para Coimbra a estrada real n.º 51.

A 1.ª está em via de construcção d'aqui para Abrantes.

A estação da *Barquinha* dista cerca de 400 metros d'esta villa.

Os templos d'esta parochia reduzem-se á sua egreja matriz, da invocação de Santo Antonio, recentemente construida, ainda em obras no interior,—e a uma capella de Nossa Senhora, muito antiga e já bastante arruinada, com um retabulo de talha de muito merecimento.

Tem esta villa uma feira annual no dia do seu padroeiro Santo Antonio, 13 de junho. Abunda em artigos commerciaes, madeiras de pinho e de castanho para construcções e vazilhame, coiros de boi e de bezerro cortidos, etc.

—

A rua principal d'esta villa é a da *Barca*; —tem um largo, o do *Caes Novo*,—um jardim publico, denominado *Jardim da 3.ª secção das obras do Tejo*,—uma *Alameda*, no largo das Amoreiras—e uma praça com o nome de *Praça do Commercio*.

Esta villa é banhada pelo Tejo, que tem aqui um bom caes para serviço dos muitos barcos que se empregam na navegação entre esta villa e Lisboa, a jusante — e entre esta villa e a de Alcantara (hespanhola) a montante—e portos intermediarios.

Tambem crusa sobre o Tejo uma barca de passagem entre o dicto caes, na margem direita do rio, e a povoação da Carregueira,

do concelho da Chamusca, na margem esquerda, atravessando tambem os ribeiros do Valle e do Arôz que passam n'aquella povoação e desaguam no Tejo.

As producções dominantes d'esta parochia são azeite e cereaes.

Esta villa soffreu muito em 1875 com a grande cheia do Tejo, que foi a maior d'este seculo ao sul do nosso paiz [1] e que inundou dois terços da povoação muitos dias, chegando a derrubar alguns predios.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar e complementar para o sexo masculino e outra elementar para o sexo feminino,—e uma hospedaria de Manuel Nunes da Silva, na Praça do Commercio.

N'esta villa e nos seus arrabaldes teem apparecido differentes moedas romanas e outras velharias.

—

Esta parochia foi creada por decreto de 2 de maio de 1838. Anteriormente era uma simples povoação da freguezia da Atalaya—e foi arvorada em séde de concelho por decreto de 2 de julho de 1839, fundindo-se n'este concelho os d'Atalaya, Tancos e Paio Pelle.

Esta villa é um centro commercial muito importante, principalmente nos artigos madeiras de differentes qualidades e cortiça, que exporta para Lisboa e outros pontos em grande quantidade, pelo rio e pela via ferrea.

Decahiu bastante com a inauguração da linha ferrea, mas volveu de novo á vida e hoje o seu estado é prospero e florescente.

VILLA NOVA DO CASAL—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda.

V. *Casal*, vol. 2.° pag. 142,—*Tazem* (a 1.ª) vol. 9.° pag. 521—e *Villa Nova de Tazem*, n'este 10.° vol.

VILLA NOVA DA CERVEIRA—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Valença, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Cypriano, outr'ora S. Cibrão, [1]—fogos 356,—habitantes 1:440.

Em 1706 contava 250 fogos,—era da comarca de Vianna,—tinha muita nobresa e voto em côrtes, com assento no banco 17,—juiz de fóra por creação de Filippe IV, em 1622 (anteriormente tinha 2 juizes, um nobre e outro plebeu)—3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 1 juiz da alfandega e outro da dizima, aprezentados pela casa de Bragança, 1 escrivão das cizas, 3 escrivães do judicial e notas, 1 contador, 1 distribuidor, 1 inquiridor e 1 meirinho, todos de nomeação regia—e 1 alcaide apresentado pelo visconde de Ponte de Lima, Alcaide mór d'esta villa, que apresentava tambem o parocho.

Tinha no concelho 4 companhias de ordenanças, servindo de capitão-mór a camara, na ausencia do alcaide-mór,—e na villa e praça 3 companhias de infanteria paga.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação,—rendia para o parocho 160$000 réis—e contava 212 fogos.

—

Comprehende alem da villa as povoações seguintes:—Córtes, [1] Feira do Gado, Veígas, Prado e Outeiro da Forca e outras mais pequenas.

Esta villa demora na margem esquerda do rio Minho, 15 kilometros a S. O. da Praça de Valença, 34 a N. N. E. de Vianna, séde do districto, 91 de Braga (pela via ferrea) 116 do Porto e 452 de Lisboa.

O concelho tem:

Superficie em hectares...........	8:048
Predios inscriptos na matriz	21:736
Fogos (pelo ultimo recenseamento).	3:041
Habitantes.......................	10:446
Freguezias......................	15

S. Cypriano na villa, ficando-lhe a N. E. Lobêlhe, Roboreda, Campos e Villa Meã;—a S. O. Loivo e Gondarem, todas estas

[1] Ao norte a cheia maior d'este seculo foi a de 1860.

[1] V. n'este diccionario os artigos *Cibraão* vol. 2.° pag. 298, col. 1.ª—e *Córtes*, no mesmo vol. pag. 391, col. 1.ª
Veja-se tambem o art. *Cibraão* no *Elucidario* de Viterbo.

confinando com o Minho;—Sôppo, Covas, Mentrestido e Gondar a S.;—Nogueira, Cornes, Candemil e Sapardos, a L.

—

O concelho é na maior parte accidentado e montanhoso—e se estende pelas fraldas do elevado monte de S. Paio.

A villa está em um sitio muito agradavel e pittoresco sobranceira ao Minho; atravessa-a a estrada-real n.º 23 (como dissemos a pag. 456 d'este volume) que vem de Vianna e Caminha, e segue para Valença e Melgaço pela margem esquerda do Minho.

Entra aquella estrada no concelho de Villa Nova da Cerveira, no começo da freguezia de Gondarem,—atravessa as freguezias de Loivo, Cerveira, Lobelhe, Reboreda, Campos e Villa Meã, todas d'este concelho—e continua atravez do concelho de Valença.

Alem d'esta estrada, córta tambem este concelho na mesma direcção e seguindo o mesmo traçado a linha ferrea do Minho, que passa na villa entre o caes e a capella de S. Sebastião e tem a sua estação a 500 metros da villa.

A camara projecta construir duas estradas municipaes cujos estudos já se acham feitos—uma ligando esta villa com a freguezia de Covas, passando nas freguezias de Loivo, Gondarem, e Sôppo;—a outra, partindo de Lovêlhe, onde entronca na estrada real n.º 23, corta as freguezias de Roboreda, Candemil, Gondar e Mentestido e vae até S. Martinho de Coura, no concelho d'este nome.

—

A egreja matriz era um templo muito antigo, de uma só nave e com um excellente retabulo, tambem antigo de talha dourada. Um furioso vendaval derrubou parte d'este edificio na manhã de 2 de janeiro de 1877, poupando apenas a capella mór; acha-se porem já reconstruida com 3 naves e 2 torres ainda incompletas, por falta de meios.

Ha tambem na villa a egreja da Misericordia dentro da cidadella, junto ao hospital da Santa Casa,—e as capellas de *Nossa Senhora da Ajuda*, á entrada do Castello,—de *S. Sebastião*, junto ao cáes, com um bom retabulo antigo,—e a do *Anjo da Guarda*, todas publicas,—e 4 particulares:—a de *S. Gonçalo*, com boa obra de talha, pertencente a José Augusto Pereira Pinto Maldonado,—a de *S. Pedro de Rates*,—a de *S. Roque*, e a de *Santo Antonio de Lourido*, na quinta e casa do mesmo nome, pertencente hoje a Francisco Pereira Sanches de Castro[1].

—

Tem esta villa duas feiras mensaes muito importantes, nos dias 3 e 16. São das melhores do Alto Minho.

O castello mandado fazer por D. Diniz, ainda se conserva, mas já em ruinas, bem como as suas velhas torres, exceptuando a denominada dos *Mouros*, que foi demolida ha annos para alargamento da rua do *Arrabalde*. As torres e muros da praça ainda se conservam em pé, mas os quarteis estão em misero estado.

Dentro do Castello se levantam—a egreja da Misericordia, os paços do concelho e a cadeia da villa, em más condições.

Foi esta villa praça de guerra, cercada por muros e fossos, mandados fazer em 1660 por ordem do governador das armas d'esta provincia, D. Diogo de Lima, 9.º visconde de Villa Nova da Cerveira. Por carta de lei de 22 de março de 1875 foi a camara d'esta villa auctorisada para apear aquelles muros desde as portas de Vianna até á da Campanha, comprehendendo o lanço que circumdava á villa pelo sul, para que a povoação podesse estender-se para aquelle lado, desafrontando a rua do *Arrabalde* e aproveitando-se o local para a feira e passeio publico. A parte restante dos muros está em poder de particulares.

—

No anno de 1321, no dia 1.º d'outubro, foi dado a esta villa foral por D. Diniz, seu fundador.

Veja-se o *Liv. IV de Doações do sr. Rei*

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Córtes*, vol. 2.º pag. 391 col. 1.ª

[1] Carvalho menciona tambem uma capella de *Nossa Senhora da Encarnação* e outra do *Espirito Santo*, alem das 7 mencionadas supra.

D. Diniz, fl. 91, v. col. 2.ª—Gaveta 15, Maço 3, n.º 12—e o *Liv. III dos bens dos proprios d'El-Rei*, fl. 164.

D. Manuel lhe deu *foral novo* em Lisboa, no dia 20 d'outubro de 1512.

Liv. de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 21, col. 1.ª

Veja-se tambem a *Minuta* para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 11, n.º 23.

O foral de D. Diniz lhe concedeu muitos privilegios,—couto para 7 criminosos, feira franca em S. Paio, isenção de direitos para tudo o que importasse da Galliza ou exportasse para ali, eleição livre dos vereadores e juiz ordinario, terça dos dizimos para conservação do castello, etc.

No alto do monte de S. Paio, nos limites d'esta villa, houve um convento de religiosos franciscanos, instituido por fr. Gonçalo Marinho nos fins do seculo XIV. Está hoje em ruinas e pertence aos herdeiros de Manuel José de Faría Pereira.

Tem a villa duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos—e uma associação de soccorros mutuos denominada *Montepio Cerveirense de Nossa Senhora da Boa Nova*, com estatutos approvados em 1876.

—

Ha n'este concelho uma mina de carvão de pedra, chumbo e outros mineraes, simplesmente registada.

O melhor edificio da villa é a casa que foi da nobre familia Castros, do Côvo, hoje representada pelo conde de Côvo.

Ergue-se aquelle edificio no Terreiro da villa;—conserva ainda o brasão dos seus antigos senhores, mas hoje pertence a José Augusto Pereira Pinto Maldonado, filho do fallecido dr. José Narciso Barbosa Pereira Pinto.

—

Da freguezia de Gondarem, d'este concelho, eram naturaes Manuel Marinho Falcão, ministro da justiça no tempo d'el-rei D, João VI,—e o desembargador João Manuel Guerreiro d'Amorim, conselheiro da fazenda, n'aquella mesma epoca.

Lembramo-nos de um litterato distincto e homem de grande virtude natural de Villa Nova da Cerveira e citado por Innocencio, *Fr. Bernardo de S. Miguel*, monge de Cister, companheiro de Fr. Antonio das Chagas nas missões d'este varão apostolico.

Nasceu pelos annos de 1634 n'esta villa e falleceu em 1697 no convento d'Alcobaça.

Escreveu o *Espelho da rasão, amor acertado*... Lisboa, 1690, 8.º de 388 pag.

O auctor hombrea com os mais cultos da sua epoca, mas, como o seu livro não anda no Catalogo da Academia, não gosa de estimação alguma e corre por baixo preço!...

Citaremos ainda dois grandes litteratos que, posto não fossem filhos d'esta villa, d'ella foram arcediagos:

1.º—*Francisco Ferreira Barreto*, presbytero secular e dr. em theologia.

Nasceu em Lisboa em 1554,—falleceu em 1610—e escreveu e publicou varios sermões muito estimados ainda hoje.

2.º—*Francisco Vellasco de Gouveia*,—dr. e lente de canones na Universidade de Coimbra, arcediago de Villa Nova da Cerveira e desembargador dos aggravos na Casa da Supplicação, natural de Lisboa, onde falleceu em 1659, contando cerca de 80 annos de edade.

É auctor de varias obras de muito merecimento, indicadas por Innocencio.

—

Ha n'esta freguezia e n'este concelho muitas quintas importantes.

Indiquemos as principaes:

1.ª—A de *Lobêlhe*, na freguezia d'este nome. Foi dos jesuitas e pertenceu a um hospicio que estes padres ali tiveram;—hoje é dos filhos de João Antonio da Rocha Pereira.

V. *Lobêlhe*, vol. 4.º pag. 432—e *Sôpo* vol. 9.º pag. 424 e 425, onde já se fallou d'esta rica propriedade.

2.ª—*Agua Branca*, n'aquella mesma freguezia. Pertence hoje a Luiz de Caldas Osores Sottomaior.

3.ª—*Penafiel*, na freguezia de Reboreda, solar dos *Reboredas*, com uma torre brazonada.

Foi da familia Pereira da Cunha, de Vianna, que a emprasou ao seu actual possuidor Francisco Pereira Sanches de Castro.

V. *Reborêda*, vol. 8.° pag. 68.

4.ª—A *Quinta*, assim denominada, na freguezia de Cóvas, propriedade dos Pittas, de Caminha, hoje muito dignamente reprezentados pelo sr. João Filippe Menezes Pitta.

5.ª—*Louceira* na freguezia de Gondarem, com casas e capella brasonadas, pertencente a Francisco de Sousa Cadaval.

V. *Gondarem*, vol. 3.° pag. 301.

6.ª—Da *Torre*, na freguezia de *Loivo*. É brasonada;—pertenceu a uma illustre familia hoje extincta,—e é actualmente de João Manuel Pereira dos Santos.

V. *Loivo*, vol. 4.° pag. 434, col. 1.ª

7.ª—Das *Laranjeiras*, mesmo na villa.

É brazonada e pertence a D. Rosa Josefa Pereira da Cunha e Castro.

—

As armas d'esta villa são um veado ou *cervo* da sua côr, em campo verde sustentando o veado nas pontas um escudo com as quinas portuguezas, sem os castellos.

Estas armas alludem ao primitivo local d'esta villa, denominado *Cervaria*, por ser então deserto e abundarem n'elle veados. Segundo esta opinião *Villa Nova da Cerveira* quer dizer Villa Nova da *Cervaria* ou dos veados;—outros porem se inclinam a crer que o titulo de *Cerveira* lhe provem do seu primeiro senhor, João Nunes de Cerveira, que teve o seu solar por aquelles sitios, no tempo de D. Sancho II. Os que se inclinam a esta ultima opinião escrevem *Villa Nova de Cerveira* e não *Villa Nova da Cerveira*, como nós escrevemos e *geralmente* e *officialmente* se escreve. São questões de pouca monta.

Ha n'esta villa um Club ou Assembléa para distracção dos seus socios.

O forte de Lobêlhe, ou do *Azevedo*, é ainda do estado e tem alguma importancia estrategica.

No dia 25 de setembro de 1643 vieram os hespanhoes atacar Villa Nova da Cerveira, mas foram repellidos pelos portuguezes, capitaneados por Manuel de Sousa d'Abreu.

Defronte d'esta villa está em terreno hespanhol, na margem direita do Minho, o forte da *Barca de Goyão*, que fazia *pendant* com as fortificações portuguezas da margem opposta, como a praça de Tuy se oppunha á nossa de Valença, a de Monte Rei á nossa de Chaves, a da Conceição á nossa d'Almeida, a de Badajoz á nossa d'Elvas, a de Ayamonte á nossa de Castro Marim, etc.

Em 25 de novembro de 1876 pesou sobre este concelho, nomeadamente sobre a freguezia de Covas, um medonho vendaval, causando prejuizos enormes, como já dissemos no vol. 9.° art. *Seixas*, pag. 84, col. 2.ª—vol. 8.° art. *Riba d'Ancora*, pag. 168, col. 1.ª—e n'este vol. 10.° art. *Venade*, pag. 276, col. 2.ª

—

Por carta de D. Affonso V, passada em Touro, a 4 de março de 1476, foi feito visconde de Villa Nova da Cerveira D. Leonel de Lima, fidalgo de boa linhagem, alcaide mór de Ponte de Lima, senhor da villa dos Arcos de Val de Vez e d'outras muitas terras.

Era filho 2.° de Fernão Eannes de Lima (fidalgo a quem D. João I doou Val de Vez e outras terras) e de sua mulher D. Theresa da Silva, filha de João Gomes da Silva, alferes mór do reino.

D. Leonel de Lima foi o 1.° visconde que houve em Portugal, pelo que os seus descendentes com orgulho se intitulavam *Primeiros viscondes de Portugal*.

Casou com D. Filippá da Cunha e foi seu 3.° neto o 5.° visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Francisco de Lima, no qual terminou a varonia de tão illustre familia, porque tendo casado com D. Brites de Alcaçova, filha do 1.° conde da Idanha, succedeu-lhes sua filha D. Ignez de Lima, que casou com Luiz de Brito e Nogueira, senhor dos morgados de Santo Estevam de Beja e S. Lourenço de Lisboa, entrando por este casamento na casa dos *primeiros viscondes* a varonia dos Britos.

Seu filho D. Lourenço de Lima Brito e Nogueira recusou o titulo de conde, para não se perder a memoria de terem sido os seus ascendentes os *primeiros viscondes de Portugal*; foi-lhe porem concedida por carta de 19 de dezembro de 1623 a prerogativa de *grandeza*, de que usam os nossos condes.

—

Casou D. Lourenço de Lima com D. Luiza

de Tavora e tiveram muitos filhos, dos quaes o primogenito foi o 1.º conde dos Arcos. O 6.º filho, D. Diogo de Lima, succedeu no viscondado de Villa Nova da Cerveira e casou com D. Joanna de Vasconcellos e Menezes, senhora de Mafra e Soalhães.

Conservou-se em seus descendentes a varonia dos Britos atè que sua bisneta D. Maria Xavier de Lima e Hohenloe adveiu ao viscondado, desposando em 1720 Thomaz da Silva Telles, filho do 2.º marquez d'Alegrete, entrando assim na casa dos *primeiros viscondes* outra varonia, a dos Telles da Silva.

Foi seu filho e herdeiro D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva, que ao titulo de visconde de Villa Nova da Cerveira juntou o de marquez de Ponte de Lima, por carta de 17 de dezembro de 1790.

Foi um dos homens mais notaveis do seu tempo: secretario d'estado dos negocios do reino e da fazenda, da junta do commercio, presidente da Academia Real das Sciencias, etc., e casou com D. Eugenia Maria Josefa de Bragança, filha dos 4.ºˢ marquezes d'Alegrete, seus parentes.

Acha-se alliada tambem esta illustre geração aos marquezes de Nisa, Abrantes e Castello Melhor—e aos condes de Ficalho e Obidos, etc.

Seu filho D. Lourenço foi o 1.º conde de Mafra e o primogenito, D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira e Vasconcellos Telles da Silva, foi visconde de Villa Nova da Cerveira, não chegando a ser agraciado com o marquezado de Ponte de Lima, por fallecer antes de seu pae. Casou em 1777 com D. Maria José d'Assis Mascarenhas, filha dos 3.ºˢ condes d'Obidos, de quem teve uma filha, e um filho que foi

—

D. Thomaz José Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira e marquez de Ponte de Lima, por successão a seu avô, sendo assim o 2.º marquez d'este titulo.

Casou em 1804 com D. Helena José d'Assis Mascarenhas, filha dos 4.ºˢ condes d'Obidos e d'este consorcio nasceram os filhos seguintes:

— D. José Maria Xavier de Lima e Vasconcellos Brito e Nogueira Telles da Silva, que nasceu em 1807 e falleceu sem geração em dezembro de 1877.

Foi elle o 17.º e ultimo visconde de Villa Nova da Cerveira, 3.º marquez e alcaide-mór de Ponte de Lima.

V. vol. 7.º pag. 176 e 183.

Soldado valente e de animo generoso, viu desabar a sua grande fortuna, soffrendo stoicamente os incommodos da pobreza, desprezando honras e empregos.

Aqui terminamos a genealogia dos viscondes de *Villa Nova da Cerveira.*

— D. Maria Xavier, fallecida tambem sem geração.

— D. João Xavier de Lima.

Falleceu em 1878, sem geração tambem.

— D. Anna Xavier de Lima.

Foi a ultima vergontea de tão nobre familia e falleceu em Lisboa, no dia 3 de fevereiro do corrente anno (1885) tambem sem geração.

— D. Helena Luiza Xavier de Lima, marqueza de Castello Melhor pelo seu casamento com o 4.º marquez Antonio de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Faro e Veiga. D'estes é filha a actual marqueza de Castello Melhor D. Helena do Santissimo Sacramento Maria Josefa Francisca d'Assis Anna de Vasconcellos de Sousa Ximenes, hoje viuva de D. Manuel Maria Ximenes d'Azevedo, de quem teve filhos, vivendo porem actualmente um só,—D. Helena do Santissimo Sacramento, nascida em 1871.

—

De D. Helena Luiza Xavier de Lima e de D. Antonio de Vasconcellos, 4.ºˢ marquezes de Castello Melhor, nasceram 4 filhos dos quaes sómente 2 deixaram successão.

— D. Helena do Santissimo Sacramento, 6.ª marqueza de Castello Melhor em 1879, por fallecimento de João de Vasconcellos, seu irmão e 5.º marquez, sendo já viuva de D. Manuel Ximenes, de quem teve os filhos seguintes:

— D. Helena do Santissimo Sacramento, mencionada supra, nascida em 1871;
— D. Miguel e
— D. Antonio, fallecidos de tenra idade.

— D. João de Vasconcellos, nascido em 1841, já mencionado.

Foi 5.° marquez de Castello Melhor e falleceu em Lisboa no dia 11 de janeiro de 1878, perfilhando no seu testamento

— D. Maria da Puresa, que nasceu a 28 de abril de 1877.

—

Do exposto se vê que a casa dos *primeiros viscondes* cahiu na de Castello Melhor e se acha representada, como esta, pela filha de D. João de Vasconcellos, D. Maria da Pureza, e por sua tia paterna D. Helena do Santissimo Sacramento, actual marqueza de Castello Melhor.

—

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira não eram senhores da villa que, por alvará de D. João II, foi sempre da corôa;—tiveram sómente d'ella o titulo e o padroado da egreja matriz.

—

As producções principaes d'esta parochia e d'este concelho são—milho, trigo, centeio, feijões, hortaliças, castanhas, fructas, hervagens, vinho verde, excellente mel e muito linho, do melhor da provincia.

Tambem criam muito gado de differentes especies e teem abundancia de caça grossa e miuda e de peixe do Minho e do mar, principalmente de salmões, saveis e lampreias, constituindo os salmões uma especialidade distincta e um rendoso artigo d'exportação, pois vão d'aqui *em grande quantidade* para todo o nosso paiz e para a Hespanha.

Para se formar idéa da importancia d'este artigo, veja-se o que sobre o assumpto já dissemos no vol. 9.° pag. 84, col. 1.ª e 2.ª

A maré chega até esta villa e ainda passa um pouco acima d'ella.

—

Falleceu ha poucos annos em S. Pedro da Torre o venerando Diniz Ferraz d'Araujo, abbade d'aquella freguezia, mas natural d'esta, onde nasceu em 1790!

Contava pois mais de 90 annos de idade.

Era muito caritativo;—perdeu completamente a vista alguns annos antes de fallecer, mas vivia resignado com a sua sorte e mesmo apparentemente satisfeito, costumando dizer sorrindo que *por sua morte não haveria demandas por causa da herança.* Dava tudo aos pobres.

V. *S. Pedro da Torre*, vol. 9.° pag. 12, col. 2.ª

Tambem já falleceu (em janeiro do corrente anno) o rev. dr. José Gomes Martins, conego e chanceller em Braga, de quem se fallou n'aquelle artigo e que foi meu condiscipulo na Universidade e sempre muito meu amigo.

Era considerado por pessoas competentissimas o primeiro theologo de Portugal?!...

Deus o tenha na gloria.

—

Em tempos muito remotos houve no termo de Villa Nova da Cerveira 2 conventos de freiras da ordem de S. Bento, ha muito extinctos, unindo-se as suas rendas ao de Sant'Anna de Vianna do Castello.

Referimo-nos aos conventos de *Santa Maria de Valbôa*, e *Santa Marinha de Loivo.*

O 1.° estava junto do rio Minho e d'elle parece fallar o conde D. Pedro no seu *Nobiliario*, tit. 58, fallando dos *Silvas*, pois faz menção de Soeiro Gonçalves, filho de Gonçalo Pires, de *Belmir* (antigo couto no arcebispado de Braga) um dos cavalleiros que se acharam com el-rei D. Fernando, o *santo*, no cerco de Sevilha pelos annos de Christo 1248,—e diz que Soeiro Gonçalves teve uma filha, por nome D. Urraca Soares, que foi abbadessa de Valbôa.

É mais terminante o *Registro de Valença*, pois n'elle se lê que no anno do Senhor 1444 Ignez Barbosa *foi confirmada abbadessa do mosteiro de Santa Maria de Valbôa, da ordem de S. Bento.*

Benedict. Lusit. vol. 2.° pag. 97.

—

O 2.º convento estava na freguezia de *Loivo* e parece que a primitiva egreja matriz d'esta parochia foi a mesma das freiras.

D'este antiquissimo convento diz o citado *Registro de Valença*:

«Em novembro do anno do Senhor 1487, na cidade do Porto, dentro nos Paços Episcopaes, onde pouza o sr. Bispo de Ceuta D. Justo Balduino, confirmou em Abbadeça do Mosteiro de S. Marinha de Loivo da ordem de S. Bento a Brites de Sousa...»

V. no art. *Valença do Minho,* a col. 1.ª da pag. 117, n'este vol. 10.º—no vol. 4.º pag. 434, col. 1.ª o art. *Loivo*—e a *Benedict. Luzit.* no logar citado.

Parece que o convento de Santa Maria de Valbôa esteve na freguezia de Villa Meã, solar antigo dos Valbôas, da qual foi transferido para a de *Loivo,* ambas d'este concelho de Villa Nova da Cerveira,—e que no principio do seculo XVI foi unido ao de *Sant'Anna,* de Vianna. Deixaram então estas religiosas o habito de S. Francisco e tomaram o benedictino.

V. vol. 2.º pag. 75. col. 2.ª e vol. 10.º pag. 441 e 442.

—

O concelho de Villa Nova da Cerveira estava comprehendido no condado d'entre o Minho e Lima, segundo a divisão feita no seculo XI por D. Fernando o *Magno,* rei de Leão e Castella.

V. *Romarigães.*

—

Ao ex.^mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA NOVA DE CONSTANCIA—ou simplesmente *Constancia*—outr'ora e ainda hoje *Punhete,* — villa, freguezia e séde de concelho, comarca d'Abrantes, districto de Santarem, bispado de Portalegre, provincia da Extremadura.

Orago S. Julião. Priorado.

V. *Constancia,* vol. 2.º pag. 380, col. 1.ª onde já se fallou d'esta parochia e por isso apenas accrescentaremos o seguinte:

Esta villa demora em um local muito pittoresco, alegre e vistoso, precisamente na confluencia do Zezere com o Tejo, na margem direita d'este e na esquerda d'aquelle, na estrada real d'Abrantes para Santarem, 2 kilometros ao norte e montante da linha ferrea de leste, da estação da Praia e da ponte sobre o Tejo, do qual se descobre perfeitamente a villa toda e nós a vimos já por vezes, afastando-nos d'ella sempre com saudade e com vivo desejo de a visitarmos expressamente.

—

A villa reveste parte da encosta, mas desce até á praia, onde tem um caes importante, de muito movimento ainda hoje e maior ainda antes da construcção da linha ferrea.

A parte baixa d'está formosa e alegre villa soffreu sempre muito com as inundações por occasião das cheias dos dois grandes rios que a banham. Tornaram-se tristemente memoraveis n'esta villa e nas margens do Tejo as inundações de 1872 e de 1876, pois foi esta ultima a maior ao sul do nosso paiz n'este seculo, emquanto que ao norte do nosso paiz as aguas attingiram muito maior altura em dezembro de 1860.

Em uma das cheias a agua chegou a entrar na egreja matriz d'esta villa, pelo que se removeu o Santissimo Sacramento em uma bateira.

—

Comprehende alem da villa as povoações de Santa Barbara, Santo Antonio, Charneca, e Moinho de Vento;—as quintas de S. Vicente, Santa Barbara, Cruz, Trombeiro, S. João, Areias, Alegria e Lameira;—as habitações isoladas de Horta do Zezere, Val Escuro, Almegue, Larião, Escorrega, Pinhal, Couto, Pedras da Quinta; — e os sitios de Preanes, Pinhal e Capareira.

Carvalho menciona a quinta de Santa Barbara, nome que tomou de uma capella da mesma invocação, e diz que era n'esse tempo (1708) do desembargador João Pinheiro. Menciona tambem uma ermida de *Santo Antonio d'Entre as Vinhas,* ao sul do Tejo, talvez na povoação actual de Santo Antonio, e diz que a imagem do padroeiro da tal capella foi a 2.ª feita em Portugal—e de *pederneira,*—imagem de grande devoção e roma-

rias, tanto que o ermitão era nomeado ou apresentado pela camara da villa.

Menciona tambem Carvalho as ermidas de Sant'Anna, S. Pedro, S. João e a egreja de Nossa Senhora dos Martyres, ao tempo ainda incompleta e situada na chã de um monte com alegre e dilatada vista para todas as partes.

Tambem teve e não sabemos se ainda hoje tem casa de Mizericordia e hospital.

—

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, é do bispado de Portalegre.

Em 1708 contava 350 fogos, mas pelo ultimo recenseamento (1878) contava 305 fogos e 1:187 habitantes. Não sabemos o motivo porque baixou tanto a sua população!...

Tem este concelho ainda hoje apenas 3 freguezias — Constancia ou Villa Nova de Constancia,—Mont'Alvo e Santa Margarida da Coutada,—fogos (total) 724,—habitantes 2:912,—superficie em hectares 8:304,—predios inscriptos na matriz 2:250.

Diz M. Leitão d'Andrade (*Miscellanea*, dialogo XIX pag. 574) que esta villa foi denominada pelos romanos *Pugna-Tegi* e que o dicto nome com o tempo perdêra a ultima syllaba ficando *Pugnate*, depois *Punhête*.

Diz o mesmo Leitão d'Andrade que el-rei D. Sebastião a fez villa a pedido de Simão Gomes, o *sapateiro santo*, natural do Marmeleiro, junto a Thomar, referindo-se ao que se lê na vida do dito Simão Gomes, pelo padre Manuel da Veiga; mas Carvalho diz que aquelle soberano a fez villa em attenção aos serviços que lhe prestaram 40 homens filhos d'ella, acompanhando-o com seus criados e cavallos, quando em 1574 foi pela primeira vez á Africa, como consta de uma provisão do mesmo rei que se conserva no cartorio da camara.

—

Entre as pessoas notaveis de que esta villa foi berço, merecem especial menção as seguintes:

—*Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa*—do concelho de S. Magestade, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da Torre e Espada e de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha, official maior graduado da secretaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, deputado ás côrtes em varias legislaturas, etc.

Viveu no 2.º e 3.º quartel d'este seculo, mas ignoramos a data do seu nascimento e fallecimento.

Publicou uma *Memoria sobre a allocução do S.ᵐᵒ Padre Pio IX no Consistorio Secreto de 17 de Fevereiro de 1851*. Lisboa, 1851, 8.º gr. de 24 pag.

—*Fr. Damazo da Apresentação*, franciscano da provincia de Santo Antonio e n'ella por duas vezes *Custodio*, exercendo anterior e posteriormente outros cargos de distincção.

Nasceu n'esta villa em 1577 e falleceu em Lisboa em 1642.

É auctor da *Obrigação do Frade menor*... 1.ª edição 1627, por Antonio Alvares,—2.ª por Pedro Ferreira, Lisboa, 1727.

D'esta obra diz o diccionario de Innocencio: «É estimada entre os livros asceticos pela correcção e propriedade da linguagem, com estylo adequado aos assumptos de que tracta.»

VILLA NOVA DA ERRA—villa e freguezia do concelho de Coruche, comarca de Benavente, districto de Santarem. Orago S. Matheus. Priorado.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao patriarchado,—mas desde 1882 pertence ao arcebispado de Evora.

Em 1708 contava 200 fogos—e pelo ultimo recenseamento apenas 160 com 621 habitantes.

Baixou consideravelmente a sua população, talvez por causa das epidemias que teem pesado sobre ella, provenientes da sua agua potavel, que é pessima, e da má visinhança dos brejos e paues que tem nas margens da ribeira da *Erra*, que lhe dá o nome e fertilisa os seus vastos campos, mas que torna o seu clima *pouco saudavel*.

Tem feira annual na 1.ª oitava da Paschoa.

Gaspar Barreiros diz que esta povoação foi a antiga *Aritium Praetorium* dos roma-

nos,[1] indicada no *Itinerario d'Antonino Pio*, entre Lisboa e Merida.

—

Alem da villa comprehende os casaes seguintes :—Mourão, Alegrete, Retiro, Farinheira, Paul, Moinho do Lagar, Acipreste, Corredoura, Juncal, Feixe, Concelhos, Barrancosas, Bicas, Cortiçada, Cascalheira, Montinho da Vinha, Horta do Telheiro, Marateca da Pereira, Val Vidro, Val Mosteiro, Varje ou Varzea d'Agua, Catarroeira, Moinho do Couto, Moinho do Alves, Pé da Erra e as quintas de Montinho, Barbas e Maia.

V. *Erra*, vol. 3.º pag. 48, col. 2.ª

VILLA NOVA DE FAMALICÃO — villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago Santo Adrião—fogos 460, —habitantes 1:915.

Em 1706 contava apenas 100 fogos,—era abbadia da apresentação da mitra,—rendia para o seu parocho 200$000 réis,—tinha como orago Santa Maria Magdalena,—pertencia á grande comarca de Barcellos,—era séde do julgado de Vermoim,—tinha um simples juiz *pedaneo* (anteriormente era *ordinario*) que julgava sem appellação até á somma de 400 réis, eleito pelo povo sob a presidencia do ouvidor de Barcellos;—um escrivão sem notas, — um almotacé, — um meirinho,—feira franca de 15 em 15 dias, e uma d'anno, de bestas e gados, no dia de S. Miguel, 29 de setembro.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—tinha tambem como orago Santa Maria Magdalena;—rendia para o seu parocho 240$000 réis—e contava 156 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, já contava 284 fogos;—em 1878 o ultimo recenseamento deu-lhe 386 fogos e 1:793 habitantes;—hoje (1885) segundo os nossos apontamentos, conta, como já dissemos, 460 fogos e 1:915 habitantes—e a sua população tende a ir muito mais longe, porque o estado actual d'esta formosa villa é prospero e florescente ; ha porem quem diga que a linha ferrea a prejudicou.

É certo que, antes da construcção da linha ferrea lhe dava muita vida o extraordinario movimento de viandantes, diligencias, carros e trens do toda a ordem que, noite e dia, cruzavam incessantemente na rua central, a rua Formosa, por onde passava a importantissima estrada real do Porto para Braga, — para toda a provincia do Minho — e para a Galliza.

Antes da construcção da linha ferrea havia mais movimento na dicta *estrada-rua* em um mez do que agora em um anno.

—

Situada em ampla, mas vistosa, mimosa e fertil planicie, embora um pouco funda, cercada de bellos campos orlados d'arvoredo e sempre cobertos de luxuriosa vegetação como toda a provincia do Minho, tão justamente denominada—*jardim de Portugal* — o seu chão era completamente despovoado e deserto quando el rei D. Sancho I, *o povoador*, tentado pela belleza e amplidão do sitio e pela sua vantajosa situação no meio da provincia do Minho entre as cidades do Porto e Braga e cortado por uma estrada importantissima desde o tempo dos romanos, se determinou a povoal-o.

Com esse intuito, no anno XX do seu reinado, no dia 1 de julho de 1205, deu *foral*[1] aos que haviam de povoar o *seu reguengo de Villa Nova de Famalicão*, segundo se lê em *Viterbo*, na palavra *Feira*.

Entre outras graças e privilegios conce-

---

[1] V. *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Emilio Hubner, pag 96, na traducção da Academia—e o interessante, mas *muito cego e conciso* trabalho do dr. Levy Maria Jordão — *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, pag. 360, col. 2.ª e pag. 144, onde sob o n.º 320 se encontra uma inscripção enorme, relativa á velha cidade *Aritium*.

[1] Que nós saibamos, foi este o 1.º e *unico* foral d'esta villa, mencionado por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Estranhamos que D. Manuel lhe não desse *foral novo* e que Franklin nem faça menção do de D. Sancho I.

O seu *foral novo*, (se foral póde dizer-se) foi-lhe dado pela rainha, a sr.ª D. Maria II, em 22 de julho de 1841, elevando-a á cathegoria de villa — ou permittindo-lhe que se chamasse *Villa Nova de Famalicão*, nome de que sempre usára!...

deu D. Sancho aos futuros povoadores d'este seu reguengo uma feira quinzenal aos domingos e a mesma taxa das portagens que pagavam os de S. Pedro de Rates, etc., pois no dicto foral se lê o seguinte:

Mando etiam, ut faciatis feiram in Dominico die, de XV in XV diebus, et detis Portagium, quomodo dant in S. Petro de Ratis. Et omnes, qui venerint ad illam feiram quidquid ibi fecerint de Calumpnia in illo die, non sint pignorati, vel retenti.

Livro dos *Foraes velhos.*

Em vulgar é o seguinte:

«E mando que façaes ahi feira aos domingos, de 15 em 15 dias, e que pagueis de portagem o mesmo que se paga em S. Pedro de Rates. E todos os que vierem á dicta feira não poderão ser presos n'aquelle dia por qualquer crime que n'ella commettam.»

D'este grande privilegio ou *franquia* lhe proveiu o nome de *feira franca.*

—

Em vista não só d'aquelles privilegios e franquias, mas da belleza do local e da sua vantajosa situação topographica, parece que a população ali devia desinvolver-se rapidamente; mas não succedeu assim, pois, segundo dizem o padre Carvalho na *Chorographia Portugueza,* (vol. 1.º, pag. 324)—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco* (vol. 4.º pag. 298)—e o meu illustrado e mallogrado collega Domingos Joaquim Pereira, abbade do Louro, na sua interessante *Memoria Historica* de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão (pag. 211) esta villa era ainda um *ermo despovoado,* quando em 1298 a 1578 um vendeiro, por nome *Famelião,* aqui montou uma *venda,* que foi a 1.ª casa e o 1.º estabelecimento do dicto logar e por consequencia o nucleo d'esta formosa villa que da mencionada venda, denominada *Venda Nova de Famelião,* tomou o nome de *Villa Nova de Famalicão.*

Diz ainda o abbade do Louro que em vez de *Famalicão* deve escrever-se *Famelicão,* porque o nome do tal vendeiro, 1.º povoador d'esta villa, era *Famelião* e não *Famalião.*

Tambem se lê *Famelião* no citado artigo do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa e na *Chorographia Portugueza;* mas eu (salvo o respeito devido a tão illustrados auctores) escreverei *Famalicão* pelas considerações seguintes:

1.ª—Porque, se houvessemos de seguir o rigor etymologico, deveriamos dizer Villa Nova de *Famelião,* pois o pretendido fundador ou povoador era (dizem) *Famelião* e não *Famelicão;*

2.ª—Porque vemos dar *geralmente* e *officialmente* o nome de *Famalicão,* não só a esta villa, mas a outras muitas povoações do nosso paiz.

3.ª—Porque duvido da existencia do tal vendeiro e do facto a que se allude, pois não vejo citar outra auctoridade alem da do padre Carvalho, que para mim não faz fé.

Bem podia succeder que lhe *impingissem* a lenda do Famelião, como lhe *impingiram* outras muitas.

4.ª—Porque não citam documento algum em que se leia *Famelião*—nem eu até hoje encontrei tal nome.

5.ª—Porque, em geral, n'isto de etymologias *tot capita, tot sententiae!*

A de *Villa Nova de Famalicão* está muito comesinha,—graças ao padre Carvalho ou a quem o brindou com ella; mas eu não posso acceital-a, pois temos no nosso paiz outras muitas povoações, todas muito distantes e com o mesmo nome de *Famalicão,* v. g. *Famalicão,* tambem villa, no concelho da Guarda, ao sul da Serra da Estrella,—*Famalicão* freguezia do concelho d'Alcobaça, na Extremadura,—*Famalicão,* aldeia da freguezia de Moure, no concelho de Felgueiras,—*Famalicão,* aldeia da freguezia dos Arcos, no concelho da Anadia,—*Famalicão de Baixo* e *Famalicão de Cima,* aldeias da freguezia de *Famalicão,* no concelho d'Alcobaça,—*Famalicão,* aldeia da freguezia de Córtes, no concelho de Leiria,—e *Famalicão,* quinta ou casal da freguezia de Samuel, no concelho de Soure.

É provavel que todas estas villas, freguezias e aldeias com o mesmo *mesmissimo* nome de *Famalicão* tenham a mesma etymologia; mas poderá crer-se que todas fossem occupadas e povoadas pelo triste vendeiro *Famelião*?

Póde tambem crer-se que houvesse no nosso paiz em tempo algum tantos homens com o nome de *Famelião* e que tivessem a ventura de fundar tantas povoações?

Não creio.

—

Volvendo ainda á *lenda* do padre Carvalho, diz elle—e com elle o abbade do Louro e o meu presado amigo e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa,—que o tal vendeiro Famelião casou com uma mulher de appellido *Motta*, criada dos condes de Barcellos, e que a dicta sr.ª *Motta* plantara um carvalho no sitio que ainda hoje se chama *Carvalho da Motta*.

Accrescenta o abbade do Louro que aquelle sitio se chamava o *Terreiro* e que posteriormente se denominou *Praça da Motta*, para commemorar e perpetuar o nome da mulher do 1.º povoador d'esta villa, o que acha justissimo, pois (diz elle) se Famelião é o Adão de Villa Nova, Motta é a sua Eva.

Fiat voluntas tua.

Mas passemos adiante, porque estamos a gastar tempo com questões *lanae caprinae*. *Villa Nova de Famalicão* não necessita de taes lendas para ser, como de facto é, uma villa das mais formosas e mais interessantes do nosso paiz na actualidade.

—

Demora na importantissima estrada real a macadam do Porto a Braga, Barcellos, Vianna, Caminha e Valença,—estrada que a corta pelo centro e que é com pequenas variantes a antiga estrada romana de *Bracara Augusta* a *Cale* (hoje Porto) indicada no roteiro de Antonino Pio.

Passa tambem hoje n'esta villa, a O. a linha ferrea do Minho, que lhe deu *estação propria*, distante da villa pouco mais de 1 kilometro,—e é *terminus* da linha ferrea de via reduzida, do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão, devendo seguir pelas proximidades de Guimarães até Chaves, como dissemos no artigo *Vias Ferreas*. Vide.

Servem-na tambem e ao seu vasto concelho outras muitas estradas a macadam.

Ora, se as vias de communicação, como é obvio a todos, são as arterias das povoações, pelo exposto póde calcular-se a vida d'esta.

Note-se tambem que, ha muitos annos, esta villa e este concelho teem dado um forte contingente de emigrados para o Brazil, d'onde teem regressado e continuam a regressar muitos com avultadas fortunas, aos quaes, como bons filhos que não esquecem a sua terra natal, *o que mnito os nobilita e recommenda*, se deve em grande parte a prosperidade d'esta formosa villa e muitos dos melhores edificios que a povoam.

—

É banhada ao nascente pelo ribeiro de S. Thiago d'Antas—e ao poente pelo do Vinhal; —ambos se juntam no sitio dos *Vargos*, freguezia de S. João do Calendario, e desaguam na margem direita do rio Ave, no sitio da *Bogueira de Lousado*, um pouco a jusante da ponte da *Lagoncinha*, com 6 a 7 kilometros de curso.

Villa Nova de Famalicão dista 1:500 metros da sua estação na linha ferrea do Minho, —6 kil. do rio Ave,—20 de Barcellos,—22 de Braga,—23 de Guimarães,—29 da Povoa de Varzim,—32 de Villa do Conde, 34 do Porto,—50 de Vianna do Castello,—98 de Valença do Minho,—129 da Regoa—e 371 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Louro, Gavião, S. Thiago d'Antas, S. João do Calendario e Brufe.

Comprehende alem da villa as aldeias ou povoações seguintes:—Cruz Velha, Santo Adrião, Poço, Fornello, Pinheirinho, Painçaes, Pereiras, Mões, Ribeira, Poido, Sinções e Louredo de Baixo; as quintas de Vinhal Eira, Salgueiro e Sinções; — os casaes de Mões (antigamente *Mós*) e Serrões (antigamente *Serós*)—os sitios da Bandeira e Bandeirinha;—a estação propria da villa na linha ferrea do Minho—e a estação *terminus* (entroncamento) da linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão.

—

Póde dizer-se que esta villa data de 1205, ou do anno em que D. Sancho I lhe deu foral;—mas, segundo a lenda do tal Famelião, a sua 1.ª casa foi feita pelos annos de 1298

a 1578, como diz o abbade do Louro, o que nós não acreditamos.

Tendo-lhe dado D. Sancho I foral com tantos privilegios, como já dissemos, e concedido *feiras francas* de 15 em 15 dias,—feiras que n'aquelles tempos tinham uma importancia immensa e eram grandes focos de vida;—estando alem d'isso em chão mimoso e fertil, que se prestava admiravelmente para toda a sorte de construcções e cortado a meio por uma das estradas mais importantes do nosso paiz, — *era naturalmente impossivel* que ao lado do campo das suas grandes feiras se não levantasse edificio algum, nem sequer *uma simples venda* ou estalagem, e que o seu chão se conservasse completamente *deserto* e *despovoado* durante *noventa e tres* a *tresentos setenta e tres annos*!

É porem fóra de duvida que nos principios d'este seculo não contava 200 fogos e que ainda em 1835 era uma povoação pequena e triste.

Todo o seu progresso e toda a sua florescencia datam de 1836 e particularmente desde que se fez a nova estrada a macadam do Porto a Braga, que não só lhe insufflou muita vida, mas lhe deu a sua 1.ª rua,—a *estrada-rua* central, por justos titulos denominada *Rua Formosa*, que immediatamente se vestiu de predios elegantes, alguns muito luxuosos, dando á villa a bellesa e regularidade que lhe faltavam. E a esta rua accresceram logo as ruas de *Santo Antonio, Municipal* e *da Ponte* — e por ultimo a *Estrada-rua da Estação*, denominada *Avenida do Barão da Trovisqueira*, que valem muito mais do que toda a villa velha.

—

Até 1835 as ruas, campos, largos, terreiros e praças d'esta villa eram os seguintes: *Rua da Egreja*, apenas o principio ou uma pequena parte da nova rua de *Santo Antonio*, indo do poente para o nascente; — o *Terreiro*, hoje *Praça da Motta*;—o *Beco das Larangeiras*;—a *Rua Direita*;—a *Viella dos Enchidos*;—o *Largo da Lapa*;—o *Largo da Cruz Velha*—e o *Campo da Feira*, que até 1841 era menos espaçoso do que hoje e tinha apenas algumas barracas de madeira, cobertas de colmo e sem alinhamento, destinadas aos feirantes, e algumas casas em volta.

Em toda a povoação não havia uma unica fonte de bica ou chafariz, mas apenas alguns póços, emquanto que hoje tem 2 chafarizes com boa agua potavel,—um junto da Praça da Motta, outro junto do Campo da Feira.

—

Tambem até 1835 apenas tinha feiras de 15 em 15 dias, ás quartas feiras, e duas annuaes e grandes em 8 de maio e 29 de setembro;—era a séde do extincto julgado de Vermoim;—tinha apenas o pequeno numero de funccionarios publicos indicados na *Chorographia Portugueza*, de que já fizemos menção no principio d'este artigo,—e era villa apenas *in nomine*.

Foi só em 22 de julho de 1841 que S. M. a rainha D. Maria II lhe deu nova carta de *Foral* (636 annos depois do seu *Foral velho* concedido por D. Sancho I) e a elevou á cathegoria de *villa*, concedendo aos seus habitantes todos os privilegios, honras, prerogativas e mais isempções das outras villas do reino.

Desde 1835 principiou a ter camara municipal, de que foi 1.º presidente o dr. Antonio Ribeiro de Queiroz Moreira, da nobre casa do *Vinhal*, hoje muito dignamente representada pelo sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto; [1]—depois teve arcypreste, administrador do concelho, juiz de direito, delegado com os seus respectivos escrivães e officiaes subalternos, contador, conservador, estação telegraphica, etc.

Foi seu 1.º juiz de direito o dr. Silverio da Silva e Castro, [2] da casa de *Villar*, de S. Thiago d'Antas, [3] nomeado em 1835, data da

---

[1] V. *Vinhal*.

[2] Foi tambem governador civil de Braga em 1846 e falleceu sendo juiz na Relação do Porto.

É hoje muito dignamente representado pelo sêu filho José da Silva e Castro, senhor da casa de *Villar*, e da de *Sinções*, onde rezide.

[3] É seu juiz de direito na actualidade o sr. dr. José Ferreira da Silva Fragateiro magistrado dignissimo e que foi anteriormente

creação d'este concelho e d'esta comarca,— e o primeiro administrador d'este concelho foi Francisco Jeronymo de Castro, da casa de Villa Bôa, na freguezia de Joanne.

Tambem logo em 1835 se principiaram a construir novos edificios, particulares e publicos, entre estes os novos paços do concelho,[1] em que se acham installados tambem o tribunal, a administração do concelho, a conservatoria e escrivania da fazenda.

—

Esta comarca de Villa Nova de Famalicão é de 1.ª classe, formada apenas pelo concelho do seu nome. Tem este:

Superficie em hectares...........	21:922
Predios inscriptos na matriz......	25:573
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	7:346
Almas	29:549
Freguezias......................	48

São as seguintes: Abbade de Vermoim, Antas, Arnoso do Mosteiro, orago o Salvador, Arnoso, orago Santa Eulalia, annexa á antecedente, Arnoso, orago Santa Maria, Avidos, Bairro, Bente, Brufe, Cabeçudos, Calendario, Carreira, Castellões, Cavallões, Cruz, Dellães, Esmeriz Fradellos, Gavião, Gondifellos, Jesufrei, Joanne, Lagôa, Landim, Lemenhe, Louro, Lousado, Mogege, Mouquim, Nine, Oliveira, Outiz, Pedome, Portella, Pousada, Requião, Riba d'Ave, Ribeirão, Ruivães, Seide, orago S. Miguel,— Seide, orago S. Paio, Sezures, Telhado, Valle, orago S. Cosme,—Valle, orago S. Martinho, Vermoim, Villa Nova de Famalicão e Villarinho.

No ultimo anno economico de 1884 a 1885 pagou este concelho:

Contribuição	predial........	17:512$136
»	industrial......	2:605$497
»	renda de casas e sumptuaria...	618$705
»	de juros.......	5:404$828
	Total..	26:141$166

Já vêem que é muito importante este concelho.

Note-se que na verba supra se incluem a dos *addicionaes* e a do sello.

—

Tem este concelho 3 juizes ordinarios,— 2 na villa e 1 na freguezia de Dellães,—e 5 circulos de juizes de paz,—um com a séde na villa; os outros nas freguezias de Fradellos, Oliveira, S. Cosme do Valle e Ruivães.

Os templos d'esta villa são os seguintes: —egreja parochial,—4 capellas publicas,— 2 particulares—e na aldeia de Santo Adrião a *pequena capella* d'este titulo, que foi a 1.ª matriz d'esta parochia.

A egreja matriz actual ergue-se ao nascente da *Praça da Motta*,—tem a fronteria voltada ao poente—e é um templo bastante espaçoso, mas muito irregular, com duas portas na fronteria e *duas naves* no interior!...

Expliquemos este aborto de architectura:

A primitiva egreja parochial era a de Santo Adrião, que ainda hoje existe, com a sua velha residencia e passal, cerca de um kilometro ao norte da villa.

No proprio local da nova matriz houve desde tempos muito remotos uma simples capella de *Santa Maria Magdalena*, que alguem suppõe ter sido tambem matriz, antes da matriz passar para a egreja de Santo Adrião, em 1522, pois diz a *Memoria* do abbade de Louro que em 31 de outubro de 1522 o arcebispo D. Rodrigo de Souza *annexou* á egreja de Santo Adrião a ermida de *Santa Maria Magdalena*.

Não comprehendemos bem isto.

Se a capella foi annexada á egreja de Santo Adrião em 1522,—ou era já matriz e deixou de o ser—ou pertencia a outra pa-

---

juiz em Pombal, Castello Branco, Regoa e Baião.

É primo do sr. dr. João Ferreira da Silva Fragateiro, muito digno secretario geral do governo civil de Vianna do Castello.

[1] Principiou a construcção dos novos paços do concelho em outubro de 1877 e terminou em junho de 1881.

Custaram 21:099$550 réis.

rochia; mas o abbade de Louro *nada diz a tal respeito!* [1]

—

Por seu turno a egreja de Santo Adrião deixou de ser matriz e foi arvorada em matriz a mencionada capella, não sabemos quando. O abbade de Louro (*Memoria* citada, pag. 322) diz que foi antes de 1540, o que nos parece pouco acceitavel, pois logo em seguida diz—que em 1583 a irmandade de S. Thiago, até então erecta na egreja de S. Thiago d'Antas, se mudou para a dicta capella, estabelecendo-se no altar do Archanjo S. Miguel, que já existia na mencionada capella, tomando a irmandade por essa occasião o titulo de *S. Miguel*, e que d'esta transferencia se lavrou escriptura publica em dezembro do dicto anno.

«Parece comtudo, que não se verificou logo a mudança da irmandade (continua a citada *Memoria*) porque por outra escriptura de 9 de março de 1586... foi pactuado e resolvido que, visto que a egreja de Santo Adrião estava apartada do logar de Villa Nova e que n'este haviam crescido os freguezes, de licença do prelado diocesano *se collocasse pia baptismal na ermida de Santa Maria Magdalena*... e que n'esta ermida se ordenasse a dita irmandade, no altar da ermida, da parte do norte; e que depois se alargaria mais a mesma ermida, e se faria uma sachristia e outras obras, etc.

Ora se em 1586 ainda *se não havia collocado pia baptismal* na capella de Santa Maria Magdalena, claramente se vê que ella ainda não era matriz n'aquella data. Como acreditar pois que ella já fosse matriz em 1540?

—

É certo que a matriz se mudou da capella de Santo Adrião para a mencionada ermida que posteriormente se ampliou e transformou na egreja actual, construindo-se o corpo e a fronteria e ficando a velha ermida servindo de capella-mór.

Havia tambem já em 1540 outra ermida no mesmo local, contigua e parallella á de Santa Maria Magdalena, da parte da epistola, ou do lado sul, que foi posta em communicação com a nova egreja por meio d'arcos abertos nas paredes divisorias e depois se prolongou tambem parallelamente até á fronteria da egreja, formando com ella um só todo. [1]

Correspondem, pois, ás duas portas da frente e as duas naves do interior ás duas antigas capellas.

Em 1702 e 1703 se fizeram os 2 córos das 2 naves e a torre dos sinos na do lado norte, correspondente á antiga capella de Santa Maria Magdalena.

N'aquella mesma data se prolongou a capella do Santissimo Sacramento e se harmonisou a sua fronteria com a da egreja.

—

A capella do Santissimo Sacramento foi feita em 1540 pelos habitantes d'esta freguezia de Villa Nova de Famalicão e das circumvizinhas, por iniciativa de Rodrigo Annes, ao lado da capella de Santa Maria Magdalena, *que poucos annos antes tinha passado a ser a Egreja parochial*—repete ainda a citada *Memoria*, pag. 234, o que mal se harmonisa com a lettra das citadas escripturas!

No mesmo anno de 1540 se constituiu a irmandade do Santissimo Sacramento e se fizeram os seus estatutos, que foram reformados e confirmados pelo Ordinario em 10 de junho de 1596—e addiccionados em 1659.

A esta irmandade concederam os romanos Pontifices muitas graças e indulgencias.

A egreja matriz com o addiccionamento da capella do Santissimo mede ao todo 10 metros de largura, 7^{m},70 d'altura e 28 de comprimento.

Tem 6 altares:—Senhora das Dores, Santissimo Sacramento, Senhora do Rosario,

[1] Os topicos relativos á matriz e oragos d'esta villa são *muito emmaranhados* e demandam investigações morosas, a que estamos procedendo.

No fim d'este artigo ou no *supplemento* a este diccionario informaremos os leitores.

[1] Entre a capella do Santissimo e a de Santa Maria Magdalena mediava o espaço em que se fez a nave do lado sul e que poz em communicação as duas capellas.

Archanjo S. Miguel, Chagas e Senhor *Ecce Homo.*

N'ella se fez *Laus Perenne* no 3.º domingo de cada mez, em cumprimento do legado de uma piedosa senhora e, desde 1882, se festeja com grande pompa e extraordinaria concorrencia o *Mez do Rosario.*

—

Ha hoje n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*S. Vicente,* no logar da *Bandeirinha.* Tem festa annual.

Foi esta ermida feita ha poucos annos.

2.ª—*A do cemiterio municipal.*

Ignoramos a sua invocação.

3.ª—*Nossa Senhora da Lapa,* no largo d'este nome, contigua ao *Hospital da Misericordia.*

O seu orago primitivo foi *S. Sebastião,* cuja imagem ainda ali hoje se venera.

É um templo espaçoso, rico em obra de talha, e extremamente limpo e aceado, — graças ás piedosas *Irmãs Hospitaleiras,* que d'elle cuidam e dos doentes do hospital.

N'esta capella se faz com grande pompa o *Mez de Maria.*

4.ª—*Santo Antonio,* no Campo da Feira, outr'ora logar da Granja, com grande festividade annual no dia 13 de junho.

O orago d'esta capella foi antigamente *Santo Ivo,* mas já em 1696 ali se venerava e venera ainda a imagem de Santo Antonio.

N'esta capella se instituiu a veneravel ordem 3.ª de S. Francisco, por zelo e devoção do rev. abbade d'esta villa, *Manuel Rebello de Souza,* natural da villa de Trevões, concelho e comarca da Pesqueira, districto de Vizeu, que em 1664 havia estado em Roma e falleceu em 1781, tendo renunciado em seu sobrinho, o rev. *Manuel Rebello de Sousa* tambem.

O 1.º commissario e visitador d'esta ordem 3.ª foi Fr. Manuel de S. Mauricio, religioso observante de Portugal, morador no convento dos Franciscanos de Villa do Conde.

Em 1707 esta ordem se desligou d'aquelle convento e passou a prestar obediencia ao do *Monte da Franqueira,* pertencente á provincia da Soledade, que lhe deu por commissario visitador *Fr. Placido de Villa Nova de Famalicão,* natural d'esta villa.

Cahindo em grande abatimento a dicta ordem, o abbade d'esta villa, dr. *Caetano José de Sousa Rebello,* sobrinho do ultimo *Manuel Rebello de Sousa,* se propoz restaural-a e para isso pediu novo commissario e vizitador ao provincial da santa e reformada provincia da Soledade, que do mesmo convento da Franqueira lhe mandou fr. André do Porto Silva e, sendo eleita nova meza em 1 de setembro de 1771, foi nomeado ministro o mesmo rev. e benemerito abbade, dr. Caetano José de Sousa Rebello, que muito fez prosperar a dicta ordem.

Em 1690 já ella tinha estatutos e actualmente se rege pelos de 24 de janeiro de 1797, confirmados pelo provincial da Soledade, *Fr. Antonio da Capinha,* morador no convento de Santo Antonio de Valle da Piedade, em Villa Nova de Gaya.

Usando todos os irmãos 3.ºs habito côr de saragoça, estes *por excepção* usam habito preto, porque era preto o habito dos frades franciscanos do convento de Villa do Conde, o 1.º a que prestaram obediencia.

Todas as mencionados capellas são publicas; mas ha ainda n'esta parochia mais 2 particulares, — uma de *Nossa Senhora do Carmo* pertencente á nobre casa e quinta do *Vinhal* (V. *Vinhal*) — e outra no logar do *Barreiro,* pertencente á casa das *Lameiras* e em lastimavel abandono!

—

Tem esta villa um bom cemiterio municipal, mas pessimamente situado no logar da *Segonheira,* cerca de 200 metros distante da egreja matriz, em terreno fundo, abafado e pantanoso!

Foi principiado em 1858 e concluido e benzido em 24 de novembro de 1867.

O 1.º cadaver que n'elle se enterrou foi o da sr.ª D. Adelia Ermelinda Ferreira de Mancio Franco. mulher de João Mancio da Silva Franco, no dia 27 do mesmo mez e anno.

Ha hoje n'elle dois bons mauzoleus,—um do barão de Joanne, outro da sr.ª D. Maria

Isabel da Costa Macedo Castello Branco,[1] esposa que foi de Nuno Castello Branco, filho do grande escriptor Camillo Castello Branco, *o solitario de S. Miguel de Seide*, freguezia d'este concelho, onde vive ha muitos annos, a 5 kilometros d'esta villa, para leste.

—

Não consta que esta villa tivesse em tempo algum pelourinho—nem ha n'ella vestigios de monumentos historicos. Apenas consta que na *Praça da Motta* tiveram os condes de Barcellos um edificio denominado *Paço* e *Casa do Foral*, com uma quinta annexa que depois emprasaram a Domingos Thomé da Fonseca e é hoje dos *Aguiares* de Santa Maria de Vermoim.

O velho edificio, hoje restaurado, ainda se conserva no mesmo local, ao sul do dicto campo.

Diz a *Chorographia Portugueza* que no mencionado edificio esteve uma columna dedicada ao Imperador Elio Trajano.

O dr. João de Barros tambem falla da mesma columna nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, dizendo que tinha 20 palmos d'altura e que era um marco milliario da estrada romana de Braga ao Porto, que por ali passava e que foi concertada no tempo d'aquelle imperador.

Segundo se lê em Argote (Liv. 2.º pag. 598) a dicta columna tinha a inscripção seguinte:

IMP. CAESARI TRAIANO
HADRIANO AUG. PONT.
MAX. TRIB. POT. CONS III
IMP V ABRACA A¦A. R.
M. P. VIII

Quer dizer: — *Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, consul tres vezes, imperador cinco.*

D'aqui a Braga são oito mil passos.

D'este marco ou *padrão* se vê que a dicta estrada se reedificou no tempo de Adriano; mas como a inscripção não diz quantas vezes já tinha sido tribuno, d'ella não póde saber-se em que anno se fizeram aquellas obras.

Diz a inscripção que Adriano tinha sido já 5 vezes imperador, mas Pagi, na *Critica a Baronio*, citando a Grutero, menciona outra inscripção dedicada a Adriano no ultimo anno do seu imperio e diz que só *duas vezes* foi acclamado imperador; pelo que ou a nossa inscripção está errada ou não foi bem copiada.

A sobredicta columna ainda em 1734 existia na adega das dictas casas, mas já toda picada e posta em esquadria tendo cada uma das faces cerca de 2 palmos de largura e as lettras já todas apagadas, exceptuando um pequeno espaço ainda redondo, em que se lia claramente TRAYANO. Ultimamente a possuidora actual das dictas casas, mandando fazer um muro, metteu nos alicerces o resto da pobre columna!...

—

Esta inscripção é a que sob o n.º 208 se encontra no *Portugalliae Inscriptiones Romanae* (pag. 87) do sr. dr. Levy Maria Jordão.

O dr. Hubner [1] diz: «Havia em Villa Nova de Famalicão, alem de alguns marcos truncados, o oitavo e o duodecimo de Adriano. Certamente os marcos d'esta estrada andam desencaminhados, por isso que em Santiago d'Antas se encontrou o decimo quarto de Caracalla.»

—

Esta villa, pelo facto de ser atravessada por uma estrada militar importante e de estar a meia distancia entre o Porto e Braga, soffreu sempre muito com os movimentos e aboletamentos de tropa em tempos de paz e mais ainda em tempos de guerra, nomeadamente n'este seculo por occasião da guerra peninsular e das guerras civis posteriores, mas em compensação a mesma estrada lhe deu sempre muita vida, principalmente depois que se macadamisou e se tornou viavel para diligencias e trens de toda a ordem, que ali tiveram sempre *descanço forçado*.

---

[1] Nasceu no dia 5 de maio de 1864 e falleceu no dia 30 de agosto de 1884, na freguezia de Villaça, concelho de Braga.

[1] *Noticias archeologicas de Portugal* (traducção da Academia) pag. 68.

«Achando-nos no Porto, — diz o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa no seu bello artigo publicado no *Archivo Pittoresco*, em 1861, —referiu-nos uma pessoa que acabava de chegar de Villa Nova de Famalicão, que vira e contára, em um dia d'esse mez, nas ruas d'esta villa, trinta e cinco carruagens publicas e particulares paradas ás portas das hospedarias.»

Não succede o mesmo depois que se inaugurou a linha ferrea do Minho e posteriormente a do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão, mas tambem já não é tão massacrada pela tropa—e das mencionadas linhas aufere muita vida tambem.

Sustenta bons mercados semanaes todas as quartas feiras,—nos dias 8 de maio e 29 de setembro duas feiras d'anno, das mais importantes da provincia,—e tres hospedarias na rua Formosa,—uma de Augusto Folhadella, denominada *Hotel Villanovense*, muito limpa e espaçosa, a melhor da villa, —outra de Leonardo José Rodrigues—e a da *Carolina*.

Ha tambem na mesma rua dois cafés e um no *Campo da Feira*. O melhor denomina-se *Gato d'ouro*;—outro tem o pomposo titulo de *Saldanha*.

N'estes cafés e em algumas casas particulares tambem ha sempre por occasião das grandes feiras jogo rijo de *monte e roleta*, em que se arruinam muitas familias, fazendo a auctoridade *vista grossa!*...

—

Para se formar idéa da vida que esta villa aufere das duas mencionadas linhas ferreas, note-se que o movimento da sua estação em 1884 foi o seguinte:

Bilhetes de 1.ª classe	1:324	1:078$815 rs.
» de 2.ª »	5:033	2:710$950 »
» de 3.ª »	22:847	7:354$800 »

Total — bilhetes 29:204—réis—11:144$565.

Mercadorias expedidas e chegadas á mesma estação, kilos...	1:086:777
Recovagens, kilos............	65:147
Bagagens, kilos............	40:000
Mercadorias manipuladas na dicta estação por trasbordo da linha da Povoa de Varzim para as do Minho e Douro, kilos...	1:735:203
Recovagens, kilos............	681:973
Bagagens, kilos..............	10:950
Mercadorias manipuladas na dicta estação por trasbordo das linhas do Minho e Douro para a da Povoa de Varzim, kilos..	1:613:505
Recovagens, kilos............	65:929
Bagagens, kilos..............	14:000

—

Tem esta villa hoje os seguintes edificios brasonados:

1.º—A casa da sr.ª D. Bernardina Brandão, na rua Direita.

Foi de uma familia nobre extincta e houve-a por compra o abbade d'esta villa José Joaquim Ferreira Brandão, tio da sua actual possuidora, que é prima em 6.º grau de Ignacio Teixeira Brandão de Vasconcellos, da Villa d'Arouca,—sendo este cavalheiro, por parte da sua bisavó materna,—D. Caetana Mathilde Aranha Brandão de Mendonça —parente do venerando arcebispo de Braga, *D. Fr. Caetano Brandão*, do qual existem ainda hoje mais parentes n'esta villa.

Em 5 de maio de 1852 hospedou-se n'esta casa a rainha D. Maria II, quando visitou as provincias do norte [1].

Adiante fallaremos d'esta e d'outras visitas da familia real.

2.º—A casa do fallecido barão de Joanne, no *Campo da Feira*. É hoje do seu filho dr. Bernardino Machado, lente cathedratico de philosophia na Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes, etc.

3.º—A casa da sr.ª D. Sophia Ferreira de Macedo na povoação das *Lameiras*, termo d'esta villa.

4.º—A casa do *Vinhal*, do sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto. Tem o brasão d'armas na frente da capella.

São estes os edificios brasonados, mas os mais notaveis são os seguintes:

---

[1] Frequentava eu então o 1.º anno theologico em Coimbra, onde S. M. se demorou dias e foi muito obsequiada.

Bom tempo era esse!...

1.º—O Hospital de S. João de Deus, no largo da Lapa.

2.º—O tribunal e paços do concelho, no alto da rua Formosa.

3.º—O elegante, espaçoso e sumptuoso palacete do barão da Trovisqueira, hoje absolutamente o 1.º edificio particular d'esta villa.

N'elle o seu proprietario deu hospedagem esplendida a el-rei o sr. D. Pedro V, em 29 d'agosto de 1861,—e a el-rei o sr. D. Luiz e a sua esposa a sr.ª D. Maria Pia, em 25 de novembro de 1863.

Demora este esvelto palacete na rua Formosa tambem.

Nos arrabaldes avultam:

4.º—A casa de *Sinções*, de José da Silva e Castro.

5.º—A casa do *Vinhal*, de José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto.

6.º—A casa de *Louredo*, de Francisco de Oliveira, contigua á estação da linha ferrea.

—

O *Hospital de S. João de Deus*, verdadeiro monumento de caridade e piedade, que muito honra e ennobrece Villa Nova de Famalicão, é um edificio elegante e espaçoso, muito vantajosamente situado no vistoso e pittoresco *Largo da Lapa*, defrontando com a estação da linha ferrea, da qual dista cerca de 1:500 metros, e vendo-se d'ella perfeitamente.

Foi fundado pela piedosa *Associação das Filhas de Maria* em 1869, por conselho e direcção dos ex.mos e rev.mos srs. D. João Rebello Cardoso de Menezes, hoje vigario geral do patriarchado e arcebispo de Mytilene, —e padre Carlos João Rademaker, ao tempo em missão n'esta villa ambos.

O commendador Antonio da Costa Faria, que Deus haja, cedeu gratuitamente a sua casa n.º 18, na rua Direita, onde provisoriamente installaram o novo hospital as piedosas Filhas de Maria e n'elle superintenderam até 22 de dezembro de 1870, data em que o entregaram a uma commissão administrativa, creada para dirigir e promover a construcção do novo edificio.

Entre aquellas piedosas senhoras merece especial menção D. Balbina do Patrocinio Corrêa da Costa.

Annos depois instituiu-se a *Irmandade da Misericordia*, cujo compromisso foi approvado em 2 de março de 1874 pelo conde de Margaride, ao tempo governador civil de Braga.

A 15 do dicto mez teve logar a 1.ª assembléa geral dos irmãos da nova Misericordia, na qual se elegeu a sua 1.ª mesa, saindo provedor Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, benemerito filho d'esta villa e grande bemfeitor da nascente instituição, — vice-provedor o rev. abbade d'esta villa, Domingos de Paula Pereira de Mesquita,—secretario Antonio Luiz Machado Guimarães,—thezoureiro José Constantino Pereira d'Azevedo,—vogaes: Antonio José Corrêa de Sousa, Manuel da Costa Freitas, Albino Joaquim Ferreira Tinoco, José Augusto de Carvalho e Sá e José Bernardino da Costa e Sá.

—

No dia 13 de julho do mesmo anno abriram os fundamentos para a construcção do novo hospital, junto á capella de Nossa Senhora da Lapa—e no dia 25 de outubro do mesmo anno lhe lançaram a pedra fundamental com grande pompa, assistindo o governador civil do districto, as auctoridades da villa, muitas pessoas gradas e grande multidão de curiosos.

Proseguiram as obras sem interrupção e no dia 27 d'outubro de 1878 se inaugurou solemnemente a abertura do novo hospital, mudando-se para elle os doentes que estavam na dicta casa n.º 17 da rua Direita.

Alem das auctoridades e pessoas principaes d'esta villa, honraram com a sua presença a grande festa os srs. conselheiro José Dias Ferreira, Pinheiro Chagas, visconde de Moreira de Rei e o dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, deputado por este circulo.

—

No dia 2 d'outubro de 1881 teve logar outra grande festa,—a da inauguração dos retratos dos dois cidadãos que mais se distinguiram entre os fundadores do novo hospital,—Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, 1.º provedor e o seu mais generoso bemfeitor [1],

[1] Havia este santo varão já fallecido em 21 de dezembro de 1880 e,—não satisfeito

—e José Constantino Pereira d'Azevedo, 1.º thesoureiro da irmandade.

Celebrou de pontifical,—*o primeiro de que ha memoria n'esta villa,*—o actual senhor arcebispo de Mytilene, com assistencia de numeroso clero, auctoridades da villa, grande concurso de fieis e muitas pessoas de distincção. Terminada a ceremonia religiosa seguiu-se a inauguração dos referidos retratos, em sessão solemne, descerrando a cortina s. ex.ª rev.ᵐᵃ o sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Mytilene, a convite do provedor José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto, dignissimo representante da nobre casa do *Vinhal*, que n'esse dia offereceu um *lauto banquete* a numerosos convidados e ás pessoas que tomaram parte em tão brilhante funcção.

—

O movimento clinico d'este hospital no ultimo anno economico de 1884 foi de 120 doentes.

Sahiram curados	86
» melhorados	13
» no mesmo estado	10
Falleceram	5
Ficaram em tratamento	6

O serviço das enfermarias, desde 31 de outubro de 1880, é desempenhado por *Irmãs Hospitaleiras*—com o maior zelo e caridade.

São 3 aquellas santas senhoras, que repartem entre si o serviço interno do hospital, sendo uma cosinheira, outra enfermeira e outra superiora, recebendo cada uma apenas 240 réis diarios para se alimentarem e vestirem.

Ha tambem no Hospital um enfermeiro.

A limpesa, o aceio, as alfaias e os paramentos que se notam na linda capella da Lapa, contigua ao hospital, tudo se deve á piedosa iniciativa das boas *Irmãs Hospitaleiras*, bem como importantes donativos em favor da capella e do hospital, constantes dos diversos relatorios.

—

A parte do novo *Hospital de S. João de Deus*, ou da *Misericordia*, já construida, custou 13:549$860 réis. [1]

Pelo relatorio de 1880 a 1881 se vê que no decurso de dez annos a excelsa virtude da caridade deu esmolas á Santa Casa no valor de réis 22:080$295!

Os fundos da referida Santa Casa, no fim do ultimo anno economico de 1884, eram 30:500$000 réis (valor nominal).

Dinheiro mutuado 2:081$910 (metalicos).

Com destino ás obras 2:000$000 em deposito a 4 p. c.

—

Ha n'este concelho grandes romarias. As principaes são:

1.ª—*Senhor dos Afflictos*, a 25 de julho, na freguezia de S. Thiago da Cruz, cerca de 2 kilometros ao norte d'esta villa.

Conta-se que o terreno, em que se erigiu o santuario, foi doado por um nobre senhor da casa de *Pindella*, (V. vol. 7.º pag. 25) em cumprimento d'um voto, *para que Deus o livrasse dos malhados* ou constitucionaes.

2.ª—*Senhora das Candeias*, a 2 de fevereiro, na freguezia de *Landim*, cerca de 5 kilometros ao nascente d'esta villa, com feira no largo fronteiro ao extincto convento dos cruzios, hoje propriedade de Antonio Vicente de Carvalho.

É um dos sitios mais povoados e mais pittorescos d'este concelho.

3.ª—*Senhora do Carmo*, no domingo immediato ao dia 16 de julho, na sua capella sita no monte *d'Agua Levada*, freguezia de Lemenhe.

4.ª—*Coração de Maria*, na parochia de Santa Maria de Lousado.

Esta festividade e romagem foram creadas recentemente e teem sido feitas á custa do visconde de S. Bento, *brazileiro millionario*, de Santo Thyrso, que despende por anno *contos de réis*, com as festas e roma-

---

com os relevantes serviços prestados á Santa Casa,—no seu testamento lhe legou a importante somma de dose contos de réis!...
Deus o tenha em bom logar.

[1] A parte restante demanda igual somma talvez, porque o risco é amplo e magestoso!

gens do seu concelho e dos concelhos circumvisinhos.

Ha annos assistimos nós á da Senhora das Dôres, na *Trofa*, em que elle foi juiz. Deu *oito bandas de musica*, sendo duas marciaes (uma do 9 de caçadores, do Porto, outra do 8 de infanteria, de Braga) e 300$000 réis só para o fogo preso e solto,—além d'espaventosa armação da capella e da egreja e de grande numero d'andores, os *maiores* que os meus olhos teem visto!

Ha muitos annos que ninguem n'esta provincia e em todo o nosso paiz despende tanto dinheiro com festas e romarias como o visconde de S. Bento!

5.ª—*Santo do Monte*, na freguezia do Louro, cerca de 3 kilometros ao poente d'esta villa.

A esta romagem concorrem sempre muitos valentões e desordeiros que, depois de embriagados, costumam distribuir *grossa pancadaria!*

—

Em outros tempos as grandes desordens eram parte integrante e a *mais interessante* dos grandes arraiaes. Por vezes até os proprios *administradores* dos concelhos se incumbiam d'aquelle pelouro e se *immortalisaram* a dar bordoada! Referimo-nos ao *celebre fidalgo* Chrystovam de Campos, de quem se fallou no vol. 9.º pag. 162, col. 2.ª

Veja-se tambem o vol. 5.º pag. 112, col. 1.ª—e vol. 2.º pag. 218.

Felizmente as taes *brincadeiras*, vão cahindo em desuso.

—

Em 5 de maio de 1852 visitou esta villa S. M. a sr.ª D. Maria II, acompanhada por el-rei o sr. D. Fernando, pelo principe D. Pedro (o *santo* e *sempre chorado* rei D. Pedro V) e pelo infante e hoje rei, o sr. D. Luiz.

Hospedaram-se na casa da rua Direita, de que já fizemos menção.

Em 29 d'agosto de 1861 visitou tambem esta villa o mallogrado rei D. Pedro V, acompanhado pelo infante D. João,—e em 25 de novembro de 1863 coube tambem a esta formosa villa a honra de ser visitada por el-rei o sr. D. Luiz e por S. M. a rainha, a sr. D. Maria Pia.

Tanto em 1861 como em 1863 a familia real foi recebida e esplendidamente hospedada pelo sr. José Francisco da Cruz Trovisqueira, no seu lindo palacete da rua *Formosa*, dispendendo *largas sommas* para que a hospedagem fosse digna dos regios hospedes.

Por este motivo foi s. ex.ª nomeado *barão de Trovisqueira.*

—

Noticias diversas recebidas á ultima hora:

No auto da collação do actual abbade d'esta villa, Domingos de Paula Pereira de Mesquita, se menciona a parochia de *Santo Adrião* e a sua annexa de *Santa Maria Magdalena.* Consta que em tempo estes 2 oragos representavam 2 parochias distinctas e que houve rija pendencia entre os dois parochos por causa da annexação. Ainda hoje ambas as matrizes teem pia baptismal e em ambas o abbade ministra baptismos, assiste a casamentos e exerce indistinctamente outros actos parochiaes.

O meu illustrado informador já foi duas vezes á camara ecclesiastica de Braga para ver se deslindava a questão, mas nada encontrou de positivo e terminante.

A irmandade da Misericordia funcciona *por emprestimo* na capella da Lapa, que pertence á junta de parochia e que antes da fundação da Misericordia e do seu hospital jazia em completo abandono. Até serviu de *espigueiro*; mas hoje é a mais formosa capella da villa—e a Misericordia já tem dois contos de réis em deposito, doados pelo insigne bemfeitor Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, para restauração e ampliação da dicta capella e construcção de uma torre.

—

Algumas casas do *Campo da Feira*, d'esta villa, pertencem á freguezia de S. Thiago d'Antas, cuja egreja parochial dista d'esta villa apenas 1 kilometro.

O movimento parochial d'esta villa no anno ultimo (1884) foi o seguinte:—baptisados 67,—casamentos 10,—obitos 46.

As feiras *semanaes* d'esta villa são, depois das de Barcellos, as feiras *semanaes* mais importantes do Minho. Abundam principalmente em cereaes e gado bovino gordo, para embarque.

A estação d'esta villa no caminho de ferro do Minho foi aberta no dia 20 de maio de 1875, havendo festa official, a que assistiram as Magestades. V. *Hist. Universal* de Cesar Cantu, traducção de M. B. Branco, vol. 13, pag. 299.

A nova estrada real a macadam do Porto a Braga foi principiada (approximadamente) em 1846 e concluida em 1850 pela *Companhia Viação Portuense*, d'accordo com o governo.

Hoje este concelho é servido pelas seguintes estradas a macadam:

Real n.º 3 (supra) de Famalicão ao Porto, extensão.......... 32kil,500m,0
Real n.º 3. De Famalicão a Braga 18kil,905m,3
Real n.º 4. De Famalicão a Vianna...................... 51kil,000m,0
Real n.º 31. De Famalicão ás *Portas Fronhas*. (Povoa de Varzim)................. 22kil,428m,4
Real n.º 31. De Famalicão a Guimarães.................. 22kil,140m,0
Estrada concelhia, n.º 9, de Famalicão a Villarinho....... 6kil,461m,9
Avenidas—Da estação de Famalicão ao Vinhal............ 943m,0
Avenidas—Da estação de Nine a Isabelinha.............. 1kil,284m,0

—

Esta comarca de Villa Nova de Famalicão foi creada por lei de 21 de maio de 1835, sendo as suas freguezias desannexadas do concelho de Barcellos. A 1.ª sessão da camara teve logar no dia 28 de setembro d'aquelle mesmo anno.

A sua estação telegraphica foi creada em 20 de janeiro de 1862.

O banco hypothecario tinha mutuados n'este concelho 2:768 contos de réis, em 1884.

Os tres maiores proprietarios d'esta villa na actualidade são os seguintes:—barão da Trovisqueira, José de Castro e José d'Azevedo Menezes Cardozo Barreto.

Os tres maiores proprietarios d'este concelho na actualidade são estes:—João Carneiro d'Araujo Telles, José Augusto de Carvalho e Sá e Francisco Ignacio d'Aguiar Pimenta Carneiro.

—

Ao ex.mo sr. José d'Azevedo Meneses Cardoso Barreto, da nobre casa do *Vinhal*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA NOVA DE FOSCOA—villa, freguezia e séde de concelho e comarca, districto da Guarda, diocese de Lamego, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago Nossa Senhora do Pranto, —fogos 806,—habitantes 3:210. [1]

Em 1708 contava 60 fogos dentro dos muros do seu castello e 500 nos arrabaldes,—era abbadia do padroado real,—tinha casa de misericordia, hospital e 9 ermidas,—feiras a 8 de maio e 29 de setembro,—1 ouvidor, 2 juizes ordinarios, 1 dos orfãos com seu escrivão, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 2 tabelliães, 2 almotacés, 1 capitão-mór, 1 sargento-mór com 2 companhias de ordenanças e 1 companhia de auxiliares que obedecia á praça d'Almeida.

Era dos condes de Villa Nova de Portimão, dos quaes adiante fallaremos.

Em 1768 era tambem abbadia do padroado real;—contava 581 fogos—e rendia para o seu parocho 300$000 réis.

A *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo, conego regrante de Santo Agostinho e abbade reservatorio de Sedavim, [2] publicada em 1877, dedicou um bello artigo a Villa Nova de Foscôa e lhe deu 862 fogos com 3:268 habitantes e 600$000 réis de rendimento.

—

Esta villa demora na altitude de 439 metros sobre o nivel do mar, em um amplo, vistoso e alegre planalto, na margem esquerda do rio Côa, do qual dista 3 kilometros para O.—5 da foz do Côa (da qual tomou o nome) e da margem esquerda do Douro, para S. O.—9 da barca e da estação do Pocinho, pela estrada nova, para S. E.—22 de

[1] O seu movimento parochial no ultimo anno foi o seguinte: baptisados 145,—casamentos 17,—obitos 169?!...

[2] V. *Villa Nova d'Ourem.*

Moncorvo, pela barca do Pocinho, para S. O.,—24 da Barca d'Alva, para E. O,—70 da Guarda,—81 de Lamego, pela linha ferrea do Douro,—173 do Porto—e 510 de Lisboa.

Esta parochia é formada pela villa do seu nome, povoação compacta e *unica*. Não comprehende aldeias, mas sómente 75 fogos na *Veiga*, junto da barca e da estação do *Pocinho*, onde tem duas tavernas e varios casaes e quintas, entre as quaes avulta a do *Reguengo*, hoje a 1.ª d'esta parochia e d'este concelho, pela sua extrema fertilidade e grande producção de vinho. Adiante lhe daremos o logar d'honra que merece.

—

No formoso e mimoso local da *Veiga*, (embora bastante doentio) deve desenvolver-se um povoado importante logo que se ultime a linha ferrea do Douro e se abra a estação do Pocinho, commum á grande villa de Moncorvo e a Villa Nova de Foscôa.

Esta villa tem estação propria e mais proxima na foz do Côa, mas deve convergir naturalmente sobre a do Pocinho por estar a N. O. 10 kilometros a jusante da de *Foscôa* e por consequencia 10 kilometros mais proxima do Porto, centro dos maiores interesses d'esta villa,—por ter para ella já construida uma bella estrada a macadam—e por haver ali uma barca de passagem sobre o Douro, que a liga a Moncorvo e á provincia de Traz-os-Montes.

Deve procurar a estação da *Foz do Côa* unicamente quando tenha interesses a leste sobre a Barca d'Alva, Freganeda e Salamanca.

—

N'este concelho de Villa Nova de Foscôa ha hoje as estradas seguintes a macadam:

1.º—*Real*, de Celorico da Beira a Moncorvo e Mirandella, tocando em Villa Nova de Foscôa, lado O. e na estação do Pocinho, atravessando o Douro na barca d'aquelle nome.

Já se acha toda construida, exceptuando alguns kilometros entre Foscôa e Langroiva e entre Moncorvo e barca do Pocinho.

De Moncorvo deve seguir tambem para a cidade de Miranda, mas n'esta parte complementar tem apenas alguns kilometros construidos junto de Miranda.

É uma estrada de grande alcance estrategico e de muito interesse para as provincias da Beira e Traz-os-Montes—e deve dar extraordinario movimento á estação do *Pocinho*.

2.ª—Tambem *real* de Villa Nova de Foscôa para a Pesqueira, medindo cerca de 16 kilometros.

Está em via de construcção e é a continuação da estrada real n.º 34, do Porto á Barca d'Alva.

3.ª—*Districtal*, entre a freguezia d'Almendra e a de Castello melhor, na extensão de 5 kilometros, em via de construcção.

4.ª—*Municipal*, entre a freguezia de Freixo de Numão e a da Touça, na extensão de 4 kilometros, em via de construcção tambem.

5.ª—*Municipal* tambem, entre a freguezia de Sedavim e a da Horta, na extensão de 5 a 6 kilometros. Em estudos.

—

Passa tambem n'esta freguezia pela sua extremidade N.—N. E.—N. O.—e O.—a linha ferrea do Douro, comprehendendo na area d'esta parochia cerca de 15 kilometros de via corrente com as seguintes obras d'arte:

1.ª—*Tunnel do Salgueiral*, na pendente O. do *Monte Meão*, baldio d'esta parochia. Extensão 60 metros.

2.ª—*Tunnel do Monte Meão*,—atravessa de O. a E. o monte d'este nome e tem de extensão 730 metros.

3.ª—*Tunnel da Veiga*, no sitio d'este nome. Tem de extensão 90 metros.

4.ª—*Viaducto do Pocinho*,—com 3 tramos, —2 de 28 metros e 1 de 35,—total 81 metros d'extensão.

Sobrestructura metalica da fabrica de *Eclessin* (Belgica).

5.ª—*Estação do Pocinho*—de 2.ª classe, com a extensão total de 104^{m},20,—1 kilometro a montante do viaducto do Pocinho.

6.ª—*Viaducto de Caniviães*,—3 arcos com o raio de 7^{m},5—e a extensão total de 64^{m},20.

7.ª—*Estação de Foscôa*, de 4.ª classe, na margem esquerda do Côa.

E' destinada para entroncamento da ligação do caminho de ferro do Douro com o da Beira Alta, em projecto.

8.ª—*Viaducto do Côa*, sobre o rio d'este nome, nos limites d'esta freguezia e da de Castello Melhor.

Tem este viaducto 2 vãos de 28 metros e 1 de 35,—extensão total 104m,2 —e sobrestructura metalica da fabrica *Braine-le-Conte*, da Belgica tambem.

V. n'este volume o artigo *Vias Ferreas*, de pag. 467 a 502—e particularmente as paginas 475 e 476, onde descrevemos todas as obras d'arte da linha ferrea do Douro na parte que se acha em construcção desde Tua até *Fuente de Santo Estevão*, entroncamento na linha da Beira Alta, da Figueira a Salamanca, *terminus* da linha do Douro.

—

Freguezias limitrophes:—Muxagata ao sul—Santo Amaro a N. O.—a leste o rio Côa—e o Douro a N.—N. E.—e N. O.

Esta freguezia tem uma area muito extensa.

De leste a oeste, seguindo da Foz do Côa pela margem esquerda do Douro, deve medir cerca de 20 kilometros d'extensão, por causa das grandes sinuosidades que o Douro aqui descreve;—e de norte a sul deve ter metade d'aquella extensão, approximadamente.

Está comprehendido no seu termo, a N. O. o monte *Meão*, quasi todo baldio, logradouro commum d'esta parochia e um dos seus grandes mananciaes de riqueza, pois n'elle apascenta muitos gados e colhe muito pão e lenha.

Note-se que nas freguezias de ambas as margens do Côa hoje ha grande falta de combustivel.

Poucos são os proprietarios que teem lenha sufficiente para todo o anno;—o povo vae buscal-a (*roubal-a*) a grandes distancias;—queima inclusivamente os *excrementos dos bois*,—e cosinha e aquece os fornos *com palha!*?...

Para augmentarem a cultura dos cereaes de pragana, destruiram os mattos e lavraram os montes todos. O resultado é—não terem lenha para queimar,—nem madeira para construcções,—nem matto para estrume.

—

Volvendo ao monte *Meão*, diremos que é granitico e bastante espaçoso. Mede talvez mais de 5 kilometros quadrados e tem penhascos horrorosos, fojos e despenhadeiros medonhos que os proprios caçadores da localidade não podem transpor sem guia, mas comprehende tambem muito terreno chão, aravel e fertil.

É cercado pelo Douro a N.—E. e O.—Ali houve uma importante povoação fortificada no tempo dos romanos.

Ali se veem *ainda hoje* ruinas de largos muros, edificios e fontes, principalmente onde chamam o *Castello Velho*,—sitio muito defensavel para os tempos d'armas brancas;—e ali se tem encontrado muita pedra de esquadria, muitas moedas romanas e varias inscripções.

Não se sabe ao certo quando se fundou nem quando se extinguiu tal povoação, mas todos concordam que foi o germen e o nucleo d'esta Villa Nova de Foscôa.

Suppõe-se com todo o fundamento que, destruido o povoado do *Monte Meão*, os habitantes que sobreviveram se dispersaram pelos recantos vizinhos, formando differentes povoações mais pequenas na *Veiga*, no *Paço*, no *Azinhate*, etc.

Na *Veiga*, ainda lá se vê a capella antiquissima de *Nossa Senhora da Veiga*, que alguem diz fôra parochial, pois ainda nos fins do ultimo seculo pagava a *censuaria* ao cabido de Lamego, como as outras egrejas matrizes;—e a pequena distancia d'ella se teem encontrado em escavações ruinas de edificios e sepulturas antiquissimas soterradas.

Em uma d'ellas, segundo se lê na *Historia Ecclesiastica de Lamego*, se encontrou um esqueleto mui grande, inteiro, e uma estatua de jaspe branco, que parecia de mulher.

Accrescenta a mesma *Historia*—que «por ser o logar doentio e acometido por tropa de faccinorosos,» fugiram os seus moradores para o planalto onde se fundou o castello e a *villa nova* actual.

—

Tambem ha memoria de casas no sitio do *Paço* ou do *Relento,* cerca de 1:200 metros a leste da villa, onde ainda hoje se veem os restos da ermida ou egreja de S. Vicente, que foi outr'ora parochial tambem,—e no sitio do *Azinhate,* junto da capella de Nossa Senhora do Amparo,—bem como junto da antiquissima capella de Nossa Senhora da Conceição, que foi do chantre de Lamego e tambem *matriz,* em cujo ádro se encontram sepulturas. Suppõe-se que todas estas e outras aldeias que existiram no termo d'esta parochia se despovoaram por serem abertas e estarem expostas a serem roubadas pelos salteadores e saqueadas em tempos de guerra; [1]—que os seus habitantes foram procurar abrigo no castello—e que, attrahidos pelas vantagens que lhes offereciam o castello e os seus tres amplos foraes, bem como pela bellesa do local, em breve se desenvolveu ali uma povoação importante, que por isso mesmo se denominou *Villa Nova.*

Tambem dizem que, antes da fundação do castello, as aldeias que n'elle se concentraram obedeciam á cidade de *Numancia,* hoje *Numão,* simples parochia d'este concelho, que, ou fosse ou deixasse de ser a *Numancia* dos romanos, foi com toda a certeza povoação antiquissima muito importante e muito bem fortificada, distante cerca de 20 kilometros de Villa Nova de Foscôa, para oeste.

V. *Numão,* vol. 6.º pag. 178—e a *Hist. Eccl. de Lamego,* pag. 175.

É portanto muito antigo o povoado de *Villa Nova de Foscôa,* pois antes de se fixar no ponto onde hoje se vê, esteve no *Monte Meão* e depois andou disperso por differentes sitios do termo da villa actual.

—

Que nós saibamos teve esta villa os 3 foraes seguintes:

1.º—Dado por D. Diniz em Portalegre, a 21 de maio de 1299.

Liv. IV de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 13, v. col. 2.ª *in-fine.*

2.º—Dado pelo mesmo rei em Lisboa, no dia 24 de julho de 1314.

Maço 8 de Foraes antigos, n.º 18.

3.º—Dado por D. Manuel em Lisboa, no dia 16 de junho de 1514.

Liv. de Foraes Novos da Beira fl. 126, col. 1.ª

D. Diniz fundou e povoou *Foscôa,* dando-lhe 2 foraes;—depois D. João I a elevou á categoria de *villa*—e por ultimo D. Manuel mandou edificar a egreja parochial.

É por isso que na frente da egreja e no pelourinho se veem flores de liz, emblema de D. João I—e a esphera armillar, emblema d'el-rei D. Manuel.

O castello não foi mandado fazer por D. Diniz. Foi feito *muito mais tarde,* talvez nos fins do seculo XV, pelos habitantes da nova villa, *á sua propria custa.*

Quando rebentou a lucta entre o nosso rei D. Affonso V e os reis de Castella,—lucta que durou desde 1473 até 1479—ainda o castello não havia sido feito, pelo que D. Affonso V, para determinar os habitantes de Villa Nova a construil-o, lhes offereceu o privilegio de não pagarem direitos *d'alcaidaria,* como não pagava o castello de Freixo de Espada á Cinta; mas nem assim então se resolveram.

Parece-nos ser isto o que se deprehende da *Monarchia Luzitana,* parte V, cap. 3.º fl. 181, col. 2.ª

—

O terreno em volta da villa é plano e de agradavel aspecto, mas muito arido e muito falto d'arvoredo.

Apenas de longe em longe se veem algumas oliveiras e amendoeiras e junto da povoação algumas hortas. São aqui tambem raros os vinhedos.

O chão é fertil e produz bastante trigo, centeio e ceváda, mas, como não o estrumam, necessita de folga e é semeado *á folha,*—exceptuando o terreno proximo da villa que, por ser mais chão e receber alguns adubos, é semeado todos os annos.

---

[1] Note-se que até os principios do seculo XIV o reino de Leão confinava com o rio Côa. Foi el-rei D. Diniz que tomou aos leonezes tudo o que hoje é de Portugal desde o Côa até o Agueda, pela margem esquerda do Douro. V. vol. 7.º pag. 66.

Tem a villa 2 feiras antiquissimas, já indicadas na *Chorographia Portugueza*,—uma no dia 8 de maio,—outra no dia 29 de setembro,—denominadas *feiras de S. Miguel*, e se fazem no campo do mesmo nome, ou da *lagôa*.

Tambem já teve mercado diario importante *de quanto produziam as terras da comarca* (então era Trancoso e antecedentemente foi Pinhel) *sendo continuos os carretões de pão, vinho, castanhas, melões, cerejas, uvas e outras fructas no tempo*,—diz a *Hist. Eccl. de Lamego.*

Fazia-se o dicto mercado na *Praça*, mas suspendeu-se ha muito.

Não sabemos quando nem porque; foi porem restabelecido depois que principiou no termo d'esta parochia a construcção da linha ferrea do Douro. É outra vez diario—e de 15 em 15 dias mais importante.

—

As obras da linha ferrea teem dado muito dinheiro e muito movimento a esta villa. N'ella se abastecem de differentes generos milhares d'operarios; n'ella rezidem alguns engenheiros, empreiteiros e varios empregados—e n'ella montou um francez outro hotel, além do que a villa já tinha.

Tambem os empreiteiros aqui montaram um hospital provisorio, pois infelizmente a santa casa da Misericordia d'esta villa se extinguiu, ha muito, bem como o seu hospital, que esteve na rua do mesmo nome, entre o Campo do *Tabolado* e a egreja matriz.

—

O fertilissimo chão da *Veiga* foi quasi todo *reguengo*, propriedade particular dos nossos reis;—depois passou para o municipio, que costumava arrendal-o por 300 a 400 mil réis annualmente;—por ultimo foi vendido em hasta publica e comprado por D. Antonia Rachel Ferreira, viuva do capitão-mór d'esta villa [1]. É hoje d'esta senhora e do seu filho unico Augusto Lopes Pereira da Silva, residente no Porto, hoje o *primeiro proprietario* d'esta villa, pois não só é dono da quinta do *Reguengo*, hoje a 1.ª d'este concelho, mas d'outras muitas.

[1] Foi o *ultimo* e chamava-se Francisco Antonio Lopes Cardoso.

Tem a quinta do *Reguengo* hoje uma boa casa d'habitação, grande armazem e lagares soberbos, d'onde vae o vinho encanado para os toneis, tudo nas melhores condições, sendo a planta para todas estas obras feita pelo engenheiro Joaquim Maria Fragoso, de Coimbra, casado em Villa Nova de Foscôa.

Esta quinta do *Reguengo*, em quanto foi do municipio, apenas produzia cereaes, mas o seu actual possuidor a plantou toda de vinha e produz cada milheiro de vides baixas 3 a 4 pipas de vinho, como na ribeira da Villariça, que é o chão mais fertil de Portugal.

V. *Villariça.*

Comprehende a formosa quinta do *Reguengo* pouco mais de 30 milheiros de vides baixas, e produziu no ultimo anno 155 pipas de vinho!...

Foi comprada por seis contos de réis em 1876;—metade do *Reguengo* pertencia ao municipio e a outra metade ao passal do parocho d'esta freguezia.

—

A camara de Villa Nova de Foscôa ainda possue na fertil varzea da Veiga alguns chãos na margem do Douro e que o rio cobre e aduba nas cheias. Costuma arrendal-os e produzem admiravelmente milho, trigo, feijões, aboboras, melões e melancias.

Colhe tambem esta parochia muitos melões e melancias em outros pontos do seu termo, nas hortas dos arrabaldes da villa e nas da *Flor da Rosa*, sendo todos os seus meloaes de *seccadal*—e os melões e melancias da *Flor da Rosa* saborosissimos,—talvez os melhores de Portugal;—mas os que abundam nas feiras e nos mercados da villa vão da grande ribeira da Villariça, da freguezia da Muxagata e da quinta da Veiga termo de Langroiva, excellente propriedade do conde de Tavarede.

—

Ha n'esta villa 5 industrias principaes:—a dos carretões e vendilhões de diversos generos,—as do fabrico de cordas, calçado e carros para bois—e a da preparação do sumagre.

As cordoarias d'esta villa foram muito importantes no tempo do marquez de Pombal, pois este ministro, para libertar o nosso paiz das grandes sommas que pagava aos paizes estrangeiros, nomeadamente á Russia, pelas cordas para a nossa marinha de guerra e mercante, vendo que o fertil torrão da Villariça, distante d'esta villa apenas 12 kilometros, produzia bello canhamo, creou no Porto, em Moncorvo e aqui grandes cordoarias.

Veja-se n'este volume o artigo *Victoria*, freguezia do Porto, nomeadamente a pagina 594.

Gosam de justa fama os carros que aqui se construem. Denominam-se *carros de varas* e são feitos de negrilho (*ulmus campestris*).

Para evitarmos repetições veja-se o mesmo artigo *Victoria*, pag. 595, col. 2.ª

Houve aqui outr'ora importantes cortumes de couros. Fizeram-se fortunas com aquella industria, mas desappareceu, ha muito. É porém ainda importante aqui uma industria congenere,—a dos fabricantes de calçado e de couros para arreios de cavalgaduras e apeiro dos bois. Da preparação do sumagre fallaremos adiante.

—

Esta villa em 1708, como já dissemos, pertencia á comarca de Pinhel;—passou depois para a de Trancoso;—em seguida para a da Mêda;—extincta esta, [1] passou para a da Pesqueira;—desde 1854 (me parece) foi elevada á cathegoria de séde de comarca propria, formada pelo seu concelho sómente, com 25 freguezias; mas hoje, depois da creação da comarca da Mêda, que lhe roubou as 8 freguezias já mencionadas, comprehende apenas as 17 seguintes:—Cedovim, ou Sedavim, Chãs, Custoias, Freixo de Numão, Horta, Moz, Murça, Muxagata, Numão, Santa Comba, Santo Amaro, Sebadelhe, Seixas, Touça e *Villa Nova de Foscôa*,—todas estas do bispado de Lamego,—e Almendra e Castello Melhor, do bispado da Guarda, com o total de 3:168 fogos e 12:631 habitantes, segundo o ultimo recenseamento.

—

Aquellas duas freguezias de *Almendra* e *Castello Melhor* pertencem ao bispado da Guarda, porque estão na margem direita do rio Côa, pois desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, o Côa e a ribeira de *Maçoeime*, sua confluente, formam por este lado a linha divisoria entre os bispados de Lamego e da Guarda.

Pertencem pois á diocese da Guarda todas as freguezias da margem direita do Côa e da ribeira de Maçoeime até á raia da Hespanha,—freguezias que outr'ora pertenceram á diocese de Caliabria,—depois á de Cidade Rodrigo,—em seguida á de Lamego —e por ultimo á de Pinhel, creada em 1770 e extincta em 1882.

V. *Caliabria* e *Pinhel*.

—

Esta villa é a povoação compacta mais populosa que se encontra em toda a margem esquerda do Douro desde o mar até á Hespanha, exceptuando unicamente *Lamego* e *Villa Nova de Gaya*.

Tem bons edificios e bons proprietarios, muito commercio, ruas bem calçadas, embora estreitas, um espaçoso campo, industrias differentes, feiras importantes, um lindo cemiterio, hoteis rasoaveis, etc., mas tem dois grandes contras:—muita falta *d'agua* e *d'arvoredo*.

Como está em um planalto, cujo subsolo é schisto e só a grande distancia se erguem elevações superiores, a villa, sendo tão populosa, não tem *uma unica* fonte de bica, mas sómente poços e charcos, sendo quasi toda a agua d'elles *salôbra*.

---

[1] A comarca de Mêda foi restaurada em 1872 (me parece) á custa d'esta de Foscôa, da qual recebeu as 8 freguezias seguintes:—Barreira, Carvalhal, Coriscada, Gateira, Marialva, Pae Penella, Rabaçal e Valle de Ladrões.

Quasi todas lamentam ainda hoje a desmembração, porque o municipio da Mêda é pobrissimo—em quanto que este de Foscôa é um dos mais ricos da Beira, pelo que as contribuições municipaes são muito mais violentas na Mêda.

Deus perdoe ao fallecido Antonio Homem da Silveira Sampaio e Mello, do Rabaçal, que foi quem promoveu a creação da comarca da Mêda, para ter a séde mais proxima da sua rica e muito nobre casa.

A sua agua potavel reduz-se quasi exclusivamente á do charco ou poço coberto, denominado *Fonte Nova*, contiguo á capellinha de S. Pedro, a leste da villa,—fonte que nos annos mais áridos sécca e obriga a população a ir dessedentar-se na fonte da *Flor da Rosa*, ou de S. Bibre, distante 2 a 3 kilometros para oeste, ao sul do caminho da Pesqueira e da Mêda.

—

Tambem não tem agua para rega, exceptuando a d'alguns poços, que extrahe com difficuldade e por isso no verão a villa é de uma aridez extrema!...

Não tem bosques, ribeiros, alamedas, matas, soutos, pinheiraes nem pomares e, como a producção dominante dos seus arrabaldes é o trigo, colhido este, fica o rastolho, como succede no Alemtejo e em volta de Madrid, vomitando fogo durante o rigor da estiagem.

Tem muitos bois para carretos e serviço da lavoura e muito gado azinino e muar para transportes e serviço da lavoura tambem;—todo o gado porem bebe quasi exclusivamente agua de uma lagôa que por absoluta necessidade formaram no *Campo da Feira*, aproveitando a depressão d'uma zona de schisto que se inclina para N. E. e construindo d'esse lado um muro para represa das aguas pluviaes que ali se conservam todo o anno *batidas pelo sol, estagnadas, esverdeadas e pôdres*, formando um terrivel foco d'infecção!

Na dicta lagôa, cuja altura maxima é de 2m,50, entram e se banham e bebem os bois, os porcos, as cavalgaduras e todos os outros animaes[1]. A sua agua é tão limpa ou tão immunda, que *só os animaes da villa*, criados com ella, a bebem. Os de povoações extranhas—*nem lhe tocam!*

E é a lagoa, este grande foco d'infecção, a providencia da villa, pois quando sécca, o que succede muitos annos no fim do verão, veem-se na necessidade de ir buscar em pipas agua ao Douro, distante 5 a 6 kilometros, para entreterem a existencia dos seus gados—e quando a estiagem se prolonga emigram com elles para as margens do Douro.

Se d'outra qualquer fórma podessem abastecer a villa d'agua, a primeira coisa que deviam fazer e que por certo fariam, era arrasar a lagôa, porque é *um viveiro de sezões,—um manancial de peste*!...

—

Os templos d'esta villa e seu termo reduzem-se hoje á sua egreja matriz,—a 8 capellas publicas—e a 1 particular.

A egreja matriz é um templo dos maiores e melhores da provincia, mandado edificar por el-rei D. Manuel.

Tem uma bella frontaria com um rico portal em estylo gothico florido, encimada por um campanario com tres sineiras e dois grandes sinos;—a meio um *oculo*, ou *espelho* liso;—2 escudos com as armas reaes portuguezas (5 chagas e 7 castellos)—no centro dos 2 escudos a imagem da Virgem com o filho morto nos braços, representando a Senhora do Pranto, que é a padroeira;—aos lados 2 espheras armillares, uma com a cruz da ordem de Christo, emblema d'el-rei D. Manuel, outra com uma flor de liz—e no cunhal, do lado da epistola, a inscripção seguinte:

ESTA OBRA SE FEZ NO
ANNO DE 1757, SENDO
ABB.º D'ESTA IGREJA ANTO-
NIO ESTEVES PEREIRA.

D'este conjuncto se vê que este templo foi fundado por el-rei D. Manuel—e restaurado e *ampliado* em 1757.

—

Interiormente tem tres naves, firmadas sobre 6 columnas de granito, redondas e lisas,—capella-mór com um soberbo retabulo de talha dourada e boas pinturas antigas no tecto e nas paredes,—côro espaçoso sobre o guarda-vento,—no corpo da egreja 2 altares lateraes de boa talha antiga e 2 aos lados do arco cruzeiro com decorações de talha moderna, mais barata,—tecto liso de madeira com larga e vistosa pintura; no centro a imagem da padroeira, aos lados muitas figuras biblicas com muitos versiculos da biblia tambem, e ao fundo, perto do coro e no

[1] Ali se banham e nadam tambem no verão *centenares de creanças* da villa?!...

mesmo tecto, o retrato do abbade que promoveu a restauração e ampliação d'este templo, como dizem as legendas que tem aos lados:

ESTA OBRA FOI FEITA
NO ANNO DE 1767

—

SENDO ABB.e D'ESTA I-
GREJA ANTONIO ESTEVES
PEREIRA.

E por baixo do retrato est'outra:

UBI SUNT DUO, VEL TRES
CONGREGATI IN NOMINE MEO,
IBI SUM IN MEDIO EORUM.
ECCLES, CAP. 25.

Tem um só pulpito de granito com 8 faces, pintado e encostado a uma das columnas que sustentam as naves, do lado do evangelho—e entre as sepulturas que ainda se veem no interior do templo avulta uma com a inscripção seguinte:

S.a DE GONÇALO DE
MORAES E CASTRO, ABB.e
QUE FOI N'ESTA IGREJA.
FALLECEU A 22 D'AGOSTO
DE 1685.

Tem boa sachristia, com ampla credencia e ricas decorações de talha dourada—e tecto de madeira bem trabalhado e bem pintado, com ornamentação de talha dourada tambem.

Teve tambem esta egreja preciosas alfaias de prata sendo algumas do tempo d'el-rei D. Manuel; mas todas foram roubadas pelos francezes nos principios d'este seculo, por occasião da guerra peninsular.

Concluiremos este topico dizendo que esta magestosa egreja foi mandada fazer por el-rei D. Manuel e ampliada pelo benemerito abbade Antonio Esteves Pereira em 1757, accrescentando lhe em toda a sua extensão 3m,40 por banda;—o mesmo abbade a mandou cobrir, forrar e pintar em 1767;—hoje mede interiormente 13m,74 de largura e 36m,15 de comprimento,—e os seus abbades foram sempre tão considerados que usam de *murça* e *annel*, como os conegos, desde tempos muito remotos.

—

As capellas que hoje existem n'esta parochia são as seguintes:

1.a—*Senhora da Veiga*, no sitio d'este nome, junto do Douro e da barca e estação do Pocinho, bem tractada e bem conservada, posto que muito antiga, pois já o padre Carvalho a mencionou, dizendo que a ella concorriam *muitos concelhos* em procissão na 2.a feira depois da dominga *in Albis*.

Outr'ora foi matriz de uma das povoações que se concentraram na villa actual—e ainda hoje tem festa e grande romagem no dia 8 de setembro na sua capella, feita com as esmolas dos devotos por uma commissão nomeada pela junta de parochia.

Costumam tambem os lavradores fazer-lhe grande festividade na egreja matriz, com procissão,

2.a—*S. Sebastião*, tambem muito antiga e bem conservada, cerca de 400 metros ao norte do cemiterio, á direita da estrada nova do Pocinho.

Tem festa feita pelos *sapateiros*.

3.a—*Santo Antonio*, hoje dentro do cemiterio da villa, a O. do *Campo da Feira* e muito bem tractada.

Tem altar mór e dois lateraes—e festa annual, feita pelos *cordoeiros*, com procissão —e até 1865 (approximadamente) tanto no dia d'esta festividade como das outras da villa costumavam correr touros, creados no Monte *Meão*.

4.a—*Senhora da Conceição*, muito antiga e em mau estado, dentro da villa, no largo do seu nome, que é povoado quasi exclusivamente pelos cordoeiros e n'elle fazem as cordas.

Esta capella, como já dissemos, foi matriz d'um pequeno curato do chantre de Lamego, annexo á egreja (abbadia) do Numão, que era do mesmo chantre.

5.a—*Senhora do Amparo*, do *Azinhate* ou *Azinhaga*, no sitio d'este nome, cerca de 1 kilometro a O. da villa.

Revela muita antiguidade e está hoje em abandono, mas já teve grande festa, feita pelos *almocreves* [1].

---

[1] A *Hist. Eccl. de Lamego*, pag. 193, *in fine*,

6.ª—*Santa Barbara*, tambem antiga e maltratada, a leste da villa, distante cerca de 400 metros. A esta imagem costumavam pedir bom tempo, pelo que a sua festa era feita pelos *cavadores*, com procissão, corrida de touros, etc.

7.ª—*Senhora da Aldeia Nova*, junto do castello, para S. O.—muito antiga e mal tractada.

Ha muito que não tem festa propria. Apenas ali os estudantes festejavam Santa Luzia.

8.ª—*S. Pedro*, tambem muito antiga e já em ruinas e profanada, mas ainda com portas e tecto.

Está a leste da villa, junto da *Fonte Nova*, o poço coberto que abastece toda a villa d'agoa potavel.

A pobre ermida olha para N. e tem capella-mór, que parece ter sido a primitiva capella,—um pequeno arco de granito de volta inteira com as quinas quebradas e ornamentação simples—e tem ainda no seu velho retabulo duas lindas columnas de talha antiga com aves e uvas. Teve festa feita pelos *moleiros*.

Este sitio, posto seja arrabalde, é um dos mais frequentados da villa pela proximidade da fonte, sobre a qual toda a grande povoação converge em motu constante e fieira interminavel.

Quando visitámos esta villa em 1 de setembro de 1881, vindo da Serra da Ertrella, onde passámos muito agradavelmente oito dias (de 4 a 12 d'agosto) com a *Expedição Scientifica*, visitámos tambem esta fonte.

Era ao cahir da tarde e—tendo crusado todo o nosso paiz em differentes direcções e tendo alargado tambem um pouco mais os nossos passeios até Madrid e Paris,—não nos recordamos de ter visto em tão pequeno espaço de tempo tanta gente em fonte alguma!

—

Todas as 8 capellas mencionadas são publicas e ha ainda n'esta villa uma outra.

deu a esta capella o titulo de *Nossa Senhora do Pranto*. Foi lapso, porque a imagem da padroeira representa a Virgem com o *Menino Jesus ao collo*—e não com o *Senhor morto no regaço*, como se vê na matriz.

9.ª—De *Santa Quiteria*, particular, mas com porta franca ao publico, na rua de *Santa Quiteria*, contigua a um bom predio que foi de Jacinto Lopes Tavares, de Carnicães, do concelho de Trancoso, e é hoje dos seus herdeiros, que possuem aqui um bom casal.

Era lindissima;—tem ainda bons azulejos e um rico frontal de talha antiga dourada,—mas está em completo abandono.

Tambem houve n'esta villa mais 4 capellas publicas; eram as seguintes:

10.ª—*S. Vicente*, a leste da villa, no sitio do *Paço* ou do *Relento*.

Em tempos muito remotos foi egreja matriz, não sabemos de que parochia.

11.ª—*S. Miguel*, a S. O. do campo a que deu o nome, hoje *Campo da Feira*, ou da *Lagôa*, na rua denominada tambem *de S. Miguel*.

Achando-se em ruinas, foi demolida na 2.ª metade d'este seculo para alinhamento da dicta rua, hoje a 1.ª da villa.

Tinha *galilé* ou alpendre e contiguos varios *cobertos* para os feirantes.

A sua festa era feita pelos habitantes da villa, *extra-muros* do castello [1].

12.ª—*Senhora da Encarnação*.

Não ha memoria d'ella.

13.ª—*Senhora da Expectação*.

Tambem já se perdeu a memoria d'ella, mas a *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo, a mencionou, bem como a antecedente.

Tambem suppomos que houve n'esta villa uma egreja da Misericordia com seu hospital, na rua ainda hoje denominada *do Hospital*, pertencentes á antiquissima irmandade da Misericordia,—corporação extincta ha muitos annos e da qual não restam documentos alguns!

—

Depois da egreja matriz, o primeiro edificio publico d'esta villa hoje é o seu tribunal, um dos melhores do districto.

Foi principiado em 1857 e ultimado em

[1] Os habitantes do bairro do castello *intra-muros*, faziam a festa á imagem de *Nossa Senhora do Castello*, que estava e está em um nicho sobre a porta voltada a S. O.

1868. Ergue-se a N. da *Praça*, no proprio sitio onde estiveram os velhos paços do concelho. Tem ao *rez de chaussé* um pavimento onde está a cadeia, com 6 grandes janellas, além do espaçoso portão d'entrada;—no andar nobre outras 6 grandes janellas de frente com uma porta rasgada e uma varanda ao centro—e no topo as armas reaes portuguezas com as quinas e 7 castellos. Tem janellas nas outras tres faces,—muito pé direito, — bastante fundo — e accommoda em boas condições o tribunal, recebedoria, paços do concelho, conservatoria e todas as outras repartições publicas da villa.

Em frente está na mesma praça o velho pelourinho restaurado e muito bem conservado.

É uma grande columna de granito quadrada, tendo a meio ornamentação de cordas em relevo e no topo quatro piramides e uma esphera armillar, com a cruz da ordem de Christo e flores de liz, emblemas de D. Manuel e de D. João I, aos quaes esta povoação, como já dissemos, deve a sua egreja parochial e a cathegoria de villa.

—

Visitàmos tambem o antigo bairro do *Castello*, nucleo da villa e que se ergue em um pequeno morro a meio d'ella, formado por differentes ruas muito estreitas, que foram o bairro dos judeus, todas povoadas, e conservando ainda alguns lanços dos velhos muros.

Tambem subimos ao alto da velha *Torre do relogio*, hoje restaurada, caiada e bem conservada. Tem um bom relogio novo com um sino—e termina em um eirado, que é o mais bello *miradouro da villa*.

D'elle se gosa um largo horisonte, embora muito irregular, e um interessante panorama, posto que bastante agreste.

D'ali e *só d'ali* se descobre toda a villa e seus arrabaldes;—a leste as capellinhas de S. Pedro e Santa Barbara e mais ao longe as Freichedas;—ao norte, além do Douro e já na provincia de Traz-os-Montes, a egreja d'Urros e as freguezias do Prêdo e Assureira; —a N. O. o *Monte Meão* e a freguezia da Lousa, lá ao longe, na margem direita do Douro, e mais ao perto a capellinha de Santo Amaro;—na villa, ao poente, o tribunal, a egreja matriz, o *Campo da Feira*, a lagôa, o cemiterio, as capellinhas de S. Sebastião e Santo Antonio e a varzea da *Flor da Rosa*; —e para o sul grande extensão da Beira Baixa, avultando ao longe em todos os quadrantes montes agrestes.

—

As festividades religiosas principaes que hoje aqui se celebram são as de *endoenças*, a de *Corpus Christi* e a da Senhora da *Veiga*, no dia 8 de setembro, feita na matriz, além da que se faz na sua capella com romagem.

N'esta villa e n'este concelho não ha memoria de convento algum.

Tem a villa os largos seguintes:—do *Tabolado*, onde se fazem os mercados, da *Conceição*, junto da capella d'este nome, a *Praça* em frente do tribunal,—e o *Campo de S. Miguel* ou *da Feira*, o mais espaçoso de todos, cercado a leste pela villa, a norte pelas atafonas do sumagre, a sul pela rua de S. Miguel com bons edificios, entre os quaes hoje avulta a escola feita com o subsidio do conde de Ferreira, e a poente pelo cemiterio, ficando a meio do dicto campo a *lagôa*.

—

O cemiterio está no mais bonito e interessante local da villa, dominando-a quasi toda, bem como o vasto *Campo da Feira*, que lhe fica a jusante—e a montante a nova estrada do Pocinho, que tem aqui um formoso lanço em linha horisontal, caminhando de sul a norte e offerecendo um agradavel passeio.

Parece um jardim publico e em jardim devêra transformar-se, removendo-se o cemiterio para outro ponto um pouco mais distante, pois está em intimo contacto com a pestilenta *lagôa* e com a villa, envenenando a athmosphera e compromettendo a salubridade publica.

Chamamos para este topico a attenção dos illustres camaristas, pois sabemos que projectam fazer um jardim publico, ao lado sul do cemiterio e *contiguo a elle!*...

—

Banham esta freguezia o Côa ao nascente, —ao norte o Douro—e ao poente o ribeiro

do *Valle*, que tem a sua origem no monte *Angrão*, entre Villa Nova de Foscôa e a freguezia de Santo Amaro, e desagua no Douro, na Veiga, junto da barca e da estação do Pocinho.

Pelo leito d'este ribeiro (*credite posteri!*) seguia a antiga estrada militar de Traz-os-Montes pela barca do Pocinho para Villa Nova de Foscôa e para a provincia da Beira, sendo intranzitavel, medonha e perigosissima no inverno, pois por vezes a agua attingia grande altura e se despenhava em caudalosa torrente, levando d'envolta para o Douro tudo quanto encontrava diante de si,—não só no inverno, mas mesmo no verão e na primavera por occasião de trovoadas.

—

Ali pereceram muitas pessoas;—mas na maior parte do verão aquelle ribeiro sécca e a dicta estrada é encantadora, porque o *valle* que atravessa é fundo, por extremo fertil, todo povoado de amendoeiras e sumagraes nas encostas e de oliveiras na parte baixa,—oliveiras como grandes castanheiros,—magestosas, admiraveis, immensas,—*as maiores de todo o nosso paiz*;—e grandes faias e negrilhos ensombram e cobrem litteralmente grande extensão da dicta estrada, transformando-a em um bosque frondoso, suavissimo, verdadeiro oasis no meio das candentes margens do Alto Douro, no verão.

Para se formar idéa do porte e magestade das dictas oliveiras, note-se que *uma só* ainda no ultimo anno produziu 40 *alqueires d'azeitona*! Está no sitio de *Mariannes* e pertence á familia Carvalho, d'esta villa.

No fundo da *Costa*, um pouco a montante d'aquella, se veem 4 oliveiras que são talvez as maiores do termo. Quatro homens difficilmente varejam cada uma d'ellas em um dia de trabalho. São todas de um só pé; mas junto d'ellas ha uma formada por tres pés, que as supplanta. Foi vendida, ainda ha pouco, por dose libras—ou 54$000 réis!—e ha por ali muitas de 8 a 10 libras de preço?!...

É digna de especial menção tambem uma oliveira que existe no *Valle*, pertencente a Antonio Mallavado. É formada por tres pés,—custou 50$000 réis—e tem produzido em um só anno sessenta rasas d'azeitona, de 17 litros e meio cada uma!...

Tambem no termo d'esta parochia se encontram oliveiras admiraveis em outros sitios,—no Saião, Patões, Valverde, Valle do Abbade e nas *olgas* [1] da Veiga, junto da barca e da estação do Pocinho e da famosa quinta do *Reguengo*.

Aberta á exploração a linha do Douro, de Tua até á Barca d'Alva, com alguns minutos de demora na estação do *Pocinho*, todos podem vêr e admirar tão magestosas oliveiras e convencer-se de que não é fantasia, mas realidade, o que levamos exposto.

—

Fugindo da ribeira para a serra, mencionaremos outra especialidade de ordem muito diversa no termo d'esta parochia, mas não menos admiravel.

É uma pedreira de schisto, duro como aço, que ha no *Monte do Poio*, cerca de 4 kilometros a S. E. da villa, d'onde se extrahem pedras de todas as grossuras e dimensões á vontade dos *montantes*, [2]—umas estreitas e delgadas, de que fazem balaustres para varandas, esteios, etc.,—outras de enormes proporções, até 8 e mais metros de comprimento e 1 metro e mais de largura, de que fazem tanques, lagares e inclusivamente pontes *de uma só pedra*, sendo por vezes necessarias 7 e 8 juntas de bois para as arrastarem!

No ribeiro do *Valle*, por exemplo, ha uma ponte bastante espaçosa, cujo taboleiro é formado por *uma só* das dictas pedras, deno-

---

[1] Assim se denominam aqui e na ribeira da Villariça as *courellas* ou *sortes* das campinas fundas e proximas do Douro.

[2] *Montantes*, pelo menos ao norte do nosso paiz, são os trabalhadores que habitualmente se occupam em extrahir a pedra das pedreiras, segundo as instrucções e medidas que recebem dos mestres das obras;—*apparelhadores* ou *canteiros* são os que depois trabalham e affeiçoam a pedra;—*assentantes* os que por ultimo collocam e assentam a pedra nos edificios.

Os *assentantes* são sempre os *mestres* ou *contra-mestres* e os officiaes de maior confiança.

minadas *louzas*. Tem 1^{m},20 de largura—e 8 de comprimento!

Podem tambem ver-se e admirar-se as enormes pranchas da dicta pedra com que a camara mandou forrar as paredes e os tectos das prisões no edificio dos novos paços do concelho.

Ficaram as dictas prisões segurissimas e à prova de fogo, como se fossem *couraçadas*.

—

Em muitos pontos das margens do Alto Douro, onde predomina o *schisto* ou *louzinho*, por vezes se encontram pedreiras d'onde se extrahe pedra magnifica para construcções, como pode ver-se nos muros de supporte da linha ferrea e da estrada marginal, e em algumas pontes d'esta estrada, nomeadamente na da foz de *Mil Lobos* ou do rio *Temi Lupus*, entre a Folgosa e Bagauste, na margem esquerda do Douro,—ponte de um só arco de grande abertura e grande altura, feito do tal schisto.

Tambem quasi todos os lagares do Alto Douro são feitos com tampos do mesmo schisto, alguns dos quaes medem 6 a 7 metros de comprimento sobre um metro de largura e 18 a 20 centimetros d'espessura, como podem ver-se na quinta do *Ferrão*, da nobre familia *Pessanhas*, junto da estação d'aquelle nome na linha ferrea do Douro, extrahidos em Donello, aldeia da freguezia de Covas;—mas todas as pedreiras d'aquelle schisto são muito differentes.

Não se conhece em todo o Douro outra pedreira igual a esta de Foscôa—ou da *Fraga do Poio*.

—

As producções principaes d'esta parochia são:—trigo, centeio, cevada, vinho, azeite, lã, caça miuda, melões, melancias, amendoas e *sumagre*.

Outr'ora em ambas as margens do Alto Douro havia muitos *sumagraes*, que constituiam uma industria e um ramo de negocio importantes, mas, depois que o marquez de Pombal creou a grande *Companhia dos Vinhos*, (veja-se o artigo *Victoria*) desenvolveram-se espantosamente os vinhedos nas duas margens do Douro e desappareceram quasi todos os *sumagraes*. Apenas aqui se conserva ainda aquella industria, mas bastante decahida com o descredito proveniente das contrafacções, pois costumam addiccionar ao pó do sumagre a poeira que no verão aqui abunda nas estradas publicas e que, por ser proveniente do schisto, tem a mesma côr do pó do sumagre, sendo muito mais barata e muito mais pesada;—mas é tolice, porque os compradores já estão prevenidos e sabem dar-lhe o devido desconto no preço. Andam pois os vendedores do sumagre *carregados com terra* sem proveito algum!

Prevaleceu aqui a industria da preparação do sumagre por 3 rasões,—já porque a demarcação feita nos terrenos das margens do Douro pela *Companhia dos Vinhos* não passava dos concelhos d'Alijó e da Pesqueira,—já porque os vastos montes e ladeiras do termo d'esta parochia produziram sempre muito sumagre espontaneamente,—já porque o sumagre do termo d'esta villa foi sempre *de 1.ª qualidade*. É o melhor d'ambas as margens do Douro, pelo que ainda hoje—apesar das contrafacções—é o que encontra venda mais facil e obtem melhor preço.

—

Além dos sumagraes espontaneos que abundam no monte *Meão*, baldio, e nas ladeiras incultas, por entre o fragoedo, ha aqui muitos sumagraes plantados de estaca nas ladeiras mais pobres de *humus* e que se não prestam a outra cultura.

Plantam-nos á enxada *muito superficialmente* e cavam-nos tambem *muito superficialmente* apenas de dois em dois annos, mas é tão vivaz a planta, que se conserva em boas condições de producção tempo indefinido!

Fazem a colheita com o maior desamor tambem.

Quando a planta attinge o seu maior desenvolvimento, cortam-lhe todas as hastes, deixando-lhe apenas as raises que, decorridos annos, formam uma grande *cêpa*, á superficie da terra.

Conduzem aquella ramagem para o *Campo da Feira*;—estendem-n'a ali ao sol sobre a terra,—depois de mirrada é batida por mangoaes ali mesmo,—e d'ali a levam

para as atafonas, onde é moida e redusida a pó.

—

As atafonas são actualmente 4 e estão todas no mesmo Campo da Feira, lado norte, montadas em humildes casas terreas.

São formadas, como os nossos antigos lagares d'azeite, por um *pio* ou tanque circular, tendo a meio uma trave, firmada perpendicularmente, e presa a ella por um eixo uma grande roda de pedra, que tem cerca de 3 metros de diametro e 3 a 4 decimetros de grossura;—trabalha perpendicularmente tambem e é movida por uma junta de bois, em rasão da falta d'agua para motor.

Cada pio tem uma roda sómente.

No verão ultima-se cada *piada* em um dia, por estar o sumagre ressequido, mas no inverno demanda cada *piada* dois a tres dias de moagem.

Costumam dar no verão pela moagem de cada *piada* 1$600 réis,—sendo 1$000 réis para aluguel da atafona e 600 réis para o dono do gado.

Quando ali estivemos em 1881 regulava o preço de cada arroba do dicto sumagre por 500 réis, mas ha ali memoria de se ter vendido a 1$200 réis, antes de se generalisar a contrafacção.

No ultimo anno (1884) a ceifa do sumagre produsiu 154 *piadas* de 60 arrobas e regulou por 600 réis o preço de cada arroba. Apurou pois esta villa em sumagre 5:544$000 réis!...

Costumam exportal-o para Alverca e para o Porto, e é gasto nas tinturarias e nos cortumes.

Outr'ora consumia-se tambem muito aqui na villa nas fabricas de cortumes que houve n'ella, como já dissemos.

Além das 4 atafonas do sumagre ha hoje n'esta freguezia, na margem esquerda do Côa, 4 moinhos para moerem pão, com 16 rodas;—no Douro 6 azenhas com 15 rodas, para moerem pão tambem—e na villa 6 moinhos para azeitona, movidos por bois.

—

Apesar da grande falta d'arvoredo e de agua—e da má visinhança da lagôa e do cemiterio, o clima de Foscôa não é insalubre, por estar a villa em sitio alto e muito lavado dos ares.

Na *Hist. Eccl. de Lamego* se lê textualmente o seguinte:

«É Villa Nova mui saudavel, sem obstar a intemperança do ar, por extremo frio de inverno, sem lenha,—e no verão ardente com excesso, sem aguas, fructas ou hortaliças, ainda que de tudo abunda por lhe vir cada dia de fóra. Os naturaes costumam chegar a velhice muito avançada; alguns passam de cem annos. Um existe em 1794 que militou na guerra da liga, e acompanhou o exercito que entrou em Madrid. As queixas mais frequentes são rheumatismos, paralysias, apoplexias, flatos hypocondricos, carbunculos, pleurises, e *sezões perniciosas* (?). Os estrangeiros que se vem aqui estabelecer teem pouca saude e duração.»

O clima não é muito insalubre, mas aqui teem pesado com força varias epidemias, nomeadamente o colera em 1855.

Grassou desde março até o fim d'agosto d'aquelle anno, fez centenares de victimas, não se podendo hoje saber ao certo o numero, porque se não lavrou registro algum do obituario. O que se sabe é que foi uma mortandade medonha, sendo poucos os vivos para enterrarem os mortos!...

Dias houve em que os enterramentos foram feitos por mulheres, sem acompanhamento algum religioso, pois o parocho d'então, Caetano Esteves de Mattos, fugiu covardemente para a villa de Trancoso.—Morreriam todos os cholericos sem os soccorros espirituaes se não fôra o intrepido sacerdote, hoje aqui abbade, Antonio Augusto d'Almeida, que se tornou por essa occasião benemerito, indo promptamente, com risco da propria vida, a toda a parte, noute e dia, ministrar os sacramentos aos empestados e distribuir-lhes palavras de conforto e soccorros de toda a ordem.

Tambem muito honrosamente se distinguiu em tão negra conjunctura o digno administrador d'este concelho, Fernando dos Santos Sequeira, que se conservou como um heroe no seu posto, não se poupando aos maiores sacrificios para valer aos seus administrados.

É o digno abbade Antonio Augusto d'Almeida irmão do rev. José Maria d'Almeida, distincto orador e digno abbade tambem de Freixo de Numão, tendo sido anteriormente abbade nas freguezias de Tavora e de Santa Eulalia de Arouca, n'esta diocese de Lamego.

—

N'esta villa viveu outr'ora grande numero de judeus que a tornaram rica e florescente com o seu genio economico, laborioso e industrial. Soffreu muito com a impolitica e barbara extincção d'elles, bem como Villa Flor de Traz-os-Montes, Moncorvo, Gouveia da Beira Baixa, Covilhã, etc.

Veja-se este vol. 10.º pag. 732, col. 1.ª

Expulsos os judeus em 1496 e sendo depois os restantes concentrados em *judiarias* ou bairros proprios, aos d'esta villa se lhes marcou o pequeno *bairro do castello* e ainda hoje sobre os habitantes d'aquelle bairro pesa o labeu de judeus, posto que, depois de extincta a odiosa distincção entre *christãos velhos* e *christãos novos*, passaram a viver onde muito bem lhes approuve; e hoje os habitantes d'esta villa são todos catholicos sem distincção alguma, e sinceramente religiosos, como provam os muitos templos já mencionados e as festividades que n'elles se celebram.

A proposito da religião e piedade dos villanovenses, diz José Antonio d'Almeida:

«Em tempo de grandes séccas, e quando as searas pedem agua, recorrem os habitantes de Foz-Côa, por meio de preces, á Virgem Nossa Senhora para que fertilise seus campos, mandando a desejada chuva. Raras são as vezes que a Mãe de Deus lhes não acode. Quando isto, porem, acontece, não tendo mais a quem dirigir-se, juntam-se nove donzellas, *que é essencial se chamem Marias*, vão em procissão a distancia de meio quarto de legua, a um sitio chamado *Lameira d'Azinhate*, [1] e ali voltam de baixo para cima uma grande pia de pedra, que pesará 30 arrobas, *se não mais*, regressando depois para casa á espera da chuva. N'esta operação é preciso a maior parte das vezes serem as nove donzellas auxiliadas por braços viris, pois que suas forças não são sufficientes para voltar aquella massa enorme.»

Isto ainda hoje se pratica.

Tambem por occasião das grandes estiagens costumam conduzir em procissão pelas ruas da villa a imagem do Senhor dos Passos;—outras vezes vão buscar em procissão de penitencia á margem do Douro a imagem de *Nossa Senhora da Veiga*,—collocam-na no altar mór da egreja matriz,—fazem-lhe preces,—ali a conservam até terminar a estiagem—e depois a levam outra vez em procissão para a capella.

—

Esta villa é muito hospitaleira e obsequiadora para com os estranhos, mas quem fixar n'ella domicilio necessita de viver com muita prudencia e muito criterio para se livrar de trabalhos, porque, desde tempos remotos, esteve sempre dividida em partidos exaltados que á mais leve provocação se não poupam a hostilidades *de toda a ordem*,—vinganças, perseguições, pancadas, facadas, tiros, incendios e mortes! E, como a villa é compacta e muito populosa—e por vezes tem estado dividida em dois bandos de fanaticos politicos armados,—nas suas proprias ruas se teem ferido grandes desordens,—batalhas sangrentas que a teem coberto de sangue, de cinzas e de vergonhas!

Sem evocarmos reminiscencias muito longinquas, poderiamos citar grandes excessos, incendios e mortes, praticados ainda n'este seculo por occasião das luctas civis, nomeadamente durante a revolução da *Junta do Porto* (1846 a 1847) que obrigaram algumas das principaes familias d'esta villa a expatriar-se e abandonal-a *até hoje*, fixando a sua residencia no Porto, Lisboa, Moncorvo, Pinhel e n'outras localidades, para salvarem a vida e o resto dos seus haveres, com o que muito soffreu esta povoação.

Algumas das suas primeiras casas foram reduzidas a cinzas em 1847 com toda a sua mobilia, generos e valores importantes—e outras se acham ainda desertas, taes são as da numerosa e abastada familia *Campos*, do.

[1] Local da capella n.º 5, de *Nossa Senhora do Azinhate* ou da *Azinhaga*, — *Nossa Senhora do Amparo.*

Barão de Villa Nova de Foscôa. Em uma d'ellas, na rua de S. Miguel, talvez ainda hoje o 1.º edificio particular da villa, se acha montado um hotel!...

Em poucas povoações do nosso paiz se terão praticado tantos excessos,—provenientes uns da odiosa distincção entre *christãos velhos* e *christãos novos*, ou pelo menos acobertados com ella;—outros provenientes da exaltação partidaria;—outros provocados pelo facciosismo e prepotencia de certas auctoridades, nomeadamente dos escrivães da fazenda, um dos quaes, não ha muito, determinou o povo a um levantamento em massa e a incendiar todos os papeis da recebedoria e da repartição da fazenda,—salvando-se *como por milagre* o dicto escrivão de ser trucidado e talvez queimado com elles!...

—

Nos excessos praticados durante as ultimas guerras civis desempenharam o *primeiro papel* Antonio Joaquim Marçal e Manuel Marçal, irmãos do general de brigada João Antonio Marçal.

Capitaneando uma numerosa guerrilha ou antes *quadrilha de ladrões* e assassinos, mataram e roubaram ou mandaram matar e roubar muitas pessoas e incendiaram muitas casas n'esta villa e fóra d'ella.

Só nas freguezias de S. Martinho de Mouros e de S. Pedro de Paus, concelho de Rezende, saquearam a povoação toda e incendiaram trese das primeiras casas, [1] mas por seu turno lhes incendiaram tambem as d'elles e ambos foram barbaramente mortos a tiro, como féras [2].

Talis vita—finis ita!...

Os *Marçaes de Foscôa*, fizeram *pendant* com os *Brandões de Midões*—e foram como elles o açoute e terror da Beira muitos annos! [1]

—

Para se formar idéa do que esta pobre villa tem soffrido com as dissenções e perseguições politicas e religiosas não necessitamos de remontar-nos á cruel, impolitica e barbara expulsão dos judeus, ordenada por D. Manuel, nem á ominosa occupação Filippina. Basta que nos circumscrevamos a este seculo e recordemos alguns factos.

Horresco refferens!

1.º—Em 1808 os *christãos velhos*, fanatisados e dirigidos pelo abbade José Maria Leite, cahiram em massa sobre os *christãos novos*, apodados de *jacobinos* ou parciaes dos francezes,—espancaram e trucidaram barbaramente a muitos,—homens e mulheres, velhos e creanças,—e lhes saquearam e arrasaram as casas. Por seu turno os *christãos velhos*, auctores do massacre, foram depois severamente punidos e massacrados pela justiça. Muitos entulharam as cadeias e n'ellas pereceram;—outros se homisiaram e passaram os maiores trabalhos escondidos pelas brenhas e montes;—outros foram degradados para a Africa;—outros jaseram nas prisões até 1820 e n'essa data foram amnistiados por influencia do generoso liberal e patriota Joaquim Ferreira Soares de Moura, de quem logo fallaremos.

2.º—Em 1828 e nos annos seguintes os partidarios do sr. D. Miguel perseguiram

---

[1] V. *Paus*, vol. 6.º pag. 509, col. 2.ª e seg. Pessoa de todo o credito nos asseverou que a tal guerrilha ou quadrilha dos Marçaes, *só em um dia de marcha*, desde Villa Nova de Foscôa até Ranhados, freguezia distante de Foscôa cerca de 25 kilometros para S. O. *assassinou barbaramente desenove paisanos*, sendo o ultimo um pobre pastor que encontraram junto de Ranhados!...

[2] Antonio Joaquim Marçal nasceu n'esta villa em 1803 e foi barbaramente assassinado em 11 de janeiro de 1851 no sitio do *Farfão*, freguezia da *Lousa*, concelho de Moncorvo.

Manuel Antonio Marçal nasceu em 1819 e foi assassinado pelo seu parente, Rodrigo Balsemão, no dia 18 de maio de 1861, na *Venda do Valle*, freguezia de *Mouronho*, concelho de Taboa.

O general, irmão dos antecedentes, João Antonio Marçal, nasceu em 1808 e falleceu a 27 de fevereiro de 1878, em Angra do Heroismo.

[1] V. *Midões, Oliveira do Hospital, Taboa, Varzea de Meruje, Varzea da Candosa, Vide*, freguezia do concelho de Ceia — e *La Vendetta* ou *O Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, pseudonymo de Antonio da Cunha, de Varzea de Trevões.

cruelmente os liberaes;—culparam e prenderam nada menos de 102 homens e mulheres — e houve por essa occasião muitos espancamentos, ferimentos e mortes, confiscações de bens e insultos e excessos de toda a ordem.

3.º—Em 1834 e nos annos seguintes, por seu turno os liberaes exerceram cruel vindicta sobre os realistas, havendo por essa occasião tambem muitos espancamentos, ferimentos, incendios e mortes, tornando-se tristemente celebre entre os perseguidores dos realistas João Antonio Tronfe, por alcunha o *Paróla*, que fez, ou pelo menos se jactava de haver feito, *vinte e oito assassinatos?!...*

Morreu miseravelmente.

4.º—Em 1837 a 1840 os liberaes em guerra uns contra os outros praticaram tambem muitos excessos e mortes.

Por essa occasião as forças do conde do Bomfim saquearam pela 1.ª vez a casa de Antonio Marçal, uma das mais importantes da villa.

5.º—Em 1846 e 1847 reappareceram as mesmas luctas entre os liberaes. Dividiu-se a villa em dois partidos e formaram-se e armaram-se dois batalhões, — um *cartista*, commandado por Antonio Marçal, que abraçou a causa da rainha, a sr.ª D. Maria II,— outro *setembrista* ou *patuleia*, que seguia a causa popular, ou da junta do Porto.

Em 24 de dezembro de 1846 as forças do Marçal entrando n'esta villa saquearem e destruiram tudo quanto encontraram nas casas dos seus adversarios, [1] tendo estes respeitado sempre as dos cartistas; mas não se fizeram esperar as represalias.

No primeiro ensejo as forças da junta por seu turno saquearem as dos cartistas e incendiaram as de Manuel Marçal e de Antonio Marçal, que perdeu no incendio sommas importantes, pois além da mobilia ficaram redusidos a cinzas uns bahus que havia escondido em um falso, cheios de pratas e d'outras preciosidades.

Tambem por essa occasião lhes tomaram muito gado e queimaram todos os papeis da camara, municipal, da administração do concelho e d'outras repartições publicas.

6.º—Em 1855 até os elementos se conspiraram contra esta villa, pois durante mezes o *cholera morbus* a devastou cruelmente, fazendo centenares de victimas!...

7.º—Em 1863, havendo o escrivão da fazenda Vicente Augusto d'Araujo Camisão, [1] elevado escandalosamente o rendimento collectavel das matrises, o povo se levantou em massa e reduziu a cinzas tudo quanto encontrou na repartição da fazenda e na recebedoria do concelho, seguindo-se a punição, que foi severa!...

8.º—Em 1876 manifestaram-se a deshoras da noute varios incendios em propriedades urbanas, attribuidos a vinganças partidarias provenientes de umas eleições muito renhidas.

—

Mas lancemos um veu sobre tão negro sudario, que a missão de historiador nos obrigou a descobrir e, em contraposição, consignemos tambem aqui os nomes de alguns dos muitos cidadãos benemeritos que Villa Nova de Foscôa tem produsido desde os tempos mais remotos até hoje.

Nos fins do ultimo seculo a *Hist. Eccl. de Lamego,* mencionou os seguintes:

—Guilherme Cardoso de Campos, fidalgo cavalleiro e coronel d'infanteria. Militou com distincção nas guerras da *Liga* e foi governador do castello de Alfaiates.

—Verissimo Cardoso de Campos, fidalgo cavalleiro professo da ordem de S. Bento d'Aviz, commendador de Meimôa e capitão-mór d'esta villa.

—Antonio Cardoso de Campos,

—Fr. João Guilherme e

—Fr. Bento Cardoso, mestres jubilados na

[1] Entre as casas que saquearam e destruiram merecem especial menção tres formosos palacetes dos srs. Joaquim de Campos Henriques, José de Campos Henriques e Manuel de Campos Henriques. Estes tres cavalheiros tiveram de mudar a sua rezidencia,—o 1.º para a cidade do Porto, onde falleceu,—os dois ultimos para a cidade de Pinhel, onde falleceram tambem.

[1] Falleceu em 1884 na Guarda, sendo ali delegado do thezouro.

ordem de S. Domingos, e todos tres irmãos de Verissimo Cardoso de Campos.

—Guilherme Cardoso, fidalgo cavalleiro de S. Bento d'Aviz, alferes da cavallaria d'Almeida e commendador de Meimôa,

—Antonio Cardoso, tambem alferes de cavallaria, e

—João Cardoso, capitão-mór d'esta villa, todos tres irmãos e filhos de

—Verissimo Cardoso, com o fôro de fidalgo, desde o 6.º avô.

—Padre Manuel d'Azevedo, abbade de Aldeia Rica. Falleceu n'esta villa contando 92 annos de idade!

—Francisco José d'Azevedo e seu filho,

—Luiz José d'Azevedo, foram ambos sargentos-môres d'esta villa, á qual fizeram grandes bens.

—João Rodrigues de Vasconcellos Bravo, capitão de cavallaria. Por suas heroicas acções nas guerras de 1705 e 1712 conquistou o appellido de *Bravo*.

—Manuel Rodrigues de Vasconcellos, irmão do antecedente, foi capitão de cavallaria nas mesmas guerras e valente militar tambem.

—Pedro de Seixas, cavalleiro professo na ordem de Christo, teve o fôro de fidalgo e foi capitão mór d'esta villa.

—Balthasar Mendes de Seixas, alcaide-mor d'esta villa, foi armado cavalleiro em Africa e proprietario de muitos officios publicos.

—Simeão de Seixas, sargento-mór das caudelarias.

—Manuel Ferreira de Seixas, sargento mór da Praça de Penamacor.

—Sebastião de Seixas, governador da praça de Castello Rodrigo.

—Fr. Gabriel da Trindade e Seixas, D. abbade na ordem de Cister.

—Dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial dos gracianos.

Foi doutor em theologia pela Universidade de Coimbra; viveu como prior no convento dos gracianos, em Lamego, e ali foi mestre de moral e philosophia e examinador synodal.

—Joaquim Manuel de Seixas, cavalleiro professo na Ordem de Christo e juiz de fóra em Serro Frio.

—Manuel de Campos Ferreira Saraiva, sargento-mór e governador da praça de Salvaterra da Baia.

—Luiz Domingos Nozes, distincto jurisconsulto.

—Gabriel Ferreira, capitão d'infanteria d'Almeida.

—Jacyntho Lopes Tavares, mestre de campo d'auxiliares.

—Isidoro Saraiva, cavalleiro de conhecida nobreza, distincto pelo seu nascimento e virtudes.

—Padre Manuel Lopes, abbade de S. Romão.

—Padre João Saraiva, abbade de Penedono.

—Padre Francisco d'Almeida, abbade de Tropêço.

—Padre José d'Almeida, reitor de Leomil.

—Padre João Antonio de Moura, abbade de Espinhosete, bispado de Bragança.

—Fr. Manuel dos Anjos e Moura, da ordem dos Pregadores, leitor em Vianna.

—Bartholomeu Luiz Ferreira, sargento-mór de ordenanças, pae do grande patriota José Joaquim Ferreira de Moura.

—Padre Luiz Bernardo Botelho, abbade d'esta villa nos fins do ultimo seculo, pessoa de muita illustração e virtudes, e que foi o informador de D. Joaquim d'Azevedo, auctor da *Historia* que vamos extractando [1].

—

Mencionaremos ainda 3 benemeritos filhos de Foscôa, nascidos no ultimo seculo. São os seguintes:

1.º—José Joaquim Ferreira de Moura.

Nasceu em 1776 e falleceu no dia 27 de junho de 1829, no sitio de Palhavã, freguezia de S. Sebastião da Pedreira, no patriarchado.

Era filho de Bartholomeu Luiz Ferreira, pharmaceutico, proprietario e sargento-mór d'ordenanças, e de D. Margarida de Moura. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, nos principios d'este seculo,—e foi juiz de fóra em Aldeia Gallega do Ribatejo, tomando posse em 1804. Por occasião da

[1] Para a genealogia de D. Joaquim d'Azevedo, V. *Villa Nova d'Ourem*.

primeira invasão franceza o general Junot o incumbiu de trasladar para portuguez o *Codigo Napoleão*, pelo que se tornou suspeito de *jacobinismo* e esteve alguns annos fóra do quadro da magistratura, retirando-se para a sua terra natal, onde entretanto exerceu a advocacia.

Consta que por esse tempo escrevera e publicára anonyma uma interessante Allegação ou Memoria juridica em defesa de seu pae, que fôra accusado d'um crime gravissimo,—condemnado nas instancias inferiores—e por ultimo declarado innocente.

Em 1820 já estava outra vez em exercicio no quadro da magistratura, servindo o logar de juiz de fóra em Pinhel.

Liberal decidido, abraçou com enthusiasmo as idéas politicas proclamadas no Porto em 24 d'agosto de 1820, e em janeiro de 1821 tomou assento no congresso constituinte, como deputado eleito pela provincia da Beira.

Ligado intimamente a Manuel Fernandes Thomaz, foi com elle redactor do jorual *O Independente*, e tomou parte activa e muito saliente nos trabalhos d'aquellas côrtes, em que foi membro e varias vezes presidente das commissões mais importantes. [1]

—

A popularidade, de que se mostrára tão sequioso, não o abandonou, pois nas côrtes immediatas de 1822 foi simultaneamente reeleito pelos circulos de Trancoso Coimbra, Castello Branco e Aveiro.

Em junho de 1823 emigrou para a Inglaterra e ali se conservou até 1826, data da proclamação da *Carta Constitucional*.

Regressando ao seu paiz, dedicou-se novamente á profissão de advogado em Lisboa, até que uma pertinaz hydropisia o levou á sepultura em 1829.

Além de varias obras anonymas, sabe-se que escreveu e publicou as seguintes:

Reflexões criticas sobre a administração da justiça em Inglaterra... 2.ª edição, Lisboa, 1836. 4.º de 180 pag.

Abolição da Companhia do Alto Douro... Londres, 1826,—1.ª edição anonyma. Da mesma obra se publicou 2.ª edição posthuma, em Londres tambem, no anno de 1832.

Suppõe-se que foram escriptas por elle tambem, mas publicadas se mnome d'auctor, as obras seguintes:

Diccionario d'algibeira politico e moral... Madrid (sem data) 12.º de 120 pag.

O Catavento... Paris, 1826, 8.º gr. de 54 pag.

O *Bota-fóra do Catavento, ou a Cabeça de bacalhau fresco, burletta em dois actos*... Lisboa, 1827.

Alguem lhe attribuiu tambem as *Cartas politicas de Americus*.

Para as mais circumstancias relativas a estas obras leia-se o *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

—

José Joaquim Ferreira de Moura casou com uma senhora muito illustrada e de grande prestigio tambem,—D. Maria Perpetua Lobo de Moura, e tiveram os filhos seguintes:

A.—João Antonio Lobo de Moura, visconde de Moura, fallecido em S. Petersburgo, capital do imperio da Russia, em 1868, onde era nosso embaixador, tendo ali casado com a condessa Anna *Aproxina* (?), hoje condessa de Moura, irmã da princesa *Bolgrouski* (?) esposa morganatica do Czar Alexandre II.

B.—Eduardo Lobo de Moura, artista muito distincto, considerado o *primeiro pintor caricaturista do mundo*!...

Ainda hoje (1885) vive perto de Londres, contando cerca de 70 annos de idade.

C.—D. Maria Barbara Lobo de Moura. Casou com Julio Antonio de Luna e Vasconcellos, medico-cirurgico pela escola do Porto, já fallecido, e tiveram—Julio Antonio Luna de Moura, cavalheiro de muito merecimento, bacharel formado em direito e advogado em Villa Nova de Foscôa, onde reside e é prezidente da camara municipal.

D.—Augusto Lobo de Moura, fallecido em

[1] *Galeria dos deputados*... pag. 238 a 258—e *Revelações*... por J. M. Xavier de Araujo, pag. 81.

Nas camaras distinguiu-se pelos seus vastos conhecimentos de sciencias sociaes, especialmente sôbre o regimen parlamentar francez.

Caritiba (?) no Brazil, onde era magistrado.

—

José Joaquim Ferreira de Moura teve varios irmãos. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas um,—João Antonio Ferreira de Moura, que foi conselheiro de estado, deputado ás côrtes, governador civil do Porto e d'outros districtos, e 1.º barão do Mogadouro.

Falleceu no Porto e deixou uma unica filha,—D. Anna Isabel Maria de Moura Pegado e Oliveira, actual baronesa do Mogadouro, casada com o barão do mesmo titulo, —Antonio Saraiva d'Albuquerque e Vilhena, rezidentes na freguezia das Freixedas, concelho e comarca de Pinhel, tendo uma filha casada com seu primo, o dr. Julio Antonio de Luna e Moura, supra mencionado.

—

Dos tres benemeritos filhos de Villa Nova de Foscôa, nascidos nos fins do ultimo seculo, já mencionamos um, Joaquim Ferreira Soares de Moura; mencionemos agora os outros dois:

2.º—*Joaquim José de Campos Abreu e Lemos.*

Nasceu n'esta villa em 1780 e, se não occupou altos cargos publicos, teve uma vida interessante, cortada de peripecias;—foi homem muito illustrado—e deixou de si boa memoria.

Provido por concurso em 1809 na cadeira de grammatica latina da Villa de Freixo de Numão, hoje uma das freguezias d'este concelho de Villa Nova de Foscôa, deixou o dicto emprego e o de escrivão da camara da mesma Villa de Freixo para entrar na repartição do commissariado do exercito, na qual serviu até o fim da campanha peninsular, merecendo ser condecorado com a medalha respectiva.

Terminada a guerra, continuou ao serviço da mesma repartição—primeiramente em Elvas e depois em Lisboa, desempenhando diversas commissões tanto no tempo de paz, como no das guerras civis.

Desde 1828 se alistou sob as bandeiras do sr. D. Miguel, cujo exercito acompanhou até que a convenção d'Evora Monte (26 de maio de 1834) o obrigou a regressar á sua casa de Freixo de Numão, onde permaneceu algum tempo, occupando-se exclusivamente nos negocios domesticos.

Instado por alguns amigos e pela falta de meios, abriu uma aula de grammatica latina—primeiramente na freguezia d'Outeiro de Gatos (hoje concelho da Mêda)—depois na villa de Trancoso—e por ultimo na do Fundão, leccionando em todas estas localidades numerosos discipulos que muito aproveitaram com as lições de tão sabio mestre.

Exerceu no Fundão alguns cargos municipaes—e em 1851 foi nomeado escrivão da fazenda d'aquelle concelho, cargo que parece ainda servia em 1857.

Ignoramos a data e a localidade do seu fallecimento, mas sabemos que falleceu contando mais de 75 annos de idade e que escreveu e publicou as obras seguintes:

Grammatica elementar da lingua latina... Lisboa, 1822, cuja edição foi de 1:500 exemplares e promptamente se esgotou.

O desaggravo da Grammatica... Lisboa, 1820,—publicação anonyma.

Sustentação do desaggravo da Grammatica... Lisboa, 1822.

Para as outras circumstancias d'estas obras, veja-se o *Diccionario Bibliogr.* de Innocencio.

—

3.º — *Francisco Antonio de Campos*, 1.º barão de Villa Nova de Foscôa, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes de 1823, 1834 e 1835, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda em 1835, par do Reino etc.

Nasceu n'esta villa em 1 de dezembro de 1780 (ignoramos a data do seu fallecimento) e foram seus paes Luiz de Campos Henriques e D. Angelica Mendes da Silva.

Deixou grande fortuna;—foi homem muito illustrado,—e escreveu e publicou as obras seguintes:

Relatorio do Ministro e secretario d'estado dos Negocios da Fazenda... Lisboa, 1836.

A lingua portugueza é filha da latina... Lisboa, 1843, publicação anonyma.

Burro d'Ouro d'Apuleio, traduzido em portuguez, Lisboa, 1847,—publicação anonyma tambem.

São tambem seus varios artigos philologicos, publicados com a assignatura—*Y*—em varios numeros do jornal *O Pantologo,* a pag. 28, 46, 86, 103, 111, 120, 121, 146 e 171.

O barão de Villa Nova de Foscôa falleceu sem successão, pelo que instituiu universaes herdeiros da sua grande casa os seus dois sobrinhos seguintes:

—*José Caetano de Campos* e

—*Joaquim de Campos Henriques,* ambos conselheiros formados em direito, e magistrados distinctos, juizes aposentados do supremo tribunal de justiça,—ambos ainda vivos e rezidentes em Lisboa.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Pinhel* no vol. 7.º—nomeadamente a pagina 97, col. 1.ª [1]

—

Esta nobre familia *Campos* teve e não sabemos se tem ainda um ramo na freguezia de *Freixo de Numão,* d'este concelho.

Fez parte d'aquelle ramo e parte muito distincta Manuel d'Almeida Campos, natural d'aquella freguezia, medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, casado com D. Joanna Maria Rosa de Campos, natural de Lisboa, onde viveu e teve uma filha, D. Maria José Augusta Campos de Gusmão.

Casou esta senhora com Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., um dos nossos mais distinctos escriptores contemporaneos, natural de Tondella e já viuvo de D. Efigenia Victoria Balbina Pereira Pinto Maciel, natural de Faro.

Do seu primeiro consorcio não teve filhos o sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, mas do 2.º, teve os seguintes:

1.º—Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão Junior, formado em philosophia pela Universidade de Coimbra;

2.º—Maria Francisca Campos de Gusmão;

3.º—Manuel d'Almeida Crmpos de Gusmão;

4.º—D. Maria José Campos de Gusmão;

5.º—D. Maria Joaquina Campos de Gusmão.

O sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (pae) nasceu na aldeia do Carvalhal, termo da villa de Tondella, no dia 6 de janeiro de 1815.

V. *Tondella* no *supplemento* a este diccionario, onde completaremos a biographia de s. ex.ª

Entretanto póde consultar-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, que lhe dedicou um bello artigo e mencionou nada menos de 27 obras suas, publicadas até 1859.

—

Posto que natural da Villa de Monção, mencionaremos tambem aqui um escriptor distinctissimo, Padre João Salgado d'Araujo, porque foi abbade d'esta villa e n'ella viveu muitos annos.

E' o auctor da obra seguinte:

Successos militares das armas portuguezas... com a geographia das provincias e nobreza d'ellas. Lisboa 1644.

Parece que não publicou outras obras em portuguez, mas, seguindo a moda do seu tempo, escreveu e publicou em castelhano as seis indicadas por Innocencio e deixou manuscriptas diversas obras importantes, mencionadas na *Bibliotheca Luzitana.*

Foi zelosissimo portuguez e douto escriptor—segundo a auctorisada opinião de D. Francisco Manuel de Mello.

—

Entre os senhores d'esta villa conta-se Vasco Fernandes Coutindo, 1.º conde de Marialva, o qual se achou na jornada dos infantes a Tangere, em 1437.

Foi um dos homens mais ricos e mais notaveis do seu tempo, 5.º marechal meirinho-mór do reino, valido de D. João I, D. Duarte

[1] O barão de Villa Nova de Foscoa é hoje muito dignamente representado n'esta villa pelo seu 2.º sobrinho Eduardo de Campos Henriques, pessoa de muito merecimento e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

e D. Affonso V, senhor d'esta villa e dos coutos d'Armamar e Leomil, bem como de Numão, Marialva, Ferreiros de Tendaes, etc.

Em 1708 eram senhores d'esta villa os condes de Villa Nova de Portimão, hoje muito dignamente representados pelo sr. D. João de Lencastre e Tavora, que por linha hereditaria de seus maiores devia ser 9.° marquez de Fontes, 7.° marquez d'Abrantes, 10.° conde de Figueiró, 13.° conde de Sortelha, etc., mas renunciou todos estes titulos, por não querer renunciar as idéas legitimistas de seus paes e avós.

Nasceu em 28 de dezembro de 1864 e casou em 16 d'abril de 1885 com a ex.ma sr.a D. Maria Carlota de Sá Pereira e Menezes, que nasceu em 4 de março de 1864, sendo filha da marqueza de Oldoini e neta dos viscondes da Torre de Moncorvo.

V. *Portimão* e *Abrantes* n'este diccionario e no *supplemento*—e a *Memoria historica, genealogica e biographica da Casa d'Abrantes*, publicada no Porto em 1883 pelo sr. José Augusto Carneiro, gerente liquidatario do ramo da casa d'Abrantes no concelho de Villa Nova de Gaya.

Os marquezes d'Abrantes tambem possuiram um morgado em Villa Nova de Foscôa.

—

No ultimo anno economico pagou este concelho:

Contribuição predial..........	6:994$049
Contribuição industrial........	2:438$707
Sumptuaria e renda de casas..	840$594
Decima de juros...............	630$000

Conta actualmente este concelho 16 bachareis formados, filhos seus, sendo naturaes da freguezia de Villa Nova de Foscôa (ou *Fozcôa*, como muito bem quizerem) os 10 seguintes:—1.° Julio Antonio Luna de Moura, 2.° José Luiz Moutinho d'Andrade, 3.° Eduardo de Andrade, 4.° Luiz José Ferreira Margarido, 5.° Alfredo Antonio d'Almeida, 6.° Antonio Joaquim Margarido Pacheco, 7.° José Joaquim Cavalheiro, 8.° Adriano de Sousa Cavalheiro, 9.° Antonio Augusto d'Almeida Silvano e 10.° Ramiro Leal.

O 1.° é prezidente da camara e advogado;—o 2.° é tambem advogado n'este auditorio;—o 3.° vive das suas rendas;—o 4.° é recebedor d'este concelho;—o 5.° é advogado no Porto;—o 6.° é juiz de direito;—o 7.° é 1.° official no ministerio da marinha, tendo sido delegado em Lisboa e governador civil na Guarda;—o 8.° é medico e cirurgião ajudante do exercito;—o 9.° é escriptor publico e jornalista;—o 10.° é professor d'instrucção primaria complementar em Sernancelhe.

Conta este concelho tambem actualmente 25 presbyteros, sendo filhos de Villa Nova 16.

Poucas villas do nosso paiz contarão na actualidade tantos presbyteros.

—

Dos 40 maiores contribuintes d'este concelho hoje, pertencem a Villa Nova os 11 seguintes:—Padre José Maria d'Almeida, Dr. Julio Antonio Luna de Moura, Commendador Eduardo de Campos Henriques, Antonio Joaquim Ferreira, Cypriano Antonio Saraiva, Padre José Joaquim Pereira de Sousa, José Julio Ferreira Margarido, José Pedro Saraiva, Joaquim Manuel de Sousa, José Marçal Chiote e João Antonio Martinho de Andrade.

Os actuaes vereadores d'este concelho são:—Dr. Julio Antonio de Luna e Moura, presidente,—João Antonio Moutinho de Andrade, Julio Ferreira Margarido, José Costa, Manuel Joaquim d'Albuquerque, Augusto Aranda, José de Campos e José Felisberto de Vasconcellos.

Os 3 maiores proprietarios de Villa Nova de Foscôa na actualidade são—D. Antonia Rachel Pereira, o commendador Eduardo de Campos Henriques e Antonio Joaquim Ferreira.

A estação do *Pocinho* dista da barca d'este nome apenas 35 metros para leste.

Concluiremos este longo artigo retirando qualquer palavra ou phrase que possa melindrar alguem.

VILLA NOVA DE FREIXIEIRO—ou simplesmente *Freixieiro*—ou *Villa de Freixieiro*—ou *Villa de Freixieiro de Basto*—ou *Villa de Basto*—ou *Villa Nova de Basto*—ou *Villa de Celorico de Basto*—aldeia e villa da fre-

guezia de Britello, hoje séde do concelho e comarca de Celorico de Basto, no districto e diocese de Braga.

V. *Freixieiro*, vol. 3.º pag. 231, col. 2.ª —e *Celorico de Basto*, vol. 2.º pag. 233, col. 1.ª

—

Na freguezia de Britello, sobre uma grande e fertil veiga e junto do pequeno rio de *Freixieiro*, confluente do Tamega, está hoje situada a *Villa de Basto*, que antigamente se chamou *Villa Nova de Basto* e vulgarmente *Villa Nova de Freixieiro*, prevalescendo o nome de *Villa de Basto*, vulgarmente *Villa de Celorico de Basto*, séde do concelho e comarca d'este nome, para se distinguir da *Villa de Mondim de Basto* e da de *Cabeceiras de Basto*, sédes d'estes julgados e concelhos, que por varias vezes pertenceram á comarca de *Celorico de Basto*.

Chamou-se *Villa Nova* porque a sua fundação n'este sitio é relativamente moderna, pois a antiga e primeira séde do concelho de *Celorico de Basto*, denominada *Villa de Basto*, era na freguezia d'Arnoia, junto do antigo castello de Celorico de Basto—e, por provisão d'el-rei D. João V, com data de 21 d'abril de 1719, foi mudada para o sitio actual, tomando o nome de *Freixieiro*, porque foi fundada ao norte e em continuação da antiga aldeia de *Freixieiro*, pertencente á freguezia de Britello, — junto do rio denominado *Frexieiro* tambem.

—

Logo que os habitantes do concelho de Celorico de Basto obtiveram provisão para a mudança da sua séde, principiaram ali as obras publicas da nova villa, taes foram o pelourinho, os paços do concelho, a cadeia, o tribunal, residencia dos ministros e uma capella ;—depois fizeram uma ponte sobre o rio Freixieiro—e em seguida se edificaram algumas casas particulares; mas a população pouco se desenvolveu, porque o local é de pouco movimento e tem só a vida propria da séde de um concelho grande e rico e de uma comarca importante.

Quando se fundou a villa n'este sitio, repartiram-se chãos por varias familias do concelho com o fim de as determinar a fazerem casas aqui, mas pouco partido se tirou d'esta medida.

O melhor edificio particular situado na nova villa e habitado por uma familia nobre, foi a casa mandada fazer pelo pae do dr. José Bernardo Ferreira de Castro,[1] pessoa muito considerada n'este concelho e que teve os filhos seguintes:

—Dr. Joaquim de Castro Pinto de Athaide, corregedor de Bragança;

—Dr. Francisco Pinto Coelho de Castro, juiz de fóra em Penalva, depois auditor em Traz-os-Montes e no Porto, corregedor em Beja e do civel na côrte, desembargador da relação do Porto, fazendo o logar na casa da supplicação, e ajudante do intendente geral da policia. Foi este magistrado demittido de desembargador, com muitos outros, em satisfação ao governo de Luiz Philippe, quando em 1831 uma esquadra franceza invadiu a barra de Lisboa. Desde então ficou o doutor Francisco Pinto Coelho de Castro vivendo em Lisboa e deixou filhos, entre outros o dr. José Pinto Coelho d'Athaide e Castro, que foi o ultimo juiz de fóra de Lamego,—e o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, advogado distinctissimo em Lisboa e um dos primeiros jurisconsultos de Portugal n'este seculo.

Foram tambem filhos do dr. José Bernardo Ferreira de Castro os dois presbyteros seguintes:

—José Pinto Coelho de Castro, conego secular do Evangelista, muitos annos lente proprietario de theologia moral no seminario de Lamego, e

—Manuel Pinto Coelho de Castro, tambem conego secular do Evangelista e beneficiado da egreja de Tendaes, no mesmo bispado.

—

Desde os tempos mais longinquos este concelho de Celorico de Basto produziu ho-

---

[1] Uma tia paterna d'este dr. José Bernardo casou na casa da *Soalheira*, freguezia d'Arnoia, com Manuel de Moura Coutinho, senhor da dicta casa. D'este Manuel de Moura Coutinho é bisneto o rev. Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, conego da Sé de Lamego e vice-reitor do Seminario d'aquella diocese desde 1858 até hoje.

mens distinctissimos nas virtudes, nas armas e nas lettras.

Em uma epoca não muito remota contava o desembargo do paço nada menos de quatro filhos seus—e com rasão se jacta de ter sido um dos berços dos nossos réis.

Cortam hoje este concelho as seguintes estradas a macadam:

1.ª—De Guimarães e Fafe para Freixieiro, Cabeceiras de Basto e Villa Pouca d'Aguiar.

Concluida e servida por diligencias.

2.ª—Da estação de *Cahide*, na linha ferrea do Douro, para Freixieiro e Traz-os-Montes.

Tambem já concluida e servida por diligencias.

3.ª—Da estação de Villa Mean, na mesma linha do Douro, para Freixieiro.

Está concluida na parte que toca ao concelho d'Amarante e ao districto do Porto.

—

Como rectificação ao artigo *Celorico de Basto*, nas terras comprehendidas no foral de D. Manuel,—em vez de *Cacerelhe* leia-se *Cacerilhe*,—em vez de *Gotom* leia-se *Gatom*—e em vez de *Santa Tregoa* leia-se *Santa Tecla.*

A comarca de Celorico de Basto é hoje formada pelo concelho do seu nome e pelo de Mondim de Basto.

O concelho de Cabeceiras de Basto forma hoje comarca propria,

Na villa de Freixieiro, séde do concelho e comarca de Celorico de Basto, foi justiçado em 11 de julho de 1840 o celebre Manuel Joaquim Lopes Quijo, auctor de muitos roubos e assassinatos.

V. *Freixieiro* no *supplemento* a este diccionario, onde daremos larga noticia d'este infeliz, como promettemos no artigo Victoria, a paginas 607, col. 1.ª d'este volume.

Para esta execução se erigiu uma forca de madeira, que depois reduziram a cinzas. Na *Villa Velha do Castello*, antiga séde d'este concelho, a forca era de pedra e permanente, e ainda ha pouco lá se viam as duas grandes pedras em que se armava.

—

Os habitantes d'este concelho pediram a transferencia da séde por estar a *Villa Velha* junto do antigo castello, que ainda lá existe em ruinas, em local agreste e frio.

Quizeram mudal-a para a povoação de *Outeiro Coelhos*, da mesma freguezia d'Arnoia, junto da nobre casa do Telhô; mas opposeram se os senhores d'esta casa, por não quererem visinhança tão incommoda e por vezes sanguinaria;—e, valendo-se de um seu tio, então desembargador do paço, conseguiram afastal-a para o logar de Freixieiro.

V. *Telhô.*

—

Hoje (maio de 1885) este concelho de Celorico de Basto comprehende:

Superficie em hectares	14:436
Predios inscriptos na matriz	16:460
Freguezias	22
Fogos	5:330
Habitantes	21:600

O concelho de Mondim de Basto (vide vol. 5.º pag. 400, col. 1.ª) comprehende hoje:

Superficie em hectares	24:528
Predios inscriptos na matriz	1:372
Freguezias	9
Fogos	1:861
Habitantes	7:546

Total da população d'esta comarca de Celorico de Basto:

Freguezias	31
Fogos	7:191
Habitantes	29:146

VILLA NOVA DE GAIA.

V. *Gaia* n'este diccionario e no *supplemento.*

VILLA NOVA DOS INFANTES—ou simplesmente *Infantes*—(não *Infantas*)—freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção;—fogos (segundo o ultimo recenseamento) 102,—habitantes 403.

Reitoria.

Em 1706 era vigairaria da mesma comarca de Guimarães e da apresentação do

convento de Pombeiro;—contava 70 fogos—e rendia 250$000 réis.

Em 1768 era reitoria da apresentação do abbade do convento de Santo Thyrso,—contava 75 fogos—e rendia para o seu parocho 20$000 réis, além do pé d'altar,—segundo se lê no *Port. S. e Profano,* sob o titulo *Villa Nova dos Infantes;*—e porque o meu benemerito antecessor não a procurou sob este titulo, julgou que não fez menção d'ella o *Port. S. e Profano.*

V. *Infantas* n'este diccionario, onde muito ligeiramente já se fallou d'esta freguezia.

—

Segundo se lê na *Chorographia Moderna,* comprehende as aldeias seguintes: Egreja, Renda, Assento, Boa Vista, Crujeiras, Bem Viver, Forte, Soutinho, Pupa, Bouça da Pupa, Pedreira das Boucinhas, Covo Novo, Covo Velho, Retorta, Retortinha, Barreiro, Fervença, Fojo, Roferta, Paço, Vinha, Cabreira, Casas Novas, Serviçaria, Temporeira, Bouça, Boucinhas, Sebello, Santa Sara, Freixieiro, Balloral (ou *Ballarda?*) Redolho, Devesa, Sardoal, Quinteiros, Pinheiral, Castanheira, Fonte, Eidos, Arieiro, Quinhões, Casal, Souto, Souto do Casal, Porta, Outeiro, Pouzadouro, Carreiro, Levada, Leira, Ribeira, Ferraz, Outeirinho e Rezidencia.

Total—54 aldeias com 102 fogos!...

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Com certeza são aldeias de mais; mas infelizmente não temos para este artigo apontamentos proprios e por isso as não podemos reduzir aos seus justos termos.

Ahi ficam pois as 54 aldeias sob a responsabilidade do sr. João Maria Baptista.

Agora outra questão:

—

O Padre Carvalho em 1706 (desculpem-me os seus apologistas) sendo aliás uma illustração superior, fallando d'esta freguezia, deu-lhe o titulo de Villa Nova *das Infantas*—«nome que tomou (diz elle) de alli se criarem as irmãs del Rey D. Affonso Henriques quando tinhão sua Corte em Guimaraens.» *Chorogr. Port.* vol. 1.º pag. 109.

Não obstante o exposto, D. Antonio Caetano de Lima em 1736 (*Geogr. Historica,* vol. 2.º pag. 493) denominou esta freguezia Willa Nova *dos Infantes.*

O mesmo titulo lhe deu em 1768 Paulo Dias de Nisa no *Port. Sacro e Prof.,*—bem como o *Flaviense* em 1852 e José Antonio d'Almeida em 1866—«por aqui se crearem os irmãos de D. Affonso Henriques»—diz elle; mas, apoiados na *Chorographia Portugueza,* outros muitos chorographos optaram pelo titulo de Villa Nova das *Infantas.* O meu antecessor e com elle o sr. João Maria Baptista, denominaram-na simplesmente *Infantas*—e assim a denominam o *Censo* de 1878, o *mappa das Dioceses,* em 1882,—e outras publicações officiaes.

O sr. João Maria Baptista (*Chorographia Moderna,* vol. 2.º, pag. 454) insurge-se até contra os que dão a esta parochia o titulo *dos Infantes.*

«A E. P. (*Estatistica Parochial*) e D. C. (*Diccionario Chorographico* d'Almeida) dizem que o chamar-se esta freguezia Villa Nova dos *Infantes* é por ali terem sido creados os irmãos de D. Affonso Henriques; *erro manifesto* (diz o sr. João Maria Baptista) pois declara Carv.º e o confirma o D. G. M. (*Diccionario geographico manuscripto*) que alli se crearam as infantas D. Sancha, D. Urraca e D. Thereza, irmãs de D. Sancho I, filhos de D. Affonso Henriques.»

Em *erro manifesto,* porem, laboram (desculpem-nos s. ex.as) todos quantos deram e dão a esta parochia o titulo *das Infantas,* pois deve denominar-se Villa Nova *dos Infantes,* como vamos demonstrar:

—

Segundo se lê na *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano (vol. 2.º pag. 86) e na *Monarchia Luzitana* (Parte IV, fl. 33, v.) D. Sancho I teve de D. Maria Ayres de Fornellos dois filhos naturaes, Martim Sanches e D. Urraca Sanches.

D'estes *dois infantes*—e não das irmãs nem irmãos de D. Affonso Henriques—nem das irmãs de D. Sancho I—tomou esta parochia o titulo, porque a *estes dois infantes* a doou D. Sancho I e n'ella foram creados.

No testamento de D. Sancho (*Monarchia Lusitana,* Parte IV, fl. 290, v.) se lê o seguinte: «... *Et istae sunt haereditates quas*

dedi filiis meis quos habeo de Donna Maria Arias, Villa Nova, etc.»

Em vulgar diz esta verba do testamento de D. Sancho I o seguinte:—«...E estas são as herdades que dei aos meus filhos que tenho de D. Maria Ayres,—*Villa Nova*, etc.»

E em seguida na mesma verba menciona os nomes dos ditos dous filhos,—D. Martim Sanches e D. Urraca Sanches, dizendo que déra mais áquelle oito mil morabitinos e a esta sete mil, da torre de Belver.

—

Viveram os ditos *dois infantes* n'esta *Villa Nova* e depois a venderam, como se lê na *Benedictina Luzitana* (vol. 2.º pag. 32) pois fallando do Mosteiro de Santo Thyrso e do abbade D. Silvestre, que governou pelos annos de 1225, n'ella textualmente se lê o seguinte:—«Em tempo d'este Prelado venderam ao Mosteiro aquelles dois irmãos *Dom Martym Sanches, e Donna Urraca Sanches*, filhos ambos do dito Rey *D. Sancho*, e de *Donna Maria Ayres de Fornelo*, venderão como digo Gulains e *Villa Nova dos Infantes* (que fica entre *Guimaraens*, e *Pombeyro*, terras que seu pay lhes tinha dado). E *D. Urraca*, como mais pia, e devota, deixou liberalmente ao Mosteyro certa vinha e casaes alem do couto de Villa Nova, que vendeu. A qual venda o nosso Papa Gregorio IX auctorisou, e confirmou. Tinha este couto de Villa Nova civel, e crime, como diz el Rey *D. João de Boa Memoria* em hua demarcação, que d'elle mandou fazer.»

—

Julgo pois ter provado exuberantemente que esta freguezia foi *propriedade*, *vivenda* e *couto* dos infantes D. Martim Sanches e D. Urraca Sanches, filhos de D. Sancho I—e que, em attenção a elles, se denominou e deve denominar *Villa Nova dos Infantes*, ou simplesmente *Infantes*—e não *Infantas*, ou *Villa Nova das Infantas*.

—

Demora esta freguezia na margem direita do rio Vizella, do qual dista a sua egreja parochial apenas meio kilometro,—2 da estrada real de Guimarães a Fafe, para S.—e 6 de Guimarães para E. S. E.

Junto da egreja matriz d'esta parochia havia em 1379 (não sabemos se haverá hoje ainda) uma fonte denominada *Onega*, segundo diz Viterbo, pois sob a palavra *Coomha* se lê no *Elucidario* o seguinte:—*Por coomha havia El-Rei daver huuma taça dauga de huuma fonte, que está a par da Igreja de Villa Nova* (das Infantes, que he em terra de Sá, riba de Visella) *que chamam fonte d'Onega, e hum carneiro.*

Doc. de Santo Thyrso de 1379.

Aquella pena da *taça d'agua* recorda-nos uma outra muito semelhante:

Desde tempo immemorial houve grandes questões, desordens, ferimentos, mortes e demandas entre a villa de *Manteigas*, ao sul da Serra da Estrella, e a villa de *Gouveia*, ao norte, por causa dos montados e pastagens. Foi uma d'essas demandas julgada, ha muito, em favor da Villa de Gouveia, impondo o juiz á camara de Manteigas a pena de ir incorporada no dia de S. João, depois de soar a meia noite da vespera, á fonte de S. Pedro da mesma villa, colher *um copo d'agua* e mandal-o com 240 réis á camara de Gouveia *todos os annos*, devendo fazer-se a entrega no mesmo dia, antes de nascer o sol,—o que ainda hoje se cumpre!

V. no *supplemento Gouveia* e *Manteigas*, povoações muito nossas conhecidas.

Notem que as duas villas distam uma da outra mais de 15 kilometros de serra e são *muito abundantes d'agua*!

—

Sobre esta freguezia *dos Infantes* pesou no dia 7 de agosto de 1884 uma trovoada medonha. O *Commercio de Guimarães* descreveu-a nos termos seguintes:

«Após uma fortissima descarga electrica, cahiram duas faiscas no antigo solar das Curugeiras, que hoje pertence ao sr. Andrade, tenente de infanteria, matando uma d'ellas uma pobre mulher, que tinha ido levar pão áquella casa.

Em uma sala estava a esposa do sr. Andrade com um filhinho e a padeira, que, tomada de susto, pedira para se demorar. Como as descargas electricas se succediam violentamente umas após outras, a esposa do sr. Andrade foi buscar um livro para orar,

ficando na sala a creancinha e a infeliz mulher. N'esta occasião, uma faisca cahiu em uma cornija da casa, desceu, e, entrando por uma janella, fulminou a padeira, lambendo-lhe umas contas de ouro, que trazia ao pescoço, passando em seguida para a região lombar, aonde lhe abriu profundos sulcos na massa muscular.

N'este momento chegou a esposa do sr. Andrade, que á vista d'aquelle horroroso espectaculo gritou por seu marido, que então descansava. O sr. Andrade appareceu immediatamente, e tratou de apagar o incendio, que já lavrava nas roupas da desventurada mulher. A creancinha escapou milagrosamente d'este incidente, não recebendo contusão alguma.»

VILLA NOVA DE LANHESES—V. *Lanheses*, vol. 4.º pag. 47, col. 2.ª

VILLA NOVA DE MIL FONTES—villa extincta e freguezia do concelho e comarca de Odemira, districto e bispado de Beja no baixo-Alemtejo.

Orago Nossa Senhora da Graça. Fogos (pelo ultimo censo) 165,—habitantes 659; mas hoje tem 172 fogos e 703 habitantes.

Priorado.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, esta parochia era villa, séde do concelho do seu nome, formado por ella e pela do Cercal, hoje do concelho de S. Thiago de Cacem,—e contavam ambas (não esta só como se lê na *Chorographia Moderna*) 400 fogos. Era da comarca do Campo d'Ourique, arcebispado d'Evora, e commenda da ordem de S. Thiago;—tinha prior e um beneficiado, freires da mesma ordem,—casa de Misericordia com seu hospital,—uma ermida de S. Sebastião, outra de Nossa Senhora da Cella, outra de S. Bernardino de Senna—e um castello com 12 peças d'artilheria. Formavam o seu governo civil 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos, 2 tabelliães do judicial e notas e 1 alcaide. Tinha finalmente duas companhias d'ordenanças na villa e uma no seu termo, ou na freguezia do Cercal.

—

Em 1736, segundo se lê na *Geogr. Hist.* de Lima (tomo 2.º pag. 692) contava esta freguezia 83 fogos com 275 habitantes—e a do Cercal 183 fogos com 852 habitantes, sendo o total da população d'este concelho de Villa Nova de Mil Fontes 266 fogos e 1:127 almas. Parece-nos pois incrivel que em 1708, ou 28 annos antes, contasse 400 fogos, como diz Carvalho.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.* era priorado da apresentação d'el-rei pelo tribunal da Mesa da Consciencia,—rendia para o seu prior 3 moios de trigo, 2 de cevada e 15$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar—e contava apenas 48 fogos!

Em 32 annos a sua população baixou, pois, de 83 fogos a 48;—hoje porém conta, como já disemos, 172 fogos.

—

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, comprehende esta parochia, além da villa, os montes ou casaes seguintes:—Eira da Pedra, Aivadas, Poço, Furna do Poço, Azenha Feteira, Pousadas, Queimado, Zambujeiro, Parreira, Casa Nova, Godins, Brejo, Boa Vista, Adail, Soudo, Alpendrada, Moinho da Cella, Porto da Mó, Agoinha, Cascalheira, Casa Velha, Moinho do Barranco, Moinho da Asneira, Gama, Bate Pé, Galeado, Amoeiral, Freixial, Pereira, Laranjeira, Lameira, Brunheiras—e os *sitios* de Vidigal, Barranco, Val de Porcas e Cella, cada um com 2 casas.

As suas herdades principaes hoje são a do *Sôdo*, pertencente a Antonio Felix da Cruz, —a de *Alpendurada*, pertencente ao conde do Bracial,—a das *Pousadas*, pertencente ao dr. José Maria d'Andrade—e a de *Delivado*, pertencente a Brissos José.

Freguezias limitrophes: Sines, Cercal, S. Luiz e Odemira.

—

Demora esta villa no extremo occidental do Baixo-Alemtejo e na costa do mar, em terreno plano e arenoso, cerca de 30 kilometros ao sul do cabo de *Sines* e 15 ao norte do cabo *Sardão*, na margem direita e na foz do rio Mira, que é navegavel para embarcações de cabotagem até á villa e parochia de Odemira, séde do seu actual concelho, do qual dista 26 kilometros pelo rio e 18 por terra.

É limitada esta freguezia ao norte pela pequena ribeira dos Vidigaes,—ao poente pelo oceano,—ao sul pelo rio Mira—e ao nascente pela cordilheira de montanhas que nascendo junto d'Alcacer morre em Odemira, correndo parallela ao mar.

Esta parochia desde tempos muito antigos formava com a do Cercal o concelho de *Villa Nova de Mil Fontes*, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Odemira, cujos concelhos limitrophes são Aljesur e Monchique, no Algarve, ao sul,—S. Thiago de Cacem, na Extremadura, ao norte,—e Aljustrel e Ourique, no Alemtejo, a E. N. E.

Dista actualmente 55 kilometros da linha ferrea do sul (estação de Casevel) mas, logo que se abra á circulação o complemento d'esta linha, hoje em construcção, de Casevel a Faro, deve ter n'ella estação muito mais proxima.

—

Os templos d'esta parochia hoje reduzemse á sua egreja matriz e a duas capellas publicas.

A matriz é muito antiga e de modesta fabrica, e demanda urgente restauração. Suppõe-se que data do reinado de D. João III (1521-1557) e se acha bastante arruinada.

As duas capellas são as seguintes:—S. Sebastião, na extremidade norte da villa—e Nossa Senhora da Cella (hoje com a invocação de Santo Antonio) cerca de 8 kilometros para N. E.—entre altos serros, mas em sitio pittoresco e muito aprazivel. Suppõese que junto d'ella viveram em tempos remotos alguns monges em communidade.

Da antiga capella de S. Bernardino de Senna já nem restam vestigios,—bem como da de Santo Isidoro que, segundo diz Carvalho, estava em *sitio altissimo*, do qual se avistava Lisboa.

Segundo se lê no *Agiologio Lusitano*, (vol. 3.º pag. 327 e 333) é muito interessante a historia da mencionada capella de S. Bernardino:

Pertenceu á ordem dos frades menores franciscanos da provincia do Algarve um religioso de nome Bernardino, que era um modelo de virtudes.

Sendo conventual de Xabregas, com mimodava-o o bulicio da côrte, pelo que passou para o seu convento de Odemira, um dos mais solitarios da ordem e, desejando ainda vida mais austera e penitente, foi habitar uma gruta que descobriu junto de Villa Nova de Mil Fontes, onde vivia como perfeito anachoreta, completamente separado do mundo.

Foi muito sentida em Lisboa a sua ausencia, nomeadamente pelo regedor das justiças Diogo da Silva, de quem era confessor, pelo que, aproximando-se a quaresma, Diogo da Silva rogou ao provincial da ordem que o chamasse a Lisboa para se desobrigar com elle. Escreveu-lhe logo o provincial chamando-o, e o pobre anachoreta, docil á voz do seu superior, embarcou na 1.ª caravella que de Villa Nova de Mil Fontes partiu para Lisboa e que naufragou na viagem, perecendo o santo anachoreta. O facto determinou os habitantes de Villa Nova de Mil Fontes a erigir na gruta que o santo monge habitara uma capella dedicada a S. Bernardino de Senna, já então canonisado, e lhe fizeram muitos annos pomposa festa com especial commemoração do santo anachoreta, Fr. Bernardino, cuja morte teve logar pelos annos de 1533.

—

Foi Villa Nova de Mil Fontes um dos primeiros concelhos de Portugal, dando-lhe essa primasia D. Affonso III quando, expulsos os mouros de todo o Alemtejo, começou a cuidar da administração do reino.

Foi esta villa tomada aos mouros pelo bispo de Lisboa D. Soeiro, com ajuda dos cavalleiros de certa crusada.

Alguem diz que D. Affonso III lhe deu foral, mas Franklim não o menciona; apenas sabemos que D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no dia 20 d'agosto de 1512.

Liv. de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 42, v. col. 2.ª

Desde os principios do seculo xvi (não sabemos se por disposição expressa no foral de D. Manuel, se por algum alvará posterior) esta villa e a de Sines pagavam annualmente da dizima do pescado quatrocentos mil réis

ao immortal descobridor da India, D. Vasco da Gama.

Tambem já por aquelle tempo e até o principio do seculo XVIII, esta villa teve casa de Misericordia e hospital, o que tudo revella a sua importancia; começou porem a sua decadencia muitos annos antes com os repetidos assaltos dos piratas argelinos, por estar junto da costa.

—

No principio do reinado de D. João II, por exemplo, saltaram os mouros em terra e saquearam e incendiaram esta villa, deixando-a quasi deserta.

Foi uma verdadeira *razzia*!

Para a defender e amparar, o mesmo rei lhe concedeu o privilegio de *couto* para 50 homisiados, permittindo-lhes o viverem livremente na villa e seu termo, com a condição de a ajudarem a rebater as investidas dos mouros,—o que foi de grande alcance, porque os principaes moradores da villa tinham abandonado as suas casas e procurado domicilio mais seguro longe da costa. Largos annos porem continuou a soffrer insultos dos corsarios, não tão repetidos, mas ainda mais audaciosos.

No fim da ominosa occupação filippina, pelos annos de 1638, tres barcos argelinos, acobertados pelos rochedos da praia do sul, poderam sem serem vistos ancorar, já de noite, detraz da *Pedra da Atalaya*. D'ali marchou muito astutamente um d'elles para o *Canal*, dois kilometros ao norte da villa, ficando os outros escondidos na *Atalaya*.

Ao romper da manhã desembarcaram os mouros que tinham ido para o *Canal*, e destruiram e saquearam um casal proximo, cujos alicerces ainda hoje lá se veem. Correram logo em tropel em soccorro do dicto casal os moradores da villa e, aproveitando-se da bem calculada ausencia dos seus habitantes mais validos, de repente foi investida e saqueada pelas guarnições dos outros dois barcos argelinos, levando captivos muitos dos seus habitantes que não poderam fugir, entre elles o prior d'esta parochia, pois indo já a distancia volveu á rectaguarda com o fim de retirar da egreja o Santissimo Sacramento e salval-o de profanação. Cahindo em poder dos mouros, foi levado captivo para Argel, d'onde annos depois o resgatou D. João IV.

Este mesmo rei, condoido de tantos desgostos, mandou fazer um castello para a defesa d'esta villa,—castello hoje em ruinas, e o guarneceu com 6 peças d'artilheria e duas companhias de soldados, obrigando alem d'isso os moradores da villa e do seu termo a irem apresentar-se ao governador, logo que ouvissem o signal de rebate, que era um tiro de peça e o toque do sino do castello. Tinha este uma ponte levadiça, fossos, barbacan, paiol, capella, acommodações para a guarnição, etc.

—

Quando el-rei D. Manuel deu foral a esta villa, chamava-se ella *Mil Fontes*; D. Manuel lhe deu o titulo de *Villa Nova*, talvez pelo facto de a repovoar,—e desde então se denomina *Villa Nova de Mil Fontes*,—nome que alguns auctores julgam muito bem apropriado, nomeadámente o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, pois fallando d'esta villa diz o seguinte: «De aguas é tão abundante que deve o seu nome ás *muitas fontes que brotam na villa* e seus arredores.»

Saibam porém os leitores que *n'esta villa não ha uma unica fonte!* Toda a sua agua se reduz á de tres poços!

Não é pois da *agua que brota na villa* que lhe provem o nome de *Villa de Mil Fontes*, mas dos muitos arroios que nas suas visinhanças, ao longo da costa, se dirigem da terra para o mar, sendo magnifica e até medicinal a agua de muitos d'elles: mas o meu illustrado amigo, commendador e dr. Abel da Silva Ribeiro, que possue aqui propriedades e que tem feito largos estudos e profundas investigações com relação a esta parochia, diz o seguinte:

«Supponho que o nome de *Mil Fontes* provem do de *mellis fons*, com que os romanos designavam todo o terreno que circumdava aquella povoação, por ser abundantissimo de mel *de superior qualidade* em rasão das plantas aromaticas de que era extrahido. Ainda hoje o mel d'aquelles sitios é muito estimado pelo seu delicado sabor.»

—

Em um livro das actas da extincta camara d'esta villa, relativo ao anno de 1705, se acha uma postura curiosissima:—a pena de cincoenta réis imposta a toda a mulher *que tivesse má lingua e discutisse no soalheiro as vidas alheias!...*

—

Esta parochia de Mil Fontes foi uma das primeiras terras da peninsula que ouviram os vagidos da infancia do homem.

As excavações que em diversos pontos d'esta freguezia mandou fazer, ha annos, o sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, provaram evidentemente que o homem prehistorico aqui viveu e aqui esboçou a sua primitiva civilisação.

Aqui encontrou s. ex.ª numerosos machados e outros muitos instrumentos de pedra polida, de cobre e de bronze, que mandou para o *Muzeu Archeologico* de Lisboa—e maior e mais abundante seria a colheita, se se continuasse e alargasse a exploração.

O mesmo benemerito archeologo aqui encontrou parte d'uma *piroga*, feita (se suppõe) do tronco de um roble cavado por meio de fogo e de golpes de machado de pedra,—esboço imperfeitissimo, embrião primordial das nossas embarcações, dos nossos grandes paquetes e dos nossos temiveis couraçados. —*ad majorem humanitatis gloriam!*

Foi encontrado este primoroso especimen archeologico enterrado no lôdo, a quatro metros de profundidade.

—

Willemain e Brué (Etienne Robert) dizem que a Villa Nova de Mil Fontes fôra dado pelos romanos o nome de *Portus Annibalis*, mas o sr. dr. Levy Maria Jordão, nas suas *Portugaliae Inscriptiones Romanae*, pag. LVI, —e outros muitos auctores, sustentam que o *Portus Annibalis* é villa Nova de Portimão. Quer, porem, fosse ou não fosse o *Portus Annibalis*, foi com certeza esta villa muito anterior á occupação romana, como se infere dos mencionados especimens prehistoricos.

Tambem não duvidamos de que foi occupada pelos cartagineses, porque nas explorações feitas pelo sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, em um promontoriosinho ao norte da entrada da barra, se encontraram differentes utensilios usados por elles,—louça, arpões, anzoes, pregos de cobre e alicerces dos tanques em que faziam a salga do peixe.

De uma passagem de Strabão parece concluir se tambem que algumas vezes se abrigou na barra de Mil Fontes a armada de Annibal,—e Hamilcar no seu *Periplo* falla d'este posto como muito vantajoso para segurança dos navios acossados pelos ventos de oeste e sul.

Da occupação de Mil Fontes pelos celtas, phenicios e gregos, etc., não são raras as provas,—e da occupação romana abundantissimas. Aqui deixaram não só utensilios, moedas e sepulturas, mas *palavras* da sua propria linguagem, que ainda hoje subsistem.

—

Villa Nova de Mil Fontes é hoje uma das mais pequenas e humildes parochias do concelho de Odemira, não porque o terreno, apesar de areiento, deixe de remunerar o agricultor, mas porque á indolencia dos povos do littoral accresce a falta de braços e de recursos de toda a ordem, nomeadamente de boas vias de communicação.

As suas producções dominantes são—trigo de excellente qualidade, principalmente o tremez,—milho, feijão, arroz e fructas magnificas, merecendo especial menção os figos, melancias e melões.

É tambem mimosa de hortaliça e de peixe, tanto do rio como do mar.

—

Como prova do muito que esta villa deve ao sr. dr. e commendador Abel da Silva Ribeiro, citaremos ainda dois factos importantes:

1.º—Uma pequena *quinta modelo* que s. ex.ª aqui possue e que pode considerar-se uma *eschola agricola*, tal é o mimo, excellencia e variedade das suas producções.

2.º—Os ensaios sobre piscicultura que em um dos pontos da costa s. ex.ª já fez por duas vezes em 4 especies de peixes d'agua salgada [1] com optimo resultado, o que prova

---

[1] As 4 especies de peixes foram:—*labrax*

que, se em Portugal a piscicultura fôra convenientemente dirigida e auxiliada pelos poderes publicos, podiamos ter uma alimentação sadia, barata e abundante e não necessitavamos de importar, como importamos, peixe *secco* no valor approximado de dois mil contos por anno!...

Seria para desejar que o nosso governo, seguindo o exemplo dos Estados Unidos da America, prestasse a devida attenção á piscicultura, aproveitando o exemplo dado pelo sr. dr. Abel da Silva Ribeiro.

Agora mesmo tive a honra de receber de s. ex.ª uma carta sobre o assumpto. É tão interessante que não posso resistir á tentação de transcrever o topico seguinte:

—

«Foram os primeiros ensaios feitos em Portugal—e creio que na Europa—em especies d'agua salgada;—muito imperfeitos e sem luz alguma que me guiasse, pois que os trabalhos especiaes apenas tractam de piscicultura das especies d'agua doce, mas, apesar de ser uma coisa inteiramente nova para mim e de adoptar um methodo muito imperfeito,—o resultado excedeu a minha expectativa. Foi grandioso, magnifico,—d'aquelles que aniquilam o espirito do homem, fazendo-o curvar até o pó e confessar a existencia de Deus, se antes o não conhecia! Felizmente eu não precisava d'essa prova, e por isso, ao ver tão esplendido successo, tal foi o meu enthusiasmo e a minha confusão, que chorei!...

«Apenas houve uma perda d'ovos de 4 a 5 por cento, que não fecundaram. Decorridas algumas semanas estiveram dois homens deitando ao mar baldes e baldes—não d'agua, mas litteralmente *de peixes*, durante dois dias! Já a esse tempo os pequeninos peixes podiam fugir á voracidade dos maiores; e tanto foi a abundancia d'elles que, passados mais de oito annos, ainda hoje n'aquelle sitio se encontra prodigiosa quantidade de peixe, pois, sendo de especies estacionarias, se tem conservado por ali.

«Ha dois annos mandei eu ali fazer uma pescaria, cercando uma pequena bahia ou recanto do rio, junto ao mar; isto na occasião de maré cheia; e, na vasante, colhemos mais de *quarenta arrobas de peixe*!.....

—

«Fiz mais dois ensaios com a mesma felicidade, pelo que fiquei verdadeiramente fanatico pela piscicultura. Empreguei altas diligencias para que fosse convertido em lei o projecto que o meu mallogrado amigo dr. Pires de Lima apresentou na camara, sobre o assumpto. Desejava ir para Aveiro ensaiar *em grande* o meu methodo e, como me alimentava o fogo sagrado da experiencia e do enthusiasmo, creio que alguma cousa faria. Era uma industria nova no aperfeiçoamento da qual eu empenharia o meu pouco saber, mas toda a actividade e a exuberancia de vida com que a natureza me dotou. Nada, porém, consegui; e n'um excesso de indignação, lancei ao fogo todos os manuscriptos que já tinha sobre piscicultura e que me custaram dias e dias de grande trabalho,—fadigas do corpo, zangas, motejos da multidão ignara—e por fim o despreso de quem tinha obrigação de olhar mais sériamente pelo futuro de Portugal.

«Tudo destrui—e, desenganado ainda por outra tentativa para que o governo aproveitasse a minha boa vontade e a minha dedicação em pró da archeologia,—abandonei aquellas duas especialidades e hoje dedico-me aos meus doentes e... a cultivar batatas e couves!»

—

É infelizmente assim que em Portugal se aproveitam as dedicações e os talentosos e se premeia o estudo, o trabalho e o desinteresse!

Não temos a honra de conhecer pessoalmente o sr. commendador Abel da Silva Ribeiro, mas sabemos que, alem de ser formado pela Eschola Medico-Cirurgica do Porto e um clinico de primeira plana,—é uma illustração superior, um archeologo distincto, um cavalheiro estimadissimo e um patriota benemerito, dotado de grande actividade e energia. Mal avisado andou, pois o governo não aproveitando tão raro conjuncto de dotes.

---

lupus (roballo) — *chrysophys aurata* (dourada)—*mugil cephalus* (tainha)—e *soba vulgaris* (linguado).

Para a biographia de s. ex.ª e de seu irmão Francisco da Silva Ribeiro, dignissimo director das obras publicas na Guarda, ha muitos annos, veja-se o artigo *Pinheiro da Bemposta*, vol. 7.º pag. 55,—e na pag. 2.ª do *Diario Popular* de 26 de setembro de 1883, o bello artigo datado de *Villa Nova de Mil Fontes*, todo dedicado ao sr. dr. Abel da Silva Ribeiro e ás nobilissimas qualidades que o distinguem.

—

Esta villa, desde que foi tomada aos mouros, pertenceu á ordem de S. Thiago e tinha aqui ella uma boa commenda, que andou muitos annos na casa do marquez das Minas.

A freguezia do Cercal, hoje autonoma, foi um curato annexo a esta parochia de Mil Fontes. Os parochos de uma e outra eram freires da ordem de S. Thiago, apresentados por ella e pagos pelo rendimento da dicta commenda.

—

Cerca de 12 kilometros ao norte d'esta villa e a pequena distancia da costa se vê no oceano a *Ilha do Pecegueiro*, que os phenicios denominavam *Petamia,* como diz João de Marianne nas suas *Antiguidades de Hespanha.*

Ali se encontram ainda actualmente vestigios de remota occupação.

—

A barra de Mil Fontes está hoje muito obstruida pelas areias que o vento norte e ás chuvas teem arrastado para ella dos *Médões da Eira da Pedra* e da *Rocha dos Pretos*; mas não ha muito era accessivel a navios d'alto bordo.

Ainda em 1828 deu entrada e sahida á fragata de guerra inglesa *Terros,* capitão Hoop, com agua aberta em viagem para a India, e a um brigue que a rebocou para Lisboa,—isto *em maré vasia d'aguas vivas*!

Dentro do rio foi concertada a fragata e sahiu depois com a mesma facilidade com que entrou.

Este facto mostra que podiam e deviam aproveitar-se as magnificas condições da barra e da bacia que fórma o rio, para abrigo das embarcações acossadas pelo vento dos quadrantes sul e oeste; mas infelizmente em Portugal a politica absorve todas as attenções dos nossos governantes e não lhes sobra tempo para mais nada.

Diremos ainda que nos ultimos annos esta barra, não obstante o seu completo abandono da parte dos nossos governos, parece ter melhorado um pouco, pois a ella teem vindo alguns navios carregar minerio das minas de S. Luiz.

Nos velhos paços do concelho funcciona hoje uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

VILLA NOVA DE MONSARROS—villa e parochia do concelho e comarca da Anadia.

V. *Monsarros.*

No *Echo de Portugal*, de 29 de março de 1883, se lê o seguinte:

«Em 25 de fevereiro de 1847, estando em Villa Nova de Monsarros o tenente coronel do batalhão movel da Bairrada, que seguia o partido da *patuleia* ou da *Junta do Porto,* Joaquim Rodrigues de Campos, juiz da 1.ª vara de Lisboa, cunhado de João Rebello da Costa Cabral, compadre da Rainha a Senhora D. Maria II, foi surprehendido por uma força de Saldanha, *cartista* ou que seguia o partido da rainha.

A força estava aquartelada, e quando os piquetes foram surprehendidos e, aos primeiros tiros, Campos sahiu do quartel desarmado, a ver o que aquillo era, logo um piquete de cavallaria com soldados de infanteria o feriram; correndo elle a fugir, dizendo que não o matassem que se entregava, a nada attenderam. Já atordoado com as cutiladas, que a principio aparava nos braços, cahiu n'um poço, e d'ahi os soldados o tiraram já morto e o despojaram de tudo, que não era pouco, pois tinha comsigo bom dinheiro.

Encontraram-lhe na algibeira uma carta do cunhado João Rebello, em que lhe dizia que a rainha lhe perdoava, se elle se apresentasse. Deixaram-no nú.

A força popular retirou-se para a serra e os cobardes não a perseguiram, mas entraram na povoação, mataram o regedor, roubaram e fizeram liberalissimas cousas, pelas quaes o *justo* governo da rainha os condecorou.

Com o tenente coronel Campos foram mortos mais dois officiaes e oito soldados, que não poderam resistir; tal foi a surpresa, conduzida por um scelerado da Mealhada, chamado Facadas, que já tinha estado degredado, e que depois, em 1870, voltou a degredo perpetuo por ter assassinado barbaramente junto á portaria sul do Bussaco o velho medico de Cacemes.»

—

Viu-se depois no *Diario do Governo* que os assassinos d'estes infelizes foram condecorados *por tão heroico feito.*

Ao capitão de infanteria n.º 4 Jeronymo Alves Guedes, foi concedido um grau da ordem da Torre Espada;—e foram nomeados cavalleiros da ordem de Christo—João José da Gama Lobo, alferes do mesmo regimento de infanteria n.º 4,—Manuel João Baptista, picador e alferes de cavallaria n.º 8—e Victorino Cesar da Silveira, commandante dos guias e alferes do mesmo regimento de cavallaria n.º 8.

«Este foi o assassino de Campos» diz o citado periodico.

—

Com rasão se orgulha esta villa de contar entre os seus priores um distincto escriptor publico e deputado ás côrtes de 1822 a 1823, —o rev. dr. Manuel Dias de Sousa.

No supplemento ao artigo *Sobradello da Goma* ou *Souto de Sobradello*, concelho da Povoa de Lanhoso, sua terra natal, daremos mais larga noticia de tão illustrado patriota; —entretanto veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva e o *Conimbricense* de 13 e 20 de junho de 1885.

VILLA NOVA DO MONTE—sitio notavel no concelho de Chaves, junto da ribeira de S. Thiago, que suppomos ser a *Ribeira d'Oura*, de que já se fallou em *Oura* e *Vidago*.

Ali existiu uma grande cidade romana, de que ainda se conservavam importantes vestigios em 1734, segundo se lê nas Memorias do Arcebispado de Braga por D. Jeronymo Contador d'Argote, vol. 2.º pag. 495.

«Em *Villa Nova do Monte*, limite da ribeira de Santiago, a quatro leguas de Chaves (diz Argote) existem as ruinas de uma populosa Cidade, porque ao que se vê, passava de tres mil passos a sua circumvalação; tem muralha e contra-muralha, comm seu fosso entre huma e outra. D'estas ruinas a outras, que ficão no Lugar de *Lama de Ouriço*, corre huma corda de montanhas, e nesta em diversos sitios se vem humanas casas, ou cavernas nobaixo da montanha, algumas obradas em penhascos de tal sorte que parte parece producção da natureza, e parte do artificio; outras são compostas de argamaça, e rochedos: não são muito grandes. A grandeza da povoação basta para indicio de ser obra romana. As grutas, ou cavernas abertas, e fabricadas entre os penhascos bem poderiam servir ou a alguma superstição, ou de abrigo aos que trabalhavão nas minas, posto que não acho menção, o existião alli vestigios d'ellas.»

—

Já estivemos em Vidago, Chaves e Verim, mas não tivemos occasião de visitar aquellas ruinas, pelo que nada podemos accrescentar ao que diz Argote.

VILLA NOVA DE MUHIA—V. *Muhia*, vol. 5.º pag. 585, col. 1.ª e seg.

VILLA NOVA D'OUREM—villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome, no districto de Santarem, patriarchado de Lisboa, provincia da Extremadura.

Orago Nossa Senhora da Piedade,—fogos 540,—habitantes 2:395.

Priorado.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Nova d'Ourem* (anteriormente *Aldeia da Cruz*) séde da parochia, do concelho e da comarca,—Pinheiro, Alqueidão, Valle-travesso, Lourinha, Louçã, Villões, Crespos, Pimenteira, Pinigardos, Corredoura, Caridade e Carregal;—os casaes de Milheira, Marnoto, Gagos e Casalinho,—e varias quintas.

Parochias limitrophes:—Ourem, Ceissa e Olival.

Esta comarca de *Villa Nova d'Ourem* comprehende apenas o concelho do seu nome com as 9 freguezias seguintes: Ceissa, Espite, Fatima, Formigaes, Freixianda, Olival, Ourem, Rio de Couros e Villa Nova d'Ourem

População total (segundo o recenseamento de 1878):

Fogos	4:640
Habitantes	19·983
Superficie em hectares	46:757
Predios inscriptos na matriz	38:200

Concelhos limitrophes: — Torres Novas, Thomar, Ferreira do Zezere, Alvaiazere, Pombal, Leiria, Batalha e Porto de Moz.

Producções dominantes d'este concelho e d'esta freguezia—vinho, azeite, cereaes, madeira de pinho, fructa, mel, gado, caça e lã.

—

O antigo concelho *d'Ourem* é o mesmo concelho que actualmente se denomina *Villa Nova d'Ourem*. Mudou apenas de nome e de séde, pelo que, para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Ourem* com relação á historia, antiguidade, etymologia, privilegios, foraes, transformação e outras particularidades d'este concelho. Aqui trataremos da freguezia de Villa Nova d'Ourem, fazendo apenas algumas referencias ao concelho.

Desde os tempos mais remotos se escolheram para séde das grandes povoações os morros e pincaros, por serem menos accessiveis e mais defensaveis;—e, porque este recanto da peninsula hispanica, verdadeiro *jardim á beira mar plantado*, foi desde os tempos prehistoricos theatro incessante de guerras, quasi todos os seus morros e pincaros foram habitados e fortificados. Muitas d'essas povoações e fortificações desappareceram e d'ellas apenas restam vestigios na historia, nos escombros ou nos seus nomes, —e d'outras nem os mais tenues vestigios restam; mas na provincia da Extremadura ainda se conservam bastantes, taes são Lisboa, Leiria, Santarem, Palmella, Almada, Cintra, Torres Vedras, Torres Novas, Thomar, Peniche, Porto de Moz e Ourem.

—

Estava Ourem na mais feliz situação para os tempos de guerra d'armas brancas, pois coroava um alto pincaro de fórma conica, dominando o fertil valle do seu nome e grande parte da Extremadura. Por isso ali se levantou um castello tão importante que o proprio imperador de Marrocos, Miramolim, o respeitou, quando marchava sobre Santarem com um poderoso exercito. Foi tambem respeitado por D. João I de Castella, quando invadiu Portugal com o grande exercito que foi completamente desbaratado em Aljubarrota.

Attrahidos pela valentia dos seus muros, pelos grandes privilegios dos seus foraes e pelos privilegios ainda maiores dos seus poderosos senhores, nomeadamente dos condes d'Ourem, marquezes de Valença, duques de Bragança, de Barcellos e de Villa Viçosa ou da serenissima e poderosissima *casa de Bragança*, que foi sempre um estado no estado e que teve desde a batalha d'Aljubarrota o senhorio d'Ourem, ali se concentrou e desenvolveu um povoado importante,—povoado que augmentou com a creação da insigne e real collegiada do seu nome, rival das de Cedofeita, Guimarães e Barcellos e que chegou a ter mais de *cem mil cruzados* de renda, que equivaliam talvez a *duzentos mil cruzados* da nossa moeda actual!...

—

Em 1712 contava a freguezia e villa d'Ourem a bagatella de 930 fogos com 3:136 habitantes,—muita nobresa e muita riquesa, —uma sumptuosa egreja da collegiada e 18 capellas publicas. Além d'isso estavam annexas á poderosa collegiada as 4 grandes freguezias de Ceissa, Freixianda, Fatima e Olival, com 1820 fogos e 7:300 habitantes, das quaes recebia os dizimos. Representava pois e parochiava por vigarios seus a collegiada cinco freguezias, contando ao todo cerca de 2:800 fogos e 11:000 habitantes.

Era a villa tambem cabeça de comarca e de ouvidoria, cujo ouvidor entrava por correição nas villas de Porto de Moz, Avellar, Chão de Couce, Aguda, Pousa Flores e Maçãs de D. Maria.

Era pois Ourem uma villa muito importante e muito considerada ainda nos principios d'este seculo, mas soffreu muito com o terramoto de 1755, que desmoronou quasi todos os seus edificios, incluindo a sumptuosa egreja da collegiada,—e soffreu não menos com a guerra da peninsula, nomeadamente em quanto o exercito de Massena se conser-

vou em frente das linhas de Torres Vedras, desde novembro de 1810 até março de 1811.

Não só foi saqueada, mas incendiada toda, exceptuando unicamente *vinte e tantas casas*!

Soffreu tambem muito com as guerras civis posteriores,—com a desmembração d'esta parochia—e mais ainda com a extincção dos dizimos e da sua collegiada,—tanto que no 2.º quartel d'este seculo, depois d'uma lucta titanica, mas ingloria, passou pelo vexame de se ver afrontada e supplantada pela povoação de *Aldeia da Cruz*, para a qual foi transferida a séde do concelho e da comarca d'Ourem,—passando de senhora á condição de escrava e vendo crescer a herva nas suas ruas, cahirem por terra as suas lendas, os seus edificios e as suas muralhas, fugirem os seus habitantes espavoridos em frente de tanta desolação e ser a sua rival, a obscura *Aldeia da Cruz*, elevada á cathegoria de villa e de séde do concelho e da comarca com o titulo de *Villa Nova d'Ourem*!...[1]

As coisas passaram-se assim:

—

Quando em 11 d'agosto de 1385 el-rei D. João I e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira marchavam de Thomar contra os castelhanos e se dispunham a dar-lhes batalha (a de Aljubarrota) estiveram na villa d'Ourem e havia por esse tempo no sopé do monte, onde se levantava aquella villa com o seu alteroso castello, uma pequena povoação denominada *Pédélla*, no caminho de Thomar, Leiria, Santarem e Torres Novas para a villa d'Ourem.

Dada a famosa batalha no dia 14 d'agosto de 1385 e derrotados completamente os castelhanos, volveu D. Nuno Alvares Pereira no dia seguinte a estas paragens para cumprir certos votos,—e, chegando a *Pédélla*, onde (segundo se suppõe) descançou em uma humilde estalagem que ali havia, soube que na batalha perecêra o seu irmão D. Pedro Alvares Pereira, mestre da ordem de Calatrava, que fazia parte do exercito castelhano, e junto da mesma povoação, no sitio do *Carvalhal*, em um grande souto de carvalhos, mandou erigir, em memoria do fallecido, uma cruz de pedra, da qual a dicta povoação com o decorrer do tempo tomou o nome de *Aldeia d'ao Pé da Cruz*—depois *Aldeia da Cruz*.

Ali se conservou a dicta cruz muitos annos, até que desabou com o perpassar dos seculos; mas o benemerito dr. Joaquim Gomes Vieira Gaio, a quem este concelho, do qual foi administrador e prezidente da camara, muito deve, a mandou restaurar.

Collocou-se a nova cruz em outubro de 1857, cinco metros ao nascente do local onde esteve a antiga—e é da mesma pedra com que foi feito o convento da Batalha.

Tem uma peanha de cantaria de 6m,38—e a haste, braços e carapeta medem d'altura 14m,04.

—

Sendo o local muito aprazivel e cortado por estradas importantes, com o tempo se desenvolveu consideravelmente a população e tanto que por occasião do terremoto de 1755 para ali fugiram os conegos da real collegiada e grande parte dos habitantes da villa d'Ourem, muitos dos quaes ali fixaram a sua residencia e não mais volveram para a villa, mesmo porque ali se faziam os mercados e feiras, que davam ao local muita importancia, e porque, tendo acabado ha muito as guerras com os mouros e castelhanos, cessára a necessidade de procurarem abrigo nos muros do castello e de subirem a empinada encosta.

Tanto perdeu Ourem com o terremoto, como lucrou a *Aldeia da Cruz*.

D. José I mandou restaurar alguns edificios da villa, mas a maior parte não mais se ergueu,—em quanto que a *Aldeia da Cruz*, alem de pouco soffrer com o terremoto por

[1] Succedeu a Ourem o mesmo que á villa de Castello Rodrigo, na Beira Baixa, pois sendo ainda nos fins do ultimo seculo uma villa e uma praça de guerra importante e muito priveligiada, hoje está quasi deserta (terá 40 fogos!...) e é cabeça do concelho e da comarca *Figueira de Castello Rodrigo*, povoação que se ergueu ao sopé da nobre villa e que principiou por uns humildes alpendres levantados em volta do campo em que se faziam as grandes feiras, concedidas pelos nossos primeiros réis áquella villa e praça de guerra.

estar na campina, viu augmentar espantosamente os seus edificios, a sua riqueza e a sua população.

—

Em 1810 os soldados de Massena assolaram toda a Extremadura, nomeadamente a Villa d'Ourem, que foi saqueada e reduzida a cinzas, e não pouparam a Aldeia da Cruz; mas Ourem, anteriormente já pobre e mais falta de recursos, não pôde restabelecer-se, em quanto que a *Aldeia da Cruz* de prompto se restabeleceu, ficando a valer muito mais do que a villa, posto que fosse uma simples povoação rural da parochia d'ella, pelo que os seus habitantes se lembraram de seguir o exemplo da freguezia de Ceissa, que ha muito se havia arvorado em parochia independente da collegiada, e tractaram de promover a sua independencia tambem.

Com este intuito requereram em 1824 ao governo a sua desmembração da freguezia da collegiada e a creação d'uma nova freguezia formada por differentes aldeias, [1] tendo por séde a da Cruz, onde já havia uma capella com 3 altares,—Senhora da Piedade (no altar mór) Santissimo Sacramento e S. Sebastião, — todos 3 com irmandades proprias, — Santissimo permanente — e dois capellães pagos pelo povo, para lhes dizerem missa aos domingos e dias santos e lhes ministrarem os sacramentos,—capella em que já havia funccionado o proprio cabido da collegiada cerca de oito mezes, em seguida ao terramoto de 1755.

—

Na sua petição declaravam os supplicantes que se obrigavam por uma escriptura, já feita e lavrada nas notas do tabellião Joaquim Maria da Costa, em 20 de dezembro de 1823, a pagar ao novo parocho, e que nada pediam á collegiada d'Ourem, com a condição de que o parocho seria nomeado por elles e confirmado pelo seu bispo diocesano (o de Leiria).

Mandou o governo ouvir o dicto prelado, que informou favoravelmente, lembrando o alvitre de que ao novo parocho se désse para congrua uma das conezias da collegiada e o titulo de *conego-vigario,* ficando os supplicantes obrigados sómente á despeza da fabrica da nova erecta.

Mandou em seguida o governo ouvir a junta da serenissima Casa de Bragança, por ser donataria da villa e da comarca d'Ourem,—e por seu turno a junta (em maio de 1825) mandou ouvir o desembargador e procurador da fazenda, o qual disse que informasse o corregedor da comarca [1].

—

Informou elle dizendo entre outras coisas —que achava justissima a pretensão dos supplicantes;—que a povoação de Aldeia da Cruz era grande e muito bem situada;—que n'ella já rezidiam, *havia muitos annos*, todas as auctoridades da villa;—que a dicta aldeia contava ao tempo 826 habitantes;—que julgava muito acceitavel o alvitre do prelado; —que a povoação era rica e tanto que foi a primeira que se restabeleceu depois da invasão franceza;—que algumas das aldeias indicadas para a nova erecta, nomeadamente a de *Peras Ruivas*, se oppunham, mas que isso pouco importava, porque bastavam a Aldeia da Cruz e os casaes proximos para constituirem uma grande freguezia, e que o unico motivo da opposição d'algumas das mencionadas aldeias eram as intrigas manobradas pelo cabido para ter maior numero de subordinados, etc.

—

Em 12 de setembro do mesmo anno dirigiu o cabido á junta da casa de Bragança uma representação contra a nova erecta, dizendo entre outras coisas—que não era o bem espiritual que movia os interessados na

---

[1] Penigardos, Castello, Aldeia dos Alamos, Peras Ruivas, Carregal, Crespos, Villões, Val Travesso, Mattos, Lourinha, Louçã, Pinheiro, Motta da Vide, Alquidão, Pimenteira, Fonte de Catharina, S. Gens, Caridade, Milheira, Marnota e Aldeia da Cruz, com o total de 1:200 pessoas de 7 annos para cima, ficando o priorado da villa com 1:405 almas, numero superior ao que se pretendia desannexar.

[1] Francisco Fernando d'Almeida Madeira, magistrado dignissimo.

Com as suas informações muito contribuiu para que a desannexação vingasse.

desannexação, mas o *indiscreto capricho de augmentar a dicta aldeia com a ruina da villa e de defraudar os dizimos.*

Deu-se vista de tudo ao desembargador e procurador da fazenda, o qual mandou que informasse de novo o corregedor. Este não só confirmou, mas ampliou a sua primeira informação.

Entre outras coisas disse—que na importante povoação de *Aldeia da Cruz* a população augmentava sensivelmente, como elle proprio tinha notado *no decurso de 13 annos*, e que a da villa baixava e tendia a desapparecer *por não poder prestar commodidades algumas aos seus habitantes e menos alliciar os de fóra*;—que não se tornando susceptivel de conservação e menos de augmento, ella por si, sem industria humana ou caso fortuito, havia de fatalmente desapparecer, o que já teria acontecido ha muito, se os membros da collegiada não fossem obrigados a rezidir n'ella para satisfazerem ao côro, como elles proprios confessavam;—que os recorrentes argumentavam com a pobresa da *Aldeia da Cruz* e dos logares annexos, mas que estes eram os que trabalhavam e os *sustentavam*;—que a mesma tropa, devendo pelo seu itinerario aquartelar-se na villa, deixava a opulencia d'ella pela pobresa da *Aldeia*, por não haver ali mais do que os membros da collegiada, *os recorrentes*, pois que o resto, pela sua pobresa, *era nada*, bastando dizer-se que na villa não encontrava uma só pessoa para ser carcereiro! «e que seria dos mesmos membros da collegiada, se não fossem os moradores da *Aldeia*? São totalmente apparentes e imaginarias as rasões expendidas...—Taes expressões tornam-se injuriosas a uma povoação que é a principal do termo, onde rezidem as auctoridades, professores e mais empregados publicos,—povoação tal que no culto divino e festividades he digna de ser imitada e não só no termo, mas *em toda a comarca...*»

Terminou dizendo—que julgava justissima a creação da nova erecta e que a opposição do cabido era toda *caprichosa* e de *emulação*.

—

Em 18 d'agosto de 1826 se deu vista ao desembargador e procurador da fazenda, o qual optou pela creação da nova erecta e pelo alvitre do prelado leiriense:—que se désse ao parocho para sua congrua sustentação um dos canonicatos da collegiada...

Concordou a junta da serenissima Casa de Bragança, em consulta de 22 de setembro, —e em 9 d'outubro do mesmo anno de 1826 a sr.ª D. Isabel Maria, infanta regente por fallecimento d'el-rei D. João VI, resolveu a questão nos termos seguintes: «Como parece, devendo-se verificar a desannexação ... quando vagar o primeiro canonicato da Insigne Collegiada, visto constar-me que actualmente todos estão prehenchidos.»

Em vista d'este despacho requereram a S. A. os habitantes de Aldeia da Cruz dizendo—que podia demorar-se muito a vagatura do canonicato e que, desejando se tornasse de prompto effectiva a creação da nova erecta, pediam lhes désse para parocho o rev. Domingos Antonio d'Almeida, do dicto logar, que havia muitos annos era capellão dos supplicantes e lhes administrava os sacramentos com todo o zelo, tendo sido já antes da invasão franceza parocho da collegiada alguns annos, e da freguezia de Fatima,—e que elles supplicantes lhe satisfariam a congrua, em quanto se não désse a vaga do canonicato.

Em 23 de janeiro de 1827 mandou S. A. ouvir a junta da Casa de Bragança, a qual, em harmonia com o parecer do procurador da fazenda, respondeu—que se verificasse a desannexação só quando vagasse o canonicato, como fôra resolvido por S. A. em 9 d'outubro de 1826; mas, em quanto se processava esta consulta, requereu a S. A. o padre Domingos pedindo se fizesse de prompto a desannexação e a nomeação d'elle supplicante para parocho da nova erecta, que elle se obrigava a servir gratuitamente até vagar o primeiro canonicato na collegiada, destinado para congrua da nova erecta.

Sendo ouvido de novo o desembargador da fazenda, opinou porque se esperasse pela vagatura do canonicato, mas a junta da Casa de Bragança, em consulta de 15 de junho de 1827, disse que julgava não haver inconveniente em que S. A. deferisse o requeri-

mento do supplicante, pelo que S. A. deferiu nos termos seguintes: «*Como parece.* Palacio da Ajuda, 9 de janeiro de 1828. I. R. (Infanta regente, D. Isabel Maria) [1].

—

As grandes complicações que se deram na alta politica do nosso paiz procrastinaram algum tempo a erecção d'esta parochia; mas por decreto de 29 d'agosto de 1829, datado do palacio de Queluz, foi o padre Domingos Antonio d'Almeida apresentado pelo sr. D. Miguel na egreja de Nossa Senhora da Piedade d'Aldeia da Cruz, dando-se-lhe para congrua o canonicato que vagou na collegiada pelo fallecimento do conego Manuel José Ribeiro, segundo a resolução de 9 d'outubro de 1826; não chegou porem a tomar posse, porque surgiram logo contra elle denuncias e intrigas que determinaram o governo do sr. D. Miguel a mandar prender o dicto padre Domingos e a annullar aquelle decreto por outro com data de 22 d'outubro do mesmo anno.

Por decreto de 29 de março de 1831 foi nomeado *conego-parocho* da nova erecta Fr. Antonio de S. Boaventura, da ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal, mestre de theologia e professor jubilado no real estabelecimento dos estudos do Bairro Alto, em Lisboa; mas, extinctos os dizimos em 1834, abandonou a freguezia, cuja congrua era o canonicato, e retirou-se para a sua terra natal, onde falleceu pouco tempo depois.

Tambem no mesmo anno de 1834 a collegiada soffreu um duro golpe com a extincção dos dizimos que constituiam o melhor das suas rendas. Alem d'isso os foreiros tambem se recusaram a pagar os fóros e a collegiada não se atreveu a demandal-os, por lhe faltarem os documentos precisos, pelo que ficou pobrissima e sem rendas algumas! E, para complemento da sua desgraça, quasi todos os conegos, sendo taxados de *miguelistas*, foram suspensos e nomeado um extranho, — o padre Joaquim Mendes d'Azevedo,—prior d'ella encommendado, com o titulo de vigario da vara, existindo ainda alguns conegos não suspensos, mas que nunca mais voltaram ao côro,—e assim terminou a *insigne e real collegiada d'Ourem!...*

—

O antigo prior foi reintegrado em 1836; mas já ao tempo o dr. João de Deus Antunes Pinto, bacharel formado em canones, prior de S. Thomé de Lisboa e governador temporal do bispado de Leiria, por S. M. I. o duque de Bragança, e vigario capitular pelo rev. cabido leiriense, havia em 29 de janeiro de 1836 dividido o bispado de Leiria em 4 districtos, sendo a capital de um d'elles a nova freguezia de *Aldeia da Cruz*,—e nomeado vigario d'esta parochia e do seu districto o padre Domingos Antonio d'Almeida, pelo que a elle, em quanto foi vivo, ficou *subordinado* o velho prior da villa e da collegiada d'Ourem!...

Durou pois quasi dez annos a grande lucta entre os habitantes da *Aldeia da Cruz* e a collegiada, terminando do modo mais surprehendente e glorioso para aquella e mais triste e doloroso para esta, que pouco tempo sobreviveu a tão grande catastrophe!

—

Esta freguezia d'*Aldeia da Cruz* (hoje *Villa Nova d'Ourem*) conta pois os parochos seguintes:

1.º—*Fr. Antonio de S. Boaventura*, conego-vigario (1831-1834).

2.º—*Domingos Antonio d'Almeida*, vigario, desde 1834 não sabemos até quando.

3.º—*Marcellino d'Almeida Vieira Borges*, (1850). Vigario.

4.º—*Manuel Midões*, (1851-1856). Vigario.

5.º—*José Cypriano Borga*, 1.º prior, (1856 1867).

Permutou com o seguinte e é hoje prior de Bucellas, no concelho dos Olivaes, sendo natural de Villa Nova d'Ourem e presbytero de muito merecimento.

6.º—*Domingos Antonio Alvares.*

7.º—*Manuel Nogueira da Conceição.*

Não vão mais longe os meus apontamentos informes.

—

A rainha D. Maria II, por alvará de 23 de

---

[1] Extracto fiel do archivo da Casa de Bragança.

setembro de 1841, elevou a povoação d'*Aldeia da Cruz*, que já então era cabeça do concelho d'Ourem, á cathegoria de villa com a denominação de *Villa Nova d'Ourem.*

«Usa esta villa as armas do concelho que é um brasão do principio da monarchia e commum a todo elle»—diz o *Esboço historico do concelho de Villa Nova d'Ourem,* publicado em 1868 pelo benemerito filho d'esta villa, dr. José das Neves Gomes Elyseu (pag. 114); mas parece-me isto uma charada, pois não diz que brasão seja,—e no principio da sua *Memoria* dá em lytographia nada menos de 4 brasões d'Ourem, *todos muito differentes!*

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas* deu-lhe o brasão n.° 1 do dr. Elyseu, mas com a aguia olhando para a direita do espectador, em quanto que a do brasão do dr. Elyseu olha para o lado opposto;—e um excellente livro que temos nitidamente lytographado, com as armas das nossas villas e cidades, mas sem data nem nome de auctor, dá a Ourem as mesmas armas que lhe deram o sr. I. Vilhena Barbosa e Gomes Elyseu, no escudo n.° 1, mas com outra variante:—a aguia tem as azas fechadas,—volta as costas ao espectador—e olha para a esquerda d'elle.

Veja-se n'este diccionario o artigo *Ourem*, vol. 6.° pag. 314, col. 2.ª e pag 335, col. 2.ª tambem,—e a citada *Memoria* do dr. Gomes Elyseu, pag. 45 e a nota da pag. 162, na qual diz que as armas do n.º 2 estão na casa da almotaçaria em Aldeia da Cruz e são—um escudo com uma aguia, tendo as azas abertas, voltada para o espectador e olhando para a esquerda d'elle. No alto do escudo, á direita do espectador, uma meia lua e á esquerda uma estrella.

Não descrevemos os outros *cinco* (!) porque são da villa velha e não queremos fatigar os leitores.

—

Outra bulha:

A *Memoria* do dr. Elyseu diz que o orago d'esta parochia é Nossa Senhora da *Maternidade*;—o *Couseiro* de Leiria diz que é Nossa Senhora *da Purificação*;—as publicações officiaes dizem que é nossa Senhora *da Piedade*—e alguem já lhe deu como o orago tambem Nossa Senhora *do Pé da Cruz.*

Vejam que *embroglio!...*

Quando se creou esta freguezia, deu-se-lhe o titulo de *Nossa Senhora da Piedade,*—o mesmo que já tinha a capella que foi arvorada em matriz, pois era sua padroeira, com irmandade e festa proprias, uma lindissima imagem de *Nossa Senhora da Piedade*, que estava no altar-mór com o seu amado filho morto no regaço, tendo a cabeça pendente sobre o braço direito da Virgem.

Algum tempo depois da creação d'esta freguezia tentaram os seus parochianos dar-lhe como orago *Nossa Senhora da Maternidade,* o que não se realisou legalmente, pois na collação dos seus priores continuou a dar-se-lhe o titulo de *Nossa Senhora da Piedade.*

—

Esta parochia era do bispado de Leiria, mas desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, foi extincta a diocese de Leiria e dividida pelo patriarchado e pela de Coimbra, passando para o patriarchado, além d'outras, todas as freguezias d'este concelho de Villa Nova d'Ourem.

A construcção dos novos paços do concelho, que são amplos e magestosos, principiou em 9 de junho de 1874—e no anno seguinte se creou a comarca de Villa Nova d'Ourem, de 3.ª classe, formada unicamente pelas 9 freguezias do seu concelho.

Nos novos paços do concelho funccionam todas as suas repartições publicas—a camara, o tribunal de justiça, a administração do concelho, a escrivania da fazenda, recebedoria, correio e telegrapho, datando a creação d'este de 13 d'agosto de 1881.

Tem esta villa um bom cemiterio. Foi feito por uma commissão de parochianos, á custa d'elles e de varios subscriptores (honra lhes seja!...) e, depois de concluido, entregue por elles á camara, que não despendeu com elle um real, mas não hesitou em arvoral-o em fonte de receita, creando pesadas quotas de covagem.

Foi concluido em 1856 e benzido com grande pompa no dia 9 de setembro d'aquelle anno pelo benemerito prior José Cypriano Borga, precedendo officios solemnes

na matriz pelas almas dos parochianos que ali haviam sido sepultados—e depois uma solemne e commovente procissão até o novo cemiterio.

A 1.ª pessoa que n'elle se sepultou foi *Claudina Maria*, que falleceu de *cholera morbus* n'aquelle mesmo mez.

—

Creada a freguezia de *Aldeia da Cruz*, ficou servindo de matriz a antiga capella de Nossa Senhora da Piedade, mas, como a população augmentasse espantosamente, foi mister substituir a capella por um templo mais amplo.

Por iniciativa do mesmo benemerito prior José Cypriano Borga se deu principio ás obras do novo templo em 21 d'agosto de 1861 sobre o local da dicta capella. Construiu-se primeiramente a capella do Santissimo, que depois ficou ao lado esquerdo da nova egreja e foi benzida pelo mesmo prior no dia 20 d'outubro de 1867. Depois se demoliu a antiga capella e no seu chão se fez o novo templo, ficando ligado á capella do Santissimo.

Foi benzida a capella mór no dia 24 de novembro de 1873 pelo prior Manuel Nogueira da Conceição, que ao tempo já tinha permutado com o rev. José Cypriano Borga.

O novo templo é amplo, mas singelo, e faltam-lhe ainda as decorações interiores.

O baptisterio da capella demolida tinha a data de 1828, mas serviu a vez primeira em 1831, ministrando-se o 1.º baptismo a *Francisco*, filho legitimo de José Lopes e de Maria de Jesus.

—

Esta villa é hoje muito abundante de excellente agua potavel. Foi encanada em tubos pela camara desde o sitio da *Caridade* e jorra em tres chafarizes—*Fonte Nova, Ribeirinha* e *Praça do peixe*,—chegando a agua a este (foi o ultimo) em 22 de novembro de 1882.

Custaram as obras, ao todo, mais de tres contos de réis.

Villa Nova d'Ourem está na margem esquerda da ribeira de Ourem, que desagua no rio Nabão, a 20 kilometros de distancia, depois de regar muitos campos e dar movimento a muitos pisões e moinhos d'azeite e de cereaes.

Dista d'Ourem 2 kilometros para N. E.—10 da estação de *Chão de Maçãs*, no caminho de ferro do norte, para O. S. O.—20 de Thomar, pela nova estrada para N. O.—24 de Leiria, para S. E.—140 de Lisboa—e 217 do Porto, pela linha ferrea.

Está muito bem servida de estradas a macadam, pois tem estrada real, feita ha muito, para Leiria e para Chão de Maçãs, Thomar e Santarem;—estradas districtaes, em via de construcção, para Porto de Moz, Figueiró dos Vinhos e Torres Novas,—e estradas concelhias para Espite e Ourem.

Este concelho é cortado de S. E. a N. O. na sua extremidade E. pelo caminho de ferro do norte que tem dentro d'elle o viaducto da ribeira de Ceissa, o tunel d'Albergaria, o tunel e a estação de Chão de Maças e a estação de Caxarias. É por isso que, estando a sua estação de Chão de Maçãs em terreno aspero, muito agreste e pedragoso, ali se encontra quasi todo o anno á venda excellente fructa. Vae da mimosa e fertilissima *Ribeira d'Ourem*.

—

Tem esta villa bons edificios, entre os quaes avultam os paços do concelho, a egreja matriz, a casa da familia *Almeidas* e a eschola do conde de Ferreira, principiada no campo da feira mensal, em 17 de julho de 1867.

Ali funccionam duas aulas municipaes para o sexo masculino,—uma de instrucção primaria elementar—outra de ensino complementar.

Tambem ha na villa outra aula official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino—e dois largos: o do *Conde de Ferreira*, onde se ergue a eschola feita com o subsidio d'este benemerito titular portuense,—e a *Praça do Mercado*, onde se fazem os grandes mercados semanaes d'esta villa, todas as quintas feiras, aos quaes concorrem muitos tendeiros e negociantes de Leiria, Thomar e Torres Novas e grande quantidade de povo d'estas e d'outras povoações circumvisinhas.

Abundam estes mercados em lençaria,

pannos de linho, algodão e lã e outros artigos de tendas,—e em cereaes, legumes, hortaliça, fructas e peixe fresco das praias da Nazareth e Vieira, havendo tambem nos mesmos dias feira de gado suino no largo dos Paços do Concelho.

Ha tambem n'esta villa feira mensal no dia 3, muito concorrida de gado bovino, azinino e cavallar—e de gado lanigero tambem, em certos mezes.

Dão-lhe muita vida os seus mercados e feiras.

Tem boas lojas commerciaes de mercearia e d'outros artigos tambem, mas de pouco movimento, exceptuando os dias de feira e de mercado e os domingos, em que os habitantes sertanejos costumam concorrer á villa em grande numero para tractarem dos seus negocios e sortir-se de varios artigos.

—

Ha n'esta villa um pequeno bairro ou sitio denominado *Castella*, muito digno de especial menção pela sua remota antiguidade e pelas lendas que o envolvem.

Diz a tradição que depois da batalha de Aljubarrota um dos muitos castelhanos que fugiram espavoridos na direcção d'Ourem se escondeu em uma matta junto do logar da Melroeira, mal ferido.

Passando por essa occasião ali D. Nuno Alvares Pereira, quando em seguida á batalha foi a Ceissa e Ourem cumprir certos votos, como já dissemos, ouviu os gemidos do pobre castelhano e approximou-se d'elle.

Ficando o santo condestavel commovido, fez desmontar um dos seus cavalleiros e conduzir o pobre com todo o carinho para a povoação de *Pédella* (depois *Aldeia da Cruz* e hoje *Villa Nova d'Ourem*) onde o mandou tractar e, sobrevivendo, lhe deu casas em que passou o resto dos seus dias, deixando successão.

D'essas casas provem ao dicto bairro o nome de *Castella* e aos seus habitantes o de *castelhanos*.

—

Ha n'esta freguezia, entre outras, as seguintes capellas publicas:

1.ª—*Nossa Senhora das Mercês*, no Alqueidão, onde tambem se venera a imagem de S. Lourenço.

Dizem que a dicta imagem da Senhora ali foi collocada por um ermitão, pelos annos de 1400 e tem irmandade com estatutos approvados pelo bispo de Leiria D. Pedro Barbosa.

O *Santuario Mariano* menciona um facto espantoso succedido com esta imagem na primeira procissão de *Passos* que se fez em Ourem.

2.ª—*Nossa Senhora do Bom Despacho*, na Lourinha, com irmandade e compromisso desde 1743.

3.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*, na Louçã.

4.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no Pinheiro.

5.ª—*Nossa Senhora do Livramento*, em Val-Travesso.

Tem confraria propria e mordomia de S. Sebastião.

6.ª—*S. João Baptista*, na aldeia de Villões.

Todas são antigas e se conservam abertas ao culto, mas maltratadas e sem terem coisa digna de especial menção.

—

Ha n'este concelho muitas quintas e casas nobres. Mencionaremos apenas as seguintes:

Na freguezia d'Ourem

1.ª—A quinta ou casa dos *Contos* ou da *Caridade*, pertencente ao visconde do Zambujal; hoje é de Jorge de Cabedo, morador em Setubal.

2.ª—A quinta e casa de S. Gens, da familia *Trigosos*, hoje de Sebastião Trigoso e Mello, rezidente em Lisboa.

3.ª—A quinta do *Caneiro*, que foi de João Paes do Amaral, da nobre familia Paes de Mangoalde, hoje pertencente a Simão Paes rezidente na casa dos *Barbos*, concelho de Torres Novas.

4.ª—A casa e quinta da *Parreira*, habitada por João Carlos da Silva Athaide, da nobre familia *Athaides*, de Leiria.

Pertence hoje esta quinta a Miguel do Canto e Castro, digno par do reino, que a herdou de sua mãe, D. Isabel da Silva Athaide, de Leiria.

5.ª—A casa e quinta dos *Namorados*, ou dos *Castellinos*, assim denominada por ser da familia *Castellinos Manueis d'Aboim.*

Hoje pertence ao honradissimo cavalheiro Antonio de Sousa Castellino de Mello e Alvim, da nobre casa da *Motta*, de quem adiante fallaremos, e o seu ultimo possuidor foi Antonio Castellino Manuel d'Aboim, ultimo capitão-mór d'este concelho.

Na freguezia da Ceissa

6.ª—A casa e quinta da *Motta*, rezidencia de Antonio de Sousa Castellino de Mello e Alvim, typo da verdadeira nobreza de sangue e de caracter, filho do desembargador Antonio Gomes Ribeiro, do Peso da Regoa, e de sua mulher D. Maria José de Sousa Castellino e Alvim, descendente por linha collateral do cardeal D. Jorge da Costa, d'Alpedrinha.

Antonio de Sousa Castellino é casado com D. Philomena do Vadre Manique, da nobre familia *Vadres Maniques*, de Lisboa, senhora virtuosissima, e tem os filhos seguintes:—Pedro de Sousa do Vadre Manique, bacharel formado em direito,—Antonio, collegial de Campolide, onde estuda preparatorios,—e duas senhoras de esmeradissima educação, ainda solteiras, que vivem com seus paes.

7.ª—A casa de *Ceissa*, cujo ultimo possuidor foi Thimoteo de Sousa Alvim, tambem descendente por linha collateral do famoso cardeal d'Alpedrinha.

Deixou Thimoteo de Sousa uma unica filha perfilhada e herdeira, casada com o dr. Joaquim da Silva Neves.

Na freguezia do Olival

8.ª—A casa e quinta da *Maçomodia*, hoje deshabitada e que foi dos *Peixotos Machados.*

Pelos annos de 1754 a 1756 D. José Peixoto Machado, monsenhor da patriarchal de Lisboa, obteve do governo a graça de perfilhar um filho, Manuel Thomaz Peixoto Machado, que houve de D. Isabel Praça, (irmã do conego Praça, d'Ourem) e instituiu n'elle um vinculo com a invocação de Nossa Senhora da Guia, composto de varias terras no concelho d'Ourem, edificando casa e capella no logar de *Maçomodia*, cuja instituição tem a data de 1756.

Casou Manuel Thomaz Peixoto Machado com D. Theresa de Vilhéna d'Azevedo Coutinho Pires e Tavora, irmã de José d'Azevedo Vieira, da nobre casa dos Azevêdos ou dos *Santos Martyres*, de Paredes da Beira,[1] e tiveram José Manuel Peixoto d'Azevedo Machado, que morreu solteiro em 1830,—e duas filhas que morreram tambem solteiras e já de provecta idade, em 1860 e 1868.

José d'Azevedo Vieira, de Paredes da Beira, casado com D. Jeronyma da Costa Tavares Coutinho e Ornellas, da casa de Trancoso, teve d'este matrimonio tres filhas, das quaes duas morreram sem descendencia, e a mais velha, D. Maria José d'Azevedo de Sousa Coutinho, herdeira do vinculo da casa de Paredes, Varzea de Trevões e Castanheiro, na Beira Alta, casou com Antonio de Lemos Carvalho e Sousa Beltrão,[2] da nobre casa e quinta do Ribeiro, concelho de Sernancelhe, e tiveram os filhos seguintes:

—*Marianno de Lemos d'Azevedo*, primogenito, herdeiro dos vinculos e da maior parte da grande casa de seus paes, cavalheiro distincto por nascimento e mais distincto pelo seu nobilissimo caracter, ainda solteiro e rezidente em Villa Nova d'Ourem;

—*José Maria de Lemos Azevedo*, que morreu deixando dois filhos;

—*Antonio de Lemos Azevedo*, casado e com successão, hoje senhor da nobre casa de Paredes da Beira, por accordo com seu irmão mais velho, Marianno de Lemos;

—*D. Henriqueta Augusta de Lêmos Beltrão*, casada com José de Sousa, de Rioda-

---

[1] V. *Paredes*, vol. 6.º pag. 487, col. 1.ª e seguintes.

[2] Filho de Marianno de Lemos Carvalho e Sousa, senhor do vinculo do Ladario e dos prasos de Adaufa, em Sautar, descendente dos *Lemos*, da Trofa, por seu pae Bernardo de Carvalho e Lemos, filho 2.º da casa de Sautar, casado com D. Maria José Felix d'Almeida Beltrão, da quinta do Ribeiro e Carapito d'Aguiar.

des, concelho da Pesqueira. Sem descendencia.

—*D. Maria da Piedade de Lemos Azevedo*, casada com Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, [1] de Girabolhos, residente em Vizeu.

—

As duas irmãs e herdeiras de José Manuel Peixoto d'Azevedo Machado, da casa da *Maçomodia*, aboliram o vinculo em 1835 e em 1842 doaram todos os seus bens a seu primo Marianno de Lemos Azevedo, o qual por morte da ultima d'aquellas senhoras mudou a sua residencia, da quinta do Ribeiro, na Beira, para Villa Nova d'Ourem, onde mandou fazer casa d'habitação, por estar a da *Maçomodia* em sitio ermo e de pessimas serventias.

—

Esta villa e este concelho soffreram muito, como já dissemos, por occasião da guerra peninsular e muito tambem com as guerras civis posteriores, nomeadamente em 1833 a 1836, como se lê de pag. 141 a 144 da excellente *Memoria* do dr. José das Neves Gomes Elyseu, para onde remettemos os leitores, porque estamos anciosos por fechar este artigo; apenas muito summariamente apontaremos os factos seguintes:

Em 1836 organisou-se n'esta villa (ainda então *Aldeia da Cruz*) um batalhão de *guardas nacionaes*, commandado por Luiz José Lopes, hoje morador no logar dos *Pisões*, que havia feito parte d'uma celebre guerrilha *liberal* do tristemente celebre D. Manuel d'Alcochete, a quem o general (depois marechal e duque) Saldanha ordenou que se afastasse com a tal guerrilha ou antes *quadrilha* para uma legoa de distancia do exercito que elle general commandava, sob pena de o *mandar fuzilar!...*

Tanto a guerrilha de D. Manuel d'Alcochete, como o tal batalhão do Luiz José Lopes praticaram excessos e crimes de tal ordem que a pena ainda hoje se recusa a descrevel-os!...

[1] V. *Pinhanços*, vol. 7.° pag. 38, col. 1.ª e seguintes, — e *Villa da Ponte*, freguezia do concelho de Sernancelhe.

Dissolvida a tal guarda nacional, organisou-se n'esta villa um batalhão movel ou civico *ejusdem fusfuris*, a que o povo deu o nome de *batalhão dos canecos*, sob o commando do dr. Gaijo, de bachica memoria, *administrador d'este concelho!...*

Um dia, com o pretexto de prender um refractario, dirigiu-se a aguerrida cohorte á povoação da Urgeira e, não encontrando o tal refractario, incendiaram-lhe a casa e um colmeal, fizeram mão baixa em tudo quanto encontraram e, orgulhosos com o feito, entraram triumphantes na villa ao som de cornetas, em marcha grave!

O mesmo administrador outro dia, á frente d'uma escolta do seu batalhão, prendeu dois homens, sendo um d'elles um pobre velho e, marchando com elles para Leiria, a 8 kilometros de Villa Nova d'Ourem, mandou fusilal-os, e regressou muito satisfeito deixando-os estendidos na estrada!

A um outro homem, João Lopes das Louças, porque havia furtado um jumento, prendeu-o e fuzilou-o tambem.

Que bello administrador!...

—

Ainda ultimamente, no dia 29 de junho de 1884, por occasião das eleições de deputados para as côrtes constituintes que no momento (junho de 1885) estão funccionando, foi esta formosa villa theatro dos maiores excessos, tambem attribuidos ao administrador do concelho, por ver que a opposição o levava de vencida na urna.

Um correspondente da localidade narrou tão triste successo nos termos seguintes:

«Os soldados enfurecidos bayonetaram o povo encarniçadamente, perseguindo sem distincção não só os aggressores, mas os cidadãos inoffensivos e mesmo de certa graduação.

Correu n'esta primeira carga muito sangue. Dois ou tres soldados foram maltratados com pedras e muitos populares gravemente feridos com bayonetadas.

Haviam-se dispersado os grupos; cada qual ia retirando para sua casa, ou se recolheu á egreja, onde a ordem não havia sido alterada e a meza eleitoral exercia quanto possivel as suas funcções.

Suppunha-se o conflicto terminado. Foi então que se ouviram dois tiros de rewolver; diz-se que um fôra disparado pelo alferes Magalhães e outro pelo administrador do concelho.

Foi em seguida proferida por este a voz de fogo. O commandante recusou-se a cumprir, e exigiu ordem por escripto; mas, como nem assim quizesse tomar essa responsabilidade, o administrador repetiu a voz de fogo, e o corneta deu o signal. Começou logo o tiroteio assassino!

Viu-se então a soldadesca atirando pelas ruas nas direcções que lhe eram designadas, ou que o haviam sido préviamente.

Os srs. José da Fonseca Ritto e o prior Nogueira escaparam como por milagre!

Uma descarga dirigida para o sitio, onde elles caminhavam pacificamente, matou duas mulheres e feriu outra.

Logo em seguida foi lançado por terra, morto, um chefe de familia e feridos muitos outros, um dos quaes está em perigo de vida.

Tres soldados espingardearam a casa do sr. José Maria Fernandes, a curta distancia, e elle foi varado por uma bala, que lhe entrou pelo peito junto ao hombro esquerdo, e saiu pelas costas. O seu estado é muito grave.

Junto d'elle estava o sr. José dos Reis, que por pouco não foi tocado por uma bala na garganta.

Contra o sr. José Pereira Marques, que se achava no portal da sua casa, disparou um soldado um tiro quasi á queima-roupa, e deixou elle de ser morto, porque se desviou da pontaria, que o malvado lhe fazia. A bala batendo na cantaria do portal e desfazendo-se em estilhaços, feriu-o gravemente n'um braço e na cara.

A um pobre homem, que estava encostado a um poste das obras da casa do sr. Francisco Lopes Pessoa, fez um soldado pontaria e varou-lhe um braço com uma bala.

Emfim, a soldadesca dispersa dirigiu os seus tiros contra os principaes progressistas da terra, que são os honrados negociantes José da Fonseça Ritto, José Maria Fernandes e José Pereira Marques.

As suas casas foram o alvo do tiroteio; attestam-n'o os estragos das balas.

Os mortos e feridos jazeram lançados por terra por espaço de mais d'uma hora, sem soccorros.

As auctoridades administrativas tornaram-se indifferentes a esse espectaculo de sangue.

Era commovedor o vêr um bando de creanças chorando sobre o cadaver de sua mãe assassinada.

Honra ao mui digno juiz de direito d'esta comarca que, affrontando as balas, veiu com a sua presença pacificar os espiritos e soccorrer os desgraçados, dando as providencias que podiam estar ao seu alcance.

Foi coadjuvado pelo digno delegado do procurador regio e pelos facultativos do partido, os srs. drs. Barjona e Aggripino, que teem prestado relevantissimos serviços.

A força de caçadores 6, aqui destacada, foi quem praticou este glorioso feito de armas.

O administrador do concelho, Joaquim José da Silva Neves, acha-se desde então installado na casa da administração, guardado por uma grande força militar, e de lá não tornou a sahir.

Vêem-se nas calçadas da villa enormes rastos de sangue.»

No mesmo dia e por occasião das mesmas eleições de deputados correu sangue e houve ferimentos e mortes em outras assembléas do nosso continente e nos Açores.

Abstemo-nos de commentarios.

—

Mais outra scena de sangue que horrorisou este concelho no ultimo anno. Os jornaes noticiaram-na assim:

«Foi encontrado morto, com o coração atravessado por uma bala, na manhã de 26 do corrente, no sitio denominado Sapataria, proximo a Villa Nova d'Ourem, Francisco dos Santos Margarida. Suspeita-se que foi assassinado por um irmão, chamado Arthur dos Santos Margarida, com quem o morto andava ha tempos desavindo e que parece ameaçava matal-o. O morto devia levar comsigo 37 moedas e um cordão d'oiro, pertencente a uma sua namorada. Tambem levava

um relogio de prata, cujo destino se ignora.

Foram já detidos a mãe e o irmão, suspeito do assassinio, emquanto se procede a mais largas averiguações. Acham-se na cadeiá de Villa Nova d'Ourem.»

Passados dias, o mesmo jornal accrescentava os seguintes pormenores:

«Francisco dos Santos Margarida, o morto, tinha 30 annos. Trazia comsigo n'um cinto, 37 moedas, um relogio de prata e um cordão de ouro, que tudo lhe desappareceu. Estão presos um irmão da victima, chamado Arthur dos Santos Margarida, a mãe e mais dois rapazes. Parece que ha muito tempo que havia rixa entre os dois irmãos, chegando já por uma vez a vias de facto, recebendo o Francisco tanta pancada que ficára aleijado. Na quinta feira ultima estiveram novamente altercando os dois na feira da villa, mas as cousas ficaram por ahi. No dia seguinte o aleijado appareceu assassinado com um tiro de bala.»

Triste!

—

Para desanojar os leitores enfadados com tão lugubres scenas, vou contar lhes um facto que prende com esta villa e que parece uma anecdota d'almanach.

Ao sr. Manuel Maria Portella, meu bom amigo e Cyreneu, illustrado e benemerito filho de Setubal, devo a communicação de tão singular occorrencia, nos termos seguintes:

«Do *Almanach Burocratico* de 1876, fl. 540, consta que José Joaquim Januario Lapa, distincto official d'artilheria, foi feito barão de *Villa Nova d'Ourem* em 20 de janeiro de 1847—e visconde do mesmo titulo em 12 de março de 1853.

Alem d'outros cargos importantes exerceu o de governador geral da India e o de ministro da marinha e ultramar.

Succedeu-lhe no titulo de visconde de Villa Nova d'Ourem seu filho Elesbão José de Bettencourt Lapa, em 1 d'agosto de 1870.

Deu-se um facto notavel entre o 1.º visconde de Villa Nova d'Ourem e o padre Patricio de Moura e Brito, natural de Setubal.

Quando aquelle titular, antes de o ser, residia em Villa Franca, estando a jogar o gamão com o referido padre, que ali era prior, affirmava este que havia de dar um codilho ao Lapa, o qual por sua parte affirmava o contrario, accrescentando que faria d'aquelle prior um bispo, se d'elle recebesse um *codilho* e viesse algum dia a ser ministro, dando ás suas palavras um tom de puro gracejo.

O tempo correu, e Lapa, da modesta posição que então occupava como administrador das Lezirias do Tejo, [1] passou a elevar-se na escala social pelos seus meritos e pelos successos da politica e chegou a ser ministro de estado.

O prior de Villa Franca seguindo-lhe, por assim dizer, os movimentos, e advertido por um feliz presentimento, logo que o visconde foi nomeado ministro, se lhe apresentou, dando-lhe os parabens e reclamando o cumprimento da promessa.

O ministro, que a principio se não lembrava da promessa, recordou-se perfeitamente d'ella, por fim, e deu ao prior de Villa Franca a mitra de Cabo Verde.

D. Patricio de Moura e Brito foi depois bispo do Funchal.»

Abençoado *codilho!*...

—

Aproveitando o ensejo, daremos aqui mais alguns apontamentos biographicos do 1.º barão e 1.º visconde de Villa Nova d'Ourem, —José Joaquim Januario Lapa,—do conselho de sua magestade, ministro e secretario d'estado, commendador das ordens da Torre e Espada e das de S. Bento d'Aviz e de Isabel a catholica, condecorado com uma medalha de gratidão offerecida pelo exercito da India, marechal de campo, etc.

Falleceu com 63 annos de idade no dia 1 de junho de 1859.

Aos treze annos (em 1809) foi com seus paes para o Brazil, e dois annos depois assentou voluntariamente praça de soldado no 1.º regimento de artilheria do Rio de Janeiro.

Estudou o curso de mathematica, fortificação e desenho, e sciencias physicas e naturaes na academia militar d'aquella cida-

[1] V. *Villa Franca de Xira.*

de, sendo quatro vezes premiado pelo seu merecimento.

Achando-se na Parahiba do Norte em 1818, foi incumbido de fortificar a costa d'esta provincia desde a praia de Lucena, ao norte do Cabedello, até á Bahia-Formosa. Foi nomeado por provisão regia delegado do commissario inspector geral das fortalezas e postos de guerra do reino do Brazil, encarregado de organisar e instruir o regimento de artilheria a cavallo do Rio de Janeiro, e nomeado lente de mathematica na escola militar d'este regimento. Tinha então apenas vinte e quatro annos.

Seguiu ali o seu accesso até ao posto de major.

Proclamada a independencia do Brazil e tendo o novo imperio de organisar todos os seus serviços, abria-se á capacidade do moço official de artilheria um vasto campo para a conquista da sua fama e dos seus interesses. Ajudavam-no a estima geral em que era tido e as valiosas relações que lhe proporcionara o seu casamento com uma senhora das principaes familias do Rio de Janeiro.

A todas as vantagens e seducções preferiu o seu nome de portuguez e voltou a Lisboa em 1825.

N'esta viagem teve ensejo de mostrar a sua tempera de heroe praticando um d'esses assombrosos actos de valor com que os homens, ás vezes, a si mesmos se excedem.

O navio em que embarcara no Rio de Janeiro era uma galera mercante, a qual, depois de soffrer grande temporal nas alturas da Bahia, naufragou n'aquellas paragens.

Na enormidade do perigo, os marinheiros, sem ouvirem as vozes do capitão, que inutilmente os chamava á ordem e que teve de fugir diante d'elles pelo furor com que o aggrediram na brutalidade do seu instincto, lançaram o escaler ao mar, invadiram-no tumultuosamente e procuraram salvar-se, expondo á mais irremediavel perda os seus officiaes e todos os passageiros que vinham a bordo.

—

O major Lapa, formoso mancebo de 29 annos, de pé, na tolda do navio, soltos os cabellos ao açoute d'aquelle vendaval terrivel, concebe uma idéa heroica e não hesita a pol-a em pratica um instante. De espada em punho salta ao escaler, e com a voz, com o gesto, com a sublimidade da sua inspiração magnifica e com a firmeza da sua resolução decidida, elle, a mocidade scintillante e varonil, a encarnação do genio e do heroismo, impõe o respeito e o temor áquelles homens desvairados e destemidos; obriga a marinhagem a voltar ao navio, deixando apenas comsigo os remadores precisos; faz descer para o escaler as mulheres, as creanças e os doentes que estavam a bordo, e vencendo o furor das ondas vae lançal-os na praia da costa, a cinco leguas de distancia, volta de novo á galera e conduz para terra o resto dos passageiros e da marinhagem.

Mas n'isto lembra-se de dois enfermos, incapazes de se moverem, e dos quaes ninguem mais se lembrou nas angustias d'aquelle perigo. Era preciso ir salval-os ainda Ao longe, a galera desfazia-se, cançada de luctar com a violencia das vagas.

E o moço artilheiro pela terceira vez faz o difficil trajecto, chegando ainda a tempo de voltar, senhor impassivel do perigo e vencedor da morte.

Rasgo nobilissimo de coragem, merecedor de ser eternamente repetido!

—

Conseguindo voltar a Portugal, foi o seu engenho aproveitado em muitos trabalhos scientificos.

Desempenhou commissões mineralogicas e montanisticas; foi empregado no arsenal do exercito; organisou, instruiu e commandou o batalhão nacional de artifices d'este estabelecimento; dirigiu o fabrico e distribuição de todo o material de artilheria e munições de guerra das fortificações de Lisboa, Palmella e Setubal em 1833, e concorreu na mesma época, com o batalhão que commandava, para a defeza das linhas da capital.

Em seguida fez parte de varias commissões nomeadas para tratar do aperfeiçoamento do material e do serviço da artilheria. Dirigiu a manufactura dos novos arreios, que se adoptaram, por proposta sua, para as parelhas dos parques de campanha, e

montou e instruiu no respectivo exercicio uma bateria de artilheria a cavallo.

Foi depois collocado na terceira secção do exercito, em virtude da parte activa que tomou nos acontecimentos de Belem, em 1836, e na tentativa dos marechaes, em 1837, para a restauração da Carta. N'esta situação encontrou immediatamente a sua intelligencia novos trabalhos em que se applicasse. Foi empregado pela companhia das Lezirias do Tejo e Sado, como director geral das obras das suas propriedades e administrador d'ellas.

Tendo voltado depois, pelas suas convicções politicas, á actividade do serviço no exercito, foi despachado tenente coronel em 1841 com a antiguidade de 5 de setembro de 1837; coronel graduado em 23 de agosto de 1843, e coronel effectivo em 10 de março de 1845.

Em 1846 e no anno seguinte foi successivamente investido no cargo de governador militar de Santarem; commandante de uma columna movel ao norte do Tejo, com a qual reunindo-se ao exercito de operações, assistiu á acção de Torres Vedras, onde se distinguiu pelo seu valor; e commandante de uma columna destacada do dito exercito na Beira e em Traz-os-Montes.

Regressando a Lisboa no fim da lucta, foi eleito deputado ás côrtes pelos circulos da Beira Alta e da Extremadura; exerceu distinctamente, de modo que ainda hoje é com saudades lembrado, o cargo de coronel do 1.º regimento de artilheria; foi governador civil de Lisboa; ministro da marinha e ultramar; ajudante general do exercito; ministro da guerra e pela segunda vez ministro da marinha, sendo exonerado d'estes cargos sempre a pedido seu.

Como governador civil de Lisboa, cargo de que tomou posse pouco depois de terminada a lucta com a Junta do Porto, houve-se com o maximo acerto.

Foi tambem governador geral da India, etc.

—

No *Diario Illustrado* de 12 de maio de 1875 póde ver-se o retrato de s. ex.ª e a sua biographia completa, na introducção da qual se lhe deu o titulo de *Visconde de Ourem*. Foi lapso.

Era visconde de Villa Nova d'Ourem, povoação differente da de *Villa d'Ourem*, como já dissemos supra, posto que o sr. Ignacio Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, nas *Cidades e Villas*, pag. 104, *in-fine*, fallando de Ourem diz que esta villa *tambem é nomeada Villa Nova d'Ourem*.

Aliquando dormitat Homerus.

—

Ourem está no curuto de um pincarro—e Villa Nova d'Ourem na baixa, a 2 kilometros de distancia;—Ourem foi desde o tempo dos romanos talvez povoação murada—e Villa Nova d'Ourem foi sempre aberta;—Ourem já era uma praça de guerra muito importante no seculo XIV—e Villa Nova de Ourem n'esse tempo era a microscopica povoação de *Pédella*, depois *Aldeia da Cruz*; Ourem é villa e parochia desde os principios da nossa monarchia—e Villa Nova de Ourem é parochia *de direito* desde 1828, *de facto* desde 1831—e villa desde 1841;—finalmente Ourem foi séde de concelho e de comarca desde tempos muito remotos até que perdeu essas preeminencias em 1834, passando a séde do concelho para *Villa Nova d'Ourem* (então *Aldeia da Cruz*)[1]—e a séde da comarca para Thomar, sendo esta *Villa Nova* séde de comarca tambem desde 1875.

Não se confunda pois a *villa velha* d'Ourem com *Villa Nova* d'Ourem.

—

N'este concelho ha minas de carvão de pedra. Sabemos que foram registradas na camara d'esta villa uma em agosto de 1874, —outra em fevereiro de 1875—e outra em setembro do mesmo anno.

—

Falleceu no dia 26 d'agosto de 1875, em Lisboa, José da Silva Mendes Leal, nascido em 1796 e contando por consequencia 79 annos de idade.

Era filho de João da Silva e de D. Francisca Ignacia Mendes Leal, natural de Villa Nova de Ourem. Foi cantor da antiga pa-

---

[1] A administração do concelho d'Ourem já estava na *Aldeia da Cruz* desde 1813.

triarchal e da Sé patriarchal, musico da camara no tempo de D. João VI, até ao reinado da senhora D. Maria II, praça da 1.ª companhia do 1.º batalhão fixo de Lisboa em 1834, e quando falleceu era musico aposentado da sé e mestre de piano. Os filhos que lhe sobreviveram são o sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal e os srs. Joaquim José da Silva Mendes Leal, João Carlos da Silva Mendes Leal e D. Maria Carlota Mendes Leal Cardoso.

São tambem naturaes de Villa Nova d'Ourem o dr. Vicente das Neves Gomes Elyseu, actual juiz da relação de Lisboa, — o dr. Agostinho Albano d'Almeida, facultativo aposentado do hospital das Caldas da Rainha—e o dr. José das Neves Gomes Elyseu, magistrado dignissimo e auctor do interessante *Esboço Historico do concelho de Villa Nova d'Ourem.*

Poderiamos mencionar outros muitos filhos benemeritos d'esta villa e d'este concelho, mas não queremos abusar da paciencia dos leitores e dos editores.

Noticias que recebemos á ultima hora

O movimento parochial d'esta freguezia no ultimo anno foi o seguinte:—nascimentos 65;—casamentos 13;—obitos 33.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a de Nossa Senhora da Piedade (orago)—Santissimo Sacramento,—S. Sebastião—e Santo Antonio.

Atè esta data (julho de 1885) esta freguezia conta 10 parochos [1]:

1.º—*Antonio de S. Bernardino Pereira Rebello da Fonseca,*—vigario-conego da collegiada d'Ourem.

Parochiou desde 1831 até 1834.

2.º—*Domingos Antonio d'Almeida,* natural d'esta parochia,—1834 a 1849.

3.º—*Antonio Vieira d'Almeida Borges,*—parochiou seis mezes.

4.º—*Antonio Dias André,* de 25 de junho de 1849, até janeiro de 1850.

5.º—*Marcellino Vieira Borges,* de janeiro de 1850 a janeiro de 1851.

6.º—*Manuel Midões,* de 1851 a 1856.

[1] Fica assim rectificada a lista supra.

Todos estes foram simples vigarios encommendados.

7.º—*José Cypriano Borga,* natural d'esta freguezia,—1.º parocho (prior) collado,—1856 a 1867.

8.º—*Domingos Antonio Alvares,* 2.º prior collado,—1867 a 1868.

9.º—*José Joaquim d'Almeida Pacheco,*—encommendado,—1868 a 1871.

10.º—*Manuel Nogueira da Conceição,*—o rev. prior actual.

Foi encommendado desde junho de 1871 até julho de 1874, data em que tomou posse como prior collado.

Capellas publicas [1]

1.ª—*Nossa Senhora das Mercês,* na aldeia de Alqueidão.

A imagem é bastante imperfeita e foi levada para ali por um ermitão no seculo XIV.

A capella está hoje dentro do cemiterio d'aquella povoação.

2.ª—*Senhor do Bom Despacho,* na aldeia da Lourinha. Muito arruinada.

3.ª—*Nossa Senhora dos Remedios,* na aldeia de Louçans. Mal tractada.

4.ª—*Nossa Senhora do Rosario,* na povoação do Pinheiro.

Está dentro do cemiterio da localidade, feito em 1860 por iniciativa do rev. prior José Cypriano Borga.

5.ª—*Nossa Senhora do Livramento,* na aldeia de Valtravesso e tambem hoje dentro do cemiterio da localidade.

Festejam a Virgem e S. Sebastião.

6.ª—*S. João Baptista,* na aldeia de Villões. Em ruinas.

—

Em 1855 o rev. José Cypriano Borga, sendo parocho em Coimbrão, foi convidado por alguns dos seus patricios para se collar em Villa Nova d'Ourem e promover a construcção de uma egreja que substituisse a capella de Nossa Senhora da Piedade de Al-

[1] Desculpem-nos as repetições, filhas da precipitação com que escrevemos.

Estamos no Porto revendo as provas da ultima parte d'este artigo, tendo em Lisboa já revistas as provas da parte restante!...

deia da Cruz, pois alem de ser pequena para matriz, estava muito arruinada.

Annuiu elle,—e em 1859, sendo já prior d'esta villa, determinou-se a emprehender a construcção do novo templo, arcando com as maiores difficuldades e contrariedades. Além de não haver dinheiro para a obra, não concordavam na escolha do local, pelo que elle teve de decidir a questão, optando pelo local da dicta capella.

No mesmo anno deu principio á demolição das velhas sacristias, para no chão d'ellas se abrirem os alicerces da parede lateral da nova egreja, e, depois de percorrer a freguezia, pedindo esmolas, dias de trabalho, etc., para o novo templo,—*ao que ninguem se recusou*,—no dia 21 d'agosto de 1861 o mestre pedreiro João da Silva lançou a primeira pedra do novo edificio.

As obras proseguiram muito lentamente, por falta de recursos.

Em 1864 o mesmo prior, auxiliado pelos seus parochianos, fez na praça um basar, que foi uma festa esplendida, em que tomaram parte a philarmonica e as senhoras mais distinctas da villa. Rendeu 229$540 réis, que muito contribuiram para o adiantamento das obras. Depois o dr. Antonio Eleutherio, de Thomar, e Antonio Maia, de Torres Novas, deputados por este circulo, obtiveram do governo 1:300$000 réis de subsidio para as mesmas obras.

Em 1867 estavam concluidas as capellas do Santissimo, a do Senhor dos Passos, o baptisterio, a sacristia e a casa do despacho.

A capella do Santissimo foi benzida com grande pompa pelo benemerito prior em 20 de outubro d'aquelle mesmo anno, e ficou servindo de egreja parochial;—depois se demoliu a parte restante da velha capella e foram proseguindo as obras até á sua conclusão, tractando-se ainda no momento das decorações interiores.

—

Deve-se pois em grande parte a nova egreja á iniciativa e dedicação do benemerito prior José Cypriano Borga.

Tem ella defeitos. A capella mór ficou pequena por falta de chão, pois entesta com a rua publica;—ao corpo da egreja tiraram-lhe um metro na altura, *por economia*,—e alteraram tambem o risco, abrindo muito inconvenientemente uma porta lateral *defronte do pulpito*.

Interiormente tem altar-mór,—4 latteraes e tecto de estuque, sobresahindo a meio d'elle a imagem de Nossa Senhora da Piedade em relevo, com o Menino Jesus nos braços.

—

A villa não tem edificios brasonados. Os mais importantes são a casa que foi de Antonio Joaquim d'Almeida, hoje de seus herdeiros,—e a do sr. Marianno de Lemos, que é tambem o 1.º proprietario d'esta freguezia. O 2.º é o sr. dr. Agostinho d'Almeida.

A planicie ou ribeira, onde está Villa Nova d'Ourem, estende-se desde Ceissa até S. Sebastião d'Alvejar, ficando ao norte a Lourinha e o Monte Alto—e ao sul os grandes pinheiraes da Casa de Bragança.

—

O rev. prior José Cypriano Borga nasceu no casal da *Milheira*, d'esta freguezia, a 26 de julho de 1831. Foi o ultimo filho d'esta parochia baptisado na *villa velha* d'Ourem, pois nos fins d'aquelle mesmo anno se creou e separou *de direito* e *de facto* a freguezia de *Aldeia da Cruz*, hoje *Villa Nova d'Ourem*.

Seus paes, Francisco Vieira Borga e Maria Josepha, humildes, mas honrados lavradores, o confiaram em 1843 aos virtuosissimos frades do Varatojo,—Fr. José e Fr. Manuel da Conceição,—que desde 1834 viviam como foragidos na serra de Santo Antonio de Minde, concelho de Porto de Moz,[1] onde ensinavam portuguez, francez, latim, logica e disciplinas ecclesiasticas aos ordinandos dos povos circumvisinhos, que os idolatravam. Tinham n'aquelle tempo 80 discipulos!...

Em 1852 recolheu-se ao seminario de Leiria;—recebeu a ordem de presbytero em Coimbra, a 23 de setembro de 1854,—e foi logo parochiar, como encommendado, a freguezia da Barreira, da qual passou para a

[1] V. *Minde*, serra,—e *Minde*, freguezia,—vol. 5.º pag. 233.

de Coimbrão, ambas do concelho de Leiria. Em 2 de junho de 1856 collou-se n'esta Villa Nova d'Ourem, onde logo prestou relevantes serviços, pois sendo n'aquelle anno açoitada pelo cholera e não havendo na freguezia outro padre,—elle não só ministrou os sacramentos a todos os cholericos, mas confortou-os e por vezes lhes applicou os remedios que os facultativos indicavam, pelo que o administrador do concelho depois lhe deu um attestado honrosissimo.

—

Em 1859 deu principio á nova egreja;—no dia 20 d'outubro benzeu a nova capella do Santissimo;—no fim d'aquelle anno collou-se em Alcabideche, no concelho de Cascaes, permutando com o prior Domingos Antonio Alvares,—e em 1872 transferiu-se para a freguezia de Bucellas, concelho dos Olivaes, onde se collou em 13 de novembro do mesmo anno.

Em 1877 foi na peregrinação portugueza a Roma;—visitou o sanctuario de Lourdes,—Marselha, Genova, Roma, Napoles, Pompeia, etc., e no dia 1.º de junho d'aquelle mesmo anno já estava com os seus parochianos e lhes deu com grande pompa e extraordinaria concorrencia de fieis a benção papal, concedida por S. Santidade Pio IX.

É ainda prior de Bucellas e prior dignissimo.

—

A estrada a macadam de Leiria a Thomar e que atravessa esta villa, forma uma ampla estrada rua. Vindo de Thomar, denomina-se *Rua Direita*, desde a entrada da villa até á Praça;—*Rua de Belfort*, desde a Praça até á *Fonte Nova*,—e *Rua dos Alamos*, d'ali até á outra extremidade da villa.

A freguezia d'Ourem, ou da *villa velha* d'Ourem, apesar da sua decadencia, ainda hoje (segundo uma nota que se dignou enviar-me o seu rev. prior) conta 880 fogos e 3:610 habitantes.

O censo de 1878 deu-lhe 830 fogos e 3:432 habitantes.

O seu movimento parochial no ultimo anno, foi o seguinte:—nascimentos 137,—casamentos 25,—obitos 59.

Vê-se pois que a população da *villa velha* não diminue, *augmenta!...*

VILLA NOVA D'OUTIL—aldeia da freguezia d'*Outil*, concelho e comarca de Cantanhede.

V. *Outil*, vol. 6.º pag. 362, col. 1.ª

Por provisão do desembargo do paço, com data de 17 de dezembro de 1574, se permittiu que os moradores das freguezias de S. Martinho d'Arvore e de Outil, bem como os da aldeia de *Villa Nova d'Outil*, podessem cortar carne nos dictos logares pelo preço estipulado para Coimbra;—e por outra provisão da mesma procedencia, com data de 10 de janeiro de 1777, se ordenou ao corregedor de Coimbra que fizesse conter na obediencia ao mosteiro de Cellas (hoje, 1885, já extincto) os habitantes dos seus casaes nos districtos de Tobim, Feteira, Lobares, Figueiró do Campo, Eiras e *Villa Nova d'Outil*, obrigando-os a pagarem todos os direitos devidos ao mosteiro, na conformidade do foral e dos arbitramentos do costume, procedendo contra os que assim o não cumprissem.

VILLA NOVA DA PALHAÇA — freguezia do concelho e comarca d'Aveiro.

V. *Palhaça*, vol. 6.º pag. 425.

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, foi supprimido o bispado d'Aveiro e dividido pelos do Porto e de Coimbra, passando para este ultimo a freguezia da *Palhaça*, ou de *Villa Nova da Palhaça*, com todas as do concelho d'Aveiro e as dos concelhos de Agueda, Anadia, Ilhavo, Oliveira do Bairro e Vagos. As freguezias restantes do districto e da diocese de Aveiro ficaram pertencendo á diocese do Porto. São as dos concelhos d'Arouca (exceptuando a d'Alvarenga) Albergaria Velha, Castello de Paiva, Estarreja, Feira, Oliveira d'Azemeis e 7 do de Macieira de Cambra. As duas restantes d'este ultimo concelho, bem como as do concelho de Sever do Vouga, pertencem ao bispado de Vizeu.

Está portanto o districto d'Aveiro dividido pelos bispados de Coimbra, Lamego, Porto e Vizeu!...

VILLA NOVA DE PENALVA.

V. *Sepulchro*, *Trancozêllo* e *Trancozellos*.

VILLA NOVA DE PORTIMÃO—villa, freguezia e séde de concelho e de comarca no districto e diocese de Faro, provincia do Algarve.

V. *Portimão* n'este diccionario e no *supplemento*, onde desenvolverei consideravelmente aquelle artigo com as notas colhidas por mim na localidade e com os interessantes apontamentos que se dignou enviar-me o muito illustrado e benemerito prior d'aquella formosa villa, o rev. sr. José Gonçalves Vieira, a quem mais uma vez reitéro os meus cordeaes agradecimentos, pedindo-lhe me desculpe o não dar agora, como bem desejava, o supplemento áquelle artigo, porque circumstancias muito extranhas á minha vontade me forçam a passar adiante.

Agradeço tambem ao sr. José Augusto Carneiro o exemplar que se dignou offerecer-me da sua interessante *Memoria historica, genealogica e biographica* da casa de Abrantes ou dos antigos condes e senhores de Villa Nova de Portimão, hoje muito dignamente representados pelo sr. D. João Maria da Piedade, José, Pedro, Paulo, Bento, Francisco de Assis e Xavier, Ignacio de Loyolla, Luiz Gonzaga, Antonio, Braz, Bernardo, Paulo Eremita, Verissimo dos Santos Innocentes, Thomaz de Cantuaria, marquez d'Abrantes e de Fontes, conde de Penaguião, de Figueiró, de Sortelha e de Villa Nova de Portimão, camareiro-mór e commendador-mór na ordem d'Aviz, de sua casa, grande de Portugal e de Hespanha, etc., etc.

VILLA NOVA DO PRINCIPE—V. *Azeruja*, vol. 1.º pag. 291, col. 2.ª

VILLA NOVA DE PUSSOS—freguezia do concelho de Alvaiazere, districto de Leiria, na Extremadura.

V. *Pussos*, vol. 7.º pag. 716, col. 1.ª

VILLA NOVA DA RAINHA—freguezia do concelho d'Azambuja, comarca do Cartaxo, districto e diocese de Lisboa, provincia da Extremadura.

Orago Santa Martha,—fogos 91,—habitantes 360.

Priorado.

Em 1712 era vigairaria da comarca de Alemquer, annexa á matriz de Santo Estevam d'aquella villa,—e contava 70 fogos, os quaes apresentavam o seu vigario, que era collado.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura 80$000 réis—e contava 105 fogos.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho d'Alemquer, do qual passou para o da Azambuja por decreto de outubro de 1855.

Comprehende esta freguezia os casaes do Loiro, d'El-Rei, de Val da Serpe, Vall de Mouro—e as quintas do *Queimado*, pertencente a D. Catharina Rita Pereira,—de *S. Julião* e do *Caldas*, pertencentes a João Garcez Palha d'Almeida,—*Barracas* pertencente á *Companhia das Lezirias do Tejo e Sado*,—e *Arneiros*, a José Rodrigues Duarte Monteiro.

A *Chorographia Moderna* menciona tambem as quintas *do Novaes, da Mina* e *do Conde*.

A *Chorographia Portugueza* menciona o olival do *Queimado*,—uma *grande quinta* chamada *Aldeia de Pegas*, pertencente ao conde de Castello Melhor,—e outra denominada *Quinta do Rei*, que era de Antonio Pereira da Silva.

—

Parochias limitrophes—Triana ou Nossa Senhora da Assumpção d'Alemquer, a O.—Azambuja, a E. N. E.—e o Tejo a E.—bem como a linha ferrea do norte, da qual dista cerca de 200 metros,—6 kilometros d'Alemquer,—7 da Azambuja—18 do Cartaxo—40 de Lisboa—e 297 do Porto.

Passa n'esta freguezia a estrada real a macadam de Lisboa ao Porto—e está approvado o projecto de uma estrada districtal que deve atravessar esta parochia tambem.

Esta freguezia comprehende parte da de *S. Bartholomeu do Paul d'Otta*, que foi extincta, passando a outra parte para a freguezia do *Espirito Santo de Otta*, pertencente a este mesmo concelho d'Alemquer.

V. *O'tta*, vol. 6.º pag. 304, col. 2.ª—e *Paul d'O'tta* no mesmo vol. pag. 508, col. 1.ª

Entre a povoação de Villa Nova da Rainha e o Tejo ha uma grande campina, e para o lado d'Alemquer outra com 5 kilometros de

comprimento e 2 a 3 de largura [1]. São ferteis e produzem muitos cereaes, mas por serem muito planas e em grande parte alagadiças, são um viveiro de sesões e de febres paludosas que já extinguiram a população da freguezia de S. Bartholomeu do Paul d'O'tta e que açoutam cruelmente a d'esta.

—

Diz J. A. d'Almeida que os romanos chamaram a esta freguezia *Pugna Tagi, corrupto vocabulo Punhete.*

Foi lapso. Confundiu esta parochia com a de *Villa Nova de Constancia*, ou *Punhete.*

Tambem o sr. José Maria Baptista diz que ha n'esta parochia uma feira annual a 19 de março, [2] em quanto que os apontamentos que recebi do proprio administrador do concelho dizem que não ha n'esta parochia *feira alguma.*

Os templos d'esta freguezia hoje reduzem-se á sua egreja matriz, que é muito antiga, pois n'ella se recebeu o condestavel D. Nuno Alvares Pereira com D. Leonor d'Alvim.

Era então Villa Nova da Rainha uma grande povoação e *villa*, á qual el-rei D. Fernando, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, deu foral (Franklim não o menciona) concedendo-lhe o privilegio de não pagar jugada nem oitavos;—mas os castelhanos a destruiram quando retiravam da batalha d'Aljubarrota.

Suppõe-se que a pobre villa esteve no olival do *Queimado*. Apenas pouparam a egreja matriz e junto d'ella algumas casas.

Foi tão completa a destruição, que na localidade nem a memoria se conserva de tal villa!

—

Banham esta parochia os rios d'Alemquer e de O'tta, que desaguam no Tejo, a distancia de 1:500 metros da povoação de Villa Nova da Rainha, á saida da qual teem uma ponte de pedra, na estrada do Carregado, e duas azenhas.

Producções dominantes—cereaes, vinho e azeite.

Tambem cria bastante gado.

O *cholera morbus* fez aqui muitas victimas em 1833 e 1834.

Esta freguezia comprehende os *montes de S. Pedro*, que nada offerecem de notavel.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

Na interessante *Memoria* sobre estudos prehistoricos em Portugal, publicada pelo sr. Carlos Ribeiro em 1878 e por elle offerecida á nossa Academia Real das Sciencias, se lê, a pag. 19, o seguinte:

«Não ha muito que nas proximidades de Bellas, no meio das estações da epocha neolithica, encontramos objectos de *quartzite* trabalhados, d'envolta com fragmentos de pedra polida; e estes *quartzites*, pelo seu aspecto e forma não differem dos *quartzites* trabalhados por mão d'homem, que nós encontrámos tambem nos terrenos terciarios e quartenarios de *Villa Nova da Rainha*, Barquinha e Ponte de Sor.»

Do exposto se deduz que o chão d'esta parochia foi habitado nos tempos prehistoricos da *pedra polida*, bem como grande parte da bacia hydrographica do Tejo e do rio de *Odemira.*

V. *Villa Nova de Mil Fontes* e a *Memoria* citada.

VILLA NOVA DA RAINHA—freguezia do concelho de Santa Comba-Dão, comarca de Tondella, districto e diocese de Viseu, na Beira Alta.

Orago o Santissimo nome de Jesus.—Fogos 150,—habitantes 620. Curato.

Em 1708 era curato da apresentação do prior de Santa Maria de Treixedo, hoje Nossa Senhora da Assumpção do Treixedo, no antiquissimo concelho d'este nome, comarca de Vizeu,—e tinha o dicto curato 70 fogos com 206 pessoas maiores e quarenta e seis menores, segundo se lê na *Chorographia Portugueza.*

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, era curato da mesma apresentação,—

[1] Carvalho diz que só na campina do lado d'Alemquer semeavam *mais de cem moios de trigo*, no seu tempo,—e que tinha esta varzea um *provedor*, que era o juiz de fóra, com seu escrivão e um meirinho proprios.

[2] Almeida menciona ainda outra feira annual de 2 dias, a 28 de julho.

contava 65 fogos — e rendia para o cura 30$000 réis, afóra o pé d'altar.

Hoje tanto Villa Nova da Rainha como Treixedo são freguezias do concelho de Santa Comba-Dão.

—

É muito antigo este povoado de Villa Nova da Rainha e o seu territorio, pelo menos parte d'elle, deve ser mimoso e fertil, porque é banhado por um ribeiro, confluente do rio Dão, e demora no abençoado territorio do *Valle de Besteiros*, que produz muito milho, muito vinho e grande quantidade de laranjas, das melhores do nosso paiz.

V. *Besteiros, valle*, vol. 1.º pag. 393, col. primeira.

Em 1210 D. Sancho I doou esta *Villa Nova da Rainha*, do Valle de Besteiros, a Fernão Nunes—e confirmou a doação o seu mordomo D. Gonçalo Mendes. *Doc. de Lorvão.*

—

Nada mais posso adiantar porque, tendo passado muitas vezes em Santa Comba-Dão, nunca visitei esta Villa Nova da Rainha e, apesar das minhas reiteradas instancias, nem o sr. administrador do concelho nem o rev. parocho até hoje se dignaram mandar-me apontamentos alguns. Além d'isso por fatalidade nenhum dos meus mappas indica esta parochia; — o diccionario d'Almeida apenas a mencionou peio titulo, como todas as chorographias que me cercam,—e o sr. José Maria Baptista nada pôde adiantar tambem por se haver perdido o *relatorio* do *Diccionario Geographico Manuscripto*, existente na Torre do Tombo!...

—

Apontamentos recebidos á ultima hora:

Esta freguezia não comprehende aldeias nem quintas ou casaes dignos de menção.

Parochias limitrophes: — Dardavaz, Muraz, Tonda e Treixedo:—as 3 primeiras pertencem ao concelho de Tondella—e a ultima ao de Santa Combadão.

Dista da séde do concelho 12 kilometros; —da séde da comarca 7;—2 da estrada real n.º 8 da Mealhada a Vizeu, por Santa Comba-Dão; — 14 da estação de Santa Comba-Dão, que é a mais proxima na linha da Beira Alta;—49 da Pampilhosa, entroncamento da linha da Beira Alta na do Norte; — 100 da cidade da Figueira;—181 de Villar Formoso;—156 do Porto—e 280 de Lisboa.

—

O ribeiro que banha esta freguezia tem uma pequena ponte, tres moinhos para cereaes, um para azeitona, e desagua no rio Dão a distancia de 10 kilometros.

As producções principaes d'esta parochia são:—milho, vinho, azeite, feijões, fructas, gado e caça.

Nunca foi villa e não tem edificios que mereçam especial menção.

Tem cemiterio contiguo á egreja matriz.

Abundam n'esta parochia vendedeiras de queijos e de pinhões.

Não tem outra industria.

Ha n'esta freguezia uma serra bastante elevada, mas de pequenas dimensões, — a *Serra da Senhora da Esperança*,—assim denominada por ter uma capella da mesma invocação de Nossa Senhora, com festa e grande romagem no dia 5 d'agosto.

Não ha n'esta freguezia outra capella— nem escola alguma.

Com vista aos illustres vereadores de Santa Comba-Dão.

A egreja matriz é um templo modesto.

VILLA NOVA DE REGUENGOS ou **REGUENGOS DE MONSARAZ** — ou simplesmente *Reguengos*, villa, freguezia e séde do concelho d'este nome na comarca do Redondo, provincia do Alemtejo.

V. *Reguengos*, vol. 8.º pag. 115, col. 2.ª *in-fine*.

VILLA NOVA DE SANDE — ou simplesmente *Sande*, — freguezia do concelho e comarca de Guimarães, orago *Santa Maria*, para distincção das outras freguezias de *Sande* (mais tres) pertencentes ao mesmo concelho e comarca.

V. *Sande*, vol. 8.º pag. 88, col. 2.ª

VILLA NOVA DE SEIRA.—Assim se denominava antigamente a freguezia actual de *Ceira* ou *Seira*, no concelho e comarca de Coimbra.

V. *Ceira*, vol. 2.º pag. 266, *in fine*.

Ao que já alli dissemos d'esta parochia, vamos accrescentar algumas noticias importantes:

No archivo da camara municipal de Coimbra se encontra entre os *Documentos avulsos* (em papel) o processo das vistorias que, a requerimento do juiz de Seira, fez a camara de Coimbra nas tomadias dos baldios e rocios d'aquella parochia, comprehendendo —os autos da vistoria e demarcação de 31 de maio de 1640 e de 30 de maio de 1642, — o despacho de 21 de junho de 1642, que os julgou por sentença —e algumas petições, embargos e outros documentos e termos, relativos ás dictas vistorias.

Termina com o despacho de 21 de fevereiro de 1643, que despresou os embargos e mandou dar cumprimento á sentença de 1642.

—

No mesmo archivo se encontra entre as *Cartas originaes dos infantes* uma do infante D. Pedro, duque de Coimbra, datada de 14 de maio de 1439, dirigida ao corregedor Mendo Affonso d'Antas, havendo por bem o mandar cumprir a carta d'el-rei, seu pae, confirmada por el-rei, seu irmão, que das serventias das pontes, fontes e calçadas não escusava os caseiros e lavradores do bispo, cabido, mosteiros, egrejas e fidalgos da cidade e termo, ordenando que pela mesma fórma servissem *aos giros* no corregimento do caminho de *Ceira* os homens e caseiros dos conventos de S. Jorge e de Semide, sem embargo da escusa que lhes concedêra,—ao de S. Jorge pela singular devoção do pae d'elle infante para com o dito mosteiro;—ao de Semide por ser pobre e n'elle jazerem *donas, filhas d'algo.*

—

No mesmo archivo se encontra no Liv. II das *Nomeações dos Officiaes da Camara*, uma ordem (original) da monteria-mór do reino, com data de 13 de novembro de 1794, pedindo á camara informações com relação ao officio do monteiro-mor de *Ceira.*

No mesmo archivo, fl. 213, v. do 1.º *Livro da Correia*, que comprehende os regimentos e posturas da cidade de Coimbra, feitos em 1554, se encontra a *postura da ordenança da pasagem daa barqua de seyra* — ou a tabella dos preços da passagem na dita barca, *in illo tempore*,—coisa muito interessante hoje para os amadores de curiosidades historicas.

No mesmo archivo e no *Livro III das Correias* se encontra a fl. 258, v. uma carta regia de 2 de maio de 1716, participando á camara de Coimbra o nascimento de um infante, — e em seguida uma provisão do desembargo do paço com data de 15 de julho do mesmo anno, declarando que á mesma camara competia a eleição do juiz da vintetena de *Ceira.*

—

No mesmo archivo se encontra no tomo 3.º do *Registo*, a fl. 269, v. o regimento da barca da passsagem de *Ceira*, feito em 23 de maio de 1573, muito curioso tambem.

No mesmo archivo se encontra no tomo 33 do *Registo*, fl. 44 e 45, uma carta de nomeação do monteiro-mór dos lobos e mais bichos em *Ceira*, Castello Viegas e outros logares, datada de 1644.

No mesmo archivo se encontra a fl. 396 do tomo 60 do *Registo* uma provisão do desembargo do paço, com data de 7 de novembro de 1832, dando ao juiz do tombo do morgado de *Ceira*, da condessa da Ribeira Grande, jurisdicção privativa em todas as causas com os emphyteutas e rendeiros do dicto tombo.

D'aqui se infere a importancia do morgado que os condes da Ribeira Grande tinham, —e não sabemos se tem ainda, — em *Ceira.*

No mesmo archivo se encontram a fl. 65, v. e 71 do *Registo da Correspondencia* (n.º 7) os officios e edictaes que precederam o afora mento de certos baldios em *Ceira.*

No mesmo archivo, a fl. 389, v. do tomo I do *Registo da Legislação*, se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 25 de junho de 1773, ordenando que os caseiros dos morgados que a condessa da Ribeira Grande, D. Joanna Thomasia, tinha em *Ceira* e *Sarnache*, não podessem recolher os fructos das eiras e lagares *sem previo aviso do rendeiro.*

No mesmo archivo, a fl. 202 do tomo 2.º do *Registo da Legislação*, se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 19 d'abril de 1788, concedendo a Thomaz Joaquim da Motta—*em sua vida sómente* —

a administração da barca de passagem no Mondego, chamada *barca de Ceira*, que era da corôa.

Finalmente no mesmo archivo e no mesmo *Registo da Legislação*, a fl. 19, v. do tomo 4.° se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 3 d'abril de 1807, estabelecendo nas freguezias de *Almalaguez, Castello Viegas* e *Ceira*, á custa dos sobejos das sisas d'ellas, o partido de 150$000 réis para um facultativo que curasse os habitantes dos dictos logares e os pobres, *de graça*.

VILLA NOVA DO SEPULCHRO—ou *Villa Nova de Penalva*.

V. *Sepulchro,—Trancozello*—e *Trancozellos*.

VILLA NOVA DE SOUTO D'EL-REI—ou *Arneirós,*—freguezia do concelho, comarca e diocese de Lamego.

V. *Arneirós*, tomo 1.°, onde já se fallou d'esta freguezia; mas no *supplemento* desenvolverei amplamente aquelle artigo, o que agora não posso fazer, por falta de espaço.

VILLA NOVA DE TAZEM — freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Priorado. Fogos 550, — habitantes 2:310.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1768 era priorado do padroado real, —contava 247 fogos—e rendia 650$000 réis.

O censo de 1878 deu-lhe 506 fogos e 2:068 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—*Villa Nova*, séde da freguezia, com 360 fogos, — *Tazem*, com 130 e *Paçoinhos*, com 60.

Comprehende tambem os moinhos do *Cuvo* e da *Fidalga,*—e as quintas de Lagares, Regadas, Ribeira e Reguengo, todas pouco importantes, porque a propriedade se acha aqui muito dividida.

Freguezias limitrophes:—Cativellos a N.—Rio Torto a E.,—Lagarinhos a sueste,—Lages e Girabolhos a O.

Villa Nova, séde da freguezia, dista da aldeia de Paçoinhos 500 metros; — da de Tazem 1:500; — 7 kilometros da margem esquerda do Mondego;—12 de Gouveia; — 16 da estação de Mangualde (a mais proxima) na linha da Beira Alta;—60 da Guarda, pela estrada a macadam, — 99 pela linha ferrea da Beira Alta;—145 da Figueira; — 1999 do Porto—e 323 de Lisboa.

—

Esta é uma das freguezias do nosso paiz que tem tido mais nomes differentes e que mais dores de cabeça tem causado aos nossos chorographos para a discriminarem e classificarem, vendo-se todos perplexos e sem poderem sahir do labyrintho.

Notem:

Nos fins do seculo XIII denominava-se *Villa Nova de Riba-Mondego*, por estar, como já dissemos, na margem esquerda do Mondego, no termo de Folgosinho, pelo que tambem se denominou *Villa Nova de Folgosinho*.

Era então uma simples herdade ou quinta de D. Guilhelmo, que lhe deu o 1.° foral na era de 1220, anno de 1182. V. *Casal* n'este diccionario e *Exaveaduras* em Viterbo.

Hoje mal se acredita que pertencesse ao termo de Folgosinho, porque esta villa antiquissima é hoje uma pobre e obscura freguezia do concelho de Gouveia, alcandorada na Serra da Estrella, cerca de 20 kilometros a E. de *Villa Nova de Tazem*, e terá hoje apenas metade da população d'esta parochia. Alem d'isso entre ella e *Villa Nova de Tazem* mettem-se de permeio muitas parochias, algumas das quaes foram desde tempos remotos villas e concelhos tambem, taes são *Gouveia, Mello* e *Cabra*.

—

Desde os principios do seculo XVI denominou-se tambem *Villa Nova do Casal*, porque pertenceu á antiga *Commenda do Casal* que tinha por cabeça a aldeia do *Casal*, cerca de 18 kilometros a S. O. hoje da parochia de Travancinha, concelho de Ceia.

D. Manuel deu foral em Lisboa, a 21 de fevereiro de 1514, á dicta *Commenda do Casal* e a esta freguezia de *Villa Nova*, pois a dicta commenda e o dicto foral comprehendiam as terras seguintes:—*Casal, Cativellos, Lageosa, Pereiro, Povoa da Rainha, Sameice, Travancinha, Varzia do Fundo* e *Villa Nova*, hoje *Villa Nova de Tazem*.

Livro de Foraes Novos da Beira, fl. 333, v. col. 2.ª

Depois se denominou tambem *Villa Nova do Casal*, porque até 1834 esta parochia fazia parte do julgado do *Casal*, pertencente ao termo de Ceia,—julgado que comprehendia entre outras povoações *Tazem* e *Paçoinhos*.

Passou pois esta parochia (não sabemos quando) do concelho de Folgosinho, cerca de 20 kilometros a N. E., para o de Ceia, cerca de 15 kilometros a S.,—e para o julgado do *Casal*, parochia de Travancinha, cerca de 18 kilometros a S. O. mettendo-se de permeio varias freguezias!...

Deixando o julgado do *Casal* e passando para o concelho e comarca de Gouveia, não mais se denominou *Villa Nova do Casal*, mas simplesmente *Villa Nova* e tambem *Villa Nova de Tazem* (ainda hoje e não sabemos desde quando) — titulo que tomou da visinha povoação de *Tazem*, hoje simples aldeia d'esta parochia, mas *muito antiga* e que já foi povoação mais importante e matriz d'esta freguezia de Villa Nova. Ali se encontram ainda hoje claros vestigios da velha egreja, no local da capella de S. João.

—

Do exposto se vê que esta freguezia de *Villa Nova* ou *Villa Nova de Tazem*, no concelho de Gouveia, já se denominou *Villa Nova de Riba-Mondego*, — *Villa Nova de Folgosinho*, e *Villa Nova do Casal*, mas nunca se denominou *Casal*.

Tambem nunca foi villa, mas teve dois foraes, como dissemos supra, — um dado por D. Guilhelmo, outro por D. Manuel.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao bispado de Coimbra; mas desde aquella data passou com todas as freguezias dos concelhos de Gouveia e de Ceia para o bispado da Guarda.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal de *Ponte Pedrinha* a *Cativellos*, cuja extensão é de 10 kilometros.

Passam tambem a 5 kilometros d'esta freguezia—do lado sueste, a estrada real da beira, de Coimbra a Celorico, pela margem esquerda do Mondego e ponte da *Murcella* sobre o Alva, e a igual distancia, pelo lado nordeste, a estrada a macadam de Gouveia a Mangualde, atravez do Monte Aljão, grande baldio de Gouveia, passando o Mondego na ponte Palhez e tocando na estação dos *Cuvos*, ou de Mangualde.

—

Demora esta freguezia em terreno relativamente fundo e quasi plano, ou suavemente ondulado, entre a margem esquerda do Mondego e a pendente N. O. da grande Serra da Estrella, cujo antemural é imponente e surge a distancia de 10 kilometros d'esta parochia, para S. E.

A egreja matriz é um templo modesto e pouco espaçoso, relativamente á grande população d'esta parochia,—a mais populosa e mais importante do concelho, depois da villa de Gouveia.

Ha tambem n'esta parochia as capellas seguintes: S. Miguel, S. Bartholomeu, Santo Antonio e Senhora dos Milagres, em Villa Nova, todas publicas, exceptuando a ultima;— S. Cosme e S. Damião, capella tambem publica, elegante e muito bem situada, em *Paçoinhos*,—e S. Sebastião e S. João, tambem publicas, em *Tazem*,—tendo a de S. João festa e romagem no dia do seu orago, 24 de junho.

Nenhuma das outras festas que hoje aqui se fazem merece especial menção.

Ha tambem n'esta parochia muitos edificios decentes, mas nenhum notavel,—e uma feira em Villa Nova, nas quintas domingas de cada mez.

Foi sempre povoação aberta, sem visos de fortificação alguma, por estar em planicie; — pelo contrario foram fortificadas muitas das povoações que estão no proximo antemural da Serra da Estrella, taes são Celorico, Linhares, Gouveia e Ceia.

Tambem nunca teve convento algum. Os mais proximos eram o do *Couto*, de freiras franciscanas, em Nabainhos, — o de freiras franciscanas tambem, na freguezia de Vinhó, — o do *Espirito Santo*, de frades franciscanos, junto da villa de Gouveia, para O. — e mesmo na villa o *Collegio dos Jesuitas*, depois convento das freiras franciscanas d'Almeida,—em seguida quartel militar—e por ultimo rezidencia dos condes de Caria, com vistas esplendidas e uma bella cerca.

—

Ha em Villa Nova uma linda rua, denomi-

nada de *Antonio Mendes*, formada por um lanço de estrada municipal de *Ponte Pedrinha a Cativellos*, que atravessou a povoação e lhe deu muito realce. Denominaram-na de *Antonio Mendes* por gratidão para com o presidente da camara que mandou fazer a dicta estrada,—o commendador e dr. Antonio Mendes Duarte e Silva, de Gouveia, um dos primeiros proprietarios e industriaes d'este concelho e que já foi deputado ás côrtes, secretario geral do governo civil da Guarda e Governador Civil do mesmo districto.

Ha tambem na grande povoação de Villa Nova um bom largo, junto da matriz, denominado *da Egreja*. N'elle se fazem as feiras.

Banha esta freguezia um ribeiro que divide a povoação de Villa Nova em dois bairros e desagua no Mondego, no sitio de *Porto de Rei*, cerca de 8 kilometros ao poente de Villa Nova. Tem uma ponte, de um só arco, denominada *do Castello*, na estrada de *Ponte Pedrinha a Cativellos*.

—

Producções principaes:—vinho, azeite, cereaes e fructas,—predominando o vinho, que é o melhor do concelho e gosa de justa fama na Beira, como vinho de pasto.

No ultimo anno em que se procedeu ao arrolamento do vinho para o lançamento da contribuição denominada *subsidio litterario*, verificou-se que esta parochia produzia *vinte e quatro mil hectolitros*—ou 60:000 almudes, de 40 litros! Hoje produz menos, por causa das muitas doenças que affectam os vinhedos de todo o nosso paiz, posto que a phylloxera ainda aqui não chegou.

Póde computar-se a sua producção actual em 16:000 hectolitros,—ou 40:000 almudes.

Quando em 1850 a 1860 o *oidium* assolou os vinhedos do Douro e a aguardente attingiu preços fabulosos, montaram-se n'esta freguezia tres machinas de queimar vinho, que fabricaram grande quantidade de aguardente para o Porto e Regoa.

Não tem nem nunca teve uma fabrica de lanificios, como outras freguezias d'este concelho, que actualmente conta vinte e seis das dictas fabricas, algumas das quaes tem dado fortunas importantes, nomeadamente as da opulenta casa *Rainhas*, de Gouveia, hoje avaliada em *quatro centos contos de réis!!!*

—

Produz esta parochia muita fructa de boa qualidade, principalmente castanhas, cerejas, figos, abrunhos, peras, maçãs, pecegos, melões, melancias e nesperas japonicas. Laranja muito pouca e muito azeda, por causa da vizinhança da grande serra e por falta de ravinas ou quebradas fundas.

Tem abundancia de granito para construcções e de mattas de pinho para lenha e madeira.

A propriedade aqui está muito dividida, bem agricultada e é toda pertencente aos habitantes da parochia, muitos dos quaes possuem largos chãos fóra d'ella, pelo que esta parochia é *uma das mais ricas e prosperas da Beira!*

Os seus habitantes são muito religiosos, muito tractaveis, bem morigerados, respeitadores das pessoas que consideram principaes, laboriosos e agenciadores. Costumam concorrer em grande numero ás feiras dos povos circumvisinhos, nas quaes vendem a retalho generos de mercearia, fazendas brancas, vinho, etc.

—

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido bastantes homens notaveis. Mencionaremos apenas os seguintes:

Francisco Henrique Toscano, ultimo capitão-mór do Casal.

Foi um cavalheiro respeitavel e muito religioso. Na egreja matriz se conservam ainda differentes alfaias dadas por elle.

Pela sua bondade e cavalheirismo formava um verdadeiro contraste com o seu visinho e tambem capitão-mór, o tristemente celebre Jorge Botto, de Vinhó, que foi o açoite d'este concelho de Gouveia, muitos annos.

No artigo *Vinhó* lhe daremos o logar de honra, que merece!

Apesar de ser Francisco Henrique Toscano um cavalheiro d'extrema bondade, foi *perseguido e roubado* pela celebre quadrilha dos *Brandões* de Midões, [1] que foram a ver-

---

[1] V. *Midões*, vol. 5.º pag. 211, col. 1.ª—

gonha da humanidade e o maior açoite das margens do Mondego e do Alva n'este seculo,—bem como os *Marçaes* de Villa Nova de Foscôa (*Vide*) nas margens do Alto Douro!...

O bom do F. H. Toscano seria victima dos Brandões, se o não defendessem os proprios liberaes, seus visinhos;—honra lhes seja!

—

O padre *José Henrique Toscano*, irmão d'aquelle capitão-mór.

Desempenhou muitos annos o cargo de vice-reitor do Seminario de Coimbra e foi elle quem salvou da rapacidade dos *pseudo-liberaes* de 1834 as riquezas d'aquelle estabelecimento scientifico e religioso, como se aprazia em confessar o fallecido e virtuoso bispo-conde de Coimbra, depois cardeal-patriarcha de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues, sendo aliás tido como *liberal*, e o padre Toscano como *realista*.

Dr. *Henrique do Couto*, lente da faculdade de philosophia e director do Jardim Botanico da Universidade muitos annos, pelo meado d'este seculo.

Eugenio Accursio Ferreira, major de engenheiros e director das obras publicas nas ilhas de S. Thomé e Principe, onde falleceu em 1881.

—

O dr. *Jeronymo Joaquim de Figueiredo*, lente de medicina e pharmacia na Universidade de Coimbra, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., auctor da *Flora pharmaceutica*, obra magistral n'aquelle tempo.

Foi uma das victimas do cobarde morticinio que teve logar no dia 18 de março de 1828, junto de *Condeixa Velha*. V. vol. 2.° pag. 371.

Nasceu na Muxagata, mas casou aqui,—aqui passava as ferias—e aqui nasceram os seus filhos seguintes:

Oliveira do Hospital, vol. 6.° pag. 280, col. 2.ª—*Taboa*, vol. 9.° pag. 467, col. 2.ª—*La Vendetta* ou *O Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, Porto, 1880,—*Varzea* de *Meruge* vol. 10.° pag. 232, col. 1.ª—e nomeadamente *Varzea da Candosa*, vol. 10.° pag. 214 e seguintes.

O dr. *Venancio de Figueiredo*, 1.° director geral dos telegraphos, logar que não chegou a exercer, porque a morte o surprehendeu.

Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, do concelho de S. Magestade, cavalleiro da Torre e Espada, coronel graduado do corpo de engenharia, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, lente da Eschola Polytechnica, deputado ás côrtes em 1856, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Nasceu n'esta parochia no dia 4 d'outubro de 1803 e morreu de um ataque apopletico em Lisboa, sendo deputado e ainda solteiro [1].

Publicou as obras seguintes:

Elementos de Arithmetica... em 1828,—*Projecto da reforma da Instrucção Publica*, em 1836,—*Curso de Mechanica Racional*, em 1839, etc.

Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva, bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, doutor em medicina pela Universidade de Montpellier, professor do Instituto Agricola, Socio e secretario perpetuo da 1.ª classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Achando-se em Wisbaden, na Allemanha, foi accomettido de um ataque de alienação mental e suicidou-se no dia 14 d'agosto de 1857.

Foi homem muito illustrado e auctor de varias obras indicadas por Innocencio.

Para a sua biographia veja-se a *Gazeta Medica de Lisboa*, tomo VI, 1858, pag. 163 e seguintes.

—

Padre *Francisco Pires da Costa*, presbitero da congregação de S. Camillo de Lellis, etc.

Foi geral da sua ordem, orador distin-

[1] Vive em Paranhos, concelho de Ceia, um sobrinho,—unico representante d'esta familia notavel pela intelligencia e outras prendas. Pelo menos o Venancio (diz o meu informador) fez parte da sociedade secreta dos *Divodignos*, á qual se attribuem as mortes perpetradas no Cartaxinho, em 18 de março de 1828!...

V. *Condeixa Velha*, logar citado.

ctissimo, preconisado, e não sabemos se eleito, bispo durante o governo de D. Miguel, dignidade que não chegou a exercer, porque a morte o surprehendeu.

Foi homem muito virtuoso e de superior illustração, auctor do *Novo Ministro dos enfermos*... Lisboa, 1815,—e do *Opusculo canonico*... em defeza da doctrina do S. P. Bento XIV... Lisboa, 1817.

Ainda hoje (1885) se conserva n'esta parochia de Villa Nova de Tazem um exemplar do *Oriente*, de José Agostinho de Macedo, annotado pelo padre Francisco Pires da Costa.

—

Cerca de 2 kilometros a N. O. da matriz d'esta parochia ha uma caverna, denominada *Cova da Maria do Bento*, pelo facto seguinte:

Haverá 45 annos desappareceu d'esta freguezia uma mulher, Maria do Bento. Decorreram seis mezes sem haver d'ella noticia. Suspeitou-se que tivesse sido assassinada por um cunhado, de nome Simão, com quem andava mal avinda. A justiça procedeu a devassa e minuciosas indagações sem nada descobrir; mas passado meio anno soube-se que effectivamente a pobre mulher fôra assassinada pelo referido Simão, como revelou um criado d'este, por nome Antonio de Paula, que narrou o facto, dizendo que, depois de estrangulada, a lançaram na dicta caverna.

Ali se encontrou o cadaver da infeliz, já em adiantada decomposição; — o assassino foi immediatamente preso — e em seguida julgado e condemnado a degredo perpetuo para a Africa occidental, onde falleceu.

—

Ha n'esta freguezia tres escolas officiaes de instrucção primaria elementar, — uma para o sexo masculino, outra para o feminino, diurnas,—e outra nocturna, para adultos do sexo masculino.

As do sexo masculino são pelo systema de João de Deus—e o resultado obtido tem sido surprehendente!

Ha em Villa Nova uma pequena estalagem.

Cerca de 500 metros ao nascente d'esta parochia se encontram ainda hoje claros vestigios d'uma povoação muito antiga, talvez romana, inclusivamente sepulturas abertas na rocha; não ha porém memoria de terem ali apparecido pedras com inscripções, nem moedas ou medalhas.

O clima d'esta parochia é benigno no verão e aspero no inverno, sendo a temperatura sujeita a rapidas variações.

Predominam aqui doenças agudas e chronicas do apparelho respiratorio—e tem havido tambem aqui algumas epidemias de febre typhoide, mas benigna.

O cemiterio d'esta parochia está junto da egreja matriz e foi feito em 1793 á custa do benemerito prior—Manoel da Costa d'Andrade Almeida,—que falleceu em 1854, contando 100 annos de idade!

Em 1834 as convulsões politicas obrigaram tão benemerito prior a deixar a freguezia, com grande pesar dos seus parochianos. Foi reintegrado em 1848 e continuou a parochiar até 1854, data em que falleceu. Era natural d'Alpedrinha,—cantava muito bem —e tinha sido capellão—cantor na patriarchal.

—

Esta freguezia é séde de um partido municipal, que foi provido pela primeira vez em 1872 no actual facultativo, Joaquim Borges Garcia de Campos, alumno da Eschola Medico-Cirurgica do Porto, cujo curso concluiu em 1871.

É s. ex.ª natural d'esta freguezia, cavalheiro de muito merecimento e de grande influencia n'este concelho; muito desinteressado, muito dedicado pela pobresa—e hoje senhor da melhor fortuna d'esta freguezia e de uma das melhores d'este concelho,—pois casou em 28 de janeiro do corrente anno com a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Maria Candida d'Almeida Rainha, filha do fallecido industrial, capitalista e grande proprietario, Joaquim d'Almeida Rainha e de D. Clara Rita d'Almeida Rainha, donos da opulenta casa *Rainhas*, de Gouveia, hoje a primeira do districto da Guarda!...

Tem a sr.ª D. Maria Candida apenas dois irmãos, ambos solteiros,—D. Maria Guilhermina d'Almeida Rainha e Julio Cesar d'Al-

meida Rainha, bacharel formado em direito e *licenciado* (com o 6.º anno) em theologia pela Universidade de Coimbra, cavalheiro de superior illustração, que já foi o 1.º advogado d'esta comarca de Gouveia, em quanto quiz advogar, e deputado ás côrtes em varias legislaturas.

—

Esta freguezia foi muito rendosa no tempo dos dizimos. Os seus priores eram padroeiros das freguezias de Lagarinhos e Cativellos, cujos curas apresentavam. Ainda hoje rende mais de 400$000 réis, provenientes do pé d'altar, fóros e juro de inscripções. Tem além d'isso rezidencia,—um pequeno passal contiguo—100$000 réis de congrua (derrama em dinheiro) para o parocho—e 40$000 réis para o coadjutor.

O seu prior actual é o rev. Manuel Fernandes Toscano, filho d'esta parochia.

Em 1811 os francezes do exercito de Massena, quando retiravam de Torres Vedras pela ponte da Murcella, atravessaram e assolaram esta freguezia e roubaram todas as pratas da egreja matriz, incluindo tres lampadas, cruzes processionaes, thuribulos, vasos, etc. Toda a população fugiu, apenas constou que os francezes se approximávam, mas ainda poderam haver ás mãos o cirurgião Thomé Lopes de Campos (avô materno do sr. dr. Joaquim Borges Garcia de Campos) e o mataram.

Tambem esta freguezia soffreu muito em 1810, quando por aqui estacionou o exercito anglo-luso, esperando o exercito francez, pois n'esta freguezia acampou muito tempo uma divisão inglesa.

—

Em 1826 estiveram tambem n'esta freguezia o batalhão academico e as milicias de Coimbra,—forças que faziam parte da divisão do general Claudino.

Os academicos ilheus e brazileiros admiraram muito um grande *nevão* que presenciaram,—phenomeno meteorologico extranho para elles.

Dos vereadores actuaes d'este concelho pertencem dois a esta parochia,—Francisco Henrique Toscano, effectivo, e José Borges Garcia, substituto.

Dos 40 maiores contribuintes pertencem a esta parochia 8 :—dr. Fernando Henriques Toscano, filho do antigo capitão-mór Francisco Henriques Toscano,—dr. José d'Almeida Pedroso,—dr. Joaquim Borges Garcia de Campos,—Joaquim Pinto Tavares,—Manuel d'Almeida Liz e Vasconcellos — Gaspar do Couto Almeida Valle,—Joaquim Ferreira dos Santos—e Francisco Henriques Toscano.

—

Um dos membros mais distinctos da respeitavel familia *Toscano*, d'esta freguezia, é o sr. dr. Fernando Henriques Toscano, juiz de direito, actualmente em Cabeceiras de Basto.

Nasceu n'esta freguezia em 1840;—foi administrador do concelho de Ceia,—juiz ordinario em Oliveira do Hospital,—delegado do procurador regio em Alcacer do Sal, Ceia e Fundão,—e juiz de direito na comarca de Santa Cruz (ilha da Madeira)—d'onde foi transferido para Cabeceiras de Basto.

É um magistrado dignissimo.

Tambem é natural d'esta freguezia o sr. dr. Gaspar Borges Garcia Pereira, bacharel formado em theologia e direito, administrador da casa da marquesa de Monfalim e advogado, rezidente no Porto.

São tambem naturaes d'esta freguezia os 8 presbyteros seguintes :—Manuel Fernandes Toscano, prior,—Joaquim Vaz dos Santos, coadjutor,—José Garcia, José do Couto Martins, Gaspar José d'Oliveira, Antonio Ferreira d'Almeida, vigario actual de Cativellos, José Pinto Ferreira Marvão, de 81 annos de idade,—e Francisco Pinto Ferreira Marvão, de 81 annos de idade tambem, tio do antecedente.

É tambem natural d'esta freguezia o sr. José d'Almeida, alferes da Guarda municipal do Porto.

—

«Ha finalmente n'esta freguezia, no sitio chamado *Pero Moleiro*, (diz o meu informador) um penedo enorme que, impulsionado sem grande esforço, faz *doze a dezeseis* oscillações.»

Aqui temos pois nós mais um dos raros *penedos oscillantes* que ainda existem na peninsula!

No *supplemento* a este diccionario,—se Deus nos conservar a vida e elle estiver ainda a nosso cargo,—daremos circumstanciada noticia do tal *Penedo oscillante;* entretanto, para elle chamamos a attenção dos archeologos.

É-lhes facil o visital-o, porque está na margem esquerda do Mondego, distante cerca de 16 kilometros da estação de Mangualde (caminho de ferro da Beira)—e passa a quatro kilometros d'elle a estrada a macadam da dicta estação para Gouveia, servida por diligencias.

Lembro ainda aos archeologos que tambem por essa occasião podem visitar um *dolmen* que se encontra, *ainda perfeito e com mesa*, servindo de choupana para abrigo de madeiras, na freguezia de Rio Torto, limitrophe de Villa Nova de Tazem, a poucos metros de distancia da nova estrada da Beira, ao norte d'ella e ao poente da ribeira de Rio Torto.

Vê-se perfeitamente da estrada da Beira.

—

O tal *Penedo oscillante* é de fórma conica:—tem de circumferencia maxima $15^{m},45$ e de altura 3 metros. Assenta sobre outro penedo, que se eleva do solo 60 centimetros;—a sua base é approximadamente espherica—e a face superior é plana, mas ligeiramente inclinada para o norte.

O dicto penedo está em uma pequena planura, entre um pinheiral e uma vinha;—é de granito;—o seu volume deve medir approximadamente 50 metros cubicos—e, apesar d'isso, uma só pessoa com pequeno impulso imprime-lhe 12 a 16 oscillações *bem sensiveis!...*

Oscilla para *todos os quadrantes*—e mais facilmente de norte a sul, ou vice-versa.

Não é accessivel por nenhum dos lados.

Dista do Mondego ou da *Ponte Palhez* 8 kilometros—3 da ribeira de Cativellos—e 1:500 metros da egreja matriz, para N. E.

No sitio denominado *Cafail*, cerca de 500 metros ao norte do dicto penedo, ha vestigios de povoação antiquissima. Ali se teem encontrado muitos tijolos de grande espessura e outras velharias,—e a pequena distancia se vêem ainda algumas sepulturas abertas na rocha, havendo lembrança d'outras muitas.

Sepulturas d'esta especie são triviaes ainda hoje no nosso paiz. N'este diccionario se faz menção de muitas—e muitas nós temos visto; mas nunca vimos tantas em tão pequeno espaço como na freguezia de *Moreira de Rei* (concelho de Trancoso) junto da egreja matriz. Ainda hoje ali se contam mais de 50 de diversas dimensões e orientações, todas abertas em grandes penedos de granito. V. *Moreira de Rei* n'este diccionario e no *supplemento.*

Os *dolmens* são muito mais raros—e mais raros ainda os penedos oscillantes!...

O *dolmen* indicado supra já foi (me parece) reconhecido em 1881 pela secção archeologica da *Expedição scientifica*, que explorou a serra da Estrella n'aquella data;—mas o *penedo oscillante* d'esta freguezia, ou de *Pero Moleiro*, jazeu sempre ignorado e desconhecido *até hoje.*

VILLA NOVA DA TELHA—freguezia do concelho da Maia, comarca, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Expectação—ou Santa Maria;—fogos 210,—almas 850.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos bispos do Porto*, denominava-se simplesmente *Villa Nova;*—era reitoria da apresentação do convento cruzio de Moreira—e contava 162 habitantes.

Em 1687, segundo se lê nas *Constituições* do bispo D. João de Sousa, denominava se *Villa Nova da Telha,*—e contava 58 fogos com 231 habitantes.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era vigairaria perpetua apresentada pelo prior do convento de Moreira;—contava 60 fogos;—rendia para o vigario 130$000 rs.—e para o convento 220$000 rs.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, era priorado da apresentação do mesmo convento;—rendia 200$000 réis—e contava 67 fogos.

Em 1857, segundo se lê no *Almanach Eccl. do Porto*, contava 185 fogos e 659 almas,—rendia 200$000 réis—e era seu reitor collado o rev. José Narciso Loureiro.

Finalmente o censo de 1878 deu-lhe 157 fogos e 710 habitantes.

—

Comprehende as povoações seguintes:—
—Villa Nova, ou *Aldeia*, a principal, Egreja, Quires, Cambados, Lagiellas, Ponte, Monte, Arrabalde, Prozella, ou Perozella e Villar do Senhor.

Freguezias limitrophes:—Aveléda e Villar do Pinheiro, a N.—Moreira a S.—Villar do Pinheiro a E.—e Perafita e Lavra a O.

Atravessam esta freguezia de sul a norte a estrada a macadam do Porto a Villa do Conde e a linha ferrea (via reduzida) do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão. Tem esta linha na extremidade sul d'esta parochia a estação de *Pedras Rubras*, distando d'ella a egreja matriz cerca de 1 kilometro,—6 da séde do concelho (povoação do *Castello*, na freguezia de Santa Maria de *Avioso*) — 12 do Porto — e 349 de Lisboa.

A egreja parochial é um templo humilde e pobre, mas muito antigo, bem como esta parochia, pois no seu archivo se encontram registradas duas doações feitas a esta egreja uma de 1353,—outra de 1355. Constava esta de tres maravedis velhos de prata lavrada, impostos em varios casaes e bens, com a obrigação dos abbades dizerem certas e determinadas missas.

—

Das dictas doações se conclue que esta paroquia é anterior ao seculo XIV — e que em 1355 era abbadia, — mas abbadia já annexa ao convento de Moreira, em virtude da renunciação que d'ella fez aos conegos regrantes o abbade e dr. Belchior Fernandes Velejo, que se recolheu ao dicto mosteiro no anno de 1298, sendo bispo do Porto D. Sancho Pires e prior de Moreira D. João Pires, seu sobrinho. Conservou porem esta parochia o titulo de abbadia até que o prior do convento de Moreira, D. Gregorio, por bulla do Papa Sixto V, datada de 30 d'agosto de 1586, uniu ao mosteiro os dizimos d'esta freguezia, passando os seus parochos a intitular-se reitores.

O mosteiro tomou posse d'ella em 21 de junho de 1589.

Em 1544 era abbade d'esta freguezia o rev. Domingos Fogaça, fidalgo da casa do infante D. Henrique e seu governador no arcebispado d'Evora. Tudo isto consta de um documento interessantissimo, cujo *original* se conserva no archivo d'esta parochia. E' um *Tombo* dos bens, encargos e rendimentos d'ella, ordenado pelo dicto abbade e feito pelo tabellião Manuel Camello em 18 d'abril de 1544.

—

Bem quizeramos dar aqui um longo extracto de tão curioso documento, mas a necessidade de aligeirar e resumir nos obriga a passar adiante. Indicaremos apenas muito summariamente um dos *itens*, em que se mencionam as diversas propriedades que ao tempo pertenciam a esta egreja, com as suas medições e confrontações:

«*Item.* Maais huma bouça que se chama *Cruz*, que anda a pão, que está fóra da dicta area; e levará de semeadura a terça que anda a pão. [1] que está cercada por vallo sobre si, que tem em comprido cento e vinte varas de medir, de cinco palmos a vara, e parte do aguião (norte) com terras do monte que *ha um outeiro e cerqua de Santo Aleixo*, e do vendaval (sul) com terras da dicta cerqua da dicta egreja, e do soão (leste) com a dicta cerqua, e do abrego [2] com a estrada publica que vai para o Porto e Villa de Conde.»

D'este *item* se infere que ao norte da dicta bouça existiu uma capella de Santo Aleixo com sua *cerca*, talvez restos d'antiga fortificação, pois estava em um *outeiro* e junto d'uma estrada publica importante (a do Porto para Villa de Conde).

A dicta bouça é hoje denominada *bouça do padrão*, nome que parece revelar a passagem d'uma estrada romana por aquelles sitios — e a existencia d'um marco milliar n'aquelle ponto.

Nem da capella, nem da *cerca* ou fortifica-

---

[1] Não diz quanto levava de semeadura.

[2] O tabellião queria indicar o *poente*, mas claudicou, pois *abrego* nos seculos XV e XVI significava o mesmo que *vendaval* ou o *sul*.
Veja-se em Viterbo — *Aguião*, *Vendaval*, *Soão* e *Abrego*.

ção, nem do marco existem hoje memorias ou vestigios alguns na localidade.

—

Diz mais o dicto *Tombo* que o caseiro daria ao abbade 40 alqueires de trigo, 10 de centeio, 10 de milho, uma marrã e metade do vinho que as vinhas dessem cada anno medido á bica do lagar, sem o abbade fazer com isso despesa alguma;—e tambem o *Tombo* menciona as doações que citámos supra.

Depois que esta parochia deixou de ser abbadia, teve entre outros reitores os seguintes: — D. Antonio de S. Thomaz d'Araujo Rangel, pelos annos de 1733,—Antonio Monteiro,—Manuel Moreira,—Antonio da Costa Villas Boas,—Antonio Gonçalves,—e Antonio José de Pinho, natural de S. Vicente de Pereira.

Quando em 13 de setembro de 1772 o benemerito bispo do Porto D. Fr. João Raphael de Mendonça visitou esta egreja, era aqui reitor Manuel Vicente de Pinho, sobrinho do antecedente;—a este succedeu tambem um seu sobrinho, Antonio José Alvares de Pinho, —e a este o rvd.º José Narciso Loureiro, natural da freguezia de Rezende, bispado de Lamego. Parochiou esta freguezia 30 annos e falleceu a 5 de janeiro de 1864.

Jaz no cemiterio parochial sob uma lapide com a inscripção seguinte:

FOSTE NO MUNDO ADORADO,
UM MODELLO FOSTE AQUI;
MAS DEUS TE QUIZ A SEU LADO,
QUE RESTA? CHORAR POR TI.

Foi o bom padre Loureiro, de Rezende, o ultimo reitor collocado que teve esta parochia. Succedeu-lhe o rev. Francisco José da Silva Arozo, da freguezia d'Avelleda, encommendado, — e a este o rev. Joaquim Antunes d'Azevedo, de Villar do Pinheiro, digno parocho na actualidade, e tambem encommendado.

—

O primeiro nome d'esta freguezia foi simplesmente *Villa Nova* ou *Villa Nova da Maia*, depois *Villa Nova da Telha* em razão da muita telha que se fabricava aqui em differentes pontos e mesmo junto da matriz, como revelam ainda hoje os nomes de varios sitios d'esta parochia, taes são — os de *Campo da Telheira, Campo do Forno, Casa do Telhado*, etc.

D'aqui foi telha para o quartel de Santo Ovidio, do Porto. Para a egreja e convento de Leça do Balio foram tambem no anno de 1798 por uma vez 38 *moios* de telha—e por outra 29 carros, importando toda em 75:400 réis, segundo a conta assignada pelo mestre telheiro, Manuel José Pereira, de Villar do Paraiso; — ha muito, porem, que n'esta parochia cessou o fabrico da telha.

E' tambem para notar-se que, tendo havido aqui tantas fabricas de telha, algumas no *proprio passal*, — e tendo ido d'aqui telha para o Porto e para as parochias intermediarias e circumvisinhas, a residencia parochial esteja *ainda hoje* coberta de *colmo?!..*

Vem a proposito o dizer-se: — *em casa de ferreiro espeto de pau.*

O documento mais antigo que encontramos, em que se dá a esta parochia o titulo de *Villa Nova da Telha*, são as *Constituições* de D. João de Souza, impressas em 1690.

—

O chão d'esta freguezia é plano, saudavel e fertil. As suas producções principaes são milho, vinho *de enforcado* e hervagens, pois engorda e exporta muito gado bovino para a Inglaterra.

Tambem teve grandes devesas de castanho, creadas e destinadas expressamente para arcos de pipas,—arcos ou vergas, que exportava em grande quantidade e no valor de muitos contos de réis para o Porto. Constituia este ramo de negocio a sua principal riqueza, mas hoje se acha muito decaido—já com a doença que desde o meado d'este seculo affectou os nossos castanheiros todos,—já com a substituição dos arcos de pau pelos de ferro.

As *devesas de castanho* d'esta parochia rivalisavam com os lindissimos *pomares de castanheiros* da villa e da serra de Monchique, no Algarve.

Tambem, como já dissemos, foi aqui outr'ora muito importante a industria do fabrico da telha,—industria hoje completamente extincta.

Atravessa e banha esta parochia o pequeno ribeiro *Cambado*, que rega os seus campos e lameiros, e que tambem move alguns moinhos de cereaes, mas sómente no inverno.

—

São naturaes d'esta freguezia os srs. Joaquim Dias de Souza Arozo, da grande casa de *Quires*, bacharel formado em direito e tabellião do concelho de Bouças, rezidente em Mathosinhos,—e Antonio Moreira do Couto, presidente da camara municipal da Maia, facultativo muito distincto, residente na sua casa de *Villar do Senhor*. Foi tambem natural d'esta parochia o abastado lavrador (proprietario) *Antonio da Silva Salgueiro*, muito conhecido e respeitado no Porto pelo seu nobre caracter e pela sua avultada fortuna.

É tambem natural d'esta freguezia e n'ella rezidente Antonio Ferreira Moreira, bom esculptor. Foram feitos por elle dois altares da egreja parochial de Leça da Palmeira (os primeiros, entrando, parallellos um ao outro) —e foi tambem obra sua um dos altares da egreja matriz de Lavra.

Em 1859 nasceu aqui uma creança do sexo masculino que foi immediatamente enterrada por se suppor que nasceu morta, ou para se occultar o seu nascimento. É certo que a pobre creança esteve enterrada algumas horas;—depois (não sabemos bem porque motivo) desenterraram-na e, sendo encontrada ainda com vida, baptisaram-na;—foi-lhe dado o nome de Manuel—e produziu um rapaz travesso e tão vigoroso que dava *sôco bravio* (diz o meu informador) em todos os outros moços seus visinhos que lhe pozeram a alcunha de *desenterrado* e se divertiam com elle, chamando-o por esta alcunha.

Embarcou ha annos para o Brazil e faz parte da grande colonia portugueza que povoa aquelle imperio.

—

Em 1834 appareceu n'esta freguezia e n'ella fixou a sua residencia um homem de má catadura, que se empregava no officio de tanoeiro e que foi durante alguns annos o *terror* d'estes povos. Era valente e perverso, indigitado como salteador e assassino e capitão de uma quadrilha de ladrões que n'aquelle tempo infestou este concelho. Deram-lhe a alcunha de *Casaca de Ferro*, porque chamava ao dinheiro ferro (*fégo*, dizia elle)—e usava habitualmente de uma casaca enorme, cujos botões eram luzentes peças d'ouro de 7$500 réis, cada uma!!...

Ignoramos o verdadeiro nome, bem como a naturalidade e o fim do tal *casa de ferro*.

Esta freguezia é pobre,—já pela decadencia do seu commercio dos arcos e da sua industria da telha,—já porque é muito propensa a demandas e pleitos *de toda ordem*.

As justiças do concelho e da comarca teem aqui um excellente patrimonio!...

—

Não nos consta que esta parochia fosse em tempo algum villa; o que sabemos é que a sua povoação principal,—*Villa Nova*,—esteve em tempos remotos um pouco mais para S. O. da egreja matriz actual, no sitio hoje denominado *Cortinhas de Figueira*. Alguem se lembra ainda de ver ali uns pardieiros ou restos do antigo povoado. Com a mudança da directriz da estrada publica, deixaram aquelle local e se transferiram para junto da nova estrada, levantando casas de um e do outro lado d'ella.

A egreja matriz tambem esteve um pouco mais para N. O. no sitio das antigas casas do caseiro do passal, onde teem apparecido sepulturas.

—

Ao rev. sr. Joaquim Antunes Gonçalves, de Villar do Pinheiro, digno reitor actual d'esta freguezia de Villa Nova da Telha, agradeço os apontamentos que muito generosa e espontaneamente me enviou.

VILLA NOVA DE THUIAS—freguezia do concelho do Marco de Canaveses, districto e diocese do Porto.

V. Thuias, vol. 9.º pag. 574, col. 1.ª

VILLA NOVA DE TURQUEL, hoje simplesmente *Turquel*,—villa e freguezia do concelho d'Alcobaça, districto de Leiria, patriarchado de Lisboa, na Extremadura.

Ao que já dissemos d'esta parochia no artigo *Turquel*, vol. 9.º pag. 760, accrescentaremos o seguinte:

Alem da celebre gruta da *Casa da Moura*, ha no termo d'esta freguezia a gruta que de-

nominam *Cova do Cabeço da Ladra*, um kilometro ao norte da *Casa da Moura*,—e a do *Algar do Estreito*, um kilometro ao poente da do *Cabeço da Ladra*.

Em 1881 foram estas grutas cuidadosamente exploradas pelo illustre geologo e anthropologo Carlos Ribeiro, que mandou n'ellas proceder a consideraveis trabalhos de excavação e movimento de terra e encontrou na do *Algar do Estreito* muitas preciosidades archeologico-pre-historicas, taes como—facas de silex,—machados, lanças, placas, amuletos e outros objectos de pedra polida,—estyletes e varios utensilios perfurantes de osso,—vasos d'argilla de diversas formas e tamanhos,—pedaços de crystal,—ossadas humanas e muitos outros objectos que passaram a enriquecer as collecções da secção geologica da Direcção geral dos trabalhos geodesicos.

—

No artigo *Turquel* dissemos que foi dada a esta villa *carta de povoação*, na era de 1352 (1314 de J. Ch.) pelo real mosteiro d'Alcobaça.

Por ser um documento muito interessante e curioso, daremos aqui alguns topicos da dicta carta, traduzida do seu original latino que esteve no cartorio do mesmo real mosteiro, no livro VI dos *Dourados*, fl. 1.ª e seguintes.

«Em nome de Deus, Amen.... Nós, Fr. Pedro, abbade da congregação do Mosteiro d'Alcobaça... de commum consentimento e beneplacito nosso damos e concedemos umas certas nossas terras proprias no circuito da nossa *Granja de Turquel*, assim como se divide com os povos d'Evora, pela parte do norte, e pela parte do oriente pela balisa que vae para a *Alagôa das Ovelhas*, e d'ahi pela mesma balisa que vae para a *Alagôa da Ereira* e caminho publico que vem de *Otta*, como melhor se vê dos marcos ali mettidos; —d'ali á *Cabeça Rasa*;—e da *Cabeça Rasa* desce além de S. Bartholomeu e encaminha para a ribeira que vae direita a Marondás, até o termo d'Evora, excepto a sobredicta *Granja de Turquel* com sua vinha, com seus olivaes e com suas hortas e pomares e com suas mattas... E aquella parte de terra que fica á *Granja* está dividida e determinada pelo nosso celareiro, e demarcada pelos sesmeiros para todos os povos da nossa povoação ou villa, a qual queremos que se chame —*Villa Nova de Turquel*,—e para os seus successores, os quaes nunca devem ser menos de quarenta, continua e pessoalmente residentes n'ella, para ser por elles possuida para sempre, com tal condição e pacto convem a saber:

«Que todos elles e os seus vindouros nos paguem e aos nossos successores annualmente a *quarta parte* de todo o pão e legumes que tiverem na eira, e do linho no tendal. Outro sim das vinhas que houverem de ser postas e dos olivaes... e de todos os fructos das arvores que tiverem ou plantarem, nos deem a *quinta parte*, assim como fazem os d'Evora. ... E da azeitona do olivedo que lhes damos, tanto elles como seus successores, *metade* em paz e salvo na eira...   ...E tomarão para si as dictas nossas terras, fazendo ahi depois do sexto anno casas, no tempo que lhes está assignado, morando pessoal e continuamente na dicta *Villa Nova* pelos predictos seis annos.....

«E não lhes seja licito emprasar, ou vender, ou doar, nem d'outro modo alienar as dictas nossas terras á *Clerigo*, *Militar*, *Pagem d'armas*, ou *Religioso* ou *Serraceno*, ou *Judeu*, nem a outro que nos não pague o nosso fôro...

«Outro sim não devemos fazer outra povoação, nem pôr outros agricultores entre a predicta nova povoação e a serra da *Mendiga*, excepto que o mestre de Turquel e os frades que ahi residem e guardam as ovelhas e outros animaes nossos possam no sobredicto terreno fazer suas casas, como lhes parecer conveniente....

«Feita em Alcobaça, no primeiro dia de agosto da era de 1352.»

V. *O Mosteiro d'Alcobaça*, por M. Vieira Natividade, Coimbra, 1885, pag. 70 a 73, onde se encontra a dicta *carta* na sua integra.

VILLA NUNE — freguezia do concelho e comarca de Cabeceiras de Basto, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Fogos 70,—habitantes 285.

Orago Santo André, o Apostolo.

Em 1706 era vigairaria da apresentação dos frades Jeronymos, de Coimbra; contava apenas 36 fogos;—pertencia ao mesmo concelho de Cabeceiras de Basto—e á grande comarca de Guimarães.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação;—rendia para o vigario 40$000 rs. —e contava 55 fogos.

Comprehende as aldeias seguintes, todas pequenas e pouco importantes:—*Villa Nune*, séde da parochia,—Gandra, Valle, Bouça, Casa Nova, Silva, Tojaes, Frontelheiro ou Forno Telheiro, Muro, Picoto, *Val de Mosteiro* (?) Morouço de Cima, Morouço de Baixo, Outeiro, Roçada, Crujeira, Bouça da Crujeira, Simães, Carqueijal, Vinha da Cancella, Rezidencia, Oleiros, e *Mulher Morta!...*

Freguezias limitrophes:—Arco de Baulhe, a N. — Canedo, a S. — Faia, ao poente — e Athey, ao nascente, além do Tamega, no concelho de Mondim de Basto.

—

Demora na margem direita do Tamega, do qual dista (a egreja parochial) 2 kilometros,—12 da séde do concelho e da comarca, —15 de Freixieiro, séde do concelho de Celorico de Basto,—42 de Guimarães, 50 das Caldas de Vizella,—65 de Braga,—98 do Porto (pela linha ferrea de Guimarães)—e 435 de Lisboa.

Até 12 de novembro de 1875, data da creação da comarca de Cabeceiras de Basto, Villa Nune pertencia ao concelho e julgado de Cabeceiras, comarca de Celorico de Basto.

A egreja matriz é pequena, singela, pobre e de pouco rendimento, — tanto assim que o vigario é encommendado,—rezide na freguezia de Canedo,—e não se faz aqui festa alguma digna de menção.

A mesma freguezia é tambem pequena e pobre—e *abundante de larapios* ou *ratoneiros.*

Producções dominantes:—vinho bom de mesa, bem conhecido por *vinho de Basto,*—cereaes e excellente fructa de pevide e caroço, inclusivamente laranjas, como em todas as freguezias da margem direita do Tamega.

Tambem cria bastante gado bovino, mas não tem vaccas. Compra os novilhos em Barroso.

As quintas principaes d'esta parochia são tres: a de *Oleiros*, de Francisco Lopes Pereira do Lago,—a da *Granja*, do dr. Francisco Teixeira Machado—e a da *Crujeira*, de D. Balbina Teixeira Machado.

São estes tambem hoje os seus primeiros proprietarios.

Os seus melhores edificios são a nobre casa da *Granja*, em Villa Nune, brazonada, —a de *Oleiros*—e a da *Crujeira.*

—

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. Procede-se no momento aos estudos de uma estrada districtal que, partindo da real, n.º 32 (do Porto a Villa Pouca d'Aguiar) do *Arco de Baulhe*, deve atravessar esta freguezia de Villa Nune em direcção a Fermil, e entroncar n'esta aldeia com a estrada que a liga á séde do concelho e comarca de Celorico de Basto (a villa de *Freixieiro*).

A estrada a macadam que hoje mais se approxima d'esta parochia é a real, n.º 32, indicada supra.

Não tem aula alguma, nem sequer d'instrucção primaria elementar! Não admira pois que n'ella abundem *larapios* e *ratoneiros*, por falta de conveniente educação e de instrucção.

Com vista aos illustres vereadores.

Tambem n'esta freguezia não ha memoria de convento ou mosteiro algum, posto que uma das suas aldeias se denomina *Val de Mosteiro.*

O Tamega corre aqui fundo, por entre margens escabrosas, e por isso pouca utilidade presta á agricultura; mas a parochia tem bastantes nascentes e arroios que fertilisam os seus campos e pomares.

—

Na egreja matriz ha uma capella de S. José, digna de especial menção.

Foi edificada em 1792 por Miguel Teixeira, da casa do Valle, d'esta parochia.

Este Miguel Teixeira matou um seu visinho por questões sobre agua de rega;—em seguida fugiu para o Brazil, onde juntou boa fortuna;—depois mandou construir a dicta

capella e concorreu para a fundação da confraria de S. José e Almas, que ainda hoje existe, com a pia intenção de que Deus lhe acceitaria estes actos em desconto do seu crime.

Tem a mencionada confraria hoje o capital de um conto e quatrocentos mil réis, mas deveria ser muito maior, se as administrações anteriores não fossem, como desgraçadamente teem sido, *pessimas!*

Na dicta capella se acha gravada uma inscripção, commemorando o nome do fundador e o facto a que alludimos.

—

Foi aqui parocho durante 44 annos o rev. José Caetano Lourenço de Miranda, que falleceu no dia 4 de novembro de 1876, deixando de si uma memoria honrosissima.

Viveu e morreu pobre, mas muito contente e satisfeito.

Repartiu sempre todas as suas economias pelos necessitados sorrindo, nunca dizendo que era esmola, mas *emprestimo*, traduzindo em factos este formoso pensamento:—*quem dá aos pobres empresta a Deus.*

Que nobresa de caracter! Que santo ministro do Senhor!

Não havia uma unica pessoa n'esta freguezía e nas circumvisinhas que o não conhecesse e o não adorasse.

O seu funeral foi concorridissimo e altamente commovedor, não faltando um unico dos seus freguezes a pranteal-o.

Era a viva imagem do bom pastor.

Por vezes se lhe offereceu ensejo de transferir-se para outra egreja mais rendosa, mas nunca teve forças para separar-se dos seus queridos parochianos.

Deus o tenha em bom logar.

No supplemento ao artigo *Langroiva*, pequena e pobre villa do concelho da Meda, districto da Guarda, apresentaremos tambem aos leitores um dos nossos decanos na vida parochial e parocho dignissimo, virtuosissimo e por extremo esmoler tambem,—ancião venerando e venerado por todos,—o rev. dr. *José Caetano Lopes Bandarra*—que apesar de ser uma illustração, formado em direito e em theologia, e podendo occupar um dos mais altos postos na gerarchia ecclesiastica, viveu sempre com a maior modestia e singelesa;—é simples vigario ha perto de 50 annos n'aquella pobre villa;—nunca pretendeu outro beneficio melhor—e, alem de nunca receber *um real* de congrua nem de emolumentos dos seus parochianos,—*com elles e com a pobresa tem gasto a fortuna que herdou dos seus maiores!...*

É um parocho inimitavel,—verdadeiro assombro de abnegação e virtude!

Dava honra aos tempos apostolicos e aos seculos dourados do christianismo—e seria hoje a gloria do episcopado portuguez, se na distribuição das mitras se attendesse unicamente ao merito dos agraciados.

VILLA PASCACIA—ou *Villa Pascoal*. Assim se denominou em tempos muito remotos uma villa ou aldeia junto de Braga e pertencente á freguezia de *Santa Ollaya* (Eulalia).

Confinava com *Dume* e *Colina*, seguindo as Inquirições d'el-rei D. Ordonho.

Memorias de Argote, vol. 4.º pag. 359.

VILLA PLANA—ou *Villa Chã*, villa que estava junto do monte Marão.

Já existia no tempo dos suevos, pois foi mencionada na *divisão* feita por el-rei Theodomiro e na bulla do papa Pascoal I.

V. *Villa Chã do Marão*—e *Argote*, vol. 4.º pag. 359.

VILLA DA PONTE—freguezia do concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Santa Maria Magdalena;—fogos 72,—habitantes 298.

Em 1706 esta freguezia contava 50 fogos e estava annexa á de Santa Marinha de Ferral.

Em 1768 era curato da apresentação do abbade de Santa Marinha;—contava 48 fogos—e rendia 70$000 réis.

O *Mappa das dioceses* deu-lhe 68 fogos—*e 422 habitantes*; mas com certesa foi lapso, porque ninguem acredita que em 68 fogos haja tal cifra de habitantes.

Comprehende apenas duas povoações — *Villa da Ponte*, séde da parochia, — e *Bustello*,—ambas mencionadas na *Chorographia Portugueza*, — a 1.ª com 30 fogos — e a 2.ª com 20.

Freguezias limitrophes: — Pondras, a S. O.—Alturas de Barroso, a S. E.—Negrões, a N. E.—e Fervidellas a N. O.

—

Desde 1840 até 1853 foi do julgado e concelho de Ruivães, comarca de Montalegre, mas por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o concelho de Montalegre.

O seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella publica, da invocação de S. Mamede, na povoação de Bustello.

Por provisão de 23 de junho de 1812 lhe foi concedida uma escola de instrucção primaria.

Demora esta freguezia em um amplo valle, cortado a meio pelo rio *Regavão* (uma das nascentes do *Cavado*) que rega e fertilisa os seus campos, — move differentes moinhos — e é abundante de peixe miudo.

O seu solo é muito fertil — e as suas producções principaes são milho, feijões, centeio, batatas, linho e feno.

Villa da Ponte, a séde da parochia, está na margem esquerda do *Regavão* [1]—e dista de Montalegre 22 kilometros para O. S.—18 de Ruivães,—65 de Braga, pela estrada real n.º 28, de Braga a Chaves e que toca em *Salamonde* e *Ruivães*;—120 do Porto—e 457 de Lisboa.

—

Um pouco ao norte da séde d'esta freguezia ha sobre o Regavão uma boa ponte de pedra, [2] que dá passagem para um ramal da estrada n.º 28 de Braga a Chaves e para a de Montalegre a Basto.

Por esta freguezia passava uma via militar romana de Braga a Chaves—e segue com pequenas variantes o mesmo traçado a nova estrada real a macadam, n.º 28, já construida desde Braga até Ruivães — e da Portella de Brunhedo até Chaves,—mas ainda em estudos desde Ruivães até á Portella de Brunhedo.

Era natural d'esta parochia o bacharel Domingos Martins Pereira, que foi advogado em Montalegre e falleceu nos fins do ultimo seculo.

Tambem nasceu n'esta freguezia e na mesma povoação da Villa da Ponte, em 1859, o bacharel Domingos Gonçalves Pereira;—concluiu a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, em 1879;—seguiu a magistratura—e é actualmente delegado do procurador regio de Villa Pouca d'Aguiar.

—

Ao meu illustrado collega o rev. sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA DA PONTE—villa e freguezia do concelho de Sernancelhe, comarca de Moimenta da Beira, districto de Vizeu, bispado de Lamego, na Beira Alta.

V. *Ponte*, vol. 7.º pag. 160, col. 2.ª *in-fine* onde já se fallou d'esta freguezia; aproveitando porém o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

Esta parochia é formada por uma povoação compacta e unica. Não comprehende aldeias, mas sómente alguns moinhos e as quintas de *Feveros*, *Cardia*, *Carvalhal* e *S. Roque*.

Freguezias limitrophes:—Cernancelhe ou Sernancelhe, séde do concelho, a S.—Freixinho a N.—Ferreirim de Fontearcada a E. —e Penso a O.

Dista da séde do concelho 2 e meio kilometros,—14 de Moimenta da Beira, séde da comarca,—55 de Viseu, séde do districto,—45 de Lamego, séde do bispado—57 da estação da Regoa, na linha do Douro,—161 do Porto—e 498 de Lisboa.

Tem para a Regoa, por Moimenta da Beira e Lamego, uma estrada real a macadám, que segue d'esta villa tambem para Trancoso, Celorico da Beira e Guarda,—e desde 1883 já tem construidos tambem alguns kilometros de uma estrada districtal que, partindo da estrada real supra deve ir á estação do Pinhão, na linha do Douro, pela villa de S. João da Pesqueira.

Está construida apenas desde aquella estrada real até Ferreirim, atravessando esta parochia de *Villa da Ponte*.

---

[1] Os mappas e a *Chorographia Moderna* dizem *Rabagão;* mas hoje na localidade todos dão a este rio o nome de *Regavão*.

[2] D'esta ponte, ou talvez d'outra mais antiga, tomou esta parochia o nome de *Villa da Ponte*.

Os antigos e humildes paços do concelho d'esta villa são hoje propriedade particular, mas em frente d'elles ainda se conserva o pelourinho.

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e duas capellas publicas,—além do formoso sanctuario de *Nossa Senhora das Necessidades.*

A egreja é antiga, mas bem conservada, e tem interiormente uma capella particular.

As duas capellas publicas estão á entrada da villa, vindo da ponte que lhe deu o nome,—uma de *S. Sebastião*, a leste, antiga e com alpendre,—outra do *Senhor dos Paços*, a oeste e nova, á beira da estrada real e com luzida festa no 1.º domingo d'agosto.

—

Em um alto, pittoresco e vistoso cabeço de granito que se ergue na margem esquerda do Tavora, fronteiro á villa e distante d'ella apenas 1:500 metros, demora o formoso santuario.

A ermida de Nossa Senhora das Necessidades é ampla, elegante, bem tractada e de recente construcção;—tem um atrio espaçoso de fórma quadrilonga, com parapeito e pyramides de granito;—e para o atrio se sobe por uma escadaria da mesma pedra, bem traçada em zig-zagues ou lacetes com pateos para descanço.

Ao lado da ermida se ergue uma casa nova, onde rezide o ermitão,—e a meio da dicta casa uma torre com sinos, tambem nova.

Tem 2 festas com grande romagem no dia 15 d'agosto e na 2.ª feira depois da Paschoa, sendo numeroso o concurso de romeiros não só das circumvisinhanças, mas até da provincia do Minho, podendo calcular-se o producto das offerendas em 80 a 100 mil réis por anno.

Como o local é muito aprazivel e muito accessivel, por estar a poucos metros da estrada real e da nova estrada districtal, muitas das familias principaes circumvisinhas costumam vizital-o por mera distracção durante o anno.

No artigo *Ponte* póde ver-se a descripção das outras dependencias d'este sanctuario.

—

Tem a villa 2 edificios brasonados—um pertencente aos herdeiros de Sebastião de Gouveia Osorio—e outro pertencente ao dr. Luiz Cardoso de Lucena Araujo Coutinho.

Ha tambem aqui um edificio relativamente notavel, mais antigo e com capella, mas não brasonado. Pertenceu a José Joaquim d'Almeida Leitão e é hoje da sua filha e herdeira, rezidente em Canas de Senhorim.

Merece tambem especial menção, pela sua antiguidade e tradições a casa que foi de Salvador de Sousa Rebello, filho do dr. Balthazar d'Almeida Rebello e de D. Angela de Sousa, de Paredes da Beira.

Salvador de Sousa Rebello, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi por D. João V nomeado juiz de fóra das villas de Almodovar e de Padrões, em novembro de 1723;—em 1737 ouvidor e provedor de Faro—e mais tarde ouvidor da capitania do Pará.

Foi tambem provedor das obras, orphãos, capellas, hospitaes, confrarias e albergarias e contador das terças da cidade da Guarda, por alvará de 18 de julho de 1744,—e desembargador da relação do Porto por alvará de 15 d'abril de 1750.

—

Teve Salvador de Sousa duas filhas—D. Innocencia de Sousa Rebello e D. Thereza de Sousa Rebello. A 1.ª casou com Lourenço Carrilho Leitão de Castro e não teve successão;—a 2.ª casou com João Rodrigues Ferreira de Sousa, capitão do regimento de milicias de Lamego, e teve 3 filhos—José de Sousa Rebello da Costa Azevedo, D. Mathilde e D. Joaquina.

José de Sousa foi major do mesmo regimento de milicias de Lamego, condecorado com as medalhas da guerra peninsular, e casou com D. Margarida Augusta de Noronha e Menezes, que ao tempo vivia na Villa da Ponte com o seu tio dr. Antonio da Cunha Noronha e Menezes, abbade d'esta villa e afamado jurisconsulto, pertencente á nobre familia *Noronhas*, de S. Chrystovam de Nogueira, no concelho de Sinfães, hoje extincta.

—

D. Margarida Augusta era irmã dos tres presbyteros seguintes:

1.º—Padre Lourenço Antonio Pinto da Cunha, um dos 5 infelizes que foram cobardemente assassinados em Viseu durante os excessos que enlutaram o nosso paiz na 2.ª metade d'este seculo.

2.º—Padre Antonio da Cunha Noronha e Menezes, cavalleiro da ordem de Christo e reitor de Cabril, concelho de Castro d'Ayre.

3.º—Padre Francisco Pinto Correia de Noronha, que fez parte do corpo docente do extincto *Collegio dos Nobres*, em Lisboa.

D. Margarida de Sousa deixou dois filhos —D. Maria José de Sousa Azevedo e Noronha e José de Sousa Rebello da Costa Sobral e Azevedo, cavalheiro muito obsequiador e muito tractavel. Casou com sua prima D. Henriqueta Augusta de Lemos Azevedo; da nobilissima casa dos Azevedos de Paredes da Beira e da quinta do Ribeiro, irmã de Marianno de Lemos d'Azevedo Carvalho e Sousa, hoje residente em Villa Nova d'Ourem,—cavalheiro respeitabilissimo pela sua grande fortuna, pelo seu nascimento e mais ainda pela nobreza do seu caracter. V. *Paredes da Beira*, vol. 6.º pag. 487—e *Villa Nova d'Ourem*.

José de Sousa e D. Henriqueta não tiveram successão—e vivem na sua casa de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira.

—

Como reminiscencia do tempo em que esta villa foi dos nobres condes da Ponte, ainda hoje aqui se vê o brasão d'elles em uma parede contigua á velha casa da camara e em differentes marcos de pedra, de mais de um metro d'altura, indicando a linha divisoria entre o antigo termo d'esta villa e das parochias do Penso e da Sarzeda.

Tem esta villa a meio um largo, que denominam *Praça*, seis pequenas ruas calcetadas—e uma boa ponte de granito sobre o Tavora, com 3 olhaes e não *quatro*, como se disse no artigo *Ponte*.

Banham esta freguezia o Tavora, confluente do Douro,—e o regato de *Medreiro*, que passa ao sul da villa e desagua no Tavora, junto da ponte. Ha n'este ribeiro um *pontão* e 4 moinhos para cereaes.

Ha na villa uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino — e alem do Tavora, junto da ponte e da estrada real, uma pequena hospedaria ou *casa de pasto*.

Esta villa, por estar em terreno plano, nunca foi fortificada.

Tambem não consta que apparecessem n'ella ou no seu termo sepulturas abertas na rocha, nem moedas romanas, mas teem-se encontrado em muitas das parochias circumvisinhas.

VILLA POUCA—aldeia da freguezia de *Arnoia*, concelho e comarca de Celorico de Basto, districto e diocese de Braga.

V. *Arnoia*, vol. 1.º pag. 238, X.

Ha n'esta aldeia de *Villa Pouca* excellentes aguas ferreas, que ainda não estão devidamente exploradas e analysadas, mas já os povos vizinhos fazem uso d'ellas com grande vantagem, bebendo-as.

Houve n'esta aldeia, em tempos muito remotos, um cavalheiro importante, chamado Pedro Peres, segundo se lê na interessantissima *Descripção de Basto* que o sr. D. José de Moura Coutinho, penultimo bispo de Lamego, da nobre casa do *Telhô* (veja-se esta palavra) deixou manuscripta, bem como 18 livros *in-folio* sobre genealogias.

É hoje possuidor d'estas preciosidades bibliographicas — *e de toda a grande livraria da casa do Telhô* — o sr. dr. Joaquim Bernardino Cardoso, da casa de *Toiando*, n'esta parochia, e habil jurisconsulto.

—

Comprehende mais esta freguezia d'*Arnoia* as aldeias seguintes:—Corredoura, Villalba, Villa Verde, Castello, antiga séde do concelho de Basto,—Souto Maior, Chélo, Salmães, Carvalho Verde, Cima de Villa, Ferreirós, *Cerqueda*, terra natal de Conetilia Retezindes, que fez a primeira doação para a fundação do convento benedictino d'Arnoia,—*Rabaldo* ou Arrabalde, Outeiro-Coelhos, Boucinha, Arnoia (*Arnoia vetus*) Senra, Lourido, Taipa, Cêgoa (antigamente *Chega*) Serrazinho, Cruz de Baixo, Cruz de Cima, Travassos, Travassinho, Alcacer, Estribaria, Paço, antigo solar dos Mouras Coutinhos da casa do Telhô e d'outros Mouras, de Basto,—Lage, Tornadouro, onde está a casa da *Vista Alegre*, que foi de Manuel José

de Vasconcellos e hoje é do seu filho, o rev. Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, conego e vice-reitor do Seminario, em Lamego,—S. Jorge, Lama, Villar, com feira mensal no dia 30 de cada mez,—Torre, Levada, Fôjo, Santo Thyrso, Pombal, Padim, hoje cása de D. Josepha Alves Lopes, casada com Agostinho Alves da Cunha, possuidor do extincto convento e cerca dos frades de Arnoia,—Figueira, Casinha, Tempéras, Cabo, Souto, Pereira, Casal de Nino, Gandra, Levada, Mosteiro e Casa Nova.

—

Comprehende tambem muitas casas e quintas importantes. Mencionaremos apenas as seguintes:—1.ª *Telhô*, que foi dos Mouras Coutinhos e é hoje de D. Joaquina Rebello Teixeira, natural da Veiga, freguezia da Cumieira, concelho de Santa Martha de Penaguião. A mesma senhora possue hoje tambem a grande quinta contigua á casa de *Telhô* por compra que fez á herdeira de D. Antonia de Moura Coutinho, ultima representante da nobre casa do *Telhó*,—herdeira que era tambem do Douro e parenta da sr.ª D. Antonia.

2.ª—*Casal.*

Foi de José Pinto de Gondar e Motta e é hoje do seu parente Antonio de Sousa.

3.ª—*Casal de Nino.*

Pertence hoje ao dr. Francisco Teixeira da Motta.

4.ª—*Toiando.*

É hoje do dr. Joaquim Bernardino Cardoso, já mencionado, possuidor da grande livraria da casa de Telhô e dos preciosos manuscriptos deixados pelo sr. D. José de Moura Coutinho.

Sendo o sr. D. José ainda deão em Lamego, em 1834, e vendo os excessos de toda a ordem, que assolavam o nosso paiz n'aquella data, recolheu-se á sua casa do Telhô, certo de que todos a respeitariam, como respeitaram, e ali se conservou até 1842, data em que regressou a Lamego.

Foi durante aquelles 8 annos que s. ex.ª, aproveitando alguns trabalhos dos seus maiores, escreveu a *Descripção do antigo concelho de Basto*—e os 18 grandes folios sobre genealogias,—um dos mais importantes nobiliarios que se escreveram em Portugal n'este seculo!

Era s. ex.ª um genealogista consummado e muito auctorisado—pelos seus vastos conhecimentos na especialidade,—pela nobresa proverbial do seu caracter—e pela sua alta posição como bispo, pelo que nos grandes pleitos sobre successão de vinculos os tribunaes superiores muitas vezes o consultaram e regularam os accordãos pela opinião de s. ex.ª

5.ª—*Bouça.*

Foi do dr. José Joaquim Teixeira da Motta e é hoje do seu filho Antonio Augusto Teixeira da Motta.

6.ª—*Casinha.*

De Joaquim Augusto de Moura e Vasconcellos

7.ª—*Taipa,*—de Joaquim Alves Machado.

—

Os melhores edificios são os de Telhô, Toiando, Casal, Casal de Nino e dois palacetes na povoação de Arnoia,—um que foi de Francisco da Cunha Coutinho e é hoje do seu herdeiro Carlos Maria da Cunha Coutinho, de Santa Marinha do Zezere, em Baião, —e outro que foi de José Joaquim Alves de Andrade e Vasconcellos e é hoje do seu genro Avelino Leite de Sampaio.

São brasonados os do Telhô, do Casal, do Paço e de *Santo Andou* (Abdon) que foi dos Pintos Ribeiros e pertence hoje, por compra, ao dr. Joaquim Bernardino Cardoso, da casa de Toiando.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são as da Semana Santa,—S. João Baptista (o padroeiro) e Coração de Maria.

—

Conta hoje esta parochia 482 fogos—e 1:960 habitantes.

Suppõe-se que tomou o nome de *Arnoias* ou *Arnoia* de Arnaldo de Baião, seu fundador,—e que anteriormente se chamava *S. João do Ermo.*

Tambem se suppõe que esteve aqui no tempo da occupação romana a cidade de *Celiobriga*, (hoje *Celorico de Basto*) á qual se refere uma inscripção encontrada em uma pedra da egreja de Santa Senhorinha de Ca-

beceiras de Basto, segundo se lê no tomo 1.º das *Memorias d'Argote*, pag. 317 a 319.

A dicta inscripção é a seguinte:

M P. CAES
J O. HADR.
AN. PONT. M
AUG. PYO
FURNYUM
APROC. VI
T. A VEGETI.

Segundo Argote, quer dizer:

«Tito Valerio Vegecio, superintendente das calçadas, dedicou esta memoria ao imperador Elio Adriano, pontifice maximo augusto pio.

O dr. Hubner[1] dá esta mesma inscripção e outra encontrada nas ruinas do mosteiro de Santa Comba, na freguezia de S. Miguel de Refoios;—completou-as e disse que revelam *positivamente* a existencia de uma *povoação municipal* ou *cidade romana* por estes sitios.

A 2.ª inscripção citada pelo dr. Emilio Hubner é a mesma que se encontra sob o n.º 258, a paginas 115, no *Portugalliae Inscriptiones Romanae* do dr. Levy Maria Jordão, mas com algumas variantes.

—

Em nenhuma das citadas inscripções se encontra o titulo da cidade, a que se referem, mas tanto Argote nas suas *Memorias*, como o dr. João de Barros nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, dizem que era *Celiobriga* (hoje Celorico de Basto) a capital dos povos *celerinos*, que por ali estanciaram. Ptolomeu na 2.ª *Taboa da Europa*, cap. VI, a menciona na descripção da chancellaria de Braga, a 6 gr. e 43 m. de longitude—e 20 m. de latitude.

Alguem diz que estava perto dos rios *Celhe* e *Celinho*, outr'ora denominados *Celium* e *Celiolum*, como se lê na doação de *Mumadona*, segundo Estaço nas suas *Antiguidades de Portugal*:—*Inter Celium et Celiolum.*

Finalmente, o *Concilio Lucense* menciona entre as parochias da diocese de Braga tres denominadas *Celo, Celiolis Celiotão.* «Presumo que alguma d'estas povoações era a antiga *Celiobriga*»—diz Argote.

V. *Celorico de Basto*—e *Villa Nova de Freixieiro.*

VILLA POUCA D'AGUIAR—villa, freguezia, séde de concelho e de comarca, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago o Salvador;—fogos 410,—habitantes 1:808.

D. Antonio Caetano de Lima em 1736 deu-lhe 182 fogos e 612 habitantes;—o *Portugal S. e Profano* em 1768 deu-lhe 187 fogos;—Almeida em 1866 deu-lhe 347 fogos—e o ultimo recenseamento 397 fogos e 1804 habitantes.

Tem sido pois constante o augmento da sua população. Desde 1736 até hoje (1885)—ou nos ultimos 149 annos, a sua população accusa um augmento de 228 fogos e 1:196 habitantes,—promettendo continuar na mesma progressão, porque o seu clima é saudavel, posto que bastante frio no inverno.

Aqui não ha pantanos, nem arrosaes, nem febres endemicas, como nos campos d'Aveiro, de Coimbra e de Leiria;—pelo contrario, esta villa tem ar puro e excellente agua potavel e para rega. Além d'isso está muito vantajosamente situada na importantissima estrada real, n.º 5, da Regoa a Verim, por Villa Real de Traz-os-Montes, *Villa Pouca*, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves,—estrada servida por diligencias e que atravessa pelo centro, de sul a norte, a villa de que nos occupamos, formando uma bella rua,—a do *Cruzeiro*, que é hoje a melhor da villa,—e o campo ou praça de *Luiz de Camões.*

Tem já construida e explorada por diligencias tambem outra bella estrada real a macadâm para o Porto, por Basto,—e em construcção mais 3 estradas a macadam:—uma *districtal* para Murça, atravessando as importantes freguezias de Jalles;—outra *real* para Mirandella—e outra *municipal* para Boticas.

Note-se que está tambem projectada, ha muito, uma linha ferrea que, partindo da li-

[1] *Noticias Archeologicas de Portugal*, pag. 80-81, na traducção da Academia.

nha do Douro, nas proximidades da estação da Regoa, deve ir até Chaves e Verim, pelos valles do Corgo e do Tamega, approximando-se de Villa Real de Traz-os-Montes e de Villa Pouca d'Aguiar,—bem como dos importantes estabelecimentos balneares das Pedras Salgadas e de Vidago [1].

—

Esta villa em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era séde do antigo concelho d'Aguiar, que pertencia á grande comarca de Guimarães e contava 1:750 fogos em 12 freguezias:—a da villa, que era reitoria e commenda da ordem de Christo,—Tellões, Soutello, Santa Martha da Montanha, S. Martinho de Bornes, Vrea de Bornes, Valloura, Pensalvos, Affonsim, Parada de Monteiros, Bragado e Capelludos.

O seu governo civil era formado por um juiz do civel e crime, vereadores, procurador do concelho, um juiz dos orphãos com seu escrivão, um alcaide e um meirinho.

Hoje este concelho comprehende mais 4 freguezias (além das 12 mencionadas) que são:—Alfarella de Jalles [2], Gouvães da Serra, Tres Minas e Vrêa de Jalles.

Total do concelho:

Freguezias	16
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	3:603
Habitantes	16:055
Superficie em hectares	36:792
Predios inscriptos na matriz	34:712

Pagou no ultimo anno economico:

De contribuição predial	6:795$845 réis.
De renda de casas e sumptuaria	717$475 réis.
De contribuição industrial	1:010$370 »
De decima de juros	889$094 »

Comprehende tambem esta comarca o concelho de Ribeira de Pena, que tem:

Freguezias	6
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	11:834
Habitantes	88:412
Superficie em hectares	133:414
Predios inscriptos na matriz	66:730

Total d'esta comarca:

Freguezias	22
Fogos	55:437
Habitantes	244:467
Superficie em hectares	50[illegible]:206
Predios inscriptos na matriz	411:442

—

Esta freguezia de *Villa Pouca d'Aguiar* comprehende a villa do seu nome com as ruas do *Cruzeiro*, hoje a melhor,—*Direita*, *Toural*, *da Cadeia* e o *Campo de Luiz de Camões*.

Comprehende tambem no seu termo as aldeias seguintes:—*Cidadelha*, S. Paio, Nosedo, Guilhado e Freiria. A *Chorographia Portugueza* menciona tambem as aldeias de *Falperra* e *Condalo*,—e a *Chorographia Moderna* accrescenta:—Mejota, Santo Antonio, Quelho, Castanheiro Redondo, Quarto do Negro, [1] Cima da Rua,—os casaes de Condado, Lavadouros e Silveiras—e 37 moinhos de cereaes movidos por agua, quasi todos habitados.

Freguezias limitrophes:—Santa Martha da Montanha a O.—Tres Minas a leste,—Soutello do Valle ao sul,—Affonsim a N. O. e S. Martinho de Bornes a N. E.

Concelhos limitrophes:—Boticas e Chaves a N.—Villa Real e Sabrosa a S.—Valle Passos a N. E.—Murça a S. E.—e Ribeira de Pena a O.

—

Nós já estivemos n'esta villa (em setembro de 1883) de passagem para as Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Verim, Carrazedo de Montenegro, Mirandella, Bragança, Villa Flor, Villariça, Moncorvo, etc.

Demorámo-nos em Villa Pouca d'Aguiar

[1] Ha bem poucos dias, o conde de Villa Real, deputado ás cortes constituintes que estão funccionando n'esta data, apresentou na camara um projecto para a construcção d'esta linha do valle do Corgo.

[2] *Alfarella de Jalles*, ainda hoje uma das freguezias mais importantes d'este concelho, foi villa e concelho proprio, formado pela freguezia do seu nome e pelas de *Vrêa de Jalles* e *Trez Minas*. Vide.

[1] *Castanheiro Redondo* e *Quarto do Negro* são dois bairros da villa, sendo o primeiro muito maior do que o segundo.

apenas uma hora, mas impressionou-nos muito agradavelmente a sua excepcional topographia.

Está entre duas montanhas, que correm parallellas de norte a sul e formam o extenso e lindo valle de Villa Pouca, que se prolonga na mesma direcção e parece cavado artificialmente como uma grande trincheira de 1 a 2 kilometros de largura e de 15 a 20 de comprimento, com suave declive a partir de Villa Pouca—tanto para o sul, ou para o lado de Villa Real,—como para o norte, ou para o lado das Pedras Salgadas, occupando a villa o centro do grande valle e *precisamente* o vertice do angulo das duas vertentes, uma das quaes, a do norte,—leva as aguas para o Tamega,—e a do sul para o rio Corgo.

O seu horisonte é limitado muito de perto ao poente pela serra da *Falperra*, que é um ramo da do Marão,—e a leste pela de *Sandonho*, que é um ramo da de *Senabria*; mas tem amplas e formosas vistas tanto para o norte como para o sul sobre o grande valle de Villa Pouca [1].

Tambem a villa se descobre de grande distancia tanto na ida de Villa Real para Chaves, como na vinda de Chaves para Villa Real, porque o grande valle não tem curvas nem ravinas.

Descreve duas grandes rectas, uma para o norte, outra para o sul — e vae sempre alargando ao passo que se afasta da villa.

Não conhecemos outra povoação em taes condições topographicas.

O maior contra é ser asperamente açoitada pelo vento dos quadrantes norte e sul, que vae encanado contra ella sem anteparo algum e a torna frigidissima no inverno.

[1] A serra de *Sandonho* tem nas proximidades d'esta villa os montes do *Facho* e do *Cabreiro*—e prende com as serras de *Bornes* e *Padrella*, ambas a N. E. sendo todas tres ramificações da de Senabria, na Castella Velha.

A da *Falperra* nas proximidades d'esta villa tambem é denominada *Serra do Roxo*.

No monte do *Facho* se accendiam de noite fachos para prevenir os povos circumvizinhos em tempos de guerra, antes da invenção dos telegraphos electricos.

—

Dista das Pedras Salgadas 6 kilometros; —de Vidago 14;—de Chaves 35;—de Verim 50;—de Murça 25;—de Mirandella 40;—de Ribeira de Pena 18;—de Mondim de Basto 30;—de Villa Real, séde do districto, 28;—da estação da Regoa, a mais proxima na linha do Douro 55;—67 de Lamego;—159 do Porto—e 496 de Lisboa.

Tem hoje esta parochia os templos seguintes:

1.°—Egreja matriz, fundada ou talvez reconstruida em 1704.

É um templo singelo, mas demora em sitio alto e vistoso, na extremidade O. da rua da *Cadeia* e da villa, dominando-o toda.

A architectura d'este templo é simples, mas elegante.

A capella mór foi ha pouco accrescentada na altura e fizeram novo retabulo, que ainda não foi dourado.

Tem altar-mór e 4 lateraes:—o 1.° do lado do Evangelho é de Nossa Senhora da Conceição,—o 2.° de S. Pedro. Da parte da Epistola o 1.° é do Senhor Crucificado,—o 2.° da Santissima Trindade e almas.

A egreja carece de promptos reparos. Tem torre, mas *todos os sinos estão partidos!...*

O cemiterio está contiguo ao adro, para S. Tem um bom cruzeiro e alguns mauzoleus.

A casa da rezidencia parochial demora tambem junto do adro. É boa habitação e tem excellentes vistas sobre a villa e seus arredores.

—

2.°—*Capella do Senhor*, ou *do Santissimo Sacramento.*

É publica,—mais moderna e mais elegante do que a egreja matriz,—e está a pequena distancia d'ella.

3.°—*Capella de S. Domingos*, tambem publica.

4.°—*Capella de Nossa Senhora da Lapa*, contigua á egreja matriz e communicando com ella.

É particular e pertence á nobre familia *Canavarros*, hoje muito dignamente representada por Pedro de Sousa Canavarro, de Santarem.

5.º—*Capella de Santo Antonio*, tambem particular, pertencente á familia dos viscondes de Santa Martha.

6.º—*Capella de S. Bento*, tambem particular, pertencente á familia *Taveiras*.

Todos estes templos estão situados na villa e abertos ao culto.

7.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição Apparecida.*

É particular;—pertence á familia *Fernandes*;—tem festa com romagem no ultimo domingo de julho,—e demóra no alto do *Monte do Facho*, sobranceiro á villa do lado E.—foi fundada por José Joaquim Rodrigues Fernandes—e é hoje de sua filha D. Anna Rodrigues Fernandes d'Almeida, casada com José Joaquim d'Almeida, escrivão de direito n'esta comarca.

8.º—*Capella de Nossa Senhora da Luz*, na Falperra, a O. da villa.

9.º—*Capella de S. Sebastião*, na aldeia de Cidadelha [1].

10.º—*Capella de S. Jorge*, na aldeia de Guilhado.

11.º—*Capella de Nossa Senhora da Saude*, na mesma aldeia.

12.º—*Capella de Nossa Senhora da Purificação*, tambem na mesma aldeia.

13.º—*Capella de Santo Antonio*, na aldeia de Freiria.

14.º—*Capella de S. Sebastião*, na aldeia de Nozedo.

15.º—*S. Payo*, na aldeia d'este nome.

Estas ultimas 8 capellas todas são publicas e estão bem conservadas.

—

As festas principaes que hoje aqui se celebram são na villa a do Santissimo Sacramento e a de S. Sebastião,—ambas no elegante e vasto templo denominado *Capella do Senhor*,—e a festa e romagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, no *Monte do Facho*, a pequena distancia da villa.

Ha tambem n'este concelho duas romarias notaveis:—a de *S. João do Extremo*, na freguezia de Tellões,—e a de *S. Pedro*, na aldeia de Parada do Corgo, freguezia de Soutello do Valle.

—

O nome proprio d'esta villa e d'este concelho é *Villa Pouca d'Aguiar*, mas, como esta villa e este concelho foram sempre importantes e tiveram sempre muita nobreza, julgando esta uma affronta para a sua prosapia o titulo de *Pouca*, dado á sua terra natal, substituiram-n'o por *Villa d'Aguiar da Pena* ou *Penha*, ou simplesmente *Villa d'Aguiar*,—titulo que lhe deu a *Chorographia Portugueza* em 1706, por ser o mais corrente n'aquella data; mas não podiam ser mais injustos nem mais levianos os nobres filhos d'esta villa e d'este concelho.

O velho e antiquissimo titulo de *Pouca*, bem longe de affrontar ou *apoucar* esta villa,—exalça-a, enobrece-a e a recommenda mais do que nenhum outro.

Pouca não é o adjectivo portuguez vulgar, mas o nome da cidade romana *Cauca*,—cidade que existiu na peninsula hispanica e que foi a patria do imperador Theodosio I, o *grande*, que reinou pelos annos 392 de Jesus Christo.

—

Ninguem contesta a existencia da cidade *Cauca* nas Hespanhas; ha porem divergencia de opiniões com relação ao seu local.

Os hespanhoes pretendem que foi a cidade *Italica*, que esteve a uma legoa de Cevilha;—outros dizem que esteve onde hoje está a nossa villa de *Coura*, entre Braga e Valença do Minho, e que o nome de *Coura* é o mesmo da antiga *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Coura;* [1] mas quem ler o *Agiologio Lusitano* (tomo 1.º pag. 172 a 173) forçosamente se ha-de inclinar a crer que a dicta cidade romana *Cauca* esteve entre Chaves e Villa Real de Traz-os-Montes, sobre *Cidadelhe*, aldeia d'esta freguezia de *Villa Pouca*, e que esta villa e este concelho d'ella tomaram e conservam ainda o nome *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Pouca*,—modificações naturalissimas, pois o diphthongo latino *au* trivialmente em portuguez se con-

[1] Ha tambem na povoação de Cidadelha uma capella particular, com o titulo de *Nossa Senhora da Conceição.*

[1] *Portugaliae Inscriptiones Romanae, Index geographiens*, pag. LX.

verte em *ou*, como *aurum* em *ouro*,—*autumnus* em *outono*, etc. E tambem nada mais natural do que dizermos *Villa Pouca* em vez de *Villa Couca*, por ser *Couca* na lingua portugueza nome extranho e mais aspero do que *Pouca*.

—

O mesmo nome de *Cidadelha* dado áquella aldeia parece diminutivo de cidade e revelar a existencia d'uma povoação importante e fortificada n'aquelle sitio, em tempos remotos, como revelam outras muitas povoações do nosso paiz, denominadas *Cidadelhe*;[1] não se confunda porem esta *Cidadelhe* com a de Mezãofrio, tambem n'esta provincia e que foi egualmente cidade romana fortificada, pois segundo se lê no *Portugalliae Inscriptiones* do dr. Levy Maria Jordão, pag. 99, e no *Elucidario* de Viterbo, palavra *Caria*, a *Cidadelhe* de Mezãofrio estava na via militar de Braga e Amarante para Lamego, Caria e Beira.

É possivel que a velha cidade romana *Cauca* não estivesse aqui; mas *com certesa* esteve no arcebispado de Braga e no antigo territorio da Galliza, hoje portuguez,—e não junto de Cevilha, como pretendem os nossos visinhos hespanhoes.

Que a cidade romana *Cauca* nos pertence e com ella a gloria de ter sido Portugal o berço de Theodosio, o *grande*, affirmam claramente Zozimo e Idacio, ambos contemporaneos do dicto imperador, aos quaes seguem Baronio e Spondano, bem como Bivar *in Dextrum* e Sandoval *in Idacium*, etc.

As palavras de Zozimo, fallando d'aquelle imperador, são :—*Theodosius natus Cauca, Galleciae Oppidi.* «Theodosio nasceu em Cauca, cidade da Galliza».

As de Idacio, bispo de Lamego, são estas :—*Theodosius, natione hispanus, de provintia Galleciae, civitate Cauca.* «Theodosio» hespanhol de nação, natural da cidade de Cauca, na provincia da Galliza».

[1] V. *Cidadelhe* aldeia da freguezia de *Britello*, concelho da Ponte da Barca,—*Cidadelhe*, freguezia do concelho de Mezãofrio,—*Cidadelhe*, freguezia do concelho de Pinhel, —e *Villa Jusã* e *Villa Marim*, freguezias do concelho de Mezãofrio.

Estava pois *Cauca* na provincia da Galliza, entre o Douro e o Minho, no arcebispado de Braga,—e não na provincia da Betica, hoje Andaluzia.

V. *Agiologio Luzitano*, logar citado, onde o seu illustrado e muito auctorisado auctor sustenta e prova que a hodierna *Villa Pouca d'Aguiar* representa a velha cidade romana *Cauca*.

Veja-se tambem n'este diccionario *Cauca* e *Coura*.

A mesma opinião segue *Bluteau*.

—

Tem esta villa duas feiras mensaes, nos dias 10 e 25,—dois mercados semanaes, nas segundas e quintas feiras,—uma praça fechada, em que se fazem as feiras e mercados,—e um largo, o *Campo de Camões*, no qual entroncam as estradas reaes a macadam do Porto a Mirandella e de Villa Real a Chaves.

Producções dominantes d'esta freguezia e d'este concelho :—cereaes, feijões, batatas e castanhas.

Tambem criam bastante gado e caça—e muitas colmeias, pelo que é importante n'este concelho a industria cerifera.

Ha hoje n'esta parochia apenas minas de chumbo, simplesmente registradas; mas a industria mineira foi *importantissima* n'este concelho em eras remotas, talvez no tempo dos romanos e arabes, como revelam os grandes poços, tuneis, vallas, galerias, aqueductos, lagoas e montões enormes de pedra britada que ainda hoje surprehendem e assombram na freguezia denominada *Tres Minas*.

V. vol. 9.º pag. 741, col. 1.ª e seg. — *Moreira*, aldeia da freguezia d'*Alfarella de Jalles*, vol. 5.º pag. 542, col. 1.ª—*Penedo d'Alfarella*, vol. 6.º pag. 603, col. 2.ª—*Pedroso*, aldeia, vol. 6.º pag. 546, col. 1.ª—e *Tellões* no supplemento.

—

Dos artigos citados se vê que os romanos por aqui fizeram demorada rezidencia e *obras e explorações importantissimas*, o que mais nos leva a crer na existencia da cidade romana *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Pouca*, no local de *Cidadelhe* d'esta freguezia de Villa Pouca d'Aguiar.

Tambem nos citados artigos se fez menção d'outra aldeia denominada *Cidadelhe*, pertencente á freguezia d'Alfarella de Jalles, e que tambem revela ser *Cidadelhe* diminutivo de cidade, pois junto d'ella se encontram ainda hoje claros vestigios d'uma grande povoação romana fortificada.

Note-se que a freguezia d'Alfarella de Jalles é limitrophe da de *Tres Minas*, ambas d'este concelho—e que na aldeia de *Cidadelhe*, d'esta freguezia de Villa Pouca, teem apparecido, entre outras velharias, varias moedas romanas, sendo algumas do proprio imperador Theodosio I, segundo se lê no *Agiologio Lusitano.*

Tambem juncto á dicta povoação de *Cidadelhe* e a montante d'ella, ha um sitio notavel, denominado *Regedoura*, talvez modificação de *Rugidoura*, porque um regato que desce da montanha ali cahe de grande altura e no inverno fórma uma magestosa cascata, cujo ruido se ouve a uma distancia consideravel.

—

Demora a dicta cascata approximadamente a um kilometro d'esta villa, para o norte, na serra da Falperra. A cavalleiro da dicta cascata, mesmo no curuto da serra que é quasi inaccessivel dos lados S. e E.,—no ponto denominado *Penedo sobre outro* (talvez anta ou dolmen) existiu em tempos muito remotos um grande castello, do qual ainda hoje se veem fortes alicerces e uma parte dos muros, ao lado norte do vertice da garganta que forma a cascata e quasi a prumo sobre a povoação de Cidadelhe ou Cidadelha.

Deve tambem notar-se que nos arredores d'esta villa se teem encontrado em differentes pontos pedras de moinhos, tijolos de grande espessura, sepulturas abertas na rocha e fórnos que, pela sua configuração, se suppõe terem servido para tractamento de metaes.

Tudo isto se attribue aos romanos.

Nos montes de *Soutellinho do Amezio*, freguezia de Tellões, cerca de 8 kilometros a S. O. d'esta villa, se veem muitas das taes sepulturas abertas a picão na rocha,—sepulturas que ainda hoje abundam em outros muitos pontos do nosso paiz, nomeadamente em *Moreira de Rei*, freguezia do concelho de Trancoso.

Ainda hoje ali se veem mais de 50, de diversas dimensões, *em um pequeno espaço!*...

V. *Moreira de Rei* no supplemento.

—

Tem esta villa duas aulas officiaes d'instrucção primaria elementar para os dois sexos,—varias hospedarias e casas de pasto, sobresahindo o *Hotel Central* de Gaspar Teixeira, na rua Direita,—e um bom cemiterio publico, dos mais antigos de Portugal, pois data de 1836.

Está junto da egreja matriz, na extremidade oeste da villa e sobranceiro a ella.

Tem esta villa tambem uma estação telegraphica de 3.ª classe,—um theatro,—bons estabelecimentos commerciaes—e magestosos paços do concelho, onde funccionam todas as repartições publicas.

O theatro é feito por acções e, depois de concluido, será um dos melhores da provincia.

Principiou a sua construcção em 1877;—já despenderam com as obras cerca de réis 2:500$000;—está ainda longe da sua conclusão, mas já n'elle representaram os nossos insignes actores Taborda e Antonio Pedro, e ultimamente a companhia dramatica Soller e Taveira do Porto.

Os novos paços do concelho são o melhor edificio publico da villa.

Foram concluidos em 1880 e custaram 15:000$000 de réis approximadamente.

Os antigos paços servem de quartel ao destacamento estacionado n'esta villa e ainda conservam as armas d'el-rei D. Manuel, com a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo.

Na velha, insalubre e immunda cadeia ainda vivem os pobres presos.

O pelourinho já desappareceu. Foi demolido, ha annos, e nada resta d'elle.

—

Tem esta villa bons edificios particulares. Mencionaremos apenas os seguintes:

Brasonados

1.º—*Casa da Tapa.*

Pertenceu outr'ora a João Manuel de Sousa

Guedes—e é hoje de D. Lucinda de Sousa Guedes, casada com Luiz de Sousa Roma.

2.º—*Casa de Cima da Rua.*

Pertenceu antigamente a José de Moura, de Quintella, concelho de Villa Real, e é hoje de D. Francisca de Moura.

3.º—A *casa de José Xavier Athayde Mello e Castro,* hoje de seu filho do mesmo nome,

4.º—*Casa dos Canavarros.*

É hoje de Pedro de Sousa Canavarro, morador em Santarem e n'ella nasceu o general Pedro de Sousa Canavarro.

5.º—*Casa do Visconde de Santa Martha.*

É hoje de Evandro de Sousa Torres, de Salhariz, e de Domingos José de Sousa Junior, de Guimarães.

6.º—*Casa dos Taveiras.*

Foi de D. Antonia Victorina Taveira e é hoje de Francisco Teixeira Coelho de Miranda, d'esta villa.

7.º—A casa de Antonio de Sousa Guedes, na aldeia de Cidadelhe, d'esta parochia.

Edificios não brasonados

1.º—O palacete de Henrique Manuel Ferreira Botelho, no Campo de Luiz de Camões.

É moderno e muito elegante.

2.º—A casa solar do dr. Francisco José Gomes de Carvalho, na rua do Cruzeiro.

3.º—A casa de João José de Sousa Moraes, na rua Direita.

—

Os tres maiores proprietarios d'esta parochia na actualidade são:—dr. Francisco José Gomes de Carvalho,—dr. Francisco Botelho Correia Machado—e Francisco Teixeira Coelho de Miranda.

Os tres maiores proprietarios d'este concelho são:—dr. José Joaquim de Sousa Machado, da freguezia de Bornes,—Manuel Ignacio Fernandes, da freguezia de Tellões—e José Joaquim de Sousa Machado, da freguezia de Soutello do Valle.

D'esta villa parte para o sul uma das nascentes do rio Corgo, confluente do Douro, no qual desagua a montante da Regoa, depois de banhar Villa Real de Traz-os-Montes;—e parte d'esta villa para o norte a ribeira que forma a grande cascata da *Regedoura* ou *Rugidoura;*—passa nas *Pedras Salgadas;*—toma depois o nome de *Ribeira dos Avelames,* na qual tem uma elegante e soberba ponte de quatro arcos de pedra a nova estrada a macadam de Villa Pouca a Boticas—e desagua na margem esquerda do Tamega, a 18 kilometros de distancia, entre as povoações de Monteiros e Parada de Monteiros, ambas d'este concelho.

—

São dignas de especial menção as imponentes ruinas de um grande castello que ainda hoje se vêem na freguezia de Tellões, d'este concelho, distante cerca de 10 kilometros d'esta villa para S. O.—castello que mereceu a Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento a honra de ser cantado em formosos versos.

O dicto castello é geralmente attribuido aos romanos e prova tambem a demorada permanencia d'elles por estes sitios.

Estava ao poente da via militar de Chaves (*Aguae Flaviae*) para Panoias, Lamego e Caria, pela cidade de *Cauca,* hoje *Villa Pouca d'Aguiar,*—e suppõe-se que era um dos presidios, ou depositos de tropa, para defesa da dicta estrada, que seguia com pequenas variantes o mesmo traçado da nova estrada actual a macadam de Chaves a Lamego, Moimenta da Beira e Trancoso.

Na freguezia de Bornes, tambem d'este concelho, 5 kilometros ao norte de Villa Pouca d'Aguiar, falleceu em 1109 o benemerito arcebispo de Braga, S. Geraldo.

Comprehende a dicta parochia differentes aldeias muito antigas e uma muito moderna, hoje a mais notavel de todas, formada pelo estabelecimento balnear das Pedras Salgadas, que se ergue a oeste da grande campina e da estrada real de Chaves, na encosta fronteira á povoação de Bornes.

V. *Pedras Salgadas, Bornes* e *Verêa de Bornes,* vol. 10, pag. 301, col. 1.ª

—

Entre as pessoas notaveis que esta villa tem produzido merecem especial menção—o visconde de Santa Martha, José de Sousa Sampaio, general miguelista, que militou na guerra de Montevideu e na lucta fratricida entre D. Miguel e D. Pedro,—lucta que ter-

minou pela convenção d'Evora Monte no dia 26 de maio de 1834, [1]—e o rev. D. Domingos José de Sousa Magalhães, arcebispo de Mytilene, coadjutor e vigario geral do patriarchado, distincto pela sua illustração e virtudes.

Nasceu no dia 2 de março de 1809, e foram seus paes Leonardo Manuel de Sousa Magalhães e D. Anna Josepha da Costa. Formou-se em direito em 1853. Dando indicios de alienação mental, foi suspenso das funcções episcopaes e das de vigario geral pelo patriarcha D. Guilherme Henrique de Carvalho. Volvendo á casa paterna, ahi viveu em completa demencia até o dia 19 de fevereiro de 1872, data do seu fallecimento. No dia 21 do dicto mez se lhe fizeram exequias solemnes e em seguida foi sepultado no cemiterio d'esta villa.

Sua irmã D. Rosa legou avultada quantia para se lhe erigir um mauzoleu, mas até hoje não se cumpriu tal disposição.

—

Produziu tambem este concelho um homem que se tornou tristemente notavel na 2.ª metade d'este seculo. Foi Luiz Antonio Alves, por alcunha o *Negro*, casado, carpinteiro, filho de Ignacio Alves dos Santos e de Joanna Bernarda Pimenta, natural da freguezia de Capelludos e ali rezidente,—um dos homens mais preversos, de que resam os annaes do crime!...

Accusado de haver assassinado Manuel Antonio Alves, José Villela e Rodrigo Antonio Vaz,—de ter forçado e ferido Marianna Luiza,—de ter, juntamente com outros, roubado a casa do padre Amaro, de Villarinho de S. Bento e de haver concorrido para o arrombamento da cadeia de Chaves, foi pelo juiz de direito de Villa Pouca d'Aguiar condemnado á morte de forca, em novembro de 1842.

A relação do Porto confirmou a sentença por accordam de 21 d'agosto de 1843 e, recorrendo de revista, foi-lhe esta negada por accordam do supremo tribunal, em 15 de abril de 1844; mas, por decreto de 14 de julho de 1845, houve por bem sua magestade commuttar-lhe a pena de morte na de *executor d'alta justiça.* (Cartorio do escrivão Silva Pereira).

Foi o ultimo *carrasco* que houve no nosso paiz, e falleceu na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, já depois de estar abolida a pena de morte.

—

Por occasião da guerra civil da *Junta do Porto* ou da *Patuleia,* foram na noite do dia 31 de janeiro de 1847 surprehendidas n'esta villa as forças populares do tonto general miguelista escocez, Reynaldo Macdonell, pelas forças fieis ao governo da rainha, a sr.ª D. Maria II, commandadas pelo general conde de Vinhaes, Simão Pessoa, sendo no dia seguinte aprisionado e covardemente assassinado o dicto Macdonell, junto da aldeia de Sabroso, freguezia de Verêa de Bornes, d'este concelho, tendo a mesma sorte o seu ajudante Ferreira Rangel, o *Escrivão-fidalgo* e miguelista, [1] irmão do poeta Ferreira Rangel, seu antipoda em politica, ou republicana radical.

V. vol. 7.º art. *Porto*, pag. 366, *in fine*, e seguintes;—*Sabroso*, vol. 8.º pag. 283, col. 1.ª e seguintes,—e *Veréa de Bornes.*

Tambem é muito digno de lêr-se sobre o assumpto o interessante e chistoso livro *Maria da Fonte* [2] recentemente publicado pelo nosso primeiro romancista e nosso primeiro escriptor publico, na actualidade, o ex.mo sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Corrêa Botelho.

---

[1] Veja-se o art. *Porto*, vol. 7.º—de pag. 338 col. 1.ª até pag. 365.

---

[1] Foram aprizionados e assassinados junto do *tapado do Ervedeiro* e da aldeia de *S. Payo*, pertencentes a esta freguezia de *Villa Pouca d'Aguiar*, na serra que d'esta villa corre para o norte,—e foram sepultados na capella de Santo Amaro da aldeia de Sabroso, pertencente á freguezia de *Verêa de Bornes.*

Foram pois *assassinados* n'esta freguezia de Villa Pouca e *sepultados* na de Verêa de Bornes.

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor no artigo *Verêa de Bornes*, col, 1.ª

[2] Parte 3.ª—o *Miguelismo*,—pag. 179 a 277.

—

Conta na actualidade este concelho onze bachareis formados, filhos seus, cabendo a esta villa os seguintes:

1.º—Dr. Leonardo de Sousa Magalhães, afamado jurisconsulto.

2.º—Dr. Francisco Botelho Correa Machado, cavalheiro distincto e que por varias vezes tem sido juiz de direito substituto d'esta comarca.

3.º—Dr. Henrique Manuel Ferreira Botelho, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, rezidente em Villa Real, onde é professor do Lyceu e presidente da commissão executiva da junta geral do districto.

É um dos filhos mais benemeritos d'esta villa, pois a elle deve todo o seu progresso actual.

4.º—Dr. Manuel Antonio de Sousa e Costa, conservador privativo.

5.º—Dr. Felippe de Sousa Magalhães, irmão do antecedente, juiz de direito na comarca de Cintra.

6.º—Dr. Domingos Botelho de Queiroz, cirurgião militar, hoje residente em Setubal.

7.º—Dr. Francisco José Gomes de Carvalho, rico proprietario e cavalheiro de muito merecimento.

8.º—Dr. Candido José d'Andrade, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

É natural de Ribeira de Pena, mas domiciliado n'esta villa, ha muitos annos.

O movimento parochial d'esta freguezia no ultimo anno (1884) foi o seguinte:—baptisados 68,—casamentos 14,—obitos 64.

—

Este concelho de *Villa Pouca d'Aguiar*, outr'ora *Aguiar da Pena*, teve dois foraes *velhos*, um dado por D. Sancho I em 1206,—outro por D. Affonso II em 1220,—e foral *novo* dado por D. Manuel, em 1515. [1]

Veja-se para este ultimo o *Livro de Foraes Novos de Traz os Montes*, fl. 50, col. 1.ª—e para os seus foraes *velhos* o *Maço n.º 9, de Foraes antigos* n.º 8, fl. 2, v.—*Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 105, col. 2.ª—e o *Livro 2.º de Doações do Sr. Rei D. Affonso III*, fl. 17, v. *in principio*.

Para o 2.º veja-se o *Maço 9 de Foraes antigos*, n.º 8, fl. 29,—o *Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 46, col. 2.ª—e o Maço 12 dos mesmos foraes antigos, n.º 3, fl. 23, col. 2.ª

Veja-se tambem o documento de 4 de julho de 1519 no *Corpo Chronologico*, Parte I, Maço 24,—e o documento 97.

Veja-se finalmente o artigo *Aguiar da Pena* n'este diccionario, vol. 1.º pag. 39.

—

Esta comarca de Villa Pouca d'Aguiar é de 2.ª classe e comprehende o concelho do seu nome e o de Ribeira da Pena,—alem do extincto concelho de *Alfarella* *es*.

N'esta parochia não ha doenças predominantes. O seu clima, embora frio e aspero no inverno, é muito saudavel.

A cavalleiro da villa, na serra do lado E., ha uma pyramide geodesica marcando a altitude de 776 metros sobre o nivel do mar;—em Affonsim ha outra, na altitude de 966 metros,—e em Bornes outra, na altitude de 1:315 metros.

São os pontos mais altos d'este concelho.

No concelho de Ribeira de Pena ha uma pyramide geodesica na altitude de 1:024 metros; mas tem pontos muito mais baixos e amenos, formosas e ferteis campinas nas proximidades do Tamega.

—

A egreja de S. Salvadar de Villa Pouca d'Aguiar foi uma rendosa commenda da ordem de Christo, dada por Filippe II, em 15 de maio de 1608, ao seu ministro e escrivão da casa da India, Luiz de Figueiredo Falcão, natural de Pinhel,—homem muito illustrado, muito religioso, muito trabalhador e ministro modelo.

V. *Pinhel*, vol. 7.º pag. 84, col. 1.ª *in fine* e seguintes.

O conselheiro Silvino Luiz Teixeira de Aguiar, barão d'Aguiar, e que foi deputado ás cortes em 1852, relator do supremo tribunal de justiça militar, etc., não era de

---

[1] Diz o meu illustrado collega de S. Martinho de Bornes que esta villa teve tambem foral dado por D. Affonso Henriques e que d'elle faz menção o de D. Manuel.

Villa Pouca d'Aguiar, mas da aldeia das *Casas Novas*, freguezia de Redondello, concelho e comarca de Chaves.

Era um cavalheiro muito accessivel, muito estimavel, muito prestadio e de muitas relações em Lisboa.

Apenas se lhe apresentasse qualquer pretendente, recommendava-o logo com todo o interesse ao ministro, de quem dependesse o despacho, pelo que um dia lhe disse certo ministro das suas relações:

—O' barão, desculpe, se não attender todos os seus afilhados, pois se os attendesse todos, não havia outro expediente pela minha pasta.

—Eu peço, eu peço, disse o santo barão sorrindo,—porque tenho muito dó de todos os pretendentes, mas v. ex.ª lá faça o que entender mais justo.

Foi contemporaneo e amigo intimo do sr. D. José de Moura Coutinho, penultimo bispo de Lamego,—falleceu poucos annos antes d'este virtuoso prelado—e teve dois irmãos conegos em Braga e um sobrinho que foi prior nas Caldas da Rainha.

—

Em setembro do anno ultimo (1884) esteve nas *Pedras Salgadas* S. M. el-rei o sr. D. Fernando, com sua esposa a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, fazendo uso das aguas alcalino-gazosas d'aquelle importante estabelecimento thermal.

Esteve tambem ali por essa occasião o sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, illustrado redactor do *Commercio do Porto*, para o qual mandou uma serie interessante de correspondencias diarias. Na de 15 do dicto mez se lia, entre outras cousas, o seguinte:

«Quando a familia real se dirigia para o hotel, acercou-se de el-rei um velho veterano, que lhe entregou um memorial implorando uma esmola.

É contristador vêr um d'esses soldados das luctas da liberdade, tendo por unica recompensa dos sacrificios que fez pela patria, a triste permissão apenas, de poder mendigar um pedaço de pão para matar a fome, emquanto que muita inutilidade burocratica se banqueteia por ahi á custa de pingues aposentações.

O veterano a que me refiro, e que habita nas proximidades de *Villa Pouca d'Aguiar*, é o sr. Joaquim Teixeira Diniz, ex-sargento da 2.ª companhia do bravo batalhão Transmontano, que praticou prodigios de valor durante o cêrco do Porto.

Fugira com outros companheiros das prisões de Almeida, onde estivera encarcerado pelas suas opiniões liberaes, e alistára-se n'aquelle corpo.

Terminada a guerra foi despachado escrivão de direito de Montalegre, cargo de que o demittiu um juiz de triste memoria pelas suas prepotencias e vinganças, e agora vale-lhe o modesto trabalho de uma filha que o ampara.

Hoje apresentou-se com a pobre farda que lhe fôra dada ha annos pela Associação Liberal do Porto, ostentando a medalha de D. Pedro e de D. Maria, algarismo 2.

Ha tres annos, o deputado do circulo apresentára em côrtes uma petição para ser dada a reforma ao misero velho, mas a solicitação teve o mesmo destino que têem obtido outras identicas.

S. M. recebeu o memorial do misero veterano, mandou entregar-lhe um valioso donativo pecuniario e pediu-lhe para ámanhã lhe enviar todos os documentos necessarios, a fim de interceder pelo bem estar dos seus ultimos annos de vida.

Abençoada acção esta do bondoso rei.»

—

Entre os muitos alcaides-mores do antigo castello de Villa Pouca d'Aguiar foi um d'elles—Caetano Balthasar de Sousa Carvalho, senhor do reguengo d'Avinhão, F. C. R. e mestre de campo d'auxiliares. [1] Casou com sua prima D. Marianna de Carvalho e Menezes e teve:

José Philippe de Sousa de Carvalho, tam-

---

[1] Tambem foi alcaide-mór d'esta villa Martim Teixeira de Macedo, senhor da Teixeira e ascendente de Gonçalo Chrystovam, morgado de S. Braz, em Villa Real, e do Bomjardim, no Porto, etc.

Martim Teixeira militou na India, esteve na tomada d'Azamor e casou com D. Helena, filha de Francisco Machado Velho, senhor d'Entre Homem e Cavado.

bem F. C. R. capitão de cavallos, cavalleiro da ordem de Christo, senhor do reguengo d'Avinhão e tambem alcaide-mór d'esta villa.

Casou com D. Maria das Neves Peixoto, descendente dos *Peixotos Coelhos*, senhores de Vieira, Felgueiras, Travanca, Fermedo, etc., etc., e teve—D. Mariana Rita, que casou com Pedro Pacheco Pereira Pamplona, F. C. R., commendador da ordem de Christo, alcaide-mór de Villa de Rei, senhor d'Aveloso e da casa dos Pachecos Pereiras, do Porto, segundo se lê em differentes nobiliarios.

Do exposto se vê que esta villa foi acastellada;—e a *Chorographia Portugueza* claramente diz—*tem hum Castello, que se não he temeroso para o respeito, he adjutorio para o credito de acastellada;*—dizem-nos porem da localidade que hoje ali não ha castello algum *nem memoria d'elle*!

Eu tambem o não lobriguei.

Tomariam os seus alcaides-móres o titulo do castello de Tellões, cerca de 8 kilometros ao sul, mas no termo d'esta villa,—ou do castello do alto da *Regedoura* e da aldeia de *Cidadelhe*, onde, segundo se suppõe, esteve a cidade romana *Cauca*, nucleo d'esta villa e d'esta parochia? [1]

—

Tambem já lemos algures que a villa de *Aguiar da Pena* era differente de *Villa Pouca d'Aguiar*;—que Villa Pouca era uma simples aldeia, quando Aguiar da Pena já tinha foraes; — mas que Villa Pouca prosperou com o tempo e è hoje villa e séde de concelho e de comarca, decahindo Aguiar da Pena e ficando reduzida á condição d'aldeia!...

V. *Aguiar da Pena*, vol. 1.º pag. 39;—suppomos porem que *Aguiar da Pena* e *Villa Pouca d'Aguiar* foram sempre uma e a mesma povoação;—que a differença não passava do nome,—e que tomou o titulo de *Penha* ou *Pena* de um gigantesco fragão, denominado *Penha Aguda*, que se encontra no *Monte do Facho*, a cavalleiro da nova estrada real d'esta villa para a de Mirandella.

Accrescentaremos ainda—que n'este concelho não ha hoje aldeia alguma denominada *Aguiar da Pena*—nem memoria d'outra villa com tal nome,—e que do archivo da camara nada consta a tal respeito.

Aos illustrados filhos de Villa Pouca de Aguiar compete pôr as coisas no são — e muito estimarei me avisem para reparar os lapsos no *supplemento*.

—

Na elegante e vistosa capella do Santissimo Sacramento ha uma irmandade d'esta invocação, fundada em 1877 com os fundos das irmandades de Nossa Senhora da Conceição e de S. Pedro, que estavam erectas na egreja parochial, mas que ao tempo se achavam em decadencia. Tem a dicta capella 3 altares e arco cruzeiro, e no atrio se ergue sobre quatro columnas uma bella torre, onde está o relogio da villa.

Foi reitor d'esta freguezia o rev. Antonio de Magalhães, natural de Vidago, instituidor do vinculo dos morgados d'aquella povoação e insigne bemfeitor do convento de S. Francisco, de Chaves, pelo que a *Chronica da Provincia da Soledade* d'elle faz honrosa menção.

—

Nos principios d'este seculo foi capitão mór d'esta villa Bento José Teixeira Vahia de Miranda, cavalleiro professo da ordem de Christo e F. C. R. natural de Villa Meã, freguezia de S. Martinho de Bornes. Era descendente de Gonçalo Vaz, que militou com distincção nas guerras do nosso rei D. João I contra D. João I de Castella, pelo que o dicto nosso rei lhe deu o foro de fidalgo, para elle e seus filhos, por carta passada em Santarem a 4 de setembro de 1423,—carta que el-rei D. Manuel confirmou.

Esta nobilissima familia ainda conserva a sua casa solar em *Villa Meã*, muito dignamente representada e habitada pelas ex.^mas sr.^as D. Josepha dos Prazeres Carvalho Va-

[1] Nos apontamentos que *á ultima hora* se dignou enviar-me o meu illustrado collega Manuel Henriques da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, diz que effectivamente n'esta villa não ha vestigios de fortificação alguma;—que teve alcaides mores n'ella residentes, mas que se referiam ao tal castello de Tellões, tambem denominado *castello de Pontido*, por estar junto de uma aldeia d'este nome, pertencente á freguezia de Tellões.

hia e D. Carolina Teixeira Vahia, descendentes do esforçado capitão d'el-rei D. João I.

Ao sr. Antonio Eugenio Rodrigues e ao meu illustrado collega de S. Martinho de Bornes agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLA POUCA DA BEIRA—villa extincta e freguezia do concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Taboa, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Curato. Fogos 160, habitantes 774,—segundo o ultimo recenseamento. Orago S. Sebastião.

Na *Chorographia Portugueza*, na *Geographia Historica* de Lima e no *Port. S. e Profano* nem o titulo d'esta parochia se encontra!

O Flaviense deu-lhe 126 fogos em 1852—e J. A. d'Almeida 131 em 1866.

Pertenceu á antiga comarca e provedoria da Guarda e á corregedoria de Viseu.

Em 1840 pertencia ao concelho d'Avô, extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou para o de Oliveira do Hospital.

Tambem pertenceu ás comarcas de Arganil e de Midões. Outr'ora foi villa e concelho com justiças proprias, e teve casa de camara, cadeia e pelourinho, mas desappareceram ha muito.

Não nos consta que tivesse foral.

—

Comprehende apenas duas aldeias—a de Villa Pouca, séde da freguezia, e a de Digneifel,—o convento de freiras franciscanas do *Desaggravo*—o casal da Insua—e varias quintas, entre as quaes merece especial menção a quinta das *Obras*, pertencente a Antonio Joaquim d'Oliveira, d'esta freguezia.

Parochias limitrophes:—Lourosa e Covas a N.,—Avô, a S.,—Nogueira e Santa Ovaia (Eulalia) a E.—e Villa Cova a oeste.

A povoação de Villa Pouca está na margem direita do rio Alva, do qual dista 3 kilometros para N. O.—1 para S. E. da estrada real a macadam, n.º 12, de Coimbra a Celorico da Beira, pela ponte da Murcella e Vendas de Gallises, para S. O.—8 de Oliveira do Hospital,—15 de Taboa,—35 da estação de Santa Comba (a mais proxima) na linha ferrea da Beira Alta,—74 de Coimbra pela estrada real n.º 12,—193 do Porto—e 292 de Lisboa.

Passa na séde d'esta freguezia a estrada real n.º 46 de Tondella á Covilhã por Taboa, Candosa e Vendas de Gallises.

Producções dominantes:—milho e outros cereaes, vinho, azeite, batatas, feijões e excellente fructa, muito variada. Tambem cria algum gado lanigero.

—

Tem os templos seguintes:—a egreja parochial, pequena e humilde,—a egreja do convento, ampla, magestosa e muito bem tractada,—uma capella publica da invocação de S. Miguel,—e outra particular, junto das casas de D. Maria do Ó Osorio Cabral.

Consta que em tempos muito remotos existiu um convento no local onde hoje se vê a capella de S. Miguel. Não ha muito que ali se encontraram sepulturas de pedra antiquissimas.

O edificio mais notavel d'esta parochia é o convento. Depois d'elle os que mais avultam são os seguintes: — a casa que foi de José d'Abreu Mascarenhas Castello Branco Brandão, hoje de D. Maria do Ó Osorio Cabral,—a que foi dos *Chicorros*, de Monforte hoje de Antonio Joaquim d'Oliveira,—a de Cazimiro da Fonseca Gouveia, recentemente construida,—e na povoação de Digneifel a que pertenceu á familia *Madeiras*, de Lagares, e que hoje pertence ao dr. Francisco Borges Mendes Cruz, morador na Redinha.

Villa Pouca tem dois largos – o da *Praça* e o do *Cantinho*,—e 4 ruas: — da Fonte, da Capella, do Infesto e do Outeiro.

Banham esta freguezia os tres pequenos ribeiros da Cal, da Corga, e do Pombal, que desaguam a pequena distancia no Alva,—e tem na margem direita d'este rio dois moinhos para moer cereaes e um para moer azeitona.

—

Esta freguezia soffreu bastante com a guerra peninsular e com as guerras civis posteriores.

Imagine-se o que devia soffrer em 1811 quando o exercito francez de Massena retirou das linhas de Torres Vedras pela ponte

da Murcella, atravez d'esta freguezia e d'este concelho e dos de Ceia e Gouveia até Celorico, seguindo, com pequenas variantes, a mesma estrada real n.º 12, supra indicada.

Batido de perto pelo exercito anglo-luso e tendo soffrido um duro revez na passagem do Alva, saqueou e tractou com a maior deshumanidade todos estes povos, que por seu turno tambem não davam quartel aos malditos corsos.

Ainda hoje aqui se orgulham citando o nome de uma tal *Michaela*, filha d'esta parochia, que por essa occasião matou um soldado francez junto das Vendas de Gallises.

Durante a guerra civil de 1846 a 1847 travou-se aqui um tiroteio entre os filhos d'esta parochia e a guerrilha ou *quadrilha* dos Brandões de Midões, ficando mortos José Nogueira e José Bernardo, ambos d'esta freguezia.

Junte-se mais este florão á historia sanguinolenta d'aquelles heroes do crime [1].

—

Além da virago *Michaela*, produziu esta parochia outra mulher muito notavel pela sua piedade e virtudes,—*Genoveva do Espirito Santo*, que viveu nos fins do ultimo seculo e principios do seculo actual.

Sendo uma pobre e analphabeta pastora, resolveu fundar um convento,—e tanto lidou que percorreu grande parte do nosso paiz esmolando; foi incluzivamente ao Rio de Janeiro duas vezes, quando ali se achavam D. João VI e a familia real portugueza; mas teve a satisfação de ver o seu tão querido convento feito, com uma magestosa egreja e uma linda cerca.

É o convento de freiras franciscanas do *Desaggravo do Santissimo Sacramento*, ainda hoje habitado e muito bem situado a leste e junto da povoação de Villa Pouca, em sitio alto, alegre e vistoso.

O edificio ficou incompleto, mas tinha amplidão bastante para numerosa communidade,—segundo a regra austerissima d'este piedoso instituto, que parece não pertencer a este seculo, mas aos tempos em que nos mosteiros tudo era penitencia, austeridade e santidade.

—

N'este mosteiro as religiosas nunca tiveram criada alguma, o que tornava o seu pessoal interno sempre restricto,—emquanto que n'outros, nomeadamente no real mosteiro d'Arouca, tinha cada religiosa 2 a 3 criadas, pelo que o numero d'estas chegou a ser de 200 a 300, quando o numero das *nobres* filhas de S. Bernardo era de 80 a 100. E ainda hoje havendo ali apenas 2 religiosas professas, tem *trinta e tantas criadas!*

Foi, e é ainda hoje um dos mosteiros mais ricos de Portugal,—emquanto que este de Villa Pouca viveu sempre de esmolas!...

No de Arouca matavam todos os dias um boi para a communidade,—para a sua vasta e faustosa hospedaria—e para o grande numero de pobres que sustentava,—emquanto que n'este de Villa Pouca as freiras comeram sempre de magro.

No de Arouca todas as religiosas eram obrigadas a levar um faqueiro de prata, um apparelho de chá de louça da India, com duas duzias de chavenas, colherinhas correspondentes, espumadeira, tenaz e uma salva, tudo de prata,—roupas brancas guarnecidas, luxuoso leito, etc. [1]—emquanto que n'este de Villa Pouca a pobresa foi sempre verdadeiramente franciscana e tanto que o leito das religiosas foi sempre uma *tarima de taboas nuas, tendo por cabeceira um cepo com uma cavidade para poisarem a cabeça!...*

—

Na *Carta* do benemerito bispo-conde de Coimbra ao seu cabido sobre a visita pastoral de 1875, se lê o seguinte:

«No dia 24 fomos pernoitar á hospedaria do Convento do Desaggravo do SS. Sacramento de Villa Pouca da Beira, sendo ali esperado pelo clero, por muitos cavalheiros, pelas auctoridades locaes, e pela força d'um destacamento de infanteria estacionado em

---

[1] V. *Villa Cova de Sub-Avô, in fine*,—o artigo *Vide*, freguezia do concelho de *Ceia*,—e os artigos citados na respectiva nota.

[1] V. Arouca n'este diccionario e no *supplemento* e o *Conimbricense* de 23 de junho de 1885.

Oliveira do Hospital; e n'aquelle logar nos demoramos bastantes dias, visitando a egreja do Convento e as das freguezias circumvisinhas.

«Em todo este tempo tivemos occasião de observar e admirar a abnegação e a dedicação sublime e quasi sobrehumana, com que aquella dovota communidade, de quatro religiosas professas e dezeseis pupillas, preenche cabalmente todas as obrigações do seu austerissimo e sancto Instituto: e não se comprehende nem se acredita hoje no seculo que estas senhoras, quasi todas velhas, e com quatro doentes e de todo impossibilitadas, levem a abnegação e a piedade a poncto de cumprirem com maximo rigor as obrigações todas do seu sancto Instituto.

«Além do serviço do côro, que é muito pesado e a differentes horas do dia e da noite, e a que assistem todas, estão duas, que se revezam, constantemente de joelhos, de dia e de noite, em adoração ao SS. Sacramento. Cuidam dos diversos guisamentos e alfaias, empregadas no culto divino: e n'esta parte é muito para admirar o aceio e boa ordem que manteem em tudo; o esmero das roupas brancas, todas de muito trabalho; o arranjo dos paramentos, alguns mui ricos e a maior parte concertados e preparados por ellas; as muitas flores artificiaes que fazem e muito delicadas, para adornar a Egreja, que é um verdadeiro primor de aceio e de elegancia. Além d'isto, carregam com todo o trabalho da enfermaria, da botica e da roda; cultivam e tractam um pequenino jardim; fazem por si só o serviço da cosinha e do refeitorio, porque nem podem nem lhes é permittido ter creadas; cosem o pão e a broa para o convento e para a hospedaria, onde vivem o Padre confessor e os criados da lavoura; varrem e lavam as casas, que estão muito limpas e aceadas; e para todas estas cousas chega-lhes o tempo e a saude!

—

«Para descançarem e se confortarem de tantos trabalhos, fadigas e vigilias, teem apenas, para habitação, uma casa em um paiz frio, exposta aos rigores do norte, humida, muito velha, crivada de buracos, e sem conforto de qualidade alguma, a não ser a enfermaria;—para a alimentação, comida de magro todo o anno, jejum quasi sempre, e pão e agua para a ceia;—para vestuario, um habito de burel sobre o corpo, atado na cinta com um cordão de S. Francisco, e um panno preto por cima da cabeça e da cara, tanto de verão como de inverno;—para dormida, uma pequena cella com uma grande cruz de madeira, algumas taboas nuas postas sobre dois bancos, uma coberta de burel e um cepo com uma cavidade no meio, onde reclinam a cabeça;—e para recreio e distracção, a penitencia e o silencio continuos!

«E, por cima de tudo isto, é admiravel a larga edade a que chegam, e a sancta alegria e satisfação em que vivem; só porque as consola e anima o amor divino em que se abrazam, e porque não lhes corroem nem minam a vida as paixões, as contrariedades e os remorsos, que no seculo a tantas e a tantos dão morte prematura e atribulada! [1]

«Assim, pois, n'estes tempos de frio egoismo, e quasi só de gozos e prazeres materiaes e de interesses mundanos, são summamente consoladores, enternecem e edificam tamanhos prodigios de abnegação, de caridade e de heroismo, que só a religião sancta de Jesus Christo é capaz de inspirar: e nós damos a Deus muitas graças por nos conceder a mercê de termos nas terras da Beira, que constituem a parte maior do nosso Bispado, um convento tão venerado pelos Fieis, e que é um verdadeiro modelo na perfeição da vida religiosa e na practica das virtudes christãs, cuja fragrancia se derrama por todos aquelles contornos, com proveito assás conhecido para a conservação dos bons costumes, para o bem dos proximos e para salvação das almas.

«Todas estas cousas referimos e expuzemos nós ao ex.^{mo} ministro dos negocios ecclesiasticos, e tencionamos chamar em tempo opportuno a attenção de s. ex.^{a} para esta

---

1 Effectivamente não são raros n'este sancto instituto os casos de longevidade. No dia 22 d'agosto de 1884, por exemplo aqui falleceu soror Maria de Sant'Anna, contando 77 annos de edade e de religiosa professa 58!

Era uma senhora virtuosissima, natural da cidade da Guarda.

casa religiosa, que, embora um pouco mais remediada hoje, ainda vive de esmolas; e em tempo já chegou a taes apuros, que as religiosas se alimentavam de *leitugas e saramagos*! E o governo de Sua Magestade, que tem sido sempre benevolente e generoso para com todas as religiosas d'este Bispado [1] não ha de querer que as de Villa Pouca soffram outra vez tão duras privações; e certamente Deus Nosso Senhor não ha de tal permittir, emquanto nós tivermos ou podermos haver, um boccado de pão para repartir com ellas.»

As festas principaes que hoje se celebram na egreja d'este convento são a do *Desaggravo*, de 15 a 18 de janeiro, (dura 3 dias) —e em junho a do *Coração de Jesus*.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu n'este seculo merece especial menção tambem José d'Abreu Mascarenhas Castello Branco Brandão.

Reformou á sua custa a egreja matriz e a ornou com damascos, paramentos e outras alfaias, despendendo com ella, ao todo, mais de oito contos de réis!...

Sobre esta freguezia teem pesado trovoadas medonhas e cahido muitas faiscas electricas. Ha poucos annos uma matou 3 pessoas e um rebanho de gado lanigero;—outra matou uma rapariga e gado tambem,—e em 1870, por occasião da festividade da Ascenção do Senhor, cahiu um raio na torre da egreja do convento, abrindo larga brecha no zimborio e lascando a porta da mesma torre.

Na quinta das *Obras*, de Antonio Joaquim d'Oliveira, teem apparecido varias moedas romanas.

[1] A *benevolencia* e *generosidade* dos nossos governos para com as religiosas do bispado de Coimbra e dos outros nossos bispados *não tem limites*. Os factos bem o provam!...

Ha muito que os nossos conventos de freiras foram condemnados a uma morte lenta e hoje se acham quasi todos extinctos. Só no 1.º semestre do corrente anno (estamos em julho de 1885) se fecharam e extinguiram 4:—o da Estrella, em Lisboa,—o de Santa Anna, em Coimbra,—o de Sá, em Aveiro—e o de Santa Monica, em Gôa.

Desapparecem os conventos, mas pullulam as casas de prostituição e de jogo,—os atheus materialistas e livres pensadores,—os communistas, nihilistas e anarchistas.

Le monde marche!...

VILLA DE PUNHE—freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga.

Reitoria. — Orago Santa Eulalia, — fogos 385,—habitantes 1:551.

O meu benemerito antecessor já fallou d'esta parochia no titulo *Punhe*, vol. 7.º pag. 714, col. 2.ª, mas tão summariamente que não podemos deixar de accrescentar o seguinte:

—

Demora *Villa de Punhe*, séde d'esta parochia, na estrada de Vianna para Braga, na margem esquerda do Lima, do qual dista 5 kilometros para S.—8 de Vianna para SE. —e 30 de Braga para O. N. O.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de *Milhões*, Arques, Neves, Portella, Monte, Regos, Toupeira, Outrello, Chasqueira e Fonte de Algueira.

Freguezias limitrophes:—Couto de Capareiros e Mujães, ao nascente,—Villa Fria e Alvarães ao poente,—Sub Portella e Villa Franca, ao norte,—e Fragoso, além do Neiva, ao sul.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde—e a distancia de 300 metros ha na freguezia de Alvarães um apeadeiro, junto da estação de Barrozellas, no caminho de ferro do Minho.

Banha esta freguezia um pequeno ribeiro, que nasce no monte de Roques.

Producções dominantes:—milho, vinho, centeio, feijões, fructa e hervagens.

—

É uma das freguezias mais importantes do concelho;—a sua população é muito laboriosa e tem dado bons artistas e homens de genio energico e emprehendedor, entre os quaes se distinguiu n'este seculo Sebastião da Silva Neves, de quem já se fallou a pag. 425 d'este volume. Tomou o appellido da aldeia das *Neves*, onde nasceu e onde ha um grande souto de carvalhos, nos limites de Mujães e Capareiros.

A egreja matriz denota reconstrucção do ultimo seculo.

Ha tambem n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*Nossa Senhora das Neves*, que está na aldeia d'este nome, no dito souto de carvalhos, pertencente á familia de José da Cunha do Rego Barreto Alpoim.

Tem grande festa annual, no dia 15 de agosto.

2.ª—*S. Chrystovam*, na soberba quinta da Portella, de D. Jeronyma Theresa d'Alpoim e Silva, de quem logo fallaremos.

3.ª—*Nossa Senhora do Carmo*, na quinta de Domingos da Rocha Brandão Portocarreiro.

4.ª—*Senhor dos Afflictos*, pertencente a Antonio José Barbosa.

5.ª—*Senhor do Bomfim*, no caminho, em Arques.

6.ª—*Senhor dos Passos*, em frente da egreja matriz.

—

Ha n'esta parochia 3 bellas quintas,—na aldeia de *Arques* a de Torquato d'Abreu Teixeira Soares, com um grande montado,—na aldeia das *Neves* a de José da Cunha do Rego Barreto Alpoim,—e a quinta da *Portella*, muito digna de especial menção.

O vinculo d'esta casa foi instituido no anno de 1710 por Chrystovam d'Alpoim da Silva, da casa de Villa Fria, casado com D. Maria da Rocha Bravo, o qual, por não deixar successão, nomeou successor do vinculo um seu parente, e por fallecimento d'este passou para a casa de *Calvêllo*.

Chrystovam d'Alpoim falleceu em 1716.

Quando tractámos de Villa Fria, a pag. 760 d'este volume, promettemos fallar dos Alpoins d'aquella parochia e fazer uma rectificação ao que sob o titulo *Paço de Villa Fria*, se lê na interessante *Noticia Biographica das cidades, villas e casas illustres do Minho*, publicada pelo rev. sr. dr. A. L. de Figueiredo.

Os Alpoins de Villa Fria não são senhores da casa de *Merece*, em Calvêllo, nem tão pouco esta freguezia demora no concelho de Penella, ha muitos annos extincto, mas sim no concelho de Ponte de Lima.

A pag. 341 d'este volume dissemos:

Alpoins Silvas

«Senhores do *Paço de Villa Fria*, de que è actual senhor Jeronymo d'Alpoim da Silva e Menezes.»

O outro ramo dos Alpoins, senhores de *Merece*, por alliança com os Regos, é representado pela sr.ª D. Jeronyma Thereza d'Alpoim e Silva, senhora dos vinculos da *Portella*, *Merece*, *Pousada* e outros.

—

São estes os dois ramos principaes e com representação nos vinculos.

Jeronymo d'Alpoim (filho de João Martins d'Alpoim, o 1.º que se estabeleceu em Villa Fria) teve entre outros filhos:

—Chrystovam d'Alpoim, 5.º avô do actual senhor do Paço de Villa Fria, e
—Bernardo d'Alpoim da Silva, 6.º avô da sr.ª D. Jeronyma Thereza d'Alpoim e Silva.

São, pois, dois ramos distinctos e separados desde os fins do seculo XVI.

Os Alpoins succederam nos morgados de Calvêllo em 1735, pelo casamento de Bernardo de Alpoim da Silva e Abreu, fidalgo da Casa Real, com D. Maria Caetana de Castro, filha e herdeira de Pedro do Rego Barreto e Castro, senhor do morgado de *Merece* e capitão-mór do concelho de Albergaria de Penella.

De Bernardo d'Alpoim e de D. Maria Caetana é bisneta e successora a virtuosa e illustre fidalga de *Calvêllo*.

—

Ao meu bom amigo e benemerito Cyreneu, o ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Se eu em cada districto tivesse a fortuna de encontrar um Cyreneu assim—o diccionario valeria o dobro e me incommodaria *bem menos!...*

VILLA REAL—freguezia extincta no extincto bispado d'Elvas.

Orago Nossa Senhora da Assumpção. O parocho era *capellão-cura* da apresentação

da mitra—e tinha de rendimento 240 alqueires de trigo e oitenta de cevada.

Esta parochia distava d'Elvas tres leguas —e em 1768 contava 34 fogos,—segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*; mas foi extincta e annexada não sabemos a qual, pois nenhuma chorographia a menciona, nem ha hoje em toda a provincia do Alemtejo povoação alguma, pequena ou grande, com o nome de *Villa Real*. Até o nome perdeu!

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Tavira, diocese de Faro, provincia do Algarve. Priorado.

Orago—Nossa Senhora da Encarnação,—fogos 954,—habitantes 4:255—pelo ultimo recenseamento; mas hoje (agosto de 1885) a sua população é a seguinte:—fogos na villa 982;—em *Monte Gordo* 270;—em differentes *hortas* (casaes e quintas?) 230;—na velha *Casa da Audiencia* 3;—total 1:485 fogos e 6:140 habitantes.

A *Chorographia Portugueza*, o *Portugal S. e Profano* e a *Geographia Historica* de Lima não mencionam esta villa, porque data, como logo diremos, de 1774; mas, segundo se lê na *Chorographia do Algarve* por João Baptista da Silva Lopes, contava ella 197 fogos em 1777;—em 1802—fogos 278, habitantes 1:283;—em 1828—fogos 440,—habitantes 1:720;—em 1835—fogos 440,—habitantes 1:305;—em 1836—fogos 408,—habitantes 1:401;—em 1837—fogos 358,—habitantes 1:755,—casamentos 22,—nascimentos 84,—obitos 44,—e em 1839 contava 355 fogos na villa e 58 na aldeia de Monte Gordo—total 413 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe os mesmos 413 fogos e Almeida 720 em 1866.

Até á extincção dos dizimos a congrua d'este priorado eram 360 alqueires de trigo, 180 de cevada, 82 almudes de vinho e cincoenta mil réis em dinheiro, pagos pela commenda de Cacella, da ordem de S. Thiago, que comprehendia este concelho e parte do de Castro Marim, e andava arrendada por 1:600$000 réis, livres de decima.

Recebia mais o prior 11$000 réis de um fôro—e pagava ao thesoureiro ou sacristão 24$000 réis.

Em 1839 foi arbitrada a congrua do prior d'esta villa em 270$000 réis, calculando-se o pé d'altar em 50$000 réis e dando-se-lhe o restante em derrama; e, como aquelle arbitramento ainda hoje vigora, recebe, ou deve receber o prior 220$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar, cujo rendimento póde calcular-se em 200$000 réis;—total 450 a 500$000 réis.

—

Esta parochia é formada pela villa do seu nome, por differentes *hortas* e pela aldeia ou povoação de Monte Gordo, habitada exclusivamente por pescadores e situada á beiramar, entre a foz do Guadiana e Cacella.

Limitam Villa Real: ao norte Castro Marim,—ao sul o Atlantico,—a leste o Guadiana—e Cacella ao poente.

O concelho é limitado ao norte pelo de Castro Marim,—ao poente pelo de Tavira, —ao sul pelo Atlantico—e a leste pelo Guadiana.

Comprehende:

Superficie em hectares............	10:987
Predios inscriptos na matriz......	1:920
Freguezias Villa Real e Cacella...	2
Fogos..........................	2:139
Habitantes......................	8:595

Esta villa está situada em planicie arenosa na extremidade S. E. do nosso paiz, sobre a margem direita do Guadiana e na confluencia d'este rio com o Atlantico, do qual dista 3 kilometros para o norte;—outros 3 de Ayamonte, villa fronteira da Andaluzia, para S. O.—5 (em recta) da villa de Castro Marim, para S. E.—22 de Tavira, para E. N. E.—51 de Faro, para E. N. E. tambem,—55 de Mertola, pelo Guadiana, para S. S. E. —105 da estação de Beja, actualmente a mais proxima na linha ferrea do sul,—e por esta linha ferrea:—195 kilometros d'Evora, —259 de Lisboa,—596 do Porto,—678 de Vianna do Castello,—701 de Caminha—726 de Valença do Minho—e 160 do Cabo de S. Vicente para E. N. E.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se a 2—a egreja matriz que se ergue ao norte da

praça, na villa,—e a capella de Nossa Senhora das Dores na povoação de Monte Gordo.

A egreja matriz é um templo elegante, bem tractado e bem conservado, mas hoje muito pequeno para a população da villa. Foi mandado fazer pelo marquez de Pombal em 1774—e n'elle se celebram actualmente com grande pompa duas festividades —a de Nossa Senhora da Encarnação (padroeira)—e a de Nossa Senhora do Carmo, —além d'outras festas menos apparatosas.

A capella de Nossa Senhora das Dores é mais antiga,—está bastante arruinada—e n'ella se celebra com grande pompa e extraordinaria concorrencia de devotos a festa e romaria annual da padroeira.

A dicta capella serviu de matriz d'esta parochia desde que ficou soterrada nas areias a egreja da extincta povoação de *Santo Antonio d'Arenilha*, até que se fundou a villa actual e a nova egreja da Senhora da Encarnação, para a qual passou a matriz em janeiro de 1775.—O seu primeiro prior foi o padre Jorge Arraes, por decreto de 1774.

Ha n'esta villa mercado semanal aos domingos—e uma feira annual no dia 12 de outubro, a qual antigamente era franca e durava 3 dias.

—

Banham esta parochia:—o Guadiana a leste,—o Atlantico ao sul—e ao norte, a 2 kilometros de distancia, o esteiro da *Carrasqueira*, que atravessa as lezirias da *Companhia Geral Agricola Financeira*,—move um moinho de cereaes—e desagua no Guadiana, em frente de Ayamonte.

Todo o chão d'esta parochia é suavemente ondulado, arenoso, mas fertil, e poucos metros superior ao nivel do mar. No ponto mais alto tem uma pyramide geodesica, nas proximidades da villa, marcando apenas 41 metros de altitude. A villa está em terreno muito mais baixo—e mais baixo ainda é o terreno que lhe fica ao norte, para o lado de Castro Marim,—terreno espaçoso, em que outr'ora houve salinas, mas que, abandonadas estas, ficou como sempre fôra—uma pateira, alagada e inculta, e um grande foco de infecção até 1875, data em que o governo cedeu aquelles terrenos alagadiços á *Sociedade Geral Agricola Financeira*, que os beneficiou e arroteou, transformando-os em uma das melhores e mais ferteis campinas do Algarve,—com grande vantagem para a companhia,—para o thesouro,—para a hygiene publica,—para esta villa—e para os povos circumvisinhos, pois na lavoura da grande campina se empregam muitos dos seus habitantes.

—

Para se formar idéa do valor que attingiram aquelles sapaes, note-se que só de cevada teem produzido em alguns annos mais de mil moios, ou 60:000 alqueires!... Tambem produzem trigo, melões, melancias e batatas.

Com relação aos dictos sapaes disse o *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1876, o seguinte:

«É sabido que o governo fez concessão á *Sociedade geral agricola financeira* de 400 hectares de terrenos salgadiços, situados perto de Villa Real de Santo Antonio, com o fim de serem por ella aproveitados em beneficio da agricultura do Algarve.

Conta apenas mezes essa concessão e graças ao impulso dado ás obras destinadas a melhoral-os, consta do officio dirigido pelo distincto engenheiro João Macario de Castro, á administração da Sociedade geral, que a construcção dos diques em terra se acha completa e nas devidas condições, segundo o projecto que se mandou executar, satisfazendo completamente ao fim a que é destinada, como se verificou tanto por occasião das marés de aguas vivas, como por occasião das chuvas que cairam em fins de novembro, e em 14 e 15 de dezembro do anno proximo passado.

A plantação das marismas nos diques, necessaria para a boa conservação d'estes, está quasi concluida.

Á construcção das comportas nos dois esteiros em que deviam ser construidas, falta apenas pôr o remate na do esteiro mais largo.

O que resta concluir é mui pouco, e sem difficuldades de execução. D'este serviço fica encarregado o sr. Figueiredo, que desde to-

do o principio se tem desvelado em cooperar para a feliz ultimação d'estes trabalhos.

É este agronomo a quem d'ora em diante fica incumbida a missão dos melhoramentos agricolas d'esta importante propriedade, pertencente á *Sociedade geral.*

Do estado agronomico dos terrenos dos dictos sapaes, podia bem inferir-se *a priori* que convenientemente beneficiados, seriam de natureza a retribuirem largamente os adiantamentos feitos em seu beneficio pela Sociedade Geral. Os resultados, porém, que estão em via de se obter, vão muito além das previsões. As sementeiras já executadas nos terrenos mais lavados apresentam um aspecto soberbo, sendo para notar que esse facto se dá tanto com as cevadas, que se conformam particularmente com terrenos d'aquella natureza, mas mesmo com os trigos.

—

«É inquestionavel pois que a capacidade productiva d'aquelle solo será verdadeiramente excepcional.

Animada por estes primeiros ensaios, a *Sociedade Geral* fez executar immediatamente o arroteamento completo de toda a superficie da propriedade, sendo o numero de juntas de bois que n'este momento andam ali empregadas na lavoura 104; do que resultará a prompta conclusão dos primeiros trabalhos culturaes. O serviço d'este gado, alem de ser excellente, é de uma baratesa desconhecida em qualquer das nossas outras provincias, pois que não excede o preço de 550 réis diarios por junta. Este preço barateia muito o custo da exploração, e pela facilidade que ha em o obter, dispensa a *Sociedade geral* do mais embaraçoso e do mais dispendioso dos encargos, o qual consistiria em possuir gado seu para trabalho. Só o saberá avaliar quem lida praticamente com estas coisas.

Da promptidão com que a *Sociedade Geral* executa os trabalhos da riqueza accumulada em um solo virgem de toda a cultura, e da economia e simplificação que deverá resultar de uma boa administração, pode-se desde já concluir que o governo obrou acertadamente concedendo terrenos que nada produziam, e que a *Sociedade Geral* fez um bom negocio solicitando a sua acquisição para os arrotear e beneficiar, contando com uma boa remuneração do emprego dos seus capitaes.»

—

Em novembro do anno seguinte (1877) dizia um outro jornal:

«Emquanto que na Granja do Marquez os apparelhos de Fowler, pelo trabalho executado em condições as mais difficeis do solo, deram resultados que justificam o feliz intuito com que o governo os adquiriu; nas vastas propriedades de Villa Real de Santo Antonio, pertencentes á *Sociedade geral agricola e financeira*, os resultados obtidos por apparelhos quasi identicos do mesmo auctor, vão além de tudo quanto a espectativa mais exigente poderia reclamar.

Assim o confirmam as successivas communicações sobre tão importante assumpto, confessando se todos verdadeiramente maravilhados com tão admiravel invento.

A fama do successo já começa a produzir os seus effeitos. Lavradores importantes do Alemtejo tem ido expressamente a Villa Real de Santo Antonio para observarem e presencearem de perto o trabalho dos apparelhos; e todos, sem excepção, tem voltado admirados, e o que mais é, convencidos da enorme importancia para os casos que a supportam, da cultura pelo vapor.

Charruas grades e *arroteadora*, todos estes instrumentos teem feito rigorosamente o seu dever. Aferimos este pelas promessas do fabricante. Só um instrumento, o *Cultivador*, vae ainda muito além d'aquellas promessas.

Composto de 9 dentes em forma de lança, rasga o solo a 12 centimetros de profundidade, descobrindo-a tão a eito, que, fossando-se a terra em sentido transversal, não se encontra a mais leve porção encruada. É como se se executasse uma lavoura com 9 arados nossos, dos mais perfeitos, ao mesmo tempo, com a differença de não deixarem *raposas* e correrem com velocidade dupla do que se fossem tirados por animaes.

Tem este instrumento chegado a lavrar nas terras da *Sociedade geral* 15 hectares por dia de 10 horas de trabalho! Quer isto

dizer que tem feito n'um só dia o trabalho em que seriam necessarias 60 juntas de bois!»

—

Graças pois ao governo e á *Sociedade geral agricola e financeira* pela transformação d'aquelles sapaes em uma granja modêlo, a producção principal d'esta freguezia é cevada. Tambem produz outros cereaes, vinho, hortaliças e optimas laranjas, tão doces em novembro como em outras terras do nosso paiz no mez de maio — e com a casca tão fina que mal se podem exportar ou conduzir para distancia, porque ao mais leve choque se mogoam e estalam.

Rivalisam com as de *S. Mamede de Riba Tua*, concelho d'Alijó, em Traz-os-Montes, junto da estação de *Tua*, na linha ferrea do Douro, que são talvez as melhores do nosso paiz, posto que tambem gosam de justa fama as de Gouvinhas, da Rêde e d'outros pontos do Alto-Douro,—as de Amares e de Setubal, — as d'Evora, Elvas e Portalegre, no Alemtejo,—as de Coimbra e da Madeira—e as de Monchique, no Algarve tambem; mas, desde o meado d'este seculo, todos os nossos laranjaes adoeceram e causam dó! Os velhos, alguns formados por laranjeiras seculares e de grande porte, desappareceram, —e os novos não resistem á doença nem se descobriu até hoje meio de os preservar.

Aqui no Algarve costumam reconstituil-os por enxertia em estacas de cidrão, caiando depois os troncos e as hastes ou vergonteas mais grossas das laranjeiras; mas isso não obsta a que, passados alguns annos, murchem e sequem, como em todo o nosso paiz, o que é para lamentar porque, além de ser a laranjeira uma arvore lindissima, principalmente quando está em flor [1], ou carregada de pomos d'ouro,—a laranja era um rendoso artigo d'exportação, — tinhamos grandes laranjaes—e podiamos augmental-os espantosamente.

Em Setubal vimos nós um em reconstituição, formado por 8:000 laranjeiras, ainda pequenas e muito novas, mas que em 1880 (segundo ali nos disseram) foi arrendado por oito contos de réis!...

É o maior e mais lindo laranjal de todo o nosso paiz.

—

Esta villa não só è abundante e mimosa de peixe do Guadiana e do mar, mas o peixe constitue a sua principal riqueza,—nomeadamente a sardinha, a corvina e o atum.

A sardinha quasi toda é colhida na praia da aldeia de *Monte Gordo*,—aldeia que vive exclusivamente d'aquella industria. Tambem n'esta villa se formaram nos ultimos annos algumas armações que exploram com bom exito a mesma pesca.

O atum que, desde tempos muito remotos constitue uma das industrias mais rendosas do Algarve, é colhido em grandes armações proprias desde o Cabo de S. Vicente até o de Santa Maria, ao sul de Olhão. D'ali para leste não ha armações, porque o atum segue do dicto cabo em direcção a Gibraltar, onde vae desovar e fazer creação, afastando-se muito da costa de Portugal e da Hespanha desde o Cabo de Santa Maria até Gibraltar; mas os armadores o trazem a esta villa e aqui o vendem em grande quantidade, tanto para a Hespanha, nomeadamente para a villa de Ayamonte, como para gasto d'este concelho e d'outros do Algarve e do Alemtejo,—e para abastecimento das 5 fabricas de conservas, aqui montadas, que, depois de preparado, o mandam para a Italia, em latas e barris,—com grande lucro, pois costumam compral-o aqui a 30 réis o kilo e vendel-o na Italia a 600 réis!...

Nas dictas fabricas preparam atum, sardinha, sarda e outras variedades de peixe. Das 5 fabricas 2 são italianas, pertencentes aos srs. Parodi e Migoni,—e 3 nacionaes, pertencentes aos srs. Barreto, Tenorio e Ramires. Cada uma d'ellas occupa 20 a 30 rapazes, 30 a 50 homens e 40 a 50 mulheres.

---

[1] Que saudades eu tenho do pomar de laranjeiras, (hoje d'um meu irmão) contiguo á casa onde nasci, na margem esquerda do Douro,—em frente da estação das *Caldas do Molledo!*

Formava na minha infancia um bosque cerrado, encantador viveiro de rouxinoes no verão e, quando estava todo florido,—o aroma suffocava, inebriava!

V. *Corvaceira*, vol. 2.º pag. 406, col. 1.ª

É Villa Real de Santo Antonio um dos emporios mais importantes do atum e tem na margem do Guadiana uma praça coberta quasi exclusivamente destinada para elle.

—

Além das 5 fabricas de preparação do peixe, ha n'esta villa mais 4 de tecidos, sendo uma d'ellas movida a vapor.

N'estas fabricas se fazem pannos de linho, riscados, toalhas, canhamaço, camisolas, meias, alpargatas, etc.

Ha n'esta villa tambem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos,—um hospital em construcção denominado *Marquez de Pombal*,—um *Monte-pio Artistico*,—um *Compromisso Maritimo*,—um pequeno theatro,—um pharolim,—e ao norte da villa, na margem do Guadiana, a bateria da *Carrasqueira*, que fórma com as de *Cabeço*, *Monte Gordo*, *Ponta da Areia*, *Médo Alto* e *Pinho* o 7.° grupo das nossas antigas fortalezas do Algarve, dependentes de Villa Real de Santo Antonio, que hoje teem apenas alguns veteranos.

V. *Algarve*, vol. 1.° pag. 126.

Ha tambem n'esta villa um club, denominado *Sociedade recreativa de Villa Real de Santo Antonio*,—uma *Associação de Bombeiros Voluntarios*,—dois hoteis,—differentes casas de pasto,—bons estabelecimentos commerciaes e para aprestes de navios,—pharmacias,—cafés,—varias agencias de bancos e companhias, etc.

—

Tambem no momento (agosto de 1885) ha n'esta villa um lazareto, como parte integrante do cordão sanitario que o nosso governo estabeleceu no mez ultimo em volta de todo o nosso paiz, para ver se o preserva do *cholera morbus*, que está assolando a Hespanha, nomeadamente a Andaluzia [1].

Deus defenda Portugal, como defendeu no anno ultimo, pois tendo tambem o cholera feito muitas victimas na França, não entrou no nosso paiz;—mas bem castigado foi já n'este seculo com aquella epidemia, em 1834 e 1855 a 1856.

O mencionado lazareto estreou-se com 600 jornaleiros portuguezes que vinham das ceifas da Andaluzia.

Para receber tão grande numero de quarentenarios, foi mister addiccionar-lhe differentes barcos.

Santo Antonio d'Arenilha, Monte Gordo e *Villa Real de Santo Antonio*

Junto da foz do Guadiana, ao sul da hodierna *Villa Real de Santo Antonio*, existiu desde tempos muito remotos uma povoação denominada Villa de *Santo Antonio d'Arenilha*, [1] que foi soterrada e aniquilada pelo mar e pelas areias—e talvez saqueada e incendiada pelos corsarios, como outras muitas povoações da costa. Em 1837 mal se distinguiam as ruinas d'ella, mas em 1673 ainda viviam pessoas que a outras de longa edade ouviram dizer que ainda a conheceram povoada [2].

É certo que em 1750, sendo elevado ao throno D. José I, a margem portugueza do Guadiana, desde Castro Marim até o pontal da barra e a costa do Atlantico, e desde a foz do Guadiana até á povoação de *Monte Gordo*, cerca de 4 kilometros para O., estavam

---

[1] O registo do cholera publicado pela *Gaceta* de 8 do corrente dava: em Madrid 20 casos e 10 obitos, e em Aranjuez 50 casos e 39 obitos.

Das provincias dava: em Alicante 138 casos e 67 obitos; em Murcia 151 casos e 55 obitos; em Valencia 822 casos e 411 obitos; em Cuenca 11 casos e 2 obitos; em Teruel 7 casos e 5 obitos; em Saragosa 128 casos e 36 obitos; em Cartagena 24 casos e 17 obitos, e em Castellon 114 casos e 50 obitos.

Em 14 dias houve nas 8 provincias de Hespanha atacadas pelo cholera, 12:760 casos e 5:947 mortes!

O ponto mais flagellado é a provincia de Valencia, onde a media diaria dos obitos é de 323.

Desgraçada Andaluzia! E note-se que ainda no ultimo anno perdeu milhares de casas e muitos centos de vidas com os terremotos que a assolaram durante mezes!...

[1] «Entre Cacella e Castro Marim, na praia que faz entrada para a barra d'Aiamonte.» *Chorog. do Algarve* por Baptista Lopes, pag. 383.

[2] *Const. do Bispado* e *Catalogo dos Bispos do Algarve*.

completamente desertas;—e que *Monte Gordo* era uma aldeia de pescadores, formada por simples *palheiros*, cabanas ou *palhoças* (pequenas habitações cobertas de palha) como Espinho, ao norte d'Ovar, ainda no meiado d'este seculo; mas era tambem como Espinho, uma aldeia muito importante pela sua população, pelas suas pescarias, e pelo seu commercio.

«Antiga e de consideração era a pescaria n'este sitio,—segundo se lê na Chorographia do Algarve; já em 25 de setembro de 1433 el-rei D. Duarte havia doado ao infante D. Henrique a dizima nova d'ella [1]. Estava em grande auge em 1711 a 1712, e tão rapidamente prosperou com a concorrencia de hespanhoes, portuguezes e francezes que em 1774 havia n'esta praia mais de *cinco mil homens*, afóra muitas mulheres, que em differentes ruas de cabanas occupavam mais de huma legoa, desde a ponta da barra até perto do sitio, onde foi a antiga *Cacella*, e contava não menos de 100 barcos ou artes de arrastar.»

Tão importante e rica foi na 1.ª metade do seculo XVIII a povoação de *Monte Gordo*, que a denominavam *Monte d'Ouro*; mas o despotico e prepotente ministro de D. José a anniquilou para elevar a uma altura phantastica a sua tão querida Villa Real de Santo Antonio, como anniquilou todos os vinhedos do nosso paiz para exalçar o Douro.

—

Em 1774, o marquez de Pombal, vendo deserto todo o chão desde a aldeia de Monte Gordo até Castro Marim, resolveu crear na margem do Guadiana, em frente da Andaluzia, uma povoação imponente que supplantasse Ayamonte e infundisse respeito aos hespanhoes e a todos os extrangeiros que desembarcassem no Guadiana e pisassem a extremidade S. E. do nosso paiz.

Com este louvavel intuito mandou fundar no dicto anno *Villa Real de Santo Antonio*, em alegre e vistosa situação, dominando Ayamonte e a lindissima e ampla foz do Guadiana, na fronteira S. E. do nosso paiz, á entrada do Algarve e como porta e corôa d'elle.

Homem illustrado e arrojado, despido de preconceitos e amante do progresso, escolheu para a nova povoação um risco elegante e magestoso, á imitação do bairro baixo de Lisboa:

Fronteria imponente, regular e symetrica, olhando com desdem para a Andaluzia e para o Guadiana;—ruas amplas, algumas de 30 metros de largura, todas perfeitamente alinhadas e cortadas em angulo recto por outras no mesmo estylo; — casas elegantes, todas symetricas;—praças e largos,—boa egreja matriz, soberbos paços do concelho, magestoso pelourinho, etc. E tal era o poder do grande ministro que, *em cinco mezes*, estava feita a villa actual,—a expensas do thesouro e de diversos particulares que elle convidou — ou antes *obrigou* — a construir ali casas,—nomeadamente as armações da pesca e os primeiros proprietarios e negociantes do Algarve, bem como os armadores principaes das nossas praças maritimas e a poderosa *Companhia da Agricultura e Vinhos do Alto Douro*, que ali fez cinco casas e montou pescarias. [1]

Não correspondeu porem o resultado aos intuitos do grande ministro.

A edificação parou em menos da *quarta parte* do projecto,—por falta de habitantes, apesar das vantagens que o marquez lhe offerecia, pois fundou na villa differentes associações,—concedeu aos pescadores e negociantes, que a fossem habitar, muitos privilegios;—carregou de direitos a sardinha importada da Hespanha;—elevou a nova villa a séde de concelho;—estabeleceu n'ella uma alfandega regular e differentes fabricas e officios;—deu-lhe juiz de fóra e auctoridades correspondentes;—protegeu a contra a invasão das areias, mandando semear em volta d'ella um grande pinheiral com mais de seis kilometros de circumferencia;—fez plantar muitas amoreiras no seu termo para creação do bicho da seda e exploração d'esta industria, etc., mas apesar de tanto bonus, a população não augmentou!

[1] Liv. 3 de Mist. fl. 215, v. na *Torre do Tombo.*

[1] V. vol. 7.º pag. 416, col. 1.ª

—

Vendo-se tão contrariado o marquez, lembrou-se de transferir para a sua nova villa a grande população da aldeia de *Monte Gordo*, e para isso obrigou os seus habitantes a levarem para a villa e a irem vender n'ella todo o pescado.

Os pobres homens, magoadissimos com a intimação, preferindo por muitas rasões os seus palheiros ao esplendor da villa, recusaram-se a cumprir tal ordem; mas o marquez os compelliu e os castigou severamente chegando a mandar queimar as habitações dos recalcitrantes, pelo que muitos d'elles emigraram e foram estabelecer-se na *Higuerita*, pequeno porto hespanhol da Andaluzia, que augmentou em população e riqueza, ao passo que a aldeia de *Monte Gordo*, sendo um *monte d'ouro*, ficou deserta!...

Perdemos aquelle grande emporio de pescarias e de riqueza—e a nova villa ficou em embrião e estacionaria por muito tempo.

Ainda em 1837, *Villa Real* com toda a sua elegancia e prosapia de villa nem sombra era da extincta povoação de *Monte Gordo*, povoada de choças. «Tamanho prejuizo causou a má eleição do sitio para esta fatal edificação!—diz João Baptista S. Lopes. A não ter sido desmanchado o ninho, que o instincto e o interesse haviam construido em *Monte Gordo*, cabedaes sem conto nos teria fornecido esta povoação, deixando-a ficar no sitio escolhido por aquelles que por pratica entendião melhor de seus interesses, do que os theoricos de gabinete que, faltando-lhes aquella, *estragão tudo em que tocão.*»

—

«Hoje em dia (1837)—continua Baptista Lopes—tem *Villa Real* dois hiates, e dois cahiques viageiros, ou lanchas de pesca de 5 a 6 toneladas, 17 *chavegas* com 500 maritimos, tão desleixados dos seus proprios interesses, quanto cuidadosos e diligentes são os seus visinhos de Aiamonte,—ainda que só na pesca se empregão e poucos no campo. As mulheres trabalhão no preparo da sardinha para estivar, em obras de palma, e em rendas de linha.

«Está o porto d'esta villa sendo o segundo do Algarve, por causa da sua excellente barra. No anno de 1836 entrarão n'elle 533 embarcações, a saber:—12 navios redondos, 17 hiates, 139 cahiques, 4 rascas, e 361 barcos de um páo só. Aquellas 17 *chavegas* barcos ou artes de arrastar, tem cada huma outra barca chamada *enviada*, que tem a bordo outra rede e demais preparos para aproveitar alguma passagem de sardinha, quando as primeiras já tem o saco cheio, e por isso vem a ser 34.

«A sardinha he aqui a pescaria de mais consideração. Salga-se e estiva-se toda, extrahindo-lhe o azeite pela prensa, e se exporta para os paizes estrangeiros. Para esta manipulação ha 8 fabricas, e 3 para os barrilinhos de enxovetas, que se exportam para a Italia. Dão-se pouco a outras pescarias que não seja a da sardinha na temporada; deixão que os hespanhoes aproveitem essa tal ou qual pescaria que no Guadiana podião fazer, principalmente das corvinas que n'elle entrão em abundancia, e que os pescadores de Aiamonte apanhão com certas redes chamadas *corvineiras*.

—

«Empregão-se nos mezes, em que não corre a sardinha, na pesca das famosas ostras que ali ha perto, para a qual usão de hum triangulo de ferro com huma braça de lado, aos quaes está presa huma rede em fórma de saco e em cada um dos angulos se prende huma corda: estas tres cordas, do comprimento de uma braça, com pouca differença, vêm atar-se em outra mais comprida, que das lanchas deitão ao mar. Hum dos lados do triangulo, a que chamão *rasto* vae arrastando pelo fundo do mar, e arrancando as ostras, que cahem no saco da rede até se encher;—levantão então, e despejando-o, continuão a pesca [1].

«D'estas ostras fazem viveiros e, quando lhes parece occasião, as levão a vender por bom preço a Cadiz e Gibraltar.

«Em *Monte Gordo* ha ao presente (referia-se ao anno de 1837) 64 cabanas e 4 casas. Talvez possa hir em augmento, visto que

---

[1] Ainda hoje aqui no Guadiana se pescam muito boas ostras, nomeadamente junto de *Ponta da Areia*.

agora (1837) é livre a cada hum hir estabelecer-se e morar onde mais lhe convier; e a praia é mais asada para a pescaria, do que a vizinha de Hespanha.

—

«Para suster d'algum modo os edificios da nova villa, e em particular a frente de Aiamonte, a fim de que não se arruinem de todo, e até desabem, carece ella de hum muro á margem do Guadiana, que, tendo comido as areias, já toca nas casas, começando a engoli-las.

«O pinhal, tão formoso que era, e tão util pelo interesse das madeiras, quanto por conter as areias, está (1837) todo perdido! Apenas existem huns cem pinheiros junto á casa da *Audiencia*; [1] todos os demais foram arrancados. Incumbe á camara fazer semear de novo aquelles areaes... Por aqui houve e se conservam ainda algumas amoreiras das que no tempo da fundação da villa foram plantadas, mas dos bichos ninguem cuida...»

—

Esta villa e este concelho, pelo facto de demorarem em terreno baixo, arenoso e plano, não teem uma unica fonte de bica, mas em qualquer ponto se encontra agua potavel e de excellente qualidade, por ser filtrada pela areia. Basta fazer uma cova de 1 a 2 metros de profundidade para se encontrar, —e mettendo-lhe uma ou duas barricas está formado um poço! Na villa ha differentes, revestidos de pedra, para uso do publico.

—

Como se vê do longo extracto que fizemos da *Chorographia do Algarve*, esta villa ainda em 1837 se conservava estacionaria; mas hoje tem bastante vida,—muito movimento no seu porto,—bons estabelecimentos commerciaes e de pescarias,—differentes fabricas, etc., pelo que o seu estado actual póde dizer-se prospero e florescente.

Em 1837 contava apenas 197 fogos, em quanto que em 1878 contava 954 e 4:255 habitantes,—e a sua população augmenta e com ella o numero de habitações e edificios de toda a ordem. Deve a sua prosperidade e florescencia a differentes causas.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—A paz octaviana que felizmente gosamos desde 1834.

As pequenas revoluções civis posteriores foram momentaneas e de tão pouco alcance que nem o nome de revoluções merecem.

A este longo periodo de paz se deve a nossa invejavel tranquillidade e segurança.

Ha muito que em todo o nosso paiz não ha uma quadrilha de salteadores nem memoria d'um roubo feito com mão armada.

Os tetricos nomes de *Serra da Falperra* e dos *Pinheiraes da Azambuja* parecem-nos hoje uma lenda.

2.ª—O grande desenvolvimento que entre nós attingiram os meios de communicação de toda a ordem,—linhas ferreas, estradas a macadam, telegraphos electricos, telephones, diligencias, carreiras de vapores, etc., nomeadamente desde 1852, cabendo ao lindo reino do Algarve tambem o seu quinhão nos melhoramentos publicos, pois tem, ha muito, uma bella estrada a macadam, servida por diligencias, desde Villa Real até Lagos;—diligencia diaria tambem de Mertola para Beja, na linha ferrea do sul,—e uma linha ferrea (parte já construida e parte em construcção) de Beja para Faro.

Esta villa tem, ha muito, carreira diaria de vapores pelo Guadiana para Mertola, pondo-a em intimo contacto com todo o nosso paiz pelas linhas ferreas do sul, sueste, norte, Douro, Minho, Beira, Guimarães, Povoa de Varzim, etc., todas ligadas entre si.

Tem além d'isso outra carreira de vapores para Lisboa, ambas montadas, ha annos, por Alonso Gomes, grande proprietario, negociante e industrial estabelecido em Mertola, onde fez para sua habitação um lindo palacete, quasi todo de marmore conduzido de Lisboa nos seus vapores.

---

[1] Assim se denomina um sitio, distante d'esta villa cerca de 5 kilometros para O. na estrada de Tavira.

Consta que outr'ora ali, por ser um ponto central, costumavam as auctoridades ir *fazer audiencia* e administrar a justiça aos povos circumvisinhos.—Cacella, Villa Real e Castro Marim, todos tres distantes da tal *Casa da Audiencia*, que ainda existe, cerca de 5 kilometros.

Tambem tocam n'esta villa os vapores de duas companhias (uma hespanhola, outra ingleza) que fazem carreira entre o Mediterraneo e a Inglaterra, tocando em Lisboa e nos portos principaes do Algarve,—Olhão, Tavira, Faro, Villa Nova de Portimão, etc.

Quando em 1879 visitamos o Algarve, fizemos a viagem de Mertola para Villa Real no vapor *Gomes II*—e de Portimão para Lisboa no vapor *Gibraltar* da companhia ingleza.

V. *Vicente (S.)* Cabo, n'este vol. 10.º, pag. 504 e seg.

3.ª—As fabricas de conservas aqui montadas e que não só empregam numeroso pessoal, mas compram peixe no valor de muitos contos de réis.

Em 1880, por exemplo, compraram as dictas fabricas 11:802 atuns e 2:962 atuarros por 50:287$401 réis;—e em 1879 haviam comprado 30:948 atuns e 2:637 atuarros por 47:279$418 réis.

Em um dos ultimos annos exportaram as dictas fabricas 301:420 kilogrammas de atum em escabeche, no valor de 83 contos de réis —e calculou-se em 1:000 contos a receita só do peixe e do figo na provincia do Algarve.

4.ª—O grande desenvolvimento que na 2.ª metade d'este seculo attingiram as *Minas de S. Domingos,* no concelho de Mertola, hoje absolutamente as primeiras de Portugal, e que teem attrahido a este porto e ao de *Pomarão*, cerca de 40 kilometros a montante de Villa Real, na margem esquerda do Guadiana, muitos navios de vela e de vapor, chegando a ver-se ancorados ali a um tempo 64 barcos de differentes lotações, só em serviço das grandes minas.

Todos aquelles barcos tocam n'esta villa, —n'ella fazem aguada—e deixam muito dinheiro!...

V. *Pomarão,* vol. 7.º pag. 125, col. 1.ª e seguintes.

—

No anno ultimo contava esta villa 13 navios seus,—e com o movimento d'elles,—dos das carreiras portuguezas de vapores para Mertola e para Lisboa,—dos das outras mencionadas carreiras hespanhola e ingleza, —dos que trabalham para as grandes Minas de S. Domingos—e dos muitos barcos das pescarias é hoje o porto d'esta villa o primeiro do Algarve.

Para isso contribuiu tambem o ser a sua barra funda e pouco perigosa—e o Guadiana sem baixios nem pedras e navegavel para barcos de grande lotação até á villa de Mertola, distante 55 kilometros da costa,—indo as marés até montante da dicta villa,—emquanto que todos os outros portos do Algarve se acham hoje muito *soriados* e quasi inutilisados.

V. *Lagos, Olhão, Portimão, Silves, Faro, Tavira* e *Algarve,* n'este diccionario e no *supplemento.*

—

Ao norte do nosso paiz a cheia maior que houve n'este seculo foi a de dezembro de 1860; mas ao sul foi muito maior a de dezembro de 1876.

O Guadiana subiu a uma altura de que não ha memoria.

Em Hespanha destruiu as pontes de Merida e de Badajoz—datando a primeira do tempo dos romanos;—em Mertola entrou no andar nobre dos paços do concelho, como prova uma inscripção que ali gravaram,—e de Mertola até o mar causou grandes prejuisos, nomeadamente em Pomarão, onde arrasou todo o povoado que ali tinha feito a empreza das *Minas de S. Domingos.*

No *Diario da Manhã* de 17 de dezembro d'aquelle anno se lê o seguinte:

«Foi medonha a cheia do Guadiana. Alcoutim está quasi submergida, abatendo muitas casas. Ficou destruida a alfandega e muitas repartições publicas. O Pomarão quasi desappareceu. Na povoação das minas de S. Domingos, o palacio do sr. visconde de Mason de S. Domingos ficou arrasado; alagadas as casas dos operarios; e anniquilada a estação telegraphica. As perdas da empreza das minas sobem a um milhão de cruzados!...

«Em Villa Real de Santo Antonio não foram menores os desastres. Perdeu-se uma lancha de pesca morrendo oito homens; uma canôa morrendo um homem e dois rapazes; o vapor *Tinto* garrou; o patacho *Doctor* foi abandonado nos baixos da barra.

«Em Mertola houve grande inundação; a povoação hespanhola de S. Lucar desappareceu!...»

Por essa occasião disse um correspondente de Alcoutim para a *Gazeta do Algarve*:

«O *Pomarão* desappareceu. Todas as casas foram arrazadas, e nem se conhece o logar onde existiam.—Apenas ficaram algumas collocadas no ponto mais elevado d'aquella povoação.—Em Alcoutim houve perdas consideraveis; em S. Lucar, aldeia hespanhola da margem esquerda do Guadiana, tambem grandes perdas.—Os campos d'Alcoutim estão debaixo d'agua, que entra dentro da villa em muitas casas e quintaes. As carreiras do vapor foram interrompidas. Em Villa Real de Santo Antonio ha desgraças a lamentar.—Morreram 11 homens, 3 que foram buscar uma madeira e viram-se perdidos na volta, e 8 que lhes foram acudir. As ribeiras na serra correm caudalosas; e consta que tem morrido 2 ou 3 homens, e muitos outros tem escapado com grande difficuldade e perigo.

«Todas as repartições foram a terra. A alfandega foi que soffreu mais, por que não se poude salvar um unico papel e suppõe-se que não ficarão nem vestigios d'ella!...[1]»

Desde Mertola até Castro Marim ambas as margens do Guadiana estavam orladas e revestidas de frondoso arvoredo, nomeadamente figueiras e romanzeiras espontaneas, silvestres que, pendendo sobre o formoso rio, não só o embellesavam, mas davam abrigo aos barcos, no verão, e aos marinheiros, passageiros e pescadores, que eram mimosos de fructa;—a cheia, porém, derribou e levou todo aquelle frondoso e lindissimo arvoredo, deixando ambas as margens escalvadas e nuas, como nós ás vimos em 1879, —e ainda assim nos recordamos d'ellas com saudade.

Tambem nos recordamos ainda de um pittoresco morro que se ergue a jusante de Pomarão, na margem direita do Guadiana e a que deram com muita naturalidade o nome de *Livraria* [1], pois é formado de schisto fendido em cortes horisontaes e perpendiculares, semelhando uma enorme e caprichosa estante com livros.

—

Quando se fundou esta villa, as cartas para irem a Lisboa e voltarem demandavam 14 dias;—28 para irem e voltarem ao Porto; —35 para irem e voltarem a Braga, Lamego, Moncorvo, Vianna do Minho, Almeida e Pinhel,—e 44 para irem e voltarem a Bragança, Miranda, Chaves, Monsão e Montalegre, [2]—emquanto que hoje vão aos pontos extremos do nosso paiz em menos tempo do que então gastavam só para irem a Lisboa.

Note se tambem que n'aquelle tempo as cartas representavam as noticias mais simples que hoje podem transmittir-se por telegrammas e irem á Russia, á India ou ao Brazil em menos de 24 horas!

Tem esta villa estação telegraphica para os telegraphos terrestres e outra para os submarinos.

—

A sua rua principal é a rua da Rainha—e á sua praça deram por gratidão o nome de *Praça do Marquez de Pombal* [3].

N'ella se erguem ao norte a egreja matriz,—a oeste os paços do concelho, que são os da fundação da villa,—e no centro um pelourinho monumental, feito pelas emprezas de pescarias em honra de D. José I, quando se fundou a villa.

Tanto aqui, como em todas as povoações do littoral do Algarve, as mulheres fazem obras variadissimas de palma e bellas rendas de bilros. Esta ultima industria se exerce em todas as outras povoações do littoral do nosso paiz—e sómente no littoral—até Caminha, sendo muito importante em Vian-

---

[1] Isto refere-se a Alcoutim. Em Villa Real a grande cheia não subiu além das marés dos equinocios.

[1] Na margem direita do rio de Silves, entre a cidade d'este nome e Portimão, se vê na base da encosta uma pequena gruta denominada *Velha das castanhas!...*

Tomaria o nome d'alguma velha que ali costumasse vender castanhas aos marinheiros?

[2] *Taboada Curiosa* de João Antonio Garrido.

[3] Tambem deram ao theatro o nome do mesmo marquez.

na do Castello e Villa do Conde e mais, muito mais ainda, em Peniche.

As rendas de Peniche são incomparavelmente superiores em mimo, perfeição e variedade. Os proprios estrangeiros, nomeadamente hespanhoes e francezes, as admiram, compram e vendem como *suas!*...

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Vianna do Castello, Villa do Conde* e *Peniche.*

—

O movimento do porto de Villa Real de Santo Antonio no ultimo anno (1884) foi o seguinte:

Embarcações

ENTRADAS

Janeiro	28
Fevereiro	44
Março	28
Abril	18
Maio	28
Junho	26
Julho	33
Agosto	46
Setembro	53
Outubro	63
Novembro	84
Dezembro	59
Total	510

SAHIDAS

Janeiro	36
Fevereiro	29
Março	33
Abril	22
Maio	22
Junho	24
Julho	32
Agosto	38
Setembro	52
Outubro	64
Novembro	85
Dezembro	67
Total	504

As barcas ou *artes de pesca*, pertencentes á aldeia de Monte Gordo, foram no dicto anno 11, empregando o pessoal de 227 homens.

As barcas ou *artes* de Villa Real foram 5, empregando 100 homens.

Matricularam-se mais:

De Cacella, 9 barcas com 144 homens,—de S. Bartholomeu, 1 barca com 22 homens.

Além das barcas das *artes*, matricularam-se em 1884 na capitania d'este porto os barcos seguintes:

Para pesca 118, com o pessoal de 212 homens;—para serviço fluvial (vapores, cahiques etc.) 129, com o pessoal de 257 homens;—e para cabotagem (costeiros e de longo curso)—17, com o pessoal de 162 homens.

—

O movimento da alfandega d'esta villa no anno de 1884 foi o seguinte:

Navios de vela entrados, com carga	180
» » » » em lastro	48
Vapores entrados, com carga	96
» » em lastro	68
Navios de vela sahidos, com carga	203
» » » » em lastro	81
Vapores sahidos, com carga	158
» » em lastro	3

Rendimento da alfandega 41:517$503 réis.
» do pescado 13:964$748 »

—

No anno economico de 1883 a 1884 pagou este concelho:

De contribuição predial	3:461$920
» » industrial	2:124$142
» » de renda de casas e sumptuaria	613$118
De contribuição de decima de juros	382$482
Somma	6:581$662
Imposto do real d'agua	3:558$216
Sello de verba	842$850
Estampilhas de differentes taxas	1:040$420
Sellos de franquia e formulas postaes	1:218$090
Total	13:241$238

—

O lazareto, de que já fizemos menção, foi montado ao sul da villa, a distancia de 1:500 metros.

Lançou-se a primeira pedra do hospital d'esta villa por occasião dos grandes festejos do primeiro centenario do inclito marquez de Pombal, a quem esta villa deve a sua fundação. E de passagem diremos que Baptista Lopes, o illustrado e benemerito auctor da *Chorographia do Algarve*, se hoje vivesse, não seria, como foi, tão severo em censurar o grande ministro de D. José I pela escolha do local para a fundação d'esta villa e pelo pequeno desenvolvimento que ella assumiu nos primeiros annos da sua existencia.

Ella paralysou, porque o marquez de Pombal a fundou em 1774, e em 1777, ou passados apenas 3 annos, deixou o poder por fallecimento de D. José, e foi votado ao ostracismo.

Se elle se conservasse no poder mais alguns annos, esta formosa villa seria hoje uma cidade!

—

Nos domingos ha n'esta villa mercado semanal muito importante, ao qual concorrem muitos hespanhoes que vem abastecer-se de ovos, gallinhas, carne de porco, artigos de mercearia, etc.

Só a verba empregada em ovos se eleva por vezes á cifra de um conto de réis!...

Uma das especialidades d'este concelho é a areia para fabrico de vidros. Os hespanhoes a levam em grande quantidade para esse fim; no concelho não se aproveita nem ha fabricas proprias, por falta de combustivel.

Os antigos fortes de Monte Gordo, Ponta da Areia, Medo Alto, Pinheiro e Carrasqueira, já mencionados, estão todos nos limites d'esta freguezia, mas desartilhados, sem guarnição e sem governador.

Servem apenas de postos fiscaes.

O movimento do telegrapho terrestre d'esta villa no anno de 1884 foi de 35:883 telegrammas que renderam 1:799$800 réis.

Ha tambem n'esta villa estação do telegrapho sub-marino, que liga a Europa e Lisboa com a America.

Na ultima sessão das nossas côrtes foi approvado o desvio de 2:000$000 réis do fundo da viação d'este concelho para a construcção de dois cemiterios.

—

Concluiremos dizendo que, segundo nos informam, acaba de constituir-se em Lisboa e Londres uma companhia para explorar o privilegio de illuminar a gaz differentes cidades e villas de Portugal, e que já tem propostas para a illuminação d'esta villa e das cidades d'Evora e Faro.

Do exposto se vê que é prospero o estado d'esta formosa villa e que tem diante de si o mais lisongeiro futuro.

Ao seu illustrado prior o rev. Antonio Maximo Callado, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, pedindo lhe e a todos os seus parochianos a fineza de me indicarem os lapsos para os reparar no supplemento.

VILLA REAL DE TRAZ OS MONTES—ou *Villa Real de Panoias*,—ou simplesmente *Villa Real*,—villa e séde do concelho, da comarca e do districto do seu nome, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes, e capital ou *côrte* da mesma provincia.

É tambem ha muitos annos séde d'um vigario geral, nomeado pelos arcebispos de Braga e que superintende em muitas das freguezias que aquelle grande arcebispado tem n'esta provincia. Logo as indicaremos.

A villa é formada por duas parochias:—*S. Diniz*, reitoria, orago S. Diniz,—fogos 450,—habitantes 1:910,—e *S. Pedro*, abbadia, orago S. Pedro,—população (comprehendendo o regimento de infanteria n.º 13, estacionando n'esta villa e n'esta parochia)—fogos 1:300,—habitantes 4:196.

População actual da villa:

Parochias	2
Fogos	1:750
Habitantes[1]	6:106

População total do concelho segundo o ultimo recenseamento:

Freguezias	27
Fogos	8:132
Habitantes	33:625

[1] A cidade de Bragança, que alguem considera capital d'esta provincia, contava em 1878—freguezias 2,—fogos 1:128,—habitantes 5:495.

População d'este districto :

Concelhos 14

São os seguintes :

Concelhos	Freg.	Fogos	Habitantes
Alijó	18	4:886	20:343
Boticas	16	2:412	11:117
Chaves	46	8:243	35:485
Mezãofrio	7	1:970	7:449
Mondim de Basto..	9	1:814	7:298
Montalegre.......	35	4:402	19:985
Murça.	9	1:447	6:282
Regoa.	10	3:971	16:712
Ribeira de Pena...	6	1:834	8:412
Sabrosa..........	15	3:260	14:022
Santa Martha de Penaguião	10	2:840	10:846
Valle Passos	33	6:388	27:213
Villa Pouca d'Aguiar..........	16	3:603	16:055
Villa Real........	27	8:152	33:625
Total.. ...	257	55:202	234:844

A provincia de Traz-os-Montes comprehende, além d'este districto de Villa Real, o de Bragança com 12 concelhos e a população seguinte :

Concelhos	Freg.	Fogos	Habitantes
Alfandega da Fé..	21	2:004	9:408
Bragança	50	6:304	27:725
Carrazeda d'Anciães	21	3:184	11:882
Freixo d'Espada á Cinta..........	6	1:693	6:501
Macedo de Cavalleiros	38	4:492	18:566
Miranda do Douro	15	2:408	9:788
Mirandella	39	4:834	20:031
Mogadouro.......	34	3:813	16:042
Moncorvo........	21	3:714	14:603
Villa Flor........	19	2:440	9:902
Vimioso	14	2:556	10:445
Vinhaes..........	37	4:543	20:724
Total.	315	41:985	175:617

Total da população d'esta provincia :

Districtos..................... 2

Concelhos 26

Freguezias..................... 563

Fogos.......................... 95:740

Habitantes..................... 404:179

Divisão ecclesiastica

Até 1545, data em que D. João III creou o bispado de Miranda, hoje com o titulo de Bragança e Miranda, por ter a séde em Bragança, quasi toda a provincia do Minho e toda a de Traz-os-Montes pertenciam ecclesiasticamente ao arcebispado de Braga, que era enorme e tinha vigarios geraes em Miranda, Bragança, Moncorvo, Villa Real e Chaves.

Creado o bispado de Miranda, separou-se ecclesiasticamente para elle uma parte do actual districto de Bragança,—*não todo*, pois em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, ainda n'aquelle districto obedeciam ao arcebispo de Braga os concelhos de Moncorvo, Villa Flor, Carrazeda d'Anciães, Mogadouro e Alfandega da Fé que, em virtude dá mencionada circumscripção, ficaram pertencendo á diocese de Bragança, com o total de 116 freguezias,—15:155 fogos—e 61:837 habitantes.

A mesma diocese de Bragança recebeu tambem do arcebispado de Braga, n'este districto de Villa Real, 11 freguezias do concelho de Chaves com 1:506 fogos e 6:492 habitantes,—e do concelho de Valle Passos 8 freguezias com 1:206 fogos e 5:566 habitantes.

Perdeu pois n'esta provincia em 1882 o arcebispado de Braga em favor do bispado de Bragança:

Freguezias..................... 135

Fogos.......................... 17:867

Habitantes..................... 73:895

Perdeu tambem n'esta provincia, n'este districto de Villa Real, em 1882 o arcebispado de Braga em favor do bispado de Lamego:

Freguezias..................... 51

Fogos.......................... 12:113

Habitantes..................... 50:928

Perdeu pois o arcebispado de Braga n'esta provincia, nos districtos de Villa Real e de Bragança, em virtude da circumscripção de 1882,—total:

Freguezias	186
Fogos	29:980
Habitantes	124:823

Ficaram pertencendo e pertencem ainda ao arcebispado de Braga n'esta provincia e n'este districto os 7 concelhos seguintes:

Boticas, Chaves [1], Mondim de Basto, Montalegre, Ribeira de Pena, Valle Passos [2], Villa Pouca d'Aguiar e *Villa Real* [3], com 167 freguezias,—33:127 fogos—e 144:613 habitantes.

Pertencem tambem á mesma archidiocese:

—No districto de Braga—507 freguezias com 80:136 fogos—e 329:132 habitantes.

—No districto de Vianna do Castello—287 freguezias com 53:979 fogos—e 212:580 habitantes.

—No districto do Porto—26 freguezias com 8:348 fogos—e 33:551 habitantes.

Conta pois ainda hoje o arcebispado de Braga 987 freguezias com 175:590 fogos e 719:876 habitantes.

Apesar da grande população que perdeu em favor das dioceses de Bragança, Lamego e Porto, ficou sendo ainda a diocese mais populosa de Portugal,—depois Lisboa, que tem 341 freguezias, — 171:265 fogos — e 733:237 habitantes.

[1] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 35 freguezias com 6:737 fogos e 28:993 habitantes—e ao bispado de Bragança 11 freguezias com 1506 fogos e 6:492 habitantes.

[2] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 25 freguezias com 5:182 fogos e 21:647 habitantes,—e ao bispado de Bragança 8 freguezias com 1:206 fogos e 5:556 habitantes.

Referimo-nos ao ultimo recenseamento, feito em 1878 e que serviu de base para a circumscripção diocesana de 1882.

[3] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 25 freguezias com 7:503 fogos e 31:106 habitantes,—e ao bispado de Lamego 2 freguezias,—*Abbaças* e *Guiães*;—com 629 fogos e 2:519 habitantes,—segundo o ultimo recenseamento.

A 3.ª em população é a do Porto, que tem 464 freguezias,—145:297 fogos—e 605:021 habitantes.

—

O bispado de Lamego nada tinha na margem direita do Douro antes da mencionada circumscripção de 1882; mas em virtude d'ella recebeu n'esta provincia de Traz-os-Montes, n'este districto de Villa Real, os concelhos de Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião, Sabrosa, Alijó e Murça completos,—mais 2 freguezias do concelho de Villa Real.

Ao todo 71 freguezias com 19:003 fogos —e 78:173 habitantes.

D'estas 71 freguezias pertenciam ao arcebispado de Braga 51, com 12:113 fogos e 50:928 habitantes:—no concelho da Regoa 4 freguezias,—Covellinhas, Galafura, Poiares e Villarinho dos Freires;—no de Alijó 18 (todas);—no de Murça 9 (tambem todas); —no de Santa Martha de Penaguião 3,— Alvações de Corgo, Louredo e Cumieira;—no de Villa Real 2,—Abbaças e Guiães;—e no de Sabrosa 15,—(todas). As 20 restantes pertenciam ao bispado do Porto:—no concelho de Mezãofrio (todas) 7;—no concelho da Regoa 6,—Fontellas, Godim, Loureiro, Moura Morta, Peso da Regoa e Sediellos;—no concelho de Santa Martha de Penaguião 7,—Cever, Fontes, Fornellos, Lobrigos (S. João), Lobrigos (S. Miguel), Medrões e Sanhoane, —comprehendendo estas 20 freguezias,— 6:890 fogos—e 27:245 habitantes.

Em compensação o bispado do Porto recebeu muitas freguezias do arcebispado de Braga,—do supprimido bispado d'Aveiro— e do bispado de Lamego tudo o que este tinha na margem esquerda do Paiva e que era o seguinte:

Concelhos 2—Arouca e Sobrado de Paiva; —freguezias 28;—fogos 5:208;—habitantes 23:110.

Do concelho d'Arouca ficou pertencendo ao de Lamego apenas a freguezia d'Alvarenga, por estar na direita do Paiva.

V. *Lamego*, *Alvarenga* e *Arouca* n'este diccionario e no supplemento, onde faremos largas rectificações e addições aos artigos proprios.

Divisão comarcã

A comarca de Villa Real é hoje muito differente do que foi outr'ora.

Hoje apenas comprehende o concelho de Sabrosa com 15 freguezias e este de Villa Real com 27, e são as seguintes:

Abbaças, Adoufe ou Adaufe, Andrães, Arroios, Borbella, Campeã, Constantim, Ermida, Filhadella ou Folhadella, Goiães ou Guiães, Lamares, Lordello, Matheus, Mondrões, Mouçós, Nogueira, Parada de Cunhos, Pena, Quintã, S. Thomé do Castello, Torgueda, Valle de Nogueiras ou *Vallongueiras*, Villa Cova, Villa Marim, *Villa Real*, orago S. Diniz, *Villa Real*, orago S. Pedro, e Villarinho da Samardã, com o total de 8:132 fogos e 33:625 almas.

O concelho de Sabrosa tem:

Freguezias	15
Fogos	3:260
Habitantes	14:022

Total da população d'esta comarca de Villa Real:

Concelhos	2
Freguezias	42
Fogos	11:392
Habitantes	47:647

—

Nos principios do ultimo seculo a comarca de Villa Real era uma das quatro que constituiam a provincia de Traz os Montes, sendo as outras tres—Bragança, Miranda e Moncorvo.

Contava esta de Villa Real, *só no termo da villa*, 50 freguezias com algumas annexas. Não as mencionamos para não fatigarmos os leitores; mas o padre Carvalho as indica na *Chorographia Portugueza*, tomo I.

Comprehendia tambem então esta comarca as villas de Alijó, Favaios e Lordello, bem como a *honra* de Gallegos, que eram todas do marquez de Tavora e da provedoria de Lamego.

Comprehendia tambem Dornellas, Provezende, S. Mamede de Riba-Tua e Ervededo, que eram *coutos* da mitra de Braga e n'elles entrava por correição o ouvidor dos arcebispos. Por seu turno o ouvidor de Villa Real entrava por correição em 3 villas da provedoria de Moncorvo,—Lamas de Orelhão, Abreiro e Freixiel,—nas de Almeida e de Ranhados, que eram da comarca de Pinhel,—na *honra* de Sobrosa (hoje reitoria de Santa Eulalia de Sobrosa, concelho e comarca de Paredes) e na freguezia de S. Salvador de Freamunde (hoje do concelho de Paços de Ferreira) que então pertencia á dicta honra de Sobrosa [1].

—

Em 1729 a 1730, segundo se lê na *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima (tomo 2.º publicado em 1736) a ouvidoria ou comarca de Villa Real comprehendia oito villas e uma *honra*:—Abreiro, Almeida, Canellas, Freixiel, Ranhados, Lamas d'Orelhão, Vimioso, *Villa Real* e Sobrosa, que era tambem *honra*, sendo hoje uma simples reitoria do concelho de Paredes.

Em 1796, segundo se lê na *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da mesma provincia [2], a comarca de Villa Real comprehendia 19 villas, 5 concelhos, 3 coutos, 1 *honra* e 149 freguezias, com 32:879 fogos e 86:456 habitantes [3]—sendo homens 41:727—e mulheres 44:729;—1:618 criadas —2:637 criados,—241 pastores, 11 soqueiros, 293 marinheiros rabellos, e 54 arraes (todos na freguezia, então villa e concelho, de Barqueiros) 264 almocreves, 130 cardadores, 8 tanoeiros, 1 chapelleiro, 2 coronheiros, 2 ourives, 4 latoeiros, 5 ensambladores, 5 capadores, 4 odreiros, 13 pintores, 12 selleiros, 138 moleiros, 50 fabricantes de courama (todos em Mondim de Basto) 2 surradores, 3 tintureiros, 18 serralheiros, 188 ferreiros, 3 espingardeiros, 62 ferradores, 207 pedreiros, 602 carpinteiros, 541 sapateiros,

[1] Não se confunda esta freguezia de *Sobrosa*, orago *Santa Eulalia*, no districto do Porto, com a freguezia e villa de *Sabrosa*, orago o *Salvador*, no districto de Villa Real.

[2] Codice n.º 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

[3] É o que se lê no dicto *codice;* mas não ha proporção entre o numero dos fogos e o numero dos habitantes.

891 alfaiates, 3 fabricantes de lã (em Vimioso) 8 torcedores de seda e 8 fabricantes de seda (em Murça) 5:954 jornaleiros, 9:221 lavradores (talvez *proprietarios*) 6 cabelleireiros, 47 boticarios, 108 cirurgiões, 139 barbeiros, 351 negociantes, 159 pessoas litterarias, (talvez professores e bachareis) 62 freiras, 15 senhoras seculares, 31 recolhidas, 78 frades, 1:014 ecclesiasticos seculares e 2:540 individuos sem occupação.

—

As villas, concelhos, coutos e honras d'esta comarca eram :

Abreiro, Alfarella de Jalles, Alijó, Athey, Barqueiros, Canellas, Favaios, Fontes, Freixiel, Gallegos, Godim, Goivães, Hermello, Lamas d'Orelhão, Lordello, Mezãofrio, Mondim de Basto, Murça de Panoias, Parada de Pinhão, Provezende, Ribeira de Pena, Santa Martha de Penaguião, S. Mamede de Riba Tua, Cerva, Teixeira, Villa Pouca d'Aguiar, *Villa Real* e Vimioso, distante da séde da comarca 20 leguas, pela contagem d'aquelle tempo.

A villa da Regoa, hoje a povoação mais linda e de mais vida em toda a provincia de Traz-os-Montes,—séde de comarca de 1.ª classe, formada pelo seu concelho e pelos de Mezãofrio e de Santa Martha de Penaguião; —a villa da Regoa que já hoje seria cidade, se os seus vereadores não fossem, como teem sido, tão indolentes, tão desleixados e tão maus administradores das rendas do seu municipio, cujo orçamento se eleva a *vinte e tantos contos de reis* annuaes; a formosa villa da Regoa, tão vantajosamente situada no centro do *coração do Douro*, d'essa região encantadora, fertilissima e mimosissima, que não tem rival entre nós;—a Regoa, muito bem servida por diligencias, pela via fluvial e pela linha ferrea do Douro, na qual tem a estação de mais movimento que ha ao norte do nosso paiz, depois da do Porto;—a Regoa ainda n'aquelle tempo era uma povoação insignificante, uma pequena aldeia pertencente ao concelho de *Godim*, hoje freguezia de S. José de Godim ou de *Jogueiros*, uma das que constituem o concelho da Regoa!...

Ceci tuera cela.

—

Segundo a mesma *Descripção*,—trabalho bastante consciencioso,—Villa Real e o seu concelho ou termo comprehendiam n'aquella data (1796) 17:808 fogos e 31:987 habitantes, sendo 15:471 homens e 16:426 mulheres com as profissões seguintes:—929 creadas, 956 creados, 151 almocreves, 0 pastores, 0 cardadores, 2 ourives, 4 latoeiros, 5 ensambladores, 5 capadores, 4 odreiros, 9 pintores, 12 selleiros, 56 molleiros, 3 tintureiros, 18 serralheiros, 71 ferreiros, 3 espingardeiros, 25 ferradores, 95 pedreiros, 259 carpinteiros, 218 sapateiros, 387 alfaiates, 0 fabricantes de lã, 0 fabricantes de seda, 2:707 jornaleiros, 3:441 lavradores (proprietarios?) 6 cabelleireiros, 18 boticarios, 43 cirurgiões, 52 barbeiros, 187 negociantes, 66 pessoas litterarias, 33 freiras, 7 senhoras seculares, 31 recolhidas, 54 frades, 416 ecclesiasticos seculares e 1:087 pessoas sem occupação.

—

Isto é realmente curioso e devia dar muito trabalho ao tal juiz demarcante, dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, ascendente (avô ou bisavô) do dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro Portugal, rezidente aqui no Porto, meu amigo e contemporaneo na Universidade.

Egual nota em nitidos mappas se encontra no mesmo codice com relação ás outras 3 comarcas,—Bragança, Miranda e Moncorvo.

No supplemento a este diccionario,—se Deus nos conservar a vida e a saude e elle estiver ainda ao nosso cargo,—daremos no artigo *Traz-os-Montes* um resumo dos dictos mappas, lamentando que as outras nossas provincias não fossem dotadas com estatisticas semelhantes. Pelo menos nós não temos noticia d'ellas—nem chorographia alguma até hoje as indicou.

Talvez se conservem ignoradas e despresadas em alguma das nossas repartições publicas ou das nossas bibliothecas, como jazeram até hoje na *Bibliotheca Municipal do Porto* os trabalhos do dr. Columbano e jazem outros muitos manuscriptos, expostos a desapparecerem de um momento para o outro!...

Deus illumine os nossos governos e os nossos municipios e os resolva a *salvar* e vulgarisar em *edições baratas* os muitos manuscriptos que possuem sobre todos os ramos das sciencias.

É do maximo interesse este assumpto e para elle chamamos a attenção d'El-rei, do governo, da Academia Real das Sciencias e das outras corporações scientificas, das camaras municipaes e de todos quantos presam as boas lettras.

—

Já que estamos fallando de manuscriptos, vamos dar aos leitores conhecimento de um outro, que por fortuna descobrimos em Lamego e que prende com esta comarca de *Villa Real* e com o assumpto de que no momento nos occupamos.

No codice já citado se diz que entravam n'esta comarca de Villa Real, nos fins do ultimo seculo, ou em 1796, quatro provedores,—o de Guimarães, o de Moncorvo, o de Miranda e o de Lamego,—mas não diz em que terras, villas ou concelhos entravam; temos porém sobre a nossa banca de estudo um manuscripto que diz quaes eram as villas e concelhos *d'esta comarca de Villa Real* que nos fins do ultimo seculo pertenciam á provedoria de Lamego. É o auto original da arrematação das obras da ponte actual de Alvarenga, sobre o rio Paiva, no concelho d'Arouca.

Um dos mais illustres e benemeritos prelados lamecenses foi D. Manuel de Vasconcellos Pereira, natural de Castro d'Ayre. Não só attendia ao bem espiritual dos seus diocesanos, mas ao bem temporal, gastando boa parte das suas grandes rendas em concertos e construcção de pontes, fontes, estradas, etc. Indo certo dia em vizita para o concelho d'Arouca, ao tempo e até 1882 pertencente á diocese de Lamego, e tendo desapparecido a antiquissima ponte, mandada fazer pelo imperador Trajano sobre o Paiva (V. *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento) teve de atravessar aquelle rio em uma barca e esteve prestes a naufragar, porque o rio ia cheio e caudaloso.

Mandou logo o santo bispo fazer ali nova ponte de pedra; mas, como a morte o surprehendesse em 1786, antes das obras concluidas (estavam feitos os fundamentos e o arco principal prestes a fechar-se) requereram os concelhos limitrophes a S. M. a rainha D. Maria I, pedindo lhe que fizesse concluir uma obra tão importante.

Annuiu S. M. e por alvará de 15 de fevereiro de 1791, sendo já bispo de Lamego D. João Binet Pincio, ordenou ao provedor de Lamego que fizesse concluir a dicta ponte d'Alvarenga, pondo as obras restantes a lanço e rateando pelas duas comarcas da Feira e de Lamego as sommas em que importassem.

Depois das formalidades do estylo, foram arrematadas as obras no dia 15 d'outubro de 1791, em Villa Nova de Souto d'El-Rei, nas casas onde então morava o provedor e corregedor de Lamego e desembargador da relação do Porto, dr. Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca Vieira e Silva, ascendente do actual sr. visconde d'Arneiroz, dr. Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio, sendo o menor lanço 3:300$000 réis, dos quaes a comarca da Feira pagou 1:000$000 rs. e a de Lamego 2:300$000 réis, que foram rateados por todos os concelhos d'aquella grande provedoria.

—

Como consta dos autos *que tenho presentes*, couberam a esta comarca de Villa Real as verbas seguintes:

Ao concelho de Mezãofrio......	46$000
» » » Barqueiros.....	12$000
» » » Teixeira.......	12$000
» » » Penaguião.....	50$000
» » » Moura Morta....	8$000
» » » Godim.........	12$000
» » » Fontes.........	12$000
» » » Peso da Regoa..	12$000
» » » Canellas.......	9$600
» » » Lordello.......	9$800
» » » Parada de Pinhão	6$000
» » » Gallegos.......	6$000
» » » Alijó..........	19$200
» » » Favaios........	9$000
» » » *Villa Real* (?)...	100$000
» » » Ranhados......	19$200
» » » Almeida [1]......	18$000
Somma.......	360$800

[1] Estes dois concelhos da Beira perten-

Mal imaginariam os bons villarealenses e os outros povos transmontanos supra mencionados, que tambem contribuiram para a construcção da ponte de Alvarenga, sobre o Paiva!...

E não será menor a surpresa para os povos da raia de Hespanha, hoje pertencentes aos concelhos de Almeida e Figueira de Castello Rodrigo, pois todos n'aquelle tempo eram da corregedoria de Pinhel e da provedoria de Lamego, pelo que todos foram tambem comprehendidos no mesmo rateio, como se vê dos autos.

—

Desde o tempo dos romanos vigorou em Portugal o costume de fazer as grandes obras publicas, nomeadamente as pontes, á custa dos povos circumvisinhos, por vezes bem distantes.

No artigo *Chaves*, villa d'este districto, se vê quaes os povos que contribuiram para a construcção da grande ponte que os romanos ali fizeram sobre o Tamega e que é, com pequenas modificações, a ponte actual.

Ruy Fernandes na sua minuciosa, conscienciosa e muito interessante descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas, escripta em 1532 [1], fallando da grande ponte de pedra que D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, mandaram fazer sobre o Douro no *ponto* do *Piar* ou do *Pilar*, entre a freguezia de Barrô, concelho de Rezende, districto de Vizeu, na Beira Alta,—e a freguezia de Barqueiros, concelho de Mezãofrio, n'este districto de *Villa Real de Traz-os-Montes*, diz:

Dos piares do Douro

«Item entre a barca do bernaldo, e a do porto de rrei estam huus fermosos peares de huua ponte que a Rainha dona mofalda [2] dysem que mandava fazer, os quaaes sam dous no meo do douro de muito grande altura, e mui largo fundamento; que os dous que estam no rio neste mes de maio hiram bem dez palmos descobertos, e no Verão hiram bem 20 palmos, e mais. E estam outros dous de fora, hum da parte daquem (Lamego margem esquerda) e outro da parte dalem.

«Estes poyares forom jáa de dobrada altura, e os derribaram, e fezeram delles pesqueiros, inda agora os lavradores os derribam cada dia, por dizerem que criam nelles as gralhas, que lhes comem os trigos. O arco da parte daquem volvia jáa. Está hi muita pedra quebrada, e acharam ainda pollos montes muitas marras, e cunhas, e lavancas, que por hi ficaram: dizem nesta terra (Lamego) que a Rainha D. mofalda tinha hum filho, o qual filho lhe diziam os estrolicos, que avia de morrer em agoa, e por isso mandava fazer aquella ponte; e que fazendo-se a ponte, morrera o filho em hua peguada de boy chêa de agoa, e que leixou de a mandar acabar de fazer: o que certo me não parece, se nom que a Rainha morreu estando a ponte nesta altura, e por isso cessou a obra; porque na maneira que ella estaria se nom podia leixar de fazer por outro geito: e certamente me parece, que se El Rey nosso senhor (D. João III) vira os ditos peares, mandara acabar a dita ponte, porque a mór parte é feito, pois he o fundo dagoa, e tem muito bom fundamento pera subir toda altura que quizerem, e tem muita pedraria quebrada, e muita pera quebrar á borda da ponte, e tem mui grandes soutos de muytas e muy formosas vigas e madeira pera armação dos arcos, todo junto com o edificio; e o pear que começa a volver da parte daquem nunca o rio o cubre.

«El Rey nosso senhor podia muy bem mandar fazer esta mea ponte que está por fazer, *com deitar 10 réis a cada morador 20 legoas a redor, e em seis ou sete annos ou menos, se podia fazer sem opresam;* e seria hua cousa mui nobre neste regno aver hua ponte no Douro, porque por ser fragoso he prigoso nas pasages.»

Do exposto se vê que já em 1532 Ruy Fernandes lembrava ao rei a conveniencia de se acabar a dicta ponte sem gravame para

---

ciam á corregedoria de Pinhel, á ouvidoria de *Villa Real* e á provedoria de Lamego!...

[1] *Ineditos de Historia Portugueza*, tomo 5.º pag. 546 e seg.

[2] D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques.

os povos, invocando o principio da derrama especial sobre os povos circumvizinhos. Até *vinte legoas de distancia*, dizia elle.

—

Desculpem-nos a transcripção do logar citado por ser um documento curioso, desconhecido para a maior parte dos leitores e muito interessante para a historia das pontes sobre o Douro, no territorio portuguez,

Da dicta ponte já este diccionario fallou nos artigos *Barrô*, *Barqueiros*, *Mezãofrio* e *Villa Jusã*—e não cantamos *extra chorum* fallando d'ella aqui, pois estava e estão ainda hoje (1885) largos vestigios d'ella no mesmo limite da freguezia de Barqueiros, concelho de Mezãofrio, n'este districto de Villa Real.

Foi a 1.ª é *unica ponte de pedra* que se fez sobre o Douro. Suppomos que nunca se ultimou.

A 2.ª foi de madeira, mas larga e luxuosa, feita pelos portuenses e lançada sobre o Douro, entre o Porto e Villa Nova de Gaya, para passagem d'el-rei D. Fernando I, quando de Lisboa foi a Leça do Balio casar com D. Leonor Telles de Menezes.

A 3.ª foi a de barcas, entre o Porto e Villa Nova de Gaya tambem, na qual se deu a grande catastrophe por occasião da entrada de Soult com o exercito francez no Porto, em 29 de março de 1809.

A 4.ª foi a *pensil*, que ainda se vê funccionando entre o Porto e Villa Nova de Gaya, mandada fazer pela rainha D. Maria II em substituição da *ponte das barcas* e um pouco a montante d'ella.

A 5.ª foi a da Regoa, n'este districto de Villa Real tambem, construida de ferro sobre pilares de pedra.

A 6.ª foi a de Maria Pia, toda de ferro, de um só arco e de um só taboleiro, lançada sobre o Douro para passagem da linha ferrea do norte.

A 7.ª é a de D. Luiz, tambem de ferro e de um só arco, mas com 2 taboleiros, mandada fazer em substituição da *pensil* e um pouco a montante d'ella, para communicação entre o Porto e Villa Nova de Gaya.

Fechou-se o grande arco em agosto do corrente anno de 1885 e suppõe-se que esteja concluida e aberta ao tranzito nos fins de 1886.

A 8.ª, em via de construcção tambem, é de ferro sobre pilares de pedra e lançada sobre o Douro na foz do Tamega, um pouco a montante.

A 9.ª é de ferro sobre pilares de pedra e lançada sobre o Douro em linha obliqua, um pouco a montante do celebre *Cachão da Valleira*, para passagem do caminho de ferro do Douro.

Está em via de construcção tambem.

D'estas 9 pontes cabem ao districto de Villa Real duas,—a 1.ª e a 5.ª

Sabemos que se acham em projecto mais 3 pontes sobre o Douro,—uma junto da Foz do Tavora, outra junto da estação do Molledo, outra junto da estação da Palla, entre Porto Manço e Portantigo, ou entre Baião e Sinfães.

Le monde marche!

Tudo é progresso e Portugal não tem sido refractario a elle.

No artigo *Vias Ferreas* pódem ver-se os grandes melhoramentos materiaes que no artigo *viação* e *facilidade de communicações* temos realisado na 2.ª metade d'este seculo; mas porque preço?

Das pontes mencionadas supra só a de D Luiz, com os seus 2 taboleiros e as suas 4 avenidas, não deve custar menos de 400 a 500 contos de réis!...

É a mais cara de todas as pontes do nosso paiz e—no seu genero—a 1.ª do mundo na actualidade.

No supplemento a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Douro*, volveremos ao assumpto e daremos da dicta ponte uma minuciosa descripção.

Superficie do concelho, da comarca e do districto de Villa Real

CONCELHOS	HECTARES
Alijó	32:960
Boticas	38:325
Chaves	67:963
Mezãofrio	5:110
Total	144:358

CONCELHOS	HECTARES
Transporte.........	144:358
Mondim de Basto.............	24:528
Monte Alegre[1]...............	82:271
Murça	17:885
Regoa.......................	10:693
Ribeira de Pena..............	13:414
Sabrosa......................	15:841
Santa Martha de Penaguião....	7:154
Val Passos....................	53:910
Villa Pouca d'Aguiar..........	36:792
Villa Real....................	38:325
Total.........	445:171

Tem pois o concelho de Villa Real 38:325 hectares de superficie;—a comarca 2 concelhos (Villa Real e Sabrosa) com a superficie de 54:166 hectares,—e o districto, 14 concelhos, com a superficie de 445:171 hectares e a população de 55:202 fogos e 234:844 habitantes, como já dissemos.

O districto de Bragança tem 12 concelhos com a superficie de 660:475 hectares e a população de 41:985 fogos e 175.617 habitantes.

Tem pois esta provincia de Traz-os-Montes :

Districtos......................	2
Concelhos	26
Freguezias......................	572
Fogos...........................	94:187
Habitantes[2]....................	410:461
Superficie em hectares.........	111:646

Predios inscriptos na matriz :

O concelho de Villa Real........	53:300
A comarca.......................	74:860
O districto de Villa Real........	473:020
O districto de Bragança.........	356:550
A provincia......................	829:570

Panonias ou Panoias

Houve no nosso paiz, no tempo da occupação romana, uma cidade importante denominada *Panonias*, vulgo *Panoias*. Tambem temos ainda hoje diversas povoações e freguezias assim denominadas, taes são:—Panoias, villa e freguezia do concelho d'Ourique, no Alemtejo[1];—Panoias, freguezia do concelho de Braga, no Minho;—Panoias, freguezia do concelho da Guarda—e Panoias de Cima e Panoias de Baixo, aldeias d'esta ultima freguezia; mas nenhuma d'estas freguezias e aldeias foi a velha cidade romana. Todos concordam que esteve na provincia de Traz-os-Montes e que em virtude das guerras que se seguiram ao grande imperio,—já entre os romanos e os barbaros do norte —já entre estes uns contra os outros,—já entre os christãos e os mouros na invasão e expulsão d'estes da peninsula, Panoias correu a sorte de tantas outras cidades destruidas e arrasadas até os fundamentos, das quaes hoje nem o local onde existiram se póde marcar precisamente.

Dá-se tambem a circumstancia de ser a Panoias transmontana (segundo se suppõe) não uma cidade na accepção em que hoje tomamos este nome, como povoação compacta, comprehendendo differentes ruas e largos, mas na accepção em que já se tomou, designando um districto, um cantão ou territorio semeado de povoações differentes, que obedeciam a uma d'ellas, onde estavam as auctoridades [2].

Suppõe-se que a dicta cidade de Panoias confinava a leste com o rio Tua,—ao poente com o rio Teixeira e com as montanhas do Marão,—ao sul com o Douro— e ao norte com as serras de Villa Pouca d'Aguiar, ou com o termo de *Aquas Flavias*, outra cidade romana importante, hoje villa de Chaves. Correspondia pois (approximadamente) á antiga comarca e ouvidoria de Villa Real

Suppõe-se que nunca teve por séde uma cidade ou povoação compacta, aberta ou murada, mas que Panoias era a denomina-

[1] *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista, tomo 1.º pag. 680.

[2] Esta nota da população refere-se ao ultimo recenseamento, feito em 1878.

[1] Fica a pequena distancia da linha ferrea do Algarve, na qual tem um apeadeiro denominado tambem *Panoias*.

[2] Para aligeirarmos um pouco mais este topico e evitarmos repetições, veja-se o artigo *Panoias* (a 4.ª) vol. 6.º pag. 444, col. 2.ª e seg.

ção geral d'aquelle districto, pelo que tomaram o titulo de Panoias varias povoações n'elle comprehendidas,—taes como *Villa Real de Panoias, Constantim de Panoias* e *Murça de Panoias;*—e todo aquelle vasto territorio se denominou *Terra de Panoias.*

—

Tambem se suppõe com bom fundamento que a séde da antiga cidade de Panoias esteve onde hoje vemos as freguezias de *Constantim de Panoias* e S. Pedro de Val de Nogueiras ou das *Vallongueiras,* sua limitrophe (cerca de 4 kilometros ao nascente d'esta villa) onde se tem encontrado muitos tijolos de grande espessura, moedas romanas, fragmentos de jaspe e de marmore, pedra estranha n'esta provincia, restos de estatuas, inscripções, montões d'escoria de ferro e d'outros metaes e incluzivamente—*templos romanos muito bem conservados* [1].

Quando em 1883 visitamos esta provincia, tambem vizitámos a historica freguezia das *Vallongueiras* e ali tivemos occasião de ver os taes templos romanos, dedicados aos deuses infernaes por Cneu Caio Calpurnio Rufino. São os mesmos que já n'este diccionario se acham descriptos sob o titulo *Panoias* e que D. Jeronymo Contador d'Argote muito bem descreveu nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, tomo 1.º liv. 2.º cap. 7.º, de pag. 325 a 350, illustrando a descripção com 11 bellas gravuras.

—

Encontram-se os dictos templos cerca de 300 metros a montante ou ao norte da nova estrada a macadam de Villa Real para Freixo de Espada á Cinta, por Sabrosa, Favaios, Alijó e S. Mamede de Riba-Tua; — distam 4 a 5 kilometros de Villa Real—e 1 a 2 da freguezia e do *Palacio de Matheus,* para leste.

São de todo o ponto authenticos emquanto a sua estructura e ao local que se lhes assigna, pois se reduzem ás cavidades, escadarias e inscripções, descriptas pelo meu antecessor e por Argote e abertas em penedos naturaes de aspero granito que se erguem em um pequeno e desgracioso monte, cerca de 200 metros ao nascente da matriz actual da dicta parochia.

Não sabemos se primitivamente estariam cobertos ou resguardados no seu todo ou em parte por algum edificio ou muro. Hoje estão sem resguardo algum, expostos á intemperie, que tem deteriorado as inscripções —e ao insulto dos vandalos, que já destruiram completamente dois dos mencionados templos descriptos por Argote e que este benemerito academico salvou dando-os em gravura nas suas interessantissimas *Memorias,*

Um d'elles foi destruido a fogo, a tiros de broca, nos fins do ultimo seculo, por um homem de Villa Real, que sonhou com grandes thezouros escondidos dentro da rocha que formava o dicto templo [1];—o outro foi destruido a picão e a fogo por um lavrador da localidade em 1883,—*pouco antes da nossa vizita,*—para fazer, como fez, ali uma eira no chão occupado pelo dicto penedo,—e contigua á eira, lado norte, uma pequena choupana para recolher cereaes!...

Como o sitio é relativamente alto, exposto ao sol e contiguo á povoação, é possivel que outros lavradores e sonhadores de thezouros encantados sigam o exemplo d'aquelles vandalos e destruam os monumentos restantes, pois,—graças á incuria dos nossos governos e da camara de Villa Real—os pobres monumentos estão completamente abandonados e despresados,—sendo verdadeiras preciosidades archeologicas,—talvez unicas no seu genero em toda a peninsula,—e por consequencia dignas da maior veneração!

---

[1] Vejam-se os artigos *Constantim de Panoias e Val de Nogueira.*

[1] Assim m'o affirmou o rev. Francisco Felicissimo Coelho Mourão, reitor actual d'esta freguezia, a qual tem andado desde os fins do ultimo seculo como em morgado na sua casa, pois é o 5.º reitor pertencente á mesma familia, *em successão ininterrupta,*—facto unico talvez em todo o nosso paiz, depois que se acabaram os padroados.

O dicto meu collega teve a bondade de me acompanhar na vizita aos mencionados templos e na sua casa me mostrou um curioso manuscripto deixado por um dos finados reitores seus parentes, no qual se fazia menção do facto a que alludimos no texto.

—

Nós temos em Evora sumptuosos restos d'um templo gentilico, dedicado a Diana, mas não é facil reconstituil-o nem se sabe ao certo o local onde primitivamente esteve.

Em Villa Viçosa, em Braga e n'outros pontos temos lapides que revelam a existencia d'outros templos gentilicos em Portugal, mas d'esses tambem nada resta alem das lapides commemorativas, nem se sabe [1] onde elles estiveram, emquanto que os templos gentilicos das Vallongueiras são evidentemente os proprios fundados pelos romanos,—conservam-se como no tempo em que os romanos n'elles veneravam os seus deuses—e no proprio local onde os erigiram, por serem talhados na rocha natural.

Não conhecemos em todo o nosso paiz outra estancia archeologica de tanto merecimento, e por isso nos maguou profundamente o lamentavel abandono em que se acha!

Salvemos o que ainda resta hoje de reliquias tão preciosas;—adquira-se o terreno que occupam os dictos templos e que pouco póde valer, porque é (como nós vimos)—pedragoso, inculto e agreste;—proteja-se com um muro de vedação, que pouco deve custar, porque tem uma pequena area e é abundantissimo de pedra;—fechem-se os muros com uma porta e entregue-se a chave ao parocho, ou ao regedor da freguezia, ou a uma pessoa da localidade que mereça confiança e que a faculte aos visitantes.

Sabemos que póde salvar-se ainda, já que tantas preciosidades archeologicas teem desapparecido no nosso paiz e n'esta provincia transmontana, inclusivamente 2 de tão venerandos monumentos, pois tendo atravessado mais de dois mil annos talvez, podem desapparecer de um momento para o outro.

Chamamos para este assumpto a attenção do governo,—da camara de Villa Real—e da benemerita *Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, nomeadamente do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, seu tão illustrado como zeloso presidente, da qual tenho a honra de ser o mais obscuro consocio.

[1] Com relação a este templo, o sr. Gabriel Pereira, distinctissimo archeologo, benemerito investigador e incansavel vulgarisador das antiguidades do districto d'Evora, acaba de publicar um interessante folheto de 23 paginas. Evora, 1885.

Ao seu illustrado auctor agradeço o exemplar que se dignou enviar-me, bem como os seus outros dois folhetos, relativos ao *Convento de Nossa Senhora do Espinheiro*—e á *Casa Pia d'Evora*, o 1.° publicado em 1884 e o 2.° em 1885.

Os 3 folhetos fazem parte da interessante collecção—*Estudos Eborenses*—do mesmo auctor.

Villa Real e Anciães

Todos os nossos historiadores, chorographos e geographos que até hoje fallaram de Villa Real de Traz-os-Montes disseram que esta villa foi fundada por D. Diniz, em substituição da velha, arruinada e despovoada capital de Panoias e que a séde do districto d'este nome passou *directamente* de Constantim ou das Vallongueiras para a villa de D. Diniz. O mesmo se lê em todos os manuscriptos que tractam de Villa Real;—mas, segundo dizem as *Memorias do concelho de Anciães*, publicadas em 1857 pelo dr. José Maria de Moraes da Mesquita, senhor da nobre casa das Sellores, na freguezia de Zedes, e ao tempo presidente da camara municipal de Carrazeda d'Anciães, á muito nobre e antiquissima villa d'Anciães, hoje extincta e quasi completamente dezerta, obedecia no temporal e espiritual, como julgado seu foraneo, o districto de Panoias, quando D. Diniz fundou Villa Real.

Nas dictas Memorias se lê a pag. 10, o seguinte:

«Tambem constava por um pergaminho antigo que se achou no cartorio da camara da dicta villa d'Anciães que o termo d'ella se estendia até Villa Real d'esta provincia, e que esta Villa Real [1] fôra suffraganea ou sujeita á de Anciães até o reinado do senhor rei D. Diniz, o qual lhe deu o fôro de Villa em attenção a que distava oito leguas de

[1] O pergaminho devêra dizer *Panoias*, porque Villa Real não existia antes do reinado de D. Diniz, seu fundador.

Anciães e aos rios que nesta distancia havia para passar, como eram o Tuella, Pinhão e Corgo, [1] mas que os moradores da dicta Villa Real ficariam sujeitos a reparar e fortificar o muro da villa de Anciães que desce desde o castello até o baluarte, que defendia a porta principal, e que a cerca da parte do norte.» [2]

—

O mesmo se lê na copia que o meu illustrado amigo Antonio José de Moraes, natural do concelho d'Anciães, mas rezidente em Villa Flor, [3] tirou e me mandou do que se encontra em um livro genealogico (fl. 251 a 272) encadernado em carneira e pertencente ao ex.[mo] sr Justiniano de Moraes Madureira Lobo, fidalgo distincto da villa de Freixiel, concelho de Villa Flor, em Traz-os-Montes.

Da copia que recebi se vê que o original d'ella foi composto em 1730 a 1750 com os taes pergaminhos da camara d'Anciães por um seu vereador, Manuel de Moraes de Magalhães Borges, irmão do rev. dr. Antonio de Sousa Pinto, informador e Cyreneu de Argote, pois o auctor, fallando da transferencia da séde do concelho d'Anciães para Carrazeda d'Anciães, diz: «Não houve quem se oppozesse a esta desleal mudança senão eu e o dicto meu irmão, bacharel Antonio de Sousa Pinto, do habito de S. Pedro.» E D. Jeronymo Contador d'Argote, no 1.º tomo das suas *Memorias* (introducção, pag. XVII) indicando as *obras manuscriptas* que recebera e de que fizera uso, menciona uma *relação d'Anciães*, composta por João Pinto de Moraes, então parocho d'esta villa, e por Antonio de Sousa Pinto,—e outra *relação* da villa d'Alfarella, composta pelo mesmo Antonio de Sousa Pinto e por elle remettida ao marquez d'Alegrete, então director da *Academia Real de Historia.*

Na mesma introducção (pag. XX) diz tambem Argote: «Antonio de Sousa Pinto, da principal nobreza d'Anciães [1], concorreo com as relações da villa d'Anciães, e Alfarella, que remetteo á Academia, *obra muy perfeita curiosa, e bem discorrida* e tambem com algumas respostas a perguntas, que lhe fiz.»

—

Do exposto se conclue que as *Memorias d'Anciães*, o meu manuscripto, o de Marzagão e o de Freixiel são com pequenas variantes o trabalho do rev. dr. Antonio de Sousa Pinto, tão elogiado por Argote, o que lhes dá bastante auctoridade e me leva a crer que o velho districto de Panoias, antes da fundação de Villa Real, obedecia (não sabemos desde quando) á villa d'Anciães.

Tambem as citadas *Memorias* e o meu manuscripto dizem que a egreja de S. João Baptista d'Anciães, extra-muros, foi n'aquelle tempo a matriz de Panoias e que a ella iam enterrar-se as pessoas mais distinctas d'áquelle districto, antes da fundação de Villa Real e da egreja de S. Diniz, como a tradição affirmava e revelavam as muitas sepulturas com armas e outros emblemas de nobreza que se viam no adro e em volta da dicta egreja de S. João Baptista.

A mesma tradição vigora ainda hoje (1885) no concelho d'Anciães; e junto da velha e arruinada egreja de S. João Baptista se veem ainda hoje restos das taes sepulturas ou

---

[1] Devêra mencionar tambem o *Tua*.

[2] Ou as *Memorias* claudicam n'esta ultima parte, ou se referem ao foral de D. Affonso III, foral que não vimos.

Temos presente e logo daremos na sua integra o 1.º foral de D. Diniz, que nem sequer falla na villa d'Anciães!...

[3] V. n'este vol. 10.º a pag. 739, col. 2.ª

[1] Era cavalleiro fidalgo, como seu irmão e seu pae; viveu algum tempo na côrte de D. João V; mais tarde resolveu ordenar-se, como ordenou, e se formou em canones na Universidade de Coimbra.

Foi vigario de Parambos e depois reitor de Marzagão, freguezias do concelho d'Anciães, tomando posse da ultima em 25 de Agosto de 1753.

Nasceu em 1692.

Ainda em 1855 vivia em Marzagão um seu parente, dr. Antonio de Sousa Pinto de Magalhães, que possuia e emprestou ao dr. José Maria de Moraes da Mesquita o trabalho dos seus antepassados—Manuel de Moraes de Magalhães Borges e Antonio de Sousa Pinto—com relação á villa d'Anciães,—trabalho que o dr. Mesquita extractou nas *Memorias* publicadas em 1857, como elle proprio declara na *Prefação.*

carneiros nas paredes, como diz o meu illustrado informador, filho da localidade.

—

Custa hoje a crer que o districto de Panoias ou de Villa Real obedecesse á pobre e deserta villa de Anciães, alcandorada em medonho fragoedo e distante da formosa Villa Real 50 kilometros para leste; mas, se nos remontamos áquelle tempo, achamos o facto naturalissimo.

Com as aturadas e sanguinolentas guerras que a peninsula sustentou contra os romanos, a peninsula perdeu grande parte da sua população; esta augmentou com o dominio do povo rei, ficando sempre muito longe da cifra anterior; mas, com as guerras que depois se feriram entre os romanos e os barbaros do norte e entre estes, uns contra os outros, mais deserta e despovoada ficou ainda a peninsula.

Cidades importantes, algumas d'ellas episcopaes, foram destruidas e arrasadas até os fundamentos e d'ellas nem o local se conhece.

Para se formar idéa do estado a que ficou reduzido o nosso paiz, note-se que na era de 607 (anno 569) segundo se lê nos fragmentos do concilio de Lugo celebrado n'aquella data, a instancias de Theodomiro, rei suevo, á diocese de Braga, que então se estendia desde a margem esquerda do Lima até os confins de Traz-os-Montes, comprehendendo n'esta provincia tudo o que é hoje dos bispados de Bragança e de Lamego—e na de Entre Douro e Minho parte do terreno que é hoje do bispado do Porto,—contava apenas 29 freguezias, sendo *Panoias* uma d'ellas;—o bispado do Porto 25,—o de Lamego 6,—o de Coimbra 7,—o de Vizeu 8—e o da Guarda 4!...

Imagine-se quanto os povos ficariam por vezes distantes da sua egreja matriz!...

E, como se não bastassem as mencionadas hecatombes para se despovoar a peninsula, accresceu nos annos de 714 e 715 a invasão dos mouros, que deixou esta provincia quazi completamente dezerta, pois os christãos que escaparam com vida se refugiaram nas Asturias—e esta provincia só principiou a povoar-se e reconstituir-se depois que os reis de Oviedo e de Leão expulsaram d'ella os mouros, cobrindo-a de sangue e de cadaveres [1].

Ainda em 1185 o nosso rei D. Sancho I a encontrou em misero estado;—em parte a reparou,—e D. Diniz, em 1279 a 1325, proseguiu no mesmo empenho, povoando Montalegre, Villa Flor, Freixo de Espada á Cinta, Mirandella, Vinhaes, etc., e levantando desde os alicerces Villa Real, que arvorou em séde do districto de Panoias, porque da sua antiga séde apenas restava a lembrança!...

—

Não admira, pois, que antes da fundação de Villa Real estivesse unido á villa d'Anciães o velho e arruinado districto de Panoias, porque da sua antiga séde nada restava n'esse tempo alem do *chão da feira* de Constantim e d'alguns pequenos edificios nas suas proximidades e nas dos templos romanos das Vallongueiras,—tudo desmantelado e em terreno aberto e pouco defensavel,—em quanto que a Villa d'Anciães, suspensa entre medonho fragoedo, occupava um dos pontos mais defensaveis da provincia e foi sempre murada e fortificada desde o tempo dos romanos. Julga-se até que n'esse tempo foi cidade com o nome de *Aguas Quintianas.*—Já D. Fernando I, o *magno*, rei de Leão e Castella, lhe havia dado foral no seculo XI, quando ali passou batendo os mouros,—o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques lhe havia dado no seculo XII segundo foral,—D. Sancho I nos fins do mesmo seculo XII lhe deu 3.º foral, que foi confirmado por D. Affonso II em 1219,—e D. Manuel ainda lhe deu 4.º foral em 1510 [2].

Contava pois Anciães já 3 foraes e era

---

[1] A expulsão dos mouros da peninsula foi muito mais morosa e muito mais sanguinolenta do que a invasão. Esta operou se rapidamente;—a expulsão durou cerca de oito seculos de luctas ininterrompidas, durante as quaes muitas povoações foram tomadas e retomadas differentes vezes pelos mouros e pelos christãos e differentes vezes saqueadas e incendiadas e os seus habitantes trucidados.

[2] V. *Anciães* n'este diccionario e no supplemento.

praça de guerra e villa muito importante e muito privilegiada quando el-rei D. Diniz em 1289 a 1293 fundou Villa Real!...

—

Não tenho pois duvida em crer que a *cividade* ou o velho districto de Panoias, antes da fundação de Villa Real, fosse um simples julgado da villa d'Anciães, como dizem as citadas *Memorias* e o meu manuscripto; mas o que eu não posso crer é o que nas táes *Memorias* e no meu manuscripto se lê tambem com relação a Villa Real:

«Igualmente consta de outro pergaminho que tambem existia no cartorio da Camara da dita Villa [1], que pertendendo o senhor rei D. João primeiro annexar ou incorporar a Villa Real os julgados de Alijó e de Favaios, os moradores d'elles se defenderam d'esta annexação, accusando os moradores de Villa Real de que haviam sido falsos á corôa, e que antes queriam viver debaixo da jurisdicção dos homens da Villa d'Anciães, a quem sempre foram sujeitos e suffraganeos e em quem sempre encontraram bom acolhimento, defensa e lealdade, como fidalgos e cavalleiros que eram: em consequencia do que o senhor D. João I deu a cada um dos ditos julgados de Alijó e Favaios o fôro de *Villa*, e com o dito foro as deu de juro e herdade aos senhores da casa de Tavora e Mogadouro, pelos bons e relevantes serviços que lhe prestaram na guerra que houve entre esta corôa e a de Castella.»

Que nós saibamos, apenas se póde lançar em rosto aos habitantes de Villa Real,—e ainda assim muito impropriamente,—a traição dos marquezes, seus senhores, para com D. João IV, em 1641, da qual adiante fallaremos.

Ignoramos que fossem falsos ou traidores para com el-rei D. João I. Apenas sabemos que no principio da guerra da successão, grande parte dos nossos fidalgos e muitas das nossas villas e cidades tomaram o partido da Hespanha, ou de D. João I de Castella contra o nosso rei, tambem D. João I, taes foram n'esta provincia de Traz os-Montes:—Bragança, Vinhaes, Monforte, Chaves, Miranda, Montalegre, Mogadouro, Alfandega da Fé, Lamas d'Orelhão e *Villa Real*; mas em breve *Villa Real* e quasi todas as outras villas transmontanas se pronunciaram contra Castella. Apenas Miranda, Bragança e Vinhaes conservaram o pendão castelhano até o tractado de 1406. E não admira que Villa Real, por ser ao tempo senhorio da rainha D. Leonor Telles de Menezes, seguisse no principio da lucta a voz de Castella.

Tambem não foi D. João I quem elevou Alijó e Favaios á cathegoria de *villas* e lhes deu os seus primeiros foraes.

Como já se disse nos artigos proprios, o 1.º foral d'Alijó foi-lhe dado por D. Sancho II em 1226,—o 2.º por D. Affonso III em 1269—e o 3.º por D. Manuel em 1514. Emquanto á villa de Favaios, o seu 1.º foral é de D. Affonso II, com data de 1211,—o 2.º é de D. Affonso III, com data de 1270,—o 3.º é de D. Diniz, com data de 1284—e o ultimo de D. Manuel, com data de 1514.

Nem um de D. João I, II, III ou IV!...

D. João I principiou a governar como regente em 1383, e Alijó e Favaios já eram villas e tinham foraes—a 1.ª desde 1226,—a 2.ª desde 1211.

Claudicam pois n'esta parte as *Memorias d'Anciães*.

Passemos a outro topico.

A villa velha

Achando-se completamente arruinada e quasi despovoada a antiga séde de Panoias, pediram os habitantes d'aquelle districto a el-rei D. Affonso III que lhes désse uma nova villa para séde. Annuiu el-rei dando foral em 7 de dezembro de 1272 aos que houvessem de povoar a nova villa; mas, ou porque o foral fosse duro e tivesse poucas franquias, como suppomos (ainda não logramos vel-o) ou por outro motivo qualquer, a nova villa não se fez, pelo que os mesmos povos, por intermedio dos seus procuradores enviados ás côrtes que em 1283 (?) se achavam funccionando na cidade da Guarda, pediram a D. Diniz o mesmo que haviam pedido a seu pae D. Affonso III, indicando-lhe o sitio que julgavam mais bem apropriado para a nova edificação.

[1] *Memorias d'Anciães*, pag. 10 e 11.

O proprio rei (segundo consta) foi ver o local,—gostou d'elle—e em 1289 mandou proceder á fundação da nova villa, que se denominou *Villa Real*, por ser fundação regia,—e *Villa Real de Panoias*, porque o proprio rei D. Diniz a arvorou em capital da *terra de Panoias*.

A *nova villa* fundada por D. Diniz é precisamente o bairro que hoje se denomina *Villa Velha*, e que pela sua posição topographica na extremidade sul da moderna villa, pela vetustez e acanhamento dos seus edificios e pela estreitesa das suas ruas, se destaca perfeitamente do povoado que depois se desenvolveu para N.—N. E.—e N. O.—e que hoje constitue a maior parte da formosa *Villa Real*.

—

Todos os chorographos e historiadores que tratam d'esta villa, bem como os apontamentos que me deixou o meu saudoso amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, [1] não mencionam vestigio algum de occupação ou edificação anterior no local onde D. Diniz fundou a *villa velha*.

Isto me surprehendeu, pois custa a crer que, sendo a provincia de Traz-os-Montes povoada desde tempos remotissimos e estando aquelle chão, tão pittoresco e tão defensavel, dentro do importante *pago* romano, do *territorio*, ou da *cidade* de Panoias, ali não encontrassem vestigios d'algum templo, d'algum castro ou d'alguma povoação anterior a D. Diniz!

Nas minuciosas descripções da fundação do castello, dos muros, da egreja e da cisterna da *villa velha* nem por sombra se indica o apparecimento de moedas romanas, gothicas ou arabes, nem de fragmentos d'alguma estatua, nem de lapides com inscripções, nem de tumulos ou sepulturas de qualquer ordem!

Parece incrivel, repetimos, pois o local é interessantissimo e d'aquelles que demandavam *occupação necessaria* desde tempos mais remotos.

Appellamos para o testemunho de todos quantos tenham vizitado e conheçam Villa Real.

—

Demora o chão da *villa velha* em uma especie de peninsula, formada pelos rios Corgo e Cabril, que ali fazem juncção, correndo o primeiro de N. a S. e o segundo de N. O. a S. E. lá no fundo de duas medonhas ravinas, como que talhadas a picão em rocha aprumada e nua, formando a leste, sul e oeste trincheiras insuperaveis e fossos aquaticos de 150 metros d'altura talvez e que, vistos do pontal sul da villa ou do passeio que *hoje* circumda o cemiterio, descrevem com vivas côres o bello horrivel!

Bastava pois construir uma muralha de leste a oeste com um fosso artificial e quaesquer outras obras de defesa para tornar aquelle vistoso e alegre planalto por assim dizer inconquistavel—no tempo das armas brancas: *não hoje*; porque as paredes oppostas das grandes trincheiras formadas pelos dois rios ficam ao nivel da villa e, caminhando para o norte, o terreno vae subindo e a domina toda.

—

Offerece o dito pontal sul da *villa velha*

---

[1] Logo que os benemeritos editores me encarregaram da continuação d'este diccionario, dirigi me a todos os meus amigos da provincia sollicitando apontamentos com relação a diversas povoações que eu tinha de descrever e que elles conheciam melhor do que eu. Com relação a esta *Villa Real* dirigi-me ao meu bom amigo Saavedra, pessoa competentissima pela sua illustração, pela sua affeição a esta ordem de trabalhos e a este mesmo diccionario;—por ser s. ex.ª filho de Provezende, villa e freguezia do concelho de Sabrosa, comarca e districto de Villa Real,—e por ter muitas relações n'esta villa e perfeito conhecimento d'ella, pois d'ella foram oriundos alguns dos seus maiores e n'ella tinha estado centos de vezes, chamado pelos seus negocios particulares e pelos do seu concelho, como procurador á junta geral do districto, etc.

Annuiu s. ex.ª de bom grado, mas infelizmente a morte o surprehendeu no dia 26 d'abril ultimo (1885) deixando muitos apontamentos para este artigo, porém tão informes, tão baralhados e incompletos que pouco, muito pouco, pude aproveitar!

Para a biographia e genealogia de s. ex.ª veja-se *Provezende* n'este diccionario e no supplemento.

um panorama caracteristico e muito interessante.

Ao sopé as duas medonhas gargantas com as suas altissimas paredes de granito, abertas pelos dois rios que serpêam furiosos lá no fundo, formando na sua juncção um medonho pégo;—ao nascente o ribeiro de Villalva ou de *Tourinha*, que, despenhando-se do alto da grande trincheira sobre a margem esquerda do Corgo, fórma uma catarata imponente, que *hoje* move mais de 40 rodas de moinhos, denominados *Moinhos da Peneda*, suspensos na ingreme encosta;—seguem-se a leste os campos, vinhedos e quintas de Villalva, de Tourinha, de Matheus, de S. Pedro de Val de Nogueiras e d'outras muitas freguezias de Traz-os-Montes, avultando entre diversas povoações o magestoso palacio *de Matheus*, ou dos actuaes condes de Villa Real;—a S. e O. a trincheira do Cubril, e lá ao longe a provincia da Beira, Lamego e outras povoações;—a N. NO. e NE. a *villa nova* com a sua esvelta casaria e luxuriante arvoredo,—e mais ao longe as serras do Marão e do Ameio, coroadas pelas *Rodas do Marão*, ponto culminante da grande serra.

Apesar do desenvolvimento que tomou a villa nova e dos largos, praças, jardins, ruas e passeios que n'ella se encontram e que lhe mereceram o titulo de *côrte* e *capital* de Traz-os-Montes, o passeio que *hoje* circumda a leste e sul a *villa velha* será sempre o passeio favorito dos vizitantes e que mais vivas recordações lhes deixará.

Foraes

Teve 4 foraes esta villa;—o 1.° foi-lhe dado por D. Affonso III em Santarem, a 7 de dezembro de 1272;—o 2.° por D. Diniz em Lisboa, a 4 de janeiro de 1289;—o 3.° pelo mesmo rei em Lisboa tambem, no dia 4 de fevereiro de 1293;—o 4.° por D. Manuel em 22 de junho de 1515.

O padre Carvalho, dedicando um longo artigo a esta villa, não mencionou foral algum;—José Avelino d'Almeida apenas mencionou o 3.°, claudicando na data, pois lhe assignou o anno de 1321;—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, apenas mencionou dois,—o 2.°, que s. ex.ª diz ser o *primeiro*,[1] — e o 3.° assignando-lhe a data de 1292;—Brandão, na *Monarchia Lusitana* (Parte V. fl. 143) tambem diz que este foral é de 1292, mas um pouco mais adiante (fl. 212) diz que é de 1293.

Solatium est miseris!...

Franklim menciona os 3 primeiros. O 4.° não o encontramos em auctor algum, mas logo o extractaremos, porque se acha nas *Antiguidades de Villa Real*, manuscripto existente no archivo da camara, como já dissemos supra.

Referimo-nos a uma *copia* que temos presente e que foi do sr. Camillo Castello Branco, nosso primeiro romancista, hoje visconde de Corrêa Botelho, e a elle offerecida pelo sr. Antonio Ludovico Guimarães, de Villa Real.

—

Sentimos não ver o foral de D. Affonso III, porque devia derramar muita luz sobre os nebulosos principios d'esta villa; mas, segundo se lê na Monarchia Lusitana, o foral de D. Affonso III lhe dava o mesmo nome de *Villa Real* e, entre outras graças e privilegios, concedia aos seus moradores todos os direitos reaes da *terra de Panoias*: «*Concedo vobis hominibus populatoribus, qui habitavehitis in terra de Panoias, quae vocatur Villa Real, omnes meas rendas, & omnes meos directos de terra de Panoias...*»

«Concedo aos que forem habitar a terra de Panoias, que se chama *Villa Real*, todas as rendas e direitos que tenho na terra de Panoias...»

Em vista do exposto parece-nos incrivel que, passados 17 annos, ainda *nada existisse* d'esta villa, quando D. Diniz lhe deu em 1289 o seu (d'elle) primeiro foral.

Estamos convencidos de que o povo não acudiu ao chamamento de D. Affonso III, porque achou duresa no foral que este rei lhes concedeu. N'elle, por exemplo, os sujeitava ao alcaide-mór: — «*Et ipse prætor*

[1] *Cidades e villas...* tomo 3.° pag. 164.

debet facere justitiam cum judicibus de ipsa popula.» [1] E o pretor (alcaide-mór) administrará a justiça conjunctamente com os vereadores ou juizes da villa ou *pobra.»*

Nem era necessaria tal declaração, porque, segundo o estylo da época, os alcaides-móres eram os presidentes natos do juizo ou da camara,—prerogativa de que ordinariamente abusavam com grande oppressão dos povos, porque dispunham em absoluto da força armada. Houve muitas desordens e muitos desgostos por causa da prepotencia dos alcaides-móres, [2] principalmente quando tinham ingerencia na administração da justiça, como aos de Villa Real concedeu D. Affonso III; e foi por esta e talvez por outras clausulas similhantes que os povos não acudiram ao chamamento, o que determinou D. Diniz a conceder-lhes um foral amplissimo e muito mais convidativo, para se não expôr ao desgosto porque passou D. Affonso III, seu pae. Não só permittiu aos moradores da nova villa escolherem ou elegerem livremente os juizes que mais confiança lhes merecessem, mas circumscreveu ao alcaçar ou castello a jurisdicção do alcaide-mór e terminantemente lhe prohibiu o tomar parte na administração da justiça,—privilegio de grande alcance n'aquelle tempo!

Além d'isso obrigou-se a fortificar e murar a villa e deu aos seus habitantes cerca de um quarto de legua ou de dois kilometros de terreno em volta para ser dividido em courellas iguaes por todos os habitantes d'ella,—terreno que se denominou a *Redonda* e que foi abalisado em toda a sua circumferencia por grandes marcos de pedra, dos quaes ainda no ultimo seculo existiam alguns. [3]

Eis aqui dois grandes bonus, mas além d'estes concedeu-lhes outros muitos, como póde vêr-se do proprio foral que vamos dar na sua integra por ser muito interessante e para que alguem mais feliz do que nós o possa um dia confrontar com o de D. Affonso III.

Primeiro foral de D. Diniz [1]

«Em nome de Deus Amen. Conhecida coisa seja a quantos esta carta virem e ouvirem que eu D. Diniz Rei de Portugal e Algarves em sembra com minha mulher a Rainha D. Helisabet, filha do mui nobre rei d'Aragão, faço carta de fôro para todo o sempre a vós pobradores de *Villa Real de Panoias;* convém a saber: A mil pobradores dou e outorgo... Parada de Cunhos e a Veiga toda de Cabril, e Montezellos, e a de *Empeira,* e Villava com todos os seus termos, e com todos os seus direitos e suas pertenças, para que hajades senhas courellas para vinhas, e senhas almoinhas (hortas) tamanhas, como as melhor poderdes haver; e com estas courellas, e com estas almoinhas haver cada homem uma casa dentro no castello, quantos ahi poderem caber, e os outros no arrabalde; e por isto deve cada um morador dar em cada anno um maravedi e meio ás terças do anno, convém a saber —a primeira terça pelo primeiro dia de janeiro,—a segunda no primeiro dia de maio —e a terceira no primeiro de setembro.

«E desde o dia em que começardes a pobrar a um anno não dareis fôro, e deveis de metter entre vós dous juizes que façam justiça compridamente em toda a terra de Panoias, em aquelles logares que de direito devem ser chegados por meus juizes e por meu Meirinho, e não deve Meirinho ahi entrar. E estes juizes sejam mettidos cada anno á vontade do concelho, e jurem nos Tabelliães, assim como os de Chaves, e os de Bragança;—e vá por ahi (por dentro da villa) o caminho que vai de Panoias para Amarante, como sohia (costumava) ir por *Seemiros.*

«Os vizinhos (habitantes) de Villa Real, pascem e montem (apascentem os gados, cacem e colham matto e lenha nos montes)

---

[1] *Monarchia Lusitana,* parte V, fl. 143.

[2] Vejam-se no vol. 7.º pag. 70, col. 2.ª e seg. as *proezas* que praticou em Pinhel o alcaide-mór D. Fernando Coutinho.

[3] Em Villalva, cerca de 2 kilometros d'esta villa, para leste, ainda hoje se denomina *Marco da Redonda* uma propriedade do conde de Villa Real e que foi foreira a Gonçalo Chrystovam.

[1] *Antiguidades de Villa Real,* fl. 60, *mihi.*

com os da terra de Panoias e com os do redor de Panoias, assim como os de Panoias usaram (costumavam) pascer e montar.

—

«O concelho haja para si os moinhos e os fornos; e dos chagamentos (ferimentos) das vozes, das coimas e dos homezios levará El-Rei ameidade, e o concelho a outra ameidade (metade)—e serão todos chegados (chamados, citados) pelos andadores (meirinhos) do concelho;—e a voz e a coima pagar-se-ha como a pozer o concelho...;—e ficará para El-Rei a portagem, e os alugueis, e o padroado das egrejas;—e a portagem (direitos de barreira) com esta quisa, convém a saber:—que se tire (pague) na villa, como se tirou até aqui em Moudrões, e havel-a-ha El-Rei toda. E das vendas e das compras tirar-se-ha d'esta maneira; convém a saber: —da carrega de besta cavallar dous soldos; da carrega asnal um soldo; do boi seis dinheiros; da vaca seis dinheiros; do porco um dinheiro; do outro gado miudo senhos dinheiros; do coiro do boi e da vaca tres dinheiros; da pelle do gado miudo um dinheiro; pelo colonho (carrego) do homem tres dinheiros; pela brancagem (direito sobre a carne) da vaca ou do boi que se vender nos açougues dous dinheiros de cada um; e outrosim do porco e de outros reixellos senhos dinheiros;—e haverá El-Rei esta brancagem, e esta portagem das vendas e das compras por tal (tudo) o que se tire; porém melhor haja El-Rei as duas partes, e o concelho uma. E se El-Rei quizer fazer alcacer (castello) deve ahi metter seu alcaide, que o guarde,—e fique a justiça nos juizes, *e não haverá o Alcaide ahi parte, salvo em guardar seu castello* (?)

«E todo o vizinho (habitante) de Villa Real não dará portagem em todo o Panoias, nem de passagem, nem de vendas, nem de compras.

—

«E todo o vizinho de Villa Real seja emparado e defeso (defendido, protegido) por hu (onde) andar elle e seu haver e seus herdamentos (bens) hu quer que os hajam, que nenhum (ninguem) lhe faça mal, nem força; e se lhe alguem mal fizer, ou tente fazer-lh'o, El-Rei o corregerá (castigará) e emendará (indemnisará) pelos corpos e pelos haveres d'aquelles que lh'o fizeram.

«E todo o vizinho de Villa Real que traga haver (valores) em caminho, possa trazer armas, se quizer, sem coima, com que se defenda.

«E vós pobradores de Villa Real debedes (debeis) haver feira uma vez no anno por Santa Maria d'Agosto, e ser coutada (franca) 15 dias antes, e 15 dias depois, assim como a da Guarda;—e debedes haver feira de mez em mez, no terceiro dia depois da de Chaves; e deve durar dous dias, assim como a de Chaves.

«E o concelho deve metter (nomear) seus andadores, para que obriguem todos aos feitos dos juizes, e do concelho.

«E El-Rei deve metter seu Almoxarife, que saque (receba) as rendas das terras d'aquelles que as houverem de dar, e que demande e receba os seus direitos pelos juizes, e sejam chegados (citados) pelos andadores do concelho.

«E El-Rei deve fazer seu muro (os muros da villa) logo e só, e deve-o aguardar (defender) o concelho, assim como é costume do reino;—e não deve ir em anaduva, (trabalhar na reparação dos castellos e praças) senão como os da terra de Panoias.

—

«O *Rico-homem* e o *Prestameiro*[1] não devem pousar em Villa Real, *nem no seu termo* (?) salvo se for de caminho e estê (esteja) *um dia e não mais*,—salvo se fôr vontade do concelho;—e o que dispenderem (gastarem) seja pagado e filhado (tomado ou comprado) como mandarem os juizes;—e elles nem seus homens (sua comitiva) não se creiam poderosos (com poder) de filhar nem uma cousa em Villa Real, nem no seu termo, senão por mandado dos juizes; — e os juizes devem lhes dar venda, segundo como andar na terra.[2]

---

[1] Eram pessoas muito privilegiadas, como se disse nos artigos proprios. *Vide*.

[2] Era este um dos privilegios que os povos mais agradeciam e que por graça especial foi tambem concedido ao Porto. V. vol. 6.º, pag. 73, col. 2.ª

«E esta Villa Real seja cabeça de *todo o Panoias* e de quanto ahi El-Rei pode dar de direito em este tempo, e podér adiante; e venham a sá (sua) justiça, e a seu juizo aquelles logares que El Rei póde fazer de direito tambem, e que hora El-Rei ha conhecido que de direito deve haver como o que lhe tem negado (sonegado) se inda alguma cousa poder cobrar de direito;—e haverá El-Rei os fóros d'esses herdamentos, assim como os ha e como os poder haver de direito,—salvo os do termo de Villa Real, d'esses logares (da *Redonda*) que lh'os escamba e compra, e devem maravedi e meio de sás herdades, que lhes dá, como dicto é, e não mais.

«E se El-Rei vir que é mister acrescentar mais gente aos mil sobredictos (moradores) para essa Villa Real, e poder haver herdamentos, que lh'os dê com tal fôro como o de suzo (acima) dicto, e que lhe dê o concelho hu façam casas, não se desfazendo as outras.

«E não haja venda de regatia nem uma, nem seus feiraes (feiras ou mercados) até uma legua a cada parte (em redor) de Villa Real, salvo quem tiver pão, ou vinho de sá colheita, que seja de seu herdamento, que o venda em sua casa, se quizer...

«E todo o pobrador de Villa Real d'aquelle dia que começar a pobrar, até aos tres annos, faça casa e vinha...

«E o concelho deve colher comsigo (acceitar) quaes vizinhos quizer, *salvo cavalleiros.* [1]

«Feita a carta (foral) em Lisboa a 4 dias de janeiro, El-Rei o mandou, era de 1327 (anno de 1289).»

No supplemento ao artigo *S. Martinho de Mouros*, concelho de Rezende, daremos um extracto dos *fóros* d'aquella villa para que os leitores vejam *com assombro* como os fidalgos eram prepotentes e dispoticos, motivo porque o povo os detestava. Pódem verse entretanto os dictos *fôros* nos *Ineditos de Hist. Portug.* tomo 4.º, pag. 579 e seg.

Não conhecemos documento que melhor justifique a importancia do mencionado privilegio.

[1] Excluia tambem os cavalleiros, por serem privilegiados e poderem affrontar a vizinhança.

Seguem-se as testemunhas que assignaram o dito foral. Mencionaremos apenas as seguintes: D. Fr. Tello, arcebispo de Braga, —D. Vicente, bispo do Porto,—D. Amerique, bispo de Coimbra,—D. Johane, bispo de Lamego,—D. Egas (?) eleito de Vizeu.—D. Johane, bispo da Guarda,—a egreja de Lisboa vaga,—D. Bartholomeu, bispo de Silves,— D. Domingos, bispo d'Evora.—a chancella d'El-Rei, etc.

«Francisco Eannes, Escrivão da corte, escreveu esta carta.»

—

Não conhecemos outro foral com tantos privilegios e tão convidativo!

Ainda não pude ver o 2.º concedido pelo mesmo rei; mas supponho que não cerceava, antes ampliava o 1.º, como se deprehende de algumas referencias da *Monarchia Lusitana* e do foral de D. Manoel.

D. Diniz no 1.º como que obrigava os habitantes de Villa Real a construirem 1:000 casas, o que era muito para aquelle tempo; —no 2.º reduziu aquelle numero a 500; segundo se lê na *Monarchia Lusitana* e no foral de D. Manoel,—dividindo-se os chãos da *Redonda* em 500 courellas pelos 500 moradores (fogos) da villa,—e mandou que cada um d'elles lhe pagasse de fóro, ou direito real, 2 maravedis, em vez de maravadi e meio que estipulára para os 1:000 moradores, no 1.º foral.

Com isto não os aggravou, antes beneficiou, porque as courellas, sendo só 500 em vez de 1:000, comprehendiam cada uma o dobro do espaço das primeiras.

—

Tambem nas *Antiguidades de Villa Real* se lê que D. Diniz concedeu a esta villa o privilegio de ser sempre da corôa e nunca de senhorios particulares.

Talvez seja esta uma das disposições do 2.º foral de D. Diniz, pois não se encontra no 1.º—e melhor fôra que tal não promettesse, porque depois se não cumpriu, como logo veremos.

Extracto do foral de D. Manuel

Principia por dizer que, posto tivessem sido dados a esta villa outros foraes pe-

los reis d'este reino, d'aquella data (22 de junho de 1515) em diante, vigoraria sómente o de D. Diniz.

Julgo que se refere ao 2.º, pois do extracto que vamos fazer os leitores verão que o foral de D. Mauuel differe muito do que acima ja transcrevemos.

—Que o concelho pagaria a el-rei cada um anno 1:000 maravedis velhos, ou 48.500 réis d'aquelle tempo (1515) como ordenára D. Diniz, rateados pelas 500 courellas da Redonda, a 2 maravedis por courella, segundo a repartição já feita e approvada pelo concelho e pelo senhorio.

—Que o gado do vento pertencesse ao senhorio.

—Que os tabelliães pagariam cada anno 12:000 réis dos seus livros.

—Que a *pena d'arma* se pagaria segundo as leis do reino... ao Alcaide-mór, ou ao pequeno, ou ao meirinho,—ao primeiro que a tomasse.

—Que nada pagariam das medidas, mas que dos pesos pagariam os homens de fóra da villa na proporção de real por arroba.

—Que pagariam mais de fôro a el-rei pelo moinho da *ponte de Santa Margarida* (?) 27 rèis;—por outro 30 réis e 2 gallinhas;—por outro 27 réis;—por outro 20 réis e uma gallinha, etc.

—Que haviam além da *Redonda*, no aro, termo e jurisdicção da villa, muitos reguengos de logares, concelhos e aldeias, de que se pagavam muitos direitos a el-rei, segundo os foraes particulares das ditas terras;—que d'ali em diante continuariam a pagar-se aquelles direitos *sem innovação alguma*,—mas declara expressamente *que os mordomos ou rendeiros seriam indulgentes para com os foreiros...*

—Que os chãos das 500 courellas da *Redonda* nunca seriam dados de sesmaria, ou declarados maninhos, embora estivessem incultos; mas que n'este caso, havendo entre os outros foreiros da *Redonda* quem os pedisse para os cultivar, lhes seriam dados—*e só a elles*—não a estranhos—pelo fôro dos 2 maravedis por courella, sem accrescentamento algum.

Em seguida indica o processo pelo qual o concelho podia declarar maninho um terreno quálquer,—fóra da *Redonda*.

— A portagem seria paga sómente pelos que de fóra da villa e do seu termo levassem a ella cousas para vender, ou ali as fossem comprar. Em seguida estipula a taxa e regimento da dita portagem, ou dos direitos de barreira,—taxa e regimento em tudo similhantes aos dos outros foraes de D. Diniz. Apenas estranhamos a disposição seguinte: «e posto que não vendam, pagarão da passagem, como se comprassem, ou vendessem, por ser assim imposto pelo dito foral acostumado.»

Depois indica as pessoas e terras privilegiadas que eram izentas de pagar portagem. Das ditas terras pertenciam a esta provincia:—Miranda, Bragança, Freixo d'Espada á Cinta, Azinhoso, Mogadouro, Chaves, Montalegre e Anciães!...

Termina pelas penas do foral, como todos os outros d'este padrão.

—

Do exposto se vê que o foral de D. Manoel é uma vulgaridade. Mal se distingue dos que o mesmo rei deu a outras muitas povoações,—emquanto que o de D. Diniz (referimonos ao 1.º) não se confunde com qualquer outro e comprehende muitas franquias e privilegios que D. Manoel lhe cerceou.

Não conhecemos o 2.º de D. Diniz, mas suppomos que D. Manoel o cerceou tambem, aproveitando d'elle o fôro dos 1:000 maravedis pelas courellas da *Redonda*—e pouco mais;

Ainda a villa velha

O seu local foi sempre muito pittoresco e muito interessante, mas como está no vertice do angulo da pequena peninsula, sem ponte nem communicação para leste e sul, formando uma especie de *bêco sem saida* e occupando um pequeno espaço, poucas habitações teve sempre e menos tem ainda hoje.

A villa cresceu rapidamente, mas para o arrabalde, a N.—NE.—e NO. da villa velha,

formando bellas ruas, campos, largos e praças que lhe mereceram o titulo de *côrte e capital de Traz-os-Montes;*—e a pobre *villa velha*, que nunca comprehendeu mais do que o pequeno recinto murado, a egreja de S. Diniz e o adro ou largo da egreja, hoje cemiterio publico, em breve se despovoou, ficando a egreja matriz exposta a ser, como foi, roubada,[1] pelo que el-rei D. Fernando I concedeu aos moradores da pobre *villa velha isenção do serviço militar e de todos os tributos e encargos do concelho, emquanto n'ella rezidissem!...*

Tão extraordinario privilegio foi confirmado por D. Pedro II em 6 de julho de 1677, mas poucos se aproveitaram d'elle, por ser a villa velha um bairro morto, sem movimento de passageiros, sem agua, sem industria, sem commercio nem vida alguma, formando um perfeito contraste com a *villa nova*, cortada por estradas importantissimas, taes são a de Verim para a Beira, na linha de N. a S.—por Chaves, Vidago e Pedras Salgadas, hoje dois estabelecimentos balneares de primeira ordem,—Villa Pouca d'Aguiar, Regoa e Lamego,—e a de Bragança ao Porto e Braga, na linha de E. a O.—por Macedo de Cavalleiros, Mirandella, Murça, Amarante ou Regoa.

Ambas cortaram sempre e cortam esta villa, pelo que ao longo d'ellas se construiram amplas ruas, largos e praças, bons edificios publicos e particulares, conventos, egrejas, capellas, chafarizes, etc. e se montaram officinas e estabelecimentos commerciaes de toda a ordem.

—

Na *villa velha* apenas se veem algumas casas denegridas, quasi todas habitadas por gente pobre, o cemiterio, prestes a ser supprimido, a capella de S. Braz, a egreja de S. Diniz e alguns restos dos velhos muros, ha muito abandonados e despresados como inuteis e que nunca registraram um feito d'armas. Depois de construidos, sustentámos grandes luctas com a Hespanha nas guerras da successão, no tempo de D. João I, —e nas da independencia, em seguida á acclamação d'el rei D. João IV; mas, como esta villa estava longe da fronteira, pouco, muito pouco soffreu, além do incommodo proveniente do movimento das tropas.

Os ditos muros, por serem completamente inuteis, foram demolidos em differentes datas e empregada a sua pedra em outras construcções, nomeadamente no palacio de que logo fallaremos, mandado construir em 1816 pelo general Silveira.

Não tinham os muros outro merecimento além da sua muita antiguidade, pois não só datavam de 1289 a 1293, mas accrescia a circumstancia de terem sido feitos com a pedra dos muros e ruinas da velha capital de Panoias, que estava (segundo se suppõe) no chão que hoje occupam as freguezias de Constantim e S. Pedro de Val de Nogueiras ou das *Valongueiras*, 4 a 5 kilometros a leste de Villa Real, pelo que ficou varrido aquelle chão e d'elle desappareceram quasi completamente os vestigios do povoado romano.

Quantas lapides, inscripções e restos de estatuas se não destruiriam por essa occasião!...

—

Os muros de D. Diniz formavam uma especie de parallelogrammo que abrigava em si a villa velha e tinham 3 portas,—uma ao norte, —outra ao sul—e outra ao poente.

A principal era a do norte, defendida por duas altas torres, a meio das quaes o primeiro alcaide-mór fez uma casa onde viveram elle e os seus descendentes e successores muitos annos, até que um d'estes fez outra mais ampla e confortavel, na villa nova, junto dos paços do concelho e do hospital. Tinha na frente uma grande janella, sobre á qual em 1640, na acclamação de D. João IV, o Alcaide-mór d'esse tempo mandou gravar em lettras d'ouro esta inscripção:

---

[1] Em 1670 roubaram a pyxide com as particulas. Appareceram estas em um buraco da tranca da porta e, sendo encontrado um preto a vender a pyxide, foi preso e enforcado no alto do monte da margem direita do Cabril, em frente da egreja roubada, pelo que o dicto monte se denomina ainda hoje *Monte da Forca.*

JOANNES QUARTUS REX
NOBIS VENIT AB ALTO

«O ceu nos deu D. João IV como Rei.»

Da porta principal ia e vae ainda hoje uma estreita rua, denominada *Direita*, até á porta do lado sul, que dava communicação para o largo da egreja de S. Diniz, da capella de S. Braz e das antigas feiras talvez.

A do lado poente denominou se *porta franca*, porque em virtude do um antigo privilegio não pagavam direitos de portagem as mercadorias e generos que por ella entrassem,—privilegio importante concedido, como o de D. Fernando, para reter a população dentro dos muros; mas nem um nem outro a poderam reter.

A' dicta *porta franca* iam ter as estradas que vinham da Regoa, Lamego e Beira, Amarante, Porto e Braga, mas, depois que principiou a desenvolver-se a villa nova, ninguem mais demandou a dicta porta, apesar das suas franquias, por entenderem que estas não valiam a pena da grande volta e romagem, ou visita forçada ao ermo, onde não podiam pousar nem fazer negocio algum, o que tornava o passeio, além de fatigante, *irrisorio*, pois, feita a continencia á *villa velha*, tinham de contramarchar e de volver á *villa nova!*...

Egreja de S. Diniz

E' um templo venerando pela sua antiguidade e tradições esta egreja, posto que já não é a fundada por D. Diniz no mesmo local em 1289 a 1293, [1]—e ha muito que não é tambem egreja parochial.

A primitiva era muito mais pequena, pelo que foi mister amplial-a para n'ella poder assistir aos officios divinos a grande população da villa velha e do arrabalde, ou villa nova.

Data a sua restauração e ampliação dos fins do seculo XV, pois sabemos que D. Affonso V, nas cortes que fez na Guarda no anno de 1465, attendendo ao que lhe representaram os procuradores de Villa Real, concedeu para as dictas obras 15:000 réis, somma importante n'aquelle tempo.

O mesmo rei anteriormente já havia mandado dar para o mesmo fim outros 15:000 réis das sobras das cisas, mas o alvará não se cumpriu.

Nos principios do ultimo seculo o parocho d'esta egreja de S. Diniz era vigario e recebia de estipendio 30:000 réis,— mais 10:000 réis para renda de casa e 600 réis para ensinar doutrina;—total 40:600 réis.

Tinha um cura e um coadjuctor que venciam 40$000 réis cada um. Havia tambem na dicta egreja 4 porcionistas cantores que cantavam as missas conventuaes dos domingos e dias festivos, recebendo cada um dos cantores 6$000 réis por anno. O organista ganhava outros 6:000 réis, e todos eram da apresentação do vigario e pagos pelos jeronymos do convento de Belem, que recebiam os dizimos d'esta freguezia e apresentavam o vigario.

Em 1768 o vigario era da mesma apresentação,—tinha de congrua 150$000 réis—e contava esta freguezia 142 fogos.

Na mesma data era tambem vigario e da mesma apresentação o parocho de S. Pedro, ou da outra freguezia d'esta villa;—tinha de congrua 280$000 réis—e contava a dicta freguezia 640 fogos.[1]

—

Na egreja de S. Diniz, desde a sua fundação houve sacrario e uma confraria do Santissimo, na qual se inscreviam os confrades livremente e davam a seu arbitrio uma esmola qualquer. De um dos livros d'estas inscripções consta que Maria Antunes e uma sua filha deram de esmola *dois réis!*...

A dita confraria se transformou em irmandade em 1548, por bulla de Paulo III,

---

[1] Suppõe-se que n'este periodo de 4 annos se fundou a villa e se pôz em termos de ser habitada (*Monarchia Lusitana*, parte V, fl. 143) mas sobre a porta principal da egreja se vê a data—1320. A mesma egreja tem sobre o arco cruzeiro as armas reaes. Exteriormente não tem brasão algum.

[1] Tanto a egreja de S. Diniz como a de S. Pedro foram primeiramente da corôa,—depois passaram para os frades bentos de Pombeiro—e ultimamente para os Jeronymos de Belem.

que falleceu no anno seguinte, tendo aberto o concilio de Terento em 1545.

O papa Clemente XI lhe concedeu muitas indulgencias e privilegiou perpetuamente o altar-mór em 1712, data em que a irmandade fez novos estatutos, por haverem desapparecido os de 1548.

Houve tambem e ha ainda hoje (1885) n'esta egreja uma irmandade das Almas, tendo por patrono S. José,—com estatutos desde 1651 e muitas indulgencias concedidas pelo papa Clemente XI em 1715.

Tambem houve n'esta egreja uma irmandade de S. Roque, tão antiga como o proprio templo.

Festejavam com grande pompa o seu orago, no dia proprio, os ministros, advogados e officiaes da justiça, — exceptuando os da repartição ecclesiastica.

Tendo-se perdido os velhos estatutos, fizeram outros em 1718.

Tambem houve n'esta egreja outra irmandade do *Santo nome de Jesus*, fundada no tempo do santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, creador das irmandades com a dita invocação.

Os seus ultimos estatutos foram feitos em 1715.

—

N'esta egreja se instituiram muitos vinculos com obrigação de missas. As *Antiguidades de Villa Real* mencionam grande numero d'elles, mas nós, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas um, por ser mais curioso, instituido pelo padre Ruy Dias, que fôra 10 annos capellão do marquez de Villa Real.

Foi o instituidor sepultado no supedaneo do altar de Nossa Senhora a Branca, na egreja de S. Diniz, e vinculou certos bens, nomeando administradora do vinculo uma tal Simôa, filha de sua sobrinha Leonor Dias, casada com João Ribeiro, para ajuda do casamento da tal sua segunda sobrinha,—determinando que o vinculo pertenceria sempre á filha mais velha da tal Simôa e dos seus descendentes, excepto quando a filha mais velha fosse prodiga ou *fizesse de si algum desmancho*, pois n'esse caso passaria o vinculo á irmã immediata.

A este vinculo impoz a obrigação de uma missa todos os mezes, — da esmola de *vinte rèis!...*

Poucos vinculos ou morgados excluiam da successão, como este, os filhos varões.

Outra instituição curiosa:

Pedro João e sua mulher Joanna Francisca, maradores na villa velha, instituiram em 1697 no seu testamento duas missas por sua alma, que seriam dictas no dia da festa do Corpo de Deus e no da do Anjo Custodio, depois de recolhidas as procissões solemnes,—para que podessem satisfazer ao preceito muitas pessoas que entretidas com as grandes festas (logo as descreveremos) costumavam ficar sem missa.

Capella de S. Braz

Antes de sairmos da *villa velha*, forçoso é mencionar a nobilissima e antiquissima capella de S. Braz, contigua á egreja de S. Diniz, lado poente, e como que formando um todo com ella.

Foi de Gonçalo Chrystovam Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita, bem conhecido na segunda metade do ultimo seculo por *fidalgo do Bomjardim*, no Porto, de quem tomou o nome a rua de *Gonçulo Chrystovam*, que liga as de Santa Catharina, Camões e Bomjardim com o *Campo da Regeneração*.

Gonçalo Chrystovam, um dos fidalgos mais nobres e mais ricos de Portugal no seu tempo, legitimo representante das familias Teixeiras, Macedos, Monizes, Coelhos e Mellos, foi contemporaneo do marquez de Pombal e uma das victimas d'elle, pois o mandou prender e metter em uma das prisões da Junqueira, onde o conservou incommunicavel cerca de 18 annos, até que, fallecendo D. José I e sendo deposto de todos os cargos o omnipotente ministro, Gonçalo Chrystovam respirou e tornou a ver o mundo, compungindo e assombrando a todos como se fôra um espectro saido da campa, ou se tivesse ressuscitado, pois todos o julgavam morto e até os parentes já haviam distribuido entre si os seus muitos bens; mas, logo que o reconheceram, sem letigio de prompto lh'os entregaram.

—

Bem quizeramos dar desenvolvimento a este interessantissimo topico, mesmo porque temos conhecimento de circumstancias que jazem ignoradas e que descobrimos na *Bibliotheca Municipal Portuense*; mas este artigo vae já tão longo que não podemos deixar de passar adiante. Veja-se entretanto na Bibliotheca Portuense o *Codice* n.º 658, que se intitula:

Vida tragica e relação maviosa dos trabalhos e perseguições que soffreu Fr. Manuel da Rainha dos Anjos Penajoia desde Portugal até á Turquia, escripta por elle proprio.

Este codice é tão interessante que foi copiado pelo proprio punho do bispo D. João de Magalhães e Avelar.

N'elle o padre Penajoia, meu patricio, natural da povoação do Moledo, freguezia da Penajoia, dr. de capello, homem muito illustrado, qualificador do Santo Officio e ascendente do sr. dr. João Cardoso Ferraz de Miranda, hoje official maior na secretaria do reino, descrevendo a perseguição que lhe moveu o marquez de Pombal, diz que, tendo-se *milagrosameute* evadido de uma das prisões da Junqueira, [1] foi alta noite bater á porta de Gonçalo Chrystovam, então residente em Lisboa, que o recebeu e tractou bem, deu-lhe roupas e dinheiro e o mandou pôr na margem esquerda do Tejo, caminho de Hespanha, para onde fugiu o padre Penajoia,—de lá para Roma—e de Roma para a Turquia!...

Apenas o marquez soube que o padre Penajoia fôra recebido e protegido por Gonçalo Chrystovam, aproveitando o ensejo para vingar-se e desfazer-se d'elle, immediatamente o prendeu e á familia, conservando-o preso tanto tempo e com tal segredo que todos o julgavam morto!... [1]

Todo o *Codice* parece um romance. D'elle daremos um longo extracto no supplemento ao artigo *Penajoia.*

—

Nos antiquissimos tempos em que a povoação de *Constantim* foi cidade (alguem diz que se denominava *Constancia*) capital de Panoias, os Teixeiras Macedos, a quem depois se uniram os Coelhos, Monizes e Mellos, fundaram ali uma capella de Sant'Anna, a que vincularam muitos bens. Depois, passados seculos, quando D. Diniz fundou Villa Real, fundaram elles tambem n'esta villa e junto da egreja de S. Diniz, a capella de

---

[1] *Aliunde* pude saber que o *milagre* foi operado pela rainha D. Marianna Victoria, mulher de D. José!...

Assim o affirmava o meu professor de latim, Fr. Manuel Raymundo Pinto Coelho, tambem natural da mesma freguezia da Penajoia, religioso (egresso) franciscano, homem bastante illustrado, que falleceu em 1882, contando cerca de 80 annos de edade e que teve (dizia elle) perfeito conhecimento dos trabalhos que passou o pobre padre Penajoia.

[1] Consta que o marquez, tentando casar com uma irmã de Gonçalo Chrystovam, este se oppoz, dizendo que não podia tolerar-se um *carvalho* em um *jardim*.

Bem caro pagou o *calembourg*!...

Tambem consta que entre a familia de Gonçalo Chrystovam e a do marquez de Pombal houve rija e prolongada demanda por causa de certo vinculo que foi do marquez de Montalvão. Achando-se Gonçalo Chrystovam na posse do dicto vinculo, o marquez de Pombal obteve sentença em seu favor. G. Chrystovam proseguia com a demanda, quando se deu a occorrencia do padre Penajoia, occorrencia que o marquez aproveitou para desfazer-se do seu contendor.

Metteu-o nas prisões da Junqueira e a um primo, João Bernardo; prendeu tambem duas irmãs de G. Chrystovam e as degradou para o Alemtejo, onde falleceram; prendeu tambem outra senhora que estava em casa de G. Chrystovam na fatal noute e a metteu no Limoeiro, onde esteve encarcerada até morrer D. José, ou cerca de 18 annos; prendeu finalmente tambem um padre loyo, que na mesma noute se achava na casa de G. Chrystovam, e o metteu tambem no Limoeiro, onde falleceu.

Quando G. Chrystovam foi preso, tinha o casamento tractado com sua prima, D. Francisca de Noronha Manoel Portugal. Ella, julgando-o, como todos o julgaram, fallecido, vestiu-se de roxo, disposta a morrer solteira. Resurgindo elle, casaram então e tiveram um unico filho, tambem de nome Gonçalo, herdeiro e successor.

O pae falleceu dois annos depois de sair do carcere, e foi sepultado, bem como o filho, na sua capella de S. Braz.

S. Braz, com missa quotidiana resada e a dos sabbados cantada, tudo em suffragio dos seus maiores, pois a dicta capella foi destinada para jazigo da familia.

Fundaram tambem por essa occasião no arrabalde, ao fundo do Campo do Tabolado e junto da estrada publica, uma albergaria ou hospital com outra capella da invocação ds Espirito Santo, e vincularam estas duas capellas em morgado, como a de Sant'Anna de Constantim, unindo-lhes todos os seus bens.

—

Não sabemos precisamente a data da instituição d'este grande vinculo; mas sabemos que D. Affonso V o confirmou por carta de 2 de dezembro de 1472, sendo administrador d'elle João Teixeira de Macedo, F. C. R. do concelho de el-rei e contador das suas rendas n'esta provincia de Traz-os-Montes.

Na dicta carta se diz que estando elle João Teixeira de Macedo possuindo o dicto morgado com as 3 capellas sem outro titulo além da opinião antiga de posse immemorial em seus ascendentes, el-rei o perpetuava na familia d'elle com todos os bens, casaes, quintas, casas, vinhas, herdades, rendas, pensões, etc., como o haviam possuido seus paes, avôs e mais ascendentes.

Em 1720 era administrador d'este grande vinculo Bernardo José Teixeira de Mello Pinto, moço fidalgo da C. R. senhor da Villa da Teixeira, da casa de Cergude em Felgueiras e das commendas de S. Salvador de Tellões e de S. João do Mosteiro de Vieira, sendo natural d'esta villa e n'ella morador.

—

A capella de S. Braz era o jasigo de tão nobre familia, como revelam os cinco mauzoleus que ainda hoje conserva, mettidos em arcos nas paredes com sepulturas levantadas, distinguindo-se entre todos um pela sua magnificencia.

É ornado por columnas triangulares com seus capiteis pyramidaes, frisos e folhas em relevo, tudo muito bem trabalhado em granito, e tem na parte superior—de um lado um brazão d'armas em quarteis:—no 1.º a cruz de Christo vazia; no 2.º 5 flores de liz,—e assim os contrarios. Do lado opposto:—um elmo com plumagens em alto relevo,—e no cavalete a inscripção seguinte, em lettra gothica:

AQUI JAZ JOÃO TEIXEIRA DE
MACEDO, DO CONSELHO D'EL-REI;
O QUAL, ENTRE OUTROS MUITOS AS-
SIGNALADOS SERVIÇOS QUE
FEZ, TOMOU VILVESTRE POR
COMBATE E O SOSTEVE TRES
ANNOS, ESTANDO MUITO TEM-
PO CERCADO, PELEJANDO MUI-
TAS VEZES, GANHANDO MUITA
HONRA E GRANDE MEMORIA
FALLECEU AOS 6 DIAS DE JULHO
DE 506 ANNOS.

Das 5 mencionadas sepulturas está outra da parte do evangelho, tendo esculpida na tampa uma espada com duas meias luas. Diz a *Monarchia Luzitana* que esta sepultura é de Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, filho de Egas Moniz, um dos ascendentes d'esta nobre familia, e que o dicto Lourenço Viegas foi para aqui transportado de Evora, onde falleceu, por occasião de uma cavalgada.

—

No pavimento da dicta capella se vê tambem uma sepultura rasa com as mesmas armas do grande mauzoleu e uma inscripção que diz:

SEPULTURA DE ASCANIO
TEIXEIRA D'AZEVEDO E DE
SUA MULHER D. GUIOMAR
E HERDEIROS.

Em 1720 se enterrou n'esta sepultura Antonio Teixeira Lobo de Barbosa, morgado de Villarinho de S. Romão, terceiro neto do dicto Ascanio, ao qual se concedeu sepultura na dicta capella, por ser filho de João Teixeira d'Azevedo, morgado de S. Braz.[1]

[1] Na dicta sepultura jazem Gonçalo Christovam, o martyr das prisões da Junqueira, —seu filho unico, Gonçalo Chrystovam tambem,—e seu neto e successor, José Antonio Teixeira Coelho, pae da actual successora e bisneta, a ex.ma sr.ª D. Maria da Graça Teixeira Coelho, casada com seu primo José Xavier Teixeira de Barros, do qual tem seis filhos e duas filhas, todos ainda solteiros.

É pois a dicta capella uma das mais antigas e das mais notaveis da provincia e está hoje collada e unida á egreja de S. Diniz, porque não ousaram demolil-a *nem removel-a*, quando nos fins do seculo XV foi restaurada e ampliada a egreja, prolongando-se até á dicta capella, ainda hoje possuida e representada pela ex.^ma sr.^a D. Maria da Graça Teixeira Coelho,—bisneta de Gonçalo Christovam, o martyr das prisões da Junqueira, casada e com successão.

Capella do Espirito Santo [1]

Esta antiquissima capella, fundada tambem pelos ascendentes de Gonçalo Christovam, bem como o hospital e albergaria do mesmo nome, foi removida, ha annos, para o campo do *Pioledo*, onde não mais se abriu ao culto e serve actualmente de paiol do regimento d'infanteria n.° 13, aqui estacionado.

Denominou-se tambem *Capella do Bom Jesus do Hospital*, pela occorrencia seguinte: [2]

Havendo na egreja de S. Diniz uma imagem antiquissima de Christo Crucificado, esculptura bastante grosseira e já carcomida pelo tempo, em acto de visita se mandou enterrar; mas, constando por tradição que ella fôra dada pela rainha Santa Isabel, o rev. Alvaro Corréa Barbosa, pertencente á principal nobreza d'esta villa, homem piedoso e amador de bellas artes, como alguns dos seus maiores, levou a imagem para sua casa, restaurou-a e depois a collocou na dicta capella, para onde a conduziu em solemne procissão á sua custa, no dia 10 de maio do anno de 1644, e á sua custa lhe fez pomposa festa, sendo elle proprio o celebrante.

Levantada a gloria da missa, entrou na capella uma pobre mulher da freguezia do Outeiro Secco, no concelho de Chaves, com o rosto collado aos joelhos, por ser aleijada de nascimento. A custo pôde approximar-se do celebrante e, chamando com viva fé pelo Senhor Jesus, os ossos se lhe desconjunctaram e ficou illesa e sã, com assombro do grande concurso de fieis que presencearam tão estranho facto, pelo que o povo poz ao celebrante a alcunha de *Clerigo do Milagre* e por ella foi conhecido até morrer.

A pobre restabelecida não mais deixou a capella e o hospital e lhes agenciou muitas esmolas;—e em commemoração d'aquelle milagre, que foi seguido d'outros, se fez d'ali em diante festa pomposa á dicta imagem todos os annos no dia 10 de maio, sendo feita durante mais de 30 annos consecutivos pelo commendador das Tres Minas, D. Gregorio Castello Branco, até 1719, data em que falleceu.

Tão querida se tornou a dicta imagem que a capella tomou a invocação de *Bom Jesus do Hospital*; e, quando foi demolida e removida para o *Pioledo*, as imagens e alfaias ficaram em poder do dono d'ella, o sr. José Xavier, casado com a bisneta de Gonçalo Christovam.

S. ex.^a ainda hoje conserva na sua casa de Villa Real a dicta imagem do *Bom Jesus* que, apesar da restauração, é uma esculptura bastante imperfeita.

Capella de Nossa Senhora da Piedade

Entre as duas torres que defendiam a porta principal da *villa velha*, fizeram a sua morada e residiram os alcaides-móres até que se transferiram para o palacio que mandaram fazer na *villa nova*. Depois nas casas que elles deixaram *intra-muros* se fez uma capella dedicada a *Nossa Senhora da Piedade* e que deu o nome á rua que das dictas portas conduz á villa nova.

Com o tempo a dicta capella tomou a invocação de *Senhora do Desterro* e no anno de 1694 se restaurou desde os fundamentos até o alto das duas torres, ficando a meio d'ellas, em grande altura. Depois se fez um arco e uma elegante escadaria dupla com

---

Ascanio Teixeira, supra é tambem um dos ascendentes dos actuaes viscondes de Villarinho de S. Romão.

V. *Miragaya*, vol. 5.° pag. 267, col. 2.^a—e *Villarinho de S. Romão*.

[1] Era brasonada esta capella, bem como a de Santa Anna, em Constantim. A de S. Braz tem apenas brazões nos tumulos interiores.

[2] *Antiguidades de Villa Real*, fl. 83, *mihi*.

lacetes e pateos, balaustrada e pyramides, terminando tudo em uma grande casa com vistosa varanda de pedra e grades de ferro, formando o corpo do templo, que tinha arco cruzeiro e capella-mór, tecto de madeira apainelado e boas pinturas a oleo, ficando a sacristia em uma das torres.[1]

Todas estas obras de pedraria se fizeram com a esmola de quatrocentos mil réis que para esse fim mandou Bento Ferreira Lima, capitão-mór em Benguella e filho de Villa Real.

Tambem o mesmo piedoso villa-realense mandou *muitas pedras preciosas* que se engastaram nas corôas da Senhora e do Menino que tinha nos braços,—além d'outras peças e alfaias de grande valor que deu para a dicta capella, para a egreja de S. Pedro e para a do convento de S. Francisco.

Tudo isto constava de uma inscripção que se gravou em lettras d'ouro de um lado do novo arco, ficando em correspondencia do outro lado a antiga inscripção que el-rei D. João IV mandou gravar nas portas das villas e cidades do reino, quando o dedicou á Immaculada Conceição de Maria.

Na dicta capella se fundou em 1683 uma irmandade do Espirito Santo com estatutos approvados pelo arcebispo D. Luiz de Sousa, a qual não só festejava com grande pompa e *trezena* o seu padroeiro, mas velava pela capella e a conservava com todo o aceio, pelo que a dicta capella tomou ultimamente o nome de *Capella do Espirito Santo.*

Tudo se sumiu e desappareceu ha muito!...

—

Tambem houve na *villa velha* e junto da porta travessa da egreja de S. Diniz, uma capella de S. Roque, muito antiga. Teve irmandade propria, formada pelos ministros, advogados e officiaes da justiça e estatutos feitos em 1718, por se haverem perdido os primeiros.

N'esta capella instituiu um vincullo João Teixeira d'Araujo, por testamento de 1639 e codicilio de 1640; mas depois, não tendo filhos, metteu-se frade no convento da villa da Castanheira e chamou para administrador do dicto vinculo e primeiro morgado, seu irmão Fernando de Magalhães e Mesquita.

Mais tarde, não sabemos quando, foi demollida a capella, e a imagem de S. Roque transferida para um dos altares lateraes da egreja de S. Diniz, hoje cemiterio,[1] existiu um padrão levantado, que dizem ser contemporaneo da *villa velha*, encimado por uma cabeça humana, olhando para o norte,—um escudo com as armas reaes—e a legenda *Real Villa.*

No passeio exterior da villa velha, do lado do Corgo ou leste, ha hoje uma capellinha com a invocação de *Santo Antonio Esquecido*, feita muito recentemente.

Tambem houve *intra-muros* uma cisterna mandada fazer por D. Diniz. Mas deixemos a *villa velha* com os seus muros desmantelados e *virgens*, pois nunca foram sitiados nem assaltados em tempo de guerra, e passemos adiante.

Senhores, ou donatarios e titulares d'esta villa

Dizem as *Antiguidades de Villa Real* que D. Diniz, quando fundou esta villa, lhe concedera, entre outros muitos, o privilegio de ser sempre da corôa; mas, se tal prometteu,

[1] Nada, absolutamente nada hoje existe nem da porta, nem do arco, nem da capella, nem da escadaria, nem das torres! Tudo foi demolido em 1873, tendo sido tudo respeitado pelo general Silveira, quando em 1816 demoliu os muros da villa velha para fazer o seu palacio.

[1] Foi principiado em 1841 e acabado em 1845, por iniciativa do governador civil José Teixeira Cabral, a expensas da camara e das irmandades da villa.

Por occasião do desaterro se encontraram muitas sepulturas antigas, pois n'aquelle mesmo chão se fizeram os enterramentos outr'ora—e ultimamente se faziam nas egrejas e claustros dos conventos e nas capellas publicas e particulares da villa.

É um cemiterio luxuoso. Tem um bello portão e bom gradeamento de ferro; mas, por ser pequeno e estar em contacto com a villa, tentam removel-o para o monte ao norte da capella do Calvario.

mal cumpriu, pois teve ella varios senhores ou donatarios. Occorrem-nos os seguintes :

1.º—El-Rei D. Diniz, seu fundador.

2.º—A rainha Santa Isabel, a quem seu esposo, D. Diniz, a deu, com outras muitas villas.

3.º—A rainha D. Brites, mulher de D. Affonso IV, o *bravo*.

4.º—A rainha D. Leonor Telles de Menezes, por mercê d'el-rei D. Fernando.

Esta rainha adultera foi a vergonha e ruina de Portugal!

Ambiciosa e astuta, dominou completamente o fraco e tonto D. Fernando;—fez-se senhora de muitas praças e villas, nas quaes collocou os seus parentes e apaniguados;—depois tornou-se despota;—mandou matar muitas pessoas—finalmente, por morte de D. Fernando, quiz entregar-nos aos hespanhoes e deu causa á guerra da successão.

Chamou de Castella seu genro D. João I e o fez acclamar rei de Portugal com todas as villas e praças de que ella tinha o senhorio, expondo-as, como expoz esta de *Villa Real*, ao labeu de *traidoras e falsas á corôa*; vendo-se, porém, desconsiderada pelo genro, conspirou-se contra elle e tentou mandal-o matar em Coimbra, pelo que elle a prendeu, despojou-a de todas as suas riquezas e a metteu no convento de Tordesilhas, onde soffreu privações e desconsiderações de toda a ordem até que Deus a chamou a contas.[1]

—

5.º—João Rodrigues Porto Carreiro.

Este poderoso fidalgo, tambem senhor da Villa d'Anciães, nas guerras da successão tomou armas por Castella,—invadiu esta provincia—e accommetteu Anciães, mas foi derrotado pelos ancianenses commandados por Vasco Rodrigues de S. Payo (ascendente dos condes de S. Payo) a quem o nosso rei D. João I, por este feito d'armas, deu todos os senhorios de João Rodrigues Porto Carreiro, menos o de Villa Real, que passou para a filha do traidor, talvez quando casou com D. João Affonso Telles de Menezes.

Suppomos que o procedimento de João Rodrigues Porto Carreiro deu tambem causa

[1] *Europa Portugueza*, tomo 2.º pag. 249.

para ser Villa Real taxada de *traidora e falsa á corôa*, segundo se lê nas *Memorias de villa d'Anciães*.

6.º—D. Maior Villa Lobos Porto Carreiro, filha de João Rodrigues Porto Carreiro.

Casou com D. João Affonso Telles de Menezes, 1.º conde de Vianna, que serviu valorosamente nas guerras contra Castella, em tempo de D. Fernando e D. João I.

Era filho d'outro D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e 1.º conde de Barcellos, o qual casou em primeiras nupcias com D. Maria Coronel, filha de D. Pedro Coronel, rico-homem de Aragão, e depois com D. Guiomar, filha de Lopo Fernandes Pacheco.

Este ultimo D. João Affonso Telles de Menezes, era irmão de Martim Affonso Telles de Menezes, rico homem casado com D. Aldonsa de Vasconcellos (filha de Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Vasconcellos) paes da celebre rainha D. Leonor Telles de Menezes e da infeliz D. Maria Telles, que foi casada em segundas nupcias com o infante D. João e por elle assassinada por intrigas da propria irmã D. Leonor!...

V. *Coimbra*, vol. 2.º pag. 322.

7.º—D. Pedro de Menezes, filho de D. Maior e de D. João Affonso Telles de Menezes, 1.º conde de Vianna.

Foi D. Pedro de Menezes 2.º conde de Vianna, 1.º conde de Villa Real e 1.º capitão governador e donatario de Ceuta, onde falleceu em 1437, almirante de Portugal, alferes-mór d'el-rei D. Duarte e um dos mais valorosos capitães do seu tempo [1].

Conquistada aos mouros a praça de Ceuta em 1415 por D. João I, cuidou logo el-rei de prover á defesa e conservação d'ella; quando porém tractava da nomeação do governador todos se escusavam, prevendo que o imperador de Marrocos em breve cairia sobre ella com todo o seu poder.

A difficuldade, ou antes impossibilidade de conservar Ceuta, era obvia a todos.

[1] V. *Memorias Hist. e Geneal. dos Grandes de Portugal*, pag. 709,—e a *Historia Gen. da Casa Real*, tomo 5.º pag. 460 e 461.
Veja-se tambem n'este vol. 10.º a pag. 389.

Foi n'estas circumstancias que D. Pedro de Menezes com temerario arrojo se offereceu para governador da praça.

Chamou-o el-rei á sua presença e, como andasse jogando a *choca*[1] com outros fidalgos da côrte, quando recebeu o recado d'el-rei, foi prestes, levando na mão o *alleo* ou o pau, com que estava jogando;—e, perguntando-lhe el-rei se era certo o que acabavam de dizer-lhe, respondeu:—*Com este alleo que me vedes na mão defenderei a praça da mourisma toda!*

Nomeou-o logo el-rei governador da dicta praça e elle a defendeu heroicamente durante vinte e dois annos de luctas continuas.

Immortalisou-se e ao seu *alleo*, que por determinação regia foi guardado cuidadosamente e com elle, em vez de bastão, se d[eu] sempre posse aos governadores de Ceuta. [A] Villa Real tomou por brazão d'armas um[a] espada e uma corôa de louro, tendo a me[io] a lettra *alleo*.

O primeiro brasão d'esta villa era (se[gundo] se suppõe) um braço d'homem, ve[s]tido d'azul, em campo vermelho, empunhan[do] uma espada. Assim se encontra desenh[a]da na Torre do Tombo[1].

A proposito: No palacio que os success[o]res de D. Pedro de Menezes, condes, mar[]quezes e duques de Villa Real, fizeram n[a] cidade de Leiria, da qual foram tambem al[]caides-móres, gravaram e lá se vê ainda so[]bre uma janella um escudo com a dicta le[t]tra *alleo*; certo escriptor porem teve a ing[e]nuidade de dizer que na sua opinião sign[i]ficava *castello!?...*[2]

—

Casou D. Pedro 4 vezes:—a 1.ª com [D.] Margarida de Miranda, filha do arcebispo d[e] Braga D. Martinho de Miranda, da qual te[ve] D. Brites, herdeira e successora;—2.ª co[m] D. Philippa Coutinho, filha do marech[al] Gonçalo Vasques Coutinho;—3.ª com D. Br[i]tes, filha de Fernando Martins Coutinho;—4.ª com D. Genebra Pereira, filha do alm[i]rante-mór Carlos Pessanha, da qual teve [D.] Leonor de Menezes, primeira esposa do d[u]que de Bragança D. Fernando, o *dalas pern[as] gordas*, que foi justiçado em Evora por o[r]dem de D. João II.

—

8.º—D. Brites, filha do 1.º matrimonio [de] D. Pedro de Menezes e 2.ª condessa de Vi[lla] Real.

Casou com D. Fernando de Noronha, [] filho bastardo de D. Affonso de Noronh[a] conde de Gijon (filho bastardo do rei [de] Castella D. Henrique II) e de sua mulher []

---

[1] Jogo então muito em voga. Ainda se usava nos meus tempos de estudante e creio que ainda hoje se usa em Traz-os Montes e na Beira. Eu o joguei muitas vezes na minha Penajoia, quando estudava o latim.

Reunidos quatro ou mais moços, em um largo qualquer, armados cada um com seu varapau, formavamos uma especie de circulo, marcado em toda a sua circumferencia por pequenas covas, onde firmavamos as pontas dos paus. No meio do circulo faziamos outra cova e o jogo consistia em metter na dicta cova uma pedra ou ponta de carneiro. N'isto se empenhava um dos moços com o seu pau—e todos os outros se empenhavam em obstar a que o conseguisse. Elle ia cobrindo e defendendo com o seu pau a pedra ou a ponta do carneiro e todos os outros davam pancada de criar bicho na pedra ou na ponta do carneiro,—sem que perdessem a cova em que deviam ter as pontas dos seus paus, pois no momento em que o moço que defendia a pedra podesse antecipar-se a occupar com a ponta do seu pau alguma das covas da circumferencia, ficava livre do fadario e era substituido pelo moço que perdia o logar.

Demandava pois o tal joguinho da *choca* certa força e destresa e não era dos mais *innocentes*, pois por vezes nos magoavamos.

Ainda na povoação onde eu nasci (*Curvaceira* da Penajoia) vive um homem, Jeronymo Corrêa da Fonseca, pertencente a uma das familias mais abastadas da localidade, que foi um moço valente, de *pelle diabi*,—e no tal jogo da *choca* apanhou em certo dia uma paulada que lhe derrubou tres dentes com parte da maxilla superior!...

[1] *Cidades e Villas...* do meu bom ami[go] e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena Barbo[sa] tomo 2.º pag. 167.

[2] É hoje o dicto palacio da familia Z[a]quete e, ha annos, estando nós em Leir[ia] appareceu no correio uma carta com o s[e]guinte *adresse*: «á sr.ª Maria Antonia, [em] casa do sr. *Jupiter.*» Dizia o carteiro sorri[n]do: *temos um planeta em Leiria!....*

Isabel de Portugal, tambem filha bastarda do nosso rei D. Fernando I.

D. Fernando de Noronha foi 2.º conde de Villa Real, 2.º capitão donatario de Ceuta, camareiro d'el-rei D. Duarte e varão de grandes feitos.

9.º—D. Pedro de Menezes, filho de D. Fernando e de D. Brites.

Foi 3.º conde e 1.º marquez de Villa Real, 3.º capitão donatario de Ceuta, conde de Ourem, senhor d'Almeida, Freixiel, Abreiro e das ilhas Canarias, das villas de Chão de Couce, Aguda, Pousa Flores, Roupella, Avellar, Soverosa, Maçãs, Mouta Bella, casaes da Ameixoeira, das Hortas de Lisboa, da herdade de Requeixada, no Alemtejo, da quinta de Lançada, dos direitos reaes de Tavira, da dizima do pescado de Silves, da jurisdicção de Valença e do castello de Vianna, das terras de Valladares, que comprou a Leonel d'Abreu, etc.

Tambem foi alcaide-mór de Leiria e terror dos mouros desde a edade de 20 annos. Acompanhou D. Affonso V na jornada de Castella e se achou no recontro de Samora. Tantos serviços prestou que D. João II tomou lucto por elle alguns dias e o pranteou vivamente.

Casou com D. Brites, filha de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, e tiveram:

10.º—D. Fernando de Menezes, 4.º capitão donatario de Ceuta, onde serviu com a maior distincção, 4.º conde e 2.º marquez de Villa Real, 1.º conde e senhor d'Alcoutim, de juro e herdade para todos os primogenitos da sua casa, por mercê d'el-rei D. Manuel com data de 13 de junho de 1497, 1.º conde de Valença, etc.

Casou com D. Maria (ou D. Catharina) Freire d'Andrade, filha de João Freire d'Andrade, senhor d'Alcoutim, aposentador-mór da casa real, e de D. Leonor da Silva, filha de Pedro Gonçalves Malafaia, vedor da fazenda d'el-rei D. João I; neta de João Freire de Andrade, senhor de Bobadella, Travanca e Covas, e de D. Catharina de Sousa, filha de Martim Affonso de Sousa, senhor de Mortagua;—bisneta de Gomes Freire de Andrade, senhor de Bobadella, e de D. Leonor Pereira (dama da rainha D. Filippa) filha d'Alvaro Pereira, marechal de Portugal e senhor da Terra da Feira.

D. Fernando de Menezes foi feito conde de Villa Real em 11 d'outubro de 1496, vivendo ainda seu pae, que ao tempo já era marquez do mesmo titulo;—em 13 de junho de 1497 foi feito conde d'Alcoutim, cujo senhorio lhe adveiu por sua mulher,—e em 1 de setembro de 1499 foi feito conde de Valença com o senhorio d'esta villa, da de Caminha e das terras de Valladares, etc. Não foi, como seu pae, conde d'Ourem, porque D. Manuel restituiu este condado á casa de Bragança, em 1496, mas foi fronteiro-mór do Algarve.

Falleceu em 1523, carregado de serviços e de honras, estando em Almeirim.

11.º—D. Pedro de Menezes, 3.º marquez de Villa Real, 2.º conde d'Alcoutim e de Valença, 5.º capitão donatario de Ceuta, senhor d'Almeida e de toda a grande casa de seus paes.

Casou com sua prima, D. Brites de Lara, filha de D. Affonso de Portugal, condestavel do reino e filho bastardo do duque D. Diogo, irmão d'el-rei D. Manuel.

Foi um dos mais insignes e valorosos capitães do seu tempo e grande latinista em prosa e verso.—Tiveram:

12.º—D. Miguel de Menezes, 3.º conde de Alcoutim e de Valença, 4.º marquez de Villa Real, senhor de toda a grande casa de seus paes e alcaide-mór de Leiria.

Casou com D. Filippa de Lencastre, filha de D. Affonso de Lencastre, mas não tiveram filhos e por isso lhe succedeu seu irmão.

13.º—D. Manuel de Menezes, 4.º conde de Alcoutim e de Valença, 5.º marquez de Villa Real e 1.º duque d'este mesmo titulo, por mercê de Filippe II de Hespanha e I de Portugal, com data do ultimo de fevereiro de 1585.

Casou com D. Maria da Silva, filha d'Alvaro Coutinho, e tiveram:

14.º—D. Miguel de Menezes, 6.º marquez de Villa Real, 5.º conde de Alcoutim e 1.º duque de Caminha, por mercê de Filippe II de Portugal e III de Hespanha, com data de 14 de dezembro de 1620. [1]

---

[1] As *Memorias Hist. e Geneal. dos Grandes*

Casou com D. Isabel de Lencastre, filha de D. Theodosio, duque de Bragança e de sua mulher D. Isabel de Lencastre.

Não tiveram geração.

Casou segunda vez com sua sobrinha D. Brites, da qual tambem não teve filhos e por isso lhe succedeu seu irmão; teve porém de D. Maria Xuar, em Ceuta, uma filha a quem deixou os bens livres e tentou deixar toda a sua grande casa.

15.º—D. Luiz de Menezes, 7.º marquez de Villa Real e irmão do antecedente.

Casou com D. Juliana de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, conde de Tarouca, e tiveram:

16.º—D. Miguel de Noronha e Menezes, 2.º duque de Caminha, por mercê d'el-rei D. João IV, com data de 14 de maio de 1641.

Casou com sua sobrinha D. Maria de Noronha, filha dos condes de Faro, mas não tiveram geração.

Tanto o pae, D. Luiz de Menezes, como o filho, D. Miguel de Menezes, foram justiçados e degolados em Lisboa, no diá 29 de agosto de 1641, pelo crime de traição para com D. João IV, que, alem da vida, lhes tirou todos os bens e com elles fundou a *casa do infantado*, que depois deu a seu filho o infante D. Pedro, mais tarde rei, D. Pedro II. [1]

Assim se extinguiu a nobilissima e riquissima casa dos condes, marquezes e duques de Villa Real, condes d'Alcoutim e de Valença, duques de Caminha, alcaides-móres de Leiria, etc.

D. Pedro IV extinguiu a *casa do infantado* por decreto de 18 de março de 1834.

O tragico fim da nobre familia Menezes bem merece mais algumas linhas.

A conjuração e suas consequencias

Em seguida á feliz acclamação d'el-rei D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640, romperam-se as hostilidades com a Hespanha.

de Portugal dizem a pag. 704 que o mesmo Filippe II, quando creou o ducado de Caminha extinguiu o de Villa Real.

[1] Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Caminha*.

Era geral nos portuguezes a aversão ao castelhanos, porque ainda sangravam as feridas do ominoso jugo filippino; mas alguns mais timoratos, vendo os pequenos meios de defesa de que dispunhamos, consideravam impossivel resistir ás forças de Castella.

Uns levados pelos favores e mercês que deviam aos tres Filippes,—outros receosos de perder seus logares e fazendas,—outro desanimados com a perspectiva de tão me donha lucta,—outros seduzidos pelo ouro e pelas fallases promessas de Filippe III, inclinavam-se para o partido da Hespanha, por ser na apparencia o mais forte, e tentaram uma contra-revolução em favor d'ella, pos pondo ao vil interesse o amor da patria.

Foi chefe da conjuração o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha que pôde chamar ao seu partido o marque de Villa Real, D. Luiz de Menezes, *inferio no animo e na capacidade á jerarchia eleva da em que nascêra*, [1]—Ruy de Mattos de Noronha, conde d'Armamar e sobrinho do ar cebispo,—Belchior Corrêa da França, Diog de Brito Nabo,—Pedro de Baeça, thezourei ro da alfandega, rico negociante da praça d Lisboa e capitalista,—D. Francisco de Cas tro, inquizidor geral,—o conde de Valle d Reis, D. Nuno de Mendonça, Lourenço Pir de Carvalho, D. Antonio de Athayde, cond da Castanheira, Gonçalo Pires de Carvalh Antonio de Mendonça, commissario da bul da cruzada, Fr. Luiz de Mello, bispo elei de Malaca, Paulo de Carvalho, vereador d camara de Lisboa, seu irmão Sebastião d Carvalho, desembargador da supplicaçã Luiz d'Abreu de Freitas, escrivão da camar d'el-rei, Jorge Fernandes, d'Elvas, Diogo R drigo, Jorge Gomes Alamo e seu filho, e S mão de Sousa Serrão, todos tres negociant de grosso tracto, Chrystovam Cogominh guarda-mór da torre do Tombo, Manuel V lente, escrivão da Tavola de Setubal, Ant nio Corrêa, official maior da secretaria d estado, D. Francisco de Faria, bispo de Ma

[1] *Hist. de Portugal*, de Rebello da Silv tomo 4.º pag. 391.

O arcebispo promettera-lhe o alto po de vice-rei de Portugal!...

tyria, D. Agostinho Manuel e outros muitos.

O marquez de Villa Real, que então residia em Lisboa, revelou tudo ao filho D. Miguel de Noronha, duque de Caminha, ainda moço, mas muito mais sensato do que o pae, convidando-o a entrar na conjuração. «Oppoz-se, afeiando a nodoa da deslealdade e exclamando com nobre ardor, que mais valia morrer pela patria e com a patria, do que sobreviver-lhe deshonrado em novo captiveiro. Mas a rasão, infelizmente, era n'elle mais forte do que a vontade, porque o respeito filial lhe atou as mãos, e por fim emmudeceu todas as repugnancias.» [1]

—

O plano dos conjurados era, segundo se suppõe, lançar fogo ao paço por quatro partes a um tempo; — no meio do ruido e da perturbação do incendio prender ou assassinar el-rei, apoderarem-se da rainha,—e proclamarem Filippe IV.

Tambem parece que o dia 5 d'agosto de 1641 fôra o aprasado para a execução; descoberto porém tudo por imprudencias do arcebispo e do Baeça, foram no dia 28 de julho presos não só os dois, mas todos os conjurados, cujos nomes ficam supra.

O infortunio quebrou-lhes a altivez e muitos, entre elles o inquisidor mór e o arcebispo, escreveram a el-rei confessando os seus crimes, expondo-lhes as causas que os determinaram a ádherir á conjuração e pedindo que lhes perdoasse.

O duque de Caminha, o menos culpado, foi tambem o mais modesto. Arrastado pela auctoridade paterna contra o que a rasão e o peito lhe pediam, não procurou encobrir nem desculpar o seu crime e implorou sómente a magnanimidade d'el-rei.

O Baeça negou tudo, mesmo depois de posto a tractos; mas, vendo segunda vez diante de si o potro, succumbiu,—confessou tudo—e terminou offerecendo pela vida trinta mil cruzados dos bens de sua mulher, senhora de grande fortuna.

—

Activou-se o processo e no dia 26 d'agosto se juntaram na relação os desembargadores para o julgamento. Prolongou-se largas horas a conferencia do tribunal, que votou pela sentença de morte contra o marquez, contra o duque de Caminha e contra o conde de Armamar.

Um só dos juizes votou em favor do pobre duque, dizendo que obrigar os filhos e os paes a delatarem-se nos casos de conspiração era ir de encontro a todas as leis da naturesa e a todos os vinculos moraes; mas foi vencido.

Na tarde do mesmo dia os desembargadores condemnaram tambem D. Agostinho Manoel á pena de decapitação e Pedro Baeça a ser arrastado, enforcado e esquartejado, assim como Belchior Correia França, Diogo de Brito Nabo e Manoel Valente. Christovam Cogominho e Manoel Corrêa foram os ultimos que subiram ao patibulo.

Intimaram-se aos presos as sentenças no dia 27. Entretanto a duqueza de Caminha, não podendo conformar-se com tão cruel golpe, requereu audiencia a D. João IV. Annuiu o principe. Apresentou-se-lhe a desconsolada senhora, joven e formosa, coberta de luto e lavada em pranto;—lançou-se de joelhos aos pés do rei e da rainha com a condessa de Faro, sua mãe;—escutaram-na ambos commovidos, e se não lhe promettetam o que supplicava, deixaram-a sair com alguma esperança; mas nem a indole de D. João IV, pouco benigna e generosa, nem a rasão de estado consentiram que entre a justiça e o cadafalso elle interpozesse a clemencia. [1]

—

Francisco de Lucena, o primeiro ministro, sendo consultado por el-rei, optou pelo rigor como necessidade fatal e indeclinavel; —e a rainha D. Luiza de Gusmão, mais severa ainda, disse que a corôa, a vida d'el-rei e a sorte da dynastia dependiam da firmeza do soberano n'este lance.

O velho e venerando arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, desejando valer ao

[1] Rebello da Silva, tomo 4.º, pag. 392.

[1] Alguem lembra que tambem actuaria no animo d'el-rei a cobiça da grande fortuna do duque.

pobre duque, foi implorar em favor d'elle a clemencia da rainha; mas ella, firme no seu proposito, respondeu:—«que a maior mercé que podia fazer-lhe pelo muito que o respeitava, era guardar-lhe segredo de tal supplica.» [1]

No dia 28 de agosto o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde d'Armamar e D. Agostinho Manoel foram mudados das suas prisões para umas casas do Rocio e postos em quartos separados, sem noticia uns dos outros. As longas horas d'agonia que mediaram até o romper da aurora empregaram-nas em colloquios e orações com os confessores e acabaram de lhes exhaurir as forças.

Durante a noute os operarios ergueram um tablado, communicando por estreito passadiço com uma das janellas da casa onde jaziam os presos. Viam-se n'elle quatro cadeiras em cima de estrados, subindo a do duque tres degraus, a do marquez dois e a do conde d'Armamar um.

A cadeira de D. Agostinho Manoel assentava no pavimento.

—

Ao romper da manhã de 29 d'agosto rompeu o tetrico espectaculo pela marcha d'um terço de infanteria, que veiu guarnecer a praça.

A' uma da tarde appareceu o marquez de Villa Real no passadiço, acompanhado dos corregedores do crime e das justiças da côrte, dos irmãos da misericordia e d'alguns creados. Vestia capuz escuro, trazia as mãos juntas e os pollegares atados com fitas pretas. Diante d'elle o porteiro lançava o pregão do crime.

Pallido, mas não sossobrado, antes de chegar á cadeira ajoelhou por tres vezes ao crucifixo alçado nas mãos do capellão da misericordia, escutando as exhortações de quatro religiosos que o rodeavam.

A vista do algoz não o fez tremer e, encarando o patibulo sem desmaio, despediu-se com serenidade da vida e dos que o cercavam.

Depois de já ligado á cadeira, mandou por humildade pedir perdão ao povo que enxameava apinhado no Rocio.

Brados unisonos de morte responderam á supplica!...

O paciente suspirou, mas não se perturbou.

De repente fez-se um gelido silencio em toda a praça,—o cutello relampejou nas mãos do algoz,—a cabeça rolou por terra—e um panno de dó escondeu o corpo.

—

Seguiu-se o duque.

Mais agitado de que o pae e mais digno de piedade pela juventude e menores culpas, a sua presença commoveu profundamente a todos!

Minutos depois veiu o conde de Armamar, resoluto, sem ostentação—e por ultimo D. Agostinho Manoel.

O algoz que fez as execuções conservou sempre a cara coberta e *nunca se soube quem era!* Quando levantou os pannos de luto e mostrou os quatro cadaveres ao publico, um clamor immenso reboou na praça saudando D. João IV.

O supplicio infamante e plebeu de Diogo de Brito Nabo, de Manoel Valente, de Pedro Baeça e de Belchior Corrêa da França, encerrou a tragedia d'este lugubre dia.

Assim acabou a casa de Villa Real, tão gloriosa pela sua ascendencia e nobres feitos e tão proxima, no sangue e na grandeza, da propria familia real.

O marquez contava cincoenta e dois annos, o duque vinte e sete e o conde d'Armamar vinte e quatro.

—

Quando o algoz executou a sentença, D. João IV, vestido de luto, saiu da sua camara e, fallando á nobreza reunida, justifficou em sentidas palavras o terrivel dever que acabava de cumprir. Inclinaram-se todos, mesmo os que suffocavam nos olhos e no coração as lagrimas da amisade e do parentesco.

Na realidade foi mais a rasão de estado, do que a vontade do soberano, quem determinou o sacrificio.

---

[1] D. Francisco Manoel de Mello, *Tacito Portuguez*, liv. V, pag. 74 e seguintes.—Conde da Ericeira, *Portugal Restaurado*, tom. 1.º, liv. V, pag. 317 e seguintes.

Castigando assim os que ousavam levantar a mão contra a corôa recentemente cingida na sua fronte, o monarcha affirmou a sua confiança na legitimidade e no futuro da causa que defendia; e com este repto atrevido mostrou aos castelhanos que o encontrariam a elle e a todos os seus subditos no campo das armas.

Diz-se que Filippe IV exclamou espantado do arrojo da execução: — «Agora sim; agora é que o duque de Bragança se fez rei!»

—

A justiça correu prompta e para todos.

Os condes da Castanheira e de Valle de Reis, e Gonçalo Pires de Carvalho foram soltos;—Antonio de Mendonça volveu, passado tempo, ao exercicio do seu cargo;—o inquisidor geral esteve na torre de Belem até 1643, sendo n'essa data solto; o bispo de Martyria, passados annos, expirou no convento de S. Vicente;—por ultimo o arcebispo de Braga morreu na torre de S. Julião, arrependido e humilhado, mandando que o enterrassem em uma campa rasa no adro de qualquer egreja, para que não ficasse memoria do que fôra.

A Hespanha perdeu mais na tentativa do marquez de Villa Real, do que se désse uma batalha e saisse derrotada.

Avisados do perigo, os portuguezes rodearam o throno e mais se empenharam na defesa nacional. Por seu turno el-rei ganhava o applauso de naturaes e estrangeiros, provando que sabia e queria reinar.

Desde então a obediencia foi completa.

Concluiremos este topico dizendo que D. Maria de Noronha, viuva do infeliz duque de Caminha, passou a segundas nupcias em Hespanha com D. Rodrigo Porto-Carrero, conde de Medelim, cujos descendentes se intitularam e intitulam ainda hoje *marquezes de Villa Real.*

Não se confundam os Menezes, condes, marquezes e duques de Villa Real extinctos, com os actuaes condes de Villa Real, donos do celebre *palacio de Matheus*, distante d'esta villa cerca de tres kilometros para leste, hoje representados pelo sr. conde D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, casado e com successão.

V. *Matheus* n'este diccionario e no supplemento.

A villa nova

Pelos motivos expostos supra, a *villa velha* ha muito que é uma simples recordação historica. Apesar dos grandes privilegios que aos habitantes *intra-muros* concedeu D. Fernando I e que D. Pedro II confirmou, já em 1720 contava apenas vinte e tantos fogos, e hoje não conta mais talvez.

Villa Real é ha muito a *villa nova* ou a grande população que se desenvolveu a N.—N. E.—e N. O.—da *villa velha* sobre a importante *estrada-rua* que a corta e lhe serve de eixo, recebendo a leste as estradas de Chaves e de Bragança, servidas por diligencias, e a de Freixo de Espada á Cinta por Foz Tua, S. Mamede, Alijó, Favaios, Villar de Maçada e Sabrosa, construida a macadam ainda apenas até Villar de Maçada;—e a oeste a importantissima estrada da Beira e de Lamego pelo Douro e pela Regoa,—bem como a do Porto e Minho por Amarante e Campeã, ou pela Regoa tambem.

Como o terreno era amplo, alegre e saudavel,—quazi plano na linha de leste a oeste,—abundante d'agua potavel e fertil,—aos lados d'aquella *estrada-rua* se fizeram outras ruas, largos, campos, praças, passeios, um jardim publico, tres conventos e um recolhimento, casa de roda para os engeitados, uma albergaria, um lyceu, casa de misericordia com esplendido hospital, muitas capellas, e varias egrejas, um azylo de infancia desvalida, paços do concelho, tribunal e bons edificios particulares, sendo mais de vinte brasonados!...

Logo daremos mais algum desenvolvimento a este topico.

Egreja e freguezia de S. Pedro

Augmentando a população da villa, já no seculo XV foi mister ampliar a egreja de S.

Diniz, como dissemos supra, e em 1528 se tornou necessario crear *extra-muros* outra parochia alem da de S. Diniz, que até áquella data comprehendia a villa toda.

A primeira matriz da nova erecta foi, segundo dizem os meus apontamentos, uma pequena capella de S. Nicolau, até que em 1528 se fez a matriz actual, ou a egreja de S. Pedro, que tomou esta invocação por ser principiada e em grande parte feita á custa do benemerito protonotario apostolico e abbade da freguezia de Mouçós, D. Pedro de Castro, cujo nome havemos de repetir muitas vezes, porque esta villa a ninguem deve tantos beneficios e tanta gratidão como ao benemerito protonotario.

Tem a dicta egreja oito altares, sendo um d'elles o de S. Miguel o Anjo, fundado pelo padre Pantaleão Correia Botelho, fallecido no Perú, o qual deixou ainda a esta egreja quatro contos de réis, com a obrigação de certas missas.

Pelos annos de 1711 o licenciado José Moutinho de Aguiar, sendo juiz d'esta egreja, a mandou restaurar com esmolas que pediu e com dinheiro seu. Não só a accrescentou, mas fez o elegante frontispicio e as duas torres que hoje tem.

—

Quando se desmembrou esta parochia da de S. Diniz, se estipulou o seguinte:

1.º—Que no dia da festa de S. Diniz, dia sanctificado ainda hoje n'esta villa, todos os chefes de familia da nova erecta fossem assistir á missa conventual na egreja mãe e levassem ao parocho um alqueire de trigo ou *vinte réis*;

2.º—Que a irmandade do Santissimo, estabelecida em S. Pedro, fosse considerada filial da de S. Diniz e não podesse gastar dinheiro nem fazer eleições sem approvação da irmandade mãe;

3.º—Que os parochos de S. Diniz teriam o direito de prezidir em todos os actos do culto que se celebrassem na egreja de S. Pedro.

Nada porem d'isto se cumpriu, salvo o pagamento dos *vinte rèis*, pelo que houve grandes questões entre os dois parochos e ainda em 1805 o de S. Diniz deu um libello de força contra o de S. Pedro.

A irmandade do Santissimo d'esta egreja é tão antiga como o proprio templo. Havendo desapparecido os seus primeiros estatutos, fizeram outros que foram approvados pelo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles, em 12 de janeiro de 1715. Tem bulla de jubileu perpetuo para os irmãos, concedida pelo papa Clemente XI, em 28 de novembro de 1714.

Era de sessenta o numero dos irmãos, e haviam de ser todos mechanicos, exceptuando o mordomo, que devia ser pessoa nobre.

Sendo esta irmandade, como dissemos, filial da de S. Diniz, já em 1765 tentou emancipar-se, mas houve de submetter-se e assignar termo de sujeição em 4 de novembro d'aquelle mesmo anno, por sentença do ouvidor do infantado João Liborio de Figueiredo; mais tarde porem vingou o pleito e se tornou independente.

Em 1810 foram os seus estatutos confirmados por D. João VI, como principe regente e donatario d'esta villa.

—

Houve tambem e não sabemos se ha ainda n'esta freguezia de S. Pedro uma irmandade do Santissimo Nome de Jesus, erecta em 1604 por alguns devotos com o fim de ganharem as muitas indulgencias concedidas pelo santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, fundador das irmandades do Nome de Jesus.

Foi confraria até 1618, transformando-se então em irmandade com estatutos proprios, que posteriormente foram reformados, elevando-se o numero dos irmãos a 2500.

Em 4 de janeiro de 1718 foram estes estatutos confirmados pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Houve tambem, e não sabemos se ha hoje ainda n'esta egreja, uma irmandade *das Almas*.

Foi erecta por bulla de Innocencio X, com data de 23 d'abril de 1652, e os seus primeiros estatutos foram approvados pelo arcebispo bracarense em 1654.

Tinha muitas graças e indulgencias e chegou a contar 300 irmãos.

—

Na capella mór d'esta egreja está a sepul-

tura de Domingos Botelho da Fonseca, F. C. R. e cavalleiro professo da ordem de Christo. Falleceu em 1697.

Tambem na mesma capella mór, do lado da epistola, tiveram sepultura privativa os descendentes de Martinho Alves Rebello, fidalgo da antiga nobreza de Villa Real, que n'esta egreja fundou uma capella de missas, vinculando-lhe certos bens.

Outros muitos vinculos semelhantes se instituiram tambem n'esta egreja, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*.

Para não fatigar os leitores, apenas mencionarei mais um, instituido em 23 de março de 1569 por D. Brites de Mesquita, casada com Manuel de Bessa e já viuva de Gaspar Cardoso de Mello.

Nomeou primeiro administrador do dicto vinculo Gonçalo Pinto de Mesquita, casado com D. Paula da Fonseca, os quaes em 1 d'agosto de 1618 uniram os seus terços a este vinculo.

Como fosse de livre nomeação e elles tivessem tres filhos, todos tres valentes cavalleiros, André Corrêa de Mesquita, Gonçalo de Mesquita Pinto e Antonio de Mesquita Pinto, para não haver queixas entre os irmãos, resolveu que cada um d'elles atirasse *duas lanças de sortilha* e que seria eleito o que melhor as atirasse.

Concordaram elles; aprasou-se dia para o torneio com grandes formalidades e, por voto dos juizes, ficou vencedor e *morgado* o filho segundo, Gonçalo de Mesquita Pinto!...

Era este o vinculo de Abbaças que o dicto Gonçalo de Mesquita e seus successores augmentaram consideravelmente, unindo-lhe com auctorisações regias outros muitos bens. Sendo em certa epoca successora e senhora d'elle D. Anna Maria de Mesquita, casou esta com Martim Teixeira Coelho de Azevedo, senhor da Teixeira e morgado de S. Braz, de Cergude e de Sant'Anna, avô de Gonçalo Chrystovam, o martyr das prisões da Junqueira, e assim passou a nobre casa dos Mesquitas, morgados d'Abbaças, para a de Gonçalo Chrystovam, ou dos Teixeiras Coelhos, de Villa Real, morgados do Bomjardim no Porto, etc.,—casa que foi um colosso e que infelizmente hoje se acha *muito compromettida*!...

—

Concluiremos este topico dizendo que no supedaneo do altar do Senhor Jesus d'esta egreja de S. Pedro jaz em sepultura propria o seu benemerito fundador e protonotario apostolico, D. Pedro de Castro.

Contava esta freguezia 643 fogos em 1720, comprehendendo a parte maior e mais rica d'esta villa.

Quando se fundou esta freguezia o parocho ficou sendo apresentado pelo da de S. Diniz; — depois passou a apresentação do parocho, bem como o padroado d'ella e da de S. Diniz, para os frades bentos de Pombeiro e por ultimo para os Jeronymos de Belem.

A capella-mór foi mandada azulejar em 1692 pelo mordomo Domingos Botelho da Fonseca, F. C. R. e cavalleiro professo da ordem de Christo, da primeira nobreza d'esta villa e que jaz na capella-mór em sepultura privativa, do lado do evangelho.

Tem esta egreja um bonito adro com amplas vistas para leste e sul.

Foi feito com grande dispendio antes de 1720, apeando-se uma grande barreira do lado superior e construindo-se um alto muro de supporte do lado inferior, guarnecido com grades de ferro. D'elle se sobe por ampla escadaria para o monte do Calvario.

—

Esta egreja é um templo elegante e rico. O tecto é de madeira pintada com ornamentação dourada,—e o da capella-mór todo de boa talha dourada. Tem esta as paredes forradas d'azulejo e no mesmo avulta um grande quadro com um brasão d'armas e a inscripção seguinte:

MANDOU FAZER A OBRA D'AZU
LEJO NA CAPELLA MAIOR D'ESTA
IGREJA O DR. DOMINGOS BOTELHO DA
FONSECA MACHADO, CAVALLEI
RO DA ORDEM DE CHRISTO, SENDO
MORDOMO DO S.^{mo} SACRAMENTO
POR SUA DEVOÇÃO, NO ANNO DE
1692.

As decorações do retabulo do altar-mór e

de um dos lateraes são de talha moderna; as dos outros altares são de talha antiga, toda dourada.

Egreja de S. Paulo ou de S. Pedro Novo

Demora este lindo templo na convergencia das ruas de S. Paulo e Direita, ou dos Mercadores, e olha para a rua Larga, antiga rua do Poço.

Está no centro ou coração da villa e pela sua riqueza e magnificencia, pelas suas numerosas e valiosas alfaias e pelo extraordinario numero de missas, festas e officios que n'ella se celebravam, foi esta egreja denominada *Sé de Villa Real* e *monte d'ouro!*

Varios sacerdotes seculares d'esta villa e suas visinhanças instituiram na egreja da Misericordia uma irmandade do apostolo S. Pedro, com estatutos proprios, que foram confirmados por bulla de Paulo IV em 21 de novembro de 1638, concedendo ao mesmo tempo muitas graças e indulgencias a todos os irmãos vivos e defuntos.[1]

Funccionou a dicta irmandade alguns annos na Misericordia; mas, prosperando e augmentando rapidamente, tractou de fazer uma egreja sua, para o que obteve com grande dispendio differentes predios que estavam no local que hoje occupa. Deram-lhe o titulo de S. Paulo e em 22 de fevereiro de 1639, no dia em que a egreja romana celebra a Cathedra de S. Pedro, se lançou com grande pompa a pedra fundamental, sendo conduzida em procissão solemne atravez da villa em um andor, por quatro sacerdotes dos mais qualificados.

Os principaes fundadores d'este magestoso templo foram o balio de Lessa, Fr. Luiz Alvares de Tavora [1],—o rev. João Corrêa de Mendonça, protonotario apostolico, parocho da egreja de S. Diniz, commissario do santo officio e da bulla da crusada,—seu primo, o rev. Antonio A. de Menconça, ambos da primeira nobreza d'esta villa,—e o rev. licenciado Manuel Pinto Ribeiro, parocho de Mouçós.

—

O templo não é muito espaçoso, mas em compensação é muito bem acabado. Tem uma bella fronteria, encimada por uma estatua de granito representando S. Paulo, e nos topos 2 anjos,—um com as chaves, outro com um baculo;—tecto de abobada de tijolo com aduelas de granito, formando quadrados;—paredes forradas de azulejo estampado com paisagens e figuras;—capella-mór em forma de meia laranja;—5 altares com boas decorações de talha dourada;—bella sacristia e superiormente a casa do despacho com portas rasgadas sobre a Rua Direita, ou dos Mercadores, e amplas vistas sobre a villa e seus arrabaldes.

Tambem tem um orgão e na torre um sino com o antigo relogio da camara, ou *de correr*, que esteve em uma das torres da *villa velha* e que para aqui foi transferido em 1709.

—

Já em 1720, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, que temos presentes, possuia esta egreja soberbas alfaias. Mencionaremos apenas as seguintes:

Dois grandes lampadarios de prata junto do altar do Santissimo;—uma grande cruz pontificia com a theara e as chaves e vara, tudo de prata;—cinco paramentos riquissimos completos:—um vermelho, de tela de ouro; outro branco, de tela de prata com

---

[1] Assim se lê nas minhas *Antiguidades de Villa Real;* mas outros apontamentos dizem que foi fundada em 1638 na egreja de S. Pedro, d'onde, por desintelligencias com o parocho, passou em 1644 para a egreja da Misericordia, na qual esteve até á conclusão da egreja de S. Paulo.

Tambem as minhas *Antiguidades* e os taes apontamentos claudicam na data de 1638, ou no nome do pontifice.

Se os estatutos foram confirmados por Paulo IV, a data deve ser 1558, pois este pontifice governou desde 1555 até 1559; mas se a data é verdadeira, o papa deve ser Urbano VIII, que governou desde 1623 até 1644.

Dicant paduani.

[1] Este piedoso balio fundou tambem no Porto á sua custa exclusivamente a magestosa egreja dos jesuitas, que depois passou para os *frades grillos* (agostinhos descalços) e hoje pertence ao seminario episcopal, como dissemos nos artigos *Porto* e *Victoria.*

sebastos;—outro de veludo preto, ricamente agaloado d'ouro;—outro branco, da tela de maior preço que se encontrou em Lisboa, onde foi comprado e feito em 1718,—e finalmente outro de *papagaios* de cores com fundo de prata e flores d'ouro e prata;—frontaes de *tissu* de prata para todos os altares;—riquissimas cobertas de tela de prata; —bacia, gomil e salva de prata com as armas de S. Pedro—e outros muitos paramentos e alfaias de tanto valor que, visitando esta egreja o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, a denominou *montanha d'ouro* e, tanto este como os outros arcebispos que repetiram a visita, diziam que não a iam vizitar, mas louvar.

Não sabemos o que hoje resta de tantas preciosidades, mas suppomos que as hordas de Napoleão roubariam a maior parte nos principios d'este seculo.

—

Tambem pelos annos de 1720 era apparatoso e de grande movimento o culto n'esta egreja.

N'elle se celebravam annualmente milhares de missas, umas por devoção, por ser a egreja muito central, outras por obrigação em cumprimento dos estatutos da irmandade e de muitas disposições testamentarias. Entre ellas annualmente se celebravam 33 cantadas em memoria dos 33 dias que o Redemptor passou n'este mundo, offerecidas pelos irmãos vivos e defuntos.

Todos os irmãos tinham muitos suffragios e, sendo sacerdotes cahidos em pobresa, a irmandade lhes fornecia vestidos, alimentos, remedios, enfermeiro nas doenças, etc.

Em 1720 contava esta irmandade 200 irmãos sacerdotes e 15 leigos; era isenta da jurisdicção parochial e obedecia sómente ao seu juiz ou presidente.

—

Um dos grandes bemfeitores d'esta egreja foi o licenciado Manuel da Silva, fidalgo da principal nobreza d'esta villa, casado com Leonor Botelho de Mesquita, ramo da familia dos antigos alcaides-móres.

Não só deu duas casas para no chão d'ellas se fazer esta egreja, mas depois n'ella instituiu um vinculo de morgado no altar de Nossa Senhora da Piedade, que para si reservou, por escripturas de 16 de setembro e 20 de dezembro de 1644.

Outro bemfeitor, ainda mais insigne, foi o balio de Lessa, Luiz Alvares de Tavora, principal fundador d'ella, pelo que a irmandade, em signal de gratidão, apenas elle falleceu, além dos suffragios que lhe competiam como irmão, resolveu que por alma d'elle se celebrassem todos os annos 100 missas, que logo foram lançadas na taboa, do que se lavrou um termo em 14 d'outubro de 1645, anno em que o piedoso balio falleceu, e que era o 6.º a contar do anno em que se lançou a 1.ª pedra d'esta egreja.

Outro insigne bemfeitor foi o rev. Antonio Soares de Mendonça que, além de contribuir para a fundação d'ella, como já dissemos, a contemplou no seu testamento, com data de 1 de novembro de 1656, e n'ella instituiu um morgado com bens que tinha em Celeirós, nomeando primeira administradora sua irmã D. Helena de Mendonça, casada com Antonio d'Abreu.

Em 1720 era administrador do dicto vinculo João da Veiga Cabral, F. C. R. como herdeiro de sua sogra D. Joanna Soares.

—

Outro insigne bemfeitor foi o protonatario, co-fundador e parocho de S. Diniz, rev. João Corrêa de Mendonça, que reservou para si, com sepultura privativa no supedaneo, o altar de Santa Liberata e Santa Eugenia, por contracto que fez com a irmandade, e lhe doou certa esmola para que por sua alma perpetuamente mandasse dizer uma missa cada mez, das quaes duas seriam cantadas, — uma na sua capella, no dia dos oragos, —e outra no altar-mór a 22 de fevereiro, dia em que elle instituidor assentou a primeira pedra no alicerce d'esta egreja.

Tambem na mesma capella instituiu um morgado, a que vinculou todos os seus bens e do qual era administrador em 1720 Affonso Botelho de Sousa Pinto, de Villarinho de S. Romão.

N'esta mesma egreja o rev. José da Nobrega Cão, natural d'esta villa e reitor de S. Thiago de Andrães, instituiu em 1678 outro morgado, deixando por cabeça d'elle um

rubi da grandesa d'uma avelã, engastado em um annel d'ouro, e vinculando ao mesmo morgado todos os seus bens, com a obrigação de certas missas resadas n'esta egreja, em que foi sepultado.

Concluiremos este topico dizendo que a fronteria actual d'esta egreja de S. Paulo foi feita em 1760.

Egreja e Irmandade da Misericordia

Não sabemos quando nem por quem foi fundada a Misericordia d'esta villa; sabemos porem que funccionou em uma simples capella da freguezia de S. Diniz até o anno de 1528, data em que o benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro reedificou e ampliou a dicta capella, transformando-a em um bello templo, todo de granito bem lavrado, com boas decorações, casa de despacho e mais officinas,—*tudo á sua custa!*

Além de fazer a egreja, o mesmo benemerito protonotario n'ella instituiu uma missa quotidiana pela sua alma e pela do marquez de Villa Real, D. Fernando, seu intimo amigo; e para satisfação d'este encargo doou á santa casa rendas sufficientes, por escriptura de 23 d'abril de 1538.

N'esta mesma egreja se instituiram outras muitas capellas de missas, vinculos e morgados. Mencionaremos apenas os seguintes:

O dr. Antonio de Hervedosa, sendo ouvidor em Valença, e sua mulher Jeronyma Fernandes, naturaes d'esta villa, instituiram um vinculo com a obrigação de certas missas e um anniversario, por escriptura de 10 de agosto de 1558, feita em Valença do Minho.

D. Isabel de Menezes, viuva de Paulo Antonio Tello de Menezes, deixou por herdeiro seu primo Antonio de Magalhães, com a obrigação de mandar dizer pela alma d'ella oito missas todos os annos n'esta egreja, a cuja obrigação vinculou a sua quinta de Navalhos, sita na freguezia de S. Matheus. Depois o herdeiro Antonio de Magalhães instituiu o morgado e capella de S. Thiago d'esta villa, com todos os seus bens, por escriptura de 29 de janeiro de 1589,—e um dos seus descendentes vendeu a dicta quinta ao morgado de Matheus com a obrigação das oito missas.

Morgado da Ribeira de Sabrosa

Na mesma egreja da santa casa, na capella de Nossa Senhora da Corôa, junto do altar-mór, do lado do evangelho, instituiram em 1598 um morgado, a que vincularam todos os seus bens, Fernão Pinto Pimentel, armado cavalleiro em Ceuta, procurador ás côrtes d'Almeirim, etc., e sua mulher Maria Corrêa, ambos da primeira nobresa d'esta villa, com «obrigação de certas missas, vestuario a pobres e outros encargos».

Nomearam primeiro administrador do dicto morgado seu sobrinho Antonio Pinto Pimentel, com muitas condições, algumas curiosas, v. g. — que o administrador d'este morgado usaria os appellidos *Pinto Pimentel,* sendo varão, e *Corrêa Pimentel,* sendo femea;—que, se o dicto Antonio Pinto Pimentel e sua mulher Anna Corrêa não deixassem successão, passaria este morgado com todos os seus bens para um *criado qualquer* do ultimo administrador, porque não queriam os instituidores que n'elle succedesse jámais Antonio Corrêa, genro de Paio Rodrigues, de Favaios, nem Anna Pimentel, nem os filhos ou descendentes d'estes, *pelas grandes desobediencias e crueis ingratidões que d'elles haviam recebido;*—que os administradores d'este vinculo nos dois primeiros annos da sua administração lhe uniriam quarenta mil réis em dinheiro ou em fazendas,—*comtanto que não fossem vinhas* (?!...),—e que, sob pena de perderem este morgado e passar a outro administrador, casariam sómente com pessoa nobre, de paes e avós e de *sangue limpo!...*

—

Tomou este vinculo o nome de vinculo ou morgado da *Ribeira de Sabrosa,* porque na ribeira da freguezia de Sabrosa, margem direita do Pinhão, tinha uma das melhores propriedades que o constituiam, a qual escolheu para seu titulo o barão da Ribeira de Sabrosa, ultimo ou penultimo administrador d'este morgado,—Rodrigo Pinto Pisarro Pimentel d'Almeida Carvalhaes, ministro de D. Maria II,—um dos homens mais illustra-

dos e mais honrados que teve Portugal n'este seculo. Falleceu em 1841, sem successão.

V. *Ribeira de Sabrosa, Sabrosa* e *Villar de Maçada.*

São hoje herdeiros e representantes da casa do fallecido barão os Nobregas Pintos Pisarros, de Villa Real; mas a grande quinta da *Ribeira de Sabrosa* foi, ha pouco, vendida e os restantes bens divididos em virtude da lei que aboliu os vinculos.

Dos instituidores Fernão Pinto Pimentel e Maria Corrêa, sua esposa, descendem os Teixeiras Lobos da *Casa da Capella,* em Sabrosa, os Pisarros da *Casa das Sereias* ou *Palacio da Bandeirinha,* no Porto, os Pintos Pimenteis de Villar de Maçada e de Gouvinhas, os Pintos da Cunha Saavedras, de Provezende [1], e os barões de Saavedra, de Lisboa.

—

Na mesma capella-môr da egreja da Misericordia, do lado da epistola, está a capella do *Ecce Homo,* que a santa casa cedeu em 1599 a Gonçalo Lobo Tavares, alcaide-mór de Lamas d'Orelhão, contador das rendas do marquez de Villa Real, etc., para elle, seus herdeiros e descendentes, terem n'ella sepultura privativa e n'ella poderem collocar, como collocaram, o seu brasão d'armas, —*dois lobos.*

O dicto alcaide-mór falleceu em 28 de setembro de 1631 e no seu testamento instituiu na mencionada capella um vinculo de morgado, cujo primeiro administrador foi seu filho Paulo Tovar Lobo.

Em 1720 D. Emmerenciana Pinto Lobo de S. Paio, casada com Jacintho de Mesquita Botelho, era administradora d'este vinculo, por doação de Clara Lobo de Lacerda, neta do instituidor.

Hospital da Misericordia ou da Divina Providencia

Durante muito tempo, alguns seculos, o unico hospital d'esta villa foi o do *Espirito Santo,* ou da albergaria de que já fizemos menção. Ali se recolhiam os doentes em pequeno numero e por pouco tempo, por ser a casa pequena e pobre, tanto que dormiam em uma tarimba;—outros se recolhiam debaixo dos arcos do campo do Tabolado, ficando expostos ao frio e a morrerem ao abandono.

A irmandade da Misericordia não tinha meios para lhes valer, mas, condoida d'elles, em 13 de março de 1796 alugou na rua de Traz da Misericordia a casa de João Guedes, serralheiro, e ali recolheu sete infelizes que estavam enfermos nos arcos do Tabolado, deitando-os em camas limpas e soccorrendo-os com todo o necessario.

A estes pobrezinhos accresceram outros; as despesas com o tratamento d'elles augmentavam e, como a santa casa não tivesse rendas proprias, os benemeritos mesarios, cujos nomes infelizmente ignoramos, invocaram a divina providencia e ella os ouviu e attendeu.

Todos os domingos iam dois irmãos de porta em porta, pela villa e pelas aldeias do termo, pedir esmola para o improvisado hospital; — no primeiro dia do anno e no de Reis varios irmãos e devotos iam com musica e grande acompanhamento percorrer a villa, cantando e pedindo esmola para o mesmo fim, e varios ecclesiasticos e cavalheiros da primeira nobreza da villa, levados pela caridade e por tão santo enthusiasmo, fizeram tambem representações dramaticas em pró da nascente instituição.

—

Tal foi o zelo dos iniciadores que os recursos e a protecção do publico augmentaram na proporção dos encargos e poderam comprar uma casa para hospital no mesmo sitio onde hoje se vê o magestoso *Hospital da Divina Providencia,* levantado e dotado pela caridade dos bons villarealenses.

Entre os devotos mais benemeritos são dignos de especial menção os seguintes:

—Anna Eufrasia da Rocha e sua irmã, Maria Magdalena, que deram *vinte contos de réis* de esmola, com a condição de serem recebidos e tractados no hospital da Misericordia os irmãos terceiros de S. Francisco.

---

[1] D'esta nobilissima e virtuosa familia falleceu em 26 de abril do corrente anno de 1885, o ultimo representante e meu bom amigo e Cyreneu, José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, deixando viuva e filhos.

—O general Silveira, conde d'Amarante, governador das armas n'esta provincia, e o dr. Francisco Ignacio Pereira Rubião, dos quaes adiante fallaremos, promoveram em 1817 uma subscripção que attingiu a cifra de 4:800$000 réis.

—José Rodrigues de Freitas e Francisco Rodrigues de Freitas, levados pela sua piedade e pelas instancias do mencionado conde de Amarante, cederam ainda em vida d'elles todas as suas dividas activas em favor do hospital—e por sua morte deixaram *vinte contos de réis* para as obras do novo edificio—e os juros de onze contos para a sustentação da capella e culto do mesmo hospital.

Na dicta capella jazem os dois benemeritos irmãos Freitas, tendo fallecido o José em 1820, e o Francisco em 1826.

A estes bemfeitores se seguiram outros com legados e esmolas de um e dois contos de réis.

—O arcebispo D. Fr. Miguel da Madre de Deus cedeu em favor da mesma instituição os dizimos das *Santas Engracias*, em Canellas, freguezia de S. Miguel de Poyares, hoje concelho da Regoa, os quaes orçavam por 300 a 400 mil réis annuaes.

—Finalmente D. Maria Emilia Teixeira de Moura quiz ser a primeira bemfeitora d'este hospital, pois lhe deixou *cincoenta contos de réis*!...

—

É um dos melhores hospitaes da provincia, montado em um amplo, elegante e solido edificio, com entrada exterior por uma vistosa e dispendiosa escadaria, sendo unicamente para lamentar que esteja em sitio relativamente baixo e abafado, entre a villa nova e a villa velha.

Os benemeritos fundadores foram pouco felizes na escolha do local, mas este vae melhorando com as muitas expropriações já feitas em volta d'elle,—e mais se projectam ainda.

Capellas

1.ª—*S. Braz,* na villa velha e já descripta. Particular.

2.ª—*S. Roque,* tambem na villa velha e já mencionada.

Extincta e publica.

3.ª—*Espirito Santo,* ou do Bom Jesus do Hospital.

Removida para o campo do Pioledo e tambem já descripta.

Particular e hoje profanada.

4.ª—*Senhora da Conceição* e outras, cujos titulos ignoramos.

Estavam na cerca do extincto convento de S. Francisco, hoje quartel militar, de que adiante fallaremos.

Foram feitas em 1748 pelo abbade da Cumieira, Manuel de S. José Justiniano, e não sabemos o que hoje restará d'ellas.

5.ª—*S. Sebastião.*

Esteve no Campo do Tabolado, no chão onde se fundou o convento de S. Domingos, a cujos frades foi doada com outros chãos contiguos para fazerem o convento.

Era da camara e uma das mais antigas d'esta villa, pois n'ella se benzeu a pedra fundamental do dicto convento, em 7 de março de 1424, celebrando missa solemne (talvez a ultima que n'ella se celebrou) o padre Fr. Vasco de Guimarães, religioso dominico.

6.ª—*S. Sebastião,* outra.

A primeira capella d'esta invocação foi dada aos frades de S. Domingos em 1545 e n'esse mesmo anno demolida, mas já em 1528 o benemerito protonotario D. Pedro de Castro, abbade de Mouçós, vendo que era pequena e se achava em ruinas, havia mandado á sua custa fazer outra com a mesma invocação no monte do Calvario, que por isso se denominou *monte de S. Sebastião,* e n'ella instituiu uma missa semanal. Na dicta capella se fundou depois uma irmandade, cujos estatutos foram approvados em 22 de janeiro de 1662 pelo arcebispo de Braga, D. Verissimo de Alencastre.

Augmentando a devoção dos fieis e os fundos da irmandade, mandou esta fazer obras importantes na capellinha do martyr, entre ellas um bom retabulo de talha dourada, tecto apainelado e bem pintado, galilé junto da porta de entrada, sacristia, adro com assentos de pedra e vistas esplendidas, servindo-lhe de supporte um alto e valente muro, etc.

Com o decorrer do tempo e com a falta

de zelo das administrações, extinguiu-se a irmandade,—a capella ficou ao abandono—e de uma e outra foi coveiro o presidente da camara dr. *Charrua*, [1] pois para desaffrontar aquelle chão, demoliu a pobre capella na noite de 3 para 4 de fevereiro de 1867, com um grande bando de trabalhadores da sua confiança, não se atrevendo a realisar tão alto facto de dia, com medo de que o povo se amotinasse.

Provou o dr. *Charrua* que é mais facil demolir do que construir.

Assim terminou a pobre capella, que já contava 339 annos de existencia!...

7.ª—*Santo Antonio*, tambem no monte do Calvario.

Tem capella-mór e n'ella o altar do taumaturgo, seu padroeiro,—2 altares lateraes, um de Nossa Senhora do Pilar, outro de S. Vicente Ferrer,—côro, pulpito e orgão, paredes interiormente forradas de azulejo,—tecto apainelado com pinturas de muito merecimento, mandadas fazer expressamente em Roma pelo benemerito *morgado de Matheus*, D. Luiz Antonio de Sousa Botelho, em 1791, sendo juiz da irmandade administradora d'esta capella.

Representam as dictas pinturas a vida e os milagres de Santo Antonio.

Tem um pequeno atrio fechado por gradaria de ferro e um alpendre ou galilé sobre oito columnas de granito.

Conta hoje esta capella 350 annos, pois foi feita em 1535 pelos devotos de Santo Antonio, freguezes da parochia de S. Pedro, em cuja circumscripção se acha, mas posteriormente recebeu algumas modificações. Na frente se vê a data 1593.

Tem confraria ou irmandade propria, cujos estatutos foram approvados em 31 de agosto de 1748 pelo arcebispo D. José de Bragança, por se haverem extraviado os primeiros.

Por occasião da festividade do padroeiro d'esta capella se faz n'esta villa, no dia 13 de junho e nos seguintes, desde tempos remotos, a grande *feira de Santo Antonio*, da qual adiante fallaremos em topico especial,—feira que em 1748, por alvará d'el-rei D. João V, foi de novo transferida para junto da dicta capella, ou para o monte do Calvario, a pedido da irmandade de Santo Antonio, da qual era ao tempo juiz ou mordomo José Pinto da Cunha Pimentel, da primeira nobresa de Villa Real, bisavô do meu bom amigo e cyreneu José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, fallecido em 26 de abril do corrente anno de 1885.

8.ª—*Senhor do Calvario.*

A poucos metros de distancia da mencionada capella de Santo Antonio se ergue, em um amplo e vistoso largo, a espaçosa capella do Senhor do Calvario, pertencente á ordem 3.ª de S. Francisco.

Foi feita pela dicta ordem no anno de 1680, com diminutas proporções e um só altar, mas em 1694 a mesma ordem a melhorou consideravelmente com uma importante esmola de Margarida Rebello, que n'ella jaz em sepultura propria.

No seu unico altar primitivo estava uma linda imagem do redemptor, em tamanho natural, feita por Francisco Pereira Pinto d'esta villa, pessoa de rara habilidade.

Assim se conservou a pobre capella até 1803, data em que foi restaurada e ampliada, transformando-se em um dos melhores e mais espaçosos templos da villa.

O corpo da capella foi feito pelo mestre pedreiro Agostinho Adão, por 1:200$000 réis,—e em 1805, terminadas as obras de pedra e carpinteria, a ordem mandou fazer, além do altar-mór primitivo, mais 2 altares lateraes, um de Nossa Senhora do Carmo, outro de S. Manuel, martyr, um nicho para o Senhor dos Passos,—a sacristia, a sala do capitulo e a torre, para a qual mudou em 1844 o relogio que foi do extincto convento franciscano.

Tem missa nos domingos e dias santos, instituida por um legado de 2:000$000 réis, que deixaram as irmãs Rochas, e n'este mesmo templo se celebram as missas e officios a que é obrigada a ordem 3.ª de S. Francisco, da qual adiante fallaremos.

O adro é espaçoso e offerece um panora-

[1] Antonio Correia d'Almeida Lucena, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra em 1859.

ma esplendido; mas, como o chão era um monte escarpado e muito ingreme, para o nivelarem foi mister construir muros de supporte altissimos e carissimos.

Serve de corôa ao monte do Calvario;—em um plano ou grande socalco immediatamente inferior, lado E., está o *jardim publico* —e no plano immediatamente inferior ao jardim está a *Carreira*, passeio publico tambem, formosa avenida, por onde passa a estrada que mais adiante se divide em 3,—uma que segue para Chaves, outra para Murça e Bragança, e outra para Sabrosa, Favaios, etc.

—

9.ª—*Senhora do Carmo.*

Adiante fallaremos d'esta capella, quando tratarmos das *ordens terceiras.*

10.ª—*S. João Baptista,* no claustro de S. Domingos.

D'ella fallaremos, quando tratarmos d'este convento.

Extincta.

11.ª—*S. João Baptista* ou *S. João de Jerusalem,* outra, na rua da Fonte Nova.

Foi fundada por Heitor Botelho em 1667, que vinculou á dicta capella as suas casas, bem como o quintal das mesmas e um campo e olival que se seguiam para oeste, com a obrigação de 4 missas por mez.

Em 1720 era administrador d'este vinculo Santos Pereira de S. Paio, do concelho d'Anciães, ao tempo morador na sua quinta do *Mondego,* termo de Villa Real,—pessoa nobilissima, descendente dos S. Paios, senhores de Villa Flor, depois condes de S. Paio.

Era particular; foi profanada—e ha muito que serve de casa de habitação.

12.ª—*Senhora da Piedade,*—depois *Senhora do Desterro*—e por ultimo capella do *Espirito Santo.*

Já a descrevemos no topico relativo á *villa velha.*

13.ª—*S. Francisco,* no convento dos frades franciscanos.

Adiante fallaremos d'esta capella, quando tratarmos d'aquelle convento.

14.ª—*Santa Margarida,* junto da ponte d'este nome, na margem direita do Corgo.

Foi fundada em 1520 pelo benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro, que tambem deu em 1490 para a construcção da dicta ponte 400$000 réis,—somma importantissima n'aquelle tempo.

15.º—*S. Lazaro.*

Como na capella de Santa Margarida houvesse uma imagem de S. Lazaro, muitos devotos d'este santo, principalmente os da rua dos Ferreiros, contigua, povoada quasi exclusivamente de ferreiros, chapelleiros e outros artistas, tractaram de festejar *S. Lazaro.* Augmentando a devoção para com este santo, fizeram irmandade propria, cujos estatutos foram approvados pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1714. Depois restauraram a antiga capella de Santa Margarida; azulejaram-lhe o tecto, enchendo-o de pinturas a oleo com os milagres do santo; fizeram boa sacristia e na porta principal *seu cabido de pedra* (talvez galilé) *com todo o primor,*—dizem as *Antiguidades de Villa Real.*

Por todas estas circumstancias a antiquissima e pobre capella de Santa Margarida tomou a invocação de S. Lazaro.

Era publica e não sabemos o que resta hoje d'ella.

16.ª—*S. João da Fraga.*

A cavalleiro do bairro de Santa Margarida demora esta capellinha no alto d'um grande morro de granito, do qual tomou o nome de *S. João Baptista da Fraga.*

Sobe-se para ella por uma pequena escadaria;—tem um bonito adro com assentos de pedra, do qual se gosam vistas muito pittorescas sobre o rio Corgo, sobre a ponte de Santa Margarida, sobre a extremidade leste da villa e sobre muitos pomares, hortas, campos e vinhas.

É um dos miradouros mais pittorescos e interessantes de Villa Real.

Foi feita pelos annos de 1685 á custa de differentes devotos, nomeadamente do licenciado João Martins da Fraga, que em 1695 a instituiu cabeça de morgado, vinculando-lhe todos os seus bens, com a obrigação de certas missas e d'outras condições que podem vêr-se nas *Antiguidades de Villa Real.*

Foi primeiro administrador d'este morgado de *S. João Baptista da Fraga* uma fi-

lha do instituidor, D. Martha de S. Paio, mulher de Luiz Teixeira de Magalhães, F. C. R. governador politico d'esta villa, sargento-mór e cavalleiro da ordem de Christo, ramo dos Teixeiras Coelhos, da casa de S. Braz.

É publica.

17.ª—*Senhor do Atalho.*

Demora esta capellinha um pouco a jusante da de S. João da Fraga, no carreiro ou *atalho* de que tomou o nome e por onde se desce d'aquelle fragão para a ponte de Santa Margarida.

Foi feita em 1840 por Francisco Domingues, gallego, de alcunha o *Pózeiro*, por haver casado com Maria Victoria *Pózeira*, d'esta villa, onde elle exerceu a profissão de trolha.

Fundou-a com esmolas que pediu para o Senhor dos Afflictos, cuja imagem estava pintada em um cruzeiro de pedra que no mesmo local da capellinha havia mandado fazer em 1782 Jeronymo Teixeira Carneiro da Frontoura, em cumprimento d'um voto, por se ver livre d'um perigo imminente que o ameaçou n'aquelle mesmo local.

Junto da capellinha fez o *Pózeiro* tambem uma pequena casa, onde passou o resto dos seus dias.

É particular.

18.ª—*Senhora dos Captivos.*

Foi feita por André d'Araujo e Veiga e sua mulher Maria Monteiro, os quaes n'ella instituiram um morgado, vinculando-lhe todos os seus bens, pelos seus testamentos de 28 de novembro de 1621 e 5 de setembro de 1627, com a obrigação de uma missa perpetua nos domingos e dias santos, pela alma dos instituidores.

Foi primeiro administrador d'este vinculo o padre Custodio Monteiro, irmão da instituidora.

Em 1722 era administrado por Francisco Botelho Monteiro de Lucena, padroeiro do convento de Santa Clara, d'esta villa.

Era particular e n'ella se sepultaram os fundadores e alguns dos seus descendentes; mas foi fundada em frente da antiga cadeia, para que os presos mesmo da cadeia podessem ouvir missa, pelo que os benemeritos fundadores deram á capellinha a invocação de *Senhora dos Captivos.*

Por desleixo dos administradores perdeu a maior parte das suas rendas; cahiu em abandono, e desde 1815 serve de casa da guarda dos presos.

19.ª—*S. Jacintho*, na rua d'este nome e unida ao palacete de S. Jacintho, onde viveu Gonçalo Christovam e que foi fundado, bem como a dicta capella, pelos seus nobilissimos e riquissimos ascendentes, senhores da Teixeira e dos morgados de S. Braz, Sant'Anna de Constantim, Abbaças, etc., depois morgados do Bomjardim, no Porto.

Em virtude da delapidação d'esta grande casa, foi a dicta capella com o palacete contiguo arrematada em hasta publica no anno actual (1885) e no palacete e capella vae fundar-se o *Asylo Chaves*, de que adiante fallaremos.

Era particular.

20.ª—*Santa Sophia*, na rua das Flores.

Foi mandada edificar por Antonio Botelho de Mesquita, que n'ella instituiu um grande vinculo em 1626.

Particular.

21.ª—*Senhora do Rosario*, tambem particular, na *Casa da Cruz*, da rua do *Jogo da Bolla*, hoje rua da *Alegria.*

Foi feita por Antonio Botelho de Queiroz e por elle instituida cabeça de morgado, a que vinculou as suas casas contiguas e certos bens em S. Lourenço.

Profanada e servindo de estrebaria!...

22.ª—S. *Thiago*, particular tambem.

Foi esta capella primitivamente fundada pela nobilissima familia *Magalhães*, no cimo do campo do Tabolado, junto do local onde depois se fundou o convento das claristas, hoje *Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres*, e, segundo consta, teve no seu principio confraria propria.

Cahindo em ruinas a dicta capella, Martinho José de Magalhães Faria e Sousa, descendente dos fundadores, a transferiu e fez de novo junto ás suas casas, na rua das Flores.[1] Antonio de Magalhães, viuvo de Isabel Justes, para cumprir o testamento de suas

---

[1] Foi demolida em 1883, quando se construiu de novo o palacete que é hoje do medico Francisco Salles da Costa Lobo.

cunhadas D. Briolanja da Nobrega e irmãs, na dicta capella instituiu um morgado com os bens que ellas lhe deixaram, unindo-lhe todos os seus, por escripturas de 28 de dezembro de 1588,—de 29 de janeiro de 1589, —de 16 de junho de 1593,—de 18 de junho do mesmo anno—e de 12 de setembro de 1594!...

Nomeou primeiro administrador d'este morgado seu neto Antonio de Magalhães.

Mandou elle instituidor que este vinculo se denominasse de *Sabroso*, porque em S. Mamede de Sabroso tinha uma capella e differentes propriedades,—e que os seus administradores usassem o appellido *Magalhães*, sob pena de perderem o dicto morgado.

Em 1720 era administradora d'este vinculo Helena de Magalhães, 4.ª neta do instituidor, filha natural legitimada de Antonio de Magalhães e Faria, já casada, mas corria pleito entre ella e o capitão de cavallos, Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, de Moncorvo, que pretendia tirar-lhe a administração do dicto morgado, por ser tambem 4.º neto do instituidor e filho legitimo.

—

23.ª—*Senhora d'Almodena.*

Ao poente d'esta villa e no alto de um monte, um pouco alem da rua da Fonte Nova, na margem esquerda do Cabril, junto da ponte de *Almodêna* e da estrada real que segue para o Porto pela Regoa e pela Campeã, está ainda na circumscripção da parochia de S. Diniz a capella da *Senhora d'Almodêna*, que deu o nome á dicta ponte.

Foi fundada no meiado do seculo XVII por D. Pedro Taveira Souto Maior, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da primeira nobresa d'esta villa e capitão de couraças em Flandres, casado com D. Filippa de Castro e Silva, senhora do morgado de Ferreiros em Villa Viçosa, os quaes no seu testamento de 28 de fevereiro de 1664 vincularam em morgado á dicta capella todos os seus bens, com a obrigação de certas missas, encarregando o vigario geral de velar pelo cumprimento d'ellas, pelo que os instituidores mandaram se lhe désse annualmente duas gallinhas e *um frasco de vinho.*

Em 1720 velava um ermitão por esta capella, mas nos fins do seculo XVIII estava em grande abandono, pelo que uma devota mulher, chamada Joanna da Silva, se resolveu a amparal-a e, pedindo e esmolando em favor d'ella, não só a reparou, mas conseguiu fazer alguns annos pomposa festa com grande romagem, no dia 8 de setembro, até o anno de 1802, data em que a santa mulher falleceu, cahindo outra vez a capellinha em completo abandono.

—

Assim se conservou até que em 1818 Francisco Antonio dos Reis se devotou a ella com tal zelo que a romagem se tornou a mais importante d'esta villa.

Crescendo as esmolas, reparou a capella, restaurando a parte que ameaçava ruina, comprou paramentos e alfaias, arroteando o monte, fez um amplo terreiro,—abrindo uma mina, o embellesou com agua potavel, e iria muito mais longe, se a morte o não surprehendesse, como surprehendeu, em 1830.

Succedeu-lhe José Alves Torgo, por alcunha o *Zé da Chica.* Lembrou-se este de crear uma feira no dia da grande romagem. Requereu-a e foi-lhe concedida por provisão regia de 14 de junho de 1831.

Em 13 d'abril de 1834 entrou n'esta villa o duque da Terceira,—estabeleceu o novo systema politico—e a administração da capella passou para varios zeladores, nomeados pela junta de parochia da freguezia de S. Diniz, que outra vez deixaram cahir tudo em completo abandono!

Em 1846, tendo sido nomeados zeladores Roque Fernandes de Mattos e Diogo de Lima, ambos sapateiros, tal zêlo empregaram na administração da pobre e abandonada capella, que rapidamente voltou ao seu antigo esplendor e ainda o excedeu, — graças aos dois benemeritos artistas!

Augmentando a concorrencia e as esmolas, demoliram a velha capellinha e construiram de novo outra, que ficou concluida em 1850, sendo aberta ao culto e n'ella collocada de novo a imagem da Senhora d'Almodêna [1] com grande pompa no dia 1 de

[1] *Almodena* é palavra arabe e significa a

setembro do mesmo anno, seguindo-se no dia 8 a grande romagem, festa e feira, o que tudo tem continuado até hoje.

É publica.

—

24.ª—*Sant'Anna.*

Houve tambem n'esta villa e não sabemos se ha hoje ainda uma capella da invocação de Sant'Anna. Era particular e *collegiada*,[1] de cinco beneficiados collados, que ali resavam em côro os officios divinos.

Foi fundada em .... pelo dr. Jeronymo Corrêa Pinto do Amaral, ouvidor na Parahiba, pelo que os *Amaraes*, seus descendentes e successores, morgados de Villa Cova, tinham o titulo de *Priostes*, ou presidentes da dicta collegiada, e apresentavam os cinco beneficiados.

Era particular.[2]

25.ª—*Santo Antonio Esquecido*, no passeio que hoje circunda pelo nascente a villa velha.

Já fizemos menção d'esta capellinha.

26.ª—*Senhora da Piedade*, na cerca do convento de Santa Clara. Adiante fallaremos d'ella.

27.ª—*Capella do Arco*. Estava sobre o arco pertencente ao palacio dos marquezes de Villa Real e foi demolida com o dicto arco em 1850.

Ordem 3.ª de S. Francisco

Esta ordem foi fundada por conselho e instrucções de dois missionarios hespanhoes que vieram a esta villa em 1670,—Fr. André e Fr. José de Vilalva.

O seu primeiro templo foi uma capellinha que a ordem fez junto á de Diogo Dias Ferreira, no convento de S. Francisco; augmentando porem rapidamente o numero dos irmãos, e cedendo Maria Alves e João Lourenço certo chão contiguo, ampliou a dicta capella, ficando com tres altares, todos tres privilegiados, e duas capellas mais para enterramento dos irmãos.

Em 1772 deu a ordem um conto de réis ao convento para pôr a sua capella em communicação com a dos frades e ter sahida commum com elles.

O orago da dicta capella é Nossa Senhora da Conceição. Extinctos os frades em 1834, ficou esta ordem 3.ª tambem senhora da egreja do convento e não só a tem conservado com toda a limpeza, mas n'ella faz diversas festividades com muita pompa.

Esta ordem chegou a contar 2:000 irmãos, todos com o direito de serem recebidos e tratados de graça no hospital da Misericordia, em virtude do legado e das disposições testamentarias de Anna Eufrasia da Rocha e de sua irmã, como já dissemos no topico relativo á Misericordia.

Em 1721 contava esta ordem 1:500 irmãos e irmãs, comprehendendo quasi toda a nobresa de Villa Real e suas circumvisinhanças.

Por provisão de 15 de setembro de 1757 o infante D. Pedro (?) deu a esta ordem para cemiterio um pequeno baldio junto dos arcos, (?) do qual tomou posse em 18 de março de 1758, segundo se lê nos apontamentos que me legou o meu amigo Saavedra.

Ordem 3.ª do Carmo

A historia da fundação d'esta ordem é um tecido de luctas, intrigas e peripecias que nos levariam muito longe. Resumil-a-hemos pois o mais possivel.

Pelos annos de 1700 o padre mestre Fr. José do Espirito Santo, carmelita descalço, natural d'esta villa, costumava por devoção benzer e lançar o escapulario de Nossa Senhora na egreja parochial de S. Pedro, e alguem diz que esta devoção principiou na egreja da Misericordia.

A Fr. José succedeu na mesma devoção o rev. Antonio Pereira de Carvalho. Era este coadjuvado por outros sacerdotes, os quaes por impedimentos que tiveram deixaram de

---

torre ou mirante com varanda, d'onde os mahometanos em altas vozes costumam chamar os crentes para a oração.

Nós os christãos adoptámos os sinos em vez de pregoeiros.

[1] «Esta collegiada foi extincta, mas ainda existem, embora em possuidor estranho, a capella e a casa contigua brasonada e com uma torre, em frente do palacio que foi do general Silveira.»

[2] Foi demolida, ha annos, quando se fez de novo a casa a que estava unida.

o auxiliar e a devoção do escapulario foi amortecendo.

Em 1748 recolheu se á sua casa n'esta villa Fr. Pedro Caetano, carmelita, trazendo faculdades para benzer e lançar o escapulario, applicar as indulgencias dos 4 jubileos da ordem, receber esmolas e poder empregal-as no culto da imagem da Senhora do Carmo.

Coadjuvado por Fr. Antonio Corrêa do Espirito Santo, da ordem da Penitencia, ambos admittiram muitos irmãos, sem ainda haver na villa imagem alguma da Senhora.

—

Em 1755 Vicente Luiz Corrêa de Mesquita pediu ao provedor da Misericordia Antonio Pinto Pimentel, 5.º morgado da Ribeira de Sabrosa, licença para cumprir as disposições do seu morgado (d'elle Vicente) mandando compor e alfaiar a sua capella, cabeça do vinculo, que tinha na Misericordia e, por accordo entre os dois, deu para aquelle fim certa somma ao provedor; mas este, em vez de empregar o dinheiro nas obras, mandou fazer uma imagem de Nossa Senhora do Carmo e a collocou na dicta capella, no mesmo anno de 1755.

Augmentou logo rapidamente o numero dos devotos e confrades da Senhora;—fizeram-lhe pomposa festa e requereram a Fr. José Pereira de Sant'Anna, provincial dos carmelitas descalços, auctorisação para constituirem uma irmandade; negou-lh'a porem este, auctorisando apenas dois padres para benzerem e lançarem o escapulario e applicarem aos irmãos as indulgencias *in articulo mortis.*

Magoados os devotos com esta recusa, dirigiram-se ao provincial dos carmelitas descalços, Fr. João da Conceição, o qual em janeiro de 1759 auctorisou a fundação da irmandade, sem lhe marcar egreja, e concedeu licença a seis padres para absolverem *in articulo mortis*, por serem já muitos os irmãos admittidos; oppoz-se porem a Misericordia, não consentindo que a irmandade em projecto se apropriasse do altar da Senhora, pelo que a irmandade ainda d'esta vez se não organisou.

Não convinha á Misericordia que o rendimento do altar da Virgem passasse para uma corporação estranha.

—

Tres vezes os confrades tentaram fazer obras no altar da Senhora e n'elle celebrar suas funcções e tres vezes a Misericordia lhes fechou as portas da egreja.

Recorreram ao arcebispo D. José; mas este igualmente lhes negou o que pediam, fundamentado em que as Misericordias tinham o privilegio de não poderem ser constrangidas a receber nos seus templos corporações sujeitas ao ordinario.

Alem de que, os irmãos ainda não tinham licença regia, nem do provedor,—e para desanimo dos irmãos, o provincial dos carmelitas descalços, fundado no breve de Bento XIV,—*Bis a Domino*,—negou-lhes tambem licença para a benção papal e absolvição geral!

Afflictos com tantas contrariedades, recorreram os irmãos ao provincial dos carmelitas calçados, por intervenção do padre mestre Fr. Manuel de S. José, da mesma ordem, o qual lhes concedeu auctorisação para levantarem a irmandade na egreja de S. Pedro, mas não no momento, pelo receio que tinha de incorrer no desagrado do marquez de Pombal, que se empenhava em reduzil-as em numero.

A esta contrariedade accresceu ainda outra:

Fr. Antonio Corrêa do Espirito Santo, alma de toda esta devoção, teve de retirar-se para o Mogadouro, por ser eleito prelado d'aquelle convento, e os confrades e devotos cahiram todos no maior desanimo; passados porem seis annos, volveu a Villa Real Fr. Antonio e obteve do parocho de S. Pedro licença para erigir a irmandade na sua egreja; o mesmo parocho mandou fazer uma lindissima imagem da Senhora, á sua custa,—e os irmãos Amaraes (José e Manuel Corrêa Teixeira) lhe offertaram uma corôa de prata e outros objectos.

Não terminaram porém aqui os dissabores.

—

Os dois irmãos Amaraes, despeitados por nenhum d'elles ser eleito juiz, tractaram de

persuadir os confrades de que só na primitiva séde (a egreja da Misericordia) podiam ganhar as indulgencias; mas nada conseguiram.

A irmandade proseguiu avante e logo no primeiro anno festejou a sua padroeira com grande pompa e tal concorrencia de fieis que o povo não cabia na egreja. Foi preciso cobrir o adro com toldos;—muitos irmãos tiveram de confessar-se ao ar livre—e ao ar livre, junto da porta principal, pregou o orador.

Continuaram as intrigas e os desgostos; mas *post tot tantosque labores*, os irmãos obtiveram do primaz, em 17 d'agosto de 1774, provisão para erigirem definitivamente a irmandade na matriz de S. Pedro;—o geral dos carmelitas descalços lhes deu *carta patente*—e o nuncio a confirmou em outubro do mesmo anno de 1774, sendo os estatutos approvados pelo arcebispo em 11 de janeiro do anno seguinte!

Foi tal o enthusiasmo dos devotos que logo fizeram cantar um *Te-Deum;*—seguiram-se luminarias e festejos publicos e resolveram erigir um templo expressamente consagrado á Virgem do Carmello.

—

Não descançaram, porem, os desordeiros. Referveu a intriga e promoveram a suppressão da irmandade, allegando entre outras coisas—que tinham enganado o provincial, dizendo-lhe que não havia outra na distancia de uma legoa, etc.

Informado devidamente o provincial, indeferiu e a irmandade não foi supprimida; mas os heterodoxos lançaram ainda mão de outro recurso: Dirigiram um requerimento muito circumstanciado ao arcebispo, pedindo-lhe que supprimisse a irmandade, comminando aos irmãos rebeldes a pena de excommunhão, mas o arcebispo não os attendeu.

Não desistindo os heterodoxos dos seus malevolos intentos, dirigiram-se os irmãos á piedosa rainha D. Maria I, por intermedio do seu confessor, implorando remedio para tantos males, e foram attendidos, pois por aviso regio de 29 de fevereiro de 1779 foi a Villa Real expressamente o corregedor de Guimarães;—intimou a confraria heterodoxa estabelecida no altar da Misericordia para que se desse por dissolvida,—fez eleger nova mesa em S. Pedro, e annullou de um só golpe para sempre os mal intencionados.

—

Vendo-se livres de tantas vexações, exultaram de contentamento os confrades.

Houve *Te-Deum*, repiques, foguetes, vivas e festas apparatosas.

Chamaram de Guimarães os armadores,—de Braga a musica e vozes da capella do arcebispo—e de Chaves a charanga dos Dragões;—houve fogo preso e solto, esplendido e novo,—procissão com innumeraveis padres de roquete,—80 parochos do termo com suas capas *d'asperge*,—toda a tropa de linha e auxiliares de Villa Real e seu termo,—tres noutes de luminarias a *giorno*,—philarmonicas, serenatas, canções, danças, etc.

No dia 15 de julho novamente fogo solto, que enchia o ar de lagrimas, raios e estrellas.

No dia 16 bailes de mascaras pelas ruas, toques, serenatas e descantes.

No dia 17 tourada que surprehendeu e maravilhou a todos, por ser coisa nunca vista em Villa Real.

Seguiram-se nos dias 18, 19 e 20 cavalhadas e torneios, escaramuças e combates simulados, trajando os nobres da villa e seu termo galas riquissimas apropriadas e manobrando com tal destresa que o povo enthusiasmado os cobriu d'applausos e ovações, terminando as grandes festas com uma nova tourada, na qual foi morto um touro.

Parece incrivel que por um motivo apparentemente tão simples se fizessem tão pomposas e custosas festas *de improviso* e em uma terra tão pequena como era então Villa Real; mas note-se que os villarealenses foram sempre inclinados ás grandes festas, como adiante mostraremos, quando fallarmos da de *Corpus Christi* e d'outras.

—

O infante D. Pedro, por provisão de 21 de julho de 1784, concedeu licença a esta ordem 3.ª para levantar um templo proprio no campo do Pioledo e por provisão de 16 de fevereiro de 1785 lhe cedeu o terreno preciso

para o dicto templo,—o que foi confirmado pela rainha D. Maria I em 20 de março de 1789. No mesmo anno lhe deram principio, mas só em 1820 cobriram a nova egreja e para ella mais tarde (não sabemos quando) trasladaram a imagem da Virgem.

Em 1846 fizeram no seu adro o cemiterio dos irmãos.

Tem esta ordem estatutos confirmados pelo geral dos carmelitas descalços, approvados por provisão de 21 de março de 1792.

Paços do concelho

A primeira casa da camara ou do senado esteve na *villa velha* e desappareceu ha muito.

A segunda foi um edificio acastellado e ameiado que se erguia junto do chão onde hoje se vê o novo hospital da Misericordia, contiguo ao angulo S.O. da frontaria d'elle.

Foi principiado em 1535, pois, segundo consta do archivo d'esta camara, n'aquelle anno, em virtude de uma provisão regia, se lançou uma derrama sobre esta villa e seu termo para as dictas obras e para a ponte do Sabor, no caminho de Moncorvo. E do mesmo archivo consta que por carta do marquez, ao tempo senhor d'esta villa, se mandou em 1537 lançar nova finta ou derrama para conclusão dos mesmos paços do concelho.

O edificio era quadrado, muito solido, assente sobre seis arcos de pedra, 2 em cada face, e tinha dois andares, no primeiro dos quaes se faziam as audiencias do geral, correição, almotaceria e orphãos, e no 2.° as sessões da camara.

A entrada era por um grande patim exterior, e na frente que dava para a *villa velha* tinha um grande escudo em relevo com as armas reaes pintadas e douradas.

Ardeu este edificio em 1827 e consta que foi incendiado de proposito para desafogarem as vistas do novo hospital. É certo que em seguida ao incendio a Misericordia se apropriou das ruinas, demoliu as paredes e uniu o chão ao seu hospital.

A camara em 1849 comprou por 700$000 réis aos herdeiros de José Corrêa Teixeira do Amaral a casa em que este senhor viveu na rua da Amargura, e ali se estabeleceu, constando que tenciona adquirir e demolir as casas contiguas da banda do Tabolado, para que os novos paços do concelho defrontem com aquelle grande campo.

Senado, panellas e festas officiaes

Em 1720, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, a camara ou o senado d'esta villa constava de tres vereadores, pessoas nobres, um procurador do concelho, um escrivão e um porteiro, sendo presidente nato o juiz de fóra.

Os vereadores e o procurador eram eleitos pelo povo de tres em tres annos e, como serviam apenas um anno, tinham de ser eleitos 9 vereadores e 3 procuradores em uma especie de lista triplice, depois enviada á serenissima casa de Bragança, para ella escolher, pelo que eram votadas a um tempo 27 pessoas para vereadores e 9 para procuradores, com as formalidades seguintes:

Sobre uma mesa collocavam 36 panellas tapadas, cada uma com seu papel, indicando as pessoas destinadas para vereadores e procuradores, e junto do dicto papel em que estava escripto o nome do proposto, havia um buraco para receber os votos, que eram representados por feijões brancos e pretos. Os brancos approvavam e os pretos reprovavam.

Preparadas assim as 36 panellas, subia o povo e votava. Em seguida ia o ouvidor fazer o apuramento, ou *limpar a eleição.*

Chamava duas pessoas de sã consciencia;—extrahia os feijões;—fazia uma acta de tudo e a remettia á serenissima casa do infantado, donataria d'esta villa, desde 1641, data em que foram justiçados e extinctos os seus marquezes, como já dissemos; — depois o infante por carta sua indicava os vereadores e curadores que haviam de servir no triennio.

Julgamos ser isto o que se deprehende das *Antiguidades de Villa Real*, muito ambiguas n'este topico.

—

A camara fazia á sua custa a festa e a

procissão de S. Sebastião, á qual assistia, bem como ás festas e procissões da bulla e dos Santos Oleos.

Tambem fazia e acompanhava a procissão de S. Marcos.

Sahia esta da egreja parochial de S. Diniz;—acompanhavam-n'a os 2 parochos da villa com as 2 cruzes—e os vereadores com as suas varas, bandeira e musica até á capella de Santo Antonio, no Calvario;—ali montavam todos a cavallo e seguiam até á capella de Nossa Senhora de Guadalupe, distante cerca de 3 kilometros, na freguezia de Mouçós, onde estava a imagem de S. Marcos; formavam a procissão antes de chegarem á dicta capella, na qual entravam cantando a ladainha dos santos, alternada com a musica;—d'ali seguiam em procissão até á capellinha de Nossa Senhora do Cabeço, que está pouco distante, para o lado norte, e se suppõe ter sido convento de freiras; [1]—voltavam depois á capella de Nossa Senhora de Guadalupe, onde terminava o romagem com uma missa cantada.

Tinha a camara 4$800 réis de propina para um jantar que ali todos comiam.

—

Tambem a camara com a sua vara e bandeira acompanhava as 3 procissões das ladainhas de maio, que saiam todas da egreja de S. Diniz, com musica, povo, cruzes e clerigos da villa, indo a 1.ª ao convento de S. Francisco,—a 2.ª ao de S. Domingos—e a 3.ª ao de Santa Clara, celebrando-se em cada um d'elles missa cantada com musica por conta da camara.

Dia da visitação de Santa Isabel a camara acompanhava tambem outra procissão, em que tomavam parte todas as bandeiras e corporações dos artistas, todo o clero da villa e todas as cruzes parochiaes de uma legoa em redor. Sahia da egreja de S. Diniz para a dos frades de S. Domingos, onde se celebrava missa cantada com sermão e musica, regressando na mesma fórma á egreja de S. Diniz.

No dia 1 de dezembro a camara, com os misteres, almotaceis, nobresa e clero da villa, acompanhava outra procissão, em tudo semelhante, para commemorar a feliz acclamação d'el-rei D. João IV.

Acompanhava tambem a procissão do Corpo de Deus, que era a mais apparatosa de todas (logo a descreveremos)—e a do Anjo Custodio, tão apparatosa como a do Corpo de Deus.

Convento de S. Francisco

Sendo papa Gregorio XIII e arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, governando a ordem serafica Fr. Christovam *de Capite Fontium*, e a provincia de Santo Antonio dos padres capuchos de Portugal Fr. Marcos de Lisboa, chronista geral da ordem, vivia em Villa Real um piedoso, rico e nobre cavalleiro, Diogo Dias Ferreira, que se propoz fundar n'esta villa um convento. Com esse intuito foi a Lamego, expoz a sua rosolução aos frades franciscanos d'aquella cidade e convidou-os para disporem a fundação, offerecendo-lhes parte dos seus muito bens.

Annuiram de bom grado os religiosos lamecenses e obtiveram provisão de 22 de janeiro de 1572 para poderem dar principio á obra.

Foi o provincial Fr. Marcos de Lisboa, em 21 de janeiro de 1573, demarcar e tomar

---

[1] V. *Mouçós* e *Borbella*.

O Jeronymo *Latagão*, procurador de causas, homem sem lettras, mas curioso investigador das antigalhas d'esta villa, fallecido ha poucos annos, copiou as *Antiguidades de Villa Real* e alterou-as sensivelmente, augmentando-as em alguns pontos e cerceando-as em outros. N'este topico relativo ao mosteiro do *Cabeço* disse que o arcebispo D. Estevam Soares, na sua visita á diocese em 1250, transferiu para o mosteiro de S. Salvador de Braga as freiras que do convento de *Caravellas*, aldeia frigidissima, situada em um dos pontos mais altos do Marão, tinham passado para o mosteiro do Cabeço.

Isto mal pode acceitar-se, porque o *actual* mosteiro de S. Salvador de Braga foi fundado em 1602 pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, 32.º arcebispo depois de D. Estevam Soares!...

Tambem diz a tradição que no locál onde esteve o mosteiro do *Cabeço* houve no tempo dos romanos um collegio de *Vestaes*, o que tambem nos custa a crer, porque o sitio é muito frio e alpestre.

posse do terreno, levando comsigo Fr. Sebastião de S. João para prelado, Fr. Henrique, Fr. Antonio de S. João, Fr. Antonio de Beja e o leigo Fr. Alvaro, os quaes, durante as obras, residiram algum tempo em uma casa da rua do Carvalho e d'ahi passaram para outra da rua das Flores. D'aqui proveiu dizer nos seus apontamentos o Jeronymo *Latagão*, já mencionado supra,—que este convento teve principio em uma albergaria da rua do Carvalho, d'onde passou para outra da rua das Flores.

—

Além das terras que deu a estes frades capuchos para a fundação do convento, Diogo Dias fez a capella-mór á sua custa, cujo padroado depois cedeu ao marquez de Villa Real para n'ella enterrar um seu filho segundo; e, para jazigo seu e dos seus descendentes, edificou uma capella privativa mais pequena, mas primorosa, junto do arco cruzeiro, do lado do evangelho, na qual poz as suas armas dos appellidos Athaides, Teixeiras, Moreiras e Pimenteis. Alem d'isso deu aos frades a quinta a jusante do convento para patrimonio da dicta capella, com a obrigação de uma missa semanal;—e ainda depois os beneficiou com 16 arrateis de carne, 800 rèis para peixe e um almude de azeite para a lampada, mensalmente.

No dia 4 de fevereiro de 1573 se lançou a pedra fundamental da capella-mór, precedendo missa cantada na egreja matriz de S. Pedro, e pregando o mesmo provincial, que depois foi bispo do Porto.

El-rei D. Sebastião, por tres alvarás de 1572, mandou expropriar pelo provedor de Moncorvo certos terrenos para as obras,—ordenou que os officiaes trabalhassem pelos preços do costume e que as madeiras precisas para o convento fossem vendidas aos frades pelo seu justo valor.

Por carta escripta de Ceuta em 16 d'agosto de 1572, o marquez D. Manuel perdoou aos frades os foros que tinha nas terras que elles adquiriram.

Outro marquez, estando em Leiria, onde era alcaide-mór, lhes deu, por carta de 25 de setembro de 1624, uma arroba de carne por semana e na quaresma o seu valor para comprarem peixe,—acceitando ao mesmo tempo o padroado da capella-mór, cedido por Diogo Dias Ferreira.

—

Em 1627 fez-se o chafariz na cerca, onde estava tambem uma capella dos herdeiros de Jeronymo Rodrigues, conego de Guimarães, fundador do mosteiro das Claras d'esta mesma villa.

Em 1640 D. João IV mandou continuar as obras com o dinheiro que para ellas tinham dado os marquezes, accrescentando do seu bolso 20 crusados por anno, com a obrigação de serem os sermões do advento pregados pelos franciscanos em S. Diniz e S. Francisco;—e a camara, por este mesmo motivo, lhes deu 4$000 réis annuaes para *vestiaria*.

Em 14 de setembro de 1679 D. Pedro II concedeu a Antonio Teixeira de Magalhães, F. C. R., governador politico d'esta villa e sargento-mór, licença para fazer sepultura para si debaixo do arco cruzeiro d'esta egreja, mas sem brasão d'armas, por ser a capella-mór do padroado real, podendo gravar n'ella apenas uma inscripção com o seu nome.

No corpo da egreja d'este convento, para a parte do norte e do lado do evangelho, está a capella de Nossa Senhora da Conceição, pertencente á ordem 3.ª de S. Francisco e ligada á egreja por um grande arco de pedra com suas grades.

É toda azulejada e primorosa, forrada de paineis; tem sacristia propria, casa de despacho, etc.

N'esta capella, da qual já fizemos menção, se installou a ordem 3.ª e chegou a obter grande importancia. Em 1721 contava *mil quinhentos e nove* irmãos d'ambos os sexos e fazia com grande pompa a procissão de Cinza.

Sendo extinctos os frades em todo o nosso paiz, por decreto de 24 d'abril de 1834, o governo, por duas portarias de 6 e 23 de outubro de 1835, mandou entregar esta egreja com as suas alfaias á ordem 3.ª

A mesma ordem ainda hoje (1885) a possue, mas o convento, em seguida á extincção das ordens religiosas, passou com a

bella cerca e mais dependencias para os proprios nacionaes,—depois n'elle se aquartelaram os destacamentos de tropa estacionados n'esta villa—e, desde 1883, está servindo de quartel ao regimento de infanteria n.º 13, que n'aquella data foi transferido de Chaves para aqui;—não tendo porém a capacidade precisa para receber um regimento inteiro, a camara o mandou restaurar e ampliar e n'elle tem feito e está fazendo obras importantes.

—

Este convento ardeu em 9 de janeiro de 1850. A custo pôde salvar-se a egreja; mas foi concertado com donativos dos habitantes da villa;—depois, em uma parte d'elle, se estabeleceu a bibliotheca publica e uma eschola normal—e na outra se aquartelavam os destacamentos.

A cerca andou arrendada por conta do governo até 1843, data em que foi posta em hasta publica e arrematada por Antonio de Carvalho, de Escariz, residente em Lisboa.

No anno de 18.. o bispo de Leão deu ordens menores n'esta egreja, estando emigrado n'esta villa D. Carlos de Hespanha, com seus filhos e muitos fidalgos hespanhoes, entre elles o dicto prelado.

Em 1820 José Teixeira de Mello, morgado de S. Paio, deixou a sua grande livraria aos frades d'este convento, com a condição de a franquearem ao publico um dia por semana —e de que passaria para a camara municipal, se o convento fosse extincto.

É pois a dicta bibliotheca propriedade do municipio desde 1834.

—

Este convento, hoje quartel militar de infanteria n.º 13, estava e está em alegre e vantajosa situação, na extremidade N. E. da villa, ao nascente da *Carreira*, passeio agradavel e muito concorrido, ao longo da estrada real que, um pouco mais adiante, se ramifica para Chaves, Bragança e Sabrosa.

A *Carreira* está no sopé do monte do Calvario e do *Jardim Publico*, que lhe ficam á esquerda, saindo da villa,—e á direita a cerca, hoje quinta, dos frades, e o convento, em plano um pouco inferior, para o qual se descia e desce por uma larga escadaria d'alguns degraus,—seguindo-se um amplo terreiro—e depois o convento, hoje quartel, afastado da Carreira cerca de 100 metros.

Ao longo da *Carreira*, lado E., corria o muro da cerca e n'elle foram abertos em 1788, no alto da escadaria mencionada, 2 grandes arcos de granito, formando um bello portico duplo, que dava entrada para o convento e para a cerca.

Suppomos que os dictos arcos foram demolidos este anno de 1885, porque difficultavam a entrada e saida do regimento em formatura.

—

Na egreja d'este convento fundou o padre Francisco Mattoso Mourão, de Lordello, vigario de Folhadela, por seu testamento de 23 de novembro de 1684, uma capella da invocação de S. Francisco, para jazigo seu, á qual vinculou certos bens com a obrigação de 4 missas semanaes.

Tambem havia 5 capellas em varios pontos da cerca, que era espaçosa e tinha uma boa matta, jardins, passeios, carreiras, hortas, vinhas e muita agua propria, além das vertentes do grande chafariz publico, de que logo fallaremos, e que estava e está na *Carreira*, em plano superior ao convento e á cerca.

Recebiam os frades aquellas vertentes em uma linda casa d'agua, d'onde cahia em um tanque—e d'este passava para as hortas.

Convento de S. Domingos

Tentando os frades dominicos de Guimarães fundar um convento da sua ordem n'esta villa, obtiveram auctorisação apostolica por bulla do papa Martinho V, e licença do arcebispo de Braga D. Fernando.

Escreveu tambem el-rei D. João I a Martim Affonso, seu contador na provincia de Traz-os-Montes, dizendo-lhe que, tendo resolvido fundar n'esta villa um convento em honra de S. Domingos, fosse elle com o padre mestre Fr. Francisco, da dicta ordem, escolher n'esta villa ou no seu arrabalde o sitio mais apropriado para a fundação, o qual assim o fez, com previo accordo e consentimento dos juizes, vereadores, procuradores

e homens bons de Villa Real e do dr. Fr. Vasco de Guimarães, prior do convento da mesma ordem n'aquella villa, hoje cidade.

Escolheram elles o terreno ao poente do Campo do Tabolado, entre este e a rua da Fonte do Chão,—terreno que media 59 braças de 10 palmos craveiros, em comprimento, e 29 de largura, comprehendendo differentes casas e chãos que os seus donos cederam, com a condição de reverterem para elles doadores ou para os seus herdeiros, quando se não fizesse o convento.

Cedeu tambem a camara para alinhamento do edificio certo espaço do dicto campo,—e D. João I, por provisão de 2 de novembro de 1421, datada d'Almeirim, não só approvou e confirmou isto tudo, mas perdoou os foros reaes que, em virtude da doação de D. Diniz, aquelles chãos, como todos os da *Redonda*, pagavam á corôa,—declarando porem que, se o convento se não fizesse, ou depois de feito n'elle cessassem os officios divinos, reverteria aquelle terreno para os doadores e continuaria a pagar fôro á corôa, como anteriormente pagava.

Tambem a camara, em 9 de dezembro de 1422, cedeu aos dominicos um anel da agua, que vinha encanada do Seixo para o chafariz do dicto campo—e lhes deu licença para taparem o caminho da *Barroca*, que ligava o rocio, depois *Campo do Tabolado*, com a rua da *Fonte do Chão.*

—

Principiaram as obras no dia 7 de maio de 1422, precedendo missa, que foi celebrada por Fr. Vasco de Guimarães na velha capellinha de S. Sebastião, da qual já se fallou e que existia junto do chão onde se fez o convento. Era da camara que a cedeu tambem aos frades,—e estes, feita a egreja do seu convento, a demoliram.

El-rei D. Affonso V deu para estas obras 286 reaes brancos annualmente—e D. João III cedeu a estes religiosos metade das rendas de Moussellos, que foram dos conegos regrantes,—mercê que el-rei D. Sebastião tornou effectiva.

Entre os grandes bemfeitores d'este convento avultam os marquezes de Villa Real, seus padroeiros.

O marquez D. Fernando lhe estipulou annualmente 300 medidas de pão e vinho, 10 almudes d'azeite e 4$400 réis em dinheiro;—depois lhe deu mais 80 medidas de pão, 4 almudes d'azeite e 3$000 réis para peixe,—e em 1521 elevou as medidas de pão e vinho a 600 e o dinheiro a 10$000 réis annuaes.

O marquez D. Miguel, filho do antecedente, elevou as medidas a 612 e o dinheiro a 12$000 réis, com a obrigação de certas missas e suffragios pela alma d'elle marquez e de seus ascendentes e descendentes — e n'essa occasião mandou cortar algumas oliveiras das que povoavam o campo e se erguiam na frente do convento.

—

Em 1728 foi reformado o dormitorio que dá para leste [1], ou para o *Campo do Tabolado*, e fez-se tambem a torre, a tribuna e o retabulo do altar-mór, tudo á custa do religioso d'esta mesma casa, Fr. Manuel Leite.

Em 1755 foi reformada a capella-mór pelo prior d'este convento, Fr. Domingos de Castro.

Em 1765 foi restaurado o côro e guarnecido com cadeiras de pau preto, bellas pinturas e ricas decorações de talha dourada.

Extinctas as ordens religiosas em 1834, foi esta egreja cedida ao parocho de S. Pedro, mas em 11 de junho de 1835 o prefeito a entregou ao reitor de S. Diniz para séde da sua parochia, e no dia 19 do dito mez para ella se fez a trasladação do Santissimo Sacramento com grande pompa.

Passados dois annos, a 21 de novembro de 1837, ardeu este convento, achando-se n'elle aquartelado o batalhão de caçadores n.º 3. Acudiu logo o povo, mas os soldados o receberam a tiros, pelo que, e por outras precedencias, todos se convenceram de que o convento foi incendiado de proposito pelo commandante d'aquelle batalhão, o tristemente

---

[1] Os religiosos, com prévia auctorisação da *casa do infantado*, demoliram parte dos muros da *villa velha* para fazerem o seu dormitorio—vandalismo que posteriormente foi continuado pelo general Silveira, pela camara e por differentes proprietarios d'esta villa.

celebre major *Painço*, para *saldar as contas* com a caixa do mesmo batalhão!...

—

O incendio devorou todo o edificio do convento e a propria egreja, que era sumptuosa e riquissima, poupando apenas a capella-mór, por ser d'abobada.

Ficaram os villarealenses consternados e, desejando restaurar a egreja, nomearam uma commissão de cinco membros para esse fim. Com alguns donativos que obteve, restaurou a dicta commissão o arco da capella-mór e o da nave do lado do evangelho; —collocou na capella-mór algumas imagens e de novo a abriu ao culto; mas demittiu-se, por falta de recursos para proseguir com as obras, pois da parte restante da egreja apenas ficaram de pé as paredes denegridas.

Foi nomeada outra commissão, que promoveu representações dramaticas e touradas e abriu uma subscripção publica, acceitando quaesquer esmolas, mesmo em generos. Algum dinheiro apurou, e uma piedosa senhora, D. Sebastiana Emilia Candida Ramos, deu 350$000 réis, mas eram de tal magnitude as obras, que pouco adiantaram, Deu-lhes grande impulso o governador civil José Cabral, porque, por alvará de 3 de agosto de 1844, depois de prévia auctorisação da junta geral do districto, mandou que se empregasse na reconstrucção d'esta egreja as rendas da capella de Nossa Senhora do Viso, da freguezia de Fontes, concelho de Penaguião, bem como as da capella de Nossa Senhora da Guia, de Jorjais de Vegielos, as das confrarias de Nossa Senhora do Rosario, de Torgueda e d'Abbaças, e as da irmandade de Nossa Senhora do Rosario d'esta mesma egreja de S. Domingos, seus fôros e dividas activas, etc., com o que se arranjaram mais de tres contos de réis e se fez a armação e o telhado do templo.

Em 1850 se collocou na torre o 2.° sino, de 23 arrobas de peso—e n'este mesmo anno as irmandades do Santissimo Sacramento e da Senhora do Rosario fizeram as suas casas para sessões e arrecadações.

Proseguiram paulatinamente as obras e hoje a egreja está limpa e muito decente. Tem 3 naves sobre 6 columnas de pedra, formando arcos em ogiva,—tecto liso e branco—e na capella mór um bom retabulo de talha dourada, do ultimo seculo.

No corpo da egreja tem 4 altares lateraes, feitos de novo, sendo dois muito elegantes, muito apparatosos e bem dourados:—um de Nossa Senhora do Rosario (o 1.° á direita, descendo da capella-mór)—outro do Coração de Maria, em frente d'aquelle, ou do lado da epistola. Seguem-se—d'este lado o do Senhor Jesus e do lado opposto o de Nossa Senhora da Soledade.

—

Ha n'este templo 4 irmandades importantes:

1.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no seu lindissimo altar.

Foi erecta em 1434 e confirmada por bulla do papa Martinho V. Em tempos remotos contou milhares de irmãos e ainda em 1721 contava 1408.

Em seguida ao grande incendio, com a perda do seu altar e com a applicação das suas rendas para a restauração da egreja, suspendeu as suas funcções, mas depois se reorganisou,—fez novos estatutos, que foram approvados por carta de lei de 27 d'agosto de 1855,—tem grande numero de irmãos e rendas sufficientes,—construiu á sua custa um primoroso altar—e celebra pomposas funcções.

2.ª—*Coração de Maria*.

Em 20 de dezembro de 1852 fez-se n'este templo uma grande festividade ao *Coração de Maria*, prégando os missionarios D. Joaquim José Alvares de Moura [1] e padre Antonio Correia dos Reis. Exaltaram elles a devoção com o immaculado Coração de Maria e pediram aos fieis que se constituissem em irmandade propria.

Acudiram elles ao chamamento; — de prompto se alistaram muitos,—formou-se a

---

[1] Este benemerito missionario D. Joaquim Josè, ou D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura, tinha sido conego regrante de Santa Cruz de Coimbra.

Veja-se a sua interessante biographia n'este 10.° vol. pag. 531, col. 1.ª n.° 6.

irmandade—e em poucos annos se elevou a mais de 12:000 o numero dos irmãos.

Mandaram fazer uma imagem de Nossa Senhora,—primorosa esculptura, que lhes custou cerca de *dois contos de réis* com o vestuario e adornos proprios,—despenderam mais de dois contos de réis no seu lindissimo altar, que foi dourado em 1872,—e desde 1855 teem festejado com grande pompa a Virgem, sua padroeira, todos os annos.

3.ª—*Santissimo Nome de Jesus.*

É muito antiga esta irmandade.

Foi erecta pouco depois da fundação d'este convento e confirmada por bullas apostolicas. Em 1718 foram reformados os seus estatutos e o prior d'este convento os confirmou.

Ha n'esta villa, como já dissemos, mais duas irmandades com o mesmo titulo, tambem muito antigas,—uma na egreja parochial de S. Pedro, outra na de S. Diniz.

4.ª—*S. Gonçalo.*

Tem muitos irmãos e estatutos approvados em 11 d'agosto de 1703 pelo arcebispo D. João de Sousa.

Capellas

Houve, e não sabemos se ha, n'este convento as duas capellas seguintes:

1.ª—*Nossa Senhora da Conceição.*

Esteve na sala do capitulo, junto da sacristia da egreja e foi comprada por Affonso Annes e sua mulher Maria Affonso, pessoas da primeira nobreza d'esta villa, para sepultura d'elles compradores e dos seus descendentes, obrigando-se a tel-a sempre bem reparada.

Abriram nas paredes 4 arcos, ficando a meio o altar da Senhora, e n'elles fizeram 4 mausoleus, reservando o pavimento para sepultura dos parentes,—e deixaram de fôro annual ao convento 60 almudes de vinho, 35 medidas de pão e 400 réis em dinheiro, com a obrigação de uma missa cantada todos os sabbados pela alma dos instituidores e dos seus ascendentes e descendentes. De tudo se lavrou escriptura em 10 de maio de 1455.

Vincularam tambem certas propriedades a esta capella, em morgado.

No fecho do arco da dicta capella se lia a inscripção seguinte:

ESTA OBRA MANDOU FAZER
JOÃO ANNES CARNEIRO, NA
ERA DE 1492, E POR JÁ ES-
TAR DAMNIFICADA GASPAR CAR-
NEIRO, SEU FILHO, A MANDOU
RENOVAR NA ERA DE 1536.
DOMINGOS DE MAGALHÃES CAR-
NEIRO, ADMINISTRADOR D'ESTA
CAPELLA A MANDOU REFOR-
MAR EM 1634.

Dentro do arco, em plano superior ao retabulo do altar, se via um escudo com o brasão d'armas do instituidor.

Na frente de um dos 4 mauzoleus se lia o seguinte:

AQUI JAS JORGE DOMINGOS,
BACHAREL QUE DEUS TEM, E
MANDOU FAZER ESTA SEPUL-
TURA.

E em plano um pouco inferior:

DOMINGOS DE MAGALHÃES CAR-
NEIRO, SARGENTO MÓR QUE
FOI NA ILHA DE S. THOMÉ,
HE ADMINISTRADOR DESTA
CAPELLA.
ERA DE 1634 ANNOS.

Terminava este mauzoleu em cavalete com uma argola de ferro e ornamentação com folhagem, tudo dourado,—e 3 escudos com differentes brasões.

—

Occorrem-nos os seguintes administradores d'esta capella:

1.º—Affonso Annes, o instituidor,—desde 1455 até ....

2.º—......

3.º—João Annes Carneiro, neto do instituidor,—desde 1492 até 1538.

4.º—Francisco Carneiro, escudeiro fidalgo,—desde 1538 até 1580.

5.º—Domingos Carneiro, casado com D. Filippa do Carvalhal,—desde 1580 até ....

6.º—D. Isabel do Carvalhal, filha dos an-

tecedentes, casada com o dr. Balthasar de Magalhães, 3.º neto de Paio Rodrigues de Magalhães e de D. Maria de Sequeira, senhora da *Terra da Nobrega.*

7.º—Domingos de Magalhães Carneiro, cavalleiro da ordem d'Aviz e procurador ás côrtes de 1642 por Villa Real.

8.º—D. Francisca de Magalhães de Mesquita, filha do antecedente, casada com Santos Mendes de Vasconcellos, de Braga.

9.º—Manuel da Costa Vasconcellos, filho dos antecedentes;—1685 até 1711.

10.º—Duarte Mendes de Vasconcellos, filho do antecedente;--desde 1711 até 1749.

11.º—Manuel da Costa Vasconcellos, filho do antecedente;—desde 1749 até ....

12.º—.....

13.º—.....

14.º—D. Angelica Augusta da Costa Vasconcellos de Brito Roby Pimentel, senhora do palacio das Carvalheiras, em Braga, bisneta de Manuel da Costa Vasconcellos e esposa do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, da nobre casa da *Calçada,* em Provezende, [1] que já foi deputado ás côrtes e governador civil de Braga, cavalheiro de muito merecimento, hoje director da Penitenciaria em Lisboa, e irmão do sr. dr. Adolpho da Cunha Pimentel, deputado ás côrtes, etc.

2.ª—*S. João Baptista,* no claustro.

Foi fundada por Fr. Manuel de Jesus, prior d'este convento, em frente á mencionada capella do capitulo;—era forrada de azulejo, —tinha um bom retabulo de talha dourada —e tecto dourado e pintado.

Em escriptura de 18 de outubro de 1644, o fundador a dotou com 10 pipas de vinho de fôro annual, impondo aos religiosos a obrigação de 100 missas por anno e de terem n'ella accesa uma lampada todas as noites.

Suppomos que estas duas tão interessantes capellas foram destruidas com o incendio do convento.

Sepulturas nobres, privativas

1.ª—Na capella-mór da egreja d'este convento, do lado da epistola, tiveram sepultura privativa, os *Lobos Barbosas,* morgados de Penellas.

Foi comprada aos religiosos em 1590 por Jeronymo Lobo de Barbosa, F. C. R., pertencente á primeira nobresa d'esta villa.

Era brasonada.

2.ª—Na mesma capella-mór, do lado do evangelho, tinham sepultura privativa, tambem brasonada, os *Pintos Mesquitas,* morgados de Abbaças, por transacção que fez com os frades, em 10 d'abril de 1617, Gonçalo de Mesquita Pinto, F. C. R.

Pela união da casa d'Abbaças á dos morgados de S. Braz, Sant'Anna e Bomjardim, como já dissemos supra, é hoje representante d'estas nobres familias e d'esta sepultura privativa o sr. José Xavier Teixeira de Barros, pelo seu casamento com a ex.ma sr. D. Maria da Graça Teixeira Coelho, bisneta de Gonçalo Chrystovam, o martyr das prisões da Junqueira, ou antes do marquez de Pombal.

3.ª—No corpo da mesma egreja, em um arco aberto na parede, do lado do evangelho, está sobre 4 leões um mauzuleu da nobre familia *Taveira de Magalhães.* Termina em cavalete com folhagem e tem a seguinte inscripção em caracteres gothicos:

ESTA OBRA MANDOU FAZER DIOGO
AFFONSO E SUA MULHER BRANCA DIZ,
E JAS SEO FILHO PEDRO DIZ, QUE
DEUS HAJA.

Na frente da mesma caixa se lê est'outra inscripção mais moderna :

JOÃO TAVEIRA DE MAGALHÃES
E HERDEIROS.

4.ª—Em outro arco, na parede do lado da epistola, se vê outro mausoleu, pertencente á nobre familia dos *morgados de Lordello* [1]. É bastante ornamentado,—termina em cavalete—e tem a inscripção seguinte :

SEPULTURA DE ISABEL DE MESQUITA
M.er DE RUY DE NIZA, DE LORDELLO.

---

[1] V. *Provezende,* vol. 7.º pag. 698, col. 1.ª

[1] V. *Lordello,* freguezia de Traz-os-Montes, vol. 4.º pag. 438, col. 2.ª

Este Ruy de Niza era natural de Lisboa e casou com a dicta senhora, Isabel (Corrêa) de Mesquita, morgada de Lordello,—5.ª avó paterna do nosso primeiro escriptor contemporaneo e o mais distincto e fecundo romancista que tem tido Portugal,—o sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho [1].

O honrosissimo decreto, pelo qual s. ex.ª foi agraciado com o titulo de visconde, é o seguinte :

«D. Luiz, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha *Carta* virem que, attendendo ás qualidades que concorrem na pessoa de *Camillo Castello Branco,* e querendo dar-lhe um publico testemunho da minha real consideração e do apreço em que tenho o *seu distincto merecimento litterario*: Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de *Visconde de Correia Botelho,* em sua vida. Pelo que, mandando eu passar ao agraciado a presente *Carta*,... ordeno ás auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta mesma *Carta* pertencer, que... a cumpram e guardem como n'ella se contem... Não pagou direitos de mercê, imposto de viação, nem emolumentos, por ser d'elles dispensado pela lei [2] de vinte de julho de 1885. Dada no Paço da Ajuda em 20 d'agosto de 1885. El-Rei D. Luiz. A. C. Barjona de Freitas.»

Nasceu s. ex.ª na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, em Lisboa, no largo do Carmo, em uma casa fronteira ao convento, no dia 10 de março de 1826, e, tendo vivido alternadamente em Lisboa, Villa Real e no Porto, em 1866 fixou a sua residencia em S. Miguel de Seide, junto de Villa Nova de Famalicão, onde vive ainda.

Está infelizmente muito alquebrado de forças, mas conserva o espirito lucido e ainda não interrompeu a sua faina de escriptor.

—

Para a biographia de s. ex.ª veja-se a mimosa publicação—*Camillo Castello Branco* (noticia da sua vida e obras) por J. C. Vieira de Castro, Porto, 1861;—na *Revista Contemporanea* (tomo 1.º pag. 485 a 488) o bello artigo publicado por L. A. Rebello da Silva, acompanhando o retrato do insigne escriptor,—n'este diccionario o artigo *Seide,* vol. 9.º pag. 74, col. 2.ª e no *Commercio Portuguez* de 5 de julho de 1884 a interessantissima carta do meu bom amigo A. Lopes Mendes, na local *O solitario de S. Miguel de Seide.* Veja-se tambem a *Maria da Fonte,* uma das mais recentes e mais interessantes publicações de s. ex.ª

Aqui daremos apenas uma breve noticia genealogica do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, a partir da sua 5.ª avó paterna, sepultada no indicado mauzoleu da egreja de S. Domingos.

Vae longo, *muito longo*, este artigo, mas não podemos furtar-nos á tentação de render homenagem ao principe dos nossos escriptores contemporaneos, — resumindo o mais possivel.

—

1.º—D. Isabel Corrêa de Mesquita, morgada de Lordello.

Casou com o mencionado Ruy de Nisa e tiveram :

2.º—Francisco de Mesquita Pimentel.

Casou com D. Catharina Correia de Magalhães, filha de Antonio de Magalhães Barbosa, morgado de Saboroso, e tiveram:

3.º—Francisca de Magalhães Correia.

Casou com Antonio José de Magalhães Correia Pimentel, filho de Thomé de Magalhães Pimentel e neto de Gaspar de Magalhães e Menezes, dos Magalhães, da Barca.

Tiveram:

4.º—D. Maria Luisa de Magalhães Menezes.

Casou com Manuel Correia Botelho, filho de Domingos Correia Botelho e de Archangela Gonçalves;—neto paterno de Jeronymo Correia Botelho e de Francisca Mendes, *ju-*

[1] Em 1869 o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio mencionou 19 publicações de s. ex.ª, mas hoje elevam-se a 155 os volumes que tem publicado (versões e originaes) não podendo calcular-se o que desde a infancia tem escripto em prosa e verso para differentes jornaes politicos e litterarios.

[2] Lei especial, proposta e votada unanimemente pelas camaras, em attenção ao *distincto merecimento* do agraciado.

dia ou christã nova,—sendo o dicto Jeronymo Corrêa filho natural de Martim Machado, cavalleiro professo na ordem de S. Thiago,—e de Rachel Mendes, tambem *judia* ou christã nova, por alcunha a *Barbada*[1].

Tiveram:

5.º—O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes, que em 1805 era desembargador aposentado da relação do Porto.

Casou com D. Rita Theresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, filha de José Pereira da Silva, capitão de infanteria de Cascaes[2], e de D. Theresa Ignacia Castello Branco.

Este José Pereira da Silva era filho de Thomé Pereira da Silva, de Leiria, e de D. Isabel de Faria;—neto paterno de Manuel Pereira da Silva e de D. Anna de Mello, filha de Francisco Dias Pimentel e de D. Maria Mendes de Cem ou *Ocem*; [3]—e Manuel Pereira da Silva era filho de Agostinho Cerveira Botelho, desembargador d'el-rei D. João III, e de D. Helena Pereira da Silva, de Guimarães, filha do desembargador Manuel Affonso de Carvalho.

D. Theresa Ignacia Castello Branco, supra mencionada, era filha bastarda de Francisco de Sousa Castello Branco, cavalleiro da ordem de Malta, e de D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão[4];—neta paterna de Pedro de Sousa Castello Branco, general de batalha e escriptor publico[5], e de D. Helena Mafalda Castello Branco;—e este Pedro de Sousa era filho de José de Sousa Castello Branco, senhor do Guardão[1], e de Isabel de Sousa Albergaria;—e D. Helena Mafalda era filha de Antonio Vaz de Castello Branco e de D. Maria de Sousa Castello Branco.

D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão, supra mencionada, era filha de Francisco Caldeirão da Veiga Cabral e de D. Marianna Bembo de Sousa; neta paterna de Rodrigo Caldeirão e de D. Joanna da Veiga Cabral, —e materna de Fabricio Bembo, milanez, e de Maria de Sousa.

O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes e D. Rita Theresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco tiveram:

6.º — Manuel Correia Botelho Castello Branco, [2] pae do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, e de D. Carolina Rita Botelho Castello Branco, residente em Villarinho da Samardã, concelho de Villa Real, viuva do medico Francisco José d'Azevedo, da qual teve o bacharel em direito Antonio d'Azevedo Castello Branco, que já foi deputado ás côrtes e é hoje vice-director da Penitenciaria, em Lisboa, —e o bacharel em medecina José d'Azevedo Castello Branco, actualmente deputado ás côrtes, distincto parlamentar e ambos notabilissimos escriptores publicos.

—

O sr. visconde tem 2 filhos perfilhados, —Jorge Camillo Castello Branco, hoje de 22 annos de idade, que indoudeceu em Coimbra, quando ali estudava preparatorios,—e Nuno Placido Castello Branco, hoje de 20 annos de edade, viuvo de D. Maria José da Costa Macedo, do concelho de Villa Nova de

---

[1] Não se assustem os leitores com a rude franqueza do pobre linhagista mencionando *christãos novos* entre os ascendentes do sr. Camillo Castello Branco. *Rien n'est beau que le vrai*, — e s. ex.ª nos deu aso com o bello artigo que muito recentemente publicou, sob o titulo *Jasigo de A. Herculano*, na revista politica e litteraria *Republicas* (1.º anno, n.º 45 da 2.ª série) da qual é director politico o sr. Thomaz Ribeiro e director litterario o proprio sr. visconde de Correia Botelho.

[2] D'estes *Pereiras da Silva* era, ainda ha poucos annos, representante a viscondessa d'Alcobaça.

[3] V. *Ocem* n'este diccionario.

[4] Com relação a estes *Caldeirões*, veja-se *Sentimentalismo e historia* pelo mesmo sr. Camillo Castello Branco (no vol. *Euzebio Macario*) pag. 171 e 172, da 2.ª edição.

[5] V. *Diccionario Bibliographico* de Innocencio F. da Silva.

[1] Os representantes dos *senhores do Guardão* actualmente são José de Sousa Castello Branco e seus netos, filhos de D. Maria da Luz, que foi casada com o dr. Manuel Maria da Silva Bruschy. Enviuvando, casou com o tabellião *Eschola* de Lisboa (?)

[2] Foi cadete da cavallaria de Chaves; frequentou a Universidade, mas não concluiu a formatura; exerceu algum tempo o logar de commissario-mór de Villa Real, onde nasceu em 1798, e falleceu em Lisboa em 1836.

Famalicão, rica herdeira (a *menina dos trezentos contos*) da qual teve uma filha, que falleceu de tenra edade.

O mesmo sr. visconde de Correia Botelho teve tambem de D. Patrocinio de Barros Borges da Costa uma filha natural, D. Bernardina Amelia Castello Branco. Nasceu em Villa Real em 1849;—casou no Porto com o sr. Antonio F. de Carvalho, capitalista, e tem successão.

Desculpe-nos o sr. visconde de Correia Botelho, nosso bom amigo e mestre, a franquesa,—e por certo nos desculpará, tendo s. ex.ª escripto ainda no mez ultimo o bello artigo citado supra e que não podemos deixar de transcrever.

Vem elle muito a proposito para nossa justificação e para fecharmos com chave d'ouro este topico relativo ao convento de S. Domingos.

Eil-o:

O jasigo de A. Herculano

«Á portaria do mosteiro augustiniano, da Piedade, em Santarem, chegou em 1762 um homem na flor dos annos a pedir um habito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser de Villa Real de Traz-os-Montes. Viera de longe, propellido por uma grande catastrophe. A profissão era o acto final de uma tragedia que eu escreveria froixamente n'esta minha idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado *Os Brocas*. Como a historia é enredada e de longas complicações, nem ainda muito em escôrso posso antecipal-a n'este semanario [1]. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a mallograda esperança de escrever esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos organicos de uma historia curiosa e recreativa.

—

«O pae do frade augustiniano era Domingos Correia Botelho, meu terceiro avó paterno. Este homem casára duas vezes. Quando, já velho, contrahiu segundas nupcias, entregou aos filhos da primeira consorte os seus avultados patrimonios. João Correia, ao vestir o habito de agostinho descalço, era rico. O outro filho, Manuel Correia Botelho, meu bisavô, residiu em Villa Real. Havia mais duas filhas, que professaram em um mosteiro d'Abrantes. E, como a segunda esposa lhe morresse, o viuvo, com um filho e duas meninas do segundo matrimonio, foi residir em Santarem, onde o chamavam o amor e a saudade do seu desgraçado João.

Domingos Correia morreu á volta dos oitenta annos, e confiou á protecção do filho frade os seus meio-irmãos José Luiz, Anna Bernardina e Joanna.

Em nome de José Luiz Correia Botelho, comprou frei João a quinta de *Gualdim*, na Azoia de Baixo, onde foi rezidir a familia. Depois, ainda a expensas do frade, uniram-se á quinta algumas propriedades circumvisinhas, esculpiram na casa o seu brasão d'armas e ahi permaneceram até que este ramo da familia Correia Botelho, no lapso de vinte e cinco annos, se extinguiu.

José Luiz, cavalleiro professo na ordem de Christo, dotára sua irmã Anna Bernardina com a quinta de Gualdim e suas pertenças, para casar com um Ferreira Mendes. Por morte d'este sujeito, casou D. Anna, em 1774, com Pedro Vieira Gorjão, da villa de Torres Novas [1] (*sic*).

[1] As *Republicas*, onde o principe dos nossos escriptores contemporaneos publicou este artigo.

[1] Ao meu bom e velho amigo Francisco Palha e ao illustre escriptor o sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, ex-governador civil de Santarem, devo a posse dos documentos que verificam esta succinta noticia. O theor do registo de casamento de D. Anna Botelho é o seguinte:

«*Aos 25 do mez de março de 1794, em a ermida da quinta de Gualdim, freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Azoia de Baixo, se receberam por marido e mulher Pedro Vieira Gorjão, filho legitimo de Manuel Antunes d'Abreu e Maria Vieira dos Santos, moradores nos logares das (...?) freguezia de Santa Maria da Villa de Torres Novas, com D. Anna Bernardina Botelho de Carvalho, viuva que ficou de João Antonio Ferreira Mendes, moradores na sua quinta de Gualdim, filha legitima de Domingos Correia Botelho, já fallecido, e de D. Maria Mon-*

—

«Não teve D. Anna filhos d'algum dos maridos; mas em 1807 chamou para a sua companhia um afilhado e sobrinho do segundo esposo, que tambem se chamou Pedro Vieira Gorjão.

José Luiz Correia Botelho falleceu em 4 de março de 1808, e sua irmã em 1811, legando os seus bens ao afilhado Pedro, sobrinho do seu segundo marido. Este herdeiro universal dos bens comprados pelo frade, veiu a ser o general de brigada Pedro Vieira Gorjão, que nascera em 28 de maio de 1806, e falleceu na quinta de Gualdim em 9 d'agosto de 1870.

Aquelle general foi, como é notorio, particular amigo de A. Herculano. É tambem sabido que o cadaver do egregio historiador, sete annos depois, foi encerrado no jazigo do seu defunto amigo.

Eu não sei se o general Gorjão removeu do carneiro da capella de Gualdim ou do pavimento da egreja de Azoia para o jazigo construido no adro, os ossos dos Correias Botelhos, e especialmente os da sua madrinha, que privára os consanguineos da herança para lh'a transmittir a elle. É natural que sim, tanto mais que *a velha casa* (segundo informa o sr. João Rodrigues Ribeiro, illustrado cavalheiro de Santarem) *tem sido reconstruida em epocas diversas, e actualmente pouco existe da antiga vivenda: Está tudo reduzido a edificações modernas. leves e proprias para estabelecimento agricola muito irregular.*

—

«Conjecturando, pois, que os ossos de A. Herculano esperam a resurreição da carne, de camaradagem com meu terceiro avô Domingos Correia Botelho, sinto extraordinaria alegria, antevendo o meu antepassado, evidentemente um bronco analphabeto, ao lado do primeiro historiador da Peninsula no dia do Juizo universal!

Por outro lado, contrista-me a idéa de que A. Herculano, na congregação cosmopolita de Josaphat—onde se hade operar a reorganisação mucosa e celular dos estomagos e dos figados—sentirá pejo de se ver ao lado de uns companheiros de jazigo que foram infamados de judeus. Porque meu tio—bisavô José Luiz Correia Botelho (*horresco referens!*) quando professou na ordem de Christo em 1778, viu-se em pancas para contraditar as testemunhas do inquerito que uniformemente asseveravam ser elle terceiro neto do cavalleiro de S. Thiago, Martim Machado Botelho e da judia de Villa Real, Rachel Mendes. Ora eu, acreditando por justos motivos que as testemunhas, todas fidalgos de Villa Real, juraram a pura verdade, presumo piedosamente que a veneranda viuva de A. Herculano e os seus amigos, por ignorancia, collocaram em pessima companhia os ossos do plangente cantor da Paixão de Jesus da Galilêa, crucificado pelos judeus. Além d'isso, a sr.ª D. Guiomar Torresão, que visitou Val de Lobos e a sepultura do insigne Mestre no adro da egreja d'Azoia, escreveu por esse tempo uns lucillantes artigos em que deixava entrever o catholicismo do auctor da *Voz do Propheta* n'estas expressões eloquentes ... *Entramos na capella* (em casa de Herculano) *no extremo da qual se vê um altar ricamente ornamentado de lavores dourados e guarnecido de valiosas imagens de uma alvura marfinea que destacam na penumbra recortando os seus bustos seraphicos.* E accrescenta com litteraria emoção: *Instinctivamente os nossos labios murmuraram ali a doce* «Preghiera» *que A. Herculano põe aos pés do crucificado no admiravel prefacio do* «Parocho d'aldeia», e pergunta-se em que obscuro ponto de cazuistica se fundavam esses juizes da consciencia humana que ousaram chamar atheu ao mais crente e virtuoso de todos os espiritos dissidentes do velho dogma catholico...

—

«Tambem o sr. Oliveira Martins, sopesando a consciencia religiosa do preclaro escriptor, nos diz no «Portugal Contemporaneo» que *Deus era para Herculano o Deus Christão.*

---

teiro de Carvalho, naturaes da freguezia de S. Pedro de Villa Real... Foram dispensados em 2.° e 4.° grâo d'affinidade, etc.

Nota do sr. visconde de Correia Botelho.

Pois, não obstante a capella e as imagens idolatricas dos santos em altares ricamente ornamentados—tanto monta que sejam bellas esculpturas como grosseiros manipansos —a minha rasão, reagindo aos escrupulos, suggere-me que Alexandre Herculano, o incomparavel auctor do *Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, — elle que nos fez chorar sobre a sorte desastrosa dos hebreus —não se envergonhará de resurgir da sua primeira para a segunda immortalidade entre os obscuros e malsinados descendentes de Rachel Mendes, a judia, por alcunha a *Barbada*, minha 5.ª avó.

Visconde de Correia Botelho».

Ipse dixit. Estou justificado e o leitor encantado com o adoravel estylo do 5.º neto de Rachel Mendes e de D. Isabel Corrêa Botelho.

Agora prosigamos.

Convento de Santa Clara

Fundou-se este convento em 1602, quando Filippe III governava Portugal, Clemente VIII a nossa egreja e D. Fr. Agostinho de Jesus o arcebispado de Braga.

O rev. licenciado Jeronymo Rodrigues, conego na collegiada da egreja de Nossa Senhora da Oliveira, da villa de Guimarães, abbade de S. Miguel de Sarzedo e natural d'esta Villa Real, intentando no seu fervoroso zelo de piedade catholica fundar um convento, sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo, de religiosas de Santa Clara da Villa de Guimarães e do da villa de Amarante, chegou a esta villa, sua patria, a 21 de fevereiro de 1602, na sua tão santa, como firme e virtuosa resolução.

Tão crescido era o seu zelo, tão grande a sua piedade que, obviando sem dilação de tempo a todas os necessidades e embaraços que podessem provir á sua empreza, deu principio ás obras do convento a 9 de março seguinte ; pelo que, estando já desaterrados os fundamentos, se revestiu o vigario geral, que então era o licenciado Balthazar Vaz Fagundes, e lançou, no referido dia, com toda a solemnidade, no meio do enthusiasmo popular, a primeira pedra e os alicerces do edificio.

A partir d'aquelle momento, não enfraqueceu o fundador Jeronymo Rodrigues no seu santo proposito, nem tão pouco deixou a obra de progredir por todo o espaço de seis annos, até á sua conclusão.

A 6 de maio, pois, do anno de 1608, logo que o fundador deu por terminados todos os trabalhos de convento, foi elle visto pelo ouvidor da comarca, Gonçalo Lobo Tavares, homens da governança e officiaes de justiça, que, examinando todo o edificio, e vendo que estava commodamente construido e, como tal, apto para n'elle se recolherem as já mencionadas religiosas de Santa Clara, passaram as certidões necessarias para os effeitos devidos, e entraram na sua reclusão algumas devotas.

—

Nada mais nos occorre digno de menção alem do testamento com que falleceu o fundador e de que passamos a dar noticia:

Deixou por sua morte o rev. licenciado Jeronymo Rodrigues, conego de Guimarães a seu irmão, o rev. Lourenço Rodrigues, beneficiado da egreja de S. Thomé da Covilhã, como seu herdeiro, a quem deixou o padroado do dito convento e o vinculo, que fez de todos os seus bens, com a faculdade d'este o nomear em pessoa do seu sangue, em que se continuasse a successão d'elle por linha de varão mais velho. Deixou mais setenta mil réis de renda annual, com que dotou o convento, além d'outras disposições que foram em resumo as seguintes :

Que as religiosas d'este convento de Santa Clara guardariam a regra das de Santa Clara de Guimarães e da villa de Amarante ;

Que seus votos seriam feitos segundo a mesma regra;

Que seriam subditas dos arcebispos de Braga;

Que guardariam clausura perpetuamente, na fórma dos sagrados concilios ;

Que resariam todos os dias o officio divino, conforme o uso romano;

Que a invocação do convento seria a de Nossa Senhora do Amparo, e que se festejaria a 25 de março de cada um anno para sempre;

Que a abbadessa seria de eleição triennal, sem poder ser recondusida;

Que o arcebispo nomeasse uma das reclusas mais dignas, e que as outras não podessem ser votadas;

Que as demais não tivessem voto, salvo tendo cinco annos de habito, como de professas;

Que o prelado lhes nomeasse confessor;

Que as religiosas, que houvessem de entrar perpetuamente no convento, o fossem por approvação das religiosas d'elle e do prelado;

Que o numero das religiosas não excederia a cincoenta, disposição revogada por breves apostolicos, que deram entrada no convento a outras muitas. Alguns annos depois prefizeram logo o numero de sessenta e cinco;

Que o padroado do dito convento de Nossa Senhora do Amparo, das religiosas de Santa Clara, seria seu perpetuamente, como fundador e dotador d'elle, e que depois de seu irmão e herdeiro, o rev. Lourenço Rodrigues, passaria para seu cunhado Gonçalo Dias da Rosa, casado com sua irmã Brites Rodrigues; que depois d'este succederia no dito padroado o filho varão mais velho, ao que já fizemos referencia, e na falta d'elle a filha tambem mais velha;

Que, alem dos seus representantes no dito padroado e de sua familia e sangue, ninguem mais se sepultaria na capella-mór da egreja do convento;

Que o padroado do convento ficaria sempre livre para os administradores d'elle, sem que pessoa alguma, por illustre que fosse, ecclesiastica ou secular, de qualquer estado ou condição, lh'o podesse tirar ou impedir;

E, por ultimo, dizia mais o testador e fundador do convento, que n'elle reservava quatro logares de freiras, tres por uma vez sómente, para n'elles prover tres parentes suas, sem dote, e um para ficar perpetuamente para as filhas dos seus successores no padroado, em que seriam providas tambem sem dote, todas as vezes que vagasse o dito logar, e que, vagando elle, sem que o administrador na occasião tivesse filha alguma, poderia nomear em sua substituição uma parente da mesma familia e sangue do padroeiro instituidor, sem dependencia do prelado.

—

Eis o que ha de mais importante com relação a este convento; faremos porém ainda ligeira menção de algumas provisões, para que o leitor não desconheça completamente a consideração em que foram tidas as ditas religiosas de Santa Clara. Entre outras tiveram ellas, a de 24 de janeiro de 1732, que lhes concedia o praso do Pioledo, para que ninguem podesse prejudical-as na agua da sua cêrca, tirando-a no dito logar; a 20 de janeiro de 1736, obtiveram outra provisão, que nomeava o ouvidor da comarca juiz privativo das causas do convento; outra a 23 de setembro de 1739, mandando que as suas dividas fossem cobradas como as da fazenda, e outra a 18 de maio de 1789, concedendo-lhes o mesmo privilegio gosado pelos dominicanos e franciscanos, — de lhes venderem nos açougues da villa uma certa e determinada porção de carne em cada um dos dias de obriga da semana, para não serem, como até ali, prejudicadas.

Demora o convento na extremidade N.O. do Campo do Tabolado, em sitio alegre e saudavel e com amplas vistas para leste, poente e sul, dominando grande parte das provincias de Traz-os-Montes e da Beira.

Tem no topo da fachada leste a egreja, a sacristia e locutorios, para os quaes se entra, pela sacristia, que é pequena e humilde.

A egreja corre de norte a sul;—entra-se para ella por uma porta lateral com arco de volta inteira e ornamentação barata de granito;—tem uma linda pia de marmore côr de rosa;—altar-mór e 2 lateraes com retabulos de talha moderna, e mais dois de talha antiga na parede do arco cruzeiro;—ao fundo dois coros (alto e baixo)—paredes forradas de azulejo,—tecto apainelado com pinturas a oleo;—um pequeno orgão junto do côro alto—e entre este e o pulpito, na parede do lado do evangelho, a inscripção seguinte em lettras douradas:

ESTE MOSTEIRO FUNDOU E EDIFICOU E DOTOU O L.º D. JERONYMO ROIZ, CONIGO DE G.es E ABBADE DE CERZEDO, NATURAL D'ESTA VILLA REAL, NO ANNO DE 1603[1] HE DE PREZ.c PADROEIRO GONÇALLO DE LEMOS BOTELHO E HERDEIROS

Em 1721 era padroeiro d'este convento Francisco Botelho Monteiro de Lucena, neto materno do mencionado Gonçalo de Lemos.

Entre as religiosas d'este convento é digna de especial menção Leonor de Tavora, pela sua illustração e virtudes. Com a vida d'esta religiosa se imprimiu um sermão em 1717, na officina de Paschoal da Silva, impressor de Sua Magestade.

—

Tinha este convento duas cercas, separadas por um caminho que ia para a villa de Lordello, e sobre este caminho fizeram as freiras arcos por onde passavam de uma cerca para a outra, o que as expunha ás vistas indiscretas do publico e a certa ordem de censuras, pelo que o arcebispo D. José de Bragança, estando em Villa Real em 1748, mandou tirar o dicto caminho, pondo em contacto as duas cercas; fez por essa occasião outras obras n'este convento—e deu ás freiras a fonte do *Arnal*, que era publica, mas estava dentro da cerca.

O mencionado arcebispo D. José chegou a esta villa em julho de 1748 e n'ella se demorou muito tempo. Esteve hospedado na rua das Flores, na casa de Antonio da Cunha Pimentel, fidalgo da primeira nobreza d'esta villa, 3.º avô do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual director da Penitenciaria, em Lisboa, como já dissemos supra.

Por essa occasião o mesmo arcebispo augmentou o recolhimento de Nossa Senhora das Dores, levantando-lhe os muros da cerca e addiccionando-lhe umas boas casas contiguas, que á sua custa comprou.

Logo fallaremos d'este recolhimento, hoje montado no extincto mosteiro das religiosas claristas.

De passagem diremos que, além do arcebispo D. José de Bragança, outros muitos arcebispos honraram com a sua presença esta villa, taes foram o sancto D. Fr. Bartholomeu dos Martyres,—depois d'elle D. Rodrigo de Moura Telles, em 1705,—e ainda no anno ultimo (1884) o sr. D. Antonio de Freitas Honorato.

—

D. Luiz Alves, bispo da Bahia, teve duas irmãs, que foram religiosas professas n'este convento,—Maria do Salvador e Maria de S. Luiz,—e no seu testamento beneficiou esta casa com dois contos de réis para uma missa diaria e para que annualmente se empregassem cinco mil réis nos reparos e conservação da capella de Nossa Senhora da Piedade, que estava na cerca d'este mesmo convento.

Junte-se mais esta capella á lista das capellas d'esta villa.

Na dicta cerca houve um cedro magestoso. Foi plantado por occasião da fundação d'este convento e derrubado por um tufão em 1845, contando já a bagatella de 242 annos.

Hoje a arvore mais notavel d'esta villa é um pinheiro, tambem secular e magestoso, que se ergue sobre a margem esquerda do rio Corgo, ao norte dos moinhos da Peneda, na ingreme encosta da *Raposeira*.

Em 1855, achando-se extinctas as rendas d'este convento e sendo habitado por uma unica freira, foi esta expulsa e a casa passou para o estado; depois a cedeu ás recolhidas de Nossa Senhora das Dores, que n'elle se installaram em 19 de julho do mesmo anno e n'elle se conservam ainda hoje (1885)

[1] Assim se lê na dicta inscripção, copiada por nós em 1883, mas nas *Antiguidades de Villa Real* se diz que a primeira pedra d'este convento foi lançada com grande pompa pelo vigario geral, dr. Balthasar Vaz, no dia 9 de março de 1602 e que foram concluidas as obras em 1608;—nas dictas *Antiguidades*, porém, se encontra a mencionada inscripção com a mesma data de 1603!...

passando o Lyceu para o edificio do Recolhimento, onde hoje está o Asylo da infancia desvalida.

Assim terminou este venerando mosteiro de Santa Clara no fim de 282 annos de existencia, e dentro em pouco se extinguirão todos, porque o decreto de 28 de maio de 1834, extinguindo no nosso paiz os frades, por muito favor conservou as freiras ao tempo existentes, mas prohibiu-lhes novas profissões, pelo que as poucas freiras que hoje restam se acham todas caducas e prestes a cahirem na cova.

Só est'anno de 1885 já se fecharam no nosso continente 4 conventos de freiras!...

Estas religiosas de Santa Clara foram sempre muito austeras no cumprimento dos seus votos e por isso nos surprehendeu o *Episodio monastico*, que em dois folhetins do *Districto de Villa Real*, de 17 e 21 de julho do corrente anno de 1885, publicou o sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, já mencionado, oriundo d'esta villa e cavalheiro respeitabilissimo.

O facto é curioso e, em resumo, o seguinte:

Episodio monastico

Em certo dia de dezembro de 1718 deu-se uma grande rebellião n'este convento, dividindo-se as religiosas e noviças em dois bandos, sendo um d'elles capitaneado por uma senhora muito das relações do dr. José Pinto de Mesquita, abbade da Cumieira, que havia sido desembargador da relação ecclesiastica em Braga e depois auditor do exercito,—homem rico, illustrado e de grande valimento. Por seu turno as freiras do outro bando tambem tinham poderosos protectores, todos bem prevenidos.

Um dos bandos era formado pela abbadessa com as freiras mais edosas e pugnava em favor da disciplina claustral,—o outro comprehendia as freiras mais novas e representava a rebellião, que principiou logo de manhã e, serenando por momentos, em breve recrudescia com mais força.

O vigario geral, prevenido pela abbadessa, dirigiu-se ao convento e, depois de uma grande pratica e severa admoestação, retirou-se convencido de que a tempestade passára; mas notando a abbadessa que as freiras rebeldes se propunham n'aquella noite fugir do convento, auxiliadas pelos seus protectores, avisou immediatamente o vigario geral e as auctoridades, invocando o seu auxilio, o que precipitou os acontecimentos, porque as freiras rebeldes avisaram os seus protectores,—dirigiram-se estes logo ao convento — e as taes senhoras, auxiliadas por elles, nomeadamente pelo abbade da Cumieira, forçaram as portas e sairam de roldão para a rua!...

Ignoram-se os nomes d'aquelles cavalheiros, mas sabe-se que pertenciam ás primeiras familias da terra e que, receando as consequencias, iam mascarados.

—

A noticia de que as freiras queriam fugir do convento espalhou-se rapidamente por toda a villa e, quando sairam, já era grande o concurso do povo cá fóra. Este facto e a presença do vigario geral desnortearam os revoltosos que, indo já em meio do campo do Tabolado, instinctivamente resolveram acolher-se á egreja do convento dos frades de S. Domingos, que ficava ali. Um frade leigo, que estava á porta da egreja, oppoz-se, mas um dos mascarados que as acompanhava brindou o pobre leigo com algumas facadas! Bem se esforçou o vigario geral para que as freiras se recolhessem outra vez ao seu convento, mas foi insultado e desacatado por ellas e pelos seus protectores, tendo de fugir a bom correr, para não ser espancado!...

Não diz o sr. dr. Jeronymo Pimentel o que mais se passou n'aquelle dia; mas accrescenta que no seguinte partiu para Braga o vigario geral e expoz tão estranha occorrencia ao arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que ficou estupefacto e tractou de providenciar immediatamente com a energia que lhe era propria.

—

Reuniu em tribunal pleno a relação ecclesiastica na tarde d'aquelle mesmo dia:—expoz-lhe a questão;—mandou instaurar o processo com urgencia—e em seguida o enviou a S. M. el-rei D. João V.

Não se demoraram as providencias.

Por ordem d'el-rei partiu de Chaves para Villa Real uma força militar de 100 homens de infanteria e 100 de cavallaria—e da relação do Porto um desembargador com ordens terminantes para devassar dos acontecimentos.

Por seu turno o arcebispo mandou o seu vigario geral, Agostinho Marques do Couto, *com alçada dobrada* e poderes especiaes—e o ouvidor da villa foi logo dado por suspeito e mandado retirar da comarca.

Tremeram de susto as madres claristas e os seus nobres e poderosos protectores quando viram encastellar-se tão negras nuvens sobre a capital transmontana. Era imminente a tempestade e parecia que a colera de Deus e dos homens ia fulminar as pobres freiras e todos os seus cumplices; vejamos porém o resultado :

—

O processo correu seus termos, mas taes foram os empenhos, as alliciações e ameaças, que de todos os implicados na façanha apenas se apurou um,—o dr. José Pinto de Mesquita, abbade da Cumieira!... Foi preso e mettido na cadeia do castello de Braga, no dia 17 de fevereiro do anno seguinte—1719.

Emquanto ás freiras, o castigo pesou apenas sobre as duas consideradas cabeças do motim. Foram degradadas do seu convento—uma para o dos Remedios em Braga,—e outra para o da Conceição, da mesma cidade, onde deram entrada no dia 11 de março de 1719, sendo conduzidas em uma liteira e acompanhadas pelo vigario geral. Assim terminou tão estranha occorrencia.

As *Antiguidades de Villa Real,* escriptas pouco tempo depois (em 1720 a 1721) guardaram profundo silencio a tal respeito para não aggravarem as feridas mal cicatrisadas ainda e porque o facto, além de envolver *pessoas poderosas* (algumas talvez pertencentes á familia do auctor das *Antiguidades!...*) era muito desairoso para a villa.

Tambem nos quer parecer que as *Antiguidades,* para não exporem a desaire a prosapia dos villarealenses, não disseram o que o auctor *muito provavelmente* sabia e que nós já dissemos e se lê hoje nas *Memorias d'Anciães*:—que a antiga capital de Panoias, hoje representada por Villa Real, antes da fundação d'esta villa por D. Diniz, *obedeceu á villa d'Anciães e foi um julgado d'ella* [1].

Umas vezes o amor patrio, outras vezes *o receio de vindictas e desgostos* quando se tracta de certa ordem de factos, tolhem a penna do historiador.

Em verdade seria uma imprudencia *perigosa* narrar o que se passou com as taes freirinhas, quando ainda viviam, e na mesma povoação, os *heroes* que as acompanharam e apunhalaram o pobre frade, etc.,—todos visinhos *e bem conhecidos* do auctor ou auctores das *Antiguidades!...*

Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres

Esta piedosa instituição data de 1737, anno em que o padre José Ferreira Esteves, natural d'esta villa, mandou fazer uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Dôres, contigua ás suas casas, premeditando transformal-as, como transformou, em um recolhimento. N'ellas se installaram logo duas virtuosas senhoras—Antonia e Josepha de Christo,—irmãs do fundador.

Em 1748, indo o arcebispo de Braga a Villa Real e visitando a dicta capella, não só approvou a instituição do recolhimento, mas deu ao benemerito fundador a importante esmola de 400$000 réis para a compra d'umas casas proximas, na rua das *Pedrinhas,* hoje rua de S. Paulo, que foram postas em communicação com as do fundador.

O mesmo arcebispo ordenou que as recolhidas adoptassem a regra carmelitana, reformada por Santa Thereza,—deu-lhes estatutos, que foram depois confirmados pelo arcebispo D. Gaspar,—e licença para aggregarem a si mais senhoras, precedendo porem sempre auctorisação do ordinario.

Deu-lhes tambem o officio de contador e distribuidor do juiso ecclesiastico d'esta villa cujo rendimento orçava por 30$000 réis annuaes.

---

[1] V. pag. 936, col. 2.ª e seguintes *supra*—e o topico *Feiras infra.*

Fallecido o fundador, continuou seu sobrinho, padre José Ferreira de Carvalho, a proteger e favorecer com o maior zelo a nascente instituição. Não só lhe deu muitas esmolas, mas diligenciou e obteve breve apostolico para Santissimo permanente na capella e bulla de confirmação para os estatutos.

—

A requerimento do mesmo padre, D. Maria I, por alvará de 16 de março de 1779, concedeu que as recolhidas podessem continuar a viver em forma de religiosas clausuradas, como viviam, mas com votos simples, sujeitas ao ordinario, e que nunca este recolhimento poderia transformar-se em convento, nem adquirir bens immoveis, além dos que já possuia, limitando ao mesmo tempo a 33 o numero das recolhidas.

Em 1783 requereram ellas á mesma rainha, expondo-lhe as precarias circumstancias em que viviam e pedindo que lhes cedesse 1:200$000 réis das cisas de Penaguião para fazerem um dormitorio, por ter a casa apenas commodidade para 18 recolhidas.

A piedosa rainha as attendeu, concedendo-lhes, em vez do que pediam, todas as cisas sonegadas e occultas desde 20 annos, com a obrigação de terem duas mestras para leccionarem as pensionistas que quizessem educar-se no recolhimento, pagando cada uma das pensionistas 40$000 réis annuaes para sua alimentação,—e que as dictas mestras ensinariam gratuitamente as meninas pobres da villa, se a camara quizesse fazer no recolhimento aulas para as meninas, fóra das grades, e de modo que as mestras as podessem leccionar sem quebra da clausura.

—

Ali esteve o recolhimento até 19 de julho de 1856, data em que se transferiu, como já dissemos, para o extincto convento de Santa Clara, onde funcciona ainda hoje, comprehendendo o pessoal de 30 senhoras e meninas internas, sob a intelligente direcção da ex.ma sr.a D. Florinda Elisa da Silva, sua regente, natural de Villa Pouca d'Aguiar.

A penuria que assola actualmente o Douro, proveniente da invasão phylloxerica, reduziu a pouco mais de 250$000 réis o rendimento annual d'esta excellente casa de educação, mas ainda assim conservam a sua egreja muito limpa e n'ella fazem todos os annos pomposa festa á Senhora das Dôres, sua padroeira, e ao Sagrado Coração de Jesus,—alem das festas da semana Santa e do Natal.

Ficando devoluto o edificio do recolhimento, n'elle se installou e conservou o Lyceu até que se transferiu para o palacio que foi do general Silveira, conde de Amarante —e por ultimo, montando-se n'este palacio outras repartições publicas, passou para a casa onde actualmente funcciona.

Em 1860 se installou no edificio do recolhimento a estação telegraphica e ali esteve até o dia 17 de novembro de 1865, data em que se transferiu para casa propria, feita de novo em frente do edificio do recolhimento, e n'este se montou o *Asylo da Infancia Desvalida*, que ainda hoje n'elle se conserva, por doação do ministerio da fazenda, com data de 27 de junho de 1864.

De passagem diremos que este Asylo foi fundado em 1865 e se inaugurou no dia 16 de setembro d'aquelle anno, recebendo 6 rapazes e 6 meninas. Hoje porém conta um numero mais elevado.

A capella do recolhimento foi demolida para alinharem a *estrada-rua* que n'aquelle ponto separa da rua do Carmo a de S. Paulo e que segue pela das *Casas Novas*, hoje rua da *Boa Vista*, etc.

Termo antigo de Villa Real

Quando D. Diniz fundou esta villa e lhe deu o seu (d'elle) primeiro foral supra transcripto, deu-lhe por termo toda a *terra de Panoias* e ainda algumas povoações mais fóra d'ella. Com o decorrer do tempo muitas povoações foram desannexadas do vasto termo d'esta villa, mas D. Fernando I lhe tornou a unir algumas, taes foram Gouvães. Favaios, Paredes, Alijó, Tres Minas, Jalles, Lamas d'Orelhão, etc., que já tinham pertencido a Constantim e á propria Villa Real,

O mesmo D. Fernando, por decreto de 12 de dezembro da era de 1407 (anno 1369) datado de Coimbra, prohibiu que as men-

cionadas povoações tivessem justiças proprias, — vereadores, tabelliães, meirinhos, etc., e ordenou que para todos os negocios judiciaes e administrativos fossem a Villa Real,—ordem barbara e durissima, porque todos aquelles povos distavam de Villa Real 30 a 40 kilometros e os caminhos n'aquelle tempo eram uma sequencia de barrancos e precipicios medonhos, cortados apenas pelas ferraduras das bestas de carga e pelas rodas dos carros tirados por bois, atravez de desertos povoados de lobos, javalis e ursos, pelo que os dictos povos tractaram de recobrar a sua independencia.

—

Canellas tornou a ser villa e concelho e só n'ella entrava por correição o ouvidor de Villa Real;—Jalles passou para a corôa e ficou pertencendo á comarca de Guimarães; —o couto de Paredes, hoje *Parada de Pinhão* (*Honra e meia* (?) de Parada de Pinhão) foi feito *honra* e dado ao senhor de Villa Flor, D. Pedro de Castro e Sousa, por escambo da honra que tinha *dentro de Villa Real* e que era formada pelas ruas da Misericordia, Aljube e Praça Velha, o que sobre modo complicava a administração da justiça.

Lamas d'Orelhão erigiu-se em villa propria, embora pertencente á correição de Villa Real;—as villas de Lordello, Gallegos e Vallongueiras foram doadas aos Tavoras,—e os coutos de Gouvães, Provezende e S. Mamede de Riba-Tua passaram para a mitra primaz, etc.

Em quanto a Provezende e S. Mamede, achou-se em 1721 no archivo da camara de Villa Real um pergaminho, do qual constava que D. Pedro I fez mercê ao arcebispo D João, o *Cordalaco*, da jurisdicção de Provezende pela mesma guisa que a tivera o seu antecessor D. Guilherme.

Tem o mencionado pergaminho a data de 6 de maio de 1401 (anno 1363). E a 24 de junho do mesmo anno fez D. Pedro I ao arcebispo tambem mercê do couto de S. Mamede de Riba-Tua, ou de Foz-Tua; mas de outras memorias consta que em 1436 o arcebispo D. Fernando emprasára este couto a um fidalgo de Villa Real, de nome Alvaro Rodrigues Taveira, por 50 dobras *da banda de Castella*[1], com a obrigação de estabelecer ali alguns casaes que povoassem e arroteassem o dicto chão e conservassem a sua egreja.

—

Provezende já era dos arcebispos de Braga desde 1130, o que muito claramente dizem as inquirições de D. Sancho I, D. Affonso III e D. Diniz.

Este couto foi dado aos congregados de Santa Marinha de Provezende por D. Affonso Henriques em 1128 e por elles deixado em testamento ao arcebispo D. Paio Mendes, com approvação do mesmo soberano.

O couto de Gouvães houve-o a mitra primaz por escambo com D. Sancho II em 1238. De passagem diremos que o foral de D. Affonso III dado a este couto e que se guardava como tal no archivo da sua camara, andava trocado por engano da copia que veio da Torre do Tomho, porque n'elle se diz que este couto de Gouvães (do Douro) tinha por limites... *Santa Martha* e *Penduradeiro*, aldeias visinhas de *Gouvães da Serra*, freguezia do concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Copiaram pois para *Gouvães do Douro* o forál de *Gouvães da Serra!...*

—

Aproveitando o ensejo, faremos aqui algumas rectificações ao artigo *Provezende*, vol. 7.° pag. 680, col. 2.ª e seguintes.

Por causa da grave doença que ao tempo affligia o meu benemerito antecessor, e dos emmaranhados apontamentos que recebeu, não conhecendo Provezende, tropeçou muitas vezes.

1.°—A pag. 681, col. 1.ª disse que o auctor do *Enchyridion arremeçou as datas sem attenção alguma.*

Foi sempre exacto n'este ponto aquelle auctor; note-se porem que nas datas não usou

[1] *Banda de Castella* não significava *lado de Castella.* Aquellas dobras foram creadas por D. Affonso XI de Castella e tomaram aquelle nome por terem no cunho a insignia da ordem da *Banda*, instituida pelo mesmo rei para commemorar a batalha do Salado, dando-lhe o valor de 216 réis, mas entre nós corriam por 200 réis n'aquelle tempo, tendo valido 230 réis.

da era de Cesar, mas do anno do nascimento de Christo, como lhe cumpria, escrevendo em 1720.

Só quando citou o epitaphio da sepultura de Barcos usou da era de Cesar, que aquella sepultura tinha.

2.º—Disse que Provezende a principio demorou em S. Joannes.

Suppõe-se que esteve em S. Joannes temporariamente; mas que a sua primitiva fundação teve logar no sitio que hoje occupa.

3.º—*Zaide* não é nome de mulher, mas de homem.

O commandante do 2.º corpo de mouros que invadiu a peninsula com Tarik era *Zaide-aben-Kesadi;* — o prefeito da policia de Cordova em 888 era *Zaide;*—entre os mouros houve um historiador de nome *Zaide*; —o ultimo defensor de granada era *Zaide* e o do forte de Sacavem era *Bezai-Zaide.*

4.º—*Atarte* é nome assyrio, não arabe.

Os assyrios vieram em 742 para a Hespanha em tão grande numero que Thuabah-Iben-Salamah chegou a ser emir de Cordova.

5.º—Disse que Provezende foi nome de homem. Nunca encontrei tal nome em livro ou documento algum.

6.º—*S. Joannes* e *Lameirão* (pag. 683) são um e o mesmo terreno; mas denominou-se primitivamente *S. Joannes* o chão onde hoje está Provezende. O meu antecessor confundiu estes sitios uns com os outros, bem como a capella de S. Domingos com a de Santa Marinha.

7.º—Os habitantes do Lameirão regressaram para Provezende em 1188 do nascimento de Christo,—não da era de Cesar.

8.º—Em Provezende não havia fortaleza alguma, mas no cume do monte proximo.

9.º—*Zaide* devia fallar a lingua dos peninsulares, porque era natural de Toledo e viveu sempre em Hespanha.

10.º—As cruzes de Santa Marinha teem a forma da *balsa* dos templarios; mas suppomos serem as cruzes da sagração da capella, no tempo em que foi matriz.

11.º—Na dicta capella nunca houve *jasigo real.* Quando muito foi promettida aos congregados essa honra.

12.º—Não eram os cavalleiros do templo que vinham de longe enterrar-se ali;—mas os freguezes da vasta parochia, cuja matriz foi Santa Marinha.

13.º—A primeira doação de Provezende, ou de Santa Marinha, com certesa não foi feita por D. Urraca, rainha de Leão, mas por sua mãe D. Constança, que doou Provezende ao arcebispo, pelos annos de 1080 a 1083; —cahiu em poder dos mouros talvez em 1084; sendo estes expulsos pela rainha D. Theresa em 1115, foi novamente doada aos congregados de Santa Marinha por D. Affonso I, em 1128 e por elles deixada em 1130 aos arcebispos, em cujo poder se conservou até 1834.

14.º—Disse o meu antecessor—que os romanos tiveram no monte de S. Domingos uma fortalesa e um templo dedicado a Diana.

Suppõe-se que ali houve sómente um castello dos mouros e, se existiu em Provezende algum templo de Diana, devia estar em Santa Marinha.

15.º—A pag. 689, col. 2.ª, diz que a capella de Santa Marinha nunca soffreu a minima alteração no seu material, nem no seu culto.

C'est trop fort; pois como póde tal crer-se passando ella dos romanos para os godos, — d'estes para os mouros — e dos mouros para os christãos?

16.º—A pedra que diz *Ostius* (V. a mesma pagina) nunca foi nem podia ser marco milliar.

17.º—Não foi Lourenço Pires (pag. 702, col. 2.ª) quem acompanhou D. Sebastião, mas Domingos Lopes, filho do dicto Lourenço.

18.º—Diz que de Leonardo da Cunha Godinho (pag. 706, col. 2.ª e 707, col. 1.ª) não houve descendencia.

Teve José Pinto da Cunha Pimentel e outros muitos filhos.

A casa das *Devesas* não era de Leonardo da Cunha, mas de José de Freitas, sobrinho da mulher de Leonardo.

19.º—D. Clara Saavedra y Romay (pag. 707, col. 1.ª) não procedia dos Saavedras portuguezes, de Lumiares, mas das casas e

solares de Romay y Rosal, Maheda e S. Damião, na Hespanha.

Fica assim desde já rectificado o artigo *Provezende.*

Campo do Tabolado

Tem esta villa um bom campo, denominado *Campo do Tabolado.* É quadrilongo e tres a quatro vezes mais comprido do que largo, pois corre de N. a S. com suave declive, e tem de comprimento 1:175 palmos, — de largura no cimo, ou de E. a O. 285 palmos, e no fundo 150,—segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*; mas ao fundo soffreu nos ultimos tempos algumas modificações e tem maior espaço, depois que se demoliram a capella e o hospital do Espirito Santo e se fizeram outras expropriações, formando o *Largo do Conde de Amarante,* em frente do palacio que foi do conde d'este titulo (general Silveira).

É este campo muito central e todo cercado de bons edificios. Mencionaremos apenas os seguintes:

Na extremidade N.O. o antigo convento de Santa Clara, hoje Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres, ambos já descriptos. Seguem-se d'este lado oeste, descendo,—os antigos *Arcos da Praça,* galeria coberta e que se apoia em 14 arcos de granito, mandada fazer pela camara em 1749 e feita pelo mestre pedreiro Lourenço de Mattos.

Decora esta galeria uma grosseira estatua de Villa Real, em fórma de mulher, vestida de guerreiro com lança, escudo e capacete, tendo no pedestal a inscripção seguinte:

QUOD REGALE NOMEN GERO
MIHI RUBORE PARTU EST.
REGIA NON ALITER NOMINA
PARTA GERAS

Talvez possa traduzir-se assim:

«—O nome de *Villa Real* que tenho conquistei-o com grande esforço [1]. Não queiras titulos reaes obtidos por outra fórma.»

Estes arcos eram occupados pelos tendeiros e ourives nos dias de feira e n'elles se abrigavam tambem os pobres, antes da fundação do hospital da Misericordia, como já dissemos; vão porém ser demolidos ainda est'anno de 1885, porque no chão que elles occupavam e no que foi da cerca dos frades dominicos, a oeste, se anda construindo um mercado coberto, obra importante e que representa um grande melhoramento para esta formosa villa.

Tambem ao sul dos dictos arcos esteve a *Roda dos Expostos.*

—

Seguia-se por este lado O. o convento de S. Domingos, de que já fizemos menção. D'elle resta apenas a egreja que, depois da extincção das ordens religiosas, é a matriz da parochia de S. Diniz.

No chão do convento fizeram varios edificios particulares e n'elles se acham hoje montados dois hoteis, uma estação de diligencias, etc.

A juzante da egreja de S. Domingos se ergue no campo do Tabolado o esvelto *Chafariz do Repucho,* mandado fazer em 1532 pelo benemerito protonotario D. Pedro de Castro, em substituição d'outro chafariz mais humilde que havia no mesmo local desde tempos muito remotos, pois já em 1424 a camara cedeu aos dominicos um anel da agua que ia para o mencionado chafariz.

Alem da bacia inferior tem outra superior formada por uma só pedra, um grande monolitho que tem de circumferencia 34 palmos,—dizem as minhas *Antiguidades,* mas outros apontamentos lhe dão 54 palmos de circumferencia e 18 de diametro!

Do meio d'este monolitho se ergue uma elegante cupula com as armas reaes portuguezas. Quando ali se collocaram as dictas armas deram-se peripecias que forneciam assumpto para outro poema da indole do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz.

Como houvessem muitas familias nobres em volta do mencionado chafariz e todas

---

[1] Isto se refere talvez aos heroicos serviços dos condes, marquezes e duques, seus antigos senhores; mas o titulo de Villa Real vem de tempos muito mais remotos, como já dissemos no principio d'este artigo e se lê nos foraes de D. Diniz e de D. Affonso III.

quizessem que as dictas armas ficassem olhando para os seus predios, o que era impossivel por serem muitos em todos os quadrantes, levantou-se uma bulha irrisoria e tremenda, que durou muito tempo e envolveu grande parte da nobreza d'esta villa.

Depois das scenas mais comicas resolveu-se que o brasão ficasse voltado como está para o poente, porque n'esta direcção vivia a maior parte dos nobres litigantes, taes eram os Macedos, Taveiras, Cunhas Botelhos e Teixeiras Botelhos da casa d'Anta, os Nisas Mesquitas de Lordello, Correias e Amaraes.

É este chafariz o mais notavel da villa; em 1832 se reconstruiu a bacia inferior, dando-se-lhe maiores dimensões—e, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, quando o benemerito protonotario o concluiu os moços da villa cantavam:

Vamos ver o chafariz
Que agora se fez;
Fel-o o protonotario
E não o marquez.

—

Com a expropriação do hospital e da capella do Espirito Santo, supra mencionados, avançou este grande rocio em 1864 alguns metros mais para o sul, formando em frente do palacio dos Silveiras o Largo do Conde d'Amarante e,—coisa tambem curiosa,—sendo o vasto campo do Tabolado hoje todo liso, sem intermittencias e muito regular, tem 3 nomes! A extremidade sul denomina-se *Largo do Conde d'Amarante*,—a extremidade norte *Praça de Luiz de Camões*—e a parte intermedia *Largo do Chafariz!* E, quando avance mais para o sul até o *Hospital da Divina Providencia*, como se projecta, muito provavelmente ainda darão a essa parte o nome de *Largo do Hospital*.

Este grande e bonito campo que nós continuaremos a denominar, como sempre se denominou, *Campo do Tabolado*, é hoje liso e sem arvoredo algum nem intermittencias além do *chafariz do repucho*, porque n'elle se fizeram sempre os torneios, danças publicas, touradas, cavalhadas e as grandes festas da villa,—n'elle se fazem ainda hoje os mercados semanaes, e por occasião da grande feira de Santo Antonio n'elle se faz a feira do gado cavallar e todo o seu chão é preciso para correr os cavallos; mas outr'ora foi povoado de oliveiras, algumas das quaes foram mandadas cortar pelos marquezes, como dissemos no topico relativo ao convento de S. Domingos.

Teve tambem na extremidade norte, em frente do convento de Santa Clara, uma capella e outra junto do convento de S. Domingos, como já dissemos.

Tambem n'elle pompeou junto d'este ultimo convento muitos annos o grande cruzeiro que hoje se vê no adro da egreja de S. Domingos, em frente da porta principal d'ella, para onde foi removido em 1843 para desaffrontar o dicto campo.

É um dos cruzeiros mais notaveis do nosso paiz,—não por ser muito ornamentado, pois tem uma haste redonda e lisa, encimada por uma cruz singela; mas por ser de granito e de uma pedra só a haste e a cruz, tendo o grande monolitho de altura total 44 palmos,—não contando os degraus que lhe servem de pedestal.

Foi feito em 1594 por uma finta lançada ao povo e collocado primitivamente no dicto campo, na linha divisoria das duas freguezias da villa.

De passagem indicaremos 3 cruzeiros de granito, tambem notaveis:—um está em frente do extincto convento de Tibães,—outro no *Campo de Sant'Anna*, em Braga,—outro esteve no *Campo do Tabolado*, em Lamego, junto do convento dos gracianos, e foi pelo meiado d'este seculo removido para o cemiterio publico d'aquella cidade, tendo sido feito para commemorar a feliz revolução de 1 de dezembro de 1640.

—

Antes de deixarmos o *Campo do Tabolado* de Villa Real, diremos que entre os edificios do lado E. avultam a meio d'elle as ruinas da nobilissima e antiquissima *Casa do Arco*, assim denominada por ter sobre a rua proxima um arco de granito com uma capella [1]

[1] Era da invocação de *Nossa Senhora do Loreto*. Junte-se tambem mais esta capella á lista das capellas d'esta villa.

em que se celebrava missa que o povo ouvía da rua,—arco e capella que foram demolidos pela camara em 18 d'outubro de 1856, para desaffrontar a dicta rua.

Este edificio soffreu muitas reconstrucções, mas ainda conserva um lanço com ameias e algumas janellas e portas ogivaes; era bastante espaçoso, pois tem 200 palmos de frente, e pelo dicto arco prendia com muitas casas (22!) que foram dependencia d'elle, na rua *Nova do Arco* e na da *Ferraria.*

Era o palacio dos marquezes de Villa Real; —depois de extinctos, passou, como já dissemos, para o infantado—e da casa do infantado passou por emprasamento para os ascendentes dos Guedes Pereiras Pintos de Athaide Malafaias, ainda hoje seus possuidores, representados por D. Francisco, residente na sua não menos nobre *casa e honra de Barbosa,* na freguezia de S. Miguel e S. Thomé de Rans e Canas, concelho de Penafiel, bem conhecidos ali por *fidalgos de Barbosa,* mas emquanto viveram em Villa Real, na dicta casa do *Arco,* até 1835, eram conhecidos por *fidalgos do Arco,* e durante mais de um seculo occuparam um logar distinctissimo entre a primeira nobreza de Villa Real.

Posto que este artigo vae já muito longo, não podemos resistir á tentação de dar, embora em resumo, a genealogia dos

Guedes, senhores de Murça e das casas do Arco e de Barbosa

1.°—*D. Mendo Guedes Moncorove,* de Toledo, que ali viveu antes da tomada de Toledo por D. Affonso VI. Era descendente de Evancio, sobrinho e copeiro-mór de Chinda Windo, 28.° rei dos Godos. Casou com... e teve

2.°—*D. Gueda, o velho.*

Casou com... e teve

3.°—*D. Mendo Guedes.*

Casou com D. Sancha e teve

4.°—*D. Gomes Mendes Gedeão.* Casou com D. Chamoa Mendes de Sousa, filha de D. Mendo Viegas de Sousa, e teve

5.°—*D. Guedas Gomes,* que esteve com D. Sancho de Castella na tomada de Sevilha. Casou a 1.ª vez com D. Urraca Henriques Porto Carrero, filha de Henrique Fernandes Magro e de sua mulher Ouroanna Reymonde Porto Carrero, e teve

6.°—*Alvite...*

Casou com D. Urraca Mendes de Gondar, filha de D. Mendo de Gondar, natural das Asturias, que veio para Portugal com o conde D. Henrique, e teve

7.°—*D. Gueda Alvite.* Casou com D. Marianna Viegas do Vinhal, filha de Egas do Vinhal, de Toledo, que veiu tambem para Portugal com o conde D. Henrique e teve

8.°—*D. Paio Guedes.* Casou com D. Urraca Paes de Grade e teve

9.°—*Lourenço Paes de Grade.* Casou com D. Maria Martins Cabeça, e teve

10.°—*Vasco Lourenço Guedes.* Casou na Galliza em 1404 e teve

11.°—*Gonçalo Vasques Guedes.* Veiu para Portugal servir o nosso D. João I, que lhe deu as terras de Lomba, Val Passos e outras que tinham sido de Martim Gonçalves de Athaide; mas voltando este ao serviço de Portugal, D. João I lh'as restituiu e em compensação deu a Gonçalo V. Guedes Murça, Agua Revez e Torre de D. Chama, *de juro e herdade,* pelo que foi o 1.° senhor de Murça.

Casou com D. Isabel de Mello e teve

12.°—*Pedro Vasques Guedes,* 2.° senhor de Murça e da grande casa de seu pae.

Casou com... e teve

13.°—*Gonçalo Vasques Guedes,* 3.° senhor de Murça.

Casou com D. Isabel d'Alvim, filha de Pedro de Sousa e Alvim, alcaide-mór de Bragança, e teve

14.°—*Alvaro Vasques Guedes.*

Casou com D. Anna Isabel de Mesquita, filha do desembargador Fernão de Mesquita, instituidor do vinculo da Sobreira no concelho de Souzel, e teve

15.°—*Gonçalo Vasques Guedes.*

Casou com D. Maria Pereira Pinto, filha e herdeira de Nuno Alvares Pereira Pinto, e teve

16.°—*João Pinto Pereira,* alcaide-mór de Ervededo. Casou com D. Isabel Pereira de Moraes Pimentel, sua sobrinha, e teve

17.º—*Gonçalo Vaz Pinto,* alcaide-mór de Ervededo. Do seu 2.º matrimonio com D. Isabel Botelho de Mesquita, da casa de Abbaças, teve

18.º—*Antonio Botelho de Mesquita,* fidalgo cavalleiro da casa real.

Do seu primeiro matrimonio com D. Anna Pereira de Moraes Sarmento, dama da duquesa de Bragança D. Luiza de Gusmão, depois rainha, mulher de D. João IV, teve

19.º—*Gonçalo Pinto Pereira,* F. C. R. capitão-mór de Villa Real e herdeiro de toda a casa de seus paes [1].

Casou com D. Francisca de Magalhães e teve

20.º—*Francisco Pereira Pinto Guedes, o ruivo.* [2]

Succedeu a seu pae na *casa do Arco* e mais bens, e foi cavalleiro da ordem de Christo, F. E. C. R. marechal de campo de auxiliares do terço de Villa Real, etc. Casou com D. Maria Pereira do Lago, natural de Braga, e teve muitos filhos, entre elles D. Francisca Pereira de Moraes Sarmento Guedes, que casou com Manuel de Mello e S Paio, M. F. C. R. morgado da Espinhosa na Beira, junto de Trovões,—e

21.º—*Miguel Pereira Pinto do Lago,* 6 º filho na ordem do nascimento, mas por morte do seu irmão Antonio succedeu na casa de seus paes e foi F. E. C. R. etc.

Casou 2 vezes, e do seu primeiro matrimonio com D. Catharina da Fonseca Leitão, filha do morgado d'Alcangosta, na Beira Baixa, teve

22.º—*Francisco Pereira Pinto d'Oliveira,* F. C. R. senhor da casa do Arco, etc.

Casou no Fundão com D. Maria Victoria de Brito, filha e herdeira de Manuel de Brito Homem, F. C. R. senhor do morgado de Figueiredo, na villa do Fundão, e teve

23.º—*Miguel Antonio Vaz Guedes Pereira Pinto,* M. F. C. R. etc.

Casou com D. Francisca Margarida Pereira Pinto de Magalhães, sua prima, e, além d'outros filhos, teve

24.º—*Francisco Vaz Guedes Pereira Pinto,* filho 2.º mas que succedeu na casa de seus paes por haver fallecido solteiro e sem successão o morgado.

Foi cavalleiro da Ordem de Christo, F. C. R., coronel de milicias, etc.

Casou duas vezes,—a 1.ª em Rezende com D. Marianna Victoria Pereira Coutinho de Vilhena, filha de Miguel Pereira Coutinho, F. C. R. etc., senhor da casa de Maças, Padronello, Gradiz, etc., e teve um filho, cujo nome ignoro e que falleceu sem successão.

Casou 2.ª vez com D. Anna Adelaide e Azevedo de Brito Malafaya, filha de D. Luiz Ignacio d'Athaide Azevedo e Brito Malafaya e de D. Maria Manuel Paim de Mello e S. Paio da Silva Telles.

Foi D. Anna Adelaide herdeira da casa de seus paes (senhores das honras de Barbosa, Athaide, Paredes, etc.) pela falta de successão de seu irmão D. Miguel (ou Manuel) de Athayde; e do seu casamento com Francisco Vaz Pereira Pinto teve, entre outros filhos:

25.º—*D. Miguel Vaz Guedes de Athayde e Azevedo Brito Malafaia,* moço fidalgo com exercicio, commendador da Ordem de Christo, senhor das honras de Barbosa e Athayde, administrador dos morgados do Arco, S. Miguel, Monte Bello, etc.

Casou duas vezes,—a 1.ª com D. Ludo-

---

[1] Suppomos que foi o que emprasou a *Casa do Arco.*

[2] Era 2.º sobrinho do rev. D. Francisco Pereira Pinto, deputado da mesa da consciencia, desembargador do paço, governador e administrador do priorado d'Alcobaça, inquisidor geral, agente dos negocios de Portugal na côrte de Madrid em tempo de Filippe IV de Hespanha, bispo eleito do Porto pelo mesmo intruso Filippe, etc.

Tomou posse do bispado do Porto em maio de 1640 e falleceu em 13 de janeiro de 1642, tendo feito em Lisboa, no dia 20 de abril de 1636, o seu testamento, no qual mandou que seus bens fossem vendidos em hasta publica e com o producto d'elles comprassem outros em Villa Real ou nas suas immediações, que seriam vinculados, e d'esse vinculo ou morgado nomeou herdeiro e primeiro administrador o seu 2.º sobrinho Francisco Pereira Pinto Guedes, filho de Gonçalo Pereira Pinto, supra mencionados.

Na *Casa do Arco* de Villa Real se conserva ainda hoje (1885) o retrato do instituidor d'este vinculo.

vina de Mello [1], filha de Lopo Vaz de Mello e S. Paio, F. C. R., filho 2.º da casa da Espinhosa, e de sua mulher D. Maria Victoria de Mello, senhora da casa de Gouvinhas;—e casou 2.ª vez com D. Margarida Pinto de Sousa, filha de Ayres Pinto de Sousa Coutinho, moço fidalgo com exercicio, capitão general dos Açores, governador das justiças da relação do Porto, do conselho de S. M., commendador d'Aviz, etc., e de sua mulher D. Maria do Carmo de Mendonça.

Do seu 1.º matrimonio teve D. Miguel Vaz os filhos seguintes:

1.º—*D. Francisco*, o primogenito, que segue.

2.º—*D. Frederico*, bacharel formado em direito, actualmente juiz da 2.ª vara civel, no Porto. Ainda solteiro.

3.º—*D. Miguel*, tambem bacharel formado em direito e recebedor na villa da Regoa,—casado e com successão.

4.º—*D. Antonio*, que já falleceu, tendo casado e deixando uma filha.

5.º—*D. Maria Angelina*, já viuva em segundas nupcias e sem successão.

6.º—*D. Maria dos Prazeres*, ainda solteira. [2]

7.º—*D. Maria Ludovina*, casada com José Leite, da casa de Paço de Sousa, com successão.

Do seu 2.º matrimonio teve D. Miguel Vaz Guedes os filhos seguintes:

8.º—*D. Mendo*, casado e com successão, rezidente em Valpedre, concelho de Penafiel.

9.º—*D. Ignez e*

10.º—*D. Sabina*, que falleceram solteiras.

11.º—*D. Sophia*. Casou com Luiz Ribeiro Souto Maior, da casa de Santa Eulalia, e falleceu deixando successão.

[1] Irmã de Antonio de Mello Vaz de S. Paio, de Gouvinhas, pae do sr. dr. Lopo Vaz de S. Paio e Mello, deputado ás côrtes, ministro de estado honorario, etc., um dos nossos mais distinctos e *mais novos* estadistas.

[2] Todos estes filhos nasceram na *Casa do Arco*—e os 5 restantes na de *Barbosa*, da qual já se fallou no vol. 1.º pag. 322, col. 1.ª V. *Canas*, vol. 2.º pag. 77, col. 1.ª—e *Rans* vol. 8.º pag. 48.

26.º—*D. Francisco Vaz Guedes d'Athayde Malafaia*, ainda solteiro e residente na sua *Casa e Honra de Barbosa.*

Largos e Praças

Além do espaçoso e formoso Campo do Tabolado, tem esta villa 5 largos,—o do *Conde d'Amarante*, de que já fizemos menção, no fundo do *Campo do Tabolado*,—o do *Hospital*, no chão onde estiveram a *Praça Velha* e os antigos paços do concelho, junto do *Hospital da Divina Providencia*,—o do *Pioledo*, onde se fez a egreja de Nossa Senhora do Carmo, [1] ao norte da villa,—e o do *Calvario*, o mais vistoso e alegre, onde se armam barracas e se faz uma parte da grande feira de Santo Antonio, no adro da egreja do Senhor do Calvario, a poucos metros de distancia da capellinha de Santo Antonio e no cimo do monte do Calvario, outr'ora monte de S. Sebastião, porque no mesmo largo, onde hoje apenas se vê a egreja do Senhor do Calvario, esteve durante seculos a capella de S. Sebastião, que foi demolida pelo dr. *Charrua*, como já dissemos.

A estes largos e campos tambem póde juntar-se o da *Senhora d'Almodêna*, junto da capella d'esta invocação, ao nascente de Villa Real, onde se faz a grande feira por occasião da festividade da Senhora d'Almodêna, como já dissemos tambem.

—

Emquanto a praças, além da de *Luiz de Camões*, onde se fazem os mercados semanaes, ao norte e no cimo do Campo do Tabolado e que é, como tambem já dissemos, parte integrante do dicto campo, tem esta villa a *Praça do Pelourinho*, assim denominada porque a meio d'ella se erguia o pelourinho, que foi removido não sabemos quando nem para onde.

Comprehende um pequeno chão quadrado e n'ella se vendiam doces, fructa, queijo, pão cosido, pescada, azeite, hortaliças e outros generos, entulhando as regateiras litteralmente a pequena praça e a rua proxima

[1] Esta egreja é rival da de *Santa Engracia*. Ainda está por concluir.

até o *Arco do Duque*, do qual tomou o nome a *Casa do Arco*.

No seculo XIV a taxa dos generos que se vendiam n'esta villa e na de Moncorvo era a seguinte:

Trigo,—alqueire	20	réis.
Centeio, »	15	»
Cevada, »	12	»
Milho (miudo), alqueire	12	»
Castanhas, alqueire	5	»
Vinho, almude	20	»
Patos, um	20	»
Cordeiros, um	20	»
Cabritos, um	20	»
Leitões, um	40	»
Frangão, um	7½	»
Mel, canada	20	»
Linho, uma pedra	50	»

N'esta praça, por ser pequena, quadrada e toda revestida de predios de dois andares, se representavam dramas, comedias, authos, farças e tragedias ao ar livre, antes de haver theatro n'esta villa. As janellas das differentes casas serviam de camarotes para as senhoras;—para os homens se faziam palanques inferiores ás janellas, em volta de toda a praça,—e dizem as minhas *Antiguidades* que por maior que fosse a concorrencia, mesmo nos dias das grandes festas publicas, *todos viam e ouviam bem as comedias*.

Assim se representou antigamente em outras villas e mesmo nas cidades, tanto no nosso paiz como nos estranhos, antes de se generalisarem os theatros. O d'esta villa se fez ha muito e n'elle costumam representar companhias dramaticas de profissão e sociedades de curiosos ou amadores, notando-se nos villarealenses grande propensão e pronunciada vocação para esta ordem de entretenimentos.

Tambem houve anteriormente junto da demolida casa da camara uma praça, denominada *Praça Velha*, onde se vendiam os artigos, cuja vendagem passou para a do Pelourinho,—e em tempos mais remotos houve outra praça na *villa velha*.

—

Os açougues estiveram sempre na pequena praça e rua do Rocio, ao nascente d'esta villa. Em 1721 eram 10, mas em tempos anteriores foram 15, sempre bem providos de carne fresca, pois por contracto ou obrigação que todos os annos renovavam na camara, cada um dos marchantes era obrigado a abater nas terças feiras e sabbados de cada semana duas até cinco cabeças de gado grande,—uma a duas nos outros dias até a quarta feira—e nas quintas matavam todos uma ou duas, em commum, de sorte que a villa era sempre mimosa de carne fresca de vacca, todos os dias de manhã e de tarde.

Tambem os mesmos marchantes costumavam abater carneiros, cevados e bodes capados para consumo da villa e termo, pois d'aqui foi sempre carne fresca para Sabrosa, Penaguião, Regoa, Provezende, etc.,—e ainda hoje vae d'aqui muita para todas estas povoações e mesmo para Lamego.

Desde tempos remotos até 1721 os preços taxados pela camara eram os seguintes:

Carne de bode, arratel	15	réis.
» de carneiro, arratel	20	»
» de vacca, arratel	30	»
» de porco, arratel	40	»

Estes preços, porém, mudaram consideravelmente com os tempos.

Hoje (1885) o arratel de vacca de segunda, ou com osso, custa 110 réis; o de 1.ª, ou sem osso, 140—e o de vitella 160 réis!...

Le monde marche.

Concluiremos este topico dizendo que por occasião da morte dos nossos reis se costumavam quebrar 3 escudos pelo presidente da camara,—o 1.º na dicta *Praça do Pelourinho*,—o 2.º junto á cruz do *Cabo da Villa* —e o 3.º junto do grande cruzeiro que esteve no *Campo do Tabolado*.

Tambem nos mesmos sitios e pela mesma ordem costumava fazer-se a acclamação dos monarchas, assistindo a camara, nobresa e povo.

Ruas

Já em 1721 contava esta villa 45 ruas, todas direitas, largas (?) e bem calçadas,—além de muitas travessas. Nas *Antiguidades de Villa Real* podem ver-se os nomes de todas;

não os mencionamos para não fatigarmos os leitores. Apenas diremos que em 9 de fevereiro de 1867 o governador civil Eduardo de Serpa Pimentel mudou os nomes de muitas, v. g.—a rua da *Fonte Nova* e a parte proxima do bairro de Almodêna é hoje *rua d'Almodêna;*—as do *Sabugueiro* e da *Fonte do Chão—rua da Fonte;*—a *calçada*—travessa *de S. Domingos;*—a rua da *Amargura—rua Municipal;*—a rua da *Praça Velha*—travessa da *Praça Velha;*—a rua da *Videira—rua do Tribunal;*—a rua principal da villa velha—*rua de S. Diniz,*—a rua da *Piedade* e parte da rua da *Cadeia—rua da Cadeia;*—a rua das *Flores*—rua das Flores (desde a do *Arco* até o *Pioledo*);—o *Largo da Praça—rua do Pelourinho;*—o bairro *de Santo Antonio*—rua de *Santo Antonio;*—da antiga estrada de Chaves o lanço junto do Calvario—rua do *Calvario;*—a rua de *Traz das Quintas*—rua do *Passeio Alegre;*—a rua das *Casas Novas*—rua da *Boa Vista* (desde a egreja matriz de S. Pedro até á *Carreira de Baixo*);—a do *Jogo da Bola*—rua da *Alegria:*—as do *Cabo de Villa* e de *S. João da Fraga*—rua de *S. João;*—a da Barroca—rua do *Prado;*—a dos Vazes—rua da *Roza;*—a de Baixo—rua do *Corgo;*—a de Alem da Ponte—rua da *Guia;*—a Larga ou do Poço—rua *Central;*—a das Pedrinhas—rua de *S. Paulo;*—a travessa das Pedrinhas—travessa de *S. Paulo;*—as da Portella e Misericordia—rua da *Portella* (desde o ponto onde se encontram as ruas do *Poço* e da *Ferraria* até o Aljube);—a das Adegas—*travessa da Portella;* a de Traz da Misericordia—rua da *Misericordia;*—a do Rocio—*travessa do Rocio;*—a do Caminho de Baixo—*rua do Rocio;*—a rua da Vinagreira—*travessa da rua Nova;*—a rua Escorregadia—*travessa da Trindade;*—e o Campo do Tabolado—*Praça Luiz de Camões, Largo do Chafariz* e *Largo do Conde d'Amarante!...*

Imaginem-se as difficuldades que tantas alterações de nomes causarão no futuro a quem pretenda verificar a situação e confrontações dos predios rusticos e urbanos d'esta villa.

—

Concluiremos este topico dizendo que a nova estrada a macadam que da Regoa conduz a esta villa por Santa Martha de Penaguião e a que vem d'Amarante pela Campian, fazem juncção em Parada de Cunhos, formando ali uma só, que passa o Cabril na *Ponte d'Almodêna* e depois atravessa esta villa pela *rua da Fonte Nova,—Largo do Conde d'Amarante—Praça do Pelourinho,—rua do Arco,—rua de S. Jacintho,*—egreja matriz de S. Pedro—e *Carreira;*—um pouco adiante ramifica-se em duas—uma segue pela margem direita do Corgo para Villa Pouca d'Aguiar, Pedras Salgadas, Vidago, Chaves e Verim,—a outra passa o Corgo na ponte da Timpeira e um pouco mais adiante se ramifica em duas tambem,—seguindo uma para Bragança por Murça, Mirandella, e Macedo de Cavalleiros—e a outra para Freixo de Espada á Cinta por Sabrosa, Favaios, Alijó, S. Mamede de Riba Tua, Anciães, Villariça, etc.

Carreira de Baixo e Carreira de Cima, ou Jardim Publico

Sendo bastante ingreme o monte do Calvario, mas pittoresco e muito vistoso, conceberam em 1782 os villarealenses o projecto de o embellesarem,—fazendo dois grandes comoros ou passeios publicos arborisados na pendente leste do dicto monte, parallelos e immediatamente inferiores ao adro ou planalto da capella do Calvario. Deram principio ás obras em 1784, sendo ouvidor José Duarte da Silva Negrão, e juiz de fóra e presidente da camara Bernardo d'Abreu Castello Branco, natural de Vizeu,—e em 1815 se completou o desaterro e o grande muro de supporte,—plantaram-se arvores nos dois socalcos,—fez-se no *de cima* uma fonte que custou 600$000 réis—e se collocaram nos dois passeios bancos de pedra.

A estes dois grandes socalcos ou passeios publicos se deu o nome de *Carreira de Cima* e *Carreira de Baixo,* hoje simplesmente *Carreira,*—ampla e formosa avenida de Villa Real por este lado, atravez da qual passa a nova estrada a macadam para Chaves, Bragança e Freixo d'Espada á Cinta.

N'esta *Carreira* ou avenida há um grande chafariz, que foi feito em 1738, com a impor-

tante somma de 2:000$000 réis que D. João V cedeu para este fim;—foi reformado e ampliado o dicto chafariz em 1820,—e em 1856 se fizeram junto d'esta fonte os dois lanços de escadas que hoje communicam a *Carreira* com o socalco immediatamente superior, que foi por essa occasião transformado em *jardim publico*, arrancando-se o arvoredo plantado em 1815, povoando-se de novas plantas e flores e fazendo-se a meio d'elle uma grande taça com repucho.

Em 1871 se vedou este jardim com um grande portão de ferro, do lado sul, ou da villa;—na extremidade opposta se vê um bom chafariz com duas bicas e um largo tanque;—a meio a grande taça com o repucho;—junto d'esta um bonito pavilhão com bancos de cortiça, armado sobre um poste de sobro que se ergue do centro;—occupa o jardim um quadrilongo, perfeitamente plano e symetrico;—está muito bem tractado e bem povoado de flores e plantas—e tem ar purissimo e largas e interessantes vistas sobre a *Carreira* ou avenida que lhe fica ao sopé, sobre o extincto convento franciscano, hoje quartel militar, e sobre grande extenção das provincias de Traz os-Montes e da Beira, avultando a tres kilometros de distancia o elegante e magestoso *palacio de Matheus.*

Aljube

Teve esta villa um *aljube*, que era da jurisdicção ecclesiastica, muito antigo e que se tornou inutil desde que em 1836 (?) se extinguiu entre nós o foro ecclesiastico.

Foi vendido em hasta publica e arrematado pelo negociante Anselmo Pereira Bahia, que o principiou a demolir em 7 de julho de 1869 e com a pedra d'elle fez o *Hotel Tocaio* em uma parte do chão que occupou o extincto convento de S. Domingos.

Demorava o aljube um pouco a juzante da cadeia, na rua d'este nome, que parte da Praça do Pelourinho,—segue para o sul—e ia direita á porta da entrada das casas que foram dos alcaides-móres.

Pontes

Ha junto d'esta villa tres pontes e são as seguintes:

1.ª—*De Almodêna*, que tomou o nome da capella de Nossa Senhora d'Almodêna, contigua.

Demora ao poente de Villa Real sobre o Cabril, na estrada nova a macadam que em Parada de Cunhos se ramifica em duas—seguindo uma pela Cumieira e Santa Martha de Penaguião para a Regoa—outra por Candomil [1]. e Campeã para Amarante, onde ambas fazem outra vez juncção (em Padronello) seguindo para o Porto.

Ambas foram de grande transito e servidas por diligencias; mas, depois que se fez a linha ferrea do Douro, todo o movimento entre o Porto e Traz-os-Montes convergiu sobre a estação da Regoa,—acabaram as diligencias entre a Regoa e o Porto—e entre Villa Real e Amarante. Sustentam-se—e com maior movimento ainda—as diligencias entre a Regoa e Villa Real, mas estas tambem por seu turno cessarão logo que se construa a projectada e bem necessaria linha ferrea do valle do Corgo.

—

No dia 27 d'agosto de 1857 se deu principio aos caboucos para a construcção da actual ponte *d'Almodêna*;—no dia 23 d'outubro do mesmo anno se lançou a 1.ª pedra na sapata da margem direita do rio;—a 29 de julho de 1858 se principiou a sapata da margem esquerda;—em 18 d'abril de 1859 se começou a demolir a velha ponte que estava no mesmo rio, um pouco a montante da nova, para se empregar n'esta a esquadria da velha, que era muito mais baixa e de fabrica mais humilde, mas por ella passava a antiga estrada do Porto pela Regoa e por Amarante tambem. [2]

A nova ponte atravessa o Cabril,—foi feita pelo governo,—tem um só arco—e custou dezesete contos de réis.

---

[1] *Candomil*, é a terra natal do rev.mo sr. dr. Antonio Candido, deputado ás côrtes, distinctissimo lente de direito na Universidade de Coimbra e um dos primeiros tribunos e oradores do nosso paiz.

[2] V. n'este vol. 10.º o art. *Villa Cova*, pag. 703, col. 1.ª—onde já se descreveu a *velha* e a *nova* estrada de Amarante para Villa Real, pelo Marão.

2.ª—*Ponte da Timpeira* sobre o rio Corgo, a E. N. E. de Villa Real.

Foi tambem feita pelo governo;—teve principio em 20 de maio de 1863—e por ella passa a nova estrada a macadam que um pouco mais adiante se ramifica para Murça, Mirandella e Bragança—e para Sabrosa, Favaios, Alijó e Freixo de Espada á Cinta, esta ultima ainda por concluir, mas já servida por diligencias até Sabrosa.

3.ª—*Ponte de Santa Margarida*, tambem sobre o Corgo e a leste de Villa Real, no fim da rua *De Baixo* e da dos Ferreiros, junto da Capella de Santa Margarida, da qual tomou o nome.

Por esta ponte passa uma estrada municipal que liga esta villa com as propriedades, quintas e parochias da margem esquerda do Corgo a leste e sueste de Villa Real. Outr'ora a passagem era feita em uma barca, um pouco a montante da ponte; mas, como no inverno o Corgo é medonho e caudaloso e a passagem na barca fosse perigosissima, fez-se em 1490 a primeira ponte, no mesmo sitio da actual, com o producto de uma derrama de 600 réis lançada a cada morador da villa, distinguindo-se tambem por essa occasião o benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro, abbade de Mouçós, tantas vezes citado n'este artigo, pois não só deu, em vez dos 600 réis—*quatrocentos mil réis*—para a conclusão da dicta ponte,—somma *fabulosa* n'aquelle tempo, mas ainda, como já dissemos, mandou reconstruir á sua custa a capella de Santa Margarida!...

No topico dos *Villarealenses illustres* daremos a D. Pedro de Castro o logar d'honra que merece.

—

A ponte de 1490 media 240 palmos de comprimento e 25 de largura;—era de um só arco e muito solida; mas em 1842, achando-se desaprumada e bastante arruinada com o peso dos seus 352 annos, foi reconstruida pelo governo, como hoje se vê, ficando mais alta do que a primeira, que em parte foi demolida *a fogo*,—tal era a solidez da sua construcção!...

No momento ha o projecto de substituir esta ponte por outra, no mesmo local ou a pequena distancia, mas muito mais alta, ligando o morro de S. João da Fraga, na margem direita do Corgo, ao da *Raposeira*, na margem esquerda, ambos muito ingremes e aprumados sobre o rio, que n'estas paragens medonhas corre fundo por entre penedia escalvada e nua.

Já foi feito o projecto da nova ponte pelo sr. Paulo de Barros, distincto engenheiro, para passagem da nova estrada districtal a macadam d'esta villa á foz do Corgo, junto da Regoa, pela margem esquerda d'este rio, tocando em Villarinho dos Freires e em outras muitas povoações, ou approximando-se d'ellas.

Deve ser uma ponte monumental!

Feiras

Antes da fundação de Villa Real houve—desde tempos muito remotos—em Constantim, antiga capital de Panoias, uma feira tão importante que a dicta povoação era mais conhecida pelo nome de *Feira*, do que pelo de *Constantim*—e só a dicta feira no seculo XIII lhe dava alguma importancia.[1]

No foral que D. Sancho I deu a *Souto de Panoias* no anno de 1196, manda que cada uma das quatro courellas de que esta herdade se compunha, lhe pagaria annualmente *seis quarteiros*, metade centeio e metade milho—*per mensuram feriae de Constantim, quae hodie ibi est*—ou pela medida da feira de Constantim que ja n'aquelle tempo—1196—ali se fazia. *Livro dos Foraes Velhos*, citado por Viterbo, no artigo *Feira*, o 2.º

E que esta feira absorveu o nome de Constantim se vê do foral que lhe deu D. Sancho I em 1194, segundo se lê em uma das copias das *Antiguidades de Villa Real*,—e das inquirições d'el-rei D. Diniz, de 1290, relativas a S. Miguel de Poiares, n'aquelle tempo do julgado de Panoias e hoje freguezia do concelho da Regoa, pois nas dictas inquirições se devassaram varios casaes e se mandou que todos fossem ao *Joizo do Joiz*

---

1 V. *Constantim* e n'este vol. 10.º as pag. 936, col. 2.ª—939 e 946, col. 2.ª tambem.

da Feira, tanto os do Spital,[1] *come os outros e entre hy o Porteiro, e nom tragam hy Chegador.* Viterbo, log. citado.[2]

—

Era pois muito antiga e muito importante a feira de Constantim, mas, quando se fundou Villa Real, foi supprimida (segundo suppomos) e passou para esta villa, como se deprehende do foral de D. Diniz de 1289, supra.

N'elle se lê (pag. 943, col. 2.ª): «E vós pobradores de Villa Real debedes haver feira uma vez no anno por Santa Maria d'Agosto, e ser coutada (franca) 15 dias antes e 15 dias depois, como a da Guarda;—e debedes haver feira de mez em mez, no terceiro dia depois da de Chaves; e deve durar dous dias, assim como a de Chaves.»

E mais adeante (pag. 944, col. 1.ª):—«E não haja venda de regatia nem uma, nem seus *feiraes* (feiras ou mercados) até uma legoa a cada parte (em redor) de Villa Real...»

—

Vê-se pois claramente que esta villa teve desde a sua fundação (1289 a 1293) uma feira annual a 15 d'agosto, mas que durava e *era franca* todo o mez,—e outra feira mensal que durava dois dias.

Foram estas duas as primeiras feiras de Villa Real e que deram o ultimo golpe na povoação de Constantim, pois D. Diniz não só concentrou em Villa Real a séde e as justiças de toda a terra *de Panoias*, que estavam em Constantim, mas supprimiu a feira ou feiras d'esta povoação, porque prohibiu todas e quaesquer feiras até uma legua de distancia de Villa Real, e a povoação de Constantim n'aquelle tempo era com certesa comprehendida na dicta legua, como adiante mostraremos.[1]

Suppomos até que D. Diniz, muito de proposito marcou o raio de uma legoa—para comprehender e aniquilar Constantim e engrandecer Villa Real.

—

Não sabemos a sorte que as dictas feiras correram—nem quando ou porque motivo terminaram, pois nem as *Antiguidades de Villa Real* nos dão noticia d'ellas;—o que sabemos é que por alvará de 23 de março de 1648 D. João IV[2] concedeu aos villarealenses uma feira franca nos dias 12, 13 e 14 de junho.

É esta a unica feira d'anno, denominada de *Santo Antonio*, que ha muito se faz em Villa Real. Em outros tempos durava 15 dias e foi uma das mais importantes da provin-

---

[1] Referiam-se á parochia de S. Miguel de Poiares, que era dos cavalleiros do Hospital ou da ordem de Malta.

Foi uma das commendas mais importantes d'esta ordem.

V. *Poiares* (a 2.ª) vol. 7.º pag. 117, col. 1.ª n'este diccionario—e no supplemento.

[2] Em vista do exposto mal póde crer se o que dizem as *Memorias d'Anciães* (pag. 936, col. 2.ª supra)—que Panoias, antes da fundação de Villa Real, era um julgado de Anciães,—pois em 1290, quando se estava construindo Villa Real, ainda a terra de Panoias obedecia ao *Joizo do Joiz da Feira*, ou de Constantim. E, estando nós folheando *ha annos* todos os livros, folhetos, jornaes e manuscriptos que nos cercam e que formam uma boa collecção sobre a especialidade—só nas *Memorias d'Anciães* encontrámos até hoje um tal asserto.

O mesmo acaba de dizer-nos uma das nossas primeiras summidades litterarias, que viveu em Villa Real muitos annos e que ali tem parentes proximos.

[1] Antigamente contavam 2 leguas de Villa Real á Regoa, o que hoje dá 26:758 metros. Correspondia pois uma das dictas leguas a 13:379 metros,—e Constantim dista hoje de Villa Real apenas 7:995 metros. Alem d'isso, o dr. João de Barros, na sua *Geographia* de 1548, é claro n'este ponto, pois diz: «Está a *uma legua* d'esta villa de Villa Real uma aldeia que chamam Constantim...»

[2] As *Antiguidades de Villa Real* que foram do Jeronymo *Latagão* dizem *D. João IV*;—as minhas dizem *D. João V*—e ambas lhe assignam a data de 1668!...

Tanto um codice como o outro claudicam n'este e em outros muitos pontos e não temos á mão o alvará para resolver a questão.

Em ambos os codices ha erro, pois em 1668 governava o infante D. Pedro como regente, em nome de seu irmão D. Affonso VI;—D. João IV governou de 1640 até 1656—e D. João V de 1706 até 1750.

Deus nos dê paciencia para aturarmos os copistas.

cia, mas hoje com os progressos da nossa viação e da facilidade de communicações,[1] vão em pronunciada decadencia todas as feiras e esta já dura apenas oito dias. O que a sustem e ampara ainda é a feira de gado cavallar, muar e azinino, e sobre tudo o jogo do *monte* e da *roleta*, que por essa occasião assola a villa escandalosamente!...

Esta feira tomou o nome de *Feira de Santo Antonio* por ser feita junto da capellinha d'esta invocação, no monte do Calvario, por occasião da grande festa e romagem de Santo Antonio.

Em 1746, por mandado do juiz de fóra, se transferiu para a *Carreira*, ao sopé do monte do Calvario, e ahi se fez dois annos; mas, por ser o sitio pouco espaçoso, el-rei D. João V, por alvará de 2 de março de 1748, a requerimento de José Pinto da Cunha, juiz da irmandade de Santo Antonio, a transferiu outra vez para o Calvario e ali se faz ainda hoje, exceptuando a do gado cavallar, muar e azinino, que sempre se fez e faz no *Campo do Tabolado.*

Culto e festividades religiosas

Muito poucas das nossas cidades e nenhuma das nossas villas póde sustentar confronto com Villa Real na pompa do culto e das festividades religiosas.

Parece incrivel que uma povoação como esta não só construisse tantos conventos, egrejas e capellas e fundasse tão grande numero de irmandades e confrarias, mas conservasse todos os seus templos publicos e particulares sempre limpos e mesmo asseados e desse cumprimento a milhares de missas instituidas nos seus diversos templos por differentes legados, que enchem muitas paginas das *Antiguidades de Villa Real*, não contando as missas celebradas por devoção; maior espanto causa porém ainda o apparato das suas festas religiosas.

Achando-se esta villa em grande decadencia por causa da invasão phylloxerica, praga medonha que aniquilou barbaramente, como logo diremos, a maior parte dos vinhedos do Douro, orgulho e riqueza principal d'esta villa, ainda no ultimo anno (1884) os villarealenses fizeram uma funcção pomposissima ao Senhor do Calvario, nos dias 24 a 30 de junho.

—

A convite dos mordomos foi expressamente de Braga assistir á grande festa s. ex.ª rev.ᵐᵃ o sr. arcebispo primaz D. Antonio de Freitas Honorato, que pelo prestigio do seu nome e das suas virtudes e por ser o primeiro arcebispo que desde .... visitava esta villa e n'ella fez a sua entrada solemne, deu grande relevo á festividade e attrahiu numeroso concurso de fieis de muitas legoas de distancia.

Nos dias 25 e 26 administrou s. ex.ª o Chrisma a 5:000 pessoas, e no dia 28 a 1:500 na egreja de S. Domingos, e no dia 29 foi á egreja do recolhimento chrismar as recolhidas e outras muitas pessoas.

No dia 26 distribuiram-se vestidos a 50 pobres na egreja de S. Francisco, pregando o rev. conego e dr. Alves Mendes, do Porto, um dos mais eloquentes oradores de todo o nosso paiz na actualidade,—e no dia 27 celebrou o rev. arcebispo na mesma egreja solemne pontificial, sendo em todos os dias verdadeiramente extraordinaria a concorrencia do clero, nobresa e povo nos templos, nas ruas e nas praças.

Não podemos alongar-nos com os pormenores da grande festa, mas podem ver-se nos jornaes que ao tempo se publicavam n'esta villa.

—

Ainda tambem no meiado d'este seculo, quando appareceu no Douro o *oidium tukeri*, se fez outra festa ao senhor do Calvario, não menos apparatosa, invocando a protecção divina contra o flagello do *oidium.*

E n'essa grande festividade se distinguiram particularmente os villarealenses, dando provas do seu genio inventivo e da sua propensão para as grandes festas, pois quando em outras muitas povoações do Douro se faziam procissões de penitencia, aqui celebraram um *Te-Deum* e fizeram em seguida uma procissão imponente com muitas figuras:

1.ª—*Villa Real*, vestida de guerreiro, mon-

---

[1] Veja-se o artigo *Vias Ferreas.*

tada em um soberbo cavallo ricamente ajaesado e guiado por um pagem.

2.ª—*O Douro*, representado por um ancião, tambem a cavallo e guiado por outro pagem.

3.ª—*A Fé, Esperança e Caridade* em um apparatoso carro com a forma de navio.

4.ª—*Santa Martha*, protectora das vinhas, em outro grande carro com anjos cantando hymnos.

5.ª—*Nossa Senhora da Conceição* em outro carro, cercada por córos d'anjos.

6.ª—*Os 12 apostolos.*

7.ª—*O Senhor do Calvario* em outro carro com anjos entoando hymnos.

8.ª—Muitos anjos incensando o Santissimo Sacramento.

Completaram a grande festa differentes bandas de musica, fogo solto e preso, illuminação geral, danças, descantes, etc.

Em quanto que nas outras terras imploravam a misericordia divina os durienses com os pés nús, vestidos d'alvas, coroados de silvas, carregando aos hombros alavancas de ferro, ou penedos, e de costas nuas se iam disciplinando e cantando o *miserere*,—os villarealenses cantavam o *Te-Deum* e faziam espectaculosa procissão, illuminações e folias!... Mas, pondo de parte a exquisita forma de rogar a Deus, quem quizer ver funcções brilhantes e um povo alegre e sympathico nas manifestações do regosijo publico, dirija-se a Villa Real.

—

Tambem costumam ser notaveis n'esta villa as funcções de *endoenças*, proprias da semana santa, e foi muito digno de especial menção o *descimento da cruz*, em 1807.

Armaram e levantaram com grande dispendio e muito engenho o monte do Calvario na *Carreira*, ao sopé do monte que tem o mesmo nome de Calvario e, dando expansão ao genio que lhes é proprio, metteram na lugubre tragedia nada menos de quarenta figuras biblicas, representando os patriarchas, os profetas e os reis do velho testamento, Adão, a guarda pretoriana, os vultos mais salientes da nova lei, etc.

Não ha na provincia memoria de *descimento da cruz* tão solemne e apparatoso!

A concorrencia do povo, segundo se lê em apontamentos da epoca, excedeu a setenta mil pessoas!...

Faltaram os alimentos para tanta gente; alguns dos habitantes da villa subscreveram com centos de mil réis—e outros mandaram ir vestuarios proprios do Porto e de Braga.

Posteriormente se fez tambem n'esta villa com grande pompa outro *descimento da cruz*, segundo o plano dado pelo rev. José Justino de Carvalho, vulgo padre José da *Botica*, homem de grande habilidade, tio do sr. conselheiro Guilhermino Augusto de Barros, hoje director geral dos nossos correios e telegraphos.

Tambem foram estrondosas e custaram muitos contos de réis as festas que se fizeram n'esta villa quando se installou definitivamente a irmandade de Nossa Senhora do Carmo. D'ellas já fizemos menção; mas entre todas as festividades religiosas d'esta villa occupou sempre o logar d'honra a procissão de *Corpus Christi*, hoje muito decadente. Para que se não perca a memoria do que foi, dedicar-lhe-hemos, como bem merece, um topico especial:

Procissão do Corpo de Deus

No dia da festa iam assistir á missa, occupando as suas cadeiras proprias reservadas, na egreja de S. Diniz, os vereadores, presididos pelo juiz de fóra, o procurador do concelho, o provedor, o escrivão da camara, todos com as suas varas, os quaes recebiam cada um sua tocha de 4 arrateis.

Assistiam tambem á festa e acompanhavam a procissão os cavalleiros das differentes ordens e o clero da villa e termo até uma legoa de distancia.

Terminada a missa solemne seguia-se a procissão, cujo programma official era em resumo o seguinte:

1.º—O carro que davam os hortelões, ornado de frondosos e altos ramos, dos quaes pendiam em profusão fructas e hortaliças de todo o genero.

2.º—O gigante que davam os surradores, caprichosamente vestido.

3.º—O dragão com sua dama, dados pelos sapateiros e cortidores.

4.º—S. Christovam com fórmas de gigante, dado pelos *imaginarios* (esculptores que trabalhavam em imagens)—e, não os havendo na villa, era dada esta figura pela camara.

5.º—Dois cavallinhos *fustes* (?) feitos com muita galanteria e dados pelos alfaiates.

6.º—A *dança dos diabretes*, composta por 16 figuras symbolicas, ensurdecendo os ares com instrumentos extravagantes.

Era dada pelos almocreves.

7.º—A *dança dos moleiros*, dada por estes e comprehendendo tambem 16 figuras d'homens e mulheres, todos muito aceados, levando cajadinhas na mão e na frente uma bandeira de damasco branco.

8.º—A *dança dos carpinteiros*, dada por estes e composta de 18 figuras d'homens e mulheres, representando gallegos com suas vestes proprias, cantando e dançando no estylo dos filhos de Tuy, ao som de instrumentos e musica da Galliza, e levando na frente uma bandeira de damasco amarello com seus cordões e borlas.

9.º—A *dança dos alfaiates*, dada por estes, vestidos de *Ninfas*, cantando e dançando o *arromba, arromba*, com toda a honestidade (?!...) [1]

Na frente d'esta dança ia o *rei dos alfaiates* com manto e corôa!...

A bandeira era de damasco verde.

10.º—A *dança dos sapateiros*, dada por estes, com sua bandeira de damasco vermelho e uma folia de musicos pretos.

Na frente iam dois sapateiros vestidos á cortezan, com mantos e corôas, representando o rei e o imperador d'este officio.

11.º—A *dança dos ferreiros*, dada por estes, com sua bandeira de damasco vermelho.

A dança era formada por 12 homens e 12 mulheres, mais um homem que ia dançando no meio da turma. Era *dança de primor* e davam a musica as regateiras do peixe e os sombreireiros.

12.º—*S. Jorge* em um soberbo cavallo, com outros de redea, muito bem ajaesados e formando o seu estado maior.

Acompanhavam-o, dando repetidas descargas (?) e ricamente fardados e formados, os espingardeiros, serralheiros, ferradores e ferreiros, os quaes todos em commum davam o dicto santo.

13.º—Seguiam-se os 4 juizes e procuradores do povo com as suas varas.

14.º—A bandeira da camara, levada pelo vereador mais velho do ultimo anno, a meio dos 2 almotaceis, acompanhado pela nobreza da villa.

15.º—O andor de Santa Catharina com suas romeiras, dado pelos estalajadeiros.

16.º—Duas *pellas* (?) ricamente vestidas, com sua *matrona*, dadas pelos padeiros e tecedeiras, dançando ao som de uma gaita de folle.

17.º—O andor da rainha Santa Isabel, dado pelos tendeiros e acompanhado por uma vistosa dança de romeiros d'ambos os sexos.

18.º—O andor do Menino Jesus, dado pelos picheleiros.

19.º—Os mercadores e homens de negocio em duas alas com grandes tochas na mão e caprichosamente vestidos á cortezã.

20.º—As 13 cruzes das 13 freguezias até o raio de uma legoa.

21.º—Todas as confrarias e irmandades das egrejas e capellas da villa, com as suas cruzes e guiões, e os irmãos com as suas tochas e opas.

22.º—As communidades de S. Francisco e S. Domingos, com as suas cruzes e habitos

---

[1] Pelos annos de 1838 a 1840 formou-se na minha freguezia da Penajoia, em frente das *Caldas do Moledo*, uma banda de musica tristemente celebre.

Tocava muito bem, tinha um lindo uniforme e era composta quasi toda de moços de boas familias, alguns ordinandos e *dois padres*, mas descambou em uma quadrilha de salteadores que, depois de cobrirem de vergonha a freguezia, morreram quasi todos nas cadeias e na Africa.

Resta hoje apenas um!...

Eram os taes senhores muito tractaveis e folgasãos, pelo que repetidas vezes na quadra balnear iam em barcos muito garridos, alguns com senhoras, tocar para o Douro e entreter os banhistas do Molledo. Estava ainda então em voga á tal modinha do *arromba* e, andando elles certo dia muito descuidados no Douro, tocando e cantando o tal *arromba*, o barco bateu em uma pedra e *se arrombou!...*

A coisa ia sendo muito seria e se tornou fallada, mas não passou do susto.

proprios, seguindo-se todo o clero da villa e seu termo até uma legoa de distancia,—a cruz da egreja parochial de S. Pedro,—depois a da egreja de S. Diniz,—os cavalleiros [1] das differentes ordens, com seus mantos,—os 10 vereadores dos tres ultimos annos, todos com as vestes proprias e espadas á cinta,—depois o palio, e por ultimo os ministros da justiça e os officiaes da camara.

Sahia a procissão da egreja de S. Diniz,—ia até o alto da villa,—atravessava o campo do Tabolado — e recolhia-se á mesma egreja.

Mais ainda

Logo de manhã todas as danças, folias e figuras que haviam de abrilhantar a procissão, percorriam a villa parando á porta dos ministros da justiça e officiaes da camara, executando os seus bailados e motetes;—de tarde iam em grande formatura para o Campo do Tabolado cantar e dançar—e terminavam as grandes festas por uma corrida de touros no mesmo campo, dados pelos carniceiros.

A procissão do Anjo Custodio era em tudo igual á do Corpo de Deus—e a camara dava premios aos que mais se distinguissem nos bailados e folias e nas corridas dos touros.

Tambem a camara festejava pomposamente a rainha Santa Isabel com procissão em que iam os vereadores e ministros da justiça com as suas varas, os misteres com as suas bandeiras (excepto as danças) e as cruzes *de legoa a dentro*, mas só o clero da villa. Entrava na egreja de S. Domingos e ali os frades celebravam missa solemne com sermão, que era um dos *da taboa*. [2]

Igual procissão fazia a camara no dia 1.° de dezembro, em acção de graças pela feliz revolução de 1640.

[1] Ha memoria de se reunirem 16!...

[2] Assim se denominava nos conventos um certo numero de sermões, por estarem inscriptos em uma tabella ou taboa. Eram gratuitos e obrigatorios—e os pregadores recebiam da communidade apenas uma leve gratificação,—ordinariamente um prato de arroz doce.

Tambem na manhã de S. João os vereadores e ministros da justiça, levando todos as suas varas e na frente a bandeira da camara, hasteada pelo vereador mais velho do ultimo anno, costumavam ir em luzida e brilhante cavalgada até á egreja de S. João d'Arroios, distante cerca de 2 kilometros,—mandavam celebrar ali uma missa,—distribuiam alguns doces—e regressavam á villa com o mesmo apparato pelo adro da egreja de S. Pedro, Campo do Tabolado e rua do Espirito Santo até á porta dos paços do concelho, onde terminava o passeio.

Familias nobres do termo de Villa Real, anteriores á fundação d'esta villa

Antes da fundação de Villa Real já muitas familias nobres viviam nas terras adjacentes. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—A da *Casa d'Anta*, que foi de Gonçalo Annes de Contreiras, casado com D. Maria Affonso, dos quaes descendeu Fr. Miguel de Contreiras, frade trino, confessor da rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Tornou-se muito notavel e benemerito da humanidade aquelle religioso por inspirar á mencionada rainha a fundação das *Misericordias* no nosso paiz.

Estes *Contreiras* foram senhores das honras de Andrães e Quintella, junto de Villa Real, e ali tiveram, e não sabemos se ainda existe, uma torre feudal acastellada e com ameias. Possuiam tambem Justes e a Torre de Pinhão, no concelho de Sabrosa; mas a sua casa principal era a de Andrães.

Uma das avós do sr. visconde de Villarinho de S. Romão, morador no seu Paço do Carregal no Porto, [1] era D. Isabel de Contreiras, ramo dos Contreiras da casa d'Anta, uma das mais nobres d'este districto.

2.ª—*Macedos Teixeiras Coelhos*, ascendentes de Gonçalo Chrystovam, o martyr das Prisões da Junqueira, já mencionado no topico relativo á *Capella de S. Braz*, pag. 948 col. 2.ª

[1] V. *Miragaya*, vol. 5.° pag. 267, col. 2.ª—e *Villarinho de S. Romão.*

3.ª—A da casa da dicta *Torre de Quintella*, pertencente aos condes de Vimioso.

4.ª—A da *Torre d'Arrabães*, solar dos Menezes.

5.ª—A de *Silvella*, na aldeia das *Botelhas*, da qual procedia o grande D. Paio Correia.

6.ª—A da quinta de *S. Paio* (na freguezia de Mouçós) que foi dos condes de Rezende e em 1467 doada por Vasco Martins a D. João Page, de quem procedeu Martim Vaz de S. Paio, fallecido em 1595 e que jaz na capella-mór da Senhora de Guadalupe. Descendem d'elle os Mellos e Castros, morgados de *S. Paio*.

A dicta casa é hoje do descendente de Martim Vaz de S. Paio,—Francisco Barbosa da Cunha Souto Maior, residente na sua quinta da *Fontainha*, em Estarreja.

Além da quinta de S. Paio eram d'esta nobre familia os vinculos de Salreu e da *Ilha de D. Cecilia*, [1] junto de Estarreja, mas, depois de grandes demandas, estes dois vinculos passaram para Francisco Barbosa da Cunha e Mello (primo direito de Francisco Barbosa da Cunha Souto Maior) que tinha casa em Celeirós e ali viveu muitos annos. Hoje pertencem ao seu neto Antonio Augusto Barbosa da Cunha e Mello, bacharel formado em direito, residente em Estarreja.

Uma filha de Francisco Barbosa da Cunha e Mello,—D. Maria das Dores,—casou em Provezende com o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite, da nobre *Casa do Santo*, n'aquella villa, um dos proprietarios mais abastados e mais illustrados do Alto-Douro.

É vogal da commissão anti-phylloxerica do norte e a s. ex.ª se deve a generalisação das videiras americanas no nosso paiz, das quaes se espera a reconstituição dos vinhedos do Alto-Douro, hoje quasi completamente anniquilados pelo phylloxera.

Possue s. ex.ª já cerca de 30:000 pés de vides americanas, que est'anno de 1885, apesar de muito novas, produsiram cerca de 20 pipas de vinho, tractando s. ex.ª de augmentar a plantaçao e esperando colher em praso breve 200 a 300 pipas,—vinho que hoje não produzem muitas freguezias do Alto-Douro reunidas!...

[1] Não é propriamente uma *ilha*, mas uma porção de terreno plano, cortado e cercado de vallas.

Alcaides-Mores

Fundada esta villa—ou talvez ainda durante a sua fundação — mandou de Lisboa D. Diniz tres fidalgos da primeira nobreza para o regimen d'ella. Foram Pedro Affonso Cam, [1] Alvaro Rodrigues Taveira e Affonso Botelho, o *velho*.

O 1.º foi encarregado *das coisas da republica*,—tinha o seu solar no Minho,—casou n'esta villa com D. Briolanja da Nobrega [2] —e d'elles descenderam muitas pessoas distinctas, entre ellas Diogo Cam, descobridor do Zaire, os *Nobregas*, ainda hoje (1885) rezidentes n'esta villa, etc.

O 2.º casou tambem e foi como o 1.º encarregado *das coisas da republica*;—ao 3.º deu D. Diniz *de jure e herdade* para si e seus descendentes o cargo de alcaide-mór.

Foram estes os primeiros fidalgos de Villa Real e a elles com o andar do tempo se seguiram outros muitos,—uns seus descendentes, outros estranhos,—tornando-se esta villa um alfobre de nobresa, em manifesta contravenção do 1.º foral de D. Diniz. V. pag. 942.

Logo volveremos ao assumpto e agora indiquemos alguns dos seus alcaides-mores:

1.º—*Affonso Botelho*, o velho, tronco de grande parte da nobreza de Traz-os-Montes e da do Minho e Beira. [3]

[1] Assim se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, mas D. Antonio Caetano de Lima lhe dá nome de *Alvaro Pires* Cam.

[2] Vê-se pois que não foi Domingos Gaspar da Nobrega o 1.º que usou d'este appellido, como se disse no vol. 6.º art. *Nobrega*, pag. 102.

[3] Descendia de Pedro Martins Botelho, fidalgo muito honrado, 3.º neto de Paio Mogudo de Sandim, *o velho*.

Este Affonso Botelho morreu em Africa, na infeliz batalha em que pereceu tambem D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, de quem já se fallou largamente nos artigos *Vianna* e *Santarem*.

Casou com D. Thereza Correia de Lacerda, filha de João Correia de Lacerda e de D. Maria Affonso (ou D. Isabel Dias Castello Branco) e irmã de Paio Correia, balio de Leça.

Tiveram:

—Pedro Botelho, 2.º alcaide-mór,

—Maria Botelho e

—Isabel Botelho.

Esta ultima casou com Diogo de Mesquita Pimentel, de Guimarães,—e Maria Botelho casou com Pedro Ribeiro, da cidade de Braga, do qual teve Isabel Ribeiro Botelho, por antonomasia *a fecunda*, pois casando com Diogo Rodrigues de Barros, F. C. R., teve tantos filhos e netos que povoou de nobresa esta villa e as provincias de Traz-os-Montes, Minho e Beira!...

A outra filha do 1.º alcaide-mór tambem deixou numerosa descendencia.

2.º—*Pedro Botelho.*

Casou duas vezes e do seu primeiro matrimonio com D. Catharina Alvares Taveira teve 5 filhos, entre elles

3.º—*Affonso Botelho*, o novo.

Tambem casou duas vezes, e do seu primeiro matrimonio com D. Genebra Pereira, filha de Ruy Pereira de S. Paio, teve Pedro Botelho de S. Paio, que segue, e D. Isabel Pereira Botelho, a qual casou tambem duas vezes, a primeira em Bragança com Pedro Borges, filho de Fernão Gonçalves de Faria, abbade de Serva, e de sua prima D. Isabel Borges.

4.º—*Pedro Botelho de S. Paio*, 4.º alcaide mór, fallecido sem successão, pelo que lhe succedeu seu cunhado

5.º—*Pedro Borges*, 5.º alcaide-mór, pelo seu casamento com D. Isabel Pereira Botelho, da qual teve

6.º—*Affonso Borges Botelho*, 6.º alcaide-mór, senhor da quinta de Passos, em Sabrosa, morgado de Escariz e escudeiro fidalgo da casa do marquez D. Manuel de Menezes, o qual lhe vendeu a quinta de Passos, que Affonso Borges Botelho erigiu em morgado, por escriptura de 2 de setembro de 1560,—quinta e morgado ainda hoje (1885) pertencentes aos legitimos representantes de *Affonso Botelho*, o velho.

Casou em Lamego com D. Leonor de Vasconcellos e teve

7.º—*Antonio de S. Paio Botelho.*

Casou com D. Maria da Silva e teve

8.º—*Antonio Ribeiro Botelho Correia*, um dos ascendentes dos actuaes condes de Villa Real.

Casou com D. Paula de Figueiredo e deixou successão.

Foi talvez o penultimo dos alcaides-móres d'esta familia, cujo cargo andou n'ella até 1628.

Em 1633 já era alcaide-mór um estranho —Antonio de Saldanha,—talvez o ultimo por nomeação dos marquezes de Villa Real, extinctos, como já dissemos, em 1641.

—

Não podemos completar a lista dos alcaides-móres d'esta villa; apenas sabemos que em 1706 era seu alcaide-mór Garcia de Mello, commendador de Santiago da Feiteira, de Santiago de Santarem, de S. Miguel do Pinheiro de Azere, de Nossa Senhora dos Altos Ceus da Louzã, de S. Miguel de Infames, na ordem de Christo, monteiro-mór d'el-rei D. Pedro II, presidente da camara de Lisboa, da Mesa da Consciencia e do Desembargo do Paço, etc. filho de Francisco de Mello, monteiro mór do reino, um dos acclamadores d'el-rei D. João IV e seu embaixador a França, general de cavallaria do Alemtejo, governador do Algarve, etc.

Casou Garcia de Mello com D. Isabel de Castro, filha de D. Francisco Mascarenhas, nomeado vice-rei da India, e teve entre outros filhos—Francisco de Mello, monteiro-mòr do reino e senhor da grande casa de seus paes. Casou duas vezes—a primeira com uma filha dos marquezes d'Alegrete— e a segunda com uma filha dos condes de Villa Verde.

Em 1796 era alcaide-mór de Villa Real o marquez de Tancos e ao tempo occupavam as outras alcaidarias-móres d'esta provincia:

Algoso—D. Verissimo de Lencastre.

Bragança—D. Luiz Antonio de Sousa.

Carrazeda d'Anciães—A camara.

Ervededo—Gaspar da Costa Coutinho.

Miranda—O conde de S. Paio.

Moncorvo—Idem.
Monforte—Vaga.
Outeiro—D. José Maria d'Oliveira.
Penas Roias—Vaga.
Tourem—Vaga.
Villa Pouca d'Aguiar — José Filippe de Sousa.
Vimioso—Diogo Alves Cabral.

—

Em nossos dias foi muito digno representante de Affonso Botelho, *o velho*, 1.º alcaide mór de Villa Real,—Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, tenente coronel de caçadores, deputado ás côrtes e um dos mais ricos, mais illustrados e mais benemeritos proprietarios do Douro, fallecido em 1867. V. *Sabrosa* vol. 8.º pag. 274, col. 2.ª *in fine*.

Casou duas vezes,—a primeira com..... ....—a segunda com uma senhora já edosa, mas muito rica, dona da casa da Pitarrella e outras.

Do seu primeiro matrimonio teve um filho, tambem Affonso Botelho, e uma filha—D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa.

O filho foi official de cavallaria n.º 6, em Chaves, casou com D. Maria Pinto, de Freixo de Numão, e falleceu sem descendencia, rezidindo hoje a viuva na quinta de Passos, em Sabrosa.

D. Anna Leopoldina casou com seu primo direito—Antonio Botelho Correia do Amaral, da casa de Villa Cova, junto de Villa Real, que foi senhor do palacete e da capella e collegiada de Sant'Anna, já descriptas, hoje em estranhos, bem como a maior parte d'esta grande casa.

Tiveram:

—Affonso Botelho
—Antonio Botelho
—João Botelho
—Alberto Botelho
—Leopoldina Botelho
—Maria da Conceição Botelho
—Maria das Dores Botelho
—e Olimpia Botelho.

Affonso Botelho casou a primeira vez no Porto, sem successão, e segunda vez em Elvas, onde vive com successão e é almoxarife.

Antonio formou-se em direito; casou em Coimbra—e vive actualmente na freguezia d'Alvite, concelho de Mirandella.

João está ainda solteiro e vive com sua mãe na casa da Presegueda, freguezia de Villarinho dos Freires, concelho da Regoa.

Alberto assentou praça e é official de artilheria.

D. Maria da Conceição casou com Paulo de Barros, 1.º engenheiro civil da junta geral do districto de Villa Real, onde residem, com successão.

D. Leopoldina e

D. Maria das Dores tambem casaram e teem successão.

D. Olimpia está ainda solteira e vive com sua mãe na casa da Presegueda.

Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, fallecido em 1867, deixou o terço a um neto, pelo que ainda hoje se conserva uma boa parte da sua grande fortuna.

Do exposto se vê que ainda promette longa continuação a familia do 1.º alcaide-mór de Villa Real,—*Affonso Botelho*, o velho,—e que ainda tambem não degenerou o sangue da sua bisneta D. Isabel Ribeiro Botelho, *a fecunda*!...

Nobresa de Villa Real

Como já dissemos supra (pag. 943, col. 2.ª e 944, col. 1.ª) um dos grandes privilegios concedidos por D. Diniz a esta villa foi —*não poderem rezidir n'ella, nem no seu termo, fidalgos;*—mas, tentados pela mesma prohibição, pela bellesa, salubridade, fertilidade e commodos da nova villa, e pelo exemplo das familias dos tres fidalgos que D. Diniz mandou de Lisboa para o governo d'ella, sendo o 1.º a postergar n'este e n'outros pontos o seu foral,—a nobresa pullulou e rapidamente a invadiu toda!

Queixaram-se os villarealenses a D. Affonso IV, pedindo-lhe confirmação dos foros que seu pae D. Diniz lhes concedêra, e D. Affonso IV os attendeu, confirmando o foral de D. Diniz. Foi elle tambem confirmado por D. Pedro I, e D. João I; mas, tornando-se cada vez mais ameaçadora a avalanche da nobresa, os villarealenses de novo se queixa-

ram a D. João I e este novamente os attendeu.

Para não fatigarmos os leitores, daremos apenas um extracto do 2.° alvará de D. João I, porque é muito explicito e resume os outros tres.

Eil-o:

—

«D. João pela graça de Deus rei de Portugal, etc. A vós juizes de Villa Real e a todas as outras nossas justiças... a quem esta carta fôr mostrada, saude.

«Sabei que o concelho e homens bons d'essa villa nos enviaram dizer que elles teem uma carta d'el-rei D. Diniz, nosso bisavô, na qual é conteudo entre outras cousas—*que fidalgo nem prestameiro não pouse na dita villa,*—a qual foi outorgada e confirmada por el-rei D. Affonso (IV) nosso avô, e por el-rei D. Pedro (I) nosso padre [1], *e por nós outrosi,*... e que hora algumas pessoas grandes do nosso reino e poderosas *se apoderam d'elles* e *de seus bens* e *de suas pousadas* e *da dicta villa,* a quem *demos cartas porque se acolhessem na dicta villa, com todas as suas gentes* [2], o que elles dizem que não é nosso proveito *nem honra dos moradores da dicta villa,* e que recebem perda e damno, aggravando-lhes contra a dicta carta de foro e contra as outras que teem de confirmação, assim *de nós* como dos sobredictos reis que antes de nós foram, como dicto é, e que nos enviaram a pedir por mercê que lhes mandassemos guardar a dicta carta de fôro... e que mandassemos *que nenhuma pessoa grande e poderosa que não pouse na dicta villa nem n'ella entrem contra suas vontades;* e nós, vendo o que nos enviavam a dizer e pedir, e querendo lhes fazer graça e mercê, temos por bem e mandamos que vejades a dicta carta de foro... sobre esta rasão, e lh'a guardeis e façaes guardar e cumprir *em tudo e por tudo,* pela guisa que em ella é contheudo, e lhes não vades *nem continueis a ir* contra ella, em nenhuma guisa que seja...—e que nenhuma pessoa grande e poderosa, de qualquer condição e estado que seja, não entre nem pouse na dicta villa contra suas vontades...—Al não façades... Braga 22 de novembro de 1425.»

—

Bem gritaram os villarealenses, mas a final a nobresa, *como mais forte,* triumphou e occupou toda a villa, principalmente depois que passou para o senhorio dos condes, marquezes e duques de Villa Real, capitães donatarios de Ceuta, pois generosos, como eram, costumavam mandar para aqui muitos cavalleiros e criados seus, em remuneração dos serviços prestados na Africa e para maior luzimento da casa e estado de tão poderosos senhores.

Deram tambem um valioso contingente para o augmento da nobresa d'esta villa os altos officiaes da justiça d'ella, taes como os ouvidores, juizes de fóra e almoxarifes, quasi sempre fidalgos,—e muito particularmente a familia dos *Botelhos,* [1] seus alcaides-mores durante mais de 200 annos consecutivos,—familia que encheu de nobresa não só Villa Real, mas grande parte d'esta provincia de Traz-os-Montes e das do Minho e Beira, como dissemos no titulo dos *Alcaides-mores.*

—

Difficilmente se encontrará n'esta villa e nas de Sabrosa, Favaios, Provezende e outras muitas, *uma unica familia nobre* que não prenda com a de Affonso Botelho, *o velho*—familia ainda hoje numerosa e que promette larga duração, pois só a ex.ma sr.a D. Anna Ludovina Botelho, supra-mencionada, hodierna representante do ramo principal, conta cerca de 28 filhos e netos e bem mostra ter sangue da celebre D. Isabel Botelho, a *fecunda,* neta do 1.° alcaide-mór.

Tambem promettem larga duração ainda hoje outras familias da *primeiru nobreza* d'esta villa, nomeadamente as da *Casa do Arco* e de Gonçalo Christovam, pois o ultimo representante da 1.a deixou 11 filhos, que

[1] Todos sabem que D. João I era filho natural de D. Pedro I e de D. Thereza Lourenço.

[2] Do exposto se vê que o mesmo rei D. João I havia quebrantado o foral n'este ponto!...

[1] Estes Botelhos eram appellidados *Cuncas.*

hoje contam numerosa successão,—e do ultimo representante da 2.ª vivem n'esta data duas filhas e 19 netos!

Contam pois só estas tres familias hoje mais de sessenta representantes nos seus ramos directos, não fallando nos collateraes.

Foi sempre grande a fecundidade dos villarealenses.

Já nas *Antiguidades* se lê que algumas mulheres d'esta villa deram filhos até á edade de 50 annos e mais—e que algumas tiveram 30 filhos. [1]

—

Villa Real teve mais familias nobres do que nenhuma das nossas villas e do que a maior parte das nossas cidades, incluindo Lamego e Guimarães.

Os seus appellidos eram:—Abreus, Aguiares, Almeidas, Alvarengas, Alcoforados, Alvins, Amaraes, Andrades, Araujos, Arraes, Athaides, Azevedos, Alvares, — Barbosas, Barros, Beças, Borges, Botelhos,—Cabraes, Calvos, Cam, Cardosos, Carvalhos, Castello Branco, Castros, Coelhos, Coroneis, Correias, Couceiros, Cunhas,—Dragos,—Farias, Fonsecas, Furtados,—Gouveias, Guedes,—Lacerdas, Leitões, Lemos, Lobos, Lopes, Lucenas,—Macedos, Machados, Magalhães, Mellos, Mendes, Mendonças, Menezes, Mesquitas, Mirandas, Monizes, Montarroios, Monteiros, Mourões, Moutinhos,—Nobregas, Nisas,—Pereiras, Pimenteis, Pintos,—Queiroses,—Rebellos, Ribeiros, Rodrigues, Rosas, —Sampaios, Sarmentos, Sás, Seabras, Silvas, Silveiras, Sousas, Souto Maiores,—Tavares, Taveiras, Tavoras, Teixeiras,—Vasconcellos, Vases, Veigas e Vieiras!...

Muitas d'estas familias viveram com grande fausto e 14 d'ellas tiveram a um tempo trens montados para visitas e passeios dentro da villa, quando as estradas ruraes eram todas barrancos e precipicios.

Tambem consta que a um tempo se reuniram na procissão do Corpo de Deus 16 cavalleiros de differentes ordens—e ainda hoje na villa se contam 27 edificios particulares brasonados. Só na pequena rua do Poço, hoje rua Central, se veem ainda 6 brasões d'armas.

Crueis alternativas

Antes da invasão do *oidium* e da *phylloxera*, quando os extensos e formosos vinhedos d'este concelho, d'esta comarca e d'este districto estavam sãos, e os seus vinhos,—*os vinhos mais preciosos do Douro, de Portugal e do mundo,*—tinham venda prompta, remuneradora e facil, como succedeu durante a poderosa companhia creada pelo marquez de Pombal [1], foi esta villa um monte d'ouro, uma colmeia de nobreza; mas infelizmente hoje nem a sombra é do que foi outr'ora!...

Apresenta-se ainda galhardamente e ostenta mesmo uma certa vida,—mas a *sobreposse.*

Graças aos seus dignos vereadores, tem, como já dissemos, um bello jardim publico, e traz em construcção, com o producto d'um grande emprestimo, um mercado coberto e um soberbo edificio annexo ao extincto convento franciscano, para poder aquartelar um regimento inteiro. São duas obras dispendiosas e muito importantes, que ficam em magnificas condições e muito recommendam esta villa.

Tambem projectam construir uma ponte monumental sobre o Corgo, junto da de *Santa Margarida,*—um matadouro publico, — novo cemiterio em melhores condições de hygiene do que o actual — e um novo campo para as suas grandes feiras.

Tem além d'isso esta villa todas as suas ruas limpas e bem calçadas, um *Banco,* um *Lyceu,* um corpo de policia civil, um hospital esplendido, um Asylo de Infancia desvalida, outro, o *Azylo Chaves,* prestes a inaugurar-se, e todas as repartições publicas do

[1] Vive na Foz do Douro M.me Guichard que teve 25 filhos—e a avó d'ella teve em França 36.

Só duas senhoras da mesma familia tiveram pois nada menos de *sessenta* e um filhos!...

[1] Veja-se o artigo *Porto,* vol. 7.º pag. 312, col. 1.ª e 415, col. 1.ª tambem,—e n'este vol. 10.º o artigo *Victoria,* desde pag. 597, col. 1.ª até pag. 604,—e *Villa Jusã,* pag. 770, col. 1.ª *in fine.*

districto, da comarca e do concelho montadas em bons edificios.

—

Ha tambem n'esta villa e n'este concelho ainda grandes proprietarios, sendo *hoje* o 1.º o sr. conde de Villa Real. No anno ultimo pagou 527$150 réis só de contribuição predial;—mas falleceu ha poucos annos um seu visinho—José Paulo Teixeira de Figueiredo, da mesma freguezia de Matheus, junto d'esta villa,—que era o maior proprietario d'este concelho e o segundo d'este districto e d'esta provincia [1].

A sua grande casa, hoje dividida pela viuva e por tres filhos [2], era avaliada em 700 a 800 contos de réis. Colhia, termo medio,—20 pipas d'azeite,—600 pipas de vinho, quasi todo do melhor do *Alto Douro*,—e 20:000 medidas de pão,—além do juro de centos de contos de réis em numerario; é porém muito sensivel,—não para esta grande casa, mas para todo o Alto Douro, nomeadamente para este districto, [3] para esta comarca, para este concelho e para esta villa a falta dos vinhos generosos do Douro, que constituiam a sua principal riqueza e que hoje quasi que desappareceram. Tal é a devastação causada pela maldita phylloxera!

—

N'este concelho de Villa Real, nos de Penaguião e Mezãofrio e em parte do da Regoa, (Baixo Corgo) por ser o terreno forte, fundo e relativamente fresco [1], ainda se encontram bonitos vinhedos, embora todos manchados, mas nos concelhos de Sabrosa e d'Alijó, que produziam o vinho mais generoso do Alto Douro, a devastação é quasi completa e a maior parte das vinhas já estão incultas!

Em 1840, segundo o arrolamento feito pela extincta *Companhia da Agricultura e Vinhos do Alto Douro*, produziu o concelho de Alijó 10:232 pipas—e o de Sabrosa 10:873,—total 21:105 pipas de 550 litros cada uma,—e n'este anno de 1885 os dois concelhos reunidos, com certesa não produziram 4:000 pipas.

Estão perdendo pois só aquelles dois concelhos cerca de 17:000 pipas ou de 850 contos de réis por anno, calculando-se a pipa a 50$000 réis,—preço muito inferior ao d'alguns annos, pois era o vinho mais gene-

---

[1] A opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias de Antonio Bernardo Ferreira, seu primo, e em segundas nupcias do grande capitalista e par do reino Francisco José da Silva Torres, é muito maior, absolutamente a primeira em propriedades rusticas e urbanas,— n'este districto e n'esta provincia. Tem além d'isso a famosa quinta das *Figueiras* ou do *Vezuvio*,—absolutamente a primeira do Douro,—e outras na provincia da Beira, grandes palacios, vastissimos armazens e outros muitos predios urbanos no Porto e em Lisboa—e a maior parte da sua grande fortuna, milhares de contos de réis, em numerario.

[2] José Bento Teixeira de Figueiredo, ainda solteiro,—Jeronymo Teixeira de Figueiredo, tambem solteiro, bacharel formado em direito,—e Bento Teixeira de Figueiredo, bacharel formado em direito, casado com uma filha de Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

V. *Pinhanços*, *Paredes da Beira* e *Villa Nova d'Ourem*.

[3] A decantada região vinicola do Douro estava nos districtos de Vizeu e de Villa Real, mas pertencia a este ultimo a zona dos vinhos mais generosos, por comprehender a margem direita do Douro, exposta ao sul e *ardentissima!* No verão o thermometro eleva-se ali a 48 graus ao sol,—estalam as pedras com o calor,—tremem de sesões os gatos, as gallinhas e os cães,—derrete-se a solda das vasilhas de lata—e destempera-se o fio dos instrumentos de corte, expondo-os ao sol!

Todas as arvores, incluindo as oliveiras, perdiam no verão a maior parte da folha;—*sómente as videiras* se conservavam viçosas e produziam o bello *Port Wine*,—o melhor vinho do mundo; mas infelizmente hoje, quasi toda aquella zona se acha inculta, coberta de matto rasteiro e semelhando o valle da morte!...

[1] A *phylloxera* seguiu uma marcha diametralmente opposta á do *oidium*. Este principiou por atacar em 1853 as vinhas do *Baixo Corgo*, ou das terras mais fortes, mais ferteis, mais frescas e mais humidas—e sómente alguns annos depois (1857) invadiu os vinhedos do Alto Douro, ou da zona ardente, e d'ali se espalhou por todo o nosso paiz.

A *phylloxera*, ao contrario, principiou pela zona ardente do Alto Douro, pela região

roso do Douro, que por vezes se vendeu a 80 e 90$000 réis a pipa. [1]

Toda a zona do Alto e Baixo Douro, dentro da demarcação da *Companhia,* produziu n'aquelle anno 82:190 pipas, emquanto que hoje não produz a decima parte talvez.

Infeliz Douro!

—

Lavradores [2] que tinham 6 a 12 contos de renda por anno, hoje luctam com difficuldades!...

É menos dura ainda no Alto Douro a sorte dos jornaleiros, porque uns emigraram e mesmo no nosso paiz, principalmente na construcção das estradas a macadam e das linhas ferreas, não lhes falta trabalho,—outros aproveitam das propriedades incultas e abandonadas o terreno melhor e—sem pagarem renda—cultivam-n'o e n'elle colhem algum centeio e batatas com que se alimentam!...

E quando se hão de reconstituir os vinhedos do Douro?

Difficilem rem postulasti!...

—

Para combater o *oidium* descobriu-se o enxofre, que é barato e facil d'applicar. Augmenta em 2:000 réis apenas o preço da producção de cada pipa.

O primeiro lavrador que o applicou no Douro foi, em 1854, Felix Manuel Borges Pinto, pae do sr. visconde de Castello de Borges. No anno seguinte já o applicaram tambem o sr. conde de Samodães—e o pae do auctor d'estas linhas, José Antonio Ferreira, na sua quinta do *Campo Velho,* contigua á de Felix Manuel Borges Pinto, no valle do Tedo.

Antes de se manifestar o *oidium* foi abundantissima nos ultimos annos a producção do vinho no Douro, pelo que os preços baixaram espantosamente! Chegou a vender-se aguardente magnifica de 10 graus a 30$000 réis a pipa de 550 litros,—e a pipa de vinho a 4$500 réis! Assim vendemos nós um anno o vinho d'aquella quinta,—vinho do *Alto Douro* e *com um anno de empate!...*

Baixou tambem na mesma proporção o pão das serras contiguas ao Douro, chegando a vender-se a 200 réis a medida de 15 litros nas praças—e a 2$250 réis a medida de *foros perpetuos,* garantidos por escriptura em boas propriedades!

—

Foi uma crise medonha, proveniente da extrema abundancia do vinho; mas em breve passou e lhe succedeu outra, *mais medonha ainda,* proveniente da grande escacez.

Com a invasão do *oidium* a producção escaceou a ponto tal que nós n'aquella quinta de 50 pipas um anno colhemos apenas *quatro,* mas vendemol-o a 72$000 réis,—preço que sustentou alguns annos, mesmo depois que enxofravamos e colhiamos 50 a 55 pipas na mesma propriedade.

Hoje está tambem inculta e não produz vinho algum!...

Tendo nós apurado n'aquella pequena quinta mais de tres contos de réis alguns annos,—hoje apenas dá azeite e figos, o que não chega para as contribuições; mas (*graças a Deus!...*) temos propriedades fóra d'aquella zona e outra ordem de recursos.

—

Do *oidium* bem se libertou o Douro com a applicação do enxofre, mas da maldita *phylloxera* não sabemos quando se libertará.

De todos os insecticidas empregados contra ella o que mais confiança inspira e que hoje se applica em maior escala no nosso paiz e nos paizes estrangeiros é o *sulphureto de carbone;* está porem muito longe de satisfazer, porque é caro e de custosa e peri-

---

dos vinhos mais generosos, manifestando-se pela primeira vez em 1872 na freguezia de *Gouvinhas,* concelho de Sabrosa, nas quintas do par do reino Lopo Vaz de Sampaio e Mello;—d'ali passou para toda a região vinicola do Alto Douro—e depois para o Baixo Douro e para todo o nosso paiz, achando-se n'esta data (1885) officialmente reconhecida no Minhó, na Beira, na Bairrada, na Extremadura, etc. mas em parte nenhuma pesou até hoje com tanta força e causou tantos estragos como no Alto Douro!...

[1] Ainda est'anno de 1885 o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira vendeu na freguezia de Gouvinhas, concelho de Sabrosa, um tonel de 25 pipas a 150$000 rèis cada pipa; mas note-se que era vinho de 1872.

[2] Assim se denominam os proprietarios do Douro, embora sejam fidalgos distinctos.

gosa applicação. Se se applica em pequena dóse, não mata a phylloxera;—se se augmenta a dosagem, póde matar as vides—e quando as não mata, definha-as, sendo necessario estrumal-as, o que torna impossivel a conservação e reconstituição dos vinhedos por semelhante processo.

Apenas é acceitavel para terrenos fortes e fundos e para vinhas simplesmente manchadas, mas não todas phylloxeradas, como infelizmente se acham as do Alto Douro!...[1]

—

Alguem deposita grande confiança nas videiras americanas, mas, pelas experiencias feitas, mal podem adaptar-se aos terrenos extremamente aridos e ardentes do Alto Douro; — das suas numerosas variedades nenhuma é absolutamente indemne—e pelo cheiro e sabor peculiar do seu vinho não se prestam para producção directa, sendo necessario enxertal-as para conservação das nossas castas europeias, o que demanda grandes cuidados.

É porém muito possivel que estes contras desappareçam com a experiencia e que os nossos vinhedos se reconstituam com as vides americnnas.

O maior propagandista e apologista d'ellas é, como já dissemos, o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite, da nobre *casa do Santo*, em Provezende,—um dos mais abastados e mais illustrados lavradores do Alto Douro e que mais se tem empenhado e empenha em pró da reconstituição dos vinhedos perdidos.

Tambem muitos depositam grande confiança no tabaco, para supprir até certo ponto a falta do vinho, emquanto se não reconstituem os vinhedos do Douro; mas o nosso governo, pelo facto de ter creada uma grande fonte de receita nos direitos sobre a importação do tabaco, teve *grande difficuldade* em permittir a cultura d'elle no Douro. Depois das maiores instancias permittiu-a por decreto de 13 de março de 1884, como ensaio, mas com taes peias e restricções que poucos se aproveitaram da *irrisoria* concessão;—e, como a cultura do tabaco é inteiramente nova em Portugal e demanda muitos cuidados e longo tirocinio, o tabaco até hoje colhido no Alto Douro ainda não está bem deffinido e caracterisado;—continuam porém os ensaios e é de suppor que o Alto Douro venha a produzir tabaco do melhor.

Deus o queira.

O maior propagandista e apologista da cultura do tabaco no Alto Douro tem sido o sr. barão das Lages, que ali possue algumas quintas e que já foi deputado ás côrtes em varias legislaturas.

Muito mais poderiamos dizer sobre tão momentosas questões, mas é tempo de fecharmos este artigo e ainda teremos ensejo de volver ao assumpto, quando tractarmos de *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires* e *Villarinho de S. Romão*, parochias d'este districto e todas tres situadas na região vinicola do Alto Douro.

—

Concluiremos este topico dizendo que esta provincia de Traz-os-Montes tambem colheu muito vinho n'este districto de Villa Real e no de Bragança fóra da demarcação da *Companhia*,—vinho de pasto superior,—nomeadamente o da *Ribeira de Oura* e da *Villariça*, mas todos esses vinhedos se acham tambem muito doentes e alguns já pouco produzem, exceptuando os da Villariça, por estarem em terreno fundo e o mais fertil de Portugal, onde o milheiro de vides baixas ainda produz tres a sete pipas!...

V. *Oura*, vol. 6.º pag. 311, col. 2.ª—e n'este vol. 10.º *Villa Flor de Traz-os-Montes*, pag. 731, col. 1.ª—*Val da Villariça*, pag. 93, col. 1.ª tambem,—e *Villariça*.

---

[1] N'esta data (dezembro de 1885) se acham completamente phylloxerados e perdidos, só no Douro,—40:000 hectares de vinhedos!...

O nosso governo creou duas commissões anti-phylloxericas, uma ao sul, outra ao norte do nosso paiz e, entre outros beneficios prestados aos lavradores, vende-lhes o sulphureto por um terço do seu custo (28,3 de real o kilo) montando actualmente o consumo a 400 toneladas por anno.

Creou tambem no Douro duas estações ampelo-phylloxericas, ambas n'este districto de *Villa Real*,—uma no concelho d'Alijó e outra no da Regoa.

No ultimo anno despendeu na lucta contra a phylloxera 63 contos de réis.

Estado economico d'esta provincia

Se o Douro e com elle o districto, a comarca e o concelho de Villa Real teem soffrido e estão soffrendo muito, são tambem pouco lisongeiras as condições economicas da parte restante d'esta provincia na actualidade, por muitas razões; mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—Porque pelo intimo contacto em que vivia com o Douro era o Douro o seu grande foco de vida e n'ella se reflectiram sempre as crises d'elle. No Douro empregava muitos braços [1] e vendia grande parte dos seus generos, nomeadamente cereaes, batatas e castanhas.

2.ª—Porque os vinhedos da parte restante d'esta provincia se acham tambem todos doentes e a sua producção diminue a olhos vistos, de um anno para o outro!...

3.ª—Porque tanto n'esta provincia como em todo o nosso paiz se acham tambem doentes os castanheiros, [1] que produziam bella madeira e muito castanha—e eram um grande elemento de riqueza.

Tambem soffrem muito alguns annos as batatas e outros vegetaes.

4.ª—Porque a usura attingiu proporções fabulosas!

É trivial n'esta provincia e na da Beira o juro de 10 a 20 e *mais* por cento, quando a propriedade *productiva* não rende mais do que 2 a 3 por cento,—livres de decimas, grangeios e contribuições.

Só na provincia do Minho se encontra ainda hoje dinheiro a 4 e 5 por cento.

—

Tambem contribue poderosamente para o definhamento d'esta provincia de Traz-os-Montes o pessimo estado da sua viação, nomeadamente na parte leste, ou no *districto de Bragança*, tão accidentado e crivado de fragoedo.

Emquanto a vias ferreas, apenas toca na sua extremidade O. S. O.—ou na foz do Tua,—a linha do Douro, que está aberta á exploração sómente até ali—e em construcção d'ali para a Barca d'Alva e Salamanca,—mas um pouco acima do Tua atravessa o Douro e foge d'esta provincia para a da Beira.

Tambem está em construcção a linha ferrea do Tua, igualmente na extremidade O.S.O. do districto de Bragança, pela margem esquerda do Tua e apenas na extensão de 45 kilometros, desde a foz d'este rio até Mirandella. Alguns serviços deve prestar ao districto de Bragança, mas seriam talvez maiores se em vez de seguir o valle do Tua, seguisse o do Sabor, por ser muito mais central,—e atravessaria o valle da Villariça, que é o mais fertil da provincia e de todo o nosso paiz!

—

Emquanto a estradas a macadam tem hoje aquelle malfadado districto apenas uma de Bragança a Mirandella, na extensão de

---

[1] As plantações, o grangeio e as vindimas do Douro occupavam *milhares* e *milhares* de jornaleiros estranhos,—não só da parte restante d'esta provincia, mas do Minho, da Galliza e da Beira.

O serviço mais pesado e mais *bem remunerado* (paredes, plantações e cava) era feito quasi exclusivamente por gallegos e *gabiarras* (minhotos arraianos dos concelhos de Monção e Melgaço) pelo que na Galliza e n'aquelles dois concelhos deve sentir-se tambem a grande crise do Douro. Basta notar-se que, havendo mais de *mil milheiros* de vides no Douro, só a plantação não custaria hoje menos de *cem* mil contos de réis, calculando-se a 150$000 réis o milheiro,—preço infimo, pois ha ali grandes plantações de 200 a 300$000 réis por milheiro, tal é a quinta de *Fornêllo*, dos srs. Macedos Pintos de Taboaço, no valle do Tavora.

V. vol. 9.º pag. 470, col 1.ª

De passagem diremos que aquella quinta (de *Fornêllo* e não *Fontêllo*) era uma das mais luxuosas, mas não *a melhor e mais extensa vinha de Portugal*, como por engano disse o meu antecessor.

Mesmo no Douro ha quintas muito maiores, taes são as do *Noval*, *Rueda*, *Ventuzello*, etc., não fallando na do *Vesuvio*, que é absolutamente a maior de todas.

[1] Em todo o nosso paiz se acham doentes não só os castanheiros, mas todas ou quasi todas as outras arvores,—larangeiras, cerdeiras, figueiras, pereiras, macieiras, oliveiras, etc.

799:62,m03 [1]—outra de Mirandella a Moncorvo, na extensão de 43:977,m72,—e outra de Bragança a Vinhaes, na extensão de 32:225m,01. Todas as outras estradas são as do tempo de D. Affonso Henriques,—uma medonha sequencia de barrancos e precipicios, pelo que, não podendo os lavradores mandar os seus generos aos grandes mercados, cultivam só os absolutamente precisos para o consumo local;—permutam uns generos por outros generos—e só por preços muito baixos, desconhecidos em todo o nosso paiz, é que vendem alguns.

No concelho de Miranda, por exemplo, custa a arroba das batatas (15 kilos) 100 a 120 réis;—a de lã branca superior (é a melhor da provincia) 2$000 a 2$500 réis;—o alqueire de centeio (20 litros) 200 réis a 240;—o alqueire de trigo 450 réis a 500; uma gallinha 160 réis;—uma perdiz 60 réis;—um coelho 80 réis;—uma lebre 140 réis—e 1 dia de lavoura de uma junta de bois 320 réis;—mas note-se que o preço da conducção por arroba,—só de Miranda até Bragança,—custa regularmente 200 a 240 réis, e que da Barca d'Alva para o Porto, a grande praça de consumo ao norte do nosso paiz, a conducção até hoje só pode fazer-se pelo Douro, e é cara, perigosa e *incerta*, porque só no inverno o Douro é navegavel para barcos de carga, da Regoa para cima.

Todas as mercadorias permutadas entre Miranda e Porto seguem por Bragança, estação do Pinhão e linha ferrea do Douro, mas custa a conducção por arroba, só do Pinhão até Bragança, 280 a 300 réis—e até Miranda 480 a 500 réis, pelo que os concelhos de Miranda, Mogadouro, Vinhaes, Vimioso e Bragança mandam para o Porto *unicamente lã*, que ali chega sempre tarde e a más horas! O districto de Villa Real, se não è dos mais bem servidos d'estradas, está incomparavelmente em melhores condições do que o de Bragança, como vamos ver.

[1] Não se extranhe o darmos algumas noticias genericas do districto de Bragança e de toda a provincia de Traz-os-Montes.

Assim nos cumpre, por ser Villa Real a capital d'ella.

Situação geographica

Demora Villa Real a 41° e 19m de latitude septentrional—e a 11° e 2m de longitude.

Pela craveira da viação antiga [1] distava do rio Douro 2 leguas,—3 de Lamego,—13 de Braga,—14 do Porto e 59 de Lisboa; mas hoje, pela medição e viação actuaes dista do rio Douro ou da villa da Regoa cerca de 27 kilometros [2],—de Sabrosa 22:300m,0,—de Villa Pouca d'Aguiar 28,—de Lamego 39,—do Porto, pela estação da Regoa e pela linha ferrea do Douro, 131,—de Braga, pela mesma linha ferrea e pela do Minho, 177,—de Valença do Minho, pelas mencionadas linhas ferreas, 252,—de Coimbra 250,—de Lisboa 468,—de Marvão, raia de Hespanha, na linha ferrea de Madrid por Caceres e Valencia d'Alcantara, 494,—de Elvas, na linha ferrea de Madrid por Badajoz, 519,—de Evora pelas linhas do norte e do sul, 484,—de Beja, pelas mencionadas linhas ferreas, 662,—e 727 de Villa Real de Santo Antonio, por Beja, Mertola e Guadiana.

—

Villa Real de Traz os Montes, pelo facto de estar junto da extremidade O. da provincia e muito mais perto do Douro e do Porto do que Bragança, teve sempre mais facilidade em vender os seus productos e por consequencia mais vida do que aquella cidade. Alem d'isso o seu districto, pelo facto de comprehender grande parte dos vinhedos do Alto Douro, foi sempre tambem muito mais rico.

Já em 1792, segundo se lê na *Descripção* do dr. Columbano, a differença era pasmosa.

A comarca de Bragança pagou de dizimos n'aquelle anno 92:931$115 réis, podendo-se computar o seu rendimento total em réis 929:311$150,—em quanto que esta comarca de Villa Real no mesmo anno pagou de dizimos 209:419$450 réis, sendo por conse-

[1] *Descripção da provincia de Traz os Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, *Codice* n.° 486 da *Bibliotheca Portuense*, já citado.

[2] Hoje a legua official é de 5 kilometros.

quencia o seu rendimento total de réis 2.094:194$500!... E esta cifra até 1850 devia elevar-se talvez ao dobro, porque desde 1792 até 1850 se elevou talvez ao dobro a plantação dos vinhedos no Alto Douro e a producção vinicola.

Tambem augmentou a plantação dos vinhedos no districto de Bragança, mas não tanto como no de Villa Real—e Bragança perdeu a industria do fabrico da seda, que em 1792, como diz o dr. Columbano, era importantissima e constituia a sua principal riqueza.

—

Tambem Villa Real foi sempre—e é ainda hoje—muito mais bem servida de estradas do que Bragança.

Bragança está e esteve sempre no interior do sertão, em um dos pontos mais afastados do nosso paiz e dos seus grandes centros de vida e de consumo, servida por pessimos caminhos. Ainda hoje apenas conta os poucos kilometros de estradas a macadam, já indicados,—e uma carreira *unica* de diligencias, entre Bragança e Mirandella!

Villa Real, sendo ainda a velha cidade de *Panoias*, já teve (segundo se suppõe) estradas romanas para Chaves, Bragança, Anciães (*Agua Quintianae*) Lamego, Caria, Braga e Porto,—seguindo estas ultimas talvez pelo Marão, Campeã e Amarante,—por Penaguião, ponte *Cavallar* (no Sermanha) Cidadelhe, Mesãofrio, *Padroes* (?) da Teixeira, *Padronello* (talvez diminutivo d'algum *padrão* ou marco milliar) e Amarante,—e por Cidadelhe, Mesãofrio, Baião e Canavezes.

Sendo Panoias, Chaves, Bragança, Lamego, Caria e Braga n'aquelle tempo cidades ou povoações muito importantes, necessariamente estiveram ligadas entre si por estradas, que deviam ser aquellas.

Nem se argumente com a falta de marcos milliares e d'outros vestigios das grandes estradas romanas, porque o terreno que atravessavam soffreu posteriormente grandes modificações com a agricultura e com o vandalismo dos povos, nomeadamente a zona vinicola.

Note-se tambem que nem todas as estradas romanas eram *vias militares luxuosas*. Os romanos, alem das suas vias militares esplendidas, muito bem feitas e muito bem servidas por carreiras de coches tirados por cavallos magnificos, tinham estradas de 2.ª ordem, mais estreitas e menos luxuosas,—e estradas de 3.ª 4.ª e 5.ª ordem, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra!...[1]

E não admira que desapparecessem as estradas romanas, porque depois da extincção do grande imperio todos os povos que occuparam a peninsula descuraram a viação completamente,—tanto os barbaros do norte, como os arabes e os christãos—e mesmo nós os portuguezes até ao meado d'este seculo. Sabe-se porem que desde os principios da nossa monarchia este districto de Villa Real era crusado pelas primeiras estradas que serviam esta provincia:—a de Chaves ao Douro, seguindo para a Beira por Lamego, na linha N. S., pondo esta villa (Constantim, até o reinado de D. Diniz) em contacto com o Porto pela via fluvial do Douro,—e a de Bragança ao Porto, pela Campeã e Amarante, na linha E. a O., atravessando a séde d'este districto de Villa Real e dando-lhe o bonus de tres dias na jornada com relação a Bragança, pois as sédes dos dois districtos distam uma da outra 137:615^m,3—ou 281 leguas approximadamente.

—

Mas deixemos os calamitosos tempos da viação antiga e fallemos da moderna.

Segundo os mappas publicados pelo ministerio das obras publicas no *Diario do Governo* de 9 de junho de 1885 e que se referem a 30 de junho de 1883, havia no districto de Bragança construidos até áquella data—139:766,^{m}2, e n'este de Villa Real 275:574^m,9, ou mais 135:808^m,7 do que no districto de Bragança.

Já n'aquella data a differença era quasi o duplo em favor d'este districto de Villa Real; mas hoje deve ser maior ainda.

O districto de Bragança tem hoje apenas

---

[1] Vejam-se n'este diccionario os artigos *Estradas romanas, Vias ferreas, Cidadelhe* (a 2.ª) Villa Jusã, n'este vol. pag. 768, col. 1.ª—e *Villamarim*, pag. 782, col. 2.ª Vejam-se tambem as *Mem. de Braga* por Argote, tomo 2.° pag. 707 e seg.

uma carreira de diligencias, entre Bragança e Mirandella, emquanto que este de Villa Real tem as seguintes:

1.ª—De Villa Real para a Regoa, que põe Villa Real em contacto com o Douro,—com a linha ferrea d'este nome,—com Lamego,—com a Beira—e com todas as linhas ferreas do nosso paiz por intermedio da linha do Douro.

2.ª—De Villa Real para Mirandella e Bragança.

3.ª—De Villa Real para Sabrosa na estrada em construcção d'esta villa para Freixo de Espada á Cinta, hoje apenas construida até S. Lourenço, pouco alem de Sabrosa.

4.ª—De Villa Real para Verim, por Villa Pouca d'Aguiar, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves, e que de Verim (na Hespanha) segue para Orense e Zamora.

5.ª—De Chaves para Valle Passos, na extensão de 37:163m,1.

6.ª—De Chaves para Carrazedo de Montenegro.

7.ª—De Villa Pouca d'Aguiar para Guimarães, pelos concelhos de Ribeira de Pena e Basto.

8.ª—Da estação do Pinhão, na linha ferrea do Douro, para Bragança, por Favaios, Alijó, Murça e Mirandella.

Tambem já teve uma importante carreira de diligencias para o Porto, pela Regoa, Mezãofrio, Padronello e Amarante,—e outra tambem para o Porto, pela Campeã, Padronello e Amarante tambem, mas com a inauguração da linha ferrea do Douro a 1.ª d'estas diligencias ficou trabalhando até á estação da Regoa sómente—e a 2.ª acabou.

Eis aqui a *vol d'oiseaux* o estado da viação a macadam n'este districto. Emquanto a viação accelerada comprehende apenas 47 kilometros na linha ferrea do Douro, desde a estação de Barqueiros até á do Tua,—e tambem já teve uma linha de carros americanos a vapor, na extensão de 26:758m,0—da Regoa para Villa Real,—mas liquidou em 1878, por causa dos grandes declives que as machinas *Wintertur* não poderam vencer. [1]

[1] Veja-se n'este vol. 10.º o artigo *Vias Ferreas*, pag. 482, col. 1.ª

Tambem está em projecto uma linha ferrea a vapor pelo valle do Corgo e proximidades d'esta villa, desde a estação da Regoa, na linha do Douro, até Chaves,—outra de Chaves para Guimarães, em continuação da linha ferrea já construida e em exploração da Trofa até Guimarães, [1]—outra de Chaves para Mirandella, em continuação da do Tua, [2]—e outra de Chaves para Braga ou Guimarães, em continuação da linha ferrea do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão [3].

Concluiremos dizendo que tem este districto mais 4 estradas a macadam em construcção e prestes a concluirem-se,—uma de Chaves para Braga,—outra de Villa Pouca d'Aguiar para Boticas,—outra de Villa Pouca d'Aguiar para Mirandella—e outra da estação do Ferrão, na linha do Douro, por Gouvinhas, até S. Martinho d'Anta, a entroncar na de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta. Comprehende este ramal 24:368m,0 e já se acha construido desde o Ferrão até Gouvinhas, na extensão de 8 kilometros, approximadamente.

Edificios particulares

Alem dos edificios publicos já mencionados, tem esta formosa villa bons edificios particulares. Para não fatigarmos os leitores mencionaremos apenas entre os mais antigos a *Casa do Arco*—e entre os mais modernos o palacete mandado construir no 3.º quartel d'este seculo pelo grande capitalista, grande proprietario e par do reino Francisco José da Silva Torres, 2.º marido da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira e ao tempo muito digno representante da opulenta casa *Ferreirinha* da Regoa.

Mencionaremos tambem o palacete da familia *Claros*, recentemente construido,—e entre os do principio d'este seculo o palacio construido em 1816 pelo general e 1.º conde d'Amarante—Francisco da Silveira Pinto da Fonseca—na rua do Jazigo, hoje *Largo do Conde d'Amarante*, na extremidade S. O. do Campo do Tabolado.

[1] V. logar citado, pag. 473, col. 2.ª
[2] V. logar citado, pag. 478, col. 1.ª
[3] V. logar citado, pag. 473, col. 1.ª

Posto que ficou incompleto (assim se conserva ainda hoje) era absolutamente o primeiro edificio particular d'esta villa, mas os successores do seu fundador o venderam ao governo em 1840 e é hoje considerado edificio publico, pois n'elle se acham montadas differentes repartições publicas.

Bem quizeramos dar aqui uma longa noticia do fundador e primeiros possuidores d'este palacio, que tanto se distinguiram na guerra peninsular e nas luctas civis posteriores, mas, como este artigo vae já tão longo, apenas diremos o seguinte:

=

O general Silveira (Francisco da Silveira Pinto da Fonseca) pelos seus relevantes serviços durante a guerra da peninsula, nomeadamente por haver batido e aprisionado em 1809 os 3:000 soldados francezes que Soult havia deixado de guarnição na praça de Chaves, quando invadia Portugal, marchando sobre o Porto,—e por haver com 4:000 homens (a maior parte paisanos) defendido desde 18 d'abril até 2 de maio do mesmo anno a passagem do Tamega, em Amarante, contra as forças do mesmo Soult,—foi feito 1.º conde d'Amarante.

Tambem no anno antecedente (1808) quando o general francez Loison marchava d'Almeida sobre o Porto e já ia em Mezãofrio, o mesmo general Silveira, collocando-se á frente dos transmontanos, o obrigou a retroceder e passar muito precipitadamente o Douro na Regoa, salvando assim Amarante, Penafiel e o Porto de duras provações talvez. V. *Villa Jusã*.

—

Casou em Villa Real, na *Casa da Calçada*, com D. Maria Emilia, da qual teve D. Marianna da Silveira, que foi viscondessa da Varzea,—e Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, tambem general distinctissimo e que —pelos seus relevantes serviços á causa da legitimidade, principalmente por sublevar esta provincia de Traz os Montes em 23 de fevereiro de 1823 e por bater a divisão ligeira de Luiz do Rego junto de Chaves, na acção de Santa Barbara (13 de março do mesmo anno) aprisionando-lhe quasi toda a brigada de Moniz Pamplona,—foi feito n'aquelle mesmo anno marquez de Chaves, sendo já tambem conde (2.º) d'Amarante.

Falleceu no dia 7 de março de 1830 em Lisboa, onde havia casado em 16 de julho de 1823 com D. Francisca Xavier Telles da Silva, filha do marquez d'Alegrete, da qual não teve successão, mas deixou uma filha natural,—D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca—por elle perfilhada e que foi a sua herdeira e successora.

—

D. Marianna da Silveira Pinto da Fonseca, irmã do 2.º conde d'Amarante, casou com seu primo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, marechal de campo e 1.º visconde da Varzea, [1] do qual teve 5 filhos:

—João da Silveira Pinto da Fonseca, 2.º visconde da Varzea.

—Francisco da Silveira, do qual vamos fallar.

—Pedro da Silveira,

—Antonio da Silveira e

—D. Maria Maximiana.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, supra, casou com sua prima D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, filha natural legitimada do general Silveira, 2.º conde d'Amarante e 1.º marquez de Chaves, e tiveram

Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, neto materno e actual representante do 1.º marquez de Chaves, 2.º conde d'Amarante,—bisneto do 1.º conde d'este titulo—e neto paterno do 1.º visconde da Varzea.

Casou em 1863 com D. Maria do Carmo Osorio Culmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, filha do 2.º barão de Paúlos, aldeia da freguezia de Constantim, concelho de Villa Real, e teve 4 filhos—Francisco, José, Antonio e Maria—todos ainda vivos e expostos a duras contingencias, porque Manuel da Silveira, sendo aliás uma excellente pessoa e tendo herdado de seus paes e do sogro uma das melhores casas d'este districto, foi tão mau administrador que a perdeu toda—*absolutamente toda*,—incluindo a legitima de

---

[1] V. *Varzea d'Abrunhaes* n'este vol. 10.º pag. 213, col. 1.ª

uma infeliz senhora sua cunhada, surda e muda!...

Assim acabou a grande casa dos condes d'Amarante e do marquez de Chaves—e a do visconde de Canellas, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, irmão do 1.º conde d'Amarante, pois o visconde de Canellas deixou a maior parte da sua fortuna ao pae do actual Manuel da Silveira,—Francisco da Silveira Pinto da Fonseca. Foi este quem vendeu em 1840 o palacio de Villa Real.

Pouco, muito pouco tambem já hoje resta da grande casa de Gonçalo Chrystovam!...

—

Se a extincção dos vinculos favoreceu os filhos segundos, mobilisou a propriedade e augmentou as rendas da nação, tambem teve contras. A ella se deve o rapido anniquilamento de grandes casas d'esta villa, d'esta provincia e de todo o nosso paiz.

No tempo dos vinculos os seus administradores, bons ou maus, podiam comprometter unicamente o usofructo d'elles.

Embora grangeassem mal, a propriedade passava aos successores e assim se conservaram durante seculos e seculos grandes casas nas mesmas familias.

O morgado era incomparavelmente mais rico do que os outros irmãos, mas á sombra d'elle eram todos os outros educados e respeitados,—obtinham altos empregos,—faziam vantajosas allianças—e raras vezes lhe faltavam meios para viverem com decencia.

Extinctos os vinculos, [1] os administradores das grandes casas podem comprometter não só o usufructo, mas a raiz, a propriedade, e reduzir á indigencia de um momento para o outro familias inteiras, paes e filhos,—tanto o primogenito, como todos os outros,—o que estamos infelizmente vendo todos os dias!...

Tambem favoreceu o anniquilamento das grandes casas o *Banco Hypothecario*, facilitando dinheiro sobre as propriedades, por um juro *apparentemente* modico.

O dicto banco, em vez de beneficiar os proprietarios,—arruinou-os!...

Accresceu tambem á extincção dos vinculos e á creação do *Banco Hypothecario* a introducção e generalisação da *roleta* e das loterias, que augmentaram espantosamente o vicio do jogo e são uma das maiores pragas que hoje pesam sobre o nosso paiz.

Tambem é digna de especial menção a lei que extinguiu a taxa do juro entre particulares, acabando com a usura *in nomine*, mas favorecendo-a escandalosamente, auctorisando qualquer juro convencional, *sem limite.*

Anteriormente o juro legal era de 5 por cento,—hoje póde ser de 10, 20, 40, 100 ou 1$000!...

Bellezas do seculo das luzes — *do gaz, do petroleo e da dynamite.*

Ao *Le monde marche* de Eugenio Peletan, oppoz Eugenio Hussart—*Le monde viellit et en viellissant on devient pire,*—e ambos teem sectarios.

Villarealenses illustres já fallecidos

Entre os muitos filhos benemeritos d'esta villa foi sem duvida o primeiro D. Pedro de Castro, [1] protonotario apostolico, abbade de Mouçós, n'este concelho, e de Freamunde, no de Paços de Ferreira, tantas vezes mencionado n'este artigo.

D'elle nos diz o sr. Antonio Lopes Mendes,—outro villarealense illustre,—nos apontamentos que se dignou enviar-nos:—«Se eu possuisse a terça parte da fortuna de meu cunhado José Maria dos Santos (é orçada na bagatella de *quatro mil* contos de réis!...) mandava erigir no Campo do Tabolado um sumptuoso monumento ao benemerito protonotario, pelos relevantes serviços que prestou á sua terra natal. Esse monumento consistiria na fundação e dotação de um amplo edificio denominado *Protonotario*, com todas as condições exigidas pela hygiene e pela sciencia modernas, para servir de *Azylo-Eschola d'Artes e officios* a 100 creanças d'ambos os sexos e das mais indi-

---

[1] O ultimo golpe foi-lhes dado em 1863.

[1] Era fidalgo da primeira nobreza, descendente da casa real d'Aragão e primo de D. Pedro de Nisa, marquez de Villa Real, em Hespanha.

gentes do municipio de Villa Real, tendo preferencia na admissão as da parochia de S. Diniz, onde nasci e fui baptisado—e talvez o fosse tambem D. Pedro de Castro—que bem merecia dos seus patricios esta tão honrosa homenagem e ao mesmo tempo tão util instituição para os villarealenses.»

Applaudimos a lembrança.

É de todo o ponto justa e bem revela o nobre e generoso coração do seu illustrado auctor.

Adiante fallaremos de s. ex.ª Agora prosigamos rendendo homenagem á memoria d'outros benemeritos villarealenses.

—

—*Fr. Miguel Mendes de Cantreiras*, da casa *d'Anta*, religioso trinitario, fundador das irmandades da Misericordia do nosso paiz.

—*Pedro Teixeira*, senhor da Teixeira e da casa de S. Braz.

Foi o terror dos hollandezes em 1625 no Amasonas e no rio Xingú, etc.

—*Martim Annes de Macedo*, da mesma casa de S. Braz e commendador de Tellões.

Foi um valente militar,—esteve na batalha d'Aljubarrota e, quando n'ella cahiu D. João I, o levantou.

—*João Teixeira de Macedo*, tambem morgado de S. Braz, senhor da Teixeira, commendador de Tellões, alcaide-mór de Monte Alegre, F. C. R. etc.

Foi grande cavalleiro no tempo de D. Affonso V, a quem prestou muitos serviços com criados e cavallos seus.

—*Martim Teixeira*, tambem morgado de S. Braz, senhor da Teixeira, F. C. R. e alcaide-mór de Villa Pouca d'Aguiar.

Esteve na tomada d'Azamor.

—*Jeronymo Teixeira de Macedo*, filho segundo da casa de S. Braz.

Foi commendador de Christo e o 1.º commendador d'esta ordem.

—*Antonio Teixeira d'Azevedo*, tambem morgado de S. Braz e senhor da Teixeira, F. C. R. etc.

Militou com grande distincção na India, onde casou.

—*José Teixeira Coelho*, filho segundo da casa de S. Braz.

Matou o conde de Villa Flor em Sergude. [1]

—*Bernardo José Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, morgado d'Abbaças, S. Braz, Sant'Anna de Constantim, Sergude, Montalvão e Bomjardim,—senhor da Teixeira e Fermedo—e commendador de Tellões.

—*Gonçalo Chrystovam Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, filho do antecedente, F. C. R. e senhor da grande casa de seus paes.

Foi o martyr das Prisões da Junqueira.

—*Gonçalo Chrystovam*, unico filho do antecedente e seu herdeiro universal.

Foi coronel cammandante dos *Voluntarios Reaes do Commercio do Porto*, F. C. R. etc. [2]

—*José Antonio Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, F. C. R. e filho e herdeiro do antecedente.

Foi coronel das milicias de Bragança e dos voluntarios realistas de Villa Real atè á convenção d'Evora Monte. [3]

—*Francisco da Silveira Pinto da Fonseca*, 1.º conde d'Amarante.

Foi marechal de campo,—militou com muita distincção na guerra peninsular—e fundou o grande palacio do conde d'Amarante.

—*Manuel da Silveira Pinto da Fonseca*, filho do antecedente e tambem general distinctissimo.

Foi 2.º conde d'Amarante, 1.º marquez de Chaves e governador das armas d'esta provincia.

—*Bento Ferreira Lima*, capitão-mór de Benguella, já mencionado.

---

[1] Genealogia de Gonçalo Chrystovam.

[2] Militou com distincção na guerra da peninsula, casou com uma filha do conde de Bobadella e falleceu em 1832, deixando seis filhos legitimos e 8 naturaes, mas legitimados.

[3] Casou com D. Maria do Carmo Abreu de Lima Noronha Teixeira Alpoim, da qual teve duas filhas, herdeiras e successoras, mas depois separou-se da esposa e esta teve um filho natural, que legitimou,—Manuel Maria, hoje visconde de Negrellos, casado e com successão, residente no seu palacio de Montariol, em Braga.

—*Jeronymo Correia Pinto do Amaral*, ouvidor de Parahiba, no imperio do Brazil, então colonia de Portugal.

Foi o fundador da Collegiada de Sant'Anna, como já dissemos.

—*Alvaro Correia Barbosa*, o *Clerigo do Milagre*, supra.

—*José Moutinho d'Aguiar*, de quem já fizemos menção.

Restaurou e ampliou a egreja matriz de S. Pedro.

—Os rev.os *João Correia de Mendonça* e *Manuel Pinto Ribeiro*, confundadores da egreja de S. Paulo ou de *S. Pedro Novo*.

—*Fr. Manuel Leite*, dominicano.

Fez grandes obras, á sua custa, no convento de S. Domingos d'esta villa. Reformou o grande dormitorio que olhava para o Campo do Tabolado, ficando uma vasta galeria com 2 andares e 23 janellas; fez a torre actual e a tribuna do altar-mór;—em 1765 mandou construir o côro e o guarneceu com cadeiras de pau preto, molduras douradas e ricas pinturas,—e restaurou o orgão que em 1764 se havia feito com os fundos da ordem, além de 1:000$000 em que foi condemnado Antonio Correia Cabrál, por causa de uma filha de Luiz da Silva Barbosa, escrivão da camara d'esta villa.

—*Diogo Dias Ferreira*, grande bemfeitor do convento franciscano d'esta villa (hoje quartel militar) que era dos «Menores reformados da provincia da Conceição». [1]

—Padre *Jeronymo Rodrigues*, conego de Guimarães e fundador do convento de Santa Clara, d'esta villa.

—Padre *José Ferreira Esteves*, fundador do Recolhimento de Nossa Senhora das Dores.

—Padre *José Ferreira de Carvalho*, sobrinho do antecedente e grande bemfeitor do mesmo recolhimento.

—*D. Luiz Alves de Figueiredo*, arcebispo da Bahia.

—Rev. dr. *Francisco Pereira Pinto*, D. Prior do Crato e bispo eleito do Porto, etc. instituidor do vinculo da Casa do Arco.

—*Pedro de Mesquita*, irmão do antecedente, capitão d'uma nau da India, onde falleceu.

—*João Correia de Mesquita*, morgado de Abbaças, M. F. C. R. e contador-mór das tres provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes.

—*Gonçalo Pinto Pereira*, M. F. C. R., capitão-mór d'esta villa e senhor da Casa do Arco.

—*Francisco Pereira Pinto Guedes*, o *ruivo*, filho do antecedente, M. F. C. R. e mestre de campo d'auxiliares.

—*Francisco Vaz Guedes Pereira Pinto*, neto do antecedente, F. C. R.—coronel de milicias e senhor da Casa do Arco.

—*Antonio Teixeira de Magalhães*, senhor da Casa da Calçada, F. C. R., capitão de cavallos e procurador ás côrtes de 1653.

Foi sargento-mór e governador de Villa Real em 1641 até 1665,—militou com bravura e prestou grandes serviços na guerra da *Restauração*,—fez muitas entradas em Hespanha,—foi governador da praça de Montalegre—e commandou um terço de infanteria de 1:700 homens, etc.

—*José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa*, F. C. R., homem de raro talento e atilamento para o commercio e politica.

Foi muitos annos deputado da *Companhia dos vinhos*, membro da junta provisoria de Villa Real para a expulsão dos francezes e um dos homens mais notaveis d'esta provincia no seu tempo. Casou em Sabrosa, onde fez grande casa e deixou larga descendencia.

—*Domingos Botelho da Fonseca*, F. E. C. R., cavalleiro da Ordem de Christo e familiar do Santo Officio.

Foi procurador ás côrtes em 1698.

—*Antonio Botelho Correia*, filho do antecedente, F. C. R. e cavalleiro da Ordem de Christo com 24$000 de pensão, concedidos por D. Pedro II em 1702.

[1] Em 1750 fizeram-se os 2 grandes arcos que da *Carreira* davam entrada para este convento e que foram demolidos est'anno. D'elles se descia por 18 degraus para o pateo lageado de pedra que tinha e tem 192 palmos de largura e 294 de comprimento, no fim do qual está um arco abatido, sobre que assenta o côro da egreja e que dá entrada para esta e para o convento.

Foi juiz almoxarife dos direitos reaes.

—*João Correia Botelho da Fonseca Machado*, F. C. R. e C. O. Ch.

Foi juiz almoxarife dos direitos reaes e monteiro-mór d'esta villa.

—Dr. *Francisco Machado Botelho*, superintendente dos tabacos n'esta provincia.

—Rev. *João Botelho Mourão*, o *Santo Arcediago*, um dos ascendentes da casa de Matheus.

Foi muito estimado pelo papa Benedicto XIV e pelo celebre *Lambertini.*

—O licenciado *Antonio Alves Coelho*, instituidor do Morgado de Matheus, um dos actuaes condes de Villa Real, em 1643.

—*Antonio José Botelho Mourão*, F. C. R. morgado de Matheus e tenente coronel dos dragões de Chaves, etc.

Militou com distincção nas guerras da *Grande Alliança* e construiu o famoso palacio de Matheus até ás columnas,—bem como a sumptuosa capella do mesmo palacio.

—*D. Luiz Antonio de Sousa*, morgâdo de Matheus, do concelho de S. M., senhor donatario de Ovelha, alcaide-mór de Bragança, commendador de Vimioso, brigadeiro do exercito, governador do Castello de Vianna e governador da provincia de S. Paulo no Brazil, etc.

—*D. José Maria de Sousa Botelho Mourão*, morgado de Matheus, moço fidalgo com exercicio no paço, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, capitão de cavallaria, embaixador na Russia, Copenhague, etc.

Falleceu em Paris em 1825 e foi elle quem mandou fazer a luxuosa edição dos *Luziadas*, do Morgado de Matheus [1].

—*D. José Luiz de Sousa Botelho Mourão*, filho do antecedente, morgado de Matheus, conde de Villa Real, etc.

Foi ajudante general do 2.º conde d'Amarante, quando este em 1823 insurreccionou contra o governo constitucional esta provincia de Traz os Montes, da qual era governador militar. A D. José Luiz de Sousa se deve em grande parte o vencimento da acção de *Santa Barbara*, porque muito contribuiu para animar a divisão do conde d'Amarante e restabelecer n'ella a disciplina militar.

• —

De passagem diremos que aquella divisão, formada exclusivamente pelas tropas da provincia de Traz os Montes, era toda aristocrata.

Tinha por commandante em chefe o 2.º conde d'Amarante e marechal, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, depois marquez de Chaves. Foi elle quem no dia 23 de fevereiro de 1823 levantou em Villa Real o pendão da revolta, e serviam ás suas ordens os cavalheiros seguintes:

Gaspar Teixeira de Magalhães Lacerda, marechal, commandante da cavallaria, depois visconde do Peso da Regoa—e tio materno do 2.º conde d'Amarante, commandante em chefe da divisão.

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, depois visconde de Canellas, tio paterno do mesmo commandante em chefe.

Luiz Maria Teixeira Vahia, depois visconde de S. João da Pesqueira, marechal e commandante da infanteria.

O visconde da Ervedosa, coronel e commandante do regimento de infanteria n.º 24.

Carlos infante de Lacerda, depois barão de Sabroso, tenente coronel.

Francisco de Madureira Lobo, coronel.

Martinho Correia, brigadeiro.

Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, 2.º visconde de Montalegre, coronel commandante do regimento de cavallaria n.º 6.

José Vaz Pereira Pinto Guedes, depois visconde de Villa Garcia, irmão do antecedente, com varios parentes seus, entre elles o filho primogenito Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes, que falleceu como um heroe na acção de Santa Barbara, sendo capitão do regimento de cavallaria n.º 6, commandado pelo visconde de Montalegre, seu tio.

Do exposto se vê que n'esta divisão militaram 1 marquez, 2 condes, 5 viscondes, 3 marechaes e 1 barão [1].

---

[1] V. *Matheus*, vol. 5.º pag. 127, col. 1.ª

[1] V. *Amarante*, vol. 1.º pag. 189, col. 1.ª —*Canellas*, vol. 2.º pag. 88, col. 1.ª—*Chaves* no mesmo vol. pag. 285, col. 1.ª—*Poiares.*

Ainda ao tempo a nossa nobreza se não esquivava ao serviço militar, como hoje.

Prosigamos com a lista dos villarealenses benemeritos já fallecidos.

—

—*Gonçalo Lobo Tavares*, contador das rendas do marquez de Villa Real e alcaide-mór de Lamas d'Orelhão.

—O dr. *Antonio de Ervedosa*, ouvidor em Valença do Minho.

—O dr. *Mathias Alves Mourão*, provedor e grande bemfeitor da Misericordia d'esta villa.

Foi lente da Universidade, cavalleiro professo da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação e deputado do fisco. Falleceu em 1672.

—O licenciado *Manuel da Silva*, grande bemfeitor da egreja de S. Paulo ou de S. Pedro *novo*.

—*Fernão Pinto Pimentel*, armado cavalleiro em Ceuta, procurador ás côrtes d'Almeirim e instituidor do morgado da Ribeira de Sabrosa.

—*José Rodrigues de Freitas* e *Francisco Rodrigues de Freitas*, já mencionados, grandes bemfeitores da Misericordia d'esta villa [1].

Poderiamos levar muito mais longe este topico, porque todas as casas nobres de Villa Real contam entre os seus ascendentes muitas pessoas benemeritas; mas, para não fatigarmos os leitores, ficaremos por aqui, mencionando apenas ainda os nomes de 4 senhoras:

—*D. Anna Eufrasia da Rocha* e sua irmã *D. Maria Magdalena da Rocha*, que deram, como já dissemos, vinte contos de réis á Misericordia, com a condição de serem recebidos e tratados no seu hospital os *irmãos terceiros* de S. Francisco.

—*D. Maria Emilia Teixeira de Moura*, que deixou ao hospital da Misericordia cincoenta contos de réis.

—*D. Margarida Chaves*,—*chave d'ouro* d'este topico.

Sendo natural d'esta villa, viveu longos annos em Lisboa, na companhia de seu irmão Luiz Augusto Chaves, capitalista e que, fallecendo solteiro, lhe deixou a maior parte da sua fortuna.

Tantos annos esteve auzente d'esta villa a boa senhora que, regressando a ella por morte de seu irmão, já em Villa Real ninguem a conhecia!

Falleceu tambem solteira, como seu irmão e irmãs, provou porém que, apesar da longa ausencia, nunca esqueceu, antes muito amou sempre a sua terra natal, pois lhe legou em inscripções oitenta contos de réis, para n'ella se fundar um Azylo, que está prestes a inaugurar-se com o titulo de *Azylo Chaves*, no palacete de *S. Jacintho*, que foi de Gonçalo Christovam e que a benemerita commissão, encarregada de cumprir o legado, comprou em hasta publica, para aquelle fim, por quatro contos de rèis.

Sentimos que os nossos apontamentos sejam tão escassos n'este ponto.

Deus tenha em bom logar a benemerita senhora.

Escriptores publicos já fallecidos

—*Alvaro Lobo*, padre jesuita, cujo instituto professou em 28 de fevereiro de 1566. Foi professor de philosophia em Evora, regente nos collegios de Braga e Lisboa e reitor no do Porto.

Nasceu n'esta villa em 1551 e falleceu em Coimbra a 23 d'abril de 1608.

Publicou varias obras citadas por Innocencio F. da Silva.

—*Fr. Antonio Teixeira*, trinitario, reitor do collegio da sua ordem em Coimbra e 3 vezes provincial.

---

da Regoa, vol. 7.° pag. 117, col. 2.ª—*Santa Barbara*, vol. 8.° pag. 403, col. 1.ª e 405, col. 1.ª tambem,—e n'este vol. 10.° *Villa Garcia*, pag. 736, col. 1.ª

[1] Tornaram-se tambem tristemente notaveis os 2 villarealenses seguintes:

1.°—*Manuel Innocencio d'Araujo Mansilha*. Este mancebo, contando apenas 23 annos, filiou-se na celebre associação secreta dos *Divodignos*, quando frequentava a Universidade, e tomou parte no morticinio dos lentes junto de Condeixa, pelo que foi justiçado em Lisboa, no dia 20 de junho de 1828. V. *Condeixa Velha*.

2.°—*Domingos Baptista*, de 21 annos, justiçado no Porto, em 23 de julho de 1838.

Veja-se n'este vol. 10.° o artigo *Victoria*, pag. 604 e seg.

Nasceu n'esta villa em 1602 e falleceu a 22 de novembro de 1687 no seu convento de Lisboa.

Com relação ás suas obras, veja-se Innocencio e a *Rev. Litteraria*, tomo II. pag 26.

—*Philippe José Nogueira Coelho*, cavalleiro professo na ordem de Christo, formado em direito pela Universidade de Coimbra, ouvidor, provedor e intendente do ouro em Matto Grosso, no Brazil, etc.

Para as suas obras—veja-se o diccionario bibliographico de Innocencio.

Viveu na 2.ª metade do ultimo seculo.

—*Francisco Ignacio Pereira Rubião*, cavaleiro da ordem de Christo, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra em 1814, etc.

Nasceu n'esta villa e falleceu no Porto em 25 de março de 1846.

É auctor do *Vinhateiro* e d'outras obras indicadas por Innocencio.

—*Francisco Xavier Teixeira de Mendonça*, formado em direito, advogado da casa da supplicação em Lisboa, etc.

Nasceu n'esta villa em 1713 e falleceu desterrado em Angola, tendo sido preso em 1758 e mettido nas *Prisões da Junqueira.*

Foi um dos martyres do celebre marquez de Pombal e mandado prender por elle, por ter escripto varias peças juridicas no grande pleito entre Gonçalo Chrystovam e o dicto marquez,—pleito a que já nos referimos e que o marquez venceu encerrando nas Prisões da Junqueira Gonçalo Chrystovam, toda a sua familia e o seu advogado.

Veja-se o diccionario de Innocencio e as *Prisões da Junqueira* pelo marquez d'Alorna, tambem martyr d'ellas!...

—*Jeronymo Gomes Carneiro*, natural d'esta villa, doutor em medicina pela Universidade de *Montpellier*, commendador da Ordem de Christo, etc.

Veja-se o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio—e o artigo *Poiares* da Regoa, vol. 7.º pag. 119, col. 1.ª onde se encontra a biographia de s. ex.ª

Foi intimo amigo do humilde auctor d'estas linhas e falleceu no dia 24 d'abril de 1876, na sua casa de S. Miguel de Poiares, concelho da Regoa.

—*João de Barros*, doutor em leis.

Nasceu em Braga ou no Porto (diz Innocencio) mas viveu em Villa Real; foi do desembargo d'el-rei D. João III e seu escrivão da camara, etc.

Escreveu o *Espelho de casados*, publicado pela 1.ª vez no Porto em 1540,—e a *Geographia* ou *Antiguidades das provincias de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes*, em 1548, ainda hoje manuscriptas.

Codice 549 da *Bibliotheca Municipal do Porto.*

Possuimos um longo extracto d'este codice.

—*Joaquim Maria Botelho de Lacerda Villaça Bacellar*, bacharel formado em direito, natural d'esta villa e advogado no Porto, onde falleceu pouco antes de 1859.

Escreveu e publicou no Porto, em 1848, um romance em 2 volumes, 8.º—*Merlinda, duqueza d'Arnau.*

—*D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda*, do conselho de S. M.—F. C. R., commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, deão da sé patriarchal, commissario dos estudos no districto de Lisboa, reitor do lyceu nacional, deputado ás côrtes em varias legislaturas, socio da Academia Real das Sciencias, etc.

Nasceu n'esta villa em 23 de maio de 1803; —foi filho do conselheiro José Joaquim d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda;—tomou o habito na congregação dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) e foi n'ella por algum tempo professor de philosophia racional e moral, no mosteiro de S. Vicente de Fóra, até sahir para o seculo em 1826, passando a ser provido no beneficio de thesoureiro-mór da sé da Guarda, etc.

Foi um dos portuguezes mais illustrados d'este seculo e fecundo escriptor publico.

Podem vêr-se as suas obras no diccionario de Innocencio.

—*José Thomaz da Silva Teixeira*, natural d'esta villa. Cursava em 1817 o 3.º anno de leis na Universidade de Coimbra.

Consta que falleceu muito novo.

Publicou no Porto em 1822 a *Eurypide*, tragedia de Voltaire, traduzida por elle em portuguez.

«Ouvi que deixára (diz Innocencio) muitos versos manuscriptos, porem a maior parte (entre elles um pequeno poema em dois cantos com o titulo de *Calvineida*) de genero absolutamente improprio para o prelo».

—

Consultando o sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho e meu bom amigo e mestre, dignou-se s. ex.ª responder o seguinte:

»Envio-lhe (e não me devolva) um exemplar (unico existente) das *Catacumbas*[1]. O collector, em certa altura da publicação, queimou todos os exemplares, e mandou-me esse que lhe offereço. Ahi, a pag. 16, acha v. alguma noticia de *José Thomaz*. Quando eu era novo, ouvi fallar muito d'esse homem em Villarinho da Samardan ao meu padre mestre Antonio d'Azevedo (cunhado de minha irman) que fôra muito intimo de José Thomaz, bacharel em direito. Parece-me que morreu em 1832. Era grande improvisador.»

Effectivamente, no meu *rarissimo* exemplar das *Catacumbas*, sob o titulo *Estudantes e futricas*, se lê a pag. 16 o seguinte:

«Desde 1820, ou mesmo d'antes, vinha em Coimbra a animosidade entre os academicos e os habitantes da cidade.

Em 1824 já a effervescencia era grande. Não intimidára a morte de José Ayres aos subsequentes academicos. Presta-se o assumpto a vasto trabalho, para que nos falta o preciso tempo e dados proprios.

Aqui poremos só uma pequena amostra d'aquelle desamor.

Havia theatro em Coimbra n'uma casa de um homem prestante, A. J. R. Trovão, se nos não falta a reminiscencia. Representavam ali artistas que vedavam a entrada aos estudantes.

José Thomaz, estudante de Villa Real, tomando o partido dos seus, caiu-lhes em cima com este soneto:

Preparem-se attenções: Trovão famoso
Nas margens mondegaes vae ribombar.
Preparem-se attenções, chiton! calar!
Eis na scena cothurno magestoso.

Hoje o Senna, o Tamiza, o Tejo undoso
Verão sua gloria declinar,
Pois que o Mondego vae mais gloria dar:
Coroa a actriz um drama portentoso.

Ferve o afan. Álerta, sapateiros!
A gloria é vossa, comicos prestantes,
Sois no theatro os figurões primeiros.

E para que fiqueis de todo ovantes
Espectadores sejam os barqueiros:
Eia! vedae a entrada aos estudantes.

—

«Respondeu-lhe o pae de um nosso amigo, ha pouco fallecido, Fructuoso Amadeu da Silva Monteiro, cujo nome não sabemos n'este momento, com esta especie de paraphrase pelos mesmos consoantes:

Que potro em pinotes tão famoso!
Como rincha! Faz tudo ribombar:
Sendeiro, nem o freio o faz calar;
Jámais será cavallo magestoso.

A Paris, a Londres não, ao Tejo undoso
O façam alugueis ir declinar,
Até que lazarento venha a dar
Nas margens do Mondego portentoso.

Tomára, o triste, então que sapateiros,
Não lhe vendo os ilhaes nunca prestantes
Em montal-o quizessem ser primeiros;

Mas victima, em fim, de cães ovantes,
Ao ver-lhe os ossos nus, dirão barqueiros:
Eis a besta maior dos Estudantes.»

Ao meu bom amigo e Cyreneu, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*,—o homem que hoje

[1] *Catacumbas*, miscellanea archeologica, bibliographica, numismatica, poetica, epigraphica, etc., etc., reunida por Antonio Francisco Barata. Evora, Typ. Minerva, 1883, 4.º até pag. 72.

Lamentando vivamente que o auctor interrompesse tão interessente trabalho, agradeço penhoradissimo ao ex.^mo sr. Camillo Castello Branco o exemplar com que me brindou e que é uma mina para a minha lavoura.

temos mais versado nas antiguidades e curiosidades de Coimbra,—peço a finesa de me esclarecer sobre o assumpto, para fazer as devidas rectificações e addições no supplemento.

—

Prosigamos:

—*Fr. José da Virgem Maria*, franciscano, professor regio de primeiras lettras no convento de Villa Real, etc.

Publicou o *Novo Methodo de educar os meninos e meninas, principalmente nas villas e cidades*. Lisboa, Imp. Regia, 1815, 4.º

O tomo 1.º tracta dos elementos da grammatica e da lingua portugueza e comprehende 133 pag. com seis tractados para aprender o caracter da lettra ingleza;—o tomo 2.º tracta dos elementos de astronomia, geographia e optica em X—156 pag. com 7 estampas.

Alguns exemplares d'esta obra, hoje rara, trazem no tomo 1.º o retrato do conde de Amarante, a quem foi pelo auctor dedicada; em outros não se vê o retrato.

—*Luiz José Ribeiro*, 1.º barão da Palma, do conselho de S. M., commendador de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa, presidente da Junta do Credito Publico, commissario em chefe do exercito, etc., filho de Antonio José Ribeiro e de D. Isabel Maria.

Nasceu n'esta villa em 2 de maio de 1785, falleceu em Lisboa no dia 14 de dezembro de 1856.

Foi homem muito illustrado e auctor de varias obras indicadas por Innocencio.

—*João Baptista Ribeiro*, irmão do antecedente, do conselho de S. M., commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, director e lente jubilado da Academia Polytechnica do Porto, etc.

Nasceu na freguezia de S. João d'Arroios, concelho de Villa Real, a 25 d'abril de 1790, e falleceu na freguezia de Santo Ildefonso, no Porto, em 24 de julho de 1868 [1].

Em 1802 matriculou-se nas aulas de desenho da Academia do Porto e frequentou-as sete annos, tendo por professores Francisco Vieira Portuense, Domingos Francisco Vieira, José Teixeira Barreto e Raymundo Joaquim da Costa, obtendo 3 premios de 1.ª classe.

Em 1811 foi nomeado lente substituto da aula de pintura e em 1824 mestre de desenho e pintura das infantas. Passou a lente proprietario em 1833 e em 1836 foi nomeado director da antiga Academia de Marinha e Commercio do Porto, representada hoje pela Academia Polytechnica

Com relação á sua biographia e obras litterarias e artisticas, veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio,—o n.º 79 do *Periodico dos pobres do Porto* (1856) o artigo que foi transcripto em seguida no *Braz Tisana* n.º 82,—o n.º 80 do *Nacional* de 9 de abril de 1859,—os *Annuarios* da Academia Polytechnica do Porto—e o *Diccionario Popular*.

—*Fr. Manuel de Maria Santissima*, missionario apostolico do seminario do Varatojo, onde foi guardião, etc.

Professou em 23 de novembro de 1764 no dicto convento, mas anteriormente pertenceu á congregação do Senhor Jesus da Boa Morte, da ordem de S. Paulo, 1.º Eremita, na qual tomou o habito em 7 de março de 1758.

Nasceu n'esta villa, ou em Braga, e falleceu em 23 de janeiro de 1802.

Escreveu a *Historia da fundação do real convento e seminario de Varatojo* e outras obras indicadas por Innocencio.

—*Fr. Simão Corrêa*, dominicano.

Professou no convento d'Azeitão em 28 de janeiro de 1598 e nasceu em Villa Real, não sabemos quando.

Das suas obras conhecemos apenas uma: —*Sermão na procissão de graças que a muito nobre Villa Real fez pela restauração da cidade da Bahia, prégado em 15 d'agosto de 1625*. Lisboa, por Geraldo da Vinha, 1625, in-4.º

[1] Não era casado, mas, segundo consta, deixou filhos naturaes, sendo um d'elles Francisco da Silva Cardoso, digno lente actual da Academia Polytechnica do Porto.

É hoje muito raro este sermão.

—Padre *José Maria Alves Torgo*, abbade da freguezia de Louredo, em Santa Martha de Penaguião, e orador distinctissimo.

Era muito illustrado e falleceu n'esta villa no mez de dezembro de 1884.

Alem de varios artigos soltos em diversos jornaes politicos e litterarios, sabemos que publicou um romance e um drama.

Fecharemos este topico, mencionando uma senhora tão distincta pelo nascimento, como pela sua illustração e virtudes.

—*D. Leonor de Noronha*, filha do marquez de Villa Real, D. Fernando de Menezes.

Escreveu e publicou a *Vida e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo*, segundo se lê no *Jardim de Portugal*.

Villarealenses illustres contemporaneos

—*D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos*, senhor da grande casa de Matheus e actual conde de Villa Real, bisneto de D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, que mandou fazer á sua custa a luxuosa edição dos *Luziadas*, bem conhecida como edição do Morgado de Matheus.

O conde actual reside a maior parte do tempo em Lisboa, porque é um dos fidalgos com exercicio no paço; mas tem o seu palacio de Matheus muito limpo e bem tratado, bem como os jardins e a vasta cerca [1], —um dos maiores e melhores predios d'este districto;—e por este raro conjuncto é o palacio de Matheus um dos 3 melhores palacios particulares da provincia.

Os outros dois são o da *Brejoeira*, junto de Monção, e o dos condes da Anadia, em Mangualde,—todos tres vastos, com bons jardins e grandes cercas, mas muito differentes.

Este de Matheus é o mais vistoso, mais alegre e mais bem situado. Tem amplas vistas para todos os quadrantes;—uma capella magestosa com uma linda torre e sino com relogio;—a sua fabrica é elegante e imponente; descreve um parallelogrammo ou quadrilongo regularissimo, prolongando-se de nascente a poente e aberto d'este lado, por onde se entra atravez d'um lindo parque e d'um espaçoso terreiro ajardinado.

Dista de Villa Real 6:750 metros, para o nascente,—e 40 a 50 da nova estrada a macadam de Villa Real a Sabrosa e Freixo de Espada á Cinta, para o sul.

O palacio era dividido em 15 grandes salões *sem um quarto unico*, mas o sr. conde o restaurou em 1883 e por essa occasião lhe metteu um corredor ao longo da fachada norte e dividiu em quartos independentes os sete salões d'esta fachada.

—

O palacio da *Brejoeira*, é tambem regularissimo, imponente e magestoso, mas quadrado, mais pesado e mettido em uma cova, sem horisonte, no meio de um deserto extremamente solitario e triste!...

O local era mais proprio para uma vivenda de monges, do que para uma casa de recreio, habitação de fidalgos.

O de Mangualde é um edificio custoso e vasto, bem mobilado e muito bem tractado, mas irregularissimo, feito sem planta e em diversas datas. A sua fachada nobre não tem imponencia relativa e está aprumada sobre um terreiro publico, informe e pequeno, onde não podem rodar a um tempo quatro trens e por onde passa a estrada publica, tortuosa e tão estreita que entre o palacio e os velhos paços do concelho, hoje cadeia publica, muito negra e indecentissima, sempre cheia de infelizes esmolando atravez das grades, haverá apenas 5 metros de distancia, —o que muito affronta o palacio. Brilharia o dobro, se tivesse outra frontaria e um parque ou jardim entre elle e a estrada publica. E o seu local, se não é tão triste como o do palacio da *Brejoeira*,—é muito mais acanhado e pouco vistoso tambem.

Sendo um palacio tão amplo e custoso e tendo uma cerca tão vasta, é realmente para sentir que os seus fundadores fossem tão infelizes na escolha da planta e do local.

[1] D'esta cerca e das quintas contiguas que o nobre conde possue n'este concelho de Villa Real, pagou s. ex.ª no ultimo anno economico a bagatella de 525$150 réis—só de contribuição predial!...

V. *Brejoeira*, *Mangualde* e *Matheus*.

Prosigamos com a lista dos villarealenses illustres contemporaneos:

—*D. Frederico Vaz Guedes d'Athaide Malafaia*, da nobre casa do Arco, juiz de uma das varas no Porto. Já mencionado supra.

—*D. Miguel Vaz Guedes*, irmão do antecedente e já mencionado tambem.

—*D. Francisco Vaz Guedes*, irmão primogenito dos antecedentes, representante da Casa do Arco e da de Barbosa, onde reside, como já dissemos.

—*D. João Rebello Cardoso de Menezes*, arcebispo de Mitylene, prelado domestico de Sua Santidade, dr. em theologia, prezidente da relação e curia patriarchal, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa.

—*Jeronymo da Cunha Pimentel*, digno par do reino, bacharel formado em direito, do conselho de S. M., deputado ás côrtes em varias legislaturas, ex-governador civil de Braga, escriptor publico e hoje director da Penitenciaria em Lisboa, já mencionado.

—*Adolpho da Cunha Pimentel*, irmão do antecedente, bacharel formado em direito, chefe de secção da Junta do Credito Publico e da Caixa geral dos Depositos no Porto e deputado ás côrtes, já mencionado tambem.

—*Manuel d'Assumpção*, bacharel formado em direito, deputado ás côrtes em varias legislaturas e distincto escriptor publico.

É hoje ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça, tendo sido director do mesmo ministerio.

—*Antonio d'Azevedo Castello Branco*, bacharel formado em direito, sub-director da Penitenciaria em Lisboa, deputado ás côrtes em varias legislaturas, escriptor publico distinctissimo e poeta, auctor da *Lyra Meridional*, etc.

Nasceu em Villarinho da Samardã, freguezia d'este concelho, em 1843, e é sobrinho do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, o principe dos escriptores portuguezes na actualidade.

O sr. dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco tambem foi administrador do concelho de Murça, 1.º official do governo civil de Villa Real, vice-governador civil e presidente da junta geral d'este districto.

—*José d'Azevedo Castello Branco*, irmão do antecedente, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes na actualidade, poeta e distincto escriptor publico tambem.

Nasceu em Villarinho da Samardã pelos annos de 1847 e, quando frequentava a Universidade, escreveu um drama, que foi representado em Coimbra, mas não se imprimiu.

—*Antonio José de Carvalho Portella*, cirurgião-mór do exercito, bacharel formado em medicina.

—*Agostinho da Rocha e Castro*, filho de Manuel José da Rocha Guimarães e de D. Isabel Ignez de Castro, nasceu em Villa Real no dia 4 de maio de 1837.

Depois de ter cursado as disciplinas de instrucção secundaria que então se professavam no lyceu d'esta villa, foi para Coimbra completar os preparatorios e formou-se em direito em 1859.

Durante alguns annos exerceu a advocacia em Villa Real e collaborou em differentes jornaes politicos e litterarios, designadamente no *Nacional*, cuja direcção politica estéve algum tempo a seu cargo.

Em 1865 foi nomeado secretario geral d'este districto, e em 1868 foi transferido para o logar de administrador central do correio d'esta villa.

Em 1871 foi eleito deputado ás côrtes pelo circulo da Regoa e, sendo transferido em 1873 para administrador central do correio do Porto (hoje administração dos correios, telegraphos e pharoes da 2.ª circumscripção) foi novamente eleito deputado por Villa Real, em 1874.

Em 1877 foi nomeado governador civil do Porto, commissão que desempenhou até 1878, voltando a exercer o logar de administrador dos correios e telegraphos na mesma cidade.

É um cavalheiro respeitabilissimo e um funccionario modêlo.

—*Albano Baptista de Sousa*, bacharel formado em direito, advogado, professor do Lyceu e promotor do districto ecclesiastico d'esta villa.

—*Luiz Augusto Teixeira Lobato*, bacharel

formado em medicina pela Universidade de Coimbra, 1.° juiz de direito substituto, governador civil interino d'este districto e professor do Lyceu.

—*Antonio Alberto Teixeira Lobato*, bacharel formado em direito, administrador interino d'este concelho, advogado e vereador.

—*João Baptista Guerra*, bacharel formado em direito e advogado tambem.

—*Manuel da Silva Vasconcellos*, bacharel formado em direito e vogal do conselho de districto.

—*Francisco Salles da Costa Lobo*, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

—*Custodio Duarte d'Almeida*, formado pela Eschola-Medico-Cirurgica do Porto.

É cirurgião-mór no Ultramar.

—*José Augusto Pinto Machado*, capitão de infanteria e reprezentante da nobre casa vincular dos Pintos Machados, d'esta villa.

Tem o curso da Eschola do Exercito e é filho do dr. e advogado Antonio Pinto Machado.

—*Antonio José Claro da Fonseca*, fundador do lindo palacete da rua da Fonte Nova, já mencionado, feito depois do meado d'este seculo sobre as ruinas de uma casa de recreio brasonada, que foi da nobre familia Silveiras.

Rezide no Porto e é hoje um dos homens mais importantes ao norte do nosso paiz por ser, ha muitos annos, administrador geral de toda a grande casa *Ferreirinha*, da Regoa,—casa que hoje se avalia em *seis mil contos* e que já colheu no Douro cerca de tres mil pipas de vinho generoso.

Administra não só todas as propriedades rusticas e urbanas da opulenta casa *Ferreirinha* e os capitaes que constituem a maior parte d'ella,—mas tambem o seu importantissimo ramo de commercio de vinhos, pois é uma das primeiras casas exportadoras de vinhos do Douro. Por vezes o seu deposito se tem elevado a dez mil pipas, o que representa *milhares de contos!*...

Esta opulenta casa tem o seu escriptorio geral na rua dos Inglezes, hoje rua do *Infante D. Henrique*, n.° 83,—no Porto.

É casado e tem successão.

—*Antonio Claro da Fonseca*, bacharel formado em direito, filho do antecedente e curador geral dos orphãos no 2.° districto do Porto.

Foi secretario geral do governo civil e vogal do concelho de districto em Villa Real.

—*Luiz de Bessa Correia*, bacharel formado em direito, advogado no Porto e um dos mais distinctos jurisconsultos do nosso paiz na actualidade.

Foi um dos collaboradores do *Trovador*, nos seus tempos de Coimbra, e exerceu por differentes vezes o logar de governador civil interino, de secretario geral e de vogal do conselho de districto n'esta villa.

—*Francisco de Bessa Correia*, irmão do antecedente e tambem bacharel formado em direito.

—*Henrique de Bessa Correia*, tambem irmão do antecedente e bacharel formado em direito.

—*Antonio Baptista de Sousa*, bacharel formado em direito e advogado em Lisboa.

—*Francisco Ferreira da Costa Agarez*, presidente da camara municipal.

—*Affonso Ferreira Vaz Pimentel*, vice-presidente da camara municipal.

—O rev. *Francisco José Moreira de Carvalho*, professor de philosophia jubilado no Lyceu d'esta villa e vigario geral n'este districto ecclesiastico.

—*Antonio d'Almeida dos Santos* (?) barão d'Almeida de Santos (?) par do reino e capitalista residente em Lisboa.

Adquiriu boa fortuna pelo commercio no Brazil e casou em Paris.

É filho de Antonio Joaquim d'Almeida, tambem natural d'esta villa, excellente pessoa e escriptor publico, pois sabemos que escreveu e publicou a vida de *Santo Antonio*, o santo do seu nome.

—*Bento Teixeira de Figueiredo Amaral*, bacharel formado em direito e um dos primeiros proprietarios e capitalistas d'este concelho, filho do dr. José Paulo Teixeira de Figueiredo, de Matheus, que foi o primeiro proprietario e capitalista d'esta provincia, depois da opulenta casa *Ferreirinha* da Regoa.

—

Antonio Lopes Mendes, infatigavel viajante

e explorador, distincto escriptor publico, mimoso paisagista, agronomo, ex-professor do instituto agricola, ex-deputado ás côrtes, socio effectivo da benemerita *Sociedade de Geographia de Lisboa* e cavalheiro estimabilissimo, tão modesto como illustrado.

Nasceu na antiga rua da *Amargura*, hoje rua *Municipal*, freguezia de S. Diniz, d'esta villa, em 30 de janeiro de 1835 e rezide em Lisboa, ha muitos annos.

Seus paes,—Antonio Lopes Mendes e D. Anna Maria Emilia Cardoso,—eram proprietarios, mas o genealogista que se désse ao trabalho de reconstruir a arvore genealogica de Diogo Cam, mandado por el-rei D. João II explorar os mares da Africa e que em 1485 (ha precisamente 400 annos!...) descobriu o Zaire, encontraria no ramo dos *Mendes*, ligado ao tronco do celebre navegante, os ascendentes de Lopes Mendes.

A mesma casa onde nasceu revela muita antiguidade; não o nobilita porem tanto a nobresa herdada, *nobresa alheia*, como a que s. ex.ª conquistou por si proprio, pelo estudo, pelo trabalho e pelo seu comportamento sempre correcto e digno.

—

Frequentou alguns annos a Academia Polytechnica do Porto,—depois concluiu em Lisboa o curso de agronomo e com tanta distincção que regeu alguns annos uma cadeira do nosso instituto agricola.

Foi durante este primeiro curso que o governo ordenou uma excursão agricolo-scientifica ao norte do reino e d'ella fez parte o distincto alumno professor.

Deve o *Archivo Pittoresco* a esse periodo de trabalho uma collecção de desenhos de monumentos, paisagens e costumes portuguezes, começada a publicar no seu V volume e interrompida com a suspensão d'aquelle semanario. D'essa collecção encontramos agora reproduzidas algumas das gravuras na *Historia de Portugal illustrada*, edição popul r do eminente historiador e actualmente ministro da marinha, o sr. Pinheiro Chagas.

No *Archivo Pittoresco* mostrou Lopes Mendes a sua rara vocação para o desenho, nomeadamente *de paisagem*, manifestada desde os mais tenros annos [1] e que felizmente pôde cultivar e aperfeiçoar com o estudo e com a pratica durante as suas longinquas excursões e viagens pela America.

É talvez hoje o nosso *primeiro paisagista*, como provam os centos de desenhos com que está illustrando a sua *India Portugueza* e o seu *Relatorio* da expedição scientifica á serra da Estrella em 1881.

Mas prosigamos:

—

Estando ainda ao serviço do nosso instituto agricola, levantou em 1858 a 1859 a planta topographica da incipiente colonia da *Venda do Alcaide*, dando melhor direcção aos trabalhos agricolas e á fruição dos colonos.

Nas ferias de 1858 escreveu uma interessante memoria sobre a doença dos laranjaes de Setubal,—memoria que publicou no *Archivo Rural* do instituto agricola e que mereceu do sr. conselheiro Ferreira Lapa a lisongeira apreciação seguinte:

«Entra tambem n'este numero uma correspondencia relativa á doença radicular das laranjeiras em Setubal, do sr. Lopes Mendes, habilitado distinctamente n'este anno, com os cursos do Instituto, e já encarregado de uma importante exploração rural.

«O sr. Lopes Mendes foi um estudante mais que regular; mereceu a estima de seus mestres; foi um dos alumnos que acompanhou a commissão agricola na sua excursão scientifica ao norte do reino, e era *pela sua habilidade pouco commum em desenho*, ajudante do professor d'esta disciplina no Instituto.»

Este periodo de penna tão auctorisada é testemunho insuspeito do que levamos exposto.

---

[1] Sendo ainda creança imberbe, sem noções algumas de desenho, pintou um pano de frente para o theatro da sua terra natal, representando uma vista d'ella. As incorrecções deviam ser muitas, mas vae desaffrontar-se brilhantemente, publicando uma *Descripção* da sua formosa villa, illustrada pelo mesmo lapis que desenhou o pobre panno *in illo tempore!...*

Reunidos em um os institutos agricola e veterinario, fundou se um estabelecimento hippico para o aperfeiçoamento e producção das differentes raças e coube a Lopes Mendes a honra de ser o installador do primeiro estabelecimento official d'esta especialidade, em cuja administração prestou valiosos serviços.

—

Em 1862, governando as nossas possessões da India o valente e intelligente conde de Torres Novas, e desejando melhorar as condições agricolas das terras que ali possuimos, requisitou do nosso governo um homem com as habilitações necessarias para o coadjuvar em tão importante missão. Concordou o governo e, consultando sobre a escolha o Instituto Agricola, este lhe indicou Lopes Mendes que, cheio de vida, de enthusiasmo e fé, acceitou a missão. Deixando os commodos de Lisboa, partiu para a India e por lá estanciou 9 annos, até 1871, merecendo pelo seu trabalho, pela sua intelligencia e pelas suas nobilissimas qualidades as maiores provas de estima, tanto do conde de Torres Novas como dos governadores que lhe succederam,—José Ferreira Pestana e o sr. visconde de S. Januario.

Não só desempenhou com louvor variadas commissões de serviço publico, mas nas suas horas d'ocio d'aquelles longos nove annos estudou sobre o local a historia das nossas possessões asiaticas, desenhou na sua carteira monumentos, palacios, pagodes, costumes, tudo o que mais o prendeu—e depois, no remanso do seu gabinete de estudo, coordenou os seus apontamentos, retocou os seus *croquis* e assim organisou a sua *India Portugueza*, mimoso e interessantissimo album das nossas glorias, que offereceu á *Sociedade de Geographia de Lisboa*, da qual é socio benemerito,—trabalho unico e admiravel no seu genero e que o nosso governo, a instancias da *Sociedade de Geographia*, está publicando na Imprensa Nacional.

—

A *India Portugueza* de Lopes Mendes, além da parte historica e descriptiva, comprehende 350 gravuras feitas sobre desenhos do auctor, e 7 cartas geographicas elucidativas do texto, organisadas tambem por Lopes Mendes.

Cabe-nos a honra de ter visto o original e os desenhos todos e já possuimos 28 provas das 350 gravuras. São lindissimas, nomeadamente as que representam a cidade de *Velha Goa*,—a *Casa de D. Antonio de Carcamo Lobo*, em S. Pedro,—o *Arsenal de Gôa*,—a *Egreja do Bom Jesus*, de Goa,—o *Tumulo de S. Francisco Xavier*,—o *Collegio dos Cathecumenos*,—o *Hospital da Misericordia*,—o *Arco dos Vice-Reis*,—*D. Vasco da Gama*,—o *Pagode de Mahem*,—a *Praça da Aguada*,—o *Palacio do Cabo*—e uma *Mendiga de Goa*.

O sr. Lopes Mendes fez parte da *Expedição scientifica* enviada, com a protecção do governo, pela Sociedade de Geographia de Lisboa á serra da Estrella em agosto de 1881 e que por lá estanciou 15 dias.

Trouxe tambem s. ex.ª da grande serra muitos desenhos, que vão ser publicados em gravuras no seu relatorio e que devem tornal-o interessantissimo.

Já vimos os *croquis*, porque tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta expedição scientifica,—não como vogal, mas como representante do *Districto da Guarda*, e *reporter* do *Commercio Portuguez* [1].

Foi ali que nos relacionamos com o sr. Lopes Mendes e que tivemos occasião de ver e admirar o seu primoroso lapis, desenhando com a maior facilidade e fidelidade as villas de Manteigas, Ceia e Gouveia, os Cantaros, as lagoas, o acampamento, as *Furnas da Estrella*, etc., etc.

—

Anteriormente visitou s. ex.ª o Bussaco, —desenhou tambem tudo o que mais o surprehendeu n'aquella poetica estancia—e tudo publicou em gravuras no seu interessante livro *O Bussaco*.

Em 1883 quiz tambem visitar a India occidental e, como felizmente dispõe de meios, embarcou para a America e á sua custa percorreu toda a bacia hydrographica do Ama-

---

[1] Este ultimo jornal publicou em agosto de 1881 uma serie de cartas nossas, enviadas do acampamento da expedição.

zonas e grande parte do Brazil, o Peru, as republicas do Prata, etc.—colheu grande copia de paisagens e noticias e no *Occidente*, jornal illustrado, publicou uma longa serie de cartas com muitos desenhos seus em gravuras.

Vejam-se os n.os 146, 147, 156, 159, 160 e 161 do 6.º anno do *Occidente*;—e ainda em 11 de novembro ultimo (1885) publicou na 1.ª pagina do n.º 248 do mesmo jornal (8.º anno) uma bella gravura representando a *Casa do sr. visconde de Correia Botelho*, Camillo Castello Branco, em S. Miguel de Seide, desenho tirado do natural.

Tambem sabemos que tirou e possue uma interessante collecção de desenhos da sua formosa *Villa Real*, comprehendendo muitos monumentos que nós mencionámos e já desappareceram, taes como: a escadaria dupla da porta principal da *villa velha*, a antiga casa da camara, os arcos de Tabolado, ultimamente demolidos, e os da entrada para o convento de S. Francisco, a capella de S. Sebastião, demolida pelo dr. Charrua, a albergaria do Espirito Santo, etc.

Todos estes e outros muitos desenhos illuminarão (Deus o queira!...) a *Descripção de Villa Real*, que s. ex.ª projecta.

Está s. ex.ª illuminando tambem com o seu formoso lapis a luxuosa edição manuscripta dos *Luziadas*, em via de publicação n'este momento.

—

Além de varios artigos soltos em differentes jornaes politicos, scientificos e litterarios, publicou s. ex.ª *O Bussaco* e a biographia do sr. D. Jorge Augusto de Mello, primeiramente no jornal *As Colonias Portuguezas* e depois em folheto, na typographia Lallemant Fréres, Lisboa, 1884.

Na mesma typographia publicou em 1882 o sr. dr. Augusto Cesar da Silva Mattos, de Trancoso, ao tempo juiz de direito em Cantanhede, uma interessante biographia do sr. Lopes Mendes, sob o titulo *Movimento Geographico em Portugal e Antonio Lopes Mendes Apontamentos biographicos*, para onde remettemos os leitores.

No seu regresso da India, casou no dia 11 de setembro de 1873 em Lisboa com a ex.ma sr.ª D. Joanna Maria dos Santos Oliveira, irmã do sr. José Maria dos Santos, hoje par do reino eleito pelo circulo d'Evora, ex-deputado ás côrtes, grande capitalista e grande proprietario [1].

Recebeu-se na capella do palacio das *Picôas*, pertencente a seu cunhado, e tem do seu consorcio um filho unico, de nome Alberto, nascido em 13 d'abril de 1880.

Districto ecclesiastico

Ha n'esta villa desde tempos remotos um vigario geral posto pelos arcebispos de Braga e que, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, superintende nas freguezias seguintes:

Concelho de Villa Real [2]	25
» Ribeira de Pena (todo)	6
» Mondim de Basto (todo)	9
» Villa Pouca d'Aguiar (todo)	16
Total	56

Antes de 1882 superintendia tambem nas que passaram para o bispado de Lamego e que eram as seguintes:

Concelho de Villa Real	2
» Alijó (todo)	18
» Murça (todo)	9
» Regoa [3]	4
» Penaguião [4]	3
» Sabrosa (todo)	15
Total	51

Pertenciam pois a este districto ecclesiastico de Villa Real até 1882—107 freguezias.

Até 1854 eram 122, porque n'aquella data

---

[1] Tem uma fortuna superior a 4:000 contos de réis e é o maior proprietario da provincia do Alemtejo.

Vive em Lisboa, mas administra admiravelmente a sua grande casa e no grangeio das suas numerosas herdades adopta os ultimos progressos da sciencia agricola.

[2] As 2 restantes ficaram pertencendo ao bispado de Lamego, como já se disse, pag. 928, col. 2.ª

[3] As 6 restantes eram do bispado do Porto.

[4] As 7 restantes eram tambem do bispado do Porto.

se formou a comarca ecclesiastica d'Amarante, passando para ella 14 freguezias, que o districto ecclesiastico de Villa Real tinha n'aquelle concelho e eram as seguintes: — Amarante, Anciães, Bustello, Canadello, Candomil, Carneiro, Carvalho de Rei, Gondar, Lufrei, Ovelha do Marão, Padronello, Rebordello, Sanche, Varzea e Villa Chã do Marão.

—

O juiso ecclesiastico d'este districto é formado por 1 vigario geral, 1 promotor e 1 escrivão.

Desde 1825 foram vigarios geraes os presbyteros seguintes:

1.°—Dr. Francisco José Borges Fernandes, nomeado em 6 de julho de 1825.

2.°—Dr. Antonio Bernardo de Moraes Leal, nomeado em 12 de setembro de 1825.

3.°—Padre Antonio Esteves Botelho, abbade de Matheus, nomeado em 12 d'agosto de 1826.

4.°—Dr. Clemente José Teixeira Barroso, nomeado em 27 de março de 1827.

5.°—Dr. Francisco Soares de Barbosa Vasconcellos, nomeado em 4 d'abril de 1829.

6.°—Dr. João Soares de Barbosa Vasconcellos, nomeado em 5 d'abril de 1832.

7.°—Dr. Clemente José Teixeira Barroso, nomeado em 27 d'abril de 1834.

8.°—Padre José Manuel Lopes Pinto, nomeado em 28 de novembro de 1851.

9.ª—Padre Luiz Telles Teixeira Coelho, nomeado em 26 de março de 1852.

10.°—Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira, nomeado em 20 d'abril de 1854.

11.°—Padre Francisco José Moreira de Carvalho, nomeado em 27 d'outubro de 1857.

12.°—Padre Cesar Augusto Quaresma, parocho de S. Pedro d'esta villa, nomeado em 17 de dezembro de 1861.

13.°—Padre Francisco José Moreira de Carvalho, professor do Lyceu, nomeado em 21 de setembro de 1866.

É digno vigario geral ainda hoje [1].

—

Foram tambem promotores d'este juiso ecclesiastico desde 1825 os seguintes:

1.°—O dr. de capello João Baptista Eleuterio de Lobão Mattos, nomeado em 25 de janeiro de 1827.

2.°—Dr. José da Costa Rebello, nomeado em 14 d'outubro de 1828.

3.°—Dr. Francisco Lourenço de Mattos, nomeado em 10 de maio de 1834.

4.°—Dr. José da Costa Rebello, nomeado em 1 de julho de 1841.

5.°—Dr. Manuel Ignacio Teixeira, nomeado em 16 d'outubro de 1857.

6.°—Rev. Manuel da Silva Vasconcellos, nomeado em...

7.°—Dr. José Maria Gonçalves Pavão, nomeado em...

8.°—Dr. Urbano Baptista de Sousa, nomeado em 13 de setembro de 1884.

É o digno promotor actual.

Rivalidades

Villa Real é hoje a povoação mais importante d'esta provincia, mas tem uma rival perigosa na *Regoa*, villa de muita vida e grande movimento commercial, muito vantajosamente situada e muito bem servida de communicações de toda a ordem, como já dissemos; infelizmente porem os seus vereadores teem sido extremamente desmazelados e aquella formosa villa, com tantos recursos, pouco tem progredido nos ultimos tempos.

Projectam-se ali ha muitos annos grandes obras, mas nada se tem feito, emquanto que as camaras de Villa Real teem sido extremamente dedicadas em pró do seu municipio.

Obtiveram que a villa fosse dotada com um regimento inteiro permanente—e logo tractaram de dar-lhe um bom quartel, fazendo obras importantes no convento de S. Francisco, para o que (honra lhes seja!) não hesitaram em contrahir um emprestimo, achando-se no momento aquellas obras quasi concluidas;—dotaram a villa com um lindo mercado coberto, tambem prestes a concluir-se,—e projectam outros melhoramen-

[1] Até 1834 os vigarios geraes d'este districto usavam o titulo de *desembargadores* e *vigarios geraes*.

tos importantes, taes como—remover o cemiterio para local mais apropriado,—fazer um novo campo para a sua grande feira,—um matadouro—e uma cadeia comarcã, para o que já abriram negociações com o concelho de Sabrosa.

Se a villa da Regoa tivesse vereações tão dignas, em breve seria cidade, pois tem mais vida e mais movimento do que a maior parte das cidades do nosso paiz.

Só as transacções que na Regoa se fazem em vinho, aguardente, baga de sabugueiro e sal representam *muitos centos de contos de réis* por anno!...

A mesma cidade de Lamego, 12 kilometros ao sul, chegou a temer a Regoa; mas hoje dorme a somno solto,—graças aos seus dignos vereadores tambem, nomeadamente ao sr. visconde de Guedes Teixeira,—*verdadeiro modêlo d'amor e dedicação para com a sua terra natal*,—pois levantou Lamego do marasmo em que jazia desde seculos e a transformou completamente, tornando-a uma das cidades mais interessantes, mais limpas e mais habitaveis do nosso paiz, como havemos de mostrar no supplemento a este diccionario.

Se a Regoa merecesse a Deus um homem como o sr. visconde de Guedes Teixeira [1], supplantaria todas as cidades e villas da Beira e de Traz-os-Montes!...

Mosaico

Publicam-se actualmente n'esta villa os jornaes seguintes:

—*Commercio de Villa Real*,
—*Districto de Villa Real*,
—*Juventude*,
—*Villarealense*,
—*Transmontano*.

Na Regoa:
—*A Voz do Douro* e
—*O Independente Regoense*.

Em Chaves:
—*A Aurora do Tamega* e
—*A Folha de Chaves*.

Em Alijó:
—*O Correio d'Alijó*.

Total dos periodicos que n'esta data (dezembro de 1885) se publicam em Villa Real, cinco.

N'este districto, dez.

—

São os unicos jornaes d'esta provincia; porque em todo o districto de Bragança, contando duas cidades, não se publica actualmente um só!...

É de todos os districtos do nosso paiz o que mais horror tem á imprensa—e isso contribue em grande parte para o abandono e olvido em que jaz e para o vergonhoso contraste que offerece comparado com este de Villa Real.

Tambem n'aquelle malfadado districto ha um unico *Banco*, em quanto que este de Villa Real, tem tres:—um na Regoa,—outro em Chaves—e outro na séde do districto, denominado *Banco Commercial agricola e industrial*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Foi fundado em 4 de maio de 1874 com o fundo de 800 contos em 16:000 acções de 50$000 réis cada uma.

O seu dividendo no ultimo anno foi de 4 p. c.—e são seus directores na actualidade os srs. Francisco Ferreira da Costa Agarez e Manuel d'Azevedo.

Funcciona em uma casa de renda na rua Central, antiga rua do Poço,—casa pertencente á familia *Teixeira Queiroz* dos Arcos de Val de Vez.

—

O theatro actual d'esta villa demora na rua *do Tribunal*, ao fundo do Campo do Tabolado.

Ainda está por concluir a sumptuosa egreja de Nossa Senhora do Carmo, no campo do *Pioledo*.

Tem esta villa ainda hoje 30 edificios bra-

---

[1] É s. ex.ª um dos mais benemeritos filhos de Lamego, bacharel formado em direito e actualmente director da alfandega do Porto, tendo sido presidente da camara de Lamego, procurador á junta geral do districto, director do Banco do Douro com séde em Lamego, deputado ás côrtes e governador civil de Vizeu e do Porto.

Nasceu na freguezia d'Almacave em 16 de dezembro de 1843 e casou em 22 de fevereiro de 1868.

sonados, sendo 26 particulares e 4 publicos. Emquanto a nobresa e riquesa (antes da invasão phylloxerica) supplantava todas as villas e a maior parte das cidades do nosso paiz.

E que saudavel clima! Ainda em julho de 1875 aqui falleceu Benta de Queiroz, contando mais de 100 annos de idade.

Os 7 melhores edificios particulares d'esta villa hoje são:

1.º—A *Casa do Arco*, pela sua antiguidade e tradições.

2.º—O palacio do general Silveira, onde funccionam o Lyceu, a direcção das obras publicas e outras repartições.

Este edificio foi, como já dissemos, comprado pelo governo e é por consequencia publico hoje.

3.º—A antiga casa dos *Villaças*, na *Carreira*, hoje do medico José Ayres Lopes.

4.º—O palacete da familia *Ferreirinha*, da Regoa, mandado fazer pelo ultimo representante d'esta opulenta casa, o par do reino Francisco José da Silva Torres, no adro e ao norte da egreja matriz de S. Pedro.

5.º—O de Antonio José Claro da Fonseca, na rua da Fonte Nova.

6.º—A casa que foi da familia *Botelho*, hoje do dr. Augusto Guilherme de Sousa, advogado e professor no Lyceu.

7.º—A casa de S. Jacintho, que foi de Gonçalo Christovam, na rua das Flores,—hoje *Asylo Chaves*, do Amparo de Nossa Senhora das Dôres, fundado com 80 contos de réis em inscripções pela benemerita villarealense D. Margarida Augusta Chaves, como já dissemos.

Na sala nobre do mencionado Asylo se vê o retrato da fundadora, vistoso trabalho a oleo sobre tela, devido ao pincel de João Augusto Ribeiro, laureado alumno da Academia portuense de Bellas Artes.

—

Occorrem-nos ainda alguns villarealenses illustres, já fallecidos:

1.º—*D. Francisco d'Araujo Portugal Correia de Lacerda*, irmão do já mencionado D. José Maria de Almeida e Araujo Correia de Lacerda.

Nasceu em 31 d'outubro de 1800 na freguezia de S. Pedro d'esta villa e falleceu na de Cedofeita, no Porto, em principios de junho ou fins de maio de 1877.

Foi conego regrante de Santo Agostinho, lente do collegio *De Sapientia*, em Coimbra, dom prior de Cedofeita no Porto, onde tomou posse no dia 27 de dezembro de 1825, e foi tambem vigario capitular e governador do bispado de Pinhel, hoje extincto.

2.º—*Luiz Candido Teixeira de Moura*, primeiro visconde da Azinheira, irmão da grande bemfeitora da misericordia d'esta villa, D. Maria Emilia Teixeira de Moura, ja mencionada.

Nasceu n'esta villa em 22 de fevereiro de 1825 e falleceu em Aveiro no dia 2 de novembro de 1883.

Era bacharel formado em direito, filho de Antonio Alves de Moura e de D. Anna Emilia Teixeira,—foi secretario geral nos districtos de Vizeu, Faro, Aveiro e Beja,—mas abandonou a carreira administrativa em 1857 porque em 9 de setembro do dicto anno falleceu no Rio de Janeiro seu tio materno e grande capitalista João Teixeira Guimarães, instituindo-o seu universal herdeiro.

A fortuna de João Teixeira Guimarães orçava por mil contos de réis fortes, mas deixou a varios estabelecimentos de beneficencia legados importantes, avultando entre elles um de 500 contos de réis (?...) á misericordia do Porto.

Depois que abandonou a carreira administrativa foi viver em Aveiro na companhia do dr. Joaquim Thimotheo de Sousa da Silveira, seu parente por affinidade.

Era muito caritativo e foi um grande bemfeitor do *Asylo de José Estevam*.

O nosso governo o agraciou com o titulo de visconde da Azinheira por decreto de 30 de dezembro de 1870 e carta regia de 10 de fevereiro de 1871.

Era tambem commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da de Carlos III de Hespanha.

3.º—*Martinho de Magalhães Peixoto Portugal*, general do exercito.

4.º—*Francisco Peixoto de Magalhães Portugal*, brigadeiro, irmão do antecedente.

Morreu atacando a serra do Pilar, no

tempo do cerco do Porto, tendo feito com o irmão a guerra da peninsula.

5.º—*João Pinto de Magalhães Peixoto Portugal*, irmão dos antecedentes e official do exercito tambem.

6.º—*Antonio Pinto Peixoto de Magalhães Portugal*, irmão dos antecedentes, foi tambem official do nosso exercito na guerra da peninsula e morreu na batalha de Victoria.

7.º—O rev. *Gonçalo de Magalhães Peixoto*, irmão dos antecedentes, foi reitor de Tellões, no concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Eram da nobre casa brazonada dos *Pintos Peixotos Portugaes*, da rua das Flores d'esta villa.

—

Ha hoje n'esta villa 3 hoteis:—*Tocaio, Central* e *Ferro Velho*; 3 hospedarias: do *Agostinho*, do *Campos* e do *Celleiro*;—1 campo: o do *Taboado*;—1 praça: a de *Luiz de Camões*, no alto do dicto campo;—1 avenida: a da *Carreira*;—1 jardim publico, á montante da dicta avenida;—5 largos: o do *Chafariz* e o do *Conde d'Amarante*, no Campo do Taboado, o do *Pioledo*, o do *Hospital*, o do *Pelourinho* e o do *Cabo de Villa* na convergencia das ruas de *S. Pedro*, do *Caminho de Baixo*, do *Jogo da Bola*, hoje rua da *Alegria* e *Direita*.

As ruas principaes são:—a Central, Direita, de S. João, do Arco, das Flores, do Carmo, da Alegria, de S. Pedro, da Ferraria, da Boa Vista, de S. Paulo e da Fonte Nova.

—

Teve outr'ora esta villa voto em côrtes e assento no V banco.

Na camara municipal d'esta villa foi registrada em 1882 uma mina d'ouro, descoberta em uma das propriedades que o sr. conde de Villa Real possue na freguezia de Matheus; mas n'este districto o concelho mais abundante em minerio é o de Villa Pouca d'Aguiar, como dissemos no artigo proprio.

Veja-se este vol. 10.º pag. 903, col. 2.ª

O regimento de infanteria n.º 13, estacionado n'esta villa, está no momento quasi todo na fronteira, bem como grande parte da tropa d'esta provincia e de todo o nosso paiz.

Tendo o cholera assolado cruelmente a Hespanha nos dois ultimos annos (1884 e 1885) o nosso governo (honra lhe seja!...) estabeleceu em toda a raia maritima e terrestre um cordão sanitario muito bem montado e lazaretos provisorios, em Valença do Minho, Elvas, Marvão e Villa Real de Santo Antonio, além do magnifico lazareto permanente em Lisboa.

Em novembro d'este anno (1885) estavam no cordão sanitario, só n'esta provincia e na do Minho, 4:474 homens e 117 cavallos—e em toda a raia cerca de 10:000 homens, 300 cavallos e 5 vapores costeiros. Isto desde fevereiro de 1884, o que representa um grande sacrificio para o nosso exercito e grande dispendio para o thesouro; mas em compensação o rendimento aduaneiro augmentou nos dois annos cerca de 1:000 contos de réis. E, tendo o cholera feito milhares de victimas na Hespanha, na França e na Italia, e achando-se ha muito na Andaluzia e em Salamanca, a dois passos do nosso paiz, até hoje (mercê de Deus!) ainda não transpoz o cordão sanitario nem fez uma victima unica em Portugal.

—

Cabe a esta villa a honra de ter sido organisado n'ella e em grande parte com filhos seus, no anno de 1808, o batalhão de caçadores n.º 3, hoje aquartelado em Bragança, e que se cobriu de gloria na guerra da peninsula e nas revoluções civis posteriores.

Como estamos anciosos por fechar este artigo, no supplemento daremos a longos traços a historia d'aquelle batalhão, quando chegarmos a Bragança.

No ultimo anno economico pagou este concelho de

Contribuição predial.........	20:593$185
» industrial......	9:306$275
» decima de juros.	3:449$092
Sumptuaria e renda de casas.	1:534$602
Total....	34:883$154

Tambem no ultimo anno a estação telegrapho-postal d'esta villa emittiu os vales seguintes:

—*Telegraphicos* 130, no valor de réis 2:896$870.

—*Nominaes* 8:015, no valor de réis 102:869$080.

—*Ao portador* 38, no valor de 320$710 réis.

—*De serviço* 81, no valor de 798$415 réis.

Total—8:264 vales, na importancia de réis 106:885$075.

Os 3 maiores proprietarios d'esta villa em 1884 eram—Antonio Maria de Sousa Rebello, José Xavier Teixeira de Barros e Francisco Ferreira da Costa Agarez.

Os 3 maiores proprietarios d'este concelho hoje (dezembro de 1885) são os ex.mos srs. conde de Villa Real, a viuva de José Paulo Teixeira de Figueiredo e o seu filho dr. Bento Teixeira de Figueiredo Amaral,—todos da freguezia de Matheus.

Os 3 maiores proprietarios d'este districto hoje são:—a ex.ma sr.a D. Antonia Adelaide Ferreira, da Regoa, o sr. conde de Villa Real e a viuva de José Paulo Teixeira de Figueiredo.

Fica assim rectificado o que dissemos algures.

—

O orçamento da camara d'esta villa no ultimo anno (1884) montou a 79:549$004 réis,—comprehendendo o emprestimo para as obras do quartel e do mercado.

No mesmo anno o movimento parochial d'esta villa foi o seguinte:

Parochia de S. Pedro

Baptisados	138
Casamentos	35
Obitos	93

Parochia de S. Diniz

Baptisados	258
D'estes eram expostos [1]	191
Casamentos	9
Obitos	45

[1] Todos os expostos d'este districto são baptisados n'esta parochia, por estar na circumscripção d'ella o unico *hospicio d'expostos* que ha no districto.

Total:

Baptisados	396
Casamentos	44
Obitos	138

O movimento parochial d'esta villa seria com certesa maior, se o regimento n'ella aquartellado não estivesse, como esteve, quasi todo auzente durante o dicto anno, em serviço no cordão sanitario.

—

Tem finalmente esta villa um chafariz monumental, como poucos da provincia, no Campo do Tabolado,—e 13 fontes:—a da *Carreira*, a meio da formosa avenida d'este nome, do lado poente e encostada ao grande muro de supporte do *Jardim publico*,—fonte monumental tambem, com um espaçoso tanque, duas bicas e fabrica magestosa, encimada pela imagem de Nossa Senhora da Conceição dentro de um camarim resguardado por uma varanda de ferro.

Já fizemos menção d'aquelle chafariz e d'esta fonte.

A do *Jardim publico*, tambem já mencionada, com tanque e outras duas bicas;—a do *Campo*, junto á antiga roda dos expostos;—a *Fonte Nova*, na rua d'este nome;—a do *Cano velho*, junto da villa velha;—a *Fonte do Chão*, ao rez do chão, na rua do mesmo nome;—a do *Calvo* (suppomos ser a mesma *Fonte Chão*)—a *Fontainha de D. Pedro*, no sitio dos Agueirinhos, mandada fazer pelo 1.º marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes;—a do *Cabo da Villa*, para a qual se desce por muitos degraus;—a dos *Vases*, na rua d'este nome;—a do *Rodisio*, na margem direita do Corgo;—a da *Tenaria*, na margem esquerda do mesmo rio,—e outra no muro da cerca dos frades de S. Domingos,—alem do grande tanque circular e com repucho no centro, a meio do Jardim publico,—e da fonte, casa d'agua e espaçoso tanque, no atrio do extincto convento de S. Francisco, hoje quartel militar,—não contando as muitas nascentes dos quintaes e hortas da villa.

Todas as mencionadas fontes são publicas e de excellente agua potavel, o que muito contribue para a salubridade excepcional d'esta villa.

Tem mais agua potavel do que as villas da Regoa, Mirandella e Foscôa reunidas.

E sendo tão abundante d'agua e cercada por dois rios, dos quaes alguem pretende dar-lhe a etimologia de *rial*, não tem pantanos nem sabe o que sejam sesões ou febres intermittentes, que tanto abundam em Chaves, Mirandella e n'outras muitas povoações d'esta provincia.

O seu chão é enxuto, porque os dois rios que a cercam correm fundos, como vallas de esgoto, e em carreira vertiginosa; além d'isso é toda assente em granito, cercada de arvoredo e está na mais feliz exposição em sitio alto, alegre e vistoso, com as costas para o norte, olhando para o nascente, sul e poente e por consequencia mimosa, d'ar purissimo e sol esplendido, tanto de verão como de inverno.

—

De tudo o que n'este informe e pesado artigo deixamos tão rudemente exposto se vê que esta villa pelo seu não vulgar conjuncto de dotes é uma villa sympathica e bem merecedora dos formosos versos que lhe dedicou a ex.ma sr.a D. Candida Maxima de Figueiredo, illustrada poetisa de Guiães, freguezia d'este concelho de Villa Real, auctora d'outras muitas mimosas composições que podem lêr-se no *Diario Illustrado*, no *Almanach de Lembranças luso-brasileiro* e em outros almanachs e jornaes politicos e litterarios do nosso paiz.

Permitta-nos s. ex.a que encerremos com chave d'ouro este artigo, transcrevendo do *Diario Illustrado* de 16 de julho de 1875 os seus formosos versos:

UM SALVE A VILLA REAL

Formosa capital de Traz-os-Montes,
Recostada em agrestes alcantis,
Com bellos pittorescos horisontes,
Entre campinas ferteis e gentis;
De grato clima, com saudaveis fontes,
Puros ares, creadores e subtis;
Na abundancia de teus vergeis floridos,
Gosas todos os dons apetecidos.

Nas aguas transparentes de teu rio
Modera o sol o seu calor intenso;
Abranda seu rigor o inverno frio
Na amenidade de teu leito extenso;
Tens fertil primavera e rico estio,
Que te dão novo lustre e brilho immenso;
Os festivos rosaes bordam teu manto,
E das aves te inunda aéreo canto.

Quem por manhã formosa te divisa,
Banhando o pé nas aguas caprichosa,
Cuidará se ergue ao sol, sorrindo á briza,
Em vaso de crystal candida rosa;
E quem da tua ponte o lastro pisa,
Mira-te na corrente caudalosa,
Ou vê-te de granito erguer c'roada
Qual rainha, em seu throno, excelsa fada.

Villa Real!—de reis filha dilecta,
Dotada e protegida com desvelo;
Diniz—*o pae da patria*—rei poeta,
Rainha e santa! Vêde, ha par mais bello?
Pois estes que tocando á gloria a meta,
E ao povo amando, são de reis modelo,
Como a estimada filha te quizeram,
E de Villa *Real* nome te deram.

E lá conservas inda o templo antigo
Erguido a São Diniz, para memoria
Do pio egregio rei, a quem bem digo,
Como de Portugal bemdiz a historia;
A' esposa santa vae pedindo abrigo
Para teus fóros, liberdade e gloria.
—Ella te valha nas angustias tuas,
Qual n'outras eras com as joias suas

Quando para crear-te monumentos,
Como quem já não tinha mais que dar,
Se despoja dos proprios ornamentos;
—Nem d'elles carecia p'ra brilhar;
E esta, pelos regios aposentos,
Ia os já gastos cofres respigar,
Com o peito repleto de piedade,
Em soccorro da misera orphandade,

E de enlevada que trazia a mente
Nada mais attendia nem olhava;
Nem via que, severo e descontente,
Ha muito o regio esposo a contemplava;

Mas Deus que tudo vê, tudo presente,
No regaço ouro em flores lhe tornava,
Quando elle se approxima e reconhece,
Que o ceu da esposa a graça lhe esclarece.

Que tanto pode Deus dar luz ao cego,
No deserto fazer brotar a fonte,
Dos mares enxugar o fundo pégo,
A Moysés dar a lei, sobre o alto monte,
Pôr as ondas fugaces em socego,
Fazer parar o sol no horisonte,
Como as flores tornar em pedras finas,
O ouro em lyrios, rosas e boninas.

....

....

Se da velha Panoia, rude, altiva,
Te erigiu villa, quando quiz, quem ha de
Erguer-te é Deus!—mas busca sempre activa
Na instrucção e trabalho a dignidade.
E hei fé, que á razão se não esquiva,
Venha a fazer de ti grande cidade,
Que nada é impossivel, nem finito
A quem sustem os orbes do infinito.

....

....

Saudo-te d'aqui, ó patria amena,
De antepassados meus, ridente e linda!
Só quem te não conhece te condemna,
Quem te conhece é teu e o amor não finda.
Eu faço um voto á gloria tua plena
E d'ella espero ver-te em posse, ainda.
Em te elevar teus filhos põem desvelo;
No teu futuro crê:—é alto, é bello!...

Guiães—1875.

D. C. Maxima de Figueiredo.

VILLA DE REI,—aldeia antiquissima no aro de Lamego, freguezia da Sé, entre o extincto convento *loio* de Santa Cruz, hoje quartel militar, e a freguezia de Villa Nova de Souto d'El Rei, ou Arneiroz.

Esta aldeia conta hoje apenas 3 fogos, constituidos por simples caseiros de quintas; já foi porém mais importante e povoada desde tempos remotissimos, o que não admira, por ser o seu chão quasi todo regadio e muito fertil—e por estar em contacto com Lamego, cidade anterior á occupação romana.

Data do seculo XII o primeiro documento que encontramos fazendo menção d'esta aldeia e dando-lhe o *mesmo nome* que hoje tem.

É o accordo entre D. Mendo, primeiro bispo de Lamego restaurado—e o convento das Salzedas,—accordo ou contracto feito em 1164, em virtude do qual D. Mendo cedeu de certa jurisdicção que tinha no couto d'aquelle mosteiro e recebeu em compensação o convento e couto de Bagauste, dados por el-rei D. Affonso Henriques, a instancias de D. Thereza, sua antiga ama, fundadora do convento das Salzedas e 2.ª mulher de Egas Moniz;—e a mesma sr.ª D. Theresa deu tambem ao bispo dois casaes que ella tinha em *Villa de Rei*, ambos habitados,—um por Verando, pae,—outro por Gonçalo Coelho.

—

De passagem diremos que do convento das Salzedas, extincto em 1834, apenas restam magestosas ruinas, além da sua veneranda egreja, matriz da parochia; mas do de Bagauste nada resta desde tempos muito remotos. Suppomos que esteve a pequena distancia (400 metros talvez) da margem esquerda do Douro, em frente do actual apeadeiro de Bagauste na linha ferrea do Douro e a cavalleiro da antiga barca de passagem, no chão, onde hoje se vê a bella casa e capella da quinta [1] da nobre familia *Vahias*, na freguezia ainda hoje denominada *Parada do Bispo*, subindo do Douro, á esquerda, pois nos alicerces da dicta capella se encontraram sepulturas antiquissimas.

---

[1] Comprehendeu esta quinta formosos vinhedos, hoje quasi todos destruidos pela maldicta phylloxera, parte dos quaes foram plantados no ultimo seculo em montes da extincta camara de Parada do Bispo.—O titulo da venda ou emprasamento d'aquelles montes foi assignado apenas pelo escrivão da camara, declarando que o não assignavam os illustres vereadores *por não saberem escrever!...*

V. *Bagauste* n'este diccionario e no supplemento,—*Abbade Magnate e Bacalar*, em Viterbo,—e a *Historia Ecclesiastica de Lamego*, pag. 33, col. 1.ª

—

Tambem se faz repetidas vezes menção d'esta aldeia de Villa de Rei no *tombo* ou *inquirição* feitos em 1346 por ordem de D. Affonso IV, relativamente aos fóros, direitos e reguengos que pertenciam á corôa, em Lamego e no seu termo.

É o mencionado tombo um volumoso folio de grosseiro pergaminho manuscripto, pertencente ao sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral, de Villa Marim, concelho de Mezãofrio,—folio que comprehende mais de 150 folhas e pertenceu aos Peixotos Pinto Coelhos, seus ascendentes, senhores de Felgueiras, Vieira, Fermedo, etc., e que possuiram tambem muitas casas,[1] foros e quintas em Lamego e seus arrabaldes, hoje tudo por elles alienado e em estranhos, exceptuando um grande lote de bens, entre os quaes avultam a quinta de *Calvilhe*, no caminho de Lamego para Britiande,—e as da *Ponte Gallega* e dos *Cedros* na Regoa, por versar sobre esses bens um letigio ainda pendente, principiado ha quarenta annos (os autos já contam cerca de 9:000 folhas!) entre os avós do sr. D. Francisco Peixoto e do seu primo D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha Seixas de Hancourt.

V. *Fernedo, Travanca*, vol. 9.º pag. 731, e *Villa Marim*, concelho de Mezãofrio.

—

O *grande folio*, é claramente original, difficil de ler e de entender e já sem capa. Tivemol-o em nosso poder e da leitura d'elle concluimos que muitas casas de Lamego e muitas terras dos seus arrabaldes foram *reguengos*, pertencentes desde o principio da nossa monarchia (talvez desde a expulsão dos mouros) aos nossos reis e por elles em differentes datas concedidos a differentes pessoas com foros de 4.º 5.º 6.º e outros em dinheiro e em generos.

Já em 1346, como se vê do citado folio, muitas d'aquellas propriedades por incuria dos almoxarifes e dolo dos caseiros se haviam tornado *livres e allodiaes*, mas na sua maior parte ainda eram reguengas e pagavam foros a el-rei; mais tarde porém esses foros e propriedades foram doados pela corôa aos ascendentes dos Peixotos Pinto Coelhos[1] com os titulos correspondentes, dos quaes fazia parte o *grande folio*.

Conta elle hoje precisamente 540 annos; —é interessantissimo para o estudo das velharias de Lamego e seus arrabaldes—e está exposto a sumir-se e desapparecer de um momento para o outro, como se sumiram e desappareceram *carros de livros semelhantes*, alguns de mais valor ainda, pertencentes ao volumoso cartorio d'aquella familia, que foi uma das mais antigas e mais ricas de Portugal. Entre outros muitos privilegios, teve um desembargador, um escrivão e um cartorio *privativos*!...

[1] D'essas casas só as que nós conhecemos não se faziam hoje com cem contos de réis.

Uma era a casa denominada do *Assento*, formoso palacete com riquissimos tectos de castanho, junto do Recolhimento;—outra era a casa, onde hoje funcciona a *Assembléa lamecense*, na rua da Olaria,—e outra a casa onde se fez o theatro da cidade, que é um dos melhores da provincia.

Todas estas tres grandes casas eram contiguas; mas a maior e mais sumptuosa era a da *Relação*, assim denominada porque n'ella funccionou o tribunal da Relação do Porto desde 1832 até 1833, ou durante o cerco do Porto, por occasião da guerra civil entre o sr. D. Pedro IV e seu irmão o sr. D. Miguel I. Foi tambem o dicto palacio um dos maiores depositos de presos politicos liberaes (estiveram ali cerca de 500!) durante aquelle periodo calamitoso. Ali estiveram depois a cadeia civil e o tribunal judicial e, approximadamente em 1870, foi aquelle palacete comprado e restaurado pelo sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena, dignissimo representante da nobre familia *Albergarias* de Lamego, que n'elle vive.

Está a jusante da egreja d'Almacave.

[1] Talvez aos famosos cavalleiros lamecenses Manuel Pinto da Fonseca, maltez e balio d'Acre, ou ao seu sobrinho tambem Manuel Pinto da Fonseca, grão-mestre da ordem de Malta, os quaes figuram na genealogia dos Peixotos Pinto Coelhos e foram senhores dos palacetes supra indicados.

O *grande folio* de 1346 menciona uma vinha em Villa de Rei, que ao tempo trazia Pedro Fernandes, meio conego da Sé de Lamego, da qual pagava certo fóro á corôa;—mais uma *fogueira* (fogo, casa habitada) pertencente ao padre Bernardo Lourenço, da qual tambem pagava fôro a el-rei;—mais outra *fogueira* de Elvira Moniz;—mais *em arneiroz e no chão e em billa de rei a fogueira de Joham de coira.*

Note-se que já n'aquelle tempo (1346) o *grande folio* menciona *muitas vinhas* em todas as freguezias que hoje constituem o concelho de Lamego, não só nas da margem do Douro, Valdigem, Cambres, Samodães e Penajoia, mas tambem nas da parte alta,—nas duas da cidade e nas de Sande, Arneiroz, Penude, Magueja, Cepões, Ferreirim, Figueira, Varzea d'Abrunhaes, Britiande e *Belães,* hoje extincta e annexada a Britiande.

Até hoje o documento mais antigo que provava a cultura de vinhedos no Douro era a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas,* escripta em 1532 pelo conego tercenario Ruy Fernandes e publicada nos *Ineditos de Historia Portugueza;* mas o *grande folio,* não menos authentico, embora desconhecido até hoje, adianta mais 186 annos,—cerca de dois seculos!....

Chamamos para este topico a attenção de todos os que se dedicam ao estudo da enologia do Douro.

—

Este artigo, apparentemente insignificante, vae já muito longo e os editores não cessam de instar pela conclusão d'este diccionario, recommendando-nos que aligeiremos o mais possivel; mas, como no momento as maiores illustrações de Portugal e do mundo se empregam (honra lhes seja!...) no estudo da enologia para verem se reconstituem os vinhedos anniquilados pela phylloxera e por outros muitos inimigos das videiras,—e como não sabemos se Deus nos conservará a existencia até á conclusão d'este diccionario, daremos mais algum desenvolvimento a este topico, transcrevendo o extracto que fizemos do *grande folio* e que destinavamos para o supplemento ao artigo *Samodães.* [1]

Prova elle que a cultura da vinha n'este concelho de Lamego era muito anterior a 1346, pois o mencionado folio claramente diz que alguns terrenos, que n'aquella data estavam povoados de soutos e dando castanhas, *já tinham sido vinhas!*

Isto nos leva a crer que os soutos de castanheiros n'aquelle tempo, ou em tempos anteriores, eram mais rendosos do que as vinhas,—e é esse talvez o motivo porque na Beira e em Traz os-Montes, nomeadamente no concelho de Lamego, tanto abundaram os soutos de castanheiros.

Vamos ao extracto (fl. 87, v.):

Samodães

«No prestimo de çamudaães ha elrey bynte e sete casaaes, e dam o quarto do pã e de bynho e de linho, e dam primeiro dia de mayo de foro a elrey senhos bragaaes de cada casal, e o bragal deve de ser de oyto varas; e pelo dia de sam migel devem ende dar a elrey de foro de cada hun casal dois capoees e dez ovos, salvo dous casaaes, hun que ha nome *o casal,* e outro angorez, que nõ costumam ende a dar os capoees e os ovos; e devem a dar todos em senbra os sobreditos casaaes por cada hun ano dois rs., por santandré de serviço, e por dia de natall devem a dar cada ano a elrey de cada casall senhos quarazys, e serem por medida, assy como he usado.

«E devem a dar de cada casall senhas teeygas de trigo pela jaguda, e senhos quartos de 6.º (vinho), e todo ome que ouver

---

[1] Tambem fizemos e conservamos extractos para o supplemento aos artigos Lamego, Valdigem, Figueira, Sande, Penude, Varzea d'Abrunhaes, Magueja, Cepões, Arneiroz, Bellães, Britiande, etc.

É muito interessante o extracto relativo á Valdigem.

byã (vinha) deve a dar a elrey de cada casal quatro rs. por almeytega, e tres quartos de byo (vinho) por eiradega de cada cassall; e de todos esses casaaes em que ouver linho devem a dar a elrey quatro rs. d'almeitega e senhas teigas de pam pella jaguda, e hun molho de linho destiva, e a estiva deve a seer desta manã, fazer dois molhos comunaaes, e deve o sñor a escolher o melhor, e o que lavra a terra o outro.

«E de cada huu casall que lavre pam deve ende a dar a elrey em cada ano tres teigas de pam pella jaguda deiradega; e devem a dar a elrey de cada casall de castanhas rebodaas o quarto, e por eiradega e por almeitega devem a dar a elrey de cada casall cada ano seis teigas de castanhas secas pella jaguda hu as ouver, por eiradega e por almeitega.

«Item o casall dangores [1] deve a dar a elrey em cada huu ano huu moyo de pam quartado, sexto de byo (vinho) e de linho e quarto de castanhas revordaas, e pello natall huu corazil e hua teiga de trigo pella jaguda, e por almeitega de byo (vinho) quatro rs.—e deve a dar por almeitega e por eiradega seis teigas de castanhas secas pella jaguda.

«E os de çumadaaes (Samodães) devem a dar em cada huu ano huu moodomo e huu corazil... e se não quizer... o sñor da terra filhara (tomará) todo o fruyto desses casaaes.

«E os dois casaaes de çamudãaes dão quarto de cereijas e de figos e dolivas e dalhos e de cebolas *e das castanhas que hi estam hu estavã byas* (vinhas) *e lavram pam que davam quarto, e fezerom hi souto* »

—

Do exposto se vê que já em 1346 havia em Samodães soutos *que tinham sido vinhas.*

Nós conhecemos a localidade, pois nascemos (em 14 de novembro de 1832) na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, limitrophe da de Samodães,—*fomos baptisados n'esta*—e, tendo pisado os montes de uma e outra, já vimos em soutos e mattos de castanheiros (alguns nossos) junto de Angorez e em frente da estação do Molledo, socalcos ou *geios* que levam a crer o que diz o tal folio.

Mas passemos adiante.

—

No seculo XVI possuia n'esta aldeia de *Villa de Rei* uma boa quinta e morgado o dr. Lourenço Mourão Homem, cuja biographia e genealogia publicamos no artigo *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 55, col. 1.ª

Herdou elle a quinta e morgado de Villa de Rei de seus paes Martim Mourão e D. Brites Nunes Homem d'Albuquerque, senhora da mencionada quinta, na qual o dr. Lourenço Mourão Homem fez o convento de Santa Cruz que doou com a mencionada quinta aos frades loios, pelos annos de 1595.

V. Lamego n'este diccionario e no supplemento—e o *Ceo aberto na Terra* (Chronica dos loios) pag. 408 e seg.

Hoje o dicto convento é o quartel de infanteria n.º 9—e a quinta, formosa propriedade, que foi cerca dos loios, extinctos estes, passou para a corôa,—depois foi vendida em hasta publica—e é hoje do sr. conde de Alpendurada.

Estende-se desde o convento até o rio Balsemão;—tem luxuosos vinhedos, cultivados a capricho, como todos os do nobre conde, [1]—e é hoje atravessada pela nova estrada a macadam da Regoa e Lamego para Trancoso.

Suppomos que n'esta sua quinta de Villa de Rei nasceu o dr. Lourenço Mourão Ho-

---

[1] Diremos por caridade que Angorêz era e é, ainda com o mesmo nome, uma aldeia da freguezia de Samodães.

Para maior authenticidade copiámos fielmente a algaravia do tal folio; mas só com o auxilio do *Elucidario* de Viterbo poderá o leitor entendel-o.

Imagine-se esta algaravia em caracteres exoticos, todos muito esvaidos e alguns completamente apagados com o perpassar de 540 annos, e formar-se-ha idéa do trabalho que tivemos para o decifrar.

[1] Ninguem hoje no Douro grangeia melhor do que s. ex.ª Os seus vinhedos distinguem-se de todos os outros e, não sendo os mais extensos, n'elles tem colhido 400 pipas de 556 litros cada uma, por anno,—apesar da grande crise que actualmente assola o Douro.

mem, que foi um dos lamecenses mais notaveis do seu tempo. Nada, absolutamente nada hoje resta das casas nobres da dicta quinta, o que nos leva a crer que estariam no chão, onde se fez o convento e que é um dos sitios mais alegres e vistosos de Lamego.

Tambem nos principios d'este seculo possuiu n'esta aldeia outra quinta Bento José da Costa, negociante da freguezia de Almacave, em Lamego, e que teve um filho—Joaquim Antonio de Magalhães—que foi ministro de estado [1].

A dicta quinta prende com a que foi dos loios e é hoje tambem do sr. conde d'Alpendurada.

VILLA DE REI, aldeia da freguezia de Bucellas. *Vide*.

Segundo se lê no *Santuario Marianno* (tomo 2.º pag. 394) muitas noites seguidas os habitantes d'esta aldeia viram luzes a certa distancia, em um local deserto;—tentados pela estranha visão foram ao sitio e encontraram no tronco de um carvalho, em uma especie de nicho, uma imagem de Nossa Senhora. Levaram-na com grande veneração para a sua matriz, que ao tempo era uma pobre capella com a invocação do *Espirito Santo* [1]. Na seguinte noite, vendo outra vez luzes no mesmo sitio, dirigiram-se á matriz e notaram a falta da imagem. Estava outra vez no tronco do carvalho. Tres vezes a levaram para a capella do Espirito Santo e tres vezes tornou a apparecer no carvalho, pelo que ali lhe levantaram um sumptuoso templo, hoje a matriz de Bucellas, com a invocação de *N. Senhora do Carvalho*, em memoria da estranha occorrencia; mas o seu titulo proprio é *Nossa Senhora da Purificação.*

Tambem diz o *Sant. Marianno*, que se ignorava a materia de que a imagem foi feita e que, tentando certo clerigo sahir da incertesa, raspando com um canivete o habito da dicta imagem, d'ella brotou sangue e o padre ficou com o braço tolhido!!...

Temos ainda em Portugal outra povoação denominada *Villa de Rei*, na freguezia de Castellões, concelho de Tondella,—e *Villa de Rei de Baixo* e *Villa de Rei de Cima*, casaes da freguezia de Val de Cavallos, concelho da Chamusca; mas não nos consta que offereçam coisa alguma de notavel.

VILLA DE REI,—freguezia, villa e séde do concelho do seu nome, comarca da Certã, districto de Castello Branco, provincia da Beira Baixa, bispado de Portalegre. Vigairaria.

Orago Nossa Senhora da Conceição;—fogos actualmente (segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho)—1:054, habitantes 4:280.

Em 1712, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, esta villa era da comarca de Thomar, tinha 460 fogos, casa de misericordia, hospital e tres capellas, era vigairaria do padroado real e commenda da ordem de Christo, e rendia 350$000 réis para o seu vigario, que apresentava os parochos (curas) nas duas freguezias do termo d'esta villa e que hoje constituem o seu concelho:—Santa Margarida, no logar da Fundada,—e S. João Baptista no logar do Peso.

Tinha tambem esta villa n'aquelle tempo:—2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 pro-

---

[1] Nasceu em Lamego no dia 27 de novembro de 1795 e falleceu em Lisboa a 5 de maio de 1848;—tomou capello na faculdade de leis no dia 18 de junho de 1820;—foi ministro das justiças no Porto de 3 de dezembro de 1832 a 21 d'abril de 1833,—e depois em Lisboa ministro do reino de 7 a 9 de fevereiro de 1842, no ministerio chamado do *entrudo*,—e ministro interino das justiças no mesmo ministerio, de 7 a 8 do mesmo mez de fevereiro, sendo substituido na pasta das justiças por Joaquim Filippe de Soure, que foi ministro *sómente um dia!*...

No supplemento ao artigo *Lamego* daremos ao dr. Joaquim Antonio de Magalhães o logar que merece entre os *lamecenses illustres já fallecidos*.

[1] O padre Carvalho e com elle o meu antecessor e o sr. João Maria Baptista disseram que a primeira matriz de Bucellas foi uma ermida de *S. Roque*, para a qual os habitantes de Villa de Rei levaram a imagem apparecida. Talvez fosse lapso do padre Carvalho, pois escrevia em 1712 e parece que tirou esta noticia do *Santuario Marianno*, publicado em 1707.

curador do concelho, 1 escrivão da camara e orphãos, 2 tabelliães, 1 juiz dos orphãos, 1 companhia de ordenanças e 1 capitão-mór, ao tempo Duarte Sodré Pereira.

O *Portug. S. e Profano* em 1768 deu-lhe 520 fogos e 460$000 réis de rendimento. Diz tambem que esta villa era n'aquelle tempo vigairaria da apresentação da casa do infantado.

José Avelino d'Almeida deu-lhe 858 fogos em 1866—e pelo censo de 1878 contava 943 fogos e 4:089 almas.

Nos ultimos 174 annos augmentou a população d'esta villa em 594 fogos,—ou em mais do que o dobro da que tinha em 1712.

—

Esta villa pertenceu ecclesiasticamente á diocese da Guarda,—depois á de Castello Branco—e desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, que supprimiu (alem d'outros) os bispados d'Elvas e Castello Branco, passou para o de Portalegre que ficou subsistindo e foi muito ampliado.

Judicialmente pertenceu, como já dissemos, á comarca de Thomar,—depois á de Abrantes—e hoje á da Certã.

Tambem teve diversos senhorios.

Primeiramente foi da corôa até 1306, data em que D. Diniz e a rainha Santa Isabel a doaram, bem como a villa de Ferreira do Zezere, aos cavalheiros da ordem do Templo, cedendo estes para a corôa a *Lezíria dos Freires*, junto de Santarem, a portagem de Coimbra e o padroado da egreja de S. Thiago de Trancoso, declarando que se dava o temporal pelo temporal e o espiritual pelo espiritual.

Extincta a ordem do Templo e passando todos os bens e rendas d'ella para patrimonio da ordem de Christo, sua successora, para ella passou tambem esta villa. Depois reverteu o padroado d'ella para a corôa—e da corôa passou para a casa do infantado, conservando porém aqui a ordem de Christo uma commenda.

Tambem foi da apresentação do conde dos Arcos.

—

É povoação muito antiga.

O seu primeiro foral foi-lhe dado por D. Diniz em Lisboa, no dia 19 de setembro (segundo se lê em Franklim, mas o padre Carvalho diz em 29 de dezembro) de 1285.

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 147, col. 2.ª

D. Manuel lhe deu foral *novo* em 1 d'outubro de 1513.

Livro dos Foraes Novos da Extremadura, fl. 214, v. col. 2.ª

No foral de D. Diniz se lê, entre outras coisas, o seguinte: *de navio* [1] *ainda mando que o alcaide* (*arraes*), *e doos espadeleiros, e doos proeiros, e huum petintal hajam fôro de Cavalleiros.*

E, fallando dos foros que deviam pagar-se á corôa, diz: *seja o quarteiro de XIV alqueires, e seja medido sem braço curvado, e tavoa solum posta.*

Note-se que em muitas terras do nosso paiz n'aquelle tempo o alqueire se aplanava (?) com o cotovello do braço, dando occasião a fraudes escandalosas, pelo que em alguns foraes se prohibiu semelhante costume e se ordenou o emprego d'uma taboa lisa, hoje *razão* ou *razoura.*

A medida por aquelle antigo processo denominava-se *alqueire de braço curvado.*

—

As suas freguezias limitrophes são:—Fundada e Peso (ambas d'este concelho)—Cardigos e Amendoa, do concelho de Mação,—Aboboreira e Souto, do concelho d'Abrantes,—Alcaravella, do concelho do Sardoal,—Palhaes, do concelho da Certã,—e Ferreira do Zezere, séde do concelho d'este nome.

Os seus templos são a egreja matriz e a da Misericordia, ambas em bom estado de conservação,—e as 6 capellas seguintes:—Santo Antonio, Senhora do Pranto, S. Marcos, Senhora da Graça, Menino Jesus e S. Martinho.—Todas são publicas, estão bem tratadas e festejam annualmente os seus respectivos oragos; mas as festas principaes que hoje aqui se celebram são na matriz a do Nossa Senhora do Pranto e a do Martyr S.

---

[1] *Navio* era n'aquelle tempo designação commum das embarcações de toda a ordem, comprehendendo os barcos do Zezere, Tejo, Douro, etc.

Sebastião, imagem antiga, muito querida d'estes povos e já mencionada na *Chorographia Portugueza*.

Tem esta villa uma boa feira d'anno a 20 de julho e mercados semanaes todos os domingos.

Dos seus edificios os mais notaveis hoje são—a egreja da Misericordia e a casa brasonada que foi de João Soeiro da Cunha, hoje dos herdeiros de Vicente José da Matta.

Tem casa da camara e cadeia, antigas e acanhadas.

O pelourinho já desappareceu.

Nunca teve convento algum.

Tambem não sabemos se foi antigamente fortificada ou se teve, como suppomos, algum castello; conserva porem ainda algumas obras de defesa do tempo da guerra da peninsula.

—

A villa tem dois largos—do *Espirito Santo* e da *Devesa*—e uma praça onde se fazem os mercados semanaes.

A sua rua principal é a rua Direita, que atravessa a villa no seu maior comprimento.

—

Comprehende esta parochia, além da villa, 65 aldeias ou povoações, e são as seguintes:

Penedo, Val do Grou, Portella, Boa Farinha, Portella do Curral, Aldeia, Couço Cimeiro, Varzeas, Eira Velha, Selavisa, Ladeira, Valle da Urra Cimeiro, Valle da Urra Fundeiro, Casal Formoso, Cacheiro, Fundo da Lameira, Milriça, Lavadouro, Burreiros, Casal Cimeiro, Relva, Cidreiro, Aivado, Orgueira, Seada, Fernand'Ayres, Foz da Isna, Zaboeira, Alcamim, Val do Vellido, Estevaes, Azenha Cimeira, Azenha Fundeira, Villar, Trutas, Paredes, Hortas, Malhada, Valladinhas, Casal da Barca, Arrancueira, Macieira, Cunqueiro, Foz da Ribeira, Cercadas, Aveleira, Cabecinha, Brejo Fundeiro, Brejo Cimeiro, Pisão Cimeiro, Pisão Fundeiro, Casal Cordeiro, Milreu, Lousa, Villar Chão, Agua Formosa, Valle das Casas, Marmoural, Pereiro Cimeiro, Pereiro Fundeiro, Casal Novo, Almofalla, Ribeiros, Palhota e Valladas.

Comprehende tambem 3 quintas—*Chões*, *Bellas Aguas* e *Paredes*, que pertencem hoje aos herdeiros de Vicente José da Matta, d'esta villa.

—

Banham esta parochia differentes ribeiros e regatos que desaguam no Zezere e nas ribeiras seguintes:—Codes, Codegoso, Isna, Costelim, Ribeira das Varzeas, dicta da Azenha—e dicta da Aveleira.

Cada uma das mencionadas ribeiras tem sua ponte. Não movem fabricas, mas sómente 33 moinhos e azenhas nos limites d'esta parochia.

É pois muito abundante d'agua esta freguezia e limitada ao poente pelo Zezere, a S. pelo Codes e a N. pelo Isna, confluentes do Zezere.

As suas producções dominantes são—azeite, castanhas, lande, milho, trigo, centeio, vinho, batatas, madeira de pinho e cortiça.

Ha tambem n'esta freguezia tres industrias importantes:—o fabrico de cera,—de carvão de choça—e de telha, em cuja industria se emprega quasi toda a povoação de *Cerradas*.

A cera é optima e já foi premiada em algumas exposições.

Innocencio não mencionou um unico escriptor publico pertencente a este concelho; dizem, porem, os meus apontamentos que actualmente possue entre os seus filhos—4 insignes nas lettras, 12 nas virtudes, 1 nas armas e 1 na perversidade. Não menciono os seus nomes, porque o sr. administrador d'este concelho m'os não enviou.

O clima d'esta parochia é saudavel; não obstante isso, differentes vezes tem sido visitada por differentes epidemias,—e, como o seu chão é muito accidentado e declivoso, tem soffrido bastante com as tempestades.

Por vezes, de um momento para o outro, os ribeiros se transformam em torrentes caudalosas, que levam d'envolta campos, moinhos e tudo quanto encontram diante de si!

Ainda em 21 de maio de 1883 uma medonha trovoada causou n'esta freguezia prejuisos avaliados em contos de réis.

—

Ha nos limites d'esta parochia varias serras, entre as quaes avultam a da *Pena*, a da

Forcada, e a da *Milriça*, sendo esta a de maior altitude e mais notavel. No curuto d'ella se vê uma pyramide geodesica, feita em 1803, para os estudos da triangulação do nosso paiz. Tem approximadamente 8 metros d'altura e d'ali se descobre um largo horisonte. [1]

Ha tambem n'esta freguezia e n'este concelho bastantes minas de ferro e outros mineraes, mas simplesmente registradas.

Esta villa não tem theatros, assembléas, hospedarias, clubs, nem casas de recreio.

Tem 3 escolas d'ensino primario, sendo uma fundada com o subsidio do conde de Ferreira, e uma aula de musica instrumental e vocal.

Em differentes sitios d'esta parochia se teem encontrado moedas romanas de prata e cobre.

Este concelho comprehende:

Freguezias	3
Villa de Rei, Fundada e Peso [2].	
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	1:356
Habitantes	5:818
Predios inscriptos na matriz	9:180
Superficie em hectares	33:726

Grande bulha

O meu benemerito antecessor no artigo *Ferreira d'Aves*, (vol. 3.º pag. 171, col. 2.ª) disse que a tal villa de Ferreira demora *na margem direita do Vouga, em frente de Villa de Rei, que é na margem esquerda, já no bispado de Coimbra;*—e na pag. seguinte (col. 1.ª *in-fine*) diz que a villa de *Ferreira d'Aves* e *Villa de Rei*, formavam um só concelho; mas que D. Manuel as dividiu em 1517, fazendo dois concelhos independentes.

O meu illustrado collega Luiz Augusto da Fonseca Almeida e Campos, abbade de Ferreira d'Aves, muito respeitosamente lhe observou que um tal asserto foi lapso, pois ali não encontrava memoria de povoação alguma denominada *Villa de Rei* e que de mais a mais fosse *villa* e *concelho!*

Retorquiu-lhe o meu antecessor dizendo que assim o lera no *Elucidario* de Viterbo, investigador consciencioso e muito auctorisado.

O meu collega não se deu por convencido. Fez-lhe ver que a margem esquerda do Vouga em frente de Ferreira d'Aves era do bispado de Vizeu, não de Coimbra,—e que, tendo estudado attentamente a questão e a localidade, não podia crer na existencia de semelhante *Villa de Rei* defronte de Ferreira d'Aves, posto que era o primeiro a curvar-se perante Viterbo.

—

Consultou o meu antecessor varios amigos e todos foram unanimes e contestes em negar a existencia de tal *Villa de Rei* defronte de Ferreira d'Aves.

O meu collega, condoido de Viterbo, chegou a descobrir que a freguezia de *Castendo*, fronteira a Ferreira d'Aves, em outros tempos se denominou *Villa Nova de Rei* e que poderia Viterbo denominal-a *Villa de Rei;* mas que isso mesmo era improvavel, porque já no tempo em que Viterbo escreveu ninguem lhe dava tal nome.

Tambem se lembrou de que em frente de Ferreira d'Aves demora a freguezia de *Rio de Moinhos*, a que o povo dá o nome de *Rei de Moinhos* e que poderia alguem denominal-a *Villa de Rei de Moinhos*, ou simplesmente *Villa de Rei*, mas não Viterbo, homem tão illustrado e tão conhecedor da localidade, concluindo por não saber como absolvel-o de semelhante heresia.

Deu-se isto em 1873 a 1874, mas em 1878 o meu antecessor no artigo *Rarapia*, (*Vide*) volveu á questão, repetindo que em frente de Ferreira d'Aves, na margem esquerda do Vouga, existira uma villa denominada *Villa de Rei*, ainda nos principios do seculo XVI,

---

[1] Aquella pyramide geodesica foi a primeira, ou uma das primeiras do nosso paiz. Ali inaugurou e dirigiu os trabalhos da triangulação o distincto engenheiro Caetano Maria Batalha, ornamento da commissão geodesica, ao tempo presidida pelo grande mathematico, depois tenente general, Pedro Folque, nascido na Catalunha em 1744 e fallecido em 1848, contando a bagatella de 104 annos,—segundo se lê no *Diccionario Popular*.

[2] Tambem já comprehendeu as freguezias de *Amendoa* e *Cardigo*, hoje do concelho de Mação.

porque Viterbo, que viveu muitos annos no convento de Ferreira e que ali escreveu o seu *Elucidario*, assim o disse positivamente.

Em vista de tal insistencia nós estivemos tentados a consignar tambem aqui a tal *Villa de Rei*; mas, consultando o *Elucidario* de Viterbo, lamentámos que o meu antecessor tomasse a nuvem por Juno e que elle, os seus amigos e o meu illustrado collega de Ferreira d'Aves estivessem tanto tempo a esgrimir com um phantasma!

—

Viterbo no seu longo e interessante artigo *Ferros* (*Elucidario*, pag. 319, col. 1.ª *mihi*) diz textualmente o seguinte:

«No anno de 1222 *Pedro Ferreiro*,[1] e sua mulher Maria Vasques, deram foral aos que andavam povoando uma sua herdade nas margens do rio Rezere, *quae vocatur de novo Villa Ferreira*, sem duvida para conservar o appellido *Ferreira*. Esta villa pertence hoje ao bispado de Coimbra e fica fronteira a *Villa de Rei* da outra banda do rio, e já no bispado da Guarda. Até o anno de 1517 faziam estas duas villas um só concelho: El-rei D. Manuel as dividio, assim como eram differentes os bispados... Mas ninguem se persuada que este Pedro Ferreiro era official mecanico:...»

E no artigo *Tempreiros*, pag. 247, col. 2.ª *in-fine*, diz:

«Continuam as memorias de D. Vasco, pois no de 1303 os mesmos reis (D. Diniz e a rainha Santa Isabel) fizeram doação á Ordem (templarios) do castello de *Pena-Garcia*, e no de 1306 lhe deram o padroado da igreja de Alvayazere e a villa de Ferreira do Zezere, no bispado de Coimbra, e a villa de *Villa de Rei*, que lhe fica fronteira e já no bispado da Guarda,...»

Do exposto se vê que o meu antecessor extractou mal o *Elucidario* e que o meu collega de Ferreira d'Aves (desculpe-me s. ex.ª a franquesa) *não o leu*!

Viterbo não fallava de Ferreira *d'Aves*, mas de Ferreira do *Zezere* e da *Villa de Rei*, supra descripta.

[1] Não se confunda com Pedro Ferreira, humilde auctor d'estas linhas.

—

Desde a segunda metade do ultimo seculo até 1834 foram alcaides-móres[1] e commendadores d'esta villa de Villa de Rei (commenda da O. de Ch. como já dissemos) os Pachecos Pereiras, do Porto, por escambo feito com a corôa, em virtude do qual cederam a esta o juisado da alfandega d'aquella cidade, que era desde tempos remotos propriedade d'elles.

Este escambo foi feito por João Pacheco Pereira, F. C. C. R., C. O. Ch., juiz da alfandega do Porto, vereador da camara da mesma cidade em 1757 a 1758, senhor de Aveloso e da grande casa de seus paes. Era elle filho de Pedro Pacheco Pereira, F. C. C. R. juiz da alfandega do Porto, etc., e de sua mulher D. Clara Maria Eldres.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 84, col. 1.ª e seg.

Em 1884 manifestou-se o typho carbunculoso no gado d'este concelho e matou muitas cabeças, causando prejuisos superiores a um conto de réis.

—

Esta villa e este concelho soffreram muito nos principios d'este seculo, por occasião da guerra da peninsula,—primeiramente com a passagem do exercito francez de Junot, em 1807, na marcha sobre Lisboa por Abrantes,—e depois em 1810 e 1811 com as tropas inglezas de Welington e com as francezas de Massena.

Aquellas açoitaram cruelmente esta villa e este concelho, quando marchavam para o norte ao encontro de Massena, — e estas quando depois da batalha do Bussaco acamparam em frente das linhas de Torres Vedras, desde 4 d'outubro de 1810 até 5 de março de 1811.

V. vol. 9.º pag. 652, col. 1.ª e *Gojim*.

Durante aquelles longos e crueis 5 mezes os malditos corsos talaram, saquearam e incendiaram muitas povoações nas circumvisinhanças do seu acampamento, não poupando este concelho e os limitrophes.

Tambem esta villa soffreu muito com a

[1] Isto nos leva a crer que esta villa foi outr'ora fortificada ou teve algum castello.

passagem dos correios que Massena mandava fortemente escoltados ao seu imperador, fazendo caminho por Castello Branco e por esta villa. Os seus habitantes abandonaram-na completamente, e quando, depois da retirada de Massena, regressaram, encontraram a maior parte das casas reduzidas a cinzas e todos os seus haveres roubados e perdidos.

—

Demora esta villa no alto de um monte entre asperas serras de difficil accesso, na margem esquerda do Zezere, do qual dista 7 kilometros para E.,—20 da margem direita do Tejo para N.,—23 da séde da comarca,—30 da estação de Thomar, na linha ferrea do norte,—95 de Castello Branco,—109 de Portalegre,—151 de Lisboa—e 246 do Porto, pela estação de Thomar, que é a mais proxima de Villa de Rei.

Crime horroroso

Em dezembro do anno ultimo (1885), foi removido da cadeia civil de Lisboa para a cadeia da Certã, onde se acha, por lhe ter sido concedido cumprir ali a pena, attenta a sua edade e padecimentos, o reu Claudino Gomes da Silva, natural d'esta parochia de Villa de Rei, condemnado, por accordãos da Relação de 30 de novembro de 1881 e do supremo tribunal de justiça de 24 d'abril de 1883, em oito annos de prisão maior cellular, seguida de 12 de degredo em Africa, 1.ª classe, e alternativamente em trabalhos publicos perpetuos na Africa Occidental.

Fôra convencido do assassinio de Francisco Antonio, vulgo o *Coxo*, d'esta mesma freguezia, e perpetrara-o com as aggravantes de ser elle official de diligencias do julgado e então sadio e vigoroso, ao passo que a victima era um velho, coxo e quasi cego, —e de tel-o aggredido de surpreza, e no ermo da *Córga da Negra*, em uma propriedade da victima!

N'aquella propriedade, em um pequeno poço em chão de horta e cevada, appareceu o cadaver em decubito abdominal, com a face e parte do tronco immersos na agua, com a nuca e parte posterior d'aquelle fóra d'ella, e com as extremidades inferiores fôra do seu ambito, porque nem a agua tinha profundidade para cobril-o, nem o poço capacidade para comportal-o. Ao lado esquerdo, e apoiada sobre o cadaver, uma muleta; ao direito, e junto á borda do poço, uma infusa cheia de agua, cuja rolha fluctuava n'elle.

Accidente ou crime? A autopsia cadaverica, sem excluir a possibilidade d'aquelle, tornára este muito provavel. A morte fôra por asphyxia ou por submersão. As lesões na face foram produzidas durante a vida, mas proximo á morte. Nas vias aérias e no estomago havia lodo, que indicava que a immersão fôra em vida e por fórma que, para salvar-se, não pôde fazer nenhum dos esforços proprios de todos os afogados, pois os mais pequenos seriam sufficientes, attentas as insignificantes dimensões e a pouca agua do poço.

—

E *Córga da Negra*, era sitio apropriado. N'aquelles montes sombrios, n'aquellas rochas alcantiladas a projectarem-se em fórma de abysmo, havia, a par da mudez tetrica da solidão, o ar tragico e sinistro que o nome indica. Tudo constituira para logo uma extensa nota, que vibrou intensamente os sentimentos mais energicos da alma, desde a compaixão ao terror. Rompeu e alastrou-se clamorosa a opinião publica contra o réu.

Foi a voz de Deus! O Claudino tinha uma propriedade contigua e por questões de extremas havia inimisade formal, inveterada, rancorosa, entre elles. Quatro annos antes, tinham ali vindo ás mãos, e n'essa lucta o Claudino aggredira o *Coxo* de fórma, que já então seria victima, se não acudisse a livral-o um cunhado de ambos. Não se conhecia ao infeliz outro inimigo. E tanto o receiava e temia, que dizia frequentemente:

—Se apparecer morto ou ferido, de ninguem se queixem senão do Claudino!...

Ainda alguns dias antes da morte tiveram em uma taberna um conflicto.

N'essa occasião dissera o Francisco Antonio:

—Bem sei que elle me ha de matar.

Encontrou-o sem vida uma filha do proprio reu, a qual ia levar-lhe umas pevides, de mandado da familia.

Aterrada, chamou pela mãe e pae, que fossem acudir. Este, porém, não foi, nem séquer se approximou para ver! N'esse dia verificou-se, depois, a diligencia do exame. Acompanhou a justiça como official de diligencias; mas, quando ella entrou no exame do local, ficou de largo!

O assassinio fôra perpetrado no dia anterior. Andára o infeliz até ao meio dia n'outro trabalho, e vira passar o réu. Como tinha de ir tambem para lá, manifestou publicamente o seu receio; mas, não obstante, jantou e foi sosinho.

E n'esse dia, com effeito, ali andára o reu com um jornaleiro a trabalhar na sua fazenda. A' tardinha, mandou este cortar as raizes d'uma figueira existente na extrema. Quando estoirou a ultima, disse logo que assim estoirasse o coração ao dono.

Depois mandou o jornaleiro para outro serviço n'uma horta distante, d'onde nada se via para a propriedade do infeliz. Que fez então o miseravel?

Só passado tempo bastante appareceu na horta e para despedir immediatamente o jornaleiro. Este achou-o triste e estranhou-o de modo que lhe passou pela idéa algum encontro com o *Coxo;* mas obedeceu. Foi-se pois, muito antes da hora em que é costume findarem os trabalhos agricolas.

—

Consummára-se, portanto, o horrivel drama. O Claudino, apercebendo o *Coxo* e approveitando o ensejo, aggredira-o inesperadamente com uma pedra pela fossa temporal esquerda, em ordem a produzir-lhe a commoção cerebral; em seguida lançou-o ao poço na posição sobredita; mergulhára-lhe a cabeça, e comprimira-a contra o fundo d'elle, de modo que a asphyxia foi rapida e, n'esta curta agonia, absorveu o infeliz o lodo achado nas vias aereas e no estomago!

O resto—disfarces, que nada lograram contra a voz irresistivel da verdade. E ainda bem que foram impotentes!

—

Em março de 1885 deu entrada no ministerio das Obras publicas um requerimento de T. M. Johnson, pedindo a concessão para uma linha ferrea, de via larga, a partir de Abrantes, margem direita do Tejo, por Sardoal, Ferreira do Zezere, *Villa de Rei*, Certã, Arganil, Taboa, Carregal, Tondella, Vizeu, Castro Daire, Arouca, Gião, no concelho da Feira, Gaya, com um ramal que partindo de Castro-Daire vá entroncar com o caminho de ferro do Douro.

A população dos concelhos que esta linha atravessa é superior a 300 mil habitantes, e a sua area é importantissima. Ficando por este projecto Vizeu a 110 kilometros do Porto, é o Douro ligado com o Tejo pela linha mais central e mais curta.

VILLA—RICA.—Não temos em Portugal freguezia ou aldeia alguma denominada Villa—Rica; mas abrimos este topico, porque no *Douro Illustrado* (pag. 88, col. 1.ª) se lê o seguinte:

«Na confluencia da ribeira da Villariça com o Sabor está uma collina, em cuja crista se veem ainda hoje os restos das muralhas que defendiam a antiga *Villa—Rica de Santa Cruz.* Querem alguns que d'esta villa venha o nome á formosa veiga que se estende a seus pés; nome depois transmittido á ribeira, que a sulca em todo o seu comprimento.»

Do exposto se vê que o sr. visconde de Villa Maior, um dos homens mais illustrados d'este seculo e muito conhecedor da localidade, pois era natural de Moncorvo (V. *Villa Maior*, quinta) mencionou uma aldeia denominada Villa—Rica junto da foz do Sabor e que deu o nome á fertilissima veiga da Villariça.

—

É possivel que de *Villa—Rica* se fizesse *Villarica*—e de Villarica *Villariça;* mas suppomos que a Villa—Rica do *Douro Illustrado* é erro de imprensa,—ou lapso dos copistas—ou do auctor, pois só ali a encontramos assim mencionada, emquanto que Viterbo e todos os outros auctores que teem fallado da Villariça e de Moncorvo, a denominaram como a denominou o meu antecessor,—*Santa Cruz da Villariça.*

V. vol. 8.º pag. 419, col. 1.ª,—*Moncorvo,* —*Val da Villariça*—e *Villariça.*

VILLA-RICA foi povoação portugueza, mas na colonia, hoje imperio do Brazil.

Na tal *Villa—Rica* brazileira viveu muitos annos e escreveu algumas das suas obras, mencionadas por Innocencio, o padre Manuel Joaquim Ribeiro, natural da freguezia de Sanhoane, em Portugal.

VILLA DA RUA.—V. *Rua.*

VILLA RUIVA,—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. — Orago Nossa Senhora da Graça,—fogos 138,—almas 560.

O padre Carvalho em 1708 simplesmente disse que esta parochia era um curato annexo á vigairaria de Mesquitella no termo e concelho da villa de Linhares, corregedoria da Guarda e provedoria de Vizeu.

O *Portugal S. e Profano* em 1768, disse que era curato da apresentação do vigario de Mesquitella, no bispado de Coimbra;—que rendia para o seu cura 30$000 réis—e contava 63 fogos.

José Avelino d'Almeida em 1866 deu-lhe 98 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 102 fogos e 417 habitantes,—e o censo de 1878 deu-lhe 120 fogos e 514 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas sómente alguns casaes e quintas de pouca importancia. É formada por uma povoação unica, denominada *Villa Ruiva,* séde da parochia.

As suas freguezias limitrophes são:—Mesquitella, Villa Cortez da Estrada, Villa Franca da Serra (concelho de Gouveia, comarca de Fornos d'Algodres) e Carrapichana.

—

Está na pendente norte da Serra da Estrella e na margem esquerda do Mondego, do qual dista 4 kilometros,—8 de Gouveia pela nova estrada a macadam d'esta villa para a sua estação na linha da Beira Alta, —6 da estação de Fornos d'Algodres, na mesma linha ferrea,—64 da Guarda, pela mesma linha ferrea e 39 pela estrada a macadam,—158 da cidade da Figueira,—211 do Porto, — 329 de Lisboa, pelas linhas do norte e Beira Alta,—e 2 e meio da estrada real a macadam de Coimbra a Celorico, pela ponte da Murcella, para o norte, pelo que esta freguezia tambem soffreu muito por occasião da guerra peninsular, quando por aqui passou o exercito francez de Massena em 1811.

V. *Villa Cortez da Estrada* e *Gouveia,* n'este diccionario e no supplemento.

As suas producções principaes são:—vinho, centeio, azeite, batatas, queijo e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero nos seus montes e na Serra da Estrella.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 2 capellas publicas,—uma de S. Miguel o Anjo,—outra de Santo Antonio.

A imagem da padroeira, que está no altar-mór da matriz, é de pedra e muito antiga, segundo se lê no *Santuario Marianno,* vol. 4.º pag. 676 e seg. e tem 3 a 4 palmos de altura.

A egreja é humilde e não tem torre, mas um pequeno campanario sómente.

A capella de Santo Antonio está ao fundo do povo e junto d'ella esteve o cemiterio parochial até 1882, data em que o transferiram para o lado de Villa Cortez.

A capella do Anjo está no caminho que vae para a freguezia de Carrapichana por entre rochedos, nos quaes, junto da dicta capella se encontram vestigios de remota occupação, nomeadamente muitas sepulturas abertas na rocha e de differentes dimensões, sendo algumas muito pequenas, destinadas para creanças.

O povo denomina estas sepulturas—*sepulturas dos mouros* [1].

—

Os habitantes d'esta freguezia tem a alcunha de *lagartos.* Talvez que outr'ora aqui abundassem estes reptis, por ser o chão d'esta freguezia muito arido e pedragoso;—e, como n'ella ha muito gado lanigero e se fabrica muito queijo, quando para ella se dirige alguem dos povos circumvisinhos costumam dizer:

—Vais aos *lagartos*? Que te encham de tabefe (sôro do leite).

---

[1] N'este concelho de Gouveia se encontram ainda hoje muitas sepulturas identicas, nomeadamente em *Villa Nova de Tazem.* Vide.

Por causa da dicta alcunha e não sabemos de que mais, desde tempos muito remotos ha grande animosidade entre esta parochia e a da Villa Cortez, sua limitrophe—animosidade que por qualquer coisa se manifesta e já tem produzido sérias desordens.

Ha annos, por exemplo, vindo de cumprir certo voto muitos habitantes de Villa Cortez, atravessaram esta povoação de Villa Ruiva e, como estivessem no caminho varios homens jogando a pella e os de Villa Cortez a empurrassem, travou-se entre uns e outros a maior desordem de que ha memoria entre os dois povos. Tocaram os sinos a rebate em ambas as freguezias; — houve muitos ferimentos e ficaram dois homens mortos.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Linhares;—extincto este, por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o concelho e comarca de Celorico da Beira—e depois para o concelho e comarca de Gouveia.

Ecclesiasticamente pertenceu ao bispado de Coimbra; mas desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, passou para o bispado da Guarda.

No dia 4 de fevereiro de 1885 sentiu-se n'esta parochia um tremor de terra que fez abater a armação de uma casa, em cuja loja se vendia vinho e ao tempo se achavam muitas pessoas, mas nada soffreram, alem do susto.

Tambem na mesma occasião abateu outra casa em Nabaes, freguezia d'este concelho.

VILLA RUIVA,—villa e freguezia do concelho e comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, provincia do Alemtejo.

Priorado. Fogos 157,—habitantes 630.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

A *Chorographia Portugueza* em 1708 deu-lhe 360 fogos.

Necessariamente foi lapso, pois sessenta annos depois, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, contava 96 fogos,—era da apresentação do duque de Cadaval e rendia para o seu prior 100$000 réis,

Em 1708 era villa e concelho;—pertencia á comarca e bispado d'Evora—e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orphãos com seu escrivão, 1 companhia de ordenanças, 1 alcaide e 1 tabellião do judicial e notas.

Era dos duques de Cadaval e da provedoria de Beja—e tinha uma capella de S. Caetano, com festa propria e grande romagem.

Tambem tinha um alteroso castello e uma boa cinta de muros, hoje tudo em ruinas,—e sobre a porta d'entrada para o castello o brasão d'armas dos duques de Cadaval, senhores d'esta villa.

Ainda em 1850 o castello tinha artilheria montada; mas hoje, de todas as obras de defeza d'esta villa, apenas existe uma torre do lado norte.

—

Segundo se lê na *Monarchia Lusitana*, parte IV, fl. 201 e parte VIII, fl. 41, esta villa foi tomada aos mouros por D. Sancho II, quando lhes tomou tambem Vidigueira, Cuba, Rodeja, Fronteira e outras terras.

O mesmo se lê na *Descripção de Cuba* pelo illustrado bejense Fr. Domingos d'Oliveira, —*Descripção* que se acha no Codice n.º 104, da Bibliotheca Portuense, do qual existe hoje uma copia no archivo municipal da camara de Cuba, tirada por nós, a pedido do sr. dr. João dos Santos Pegas Cabrita.

No mesmo Codice se encontram tambem os *Dialogos de Cristovam Rebello de Macedo*, interessantissimos para o estudo das antiguidades de Beja,—e uma outra *Descripção* de Vianna do Alemtejo, sem data nem nome do auctor.

—

Villa Ruiva foi dada em 1393 por el-rei D. João I, bem como as villas de Villa de Frades, Villa Alva e Vidigueira, ao santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira;—este depois a deu, com a de Villa Alva, a Rodrigo Affonso de Coimbra, bem como repartiu por outros cavalleiros que o haviam acompanhado nas guerras contra os castelhanos, outras muitas villas que el-rei lhe havia doado. Depois D. João I annulou aquellas doações e Villa Ruiva com outras villas reverteu para a corôa;—por ultimo passou para o senhorio dos marquezes de Ferreira, depois duques de Cadaval, que aqui costumavam re-

sidir parte do anno e fazer grandes festas e caçadas, principalmente na matta do Seixal, junto de Cuba.

—

Demora esta villa em sitio alto e vistoso, na ladeira de um monte e na margem esquerda da ribeira de Odivellas, confluente do Sado, da qual dista 2 kilometros,—8 da estação de Alvito, na linha de sueste,—11 de Cuba,—30 de Beja,—138 de Lisboa,—475 do Porto—e 605 de Valença do Minho.

Esta parochia não comprehende aldeias. É formada por uma povoação unica; apenas no seu termo se encontram algumas herdades, sendo as principaes as seguintes:—Delicada, Panasqueira, Monte Novo, Val d'Agua, Calvina e Estacas. A 1.ª e 2.ª pertencem ao visconde da Esperança, José,—a 3.ª 4.ª e 5.ª a D. Anna Rita da Cruz Arce e filhos,—e a 6.ª á duqueza de Cadaval.

Freguezias limitrophes: — Alvito, Cuba, Villa Alva e S. Bento de Pomares.

Tem esta villa uma estrada a macadam, já construida, para a estação de Cuba—e outra districtal, n.º 115, em construcção de Portel por Villa de Frades para a estação de Villa Nova da Baronia e Torrão.

Tem esta villa 2 egrejas:—a matriz, venerando templo gothico bem conservado, com altar-mór e 4 lateraes, todos restaurados ha poucos annos,—e a da misericordia, quasi em ruinas.

Tem mais duas capellas publicas:—uma de S. Sebastião, restaurada de novo, em cumprimento do voto de uma piedosa senhora,—e a de S. Caetano, a 2 kilometros da villa e já mencionada na *Chorographia Portugueza*.

Está ainda bem conservada e n'ella se fazem duas pomposas festas com grande arraial:—uma no dia 15 d'agosto,—outra na segunda feira depois da Paschoela, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres.

Assim se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho; mas em outros apontamentos se dá a esta capella o titulo de *Senhora da Represa*! E accrescenta o informador: — «O nome d'esta ermida parece derivar de um antigo açude ou albufeira que ali existe, onde, segundo a tradição, foi encontrada a imagem da Senhora».

—

Esta villa não tem mercados, nem feiras, nem convento algum.

Tem 3 largos:—Rocio, Praça Velha e Misericordia,—e 4 ruas:—de Fóra, da Lagôa, do Penedo e do Ulmo.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara, a cadeia e o pelourinho.

Na casa da camara funccionam a Junta de parochia e uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

A ribeira de Odivellas, que banha esta freguezia, desagua no Sado a 53 kilometros de distancia, e tem nos limites d'esta parochia uma grande ponte com ... arcos de cantaria de marmore. Está ainda muito solida, posto que se attribue a sua construcção ao poderoso rei mouro Ismar, ou Ismario, ou Ismael, derrotado com outros pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques na batalha de Ourique. Vide. Outros dizem que a dicta ponte foi feita pelos romanos.

É certo que no arco principal se lê a inscripção seguinte:

ANNIVS
ARCONIS (ou
ARCONIOS,
HEICCITV (ou
HEICCITIV.

Nunca vimos esta inscripção. Regulamonos pelas copias que recebemos.

—

Esta parochia produz trigo, cevada branca, aveia, fava, milho, centeio, chicharos, grão de bico, tremoços, feijão amarello e pintado, vinho, azeite, cortiça e lã, pois cria bastante gado lanigero e tambem suino; mas a sua producção principal é o azeite, pelo que tem 6 lagares para o seu fabrico.

Tem grandes montados d'azinho e sobro.

—

A irmandade da misericordia d'esta villa teve hospital e alguns contos de réis de renda; mas, ha annos, por iniciativa do governador civil d'este districto, José Borges Pacheco Pereira, o governo supprimiu esta ir-

mandade e incorporou os seus rendimentos na casa pia de Beja, ficando esta, por deliberação da junta geral do districto, obrigada a satisfazer annualmente á junta de parochia d'esta villa a somma de 274$000 réis, com a applicação seguinte:—para um medico 90$000 rèis,—para um sangrador 24$000 réis,—para remedios 120$000 réis—e para dietas 40$000 réis.

—

Ha n'esta parochia ruinas d'uma egreja antiquissima, de estylo romano (diz um dos meus informadores) a qual, segundo se suppõe, foi a primeira matriz de Villa Ruiva.

Tinha a invocação de *Senhor da Ladeira*.

Passava n'esta villa a antiga estrada militar d'Evora a Beja, da qual ainda se encontram vestigios entre Villa Ruiva e Agua de Peixes.

Tambem por aqui passava (segundo se suppõe) uma via romana d'Evora a Beja, da qual fallaram Daciano, Rezende, Vasconcellos, Francisco Dolanda, Hübner, João Baptista de Castro, José Lourenço do Valle e ultimamente o sr. Antonio Francisco Barata no seu interessante folheto *Catacumbas*, publicado em Evora no anno de 1883, até pag. 72 sómente.

O sr. Barata vive em Evora; reconheceu parte da dicta estrada;—encontrou um marco milliar a pequena distancia de Vianna—e concluiu que a dicta estrada devia atravessar o Xarrama e as ribeiras da Morteira e *Alparca* em pontes e seguir pela matta do Serrado, Agua de Peixes, Odivellas, *Villa Ruiva*, ribeiras de Macabron e Udiarse, Corredoura e Beja.

Encontrou vestigios claros nos sitios e herdades seguintes:—de Evora á Casinha,—Monte das Flores,—Font'Alva,—Seixo,—Magalhôa,—Zambujeiro,—Ponte no Xarrama, de que ainda se encontram restos, a 15 kilometros d'Evora,—e na margem esquerda um extenso lanço da mesma estrada, que passaria entre Aguiar e Vianna.

—

Em 1862 a parochia de Albergaria dos Fusos era uma annexa de Villa Ruiva; mas já no anno de 1864 era parochia independente.

Villa Ruiva teve 2 foraes: um em tempos muito remotos, dado pelo convento de Mancellos,—outro dado por D. Manuel em 1 de junho de 1512, confirmando aquelle, segundo diz o padre Carvalho; custa porém a crer que estando o tal convento de Mancellos (não temos noticia d'outro) na freguezia do seu nome, junto de Amarante, fosse dar o foral a *Villa Ruiva* no centro do Alemtejo.

Nós tivemos e temos mais duas povoações com o mesmo nome de *Villa Ruiva*, além das mencionadas; mas nenhuma no concelho d'Amarante—nem nas provincias do Douro, Minho ou Traz-os-Montes [1]. Uma está na freguezia e concelho de Villa Velha de Rodão, districto de Castello Branco, na Beira Baixa,—outra é a seguinte:

VILLA RUIVA DE SENHORIM,—aldeia da freguezia de Senhorim, concelho de Nellas, districto de Vizeu, na Beira Alta.

É uma povoação importante, pois conta cerca de 120 fogos e 500 habitantes! Dista da séde da parochia 5 kilometros e por isso já esteve unida algum tempo á freguezia de Villar Secco, limitrophe da de Senhorim.

É povoação muito antiga, pois no foral, que D. Manuel deu em 6 de maio de 1514 a S. João do Monte, se fez menção das povoações de Villa Nova, Villa Ruiva e Senhorim.

Suppomos que *Villa Nova* è a séde actual do concelho de Nellas, pois não ha hoje povoação alguma denominada Villa Nova, n'este concelho, que é com pequena differença o mesmo concelho de Senhorim, hoje extincto.

—

Tambem suppomos que a povoação ou villa de *S. João do Monte*, a que D. Manuel deu foral, era e é a povoação de S. João do

---

[1] V. *Mancellos* n'este diccionario; — a *Chronica dos cruzios*, parte 1.ª, pag. 326, col. 2.ª e a dos frades de S. Domingos, parte 3.ª, pag. 235, *mihi*.

A *Chorographia Moderna* diz que o convento de Mancellos foi outr'ora donatario de Villa Ruiva do Alemtejo; mas nem a *Chorographia Portugueza*, nem as Chronicas dos cruzios e dominicos dizem tal.

Este convento de *Mancellos* passou dos cruzios para os dominicos no reinado de D. Sebastião.

Monte, hoje simples aldeia da freguezia de Senhorim; mas não comprehendemos bem o seguinte:

D. Manuel, no foral que deu a S. João do Monte em 6 de maio de 1514, incluiu a povoação de Senhorim, mencionando-a expressamente, [1]—e quasi ao mesmo tempo, em 30 de março do mesmo anno, ou 37 dias antes, deu foral proprio a Senhorim [2].

Os foraes são differentes; mas a povoação parece ser uma e a mesma, pois não temos em Portugal outra com o nome de *Senhorim*. Custa a crer que, tendo-lhe dado el-rei D. Manuel foral em 30 de março, reconhecendo-a como séde de concelho e concelho antiquissimo, pois já D. Affonso Henriques lhe havia dado outro foral,—o mesmo rei D. Manuel, 37 dias depois, a reduzisse a simples freguezia do novo concelho de *S. João do Monte*, obrigando-a a obedecer a uma aldeia da mesma parochia de Senhorim!...

E não se confunda este novo concelho com o seu homonimo de *S. João do Monte*, mencionado pelo padre Carvalho e que existiu outr'ora tambem na comarca de Vizeu, pois esse concelho tinha a séde na freguezia de S. João do Monte, hoje pertencente ao de Tondella, nas margens do rio Dão, cerca de 25 kilometros ao poente de Senhorim.

Parece que D. Manuel, para distinguir do antigo concelho de S. João do Monte, nas margens do Dão, o novo concelho de S. João do Monte nas margens do Mondego, expressamente declarou quaes as povoações que ficava comprehendendo e eram:—*Villa Nova* (hoje talvez Nellas),—*Senhorim*, hoje freguezia do actual concelho de Nellas,—e *Villa Ruiva*, aldeia da freguezia de Senhorim.

—

Eis aqui um embroglio que poderá esclarecer só quem visitar a localidade,—o archivo da camara de Tondella, que representa o extincto concelho de S. João do Monte, das margens do rio Dão,—o archivo da camara de Nellas, que representa os extinctos concelhos de Senhorim, Canas de Senhorim e S. João do Monte, de Senhorim,—e o archivo nacional da Torre do Tombo, onde devem existir todos os nossos foraes, *novos* e *velhos*.

Dos livros que nos rodeiam, apenas se conclue o seguinte:

1.º—Que Senhorim foi a primitiva séde do actual concelho de Nellas.

2.º—Que em 6 de maio de 1514 a séde d'este concelho passou de Senhorim para a aldeia de S. João do Monte, da mesma freguezia.

3.º—Que a villa de Senhorim (não sabemos desde quando) volveu a ser a séde d'este concelho até 1852, data em que passou para Nellas.

4.º—Que a mencionada aldeia de S. João do Monte é differente da freguezia de S. João do Monte, que tambem foi concelho, mas nas abas da serra do Caramullo, hoje concelho de Tondella, nas margens do rio Dão.

Aos illustrados filhos de Nellas e Tondella pedimos a bondade de nos esclarecerem sobre tão nebuloso assumpto.

VILLA SECCA — aldeia da freguezia de Adoufe, concelho de Villa Real de Traz os Montes.

N'esta aldeia foi barbaramente assassinado, em 31 de janeiro de 1847, um velho Pacheco, (official realista convencionado em Evora-Monte) pelas tropas do conde de Vinhaes, quando marchavam sobre Villa Pouca d'Aguiar em perseguição do general Macdonell.

V. *Sabroso* e *Villa Pouca d'Aguiar*.

As mesmas tropas do Vinhaes commetteram por aquella occasião outros muitos excessos em Zimão, na Gralheira e Villa Pouca d'Aguiar, acutilando homens, mulheres e creanças.

Bellesas das guerras civis?!...

—

Na mesma freguezia de Adoufe ou Adaufe, entre as aldeias de Escariz e Bonagouro, está a celebre *Pedra da mão do homem*, já descripta sob este titulo (Vide) no vol. 6.º pag. 518, col. 2.ª

---

[1] *Livro de Foraes Novos da Beira*, fl. 113, v. col. 2.ª

[2] Idem, fl. 108, v. col. 2.ª

VILLA SECCA—aldeia populosa e a mais importante da freguezia de Louredo, concelho e comarca d'Arouca.

Vide vol. 4.º pag. 451 e seg.

Esta aldeia já se encontra mencionada no foral que D. Manuel deu em 10 de fevereiro de 1514 á *Villa da Feira* e *Terras de Santa Maria*, que foram dos condes da Feira e comprehendiam, além do concelho d'este nome, grande parte dos de Ovar, Oliveira de Azemeis, Cambra, Estarreja, Fermedo, Arouca, Villa Nova de Gaya, etc.

V. vol. 3.º pag. 155, col. 2.ª e seg.

Temos aínda no nosso paiz mais 10 aldeias denominadas *Villa Secca*. Não as mencionamos para não fatigarmos os leitores.

VILLA SECCA— freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Thiago;—fogos 152,—habitantes 670.

Em 1706 pertencia ao termo da villa de Espozende da grande comarca de Barcellos;—contava 163 fogos;—era vigairaria da apresentação da casa de Bragança;—rendia para o parocho 80$000 réis—e para a collegiada de Barcellos 230$000 réis.

Em 1768 era reitoria do padroado real;—contava 112 fogos—e rendia para o parocho 100$000 réis.

Comprehende as aldeias de Villa Secca, séde da parochia, Assento, Bemposta e Lordello.

Freguezias limitrophes:—Gilmonde e Milhases, a E.,—Faria e Cristello a S.;—Rio Tinto a O.—e Fornellos a N.

Em 1840 estava annexada a esta ultima.

—

Demora o logar de *Villa Secca* na margem esquerda do rio Cavado, do qual dista kilometro e meio,—7 de Barcellos,—8 da estação d'esta villa, no caminho de ferro do Minho,—34 de Braga (pela mesma linha ferrea)—58 do Porto—e 395 de Lisboa.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 3 capellas:—Senhor do Soccorro, Santa Maria Magdalena e Senhora da Conceição,—todas publicas e abertas ao culto.

Banham esta freguezia o Cavado e um pequeno ribeiro que nasce na povoação de Lordello e desagua na lagôa das Necessidades, freguezia de Barqueiros, seguindo a direcção E. O.

As producções principaes d'esta parochia são:—vinho verde, cereaes e cebolas, que exporta em grande quantidade.

Não tem aulas officiaes nem sequer de instrucção primaria elementar; mas apenas uma particular para meninas, auxiliada pela *Associação do Santissimo Coração de Jesus*, estabelecida n'esta parochia.

Emquanto a viação, é atravessada pela estrada a macadam de Barcellos á Povoa de Varzim,—estrada importante e de muito movimento, principalmente por occasião das feiras de Barcellos e Villa do Conde, e durante o tempo dos banhos de mar.

VILLA SECCA—freguezia do concelho de Condeixa, districto e diocese de Coimbra, provincia do Douro (?...)

Pertenceu á comarca de Coimbra; mas hoje pertence á de Penella.

Orago S. Pedro;—fogos 417;—habitantes 1680.—Priorado.

Em 1708 era do termo da cidade e comarca de Coimbra e priorado do cabido da mesma cidade;—comprehendia a povoação de Bendafé, hoje parochia independente,—e contava ao todo apenas 136 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, era priorado do mesmo cabido;—contava 189 fogos—e rendia 300$000 réis.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 365 fogos e 1:458 almas—e o de 1864 deu-lhe 329 fogos e 1:209 almas.

Tem pois augmentado consideravelmente a sua população.

—

Demora junto das nascentes da ribeira que passa na villa de Condeixa a Nova, da qual dista cerca de 10 kilometros;—outros 10 da villa de Penella;—15 de Coimbra;—134 do Porto—e 233 de Lisboa, pela estação de Coimbra na linha ferrea do norte.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Villa Secca, sède da parochia,—Bruscos e Alcouce, já mencionados na *Chorographia Portugueza*,—Balláos, Traveira, Matta, Ribaldo e Beiçudo.

Freguezias limitrophes:—Lamas de Miranda, concelho de Miranda do Corvo, a E.,—Podentes e Zambujal, a S.,—Condeixa Velha, a O.,—e Almalaguez e Sernache dos Alhos, a N.

Não comprehende quintas nem casaes dignos de especial menção.

Atravessam esta freguezia a estrada a macadam, districtal n.º 58, do Louriçal a Miranda do Corvo (O. a E.)—e a municipal, de S. Francisco de Coimbra a Penella, cortando a districtal n.º 58 ao nascente d'esta parochia.

—

Templos:—a egreja matriz e 7 capellas publicas: 1 na aldeia de Balláos, 1 na de Alcouce, 1 na de Traveira, 1 na de Bruscos, 1 na da Matta e 2 na de Villa Secca. Estas ultimas teem as invocações de *Senhor do Adro*—e *Espirito Santo*;—em volta da 1.ª se fazem duas procissões:—uma no 1.º dia de cada mez, em louvor de Nossa Senhora,—outra no ultimo dia do mez, em suffragio pelos fieis defuntos.

Tambem no domingo de Pentecostes vae da matriz uma procissão á capella do Espirito Santo, indo o povo cantando a ladainha dos Santos e terminando com uma missa resada na dicta capella.

N'esta freguezia não ha feiras nem mercados, nem edificios brasonados ou sem brasões, dignos de menção,—nem fabricas ou industria alguma.

Tambem nunca foi villa.

Denominou-se *villa* na accepção de quinta ou casa de campo,—e *secca* porque não a banha ribeiro ou rio algum.

É pouco mimosa d'agua de rega; mas em compensação vê-se livre da peste dos arrosaes, pelo que o seu clima é muito saudavel, como prova o augmento progressivo da sua população,—facto estranho em todas as freguezias d'este districto e de todos os outros onde a sordidez e ambição do lucro exploram a cultura do arroz, tão nociva á saude publica!...

V. *Vil de Mattos.*

—

As producções principaes d'esta parochia são:—vinho, azeite e trigo.

Não tem hoteis nem hospedarias,—nem sequer uma simples taberna.

Caso raro em uma freguezia tão populosa e tão abundante de vinho!

Em compensação—desconhece o vicio do jogo.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Ha tambem aqui, desde tempos muito remotos, uma albergaria de S. Pedro, que ainda conserva (milagre!) rendas sufficientes para reparar a egreja matriz,—soccorrer os doentes pobres d'esta parochia—e os que n'ella passam com carta de guia.

Deus tenha em bom logar os fundadores de tão santa instituição. Bem quizeramos dar minuciosa noticia d'ella; mas infelizmente não adiantam mais os apontamentos que se dignou enviar-nos o rev. prior actual d'esta parochia, José Adelino Coelho da Silva, e que muito cordealmente agradecemos.

VILLA SECCA D'ARMAMAR,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Armamar, diocese de Lamego, districto de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Reitoria. Fogos 222,—habitantes 890.

Todas as nossas chorographias, até hoje, pouco, muito pouco disseram relativamente a esta parochia e ás ultimas cinco. Vamos ver se adiantamos alguma coisa mais.

—

Em 1708 esta villa era um simples curato da corôa, annexo á freguezia de S. Miguel d'Armamar;—tinha 2 vereadores, 1 juiz ordinario, 1 procurador do concelho, 1 escrivão do judicial e notas, outro da camara; toda a villa e o seu concelho contavam apenas 90 fogos e pertenciam á comarca de Lamego.

Passados 60 annos, ou em 1768, era um curato da apresentação do reitor d'Armamar;—rendia para o cura 70$000 réis—e contava 131 fogos.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego*, escripta no ultimo quartel do seculo XVIII, deu-lhe 155 fogos, 491 habitantes,—60$000 réis de rendimento para o cura, comprehendendo o pé d'altar e congrua, dada pelo reitor d'Armamar. Tambem diz que tinha 2 capel-

las:—uma de Nossa Senhora do Leite, com 3 altares,—outra de Nossa Senhora das Neves,—e um oratorio de S. José na quinta do Tedo, pertencente a José Bernardo.

Almeida em 1866 deu lhe 173 fogos,—o recenceamento de 1864 deu-lhe 211 fogos e 864 almas—e o de 1878 deu lhe 205 fogos e 827 almas.

Demora na antiga estrada de Lamego para Taboaço, por Armamar,—ponte de Santo Adrião, no Tedo,—e Barcos.

Dista d'Armamar 5 kilometros para E.N.E. —6 da margem esquerda do Douro,—7 da estação de Covellinhas, na linha ferrea do Douro,—120 do Porto—e 457 de Lisboa.

—

Comprehende apenas duas povoações:—Villa Secca, séde da parochia,—e Marmellal, na pendente sobre o rio Tedo,—além de varias quintas habitadas por caseiros, entre as quaes avultam 4:—a de Castello de Borges, a de Ayres Pinto, a de Valmór de Cima e a do Sarzedo.

A de Castello de Borges, hoje do visconde d'este titulo, tomado d'ella, demora em sitio fundo, abafado, ardentissimo no verão e pouco vistoso, na margem esquerda do Tedo, distante cerca de tres kilometros da confluencia d'este rio com o Douro. Comprehende vinhedos não muito extensos, hoje (1886), quasi todos phylloxerados e perdidos, mas que em tempo normal produziam quarenta a 50 pipas de vinho do melhor do Alto Douro e que no tempo do seu ultimo possuidor, Felix Manuel Borges Pinto, era sempre comprado por bom preço pelas primeiras casas inglezas da praça do Porto.

Foi seu comprador muitos annos o illustrado e sempre chorádo Joseph James Forrester, barão de Forrester,—o negociante inglez a quem o Douro mais deve,—auctor do grande *Mappa do Douro* e de differentes opusculos relativos ao Douro e aos nossos vinhos.

No Douro empregou avultadas sommas e trabalhou muito, levantando *elle proprio* a planta d'este rio e das suas margens desde o Atlantico até a Hespanha—e no Douro perdeu a vida, em viagem da quinta do Vezuvio para a Regoa.

Aproveitando o ensejo, daremos aqui noticia do memorando naufragio:

—

Em 11 maio de 1861, achando-se o barão de Forrester hospedado na celebre quinta do Vesuvio, onde ao tempo estavam os donos d'ella, Francisco José da Silva Torres, par do reino, grande proprietario e grande capitalista,—sua esposa a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira,—a condessa da Azambuja, filha do primeiro matrimonio da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira,—o conde da Azambuja, filho do duque de Loulé e genro da sr.ª D. Antonia,—e o juiz de direito de Villa Nova de Foscoa,—disse na tarde d'esse dia a sr.ª D. Antonia que tencionava ir brevemente para a sua casa da Regoa.

—Tambem eu não posso demorar-me,—accrescentou o barão de Forrester,—e n'esse caso acompanho-os e havemos de ir ámanhã.

—Ámanhã não,—disse a sr.ª D. Antonia, —porque nem v. ex.ª tem aqui o seu barco [1] nem nós temos marinheiros prevenidos.

---

[1] O barão de Forrester, já porque era muito amante do Douro e tinha n'elle grandes interesses como um dos primeiros negociantes de vinho, já porque n'aquelle tempo os caminhos entre o Porto e o Alto Douro eram medonhos e elle preferia fazer a viagem embarcado, já porque para levantar a planta do Douro teve de o cruzar todo muitas vezes e de estanciar n'elle muito tempo, mandou fazer um barco para seu uso. O typo era o dos *barcos rabellos*, porque a navegação do Douro não admitte outros, mas era (nós o vimos muitas vezes) o *barco rabello* mais luxuoso que tem sulcado as aguas do Douro desde o mar até á Hespanha.

Foi construido a capricho, bem pintado e bem mobilado com moveis elasticos, mesa de jántar, cadeiras, cosinha, *retrête*, leitos, boa frasqueira, bom trem de cosinha, etc., e com toldo ou coberta de madeira com vidraças.

Sendo um barco pequeno, de 10 a 12 pipas, n'elle deu jantares esplendidos a muitos dos seus amigos,—n'elle fez muitas viagens do Porto até á Hespanha (Barca d'Alva) e v. v.—e n'elle rezidiu mezes, durante as suas viagens e estudos.

A mesma tripulação era formada por marinheiros valentes, escolhidos e os mais peritos na navegação do Douro, aos quaes sus-

—Se não tenho aqui o meu barco, teem v. ex.as os da quinta e um batalhão de trabalhadores;—e não necessitamos de chamar marinheiros, pois muitos d'esses trabalhadores sabem remar, e d'aqui até á Regoa (cerca de 56 kilometros) eu conheço perfeitamente o Douro e me incumbo de guiar o barco.

Havemos de ir ámanhã, e nada de sustos! —disse o barão.

—

Tanto a sr.ª D. Antonia como o marido e mais familia bem queriam adiar a viagem, mesmo porque tinha recentemente chovido muito e o Douro ia muito alto; mas tanto estimavam e respeitavam o barão e elle tanto instou, que annuiram.

Mandaram logo preparar e toldar um barco da quinta,—chamaram 6 jornaleiros mais entendidos na navegação do Douro—e na manhã do dia seguinte[1] metteram-se no barco e seguiram em direcção á Regoa; mas com tanta infelicidade que o barco naufragou alguns kilometros a jusante da quinta do Vezuvio, no *Cachão da Valleira*,—já porque o arraes (não era o barão) tinha poucas habilitações e não guiou bem o barco,—já porque o Douro havia subido muito na noite antecedente e formava um medonho *cachão*, grande catadupa, ao sair comprimido da *valleira*, estreito canal, precipitando-se abruptamente em leito tres a quatro vezes mais largo e por consequencia em nivel muito mais baixo[2].

Alagou-se o barco e com a violencia da corrente todos os que iam n'elle cairam ao Douro, que ali ao tempo media trezentos a quatrocentos metros de largura d'agua pesada e em redemoinho constante e vertiginoso.

tentava e pagava generosamente e deu vistoso uniforme.

Para se formar idéa do que são os barcos *rabellos*, veja-se o artigo *Pontos do Douro*.

[1] Era um domingo, dia 12 de maio de 1861.

[2] V. *Pontos do Douro*, vol. 7.° pag. 199, col. 2.ª, — *Vias Ferreas*, pag. 488 e seg. no volume 10.°, — *Vezuvio*, quinta,—*Salvador do Mundo*,—*S. João da Pesqueira*,—e *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

—

Acudiram logo outros barcos, que por fortuna se achavam perto e bons serviços prestaram; mas infelizmente dos 16 naufragos pereceram 3:—o barão, 1 criado e 1 criada.

Á sr.ª D. Antonia serviu-lhe de *salva-vidas* o grande *balão*[1] que levava e a conservou fluctuando até que os barcos que acudiram a salvaram.

Ainda hoje (1886) vive!...

Seu marido, Francisco José da Silva Torres, lançou as mãos a um barril que levavam com azeite e, agarrado a elle, conservou-se á tona d'agua, até que lhe acudiram.

O sr. conde da Azambuja portou-se como um heroe! Vestido como estava, ganhou a margem nadando—e nem a luneta perdeu!

A sr.ª condessa da Azambuja sumiu-se na voragem; mas um valente e dedicado marinheiro mergulhou rapidamente apoz ella,—trouxe-a á tona d'agua segura pelos cabellos—e, gritando por soccorro, ambos foram salvos.

Duas criadas agarraram-se ao toldo do barco e foram boiando com elle ao som da agua, até que lhes acudiram.

Salvaram-se tambem 1 criado, o juiz e os marinheiros, perecendo apenas 1 criado 1 criada e o infeliz barão de Forrester.

Elle nadava perfeitamente;—era ao tempo ainda muito vigoroso—e nunca trepidou sobre o Douro, tão seu conhecido. Suppõe-se que na occasião do naufragio recebeu alguma pancada do barco, ou d'algum remo, e que o choque o aturdiu. Além d'isso levava calçadas grandes botas de montar, porque vinha de uma excursão á Hespanha,—e as botas cheias d'agua eram um grande empecilho para nadar.

Suppõe-se tambem que, vendo tamanha desgraça devida á sua imprudencia, se suicidou mergulhando e asphixiando-se debaixo da agua.

É certo que se sumiu na voragem e que até hoje (1886) nem o cadaver se encontrou,

[1] Usavam-se ao tempo vestidos de grande roda, formada por uma saia com molas de aço, denominada *balão*.

posto que a familia e os amigos empregaram todos os meios procurando-o. Mandaram inclusivamente mergulhadores sondar o fundo do Douro, desde o sitio do naufragio até grande distancia, mas todos os esforços foram baldados.

—

Suppõe-se que, trazendo comsigo relogio, corrente e anneis d'ouro, além de sommas importantes em um cinto, alguns canibaes, encontrando o cadaver o roubariam e depois o enterrassem fundo em sitio ermo, para desviarem as suspeitas do crime.

Foi o infeliz barão de Forrester uma das victimas do Douro, que elle tanto amava; mas, se o rio o não poupou, os durienses o pranteiam ainda hoje vivamente e o prantearão muito tempo, pois não ha no Douro memoria de subdito britannico, a quem o Douro deva tanto amor, tanta dedicação e tão relevantes serviços.

Nas nossas bibliothecas publicas e particulares, em alguns dos nossos bancos e em muitas das nossas primeiras casas de commercio se veem muitos exemplares do esplendido *Mappa do rio Douro*, levantado gratuita e muito espontaneamente por s. ex.ª,—por s. ex.ª mandado gravar em Londres—e por s. ex.ª generosa e gratuitamente distribuido,—o que representa um brinde de muitos contos de réis feito a Portugal e ao Douro.

O dicto mappa mede 3m,0 de comprimento e 0m,68 de largura.

D'elle se fez na Lytographia Lusitana uma reducção pela casa editora Magalhães & Moniz, do Porto, quando em 1871 publicou o *Douro Illustrado* do visconde de Villa Maior, tambem já fallecido.

Concluiremos este lugubre topico dizendo que dos dois criados, victimas d'aquelle naufragio, appareceram ambos os cadaveres:—um junto da Regoa, e foi sepultado no cemiterio de S. José de Godim,—outro[1] junto do *ponto* de S. Martinho, e foi sepultado na capella contigua, que dá o nome ao dicto *ponto*.

Tambem passados dias, quando baixou a corrente do Douro, um bahu com pratas e outros valores, que ia no barco, appareceu a distancia, entalado em uma azenha na margem do Douro.

Prosigamos.

—

A quinta de Castello de Borges, alem dos seus vinhedos, hoje quasi todos phylloxerados e perdidos, tem uma mimosa e grande varzea, regada e limada pelo Tedo, bons pomares de larangeiras, armazens e mais dependencias—e boa casa nobre, onde viveu faustosamente muitos annos o seu ultimo possuidor, Felix Manuel Borges Pinto, e onde recebia e hospedava generosamente os seus amigos, entre elles o barão de Forrester e outros muitos negociantes inglezes e portuguezes, até que falleceu.

Felix Manuel era natural da freguezia de Escurquella (Vide) onde tinha um bom palacete solar, que cedeu aos irmãos;—fez a guerra da peninsula, como alferes de um corpo de guias;—depois casou na Folgosa, freguezia d'este concelho d'Armamar;—viajou pela França e Inglaterra;—foi em Lisboa procurador da *Companhia dos vinhos*, creada pelo marquez de Pombal—e escreveu varios folhetos relativos á mesma companhia e ao Douro, os quaes foram impressos.

—

Era bastante illustrado e prestou grandes serviços ao Douro na invasão do *oidium tukery*, pois foi o primeiro que no Douro applicou o enxofre nas suas propriedades, [1] —e depois, como visse que os outros lavradores, dominados por estultos preconceitos, se recusavam a enxofrar as suas vinhas,

[1] Era este o cadaver da infeliz *Gertrudes*, afamada cosinheira portuense, a quem o sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, principe dos nossos escriptores contemporaneos e meu bom amigo e mestre, deu a immortalidade, dedicando-lhe algumas paginas do seu formoso livro—*Vinho do Porto*,—publicado pelo sr. Eduardo da Costa Santos em 1884.

Ali póde ver-se tambem a descripção do naufragio que tirou a vida ao barão de Forrester.

[1] Veja-se o artigo *Villa Real de Traz os Montes*, pag. 1:014, col. 1.ª

perdendo-as e nada colhendo, Felix Manuel se resolveu a mandal-as enxofrar por um terço da producção, com o que auferiram bons interesses, tanto elle como os donos das vinhas, até que todos se resolveram a enxofrar.

Sabia muito de vinificação e junto da casa nobre d'esta sua quinta fez em um subterraneo, coberto por uma eira, uma das melhores frasqueiras do Douro, comprehendendo muitos especimens de vinhos preciosos de differentes castas de uvas.

Falleceu decrepito, approximadamente em 1870, e, como fosse bastante timido, receiando ser cumprimentado pela quadrilha capitaneada pelo celebre *Traquina* da Granja do Tedo, que em 1855 e 1856 aterrou este concelho e os limitrophes [1], mandou por essa occasião fazer n'esta quinta, em contacto com a sua residencia, uma torre bastante solida e segura, onde dormia e guardava as suas joias e valores.

Da dicta torre proveiu a esta quinta o nome de quinta de *Castello de Borges* e d'ella tomou o titulo o sr. visconde de Castello de Borges, José Pinto Borges de Carvalho, casado e com successão, filho primogenito e herdeiro de Felix Manuel Borges Pinto.

—

Pouco depois de mandar fazer a torre, mandou Felix Manuel tambem fazer junto d'ella, para o lado sul, uma bonita capella com Santissimo permanente e um mauzoleu para n'elle repousarem, como repousam, as cinzas do fundador;—e nas suas disposições testamentarias mandou que na dicta capella se conservasse sempre o Santissimo com a devida veneração, a cuja despeza obrigou parte d'esta quinta. Deixou tambem varias esmolas aos seus caseiros e criados, etc.; receiando porém que o filho e herdeiro falseasse as suas disposições, não só caprichou na clareza e segurança das clausulas, mas nomeou seu testamenteiro o sr. João Baptista Pereira da Rocha, de Lamego, hoje par do reino e conde d'Alpendurada, seu intimo amigo e cavalheiro da maior confiança; a despeito porém de tantas precauções, o bom filho e herdeiro—*nada cumpriu*!...

—

As casas d'esta quinta estão na margem esquerda do Tedo, quasi aprumadas sobre elle, mas distantes do Douro cerca de 3 kilometros, como já dissemos; foi porém tal a cheia do Douro em dezembro de 1860, que chegou até junto d'ellas e podiam navegar até ali os barcos rabellos da maior lotação.

Como já dissemos no artigo *Villa Real de Traz os Montes*, logar citado, nós temos uma quinta (*Campo Velho*) a pequena distancia da de Castello de Borges, na margem direita do Tedo, mas em sitio alto, alegre e muito vistoso, no caminho do Douro para a freguezia de Santa Leocadia.

Estavam então ali meu pae e minha mãe, com os quaes nos reunimos eu e meus irmãos para consoarmos juntos. Tinha chovido torrencialmente n'aquelle mez (dezembro de 1860) e no dia 25 ou 26 vimos passar muita gente á porta da nossa quinta, como em romagem, para verem o Douro, porque constava que a cheia era espantosa. Unimo-nos ao prestito e fomos tambem (eu e toda a minha familia) admirar a enchente.

O Douro cobria o leito e avenidas da ponte, poucos annos antes feita sobre o Tedo, na nova estrada marginal a macadam da Regoa para a Pesqueira.

A montante da ponte formava um lago immenso, que se prolongava a perder de vista pelo leito do Tedo acima. Tentados pela belleza de tão estranho espectaculo, pela mansidão da agua e pela amenidade do dia, pois havia cessado a chuva e o sol estava esplendido, eu e meus irmãos mettemo-nos em um barco,—seguimos o leito do Tedo—e fomos até á horta da quinta que estamos descrevendo;—não nos faltou porém susto, porque o leito do Tedo era fundo, mas apertado, todo orlado de freixos e amieiros, e o nosso pequeno barco ia sempre roçando por entre os curutos d'elles.

Tambem nos recordamos de que, junto da avenida oeste da mencionada ponte, havia do lado do Douro um grande pinheiro manso, que a bastante altura do solo se ramificava

[1] V. *Valença do Douro* e *Granja do Tedo*, n'este diccionario e no supplemento.

em duas grossas hastes e o Douro tocava no ponto, em que as hastes se dividiam.

—

A corrente do Douro era violentissima e levava de envolta muita lenha, madeiras e pipas,—e tambem vimos passar um grande tonel cheio.

Depois soubemos que pertencia ao armazem da quinta da *Valleira*[1], de João Polonio, ao tempo o homem mais rico de S. João da Pesqueira.

O Douro invadiu o armazem;—demoliu parte—e levou algumas pipas e o tal tonel, que estava cheio de geropiga preciosa e valia contos de réis!...

Receiando o que succedeu, haviam-lhe tirado alguns almudes de liquido e arrolharam-no fortemente, aliás, sendo como foi, tomado pelo Douro, não se conservaria á tona d'agua, como conservou.

Graças a tão prudente precaução, seguiu Douro abaixo e por cumulo de felicidade entrou na resaca do Douro, junto da Regoa, e muito mansamente poisou em um socalco da quinta do *Santinho*, hoje da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira. Compareceu logo o digno administrador do concelho;—ali mesmo o mandou despejar para pipas, que armazenou e poz a bom recato e que depois entregou, sem a minima perda, a João Polonio.

Era assim então feliz este homem. Sempre franco e generoso, em pouco tempo fez uma casa superior a oitenta contos de réis talvez; mas, passados annos, foi pronunciado e preso por vagas e falsas suspeitas de haver mandado matar um seu visinho, dr. Julio, e falleceu na cadeia de Lamego, antes de entrar em julgamento, tendo toda a probabilidade de ser absolvido.

Assim se perdeu rapidamente a melhor casa da Pesqueira, quando mais opulenta se ostentava!...

V. *S. João da Pesqueira* n'este diccionario e no supplemento.

[1] Demora esta quinta na margem esquerda do Douro, junto do *Cachão da Valleira*, onde em 12 maio do anno seguinte pereceu o barão de Forrester, como já dissemos.

—

Prosigamos:

A quinta do Ayres Pinto tomou o nome do seu fundador o celebre governador das justiças, capitão general dos Açores, etc., Ayres Pinto de Sousa Coutinho, casado com D. Maria do Carmo de Mendonça; [1]—demora na margem *direita* (!...) do Tedo;—está toda phylloxerada e perdida—e ha muito que jazia em abandono quasi completo,—muito mal grangeada e pessimamente administrada; mas no tempo do seu fundador foi uma das primeiras do Alto Douro.

A sua casa nobre e os seus armazens,—hoje tudo negro e em ruinas,—estão muito alegremente situados no topo de um pequeno e vistoso promontorio, na confluencia do Tedo com o Douro.

O local é lindissimo, mas ardentissimo e extremamente doentio no verão, porque nas suas proximidades abundam na margem do Douro, durante a estiagem, depositos d'agua putrida estagnada, que são medonhos focos de febres pestilenciaes.

—

A quinta de Valmór de Cima demora na margem esquerda do Tedo e do Douro;—foi do tenente coronel Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo, d'esta freguezia de Villa Secca d'Armamar;—depois passou para o seu genro e herdeiro universal José Isidoro Guedes, 1.º visconde de Valmór,—e é hoje do sobrinho e principal herdeiro d'este, Fausto Guedes, 2.º visconde de Valmór, actualmente (1886) nosso ministro em Vienna d'Austria [2].

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

O primeiro visconde de Valmor uniu á dicta quinta a da *Penha*, que comprou e era

[1] Veja-se o artigo *Villa Real de Traz os Montes*, n'este vol. pag. 998, col. 1.ª

[2] É s. ex.ª irmão do sr. conde d'Almedina e da sr.ª viscondessa de Guedes Teixeira, casada com seu primo, visconde d'este titulo e cavalheiro de muito merecimento, actualmente (fevereiro de 1886) director da alfandega do Porto, tendo sido deputado ás côrtes em varias legislaturas, governador civil do Porto e de Vizeu, etc.

contigua, mas já no termo da freguezia da Folgosa, formando assim uma das primeiras quintas do Alto Douro, á qual deu o nome de *Valmór*, sendo par do reino, e d'ella tomou depois o titulo.

—

No *Douro Illustrado* se vê a pag. 116 uma linda gravura representando a casa nobre e armazens da quinta da Penha, hoje quinta de *Valmór*,—e a pag. 134 se lê o seguinte:

«Confina com este rio (Tedo) pelo nascente a quinta de *Valmór*, pertencente ao sr. visconde de Valmór. A estrada marginal do Douro corta-a na extensão de 2:691 metros desde o Tedo até á Folgosa, passando junto aos edificios, que a nossa estampa representa, os quaes contem vastos e bem dispostos armazens para o lado do rio (Douro) e onde se podem recolher mais de 950 pipas de vinho, e tendo além d'elles, sobre a estrada, excellentes casas para habitação dos donos. Em frente d'estas casas, do outro lado da estrada, estão as officinas e lagares da quinta. D'estes lagares passa o vinho para as vasilhas, que o recebem nos armazens, atravez da estrada, por meio de uma canalisação feita com manilhas de grés.

«A superficie d'este grande predio vinicola está calculada em perto de 84 hectares, dos quaes 75,5 são occupados pela vinha, que póde fornecer mais de 200 pipas de vinho, tendo até produzido em 1873 uma colheita de 256 pipas. Os vinhos d'esta quinta são de 1.ª classe e teem no Porto comprador seguro em uma das melhores casas d'aquella praça.

«Alem do vinho produz azeite e fructas; tem plantações d'amoreiras, grande pinhal e muito terreno de mattos.

«A este bello dominio de *Valmór* estão ainda annexos outros predios importantes e uma fabrica de distillação d'aguardente na Pedra Caldeira.»

—

Tudo isto é verdade; apenas accrescentaremos o seguinte:

O grande edificio de Valmór foi feito na primeira metade d'este seculo por um negociante do Porto e comprado approximadamente em 1860 por José Isidoro Guedes, que muito generosamente deu *gratis* todo o terreno preciso para a estrada marginal a macadam[1], de bombordo a estibordo da grande quinta; mas esta ficou valendo muito mais com a nova estrada, pois toca na casa nobre, hoje accessivel para trens de toda a ordem. Anteriormente era accessivel sómente em barcos pelo Douro, ou em cavalgaduras de sella pela estrada de sirga, *no verão*, pois a velha estrada da Folgosa para o Tedo, alem de ser pessima e muito estreita, seguia em nivel muito mais alto, a distancia de 300 a 400 metros para S.

Por occasião da grande cheia de 1860 o Douro tambem entrou nos armazens d'esta formosa quinta, mas felizmente não causou prejuizos de grande monta.

—

A quinta do Sarzedo prende com a de Castello de Borges e denomina-se quinta do *Napoles* ou do *Sarzedo*, porque é, ha muitos annos, talvez seculos, pertencente á nobre familia Napoles, do Sarzedo, concelho de Moimenta da Beira, hoje muito dignamente representada pelo sr. José de Lemos de Napoles Manoel, casado em segundas nupcias e com successão, distincto escriptor publico e que tem sido deputado ás côrtes.

Tem esta quinta boa casa d'habitação, armazens, officinas proprias, capella e extensos vinhedos, dos mais antigos do Alto Douro, mandados plantar por um judeu rico e muito intelligente, mais conhecedor de agronomia do que muitos dos nossos agronomos actuaes, como revela a excepcional direcção que deu aos geios e socalcos, fazendo-os não horisontaes, mas com pronunciada pendente

---

[1] Esta estrada é parte integrante da estrada real n.º 34 de Penafiel á Barca d'Alva; mas até hoje (1886) ainda não passou de S. João da Pesqueira. Deve-se em grande parte aos srs. Macedos Pintos, de Taboaço, a continuação d'ella desde a Regoa até á Pesqueira,—e aos mesmos srs. se deve tambem a nova estrada em construcção do Espinho, na Foz do Tavora, por Taboaço e Moimenta da Beira, para Viseu,—bem como a projectada ponte sobre o Douro, junto da foz do Tavora.

Vide *Taboaço* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, pag. 933, col. 2.ª

dos valles sobre os serros, pelo que n'estes nunca faltou a terra nem se estiolaram as vides com o perpassar dos seculos, como nas outras plantações do Alto Douro.

N'este ponto ainda hoje é muito digna de attenção e estudo a plantação d'esta quinta.

Expulsos os judeus por D. Manuel em 1496, passou ella para os ascendentes do seu actual possuidor; mas infelizmente hoje tambem se acha quasi toda phylloxerada e perdida e ha muito que, sendo mal grangeada e mal administrada, não produzia a terça parte do vinho que podia e devia produzir.

—

Esta parochia de Villa Secca tem uma area muito extensa;—produz alguns cereaes, figos, azeite e fructa; mas a sua producção dominante foi sempre o vinho. Em 1840, por exemplo, produziu ella 1:044 pipas,—segundo o arrolamento official da extincta companhia; mas em outros annos produziu mais de 1:200 pipas, emquanto que hoje não produz talvez 300, por causa da maldicta phylloxera!

As suas freguezias limitrophes são:—Coura e Santo Adrião, a E. n'este concelho, e Adorigo, alem do Tedo, no concelho de Taboaço;—a N. o Douro, cuja margem direita aqui pertence ás fregnezias de Covas e Gouvinhas, do concelho de Sabrosa;—a S. Aricera e S. Martinho das Chãs;—a O. e S.O. Armamar e Folgosa.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, 2 capellas publicas e 2 particulares.

A egreja é muito antiga;—está bem tratada e bem conservada;—tem altar-mór e 3 lateraes com boas decorações de bella talha antiga dourada—e tecto de madeira apainelado com pinturas a oleo antigas e de bastante merecimento, principalmente as do corpo da egreja.

Tem sobre o guarda-vento um coro espaçoso restaurado com solidez; bom soalho de castanho no pavimento—e para o serviço do culto alfaias e paramentos muito decentes,—graças á iniciativa do seu digno reitor actual, o rev. Joaquim Cardoso Encerrabodes, da freguezia de Santo Adrião, n'este mesmo concelho.

As capellas publicas são as seguintes:

1.ª—*Senhora das Neves*, na povoação do Marmelal.

Tem um bom tecto apainelado, todo cheio de pinturas antigas, mas inferiores, com relação ás da egreja.

2.ª—*Nossa Senhora do Leite*, cerca de 200 metros ao nascente da séde da parochia e junto do cemiterio publico. Foi reconstruida em 1882, exceptuando as paredes. Fizeram de novo os dois altares lateraes, bem como o altar-mór, que tem sacrario para receber, como tem recebido, o Santissimo Sacramento, por occasião das obras na matriz.

Todos estes melhoramentos se devem ao mesmo rev. parocho.

As capellas particulares são as já mencionadas nas quintas do Sarzedo e de Castello de Borges.

Tambem houve um oratorio, em que se dizia missa, na quinta do Ayres Pinto.

—

Na séde d'esta parochia ha dois bons edificios:—um é brazonado; foi de Miguel d'Almeida Pinto Donas Boto,—depois passou ao seu filho Ruy Vaz Pinto d'Almeida,—d'este para sua mãe, D. Anna Candida de Sá Lopes,—e d'esta para o seu sobrinho Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes, residente na sua casa e quinta do Bom Successo, junto do cemiterio d'Agramonte, no Porto, filho do desembargador Antonio de Sá Lopes, F. C. R. e de D. Rita de Cassia Pereira Forjaz.

Este desembargador nasceu em 12 de fevereiro de 1776 e falleceu em 6 d'outubro de 1863. Era irmão de D. Anna Candida de Sá Lopes, fallecida em 1865, e de D. Maria Bernarda Carneiro de Sá Lopes; que nasceu em 20 d'agosto de 1792 e ainda hoje (1886) vive, contando cerca de 94 annos de edade!...

O 2.º edificio, embora não brasonado, é um bom palacete, hoje pertencente ao 2.º visconde de Valmór.

Foi feito por Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo, tenente coronel de milicias, casado com D. Maria Joaquina... Tiveram uma filha unica e sua herdeira universal, D. Maria Miquelina Pereira Pinto, senhora muito illustrada. Casou esta duas vezes,—a 1.ª

com um inglez, do qual viuvou ainda muito nova e sem successão;—a 2.ª com José Isidoro Guedes, de Lamego, depois par do reino e visconde de Valmór, para quem por morte d'ella passou o dicto palacete e toda a sua casa. Passou o 1.º visconde de Valmór a segundas nupcias; mas, como de ambas não tivesse successão, deixou a maior parte da sua grande fortuna, comprehendendo o dicto palacete, etc., ao seu sobrinho Fausto Guedes, hoje 2.º visconde de Valmór e nosso ministro em Vienna d'Austria.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

—

Teve esta villa paços de concelho, cadeia e pelourinho, mas tudo já desappareceu.

Tem 3 fontes publicas e é banhada ao nascente pelo pequeno ribeiro de Pias, que desagua no Tedo, mas secca sempre no verão,—e ao poente pelo regato de Oleiros, que desagua no de *Temi Lupus*, ou *Mil Lobos*,—e este no Douro, na *Foz de Mil Lobos*, junto da *Pedra Caldeira*.

O chão d'esta parochia é argiloso e calcareo e n'elle predomina o schisto; mas ao sul da matriz abunda em granito, que é explorado em larga escala para construcções, destacando-se a pequena distancia da villa o *Cabeço da Lapa*, morro enorme de granito que semelha um castello e tem mais de oitenta metros d'altura. Do alto d'elle se gosa um vastissimo horisonte, comprehendendo grande parte da Beira e Traz-os-Montes e da região vinicola do Alto Douro, que antes da invasão phylloxerica bem podia dizer-se *de ouro* e parecia um jardim de fadas, emquanto que hoje parece o valle da morte!

—

É tambem notavel n'esta villa, um pouco a montante do cemiterio parochial, no sitio de *Malhô*, a *Fraga da Moura*, grande rochedo, tambem de granito, com uma pequena abertura, por onde se entra para uma especie de sala circular com assentos de rocha viva em toda a sua circumferencia, e frestas que (segundo se suppõe) dão para outros compartimentos abertos na mesma rocha,—compartimentos que até hoje ninguem *ousou* explorar e nos quaes (diz o povo) está encantada uma moura, guardando grandes thezouros.

D'aqui provem ao dicto rochedo o nome de *Fraga da Moura*.

Dizem-nos que é lindissima a pobre filha d'Allah,—segundo affirmam e *juram* alguns felizes mortaes que tiveram a ventura de vêl-a em uma manhã de S. João;—mas quem não acreditar não pecca.

—

Tambem offerece lindas vistas o pequeno monte que se prolonga desde a séde d'esta parochia até á povoação do Marmelal. D'elle se descobre perfeitamente a formosa villa da Regoa, a sua ponte sobre o Douro e os seus encantadores arrabaldes, entre os quaes avulta a mimosa bacia de Jogueiros.

Junto da extremidade leste do dicto monte e a cavalleiro da povoação do Marmelal appareceram, ha annos, em umas excavações no sitio denominado *Villa Chã*, muitas moedas de cobre antiquissimas, talvez romanas.

Ninguem as classificou nem lhes ligou importancia alguma!...

O nome do local e o apparecimento das dictas moedas levam a crer que ali houve outr'ora povoado; mas hoje não resta vestigio algum d'elle. O sitio é completamente deserto.

Tambem ali appareceram alicerces de *casas redondas* ou *circulares*[1], lanços de muros, muitos tijolos, alguns d'elles de grande expessura e com buracos, como para receberem panellas,—e sepulturas cobertas (o meu informador não disse a forma que tinham e a materia de que eram feitas)—e ultimamente duas ainda com tampa e dentro de uma d'ellas uma caveira sem o esqueleto.

Tambem no termo d'esta parochia se teem encontrado moedas romanas em diversas excavações junto da capella de Nossa Senhora do Leite e nos sitios de Montaria, Crutinhas, ou Cortinhas e Ventosa.

N'este ultimo appareceram muitas dentro de panellas de durissimo barro vermelho; tudo porém a estupidez malbaratou!...

Foram estes os achados mais recentes, de

---

1 Chamamos para este topico e para o antecedente a attenção dos archeologos.

que ainda se conserva memoria; mas quantos se dariam em tempos anteriores?

—

Não ha n'esta freguezia minas em exploração nem registradas; apenas na margem esquerda do Tedo, a jusante da povoação do Marmelal, approximadamente em 1860, o engenheiro polaco Ladislau Zarzechi fez algumas pesquizas, mas sem fructo, quando explorava as minas de chumbo argentifero na foz do rio Tavora, confluente do Douro, e em Donello, freguezia de Covas, no concelho de Sabrosa. São as minas simplesmente indicadas pelo meu antecessor no artigo *Valença do Douro*, a pag. 104, col. 1.ª do 10.º vol.—e descriptas no artigo *Tavora*, rio.

Tem esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Pessoas notaveis

Para não alongarmos demasiadamente este artigo, mencionaremos entre as pessoas notaveis d'esta parochia apenas as seguintes:

1.ª—*D. Maria Miquelina Pereira Pinto*, já mencionada, 1.ª viscondessa de Valmor.

Foi uma senhora muito religiosa e muito illustrada, auctora d'algumas publicações mysticas, etc., e fundadora principal da *Associação consoladora dos Afflictos*, no Porto e em Lisboa.

Vivendo em Lamego pelos annos de 1830 a 1833 com o seu segundo marido José Izidoro Guedes, depois par do reino e visconde Valmor, prestou grandes serviços aos presos politicos (cerca de quinhentos!...) que em periodo tão calamitoso entulharam as cadeias d'aquella cidade,—nomeadamente ao dr. João Lopes de Moraes, lente da universidade de Coimbra e uma das nossas primeiras illustrações medicas, ao tempo tambem encerrado na cadeia de Lamego.

A ella se attribuem tambem alguns discursos que José Isidoro Guedes recitou na camara dos pares.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

2.ª—*D. Anna Candida de Sá Lopes*, casada com Miguel d'Almeida Pinto Donas Boto.

Foi uma senhora virtuosissima;—falleceu com opinião de Santa—e jaz com seu marido e com o seu filho Ruy Vaz Pinto de Sá Lopes no sumptuoso mauzoleu que para elles erigiu no adro da egreja matriz d'esta parochia.

3.ª—*Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo*, tenente coronel de milicias, já mencionado.

4.ª—*Ildefonso José Cardoso d'Almeida Santos*, bacharel formado em theologia e conego (chantre) em Lamego, onde falleceu ha poucos annos.

Parce sepultis!...

5.ª—*D. João Manuel Cardoso de Napoles*, filho de Joaquim Cardoso de Napoles e de D. Emilia da Conceição Morgado Rebello.

Nasceu n'esta freguezia em 14 de setembro de 1830; recebeu a ordem de presbytero em 10 de junho de 1854—e é bacharel formado em theologia e doutor em direito pela Universidade de Coimbra, tendo sido laureado sempre com os primeiros premios.

Foi abbade de S. Cosmado, n'este concelho, onde se collou no dia 10 de novembro de 1855 e é actualmente conego-professor na patriarchal, onde se collou em 26 d'agosto de 1865. Tambem ali é juiz da secção do recurso pontificio e professor de theologia dogmatica e direito natural no seminario de Santarem.

Foi pelo nosso governo eleito coadjutor e futuro successor do arcebispo de Gôa, approximadamente em 1870; mas hoje (1886) ainda não foi confirmado pelo romano pontifice.

É um talento verdadeiramente superior.

6.ª—*João Gomes de Carvalho*, monteiro-mór, já mencionado no artigo *Moimenta da Beira*, vol. 5.º pag. 362, col. 2.ª

7.ª—*Miguel Paes* e *Maria Paes*, filhos de D. Eixemea, casada com Paio Cortez, vassalo e cavalleiro do grande Egas Moniz.

Tambem esta parochia no calamitoso periodo de 1820 a 1838 produziu homens que se tornaram tristemente notaveis pela sua perversidade. Alguns d'elles fizeram parte da celebre quadrilha do *Cavallaria* de Santo Adrião, da qual o meu antecessor já fallou

nos artigos *Valença do Douro* e *Romão (S.) d'Armamar.*

Vide.

—

Esta parochia foi villa e concelho com justiças proprias, pertencente á antiga comarca de Lamego;—em 1840 pertencia ao concelho de Barcos, extincto pelos decretos de 10 de outubro de 1844 e 24 d'outubro de 1855, pelo ultimo dos quaes se criou o concelho d'Armamar e esta freguezia passou para elle.

Nunca teve foral; pelo menos Franklin não o menciona; mas é povoação muito antiga, pois segundo se lê no codice 547 da Bibliotheca municipal do Porto,—*Descripção de Lamego*,—escripta no primeiro quartel do seculo XVIII[1], o ultimo regulo ou rei mouro de Lamego, Echa Martins, pouco depois de vencido no valle d'Arouca pelo conde D. Henrique e por este restituido ao seu alcaçar[2] transferiu a sua residencia para esta Villa Secca, pelo que D. Affonso Henriques a fez couto.

Diz mais o dicto codice que Martim Echa (filho do mencionado regulo) sua mulher Ouroana e seus filhos deixaram uns obitos (legados pios) á Sé, ficando ao cabido a maior parte de Villa Secca,—«cujo obito fez seu filho João Martins, que foi o primeiro Deão da Sé, como consta de duas partes no *Livro Antigo dos Obitos*, a dois de março e tres de dezembro, aonde diz o seguinte:

«*Obiit Martinus Echa, et uxor ejus Ouroana, et filii eorum Petrus Martinus Praesbyter, et fratres ejus milites, et Joanes Martinus, primus duanus, et habet capitulum lamecense illam haereditatem, quam manda vit ditus duanus, de Villa Sica, pro suo anniversario.*

Em vulgar quer dizer:

Falleceu Martim Echa (filho do ultimo rei mouro de Lamego) e Ouroana, sua mulher, e os filhos d'estes:—Pedro Martins, presbitero, e seus irmãos militares—e João Martins, primeiro Deão; e possue este cabido de Lamego as terras que elle tinha em Villa Secca, as quaes lhe deixou no seu testamento o dicto deão para o cumprimento de certos officios e suffragios pela sua alma.

Corrobora isto mesmo a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, pois n'ella se lê, a pag. 115, col. 2.ª, o seguinte: «Villa Secca d'Armamar foi doação do santo rei D. Affonso Henriques ao ultimo rei de Lamego, já christão, cujo filho João Martins, Deão da Sé, fez doação ao cabido de todos os seus bens e do mesmo couto.»

—

É certo que ainda hoje (1886) muitas propriedades d'esta freguezia de Villa Secca são foreiras ao cabido de Lamego, em virtude d'aquella doação.

Do exposto se vê que esta villa foi do ultimo rei mouro de Lamego e de seus filhos, pelo menos do deão.

Tambem suppomos que o dicto rei mouro e seus filhos viveram em uma casa, onde hoje se vê a do sr. D. João Manuel Cardoso de Napoles, por ser muito central, proxima de uma das fontes publicas da villa e porque em toda a villa é a *casa unica* foreira ao cabido de Lamego, possuindo este aliás muitos foros n'esta parochia, mas em propriedades rusticas sómente.

Milita ainda em favor d'esta opinião a circumstancia de que o quintal da dicta casa, hoje dividido em subemphyteose por parentes do sr. D. João, era muito espaçoso e comprehendia o chão mais mimoso e fertil da villa; mas o edificio actual é moderno. Data do ultimo seculo talvez; pelo que alguem diz que a casa do rei mouro foi a que hoje se vê na rua de Fundo de Villa, á direita, indo para Armamar, e distante da egreja matriz cerca de 250 metros.

—

A dicta casa é pequena, mas muito velha e com certesa a mais antiga d'esta villa.

Tem 20m,0 de fundo,—5m,30 de largura e prende com um quintal que foi mais espaçoso, mas hoje tem apenas 12m,0 de comprimento e 10m,60 de largura.

---

[1] Este codice foi por nós copiado e a nossas instancias publicado no *Jornal de Lamego*, desde o n.º 55 de 21 de dezembro de 1883 até o n.º 81 de 14 de junho de 1884.

[2] V. *Lamego* e *Arouca*.

É de granito e revela ainda muita antiguidade, posto que tem soffrido modificações e ha bons 200 annos que serve de palheiro!

Junto do angulo S. E., na face que olha para o sul, tem uma janella rectangular com lavores exquisitos na torça,—flores, aves, bichos e arabescos,—diz o meu informador; —está a dicta janella a 6m,24 d'altura do solo do quintal e tem hoje de vão 0m,55 de largura e 1m,11 d'altura; mas sabe-se e vê-se claramente que foi uma janella dupla, dividida por uma columna que teve no vertice do angulo S.E., olhando uma das aberturas para o sul e outra para o nascente. Esta ultima foi tapada ainda n'este seculo por um tal Fernando, sapateiro minhoto, sendo dono d'esta casa. Para fazer a janella mais pequena, deturpou-a e mutilou-a estupidamente, pondo-a rectangular e partindo a torça que tinha os lavores!...

—

Esta casa, nos fins do ultimo seculo, pertencia aos Madeiras de S. Martinho das Chãs, parentes muito proximos do famoso jurisconsulto João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar.

V. *Romão (S.) d'Armamar* e *Moimenta da Beira.*

Dos Madeiras passou por emprasamento para o tal Fernando minhoto,—depois este a vendeu á sogra do 1.º visconde de Valmor —e é hoje do 2.º visconde d'este titulo, como successor do 1.º

Confronta a S. com o quintal proprio,—a N. com uma casa de Luiz da Silva Carvalho, —a E. com a estrada publica—e a O. com um estreito becco, por onde hoje se entra para a dicta casa; mas a sua primitiva entrada era do lado norte, onde se fez a casa de Luiz da Silva Carvalho. Lá se vê ainda o antigo portal com arabescos analogos aos da janella, mas tapado com alvenaria,—e a escada.

Tambem interiormente se vêem alguns lavores em madeira de castanho, muito carcomida,—e canas e meias canas na cosinha, que é toda de pedra e muito defumada,—diz o meu informador,—pois eu apenas atravessei, ha muitos annos, esta villa uma só vez e não visitei semelhante casa.

Ao sr. visconde de Valmôr peço encarecidamente que a tracte com carinho, pois ainda está soffrivelmente conservada e é hoje o brasão mais venerando da antiguidade d'esta villa.

—

Tambem na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas* se diz—que Paio Cortez, vassallo e cavalleiro d'Egas Moniz, aio de D. Affonso I, casou com D. Eixemea, da qual teve tres filhos e uma filha—e que esta casou em Villa Secca d'Armamar.

Isto prova que já nos principios da nossa monarchia esta povoação de *Villa Secca* era habitada por familias nobres.

V. *Ineditos de Hist. Portugueza*, tomo 5.º pag. 609 e 610.

É tambem muito antiga a aldeia do Marmelal.

D. Sancho I deu carta de povoação aos seus habitantes em julho de 1194—e D. Affonso II, estando em Guimarães, a confirmou em 3 d'abril de 1219.

Maço 12 de foraes antigos, n.º 3, fl. 21, v. col. 1.ª *in-principio.*

No dicto foral de D. Sancho se lê, entre outras coisas, o seguinte:

«Ego Rex Sancius et uxor mea... cum filiis meis, et cum Gunsalvo Gunsalvi principe terrae, vobis populatoribus de *Marmellar*, quae jacet in fox de tonedo, facimus firmitudinis carta de ipsa populatione... De unaquaqua quorella de jugada... per meditam de Ermamar.»

«Eu rei D. Sancho e minha mulher... com os meus filhos e Gonçalo Gonçalves, senhor da dicta terra, damos carta de segurança e protecção aos povoadores da aldeia do *Marmellar*, que demora junto da foz do rio Tonedo (hoje Tedo). De cada uma das courellas da dicta povoação me pagareis jugada... pela medida do concelho d'Ermamar, (hoje Armamar).»

É pois muito antiga a povoação do Marmelal e mais ainda a de Armamar, hoje séde d'este concelho, e já n'aquelle tempo constituida com foral e *medidas* proprias, como se infere do logar supra, posto que Franklim apenas menciona o *foral novo*, que lhe deu D. Manuel.

V. *Armamar* n'este diccionario e no supplemento;—note-se porém que o foral de D. Sancho com certeza se rerefe á povoação hodierna do *Marmelal* e não á que existiu a cavalleiro d'ella, no sitio denominado *Villa Chã*, onde appareceram as velharias mencionadas supra.

Essa extincta povoação foi talvez anterior ao dominio romano, como provam as suas *construcções circulares*, pois devem ser congeneres das do monte de Santa Luzia, mencionadas no artigo *Vianna do Castello*, a pag. 450, col. 2.ª do 10.º volume.

Chamamos para este ponto a attenção dos archeologos.

—

Em 1532, segundo se lê na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes, contava toda esta freguezia apenas trinta e seis fogos!...

Emquanto a viação, as estradas d'esta freguezia e d'este malfadado concelho são ainda os mesmos barrancos do principio da nossa monarchia! Apenas toca na sua extremidade N., seguindo pela margem esquerda do Douro, a estrada real a macadam, n.º 34, do Porto á Barca d'Alva.

Com vista aos illustres vereadores d'este concelho e aos seus procuradores á junta geral do districto.

VILLA DOS SINOS,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 38,—habitantes 140.

Em 1706 pertencia ao termo e concelho da villa do Mogadouro, comarca de Miranda, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas não lhe marcou população.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 35 fogos,—Almeida 46;—o censo de 1864—40 fogos e 160 almas—e o de 1878 (ultimo) 39 fogos e 142 almas.

Pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para a diocese de Bragança; mas pela sua população insignificante está civilmente annexada a *Villarinho dos Gallegos*. Vide.

É um simples e pobre curato, que foi da apresentação dos marquezes de Tavora, senhores do Mogadouro;—exterminados os dictos marquezes (V. *Chão Salgado*) passou para a corôa,—e tambem foi algum tempo da apresentação dos commendadores de Santa Maria.

O logar de *Villa dos Sinos* demora em terreno plano, na margem direita do Douro, do qual dista cerca de 4 kilometros para N.,—12 do Mogadouro para S. E.,—50 da Barca d'Alva,—250 do Porto, pela linha ferrea do Douro,—e 587 de Lisboa.

As suas producções dominantes são—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero e tambem bovino.

VILLA SOEIRO,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Santa Anna,—fogos 70,—habitantes 296.

Curato.

Em 1708 pertencia ao termo e concelho de Linhares, corregedoria da Guarda, provedoria de Vizeu,—e era da apresentação do bispo da Guarda.

Em 1768 era da apresentação do prior da Mizarella;—contava 51 fogos—e rendia para o cura 10$000 réis, além do pé d'altar.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 65 fogos,—o censo de 1864 deu-lhe 60 fogos e 227 habitantes—e J. A d'Almeida nem sequer fez menção d'este pobre curato!

Producções dominantes—cereaes, vinho e lã, pois cria bastante gado lanigero.

VILLA DE SOUTO, VIL DE SOUTO ou **VILLA SOUTO**,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Vizeu.

V. *Val de Souto*.

Em rectificação ao que o meu antecessor disse d'esta parochia no artigo indicado, observaremos que Bettencourt a menciona sob o titulo *Villa de Souto*, dando-lhe 571 habitantes,—e que o *Portugal S. e Profano* a mencionou tambem sob o titulo *Souto*, vol. 2.º pag. 233, *in-fine*.

Aproveitando o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

—

Esta parochia em 1708 era abbadia da ca-

sa dos Loureiros de Ferronhe, e contava apenas 66 fogos.

Em 1768 era abbadia da apresentação de Luiz de Vasconcellos e Almeida,—rendia 300$000 réis—e contava 90 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 115 fogos,—o censo de 1864 deu-lhe 119 fogos e 574 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 122 fogos e 551 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Egreja, Pouves, Fonte Arcada, Outeiro de Baixo, Outeiro do Pinheiro, Carriça, Carcavellos, S. Paio, Ferronhe e *Villa de Souto* ou *Vil de Souto*.

Alguem diz que esta parochia teve 3 foraes:—o 1.º dado por D. Sancho I em 1193,—o 2.º por D. Affonso II em 1218—e o 3.º por D. Fernando em 1376; mas Franklin não os menciona; pelo menos nós não conseguimos lobrigal-os na *Memoria* d'elle.

—

Está no termo d'esta parochia, em sitio alto e agreste, mas muito vistoso e pittoresco, o santuario de Nossa Senhora do Crastro (Castro) no topo da serra d'este nome, onde, segundo diz a tradição, outrora esteve um castello ou atalaia, cerca de 7 kilometros ao norte de Viseu. D'ali se descobre esta cidade e um horisonte vastissimo.

A imagem da Senhora, segundo se lê no *Sant. Marianno* (tomo 5.º pag. 242) é muito antiga, de madeira, estofada, com tunica vermelha e manto azul;—tem cerca de um metro d'altura e no braço esquerdo o Menino Jesus.

È imagem de grande devoção para os povos circumvisinhos, nomeadamente para as mulheres a quem falta o leite,—e teve (não sabemos se ainda hoje tem) uma grande irmandade erecta em 1588, com estatutos approvados pelo bispo D. Nuno de Noronha.

Como a dicta irmandade comprehendesse muitos irmãos em Viseu, estes, para se esquivarem ao passeio e á ingreme subida do monte, já em 1716 mandavam celebrar as missas do estatuto em um altar do claustro da Sé, onde se venerava outra imagem de Nossa Senhora;—desde 1685 festejavam no dicto altar a padroeira da irmandade e ali cumpriam o jubileu de 5 d'agosto, em contravenção da bulla, que o instituiu na capella do Castro,—abuso que o auctor do *Sant. Marianno* fulmina com aspera censura.

Tambem um abbade d'esta parochia, já antes de 1716, vendo que nem uma simples missa mandavam dizer na capella propria, demandou a irmandade e obteve contra ella sentença, em virtude da qual foi compellida a mandar dizer missa á padroeira na sua capellinha do monte em todos os sabbados da septuagesima até sabbado santo, pelo parocho d'esta freguezia ou pelo seu coadjutor.

A maior concorrencia a este santuario era no dia 5 d'agosto,—nas oitavas da paschoa—e nos sabbados da quaresma.

VILLA DO TOURO,—villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Ao que já dissemos d'esta parochia no artigo *Touro*, vol. 9.º pag. 704, col. 1.ª, accrescentaremos o seguinte:

—

Demora esta freguezia na antiga estrada de Pinhel para o Sabugal, na margem esquerda do Côa, do qual dista 7 kilometros para O.,—10 do Sabugal para N.,—12 da estação de Villa Fernando, na linha da Beira Alta,—15 da Guarda,—47 de Villar Formoso,—179 da estação da Pampilhosa,—230 da Figueira,—286 do Porto—e 410 de Lisboa.

Comprehende alem da villa do Touro, séde da parochia, as povoações seguintes:—Baraçal, Vinhas, Abitureira, *Moinhos*, que o sr. João Maria Baptista por lapso denominou *Mainhas*,—e a quinta de Roque Amador, da qual é directo senhorio Miguel Osorio Cabral e Castro, da quinta das Lagrimas, em Coimbra, e emphiteuta José Ramos.

Freguezias limitrophes:—Rapoula, a E.,—Aguas Bellas, a O.,—Seixo do Côa e Pêga a N.—Rendo e a quinta de S. Bartholomeu a S.

—

Foi villa e concelho proprio, pertencente á antiga comarca de Castello Branco; depois passou como simples parochia para o concelho e comarca do Sabugal.

Tambem pertenceu ecclesiasticamente ao bispado de Pinhel até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado da Guarda.

Em 1708 contava 270 fogos e o seu vigario apresentava curas nas freguezias de Lomba e Palheiros, hoje unidas,—e na de Rapoula.

Em 1768 contava 260 fogos;—pelo recenseamento de 1864 tinha 280 fogos e 1:108 habitantes;—pelo de 1878 contava 291 fogos e 1:183 habitantes—e hoje, pelos apontamentos que recebi, conta 300 fogos e 1:250 habitantes.

Ainda é parochia independente e uma das mais importantes d'este concelho.

Além da sua egreja matriz, muito velha e muito arruinada, tem as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora do Mercado*, na villa e bem conservada. É publica.

2.ª—*S. Sebastião*.

3.ª—*S. Lazaro*..

4.ª—*S. Gens*.

Todas estas 3 capellas estão na villa tambem e são publicas, mas acham-se em ruinas.

5.ª—*Espirito Santo*, no Baraçal.

É publica.

6.ª—*S. Domingos*, particular, na quinta das Vinhas.

7.ª—*S. Sebastião*, publica, na Abitureira.

8.ª—*Senhora das Preces*, particular, na quinta de Roque Amador.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são:—a da Senhora do Mercado, no dia 8 de setembro,—a de S. Sebastião, nos fins do mesmo mez,—a de Sant'Anna em principios d'agosto,—e a do Espirito Santo na dominga propria.

Ha tambem grande romagem a S. Roque Amador, na segunda feira de Paschoa.

Esta villa não tem estrada alguma a macadam; toca porém n'esta parochia, do lado E., a estrada real n.º 54 da Guarda a Castello Branco, pelo Sabugal e Penamacôr.

—

Esta villa foi fortificada; mas hoje apenas restam alguns lanços dos seus velhos muros em ruinas.

Tambem conserva ainda o seu pelourinho, a cadeia e os velhos paços do concelho, muito arruinados com o peso dos seculos.

Tem mercado mensal na 3.ª quinta feira de cada mez,—e os 4 largos seguintes:—do Pelourinhó, do Reducto, de S. Lazaro, do Poço da Carreira e do Poço das Patas.

Banham esta parochia 2 ribeiros:—o do Bezerrinho e o do Moinho Fernandes;—este desagua no Côa a 3 kilometros de distancia,—o Bezerrinho desagua na ribeira de Cró, confluente do Côa, a distancia de 7 kilometros,—move 3 moinhos de cereaes—e tem uma ponte.

Producções dominantes:—centeio, milho, linho, trigo, lã, cera e mel, pois cria bastantes colmeias e gado lanigero.

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Em varios pontos d'esta freguezia se encontram sepulturas abertas na rocha, no mesmo estylo das de *Villa Nova de Tazem* e *Villa Ruiva*, no concelho de Gouveia, *Moreira de Rei*, no concelho de Trancoso, *Sendim*, no concelho de Taboaço, etc.

VILLA TINTA—quinta e casal da freguezia de *Figueiró*, concelho de Paços de Ferreira, districto e diocese do Porto.

V. *Figueiró*, vol. 3.º pag. 195, col. 2.ª

Esta freguezia pertenceu ao arcebispado de Braga atè 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 121 fogos e 471 habitantes.

Alem d'esta quinta e casal de *Villa Tinta*, comprehende as aldeias de Pardelhas, Rocha, Lamas, Egreja, Barreiro, Fundo de Villa, Monte, Monte de Parada, Ribeirinha e Figueirò,—os casaes da ponte e Bussacos—e outros casaes e quintas.

VILLA VELHA DE RODAM,—villa, freguezia e concelho do seu nome, comarca e districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Foi e não sabemos se ainda é vigairaria.

Orago Nossa Senhora da Conceição;—fogos 503,—habitantes 2:100,—segundo os apontamentos que nos enviou o digno administrador d'este concelho.

Em 1708 era vigairaria da ordem de Chris-

to, commenda do conde de Athouguia,—e contava apenas 160 fogos.

Em 1768 era villa e freguezia do bispado da Guarda,—vigairaria da apresentação d'elrei pela Mesa da Consciencia,—rendia para o vigario 40$000 réis—e já contava 172 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 270 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 355 fogos e 1454 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 430 fogos e 1:652 habitantes.

Tem augmentado consideravelmente a população d'esta freguezia, bem como a d'este concelho, pois em 1708 este concelho comprehendia as mesmas 4 freguezias d'hoje:—Villa Velha de Rodam, Alfrivida, Sarnadas e Fratel[1] com o total de 560 fogos;—pelo recenseamento de 1864 tinha 1:153 fogos e 4:736 habitantes,—e pelo de 1878 contava 1:323 fogos e 5:233 habitantes.

Predios inscriptos na matriz........ 10:330
Superficie em hectares............... 35:770

—

Esta villa e este concelho foram sempre da comarca de Castello Branco e da diocese da Guarda, mas desde 15 d'agosto de 1771, data da creação do extincto bispado de Castello Branco, passaram para elle;—e pela ultima circumscripção diocesana de 1882, supprimido o bispado de Castello Branco, ficaram pertencendo ao de Portalegre.

Demora esta villa na margem direita do Tejo, do qual a séde da parochia dista pouco mais de 1 kilometro;—29 de Castello Branco;—30 da estação do Pezo (a mais proxima) na linha ferrea de Lisboa a Madrid por Caceres;—60 de Portalegre;—234 de Lisboa, pela estação do Pezo[2]—e 394 do Porto.

Alem da povoação de *Villa Velha*, que está em sitio alto e tem 60 fogos, comprehende esta freguezia as povoações ou aldeias seguintes: *Bairro Baixo* ou *Porto do Tejo* com 60 fogos tambem, approximadamente, na margem direita do Tejo,—Alvaiade, Chão das Servas ou Cervas, Gavião, Tavilla, Coxerre, Lucriz, Monte Novo, Cerejal, Salgueiral, Foz do Cobrão, Valle do Cobrão, Sarnadinha, Sarrasqueiro, Tostão ou Tortão, Togeirinha e Villas Ruivas. A *Chorographia Moderna* menciona tambem os sitios de Urgueira e Coutada.

Freguezias limitrophes:—Sarnadas de Rodam, a N.,—Alfrivida a N.E.,—Fratel, a S.O., todas 3 d'este concelho;—Sobreira Formosa, do concelho de Proença a Nova,—e Sarzedas, do concelho de Castello Branco, ambas a N.O., e divididas da freguezia de Villa Velha de Rodam pela ribeira da Ocrésa.

O terreno da margem esquerda do Tejo pertence á freguezia e concelho de Nisa, districto de Portalegre, provincia do Alemtejo,

—

Ha n'esta freguezia duas grandes herdades, muito dignas de especial menção:

1.ª—*Da Ordem*, na ribeira de Açafal, pertencente a José de Aragão Costa Lacerda da Victoria, possuidor da maior parte da casa de *Sarnadas*, em virtude do seu casamento com a sr.ª D. Maria Isabel Pereira Rebello da Fonseca, filha do commendador e conselheiro dr. Manuel Luiz Pereira Rebello da Fonseca, ultimo capitão-mór de Sarnadas.

Foi José d'Aragão deputado ás côrtes e governador civil d'este districto de Castello Branco.

2.ª—*Coutada*, hoje do commendador e conselheiro dr. Agostinho Nunes da Silva Fevereiro, que tem sido deputado ás côrtes e houve a dicta herdade e outros bens nos limites d'esta parochia pelo seu casamento com a sr.ª D. Maria Amalia Torres Sampaio, filha unica do dr. Antonio Torres de Oliveira, ultimo capitão-mór de Sarzedas e irmão da esposa do sr. dr. Manuel Luiz Pereira Rebello da Fonseca, mencionado supra.

—

Atravessa esta freguezia na extensão de

---

[1] Carvalho menciona tambem com 20 fogos *Perdigão*, aldeia da freguezia de *Fratel*.

[2] Emquanto se não construir a linha ferrea da Beira Baixa.

A sua construcção foi adjudicada á *Companhia Real do Caminho de ferro do Norte*, mas até hoje (fevereiro de 1886) ainda não lhe deu principio.

V. *Vias Ferreas*, vol. 10.º pag. 477, columna 2.ª

A mencionada linha deve atravessar esta freguezia de *Villa Velha de Rodam*.

7 kilometros a estrada real a macadam, n.º 57, de Castello Branco a Nisa e Portalegre, e tem mais 3 kilometros de estrada municipal do mesmo systema, entre esta villa e o povo do Gavião.

Todas as outras estradas d'esta freguezia e d'este concelho são os mesmos precipicios e barrancos dos principios da nossa monarchia!...

A dicta estrada real n.º 57 foi construida ha 18 a 20 annos, exceptuando a ponte de que logo fallaremos e que ainda n'esta data (fevereiro de 1886) não oi aberta ao tranzito.

Na dicta estrada se montaram, ha muito, diligencias entre a Guarda e a estação do Crato pela Covilhã, Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa e Alpalhão, mas os carros não atravessavam o Tejo. Ficavam na margem direita os descendentes e na esquerda os ascendentes, havendo trasbordo de bagagens e passageiros de uns carros para os outros, na barca de Villa Velha de Rodam, —o que era bastante incommodo e moroso.

Foi a dicta barca de passagem uma das mais importantes do Tejo. Dizem-nos que alguns annos foi arrendada por 1:200$000 rs. livres para o municipio. Vae desapparecer logo que a ponte se abra ao transito; mas, ainda que a ponte se não fizesse, a linha da Beira Baixa lhe cercearia o movimento.

Templos

A egréja matriz d'esta parochia é espaçosa e muito antiga.

A porta principal é de granito em quadrados, com ornamentação em alto relevo, e no fecho do arco se vê a data de 1591, ou 1595, referindo-se á sua construcção ou reconstrucção.

Tem mais 2 portas lateraes, 1 torre com relogio e escada exterior, pequena sacristia, capella-mór e no corpo da egreja 3 naves formadas por 2 arcarias de 5 arcos cada uma, sustentados por pilares de granito redondos.

Tem apenas 3 altares:—altar-mór e 2 collateraes na fachada do arco cruzeiro, correspondendo ao topo das 3 naves, cada um.

Ha tambem n'esta freguezia 5 capellas publicas e 1 particular:

1.ª—*S. Pedro*, na praça da villa.

2.ª—*Santo Antonio*, com tecto de abobada. Está no cimo da villa, junto do cemiterio parochial.

3.ª—*Sant'Anna*, no povo de Gavião.

4.ª—*Senhora da Alagada*, cerca de 2 kilometros ao nascente da villa.

Foi completamente restaurada ha poucos annos e tem festa, feira e grande romagem no ultimo domingo d'agosto.

Segundo se lê no *Sant. Marianno*, vol. 3.º pag. 91, a invocação da padroeira d'esta ermida é Nossa Senhora da *Orada*, mas o povo lhe deu o titulo de *Alagada*, porque, segundo a tradição, appareceu mettida em uma caixa no Tejo, a pequena distancia do sitio onde se vê a capellinha,—e porque esta alguns annos era (não sabemos se ainda hoje é) inundada e coberta pelo rio.

Demora em um pequeno alto na margem direita do Tejo, quasi defronte da villa de Montalvão, em um sitio que já em 1711 estava povoado de oliveiras.

É antiquissima e tem sido restaurada por differentes vezes, sendo uma d'ellas approximadamente em 1880—e outra pelos annos de 1700,—alem d'outras de que não ha memoria.

A imagem é de madeira estufada e tem cerca de 3 palmos d'altura.

5.ª—*Senhora do Castello*, cerca de 2 kilometros d'esta villa para o sul.

Tem festa e romagem no dia 15 d'agosto.

Este templo é muito antigo, pois, segundo a tradição, foi feito pelos templarios quando aqui viveram e fizeram a torre proxima.

A imagem é uma boa esculptura de pedra alva e fina;—tem no braço esquerdo o Menino Jesus;—está pintada e encarnada—e mede cerca de tres palmos e meio de altura.

Já em 1711, segundo se lê no *Sant. Mariano*, vol. 3.º pag. 89, era alvo de grande devoção e nas paredes da capella se via, entre outros, um quadro offerecido por marinheiros de Abrantes que, havendo naufragado na descida das Portas de Rodam, por intercessão da Senhora do Castello todos se salvaram.

Em 1711 a festa principal era no dia 8 de

setembro e desde o dia ultimo d'agosto ali se viam fazendo novenas e vivendo em casinhas de pedra solta, quasi todas cobertas de matto, 30 a 40 casaes de romeiros, havendo memoria de se reunirem ali mais de setenta, durante os dias da novena.

Hoje a concorrencia mudou dos templos para os theatros, tavernas, casas de jogo e de prostituição.

Le monde marche!...

6.ª—.......................na herdade da Coutada.

É particular.[1]

—

Além da feira no dia da festa e romagem da Senhora da Alagada, não ha n'esta parochia outra feira, mas apenas mercados de pouca importancia aos domingos, na praça da villa.

Tambem esta parochia não tem edificios particulares dignos de menção. Os seus melhores edificios são a egreja matriz e os novos paços do concelho, com portas e janellas guarnecidas de granito, pedra rara e cara n'estes sitios, pois só se encontra nas proximidades de Castello Branco, d'onde veiu para os 2 mencionados edificios, bem como para as pontes que n'esta freguezia e n'este concelho se construiram em 1866 a 1868 na estrada real a macadam n.º 57, já mencionada. E na outra margem (esquerda) do Tejo as pedreiras de granito mais proximas são as de Nisa, a distancia de 17 kilometros, d'onde veiu a pedra para a nova ponte, prestes a concluir-se sobre o Tejo, no Porto d'esta Villa Velha de Rodam,—ponte magestosa de 3 arcos, medindo o do centro 60 metros de vão e cada um dos lateraes 50 metros;—de altura 35 metros—e de comprimento total cerca de 250. Tem pilares e encontros de granito, e taboleiros metalicos;—foi principiada em 1884, sendo seu arrematante e constructor Mr. Pijonet, engenheiro francez, e fiscal por conta do nosso governo o engenheiro Joaquim da Silva Carvalho.

[1] Esta villa, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, teve uma irmandade de Misericordia; mas suppomos que se extinguiu e que até já desappareceu a sua capella, porque o meu informador não a mencionou.

No edificio dos paços do concelho funccionam a camara, o tribunal judicial, a repartição da fazenda, a administração do concelho, etc.

Nos baixos está a cadeia.

A herdade da *Coutada* tem boa casa nobre, capella e vastas officinas.

—

Esta villa nunca foi murada, mas desde tempos remotissimos houve no seu termo, extremamente accidentado e alcantilado, differentes obras de defesa, das quaes hoje apenas resta uma parte da grande torre que encimava e coroava a montanha de maior altura no termo d'esta parochia, dominando o celebre e magestoso penhasco das *Portas de Rodam* e as margens do Tejo a montante e a jusante.

Ignora-se quando e por quem foi fundada a dicta torre, mas revela grande antiguidade;[1]—tem a forma de um parallelogrammo ou quadrilongo—e mede ainda hoje cerca de 15 metros d'altura, sobre 10 de largura nas faces que olham para O. e E.—e 6 a 8 metros de largo nas faces N. e S.

Esta torre foi muito mais alta. As suas paredes, todas de alvenaria, teem $2^m,2$ de espessura, desde o chão até meia altura;—d'ahi para cima $1^m,6$—e apenas uma porta e uma janella sem lavores do lado sul, que olha para o Tejo. Nas outras faces tem apenas 2 seteiras com tão pequena abertura exterior que mal se divisam do lado de fóra. Serviam apenas para dár luz ao interior da torre e para vigiar o terreno adjacente.

Tem esta torre a pedra já carcomida pelo roçar dos seculos e foi primitivamente cercada por um fosso e grossås muralhas, do que ainda se vêem claros vestigios.

A montanha em que assenta domina todas as outras que a circumdam. D'ella se descobre um vasto e pittoresco horisonte, para todos os quadrantes,—grande extensão do Tejo e da sua bacia hydrographica—e longo tracto de terreno das provincias do Alemtejo e Beira.

[1] Alguem attribue a sua fundação aos templarios.

Logo desenvolveremos este ponto.

O panorama é bastante agreste, mas esplendido e magestoso—e mais esplendido e magestoso panorama devia offerecer o eirado da torre, quando estava completa.

Dista cerca de 2 kilometros de Villa Velha e a 50 metros para o norte se vê hoje a ermida com a invocação de *Nossa Senhora do Castello,* em plano um pouco inferior e que outr'ora foi povoado, como provam os restos de muros e alicerces que ali ainda hoje se vêem, junto da antiga estrada de Villa Velha para Fratel, por Villas Ruivas.

—

Contam-se na localidade diversas lendas com relação á dicta torre, sendo uma d'ellas a seguinte:

Em tempos muito remotos vivia n'ella uma princesa por nome Urraca, mui formosa;—teve amores com certo principe ou cavalleiro andante, pelo que o marido a lançou das *Portas de Rodam* sobre o Tejo.

—

Nas alturas que medeiam entre o monte do castello ou da torre e esta villa, se encontram ainda hoje tambem alicerces e outros vestigios de fortificações, nomeadamente onde chamam *Torre Velha,* nome que leva a crer a existencia d'outra torre antiquissima n'aquelle sitio;—na encosta da dicta serra se veem vestigios de uma estrada, por onde rodou a artilheria,—e em plano inferior se vêem em differentes pontos montões de pedras, denominados *baterias,* constando terem sido artilhadas ainda n'este seculo, por occasião da guerra da peninsula e que serviram n'ellas, como officiaes, entre outros, o padre Nogueira, que foi parocho na freguezia de Sarnadas, d'este concelho, e *José Antonio Ferreira*[1] que foi parocho de Villa Velha de Rodam.

É certo que este ponto, pela sua posição estrategica e tão defensavel, foi occupado por tropa do exercito anglo-luso na guerra da peninsula;—aqui tivemos bastante artilheria montada e um grande deposito de munições de guerra e bôcca,—e, se aqui não se registrou nenhum feito d'armas importante, aqui soffremos prejuizos consideraveis, pois em certa occasião, sabendo-se que os francezes avançavam sobre Portugal por Castello Branco, as tropas inglezas que ao tempo aqui se achavam fugiram precipitadamente e, como não podessem levar comsigo o deposito das munições, lançaram-lhe o fogo e tudo foi pasto das chammas!

Depois verificou-se que os francezes apenas chegaram aos *Amarellos,* contra marchando sobre a Hespanha.

Reforçou se immediatamente este ponto e ainda pelos annos de 1853 aqui estavam junto do Tejo 11 peças de ferro, que n'aquella data foram removidas para o arsenal de Lisboa.

—

Não ha n'esta villa nem n'este concelho memoria de convento algum.

Até 1834, data da restauração constitucional, este concelho tinha um juiz de fóra que residia alternadamente n'esta villa e na das Sarzedas.

Villa Velha de Rodam é povoação muito antiga. Não sabemos quando nem por quem foi fundada, mas é certo que os templarios aqui viveram e foram senhores d'ella. Extincta a ordem do Templo, passou para a de Christo, fundada por D. Diniz em 1319 e por elle dotada com todo o grande patrimonio dos templarios portuguezes.

V. *Thomar.*

No anno de 1119, sendo mestre da ordem do Templo D. Lopo Fernandes, o nosso rei D. Sancho I lhe doou a grande herdade de *Açafa* (hoje *Açafal* ou *da Ordem)* que comprehendia não só o termo actual de Villa Velha de Rodam, mas muitos chãos na margem esquerda do Tejo.

Em setembro de 1242, sendo mestre da ordem do Templo D. João *Escriptor,* fizeram os templarios uma composição com o bispo da Guarda sobre os direitos episcopaes de Castello Branco, pela qual deram ao bispo certas casas em Villa Velha de Rodam, para n'ellas receber as suas rendas.

V. *Tempreiros* em Viterbo

—

Em 1272, segundo se lê na *Monarchia Luzitana,* liv. XV, tit. IV., sendo mestre do Tem-

[1] Era homonino de meu pae!...
V. *Corvaceira* e *Miragaya.*

plo D. Beltrão de Valverde, cederam os templarios por escriptura publica Villa Velha de Rodam a D. Sancha Pires e a sua filha D. Berengaria para usufruirem esta villa emquanto vivas fossem, havendo a dicta D. Sancha doado muitas fazendas á mesma ordem.

—

Tiveram pois os templarios demorada residencia n'estes sitios, como senhores d'esta villa e de parte d'este concelho e do de Nisa, na margem esquerda do Tejo,—e a elles, como já dissemos, se attribue a fundação da *velha torre*.

Na *Memoria historica da Villa de Nisa*[1] se lê:

«...o castello das portas de Rodam, do lado da Beira, fundado por D. Galdim Paes, tinha uma alta torre n'uma das partes, e na outra um forte muro; e a mesma torre era cercada de muro dobrado, entre o qual e ella havia o espaço de tres braças, não muito alto, por forma que entre os dois não cabia mais que um homem e ficava a dois tiros de pedra da Ermida da Senhora do Castello, imagem de grande prestigio n'aquelles povos e mui antiga, porque existia desde a invasão dos godos, segundo testifica o padre João Salgado d'Araujo na sua obra intitulada *Successos militares das Armas Portuguezas*, depois da revolução contra Castella, a paginas 176, e outros[2].»

É possivel e até provavel que a *velha torre* seja fundação dos templarios, mas *não de Gualdim Paes*,—pois esta villa (a grande herdade *da Ordem*, ou de *Açafa*) foi, como já dissemos, doada em 1199 por D. Sancho I ao mestre do Templo D. Lopo Fernandes,—*successor de Gualdim Paes*, que governou pelos annos de 1157 a 1197.

Custa-nos pois a crer que Gualdim Paes fundasse o castello e a torre de Villa Velha de Rodam—*antes de ser dos templarios o seu chão!...*

—

Esta villa ainda conserva o seu antigo pelourinho. Esteve no centro da praça e removeram-no, ha annos, para um recanto da mesma.

É formado por uma columna redonda de granito;—tem por cupula uma pedra oblonga de 4 faces—e em uma d'ellas a corôa real,—em outra a cruz da ordem de Christo,—em outra a esphera armillar—e em outra um emblema gasto pela acção do tempo.

O fuste da columna e o remate medirão tres metros d'altura.

—

A Villa Velha de Rodam, propriamente dicta, comprehende apenas dois largos:—o da *Praça* e o da *Egreja matriz*, ambos pequenos,—mais duas ruas e duas travessas.

No *Porto do Tejo* as casas estão divididas em 4 grupos:

1.º—*Pesqueiras de Cima.*

2.º—*Pesqueiras de Baixo*, junto da estrada real de Castello Branco a Nisa e Portalegre.

3.º—*Commissões.*

4.º—*Porto das barcas.*

Estes ultimos dois grupos de casas costumam ser inundados pelas grandes cheias do Tejo. A maior de que ha memoria n'este seculo, ao sul do nosso paiz, foi a de 1876, tanto n'este rio como no Guadiana; mas nas provincias do norte, principalmente no Douro, subiu muito mais a cheia de 1860.

Aqui o Tejo, por causa da estreiteza e altura das celebres *Portas de Rodam*, sobe sempre muito, como subia o Douro a montante do *Cachão da Valleira*, antes de se extrahirem os penedos que o obstruiam e faziam parar ali a navegação.

V. *Salvador do Mundo, Val da Villariça, Vias Ferreas*[1] *Villa Secca d'Armamar* e *Pontos do Douro.*

---

[1] Foi seu auctor José Diniz da Graça Motta e Moura, do conselho de S. M., dr. na faculdade de direito, lente (oppositor) da Universidade de Coimbra, etc., natural da villa de Nisa.

O diccionario de Innocencio mencionou apenas um drama d'este auctor e não a dicta *Memoria*, porque foi publicada em 1877.

Consta de duas partes, sendo a 2.ª datada de Nisa, em 31 de janeiro de 1855.—Lisboa, typographia Universal, 1877.

[2] D'esta obra e do seu illustrado auctor já fizemos menção no artigo *Villa Nova de Foscôa*, a pag. 848 do vol. 10.º col. 2.ª Vide.

[1] Vol. 10.º pag. 488, col. 1.ª e seg.

As portas de Rodam

O Tejo, como dissemos no artigo proprio, vem da Hespanha e desagua no Atlantico, depois de banhar Toledo, Alcantara, Villa Velha de Rodam, Abrantes, Santarem, Lisboa, etc. Já foi navegavel até Madrid, pelo Manzanares, mas hoje os barcos vão só até Alcantara, cerca de 70 kilometros a montante de Villa Velha de Rodam.

> O meu benemerito antecessor disse no artigo *Tejo* que a sua navegação não passava hoje d'esta villa.
> Foi lapso.

Aqui o Tejo corre de S.E. a N.O.—e, tocando n'esta villa, volta rapidamente para S.O. atravez das *Portas de Rodam*,—estreita e medonha passagem, formada por dois grandes morros de pedra que se levantam nas duas margens, fronteiros um ao outro.

Como o Tejo ali não póde espraiar-se, sobe sempre a grande altura nas enchentes;—faz uma enorme represa a montante—e inunda os terrenos adjacentes até grande distancia, principiando pela povoação do *Porto do Tejo*, na baixa d'esta freguezia e contigua ás *Portas de Rodam*.

Em 7 de dezembro de 1876, por exemplo, subiu ali a agua do rio até mais de 20 metros d'altura sobre o nivel da estiagem, ficando submergidas muitas casas da dicta povoação.

Foi a maior enchente do Tejo n'este seculo, posto que tambem foi muito notavel a de 1855;[1] mas diz a tradição que em tempos remotos houve no Tejo outra enchente muito maior, que cobriu quasi todos os outeiros da parte baixa d'esta freguezia. Consta que por essa occasião um pobre pastor se salvou no curuto do monte que por isso tomou e conserva ainda hoje o nome de *Cabeço do Salvador*!...

---

[1] Segundo já lemos algures, o Tejo em 19 de fevereiro de 1855 subiu em Villa Velha de Rodam a $22^{m},50$;—em Abrantes a $16^{m},0$;—em Tancos a 13—e em Santarem a $7^{m},42$.

—

A valleira das *Portas de Rodam*, «aberta por algum terramoto, ou como quer que fosse,» na Serra de Villa Velha, tem 700 pés de comprimento e 650 d'altura. «Os penedos que a formam são de marmore» bem como o lastro do Tejo ali;—tem de largura 100 pés, á superficie da agua no estio—e até 350 pés d'altura alarga o dobro do que levanta.

Era aqui que o desditoso Bento de Moura Portugal, fallecido nas prisões da Junqueira no dia 27 de janeiro de 1776,—homem muito illustrado, bacharel formado em direito, mas com rara vocação para mathematica, nautica e hydraulica, sciencias em que era muito entendido,—aconselhava que se fizesse um marachão de pedra para acabar com as grandes enchentes e inundações do Tejo, d'ali até Lisboa,—assim como por meio d'outro marachão semelhante (disse elle) feito no Mondego, no sitio do *Murcellão*, a montante de Coimbra e um pouco a juzante da foz do rio Dão, acabariam as grandes enchentes e inundações do Mondego, d'ali até a Figueira.

—

Leiam-se as *Prisões da Junqueira*, pelo marquez d'Alorna,—e os *Inventos e varios planos de melhoramentos para este reino, escriptos nas Prisões da Junqueira por Bento de Moura Portugal*, Coimbra, Impr. da Universidade 1821, 8.º LVIII—223.

«Esta pequena amostra (diz Innocencio) foi tudo o que se salvou de vinte e oito quadernos de papel, em que o auctor havia escripto as suas descobertas e projectos. Sahiu esta publicação por diligencias do seu comprovinciano, o sr. Antonio Ribeiro Saraiva, que então cursava em Coimbra a faculdade de Direito.»

Para a biographia do sr. Antonio Ribeiro Saraiva, que ainda hoje (1886) vive em Londres, veja-se o artigo *Sernancelhe*,—e para a biographia de Bento de Moura Portugal veja-se o artigo *Moimenta*, freguezia da Beira Baixa, concelho de Gouveia,—e no supplemento a este diccionario os artigos *Gouveia*, villa da Beira Baixa, e *Rio Torto*, freguezia do dicto concelho de Gouveia, onde o desditoso martyr da prepotencia do marquez de

Pombal, tem parentes proximos, entre elles o sr. Joaquim Homem de Moura Portugal, cavalheiro respeitabilissimo e um dos primeiros proprietarios e industriaes d'aquelle concelho.

—

Na dicta obra se encontra o plano de Bento de Moura Portugal com todos os seus detalhes. Era, em resumo o seguinte:

Entulhar litteralmente a dicta valleira das *Portas de Rodam* até á altura de 350 pés, com grandes penedos soltos, lançados a granel e tirados da parte superior dos grandes penhascos, ficando as pedras na posição em que fossem cahindo,—formando o dicto marachão contra a corrente 2 angulos interiores de 45 graus cada um, tendo na superficie 30 pés de nascente a poente—e de norte a sul toda a largura da valleira.

Este marachão (diz o auctor) serviria de ponte, dando passagem franca da Beira Baixa para o Alemtejo—e rapidamente acabariam as grandes enchentes d'ali para baixo, porque o marachão, feito nas condições indicadas, não represaria toda a agua do Tejo, mas sómente a que não podesse passar atravez das pedras soltas. Suppunha elle que nas grandes cheias passariam apenas duas oitavas partes da agua, ficando detida na grande represa temporariamente a restante; e que aos campos do Tejo não iria mais do que a terça parte da agua que até ás Portas de Rodam corre para o Tejo,—agua que o auctor, por estudos e experiencias que fez, calculou em 450:000 milhões de pés cubicos, sendo a quarta parte da que nos annos mais invernosos chove a montante das Portas de Rodam em toda a bacia hydrographica do Tejo e nas dos seus confluentes, em 24 horas.

—

E pela inclinação do alveo do Tejo a montante das Portas de Rodam,—inclinação que o auctor diz ser de 15 pés em cada legua franceza,—e pela baixesa das terras nas suas margens, convenceu-se de que os 450:000 milhões de pés cubicos d'agua caberiam bem na represa, tanto que a agua subisse a 250 pés d'altura junto do marachão; mas estava certo de que a agua não subiria além de 100 pés, porque iria passando atravez do marachão na mesma quantidade e proporção em que a elle chegasse.

Avaliou em cerca de 8:000 milhões de pés cubicos toda a agua que na maior enchente passa em 24 horas nas Portas de Rodam, servindo-se do calculo seguinte:

«O maior aperto do Tejo nas dictas Portas he de 100 pés de largura no fundo, d'onde para os lados alarga tanto como levanta. A cheia do anno de 1739 levantou 70 palmos para cima da superficie da agua em Agosto; e porque para baixo d'ella tem cousa de 10 pés d'altura, lhe faço a conta a 50 pés d'altura, que por 150 de largura fazem 7:500; e pelas experiencias que fiz no mesmo sitio, em cheias menores, inferi corria a agua 12 pés em cada segundo nas maiores cheias que fazem 90:000—e consequentemente 7:776 milhões em 24 horas.»

Por um calculo semelhante inferiu elle tambem que nas maiores cheias do Tejo corriam em Vallada cerca de 10:000[1] milhões de metros cubicos d'agua nas mesmas 24 horas,—ou mais a *oitava parte* da que passa nas Portas de Rodam; «e assim deve ser (diz elle) por causa do rio Zezere e das ribeiras que entrão no Tejo entre Villa Velha e Vallada.»

Vejam-se os outros detalhes no livro e concluamos este topico mencionando as principaes vantagens do dicto marachão, indicadas pelo auctor do projecto:

1.ª—Ficar servindo de ponte entre as provincias da Beira Baixa e Alemtejo.

2.ª—Dentro em 5 a 25 annos os terrenos das margens do Tejo e dos seus afluentes a montante das Portas de Rodam seriam adubados e beneficiados com os nateiros da grande represa, e viriam a produzir mais de *dez mil moios de pão* por anno.

3.ª—Desapparecendo as grandes enchentes do Tejo, como era de esperar, accresceria *per alluvionem* nas suas margens, só desde Abrantes até á Barquinha, talvez terreno para 500 moios de semeadura e 3 a 4 mil moios de producção.

---

[1] Os *Inventos* dizem 100:000.
Suppomos ser lapso ou erro de imprensa.

4.ª—A juzante da Barquinha se aproveitaria nas duas margens do Tejo terreno para mais de oito mil moios de semeadura.

5.ª—Receberiam tambem grande beneficio as terras salgadas, augmentando a sua producção talvez mais de 20:000 moios de cevada por anno.

6.ª—A navegação do Tejo ficaria dividida em dois lotes, mas melhoraria consideravelmente tanto a juzante como a montante do dicto marachão.

7.ª—Evitar-se-hiam muitos dos sinistros que todos os annos por occasião das grandes enchentes se dão nos barcos que em frente de Lisboa sulcam o Tejo e nos navios ancorados n'elle.

Exposição e clima

Esta villa olha para o nascente e está rodeada por espesso arvoredo:—oliveiras, sovereiras, azinheiras e outras arvores em menor quantidade.

O solo não deixa de ser fertil, principalmente para oliveiras,—e as suas condições climatologicas são boas no inverno, primavera e outono; são porém más no estio por causa do intenso calor, proveniente da sua exposição leste e abafada, pois cercam esta villa a N. e O. altas montanhas que obstam á corrente do vento.

No verão e outono grassam aqui muitas febres, predominando as intermittentes, devidas aos miasmas das ribeiras de *Lucriz* e *Açafal*, muito proximas, cujas aguas teem pouco declive e quasi que deixam de correr na estiagem, ficando em putrefacção muitas substancias vegetaes.

Tambem contribue para a insalubridade d'esta villa, no verão, a visinhança do Tejo, porque de noite refresca muito a athmosphera, fazendo baixar consideravelmente o thermometro exposto ao ar livre.

Ribeiros, ribeiras e regatos

Além do Tejo banham esta parochia muitos ribeiros ribeiras e regatos. Mencionaremos apenas os seguintes:

1.º—*Enxarrique.*

É o ribeiro mais proximo d'esta villa;—desagua no Tejo a poucos metros das casas do *Porto de Villa Velha de Rodam;*—tem uma ponte de granito de um só arco para passagem da estrada real de Castello Branco a Nisa e Portalegre;—move tres moinhos de cereaes e um lagar d'azeite—e n'elle lavam a sua roupa os habitantes d'esta villa desde as aguas outonaes até os principios de julho·data em que deixa de correr, por desviarem as aguas para rega dos campos e hortas.

2.º—*Ribeira do Açafal,* outro affluente do Tejo.

Banha a grande herdade de *Açafá*, ou da *Ordem*, já descripta,—é atravessada pela estrada real em uma bella ponte de granito de cinco arcos—e desagua no Tejo cerca de um kilometro a montante do porto d'esta villa.

Move 2 moinhos de cereaes e 1 lagar de azeite.

3.º—*Alfrivida,* ribeira confluente da de *Açafal.* Desagua n'ella cerca de 200 metros a jusante da dicta ponte.

Move um lagar d'azeite.

4.º—*Ribeiro de S. Pedro.*

É tambem confluente da ribeira de *Açafal* e desagua n'ella a dois kilometros de distancia d'esta villa.

5.º—*Cerejal.*

Este ribeiro move quatro moinhos e já tem movido mais 6, hoje desmontados.

É tambem confluente da ribeira de *Açafal*, e desagua n'ella a 3 kilometros d'esta villa.

6.º—*Coxêrre.*

É um ribeiro confluente da ribeira d'Alfrivida—e atravessa-o a mesma estrada real n.º 57 em uma ponte de granito de um só arco.

7.º—*Barroca da Senhora.*

É um pequeno regato que desagua no Tejo um pouco a montante das *Portas de Rodam*,—conserva agua todo o anno, mesmo no rigor da estiagem, e rega um valle pittoresco e muito aprazivel, todo cheio d'hortas e pomares de bella fructa e povoado de frondoso arvoredo nas encostas. É este lindo e ameno valle a Cintra de Villa Velha de Rodam, mimoso de sombra, flores e fructa, e d'agua potavel deliciosa.

8.º—*Domingos Tejo.*

Este ribeiro passa a 3 kilometros d'esta

villa para S.O. junto da povoação de Villas Ruivas;—é atravessado pelo caminho que d'esta villa conduz á dicta povoação pela ermida da Senhora do Castello;—desagua no Tejo um pouco a jusante das Portas de Rodam—e fertilisa bastantes hortas.

9.º—*Ribeiro de Villas Ruivas.*

Passa a 2 kilometros da povoação d'este nome, para S.O.;—desagua tambem no Tejo cerca de 3 kilometros a jusante das Portas de Rodam;—é a linha divisoria entre esta freguezia e a de Fratel—e tem uma pequena ponte para communicação entre as duas freguezias.

Todo o caminho é estreito e mau; mas na passagem do dicto ribeiro é medonho e pessimo! As encostas sobranceiras á ponte são muito ingremes e elle desce a prumo sobre a ponte em escabrosos lacetes, por onde nenhum cavalleiro transita sem dizer com o auctor do *Palito Metrico*:

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

Na encosta da margem esquerda tem 13 lacetes—e na da margem direita, que é muito maïs alta, tem talvez o dobro!

É rival do caminho da villa de Manteigas para a de Gouveia, na serra da Estrella,—caminho que de Manteigas, enterrada na margem esquerda do Zezere, até o ante-mural da grande serra, vae pela medonha ladeira do *Carvalhal* a cima aprumado sobre a villa na extensão de uns 3 kilometros, semelhando uma escada lançada contra o ceu.

No dia 4 d'agosto de 1881 subimos nós a dicta ladeira a cavallo, quando iamos para a serra da Estrella com a *Expedição Scientifica*;—depois obliquámos pela villa de Ceia; mas ha quem desça por ali a cavallo!...

10.º—*Ocrêsa.*

Esta ribeira, ou este rio, nasce na serra da Gardunha, termo da freguezia de Louriçal do Campo, concelho de S. Vicente da Beira;—limita esta freguezia e este concelho de Villa Velha de Rodam a N., N.O. e O. a distancia de 10 a 12 kilometros da sua séde,—separando os da freguezia da Sarzedas, (concelho de Castello Branco), e da de Sobreira Formosa (concelho de Proença a Nova); seguindo para sudoeste continua a formar a linha divisoria d'este concelho por aquelle lado—e desagua no Tejo, um pouco a juzante da povoação de Gardete, na freguezia de Fratel.

Banha este concelho na extensão de 40 kilometros approximadamente—e antes de tocar n'elle já deve ter percorrido talvez 25 kilometros, pelo que o seu curso total é de 65 a 70 kilometros.

O seu leito em grande parte corre fundo por entre margens muito ingremes e muito pedragosas, particularmente n'este concelho; mas tem n'essas encostas esplendidos olivaes, parecendo incrivel que as oliveiras se desenvolvam e sustentem viçosas em fragoedo tão escalvado, agreste e nu!

Nos limites d'este concelho move esta ribeira dois moinhos de cereaes, que trabalham sómente no verão, quando escasseiam as aguas nas outras ribeiras.

11.º—*Olho d'Agua.*

Este ribeiro passa ao nascente da aldeia de *Valle do Cobrão*;—é confluente da Ocrêsa;—rega muitos campos—e move, mesmo na estiagem, cerca de 2 kilometros da aldeia da *Foz do Cobrão*,—11 pisões, 11 moinhos de cereaes e 1 lagar d'azeite!...

É pois muito industrial aquelle povo. N'elle se fia em rodas muita lã e se tece grande quantidade de lanificios em teares de mão, pertencendo a maior parte d'aquelles lanificios aos habitantes de Cebolaes, freguezia do concelho de Castello Branco, que para ali costumam levar lã já fiada na fabrica a vapor, existente na dicta cidade.

É muito abundante d'agua este ribeiro, mesmo na estiagem,—e pelo seu declive n'aquelle ponto, distante 10 a 12 kilometros de Villa Velha de Rodam, por onde deve passar brevemente a linha da Beira Baixa, quando não passe ainda mais proxima da dicta aldeia da Foz do Cobrão,—é aquelle um dos pontos mais aptos para estabelecimentos fabris *em grande escala*, como hoje se vêem nos concelhos de Gouveia, Ceia e Covilhã.

—

Deram-se áquellas povoações os nomes de *Valle do Cobrão* e *Foz do Cobrão*, por haver apparecido nos matagaes proximos uma serpente ou cobra gigante, que só desappa-

receu depois que lançaram o fogo aos dictos mattos,—diz a tradição. E ainda hoje os velhos d'estes sitios asseveram que, sendo elles creanças, appareceram em diversos pontos d'este concelho cobras, como serpentes!

Por serem covil de feras, nomeadamente de lobos e javalis, os matagaes do sitio da *Charneca*, não longe d'esta villa, nas ribanceiras do Tejo, haverá 40 annos que aquelle grande tracto de terreno tinha tão insignificante valor que em troca de umas oliveiras que renderiam 24 litros d'azeite, recebeu o dono d'ellas o vasto chão, onde hoje se vê um soberbo olival de milhares de pés, não estando ainda todo plantado.

—

Concluiremos este topico mencionando ainda mais dois ribeiros e uma ribeira nos limites d'esta freguezia:

12.º—*Achada.*

Este ribeiro vem do poente e desagua no do *Olho d'Agua*, a distancia de 2 kilometros do povo de Valle do Cobrão.

13.º—*Ferranheira.*

Nasce este ribeiro na serra de Villa Velha de Rodam;—é cortado pelo caminho d'esta villa para o Fratel pela dicta serra;—conserva agua no verão—e desagua no ribeiro de Villas Ruivas.

14.º—*Lucriz,* ribeira supramencionada.

Banha a povoação de *Lucriz,* da qual tomou o nome.

Mencionaremos ainda n'esta parochia mais 2 lagares d'azeite na povoação de Villa Velha de Rodam e 2 azenhas de cereaes no Tejo.

Total dos rios, ribeiras, ribeiros e regatos principaes que banham esta parochia	16
Moinhos e azenhas que movem	30
Mais 6 desmontados	36
Pisões	11

Do exposto se vê que o chão d'esta parochia é muito accidentado e pedragoso, mas em compensação tem mais agua nativa, de veia corrente, do que muitas das freguezias da Extremadura e do Alemtejo reunidas, sendo para lamentar que a maior parte dos seus rios, ribeiros e regatos corram tão fundos e por entre margens tão escalvadas e aprumadas, que pouco partido tira d'elles.

—

Producções principaes: — azeite, cortiça, creação de gado suino com a bolota ou lande das sovereiras e azinheiras e com o bagaço da azeitona,—e creação de gado caprino. Tambem cria gado ovino, mas em menor quantidade,—e tambem produz algum vinho, cereaes e laranjas, nomeadamente no povo de Gavião, que as exporta para Castello Branco, na maior parte.

Abunda finalmente em caça e colmeias.

—

A povoação da Sarrasqueira, uma das aldeias d'esta parochia, a 7 kilometros d'esta villa e a pouca distancia da estrada real n.º 57, é o solar da nobre casa de *Sarnadas*, cujo capitão-mór, Manuel José d'Oliveira, foi quem deu maior desenvolvimento á plantação das oliveiras e sovereiras n'esta parochia,—e esse empenho, nomeadamente emquanto ás oliveiras, foi seguido pelo seu filho e pelo seu genro e pelos genros de um outro, já mencionados supra.

Aos esforços e exemplos d'elles se deve em grande parte a riqueza e belleza florestal d'esta parochia e o aproveitamento de muitos hectares de terreno escabroso, pedragoso, inculto e arido, até aquella data *covil de féras*,—de lobos, de javalis, de cobras e serpentes!...

Saiba pois esta freguezia quanto deve aos nobres senhores da casa de Sarnadas.—Bom seria que os grandes proprietarios d'esta provincia e da do Alemtejo, nomeadamente os donos das grandes herdades *nuas e de charneca medonha*, imitassem tão louvavel exemplo, lembrando-se de que a arborisação—é *riquesa*, *bellesa* e *saude.*

Batalha

O maior feito d'armas, de que ha lembrança n'esta villa, teve logar em 1762 e é descripto na citada *Memoria de Nisa*, a pag. 143, nos termos seguintes:

«Declarando guerra Sua Magestade Catholica ao nosso reino em 15 de junho de 1762, por não querer o nosso rei annuir ao cele-

bre *pacto de familia,* celebrado entre a França e Hespanha, e desunir-se da Inglaterra, sua fiel alliada, e entrando pela provincia da Beira Baixa, por Valle de la Mula e Valle de Coelho, o exercito inimigo, depois de tomar a praça de Almeida e outras que lhe oppozeram debil resistencia, dirigia-se por Villa Velha de Rodam ao Alemtejo;[1] mas indo o Tejo grosso pelas chuvas que tinham cahido, e não tendo barcas para o passarem, por lhe haverem sido tiradas, acampou todo na vasta planicie do *Acafal,* que lhe fica proxima, orgulhoso de suas victorias e atrocidades; e ali estava esperando que o rio abaixasse, para as repetir na mais rica (?) provincia de Portugal.

«O exercito do Alemtejo, que constava de 2:000 soldados mal armados e peior disciplinados, 11 companhias de granadeiros com duas peças de campanha e dois obuses, e 400 soldados inglezes escolhidos, era commandado pelo brigadeiro Bourgoyne, e estava n'esta villa (Niza) observando o inimigo, quando um dia, pela tarde, um pastor do Arneiro, chamado *Rodrigão*, pela sua elevada e giganlesca figura, veio *perguntar* (?) o commandante, e fallar com elle.

«O que disseram e trataram, ninguem o escutou e ouviu; mas no principio da noite seguinte, que era escura e enxuta, a cavallaria do pequeno exercito marchava toda em silencio, na direcção do rio, pelos *Montes de Baixo*, commandada pelo coronel Leé; e quando chegou á foz de *Boles*, já ali se achava um vulto esperando a com uma grande corda dobrada na mão; reconheceu o chefe, entregou lhe uma das pontas, e foi andando pelo rio dentro, e elle seguindo o, e a traz os soldados todos, um por um, até que chegaram á margem opposta: e depois que passaram todos, foram marchando até chegar ao inimigo, que confiado na profundidade do rio e na guarda do porto, que tinham bem guarnecido, se julgava seguro, e dormia tranquilla e socegadamente; e foram matando e degolando n'elle, á proporção que ia acordando; mas como eram muitos os que despertavam pelo estrondo dos golpes e soluços dos agonisantes, deram rebate e fugiram, deixando-nos a bagagem e os despojos, que nos levavam, e a victoria que tinham alcançado, e o repouso e a tranquilidade; porque com esta lição[1] ficaram satisfeitos, e não voltaram mais; e a Côrte de Madrid tratou logo da paz, que em breve se concluiu sem grande difficuldade.»

—

O meu illustrado informador observa o seguinte:

«Quem sabe que da *Foz de Botes,* onde a citada *Memoria* diz ter passado o Tejo a cavallaria portugueza, ha grande distancia até Villa Velha de Rodam, e que o tranzito sómente podia fazer-se subindo e descendo altas montanhas, despertando o inimigo e dando-lhe tempo de sobra para pôr-se em guarda, tem por quasi impossivel a marcha e passagem do Tejo por taes pontos,—ao contrario da tradição constante que dá essa passagem no sitio do *Cachão do Bello,* a muito mneor distancia do acampamento inimigo,—offerecendo ali a margem direita do Tejo apenas uma pequena encosta facil de transpôr, e em seguida bom terreno para marcha e manobra da cavallaria.»

Tambem diz a tradição—que um tiro de artilheria que um pastor apontou matára o commandante ou um dos chefes do exercito hespanhol. Indica-se ainda hoje o ponto onde estava a nossa artilheria, na margem esquerda,—e o da barraca do general que foi morto, na margem direita, mediando entre os dois pontos pouco mais de um kilometro.

---

[1] Com parte das forças que tambem já haviam conquistado a provincia de Traz-os-Montes. As hostilidades da Hespanha começaram no dia 30 d'abril e a praça d'Almeida capitulou no dia 25 d'agosto d'aquelle anno (1762). O general em chefe do exercito anglo luso era o conde de Lippe, de quem já muito honrosamente se fallou no art. *Elvas,* vol. 3.º pag. 19 col. 2.ª Vide. P. A. F.

[1] Na mesma noite Bourgoyne foi bater os hespanhoes em outro ponto—e, dias antes ou depois, lhes tomou tambem por surpresa a praça de Valencia d'Alcantara, matando muitos soldados e aprisionando outros, entre elles um general, um coronel, dois capitães e sete officiaes subalternos.

P. A. FERREIRA.

Não diz a citada *Memoria* o numero das forças inimigas nem os nomes dos seus chefes; mas, segundo a tradição local, um d'elles era D. Luiz de Mendonça [1].

—

Ha no termo d'esta parochia registradas bastantes minas de differentes mineraes, mas não convidam á exploração, exceptuando uma de cobre, que já foi explorada em tempos muito remotos, no sitio da *Buraca da Moura*, cerca de tres kilometros a N. d'esta villa.

Serras, montes e pégos

Como já dissemos, é muito accidentado o chão d'esta freguezia.

N'elle avultam :

1.º—A serra ou monte da *Senhora do Castello.*

Principia no morro ou promontorio das *Portas de Rodam;*—estende-se para nordeste—e terá 1 kilometro d'extensão.

2.º—*Serra de Villa Velha,* ao poente d'esta villa.

Corre parallela á da *Senhora do Castello*;—avança para o norte—e terá de comprimento 10 kilometros. Pela sua quebrada mais proxima d'esta villa passa o caminho de Fratel—e por outra quebrada a dois kilometros de distancia passa o caminho do *Perdigão*, aldeia da mesma parochia de Fratel.

O *Perdigão* era ponto forçado na antiga estrada de Castello Branco para Abrantes.

E ainda por outra quebrada da mesma serra passa o caminho d'esta villa para os povos de *Valle do Cobrão* e *Foz do Cobrão.*

Por esta 3.ª quebrada, conhecida pelo nome de *Milhariça*, passava a antiga estrada de Castello Branco para Abrantes, tocando, como já dissemos, na aldeia do *Perdigão*, antes de abrir-se a nova estrada real a macadam, n.º 16, por Sarzedas e Sobreira Formosa, seguindo com pequenas variantes o mesmo traçado da antiga estrada militar.

A serra de *Villa Velha* corta a ribeira da Ocrêsa e vae até junto de Sobreira Formosa com os nomes de *Serra das Talhadas, d'Alvito* e outros, cujas ramificações foram todas fortificadas no tempo da guerra da peninsula.

A dicta serra na passagem da Ocrêsa forma dois morros ou promontorios que se erguem nas duas margens, fronteiros um ao outro, quasi tão colossaes como os das Portas de Rodam,—e a jusante d'elles ha um pégo denominado *Almourão*, muito fundo, semelhante ao que está na sahida das Portas de Rodam, tendo porem este muito maior profundidade!

Em ambos se colhe muito peixe.

Ha tambem outro grande pégo no termo d'esta parochia, no leito do Tejo, cerca de 5 kilometros a montante d'esta villa.

Tomou o nome de *Pégo do Bispo,* porque outr'ora foi propriedade dos bispos da diocese e só elles ali podiam pescar.

Tem cerca de 4 kilometros de comprimento, bastante largura e varia profundidade;—abunda em peixe, mas é muito difficil colhel-o.

Alem dos grandes penhascos das *Portas de Rodam* e dos da *Serra de Villa Velha* na passagem da Ocrêsa, é notavel na mesma serra o *Penedo Gordo,* junto da aldeia de Gavião. Ha n'este grande penhasco uma caverna horisontal, que se presume ser obra da natureza,—e do ponto culminante d'elle se avista a parte alta da cidade de Castello Branco,—sitio que de nenhum outro ponto d'esta freguezia se descobre.

—

Ha n'esta villa duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos e uma particular para o sexo feminino na aldeia de Alvaiade.

Não ha hoje n'esta freguezia nem n'este concelho hospital ou associação alguma de beneficencia,—nem hotel, theatro, assembléa club ou casa de recreio. Apenas tem uma hospedaria, de Raimundo Antonio Florencio, no *Porto do Tejo.*

Tambem não consta que tenham apparecido n'esta villa moedas romanas, nem sepulturas abertas em rocha, nem pedras com inscripções.

---

[1] O general em chefe das tropas hespanholas n'esta campanha era o marquez de Sarria.

—

No *Porto do Tejo*, ou na baixa d'esta villa, teve o celebre marquez de Pombal, ministro de D. José I, uma casa abarracada e uma porção de terreno contiguo, a que davam o nome de *quinta*. Estes bens passaram por compra para a familia *Coutinho*, da freguezia d'Alvega, na margem esquerda do Tejo, concelho d'Abrantes;—depois (haverá 50 annos) essa familia vendeu-os a um proprietario d'esta villa, por nome Joaquim Pereira, achando-se hoje divididos pelos seus herdeiros.

—

Em 1833 passaram n'esta villa, hospedando-se na casa da camara, o infante D. Carlos, de Hespanha, sua esposa D. Maria Francisca e a irmã d'esta, D. Maria Theresa, então viuva e que mais tarde casou com o dicto infante, sendo aquellas senhoras ambas portuguezas, filhas d'elrei D. João VI.

Levava tambem o principe comsigo os seus tres filhos: D. Carlos, D. João e D. Fernando;—dirigiram-se todos a Castello Branco, onde houve *Te-Deum* e beija-mão em 4 de novembro do dicto anno, dia de S. Carlos Borromeu,—e d'ali seguiram caminho de Hespanha pela praça d'Almeida.

Fonte do Granhão

Esta villa e o bairro baixo, ou do *Porto do Tejo* tinham tanta falta d'agua potavel que alguns annos na estiagem iam buscal-a ao povo do Gavião, distante 2 a 3 kilometros, e á outra margem do Tejo, apesar de ser pessima e de terem de pagar ao barqueiro. Felizmente em agosto de 1876 o sr. Luiz Antonio Granhão, distincto engenheiro, chefe da 4.ª secção das obras do Tejo, descobriu junto da barca de Villa Velha de Rodam, na margem direita do rio, uma nascente abundantissima e de optima qualidade, que brotava dentro do Tejo.

Captou-a a 1m,50 da margem, ficando com 0m,5 de desnivel, o que foi um grande beneficio para esta villa, pelo que na sessão da camara de 31 do dicto mez e anno, o seu presidente Joaquim Maximiano Bello propoz se conferisse ao mencionado engenheiro um voto de louvor em signal de reconhecimento,—proposta que foi approvada por unanimidade.

É para sentir que a dicta nascente brote em chão tão baixo, que apenas póde aproveitar-se na quarta parte do anno. Felizmente está a descoberto no rigor da estiagem, quando se torna mais precisa.

Herodes e Villa Velha de Rodam

Segundo se lê na *Monarchia Lusitana*, parte II, pag. 14, v. e segg. o rei Herodes Antippa II, que tão tristemente figurou no drama do Calvario e que mandou degolar S. João Baptista, foi deposto por C. Caligula, e passou para a Hespanha, onde viveu até que foi barbaramente assassinado.

O mesmo dizem Nicephoro, Addão Viennense, Josepho *De Bello Judaico*, Vaseu, Angelo pacense, Moralés, Vilhegas, Garivay e o celebre *Laymundo Ortega*; mas em que povoação da Hespanha viveu e foi assassinado Herodes?

Apenas Laymundo, segundo se lê na *Monarchia Lusitania*, disse: *profugus a facie Dei, vixit in Taracone & Emerita & faede occiditur in Rhodio, Lusitaniae oppido.*

Em vulgar: «Herodes, fugindo da face de Deus, viveu em Tarragona e em Merida, e foi torpemente assassinado em *Rodio*, cidade ou povoação da Lusitania.»

Resta agora saber que cidade ou povoação era a tal *Rhodio.*

—

Diz fr. Bernardo de Brito que, depois das maiores diligencias, encontrou na Lusitania dois logares,—um com o nome de *Roda*, no concelho de Pombal, junto da Redinha,—outro junto do Tejo, com nome de *Villa Velha de Rodam*,—e da semelhança dos nomes *Rhodium*, *Roda* e *Rodam* concluiu que o rei Herodes foi assassinado na extincta povoação de Roda, junto da Redinha,—ou *mais provavelmente* (?) em Villa Velha de Rodam, cuja etymologia (segundo elle) provem de *Rhodium*, a velha cidade romana.

N'este, como em outros muitos pontos, foi infeliz o sabio historiador, porque alem das povoações que houve talvez na parte da an-

tiga Lusitania, hoje hespanhola, humonimas de *Rhodium*, temos em Portugal ainda hoje (1886) não só as duas povoações indicadas, mas outras muitas que por igual titulo,—*a semelhança dos nomes*,—poderiam dizer-se representantes da velha *Rhodium*, taes são as seguintes:

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia de Sebal Grande, concelho de Condeixa.

—*Rodão ou Rodam*, aldeia da freguezia de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia do Souto de Lafões, concelho de Oliveira de Frades.

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia de Sequeiros, concelho de Vouzella,—e

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia e concelho de Fornos d'Algodres.

Temos mais em differentes pontos do nosso paiz 12 aldeias, 3 casaes, 3 quintas, 1 herdade e um sitio com o nome de *Roda*,—alem das aldeias, casaes e quintas de *Roda de Baixo*, *Roda de Cima*, *Roda da Estrada*, *Roda do Cabeço*, *Roda dos Alamos*, *Roda Fundeira*, *Rodas*, *Rodeio*, *Rodeios*, *Rodeal*, *Rodellas*, *Rodello*, *Rodête* e 5 povoações e 3 quintas denominadas *Rodo*.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

Todas estas povoações devem ter a mesma etymologia, mas ignoramos qual seja. Talvez provenha da configuração local de *rota*, roda ou fórma semi-circular concava ou convexa.

De *Rhodium*, a velha cidade lusitana de Laymundo, com certesa não tomaram o nome, porque são muitas e muito distantes umas das outras,—e não falta quem duvide da existencia da tal *Rhodium* e da do proprio *Laymundo*; consta-nos, porem, que em Villa Velha de Rodam se aponta certo fojo como local da sepultura de Herodes.

V. *Redinha*, vol. 8.° pag. 83, col. 1.ª e seguintes.

—

Nós não acreditamos na lenda do rei Herodes, vagueando por estes sitios; mas é innegavel que estanciaram aqui e aqui tiveram demorada residencia e *muitas terras* os templarios, desde o seculo XII até á sua extincção. Custa-nos pois a crer que nem os templarios, nem os cavalleiros da ordem de Christo, seus successores, nem os nossos reis dessem a esta villa foral velho, nem novo!

Franklim não o menciona e nós não conseguimos lobrigal-o em parte alguma.

VILLA VERDE,—aldeia da freguezia de Oliveira do Bairro, concelho d'este nome, districto de Aveiro, diocese de Coimbra desde 1882, data em que pela ultima circumscripção diocesana foi supprimido o bispado d'Aveiro e dividido pelos do Porto e de Coimbra.

V. *Oliveira do Bairro* n'este diccionario e no supplemento.

Em um domingo de fevereiro de 1885 foi ouvir missa Anna d'Almeida, rica proprietaria da dicta povoação de Villa Verde e, regressando a sua casa, viu aberta a porta e arrombada uma gaveta, onde tinha as suas economias e joias, tudo no valor de alguns contos de réis.

Ficou pallida e tranzida de susto; mas logo cobrou animo e a tristesa se lhe transformou em alegria, quando notou que os larapios apenas lhe haviam roubado uma sacca cheia de moedas de *cinco réis* do novo cunho de 1882, ainda muito luzentes e com apparencia de meias libras, ou de moedas de 2$000 réis em ouro.

Imagine-se o *desapontamento* dos larapios quando se convencessem de que, em vez d'alguns contos de réis em ouro, tinham levado apenas alguns kilos de cobre!...

—

Lembra-nos o que, por occasião da guerra peninsular, succedeu á minha porta, no Douro, na freguezia de Samodães, concelho de Lamego:

Dois moços d'aquella freguezia, vendo passar na barra do Carvalho, em direcção a Lamego, uma grande recua de cavalgaduras, fortemente escoltada, e que fazia parte de uma divisão franceza (talvez a de Loison, quando retirava de Mesãofrio, como já dissemos no artigo *Villa Jusã)* abeiraram-se da estrada, que era funda e em torcicollos,—esconderam-se em um recanto e iam tocando as cargas, para verem a que mais lhes conviria.

Vendo uma com dois pequenos saccos e coberta com um grosso oleado, deram-lhe um golpe e viram metal muito luzente. Convencidos de que era ouro, cortaram a sobrecarga e fugiram com os dois saccos.

Os moços julgavam-se riquissimos; mas qual não foi tambem o seu *desapontamento*, quando, em vez d'ouro, encontraram os saccos cheios de botões de metal amarello para as fardas!...

VILLA VERDE,—aldeia da freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Lousada, districto e diocese do Porto. Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, era do arcebispado de Braga.

Ao que já dissemos d'esta parochia nos artigos *Cahide, Caíde* e *Villa Cahiz*, accrescentaremos o seguinte:

Está na margem esquerda do rio Sousa, confluente do Douro, na vertente O. do monte da Trovoada, e dista 7 kilometros da séde do concelho para S.,—8 de Penafiel, para N.,—49 do Porto—e 386 de Lisboa.

Pertenceu ao couto de Travanca do extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, comarca de Guimarães. A *Chorographia Portugueza*, em 1706 deu-lhe 170 fogos;—o *Portugal S. e Prof.* em 1757 deu-lhe 212 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 206 fogos e 720 almas—e o de 1878 deu-lhe 271 fogos e 1:096 habitantes.

Passa n'esta freguezia a linha ferrea do Douro e n'ella tem a estação de Cahide, que foi aberta ao publico no dia 20 de dezembro de 1875.

—

Esta parochia é uma das mais ferteis e mais ricas do seu concelho.

Produz cereaes, vinho verde e fructas;—cria muito gado e fez grandes interesses engordando bois que exportava para Inglaterra, como outras muitas freguezias das provincias do Douro e Minho, mas infelizmente nos ultimos annos esta industria tem decrescido muito, porque os Estados Unidos americanos surtem de carne a Inglaterra por preço muito inferior ao da carne que importava do nosso paiz.

Comprehende esta parochia as aldeias de —Villa Verde, Barreiros, Quintã, Lage, Almeida, Hortozello, Pereiros, Lama Grande, Barreiros e Sovereira,—30 casaes, 4 quintas, algumas casas nobres e ricos proprietarios.

Junto da povoação de Villa Verde, lado sul, teem apparecido em um monte sepulturas antiquissimas, capiteis de columnas, tijolos de grande espessura, etc., o que prova a existencia de povoado importante n'aquelle sitio em tempos muito remotos;—e a N.O. da mesma povoação ha n'esta freguezia um monte denominado *Crasto* (Castro) que pelo nome e condições do local parece ter sido acampamento romano, posto que hoje ali se não encontrem vestigios alguns de fortificação.

—

As principaes casas nobres d'esta freguezia são as seguintes:

1.ª—A de *Villa Verde*, dos Pintos Mesquitas.

2.ª—A de *Barreiros*, da familia Sousas.

3.ª—A de *Quintã*, ultimamente representada pelo dr. José Maria de Mello Paes Villas Boas.

4.ª—A da *Senra*, ultimamente representada por Manuel da França Brandão.

A de *Villa Verde* é um grande predio brasonado com as armas dos Pintos, Carvalhos, Fonsecas e Monteiros,—e está unida a uma grande quinta com bons jardins e muito bem tractada.

É hoje 11.º possuidor e representante d'esta nobre casa Alexandre Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães,[1] filho legitimo, e o primogenito, de Simeão Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, F. C. C. R., bacharel formado em direito, etc., e de D. Margarida Balbina de Araujo Borges Pinto da Fonseca, senhora e herdeira da nobre casa de *Balde*, freguezia de Santa Leocadia, no concelho de Baião, ambos fallecidos n'esta data.

---

[1] Casou no dia 14 de março do corrente anno (1886) com a ex.^ma sr.ª D. Isabel Maria Laura Serpa Pinto, de Sinfães, parenta muito proxima do nosso arrojado explorador Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto.

V. *Sinfães*, vol. 9.º pag. 403, col. 1.ª—e *Tendaes*, no mesmo vol. pag. 537, col. 1.ª *in fine*.

—

Simeão Pinto de Mesquita, supra, era filho de Francisco de Sousa Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, 3.º neto d'outro Simeão Pinto de Mesquita, valoroso capitão de cavallos na guerra da independencia, descendente da illustre familia *Pintos*, de Amarante, pelo lado paterno—e pelo lado materno descendia da nobre e antiquissima casa de Cergude.

Francisco de Sousa Pinto de Mesquita foi casado com D. Custodia Delfina Pereira de Vasconcellos Azevedo, filha de Antonio de Vasconcellos Azevedo, da casa da *Chieira*, em Alvarenga, onde representava um antigo ramo da casa solar da *Torre d'Alvarenga*, —e de D. Ludovina de Vasconcellos Pereira de Mello, filha de Manuel Mendes de Vasconcellos Pereira de Mello, senhor da casa da *Quintã*, no concelho de Sinfães, e da do *Paço de Sinfães*,—filho de Ruy Mendes de Vasconcellos Pereira de Mello, 12.º senhor d'aquelle solar, e 4.º neto de Bento Rodrigues Malafaia que, pelo seu casamento com D. Filippa de Vasconcellos, herdeira da antiquissima casa da *Torre d'Alvarenga*, veiu a ser 8.º senhor d'este solar, hoje pertencente á nobre familia *Miranda Montenegro*, por se haver extinguido a varonia d'aquella.

—

Simeão Pinto de Mesquita, o 1.º nomeado supra, teve 7 irmãos:

1.º—Antonio Pinto de Mesquita.

Era este o primogenito e por consequencia o representante natural e successor da casa de *Villa Verde*, etc., mas, pouco depois de attingir a maioridade, muito espontaneamente cedeu ao dicto Simeão os direitos de primogenitura!...

Falleceu solteiro.

2.º—Frederico Pinto de Mesquita.

Casou no Porto e falleceu sem successão.

3.º—Luiz Pinto de Mesquita Carvalho, bacharel formado em mathematica, hoje (1886) tenente coronel de infanteria, um dos officiaes mais briosos e mais illustrados do nosso exercito.

Casou em 1862 com D. Julia de Lemos Barbosa d'Albuquerque, filha do dr. Francisco de Salles Barbosa e Lemos, natural da freguezia da Sé do Porto, F. C. C. R. e C. P. O. Ch., antigo corregedor da Villa da Feira, senhor da casa da Jusã, em Lousada, etc.

Tem 2 filhos:—Francisco Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito, estudante distincto, ainda solteiro,—e Luiz, que n'esta data frequenta a Universidade.

4.º—Affonso Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito e juiz do Ultramar, mas infelizmente alienado!...

É solteiro.

5.º—José Pinto de Mesquita.

Casou em Alvarenga, na casa de Bouças, com sua prima... irmã do par do reino Antonio Telles de Vasconcellos, filha de sua tia materna D. Maria Rita Pereira de Vasconcellos e de Manuel Maria Soares Telles.

Foi assassinado em Sinfães, sendo já viuvo, e deixou uma filha, que tambem já falleceu, contando apenas 17 annos de edade!...

6.º—D. Maria Rita Pinto de Mesquita Carvalho.

Casou com o dr. Joaquim Cardoso de Carvalho e Gama, natural da Folgosa, concelho d'Armamar, e que falleceu no Porto em 1861, sendo desembargador da relação.

Conserva-se ainda viuva e teve um filho unico,—Albano Pinto de Mesquita Carvalho e Gama, hoje bacharel formado em direito e casado com D. Maria Joanna Cardoso Alpoim, filha do brigadeiro Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, irmão do general José Cardoso de Carvalho e Menezes. V. *Armamar*.

O dr. Albano tem do seu consorcio 3 filhos ainda de tenra edade:—Albano, Maria e Sophia.

7.º—D. Anna Amalia Pinto de Mesquita.

Casou em Riodades, concelho da Pesqueira, com Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Botelho, fidalgo d'antiga linhagem (V. *Riodades*) e tem 4 filhos:

—Adriano d'Azevedo Pinto de Mesquita, casado e com successão.

—Alexandre d'Azevedo Pinto de Mesquita, ainda solteiro.

—D. Maria dos Prazeres, casada em Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião, com Bernardo José d'Azevedo Lobo; ainda sem successão, e

—D. Adelaide, casada em Aguiar da Beira e com successão.

—

O mesmo Simeão Pinto de Mesquita, 1.º mencionado supra, teve do seu consorcio 6 filhos:

1.º—Alexandre Pinto de Mesquita, o successor, tambem já mencionado.

2.º—Antonio Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito, talento de primeira ordem e estudante distinctissimo!...

Ainda solteiro.

3.º—D. Maria dos Prazeres.

4.º—D. Anna Angelina.

5.º—D. Maria Maxima, solteiras.

6.º—D. Margarida Augusta, casada em fevereiro do corrente anno.

Pertencia a esta nobre casa de *Villa Verde* Fr. Antonio de Mesquita, que foi abbade em varios conventos da ordem de Cister e o ultimo procurador geral da mesma ordem, pois ainda exercia o dicto cargo no Porto, quando ali entrou o exercito libertador em 1832.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Orago Santa Marinha,—fogos 402,—habitantes 1:690.

Reitoria.

Em 1706 era um simples curato annexo á freguezia de Tres Minas,—contava 125 fogos—e pertencia ao termo e ouvidoria de Villa Real.

Em 1768 era um vicariato da apresentação do reitor de Tres Minas,—contava 178 fogos—e rendia para o seu vigario 60$000 réis.

O recenseamento de 1864 deu-lhe 356 fogos e 1:626 almas,—e o de 1878 deu-lhe 397 fogos e 1:578 almas.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga; mas desde 1882 passou com todas as freguezias d'este concelho e outras muitas d'esta provincia, para o bispado de Lamego.

V. *Villa Real* de Traz-os-Montes.

Em 1840 pertencia ao concelho de Villar de Maçada, mas pelo decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto aquelle concelho, passando esta freguezia para o de Alijó.

—

Comprehende as aldeias de *Villa Verde*, séde da parochia, Jorjaes, Freixo e Perafita.

Demora em sitio alto, plano, frio e pouco mimoso, na estrada de Murça para Villa Real, na margem esquerda do rio Pinhão, do qual dista 3 kilometros para E.,—15 de Alijó para N.O.,—23 $^1/_2$ de Villa Real para N.E.,—50 da estação da Regoa na linha do Douro,—154 do Porto—e 491 de Lisboa.

Producções dominantes:—muitos cereaes, muitas castanhas, muita caça e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero. Pouco vinho e muito verde,—azeite nenhum.

Clima saudavel, mas frio e agreste.

Não tem casas nobres.

Freguezias limitrophes:—Villar de Maçada, no concelho d'Alijó,—Carva, no concelho de Murça—e Parada de Pinhão, além do rio d'este nome, no concelho de Sabrosa.

—

Templos:—a egreja matriz, de uma só nave, bastante espaçosa, com adro fechado, côro, boa torre e boa casa de residencia com seu quintal e agua;—uma capella publica na povoação de Villa Verde,—outra na de Jorjaes, outra na de Freixo—e na de Perafita o bonito santuario do *Senhor do Cruzeiro*, grande e magestosa capella com adro fechado, casa para as sessões da irmandade e para os milagres, um chafariz contiguo e no alto do monte outra capella com um passo do Senhor, judeus, etc.

Ha n'este sanctuario grande festa e romaria no dia 3 de maio.

É reitor d'esta freguezia na actualidade o rev. Antonio Emygdio da Nobrega, da freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca d'Aguiar. Collou-se aqui ha muitos annos e é adorado pelos seus freguezes, por ser muito honesto, muito caritativo, muito affavel,—um santo!

Ao meu bom amigo, o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira, cavalheiro estimabilissimo e bondosissimo tambem, da nobre familia *Pintos Pimenteis* de Villar de Maçada, mas residente em Gouvinhas, onde

casou, agradeço os apontamentos com que organisei este artigo.

O mundo seria um Eden, se todos os seus habitantes fossem como o rev. Antonio Emygdio da Nobrega e como o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Reitoria. Orago S. Mamede.

Fogos 87,—habitantes 350.

Em 1706 era do extincto concelho de Unhão, comarca de Guimarães, e da apresentação do convento benedictino de Pombeiro;—contava 45 fogos;—rendia para o seu vigario 50$000 réis e 150$000 réis para o convento de Tibães, ao qual estava applicada.

Em 1730 contava 63 fogos e 196 almas.

Em 1768 era da mesma apresentação;—contava 72 fogos—e rendia para o seu vigario 30$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 72 fogos e 271 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 80 fogos e 278 habitantes.

Foi do arcebispado de Braga até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto.

Comprehende as aldeias seguintes:—*S. Mamede de Villa Verde*, séde da parochia, Cedro, Fonte, Rua, Lousada, Lavandeira, Assento, Eido, Outeiro, Quintã, Seivada, Serra, Souto, Boa Vista e Terreiro;—os casaes de Cimo de Villa, Rosso, Monte e Souto,—e as quintas de Casal, Boucinhas e Funtão, todas pouco importantes.

—

Freguezias limitrophes:—Santão, Santa Christina de Figueiró, Ayão e Ayrães.

Dista da séde do concelho e da comarca 7 kilometros,—outros 7 da estação de Cahide, na linha ferrea do Douro,—54 do Porto—e 391 de Lisboa.

Passa na extremidade sul d'esta freguezia a estrada real a macadam n.º 33, do Porto a Villa Real.

Templos:—a egreja matriz em bom estado de conservação, embora singela:—outra egreja .... em ruinas;—4 capellas publicas—e 2 oratorios particulares. A isto se reduzem os apontamentos que a muito custo pude obter!...

Banha esta freguezia um regato confluente do Sousa.

Producções dominantes:—milho, centeio, feijões, batatas e vinho *de enforcado*, ou rascante.

A industria local reduz-se a uma fabrica de velas de cebo.

—

Pelos annos de 1327 a 1359, sendo D. Martim Pires abbade do convento benedictino de Pombeiro, o arcebispo de Braga D. Martinho, natural d'Evora e 4.º do nome, annexou ao dicto convento esta freguezia de Villa Verde,—*mais onze*,—«por respeito da grande charidade, que n'elle se fazia aos pobres, & peregrinos, & do muito que neste particular se gastava, & despendia»—segundo se lê na *Benedictina Luzitana* (liv. 2.º pag. 72) onde se mencionam as 12 egrejas indicadas supra. [1]

N. B.

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia é *a antiga freguezia de S. Mamede de Goido ou de Villa Verde.*

Foi lapso.

A freguezia de *S. Mamede de Goido de Villa Verde* é a que a mesma *Chorographia Moderna* descreveu sob o titulo *Cuide de Villa Verde*, no concelho da Ponte da Barca, ao qual pertence,—não a este de Felgueiras.

No mesmo lapso havia cahido José Avelino d'Almeida no seu *Diccionario abreviado de Chorographia.*

Solatium est miseris socios habere!...

Veja-se n'este diccionario *Coide de Villa Verde*... vol. 2.º pag. 314.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca da cidade da Figueira, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Vigairaria. Fogos 264,—habitantes 1:090. Orago Santo Aleixo.

Foi curato annual da apresentação do cabido da Sé de Coimbra e é uma parochia autonoma relativamente moderna, pois foi

[1] V. *Villa Marim* n'este 10.º vol. pag. 787, col. 2.ª *in-principio.* Ali se encontram mencionadas as taes 12 freguezias.

creada em 20 de setembro de 1790 pelo bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Até aquella data a sua população pertencia ás freguezias de S. Pedro das Alhadas e de S. Julião da Figueira, pelo que não se encontra na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.° publicado em 1708, e que tracta d'aquellas duas freguezias, então pertencentes á comarca de Monte-Mór, o Velho. Pelo mesmo motivo tambem se não encontra no *Port. S. e Prof.*, publicado em 1757 a 1768; mas devia ser n'aquellas datas muito insignificante a sua população, porque a freguezia de S. Pedro das Alhadas, que hoje conta mais de 1:082 fogos e de 4:100 habitantes, contava apenas 90 fogos em 1708[1] —e toda a freguezia de S. Julião da Figueira, que hoje conta cerca de 1:200 fogos e de 5:000 habitantes, contava apenas 200 fogos em 1708—e 316 em 1757,—comprehendendo as duas freguezias tambem a população d'esta de Villa Verde.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 176 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 210 fogos e 821 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 245 fogos e 933 habitantes,—e hoje tem, como já dissemos, 264 fogos e 1:090 habitantes.

Tem pois augmentado consideravelmente a sua população, posto que esta freguezia e todas as d'este concelho foram cruelmente açoutadas e dizimadas pelo *cholera morbus* em 1820 e em 1832 a 1833.

Tambem esta freguezia soffreu muito com as grandes calamidades que assolaram a da Figueira, sua visinha, em 1810 e n'outras datas.

V. *Figueira da Foz.*

—

Comprehende os casaes seguintes:—do Seixal, da Marinha, do Luiz, da Fontella, da Salmanha, da Caceira, dos Moinhos de Vento e dos Touros,—e muitas quintas, taes são: —a *Quinta Grande*, do recolhimento do Paço do Conde, de Coimbra,[2]—a das *Barreiras*, de A. Ribeiro,—a *do Cabeço*, de Ludovina Pestana,—a *dos Carritos*, de Nestorio Dias, —a *de Valle de Rosas*, de Francisco Diniz Corte Real,—a *dos Touros*, dos herdeiros de Domingos José Pinto Vianna,—a *do Seixal*, de Joaquim André Guarinho,—a *de Salmanha*, de Jacintho Malheiro,—a *do Toninho*, de Elisio dos Santos Fere,—a *da Boa Vista*, dos herdeiros de José Dias dos Santos,—a de *Fontello*, de Antonio dos Santos Rocha,—a *de Brigões*, dos herdeiros de João Fernandes Thomaz—e a *da Marinha*, de Dolbeth Costa.

—

A povoação de *Villa Verde*, séde da parochia, é muito pittoresca, alegre e saudavel; —tem uma rua soffrivel, denominada *Rua Direita*—e está em uma encosta enxuta e bem lavada dos ares, na margem direita do Mondego, do qual dista cerca de 1 kilometro para N.N.E.,—5 da Figueira para E.,—40 de Coimbra pela estrada real a macadam, n.° 48, e 70 pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte,—163 do Porto—e 287 de Lisboa,—pelas mencionadas linhas ferreas.

Freguezias limitrophes:—Alhadas a N. e E.,—Tavarede ao poente, servindo de linha divisoria o ribeiro de Caceira,—e ao sul o Mondego.

—

Producções dominantes:—vinho bom de meza—e sal, pois tem desde tempos muito remotos boas marinhas, em que se emprega ainda hoje a maior parte da população d'esta freguezia, o que a torna uma das mais importantes do concelho da Figueira.

O sal marinho é uma das principaes riquezas d'este districto e d'este concelho—e é quasi exclusivamente produzido n'esta parochia de *Villa Verde* e na de Lavos.

Suppõe-se que as primeiras salinas do concelho da Figueira foram as de Tavarede, povoação antiquissima! D'ellas se fez menção no contracto celebrado em novembro de 1216 pelo parocho e por dois clerigos da egreja de S. Salvador de Coimbra com o prior e conegos do mosteiro de S. Jorge.

As que demoram na freguezia de Lavos remontam, pelo menos, ao reinado de D. Sancho II, pois em 1236 o convento de S. Jorge e a collegiada de S. Bartholomeu doaram a Domingos Pedro differentes marinhas

[1] O *Port. S. e Prof.* deu-lhe 668 fogos!
Foi erro de imprensa, com toda a certesa.

[2] Logo fallaremos d'ella.

no couto de Lavos com a obrigação de construir mais trinta e seis talhos.

As da *Murraceira*, no termo d'aquella freguezia, foram outr'ora um campo, em que se cultivava milho e outros cereaes e datam de epoca mais recente. Ha documentos que mencionam marinhas ali em 1520, mas a completa transformação da insua teve logar nos seculos XVI e XVII.

V. *Lavos*, *Murraceira* e *Marinhas*.

Tambem ha nos montes d'esta parochia grandes jazigos de pedra calcarea (lioz e marmore) para cantaria e alvenaria e para construcções de toda a ordem.

—

Banham esta freguezia o Mondego,—o ribeiro de Valle da Murta ou *Valmurta*, que rega e fertilisa uma extensa e mimosa veiga contigua á povoação de Villa Verde, e desagua no Mondego,—e os arroios do *Baldio da Alhada*,—do *Barroco*,—da *Barqueira*—e da *Greta*.

O edificio mais notavel d'esta freguezia é a casa nobre da *Quinta Grande*, tambem denomimada *Quinta do Paço do Conde*.

A isto se reduziam os apontamentos que recebi em 1884 do digno administrador d'este concelho, por intermedio do sr. visconde de Guedes Teixeira, governador civil do Porto, aos quaes beijo as mãos agradecido; desejando porem mais algumas noticias da *grandè quinta* e do *Recolhimento do Paço do Conde*, dirigi-me ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*,—o homem que hoje melhor conhece a cidade, o concelho e o districto de Coimbra. Não se fez esperar a sua interessante resposta, que é textualmente a seguinte:

«O *Recolhimento do Paço do Conde*, que ainda existe n'esta cidade, foi fundado pelo bispo-conde D. João de Mello, que governou desde 1684 até 1704.

«Aquellas recolhidas viveram primeiramente em casas arrendadas, e hoje habitam as casas que foram dos condes de Cantanhede e marquezes de Marialva, na rua das Solas, em Coimbra.

«Este recolhimento não teve na sua origem dotação nem rendas proprias. Viveu sómente das esmolas dos bispos até que D. Filippa Thereza de Noronha lhe deixou *sete mil cruzados* para sustento de um capellão, com varios encargos,—e mais *quarenta mil cruzados*, para que, pondo-os á render as recolhidas, tivessem para a sua sustentação 2:000 crusados.

«Com este dinheiro compraram a Filippe Saraiva de Sampaio e Mello um grande praso no *couto* (?!...) *de Villa Verde*, constando de terras, marinhas, foros e rações, por 31:000 crusados e 360$000 réis, ou réis 12:760$000. Compraram mais dois cerrados, uma vinha e uma casa de sobrado, pertencente ao dicto praso, por 500$000 réis.

—

«O *Recolhimento do Paço do Conde* foi fundado principalmente para mulheres convertidas da vida do mundo, debaixo da invocação de *Santa Maria Magdalena*; mas o bispo D. Joaquim da Nazareth julgou conveniente mudar-lhe o instituto. Fez d'elle recolhimento de meninas pobres;—deu-lhe a invocação de *Nossa Senhora das Necessidades do Paço do Conde*—e novos estatutos, que foram approvados pelo referido prelado e mandados executar em 1827.

«No *Conimbricense* de 19 d'agosto de 1873 dei extensa e muito curiosa noticia d'este recolhimento, a qual escrevi á vista dos documentos originaes que existem na dicta casa.»

Ao sr. Joaquim Martins de Carvalho agradeço tão relevante fineza.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz, muito humilde e muito mal tractada,—e a uma capella particular, com a invocação do *Senhor da Columna*, bastante antiga, mas reedificada em 1851, como se lê em uma inscripção que tem na frente e que é textualmente a seguinte:

1851
FOI MANDADA REEDIFICAR
ESTA CAPELLA POR JOAQUIM
PEREIRA PESTANA, PARA JAZIGO DE SUA MÃE.

Na matriz celebra-se com grande pompa a festa de *Nossa Senhora da Graça*, no dia

da *Ascensão* (diz o meu informador) havendo n'esse dia grande romagem e extraordinario concurso de fieis dos povos circumvisinhos, nomeadamente da cidade da Figueira,—concurso que deve augmentar logo que se conclua a estrada municipal a macadam, em via de construcção, entre esta freguezia e aquella cidade.

Alem da dicta estrada tambem passa junto d'esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 48, da Figueira a Coimbra.

—

Tem esta parochia apenas uma aula official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino, regida por um unico professor e frequentada por 200 creanças!...

Com vista aos illustrados vereadores da Figueira.

Ha n'esta freguezia muita abundancia de excellente agua potavel, que tanto escasseia nas margens do Mondego, desde Coimbra até á Figueira—e na propria cidade da Figueira, que no verão se vê obrigada a recorrer a uma fonte bem distante, na margem direita da ribeira de Tavarede—e á propria fonte de Tavarede, distante cerca de 3 kilometros!...

Dizem que a agua da fonte publica da povoação de Villa Verde tem propriedades medicinaes muito apreciaveis para o tratamento de molestias do estomago e do figado.

—

Esta parochia nunca foi villa; mas consta que a povoação de Villa Verde, já existia no seculo XI com o nome de S. Facundo, e que no seculo XVI foi couto, ou gosára os privilegios de *couto de S. Fagundo*!...

Nós, hoje apenas temos noticia de uma povoação denominada *S. Fagundo*, no districto de Coimbra.[1] Estava no termo da extincta villa de Ançã; foi freguezia da apresentação da Universidade e commenda da ordem de Christo; mas não nos consta que fosse *couto* e que estendesse o seu termo até esta freguezia de *Villa Verde*.[1]

Está hoje annexa á freguezia de *Antuzede*, concelho e comarca de Coimbra.

V. *Antuzede* e *Facundo* (*S.*)—e note-se que o meu benemerito antecessor por lapso deu a freguezia de Antuzede annexada á de S. Facundo, devendo dizer—que a freguezia de S. Facundo foi extincta e annexada á de Antuzede.

De passagem diremos tambem que a freguezia de S. Facundo em 1708, alem da sua egreja parochial, comprehendia as aldeias seguintes:—Quintã e Cidreyra com 20 fogos,—Penas Alvas com outros 20 fogos e uma capella publica,—e Jaria com 26 fogos e tres grandes quintas para o lado do Mondego e uma boa capella de Santo Adrião. Ali estava a quinta, mandada fazer pelo insigne theologo D. André d'Almada, com uma grande estatua de Gerião, tendo 3 cabeças e um só corpo com muitas inscripções. V. *Chorogr. Portugueza*, vol. 2.º pag. 34.

No Archivo da Camara Municipal de Coimbra, segundo se lê no *Indice Chronologico* dos seus pergaminhos e foraes, se encontram muitos documentos importantes, relativos á povoação e freguezia de *S. Facundo* ou *Fagundo*, a contar de 1547.

—

N'esta parochia não ha minas em exploração nem simplesmente registradas.

Deve aqui passar o caminho de ferro, em via de construcção, de Lisboa á Figueira pela Marinha Grande e Leiria.

A sua extensão total, entre Torres Vedras e a Figueira, é de 150 kilometros approxi-

---

[1] No districto de Leiria ha differentes aldeias, casaes e quintas com o nome de *Facundo* ou *Fagundo*, modificação de *Sahagum*, como diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, vol. 4.º pag. 467.

[1] Effectivamente a freguezia de *S. Facundo*, no concelho de Coimbra, «nada tem com a freguezia de *Villa Verde*, do concelho da Figueira»—segundo acaba de dizer-nos o sr. Joaquim Martins de Carvalho, em resposta á consulta que lhe dirigimos para tranquillidade da nossa consciencia. Diz tambem: «Nas chorographias d'este districto, ainda as mais minuciosas, não encontro menção de logar ou casal na freguezia de *Villa Verde*, com o nome de *S. Fagundo*.»

Outra vez agradeço a s. ex.ª a bondade com que me atura.

madamente, tendo 12 o ramal d'Alfarellos, para ligação com a linha de ferro do Norte.

Os esclarecimentos que podemos obter com relação ao traçado desde a Marinha Grande até á Figueira, reduzem-se ao seguinte:

A estação da Marinha Grande fica a 3 kilometros da povoação e a 4 1|2 da estação de Pedreanes, podendo continuar a funccionar o actual caminho de ferro americano.

A estação de Leiria fica a 3 kilometros da cidade.

O caminho segue o rio Liz até á frente de Monte Real; segue para Monte Redondo, acompanhando a estrada de Leiria á Figueira; passa de Monte Redondo ao valle de Santo Aleixo, que é atravessado na villa do Paço; vae a Vieirinhos e Silveirinha; segue o valle de Seiça; atravessa a valla real; passa por baixo da Camarinheira e vae ao Moinho do Almoxarife, em frente de Lavos, dirigindo-se para a Figueira pela Gandara, *Villa Verde* e *Salmanha*, ligando-se com a linha da Beira Alta, na passagem de nivel á entrada da Figueira.

—

O ramal de Alfarellos sae do Moinho do Almoxarife,—segue pelas povoações de Revelles, Verride, Cacheiro e Marujal,—atravessa o rio Soure e junta-se á linha do Norte no kilometro 193 (640 a contar de Lisboa).

Até hoje (março de 1886) a construcção d'esta linha não passou de Torres Vedras, mas proseguem os trabalhos com actividade.

Veja-se o artigo *Vias Ferreas*, vol. 10.º pag. 477, col. 2.ª

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca de Mirandella, districto e bispado de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago Santo Apollinario;—fogos 63,—habitantes 260,—não comprehendendo n'esta cifra a população das 2 freguezias, hoje suas annexas:—*Freixeda* e *S. Salvados*.

V. *Freixeda* e *Salvador do Adro*.[1]

Em 1706 esta freguezia de *Villa Verde*, tambem denominada outr'ora *Villa Verde dos Alamões*, segundo se lê na *Chorographia Moderna*, contava 50 fogos e era titulo de uma das 6 commendas de Mirandella—sendo o seu cura apresentado pelo reitor d'aquella villa.

Em 1768 era curato da mesma apresentação,—rendia 30$000 réis para o seu cura—e contava 48 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 55 fogos e 235 almas,—e o de 1878 deu-lhe 60 fogos e 234 habitantes.

—

Tem-se conservado estacionaria a população d'esta freguezia, bem como a da maior parte das freguezias d'este concelho, quasi todas insignificantes e muito pouco populosas.

Contrastam sensivelmente com as d'outros concelhos nossos, pois tendo este concelho de Mirandella 39 freguezias, conta apenas 4:834 fogos e 20:031 habitantes,—emquanto que todo o districto e bispado do Algarve, contando apenas 66 freguezias,—menos do que o dobro das do concelho de Mirandella,—tem 47:247 fogos e 205:901 habitantes—ou uma população cerca de *dez vezes* maior do que a do concelho de Mirandella!...[1]

Só um dos concelhos do Algarve, o de Loulé, comprehendendo apenas *sete freguezias*, conta 7:106 fogos e 31:923 habitantes,—população muito superior á das *trinta e nove* freguezias d'este concelho de Mirandella;—mas só a freguezia de S. Clemente, que forma a villa de Loulé,—hoje a villa mais populosa de todo o nosso paiz e superior em população á maior parte das nossas cidades,—conta 3:337 fogos e 14:862 habitantes!...

Das 39 freguezias d'este concelho de Mirandella—16 não contam 100 fogos, cada uma;—14 apenas contam 100 a 150 fogos;—7 contam 150 a 200,—1 tem 212—e outra (a villa) 476.[2]

---

[1] Na localidade todos dão á dicta parochia o titulo de *S. Salvados*—e não *S. Salvador*, como se lê em quasi todas as chorographias.

---

[1] O bispado de Bragança contando 334 freguezias,—cinco vezes mais do que o do Algarve,—tem 44:697 fogos e 187:675 habitantes, população inferior á do bispado do Algarve.

[2] Todos estes dados são extrahidos do censo de 1878.

Tão pouco populosas são, que das 39 já 17 estão civilmente annexadas a outras, por não terem pessoal nem recursos para sustentarem a sua autonomia.

Do exposto se vê que é da maior urgencia proceder-se a uma nova circumscripção parochial.

Mas prosigamos:

—

Comprehende esta freguezia apenas uma aldeia:—*Villa Verde*,—um mesquinho e pobre templo, denominado egreja matriz—e a capella do *Santo.* [1]

Dista da séde do concelho e da comarca 10 kilometros para E.S.E.—82 de Bragança,—104 da Regoa por Villa Real;—208 do Porto (por Villa Real e Regoa)—e 545 de Lisboa.

Logo que se abra ao tranzito a linha do Tua, prestes a concluir-se, demandará a estação de Mirandella, distante da do Tua, na linha do Douro, cerca de 46 kilometros, e assim deixará de percorrer em diligencia os 94 kilometros de Mirandella até á estação da Regoa,—quando se dirija ao Porto.

—

Freguezias limitrophes:—Val d'Asna, Val da Sancha, Caravellas, Cedães e Frechas.

Não tem estrada alguma a macadam. A que lhe está mais proxima é a real n.º 38, de Chaves a Moncorvo, por Mirandella e Villa Flor.

Banham esta freguezia apenas alguns ribeiros que nascem na serra de Bornes, e desaguam no rio Tua, a 10 kilometros d'esta freguezia, movendo no termo d'ella apenas 2 moinhos.

Producções dominantes:—cereaes, vinho bom de meza e excellente azeite, sendo o seu chão muito proprio para a cultura das oliveiras, cuja producção aqui é normal ainda, emquanto que a do vinho é já muito diminuta e tende a desapparecer, bem como no Alto Douro e em toda esta provincia de Traz-os-Montes, por causa da maldicta phylloxera e das outras muitas doenças que actualmente perseguem os nossos vinhedos.

V. *Villa Flor, Villa Real de Traz os Montes, Villarinho de Cotias* e *Villarinho de S. Romão.*

Diz a *Chorogr. Port.* que esta parochia tinha 8 fontes e uma capella—e que no seu termo houve minas de prata e povoação de mouros, das quaes ainda em 1706 restavam claros vestigios.

Parochias annexas

1.ª—*Freixeda*, concelho e comarca de Mirandella, districto e bispado de Bragança.

Orago Santo André.

Ao que já se disse no titulo *Freixeda*, (a 1.ª) vol. 3.º pag. 230, col.ª 2.ª, accrescentaremos o seguinte:

—

Foi reitoria e hoje é um simples curato, onde tem um coadjutor o parocho de Villa Verde.

Em 1706 contava 80 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 68 fogos e 228 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 70 fogos e 326 habitantes.

Demora entre montes, na margem esquerda do Tua, do qual dista 6 kilometros para o nascente,—5 de Villa Verde, para o sul, —12 de Mirandella—e 40 da estação de Tua, na linha ferrea do Douro, hoje a mais proxima, passa porem a 6 kilometros da povoação da Freixeda a nova linha ferrea do valle do Tua, em construcção na actualidade.

As freguezias limitrophes eram:—Val da Sancha, a S.E.,—Frechas a O.S.O,—Salvados a N.O.—e Caravellas a N.E.

—

Passa n'esta freguezia a estrada real n.º 38, de Chaves e Mirandella a Villa Flor e Moncorvo.

Tem apenas uma povoação,—a de Freixeda,—e n'ella um pequeno e pobre templo que foi a sua matriz.

Banham esta parochia o Tua, que a limita ao poente,—e um ribeiro que morre no Tua, sem mover azenhas nem moinhos.

Producções dominantes:—cereaes de todas as qualidades,—algum vinho—e muito azeite.

Os maiores proprietarios d'esta freguezia são os *Pimenteis*, de Bornes, concelho de

[1] Al não dizem os meus apontamentos.

Macedo de Cavalleiros. Aqui possuem muitas propriedades e grandes olivaes, pelo que mandaram aqui montar uma prensa do novo systema para fabrico do azeite.

—

Esta parochia foi uma das seis commendas que a ordem de Christo teve no concelho de Mirandella. Pertencia aos condes d'Alvor.

Tem muitas fontes de boa agua e a de uma que nasce no monte denominado do *Concelho* é tão fria que, mettendo n'ella um quarto de carneiro durante meia hora, apenas lhe deixa os ossos nus,—diz o padre Carvalho—e accrescenta que houve aqui exploração de minas de prata, como revelam uns buracos e cavidades que se veem no *Cabeço Figueiro* e junto d'um regato proximo as ruinas d'um casarão, onde (diz a lenda) se apurava e fundia o minerio.

Tambem nos sitios de *Val de Mouro* e *Murado* se vêem ruinas de povoações antiquissimas, talvez dos mouros, como diz o povo. [1]

A outra annexa

2.ª—*S. Salvador* (censo de 1878)—ou *S. Salvados* (censo de 1864)—ou *S. Salvado* (*Chorogr. Port.*)—concelho e comarca de Mirandella.

Reitoria extincta.

Orago a *Transfiguração*,—segundo se lê nos 2 censos e nas chorographias que me cercam; mas o meu antecessor, baseado não sabemos em que, deu-lhe o titulo de *S. Salvador do Adro* (Vide) e como orago *S. Salvador* [2].

[1] Almeida, no seu *Diccionario Chorographico*, deslocou estas noticias, dando-as na freguezia da *Freixeda* (orago S. Nicolau) concelho de Bragança, pelo que o meu antecessor cahiu tambem no mesmo lapso!...

Nem nós temos freguezia alguma com o titulo de *S. Nicolau* de Freixeda.

Tivemos uma tambem denominada *Freixeda*, no concelho de Bragança; mas o seu orago era *S. Silvestre* e já em 1706 se achava extincta, como hoje está, e annexa á freguezia de *Salsas*, sendo o orago d'esta *S. Nicolau*. D'aqui provem o equivoco.

[2] J. A. d'Almeida tambem a denominou S. Salvador *do Adro*, mas deu-lhe como orago a *Transfiguração*.

Tambem lhe attribuiu o foral que D. Diniz deu em 11 de novembro de 1290 á aldeia de *Picanal*, da freguezia de *S. Salvador da Pena*, interpretando assim a laconica indicação que sob o titulo *Picanal* se encontra em Franklim; mas estamos certos de que o dicto foral pertence á povoação denominada *Picanhol*, da freguezia de *S. Salvador da Ribeira de Pena*, hoje uma das duas, que constituem a séde do concelho d'este nome, no districto de Villa Real. É a dicta aldeia de *Picanhol* uma das mais importantes entre as muitas d'aquella populosa freguezia, e tem a dicta povoação tambem uma boa quinta e casa nobre, denominadas *Picanhol*,—quinta e casa que em 1706 pertenciam ao capitão-mór Francisco Pacheco d'Andrade.

V. *Ribeira de Pena*, n'este diccionario e na *Chorographia Portugueza*, tomo 1.º pag. 170,—e *Salvador* na *Chorographia Moderna*, tomo 1.º pag. 721, onde se encontram mencionadas todas as aldeias, quintas e casaes da freguezia de *S. Salvador de Ribeira de Pena*;—mas quem quizer liquidar a questão procure e leia o proprio foral.

—

A extincta parochia de Salvados foi reitoria da apresentação do reitor de Mirandella e hoje está, como dissemos, annexada á de Villa Verde, cujo parocho ali tem um cura ou coadjutor, a quem paga para o auxiliar na administração dos sacramentos.

Em 1706 contava 80 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 387 almas,—o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 346 almas—e os apontamentos que d'ali me enviaram dão-lhe 86 fogos e 355 almas.

Tem uma povoação unica, a séde da antiga parochia, e n'ella um pequeno e humilde templo, que foi a sua egreja matriz.

Não tem capella alguma.

Producções dominantes:—cereaes, azeite e vinho,—tudo em pequena quantidade, tendendo a producção do vinho a extinguir-se como já dissemos no topico supra, relativo a *Villa Verde*.

—

Demora na margem esquerda do Tua, do qual dista 3 kilometros,—4 de Villa Verde, sua matriz actual, para S.O.—7 de Miran-

della para S.S.E.—e 38 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, hoje a mais proxima, emquanto se não abre ao tranzito a linha do Tua, que passa ao poente d'esta freguezia.

Tambem aqui passa a estrada real a macadam n.º 38, de Chaves e Mirandella para Villa Flor e Moncorvo.

Freguezias limitrophes: — Mirandella,— Villa Verde, da qual é hoje parte integrante, —Frechas—e Marmellos além do Tua, que limita e banha esta freguezia de S. Salvados, a oeste.

Tambem é banhada por um pequeno ribeiro, que nasce em Villa Verde e morre no Tua.

Tem uma aula de instrucção primaria para o sexo masculino.

O meu illustrado informador conclue dizendo:

«Aqui falleceu, ha perto de setenta annos, um individuo de grande saber e merecimento,—por nome D. Antonio, bispo de Bragança, para onde foi conduzido o seu cadaver.

«A opinião publica diz que era santo.»

Posto que este diccionario vae assumindo grandes dimensões, não podemos resistir á tentação de dar algum desenvolvimento á noticia supra, pois felizmente não nos é estranho o inclito varão, a quem ella se refere:

D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara

Não nos propomos escrever a biographia d'este prelado que, pela sua grande illustração e virtudes e pelas contradicções e perseguições que soffreu com resignação evangelica, se não foi um *santo* e *martyr*, foi um dos vultos mais proeminentes do episcopado portuguez e daria honra e lustre aos seculos dourados do christianismo.

Escasseiam-nos as forças para tão levantada empresa e a veneração que prestamos ás cinzas de D. Antonio emmudece-nos. Nem elle necessita de que nós o biographemos, tendo sido biographado por Fr. Simão da Rainha Santa, seu contemporaneo, seu familiar e seu discipulo, cuja illustração e piedade ninguem contesta,—por Fr. Antonio de Jesus, tambem seu contemporaneo, fundador do convento da Falperra,—pelo sr. Manuel Antonio Pires, illustrado conego—professor de Bragança, filho de uma piedosa senhora que foi contemporanea e dirigida de D. Antonio, —e pelo sr. conde de Samodães, o nosso primeiro escriptor catholico na actualidade, que lhe dedicou uma longa série de folhetins no jornal *A Palavra*, desde o n.º 73 de 8 de setembro de 1885, até o n.º 125 de 7 de novembro do mesmo anno.

Bem quizeramos pois abster-nos de fallar de D. Antonio, mas a nossa posição nos obriga.

—

D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara nasceu em Vianna do Castello no dia 10 de novembro de 1758 e foi o ultimo [1] de 19 filhos que tiveram seus paes, Francisco da Veiga Cabral e Camara, tenente general, e D. Rosa Gabriela de Moraes Pimentel.

Apenas teve professores de instrucção primaria, latim e francez; mas era tal o seu talento e o seu amor ao estudo que, a sós com os livros, em poucos annos obteve uma assombrosa erudição em quasi todos os ramos de sciencias—e era tal a sua memoria que aos doze annos repetia de cór cantos inteiros de Virgilio, odes de Horacio, discursos de Cicero e largos trechos de tudo quanto lia?!...

Foi um theologo profundo versado em differentes linguas e nos classicos portuguezes, francezes, gregos e latinos.

—

Tendo pronunciada vocação para o estado ecclesiastico, ordenou-se com dispensa de edade e de intersticios e logo lhe foi dada a egreja de Mofreita, no concelho de Vinhaes, onde parochiou dez annos, edificando e assombrando a todos com o seu zelo, caridade e piedade, pelo que o bispo de Bragança, D. Bernardo Pinto Ribeiro de Seixas o propoz para seu coadjutor e futuro successor.

Foi confirmado em junho de 1793;—tomou posse do bispado, já *sede vacante*, no

[1] Francisco Antonio da Veiga Cabral, o primogenito, foi governador da India.

dia 5 de janeiro do anno seguinte, contando apenas 35 annos de edade,—e falleceu n'esta freguezia de S. Salvados, concelho de Mirandella, no dia 13 de junho de 1819—*com opinião de santo*—como diz o meu informador,—e *martyr* de desgostos e perseguições de toda a ordem!...

Deus o tenha em bom logar e perdôe a quem tanto o calumniou e perseguiu.

—

O seu longo episcopado foi uma série constante de tribulações, que elle heroicamente supportou, mas que o impediram de realisar muitos dos seus planos em pró da sua diocese e lhe abreviaram a existencia.

A piedade, a caridade, o zelo pela salvação das almas e o seu exemplar comportamento, que tanto o distinguiram no verdor dos annos como parocho de Mofreita, mais se apuraram e o distinguiram no episcopado; mas nunca faltaram inimigos e detractores aos homens da maior virtude, e elle não foi excepção.

Assim como os judeus prenderam e crucificaram o prototypo da bondade—e os impios d'outras eras perseguiram e trucidaram tantos santos e martyres,—assim tambem D. Antonio foi cruelmente perseguido, preso e desterrado!...

Primeiramente enviaram-no sob custodia para Lisboa, onde o detiveram 12 annos, desde 1799 até 1811. Restituido á sua diocese, foi pouco depois preso e mettido no convento do Bussaco, onde esteve 2 annos, até que a instancias do romano pontifice foi solto e volveu segunda vez á sua diocese, mas tão doente e alquebrado de forças que, por conselho dos facultativos, estando no rigor do inverno, teve de deixar Bragança e procurar outro clima um pouco mais doce.

—

A 11 de janeiro de 1819 sahiu de Bragança *em um carro tirado por bois* e no dia 14 do mesmo mez chegou á freguezia de S. Salvados, onde falleceu, como já dissemos, no dia 13 de junho do mesmo anno, pelas 3 horas da madrugada.

Apenas chegou a Bragança a noticia, vieram a S. Salvados dois deputados do cabido e a primeira coisa que fizeram foi—apoderarem-se dos muitos e preciosos manuscriptos do prelado e (*credite posteri*)—lançaram-nos ás chammas!...

Embalsamado o cadaver, foi ao quinto dia transportado para Bragança com numeroso acompanhamento de fieis, pranteando todos tão grande perda.

Os seus detractores,[1] a quem tanta luz cegava e tanta superioridade offendia, taxaram-no de *louco* e *visionario*,—mas todos reconheceram sempre a sua espantosa erudição e nunca poderam apontar e menos ainda provar a mais leve mancha no seu longo tirocinio de parocho e de prelado.

Por seu turno os apologistas de D. Antonio,—caracteres respeitabilissimos, como indicamos supra,—apontam-no como homem verdadeiramente extraordinario pela sua espantosa erudição,—pela sua piedade e caridade—e pela sua resignação e virtudes, caracterisando-o como varão justo e santo —e como santo foi sempre considerado pelo povo, que de grandes distancias, mesmo da Hespanha, corria a vel-o e ouvil-o, attribuindo-lhe o *dom dos milagres!...*

—

Fr. Simão da Rainha Santa chegou a sollicitar a canonisação, ou pelo menos a beatificação de D. Antonio—e são estes os vivos desejos dos piedosos fieis de Bragança.

Entre as obras de piedade de D. Antonio avultam dois recolhimentos de *Oblatas do Menino Jesus*, que o santo bispo fundou com os maiores sacrificios,—um em Mofreita, outro no Loreto, junto de Bragança, e[2] que

---

[1] Entre os seus contemporaneos distinguiram-se o abbade de Rebordãos, Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, e o de Medrões, Joaquim Antonio de Miranda. D'este ultimo possuimos copia d'uma celebre *carta* que escreveu contra D. Antonio e que foi publicada no *Conimbricense*, n.º 2:416 de 20 de setembro de 1870, até o n.º 2:425 de 22 d'outubro do mesmo anno.

Póde ver-se a plena refutação da dicta *carta* nos folhetins de que já fizemos menção e que o sr. conde de Samodães publicou na *Palavra*.

[2] Este ultimo foi transferido para a extincta parochia de *Fornos de Ledra*, (Vide) hoje annexa á de *Guide*, no concelho de Mirandella.

ainda hoje são dois monumentos venerandos,—as primeiras casas de educação em toda a provincia de Traz os Montes.

Concluiremos este topico dizendo que no recolhimento de Mofreita se guarda como reliquia o craneo do fundador—e que ainda hoje (março de 1886) vive um rev. ancião, que foi contemporaneo de D. Antonio e o conheceu e tractou muito de perto;—é o padre Antonio José Marques, dignissimo parocho actual d'esta freguezia de Villa Verde e das suas annexas,—Freixeda e *S. Salvados.*

Conta cerca de 88 annos de edade!...

VILLA VERDE, ou **VILLA VERDE E PRADA**,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Miguel Archanjo.

Reitoria.

Fogos:—na povoação de Villa Verde, antiga parochia d'este titulo, 87,—e na povoação de *Prada*, antiga parochia, hoje extincta e sua annexa, 25,—total:—fogos 112,—habitantes 470,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o sr. Emiliano Antonio de Sousa, meu illustrado e consciencioso informador; mas o *Port. S. e Profano*, em 1768 deu ás duas parochias, já então unidas, 72 fogos e 50$000 réis de rendimento para o seu reitor, que era da apresentação alternativa do papa e do prelado;—o censo de 1864 deu-lhes 109 fogos e 421 habitantes—e o de 1878 deu-lhes 122 fogos e 516 habitantes.

—

Villa Verde em 1706 era reitoria e commenda da ordem de Christo;—pertencia ao concelho da villa de Paço, ou Passô, ou Val de Paçô, comarca de Miranda (V. *Paçô*, a 1.ª vol. 6.º pag. 375, col. 2.ª); tinha annexa a freguezia de Santa Marinha de Quintella, curato da apresentação do reitor de Villa Verde e que em 1768[1], segundo se lê no *Port. Sacro e Prof.* era da apresentação do parocho de Santa Marinha (do Pinheiro Novo, me parece) n'aquelle tempo tambem simples curato da apresentação do abbade de Quiraz.

A mencionada parochia de Santa Marinha de Quintella foi extincta e hoje é uma simples povoação da freguezia de Paço, ou Paçô, ou Paço de Vinhaes, indicada supra.[1]

Este bispado de Bragança é um labyrintho para os choro-phos!...

Contando 334 freguezias, tem uma população inferior ás do Algarve, que apenas conta 66, como dissemos no artigo antecedente. E aquellas 334 freguezias representam mais de 400, porque quasi todas comprehendem freguezias annexas extinctas, que teem andado e andam em continuo vae-vem ao som das influencias locaes, mudando constantemente de matriz!

É já muito grande a confusão no momento e maior será no futuro, porque infelizmente esta provincia de Traz-os-Montes, depois que a phylloxera anniquilou os vinhedos, que constituiam a sua principal riqueza, é uma das mais pobres do nosso paiz e, se já se extinguiram muitas das suas parochias, mais se hão de extinguir em praso breve.

V. *Villa Real de Traz os-Montes* n'este diccionario e *Bragança* no supplemento.

Demora a povoação de Villa Verde na margem direita do rio Tuella, que um pouco mais abaixo toma o nome de Tua, confluente do Douro;—dista de Vinhaes 4 kilometros para E.N.E.,—28 de Bragança para O.N.O.,—93 de Mirandella, em diligencia por Bra-

[1] O meu antecessor disse 1757. Foi lapso. V. *Quintella*, vol. 8.º, pag. 34, col. 2.ª

[1] Tambem hoje (março de 1886) esta freguezia de *Villa Verde* está ecclesiasticamente unida á de Paçô,—segundo me diz *á ultima hora* o meu informador.

gança;—140 da estação do Tua na linha ferrea do Douro e pela linha ferrea do Tua, prestes a concluir-se;—279 do Porto, pelas linhas ferreas do Tua e do Douro,—e 616 de Lisboa.

Comprehende esta freguezia apenas a povoação de *Villa Verde*,[1] séde da parochia,—e a de *Prada*, parochia extincta e sua annexa, cujo orago foi Nossa Senhora da Natividade e ainda se venera na sua velha matriz, pequeno e pobre templo de uma só nave, hoje em grande abandono.

A egreja matriz de Villa Verde é tambem de uma só nave e templo bastante singelo, mas bem conservado, com altar-mór, 2 collateraes e bons paramentos e alfaias.

A povoação de Villa Verde dista da de Prada apenas um kilometro.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.º 37, de Vinhaes a Bragança, concluida em 1883 e servida por diligencias.

Freguezias limitrophes:—Paçô a leste;—Vinhaes a S. e O;—e Travanca a N.

—

Producções dominantes:—cereaes, batatas e castanhas. Tambem cria bastante gado de todas as especies—e os seus montes abundam em caça miuda—lebres, coelhos e perdizes,—e em caça grossa:—javalis, lobos e raposas.

Tambem colheu bastante vinho, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos,—e colhe muito bom peixe no rio Tuella.

Clima temperado, mais frio do que quente, e chão muito fertil, abundante de excellente agua potavel e de rega.

O parocho, além do pé d'altar, recebe réis 100$000 de congrua em dinheiro e as *offertas:* e um alqueire (17 litros) de centeio de cada fogo.

Os habitantes d'esta freguezia são muito laboriosos.

Nunca foi villa, mas gosou dos foraes que D. Manuel e D. Diniz deram á villa de Paço ou Paçô, indicada supra, a cujo termo pertencia.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião de Vinhaes e cavalheiro respeitabilissimo, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA VERDE—quinta das mais importantes no concelho de Mezãofrio, dentro da mimosissima e fertilissima região denominada *coração do Douro*. V. *Villa Jusã*, freguezia d'este concelho, na qual e na de Santa Christina de Mezãofrio demora este grande predio.

Foi comprada em 1838 ao 1.º barão de Fornellos pelo 1.º visconde de Villa Verde, que em 1854 d'ella tomou o titulo.

Confina com o rio Douro (margem direita) e a sua producção principal é vinho de feitoria ou de exportação do melhor do Baixo Douro; mas produz tambem bastante azeite e fructa saborosissima, pois tem muita agua potavel e de rega, bons campos e formosos pomares de espinho e de carôço.

É atravessada ao norte pela estrada real a macadam do Porto á villa da Regoa e tem sobre a dicta estrada, a menos de 1 kilometro da Villa de Mezãofrio, uma boa casa com seu jardim e amplas vistas sobre o Douro, dominando grande extensão d'este rio e das suas encantadoras margens desde Mezãofrio até ás proximidades de Lamego, que são um continuado jardim.

—

Desce até á margem do Douro;—ao longo d'elle é atravessada pela via ferrea na extensão de 1:300 metros;—tem uma boa estrada privativa desde as casas nobres até o Douro—e junto d'este um grande edificio com os armazens, lagares e outras officinas, mandado fazer em 1839 pelo 1.º visconde de Villa Verde, e que é um dos melhores edificios do paiz vinhateiro, no seu genero.

Comprehende 6 lagares rectangulares de boa cantaria de granito da lotação de 20 pipas cada um;—em nivel inferior, mas contiguo aos lagares, está o armazem com magnificos toneis, alguns de 30 e 40 pipas, que por uma boa canalisação recebem o vinho directamente dos lagares,—e tem junto d'este armazem outro da lotação de mil pipas.

A esta quinta, toda circuitada de altos muros, está unida a das *Quintãs*, que prende

[1] É tambem denominada *Villa Verde de Vez*, ou *de Vinhaes*.

com a villa de Mezãofrio e tem sobre a dicta estrada real espaçosa e elegante casa de residencia com capella.

Pertencem hoje estas duas quintas ao 2.º visconde de Villa Verde, a quem foram doadas com outros bens por sua tia, a 1.ª viscondessa de Villa Verde, em 1864.

—

Constituem estas duas quintas uma das melhores propriedades do Douro.

Já produziram 200 pipas de vinho e hoje produzirão 100; mas é tambem importante o seu rendimento em foros, fructa, azeite, cereaes, baga de sabugueiro e canas, sendo estas vendidas para pentes de tear, que no concelho de Rezende se fabricam e d'ali se exportam para a Hespanha, em grande escala.

—

O 1.º visconde de Villa Verde, Custodio Pinheiro da Silva, era natural de Mezãofrio e falleceu em 1863 sem successão.

Foi vereador no Porto, onde viveu e casou com D. Joanna Maria da Silva Campeão, tia da 1.ª baroneza de Fornellos, e irmã do dr. Bernardo Campeão, physico-mór do reino, um dos homens a quem mais deve a Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Em 1851 foi feito barão de Villa Verde, —visconde (1.º) do mesmo titulo em 1854 —e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição em 1853.

Em 1864 foi feito 2.º visconde de Villa Verde Fernando da Silva Pereira dos Santos, natural do Porto, onde nasceu na freguezia de Santo Ildefonso, em 23 de junho de 1861, sobrinho da 1.ª viscondessa do mesmo titulo e hoje (1866) ainda solteiro, bacharel formado em philosophia e em mathematica, estudante distincto com as honras de *accessit* e premios.

É filho do

2.º barão de Fornellos, Fernando Maria Pereira dos Santos, natural de Rezende e morador em Mezãofrio, mas ora residente em Coimbra, onde é governador civil substituto e está tractando da educação litteraria dos seus filhos.

Foi-lhe dado o nome de *Fernando Maria*, por terem sido seus padrinhos el-rei D. Fernando e sua esposa a rainha D. Maria II, por procuração dada ao bispo do Porto D. Jeronymo José da Costa Rebello e ao conde de Villa Flor, depois duque da Terceira.

É moço fidalgo com exercicio no paço, fidalgo cavalleiro, guarda-roupa de S. M. o sr. D. Luiz I, e cavalleiro da ordem do Santo Sepulchro.

Foi feito barão de Fornellos em 1864 e é filho do 1.º barão d'este titulo.

Nasceu em 7 de maio de 1839; — em 28 d'abril de 1855 casou com D. Emilia Augusta Pereira dos Santos, sua prima direita — e d'este consorcio tiveram os filhos seguintes:

—José Augusto, fiscal da contribuição do sello em Braga.

—Fernando da Silva Pereira dos Santos, 2.º visconde de Villa Verde.

—Alvaro Maria de Fornellos, hoje alumno do 2.º anno juridico.

—Augusto da Silva Pereira de Fornellos.

—Albano S. P. Fornellos.

—Alberto S. P. Fornellos e

—D. Maria Magdalena S. P. Fornellos, todos ainda solteiros.

—

O 1.º barão de Fornellos, José Joaquim Pereira dos Santos, tomou o titulo da sua quinta de *Fornellos*, sita em Anreade, freguezia do concelho de Rezende, e que se compõe de vastos predios rusticos e urbanos e de um bom palacete brazonado, com capella.

Deixou uma fortuna superior a 400 contos de réis.

Nasceu na freguezia de Rezende e falleceu em 9 de janeiro de 1852.

Foi fidalgo cavalleiro, commendador da ordem de Christo,—tenente coronel de um dos batalhões moveis da Beira—e agraciado com o titulo de barão de Fornellos em 15 de agosto de 1851.

—

Teve os filhos seguintes:

—D. Emilia da Silva Portugal Correia de Lacerda, hoje viuva do general Frederico Augusto d'Almeida e Araujo Portugal Correia de Lacerda.

—D. Guilhermina Julia da Silva Brito e

Cunha, hoje viuva de Antonio Bernardo de Brito e Cunha, chefe de serviço da alfandega do Porto.

—D. Maria José Pereira dos Santos e

—D. Virginia Amelia Pereira dos Santos, ainda solteiras, e

—Fernando Maria, o 2.° barão de Fornellos.

Era muito liberal, bem como seu irmão fr. Joaquim, abbade no convento dos Jeronymos de Belem, conego da Sé de Lisboa e um dos presos politicos que em 1828 a 1833 entulharam as cadeias de Lamego e Vizeu, logrando fugir d'esta ultima, depois de condemnado á morte!...

—

O 1.° barão de Fornellos tambem obteve por compra o palacete de *Saes* ou *Ossaes* [1] (V. *Rezende*, vol. 8.° pag. 160, col. 2.ª) hoje de sua filha D. Maria José, ainda solteira, que n'elle vive, senhora primorosamente educada, harpista insigne e tão religiosa que no dicto palacete fez uma linda capella, dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, e montou um *Azylo de infancia desvalida*, onde actualmente (1886) sustenta e educa 20 meninas internas e 70 externas.

Deus lhe pague em bençãos tanta caridade.

O brasão do barão de Fornellos é um escudo esquartellado, tendo no superior da direita uma cruz de prata florida, em campo carmezim—e no superior da esquerda um leão carmezim, armado de azul e rompente, sobre campo de prata. Assim os contrarios—e por timbre uma cruz carmezim, florida e vazia, entre duas azas de aguia douradas.

VILLA VERDE—villa, freguezia e séde do concelho e da comarca d'este nome, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Paio;—fogos 270,—habitantes 1:115.

Em 1706 era abbadia da apresentação do conde de Figueiró, descendente de Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor do antigo concelho de *Villa Chã*, ao qual pertencia esta parochia;—rendia para o abbade réis 150$000—e contava 68 fogos.

Em 1768 era abbadia da apresentação dos condes de Villa Nova de Portimão, depois marquezes d'Abrantes,—rendia 290$000 rs.—e contava 83 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 259 fogos e 1:009 almas—e o de 1878 deu-lhe 246 fogos e 1:013 almas.

Comprehende as povoações seguintes:—*Villa Verde*, séde da parochia, do concelho e da comarca,—Bouça, Egreja, Podome, Quintas, Reguengo, Cagide, Oliveira, Carvalhosa, Fáfias, Monte, Monte de Cima, Campo da Feira, Cachada e a quinta da Torre, que foi do conde do Casal.

—

Freguezias limitrophes:—Geme, ao norte;—Barbudo (hoje extincta e annexa á de Parada) a O.;—Loureira, ao sul—e a leste o rio Homem (margem direita) do qual a povoação de Villa Verde dista 4 $^1/_2$ kilometros,—11 de Braga,—66 do Porto—e 403 de Lisboa.

Corta esta freguezia e a povoação de Villa Verde a estrada real n.° 3 do Porto a Valença do Minho por Braga, Villa Verde, Pico de Regalados, Ponte da Barca, Arcos de Val de Vez, Brejoeira e Monsão, servida por diligencias desde Valença até Braga—e de Braga até o Porto substituida pelo caminho de ferro do Minho.

Partem da dicta estrada n'esta freguezia dois ramaes:—um é a estrada districtal de Villa Verde a Oriz,—outro é a estrada municipal de Villa Verde a Pedragaes.

Cortam e servem tambem este concelho as seguintes estradas a macadam:

—Real n.° 27, de Braga a Ponte de Lima e que atravessa o rio Cavado na grande ponte do *Prado*, já descripta sob este titulo, vol. 7.° pag. 652, col. 1.ª e 655, col. 1.ª tambem.

—Districtal n.° 5, de Barcellos a Montalegre, passando pelas freguezias de Soutello, Prado e Cabanellas, todas d'este concelho de Villa Verde.

—Districtal, estudada, de Villa Verde á *Ponte dos Corvos*, a entroncar na real n.° 27, de Braga a Ponte de Lima e Vianna.

---

[1] Este palacete foi da nobre familia *Leites*, mencionada no art. *Mondim da Beira*, vol. 5.° pag. 398.

Fica assim rectificado o que do dicto palacete disse o meu antecessor no artigo *Rezende*.

—Municipal, da freguezia de Athães á dicta estrada real n.º 27, a entroncar no logar de *Febros*, freguezia da Lage.

Tem pois este concelho uma boa rede de estradas novas, que lhe dão muita vida,—e muitas pontes de pedra, entre as quaes avultam duas:—a ponte do *Prado* e a

Ponte do Bico

Encontra-se esta ponte monumental entre Braga e Villa Verde, na estrada real n.º 3, sobre os dois rios Homem e Cavado, atravessando-os poucos metros a montante do sitio em que o 1.º entra e morre no 2.º

As duas pontes, que são de bello granito com grandes arcos, ficam muito proximas uma da outra, pois mette-se de permeio apenas um pequeno espaço de terreno que ali separa os dois rios, formando um angulo agudo, especie de *bico*, pertencente á freguezia que d'elle (bem como a grande ponte) tomou o nome de *Bico*, e é do concelho de Amares.

As duas pontes simulam uma só, porque ficaram em linha recta com guardas ininterruptas de granito desde a extremidade da avenida direita do rio Homem até á extremidade da avenida esquerda do Cavado.

De um ao outro dos dictos ponctos teem cerca de 600 metros d'extensão, comprehendendo as quatro avenidas das duas pontes,—os 2 rios—e a lingoeta de terreno que os separa.

É todo este pittoresco, magestoso e muito vistoso conjuncto denominado *Ponte do Bico*, que abrange *tres concelhos*, pois a margem direita do rio Homem pertence ao concelho de Villa Verde,—a margem esquerda do Cavado pertence ao concelho de Braga—e a direita do Cavado e a esquerda do Homem pertencem ao concelho de Amares!..:

—

Villa Verde, a séde d'esta parochia, d'este concelho e d'esta comarca, é uma povoação muito antiga, alegre, vistosa, bem situada e bem servida por estradas a macadam de toda a ordem;—tem um bom largo para as suas grandes feiras,—bons estabelecimentos commerciaes e bons edificios, entre os quaes avultam os seus novos e magestosos paços do concelho;—é finalmente uma povoação de muita vida e muito importante. Basta notar-se que é a séde de um concelho de 58 freguezias com 7:685 fogos e 31:394 habitantes,—séde de uma comarca de 1.ª classe, formada pelo concelho de Villa Verde,—pelo de Amares, que tem 24 freguezias com 2:890 fogos e 12:066 habitantes,—e pelo de Terras de Bouro com 17 freguezias, 1:886 fogos e 8:205 habitantes, comprehendendo ao todo esta comarca 3 concelhos, 99 freguezias e 12:443 fogos com a bagatella de 36:817 habitantes,—segundo o recenseamento de 1878, mas que hoje devem passar de 50:000!...

—

É pois muito importante esta villa hoje—e mais importante será em praso breve:—mas toda a sua importancia data de 1855, ou da creação d'este grande concelho pelo decreto de 24 d'outubro do dicto anno.

Até áquella data esta villa pertenceu ao extincto e antiquissimo concelho de *Villa Chã*, que soffreu diversas modificações desde a sua creação até que foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando para este de Villa Verde, com outras muitas, as 9 freguezias que o constituiam e eram as seguintes:—esta de Villa Verde e as de S. Miguel e S. Thiago de Carreiras, Doçãos, Nevogilde, Esqueiros, Travassos, Loureira e Barbudo, hoje extincta e annexa á de Parada.

—

Em 1706 já Villa Verde tinha uma importante feira no dia 13 de cada mez e suppomos que era a séde do concelho de *Villa Chã*, villa e povoação antiquissima, outr'ora muito honrada e privilegiada, pois teve *foral velho* dado por D. Affonso III em outubro de 1217 [1], segundo se lê na *Memoria dos Foraes* por Franklim, e *foral novo*, dado por D. Mauuel a 6 d'outubro de 1514,—emquanto que hoje a extincta Villa Chã é uma simples aldeia da freguezia de S. Thiago das Carreiras e já nem vestigios conserva dos

---

[1] Aqui ha lapso, porque D. Affonso III reinou de 1248 a 1279.

paços do concelho nem do seu pelourinho.

O foral que lhe deu D. Manuel comprehendia as terras seguintes:—Parada, Barbudo, hoje parochia extincta e annexa á de Parada, *Cãos* (?)—S. Miguel e S. Thiago de Carreiras, Quintães, hoje aldeia da freguezia de S. Thiago de Carreiras, Nevogilde e *Sequeiros*, hoje a freguezia de Esqueiros.

—

Não mencionava a pobre *Villa Verde*—nem esta villa teve nunca foral proprio; mas é povoação muito antiga, pois como se disse em *Aboim da Nobrega*, vol. 1.º pag. 15, foi da ordem de Malta até 1260, data em que D. Affonso Pires Farinha, prior do Crato, a doou a D. João de Aboim, rico-homem do tempo de D. Affonso III;—e foi tambem muito privilegiada, por ser comprehendida no grande couto das *Terras de Nobrega*, como se vê do foral que em 24 d'outubro de 1513 D. Manuel deu á villa de *Nobrega*, séde do grande couto, hoje tambem reduzida a uma simples aldeia da freguezia de *Aboim da Nobrega*, d'este concelho de Villa Verde.

Para evitarmos repetições, v. *Nobrega*.

Este grande concelho actual de *Villa Verde* representa ainda outros muitos além d'aquelles dois, taes são:

3.º—O de *Larim*, villa outr'ora muito privilegiada e considerada, pois teve foral proprio; mas hoje é tambem uma pobre aldeia da freguezia de Soutello, margem direita do Cavado, n'este concelho de Villa Verde e não no de *Terras de Bouro*, como disse por lapso o meu antecessor no artigo *Larim*.

Está a dicta aldeia de *Larim* a jusante do sanctuario de *Nossa Senhora do Alivio*.

Este concelho foi extincto ha muito e unido ao de Villa Chã, que por isso tomou a denominação de concelho de *Villa Chã e Larim*, e tambem a de *Villa Verde*, depois que passou para Villa Verde (não sabemos quando) a séde do concelho de Villa Chã,—muitos annos antes de 1855, data da creação do concelho e da comarca actual de Villa Verde.

4.º—*Concelho do Prado* e que tinha por séde a villa d'este nome, hoje simplesmente séde da parochia de Santa Maria do Prado.

5.º—*Concelho de Pico de Regalados* e que tinha por séde a villa d'este nome, hoje tambem simplesmente séde da freguezia de Pico de Regalados.

6.º—Concelho de *Portella das Cabras*, cuja séde esteve na villa d'este nome, hoje simples aldeia da freguezia de S. Salvador de Portella, d'este concelho de Villa Verde.

Comprehendia as parochias de Portella, Pedragaes, Arcozello, Marrancos, Godinhaços, Rio Mau e Goães, hoje todas d'este concelho de Villa Verde,—e Santo Estevam de Villar, hoje do concelho de Ponte de Lima.

V. *Portella* (a 2.ª) vol. 7.º pag. 244, col. 1.ª—e, aproveitando o ensejo, rectificaremos dois lapsos que ali se encontram:

1.º—Que esta freguezia de *Portella*, concelho de Villa Verde, não *fica proxima da raia da Galisa*, mas muito distante.

2.º—Que o foral d'esta freguezia e d'este concelho não é o que D. Affonso III deu em 1260 a *Portella de Leitões*, simples casal no termo de Vermoim, mas o que D. Manuel deu ao concelho, de que vamos fallar.

—

7.º—*Concelho de Penella*, ou de *Albergaria de Penella*, na antiga comarca de Vianna, da qual passou para a de Pico de Regalados e d'esta para o concelho e comarca de Villa Verde.

Parece que o concelho de Penella e o de Portella das Cabras foram outr'ora um e o mesmo, ou *misticos*, como diz o padre Carvalho;—depois dividiram-se em dois concelhos distinctos;—mais tarde o 1.º absorveu o 2.º e Portella das Cabras ficou sendo á séde do de Penella;—por ultimo este foi tambem extincto e unido ao actual concelho de Villa Verde com todos os outros supra.

Que os dois formavam um e o mesmo nos principios do seculo XVI se vê do foral que D. Manuel deu em 1514 ao de Penella, pois ali se mencionam as freguezias que em 1706 pertenciam ao de Portella das Cabras.

V. *Penella* vol. 6.º pag. 615, col. 2.ª—e a *Chorogr. Port.* vol. 1.º pag. 343.

E que mais tarde o concelho de Portella das Cabras foi extincto e absorvido pelo de Penella se vê do decreto de 24 d'agosto de 1855, pois entre as freguezias que assignou ao actual concelho de Villa Verde, então

criado, se mencionam as do concelho de Portella das Cabras—*como pertencentes ao concelho de Penella.*

Representa pois nada menos de oito concelhos este de Villa Verde—e a comarca outros muitos!...

Com vista aos illustrados auctores do *Archivo dos Municipios portuguezes.*

—

Concelhos limitrophes do actual de Villa Verde:—á S.E. Amares e Terras de Bouro, divididos pelo rio Homem—e o de Braga, alem do Cavado, a jusante da foz do rio Homem;—a N. o da Ponte da Barca,—e a O. o de Barcellos.

Tem este concelho de Villa Verde:

Superficie em hectares...........	19:674
Predios inscriptos na matriz......	38:750

A sua população já ficou mencionada supra.

Feiras

1.ª—*Annual* em Villa Verde, no dia de Santo Antonio, 13 de junho.

2.ª—*Annual* na mesma villa, a 13 de dezembro, dia de Santa Luzia.

3.ª—*Annual* em Pico de Regalados nos dias 6, 7 e 8 de novembro.

4.ª—*Annual* em Prado, nos dias 20 e 21 de janeiro.

5.ª—*Annual* em Prado tambem, nas sextas feiras de quaresma.

Para gado sómente

6.ª—*Annual* na freguezia de Duas Egrejas, nos dias 11 e 12 de dezembro, denominada *feira de Santa Luzia de Penella.*

Para gado muar e cavallar sómente.

7.ª—*Bi-mensal* ou de 15 em 15 dias, em Villa Verde, aos sabbados.

8.ª—*Bi-mensal* tambem aos sabbados e alternada com a feira supra, no Pico de Regalados, de 15 em 15 dias.

9.ª—Mercado de diversos generos na freguezia de Rio Mau, em todos os domingos posteriores ás feiras de Villa Verde.

Rios, ribeiros e regatos que banham este concelho

1.º—Rio *Cavado.*

2.º—Rio *Homem,* confluente do Cavado.

3.º—Rio *Neiva,* o *Nebis* dos romanos.

Nasce nas freguezias de Galinhaços e Duas Egrejas e tem 3 pontes de pedra:—uma em Goães, outra nos Corvos e outra em Villar das Almas.

D'estes 3 rios já se fallou em artigos proprios.

4.º—Regato que nasce em Doçãos e desagua no Cavado, depois de passar por Nevogilde, Moure e Febros, freguezia da Lage, onde tem uma ponte,—e Prado, onde tem outra ponte.

5.º—Regato que vem de Athães, Pico e Sande e desagúa no Homem, entre Sabariz e Villa Verde.

Tem uma ponte de pedra em Sabariz, na estrada districtal de Villa Verde a Oriz,—e 2 regatos affluentes:—um que nasce em Gondiães,—outro em Moz, no monte do *Borrelho,* e na freguezia de Geme desaguam no que vem de Athães.

6.º—O regato que nasce nas faldas do *Monte do Castello,* em Barbudo, e desagua no rio Homem, na freguezia da Loureira.

7.º—O regato que nasce em Escariz e desagua no Cavado, em Cabanellas.

8.º—O regato que passa em Oriz, Valbom e Valdreu e desagua no Homem.

9.º—O ribeiro que passa em Villa Verde e desagua tambem no rio Homem.

É atravessado pela estrada real n.º 3 na ponte de *Padóme.*

São estes os rios e regatos ou ribeiros principaes que banham este concelho. Todos regam e fertilisam muitos campos,—criam muitas hervagens para engorda de gado bovino—e movem muitos lagares de azeite, moinhos de cereaes e engenhos de serrar madeira.

—

Producções principaes d'esta freguezia e d'este concelho:—milho, vinho, azeite, hervagens e madeira de pinho. Tambem produzem muita fructa, centeio, cevada e trigo.

O vinho é verde ou de *enforcado,* mas

constitue a sua principal riqueza, por ser criado em grandes videiras sobre arvores que orlam os campos e que, alem da póda e da enxofração contra o *oidium tukeri*, não demandam grangeio especial.

Este vinho, denominado *rascante*, é muito aspero, mas teve sempre amadores e venda facil na localidade e no Porto,—e hoje, em virtude da grande falta de vinhos em França, proveniente da invasão phylloxerica, é exportado tambem em grande escala, como todo o do Minho, da Beira, da Anadia, da Extremadura e da Bairrada,[1] para França, nomeadamente para Bordeus.

Nunca esta provincia tirou tanto partido do seu *rascante*, e isso atenua a baixa que nos ultimos 2 annos se deu na industria da engorda de gado bovino que exportava em grande quantidade para a Inglaterra,—industria que foi muito importante e muito rendosa para esta provincia e para a do Douro, nos districtos do Porto e de Aveiro.

Decahiu depois que os Estados Unidos da America se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como abastecem de algodão e cereaes toda a Europa.

Feliz nação!...

Freguezias d'este concelho

Aboim, Arcozello, Athães, Atheães, Azões, Barros, Cabanellas, Carreiras (S. Miguel) Carreiras (S. Thiago) Cervães, Codeceda, Coucieiro, Covas, Doçãos, Duas Egrejas, Escariz (S. Mamede) Escariz (S. Martinho) Esqueiros, Freiriz, Geme, Goães, Godinhaços, Gomide, Gondiães, Gondomar, Lage, Lanhas, Loureira, Marrancos, Moure, Moz, Nevogilde, Oleiros, Oriz (Santa Marinha) Oriz (S. Miguel) Parada e Barbudo, Parada de Gatim, Passô, Pedragaes, Penascaes, Pico de Regalados (S. Christovam) Pico de Regalados (S. Paio) Ponte ou Caldellas, Portella, Prado (Santa Maria) Prado (S. Miguel) Rio Mau, Sabariz, Sande, Soutello, Travassós, Turiz, Valbom, Valdreu, Vallões, *Villa Verde* (a séde) e Villarinho!

Total—58—e *nem uma* annexa a outra.

É um concelho importante, populoso e rico.

O censo de 1878 deu-lhe 7:685 fogos e 31:394 habitantes, mas hoje deve contar cerca de 8:000 fogos e de 35:000 habitantes.

—

Pela sua população e riqueza e pelas intimas relações que o prendem aos de Amares e Terras de Bouro, que formam a grande comarca de Villa Verde ou por assim dizer *um todo*, são estes tres concelhos os mais desordeiros e revolucionarios de todo o nosso paiz!...

Tem havido n'estes 3 concelhos grandes desordens, verdadeiras batalhas, muitas mortes e ferimentos, sendo necessario por vezes intervir a força armada, grandes destacamentos e batalhões inteiros! E não hesitam em reagir contra a mesma tropa os homens e *as mulheres*, como succedeu na revolução de 1846 a 1847, na qual as mulheres d'este districto de Braga, nomeadamente as d'estes tres concelhos e dos de Vieira e da Povoa de Lanhoso, tanto se distinguiram, que a dicta revolução tomou o nome de *Maria da Fonte*, virago minhota, que se tornou lendaria!

Differentes concelhos e freguezias disputam a *gloria* de lhe terem dado o berço, mas já hoje não se sabe com certesa qual foi a sua terra natal[1].

—

São tambem muito religiosos os habitantes d'este concelho, e da sua religiosidade de-

[1] Os vinhedos de todas estas nossas regiões vinicolas já hoje (1886) estão manchados pela phylloxera e pelas outras muitas doenças que perseguem os do Alto Douro, da França, da Hespanha e da Italia; mas é de suppor que os do Minho, por causa da humidade do solo e da influencia dos adubos dos campos, rezistam por mais tempo.

[1] *Apontamentos para a historia da Revolução do Minho em 1846, ou da Maria da Fonte*, pelo padre Cazimiro, Braga, 1883,—*Maria da Fonte*, pelo sr. Camillo Castello Branco, Porto, 1885—e a *Historia da Revolução da Maria da Fonte*, que o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho está publicando actualmente em folhetins no jornal *A Maria da Fonte*, da Povoa de Lanhoso.

ram uma brilhante prova com a peregrinação ao sanctuario da Senhora do Sameiro, no dia 2 d'agosto de 1882.

Foi organisada em todas as 58 freguezias d'este concelho, calculando-se em 12:000 o numero de fieis, aos quaes em Braga se uniram talvez 6:000 da cidade e arredores.

Ás 7 horas da manhã, depois de se celebrarem muitas missas e ministrarem muitas communhões na vasta egreja do Populo, em Braga, seguiu a peregrinação para o Sameiro, ao som de 4 bandas de musica e dos repiques dos sinos da cidade.

Na frente iam os homens;—depois 3 meninos vestidos de branco e um d'elles levando uma rica bandeira de seda bordada a ouro.

Seguia-se a cruz de prata offerecida á Senhora do Sameiro pelos bracarenses e conduzida por um ecclesiastico, formando alas todos os parochos e ecclesiasticos d'este concelho com batinas e sobrepelises e fechando as 2 alas o rev. arcypreste de Villa Verde com dois desembargadores da relação archiepiscopal,

Depois seguiam-se as mulheres, entoando diversas canções á Virgem.

Duas horas gastou o prestito para atravessar a cidade. Ás 11 chegaram ao Sameiro, onde houve missa cantada e sermão. Depois acamparam no bosque do Bom Jesus do Monte e ahi jantaram ao ar livre sob a ramagem do arvoredo, retirando em seguida para as suas casas.

Foi a peregrinação mais imponente que até áquella data subiu ao monte do Sameiro e, feitas todas as despezas, ainda sobrou réis 1:013$100 que a commissão promotora offertou ao sanctuario da Virgem.

—

São muito vivas n'estes povos do Minho as crenças religiosas, pelo que uma grande parte das maiores desordens a que se teem abalançado, expondo o sangue e a vida, provieram de bem ou mal entendidas affrontas ás suas crenças, por não lhes permittirem os enterramentos nas egrejas, obrigando-os a fazerem as inhumações em adros abertos, na falta de cemiterios locaes.

Por vezes não foi necessario mais nada para immediatamente subirem aos campanarios dos sinos da parochia, onde se dava o conflicto, e tocarem a rebate. O mesmo toque se repetia instantaneamente nas parochias circumvisinhas, por serem muito proximas e não haver entre ellas as grandes distancias que se notam em outras provincias, nomeadamente na do Alemtejo.

O povo—homens e *mulheres,*—acudia logo em chusma e *armado;* as mulheres tomavam sempre a iniciativa e,—mesmo na presença das auctoridades—tractavam de sepultar o cadaver na egreja. As auctoridades reclamavam força;—intervinham então os homens—e por vezes a tropa e as auctoridades foram de vencida na lucta; mas por vezes tambem a tropa, quando se achava em força superior, obrigava o povo a ceder, sendo porém raro terminar o conflicto sem fogo, pancadaria, ferimentos e mortes—em ambos os campos!...

Podiamos citar duzias de conflictos d'esta ordem n'este concelho e nos de Amares, Terras de Bouro, Vieira e Povoa de Lanhoso, mas, para não fatigarmos os leitores, veja-se no artigo *Prado,* freguezia d'este concelho de Villa Verde (vol. 7.° pag. 653, col. 1.ª *in-fine*) a summaria descripção de uma das taes luctas, que durou dias, e em que o povo se bateu com a maior parte do regimento de infanteria n.° 8, ficando mortos tres soldados e um paisano—e feridos muitos mais!

—

Os templos d'esta parochia são os seguintes:

1.°—A egreja matriz, bastante arruinada.

2.°—Capella de Santo Antonio, no grande *Campo da Feira,* a meio da villa, onde se erguem tambem, do lado sul, os novos e magestosos paços do concelho. É publica.

A velha casa da camara d'esta villa, que foi muitos annos a séde do extincto concelho de Villa Chã, e do de *Villa Chã e Larim,* depois que o 1.° absorveu o 2.°,—concelho que tambem se denominou de *Villa Verde,* [1]

---

[1] Comprehendia apenas 10 freguezias: *Villa Verde,* Carreiras (S. Miguel) Carreiras (S. Thiago) Doçãos, Nevogilde, Esqueiros, Loureira, Parada e Barbudo, Turiz e Sou·

por ter a séde n'esta villa,—já desappareceu. Apenas existe a cadeia.

3.º—A capella de.... na povoação de Reguengo.

É particular e pertence ao sr. dr. João Antonio de Sepulveda, bem como a bonita casa que se ergue com um pequeno mas elegante jardim, ao norte do grande Campo da Feira.

—

Ha n'esta freguezia de Villa Verde um pequeno monte, denominado *Monte do Reguengo*, em que abunda formoso granito, que d'ali vae para as melhores construcções das circumvisinhanças.

Foi outr'ora o dicto monte um medonho covil de salteadores e assassinos!...

Conde do Casal [1]

Entre as pessoas mais notaveis que esta freguezia e este concelho teem produzido, avulta o conde do Casal, que nasceu, ou pelo menos viveu annos, na sua *Quinta das Torres*, sita n'esta freguezia, e que hoje pertence a Gregorio Machado, escrivão de direito d'esta comárca.

José de Barros Abreu Sousa e Alvim, barão e depois conde do Casal, nasceu em 3 de novembro de 1796 e assentou praça no regimento de cavallaria de Chaves em fevereiro de 1806.

Estava em Coimbra estudando preparatorios, quando teve logar a invasão de Junot, pelo que foi mandado recolher ao seu corpo.

Em fevereiro de 1811 foi despachado alferes e assistiu á batalha de Albuera. Acompanhando o exercito anglo-luso em operações contra os francezes durante a guerra da peninsula, entrou na batalha de Salamanca; foi promovido ao posto de tenente em agosto de 1813 e assistiu ás batalhas de Victoria e dos Pyreneus;—entrou em França—e regressou a Portugal no fim da lucta.

Foi nomeado capitão em 1815; e fez a campanha do Rio da Prata. Pelo seu valor na acção de Toledo, foi nomeado major em abril de 1817—e ficou gravemente ferido no ataque de Durão.

—

Regressou a Portugal em 1824; foi-lhe dado o commando de cavallaria 12 e com ella teve de seguir de Braga para Bragança.

Sendo já tenente coronel em 1826, deu uma carga contra as forças do marquez de Chaves, do qual ficou prisioneiro, sendo conduzido para Hespanha e depois para Miranda, d'onde se evadiu com alguns prisioneiros mais, mas foram encontrados pelos guerrilhas absolutistas, que de novo os prenderam, sendo levados para Braga e por fim outra vez para Miranda, d'onde novamente fugiu, passando o Douro n'uma jangada perto da Barca d'Alva.

Por ordem do ministerio reorganisou o seu antigo regimento e em maio de 1828, sendo nomeado commandante das forças que deviam operar contra o general das armas do Porto, que se havia retirado para as margens do Tamega e fortificado na ponte de Canavezes, investiu com elle e o desbaratou; seguiu para Penafiel, onde estava Gaspar Teixeira e o obrigou a retirar-se, indo-lhe no alcance até ás abas do Marão.

—

Emigrou com a divisão liberal para a Inglaterra, d'onde passou para a ilha Terceira; regressou a Portugal com a divisão de D. Pedro, sendo pouco depois elevado a coronel—e em 1833 ao posto de brigadeiro.

Por occasião da convenção d'Evora-Monte, era elle governador da praça de Peniche.

Foi eleito deputado pela Extremadura em 1836;—estando em 1837 commandando a 7.ª divisão militar, uniu-se ao conde do Bomfim em Leiria e, depois da acção do *Chão da Feira*, acompanhou os marechaes até Bilvestre.

Promovido a marechal de campo, em setembro d'aquelle mesmo anno pediu a exoneração do governo da praça de Peniche,—

---

tello, que eram da comarca de Vianna, da qual por decreto de 28 de fevereiro de 1835 passaram para a de Pico de Regalados, extincta pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, data em que se creou este concelho e esta comarca de Villa Verde, absorvendo o concelho e a comarca de Pico de Regalados, etc.

[1] Os condes de *Villa Verde* não pertenciam a esta *Villa Verde* do Minho, mas a *Villa Verde dos Francos*, onde tractaremos d'elles.

recolheu-se á sua *Quinta das Torres*, d'esta freguezia de Villa Verde—e ali permaneceu completamente retirado da vida publica, até que rebentou a revolução popular da sua visinha *Maria da Fonte* e foi nomeado governador da provincia de Traz-os-Montes, para combater as tropas da junta revolucionaria, que se organisou no Porto.

—

Reunindo depois do golpe de estado de 6 d'outubro as tropas que se haviam conservado fieis ao ministerio cabralista, marchou sobre o Porto, mas, tendo em Vallongo conhecimento das forças da junta, retirou para Chaves, seguido por Sá da Bandeira, o que deu em resultado a acção de Valpaços, em 15 de novembro de 1846 [1].

Em seguida marchou novamente sobre o Porto, mas, constando-lhe que Mac Donald estava em Braga, dirigiu-se para ali, occupando a cidade depois d'um sanguinolento *massacre*.

Em seguida marchou para Valença e, depois d'alguns movimentos em frente das tropas do conde das Antas e do barão do Almargem, entrou na Gallisa por Lobios,—seguiu pela fronteira até Chaves, e d'ahi por Villa Real e Lamego a juntar-se com o duque de Saldanha.

Pouco depois terminou a revolução da *Maria da Fonte* pela convenção de *Gramido* [2] e, sendo tenente general, foi-lhe dado o commando da 3.ª divisão militar.

N'esta commissão se conservou até á noite de 24 para 25 d'abril de 1851, em que, tendo logar no Porto o pronunciamento da dicta divisão em favor do marechal duque de Saldanha,—o conde se retirou do Porto e passou o resto dos seus dias entregue unicamente aos cuidados da sua casa.

Foi feito barão do Casal em 1 de dezembro de 1836—e conde do mesmo titulo em 20 de janeiro de 1847.

Falleceu em Lisboa no dia 16 d'outubro de 1857.

———

[1] V. *Val de Paços*, vol. 10.° pag. 75, columna 2.ª

[2] V. *Gramido.*

Torre d'Alvim

Houve em tempos muito remotos e não sabemos se haverá ainda hoje n'esta freguezia de *S. Paio de Villa Verde* uma casa e torre nobilissimas, denominadas *Casa e Torre d'Alvim*, das quaes daremos uma ligeira noticia.

José Freire Montarroio Mascarenhas, no seu notavel codice *Familia d'Alvim* (anno 1739) de que falla Diogo de Barbosa Machado no tomo 2.° da *Bibliotheca Lusitana*, diz que a primeira pessoa que teve o cognome de *Alvim* foi D. Pedro Soares, irmão de D. Mendo Soares, 1.° senhor da villa de Mello, na Serra da Estrella. E tomou aquelle appellido por haver fixado a sua residencia na povoação ainda hoje denominada *Alvim*, pertencente á freguezia de Santa Marinha da Costa, junto de Guimarães, antigo berço dos seus ascendentes, que das margens do Vizella se transferiram para ali.

Viveram depois n'esta parochia de S. Paio de Villa Verde em um casal, que dos seus novos habitadores tomou o nome de *Alvim*, e n'elle fizeram uma torre que tambem se denominou *Torre d'Alvim.*

—

Foi herdeira da principal *Casa d'Alvim* a condessa D. Leonor d'Alvim, mulher do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cuja filha unica e successora D. Beatriz casou com o 1.° duque de Bragança, levando em dote a grande fortuna de seus paes e com ella a dicta *Casa d'Alvim*, que d'esta forma passou para a serenissima Casa de Bragança.

A representação dos mencionados *Alvins* passou para a antiquissima casa de *Bordonhos*, hoje possuida e muito dignamente representada pelo ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos de Carvalho Vasconcellos, residente na sua casa de *Santar*, junto de Nellas e que á nobresa herdada allia a nobresa propria, pois é um cavalheiro estimabilissimo, senhor de uma das maiores fortunas do districto de Vizeu e commendador da ordem do Santo Sepulchro, graça rarissima entre nós e que, entre outras prerogativas, confere ao agraciado o tractamento de *Dom*.

V. *Antime, Bordonhos, Trofa, Santar, Villarelho do Estremo* e *Pinheiro* (quinta, a 2.ª) vol. 7.º pag. 49, col. 1.ª

—

Ao meu illustrado collega, José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires, agradeço os apontamentos que me enviou para este artigo.

VILLA VERDE DE COIDE ou **COÍDE**,—ou *Cuíde de Villa Verde*, orago S. Mamede, concelho da Ponte da Barca.

V. *Coíde de Villa Verde*, vol. 2.º pag. 314 —e *Villa Verde* (a 4.ª) freguezia do concelho de Felgueiras, onde rectificamos o lapso de José Avelino d'Almeida no seu *Diccionario Abreviado*—e de João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, por haver copiado o diccionario d'Almeida.

VILLA VERDE DE FICALHO,—ou simplesmente *Ficalho*,—villa e freguezia do concelho de Serpa, comarca de Moura, no Alemtejo.

Ao que já se disse d'esta parochia no artigo *Ficalho* (Vide) accrescentaremos o seguinte:

—

Em 1708 contava esta villa 50 fogos—e 31 em 1757.

O censo de 1864 deu-lhe 134 fogos e 573 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 156 fogos e 656 habitantes—e, pelos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho, conta hoje 167 fogos e 682 habitantes.

É priorado—e não comprehende povoação alguma além da villa; ha porém no seu termo as quintas e herdades seguintes:

1.ª—*Quinta de Ficalho*, pertencente ao marquez d'este titulo.

2.ª—*Herdade da Coutada*, do mesmo marquez tambem.

3.ª—*Herdade da Ferradura*, pertencente ao dr. Manuel Pires Lavado de Brito.

4.ª—*Herdade de Val d'Ervanços*, pertencente a D. Antonio de Orta.

5.ª—*Das Bernardas*, pertencente a Antonio Joaquim Duarte Machado.

São estas herdades as principaes.

Demora esta villa na margem esquerda da ribeira d'Alcarabança, da qual dista meio kilometro para E.N.E.,—5 da margem direita do rio Chança[1], para O.N.O.,—28 de Serpa, para E.,—os mesmos 28 de Moura, para S.E.,—32 da estação de Serpa, na linha ferrea do Sul,—120 de Lisboa,—457 do Porto—e 587 de Valença do Minho.

—

Freguezias limitrophes:—Rosal de Christina, além do Chança, cerca de 6 kilometros a leste e já na Hespanha,—Aldeia Nova, cerca de 8 kilometros para O.S.O.,—Val de Vargo, cerca de 10 kilometros para O.N.O.,—e Sobral, tambem cerca de 10 kilometros para N.E.

Templos:

1.º—*Egreja velha*, muito arruinada. Foi a matriz d'esta parochia e é hoje a capella do cemiterio.

2.º—*A egreja nova*, actual matriz fundada nos fins do ultimo seculo por D. Theresa Josepha Breyner de Menezes, viuva de Francisco de Mello, senhor de Ficalho, ascendente do marquez d'este titulo, e pela dicta senhora dedicada a *S. Mamede*;—note-se porém que o antigo orago d'esta freguezia era e é ainda hoje—*S. Jorge*.

Este templo ficou e ainda hoje (1886) está por concluir.

3.ª—*Capella de Nossa Senhora das Pazes*, a 2 kilometros d'esta villa. É publica.

No dia de Nossa Senhora dos Prazeres tem grande romagem, muito concorrida pelos povos circumvisinhos e, em cumprimento de certo voto, ali vão todos os annos os habitantes das 5 freguezias seguintes, com os seus parochos e as cruzes proprias, n'esta ordem de precedencia:—Aldeia Nova, Ficalho, Pias, Val de Vargo e Sobral,—e todas estas parochias ali mandam celebrar cada uma sua festa no mesmo dia!...

—

Na interessante *Memoria historico-economica do concelho de Serpa*, publicada em Coimbra em 1884 pelo sr. dr. José Maria da Graça Affreixo, como dissertação que lhe foi marcada pelo seu lente de *Economia Politica*

---

[1] Este rio forma aqui a linha divisoria entre Portugal e Hespanha.

no 3.º anno da faculdade de direito, se lê a pag. 169 o seguinte:

«A festividade das Pazes, que annualmente se faz em Ficalho, tem uma origem que destôa da de todas as outras do concelho de Serpa.

«Em Aronche (Hespanha) celebra-se S. Mamede, com festa annual, que era muito concorrida dos moços portuguezes raianos, em *principios* (?) do seculo XVIII.

«Impunha em Portugal seu despotismo illustrado o marquez de Pombal, quando morreu Francisco de Mello... Sua viuva, D. Theresa Josepha Breyner de Menezes, vivia em Serpa ou em Ficalho, rodeada de sete filhos, de quem o marquez de Pombal disse, que eram sete leões, promptos sempre a obedecêr ao menor aceno de sua mãe.

«N'uma das romarias de S. Mamede, os fidalgos moços de Ficalho travaram uma formidavel desordem com outros fidalgos de Aronche. Estes, por molestados na refrega, presdipunham-se a tirar uma desforra condigna do seu resentimento; mas D. Isabel votou a S. Mamede a actual egreja de Ficalho [1] e instituiu em uma ermida, que fica a dois kilometros da povoação, a *festa das Pazes*, para evitar que seus filhos voltassem a Aronche. As informações, que temos, nada nos dizem sobre o titulo *Pazes*; cremos que, n'alguma das primeiras festas de S. Mamede em Ficalho, assistiriam fidalgos hespanhoes, e *d'ahi lhe adviria o titulo.*»

—

A citada *Memoria* é um trabalho que muito honra o seu auctor, mas o topico supra (desculpe-nos s. ex.ª) não nos satisfaz.

Muito respeitosamente faremos as observações seguintes:

1.ª—Se D. Theresa... mandou fazer a *nova egreja* durante o governo, ou depois do governo do marquez de Pombal, a egreja não podia ser feita *nos principios* mas *nos fins* do seculo XVIII, porque todos sabem que o dicto marquez governou desde 1750 até 1777.

2.ª—Se a festa das *Pazes*, que deu o titulo á capella da mesma invocação, foi posterior á construcção da *nova egreja*, data dos fins,

[1] Refere-se á *egreja nova*, indicada supra.

ou da 2.ª metade do seculo XVIII; mas isso não póde acceitar-se, porque já nos principios d'aquelle seculo (em 1708) a dicta capella tinha a invocação de *Senhora das Pazes* como se lê na *Chorographia Portugueza*, tomo 2.º pag. 487 *mihi.*

3.ª—Suppondo que a *nova egreja* foi feita e a festa das *Pazes* instituida nos principios do seculo XVIII,—não governava *nem vivia* ainda então o marquez de Pombal;—mas n'este caso não podia ser feita a nova egreja nem instituida a festa das *Pazes* por D. Thereza, viuva de Francisco de Mello, porque este morreu durante o governo do marquez de Pombal,—segundo se lê na citada *Memoria!...*

Solatium est miseris socios habere.

Passemos adiante.

—

Data de tempos muito remotos esta povoação. Suppõe-se que foi a cidade romana *Finis*—e d'esta opinião é o sr. dr. Affreixo.

«Ao sul (*Memoria* citada, pag. 53) não longe da freguezia, se encontram muitos vestigios de edificios urbanos e de sepulturas, e n'estas pequenas lanças—*tela.* A povoação está na fralda da serra do mesmo nome (Ficalho) e a freguezia estende-se para o sul na distancia de 10 kilometros. Na confluencia do ribeiro de Vidigão que a separa de Aldeia Nova, com o Chança que a separa de Hespanha, existem restos de uma antiquissima fortificação [1].

«Descobriram-se em averiguações para esta obra, tres sepulturas, uma aberta em rocha e duas arranjadas em fórma de caixão por seis grandes tijolos, ali denominados *baldosas.* Em nenhuma foi encontrada inscripção nem data, apenas uma panella, um prato e um frasco, objectos grosseiros e pe-

[1] No serro do *Passo Alto*,—dizem os meus apontamentos,—e que revelam ter sido fortificação importante, muito defensavel, porque está em uma especie de triangulo, no pontal do terreno onde o Vidigão se junta ao rio Chança. E um pouco mais a montante, junto do Vidigão, no sitio ainda hoje denominado *Os Castelletes*, se encontram tambem vestigios de fortificações antiquissimas, embora menos importantes.

quenos, que se partiram ao fazer-se a escavação.

«O testemunho dos antigos chorographos, a analyse do itinerario de Antonino, combinado com os vestigios que acabamos de apontar, tudo nos leva a concluir que Ficalho está no logar, ou muito perto, da antiga cidade *Fines*. Abandonada durante a dominação visigonada e a mahometana, os freires de Aviz não deixaram certamente de promover a cultura de terrenos tanto tempo em descanço.»

Suppõe-se que esta povoação foi restaurada pouco depois que D. Diniz em 1295 deu á villa de Serpa, cabeça d'este concelho, o foral d'Evora—e no mesmo foral foi comprehendida esta villa, por alvará de D. João I com data de 13 d'abril de 1385.

—

O edificio mais notavel d'esta povoação é o *Eirado*, hoje em ruinas e que foi dos Mellos, senhores d'esta villa, mandado fazer no seculo XVII por D. Martim Affonso de Mello, bispo da Guarda, onde falleceu.

É brazonado e tem a fórma de um castello.

Rios, ribeiros e barrancos (?) ou regatos, que banham esta freguezia

1.º—*Chança*, grande ribeira que divide esta freguezia do reino de Hespanha e morre no Guadiana junto de Pomarão.

Tem no termo d'esta freguezia 4 moinhos de cereaes.

2.º—*Barranco dos Termos.*

Divide esta freguezia do reino de Hespanha e desagua no Chança, junto do *Moinho do Rodete*, a 4 kilometros d'esta villa;—d'ali começa o Chança a servir de raia.

3.º—*Barranco de Nossa Senhora das Pazes.*

Este ribeiro desagua no Chança, junto do *Moinho do Negro*, a 4 kilometros d'esta villa.

4.º—*Barranco da Corte.*

5.º—*Barranco da Horta.*

6.º—*Barranco de S. Jorge.*

7.º—*Barranco das Gralheiras.*

Estes 4 barrancos, ou ribeiros (?!...) são affluentes do barranco de Nossa Senhora das Pazes.

8.º—*Vidigão.*

Esta ribeira desagua no Chança, a 10 kilometros d'esta villa, no sitio do *Passo Alto.*

9.º—*Barranco do Salto.*

10.º—*Barranco do Marquez.*

11.º—*Barranco das Bernardas.*

12.º—*Barranco dos Piques.*

Estes 4 *barrancos*, ou ribeiros, juntam-se na herdade das *Bernardas* e com o

13.º—*Barranco dos Cevadães*, que vem de Aldeia Nova, freguezia d'este concelho, formam a ribeira de *Vidigão.*

—

É a 1.ª vez que encontro o termo *barranco* na accepção de *ribeiro*, ou *regato*,—accepção estranha aos auctores de todos os diccionarios que me cercam, incluindo o proprio *Elucidario*. Talvez seja dialecto d'este concelho, pois n'elle se encontram termos e locuções de um caracter inteiramente particular.

Ahi vae uma amostra [1].

Amanhar—concertar.

Mandou amanhar as botas, as calças e o colete [2].

Assabão—sabão.

Atuado—sem acção.

As sanguesugas ficaram atuadas, ou não tiraram sangue.

Avacuar—prostrar.

Está avacuado.

Ávondo—bastante.

Tem ávondo.

Borco (de)—em prostração.

Caiu de borco.

Concertar—ajustar.

Concertou-se por criado.

Endrominas—palavras enganosas.

Isto são indrominas tuas.

Engrimanços—graças impertinentes.

Não me estejas com engrimanços.

Entregosto—costellas.

Frigir entregosto de porco.

---

[1] A primeira palavra é o termo usado em Serpa,—a segunda é o seu equivalente no nosso idioma.

[2] *Memoria de Serpa* pelo sr. dr. Affreixo.

Esbrucinar—debruçar.

Esbrucinou-se no pôço.

Estamarrado—casual.

Teve uma febre estamarrada.

Estribuir—estragar.

Estribuiu logo o dinheiro.

Etigo—phtisico.

Esta mulher está étiga.

Fema—femea.

Fofes—fosforos.

Grossina—saburrosidade.

Tem grossina na lingua, ou tem a lingua saburrosa.

Incerne—cuidadoso.

É muito incerne no trabalho.

Poliquitento—difficil de contentar em comidas; que não gosta de comidas, ou come pouco.

Supremo (pôr)—cohibir.

Põe supremo a teu filho.

Ténico—brando.

É uma doença ténica.

Note-se porém que estes termos são usados em Serpa sómente *pela gente rude*, em quanto que os apontamentos que recebi em fevereiro de 1884 são firmados pelo digno administrador d'este concelho, o sr. dr. Antonio d'Oliveira Rocha, e foram escriptos,—aliás muito correctamente,—pelo seu secretario talvez.

Malhadas e malhadeiros

As producções dominantes d'este concelho são:—cereaes, azeitona, bolota e lã, pois cria muito gado lanigero e suino.

Tambem outr'ora teve grandes *malhadas* [1] criou muitas colmeias e produziu muito mel pelo que já D. Diniz, alem do foral que em 1295 deu a este concelho, posteriormente lhe deu outro denominado *das colmeias*, porque versava quasi exclusivamente sobre esta especialidade, que a reforma manuelina posteriormente regulou no artigo 11.º

Tão importante se tornou n'este concelho de Serpa a industria da creação das abelhas e do fabrico da cera e do mel, que já no anno de 1368 a camara lhe dedicou uma postúra especial, denominada *Aranzel das Malhadas*, que reduzia o numero d'estas a 25 em todo o concelho de Serpa, não podendo ter cada uma mais de quatrocentas colmeias?!...

Montavam pois a dez mil as colmeias d'este concelho no seculo XIV—e suppomos que esta cifra ainda se elevou nos seculos seguintes, porque o numero das *malhadas* foi muito para alem das 25! Esta industria porem soffreu muito no seculo XVII com a prolongada guerra entre Portugal e Hespanha, por estar este concelho na fronteira, [1]—e depois com o arroteamento e arborisação dos montes, principalmente desde que em 1690 se fundou em Serpa um *celleiro commum*,—instituição que muito favoreceu a agricultura, mas que transformou em searas de trigo os montados que alimentavam as abelhas, pelo que foram rareando as grandes *malhadas* d'outr'ora e hoje se acham quasi extinctas [2].

—

Ha n'este concelho minas de ferro e cobre, mas todas em abandono.

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia tem estradas para Serpa, Moura, Mourão, Minas de S. Domingos, Mertola e Barrancos,—mas todas ellas (accrescentaremos nós) são verdadeiros *barrancos* e precipicios; —nem uma a macadam!...

Foram senhores d'esta villa os Mellos (depois condes e hoje marquezes de Ficalho)

---

[1] Aqui este termo significa o conjuncto de 2 estabelecimentos:—a cerca para resguardo das colmeias—e a casa para habitação do *malhadeiro*, que é o encarregado do tractamento das abelhas.

[1] Em 1648, apresentando-se em Serpa o desembargador Manuel da Cunha a pedir 537$859 réis que tocaram a este concelho no rateio de um milhão e seiscentos mil crusados que, para subsidio da guerra contra a Hespanha, as côrtes haviam lançado á provincia do Alemtejo, o juiz de fóra lhe pediu exempção ou modificação, ponderando—que este concelho tinha soffrido muito com as invasões do inimigo, que furtara os bois, ficando as lavouras por fazer e o concelho sem as *malhadas de colmeias, que eram de grande rendimento*... e que a villa de *Ficalho estava despovoada*, etc.

[2] *Memoria* citada, pag. 241 até 248.

É este um dos topicos mais interessantes da dicta *Memoria*.

cuja nobilissima ascendencia póde ver-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.º pag. 487 a 490.

No tempo de Filippe II foi conde e senhor d'esta villa de Ficalho D. Carlos de Borja, fidalgo hespanhol, presidente do conselho de Portugal.

O 1.º conde de Ficalho portuguez, e portuguez de rija tempera, foi Francisco de Mello, valente militar que na guerra da peninsula, sendo tenente coronel do regimento n.º 15, morreu coberto de gloria na batalha de Salamanca, ou dos Arapiles, no dia 22 de julho de 1812 [1].

Dos Mellos o 1.º senhor de Ficalho foi Pedro de Mello, mestre de campo general, do conselho de guerra de D. Pedro II, governador de Serpa e do Rio de Janeiro, commendador de S. Pedro de Gouveias e de S. Martinho de Pinhel, etc.

—

O commendador d'Aviz teve o padroado de 3 egrejas d'este concelho:—Santa Maria e S. Salvador da villa de Serpa,—e esta de Ficalho.

Os maiores proprietarios d'esta freguezia residem fora d'ella, o que a prejudica bastante.

Tem uma cadeira official de instrucção primaria para o sexo masculino, creada por decreto de 4 de março de 1875.

A serra mais importante que ha no termo d'esta freguezia é a de Ficalho. Parte d'ella está no termo da freguezia de Sobral—e a linha divisoria vae pelo cume da serra, onde ha uma pyramide geodesica, na altitude de 518 metros sobre o nivel do mar,—precisamente no sitio onde esteve um telegrapho antigo de madeira, antes da introducção dos telegraphos electricos no nosso paiz.

A dicta serra está hoje quasi toda arroteada e povoada de oliveiras. N'ella se encontram muitos poços de profundidade desconhecida e de formas differentes. Não se sabe ao certo se são obra da natureza, ou se foram minas exploradas outr'ora.

Ha finalmente n'esta freguezia quatro fabricas de fazer azeite, denominadas *lagares*.

[1] Não morreu na dicta batalha, mas em consequencia dos ferimentos que n'ella recebeu.

Foi casado com D. Eugenia d'Almeida (filha do 3.º marquez do Lavradio) a quem D. Pedro IV, por decreto de 4 d'abril de 1833, nomeou marqueza de Ficalho, em duas vidas,—e depois a sr.ª D. Maria II, por carta regia de 6 de julho de 1841 a fez duqueza do mesmo titulo, em sua vida. Fica assim rectificado o que se lê no vol. 3.º pag. 185, col. 2.ª

VILLA VERDE DOS FRANCOS,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Alemquer, districto e patriarchado de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago Nossa Senhora dos Anjos;—fogos 285,—habitantes 1:226.

Rodrigo M. da Silva em 1675 deu-lhe 300 fogos;—o Padre Carvalho em 1712 deu-lhe 450 fogos;—D. Luiz Caetano de Lima [1] em 1729 deu-lhe 142 fogos e 505 almas;—o *Portugal S. e Prof.* em 1768 deu-lhe 168 fogos;—pelo censo de 1864 tinha 243 fogos e 1:031 habitantes;—pelo de 1878 contava 280 fogos e 1:217 habitantes—e hoje (1886) pelos meus apontamentos conta 285 fogos e 1:226 habitantes.

Vê-se pois que a população d'esta parochia tem augmentado constantemente desde 1729, mas ainda não attingiu a população de 1712, o que muito nos surprehende—e mais ainda o ter a sua população augmentado 150 fogos em 37 annos, de 1675 a 1712,—e ter diminuido 308 fogos em 17 annos, de 1712 a 1729!... Adiante explicaremos d'algum modo este facto.

—

Além da villa, séde da parochia, comprehende as povoações seguintes:—Avenal, com 45 fogos e 187 almas,—Casaes Gallegos, [2] com 23 fogos e 107 almas,—Lapaduços, com 25 fogos e 133 almas,—Portella com 14 fogos e 63 almas—e Rexaldeira com 16 fogos e 68 almas.

[1] A sua *Geographia Historica* foi publicada em 1736, mas elle escreveu-a em 1729 a 1730. V. tomo 2.º pag. 116, linha 3.ª

[2] Metade d'esta povoação pertence á freguezia de *Ventosa*.

Comprehende tambem os seguintes casaes, quasi todos habitados:—Fonte da Pipa, Rabicaça, Varandas, Bica, Marmello, Pouzão, Fetal, Penedo, Bella Vista, Piedade, Relva, Chorão, Viso, Laurenciano, Cuturella, Rocio, Casal Novo, Casal do Mouro, Lavandeira, Monte do Trigo, Barbosa, Picoto, Lameira, Lapa, Oliveirinha, Mendonça, Monte Moeda, Andorinha, Folle, Barreiros, Pinheiro, Romão, Casinha, Porto de Rei, Grilla, Vizitação, do Moinho e do Inferno,—e as quintas de Fruanna, Mal Pique, Podrete e Porto Solagre.

Freguezias limitrophes:—Cabanas de Torres, a E.,—Villar a N.,—Ventosa a S—e Maxial a O., mettendo-se de permeio a *Serra Gallega,* que divide o concelho de Torres Vedras do de Alemquer.

—

Dista d'Alemquer 15 kilometros para N. O;—23 da estação do Carregado (a mais proxima) na linha ferrea do norte [1];—60 de Lisboa—e 323 do Porto.

Tem boas estradas a macadam para Alemquer, Torres Vedras, Cadaval e Carregado. São as estradas districtaes n.º 83, 83 *B* e 84. A 1.ª passa pelo meio d'esta villa,—vae da estação do Carregado para Cadaval—e tem diligencia diaria.

Templos

1.º—A egreja matriz, muito antiga e de *feia architectura,*—diz o meu informador.

2.º—*Capella da Misericordia,* na qual se venera o Senhor dos Passos, cuja imagem é alvo de grande devoção.

Esta capella e a irmandade que a representa datam de 1525, mas dispõe de tenues recursos. Teem hoje apenas uns pequenos foros em dinheiro e cereaes, que renderão approximadamente 30$000 réis por anno. Não tem hospital, mas sómente uma casa, onde alberga os mendigos.

[1] Tambem passa a O. de Villa Verde a linha ferrea actualmente em construcção, de Lisboa á Figueira por Torres Vedras e Leiria, na qual deve ter estação muito mais proxima do que a do Carregado, na linha ferrea do norte. V. *Vias ferreas.*

3.º—*Capella do Anjo da Guarda,* sobre o largo d'este nome á entrada da villa, indo d'Alemquer.

Tem festa, feira e romagem, no 3.º domingo de julho e pertence aos marquezes d'Angeja.

A feira é pouco importante e a *unica* d'esta villa hoje. A *Chorographia Moderna,* copiando o *Diccionario Abreviado* de J. A. de Almeida, indica outra feira no dia 21 d'outubro [1], mas nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho apenas vejo mencionada a primeira.

4.º—*Capella de S. Braz.*

5.º—*Capella de S. Luiz,* no castello, ambas mencionadas na *Chorog. Port.*

Suppomos que já não existem.

6.º—*Capella de Nossa Senhora da Ajuda,* na povoação do Avenal.

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Amparo,* na povoação da Rixaldeira.

8.º—*Capella de S. Miguel,* na povoação de Lapaduças.

9.º—*Capella de Nossa Senhora da Salvação,* em Casaes Gallegos.

10.º—*Capella de Santa Barbara,* na povoação da Portella.

Em todas estas povoações houve capellães que celebravam missa nos domingos e dias santos, quando o clero não rareava tanto, como hoje infelizmente rareia.

A nomeação d'estes capellães era feita pelo prior de Villa Verde e confirmada pelo vigario geral do patriarchado, sendo preferidos sempre os beneficiados da villa; mas pagavam-lhes os differentes povos.

—

Banha esta freguezia e esta villa um ribeiro que corre de N.E. a S.O.—passa ao sul d'esta villa na direcção E.O.;—em seguida toma a de S.E. a N.O.;—volve outra vez de N.E. a S.O.;—vae á freguezia de *Ade Cunhados,* onde recebe outro ribeiro que vem das proximidades de Torres Vedras;—forma com elle a ribeira d'Alcabriche—e desagua no mar, cerca de 10 kilometros a N.

[1] Já em 1675 a *Poblacion G. de España* mencionou a dicta feira.

da foz do rio Sizandro. O seu percurso total approxima-se de 25 kilometros[1].

Nos limites d'esta freguezia é atravessado por duas pontes:—uma no sitio dos *Linhoes*. para passagem da estrada districtal n.° 83, —e outra no sitio do *Caes*, para serventia da parochia de *Maxial*, pertencente ao concelho de Torres Vedras.

Junto de Villa Verde move uma azenha, que tem um nome *sympathico*. É denominada *Azenha do Inferno!...*

Producções dominantes:—vinho e cereaes, Tambem produz algum azeite e fructa.

Pessoas notaveis

O palacio (hoje em ruinas) que foi solar dos morgados, depois senhores e condes d'esta villa, hoje representados pelos marquezes d'Angeja, deu o berço a muitas pessoas distinctas pelo nascimento, pelas armas e pelas lettras; mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas—*D. Manuel de Noronha.*

Nasceu no dicto palacio em 1594 e falleceu em Lisboa em 1671, contando 77 annos de idade.

Primeiramente vestiu a roupeta de jesuita; —depois secularisou-se e foi prior na freguezia da Castanheira, n'esta de Villa Verde e em uma das de Torres Vedras,—prior-mór na ordem de S. Thiago, bispo eleito de Vizeu, reitor e reformador da Universidade de Coimbra e bispo da mesma cidade, não chegando a tomar posse, porque a morte o surprehendeu.

Era homem muito illustrado, posto que tinha sómente a graduação de *mestre em artes* pela Universidade d'Evora. D'ahi lhe provieram os desgostos e o mau acolhimento que recebeu do corpo cathedratico de Coimbra, quando foi nomeado reitor, como póde ver-se nas *Revelações e Memorias* do sr. Simão José da Luz Soriano, pag. 279.

É auctor de differentes publicações, indicadas por Innocencio.

[1] Tambem algumas aguas d'esta freguezia pendem para leste e dão principio ao rio de Alemquer, que desagua no Tejo, a distancia de 30 kilometros de Villa Verde para S. E.

Nasceu tambem n'esta parochia, na povoação da *Portella*, pelos fins do seculo XVII, o rev. Manuel Nobre Pereira, que foi dr. de capello e lente de canones, conego e vigario capitular em Coimbra.

D. Paulo de Palacio

Nasceu em Granada, mas viveu em Portugal e falleceu n'esta freguezia D. Paulo de Palacio, homem virtuosissimo e de superior illustração.

Veiu em 1525 para Portugal com a rainha D. Catharina (filha de Filippe I de Hespanha e mulher do nosso rei D. João III) a qual o nomeou seu esmoler. Doutorou-se em theologia pela Universidade de Evora;—foi lente de Escriptura Sagrada na de Coimbra—e pregador do cardeal-rei que, vendo-o decrepito e desejando suavisar lhe a velhice, o nomeou prior da freguezia da *Ventosa*, tambem d'este concelho d'Alemquer, beneficio de 1.ª ordem n'aquelle tempo;[1] mas tão virtuoso e tão despido de interesses e de ambições era D. Paulo, que, vagando por essa occasião esta egreja de Villa Verde, para ella se transferiu, por ser muito menos rendosa; —n'ella foi parocho dois annos, até 4 d'abril de 1582, data do seu fallecimento,—e n'esse pequeno periodo restaurou *á sua custa* a egreja matriz.

Jaz na capella-mór da dicta egreja, do lado da epistola, em cuja sepultura o seu velho amigo e admirador D. Francisco Cano, depois bispo do Algarve[2] mandou abrir esta inscripção :

[1] V. *Ventosa*, vol. 10.° pag. 280, col. 1.ª e seguintes.

[2] Eram ambos hespanhoes. Foram contemporaneos em Salamanca e tão amigos que, achando-se D. Paulo em Evora, frequentando a Universidade, D. Francisco Cano veiu de Hespanha ali só para o cumprimentar, em 1558, e tanto se affeiçoou a Portugal que não voltou para a Hespanha.

Era perito em diversas lingoas, muito illustrado e muito virtuoso; foi parocho em Monforte de Rio Livre, prégador regio, esmoler da rainha D. Catharina e por ella tão estimado e considerado que não só o encarregou de escrever-lhe o testamento, mas o nomeou um dos seus testamenteiros!

AQUI JAZ O DOCTOR PAULO
DE PALACIO, NATURAL DE
GRANADA, ESMOLER DA
RAINHA D. CATHARINA,
PRÉGADOR DO CARDEAL D.
HENRIQUE, CATHEDRATICO
DE THEOLOGIA, & PRIOR
QUE FOI DESTA IGREJA.
FALLECEO A 4 DE ABRIL DE
1582

—

Escreveu a *Suma Caetana*, indicada por Innocencio,—e dois tomos *in Matheum*: o 1.º *exproprio marte*, imprimiu-se em Coimbra em 1564, como diz Innocencio,—o 2.º *ex mente Santorum*, não foi impresso, mas d'elle faz menção no seu testamento, cujo original se guardou no archivo d'esta egreja de Villa Verde.

Tinha o dicto testamento a data de 1579 (era ainda então prior da Ventosa) e n'elle, entre outras verbas pias, deixou a sua livraria ao convento da Vizitação d'esta freguezia de Villa Verde e um escravo á companhia de Jesus:

«*Mãdo que mi esclavo Alvaro sirva siempre a los Padres de la Companhia d'Ebora, lo qual ago assi por agradecimiento de me aver hecho los Padres della en ella Dotor, como por assegurar a la salvacion del dicho mi esclavo. El qual pues hasta aqui ha sido hombre de bien, allá com los dichos Padres le será mejor. Pero no poderão venderlo, ni allienarlo, porque mi voluntad es, que entre ellos se salve, &.*[1]»

Antiguidades d'esta villa e seus foraes

Demora esta povoação nas faldas da serra de *Monte Junto*, em sitio alto, saudavel e fertil, e suppomos que o seu chão foi occupado pelos mouros e pelos povos que anteriormente occuparam esta peninsula, mas não temos noticia alguma d'esta povoação antes do seculo XII.

D. Affonso Henriques a deu a D. Alardo, capitão francez, em remuneração dos serviços que lhe prestou na conquista de Lisboa.

D. Alardo a povoou, ou *repovoou*, com os seus francos, pelo que se denomina *Villa Verde dos Francos*, e no anno de 1160 lhe deu foral, que foi confirmado em Santarem, no mez de março de 1218, por D. Sancho I. D. Duarte o confirmou 2.ª vez em Setubal, a 14 de novembro de 1435,—e D. Manuel lhe deu *foral novo* em Lisboa, no dia primeiro d'outubro de 1513.

São estes os foraes que se encontram na *Memoria* de Franklim, mas alguem cita um outro, dado por D. Affonso III em 1255.

É pois Villa Verde povoação muito antiga. Foi villa e concelho, formado unicamente por esta parochia, até 1837, data em que foi supprimido e annexado ao de Aldeia Gallega da Merceana;—e por decreto de 24 d'outubro de 1855 passou com o dicto concelho da Merceanna para o concelho e comarca de Alemquer. Anteriormente pertencia á comarca de Torres Vedras.

Os seus antigos paços do concelho e a cadeia nada tinham de notaveis e são hoje propriedade particular.

—

Ha no limite d'esta parochia um monte bastante alto, denominado *Serra da Neve*.

Na matriz predial d'esta parochia, relativa ao anno de 1883, foram inscriptos 273 predios urbanos e 1681 predios rusticos com o rendimento collectavel de 6:859$000 réis.

Tem uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Esta villa nunca foi murada, mas teve para sua defesa um castello, do qual hoje apenas se vêem as ruinas em um monte de pequena elevação fronteiro á villa e a pequena distancia d'ella. Dizem ser fundação de D. Alardo;—n'elle houve uma capella, dedicada a S. Luiz — e outra a S. João Baptista, cuja imagem se vê hoje no altar-mór da egreja parochial. Suppomos que eram simples oratorios, ou nichos.

[1] *Agiol. Lusit.* tomo 2.º pag. 426,—f.—e *Cathalogo dos Bispos do Algarve* por João Baptista S. Lopes, pag. 364 e seg.

Gados

Em 1869 esta freguezia criava o gado seguinte:

Especies	Cabeças	Valores
Cavallar	13	171$200
Muar	8	75$600
Asinino	185	633$600
Bovino	217	3:195$400
Lanar	1:452	904$100
Caprino	591	422$900
Suino	71	614$600
Total	2:537	6:017$400

Ainda a egreja matriz

Tem altar-mór com as imagens da padroeira, de S. José e de S. João Baptista—e 4 collateraes. A imagem da padroeira teve confraria propria, da qual o prior era juiz perpetuo. Em um dos altares se vê a imagem do Menino Jesus, que teve tambem confraria e festa no dia 1 de janeiro;—em outro altar se venera a imagem de S. Sebastião, que teve tambem confraria e festa annual;—em outro se venerá Santo Antonio, que teve tambem confraria e festa annual com trezena;—no mesmo altar se venera S. Marcos, que teve tambem confraria e festa propria;—em outro se venera a Senhora do Rosario, que teve tambem confraria e festa no 1.º dia d'outubro.

Da irmandade do Santissimo eram juizes perpetuos os marquezes d'Angeja, senhores e donatarios d'esta villa, que faziam a festa propria no 3.º domingo de outubro.

A festa do orago era a 15 de agosto e tinha 50 dias de indulgencias.

Tambem houve n'esta egreja uma collegiada de seis beneficios com o rendimento de 80$000 réis cada um, em 1758; mas foi extincta, passando as suas rendas para o seminario patriarchal de Santarem.

Ás enormes rendas das muitas mitras, deados, priorados, etc., que accumulou o celebre D. Jorge da Costa, cardeal d'*Alpedrinha* (V.) tambem pertenceu um dos beneficios d'esta collegiada!...

Priores

O rendimento d'esta egreja é hoje insignificante, mas outr'ora, antes da extincção dos dizimos, posto que era muito inferior ao da Ventosa, como já dissemos, foi consideravel, pelo que teve priores muito distinctos.

Alem de D. Paulo de Palacios, occorrem-nos os seguintes:

—D. Manuel de Noronha, já mencionado.

—D. Luiz de Noronha, irmão do antecedente.

—Lucas d'Andrade, homem muito erudito e beneficiado na egreja de S. Nicolau, em Lisboa.

Escreveu e publicou differentes obras, indicadas por Innocencio.

—José de Mattos Henriques, commissario do santo officio, e

—Fr. Guilherme Antonio da Costa, egresso da ordem de S. Francisco de Xabregas, onde professou em 1831, e ultimo guardião do convento de recoletos d'esta villa, do qual adiante fallaremos.

Este illustrado e virtuoso sacerdote foi prior aqui muitos annos. Ainda vivia em 1876 e é possivel que viva ainda hoje, mas n'esse caso deve estar decrepito[1].

O convento

A distancia de 1:500 metros (approximadamente) d'esta villa, nas faldas do monte onde se vêem as ruinas do castello de D. Alardo, mas na pendente opposta, se ergue o extincto convento de *Nossa Senhora da Visitação*, de Villa Verde, que foi de recoletos franciscanos da provincia de Xabregas.

Demora em sitio ermo e solitario, mas

[1] Ainda hoje vivem tambem dois veneraudos egressos das nossas relações:—o dr. fr. José Caetano Lopes Bandarra, vigario de Longroiva, no concelho da Meda,—e em S. Pedro da Torre, concelho de Valença, Fr. João de Santa Rosa Martins, que foi prior no convento benedictino de Lisboa, hoje palacio das côrtes, etc.

V. *S. Pedro da Torre* e *Villa Nune*.

pittoresco e muito interessante, com largo horisonte e amplas vistas para O. e N.O. sobre os concelhos d'Obidos e Cadaval, até Peniche e Berlengas, no Occeano Atlantico, distantes mais de 40 kilometros!...

Foi fundado em 1540 por D. Pedro de Noronha, donatario de Villa Verde, em uma sua quinta de recreio. Era convento penitenciario e por consequencia muito austero! Ainda em 1834, quando foram extinctas as ordens religiosas, era habitado por 13 frades, sendo guardião d'elles Fr. Guilherme (ou José Guilherme) Antonio da Costa, que depois, como já dissemos, foi e não sabemos se ainda é, prior d'esta freguezia.

—

Extinctas as ordens religiosas, passou este convento para a corôa; depois foi vendido a João de Sá Pereira;—por morte d'este passou para o dr. Ayres de Sá Pereira, de Catanhede, e outros herdeiros do finado,—e em agosto de 1873 foi comprado pelo sr. dr. Sebastião José de Carvalho, actual visconde de Chancelleiros, 1.º d'este titulo, par do reino, ex-ministro das obras publicas, etc. [1].

Quando s. ex.ª tomou posse d'este convento estava em completo abandono e era um montão de ruinas, mas de prompto o restaurou e transformou em uma das primeiras vivendas d'este concelho.

Produzem um lindo effeito a casa com as suas janellas d'ogiva, os terraços com as suas ameias e a sala do capitulo com o seu zimborio e mirante, destacando-se por cima d'este não vulgar conjuncto a velha torre da egreja com a sua cor enegrecida pelo bater dos seculos.

—

A cerca é vasta, abundante d'agua deliciosa e bem murada. Teve frondoso arvoredo secular, que os vandalos d'este seculo destruiram, mas ainda conserva junto do muro da cerca e da estrada que vem de Villa Verde um pinheiro collossal, que se avista a grande distancia de um e outro lado da serra de *Monte Junto*. É o gigante da montanha e lembra os seus affins do Bussaco.

Tambem na cerca se vê e admira um formoso tanque de 73 palmos de comprimento, 22 de largura e 11 de profundidade, que foi construido por um guardião nos principios do ultimo seculo.

A egreja era espaçosa, mas sem luxo architectonico; tinha porem um soberbo retabulo na capella-mór, todo de pedra polida, alva de neve, com embutidos cor de rosa. O altar era de urna, formado por uma pedra só, e junto d'elle se via uma campa com o brasão dos Noronhas e o epitaphio seguinte:

ESTA SEPULTURA É DE D. PEDRO
DE NORONHA, SENHOR DE
VILLA VERDE, O SEXTO, E PRIMEIRO DO SEU NOME.
1566.

Era a sepultura do benemerito fundador. Não sabemos se os actuaes possuidores e restauradores d'este convento conservaram e restauraram tambem a pobre egreja.

Senhores d'esta villa

O 1.º senhor e povoador, ou antes *repovoador*, d'esta villa, depois da expulsão dos mouros, de Lisboa e d'estes sitios, foi, como já dissemos, D. Alardo;—depois passou para a corôa—e da corôa para os Gomides, Albuquerques e Noronhas, pela fórma seguinte:

1.º—Gonçalo Lourenço de Gomide.

Foi escrivão da puridade de D. João I;—acompanhou-o na tomada de Ceuta—e ali mesmo, em premio dos seus brilhantes feitos, o proprio rei o armou cavalleiro e lhe deu o senhorio d'esta villa, *de jure* e herdade.

2.º—João Gonçalves de Gomide, filho do antecedente.

Foi 2.º senhor d'esta villa e alcaide-mór de Leiria, Obidos e Alemquer. Casou com D. Leonor d'Albuquerque e, passados annos, matou-a, pelo que foi degollado.

[1] Nasceu na quinta do *Rocio*, freguezia da Ventosa, n'este concelho, mas é oriundo da provincia de Traz-os-Montes e tomou o titulo da sua bella casa e quinta de *Chancelleiros*, freguezia de Covas, concelho de Sabrosa, no Alto Douro.

3.º—Gonçalo d'Albuquerque, filho do antecedente.

Depois do tragico fim de seu pae, elle (bem como seus irmãos e descendentes) tomou o appellido materno, deixando o de Gomide; casou com D. Leonor de Menezes, filha do conde d'Atouguia,—e d'este consorcio teve, entre outros filhos, o grande Affonso d'Albuquerque, famoso Vice-Rei da India.

4.º—Fernão d'Albuquerque, filho primogenito de Gonçalo de Albuquerque.

5.º—D. Martinho de Noronha, genro do antecedente e 3.º neto de D. Henrique de Castella.

Fallecendo Fernão d'Albuquerque sem successão masculina, passou o senhorio de Villa Verde á filha D. Guiomar, e pelo casamento d'esta com D. Martinho de Noronha, passou para os Noronhas o senhorio d'esta villa.

6.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

Foi veador da rainha D. Catharina, mulher de D. João III.

7.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

8.º—D. Francisco Luiz de Noronha, filho do antecedente.

9.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

10.º—D. Francisco Luiz de Noronha, filho do antecedente.

Falleceu sem filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão:

11.º—D. Vasco de Noronha.

Falleceu tambem sem filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão:

12.º—D. Antonio de Noronha.

Foi feito conde de Villa Verde, o 1.º d'este titulo, por carta de lei de 10 de dezembro de 1654.

13.º—D. Pedro Antonio de Noronha, 2.º conde de Villa Verde, nasceu em 13 de junho de 1661, e em 1693, contando apenas 32 annos, foi nomeado vice-rei da India e foi um dos vice-reis mais benemeritos. Desempenhou depois altos cargos com a maior distincção, pelo que em 1714 foi agraciado com o titulo de marquez d'Angeja.

Falleceu em 1731.

14.º—D. Antonio de Noronha, 3.º conde e 14.º senhor de Villa Verde e 2.º marquez d'Angeja, filho do antecedente

Foi mestre de campo general e governador da provincia do Minho, onde falleceu (em Vianna do Castello) no dia 18 de julho de 1735.

15.º—D. Pedro José de Noronha, IV conde e XV senhor de Villa Verde e III marquez d'Angeja, filho do antecedente.

16.º—D. Antonio José Xavier de Noronha.

Nasceu em Vianna do Minho em 1 de outubro de 1736 e foi IV marquez d'Angeja, V conde, XVI senhor de Villa Verde, etc.

17.º—D. Pedro José de Noronha e Camões.

Foi V marquez d'Angeja, VI conde, XVII senhor de Villa Verde, etc.

18.º—D. João de Noronha Camões de Albuquerque Sousa Moniz.

Foi VI marquez d'Angeja, VII conde e XVIII senhor de Villa Verde, gentil homem da camara de D. João VI, par do reino, tenente general, grão-cruz das ordens da Torre e Espada, S. Bento d'Aviz e N. S. da Conceição de Villa Viçosa, etc. Teve a cruz da guerra peninsular, de quatro campanhas, e as medalhas do Bussaco, Albuera, Ciudad Rodrigo, Badajoz e Salamanca, e a medalha hespanhola de Albuera.

Nasceu em 21 d'abril de 1788 e falleceu em 23 de junho de 1827, contando apenas 39 annos de edade;—casou 3 vezes, mas não deixou successão, pelo que lhe succedeu o seu parente... [1]

19.º—D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, conde de Peniche, 7.º marquez d'Angeja, 8.º conde e 19.º senhor de Villa Verde, etc.

Falleceu no dia 2 de julho de 1881.

—

Ha muito que foram extinctos os privilegios dos donatarios, mas alem d'esses privilegios tinham n'esta parochia os morgados e senhores d'esta villa muitas terras que

---

[1] V. *Loronha* e *Peniche*, vol. 6.º pag. 621 e seg.

emprazaram, pelo que ainda hoje os herdeiros e representantes dos marquezes d'Angeja, condes de Peniche e Villa Verde, aqui possuem muitos foros e são os senhorios directos de grande parte d'esta freguezia.

Tambem aqui possuem um antigo palacio que foi durante seculos residencia senhorial e o maior foco de villa d'esta povoação.

É um edificio muito solido, irregular, incompleto e já em ruinas, com uma grande cerca, povoada de arvores magestosas. Tem um quarto digno de veneração, denominado *gabinete do conde,* por ter sido do vice-rei da India D. Pedro Antonio de Noronha, 2.º conde e XII senhor d'esta villa. O tecto é apainelado e dividido em quadros representando os feitos praticados por D. Pedro na India, e em redor dos differentes quadros se leem os nomes dos capitães que se acharam com elle n'aquellas emprezas.

É pois o tecto do dicto quarto uma interessante pagina da nossa historia.

Em frente do palacio e junto de uma fonte antiquissima se vê um magestoso ulmeiro, á sombra do qual os nobres condes e senhores d'esta villa se abrigaram muitas vezes e deram audiencia aos seus vassallos.

Atravessa hoje este terreiro a nova estrada a macadam do Carregado e Alemquer ao Cadaval, servida por diligencias e que veiu amparar na decrepitude tão historico e decadente povoado.

Retrospecto

Segundo a tradição, esta villa já contou mais de 600 fogos e de 1:400 habitantes, mas uma peste fatal, em epoca de que não existe memoria authentica, depois de aniquilar a maior parte dos seus moradores, obrigou os restantes, bem como os da villa de Torres Vedras e d'outras povoações circumvisinhas, a procurarem refugio nos ermos, onde acamparam e fundaram as povoações de Cabanas de Torres, Cabanas de Chã, Abrigada e outras no termo actual d'este concelho.

Ainda hoje attestam a grande catastrophe as numerosas ossadas que trivialmente se encontram n'esta villa e nos seus arrabaldes em qualquer excavação.

A pobre Villa Verde ficou quasi deserta e não mais se restabeleceu!

Ainda lhe insufflaram alguma vida a residencia temporaria dos seus donatarios e a presença das auctoridades do seu municipio, «mas pouco a pouco os nossos fidalgos desampararam as suas terras em procura dos vicios e dissipações da corte [1], e Villa Verde... perdendo o alento que a sua residencia lhe dava, começou a vegetar, até que em 1854 perdendo o ultimo vestigio do caracter municipal, tomou a posição inferior que hoje occupa.»

Tambem soffreu muito com a guerra peninsular, nomeadamente desde outubro de 1810, data em que Massena acampou com os seus 80:000 homens em frente das linhas de Torres Vedras, tão proximas d'esta villa, talando e saqueando até grande distancia todas as povoações ao norte das mencionadas linhas, até que em março de 1811 bateu em retirada para a Hespanha [2].

Em 1863 achava-se esta villa reduzida a 71 habitações!...

«Por todos os lados ruinas de casas, pardieiros e muros desmoronados, indicam ao passageiro a grandeza que já lá vae»—diz a *Memoria* de Alemquer,—mas hoje, felizmente, as novas estradas a macadam principiam a dar-lhe outro aspecto.

Foral de D. Alardo

Na citada memoria de Alemquer se encontra textualmente este foral. É muito interessante, mas para não fatigarmos os leitores, apenas tiraremos d'elle alguns topicos:

«... pela morte de um homem 1:000 soldos;... por um olho, uma mão ou um pé 500 soldos;... quem matar um homem, e o sobredito dinheiro não poder pagar, será enforcado.

---

[1] V. *Alemquer e o seu concelho*, pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques,—trabalho muito consciencioso e muito interessante para a historia e topographia d'esta villa e d'este concelho.

[2] V. *Torres Vedras*, *Bussaco* e *Gojim*.

«Pelo ferimento do dedo pollegar 200 soldos; sendo de outro dedo, 100 soldos.

«Por um dente 3 maravedis.

«Se um homem ferir alguem, dará por cada pollegada da ferida 6 soldos.

«Se um homem espancar outro, dará 12 soldos.

«Qualquer homem que bater n'outro com a mão aberta, ou fechada, ou com o pé, por cada pancada dará 6 soldos.

«O filho que não fôr legitimo não herdará nada do pae.

«Se alguem consentir que outrem cultive a sua herdade sem protesto durante um anno e dia, não a poderá reivindicar.

«Pelas medidas falsas 5 soldos.

«Ninguem poderá comprar herdades em Villa Verde senão *francos*.

«Se a *franca* (franceza) casar com o *franco*, terão fôro em tudo, como os francos.»

Via-se, pois, que D. Alardo não prohibia, mas difficultava o casamento das filhas da sua colonia com individuos estranhos.

Foral de D. Manuel[1]
(*extracto*)

Por composição entre o senhorio e os habitantes d'esta villa, ficaram elles obrigados a pagar-lhe sómente uma *colheita* ou *jantar* em cada anno das coisas seguintes:—de trigo 10 alqueires, de cevada 6 moios, de vinho 48 almudes, tudo pago a dinheiro pelo preço corrente no 1.º dia de maio,—e mais: uma vacca ou 600 réis,—7 gallinhas, ou 140 réis,—2 porcos, ou 600 réis por ambos,—7 carneiros ou 60 réis por cada um,—6 cabritos, ou 17 réis por peça,—7 leitões ou 24 réis por cabeça,—200 ovos ou 70 réis por todos,—1 alqueire de farinha, ou 30 réis,—1 alqueire de mel, ou 160 réis,—1 alqueire de manteiga, ou 320 réis,—2 restes d'alhos e 2 de cebollas, ou 30 réis,—1 vara de bragal. ou 10 réis,—e 12 vasos de páo, ou 18 réis,

N'este concelho d'Alemquer o preço medio dos generos n'aquella data era o seguinte:

1 alqueire de trigo...........	25 réis
1 » de cevada.........	18 »
1 » de centeio.........	12 »
1 » de milho..........	12 »
1 tonel de vinho branco de embarque..................	2$000 réis
1 almude de vinho tinto, que não era de embarque.......	35 »
1 alqueire d'azeite...........	74 »
1 cabrito ou cordeiro.........	27 »
1 pato....................	20 »
1 frango....................	11 »

Pesos e medidas

Outr'ora em quasi todos os nossos concelhos eram differentes os pesos e medidas e regulados por padrões peculiares a cada um dos concelhos. D'este de Villa Verde ainda ha pouco se conservavam na casa da camara d'Alemquer os seus antigos padrões. Não sabemos se já se *evaporaram*, mas eram luxuosos e valiosos, muito dignos de se archivarem no Museu Archeologico do Carmo[1].

O padrão dos pesos (diz uma nota que temos presente) era de arroba a $1/2$ arratel, «porque já os outros estavam perdidos.»

Era todo de bronze e tinha na circumferencia da arroba a legenda seguinte:

ME MANDO FAZERE DOM
EMMANUEL REI DE PORTUGAL. ANO
DE 1498.

O da medida de grãos era de alqueire a meia oitava, todo tambem de bronze lavrado, em fórma de cubos, tendo de um lado as armas portuguezas e do outro esta legenda:

SEBASTIANUS I. R. P. REGNIOR. SUOR
MENSURAS AQUAVIT. ANO MDLXXV.

Em vulgar:

«D. Sebastião I, rei de Portugal, igualou as medidas dos seus reinos no anno de 1575.»

O padrão dos liquidos era de almude a meio quartilho, todo tambem de bronze la-

[1] De 1 d'outubro de 1513.

[1] V. *Lisboa*, vol. 4.º pag. 265, col. 2.ª

vrado, e tinha junto da bocca armas e inscripções como as indicadas supra, mas com a data de 1576.

A vara e o covado eram de ferro.

> Chamamos para estes formosos padrões e para o quarto ou *gabinete do conde* a attenção do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, benemerito fundador e presidente da *Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio.

Fecharemos este topico mencionando outros padrões, muito differentes:—são os marcos de pedra que os senhorios d'este concelho de Villa Verde mandaram collocar em toda a circumferencia d'elle, para evitarem questões com os concelhos visinhos.

Ainda hoje muitos d'aquelles marcos se vêem formando a linha divisoria entre esta freguezia e as limitrophes, pois o extincto concelho de Villa Verde comprehendia esta parochia sómente.

VILLA VERDE DA RAIA,—aldeia do concelho de Chaves em Traz-os-Montes, junto da raia da Hespanha, pelo que os seus habitantes exploram escandalosamente a industria do contrabando.

Em outubro de 1885 achava-se ali um posto do cordão sanitario, que o nosso governo, como já dissemos nos artigos *Villa Real de Santo Antonio* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, estabeleceu em volta de todo o nosso paiz para suster a marcha do *cholera morbus*, que estava assolando a Hespanha, como assolou em 1884.

Bom dinheiro despendemos no cordão, mas felizmente o cholera poupou-nos até hoje (abril de 1886) tendo feito em Hespanha milhares de victimas!...

No dia 8 do dicto mez um dos soldados do cordão denunciou ao chefe d'aquelle posto um cabo de infanteria 19, por haver passado certo contrabando. Foi chamado á presença do chefe e, indo a meio caminho com o dicto soldado, lembrando-se de que este seria o denunciante, deu-lhe um tiro á queima-roupa, varando-o de lado a lado e matando o instantaneamente.

Depois internou-se na Hespanha.

VILLA VERDINHO ou **VILLAVERDINHO,**—parochia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de Cedães, concelho e comarca de Mirandella, bispado e districto de Bragança.

Em 1706 contava 14 fogos;—era curato da apresentação do reitor de Mirandella—e pertencia a uma das 6 commendas d'esta villa.

A mesma parochia de Cedães, que hoje (1886) conta 143 fogos e 615 habitantes, comprehende tambem a povoação de *Val de Lobo*, que foi outro curato da mesma apresentação, pertencente ás mencionadas commendas, e tinha n'aquella data 26 fogos.

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor no artigo *Val de Lobo*, vol. 10.º pag. 54, col 2.ª

Villaverdinho é corrupção de *Villa Verdinha*, diminutivo de *Villa Verde*.

V. *Cedães*.

VILLA VIÇOSA,—*Côrte da Serenissima Casa e Estado de Bragança*, actualmente simples villa, séde do concelho do seu nome, comarca d'Extremoz, districto e arcebispado d'Evora na provincia do Alemtejo.

Demora na altura de 38º, 51' de latitude N.—e 1º, 30' de longitude E., pelo meridiano de Lisboa, em um lindo, ameno e sempre *viçoso* valle, abrigado a oeste pela pequena serra de Borba e regado por muitas fontes que derivam da mesma serra. D'ahi o titulo de *Viçosa*, cuja propriedade ninguem lhe contesta.

Appellamos para os que já vizitassem, como nós vizitámos, esta villa e subissem, como nós subimos, aos muros do seu castello no mez de maio, ao raiar do sol e ao cahir da tarde.

Tudo em volta até grande distancia era um amplo tapete de luxuosa vegetação e, sendo para nós esta villa inteiramente estranha, e tendo sido creados no mimosissimo e fertilissimo cantão por justos titulos denominado *coração do Douro*,[1] no vasto tri-

---

[1] V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 250, col. 1.ª—*Villa Jusã*, vol. 1.º pag. 770, col. 2.ª—*Corvaceira* e *Penajoia*.

angulo formado por Lamego, Mezãofrio e Villa Real de Traz-os-Montes,—cantão que não tem rival em todo o nosso paiz,—ficámos surprehendidos e muito espontaneamente dissemos:—Formosa villa! Bem mereces o titulo de *Viçosa!...*

—

Dista 4 kilometros de Borba e 16 de Extremoz para E.S.E.,—25 d'Elvas para O.S.O. —50 d'Evora pelo Redondo, para E.N.E.,—170 de Lisboa,—507 do Porto—e 637 de Valença do Minho.

A sua estação mais proxima na rede das nossas linhas ferreas hoje é a de Extremoz, para a qual, bem como para a d'Elvas, têm boas estradas a macadam, servidas por diligencias. Tambem tem estradas a macadam, para o Alandroal e para o Redondo.

Foi praça de guerra até 1834;—teve voto em côrtes com assento no banco 16, dando um só procurador até 1645—e d'ahi em deante dous.

André de Rezende na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae* deu a esta villa o nome de *Callipole*, tirado do grego e que significa villa ou cidade *formosa, bella e amena*, pelo que os seus habitantes se intitulam *callipolenses*, em vez de *villaviçosenses* ou *villaviçosanos*.

Parochias d'esta villa

São duas:—a *matriz*, orago Nossa Senhora da Conceição do Castello, padroeira do reino, por eleição e resolução das côrtes de 1646,—e *S. Bartholomeu*,—ambas priorados. Até 1834 foram da ordem d'Aviz, como todas as egrejas d'este concelho, exceptuando unicamente a capella ducal e real que era exempta ou *nullius diœcesis*, e a da Lapa, que era do ordinario, ou dos arcebispos d'Evora.

A de Nossa Senhora da Conceição tem por limites na villa e a O. *exclusive*—a rua das Vaqueiras, a de Santo Antonio e o largo da *Assaboaria*, que pertencem á freguezia de S. Bartholomeu;—nos suburbios e *coutos* confronta a N. com a matriz e Santa Barbara de Borba;—a E. com Santo Antonio da Terrugem, do concelho d'Elvas, e S. Romão;—a S. com Santa Catharina de Pardaes,—e a O. com Santa Anna de Bencatel, todas d'este concelho de Villa Viçosa.

Conta na villa 348 fogos com 1:258 almas —e nos suburbios e coutos 65 fogos com 268 almas. Total—413 fogos e 1:526 almas.

Em 1708 contava 500 fogos e 2:050 habitantes.

Em 1768 contava 565 fogos e 2:200 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 439 fogos e 1:788 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 608 fogos e 1:651 habitantes—e o meu illustrado e consciencioso informador, natural d'esta villa, deu-lhe 413 fogos e 1:526 habitantes!...

—

A egreja matriz, de Nossa Senhora da Conceição, demora na *almedina*, ou villa primitiva, e é um templo espaçoso com tres naves, separadas por dois renques de columnas doricas. Tem tres porticos e uma só torre á direita do frontispicio, que se ergue sobre um adro amplo, lageado de fino marmore de cores em xadrezes brancos e azues, tendo á esquerda o cemiterio parochial, inaugurado em 1839.

Este templo, celebre em todo o nosso paiz e fóra d'elle por ser cabeça da *ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa* (da qual temos a honra de ser humilde cavalleiro) instituida por D. João VI em 1818,—e por ser a casa da padroeira do reino,—foi reedificado pela ordem d'Aviz em 1572 a 1600, á custa dos dizimos e do duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV, que muito beneficiou e melhorou tambem o dicto templo.

Communmente diz-se que a egreja primitiva foi fundada pelo santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, mas na opinião mais segura a dicta egreja data pelo menos do tempo d'el-rei D. Fernando. O santo condestavel apenas a reedificou.

—

A padroeira está em um camarim, por baixo da tribuna da capella-mór, fechado com rotulas de prata. Tem um capellão privativo, que diz missa resada em todas as festas da Virgem e cantada por musica de ca-

pella todos os sabbados, exceptuando o de Alleluia.

Duas irmandades ou confrarias promovem o seu culto:—a de *Nossa Senhora da Conceição do Castello* ou *dos Officiaes*, que só consta de juiz, escrivão e thesoureiro,—e a dos *Escravos* da mesma Senhora, que tem 12 mesarios perpetuos, os quaes, assim como os 3 sobreditos,—e o prior e beneficiados d'esta egreja—e os conegos da capella real—são cavalleiros natos da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

O bispo-deão da capella real era commendador da mesma ordem.

Ha n'esta egreja sómente um jazigo, aliás muito amplo, no pavimento da capella do Santissimo.

Foi feito por Antonio Cabide em 1643 para si e sua familia; extincta esta, a respectiva irmandade o cedeu aos condes das Galveias, em 1734, e ali pouco depois foi sepultado o 2.º conde d'aquelle titulo,—Pedro de Mello e Castro.

Tambem ali foi sepultado em 1822 o bispo d'Olba, D. Vasco José Lobo.

—

Ha tambem n'esta parochia as seguintes confrarias:—SS. Sacramento, Santo Nome de Jesus, Nossa Senhora do Carmo, S. Pedro, S. José e Santissima Trindade, que são os oragos d'outras tantas capellas.

Na matriz ha uma *Conta Adriana* ou *millenaria*, benzida em Roma por Paulo V a 15 de janeiro de 1607, diz o meu illustrado informador [1].

Até á extincção dos dizimos em 1834 esta parochia era curada por um prior e dois beneficiados, recebendo o prior 180 alqueires de trigo e 20$000 réis em dinheiro e os beneficiados pouco menos. Desfructavam além d'isso um bello olival no sitio dos *Coutos*, do qual se apossou a junta de parochia,—e tinham tambem diversas *pitanças*.

Hoje é administrada por um prior com 225$000 réis de congrua em derrama,—alem do pé d'altar e dos emolumentos do cartorio,—e tem um coadjutor com 75$000 réis de derrama tambem.

—

Os templos filiaes da matriz eram antigamente:—na villa a capella de Nossa Senhora dos Remedios;—nos suburbios:—S. Bento, S. Jeronymo, S. João Baptista e S. José do Carrascal, S. Luiz, S. Thiago, S. Domingos, Santo Ildefonso e Nossa Senhora do Paraiso;—nos *coutos*:—Santo André (cahida ha mais de 100 annos) S. Marcos e Senhora das Mercês em Bencatel, a qual passou para a jurisdicção do parocho de Bencatel em 1839, por accordam do conselho de districto. Do mesmo modo passou a da Senhora da Lapa a ser filial da dicta matriz em 1834, tendo sido da apresentação dos arcebispos d'Evora e exempta do padroado d'Aviz.

Hoje são tambem suas filiaes as egrejas dos extinctos conventos de Santo Agostinho, Nossa Senhora da Esperança e Senhora da Piedade, ou capuchos, por estarem todas na area d'esta parochia.

Logo daremos noticia especial d'estes e d'outros templos.

—

Os suburbios e *coutos*, pertencentes todos á matriz, constam na metade oriental,—de hortas e pomares com muitos ferragiaes de producção cerealifera, correndo por ali, ao norte, o ribeiro do *Beiçudo*,—e ao sul o do *Rocio*, alimentados ambos com as vertentes das fontes da villa. A parte oriental d'esta parochia abunda pois em fructas e hortaliças.

Na parte occidental os coutos são povoádos de oliveiras com vinhas e ferragiaes de permeio.

As quintas mais notaveis dos suburbios são:

1.ª—*De Peixinhos*, fundada por Affonso de Lucena, secretario da duqueza D. Catharina, cabeça do morgado instituido por elle em 1611. É hoje de Adolpho de Lima Mayer, negociante de Lisboa.

---

[1] Na egreja do extincto convento de Caria, concelho de Sernancelhe, provincia da Beira Alta, existe outra *Conta Adriana*. Attribuiram-se a estas contas indulgencias *verdadeiramente extraordinarias*, mas alguem as taxa de apocriphas!...

V. *Caria* n'este diccionario e no supplemento.

Foi a melhor casa de campo d'esta villa, superior á da Tapada Real, dos duques de Bragança, mas está em ruinas, ha muito!...

2.ª—*Do Paul*, hoje a mais rendosa d'esta villa.

D. João de Faro, thesoureiro mór da capella real, a beneficiou e melhorou muito e n'ella fez boas casas nobres, na segunda metade do ultimo seculo; foi tambem muito melhorada n'este seculo por outro thesoureiro-mór, Joaquim Cordeiro Galão; dos herdeiros d'este passou, já depois de 1854, para o hespanhol José Maria Alvares, rezidente em Borba, que a beneficiou e melhorou mais do que nenhum dos outros possuidores e lhe annexou muitos predios limitrophes. É hoje de André da Ascenção Alvares, filho do mencionado José Maria.

3.ª—*Quinta da Cebola de Cima.*

É abundante em laranja e foi muito melhorada nos nossos dias pelo medico Rivara, seu dono.

São tambem dignas de menção:—a horta do *Couteiro-mór* e a *da Cruz*,—a quinta da *Saude*, a *do Gil* e outras muitas que não mencionamos para não fatigarmos os leitores.

Tambem pertence a esta parochia a parte sul da *Tapada Real*. A outra parte é da freguezia de Santa Barbara de Borba.

No ribeiro do *Beiçudo* ha 4 fabricas de cortumes no sitio dos *Pelames* e move tambem muitos lagares d'azeite e moinhos de cereaes. Ha ainda outro ribeiro chamado do *Rocio.*

Parochia de S. Bartholomeu

Esta parochia é toda urbana e cercada de todos os lados pela *matriz*[1];—abrange a parte occidental e moderna da villa—e conta 457 fogos e 1:558 almas,—segundo diz o meu illustrado e consciencioso informador, natural d'esta villa.

Em 1708 contava 600 fogos e 2:450 habitantes.

Em 1768 contava 563 fogos e 2:300 habitantes.

[1] Assim se denomina em Villa Viçosa a freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Castello.

O censo de 1864 deu-lhe 476 fogos e 1:954 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 448 fogos e 1:794 habitantes.

Do exposto se vê que esta formosa villa tem decahido muito do seu esplendor d'outr'ora!...

Prosigamos com a descripção da freguezia de S. Bartholomeu:

Tem sómente um prior, que vence de congrua 175$000 réis em derrama, alem do pé d'altar, e 10$000 réis pela desamortisação da residencia; mas até 1834 tinha tambem dois beneficiados—curas, como os da *matriz*, e com igual estipendio.

Os thezoureiros das duas freguezias recebiam para guisamentos 4 arrobas de cera e 20 almudes de vinho mosto, alem dos vencimentos proprios, sendo tudo pago pelo celleiro dos dizimos, que era situado na rua do *Cambaia.*

—

A primitiva egreja d'esta freguezia estava no centro da *Praça Nova;*—suppõe-se ter sido fundada no seculo XIV e foi erigida em séde de parochia no meiado do seculo XVI, mas poucos annos gosou essa preeminencia, por ser velha e de pequenas dimensões.

Dizem uns que a mandou demolir o duque D. Theodosio I, para a reedificar amplamente com tres naves e transferir para ella a collegiada d'Ourem, que era do seu padroado;—attribuem outros aquella resolução ao seu filho, o duque D. João I. O certo porem é que se deu principio á nova egreja e se levou a construcção das suas paredes até 2 ou 3 metros d'altura, mas parou, por se auzentarem os duques de Bragança para Lisboa.

Entretanto foi séde d'esta parochia a egreja de S. Sebastião, no *Rocio*, da qual passou para a do Espirito Santo, approximadamente em 1584, por concessão da Misericordia e da casa de Bragança, que tinha a posse da capella-mór. Ali se conservou até 19 de fevereiro de 1865, data em que, por mercê da mesma casa de Bragança, se transferiu para a egreja do collegio de S. João Evangelista, acabada em 1604 pelo duque D. Theodosio II, e por elle destinada para casa professa de jesuitas. Não ficou porém com-

pletamente acabada, pois ainda hoje as suas torres não teem cupula.

—

Tem a dicta egreja a forma da cruz latina,—seis capellas lateraes com outros tantos altares—mais dois no arco cruzeiro, alem do altar-mór,—e frontispicio elegante e magestoso de bello marmore branco de Montes Claros em galerias com pilastras e cimalhas entre os seus tres porticos e janellas superiores, ladeado por duas torres.

É um templo magnifico dos maiores da villa,—e n'elle se acham erectas a confraria do Santissimo Sacramento,—outra de Nossa Senhora do Rosario—e a congregação de Nossa Senhora do Soccorro.

As egrejas filiaes d'esta parochia, comprehendidas no seu districto, eram:—as de S. Sebastião, Santo Antonio e Santa Luzia—e agora tambem a do extincto convento de Santa Cruz, na qual funccionam desde 1883 as confrarias do Rosario do Espirito Santo e das Almas, que para ella se transferiram espontaneamente.

Tem pois esta villa *intra-muros* 805 fogos com 2:816 almas, contando sómente os moradores fixos e não o destacamento militar e os hospedes ou tranzeuntes.

Calcula-se que tem perdido um terço da sua antiga população,—1.° com a sahida dos duques de Bragança em 1640,—2.° com a extincção das ordens religiosas da sua comarca e de differentes institutos, em 1834,—3.° com a remoção da muita tropa que a guarneceu e que hoje se limita a um simples destacamento.

Freguezias ruraes d'este concelho

São 4:—Bencatel, Pardaes, S. Romão e Ciladas.

Bencatel

É orago d'esta freguezia Sant'Anna. Fogos 300,—almas 1:272.

Tem uma só aldeia, denominada *Bencatel* e muito populosa, pois conta 227 fogos e 926 almas! O resto da sua população está disseminada pela ribeira e differentes montes, que ao norte do nosso paiz se denominariam *aldeias*, logares ou povos e casaes.

Freguezias limitrophes: S. Thiago de Rio de Moinhos a N. O.,—a matriz de Borba a N.,—Villa Viçosa a N. E.,—Pardaes a E.,—Alandroal a S.—e Redondo a O.

A egreja matriz tem por titular *Nossa Senhora do Alcance.* Foi fundada em 1765 por Bartholomeu Fialho, morador em Villa Viçosa, com o fim de se trasladar para ella a parochia de Sant'Anna que estava na herdade do mesmo titulo (Sant'Anna)—o que se effectuou em 1770 — e muito concorreu para se augmentar e regularisar a povoação junto d'ella, em uma extensa, formosa e saudavel planicie, ficando-lhe defronte o manancial da *Lagôa.*

Tem altar-mór,—4 lateraes—e 2 confrarias:—a do Santissimo e a das Almas.

—

A congrua do parocho, sob o titulo de bôlo, é de 360 alqueires de trigo e 26 de cevada. O thesoureiro tem 140 alqueires de trigo.

Ha n'esta parochia 3 capellas:—S. Pedro e Nossa Senhora das Mercês, contiguas á egreja parochial e misticas,—e Nossa Senhora da Madre de Deus, no pateo da quinta do mesmo titulo, pertencente aos Mascarenhas, de Villa Viçosa, mas aforada, ha muito. É hoje seu emphiteuta Miguel João de Azambuja.

Conta esta freguezia 19 azenhas na sua ribeira, que é d'aguas nativas, formada pelas nascentes da lagôa e não pelo *olho d'agua* que rebenta perto da ermida de S. Pedro, denominado *Trincarlo*, como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Bencatel*, posto que muitas vezes se junta a agua d'este áquella *por favor*, pois o *olho d'agua* é do *Monte d'El-Rei* e não concelhio.

Os lagares d'azeite são 3. Um d'elles está na *azenha do Conde* e é movido com a agua d'ella.

—

Ao poente da aldeia de Bencatel, na distancia de 6 kilometros, corre o *Luciféce* para o Guadiana pelas faldas da serra d'Ossa.

Os moradores de Bencatel viviam quasi exclusivamente da arriaria, antes da introducção dos caminhos de ferro no nosso paiz. Hoje vivem principalmente da agricultura.

Além da quinta da *Madre de Deus*, ha n'esta parochia a quinta de *S. João Baptista*, que pertence a Thomé de Sousa Menezes,—a *horta d'El-Rei*, de que falla Villas Boas na sua *Nobiliarquia*, e outras que não mencionamos para não fatigarmos os leitores.

Pardaes

O orago d'esta parochia é Santa Catharina d'Alexandria e tem hoje 115 fogos e 495 almas.

Freguezias limitrophes:—a matriz de Villa Viçosa a N.,—S. Romão e S. Braz dos Mattos a E.,—a matriz do Alandroal a S.—e Bencatel a O.

É cortada a meio pela nova estrada districtal a macadam de Villa Viçosa para o Alandroal e que deu muita vida a esta parochia.

A egreja matriz está isolada na herdade das *Bispas*. Apenas móra junto d'ella o sacristão!

Tem altar-mór,—3 lateraes,—uma confraria das almas—e não possue bens nem rendimento algum além das esmolas dos fieis.

O parocho tem de bôlo 300 alqueires de trigo e 100 de cevada,—e o thezoureiro 60 alqueires de trigo.

Consta que a primitiva egreja parochial esteve junto da *Aldeia* e que nos principios do seculo XVII se fundou a egreja actual, transferindo-se para ella em seguida.

A população está dispersa por dois districtos principaes denominados—*Ribeira* e *Fonte do Soeiro*. No 1.º estão os arrabaldes:—*Aldeia*, *Casas Novas* e *Paços*,—nenhum dos quaes excede a 14 fogos;—no 2.º ainda os agrupamentos são menores.

—

Tem esta freguezia, como a de Bencatel, uma ribeira que nasce na Lagôa e morre no Guadiana, atravessando a freguezia de S. Braz dos Mattos, que é do termo de Juromenha. Move n'esta freguezia 16 azenhas,—mais 4 na de S. Braz—e rega e fertilisa excellentes quintas e hortas com pomares de laranja da melhor d'este concelho.

Entre aquellas quintas merecem especial menção as seguintes:

1.ª—*Do dr. Panasco* (Bento Dias) do qual tomou o nome por haver sido dono d'ella e tel-a beneficiado e melhorado muito, sendo desembargador no tempo d'el-rei D. João V, e tendo sido juiz de fóra em Villa Viçosa.

Esta quinta é a melhor de todas!...

2.ª—*Dos Paços*.

Foi de Ruy de Sousa Pereira, aio d'el-rei D. João IV, emquanto duque de Barcellos.

3.ª—*Dos Infantes*.

Tem o brasão dos mesmos no portico e em plano inferior esta inscripção:

QUINTA DOS INFANTES,
FIDALGOS DA CASA DE S. M.

Estes infantes procediam de Jeronymo Infante d'Assa, que serviu na guerra da *restauração*.

Casou em Villa Viçosa e teve descendencia, que se extinguiu em D. Genebra Infante de Lacerda, filha e herdeira de Antonio Lobo Infante de Lacerda, que tanto se distinguiu em 1808 no levantamento do Alemtejo contra a invasão de Junot.

Casou a dicta senhora com José d'Assa Castello Branco; não tendo successão, aboliram o vinculo d'ella, cujo melhor predio era a mencionada quinta, e a deram ao advogado Antonio da Silva Leitão pelo seu trabalho para a abolição do vinculo.

Bem pago ficou!...

É hoje dona d'ella a sr.ª D. Maria Violante, rezidente em Borba, filha do mencionado dr. Leitão.

—

Nasce nas courellas da *Brôa* o ribeiro de *Alcalate* que, depois de receber differentes arroios no termo do Alandroal, desagua no *Luciféce*, junto de Ferreira de Terena.

Esta freguezia contrasta com a de Bencatel, por ser montuosa, menos povoada e o seu chão menos fertil; mas em compensação é muito salubre e tanto que o *cholera morbus* a respeitou em 1833!...

Tem um lagar d'azeite na quinta do *Panasco*.

Os seus habitantes são geralmente pobres, por serem rendeiros de predios, cujos donos vivem fóra d'ella, e jornaleiros na maior

parte,—sem ter commercio nem industria alguma.

É a freguezia mais pobre d'este concelho!...

Alem da sua egreja matriz, tem hoje apenas uma capella com a invocação de Santo Antonio dos Paços.

A de Santa Helena, mencionada na *Chorographia Portugueza*, já não existe.

Estava dentro da *Horta Grande*, lado sul.

S. Romão [1]

É orago d'esta parochia S. Romão, eremita de Panoias, onde (dizem) falleceu no anno de 566 e é festejado no dia 28 de fevereiro.

V. *Panoias*, villa do Alemtejo, vol. 6.º pag. 443, col. 2.ª—notando se que as ultimas 6 linhas d'aquelle artigo estão deslocadas. Pertencem a *Panoias* transmontana.

Freguezias limitrophes d'esta de S. Romão:—S. Braz dos Mattos e N. Senhora do Loreto, matriz de Juromenha, a S.,—Terrugem, concelho d'Elvas, a N.,—Ciladas a E. —e a O. Pardaes e a matriz de Villa Viçosa.

Comprehende duas aldeias:—1.ª *S. Romão* junto da matriz e que tem augmentado muito n'este seculo, pois já conta 140 fogos e 645 almas;—2.ª *Forte do Ferragudo*, com 23 fogos e 93 almas. A população restante d'esta freguezia está dispersa pelos *montes* ou casaes—total 188 fogos e 854 habitantes.

—

Em 1708 esta parochia era ainda uma simples *aldeia* de 60 fogos. Em 1768, já era curato da apresentação da mitra, mas contava ainda apenas 69 fogos.

A sua população augmentou *rapidamente* desde que a Santa Casa de Villa Viçosa dividiu em glebas, que aforou a differentes, a *herdade de S. Romão,* que ali possuia, dentro da qual estava a capella d'este titulo, já elevada a matriz, e que deu o nome á dicta herdade, á dicta aldeia e a esta parochia.

Eis aqui um exemplo, bem digno de imitar-se, para o augmento da população e da riqueza do Alemtejo.

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos donos das grandes herdades.

Parece que os irmãos da Santa Casa de Villa Viçosa tinham lido as *Noticias de Portugal* de Manuel Severim de Faria e que (honra lhes seja!...) quizeram ensaiar o que tanto recommenda o illustrado chantre d'Evora, relativamente á colonisação do Alemtejo, na obra supra, pag. 23 e 24 *mihi*.

—

A egreja matriz d'esta parochia é mais pequena do que a de Pardaes e já insufficiente para tanto povo. Olha para o poente ou para Villa Viçosa;—tem altar mór e 2 lateraes—e a sua esquerda cemiterio, *vice versa* das freguezias de Pardaes e Bencatel, que o o teem á direita, — graças ao benemerito Francisco de Paula Jordão, de Villa Viçosa. Falleceu em 1863 e não só deixou um legado para se instituir n'esta parochia uma confraria do SS. Sacramento, mas já em vida havia dado o terreno para o cemiterio.

Tambem pelo mesmo tempo se restaurou a residencia parochial.

O parocho tem de bôlo 300 alqueires de trigo e 80 de cevada—e o thesoureiro 90 alqueires de trigo.

Deve esta parochia ser ligada á cabeça do concelho por uma estrada municipal a macadam, cuja construcção se inaugurou em 1868, mas ainda não se ultimou, por causa de certas alterações na sua directriz, que inutilisaram mais de dois kilometros já feitos.

—

Ha no limite d'esta parochia apenas uma capella no *Forte de Ferragudo* [1], fundada em 1670 por Ambrosio Pereira de Berredo e Castro, que foi capitão de cavallos na guerra *da restauração* e que era dono do dicto forte,—*casa nobre fortificada,* que deu o nome

[1] V. *Romão (S.)* freguezia do Alemtejo, vol. 8.º pag. 227, col. 1.ª

[1] Não se confunda este *Ferragudo* com o seu homonimo do Algarve, na foz do rio Portimão.

V. *Ferragudo.*

á herdade que representa e que, pela sua historia e pela sua vastidão e herdades annexas, é sem contestação a 1.ª d'esta parochia e lembra os *castellos feudaes* d'outras eras.

Foi de André Mendes Lobo no seculo XVII —e em 1662 padeceu muito, quando por aqui passou o exercito de D. João d'Austria, seguindo de Borba para Juromenha.

Adquiriu-a o mencionado Ambrosio Pereira de Berredo pelo seu casamento com D. Maria Lobo da Silveira, filha do sobredicto André Mendes; — pelo casamento das filhas d'Ambrosio Pereira—D. Luisa Clara de Menezes e D. Joanna Vicencia de Menezes—com Gomes Freire de Andrade e seu irmão Bernardino Freire d'Andrade,—passou para os condes de Bobadella, que ali viveram, pelo que a dicta casa se denominou tambem *Forte do Conde*. Hoje, pelo casamento de uma herdeira dos dictos condes, pertence aos condes de Camarido.

Esta formosa granja comprehende tambem grandes olivaes e um lagar d'azeite; teve capellão até 1863 e, quando ali rezidiam os condes, tinha na capella Santissimo permanente e n'ella se celebravam as festividades da semana santa com certa pompa.

—

Abunda esta parochia em cereaes, legumes e montados d'azinho, faltam lhe porem hortaliças e fructas, porque não tem aguas nativas como Bencatel e Pardaes,—nem uma unica fonte ou um unico poço concelhios d'agua potavel!...

N'ella está o reguengo de *Fatalão*, que foi reservado para a corôa no foral de Villa Viçosa e pertence ainda hoje á serenissima casa de Bragança.

É arida e montuosa, mais fertil porém do que a de Pardaes.

Os seus habitantes vivem geralmente da agricultura e gosam muita saude por estar a sua aldeia em um planalto, o que não succede aos que moram nos *montes* (casaes) das visinhanças da Asseca e da ribeira de Borba.

Ciladas

Ao que d'esta parochia disse o meu benemerito antecessor no vol. 3.º pag. 300, col. 1.ª (V.) accrescentaremos o seguinte:

É a freguezia mais oriental d'este concelho e menos populosa por constar simplesmente de *montes* (casaes, casas de herdades) com algumas *hortas*, ou quintaes regadios com pomares e outros mimos,—sem ter ao menos um *arrabalde*, ou pequena aldeia.

O seu orago é Nossa Senhora das Ciladas, cuja matriz demora na herdade do *Carvão*, sobre os altos de Villa Boim, que separavam outr'ora o termo de Villa Viçosa do de Elvas.

Freguezias limitrophes:—S. Lourenço da Varge, ou Varzea, e S. João Baptista de Villa Boim, ambas do concelho d'Elvas, a N.;—Nossa Senhora d'Ajuda e Santo Ildefonso, ambas do dicto concelho, a E.;—a matriz de Juromenha a S.—e S. Romão a O.

Tem soffrivel egreja parochial com altar-mór e dois lateraes,—cemiterio—e residencia para o parocho e sacristão, mas desde 1871 foi annexa á de S. Romão, por falta de parocho proprio,—e tal é hoje entre nós a escassez de clero que o parocho de S. Romão, depois de dizer a missa conventual aos seus freguezes, vem nos domingos e dias sanctos celebrar aqui *segunda missa*,—o que é hoje trivial nas outras dioceses do nosso paiz, nomeadamente na de Lamego!...

—

Tem o parocho de congrua em *bôlo* 300 alqueires de trigo e 90 de cevada,—e o sacristão recebe 90 alqueires de trigo.

Conta hoje apenas 40 fogos e 206 habitantes, mas já teve mais de 60 fogos e de 270 habitantes. Diminue e continua a diminuir a sua população por cultivar cada lavrador muitas herdades, deixando cair os *montes* (casas) da maior parte d'ellas. É porem a mais rendosa em propriedades rusticas por comprehender muitas e excellentes herdades com boas terras e grandes montados d'azinho,—sendo para lamentar que a maior parte d'ellas pertençam a estranhos!

Entre as suas hortas (*quintas* ou quintaes) merecem especial menção, pela excellente fructa que produzem,—as de *Coroados* e *Carvão*.

Não tem hoje capella alguma. As de Santa

Theresa e Santo Antonio, mencionadas na *Chorographia Portugueza*, já não existem.

—

Todas as freguezias ruraes d'este concelho foram erigidas no meiado do seculo XVI. Anteriormente só existiam disseminadas pelo seu termo differentes capellas com capellães, aos quaes os visinhos arbitravam um *bôlo* em trigo e cevada para a sua congrua sustentação. Estes capellães depois, para maior commodidade dos povos, foram nomeados curas, parochos ou priores independentes da matriz, com auctorisação do ordinario.

Concelho antigo e moderno

O termo antigo d'este concelho principiava a E. no monte de *Coroados,* freguezia das *Ciladas*, comprehendendo só metade,—a parte occidental d'ella;—continuava para S., comprehendendo toda a freguezia de S. Romão e a parte septentrional da de S. Braz dos Mattos até á estrada d'Evora a Juromenha, ou até á herdade da *Nave de Cima, inclusive.* Proseguia para O. comprehendendo toda a freguezia de Pardaes e a parte oriental da de Bencatel, incluindo a sua grande aldeia;—avançava para N. O. e N, comprehendendo coutos da matriz de Villa Viçosa, —e por ultimo a parte inferior da freguezia de Santo Antonio da Terrugem, até o adro da egreja matriz.

—

Eram pois *meieiras* de concelhos differentes aquellas freguezias, por ser mais recente a creação e demarcação d'ellas, o que produzia grande confusão, questões e desordens, pelo que em 1834 se mandou que este concelho comprehendesse freguezias inteiras. Pela nova circumscripção perdeu o que tinha nas parochias da Terrugem e S. Braz dos Mattos, mas em compensação adquiriu a parte oriental da de Ciladas e a occidental da de Bencatel, que pertenciam—a 1.ª ao concelho de Elvas—e a 2.ª aos de Alandroal e Estremoz.

Comprehende pois o concelho de Villa Viçosa desde aquella data as freguezias seguintes:—Bencatel, Ciladas, hoje civilmente annexa a S. Romão,—Pardaes,—S. Romão e as duas da villa.

Total—6 freguezias, *todas completas*, com 1:702 fogos e 6:432 habitantes, segundo o recenseamento de 1878,—e pelo de 1864 comprehendia as mesmas 6 freguezias com 1:536 fogos e 6:708 habitantes.

Concelhos limitrophes: — Borba, Elvas, Alandroal e Redondo.

A sua maior longitude orça por 25 kilometros, de E. a O.—e a sua latitude entre Borba e o Alandroal é de 9 a 10 kilometros apenas.

É pois bastante reduzida a sua area. Comprehende ao todo 11:141 hectares de superficie.

—

N'este concelho não ha rios caudalosos, mas apenas ribeiras vadeaveis, que no inverno engrossam com as chuvas e seccam no estio, exceptuando os seus grandes pegos.

São as seguintes:

1.ª—*Mures* a E.

Nasce nas alturas de Villa Boim;—atravessa a freguezia de Ciladas—e morre no Guadiana, perto de Juromenha.

2.ª—*Assêca.*

Nasce na Terrugem,—vae á freguezia de S. Romão e ali, na herdade do Ratinho, desagua na seguinte.

3.ª—*Ribeira de Borba.* Nasce na villa d'este nome; passa a E. de Villa Viçosa;—recebe a agua das fontes d'esta villa e de differentes arroios—e morre na de Assêca.

4.ª—*Ribeira de Pardaes.* Nasce na freguezia d'este nome e desagua no rio Guadiana.

5.ª—*Lucifêce*, a O.

Nasce em Montes Claros, onde tem o nome de *Rio de Moinhos*;—passa ao sopé da serra d'Ossa;—na freguezia de Bencatel recebe as aguas da sua ribeira—e morre no Guadiana junto de *Chelles*, tendo dividido os termos de Terena e Alandroal.

Banham ainda este concelho varios ribeiros e arroios que não merecem especial menção.

—

Tambem não ha serras notaveis n'este concelho, exceptuando apenas uma ramificação da serra d'Ossa, até o sitio do *Alphaval*

na estrada do Redondo e Evora;—parte da serra da *Vigaria*, que pertence á cordilheira de Montes Claros—e os *Altos de Villa Boim*, que não devem classificar-se como serra, por serem cultivados.

A principal, posto que tem pequena elevação, é a *serra de Borba*, que atravessa o concelho de Villa Viçosa de N. a S., separando esta villa da parochia de Bencatel e terminando no Alandroal, depois de receber differentes nomes. Distingue se de todas as outras serras d'este concelho, por ser espontaneamente povoada d'alecrim com algum matto agreste, hoje quasi todo transformado em um immenso bosque de oliveiras

É vizivelmente de origem plutonica.

—

As producções principaes d'este concelho são:—trigo, cevada, centeio, aveia, legumes, azeite, vinho, gados, cortiça, figos e feijões, nomeadamente nas ribeiras de Bencatel e Pardaes.

Tambem produz bastante fructa de espinho e caroço—e hortaliça de todas as especies.

Nos suburbios da villa avulta hoje sobre tudo a cultura das oliveiras. Ha no concelho 22 lagares para o fabrico do azeite—e a producção d'este já chegou a *cem mil decalitros*, alguns annos!...

Não tem industrias especiaes, exceptuando algumas pequenas fabricas de cortumes e os seus importantes fornos de cal branca e preta na serra de Borba. A cal branca é feita com marmores de Bencatel, eguaes aos de Montes Claros, e é exportada para Elvas, Alandroal, Terena, Monsarás, Redondo e Evora, que não tem calcareo fino, mas só granito e piçarra.

Topographia de Villa Viçosa

É muito regular a planta d'esta villa.

As suas ruas estendem-se de N.O. a S.E. na direcção do valle que vem de Borba e acaba em Pardaes, na *Fonte do Soeiro*,—e são cortadas por outras de N.E. a S.O. Pena é que as antigas (orientaes) não sejam tão espaçosas como as modernas (occidentaes).

As transversaes, são denominadas *travessas*,—exceptuando as de Santa Cruz, d'Evora e do Espirito Santo, que estão no centro da villa.

Largos ou rocios principaes:

1.º—*Terreiro do Paço*, a N.

Tomou o nome do novo palacio dos duques, que se ergue sobre elle á direita, indo de Borba, parallelo e fronteiro ao extincto convento de Santo Agostinho, que se ergue do lado opposto.

Este grande rocio é um quadrado perfeito;—prende com elle no angulo oriental o *Terreiro de Santo Agostinho*, que é quadrilongo;—tem ao sul uma projecção denominada *Largo da Assaboaria*—e a N. E., quasi unido, o *Largo da Fonte Grande*.

2.º—*Praça Nova*, quadrilongo quasi regular, no centro da villa.

3.º—*Rocio de S. Paulo*, a S.

Forma um polygono de 6 differentes latitudes e tem tanto de comprimento como a villa tem de largura.

4.º—*Campo do Carrascal*, a O.

É o maior de todos os largos da villa e está arborisado em toda a sua circumferencia, bem como ao longo da estrada de Bencatel, que o atravessa quasi pelo centro.

5.º—*Outeiro de Ficalho*, a E. alem do Castello, mettendo-se de permeio alguns chãos lavradios, que já foram povoados, ou um bairro d'esta villa.

Estes ultimos dois largos, alem de serem campos de recreio, servem para debulha de cereaes.

No *Rocio de S. Paulo* fazem-se as feiras e mercados de gado bovino e suino. O gado miudo, cavalgaduras e todo o genero de mercadorias que concorrem ás dictas feiras, accommodam-se perfeitamente no *Campo do Carrascal*.

Os mercados diarios e semanaes, ou das quartas feiras, fazem-se na *Praça Nova*.

—

Além dos 5 mencionados campos, que são os principaes, tem a villa outros mais pequenos:

1.º—*Praça Velha*, denominada tambem *Estacada*, em memoria da que ali se fez em 1665 para defesa da entrada do castello.

Foi a antiga *Praça forense* e era muito

pequena; mas em 1663 a 1665 foram demolidas mais de 100 casas ao nascente do castello, pelo que se tornou muito mais ampla, formando um polygono de 300 metros de comprimento, que se liga ao largo seguinte:

2.º—*Terreiro de D. João* (d'Eça)—quadrado perfeito.

As municipalidades teem removido os entulhos dos predios demolidos e de algumas barbacans, aplanando e arborisando o seu chão, transformando a velha *Estacada* em um lindo passeio publico muito arejado e situado no centro da villa, a E. da Praça Nova.

—

Fontes publicas:

1.ª—*Fonte Grande,* com duas bicas, no largo do seu nome.

2.ª—*Fonte Pequena,* com 4 bicas, no *Terreiro de Santo Agostinho.*

3.ª—*Fonte do Alandroal,* com 2 bicas, no extremo E. do *Rocio.*

4.ª—*Fonte do Carrascal,* com 4 bicas de agua, que vem por um aqueducto do sitio do Carvalho.

Todas estas fontes são publicas ou *concelheiras.*

5.ª—*Chafariz d'El-rei,* no *Terreiro do Paço,* com 3 bicas alteadas e um grande bebedouro para bestas. Este chafariz é da casa de Bragança, mas o seu goso é publico.

Tem a villa mais dois bebedouros de bestas:—um no largo da *Fonte Grande,*—outro no *Carrascal.*

—

A 1.ª rua d'esta villa hoje, e a mais central, é a *Corredoura.*

Foi no seculo XV a extrema da villa ao poente, e denominou-se assim por ser a *carreira* dos cavalleiros villãos.

A 2.ª é a *dos Fidalgos,* assim denominada por viverem n'ella nos seculos XVI e XVII muitos dos fidalgos que estavam ao serviço dos duques de Bragança.

Seguem-se as ruas de *Antonio Homem, Frei Manuel* (*Cavalleiro*) e *Santa Luzia,*—todas largas e bem alinhadas.

Esta villa tem de N. a S. 1:030 metros de extensão—e de O. a E. 1:300.

Conserva a mesma extensão que tinha em 1640; apenas accresceu de novo o pequeno bairro de *S. José,* ao sul do Carrascal, e que não a compensa do grande povoado que perdeu na *Almedina,* ou villa primitiva, e seus arredores.

Foi amuralhada no principio do seculo XVI pelo duque D. Jaime, quando volveu da expedição d'Azamor; não conserva hoje porém mais do que alguns pequenos lanços dos seus velhos muros e as portas do *Nó* e da *Esperança,* sendo esta ultima sómente a da primitiva construcção.

Archeologia

Todos os escriptores que até hoje fallaram de Villa Viçosa apenas se limitaram a dizer que é povoação muito antiga, mas pouco, muito pouco disseram dos seus vestigios de antiguidade. Remediemos pois essa falta, embora muito succintamente, consoante as nossas debeis forças e a indole d'este diccionario.

I

Em Villa Viçosa, no suburbio do *Outeiro de Ficalho* e precisamente no local da ermida de S. Thiago, esteve o templo de *Proserpina,* do qual hoje nada resta.

Existiram tambem tres aras ou lapides votivas da mesma deusa, que Rezende archivou nas suas *Antiguidades da Lusitania,* e d'ali as copiaram outros escriptores nacionaes e estrangeiros.

Archivou tambem Rezende uma lousa sepulcral de Plutario e outra de Petronio Cautinense, que tambem não reproduziremos aqui por serem já conhecidas e não tornarmos este artigo excessivamente longo.

As dictas lapides provam irrefragavelmente a existencia de um *vico* ou aldeia do tempo dos romanos no proprio local da moderna Villa Viçosa e foram recolhidas no alpendre da antiga egreja de Santo Agostinho, bem como outras relativas ao deus Endovelico, venerado perto de Terena, onde hoje está a ermida de S. Miguel; mas desappareceram quando se demoliu a dicta egreja em 1635 para se fazer a egreja actual. Subsistem sómente 5 dedicadas ao deus Endovellico, as quaes se vêem na face exterior da

parede da mencionada egreja, do lado da epistola, e se acham miudamente descriptas na interessante *Memoria Historica*, publicada em 1882 no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa, 3.ª serie, n.os 4 e 5, relativa ao tal deus Endovellico.

O que não tem sido mencionado em letra redonda até hoje é a estatua de uma esphynge (monstro fabuloso com rosto de mulher e corpo de cão) a qual se vê e conserva no muro de um quintal da almedina, em uma viella, junto á porta de Estremoz.

É denominada pelo povo a *Villa Viçosa antiga* e apontada como reminiscencia d'ella.

—

No sitio das *Córtes*, onde se dividem os termos d'esta villa e da de Borba, houve tambem outro *vico*, chamado ultimamente *Côrte do Pretor*, segundo a letra do 1.º foral d'esta villa.

Além de muitos ladrilhos e telhões romanos, ali appareceram ainda em 1844 diversas sepulturas e campas sem epitaphios, mas algumas com lacrimatorios de vidro e de barro cozido, ao lado da cabeça dos defuntos.

Mais notavel do que tudo isto é ainda a grande *fundura* que se nota ao carreiro da azinhaga de S. Marcos, (entre o bairro da *aldeia da villa* e a planicie de S. Marcos) até á *Fonte da Moura*, em Pardaes, mostrando o tal carreiro que foi antiquissima e muito frequentada via de tranzito entre Pardaes e o templo de Proserpina.

II

Na planicie de S. Marcos, resto do valle de Villa Viçosa e a distancia d'esta villa uns 5 kilometros para o sul, são ainda mais notaveis os vestigios de antiguidade, que provam a existencia de uma povoação romana, incomparavelmente maior, n'aquelles sitios.

Dentro dos *coutos* da matriz, onde ainda ha pouco tudo eram vinhas, o chão foi profundamente arroteado pelos viticultores e as ruinas d'outras eras desappareceram; mas na herdade da *Fonte da Moura*, em parte do *Monte d'El-Rei* e na *Fonte do Soeiro*, que são da freguezia de Pardaes,—e ainda além da ribeira d'este nome, onde estão a *aldeia* e o morro sobranceiro á egreja parochial, todo o chão se vê recamado de fragmentos de tijolo, de telhões e de pedra miuda, por se haver aproveitado a grossa para as modernas edificações.

—

Tambem no sitio da *Fonte do Soeiro* se vêem ainda hoje muitos marmores talhados, fustes e capiteis de columnas que os moradores visinhos teem estragado, excepto um capitel d'ordem corinthia, que se conserva encaliçado e servindo de poial á porta de uma casa no sitio das *Casas Novas*.

Nos altos das *Ferrarias* se vêem muitos poços de minas antiquissimas, uns já obstruidos e outros abertos obliquamente, aos quaes ainda hoje se desce com archotes accesos para guia dos visitantes;—e na *Almagreira*, ao poente da Lagôa, foi tambem explorada em tempos muito remotos e ainda modernamente, em 1858 a 1860, uma mina de ferro manganez.

Ali se vêem ainda hoje tambem grandes volumes de escumalho ou de reziduos de ferro, o que prova que os romanos ali mesmo o apuravam em fornos.

Mencionaremos ainda ao longo da ribeira de Pardaes duas antas:—uma em terras da *Azenha e Horta dos Apostolos*,—outra em terras da *Azenha do Limoeiro*, junto de uma fonte denominada *Fonte da Anta*.

Esta ultima era mais pequena e acha-se quasi destruida, porque os visinhos teem aproveitado os lajões d'ella para pontes e outros misteres!...

III

Em Bencatel, mais do que em parte alguma d'este concelho, abundam as ruinas e os vestigios de remota occupação.

Desde o extremo da *Galharda*, nos limites do Gavião, onde está uma sepultura cavada em rocha (piçarra) até o sitio das Nogueiras, ao norte, pertencente a Rio de Moinhos, na extensão de dois kilometros,—e desde o *Poço da Nora* até o *Outeirinho da Moura*, ou desde a ermida de S. Pedro até o *Alemo* (olmo) na extensão de 1:500 metros

approximadamente,—tudo é um *estendal* de ruinas, ficando Bencatel no centro d'ellas.

Em 1841, cahindo uma barreira no sitio dos *Villares*, pertencente á herdade da *Galharda*, junto da fontinha que está defronte da *Azenha das Freiras*, appareceu a ara de *Fontano e Fontana*, dedicada por Albia Pacina [1].

A dicta ara, bem como uma pequena sereia e uma cabeça d'homem barbado (capitão romano talvez) foram conduzidas para Lisboa por diligencias do patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz.

—

Em janeiro de 1879 mandou João de Sousa e Menezes, dono da referida herdade, fazer uma escavação no tal sitio dos Villares para descobrir de novo um poço antigo, já descoberto annos antes, tirando-lhe por essa occasião o bocal de marmore. Achou-se o dicto poço, já muito deteriorado, e os alicerces de um *fano* que se julgou ser o tal templo de *Fontano e Fontana*, descobrindo-se a soleira do portico (de dois metros e meio, com duas couçoeiras) que hoje está em uma casa nova do mesmo dono, com porta para o *Carrascal*, em Villa Viçosa. Descobriu-se tambem uma porta lateral,—grossos marmores que serviam de alicerces a columnas,—um busto de mulher,—fragmentos de taboas de marmore, cortado á serra,—florões de cimento, bem conservados,—ladrilhos de varios tamanhos e feitios, etc.

O *fano* tinha a forma semi-oval, mas era pequeno,—e detraz d'elle appareceram canos de chumbo e cinzeiros, indicando a existencia de fornalhas em que se aquecia a agua das thermas (banhos quentes) situadas ao sul do templo, onde se encontrou uma banheira, pequeno tanque de argamassa tão dura, que mais facilmente se partiam as pedras do que ella.

Isto é, apenas uma amostra das muitas velharias que se encontram nos *Villares da Galharda*, uberrimo campo para explorações archeologicas.

—

No pateo da quinta de S. João Baptista se guarda um volumoso capitel corinthio—e em um quarto do andar superior da casa nobre da mesma quinta, hoje pertencente a Thomé de Sousa Menezes, se vê encaliçada na parede uma lousa sepulcral, pequena e quasi quadrada, com o epitaphio seguinte:

IVLIA AVITI F. AVITA
AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.
TVRRANIA MAX SV
MA MATER ET IVLIVS
MAXSVMVS FRATER
FACENDVM CVRA
VERVNT.

Em portuguez:

«Aqui está sepultada Julia Avita, filha de Avito, fallecida com vinte annos de edade. A terra te seja leve!

«Sua mãe Turrania Maxima e seu irmão Julio Maximo lhe mandaram erigir este monumento.»

Damos por extenso esta inscripção, porque a julgamos ainda inedita.

—

No entroncamento da estrada de Villa Viçosa ao Redondo com a do Alandroal a Estremoz, acha-se no cimo da aldeia arrumado um cippo de seis palmos d'altura com a inscripção muito obliterada, por ter servido já em diversos sitios de poial de porta da rua. A camara o mandou levantar para fazer a calçada e valleta junto das casas onde ultimamente estava servindo de poial.

Parece ler-se ainda n'elle o nome *Flaminia*.

Na *Horta das Nogueiras* estão dois grandes capiteis transformados em pias para bebedouro de gallinhas—e em differentes casas da localidade se encontram pequenos capiteis servindo de graes, etc.

No mesmo sitio, perto da herdade do *Machado*, é notavel o *Castellão* ou castro romano que defendia aquelle arrabalde e tem ainda bem conservado o angulo N.O.

—

Em 14 de maio de 1866 foi tambem descoberta nos *Villares da Galharda* uma pequena sepultura christã, com fundo, lados e tampa de marmore azul claro e o epitaphio

[1] V. *Bencatel*, vol. 1.º pag. 386, col. 1.ª

seguinte, que o sr. Antonio Francisco Barata [1] já publicou em dois opusculos:

DOMITIA
P. VIXIT
AN NVM
...[2] IIII d X IIII

Em portuguez: «Domicia em paz descança (n'este logar). Viveu 1 anno, 4 mezes e 14 dias.»

É encimada pelo emblema do XP, enlaçados entre o *alpha* e o *omega* dentro de um circulo, para significar *Christo, Deus eterno, principio e fim de todas as cousas*,—cifra muito usada entre nós, nos seculos VI e VII, no tempo dos godos, para distinguir os catholicos dos arianos.

A dicta sepultura pertence evidentemente ao seculo VII.

A tampa com o epitaphio foi pedida pelo dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, de Villa Viçosa, em cujo poder se conserva.

Outras muitas sepulturas semelhantes se encontram ainda hoje n'aquelles sitios, mas sem letras, cobertas apenas por lageas de piçarra.

Tambem por ali se encontram muitas *achas celticas* (vulgo *pedras de raio*) de diversos tamanhos e feitios, indicando terem servido tanto d'armas como de ferramentas, etc.

Concluiremos esta summaria resenha dizendo que tambem na dicta aldeia se encontram a cada passo moedas romanas de cobre e algumas de prata do tempo da republica, e mais ainda do tempo do imperio, nomeadamente dos seculos III, IV e V, sendo as mais modernas de Constancio III ou *patricio*.

Do exposto se vê que o grosso da população d'este territorio de Villa Viçosa, no tempo dos romanos, estava nas formosas ribeiras de Bencatel e Pardaes, tão abundantes d'agua nativa ainda hoje—e muito mais talvez outr'ora!...

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X pag. 1027, col. 1.ª e a nota respectiva.

[2] Aqui ha um gregotim que só em gravura póde reproduzir-se: um *m* com um *s*.

Chamamos para este capitulo a attenção dos archeologos,—bem como para o seguinte:

A Lacobriga dos celtas

Tem sido grande a negligencia dos portuguezes em investigar a geographia da nossa antiga Lusitania.

É evidente que houve n'ella 3 *Lacobrigas*: uma no Algarve, mencionada por Pomponio Mella;—outra, a dos celtas, no Alemtejo, mencionada por Ptolomeu—e outra no caminho de Coimbra ao Porto, mencionada no *Roteiro d'Antonino Pio*. Os nossos antiquarios apenas teem fallado da 1.ª e 3.ª, esquecendo a 2.ª ou dos celtas *que habitavam o Alemtejo*, e que por consequencia no Alemtejo estava.

Dos nossos antiquarios apenas por excepção a indicou e reconheceu Gaspar Barreiros, na sua *Descripção de Espanha*; mas, como esta obra infelizmente ficou inedita, passou quasi desapercebida a idéa, havendo apenas vagas referencias a ella em letra redonda; seja-nos licito, pois, que tentemos reparar a lacuna:

—

A dicta *Lacobriga* é a cidade celtica, ou antes *comarca*, posta em 1.º logar e mais a N. pelo geographo Ptolomeu, dando-lhe a ubicação de 40°, 15' de latitude (exaggerada como sempre usou) e 5°, 45' de longitude, denominando-a *Langobrica*, em rasão da varia pronuncia dos gregos, romanos e indigenas, pois *Lacobriga, Lancobriga* e *Langobrica* são um e o mesmo nome, que o erudito padre Flores (com mais geito do que Morales) diz ser composto de *lacus*, lago ou lagôa, e do celtico *briga*,—povoação, cidade ou villa. Vendo pois o conego Barreiros que esta comarca dos celtico-romanos demorava no Alto-Alemtejo e que o nome *Landroal* (não adduz outras rasões) começa por *Lan*, como o de *Langobrica*, lembrou-se de escrever timidamente que *seria talvez* o *Landroal*,—esquecendo-se de que as comarcas romanas eram muito maiores do que os concelhos portuguezes—e de que junto das lagôas de Bencatel e Pardaes se encon-

tram immensos vestigios de antiguidades romanas,—em quanto que o Alandroal não tem *lagôa* ou manancial algum com este nome.

São tambem de Villa Viçosa as velhas minas que o padre Nascimento Silveira no seu *Mappa breve da Lusitania*, insistindo na supposição de Barreiros, menciona como se fossem do Alandroal. Este pertencia sem duvida á mesma comarca, bem como Terena, sendo por tanto do seu territorio o idolo e o templo de Endovellico e ficando assim pulverisadas as rasões que o theatino padre Lima na sua *Geographia Historica* menos reflectidamente adduz contra a antiguidade de Villa Viçosa.

Sendo a cabeça d'esta comarca em Bencatel ou em Pardaes e pertencendo as suas ribeiras ao termo de Villa Viçosa, ninguem póde contestar-lhe o direito de representar na actualidade a *Lacobriga* dos celtas.

—

O assumpto é nebuloso e levar-nos-hia muito longe; mas, para não fatigarmos os leitores, diremos apenas o seguinte :

Cerca de 900 annos antes de J. C., vieram os celtas da Gallia estabelecer-se na Lusitania e no Alemtejo, penetrando pelo Guadiana e, tractando de explorar este paiz, com certesa preferiram os terrenos do Alandroal, propriamente dicto, Villa Viçosa, Borba e Extremoz, por terem boas terras e abundancia d'aguas nativas, que muito as beneficiavam e fertilisavam, dando-lhes larga copia de mimos e fructos sem grande trabalho,—e por certo occuparam logo as ribeiras de Bencatel e Pardaes, por ser o seu chão regadio e extremamente mimoso e fertil.

Quando ali chegou Maharbal como governador da republica de Carthago, que então dominava na Hespanha, e trouxe o idolo Endovellico, já encontrou povoado o districto de Villa Viçosa, pelo quê n'elle ergueu um templo ao mencionado idolo no monte de S. Miguel, entre o Alandroal e Terena.

Verdade é que fr. Bernardo de Brito, ignorando que havia uma *Lacobriga* perto de Terena, fez voltar Maharbal ao Algarve para continuar a sua visita pela Betica, aliás tão proxima do Alemtejo ...

—

Mais tarde, no anno 153 antes de J. C. e 600 da fundação de Roma, insurgiram-se os celtas ou celtiberos contra a rainha do Tibre, sob o commando de Cesaron. Veiu n'esse anno á Hespanha de proposito o consul Quinto Fulvio Nobilior para dirigir como general em chefe a expedição, trazendo como legado a Lucio Mummio, pretor da Hespanha Ulterior, o qual, vindo da Betica, ou da Andaluzia, na pista de Cesaron (que para lá se adiantou) passando o Guadiana, o bateu nos plainos de Villa Viçosa ou Bencatel; sendo porem derrotado, fugiu para um dos outeiros do sul, onde recebeu reforços do consul. Voltando-se de novo contra os celtas, os derrotou, cahindo Cesaron morto no sitio onde hoje se vê a capella de S. Thiago, pelo que o dicto pretor ali fundou logo um templo a Proserpina, *Salvadora* ou *Reparadora*, em cumprimento do voto feito á deusa do inferno, antes da batalha, o que attestam as inscripções que Rezende copiou e que deixamos indicadas supra.

São concordes n'este ponto todas as historias d'aquella epoca.

—

Ao tempo não havia no Alemtejo grandes cidades. Tudo eram *vicos* ou pequenas aldeias, conforme o testemunho de Polibio, que militou com os romanos na 3.ª guerra punica e percorreu assim uma grande parte da Hespanha, segundo refere Strabão na sua geographia, dando noticia dos celtas alemtejanos.

Só depois de subjugada toda a peninsula foi que os romanos inventaram o nome *Lacobriga*, romano ou latino-celtico (povoação da lagôa) para designarem uma comarca que abrangia os territorios circumvisinhos de Bencatel, sua cabeça, onde estava a *lagôa*.

—

Ainda nos annos 83 a 73 antes de J. C. se insurgiram de novo os lacobrigenses contra os romanos, quando Quinto Sertorio veiu da Africa para a Hespanha e se estabeleceu em Evora.

O consul Quinto Cecilio Metello Pio, enviado como pro-consul em 79 contra elle,

sitiou Lacobriga, partidaria do proscrito de Sylla, esperando obrigal-a a render-se em 3 dias por falta d'agua, para o que lhe cortou a levada que a abastecia, nos Villares da Galharda.

Apenas chegou a Evora a noticia, tractou Sertorio de os soccorrer. Prometteu grandes premios a dois mil mauritanos se lhes levassem outros tantos odres d'agua e, com as tropas que pôde reunir, poz-se de atalaia no *Castello Velho* da Serra d'Ossa,—refugio seu favorito nos momentos d'aperto. Vendo que o legado Aquino ao 4.º dia se afastava do assedio para procurar forragens a N., desceu rapidamente da serra e o bateu e derrotou no seu regresso ao acampamento, salvando-se a muito custo o dicto legado, pelo que Metello immediatamente levantou o bloqueio e, passando o Guadiana, se internou na Hespanha.

É isto muito em resumo o que se lê na biographia de Sertorio por Plutarcho e, com algumas variantes, na *Monarchia Lusitana.*

Não consta que, depois do assassinato de Sertorio, se revoltassem outra vez os lacobrigenses contra os romanos; pelo contrario fraternisaram com elles.

—

Quando os vandalos invadiram a Lusitania no seculo v, Lacobriga tambem padeceu muito.

Em tempo do imperador Constancio III (no anno 421) foi mandada uma expedição contra os ditos vandalos, commandada por Artabures ou Ardabures, a quem os nossos antiquarios chamam Ardiburo, o qual sete vezes os repelliu da comarca de Lacobriga, pelo que os lacobrigenses lhe erigiram sete estatuas,—segundo dizem Rezende e outros.

Consolidado o dominio dos godos, melhorou de novo a situação de Lacobriga e viveu em paz no seculo vii, ao qual pertence a sepultura de Domicia, mencionada supra.

Foi então, pelo menos, cidade episcopal. *Servus Dei*, seu bispo, apparece assignado nas actas do 4.º concilio de Toledo, em 633, assim como no 5.º de 638, posto que n'elle se leia *Arcobricense*, talvez por erro do copista ou porque Arcobriga fosse da sua mesma diocese, o que é provavel.

No 12.º concilio toletano, em 683, se encontra tambem assignado *Brandila*, bispo *laniobrense*, que Ferreras diz ser de diocese desconhecida em Hespanha; [1] mas isso provem sem duvida de estar mal escripto, devendo lêr-se *lancobrense.*

Com a invasão dos mouros no principio do seculo viii e com as aturadas guerras entre elles e os reis de Portugal e Hespanha durante seculos, arruinou-se completamente a Lacobriga de Bencatel e Pardaes, como se perderam e arrasaram outras muitas povoações, não restando hoje d'ella mais do que os destroços, vestigios da sua grandesa, e alguns casaes dispersos, até que se fundou e consolidou a colonia portugueza de Villa Viçosa.

Fundação do concelho

Posto que o nosso primeiro rei cavalgou triumphante pelo Alto-Alemtejo, o dominio dos portuguezes ali circumscreveu-se a Evora, em quanto se não ganhou Alcacer em 1217. Occuparam então os freires d'Aviz o tracto de terra dos concelhos actuaes de Estremoz e seguintes até o Alandroal,—posto que timidamente, por estarem ainda occupadas pelos mouros Elvas e Juromenha; mas em 1226 D. Sancho II os expulsou d'aqui e ao mesmo tempo Affonso IX de Leão os expulsou de Badajoz e Merida, além do Caia, pelo que as terras de Villa Viçosa ficaram definitivamente incorporadas na monarchia portugueza.

Depois de se erigir o concelho d'Elvas e outros visinhos, chegou a sua vez a Extremoz em dezembro de 1258, reinando já D. Affonso III, o bolonhez. Borba e Villa Viçosa ficaram comprehendidas no seu termo, porem os colonos, que affluiram a povoal-o, desde logo foram attrahidos pela bellesa e fertilidade do chão que esta villa hoje occupa, ao qual deram o nome de *Val-Viçoso*—e (segundo se suppõe) quando D. Affonso III passou para Badajoz em fevereiro de 1267, para ali se encontrar com seu sogro Affonso XI, rei de Leão, alguem lhe pediu que erigisse a povoação do *Val viçoso* em séde

---

[1] Romey, *Hist. de Hisp*, tomo 3.º pag. 216.

de concelho, ao que D. Affonso III deferiu, dando-lhe o nome de *Villa Viçosa* e assignando-lhe por termo a parte austral do concelho d'Estremoz. E logo os monges de Santo Agostinho, tendo impetrado licença para fundarem um convento em Extremoz, passaram a fundal-o na nova villa, inaugurando a construcção no dia 5 de maio d'aquelle mesmo anno.

—

Data pois de 1267 a moderna Villa Viçosa, e tão rapidamente se desenvolveu a sua população, que o mesmo rei, no foral de concelho perfeito que lhe deu em 5 de junho de 1270, allude ao facto de se achar a nova villa já povoada e, a pedido dos seus habitantes (*quod a me peciistis*) lhe concedeu os mesmos foros que dera a Monsaraz, exemptando-os de *relego* por cinco annos,—dos impostos de *montadigo*, *vinho carregado*, *almocrevaria* e *ochavas*—e dos de *portagem* em todo o reino,—exempções importantes de que não gosava Extremoz.

O padre Carvalho na *Chorographia Portugueza* e apoz elle outros chorographos disseram que no tempo de D. Affonso III se achava completamente destruida a povoação que anteriormente houve no chão de Villa Viçosa, o que é menos exacto. Conservavam-se restos d'ella no extremo sul, ou no bairro do Rocio, no chão ainda hoje denominado *Aldeia*,—outr'ora *Aldeia dos Bugios*, como diz Cadornega na sua *Descripção de Villa Viçosa* (ms.) alludindo aquelle titulo sarcastico aos mouros que n'ella viviam, já tolerados em communhão civil entre nós desde o reinado de D. Affonso II.

Correspondia aquella aldeia ás *mourarias* e *judiarias* d'outras povoações—e os seus habitantes tinham tambem na Almedina a Rua do *Bugio* ou dos *Bugios*, para viverem no tempo de guerra.

Como o chão da dicta aldeia fosse pouco defensavel, por estar em um valle, os sesmeiros ordenaram a fundação da nova villa no morro que lhe ficava ao norte e fizeram a alcaçova no cimo d'elle, em forma de trapesio,—e a cerca na encosta do dicto morro, em forma de quadrado quasi perfeito, com tres portas:—a de *Extremoz*, a N.,—a *d'Evora*, a O.—e a de *Olivença* ou do *Sol*, a S., todas no meio de torreões.

A estas obras de defesa juntou outras elrei D. Fernando em 1375.

Mandou abrir a E. a porta *d'Elvas*, no meio de duas torres quadradas,—e a O. a da *Torre*, que tomou o nome da *Torre de Menagem* (homenagem) que o mesmo rei mandou fazer em frente d'ella com um passadiço por cima da dicta porta, dando entrada para a torre e ligando-a com a cerca.

Mandou tambem D. Fernando fazer duas torres separadas no muro da cerca, do lado N. e uma outra no lado E., hoje muito desaprumada e separada do muro, por não haver sido construida juntamente com elle, como foram os torreões primitivos.

Nos dois angulos inferiores, ao norte dos muros, estavam dois minaretes ou atalaias com frestas e oculos por onde as sentinellas espreitavam a campanha.

Este antigo castello ainda existe sem grandes ruinas, posto que, segundo se suppõe, data do anno 1290.

Já perdeu as ameias e parte do parapeito, mas ainda hoje facilmente pode subir-se, como nós subimos, aos seus muros, do alto dos quaes se gosa um panorama esplendido sobre a villa e seus formosos arrabaldes, até grande distancia.

São o miradouro mais interessante de Villa Viçosa.

Synopse dos factos mais importantes da historia geral d'esta villa

715.—É conquistada pelos mouros.

1217.—É reconquistada pelo nosso rei D. Affonso II.

1226.—D. Sancho II expulsa d'aqui os mouros definitivamente.

1267.—Creação d'este concelho por D. Affonso III.

1270.—O mesmo rei lhe deu o 1.º foral, no dia 5 de junho, como já dissemos,—e D. Manuel lhe deu foral novo, como logo diremos, no anno de 1512.

1297.—Doação do padroado das suas egrejas á ordem d'Aviz pelo *rei lavrador*.

1375.—D. Fernando reforça o castello,

augmentando as suas obras de defesa;—eleva-o a praça de guerra de 1.ª ordem e o constitue quartel general da provincia do Alemtejo.

1381.—Durando a guerra entre Portugal e Hespanha, aqui se reunem todos os fronteiros sob o commando de Gonçallo Vasques d'Azevedo, fronteiro-mór, e marcham para Elvas no dia 7 de julho.

No inverno chega um corpo de alliados inglezes sob o commando de Maao Borni, os quaes matam Gonçallo Eannes dos Santos;—vingam-no os seus patricios fazendo carnagem nos dictos inglezes. No verão seguinte vieram mais soldados inglezes com o conde de Cambridge e são alojados nos arrabaldes;—marchou o exercito para Elvas; mas pouco depois fez-se a paz com Castella.

1383-1384.—Morto el-rei D. Fernando, segue Villa Viçosa a causa da independencia, acclamando o mestre d'Aviz. O seu fronteiro ou adail, Alvaro Gonçalves, amigo intimo de Pedro Rodrigues do Alandroal, marcha para Extremoz no mez de março de 1384, com os 30 escudeiros da villa para se unir ás tropas do fronteiro-mór D. Nuno Alvares Pereira;—impede a deserção de Gil Fernandes e Martim Rodrigues, d'Elvas,—e assiste á batalha dos Atoleiros. Depois da Paschoa juntou-se com Pedro Rodrigues do Alandroal e fazem os dois uma entrada em Castella, trazendo grossa presa de gados, que repartem na planicie de Pardaes, junto da capella de S. Marcos. Tiram depois o governo da praça d'esta villa a Vasco Porcalho;—este, sendo reintegrado pelo mestre d'Aviz, prende Alvaro Gonçalves na torre de menagem e acclama o rei de Castella; mas foi libertado em uma emboscada nocturna perto do Pinhal, quando os commendadores de Alcantara e Calatrava o removiam para Olivença,—depois de terem sido derrotados por Pedro Rodrigues, no Alphaval.

Em setembro, por traição de Vasco Porcalho, são mortos Fernão Pereira, irmão do condestavel, e o seu escudeiro Vicente Esteves, á porta da *Torre*, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora dos Remedios,—e Alvaro Gonçalves é recolhido no castello outra vez, como prisioneiro, adquirindo assim pelas suas desventuras o epitheto de *Coitado*. Em seguida poz D. Nuno cerco a esta villa, mas sem effeito. No anno seguinte, depois da batalha d'Aljubarrota, foge Porcalho para Castella e só então a villa volveu á obediencia do mestre d'Aviz.

São muito interessantes estes episodios e podem ler-se por extenso na *Chronica de D. João I* por Fernão Lopes, cap. 98-106 e 172 da 1.ª parte.

—

1422.—Repassa D. Nuno ao seu neto D. Fernando, conde d'Arraiollos, o senhorio de Villa Viçosa, com beneplacito d'el-rei,—e o dicto conde depois a elege por seu solar.

1455.—A 25 de maio é Villa Viçosa elevada a marquesado na pessoa do mesmo conde, pelo regente D. Pedro [1] em nome de D. Affonso V. Depois, fallecendo sem successão legitima o marquez de Valença D. Affonso, herdeiro presumptivo do ducado de Bragança, passou este para o 1.º marquez de Villa Viçosa, ficando assim esta villa sendo solar e côrte da serenissima casa de Bragança desde 1461, data em que falleceu na villa de Chaves o 1.º duque de Bragança D. Affonso, pae do dicto D. Fernando e filho bastardo d'el-rei D. João I.

V. *Guarda* e *Bragança*.

1483.—É degollado em Evora o 3.º duque de Bragança, D. Fernando II, e extincto o ducado por el-rei D. João II.

1496.—Restabelece-o el-rei D. Manuel na pessoa de seu sobrinho materno D. Jaime, filho do decapitado.

1498.—D. Manuel declarou o mesmo sobrinho herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, por não ter filhos do seu 1.º matrimonio,—dá-lhe a prerogativa de usar das armas reaes—e de ter estado de principe,—o que ficou em vigor para todos os seus successores, não obstante caducar o direito de D. Jaime com o nascimento dos filhos que D. Manuel teve posteriormente.

1501.—D. Jaime dá principio ao paço actual no *Reguengo*.

—Cria-se n'esta epoca uma ouvidoria ou

[1] V. *Alfarrobeira*, onde se descreve o tragico fim d'este infante.

grande comarca, tendo por séde Villa Viçosa e comprehendendo alem d'esta villa:—Borba, Arraiollos, Monsarás, Evoramonte, Souzel, Monforte, Villa Fernando, Villa Boim, Alter do Chão, Chancellaria e os concelhos de Margem e Lagomel. Subsistiu esta comarca até 1834, tendo sido transformada em corregedoria no tempo de D. Maria I.

—

1512.—Morte violenta da duquesa D. Leonor de Gusmão, (filha dos duques de Medina Sidonia e mulher de D. Jaime) pelo crime de adulterio.

«Ao cabo de dez annos de matrimonio, um dia foi o duque avisado de que alta noite costumava entrar um homem novo nos quartos da duqueza, subindo por uma das janellas do lado do jardim. Na noite d'esse dia (2 de novembro) o infeliz, surprehendido depois de transpor a janella, immediatamente caiu morto aos pés do duque.

«D. Jaime, cego pelo ciume, entra furioso no quarto da espósa;—manda ao seu capellão que a confesse—e em seguida, surdo ás vozes da desditosa que protestava pela sua innocencia, com cinco feridas lhe arrancou a vida.

«Soube-se depois, que as visitas nocturnas de Antonio Alcoforado (assim se chamava aquelle mancebo) eram para uma das damas da duqueza.»

Assim descreve tão triste facto o sr. I. de Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, na sua obra *Cidades e Villas*... vol. 2.º pag. 172. V. tambem *Montes Claros*, no vol. 5.º d'este diccionario, pag. 534, col. 1.ª

—No mesmo anno, em 1 de junho, deu el-rei D. Manuel foral novo a está villa.

1513.—Preparativos da expedição d'Azamor, que o duque D. Jaime vae commandar, levantando muita gente nos seus estados e levando pomposo sequito de cavalleiros.

– No seu regresso d'Azamor, reformou a alcaçova, transformando-a em cidadella para armas de fogo, e cingiu a villa com muros novos, tendo as portas seguintes:—a dos *Nós*, a N.,—a de *S. Sebastião*, a S.,—a da *Esperança*, a E.—e a de *Santa Luzia*, a O. das quaes hoje só restam a 1.ª e 3.ª

1537.—Grandes festas para solemnisar o consorcio de D. Isabel, filha de D. Jaime, com o infante D. Duarte, assistindo el-rei D. João III e os infantes D. Luiz, D. Affonso e D. Henrique.

No tomo 6.º da *Hist. Geneal.* se encontra uma minuciosa descripção das dictas festas.

1571.—Foram tambem muito notaveis e *fizeram ecco em toda a peninsula* a pompa e as festividades com que o duque D. João I recebeu na passagem para Lisboa o cardeal Alexandrino, sobrinho do Papa Pio V e enviado por elle como legado aos reis de França, de Hespanha e de Portugal.

1580.—Foi surprehendido o castello na noite de 21 para 22 de junho, roubado o grande thesouro que os duques ali tinham, e posta a villa na obediencia de Filippe II, pelo capitão Cisneros, achando-se a côrte ducal em Portel e a villa quasi deserta por causa da peste que então grassava.

—1603.—Festas memoraveis pelo casamento do duque D. Theodosio II, cuja descripção se lê na *Hist. Geneal.* tomo 6.º

1633.—Novas festas pelo casamento de D. João II, depois rei D. João IV, filho do duque D. Theodosio, as quaes se acham tambem descriptas na mesma *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 7.º

—

1638.—Tumultos contra o imposto do *real d'agua* [1]

1640.—O duque D. João II é persuadido por Pedro de Mendonça, na Tapada, a acceitar a corôa real, contribuindo para essa resolução nomeadamente o seu secretario Antonio Paes Viegas e a duqueza, sua esposa. Consta que ella, vendo-o periclitante, lhe disse: *A morte te espera em Madrid e talvez a encontres em Lisboa, mas em Madrid morrerás como vil prisioneiro, e em Lisboa coberto d'honras e como rei.*

---

[1] O imposto d'este nome foi creado por D. Manuel em 1498, a pedido dos povos de Elvas, para concerto d'um poço que abastecia d'agua aquella povoação; depois se prolongou para a construcção do grande aqueducto da Amoreira,—e em seguida se ampliou a todo o paiz até hoje, em favor do estado.

V. *Elvas*, vol. 3.º pag. 20, col. 1.ª e 2.ª

Tambem contribuíu muito para aquella resolução e para o vencimento da causa o dr. João Sanches de Baena, que nasceu em Villa Viçosa, e na egreja da freguezia de S. Bartholomeu, foi baptisado em 1582 e falleceu na cidade de Lisboa em 1643, tendo sido lente de canones em Coimbra, juiz da relação do Porto e da casa da supplicação, promotor das justiças, conselheiro da fazenda, procurador da corôa, desembargador do Paço, alcaide-mór de Villa do Conde, juiz da inconfidencia e sempre muito estimado e considerado pelo duque de Bragança D. João, depois rei D. João IV.

O dr. João Sanches de Baena foi um dos mais benemeritos patriotas de 1640 e é hoje muito dignamente representado pelo seu 6.º neto Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, cavalheiro prestimoso e laureado escriptor publico, nascido em 1822 na freguezia de Vairão, junto de Villa do Conde, e feito visconde de Sanches de Baena por carta de 13 de fevereiro de 1869, na qual se allude muito distinctamente aos relevantes serviços prestados pelo seu 6.º avô á causa da restauração em 1640.

Veja-se n'este diccionario o artigo *Lisboa*, vol. 4.º pag. 386, col. 1.ª,—o artigo *Sanches de Baena* (João) no *Diccionario Popular*, dirigido pelo sr. Pinheiro Chagas, — e as *Memorias historico-genealogicas dos duques portuguezes do seculo* XIX pelos srs. João Carlos Feo de Castello Branco e Torres e Visconde Sanches de Baêna, pag. 313, 746, 749 e 767,—Lisboa, 1883.

—

—Parte o duque para Lisboa em 3 de dezembro do mesmo anno de 1640 e manda conduzir para ali os thesouros da sua casa; —no dia 20 do dicto mez partiu tambem para Lisboa a duqueza e rainha D. Luisa com a numerosa fidalguia e creadagem da sua casa, perdendo esta villa o seu maior foco de riquesa e d'esplendor. [1]

—No dia 7 do dicto mez teve logar a acclamação official de D. João IV pelo municipio.

1663-64.—Destruição e abandono do *Forte de S. Bento*, que havia sido feito por D. Jaime ou por D. Theodosio I;—demoliu-se tambem grande numero de casas e os paços do concelho para se construir a estrella exterior do castello, cortinas e meias luas em differentes pontos dos muros de D. Diniz, por se haver perdido Juromenha e passar Villa Viçosa a ser praça da fronteira.

1665.—Bloqueio do castello pelo marquez de Carracena em 9 de junho e levantado no dia 17 do dicto mez com a victoria de Montes Claros, padecendo muito esta villa por essa occasião. V. *Montes Claros*, vol. 5.º pag. 534, col. 1.ª

—

1711.—O marquez de Bai, general de Filippe V, estando em Borba em 2 de junho, manda um parlamentario a Villa Viçosa exigindo a sua submissão ao rei castelhano e *vinte e cinco mil patacas* de contribuição. As auctoridades civis e militares responderam-lhe negativamente e prepararam-se para o receber, mas elle houve por bem retirar-se sem se abeirar d'esta villa.

1755.—Por occasião do terramoto do 1.º de novembro caiu o tecto da nave central da matriz, matando 29 pessoas do sexo feminino e ferindo outras muitas.

1769.—No dia 3 de dezembro um forasteiro, João de Sousa, ex-soldado da artilheria d'Elvas, espancou el-rei D. José á porta *do Nó*, indo para a Tapada.

1801.—Entra na villa uma brigada hespanhola, achando-se ella desguarnecida—e

[1] Para se formar idéa do que Villa Viçosa perdeu, note-se que os duques de Bragança tinham a sua casa montada como a dos nossos reis. Servida por grande numero de fidalgos com as mesmas qualificações de officiaes maiores e menores, observava em tudo o mesmo ceremonial da côrte—e chegou a contar *oitocentos criados* de todas as graduações!...

A ausencia dos duques e da sua numerosa familia, bem como a de muitas outras pessoas principaes da terra, que alcançaram empregos em Lisboa, deixou a villa quasi deserta. Accresceu ainda a longa e encarniçada lucta contra a Hespanha e que afugentou de Villa Viçosa muitas familias por não se julgarem seguras em uma terra tão proxima da raia.

teve de pagar uma contribuição de 16 contos de réis aos invasores, mas não houve effusão de sangue.

1806.—Chegou aqui a familia real no dia 18 de janeiro e demorou-se até 22 d'abril, passando aqui a semana santa.

1807.—Em novembro foi levado o thesouro da capella real para Lisboa, d'onde seguiu com o principe regente para o Brazil, ficando apenas em Villa Viçosa as alfaias indispensaveis ao culto.

Tambem prejudicou muito esta villa a longa ausencia dos nossos reis, pois não mais a visitaram até depois do seu regresso do Brazil, accrescendo ainda o muito que soffreu durante a guerra peninsular.

1808.—Roubam os francezes a prata das egrejas; amotina-se o povo; — o general francez *d'Avril* manda de Extremoz um destacamento para o castello. Revolta-se o povo outra vez a 10 de junho; cerca o destacamento, mas este é libertado no dia seguinte por *d'Avril*, correndo muito sangue.

—Antonio Lobo Infante de Lacerda, sargento-mór, põe-se á frente dos revoltosos; —forma uma companhia de *miqueletes*—e organisa a insurreição do Alemtejo, d'accordo com o general Leite e com o coronel hespanhol D. Frederico Moretti, governador de Olivença.

1815.—Vem aquartelar-se aqui o regimento de cavallaria n.º 2.

—Creação do *exempto* d'esta villa por bullas de Pio VII—e inauguração do mesmo *exempto* com grande pompa, no dia 19 de dezembro.

1818.—É instituida a 6 de fevereiro, no dia da coroação d'el-rei D. João VI, a ordem militar de Nossa Senhora da Conceição d'esta villa—e passa a mesma Senhora a ser orago da capella Real, em vez do *Doutor Maximo*.

—

1833.—Invasão do *cholera morbus* em junho e julho, havendo muitos casos fataes.

1834.—Acclamação da rainha D. Maria II em 28 de maio.

—São extinctos em julho os 3 conventos de frades;—fecha-se o *Collegio dos Reis* em outubro;—supprime-se o cabido da *Capella Real;*—extingue-se a comarca ou corregedoria de Villa Viçosa—e inaugura-se uma *epoca fatal* para esta villa!...

1835.—É creado um julgado de direito ou pequena comarca judicial n'esta villa, tendo annexos os concelhos de Borba, Redondo, Alandroal, Juromenha e Ferreira de Terena, —durou porém só dois annos. Foi extincto por decreto de 29 de novembro de 1836, passando então esta villa a fazer parte da comarca judicial d'Estremoz.

1848.—Grande contentamento por fixar n'esta villa o seu quartel o regimento de cavallaria n.º 3.

1855.—Esplendida festa gratulatoria no dia 1.º de julho pela definição dogmatica da Immaculada Conceição da Mãe de Deus, saindo em procissão a padroeira do reino.

Foi esta a mais pomposa de todas as festas que por tal motivo se fizeram em Portugal.

1875.—É removido d'aqui o regimento de de cavallaria n.º 3—e até hoje (1886) apesar das maiores instancias e das mais lisongeiras promessas,—o governo ainda para aqui não mandou corpo algum do nosso exercito.

Foi este o *ultimo golpe* dado em Villa Viçosa, pelo que nas suas ruas, outr'ora cheias de vida, hoje cresce francamente a herva!

Muito respeitosamente chamamos para este lugubre topico a attenção de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, como representante, successor e *herdeiro* da serenissima casa de Bragança, ou dos nobres senhorios e donatarios de Villa Viçosa, os quaes prestaram a esta villa mais serviços e beneficios, *quando eram simples duques*, do que lhe teem prestado desde 1640 todos os seus successores, *sendo reis!...*

Senhores e donatarios de Villa Viçosa

D. Brites, filha de Fernando IV de Castella, foi a 1.ª senhora donataria d'esta villa, dando-lh'a em dote el-rei D. Diniz, no anno de 1297, quando a dicta senhora casou com o principe D. Affonso, depois rei D. Affonso IV.

Foi dada tambem por el-rei D. Fernan-

do I á rainha D. Leonor Telles de Menezes, em 1372, mas esta mercê não chegou a durar 3 annos, porque o rei *inconstante*, achando-se n'esta villa em 3 de janeiro de 1375, deu á dicta rainha Villa Real de Traz-os-Montes, rehavendo Villa Viçosa para a corôa.

D. Nuno Alvares Pereira foi o seu 3.º donatario conhecido. Em premio dos seus relevantes serviços deu-lh'a D. João I em 23 d'agosto de 1385.

Do santo condestavel passou ao seu neto D. Fernando, em 1422, e andou na casa de Bragança até se extinguirem *de facto* no nosso paiz os donatarios em 1834,—exceptuando o periodo em que a teve o infante D. Manuel, em seguida á degolação do duque D. Fernando II.

Foram, pois, seus donatarios:

1.º—D. Brites.

2.º—D. Leonor Telles de Menezes.

3.º—D. Nuno Alvares Pereira.

4.º—D. Fernando I (primeiro marquez de Villa Viçosa e filho segundo do 1.º duque de Bragança.)

5.º—D. Fernando II.

6.º—O infante D. Manuel, duque de Beja (1483-1496) por mercê d'el-rei D. João II.

7.º—D. Jaime, 4.º duque de Bragança, por doação d'el-rei D. Manuel.

8.º—D. Theodosio I.

9.º—D. João I.

10.º—D. Theodosio II.

11.º—D. João II, como duque,—e IV, como rei.

Tendo este abdicado a casa de Bragança em seu filho D. Theodosio, dispondo que a dicta casa fosse apanagio dos filhos primogenitos dos reis brigantinos, conta mais esta villa os donatarios seguintes:

12.º—D. Theodosio III.

13.º—D. Affonso VI.

14.º—D. Pedro II.

15.º—A infanta D. Isabel Josepha e

16.º—O infante D. João, que morreu menino, ambos filhos de D. Pedro II.

17.º—D. João V.

18.º—A infanta D. Maria Barbara e

19.º—O infante D. Pedro, filhos de D. João V.

20.º—D. José I.

21.º—D. Maria I.

22.º—D. José, principe do Brazil.

23.º—D. João VI.

24.º—D. Pedro IV.

25.º—D. Miguel I.

D'então para cá ficou subsistindo sómente o titulo de *marquez de Villa Viçosa* na serenissima casa de Bragança—e nunca mais o provimento dos cargos publicos, etc., correu pela *junta administrativa* da mesma casa;—mas foi sempre e é ainda hoje a casa de Bragança *patrimonio particular* dos nossos reis, sendo Villa Viçosa o florão da dicta casa, pelo que os nossos reis são ainda hoje *absolutamente* os primeiros proprietarios d'esta villa e d'este concelho, como provaremos em dois traços no topico seguinte.

Para lamentar é, pois, que SS. MM. não se condoam d'esta pobre villa que *por tantos titulos* deviam estimar e proteger.

Mais, — *incomparavelmente mais*, — devem, por exemplo, — a cidade de Lamego ao sr. visconde de Guedes Teixeira—e a villa de Paredes ao sr. dr. José Guilherme Pacheco,—dois cidadãos prestimosos, mas que vivem do seu trabalho.[1]

> Perdoe-nos S. M. a indiscrição do historiador, pois já estivemos em Villa Viçosa e com profunda magoa vimos a herva crescendo nas ruas!...

—

Para suster a decadencia d'esta formosa e tão historica villa, basta o seguinte:

1.º—Dar-lhe, *como já teve*, um dos corpos do nosso exercito.

2.º—Fazel-a, *como já foi*, cabeça de comarca.

E, em vez de decahir, progredirá, apenas se prolongue o caminho de sueste, desde a estação d'Estremoz até á d'Elvas, por Borba, Villa Viçosa e proximidades do Alandroal, —e (melhor ainda) se ligue a estação d'Estremoz com a do Crato.

Ficaria assim Villa Viçosa em facil com-

---

[1] V. *Lamego* e *Paredes* n'este diccionario e no supplemento.

municação com as nossas linhas ferreas de leste e norte e poderia levar ao Porto muito azeite, muita cortiça e outros generos sem ser, *como hoje*, obrigada a conducções pesadissimas até á estação d'Elvas—e a pagar o percurso dos 49 kilometros d'Elvas ao Crato, o que representa grande demora, grande despeza e grande peia para as suas transacções.

Sabemos que os dictos ramaes estão promettidos e estudados, *ha muito*, e fazemos votos por vel-os realisados sem mais delongas, como é de plena justiça.

Tambem sabemos que os dictos ramaes não demandam obras d'arte nem grandes sommas—e dariam muita vida ao Alto-Alemtejo.

Chamamos para este momentoso assumpto a attenção do nosso governo,—dos grandes proprietarios d'esta provincia—e nomeadamente a attenção e a benevolencia dos nossos reis, como chefes do estado e representantes da serenissima Casa de Bragança, que muito lucraria com as ditas obras, pois é talvez a maior proprietaria do Alto-Alemtejo.

Palacio Real

Ergue-se este palacio ao norte da villa sobre o grande Terreiro do Paço, occupando as faces N. e O. do mencionado campo, —e é todo de marmore de Montes Claros. Olha para E. a sua fachada principal e tem 4 pavimentos, representando os 4 estylos architectonicos, pois o 1.º pavimento ao rez do chão é do estylo *dorico*,—o 2.º (andar nobre) é do estylo *jonico*,—o 3.º é do *corinthio*—e o 4.º do *composito!*... Este ultimo pavimento,—especie de *aguas furtadas*,—tem apenas 3 desgraciosas janellas, no alto e a meio da grande fachada,—e cada um dos outros tem 23 janellas de frente.

A parte posterior d'este grande edificio olha para os jardins, aos quaes se segue o *Reguengo*, vasta propriedade com 3 hortas annexas, formando uma mimosa e bella quinta com portas para o campo do *Carrascal*.

Na parte que olha para o sul está o *Jardim do Bosque*, onde se acham os *Quartos Novos* ou *Reaes*, com janellas de sacada, e frontaria de cimento em 3 andares,—a torre da capella—e varias casas de recreio ao fundo, avultando entre ellas a *Casa de Lisboa*, junto do *Chafariz d'El Rei*.

O mencionado *Jardim do Bosque* occupa toda a face N. do Terreiro do Paço e tem sobre elle janellas, das quaes outr'ora as damas assistiam ás justas, cavalhadas e torneios, pelo que tambem se denominou *Jardim das Damas*.

Por detraz de tudo isto se ergue a *Ilha* ou cerrado, onde estão as cavallariças, cocheiras e moradias dos trintanarios e d'outros servos dos duques.

—

Este palacio, feito em substituição do que esteve no castello, onde viveram o condestavel e os primeiros duques, foi principiado por D. Jaime, no Reguengo, em 1501, e continuado e ampliado pelos seus successores.

D. Theodosio II fez a grande fachada de marmore, deixando em meio o 2.º pavimento, que D. João V acabou, fazendo tambem grandes obras em todo o edificio.

Hoje pouco tem digno de menção interiormente, mas outr'ora foi luxuosamente decorado. Vestiam lhe as paredes das suas numerosas salas e quartos preciosas telas de brocados, velludos e guadamecins, bordados a ouro e prata, e cobriam-lhe os pavimentos custosas alcatifas. Nada d'isto hoje lá se encontra e as salas estão quasi nuas de ornatos, exceptuando uma de grandes dimensões, denominada a *Sala dos Tudescos*, onde se vêem os retratos de todos os duques de Bragança e de outros principes d'esta familia pintados a oleo, e em corpo inteiro, por Pedro Antonio Quillar, pintor notavel francez ao serviço de D. João V.

El-rei D. José I mandou reedificar os *Quartos Novos* em 1770; — D. Maria I fez parte do 3.º andar da frente e do 2.º das trazeiras, até o ligar aos *Quartos Novos*;—accrescentou estes e fez tambem a casa do

jantar, tudo isto pouco antes da *troca das Princesas*, em 1784.

Nos nossos dias apenas se dividiram algumas salas em quartos, para melhor accommodação dos hospedes, mas todo o palacio se encontra limpo, bem conservado e decentemente mobilado.

A Tapada Real

Este grande dominio foi tambem começado por D. Jaime e muito beneficiado e melhorado pelos duques seus successores, distinguindo-se entre elles D. João I, que não só lhe annexou muitos predios pelos annos de 1570, mas fez a egreja de Nossa Senhora de Belem e transformou o palacete em uma vivenda digna dos duques de Bragança. Seu filho D. Theodosio II fez a capella de Santo Eustaquio—e por ultimo D. João V augmentou e beneficiou tambem a dicta *tapada* depois de 1729, cercando-a de novos muros e fazendo-lhe a porta principal no *Outeiro de S. Bento,* ficando assim comprehendida na vasta cerca a ermida de *S. Jeronymo* com o seu grande pinheiral, que já eram da casa de Bragança.

Tem este grande predio cerca de 15 kilometros de circumferencia e é guardado por muitos couteiros e porteiros, a pé e a cavallo.

Antigamente a *Tapada Real*, assombro de nacionaes e estrangeiros, e celebrada por Lope da Vega, foi toda dedicada aos prazeres da caça.

Tinha extensos bosques, muitas fontes, lagos, jardins, casas de campo, excessiva abundancia de veados, corças e javalis,—viveiros d'aves e peixes, etc.,—tudo tractado com magnificencia verdadeiramente real. Hoje não tem tantos embellesamentos, mas rende mais, porque separaram para viveiro da caça, de que ainda tem grande copia, um terço do grande predio, que vedaram com um muro,—applicando os dois terços restantes para a agricultura e creação de gado,—e dividiram esse extenso chão em pequenos lotes que arrendaram a differentes lavradores.

Tem grandes montados de sobro e ainda conserva as fontes, lagos e casas de campo, mas dos seus jardins d'outr'ora apenas restam vestigios.

—

Este grande predio principia a distancia de 400 a 500 metros da extremidade norte do Terreiro do Paço e prolonga-se pelos termos da freguezia de Nossa Senhora da Conceição d'esta villa e da de Santa Barbara de Borba.

Só a cortiça que produz rende por anno 3 a 4 contos de réis—e a bolota egual quantia,—alem das rendas da azeitona, searas, lenha, etc., e dos seus 2 fornos de telha e cal, o que tudo deve approximar-se de *dez contos de réis* por anno.

Só a *Tapada* vale bem *duzentos contos* e devem valer approximadamente egual quantia as outras muitas propriedades que a serenissima casa de Bragança possue n'este concelho, taes são:—o *Reguengo* do Palacio Real,—o de *Fatalão* na freguezia de S. Romão,—as herdades da *Granginha* e das *Amoreiras* na freguezia das Ciladas,—2 *montes* d'El-Rei e 2 *hortas* (quintas) na freguezia de Bencatel,—a *Horta d'El-Rei*, e a da *Alfava;* nos suburbios da villa tem a *Horta de S. Luiz* e grande numero de predios mais pequenos, olivaes, ferragiaes, um lagar d'azeite e muitos foros,—alem do *Palacio Real*, do *Paço do Bispo* e d'outros muitos predios urbanos na villa.

Tambem a Casa de Bragança possue muitas herdades nos concelhos limitrophes:—Borba, Alandroal, Elvas e Estremoz, onde tem alguns almoxarifados especiaes.

Do exposto se vê que a Serenissima Casa de Bragança é talvez, como já dissemos,—a maior proprietaria do Alto-Alemtejo e por consequencia uma das mais interessadas nos melhoramentos d'esta provincia. [1]

Capella Real

Teve principio no paço dos duques de Bra-

---

[1] Diz-se que o maior proprietario do Alemtejo actualmente é o digno par do reino José Maria dos Santos, de Lisboa, cuja fortuna se avalia em mais de *quatro mil contos de réis*!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 10.º pag. 1034, col. 2.ª

gança em 1505, por bulla do papa Julio II, a instancias de D. Jaime; o cabido porem foi organisado pelo duque D. João I com auctorisação do papa Gregorio XIII, creando-se duas dignidades:—deão e thesoureiro-mór, que já existiam, mas sem instituição pontificia. O mesmo duque lhe deu por essa occasião estatutos, que D. Theodosio II reformou.

D. João V reorganisou-a em 1735 e a elevou á cathegoria de *Insigne e Real Collegiada*,—impetrando de Bento XIV a graça de ser o deão sempre um bispo titular. Aos capellães deu as honras de Conegos-capellães-fidalgos,—creou as classes de *acolythos*, *maceiros*, *custodios* e *sineiros* em vez dos antigos *moços da capella*—e ornou-a com imagens riquissimas de tamanho natural, de prata,—custosas alfaias e paramentos,—tudo com immensa profusão e grandesa.

Deu-lhe tambem novos estatutos, que ainda hoje se conservam manuscriptos;—reformou o edificio da capella,—junteu-lhe a torre com um carrilhão de oito sinos e relogio de horas e quartos com quatro mostradores,—e reedificou o antigo palacio da duquesa D. Joanna de Mendonça, arvorando-o em *Paço Episcopal* para residencia do deão.

—

Clemente VIII, em 1601, exemptou da jurisdicção dos arcebispos esta capella e em 1815, o papa Pio VII, a pedido de D. João VI, a declarou exempta *nullius dioecesis* e concedeu ao *deão-bispo* jurisdicção ordinaria em todo o termo de Villa Viçosa!...

Tambem por essa occasião o mesmo rei D. João VI reformou de novo o quadro capitular, passando os capellães antigos á classe de *conegos*, creando de novo a classe de *beneficiados*; — quando instituiu em 1818 a ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, deu o habito da Conceição aos conegos, alem do habito de Christo que já tinham desde 1806,—e deu á capella como orago a Virgem da Conceição, em vez do antigo orago, que era S. Jeronymo.

—

Antes da reforma de D. João V já a capella havia tido um *deão-bispo* sagrado,—D. Fr. Pedro de Santo Agostinho, titular de Constancia, que falleceu em 1675 e jaz na casa do capitulo do convento dos capuchos, em sepultura brasonada. Depois teve os seguintes:

2.º—D. João da Silva Ferreira, titular de Tanger, 1743–75.

Jaz no convento de Santo Agostinho.

3.º—D. Vicente da Gama Leal, bispo titular de Hetalonia, 1777–91.

4.º—D. José Nicolau d'Azevedo Coutinho Gentil, titular de Zuara, 1795–1807.

5.º—D. Vasco José Lobo, bispo titular de Olba, 1811–22.

6.º—D. Fr. Manuel da Encarnação Sobrinho, titular de Nemesis, 1825–34.

Por ser muito amigo de D. Miguel, soffreu bastante. Foi primeiramente degradado para Portel e depois removido para Lisboa, onde falleceu em 15 de dezembro de 1846.

Foi extincto de facto o *exempto* d'esta villa em 1834.

—

O cabido sustentava-se com os dizimos de varias commendas que rendiam cerca de 40:000 cruzados. Extinctos os dizimos em 1834, extinguiu-se tambem este cabido, e assim acabou a pompa do culto na capella Real. Hoje tem apenas 1 capellão, 1 sacristão, 1 relojoeiro e 1 sineiro!...

Pela reforma de 1815 o seu pessoal era o seguinte:—1 deão, bispo titular e sagrado,—16 conegos, todos cavalleiros da Ordem de Christo e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa,—16 beneficiados,—10 acolytos coreiros,—2 maceiros,—3 custodios,—3 sineiros com 2 ajudantes,—1 relojoeiro,—2 organistas,—2 penitenciarios e 12 cantores,—afóra os alumnos do *Collegio dos Reis*, que vamos já descrever.

Hoje nenhuma das sés do nosso paiz,—*nem a propria patriarchal*—tem um quadro tão numeroso!

Com a extincção da real capella perdeu Villa Viçosa um grande elemento de vida.

Collegios

1.º—*Collegio dos Reis.*

Teve esta villa 3 collegios:—um dos *Santos Reis Magos*, denominado vulgarmente

Collegio dos Reis,—outro de *Meninos orphãos,*—e outro *d'Artes.* De todos o mais importante era absolutamente o *dos Reis*, tambem denominado *Seminario*, depois da reforma da Capella Real por D. João V.

Foi este collegio fundado pelo duque D. Theodosio II, que o sustentou á sua custa durante a sua vida e, desejando que elle não acabasse, por sua morte o dotou largamente, como póde ver-se no seu testamento feito em 1628 e que se encontra no tomo 4.º das *Provas* da *Hist. Genealogica.*

Alem de muitos bens de raiz especificados, deixou-lhe em globo *todos os que adquiriu no termo de Villa Viçosa, e no de Borba, durante os ultimos dez annos da sua vida.*

Era este collegio destinado para a educação dos ministros e musicos da Capella Real, —e o duque D. João II, sendo já rei, lhe deu estatutos proprios, que se encontram no logar citado supra.

—

A principio ensinava-se n'elle instrucção primaria, latim, musica e cantochão; mas, depois que D. João V entregou aos jesuitas a direcção d'elle em 1735, melhorou consideravelmente na parte moral, scientifica e litteraria, bem merecendo o titulo de *Seminario.*

Os alumnos internos eram só 12, mas franqueavam-se as aulas ao publico e teve grande numero de alumnos externos.

Durava o internato oito annos e á saida se dava aos alumnos um vestuario completo de roupa branca e preta e 24$000 réis em dinheiro. Alem d'isso tinham de futuro preferencia nos concursos para as vagas do cabido e côro da Capella Real.

O edificio d'este collegio estava e *está* na *Ilha*, á entrada de Villa Viçosa, indo d'Estremoz. Foi reedificado no tempo d'el-rei D. José, pelo que ainda se conserva em bom estado sob a posse da Casa de Bragança. Esta em 1848 o cedeu ao regimento de cavallaria n.º 3, para hospital de convalescença, o que o damnificou bastante e mais ainda o estar devoluto desde 1875.

—

Este collegio fechou-se em outubro de 1834 por se recusar a Serenissima Casa de Bragança a satisfazer as consignações do costume «e não ter o reitor que dar de comer aos alumnos!...»

Em tempo da rainha D. Maria II, por duas vezes a camara e o povo de Villa Viçosa pediram a restauração d'este collegio, allegando ter elle *dotação propria em bens de raiz, que se acham na posse da Serenissima Casa de Bragança,* mas—nada conseguiram!...

Immensos fructos se colheram d'este collegio. São filhos d'elle o conego Joaquim Cordeiro Gallão, Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, Antonio José Soares, Francisco Peres Ailon de Lara, Francisco Antonio Franco e outros muitos, alguns d'elles musicos distinctos e compositores.

Tambem n'elle frequentou preparatorios um contemporaneo muito illustre de Estremoz, o sr. dr. e conselheiro Diogo Antonio Palmeiro Pinto, que foi governador civil em Portalegre, presidente da camara dos deputados, director da Alfandega do Consumo em Lisboa, etc.

—

2.º—*Collegio das Artes.*

Estava no convento de Santo Agostinho e foi instituido em 1560 pelo duque D. Theodosio I.

Não passou de um simples lyceu, onde se leccionava—portuguez, latim, grego e rhethorica, mas o plano do fundador era eleval-o á cathegoria de *Universidade.*

Nos ultimos tempos havia n'elle sómente duas aulas,—uma de portuguez e outra de latim, regidas pelos frades, que por isso recebiam uma pequena gratificação da Casa de Bragança. Aquellas mesmas aulas se fecharam approximadamente em 1813, por ordem da regencia de Portugal.

—

3.º—*Collegio dos Meninos Orphãos.*

Foi principiado por D. Isabel de Lencastre, primeira esposa do duque D. Theodosio I, fallecida em 1558, pois no seu testamento deixou á Santa Casa da Misericordia d'esta villa uma pensão para sustento de dois orphãos;—depois seu marido, no testamento com que falleceu em 1563, tambem legou á Misericordia certo capital para sustento de mais 4 orphãos. Estavam estes seis

meninos na casa do capellão-mór da Misericordia, que recebia da mesma a verba estipulada para os alimentos, vestuario e educação d'elles.

Foi seu 1.º reitor o padre Fr. Manuel Cavalleiro, do qual tomou o nome a rua proxima do collegio da Companhia de Jesus [1].

Por falta de ulteriores doações e de receita nunca teve casa propria e foi extincto no seculo XVIII, durando ainda assim mais de cento e cincoenta annos.

Alcaides-móres

Não está bem averiguado este assumpto.

Sueiro Peres foi o alcaide-mór mais antigo de que ha noticia.

Em 30 d'outubro de 1297 assistiu como testemunha ao aucto de entrega das praças de Campo Maior e Ouguella, que indevidamente andavam na posse de Fernando IV, de Hespanha.

Depois de Sueiro Peres apenas se encontra memoria dos seguintes:

1.º—Pedro Affonso, no anno de 1336, em tempo de D. Affonso IV.

2.º—Gonçallo Rodrigues, em 1367, no principio do reinado de D. Fernando.

3.º—Gonçallo Pires d'Azambuja, em 1370.

4.º—Garcia Pires do Campo, em 1383.

O Mestre d'Aviz, suspeitando da lealdade d'este alcaide-mór, substituiu-o pelo seguinte:

5.º—Vasco Porcalho, de bem *porca* e triste memoria, como indicámos supra, na *synopse* relativa aos annos de 1383–1384. *Vide*.

6.º—Affonso Pires Negro, durante o senhorio do santo condestavel, tendo sido escudeiro d'elle.

7.º—D. Fernando d'Eça, no tempo do duque D. Fernando II.

Era fidalgo de sangue real, descendente d'el-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Succedeu-lhe seu filho

8.º—D. João d'Eça.

9.º—Affonso Vaz Caminha.

Falleceu em 1569 e succedeu-lhe seu filho

[1] Logo fallaremos d'este collegio, no titulo dos *Conventos*.

10.º—João de Tovar Caminha.

11.º—Thomé de Sousa Coutinho, por nomeação d'el rei D. João IV.

Tomou posse em 5 de janeiro de 1647 e succedeu-lhe seu filho

12.º—Fernão de Sousa, 1.º conde do Redondo (da 2.ª série) conservando-se esta alcaidaria na mesma casa até 1834.

Ordenanças

Esta villa, desde o tempo d'el-rei D. Sebastião, teve duas companhias de ordenanças; mas no anno de 1641, tornando-se preciso firmar a independencia do reino, crearam-se mais duas companhias n'esta villa, e no seu termo outras duas, denominadas *companhias do campo*. D'estas uma tinha ordinariamente a sua séde na parochia de S. Romão, comprehendendo tambem os contingentes das freguezias de Terrugem e Ciladas;—a outra tinha a séde em Pardaes, comprehendendo os contingentes das freguezias de S. Braz dos Mattos e Bencatel, passando depois para esta ultima parochia a dita séde.

Formavam as seis companhias o *terço de ordenanças de Villa Viçosa*, que se conservou até 1834.

—

Cada uma das 6 companhias teve no seu principio apenas um capitão e um alferes;—depois se lhe addicionou mais um tenente.

O *terço* era commandado por um capitão-mór, ou por um sargento-mór, com seu ajudante. O ultimo sargento-mór foi Manuel Diogo da Silveira Menezes, fallecido em 1863.

Os soldados não tinham fardamento—e ultimamente *nem armas!* Cada um levava as que tinha; mas os officiaes fardavam-se de panno verde com golla e canhão encarnados,—banda, espada curva e chapeu armado.

Como Villa Viçosa era tambem cabeça de comarca das villas que o ducado de Bragança tinha no Alemtejo, havia tambem aqui um *Capitão-mór* e um *Sargento-mór do Alarde*, que mandavam em chefe todos os terços da comarca e recebiam um pequeno soldo.

O ultimo sargento-mór *do Alarde* foi Luiz Jorge da Costa Amado, fallecido em 1822.

Este terço era de infantaria, mas durante a guerra *da restauração* tambem teve uma companhia de ordenanças montadas.

Auxiliares

Foram creados em 1643, na dicta guerra *da restauração*, os soldados *auxiliares*, e desde 1644 se creou o *terço de Villa Viçosa*, que era formado por uma companhia d'esta villa com outras da sua comarca, e mandado por um mestre de campo, sempre fidalgo distincto e residente em Villa Viçosa.

Estes soldados a principio eram infantes e por ultimo caçadores.

Passados dez annos creou-se tambem uma companhia de auxiliares montados, *á sua custa*, composta de gente d'esta villa e da de Borba, sendo capitão d'ella Estevam Mendes da Silveira.

Foi extincta em 1668, no fim da *guerra da restauração*.

Dos auxiliares só o mestre de campo, o sargento-mór e o ajudante recebiam soldo, em tempo de paz.

—

Nos fins do seculo XVIII este terço d'auxiliares tomou a denominação de *Regimento de Milicias de Villa Viçosa*—e o seu mestre de campo a de *coronel*.

Reorganisado o nosso exercito em 1808, no começo da *guerra da Peninsula*, alterou-se o quadro do dicto regimento, aggregando-se-lhe companhias das terras mais proximas, sem serem do ducado brigantino, continuando Villa Viçosa a ser a cabeça do dicto regimento, que era de oito companhias. Dava esta villa a 1.ª,—Borba a 2.ª,—Estremoz a 3.ª,—o Redondo a 4.ª,—o Alandroal a 5.ª,—Elvas com Villa Boim a 6.ª e a 7.ª—e Campomaior a 8.ª

Este regimento (bem como todos os outros de milicianos) tinha em commissão, para melhor disciplina d'elle, um major e um ajudante, sempre officiaes do exercito da 1.ª linha, e costumava juntar-se em Elvas todo o regimento na primavera para exercicios de manobra.

Esta milicia da 2.ª linha acabou em 1834.

Conventos

Teve esta villa 7 conventos, sendo 4 de religiosos:—Santo Agostinho, S. Paulo, Capuchos e S. João Evangelista,—e 3 de freiras:—Santa Cruz, Chagas e Esperança.

1.º—De *Santo Agostinho*.

É coevo da fundação d'esta villa e foi-lhe lançada a primeira pedra no dia 5 de maio de 1267, como já dissemos.

El-rei D. Diniz o estimava muito, pelo que no seu testamento lhe deixou um legado de 100 libras—e não menos o estimaram os duques, pois o elegeram para seu pantheon e o reedificaram por varias vezes.

A sua egreja actual é reedificação de D. João IV. Lançou-lhe a 1.ª pedra em 14 de julho de 1635, mas por causa da guerra da restauração só em 1677 se concluiu, já no tempo de D. Pedro II, collocando-se então os restos mortaes dos duques nos novos tumulos da capella mór, que são seis, em forma de capellas;—e transferiram-se os restos mortaes dos irmãos dos duques para os 4 tumulos do arco cruzeiro, ficando vazio um d'elles por ser (segundo dizem) destinado para os ossos do infante D. Duarte, irmão do *restaurador*, que ainda hoje se conservam em Milão.

No plano do presbyterio estão 2 mais singelos, para creanças,—e no centro do cruzeiro, em campa lisa, debaixo do zimborio, que é octogonal e tem 4 janellas, está D. Rodrigo de Lencastre, conde de Lemos e marquez de Sarria, parente dos Braganças.

—

É o melhor templo de Villa Viçosa, posto que de uma só nave. As paredes são interiormente revestidas de marmore branco até á cimalha. O frontispicio olha para o Terreiro do Paço e para o corpo principal do palacio dos duques;—é de marmore e tem duas formosas torres, mediando entre ellas uma varanda com parapeito de marmore rendado.

Alem do altar-mór tem 2 no cruzeiro e mais 6 em outras tantas capellas no corpo da egreja, que está bem conservada e na posse da Casa de Bragança.

O convento serve de quartel militar e foi reedificado pela ultima vez no tempo de D. João V, exceptuando o lado mais interior do dormitorio.

Tem boa cerca e no pateo d'ella estavam as adegas e um lagar d'azeite, que já não existem.

Foi o mais rico mosteiro d'esta villa. Em 1808 levaram d'ali os francezes 25 arrobas de prata!...

Pertenciam a este convento uma das herdades das *Torres de Curvo*, em Veiros, e a de *Lourenço Alcaide*, em S. Braz dos Mattos. Ambas eram grangeadas directamente por estes religiosos, que ali costumavam ter sempre um frade por director da lavoura, sendo assim as duas herdades duas granjas modelos ou escolas agricolas, em que se instruiam os lavradores visinhos, sem que o estado despendesse coisa alguma.

2.º—*Convento de S. Paulo.*

Era da congregação da *Serra d'Ossa*,—estava no Rocio—e tinha como orago Nossa Senhora do Amparo.

Principiou na quinta da Provença, em *Val Bom*, por um simples eremiterio, fundado em 1415 por Pedro Affonso. Tornou-se mosteiro regular em 1439—e em 1590 foi trasladado para o Rocio por Fr. Martinho de S. Paulo, reitor d'elle n'aquelle tempo e fundador da nova casa. Duraram as obras 23 annos, por serem feitas com esmolas dos fieis, e só pôde ser inaugurado em 1613.

Contribuiu largamente para esta fundação o duque D. Theodosio II, que aforou aos frades o cruzeiro e a capella-mór por cem mil réis annuaes, um throno de cera e 18 alqueires d'azeite, pelo que lá tinham tribuna reservada os Braganças, com porta e cocheiras suas no caminho novo do Alandroal.

—

Era o 2.º convento d'esta villa em grandesa.

O claustro, portaria, sacristia e côro foram sumptuosamente embellesados no primeiro quartel do seculo XVIII por Fr. José Gralho, que ali gastou todo o rendimento de um morgado que usufruia.

A egreja era um bom templo e tinha altar mór, mais 2 no cruzeiro e 6 capellas lateraes, como a de Santo Agostinho, mas foi profanado em 1864—e hoje se encontra em lamentoso estado!...

D'ali passou para o Collegio, ou matriz de S. Bartholomeu, a confraria do Rosario—e a de S. Chrispim para a egreja de Santo Antonio.

Foi este convento um dos mais infelizes.

Serviu de theatro em 1835;—foi quartel d'infanteria n.º 4 em 1835 a 1836—e logo principiou a cahir em ruinas por lhe haverem tirado madeiras do telhado, quando n'elle se montou o theatro.

Em 1867 foi doado á camara para fazer na cerca o cemiterio e para installar na egreja dos frades a municipal de S. Sebastião, que desabou em 1858; mas nada d'isto fez; espera-se porém que a camara mande ao menos concertar a egreja, visto receber, *até ha pouco.* da cerca 50$000 réis de renda e ser ha muito o pobre edificio do convento a *mina* d'onde extrahe cantarias e materiaes para as obras publicas, etc., reduzindo-o a um montão de ruinas!...

Com licença do governo vendeu a camara a cerca a Antonio Lobo Vidigal Salgado, em 1885, por 1:010$000 réis para applicar esta receita na construcção de um novo cemiterio sob a sua administração.

3.º—*Convento dos Capuchos*, orago Nossa Senhora da Piedade.

Teve principio em 1500, ao nascente da villa, onde estão as ruinas da egreja de S. Francisco Velho, junto da *Fonte das Lagrimas*, onde o edificou o duque D. Jaime.

D'ali passaram os frades para um 2.º convento, construido em 1547 pelo duque D. Theodosio I, na baixa do *Outeiro do Ficalho.* Era tambem pequeno e estava no meio da cerca do actual, onde chamam o *Presepio.* Reconhecendo-se n'elle, pela insalubridade do local e pelo afastamento da villa, os mesmos inconvenientes que determinaram a substituição do 1.º, fundou-se um outro,—o actual,—ao poente da villa, junto da capella de S. Lazaro, que por essa razão foi demolida.

Lançou-lhe a 1.ª pedra em 26 de julho de 1606 o duque D. Theodosio II, que foi o prim-

cipal bemfeitor e protector d'estes religiosos.

Posteriormente foi accrescentado o convento para ter a capacidade precisa a uma *casa capitular*, como esta foi.

—

A egreja é pequena e tem apenas tres altares; mas tem um vasto alpendre debaixo do côro, fechado por gradaria de ferro,—e um elegante frontispicio com 3 imagens em nichos,—2 campanarios,—e um lindo atrio ajardinado, o que tudo torna este convento muito interessante e o mais pittoresco entre todos os de Villa Viçosa.

O edificio acha-se ainda em bom estado de conservação, porque um frade leigo, chamado João Pedro Serra, velou por elle com todo o carinho muitos annos, tendo as chaves em seu poder,—e desde 1863 velam por elle os devotos do Senhor Jesus da Piedade.

Alem da festa do Senhor Jesus, fazem-se ainda mais duas festividades n'esta pittoresca e veneranda egreja:—uma ao Senhor dos Afflictos,—outra á Senhora da Piedade.

Este convento, depois da sua extincção, passou, como todos os outros, para os proprios nacionaes, e o governo já repetidas vezes o poz em hasta publica, mas até hoje (1886)—ainda ninguem o comprou.

4.°—*Collegio de S. João Evangelista*, casa professa dos jesuitas.

Ergue-se no alto da Praça Nova, e foi edificado pelo duque D. Theodosio II *sem o concurso de mais ninguem*,—sendo inaugurado em 1604;—mas faltam-lhe ainda os coruchéus das torres e a conclusão do claustro.

Extinctos os jesuitas em 1759, tomou posse d'elle a Casa de Bragança—e em 1793 foi dado pelo principe regente ás *Beatas de S. José*, com a obrigação de ensinarem meninas pobres. N'elle se conservam ainda as dictas senhoras.

A egreja serviu temporariamente de Capella Real, desde 1806 até 1862,—e desde 1865 n'ella se installou a matriz de S. Bartholomeu, como já dissemos.

Por estas razões se conservam em bom estado a egreja e o collegio da *Companhia de Jesus*.

5.°—*Convento de Santa Cruz*, de religiosas de Santo Agostinho.

Demora na Corredoura e foi o 1.° convento de religiosas que houve n'esta villa.

Teve principio ali mesmo, em umas casas de Mendo Rodrigues de Vasconcellos, capellão do duque D. Jaime, deixadas por elle no seu testamento para mosteiro de religiosas, por não ter a villa ainda n'aquelle tempo instituto algum para o sexo feminino, contando já tres conventos de frades.

Foi sua fundadora Margarida de Jesus Nunes, natural d'esta villa, mas professa no convento de Santa Monica d'Evora, d'onde veiu com duas companheiras fundar este.

O edificio foi feito com esmolas, por falta de padroeiro, e consta que se inaugurou no dia 1 de janeiro de 1530, sendo então de pequenas dimensões, por se achar apertado entre diversas casas no centro da villa; mas em 1598 as freiras adquiriram parte da rua da Torre, que lhes vedava o alargamento para o norte, e estenderam mais tarde a casa e cerca até á travessa de *Valderrama*.

Extinguiu-se em 13 de julho de 1883 com a morte da ultima freira.

Tomaram conta da egreja,—pequeno templo de 4 altares,—as confrarias ou irmandades das Almas e do Rosario, que estavam na egreja do Espirito Santo, e a estas duas piedosas corporações se deve a conservação do pequeno templo, no qual repousa em sepultura lisa brasonada o tenente general João do Crato da Fonseca.

O convento passou para os proprios nacionaes e consta que o governo vae pol-o em hasta publica, dividido em tres lotes, para ter mais facil venda.

6.°—*Real Convento das Chagas de Christo* de freiras de Santa Clara.

Demora no Terreiro do Paço e é obra do duque D. Jaime, mas inaugurou-se depois da sua morte, em 25 de fevereiro de 1533, com 8 freiras de Santa Clara de Beja.

Tem cinco altares a egreja, templo venerando, de architectura manuelina com formosos azulejos.

Tem dois córos,—alto e baixo,—e n'este ultimo jazem as duquezas de Bragança, fallecidas depois da inauguração d'este con-

vento; na egreja se vê, logo á entrada, a campa, do vice-rei da India D. Constantino de Bragança e de sua esposa.

Tem a portaria na rua dos *Fidalgos*, precedendo-a um pateo com moradias para os servos do convento e um *hospicio* para os tres franciscanos que outr'ora cuidavam do espiritual d'este convento. Por ali se entrava tambem para a cerca e para a horta, hoje annexa ao *Reguengo* do Paço Real, por ter sido comprado pela casa de Bragança o seu dominio util.

Será este convento o ultimo a extinguir-se, pois ainda hoje (1886) n'elle vivem duas religiosas professas, alem de differentes recolhidas e seculares.

O edificio é amplo e de muito solida construcção.

7.º—*Real convento de Nossa Senhora da Esperança*, tambem de religiosas *clarissas*.

Demora no extremo oriental do Rocio.

Foi principiado na *rua da Cadeia*,—rua que já não existe,—junto do castello, d'onde, passados apenas dois annos depois da sua inauguração, se transferiu em 1553 para o chão que hoje occupa.

É obra de D. Isabel de Lencastre, 1.ª mulher do duque D. Theodosio I, a qual repousa no côro baixo, tendo ao pé de si a campa de sua sogra, a infeliz D. Leonor de Gusmão.

A egreja é maior que a das Chagas, mas tem o mesmo numero d'altares e, salva a differença da architectura manuelina, eram em tudo semelhantes as egrejas e conventos d'estas duas communidades.

A capella-mór foi jasigo dos *Lucenas*, por doação de D. Theodosio II.

—

Fechou-se este convento no 1.º dia d'outubro de 1866 por sair voluntariamente para o das Chagas a unica religiosa professa que n'elle vivia,—madre Marianna Xavier. Em seguida tomou posse da egreja e a conserva com muita limpesa a Ordem 3.ª de S. Francisco d'esta villa, cuja capella tinha entrada pela dicta egreja; mas não lhe deram as alfaias, paramentos e utensilios. Foram distribuidos por outras egrejas.

O convento foi posto em hasta publica e comprado pela insignificancia de *oitocentos mil reis* por um especulador, que logo tractou de o demolir e de vender em retalho os seus materiaes!... D'elle apenas hoje restam os destroços e a cerca, já em terceiro possuidor, — graças aos vandalos do seculo XIX, o decantado *seculo das luzes*!...

Assim terminou este venerando mosteiro, que já contava mais de 300 annos d'existencia.

Recolhimentos

Ha n'esta villa apenas um—*de Nossa Senhora do Carmo*,—de terceiras carmelitas, com votos que duram sómente em quanto n'elle se conservam as irmãs, podendo deixal-o quando quizerem.

O seu director e confessor de direito é o prior de S. Bartholomeu.

Teve principio este recolhimento no anno de 1763 junto da ermida de S. José do Carrascal, sendo sua fundadora D. Violante Perpetua de Jesus, natural de Alcantara de Lisboa e que falleceu em 1800.

Foi abolido em 1769 e restaurado em 1777, quando subiu ao throno D. Maria I.

Em 1793, como já dissemos, passaram estas senhoras para o extincto collegio dos jesuitas, transformando o seu recolhimento em differentes casas d'aluguer, e por ultimo, em 1838, aforaram a cerca á junta de parochia de S. Bartholomeu, para servir de cemiterio parochial.

—

Visa este santo instituto dois fins:—a vida devota e a educação de meninas, para as quaes tiveram sempre escola franca e gratuita,—e tambem receberam educandas internas, em melhores tempos.

A Casa de Bragança dava-lhes uma pensão de 120 alqueires de trigo, mas suspendeu-lh'a em 1834;—recebem porem o honorario de professoras publicas, por carta de lei de 2 de setembro de 1858 e decreto de 22 de fevereiro de 1859.

É este pequeno honorario o maior rendimento da casa e por isso não póde sustentar mais de *seis irmans*!...

Tem o titulo de *regente* a superiora—e é sempre vitalicia.

Nunca teve chronica impressa este recolhimento e por isso a estes leves traços juntaremos os nomes das suas regentes até hoje:

1.ª—Violante Perpetua de Jesus Maria, a fundadora.

Falleceu em 13 de julho de 1800.

2.ª—Feliciana Theresa do Coração de Jesus.

Falleceu em 29 de fevereiro de 1836.

3.ª—Theresa Perpetua de Jesus Maria.

Falleceu em 18 de novembro de 1845.

4.ª—Maria Theresa.

Falleceu em 20 de fevereiro de 1856.

5.ª—Marianna de Jesus.

Falleceu em 18 de março de 1860.

6.ª—Maria da Lapa.

Falleceu em 11 de julho de 1867.

7.ª—Agostinha Angelica.

Falleceu a 31 de janeiro de 1886.

8.ª—Maria dos Prazeres.

É a superiora actual e uma das mais dignas.

Chamamos para tão util como piedoso e pobre instituto a protecção das almas boas.

Varias egrejas, ermidas e capellas

Dizia-se antigamente de Villa Viçosa—*que tinha cinco largos e em cada largo tres egrejas*:—no *Terreiro do Paço* a capella real, com o apparato de Sé, e os conventos de Santo Agostinho e Chagas;—na *Praça Nova* as egrejas do Espirito Santo ou da Misericordia, de Santa Luzia e do collegio dos jesuitas;—no *Rocio* a de S. Sebastião e as dos conventos de S. Paulo e da Esperança;—no *Carrascal* as de S. José, S. João Baptista e Senhora da Lapa;—no *Outeiro de Ficalho* as de S. Luiz, S. Thiago e Capuchos.

Presentemente falta a egreja de S. Sebastião, que desabou em 1858 e não foi reedificada, posto que tem padroeiro proprio,—a camara municipal.

Acha-se profanada a de S. Paulo, que é tambem da camara.

A de S. Thiago era a mais antiga da villa e consta que foi a sua 1.ª matriz; mas hoje apenas conserva a capella-mór, por ter desabado o corpo d'ella, que transformaram em um vestibulo ajardinado.

No seu chão esteve o antiquissimo templo de Proserpina, que desappareceu ha muito; conserva-se porém no adro, como memoria commemorativa d'elle, uma lapide com inscripção em latim e grego, da qual póde ver-se uma copia fiel nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 1.º da 2.ª série, pag. 93.

—

A *da Lapa* é a mais moderna e a mais formosa de todas. Principiou a sua construcção em 1756.

Tem apenas dois altares no arco cruzeiro, alem do altar-mór,—bella sacristia,—um rico portico de marmore—e duas lindas torres.

Foi feita com esmolas por iniciativa de uma irmandade que ainda hoje a administra.

Á sua direita tinha um jardim; addiccionaram-lhe ha pouco outro á esquerda—e projectam ainda um terceiro na frente, ficando d'esta forma toda cercada de jardins, o que deve dar grande realce a tão formoso templo, quando as arvores e arbustos attingirem o seu pleno desinvolvimento.

A egreja de S. João Baptista é singular pela sua planta em forma de cruz grega e pela sua cupula de telhas vidradas á mourisca, terminando em uma lanterna.

Dizem que foi fundada pela duqueza D. Catharina, mas n'ella não se vê o escudo dos Braganças.

Tem tres altares.

A de *S. Luiz* é uma pequena capella de um só altar, modernamente reedificada e dizem ser fundação do licenciado Antonio de Gouveia, secretario do duque D. Theodosio I, no meiado do seculo XVI.

—

Alem d'estes 15 templos publicos, ha na villa mais dois, tambem notaveis:

1.º—*Santo Antonio.*

Foi fundado pelo duque D. João I, approximadamente em 1570, e tem no frontispicio o brasão dos Braganças. A sua architectura é egual á da egreja do Espirito Santo, embora de mais pequenas dimensões.

Tem abobada com ornamentação de laçaria, paredes azulejadas e côro assente em columnas toscanas de marmore.

Ali se vê ainda a tribuna dos Braganças, com entrada particular.

2.ª—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios.*

Demora entre a *Torre de Homenagem* ou do *Caracena*, (relogio do concelho)—e a velha cerca de muros, em sitio alto, para servir de capella aos presos da antiga cadeia que estava defronte e foi demolida em 1662.

As suas paredes são interiormente revestidas com bellos paineis de azulejo, allusivos á Virgem,—e na face exterior da frontaria se vê por cima do portico outro painel semelhante com a imagem da Senhora dos Remedios.

—

As outras capellas filiaes da matriz e já mencionadas, todas existem, exceptuando duas:

1.ª—*Santo André*, nos coutos occidentaes, junto do caminho de Montes Claros, no sopé da serra do *Barradas*.

Desabou ha mais de um seculo.

2.ª—*S. Francisco Velho.*

Jaz em completo abandono desde 1834.

A egreja de *S. Bento*, a N. da villa, é a Sé das ermidas, pois tem *sete altares*!...

Melhorou-a muito no ultimo quartel do seculo XVIII um capellão da Real Capella,—Antonio Luiz Pereira Durão.

A de *S. Marcos* foi profanada ha muitos annos e comprou-a em 1875 ao governo, por 16$000 réis, o dono de um predio contiguo, morador em Borba, transformando-a em casa de despejos!...

Não lhe valeu a importancia historica de ter sido testemunha da repartição da presa de gados, tomados aos castelhanos por Pedro Rodrigues do Alandroal e Alvaro Gonçalves de Villa Viçosa,—repartição que ali os dois fizeram em 1384, ha 502 annos!

Tem esta villa tambem 5 bonitas capellas dos *Passos* com bons porticos de marmore: —a 1.ª no Rocio; a 2.ª na rua de Antonio Homem; a 3.ª na Praça Nova; a 4.ª na Corredoura—e a 5.ª no largo da *Assaboaria*.

Foram edificadas no ultimo quartel do seculo XVI e pertencem á irmandade do Senhor dos Passos, erecta na egreja de Santo Agostinho.

São tambem de bello marmore as capellas dos *Passos* em Borba, mas em todo o nosso paiz as capellas de *Passos* mais amplas e mais apparatosas são as da villa de Ovar.

Misericordia

Está junto da *Praça Nova*, sobre a qual tem porta a sua egreja, de que é orago o *Espirito Santo*, mas a entrada principal é pela rua de *Três*.

Foi esta irmandade instituida em 1516, sob a protecção do duque D. Jaime,—e em 1524 foi-lhe entregue a administração da *albergaria* ou hospital do *Espirito Santo*, que já existia no mesmo local.

O duque D. Theodosio I foi grande bemfeitor d'esta casa, pois fez o pateo e novas enfermarias, do lado da rua de Três,—e com um legado que lhe deixou em testamento e com outras esmolas do seu filho D. João I e de varios bemfeitores, fez-se a egreja, concluindo-se em 1568. Tinha ella sómente 3 altares, mas, durante o tempo em que foi matriz da parochia de S. Bartholomeu, addicionaram-lhe a capella do Santissimo e o altar das Almas.

Esta santa instituição, cujas rendas hoje montam a tres contos de reis, approximadamente, tem prestado e presta relevantes beneficios á pobresa.

Para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, fecharemos aqui este topico relativo á *Santa Casa*.

Portas dos Nós

O duque D. Jaime, fundador do *Palacio Real* moderno e já descripto, fez junto d'elle o terreiro das casas para servos, adegas e estribarias, denominado *Ilha*, por ser fechado sobre si por uma porta exterior de estylo manuelino *com tres nós* nas batentes, alem de dois nas columnas lateraes e uns letreiros da sua empresa: *Depois de vós, nós*

depois de nós, vós—querendo dizer que, depois da familia reinante, eram os Braganças os primeiros cidadãos de Portugal.

Vê-se este portico sobre a avenida de Borba e foi modernamente fechado com portões de ferro, mas já não tem a mencionada inscripção.

A dez passos dá mesma porta fez-se pouco depois outra,—a das muralhas novas da villa, no começo da estrada real de Borba. Deram-lhe tambem a denominação de *Porta do Nó*, alludindo á *união iberica* de 1580.

Foi a dicta porta feita pela Casa de Bragança e era por isso a mais ampla e luxuosa de todas as da circumvallação.

Os umbraes e sobre-arco de marmore são de peças almofadadas;—têm no fecho o escudo brigantino,—e junto da volta do arco duas chapas ou taboletas com as inscripções seguintes:

HAEC EST FATALIS
NODORUM PORTA
JOANNES
ME NODO HESPERIAE
LIBERAT ENSE POTENS
ANNO
—
SOLVIT ALEXANDER
NODUM UT REX IM
PERET ORBI
REX MEUS VT REGIS
SCEPTRA LATENTIS
AGAT
1654

«Esta é a fatal *Porta dos Nós*. João, com o poder da sua espada, me livrou do nó da Hespanha.

«Desfaz Alexandre um nó para imperar como rei na redondesa da terra: o meu rei desata-o para empunhar os sceptros do rei encoberto. Anno de 1654.»

Refere-se ao córte do celebre *nó gordio* por Alexandre Magno, comparando a este o nosso D. João IV, por haver libertado a patria do jugo castelhano, e diz tambem ser D. João IV o *rei encoberto*, de que fallavam os sebastianistas.

As duas chapas estão em linha horisontal, mettendo-se de permeio a volta do arco,—e em plano superior estão outras duas lapides com o letreiro relativo á eleição da Virgem para padroeira do nosso paiz.

Aos lados se vêem duas espheras armillares.

É pois esta porta um monumento da restauração de 1640 por um filho de Villa Viçosa.

Paços do concelho, pelourinho e relogio

Os actuaes paços do concelho estão na *Praça Nova*, olhando para N. Foram principiados em 1754 e concluidos em 1757 á custa do *cabeção* de toda a antiga comarca de Villa Viçosa.

São um soberbo e amplo edificio, com boas salas para as sessões e secretaria da camara, bibliotheca municipal, administração do concelho e repartição de fazenda,—no andar nobre. Nos baixos estão os açougues, e a casa do trigo,—e á direita estão a cadeia e a residencia do carcereiro,—tudo com serventia pela rua do *Cambaia*.

Os paços antigos estavam na *Praça Velha* e foram demolidos em 1664 para ampliamento das fortificações do castello novo. Ainda lá se vê o velho pelourinho, que tem hoje base quadrada (a antiga era redonda)—e sobre ella, em uma peanha azul, se levanta um monolitho de pedra azul tambem, formando uma columna quadrada com os angulos desfeitos, encimada por uma roca e uma pyramide, medindo ao todo cerca de oito metros d'altura.

—

A pequena distancia está na *Torre de Homenagem* o relogio do concelho, denominado *Carracena*, por ter sido o primeiro sino d'elle partido pelo marquez de Carracena em 1665 a tiros de canhão. Assim o commemora a legenda que se vê no sino actual, feito em substituição d'aquelle. Diz ella:

Caracena me quebrou, sendo eu de grandèsa tal, que não havia outro que me egualasse em todo o reino de Portugal.

O velho sino era, n'aquella occasião, destinado principalmente para dar o signal de

rebate, quando se approximavam os castelhanos.

Armas da villa

O brasão d'armas d'esta villa é um castello de prata entre duas torres tambem de prata, em campo verde, tendo o castello por cima da porta as quinas—e sobre elle a imagem da padroeira do reino.

O castello e as duas torres alludem á cidadella actual com os seus dois revelins, ou cubos, em dois angulos;—as quinas alludem á sua fundação pelos Braganças—e o campo verde ao viço da localidade.

É este o brasão legal e antigo de Villa Viçosa, como se vê nas *Cidades e Villas* do meu bom amigo e mestre o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa; mas ha muito que esta villa,—não sabemos porque,—usa do brasão seguinte:—tres castellos d'ouro em campo azul—e nada mais!...

Feiras

Ha n'esta villa tres:—uma em janeiro, outra em maio e outra em agosto, principiando todas no dia 29 dos dictos mezes.

A de maio,—a primitiva d'esta villa,—é hoje a *primeira* do Alemtejo em gado, principalmente vaccum e cavallar.

Trocando o duque D. Jaime com a camara a portagem, que era d'elle, pelos direitos das feiras, que eram do concelho, impetrou d'el-rei D. João III a creação de uma feira de *Santo Agostinho* com a duração de oito dias —e mandou fazer á sua custa um abarracamento de alvenaria para os mercadores de fazendas de mais preço.

O dicto abarracamento já foi na sua maior parte destruido e unido o seu chão ao quintal do *Palacio do Bispo*, que demora ao sul do Terreiro do Paço. Deixou de servir em 1850, porque, pretendendo a camara estabelecer o imposto sobre o chão das barracas dos feirantes, não podia cobral o dos mercadores que se acolhiam ao mencionado abarracamento, por ser este propriedade particular, da casa de Bragança.

Como a feira de *Santo Agostinho* não fosse bem frequentada todos os 8 dias, o mesmo duque D. Jaime de novo se dirigiu a el-rei para que a dividisse, como dividiu, em duas. Assim se creou a de janeiro, devendo ser de cinco dias, mas dura apenas tres, como as outras,—e todas hoje se fazem nos campos do Carrascal e do Rocio, como já dissemos.

Noticias diversas

Instrucção publica.—Houve n'esta villa até 1863 uma aula publica de grammatica portugueza e lingua latina; hoje ha só duas aulas officiaes d'instrucção primaria—uma para o sexo masculino,—outra (a das *Beatas do Carmo*) para o sexo feminino,—alem de duas ou tres particulares para meninas.

Tambem no momento a camara (honra lhe seja!) tenta crear e já poz a concurso uma aula complementar, vencendo o respectivo professor 250$000 réis por anno.

Bibliothecas. — Antigamente contavam-se n'esta villa tres:—uma do convento dos Agostinhos ou gracianos,—outra no dos capuchos—e outra no *Collegio dos Reis.* Hoje ha só uma,—a municipal, nos paços do concelho, mal accommodada, mal organisada e contando apenas 3:000 volumes. Deve-se aos bons officios de Christovam Avellino Dias, tenente coronel de cavallaria n.º 2, fallecido em 1825 e sepultado no convento dos gracianos.

Theatros.—Até hoje apenas houve um n'esta villa, no *Palacio dos Corregedores*, á *Carreira das Nogueiras.* Intitulava-se *Theatro Callipolense* e foi feito com uma certa regularidade em 1840, mas acabou em 1854, porque a Casa de Bragança reivindicou a posse do dicto palacio.

Houve no convento da Esperança outro, mas simplesmente improvisado, como foi tambem o de S. Paulo, em 1834 a 1835.

Presentemente ha outro, em melhores condições, no convento da *Sancta Cruz.*

Philarmonicas.—Ha duas: a *Callipolense*, organisada em 1850,—e a *Esperança*, fundada em 1870.

Sociedades de Recreio.—Duas tambem: a *Sociedade Artistica*, inaugurada em abril de 1863,—e a *União callipolense*, fundada em 1878.

Cada uma tem sua orchestra.

Fortificações.—Conservam-se tanto o castello antigo, como a cidadella moderna com as suas duas *estrellas*, mas tudo com algumas ruinas e descalabros desde o cerco de 1665.

A cidadella é habitavel e habitada por uma familia—e lá se aquartelou ainda em 1883 o batalhão de caçadores n.º 5, por occasião da visita de Affonso XII, rei de Hespanha.

Minas.—Duas de cobre:—uma registrada e outra abandonada. Em 1854 principiou a explorar-se uma d'ouro, denominada *Mina da Senhora da Conceição*, na quinta do *Sisudo* e na coutada do *Pinhal*, mas não passou de um sonho.

Ha n'este concelho, como em outros muitos do nosso paiz, grandes jazigos de ferro, mas até hoje ainda nenhum se explorou por falta de combustivel.

—

Celleiro commum. — Houve antigamente um n'esta villa, nos baixos da casa da camara, mas deixou de existir em 1664, no tempo da *guerra da restauração.* Fundou-se outro no reinado de D. João V, defronte da casa dos *Lucenas*, no largo de Santo Agostinho; mas era propriedade particular e acabou depois de 1860, sendo então dos *Sousas Menezes* e tendo mudado para a rua de Santa Luzia.

Ambos mutuavam *á vintena*, ou a 5 p. c. —e já nenhum d'elles existe, nem a villa tem hoje algum. V. *Montes de Piedade.*

Telegrapho electrico.—Foi estabelecido em 1860 e é de serviço limitado, excepto quando aqui se acha a familia real.

Medidas antigas.—Das lineares o covado era de $0^m,66$—e a vara de $1^m,095$. Nas de liquidos o alqueire ou cantaro era de $8^l,88$ —e o almude em dobro. Nas de seccos era o alqueire de $14^l,59$—e na mesma proporção as suas fracções.

—

Edificios brasonados.—É para admirar que, sendo esta villa um alfobre de nobresa nos seculos XVI e XVII, hoje n'ella se encontrem, além do Palacio Real, apenas duas casas particulares com brasões:—uma dos *Machados*, hoje unida á das *Galveias*, na Corredoura, junto da rua das Côrtes;—outra a dos *Mascarenhas*, fundada (dizem) por Pedro Mascarenhas no meiado do seculo XVI, da qual foi ultimo administrador José Maria Rangel de Quadros Mascarenhas, fallecido em Lisboa, sem successão, em 1883; tendo sido porem aforada, é hoje emphyteuta d'ella Joaquim José Fernandes, negociante e proprietario, que a reedificou no sobredicto anno, com largo dispendio.

São tambem hoje só tres os edificios publicos brasonados:—a egreja de Santo Antonio,—o convento das Chagas—e os paços do concelho.

Abundam porem na villa edificios venerandos pela sua antiguidade, sendo dignos d'especial menção os seguintes:—a casa dos condes do Redondo, junto da *Fonte Pequena*, —a de Gomes Freire d'Andrade, pae de Manuel Freire d'Andrade e avô ou bisavô do general Gomes Freire d'Andrade, justiçado em 1817, situada na Corredoura, em frente da dos Mascarenhas. É hoje dos condes de Camarido.

A dos *Telles de Menezes*, na rua dos Fidalgos, e que é hoje de Ignacio da Silveira Menezes;—um pouco a jusante, na esquina da travessa da Amoreira, lado sul, a casa que foi de Ruy de Sousa Pereira;—a que foi de Pedro de Sousa de Brito, veador da duquesa D. Anna de Velasco, na rua de Santa Luzia, defronte da egreja d'esta invocação. Foi reedificada em tempo de D. João V por Thomé José de Sousa e pertence hoje a Thomé de Sousa Menezes, 8.º administrador dos seus morgados;—a dos *Viegas*, familia de grande representação no ultimo seculo. Ainda se não apagou a fama do seu exquisito jardim sobre o *Carrascal.*

Na Praça Nova—o palacio feito por José Bernardo de Sousa da Camara, sargento-mór nos fins do seculo XVIII. É hoje de Antonio Pereira Nobrega de Sousa da Camara.

Na rua de *Antonio Homem*—o palacio fundado no 1.º quartel d'este seculo pelo tenente general Diogo da Cunha Sotto-Maior, hoje pertencente ao seu primo e herdeiro Mathias de Castro e Silva Sottomaior.

São tambem muito notaveis o *Palacio do Deão*, ou do *Bispo* e o dos *Corregedores*, per-

tencentes á Serenissima Casa de Bragança, avultando entre todos os palacios d'esta villa e d'esta provincia o *Palacio Real.*

—

Hospedarias.—Tem esta villa apenas duas estalagens e tres ou quatro casas que recebem hospedes todo o anno; mas durante as feiras outras muitas casas, nomeadamente as da parte occidental, recebem hospedes e cavalgaduras.

Clima.—É temperado e muito salubre o d'esta villa e d'este concelho; apenas são conhecidas durante o estio as febres intermittentes na parte leste e na *Tapada Real*, provenientes dos miasmas da ribeira de Borba, que na estiagem sécca.

Contribuições. — No ultimo anno economico pagou este concelho as seguintes:

Predial....................	9:796$490
Industrial..................	1:380$831
Sumptuaria.................	194$160
Renda de casas.............	727$256
Decima de juros............	658$772
Imposto do sello...........	1:040$401
Total.....	13:797$910

Maiores proprietarios.— Depois da Casa de Bragança, os 3 maiores proprietarios d'esta villa na actualidade são:—Ignacio da Silveira Menezes,—José de Sousa Figueiredo—e João Nepumoceno da Cunha Rivara;—os 6 maiores proprietarios d'este concelho, *n'elle residentes*, são os tres já mencionados—e Antonio Carlos de Mattos Azambuja, José Antonio Cordeiro Vinagre, todos residentes na villa,—e Antonio Pereira Bom, residente em Bencatel;—e os maiores proprietarios d'esta villa e d'este concelho, mas que residem fóra d'elle, são os seguintes:

—Duque de Bragança (Lisboa).

—Antonio João Marques Pinto (Villa Boim).

—Antonio José de Carvalho (Elvas).

—Conde das Galveias (Lisboa).

—Conde de S. Martinho (Lisboa).

—José Antonio Bagulho (Villa Boim).

Grandes herdades.—Hoje as 6 melhores herdades d'este concelho são as seguintes:

1.ª *Tapada Real*, nas freguezias de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Barbara de Borba.

2.ª—*Forte de Ferragudo*, na freguezia de S. Romão.

3.ª—*Carvão*, na freguezia das Ciladas.

4.ª—*Carvalhaes*, na freguezia das Ciladas.

5.ª—*Pomar d'El-Rei*, na freguezia das Ciladas.

6.ª—*Arengosas*, na freguezia das Ciladas.

Sendo esta ultima a menos importante, rende 800$000 réis livres por anno!...

Predios inscriptos na matriz

Freguezia de Nossa Senhora da Conceição........................	1:950
Freguezia de S. Bartholomeu (casas)	492
» de Bencatel............	325
» de Pardaes............	255
» de S. Romão..........	149
» de Ciladas.............	60
Total.......	3:231

Rendimento collectavel dos predios da villa e do concelho........................ 73:862$687

Vereadores actuaes:

—Antonio José d'Assa Castello Branco, presidente.

—Agostinho Augusto Cabral, vice-presidente.

—Antonio das Neves Tarana,

—Manuel Diogo da Silveira Menezes,

—Joaquim José Fernandes,

—Joaquim da Silva Tavares e

—José Maria Ramalho Fallé, vereadores.

Mencionaremos tambem dois callipolenses, que foram vereadores muitos annos e prestaram relevantes serviços:

1.º—José de Sousa Figueiredo.

Serviu como presidente cerca de 20 annos consecutivos.

2.º—Thomé de Sousa Menezes, 8.º senhor da nobre casa de Pedro de Sousa de Brito, veador da duquesa de Bragança D. Anna de Velasco.

Foi tambem vereador muitos annos e por vezes presidente.

Ambos ainda vivem e são dois cavalheiros muito considerados.

Estação telegrapho-postal.—A d'esta villa tem duas delegações:—uma em Bencatel, outra no Alandroal,—e o seu movimento no ultimo anno (1885) foi este:

Emissão de vales...........	20:500$000
Rendimento postal...........	65$000
» telegraphico....	105$000
Total.......	20:670$000

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta villa de ter dado o berço a muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas letras e virtudes.

Só a Casa de Bragança encheria volumes; —a *Bibliotheca Lusitana* aponta 50 escriptores, naturaes de Villa Viçosa, e o *Diccionario Bibliographico* ainda augmentou aquelle numero. Encontram-se tambem muitos callipolenses illustres d'ambos os sexos no *Jardim de Portugal*, no *Agiologio Lusitano*, na *Monarchia Portugueza*, na *Historia Genealogica da Casa Real*, no *Anno Historico*, nas chronicas dos nossos reis e dos nossos conventos—e no *Parnaso de Villa Viçosa*, de Francisco Moraes Sardinha, escripto em 1618, cujo original se conserva na Bibliotheca Publica de Lisboa; mas a lista mais completa e mais bem organisada é a que se encontra nos cinco volumes das *Memorias de Villa Viçosa*, ainda ineditas, escriptas pelo meu illustrado collega e muito benemerito Cyreneu n'este artigo, o sr. Joaquim José da Rocha Espanca, ao qual devo a finesa de enviar-me um extracto dos *cinco volumes* das suas *Memorias*, que representam vinte annos de aturado estudo sobre a localidade e sobre as melhores fontes da historia da sua patria, pelo que lhe beijo as mãos agradecido. Não posso porém abusar da paciencia dos leitores e dos editores e por isso resumirei quanto possivel este topico, seguindo a ordem alphabetica.

—

Adeodata de S. Nicolau, religiosa do convento de Santa Cruz d'esta villa, onde professou em 1540 e falleceu em 1598.

É uma das flôres do *Jardim de Portugal*.

Affonso de Lucena Almeida e Noronha, filho do infeliz Francisco de Lucena.

Foi commendador da O. Ch., F. C. R. e em 1640 secretario de estado do conselho de Portugal em Madrid, onde falleceu, tendo perdido o *morgado de Peixinhos*, etc., pela desgraça de seu pae e sua!...

Hist. Geneal. tom. 9, pag. 254.

Affonso Nobre, filho de Manuel da Guarda e de Isabel Nobre.

Nasceu em 1615 e, não contando ainda 25 annos, já era licenciado em leis e syndico da camara. Tornou-se illustre o seu nome pela nobre coragem com que preferiu antes morrer *negativo* nos carceres da *Inquisição de Coimbra*, do que prestar-se a confessar que era judeu, sem o ser.

Obras varias do padre A. Vieira, tom. 1.º pag. 64, *mihi*.

D. Affonso de Noronha, 4.º filho de D. Luiz de Noronha, camareiro-mór do duque D. João I.

Em 1608 passou á India como almirante da armada em que ia por capitão-mór o conde da Feira, D. João Pereira, que falleceu na viagem, assumindo o commando em chefe D. Affonso;—e em 1618 partiu de novo para a India como capitão mór d'outra armada.

D. Alexandre de Bragança, filho do duque D. João I.

Foi arcebispo d'Evora e notavel pela sua vida exemplarissima.

Alvaro Fernandes, sacerdote e solitario fallecido em 1400.

Fundou um eremiterio de Nossa Senhora da Piedade em *S. Francisco Velho*.

Alvaro Gonçalves, o *coitado*, de quem já se fallou supra e que tanto se distinguiu na guerra da *independencia*, por morte d'el-rei D. Fernando. Ainda vivia em 1396 e foi o principal heroe na tomada de Badajoz, commandando as forças dos concelhos de Elvas, Olivença e Campo Maior, e coroando gloriosamente os feitos que principiou com desventura.

André Antonio de Castro, lente de vespera na Universidade de Coimbra, physico-mór dos duques de Bragança, fallecido em 1642, e auctor de varias obras de Medicina.

Andre de Mello e Castro, filho do 1.º conde das Galveias.

Nasceu em 1668 e foi deão da *capella real*. Depois deixou a vida ecclesiastica em 1711 e passou a Roma, como embaixador de D. João V;—em 1721 teve o titulo de conde das Gaiveias;—foi vice-rei do Brazil, e falleceu em 1753.

Anna de S. Bernardo, religiosa do convento das Chagas, fallecida em 1699.

Foi uma senhora virtuosissima.

Antonia de Jesus, religiosa do convento da Esperança, fallecida em 1605.

A instancias do duque D. Theodosio II, foi reformar o convento de Santa Clara de Bragança.

—

Antonio d'Athayde Pinto.

Depois de militar na India com o vice-rei D. Antonio d'Athayde, seu parente, foi general do estreito de Ormuz e capitão-mór de Malaca.

Fr. Antonio da Boa Morte, frade *grillo*.

Professou no convento d'Estremoz, no dia 19 de setembro de 1785, e foi Padre Mestre na sua congregação.

Antonio do Couto, F. C. R. e C. O. Ch.,—litterato e marinheiro, pae do antiquario Luiz do Couto Felix.

Bibl. Lusit.

Antonio Galvão d'Andrade, estribeiro-mór de D. João IV e de seus dois filhos D. Affonso e D. Pedro.

Foi inimitavel na arte da cavallaria, sobre que escreveu um tractado com gravuras.

Bibl. Lusit.

Antonio Mouro, capitão e defensor da fortalesa de Cananor em tempo d'el-rei D. Sebastião.

Foi sogro de Pedro de Sousa de Brito, mencionado supra.

Antonio d'Oliveira Cadornega.

Serviu em Angola nos postos de alferes e capitão, desde 1639;—escreveu varias obras ainda ineditas, nomeadamente uma *Descripção de Villa Viçosa*, da qual existe uma copia na *Bibliotheca d'Evora*,—e falleceu em Loanda em 1690.

Bibl. Lusit

Fr. Antonio de Santa Gertrudes Piteira, frade *grillo*, ou agostinho descalço, filho de Francisco José Piteira.

Depois de 1834, viveu em Portalegre, sendo muito considerado pela sua illustração e virtudes, pois teve os honrosos cargos de vigario geral e seu administrador apostolico.

Falleceu em 1857, já decrepito, pois, segundo se lê no *Catalogo dos frades grillos*, que foi do convento da *Mão Pedrosa*, ou da *Formiga*, onde hoje se acha montado um bello collegio de jesuitas, o mencionado Fr. Antonio de Santa Gertrudes professou no seu convento d'Evora no dia 24 de dezembro de 1796!

N'aquelle mez professaram na dicta ordem 31 religiosos, sendo elle o penultimo, n.º 1:751 na lista das profissões d'aquelle instituto, no qual, depois d'elle, até á extincção das ordens religiosas do nosso paiz professaram mais 207 religiosos;—total—1:958 em 169 annos que durou no nosso paiz a congregação dos *Agostinhos descalços*, pois foi instituida em 1665 na quinta do Grillo, em Lisboa, da qual os religiosos tomaram a alcunha de *grillos*.

Depois fundaram na mencionada quinta o convento de *Monte Olivete*, que foi a cabeça da congregação, e, quando foram extinctos em 1834, já tinham mais 16 no nosso paiz e 1 na Bahia;—total 18 conventos.[1]

Desculpem-nos a digressão.

—

Antonio Vieira, musico insigne e auctor de varias obras. Falleceu no Crato, sendo mestre e regente do coreto da Sé do Grão Prior, no seculo XVII.

Barnabé Caldeira, um dos tres soldados que libertaram em 1641 o conde de Castello Melhor, preso em Carthagena das Indias pelos hespanhoes.

Belchior do Rego d'Andrade, auctor de varias obras, prior de S. Thiago de Lisboa, confessor das rainhas D. Luiza e suas noras, desembargador do paço etc.

---

[1] Estas e outras noticias não menos curiosas se encontravam no dicto *Catalogo* ms., que andava *errante* e por isso tiramos d'elle em 1880 uma copia que possuimos e pômos á disposição do publico.

Ali se mencionam os nomes de todos os frades *grillos*, as terras das suas naturalidades, as datas das suas profissões, etc.

Escreveu umas *Antiguidades de Villa Viçosa*, que não deu á estampa, e falleceu em 1690.

Braz d'Almeida, doutor em leis pela Universidade de Coimbra, ouvidor geral e provedor-môr dos finados no Brazil, desembargador da relação do Porto e da de Lisboa.

D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV e rainha da Gran-Bretanha pelo seu casamento com Carlos II.

Depois de viuva, passou a Portugal;—foi regente em 1704—e falleceu em 1705 no palacio da Bemposta, onde fundou uma insigne collegiada.

V. *Pinhel*, vol. 7.º pag. 71, col. 2.ª e seg.

Catharina do Salvador, filha do couteiro mór Antonio Rodrigues, freira no convento da Esperança, onde prematuramente falleceu em 1621.

Era muito virtuosa e muito illustrada, e deixou composições em prosa e verso.

Catharina dos Seraphins, freira nas Chagas, onde foi vigaria do côro, mestra de cantochão e abbadessa em 1700. Era muito caritativa.

Christovam de Brito Pereira, o defensor do castello de Villa Viçosa em 1665. Nasceu em 1621, e foi mestre de campo d'auxiliares; passou depois para a 1.ª linha—e falleceu pelos annos de 1690, sendo governador da torre de Belem.

Christovam de Brito Pereira, primo do antecedente e irmão do Beato João de Brito.

Morreu gloriosamente na batalha do Ameixial, sendo capitão de Couraças.

Fr. Clemente da Conceição, frade *grillo*.

Professou no convento d'Estremoz, no dia 28 de maio de 1739, e foi Padre Mestre e vigario geral da sua congregação, que ao todo contou 24 religiosos, naturaes d'esta villa. O 1.º, Fr. André da Natividade, professou no convento do Monte Olivete, cabeça da ordem, no dia 17 de novembro de 1669,—e o ultimo, Fr. Victorino de Santa Maria, professou no convento de Monsaraz, no dia 6 d'agosto de 1797.

Clemente Rodrigues Montanha, bacharel em theologia e mestre em artes, freire de S. Thiago, prior de S. Julião de Setubal, juiz da ordem, etc.

Era distincto orador sacro, mas apenas se imprimiu o sermão que pregou nas exequias de D. Pedro II.

D. Constantino de Bragança, filho do 2.º matrimonio do duque D. Jaime.

Foi 7.º vice-rei da India e camareiro-mór de D. João III.

Cosme Lopes Netto, doutor e lente de medicina em Coimbra.

Foi chamado por D. João III para o tractar em uma grave doença, pelo que lhe fez varias mercês e o nomeou medico do *Hospital Real da Côrte.*

Diogo da Cunha Sottomaior, filho natural d'outro do mesmo nome.

Militou na guerra da peninsula, saindo com o posto de tenente coronel; mas em 1834 já era tenente general, F. C. R. etc.

Possuia boa fortuna, pelo que militou de graça, offerecendo os seus soldos em beneficio das urgencias do estado. Foi procurador da sua terra ás côrtes de 1828, sendo eleito por unanimidade; falleceu em 30 de junho de 1840; jaz no cemiterio da matriz —e casou com D. Joanna Isabel de Sande Almeida Castro e Bourbon, a qual falleceu em Lisboa, sem descendencia, no anno de 1885.

Tinha particular aptidão para adextrar cavallos, pelo que possuia muitos, magnificos e bem ensinados.

Diogo Maio, monstro de valentia, da qual deu exhuberantes provas na India, onde militou no tempo da ominosa occupação filippina.

—

D. Diogo de Sousa, 8.º arcebispo d'Evora e 2.º do nome.

Foi um prelado zeloso e tanto que visitou pessoalmente a sua diocese.

Nasceu em 1601 e falleceu em 1678.

Fr. Diogo de Villa Viçosa, capucho de muita prudencia, illustração e virtude. D. João III o mandou primeiramente á India e depois á Africa por seu commissario em negocios importantes. Falleceu em 1567.

Domingos Fernandes (o beato).

Foi um dos 39 companheiros do beato Ignacio d'Azevedo, martyrisados a 15 de julho de 1570.

Fr. Duarte Alvares, graciano, douctor pelas universidades de Salamanca e Paris, confessor da rainha D. Catharina e excellente orador sagrado. Pregou em Angers na quaresma e foi embaixador da rainha de França D. Leonor, a seu irmão o imperador Carlos V, em 1550.

Falleceu em Lisboa no anno de 1574.

Bibl. Luzit.

D. Duarte de Bragança, irmão d'el-rei D. João IV.

Militou na Allemanha com a maior distincção; fez a campanha contra os suecos, como general do imperador Fernando III, que em 1641 lhe pagou os seus relevantes serviços com a mais vil ingratidão, entregando-o—sem crime algum—aos hespanhoes para acabar preso e amargurado no castello de Milão em 1648, contando apenas 42 annos de edade.

Fr. Duarte da Conceição, da 3.ª ordem de S. Francisco da Penitencia, vulgo *borras*. Foi lente do collegio de S. Pedro em Coimbra, reitor do mesmo e d'outros, provincial da sua ordem, etc. Falleceu em 1662.

Estevam Mendes da Silveira, nascido em 1625.

Militou na guerra da restauração desde 1646, como simples soldado d'ordenanças e depois como capitão de cavallos desde 1651 até 1662, data em que levantou á sua custa uma companhia de cavallos arcabuzeiros, servindo com ella até á paz geral de 1668. Foi procurador de Villa Viçosa ás côrtes d'aquelle mesmo anno—e em 1676 foi nomeado mestre de campo do terço d'auxiliares da comarca. D. Pedro II, sendo principe regente, lhe deu o habito de Christo e o fôro de fidalgo cavalleiro,—e falleceu em Villa Viçosa a 27 de dezembro de 1684, deixando descendencia, que ainda hoje se conserva.

Estevam da Silveira Menezes, filho d'outro do mesmo nome e 4.º neto do antecedente.

Nasceu em 1801 e falleceu em 1881; assentou praça de cadete em cavallaria n.º 2 e com este posto assistiu ao recontro d'Alegrete em 10 de dezembro de 1826, servindo na divisão do general Magessi. Ali se defendeu galhardamente de sete cavalleiros, esgrimindo como um athleta, o que sendo observado pelo conde da Taipa, este correu a impedir-lhe a morte, ficando apenas prisioneiro e com algumas feridas, porque lhe mataram o cavallo, aliás nem prisioneiro ficaria.

Esta façanha lhe adquiriu justo renome —e em 1861 o dicto conde o chamou ao paço de Villa Viçosa e o apresentou ao chorado rei D. Pedro V, que muito desejava conhecel-o, por lhe haver narrado o dicto conde varias vezes aquella façanha.

Em 1834 era já capitão. Casou mas não deixou descendencia.

Fernando Pereira de Brito, irmão do Beato João de Brito.

Nasceu em 1640 e escreveu a *Historia do nascimento* etc., do dito seu irmão. *Diccion. Bibliogr.*

Fernão Rodrigues de Moraes, capitão de comarca no Alemtejo.

Deu tres combates contra Elvas e seu alcaide-mór Fernão Pereira, que se declarára por Castella em 1383, mas pereceu no 3.º

Foi um dos mais valentes cavalleiros do seu tempo.

Fr. Fernando de Santa Maria, dominicano, bacharel em theologia, superior de uma missão na India, prior do convento de Góa, vigario geral da sua ordem, escriptor, etc.

Falleceu em Gôa no anno de 1586.

Fr. Francisco de Christo, lente da Universidade de Coimbra e auctor do systema das apostillas.

Falleceu em 1587.

Fr. Francisco da Cruz, graciano, 3.º bispo de Cabo Verde.

Falleceu em 1571, tendo pastoreado 24 annos aquella diocese.

Francisco Franco, medico pela Universidade d'Alcalá, physico d'el-rei D. João III, lente na Universidade de Sevilha e escriptor. *Bibl. Lusit.*

—

Francisco de Lucena, filho de Affonso de Lucena e 1.º administrador do morgado de *Peixinhos.*

Foi 36 annos secretario d'estado do conselho de Portugal em Madrid e 1.º ministro de D. João IV, para acabar victima da inveja do seu grande prestigio, em 28 d'abril de 1643.

D. Francisco de Mello, embaixador de D. João IV na Inglaterra, negociador do casamento da infanta D. Catharina e de D. Affonso VI, conde da Ponte, marquez de Sande, etc. Falleceu em 1667.

Francisco de Moraes Sardinha, auctor do *Parnaso de Villa Viçosa,* escripto em 1618 e dedicado ao duque D. Theodosio II, como já dissemos supra.

Nasceu em 1559 e ainda vivia em 1622. *Bibl. Lusit.*

Francisco de Sousa Coutinho, aposentador-mór do duque D. João II e seu agente na côrte de Madrid, embaixador á Suecia e Dinamarca em 1641, etc.

Francisco da Veiga, jesuita, lente na Universidade d'Evora.

Falleceu em 1643.

Gomes Freire d'Andrade, capitão general do Rio de Janeiro e Minas Geraes no tempo de D. João V.

Foi o 1.º conde de Bobadella.

Gonçallo Alvares, jesuita, visitador da India em 1568 e introductor dos primeiros estudos no seminario de Macau.

Falleceu no anno de 1573 em viagem para o Japão.

Gonçallo Vaz Pinto, 1.º do nome, *adiantado* na provincia d'Entre Douro e Minho, fidalgo do duque D. Fernando II. Assistiu á batalha de Touro, á conquista d'Azamor, etc.

Teve o seu solar no chão onde se fundou o convento da Esperança.

Helena do Paraiso, freira no convento de Santa Cruz.

É uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Henrique Cesar d'Araujo Pousão.

No jornal de Lisboa, *O Occidente,* n.º 193, está o retrato e biographia d'este mallogrado môço, alumno distincto da Academia das Bellas Artes do Porto. Depois de ter viajado em França e na Italia, pensionado pelo governo, falleceu na sua patria em 1883 com 25 annos de edade. Os seus quadros premiados acham-se na Academia do Porto, onde estudou a *pintura.*

Henrique Henriques, jesuita, *o apostolo do Camorim,* fundador do seminario de Punicale, auctor de uma grammatica e de um vocabulario malabares, etc.

Falleceu em Punicale no anno de 1600.

Ignez dos Anjos, freira de Santa Cruz. Professou em 1543 e falleceu no dia da batalha d'Alcacer-quivir.

É outra das muitas flores do *Jardim de Portugal.*

Isabel Cheirinha, fundadora de um recolhimento que foi nucleo do convento da Esperança.

Falleceu em 1532.

Isabel de Santo André, religiosa de Santa Cruz, onde professou em 1549.

É outra flor do *Jardim de Portugal.*

Jeronymo Franco, valente militar.

Serviu muitos annos em Flandres ás ordens do duque d'Alba;—assistiu á batalha de Lepanto em 1571—e á de Alcacer-quivir em 1578, ficando ferido e prisioneiro.

D. Jeronymo Manuel de Mello, irmão de D. Francisco de Mello, supra mencionado.

Militou com distincção na India, onde foi general de Ceilão e das armadas e alcançou muitas victorias contra os persas e arabios.

Jeronymo Rogado do Carvalhal.

Serviu na guerra da restauração em differentes postos; assistiu ás batalhas do Ameixial e Montes Claros; era coronel d'infanteria em 1709—e em 1711 governava o castello de Villa Viçosa, quando foi ameaçado pelo marquez de Bai.

Joanna do Espirito Santo, freira na Esperança, depois de ter sido aia da marqueza d'Elche, D. Joanna de Bragança.

Falleceu em 1622, tendo 90 annos—e é tambem uma das flores do *Jardim de Portugal.*

—

D. João d'Eça, alcaide-mór d'esta villa e morador no terreiro que do seu nome tomou e ainda hoje conserva o de *Terreiro de D. João.*

Assistiu á conquista d'Azamor, etc., e deixou muitos filhos que tambem militaram gloriosamente na India, entre elles um do mesmo nome, vencedor do *Cutiale* em 1529.

Fr. João Fogaça, paulista, auctor de diversas composições de musica luctuosa.

João Ignacio d'Almeida Valejo de Mariz, dos Valejos, fidalgo da Casa de Bragança.

Foi elle quem descobriu o embuste da

Beata d'Evora em 1792, estando a commandar a guarda na casa da fingida morta. Era homem valoroso, intelligente e sagaz.

João Lopes Netto, lente de medicina em Coimbra, no principio do seculo XVIII.

D. João de Mello, bispo de Silves em 1549 e depois arcebispo d'Evora, fallecido em 1574.

Foi um dos prelados portuguezes que assistiram ao concilio de Trento.

Dr. João Sanches de Baêna, de quem já se fallou n'este artigo.

Nasceu em *Villa Viçosa* no anno de 1582 —e não em Lisboa, como se lê no *Diccionario Popular*;—cursou alguns annos a Universidade de Coimbra, da qual passou para a de Salamanca, onde no anno de 1600 recebeu o grau de bacharel;—voltou para a de Coimbra e ali, em 19 de junho de 1602, recebeu o grau de bacharel em canones,—o de licenciado em 2 de junho de 1605,—e o de doutor da mesma faculdade em 8 do dicto mez e anno.

Foi lente de canones do collegio *Real de S. Paulo* na Universidade de Coimbra desde 1606 até 1613;—depois, deixando o magisterio, passou para a magistratura e foi nomeado desembargador da Relação do Porto em 1614,—juiz dos aggravos da mesma Relação em 1617,—juiz da casa da Supplicação em 18 de fevereiro de 1621,—promotor das justiças em 3 de dezembro do mesmo anno,—desembargador aggravista em 1623, —conselheiro da fazenda em 1632,—procurador da corôa, juiz das justificações do reino e a final desembargador do Paço em 1637.

Foi um dos calipolenses mais illustrados e benemeritos—e pela sua dedicação á casa de Bragança—e pela sua intimidade com o duque D. João II, depois rei D. João IV, contribuiu poderosamente, como já dissemos, para a feliz restauração de 1640.

—

João de Tovar Caminha, alcaide-mór de Villa Viçosa, embaixador do duque D. Theodosio a Roma, capitão-mór da India, etc.

Fr. Joaquim d'Azevedo, graciano, dr. em theologia pela Universidade de Coimbra, lente na mesma e escriptor publico, fallecido em 1808. *Diccion. Bibliogr.*

Jorge Cordeiro, espingardeiro notavel.

Floresceu pelos annos de 1640. V. *Nação* de 20 de março de 1879.

Fr. José da Consolação, frade grillo.

Professou no dia 27 de maio de 1737 no convento d'Extremoz e foi na sua congregação vigario geral *ad honorem*, por graça apostolica.

Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, paulista.

Nasceu em 1782;—falleceu em 1837—e foi o melhor organista, pianista e compositor do seu tempo.

Diario Illustrado n.° 1:446.

Fr. José de S. Boaventura Piteira, frade *grillo*, irmão de Fr. Antonio de Santa Gertrudes, mencionado supra.

Foi professor de theologia dogmatica e historia ecclesiastica no Seminario de Portalegre, muito elogiado pelo seu discipulo padre Luiz B. C. Pacheco nas *Leituras Populares*, vol. 10.° do 2.° decen. pag. 307.

Professou no convento d'Estremoz, no dia 17 de julho de 1785, e foi na sua ordem *Padre Mestre Lente.*

No mesmo anno, no mesmo convento e apenas dois dias depois, professou Fr. Luiz de Santa Monica, tambem natural de Villa Viçosa. [1]

Leonor da Cruz, freira—e a 1.ª professa, no convento de Santa Cruz, onde foi prioresa 35 annos.

Falleceu em 1583 e é uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Leonor de Deus, prioresa do mesmo convento.

Professou em 11 de março de 1679;—falleceu em 1716—e foi tão observante que diariamente renovava os votos da profissão. Era filha de Alvaro de Miranda Henriques.

Leonor do Espirito Santo, freira e duas vezes prelada do mesmo convento no seculo XVI.

---

[1] E tambem no mesmo anno (a 16 d'agosto) professou no convento do *Monte Olivete*, cabeça da mesma congregação, em Lisboa, Fr. Jorge da Conceição Ferreira, irmão do meu avô materno.

Foi sub-prior no convento da Formiga, mencionado supra.

É uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Lopo Garcia d'Arca, famoso cavalleiro no tempo do santo condestavel.

Em um recontro com os castelhanos, não querendo largar a bandeira que tinha nas mãos, soffreu que lh'as cortassem, acabando assim a vida heroicamente.

Luiz d'Abreu de Mello, copeiro-mór, veador d'el-rei D. João IV, escriptor e poeta, segundo se lê na *Bibl. Lusitana.*

Luiz de Miranda Henriques, filho de Henrique Henriques de Miranda.

Foi moço fidalgo do duque D. Theodosio II, governador da ilha da Madeira e estribeiro-mór de D. João IV no acto da sua coroação.

Falleceu em 1658.

—

Manuel Antunes, valido de D. Affonso VI, que o fez cavalleiro de S. Thiago.

Administrava os dinheiros particulares do infeliz monarcha e tão devotado se mostrou para com elle durante a vergonhosa revolução pretoriana de 1667 que, para não ser assassinado, teve de fugir para a Hespanha.

Fr. Manuel Calado, paulista, mestre em artes, missionario no Brazil e auctor do *Valeroso Lucideno,* onde se encontra uma descripção de Villa Viçosa, a pag. 95 e seg.

Floresceu na 1.ª metade do seculo XVII.

Manuel de Castro, doutor em medicina e lente em Coimbra no seculo XVII.

Fr. Manuel da Conceição, graciano, auctor da reforma dos *Agostinhos descalços,* ou grillos, seu vigario geral e escriptor, fallecido em 1686, segundo se lê na *Bibl. Lusit.*; mas a copia que tirei do *Catalogo dos frades grillos* diz que professou no seu antigo convento augustiniano da Graça, em Lisboa, no dia 4 de janeiro de 1651—e que falleceu no convento do *Grillo,* ou do Monte Olivete, no dia 25 de fevereiro de 1682 [1].

Manuel Lopes d'Oliveira, distincto jurisconsulto nos principios do seculo XVII. Foi advogado na casa da supplicação, escriptor e poeta, segundo se lê na *Bibl. Lusit.*

Mannel da Veiga, jesuita e escriptor, fallecido em 1647.

Bibl. Lusit.

Maria das Chagas, filha do 2.º matrimonio do duque D. Jaime.

Foi freira no convento das Chagas e reformadora do da Esperança, de Villa Viçosa, do de *Ara Coeli* em Alcacer, e do de Santa Clara, em Coimbra,—e inaugurou em 1542 o das *Servas* de Borba.

Falleceu a 6 de julho de 1586 e é uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Maria da Conceição, freira no convento da Esperança, filha de Fernão Rodrigues de Brito Pereira, morto na batalha d'Alcacer-quivir.

Foi uma senhora virtuosissima e falleceu em 1589, contando apenas 18 annos de edade.

Maria da Cruz, outra flor do *Jardim de Portugal.*

Professou no convento de Santa Cruz em 1534 e falleceu em 1590.

Maria da Cruz, freira no convento da Esperança, do qual foi a 1.ª abbadessa clarissa em 1553.

Martim Affonso de Sousa, capitão-mór da armada que foi explorar o rio da Prata e descobriu a bahia do Rio de Janeiro, á qual deu este nome por chegar ali no dia 1 de janeiro de 1532.

Tambem conquistou Damão, foi governador da India, etc., e é um dos mais illustrados filhos de Villa Viçosa.

Mecia Pimenta, outra flor do *Jardim de Portugal.*

Morreu em Aleppo, na Siria, durante uma peregrinação aos *logares santos,* no seculo XVI.

—

Nuno Fernandes de Moraes, contemporaneo do condestavel D. Nuno, sob cujas ordens batalhou em Arronches e Aljubarrota, onde, no fim da acção, foi armado cavalleiro pelo proprio rei D. João I.

Fr. Paulino de Villa Viçosa, capucho de costumes austeros, missionario na India e commissario geral da sua religião.

---

[1] A *descalcez augustiniana* já havia sido tentada e iniciada em Portugal por differentes vezes, mas só a tornou viavel Fr. Manuel da Conceição, confessor e principal ministro da rainha D. Luisa, viuva de D. João IV, a qual tanto se affeiçoou á dicta reforma que não só a protegeu efficazmente, mas n'ella tomou o habito e n'ella falleceu.

Falleceu em 1592.

Pedro Alvares Sanches, distincto jurisconsulto, juiz de fóra em Pinhel, desembargador dos aggravos e vereador em Lisboa.

Floresceu entre os seculos XVI e XVII.

Pedro Lopes de Sousa, navegador, irmão de Martim Affonso de Sousa e seu camarada.

Foi capitão-mór de seis naus enviadas á India em 1539 e é auctor do roteiro publicado por Varnhagen em 1839.

Pedro de Mello de Castro, avô do 1.º conde das Galveias.

Assistiu em 1578 á batalha d'Alcacer-quivir onde ficou prisioneiro, sendo ainda moço,—e mais tarde foi á India por capitão de uma armada. Ainda vivia em 1633 ao serviço da Casa de Bragança.

Publia Hortencia de Castro, filha de Thomé de Castro.

Estudou humanidades e philosophia em Coimbra, na companhia de seu irmão Jeronymo de Castro;—defendeu conclusões publicas em Evora, ás quaes assistiu André de Rezende;—foi escriptora e falleceu em Evora no anno de 1595.

Pela sua vasta illustração foi-lhe dado o nome de Publia Hortencia, mas o seu nome de baptismo era outro, ignorando-se qual fosse.

Ruy Vaz Pinto, camareiro-mór de D. Jaime, do conselho de D. João III, etc.

Assistiu á expedição d'Azamor.

Salvador de Brito Pereira, pae do beato João de Brito.

Seguindo para Lisboa com el-rei D. João IV, este lhe deu em 1649 a capitania do Rio de Janeiro, onde falleceu em 1651.

Sebastião de Santa Maria, loio, superior da missão enviada ao Congo em 1521.

Simão Antunes, valente militar.

Assistiu á batalha de Lepanto em 1571;—militou em Flandres ao serviço de Castella—e chegou ao posto de mestre de campo.

D. Theodosio, primeiro principe do Brazil, filho d'el-rei D. João IV, que lhe chamava o seu Salomão, por ser muito illustrado e muito discreto.

Falleceu em 1653, contando apenas 19 annos de edade.

D. Thomaz Giraldino, filho d'outro do mesmo nome.

Succumbiu gloriosamente no assalto do forte de S. Christovam de Badajoz, em 1658, sendo capitão de infanteria.

Thomé Alvares Velho, dr. em theologia pela Universidade d'Evora, reitor da mesma, conego da Sé e provisor do arcebispado em 1665.

Thomé de Sousa Coutinho, veador de D. João IV, antes e depois de ser acclamado rei.

Na visita de D. João á duquesa de Mantua em 1639, vendo que um fidalgo castelhano, para o desconsiderar, lhe poz uma cadeira fóra do docel da duquesa, elle bruscamente empurrou a cadeira para debaixo do mesmo docel.

Falleceu em 1650 e d'elle procedem os modernos condes do Redondo.

—

Estes pertencem aos que já foram. É tambem crescido o numero dos contemporaneos benemeritos, filhos de Villa Viçosa, mas, como este artigo vae já muito longo, mencionaremos apenas os seguintes:—dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, juiz de direito em Faro, escriptor e poeta;—o pharmaceutico da armada Joaquim Urbano da Veiga, auctor d'um formulario, e presidente da commissão de pharmacia em Lisboa;—os generaes reformados Joaquim Maria da Rosa e Sousa, Francisco Antonio dos Santos e D. João Xavier da Silva Lobo;—D. Policarpo Matheus da Silva Lobo, irmão do antecedente e coronel de cavallaria, empregado no estado maior;—Marianno José da Silva Presado, que tem o curso da escola do exercito e é hoje capitão de cavallaria, professor do collegio militar, redactor do *Commercio Portuguez* e secretario particular do ministro da Fazenda, Marianno de Carvalho,—e outros muitos officiaes do nosso exercito,—cerca de *quarenta*—desde o posto de alferes até ao de coronel.

—

Fecharemos este artigo rendendo preito ao nosso illustrado collega e Cyreneu, o sr. padre Joaquim José da Rocha Espanca, filho de Villa Viçosa e filho muito benemerito,

pois *ninguem até hoje* estudou mais profundamente a historia e antiguidades da sua terra natal.

Nasceu s. ex.ª na freguezia de S. Bartholomeu d'esta villa a 17 de maio de 1839 e é filho legitimo de Joaquim José Lourenço da Rocha Espanca e de D. Maria das Dores da Purificação Pereira.

Depois de estudar instrucção primaria, latim, cantochão, musica, piano e orgão n'esta villa, passou em 1856 para o seminario archiepiscopal d'Evora, onde completou os seus preparatorios e fez o curso triennal de theologia com distincção.

Recebeu a ordem de presbytero a 19 de setembro de 1863 e, depois de ter sido capellão da irmandade das Almas em Bencatel durante 14 annos, collou-se na freguezia de Pardaes, tomando posse a 25 de dezembro de 1877,—e desde 1858 reside em Bencatel com o rev. Antonio Joaquim da Rocha Espanca, seu irmão, tambem presbytero de muito merecimento e prior da dicta aldeia.

—

Tem-se dedicado muito ás lettras e á musica, principalmente sacra, na qual tem composto muitas obras, que infelizmente ainda não foram dadas á estampa.

Em 1864 principiou a collaborar no jornal religioso *A Fé Catholica*, onde, a partir do n.º 61, publicou varios artigos, firmados com o seu nome. Depois escreveu e publicou nas *Leituras Populares* o romancesinho *Heroismo d'amor filial* e noticias historicas das egrejas de N. Senhora do Alcance e N. Senhora das Mercês, de Bencatel,—e collaborou nos almanachs do *Bom Catholico* e da *Immaculada Conceição*, etc.

Em 1882 publicou na *Ordem*, jornal religioso de Ceimbra, um extenso protesto contra o centenario do marquez de Pombal.

Communicou á Sociedade de Geographia de Lisboa uma interessante *Memoria* sobre o *Deus Endovellico dos Celtas do Alemtejo*, a qual se encontra na 3.ª série do boletim da mesma sociedade, n.ºs 4 e 5 do anno de 1882; mas de todos os seus trabalhos litterarios os mais importantes estão infelizmente ainda ineditos e são as *Memorias de Villa Viçosa*, em 5 volumes e os seus *Sermões* em 3,—todos nitidamente escriptos e promptos para a impressão.

Fazemos votos porque vejam a luz da publicidade, pois só as dictas *Memorias* representam mais de vinte annos de aturado estudo e d'ellas, *por uma finesa especial*, foi extrahido este artigo, como já dissemos.

Receba pois s. ex.ª os protestos da nossa mais profunda gratidão.

VILLAÇA, — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Orago—Santa Cecilia. Fogos 62,—habitantes 278.

Abbadia.

Em 1706 era do termo da villa e do concelho de Espozende, comarca de Barcellos —e apresentada por Fernão de Sousa, senhor de Gouveia do Tamega.

Contava 50 fogos.

Freguezias limitrophes:—Tadim, Fradellos, Avelleda e S. Julião de Paços.

Demora na pendente do outeiro da *Quebrada*, em sitio alegre, vistoso, ameno e fertil, e comprehende as aldeias seguintes:—Frade, Aldonsa, Quebrada, Outeiro, Gallos, Geraz, Louredo d'Alem, Louredo do Meio, Estrada, Cruzeiro, Vinha, Saldouro e Assento.

É atravessada pela nova estrada municipal a macadam, da Misericordia a Ruilhe, —e na sua extremidade passa o caminho de ferro do Minho (ramal de Nine a Braga). A séde d'esta parochia dista 1 kilometro da estação de Tadim,—7 de Braga para S. O.,—49 do Porto—e 386 de Lisboa.

—

Ha n'esta parochia uma grande quinta, que foi dos Condes do Redondo. N'ella viveu e falleceu em 1584 uma santa senhora, D. Isabel de Castro, irmã de D. Ignez de Castro e tia de D. Pedro e D. João, D. Antonia e D. Maria de Castro, seus herdeiros, dos quaes foi tutora.

É notavel e curiosissimo o testamento com que a dicta senhora falleceu, escripto por ella mesma em 1548.

D'elle se conserva uma copia no archivo parochial, tirada no seculo XVII. Não a da-

mos na sua integra, por ser muito extensa e ter muitas repetições.

N'elle fundou na sua capella de Santa Cecilia (que é hoje a capella-mór da egreja parochial) um legado perpetuo de tres missas semanaes por sua alma e de seus parentes, deixando para isso rendas sufficientes, garantidas em foros, pertenças da mesma quinta,—legado que ainda hoje (1886) é cumprido pelos abbades, como determina a piedosa testadora, que jaz na sua capella, hoje capella-mór da egreja matriz.

A egreja é de pequenas dimensões,—bastante antiga—e bem conservada. Tem apenas tres altares, todos de talha dourada:—o da capella-mór, ou de Santa Cecilia,—e dous lateraes:—um de Nossa Senhora do Rosario,—outro de Nossa Senhora das Dôres.

—

Entre outras disposições se encontram no mencionado testamento as seguintes:

«A Lionor (sua escrava?!...) deixo-a forra, e deixo-lhe o Larim, e o campo que tenho no Casal e a casa do forno, em sua vida, e por sua morte a D. João e suas irmãs; a Cosme (outro escravo, ou criado) deixo-lhe vinte medidas de pão que tenho em Louredo, em sua vida; á Isabel deem-lhe uma saia de Londres, e mantilhinha, e sayinho de vinteno, e paguem-lhe sua soldada bem paga, porque me serviu bem e é pobre; ao Antonio, que me guarda os bois, vistamno de panno de Castella e deem-lhe a soldada que merecer...

«Deixo a D. João, meu sobrinho, e a suas irmans D. Maria e D. Antonia, o que tenho em Sul e Roriz e Bem Viver, e nas devesas d'esta quinta, e bouças e giestal... e isto lhes deixo por descargo da minha consciencia e em paga d'algumas cousas, se as gastei comigo, ou com outrem, ou grangeei mal suas fazendas. Peço-lhes que me perdoem, porque mais lhes deixo do que lhes poderia dever.

«Torno a dizer:—cada vez que se emprasar um casal lhe ergam uma gallinha sómente, e quando chegarem a cinco gallinhas cada casal, não lhe ergam mais que um ceitil. Dona Joanna de Castro.»

Do exposto se vê que era uma excellente senhora.

—

A grande *quinta de Villaça*, que foi dos condes de Redondo, tem um bom palacete, modernamente restaurado, e ainda conserva o brasão dos nobres condes sobre o portão de um muro, lado norte; mas ha muito que esta rica propriedade passou a estranhos.

Approximadamente em 1870 comprou-a um capitalista brazileiro do concelho de Villa Nova de Famalicão por trinta contos de réis, valendo mais de quarenta;—addiccionou-lhe depois outros predios no valor de seis contos;—por morte d'elle passou para a sua filha unica e universal herdeira, D. Maria Isabel da Costa Macedo,—a *menina dos trezentos contos*;—e, sendo esta ainda muito nova, casou com o sr. Nuno Placido Castello Branco, filho do sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho e principe dos nossos escriptores contemporaneos [1].

Fallecendo a dicta senhora poucos annos depois de casada, deixou no berço uma filha, que apenas viveu mezes, pelo que toda a fortuna da *menina dos tresentos contos* passou para o marido, que logo vendeu a mencionada quinta por uma bagatella!...

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e a uma capella particular, com porta franca ao publico, pertencente ás casas do rev. Estevam Cardoso, da freguezia de *Avellêda*.

As casas pertencem á freguezia de *Avellêda*, mas a capella pertence á de *Villaça*, porque as dictas casas estão precisamente na linha divisoria das duas freguezias.

Nas dictas casas nasceu, viveu e morreu o bem conhecido *Fr. João da Avelleda*, egresso do seminario apostolico da Falperra, junto de Braga. [2].

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X pag. 981, col. 2.ª e segg.

[2] Ainda hoje (1886) vive em Traz os Montes Fr. José da Santissima Trindade, que tambem foi professo no mesmo seminario da Falperra.

É venerado como um santo.

V. *Villa Flor de Traz os Montes*, vol. 1.º, pag. 736.

Era irmão do actual possuidor das dictas casas o rev. Estevam Cardoso;—mesmo depois de extinctas as ordens religiosas, nunca deixou o seu habito;—resou sempre as horas canonicas em côro com o irmão na sua capella,—e na mesa e em tudo manteve sempre os seus votos.

Era uma veneranda reliquia de instituições que passaram!...

—

As producções dominantes d'esta parochia são vinho, cereaes e hervagens.

O vinho, como todo o d'esta provincia, é verde, *rascante* e de *enforcado*, mas constitue a riqueza principal depois que os Estados Unidos da America inundaram com cereaes o nosso paiz e toda a Europa e abasteceram de carne a Inglaterra, afrontando as nossas lavouras de pão e a nossa importante industria da engorda e exportação de bois vivos para a Inglaterra [1]. Felizmente, em compensação, a França, depois que a phylloxera aniquilou grande parte dos seus vinhedos, como os nossos do Alto-Douro, poupando as outras regiões vinicolas do nosso paiz, [2] está abastecendo com os nossos vinhos o seu mercado.

Nos ultimos annos tem comprado e *está comprando* no nosso paiz *milhares e milhares* de pipas na Beira, na Estremadura e mesmo no Minho.

A maior exportação é feita pelas barras do Porto, Figueira e Lisboa, mas pela barra de Vianna tambem é consideravel.

Diz a *Aurora do Lima*:

«Desde maio de 1885 até á semana ultima (20 do corrente mez d'abril de 1886) foram exportadas pela barra d'este porto (Vianna do Castello) com destino a França—7:108 cascos, ou 392:813 decalitros de vinho verde. Os 7:108 cascos foram importados pelas seguintes casas francezas: Richard & Muller, 4:430 cascos; Ducruix & Liege, 1:007; Julio Mock, 826; Mullé Jeune, 780; J. B. Badie & C.ª, 65.

Os portos de França para onde taes vinhos seguiram destino foram: Bordeus, 5:256 cascos, no valor de 173:770$920; Rouen, 1:137 cascos, 37:449$660; Havre, 515 cascos, 17:387$580; Brest, 200 cascos, 7:080$000. —Total do valor, 235:688$160 réis. Foram transportados em 23 navios, das seguintes bandeiras: Portuguezes, véla 3, com 681 cascos; ditos, vapor 5, com 845 cascos; inglezes, vapor 11, com 4:802 cascos; francezes, véla 1, com 267 cascos; norueguezes, vapor 3, com 514 cascos.

Os direitos pagos na alfandega sóbem a cerca de 8:000$000 réis.

—

Concluiremos este topico dizendo que a producção do vinho em Portugal (exceptuando o Alto Douro) foi *abundantissima* nos ultimos dois annos (1884 e 1885);—que a exportação para França é cada vez maior—e que o preço da pipa do vinho *verde e rascante* d'esta provincia tem regulado por 20 a 25$000 réis,—preço muito remunerador, porque este vinho não demanda grangeio especial. É creado em grandes videiras sobre arvores que orlam os campos, pelo que tambem lhe dão o nome de vinho de *enforcado*;—e a sua producção é espantosa!

Ha exemplos de produzir uma só arvore tres pipas de vinho [1];—e no ultimo anno só o concelho de Monsão, cujo vinho é do melhor d'esta provincia, produziu cerca de 20:000 pipas!...

—

Entre os abbades d'esta freguezia, merecem especial menção os seguintes:

Antonio Rodrigues.

Em 14 de fevereiro de 1756 obteve licença para conservar na egreja o Santissimo por modo de Viatico.

Jeronymo Antonio da Silva.

Mandou copiar o tombo d'esta egreja em 1782.

Bento Gomes Pereira, pelos annos de 1792.

---

[1] V. *Villar d'Andorinho.*

[2] A questão é de tempo. Já estão todas manchadas e seriamente ameaçadas!...

[1] Nas quintas do Alto Douro, hoje phylloxeradas e incultas, mas que produziam o *vinho mais generoso do mundo*, a producção normal era de uma pipa por milheiro, mas por vezes eram necessarios tres milheiros de vides para darem uma pipa de vinho!...

V. *Villarinho de Cotas.*

Foi grande bemfeitor d'esta parochia.

João Bernardino Taveira Relvas.

Falleceu em 1872 e era um musico distincto.

Domingos da Fonseca Martins, abbade actual.

Nasceu na freguezia de S. Miguel de Chorente, concelho de Barcellos, no dia 23 de janeiro de 1849 e foi apresentado n'esta abbadia por decreto de 25 d'outubro de 1882.

Tem o curso triennal do seminario bracarense;—tomou a ordem de presbytero em 14 de dezembro de 1874,—e foi parocho encommendado na freguezia de S. Miguel de Cabreiros, n'este concelho de Braga.

A s. ex.ª agradeço a maior parte dos apontamentos supra.

Tambem aqui foi encommendado algum tempo o sr. padre Bernardino Pinto d'Araujo, excellente pessoa, a quem devo a copia do testamento de D. Joanna de Castro e outras finezas.

Nasceu na freguezia de Nine em 1839 e ordenou-se em 1863, tendo tambem o curso triennal do seminario bracarense.

N'esta freguezia não ha hoje bachareis nem outro presbytero, alem do seu parocho.

VILLAÇA,—freguezia extincta e annexa á de Contim, no concelho e comarca de Montalegre, provincia de Traz-os-Montes.

Era seu orago S. Miguel Archanjo.

Dista de Montalegre 12 kilometros para O.—e 60 de Braga para N. E.

Foi vigairaria *ad nutum* da apresentação de um conego da sé de Braga. Em 1668 era esse conego o rev. Sebastião Barbosa d'Almeida, abbade das egrejas de Santa Marinha d'Annaes (V. Anães) e S. Miguel de Villaça, vizitador de Entre Homem e Cavado, e valle de Tamel, commissario da bulla da Santa Crusada, etc.

Nos ultimos annos, antes da extincção dos dizimos, a dizimaria, a *S. Joanneira* e as primicias rendiam 142$000 réis, cuja terça (47$333 réis) era para a patriarchal—e para o padroeiro 33:642 réis liquidos.

O parocho recebia:—congrua em dinheiro e guisamentos 36$300 réis,—benesses réis 38$700,—total 75$000 réis.

Esta parochia foi annexada em 1836 á de S. Vicente de Contim. Apenas comprehendia a povoação de *Villaça,* séde da matriz, com 15 fogos,—e parte da de S. Pedro, com 10 fogos;—total 25 fogos e 115 almas.

O seu chão é arenoso, exposto ao norte e pouco fertil. Apenas produz centeio, batátas, linho e algum milho.

Demora na margem esquerda do rio Cavado, que a banha ao norte,—e pelo centro d'esta freguezia passa a antiga estrada real de Braga a Montalegre.

—

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao artigo *Contim,* freguezia d'este concelho de Montalegre [1].

As ultimas 4 linhas do mencionado artigo pertencem ao de *Contins,* onde se repetem.

Foi lapso de composição e revisão.

Esta freguezia de *Contim* era vigairaria collada, annexa da abbadia de Santa Marinha de *Ferral.* Vide.

Até 1836 comprehendia apenas a povoação de *Contim,* séde da parochia, e parte da de S. Pedro,—esta com 19 fogos e aquella com 15;—tòtal 34 fogos e 172 almas.

Depois que recebeu a extincta parochia de Villaça, comprehende a povoação d'este nome, a de Contim e toda a de S. Pedro, com o total de 80 fogos e 369 almas.

—

Tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Pedro,* na povoação d'este nome.

2.ª—*S. Miguel,* na povoação de Villaça, e que foi a matriz da extincta parochia.

3.ª—*Nossa Senhora de Villa d'Abril,* na margem direita do riacho de S. Pedro e na esquerda do Cavado.

Pertence a uma irmandade do mesmo titulo, a qual foi erecta, segundo dizem os seus estatutos, em 1688, com previo consentimento do abbade de Santa Marinha do Ferral, que então era Balthazar Rodrigues de Mello.

Tem casa de despacho.

Demora esta freguezia de Contim em terreno accidentado, ao norte de uma cordilheira que se prolonga de Montalegre até Santa Marinha, a S. do Cavado, a O. do ri-

---

[1] V. *Contim e Villaça,* vol. 2.º pag. 382.

beiro de S. Pedro e a E. do de Sub-Carvalho.

O seu chão é arenoso, *geadeiro*, frio, agreste e pouco fertil. As suas producções são as mesmas da extincta parochia de Villaça,—e abunda em gados, por ter muito feno e boas pastagens.

Na povoação de S. Pedro ha uma nascente d'agua mineral.

Na mesma aldeia nasceu Fr. Balthazar Fernandes, varatojano. Falleceu depois de 1820.

Freguezias limitrophes:—Cambeses a N.E.—Fiães a S.O.—Sezelhe a N.—e Viade a S.E.

Ao meu illustrado collega, o sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me [1].

VILLAR,—*Vilula*—e *Villarinho*— foram outr'ora synonimos e diminuitivos de *villa*, na accepção de granja, casal, herdade ou quinta.

Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos no artigo *Villa*.

VILLAR.—Esta palavra *por si só* designa hoje 121 aldeias, 5 freguezias e muitos casaes e quintas do nosso paiz;—e com differentes sobrenomes designa mais:—33 freguezias e maior numero de casaes, quintas, herdades e aldeias, pelo que só este topico *Villar* encheria um volume, se não tivessemos de resumir, quanto possivel.

Que tremenda *massada* nos espera!...

Deus nos dê paciencia para levarmos a cruz ao calvario.

Bem amargamos a vida que já vivemos, dizendo a sorrir tantas vezes:—*Deus nobis hace otia fecit!...*

VILLAR,—aldeia e quinta da freguezia de S. Thiago de Gemieira, concelho de Ponte de Lima, no districto de Vianna do Castello.

V. *Gemieira*, vol. 3.º pag. 265, col. 2.ª

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes:—*Egreja*, séde da matriz, Gemieira, Bragunda, Pombeiro, Cartunil, Casaes, Pereiros, Barrio, Moinhos, Hospital, Ribeiro, Regueira, Picoto, Casal, Ponte do Casal, Pôço, Freiriz, Cancella, Pousada, Vallinhas, Thomada, Cachadinha, Beirão, Lameiro e *Sus do Monte*.

A mencionada aldeia de *Villar* foi no seculo XVI muito privilegiada, pois D. Manuel a mencionou expressamente nô foral que em 2 de junho de 1515 deu a *S. Martinho da Gandara*.

Liv. de For. Novos do Minho, fl. 65, col. 1.ª

S. Martinho da Gandara, outr'ora séde de concelho, é hoje uma das freguezias que constituem o concelho de Ponte de Lima.

O foral de S. Martinho da Gandara ainda se conserva tambem no archivo da camara de Ponte de Lima, que hoje representa, alem d'outros, aquelle extincto concelho.

—

No dicto foral se mencionam as terras seguintes:

—*Alcucerdo*, hoje freguezia de *Arcozello*.

—*Arcos*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Bandara*, hoje a freguezia de *Brandara*.

—*Barco*, hoje simples aldeia da freguezia de *Victorino das Donas*.

—*Britandos*, hoje a freguezia de *Bretiandos*.

—*Bural*, hoje a freguezia de *Beiral do Lima*.

—*Calheiros*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Carvaçam*, hoje a freguezia de *Cabração*.

—*Casal de Pedro*, hoje?

—*Cepães*, hoje a freguezia de *Cepões*.

—*Fonte Coberta*, hoje talvez a aldeia d'este nome na freguezia de *Serdedello*.

—*Gemieira*, hoje a freguezia d'este nome, supra mencionada.

—*Ginjeira*, hoje?

—*Gundufe*, hoje a freguezia de *Gondufe*.

—*Insuella*, hoje?

—*Labruja*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Labrujó*, idem.

—*Lavredas*, hoje?

—*Monte Rosso*, hoje simples aldeia da freguezia de *Gondufe*.

—*Pereiro*, hoje simples aldeia da freguezia de *Labrujó*.

---

[1] Agora mesmo soube que s. ex.ª falleceu em outubro de 1885.

A terra lhe seja leve!

V. *Caires* n'este diccionario e no supplemento.

—*Porto Bom*, hoje?

—*Pouzada*, hoje simples aldeia da freguezia de *Refoios do Lima*.

—*Rendufe*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Ribeira*, idem.

—*Ribeiro*, hoje?

—*Santa Comba*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Santa Eufemia*, hoje a freguezia de *Calheiros*.

—*S. Gião*, hoje talvez a freguezia de *S. Julião do Freixo*—ou a de *S. Julião de Moreira do Lima*.

—*S. Mamede*, hoje talvez a freguezia de S. Mamede de *Arca*—ou a de S. Mamede da *Seára*.

—*Sobrada*, hoje?

—*Talharedes*, hoje a aldeia de *Talhareses*, na freguezia da Ribeira, supra mencionada.

—*Veiga de Faldejães*, hoje a aldeia d'este nome, na freguezia de *Arcozello*.

—*Villa Chã*, hoje talvez a aldeia d'este nome na freguezia de *Beiral do Lima*.

—*Villar*, hoje a aldeia de que nos occupamos n'este artigo—e não a freguezia de *Villar das Almas* nem a de *Villar do Monte*, das quaes adeante fallaremos, ambas pertencentes ao actual concelho de Ponte de Lima,—porque a 1.ª pertenceu ao extincto concelho de Albergaria de Penella,—e a 2.ª ao da villa de *Val de Vez*,—segundo me informa o ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, baseado na opinião do sr. Miguel de Lemos, distincto archeologo e professor de latim em Ponte de Lima.

—

Na dicta aldeia de *Villar*, freguezia de Gemieira, demora a *quinta de Villar*, mencionada na *Chorogr. Port.* tomo 1.º pag. 200, que foi vinculo dos *Castros*, de Sopegal (Monção). Em 1706 pertencia a Lourenço Pereira de Tavora, filho de João Malheiro, —e pelo meiado d'este seculo XIX passou de João Malheiro de Castro para D. Santhiago Garcia y Mendoza, fidalgo hespanhol da provincia da Gallisa, que em 1846, por occasião da guerra civil da *Maria da Fonte*, emigrou para o nosso paiz,—apresentou-se em Braga como general carlista—e serviu algum tempo ás ordens de Macdonell, general miguelista escocez de *triste figura* [1], que o exautorou.

D. Santhiago era homem de maneiras distinctas, muito tractavel e bastante illustrado;—casou em Guimarães com uma irmã do visconde da Azenha, D. Emilia Correia, em 1848;—viveu com ella em Vianna e na sua quinta de Villar; — em 1873 foi nomeado consul portuguez em Marselha—e em 2 de agosto de 1884 foi nomeado nosso consul geral na mesma cidade, onde um mez depois falleceu victima do cholera morbus que ao tempo assolava Marselha.

—

Foi socio da nossa *Academia Real das Sciencias*, redactor do *Lethes* e auctor de varios folhetos: — *A Agua*, *Estatutos da Sociedade de Agricultura de Ponte do Lima*, etc.

Falleceu já viuvo e sem successão—e deixou boa livraria e alguns bens.

Para a sua biographia, veja-se a *Maria da Fonte*, interessante publicação do sr. Camillo Castello Branco, Porto, 1885, pag. 219 e seguintes.

Terminaremos dizendo que ainda hoje (1886) no dia da festa de S. Sebastião a Misericordia de Ponte de Lima distribue aos pobres o bôdo instituido no seculo XVI pelo benemerito Martim Rodrigues de Lima na antiquissima capella do martyr, em S. Martinho da Gandara, séde do extincto concelho d'este nome, supra mencionado.

V. *Gandara*, vol. 3.º pag. 257, col. 2.ª

A melhor quinta de S. Martinho da Gandara é a de *Cartemil*, de Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, de Vianna;—foi dos *Malheiros* e lhe adveiu com a legitima da sua mãe.

V. *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 346, col. 2.ª

VILLAR—e *Villar de Suso*, ou de *Cima*, aldeias da freguezia de Barrô, concelho e comarca de Rezende, districto de Vizeu, bispado de Lamego.

---

[1] V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366 e segg.—e *Villa Pouca d'Aguiar*.

Alem das duas mencionadas aldeias de *Villar*, comprehende a dicta parochia de Barrô mais as seguintes: Outeiro, Outeirinho, Barrô, Seara, Villarinho, Porcas, Barco, Vallonguinho, Couto, Casas, Quintã, Bernardo, Pardelhas, Portigéns, Souto, Pataria, Cettos, Eirinha, Formigal, Fraga, Lages e as quintas da Commenda, Lamas, Torgal, Amêdo, Granja, Botica, Torrão, Fojo, Tapada, Pinheiro, Lagares, etc.

Esta freguezia de *Barrô* é limitrophe da de *S. Martinho de Mouros*, que foi séde de concelho até 1855 e comprehende as aldeias seguintes:—Cardoso, Feira Nova, Cantim, Concelho, Casal, Matto, Penedo, Povoa, Rua, Testamento, Villa Verde, Castello, Covello, Fonte, Fun de Villa, Portella, Portal, Ponte, Porto de Rei, Lama Grande, etc.—e as quintas e casaes de—Corredoura, Soenga, Choupal, Forcas, Moinhos, Jogo, Feira, Paço, Paço de Cordeiro, Santa Comba, S. Morel, Bairraes, etc.

—

Estas duas freguezias são muito populosas e muito importantes.

V. *Barrô*, vol. 1.º pag. 341, col. 2.ª—e *Martinho de Mouros* (S.) vol. 5.º pag. 110.

São tambem parochias muito antigas, anteriores á fundação da nossa monarchia, pois a de S. Martinho, que foi séde de concelho, comprehendendo a freguezia do seu nome e as de Barrô, S. Pedro de Paus e S. João de Fontoura, teve foral dado por el-rei D. Fernando, pae de D. Affonso VI de Castella e avô de D. Theresa, mulher do conde D. Henrique.

Foi o dicto foral confirmado e ampliado na era de 1149 (anno 1111) pela dicta senhora D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques;—D. Affonso IV em 1342 mandou rever e firmar de novo os seus *costumes e fóros* por Affonso Annes, corregedor no meirinhado da Beira,—*costumes e fóros* que ficaram equivalendo a um novo foral e se acham impressos no tomo IV dos *Ineditos de Hist. Portugueza*. Finalmente, D. Manuel lhe deu foral *novo* em 1513.

—

São interessantissimos os taes *fóros* de 1342. N'elles se faz repetidas vezes menção da freguezia de *Barrô* e das aldeias de *Villar*, de que no momento nos occupamos,—e d'elles se vê claramente o motivo porque os povos em outras eras erguiam as mãos ao ceu quando os reis lhes concediam como concederam ao Porto, Pinhel, Villa Real de Traz-os-Montes, etc., o privilegio de não poderem os fidalgos morar entre elles.

Ali se diz, por exemplo:—que os fidalgos costumavam exigir despotica e violentamente dos lavradores—vinho, palha, hortaliças, roupa, etc., etc.—que, se os pobres lavradores se recusavam a semelhantes extorsões, os fidalgos violentamente lhes tomavam o vinho e *sapavam as cubas*, destruiam-lhes as suas hortas, e esvasiavam-lhes os palheiros, não lhes deixando por vezes a palha precisa para alimentação dos seus gados;—exigiam d'elles toda a qualidade de roupas e não mais lh'as restituiam, ou lh'as entregavam só depois de rotas;—que, se elles se queixavam, os fidalgos os insultavam e maltractavam,—e que, se levavam as suas queixas a juiso, nunca obtinham justiça, pela grande pressão que os fidalgos exerciam sobre os juizes, doestando-os, ameaçando-os e mettendo-os inclusivamente na cadeia!...

A taes prepotencias tractou de pôr cobro o benemerito corregedor, impondo em nome d'el-rei grandes penas aos fidalgos por cada vez que ousassem repetil-as; duvidamos porem de que elles estivessem pelos auctos, porque eram muitos e muito poderosos.

Ali se mencionam os fidalgos do *Paço de Fonseca* e das quintas e casas do *Outeiro*, *Cantim de Cima*, *Cantim de Baixo*, *Cardoso*, *Paus*, *Cadafaz*, *Casal d'Avô* e *Villarinho*, reconhecendo-se-lhe o direito de exigirem palha dos lavradores, mas sómente uma *faxa* de cada um,—e se lhes marcaram as aldeias que eram obrigadas a dar palha a cada uma das dictas casas nobres.

A de *Villarinho*, por exemplo, só poderia tomar palha nas aldeias de Villar, Villarinho, Lamas, Outeiro, Pardelhas e Villa Verde de *Barrô*.

A de *Fonseca* nas aldeias de Fonseca, Feira, Maçôrra, Nadaes, Porto de Rei, etc.

A de *Cantim de Cima* na aldeia d'este nome e nas de Moumiz, Fazamões e Cotello.

A de *Cantim de Baixo* na aldeia d'este nome, do Paço para cima, e nas de Cordova e Ferreirós.

A de *Casal d'Avô* nas aldeias da Peneda, Povoa, Celores, Egrejas, Valverde e Azinhal.

—

«Item. Porque o dito corregedor achou que nesta terra de S. Martinho, cavaleyros, e rendeyros, e outros podrosos, filhavam (tomavam violentamente) e mandavam filhar pera sy, per sy e per seus homees, *galynhas*, e *patos* e *carneyros*, e *leytões* e *freamas* (leitôas) e *cabrytos*, e *vacas*, e *boys*, e outras cousas pera comer, e pera fazer delas o que querem; e que esto husavam de fazer *muyto ameude*, e que nunca eram pagados; ou se o eram, que o eram trady (tarde) e mal, e com gram dano daqueles a que o assy tomavam; ....mandou e defendeu da parte del Rey que nenhum nom fosse tam ousado, que filhasse nenhua das ditas cousas, ...senom hu as venderem, e pagando logo os dinheiros por elas... E qualquer que o doutra guysa fezer, e filhar as ditas cousas,... que as pague logo com o tresdobro do que valerem... E do tresdobro seia huu do dono da cousa, e outro del Rey, e outro do concelho.»

Outras muitas *bellesas* analogas se encontram nos dictos *Foros*. Tudo aquillo porem é *nada* com relação aos excessos de toda a ordem que os *grandes senhores*, nomeadamente os *de baraço e cutello*, costumavam praticar, apropriando-se não só dos bens, mas das pessoas, filhos, *filhas e mulheres* dos seus vassallos, não hezitando em tirar-lhes inclusivamente a vida, *a seu bel prazer!...*

Mal imagina hoje o nosso povo quanto soffreram os povos em outros tempos.

Os fidalgos até por vezes espancavam, mutilavam e matavam as auctoridades e os mordomos d'el-rei, quando transpunham os seus coutos,—segundo se lê a cada passo na *Historia de Portugal* por Alexandre Herculano, nomeadamente no vol. 2.º pag. 494—499.

VILLAR,—aldeia da freguezia de Fontello, concelho e comarca d'Armamar, districto de Vizeu.

V. *Fontello*, vol. 3.º pag. 209, col. 2.ª

Pelo recenseamento de 1878 contava esta freguezia 240 fogos e 949 almas.

Comprehende as aldeias de *Villar*, Balteiro, Commenda e Serro do Maio,—as quintas de *Villar*, Vista Alegre, Lapa, Bagaunte [1] e Pedra Caldeira, todas de vinho de embarque, proximas da margem esquerda do Douro,—e os casaes do Talhadouro e Mattosas.

—

Ha na pequena aldeia de *Villar* differentes quintas, merecendo especial menção, pela excellencia dos seus vinhos e do azeite e fructas variadissimas e saborosissimas que produz, a quinta de *Villar*, pertencente a um distincto cavalheiro do Porto, o sr. Duarte Huet, a quem foi concedida uma medalha de 1.ª classe na exposição internacional do Porto em 1865, pela excellente fructa que ali expoz, proveniente d'esta sua quinta.

Os pomares são banhados pelo ribeiro de *Marrocos*, que desagua no Douro, cerca de 500 metros a juzante.

Ha ali uma soberba laranjeira que só dá fructo alternadamente,—um anno do lado E. —outro do lado O.—regulando por 7 a 8 mil laranjas a producção annual de cada uma das dictas metades.

—

A serra de *S. Domingos*, de que já se falleu no artigo *Fontello*, pertence quasi toda a esta parochia;—abunda em granito do melhor de Portugal, pelo que d'ali vae a pedra para as construcções mais luxuosas da cidade de Lamego, bem como para as d'este concelho d'Armamar e dos da Regoa e Santa Martha de Penaguião.

Estes ultimos dois concelhos não teem granito algum e estão todos povoados de palacetes guarnecidos com o bello granito da mencionada serra, pelo que todos os dictos palacetes representam grandes sommas.

Só o granito do palacete dos fidalgos de *Santa Comba*, em Penaguião, distante da serra de S. Domingos cerca de 15 kilometros, custou perto de *trinta mil crusados!* E

---

[1] Assim se lê na *Chorogr. Moderna*, mas talvez seja *Bagauste*.

palacetes como o de Santa Comba são por ali triviaes, o que revela a grande riquesa d'aquelles dois concelhos durante a existencia da celebre *Companhia dos Vinhos do Alto Douro,* instituida pelo marquez de Pombal.

Veja-se o artigo *Victoria* (Porto) vol. 10.° pag. 596, col. 1.ª e seg.

—

Rakzinski[1] dá em gravura muitos signaes ou caracteres exoticos que se encontram nas paredes da sacristia e da capella de *S. Domingos,* no alto da serra d'este nome, no termo d'esta freguezia de Fontello, desenhados e copiados pelo infeliz barão de Forrester, quando por aqui andou levantando a planta do rio Douro, e que no Douro perdeu a vida.

V. *Villa Secca d'Armamar.*

Concluiremos dizendo que (segundo nos informam) ha na dicta serra de S. Domingos uma extensa galeria que lhe vara o bojo de leste a oeste.

Dizem que um cão entrára pela bocca d'ella na pendente sobre o rio Varosa, a montante de Valdigem, e que fôra sair na extremidade opposta junto da povoação de Fontello.

Isto nos asseverou um illustrado ecclesiastico de Valdigem, mas quem não acreditar não pecca.

VILLAR—freguezia do concelho de Cadaval, comarca d'Alemquer, districto e diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Fogos 311,—habitantes 1:197.

Orago—Nossa Senhora da Expectação.

Priorado.

Em 1712 era um simples curato da apresentação do prior de Santhiago d'Obidos,—comprehendia as povoações de *Villar,* Avenal, Pereiro, Villa Nova e Togeira,—e contava 120 fogos.

Em 1768 era curato da apresentação do prior do convento dos Jeronymos de Val Bemfeito e dos beneficiados d'Obidos,—rendia para o cura 1 moio de trigo, meio de cevada e 2 pipas de vinho—e contava 93 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 169 fogos e 844 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 250 fogos e 1:051 habitantes,—e hoje conta, como dissemos, 311 fogos e 1197 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a sua população.

—

Comprehende hoje esta freguezia as povoações de *Villar,* sede da matriz, Palhaes, Villa Nova, Arrabalde, Tojeira, Pereiro, Seixo e Carvalhal da Serra—a quinta de *Sancarrão,* de D. Felicidade Rosa Pereira de Castro,—a herdade da *Marinha,* de José Duarte,—e os casaes de Amieira, Ribeira e Pião.

Freguezias limitrophes: — Lamas e Pero Moniz, no concelho de Cadaval—e Villa Verde dos Francos, no concelho d'Alemquer.

Esta freguezia demora ao poente e nas faldas da serra de Monte-Junto,—dista da villa de Cadaval 9 kilometros para o sul,—26 de Alemquer,—34 da estação do Carregado (a mais proxima)[1] na linha ferrea do norte,—71 de Lisboa—e 334 do Porto.

Banham esta freguezia differentes regatos; unidos formam o rio Real, que desagua na lagôa d'Obidos, cerca de 26 kilom. a N.O.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.° 83, da estação do Carregado, por Alemquer e Villa Verde dos Francos, ao Cadaval, servida por diligencias,—e a estrada municipal que liga a povoação de Villar com a de Villa Nova, passando por Palhaes.

—

Templos:—a egreja matriz e duas capellas publicas,—uma de S. Miguel, na povoação do Pereiro,—outra do Espirito Santo, na povoação de Villa Nova.

Nada offerecem digno de menção.

Na matriz festeja-se annualmente a padroeira e o Santissimo Sacramento,—e nas capellas os seus oragos. E em cumprimento de um antigo voto vae da matriz todos os annos, no dia 8 de setembro, uma procissão

---

[1] *Les Arts en Portugal,* pag. 332 e 333.

[1] Logo que se abra á circulação a linha ferrea de Lisboa á Figueira por Torres Vedras,—linha em construcção n'esta data (1886)—deve ter n'ella estação mais proxima.

à Senhora da Misericordia da freguezia da *Moita dos Ferreiros*, concelho da Lourinhã, distante cerca de 18 kilometros para N. O.

Ha nos limites d'esta parochia duas pequenas pontes de pedra na estrada districtal,—duas azenhas que só trabalham no inverno,—7 moinhos de vento,—1 forno de ceramica e 2 de coser telha.

Producções dominantes:—vinho. Tambem colhe algum azeite, cereaes e fructa.

Tem esta parochia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Comprehende esta freguezia grande parte da serra de *Monte Junto*, uma das mais notaveis da Estremadura, onde se vê uma pyramide geodesica marcando 666 metros de altitude sobre o nivel do mar.

V. *Monte-Junto*, vol. 5.° pag. 478, col. 2.ª *in-fine* e segg.

Esta freguezia, como todas as d'este concelho e dos concelhos limitrophes, soffreram muito por occasião da guerra peninsular, nomeadamente desde que o general Massena acampou com os seus 80:000 homens ao norte das linhas de Torres Vedras, desde outubro de 1810 até março de 1811.

Mal se imagina hoje o estado a que ficaram reduzidos estes povos!...

V. *Torres Vedras* e *Gojim*.

—

Em maio de 1868 (ha precisamente 18 annos) os habitantes d'esta freguezia de Villar, magoados com as extorsões do escrivão de fazenda, resolveram deixar a sua pacatez habitual e seguir o exemplo dos povos de Villa Verde, Amares, Terras de Bouro, Povoa de Lanhoso e Villa Nova de Foscôa, —os mais energicos e revolucionarios de todo o nosso paiz.

Amotinaram-se e no dia 10 do dicto mez marcharam sobre a capital do concelho, dispostos a incendiar os archivos da fazenda e das outras repartições publicas.

Iam em força de mil homens talvez, armados com espingardas, fouces roçadouras, varapaus, etc., mas nada conseguiram, porque o administrador do concelho, prevenido a tempo, havia requisitado tropa.

VILLAR,—freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago — Santa Maria (a Expectação de Nossa Senhora.)

Abbadia.

Em 1706 era do concelho da Maia, comarca do Porto e da apresentação do convento benedictino de Santo Thyrso *com reserva*,—rendia para o abbade, com *meios fructos*, 160$000 réis,—para os padres da *Companhia* de Braga 100$000 réis, provenientes dos outros *meios fructos*—e contava 97 fogos e 380 habitantes.

Em 1729, segundo se lê na *Geographia Hist.* de Lima, contava 356 habitantes.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, era da apresentação alternativa do prelado do Porto e do convento de Santo Thyrso,—rendia 500$000 réis—e contava 114 fogos, que deviam corresponder a 470 habitantes, approximadamente.

O censo de 1864 deu-lhe 172 fogos e 532 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 602 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villar*, séde da matriz, Rosa, Souto, Pereira, Outeiro, Pisão, [1] Real, Soutello e Carrapata,—segundo se lê na *Chorogr. Moderna*.

Em 1758, segundo o D. G. M. [2] tinha esta parochia 3 grandes aldeias: *Pereira*,—*Soutello*, comprehendendo as de Real e Pirvens, —e *Villar*, comprehendendo as de Souto, Rosa, Outeiro e Jardim; mas hoje *Villar* é uma aldeia muito pouco populosa.

Freguezias limitrophes:—Avelleda, Modivas, Canidello e Guilhabreu.

Atravessam esta freguezia a estrada real a macadam n.° 30, do Porto a Valença por Villa do Conde, Povoa de Varzim, etc.—e a linha ferrea do Porto a Villa Nova de Famalicão, tambem por Villa do Conde e Povoa de Varzim, a qual tem a estação de *Modivas* na extremidade N.O. d'esta parochia.

---

[1] Esta aldeia tomou o nome de um antigo pisão, movido pela agua do ribeiro que aqui passa.

[2] *Diccionario Geographico Manuscripto*,—collecção dos relatorios dos parochos, existente na *Torre do Tombo*.

Dista da mencionada estação 2 kilometros, —11 de Villa do Conde,—18 do Porto—e 357 de Lisboa.

—

É uma abbadia rendosa.

Teve um grande passal que, pela nova lei das desamortisações, foi quasi todo vendido em hasta publica, mas averbado o seu preço em inscripções ao parocho.

Todos os casaes da povoação de Arões, freguezia de S. Gonçalo de Mosteiro, eram foreiros ao abbade de Villar, e só um d'aquelles casaes (o da Lameira) lhe pagava por anno 11 alqueires de trigo, 11 de pão meiado (milho e centeio) 1 gallinha e um frango, e de luctuosa outro tanto.

É tambem parochia muito antiga. Foi uma das primeiras que no concelho da Maia teve *Santissimo* permanente. D'ella ia por *viatico* aos povos de varias freguezias circumvisinhas, taes como Villar de Pinheiro, Mosteiró, Avelleda e Modivas.

A imagem de Nossa Senhora, orago d'esta parochia, é antiquissima e de pedra. Diz a tradição que appareceu em um silvado no *Campo da Vinha* do passal.

—

É hoje parocho d'esta freguezia o rev. Antonio Martins Gesteira, natural da povoa de Varzim, que foi anteriormente parocho na freguezia de *Viatodos*.

Tomou posse d'esta freguezia de Villar no dia 19 de dezembro de 1881, havendo-se collado poucos dias antes.

Succedeu ao abbade José Joaquim da Silva Guimarães, bacharel formado em direito, natural da freguezia de Malta, d'este mesmo concelho de Villa do Conde, fallecido em 1864,—e desde o fallecimento d'elle até á collação do parocho actual, foram aqui parochos encommendados José Moreira Maia, João Luiz de Andrade e José d'Azevedo Maia, natural d'esta mesma freguezia e que se tornou benemerito pelas obras e melhoramentos que promoveu e conseguiu realisar, taes foram a nova capella-mór, a sacristia e o cemiterio.

O referido abbade dr. Guimarães havia succedido ao abbade José Joaquim Gonçalves, da congregação de S. Philippe Nery, da cidade do Porto, collado em 5 de fevereiro de 1837 [1].

—

Tem uma boa residencia parochial, feita pelo abbade José Joaquim da Silva Guimarães, em substituição da antiga, que estava do lado norte da egreja, ligada á velha capella-mór, para a qual tinha uma tribuna.

Junto da antiga residencia houve uma magestosa palmeira, da qual hoje apenas restam vestigios em uns rebentos que se vêem no cemiterio.

Do alto d'ella se avistava o mar.

O chão d'esta parochia é saudavel e fertil, banhado por dois ribeiros que regam e moem.

Fazem juncção na aldeia de *Real*, d'esta mesma freguezia, formando o rio de *Labruge*, que tem a sua foz no mar, entre as freguezias de *Lavra*, na margem esquerda,—e *Labruge*, na margem direita,—rio de certa importancia e que bem merecia nome proprio,—se é que já o não teve. Seria o *Celando?*

Suppõe-se que junto da foz d'este rio houve uma *cidade*, de que fallam diversos auctores, entre elles o padre Francisco do Nascimento Silveira nas interessantes notas ao seu *Côro das Musas, junto por Venus na Casa do Sol*,—1.ª parte, pag. 26.

—

Producções dominantes: vinho verde, cereaes e hervagens, pelo que foi muito importante e rendosa n'esta freguezia a industria da creação e engorda de bois que exportava para a Inglaterra,—industria que decahiu nos ultimos annos, depois que os Estados-Unidos da America do norte se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como inundam de cereaes toda a Europa. V. *Villar d'Andorinho.*

Tem esta freguezia uma estação postal na

---

[1] Falleceu no dia 15 de março d'este anno de 1886 na sua casa e quinta de Villa Pouca, freguezia de Varzea d'Abrunhaes, concelho de Lamego, um dos ultimos *congregados* do Porto, Padre Manuel Ferreira, natural da povoação do Bacalar, freguezia e concelho d'Armamar, tio materno do humilde auctor d'estas linhas.

aldeia de Soutello—e appellidos curiosos, taes são:—*Pato* e *Ganso*—*Pisco* e *Carriço*, —*Basto* e *Ralo*,—*Teso* e *Molle*,—*Fermento* e *Massa*,—*Torta* e *Direita*,—*Carvalho* e *Pinheiro*,—*Bacalhou* e *Peia*.

José Antonio d'Azevedo Lemos

Este preclarissimo varão, que tanto figurou na historia moderna de Portugal, nasceu em 1 d'outubro de 1786 na povoação de *Pereira*, d'esta freguezia de Villar, e foi filho legitimo de Antonio d'Azevedo Lemos e de Anna Maria Antunes, ambos da dicta povoação.

Seus paes eram lavradores e tiveram muitos filhos, mas (honra lhes seja!) não descuraram a educação d'elles. Formaram em direito o Francisco, do qual adiante fallaremos, e tentavam ordenar o José, de quem no momento nos occupamos, destinando-o para administrar a casa e amparar os seus numerosos irmãos, entre os quaes era o primogenito. Com esse intuito mandaram-n'o para o seminario episcopal do Porto, onde estudou latim, francez e philosophia com raro aproveitamento.

Do Porto passou para o convento do Carmo de Santarem, onde era frade um seu tio. Ali estudou pharmacia e outras disciplinas com animo de professar na dita ordem, mas em 1807, indo ver o exercicio d'um regimento commandado pelo futuro conde de Barbacena, tal enthusiasmo sentiu pelas armas, que pediu lhe assentasse praça e logo foi attendido e muito bem recebido pelo conde de Barbacena, que o empregou na secretaria do seu estado-maior e lhe dispensou sempre particular estima.

—

Assentou praça em cavallaria 10 e fez toda a campanha da peninsula, assistindo a muitas batalhas e distinguindo-se na dos Pyreneus.

Em uma d'ellas (não sabemos bem se foi n'esta ultima) tomou aos francezes, com grande ousadia, uma bandeira, pelo que, sendo ainda sargento, foi elogiado na ordem do dia e nomeado alferes por distincção.

Logo que se lhe offereceu ensejo, pediu licença e foi a Villar surprehender seus paes, apresentando-se com as suas dragonas e banda d'alferes, imaginando lisongeal-os, mas a mãe recebeu-o com friesa, dizendo que mais estimaria vel-o com o habito de S. Francisco e o cordão da ordem. Sorriu-se elle, promettendo voltar a vêl-os só quando fosse promovido a outros postos,—e assim o cumpriu.

Em 1827 já era coronel, contando apenas 41 annos de idade;—em 1830 era brigadeiro—e em 1832 tenente general.

—

Em 1815 partiu para o Brazil com o conde de Barbacena, seu velho amigo;—militou com distincção no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, no Paraguay, na Bahia e Pernambuco, e não querendo adherir á independencia do imperio, voltou para a metropole com a patente de coronel graduado.

Depois dos acontecimentos de 1823, foi nomeado commandante da guarda da policia, hoje guarda municipal, do Porto, cargo que muito honrosamente occupou até 1826, retirando-se do serviço militar n'aquella data, por ser opposto as idéas constitucionaes.

Pouco depois da chegada de D. Miguel em 1828, Lemos foi promovido a coronel effectivo e encarregado do commando de infanteria n.º 1. Assistiu aos combates da Cruz de Morouços, Marnel e Vouga—e fez toda a campanha do cerco do Porto, sendo por vezes ferido e em uma d'ellas muito gravemente na cabeça, pelo que foi levado para a freguezia de Barreiros, onde carinhosamente o tractou e salvou um seu amigo e recebeu amiudadas vizitas dos parentes.

—

Tambem fez parte da expedição á Terceira e Madeira e, em seguida ao combate da Villa da Praia (11 d'agosto de 1829) regressou a Lisboa.

Em 1832 foi feito marechal de campo—e em 1833, em seguida ao incendio dos armazens da *Companhia dos Vinhos*, lavrou um protesto contra tão inaudito attentado, protesto que assignou com os consules inglez e francez.

Em 3 de novembro do mesmo anno ga-

nhou em Alcacer do Sal uma brilhante victoria contra os liberaes, commandados pelo coronel Florencio.

Foi o ultimo commandante em chefe do exercito realista e coube-lhe a dolorosa missão de assignar no dia 26 de maio de 1834 a convenção d'Evora-Monte, como representante de D. Miguel, sendo no mesmo acto representantes de D. Pedro o marechal Saldanha e o duque da Terceira.

As circumstancias não podiam ser mais criticas para o partido de D. Miguel, mas a instancias de Lemos algumas modificações foram feitas na proposta dictada pelos vencedores.

—

Foi s. ex.ª convidado para adherir ao partido de D. Pedro, como adheriram muitos dos officiaes de D. Miguel, mas (honra lhe seja!) não renegou as suas crenças politicas e acompanhou D. Miguel para Turim, onde foi muito estimado por Carlos Alberto, rei da Sardenha.

Ali se conservou até 1849, data em que regressou a Portugal, fixando a sua residencia em Lisboa, onde casou com D. Rita Ferreira Pigott, viuva do general Pigott, senhora de avultada fortuna.

Depois d'uma vida tão accidentada e trabalhosa, passou o resto dos seus dias muito tranquillo, estimado e respeitado por todos e exercendo a mãos largas a caridade, vivendo alternadamente na rua de Buenos Ayres, n.º 6,—e na sua casa de campo em Bemfica, até que falleceu a 16 de fevereiro de 1870, contando 84 annos de edade.

A viuva pouco tempo lhe sobreviveu e ambos jazem no cemiterio oriental de Lisboa, em jazigo proprio.

D. Miguel quiz agracial-o com o titulo de conde, graça que elle recusou.

Escreveu duas obras:—*Rectificação d'alguns factos da historia contemporanea*—e a *Vida de Lord Welington*, seu commandante na guerra peninsular.

—

José Antonio d'Azevedo Lemos teve muitas irmãs e um irmão mais novo do que elle 12 annos,—Francisco José d'Azevedo Lemos—que se formou em direito e, depois de exercer alguns cargos de confiança, foi juiz de fóra nos Arcos de Val de Vez; rebentando porem as luctas entre os liberaes e realistas, foi voluntariamente alistar-se nas fileiras da legitimidade, sendo seu irmão já coronel e commandante de um regimento.

Entrou em varios recontros, ficando em um d'elles estendido no campo com a cabeça mutilada; sendo porem levado para um hospital de sangue, sobreviveu e, a instancias do coronel, seu irmão, deixou a carreira militar.

Manuel d'Azevedo Lemos, outro irmão do general, ficou senhor da casa da *Pereira*;—casou e teve entre outros filhos, D. Emilia Maria Dias de Lemos. Casou esta com Antonio Gonçalves Barroso, de quem viuvou, e hoje (1886) vive com um seu filho, Manuel Gonçalves Barroso de Lemos, na mesma casa da Pereira.

Das irmãs do general Lemos casou uma em *Villar de Pinheiro* e teve, entre outros filhos,—o rev. José Dias da Silva Lemos, actual reitor de Modivas, vigario da vara n'este 2.º districto ecclesiastico da Maia,—e Joaquim Dias da Silva Azevedo e Lemos, negociante em Pernambuco.

—

É tambem natural d'esta freguezia o rev. José Pereira Baptista Neves, hoje abbade de Lordello de Ouro, junto do Porto, tendo sido anteriormente abbade de Melres, no concelho de Goudomar.

É um parocho de bons costumes, independente e rico, pois herdou boa fortuna de um irmão, negociante no Brazil, e do rev. João Correia do Lago, seu antecessor na abbadia de Lordello do Ouro.

Ao rev. sr. Joaquim Antunes d'Azevedo, natural da freguezia de *Villar de Pinheiro* e actualmente reitor da de Villa Nova da Telha, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'ALLEN,—quinta d'este nome na freguezia de Campanhã, bairro occidental do Porto,—uma das quintas mais notaveis nas cercanias d'esta cidade, ao norte do Douro. Rivalisa com a da *Lavandeira*, na margem sul, freguezia de Santa Eulalia de Oliveira,—quinta muito mais luxuosa e que

foi do bondosissimo e prestantissimo sr. conde da Silva Monteiro (Antonio da Silva Monteiro) fallecido em 1884 na sua casa da rua da Restauração, que era e é a mais luxuosa do Porto[1].

Esta quinta de *Villar d'Allen* foi do acreditado negociante e benemerito cidadão João Allen[2], de quem passou para o seu filho Alfredo Allen, que em 1866 d'ella tomou o titulo de visconde de Villar d'Allen,—cavalheiro muito illustrado, muito prestimoso e muito considerado pelas suas nobilissimas qualidades.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

—

É s. ex.ª um dos nossos mais distinctos amadores de floricultura, horticultura e arboricultura—e distinctissimo oenologo tambem—pelo estudo e pela pratica, pois é dono da grande quinta do *Noval*[3], no Alto Douro, e um dos primeiros negociantes de vinhos da praça do Porto.

Nasceu em 1828;—foi educado em *Fontenay-aux Roses* (perto de Paris) com o rev. *Sacra Familia*, dr. José da Silva Tavares;—casou em 1851 com D. Maria José Rebello Valente, filha do acreditado negociante e rico proprietario José Maria Rebello Valente,—e tem 2 filhos:—Alberto Rebello Valente Allen, Roberto Rebello Valente Allen,—este solteiro e aquelle casado com D. Laura, filha unica de Manoel Pinto Gomes de Menezes, director da caixa filial do *Banco do Minho*.

Entre outras, cabem ao sr. visconde de Villar d'Allen as distincções seguintes:

—Ex-director da Associação Commercial do Porto em differentes biennios.

—Secretario das primeiras exposições agricolas do Porto (1857-1863).

—Fundador da *Sociedade do Palacio de Chrystal* do Porto (1863).

Á iniciativa e aos relevantes serviços de s. ex.ª se deve em grande parte a construcção do dicto Palacio.

—Iniciador e secretario da *Exposição Internacional Portugueza* de 1865—e commissario da mesma Exposição, indo á sua custa ao estrangeiro organisar as differeutes commissões delegadas, entre ellas a de Paris—com Gervais de Caen e Natalis Rondot.

—Como director do Palacio de Crystal, foi em commissão a Londres, tambem á sua custa, em 1864, e ali se demorou tres mezes para resolver as grandes difficuldades que se deram com a fallencia do empreiteiro constructor do dicto Palacio, sendo acompanhado n'essas diligencias pelo seu collega na direcção Francisco Pinto Bessa.

—Vereador da camara municipal do Porto, 4 annos (1866 a 1869).

N'esse periodo, tendo a seu cargo o pelouro dos arvoredos, creou o *Jardim da Cordoaria* ou do *Campo dos Martyres da Patria* em 1867 a 1868, executando-o com a verba em que foi orçada só a vedação do dicto campo.

—Vogal do conselho de familia por parte dos interdictos, no inventario do Conde Ferreira (13 annos).

—Commissario regio *honorario* junto da Exposição internacional de Vienna, em 1874.

—Encarregado da organisação dos productos do norte do nosso paiz para todas as exposições internacionaes, especialmente da secção de vinhos.

—Membro da *Sociedade Humanitaria do Porto*.

---

[1] De s. ex.ª já se fez ligeira menção no artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 261, sob o nome de Antonio da Silva Monteiro, na lista dos 40 maiores contribuintes,—e no art. *Porto*, vol. 7.º pag. 464, col. 1.ª, sendo então visconde da Silva Monteiro e morador não no largo da Aguardente, como ali se disse por lapso, mas na rua da Restauração.

No supplemento ao artigo *Porto* lhe daremos o logar d'honra, que merece a sua veneranda memoria.

Depois do conde de Ferreira (V. *Campanhã*) foi um dos homens mais prestantes que tem tido o Porto e cuja morte foi mais vivamente sentida.

[2] V. *Campanhã*, vol. 2.º pag. 59, col. 1.ª,—*Miragaya*, vol. 5.º pag. 252, col. 2.ª e seg.—e Porto, vol. 7.º pag. 494, col. 2.ª

[3] V. *Douro Illustrado*, pag. 84, 92 e 100, onde se encontram tres lindas gravuras representando a mencionada quinta—e pag. 124, onde se encontra a descripção d'ella.

Vide tambem *Villarinho de Cottas* n'este diccionario.

—Presidente da direcção do Palacio de Crystal, desde 1867 até 1875.

—Socio honorario da mesma *Sociedade*, eleito em assembléa geral pelos seus serviços extraordinarios nas exposições agricolas e horticolas.

—Presidente de quasi todas as exposições horticolas e oenologicas do Palacio de Crystal, até 1880.

—Vogal e por vezes presidente do conselho fiscal da sociedade do dicto palacio.

—Fundador do 1.º *Orpheon popular portuense* e escolas de musica populares gratuitas (1866 e 1867).

—Presidente da *Commissão central antiphylloxerica do Reino* (1881)—tendo sido vogal da mesma.

—Presidente da *Commissão central antiphylloxerica do norte* (1881 a 1884).

—Vogal da mesma commissão, sendo exonerado da presidencia, *a seu pedido*, e nomeado presidente honorario pelo governo.

—Fundador da *Fabrica de sulfureto de carbone* na Serra do Pilar, conseguida depois de grande lucta (1879).

—Portaria de louvor (1879) pela installação da dicta fabrica.

—Vogal da commissão da cultura do tabaco no Douro, havendo tomado parte na grande lucta para se obter do governo concessão para experiencias.

—Vogal do Conselho d'Agricultura do districto do Porto, desde a sua installação.

—Fundador do *Agricultor Portuguez*, juntamente com os seus collegas José Taveira de Carvalho, Alfredo Lecocq e Domingos José Salgado (1877)—e collaborador e redactor do mesmo jornal.

—Vogal da *Commissão de defesa do Douro*, eleito no grande comicio da Regoa.

—Delegado do governo ao *Congresso anti-phylloxerico de Bordeaux* em 1881,—*sem gratificação nem despezas de viagem.*

—Delegado do governo á *Convençãó de Berne*, no mesmo anno de 1881.

—Vogal do 1.º syndicato para a construcção do porto artificial de Leixões, desde 1864.

—Vogal do 2.º syndicato do mesmo porto com canal, até 1884.

A este syndicato se deve a construcção do dicto porto, em opposição aos acerrimos partidarios do porto de Lavradores.

Foi presidente d'este 2.º syndicato o benemerito conde da Silva Monteiro, já fallecido,—e engenheiro James Aberceethy, de Londres.

—Vice-presidente da *Commissãó central do norte*, promotora da producção e exportação de vinhos nacionaes (Decreto de 29 de maio de 1885).

—Secretario-gerente e thesoureiro da caixa filial do *Brazilian Portuguese Bank*, no Porto (1863 e 1864)—hoje *Banco Inglez do Rio de Janeiro.*

—Concorrente a todas as exposições agricolas e vinicolas do seu tempo, nas quaes obteve sempre os primeiros premios.

—Visconde de Villar d'Allen por decreto de 13 de janeiro de 1866, no encerramento da *Exposição Internacional do Porto*, devida em grande parte aos seus esforços.

—É tambem s. ex.ª um distincto amador de musica (violoncellista) havendo tomado parte em differentes concertos de beneficencia como *solista* nos theatros, no Palacio de Crystal, etc.

—É finalmente—Official da Legião d'Honra—e Official de Instrucção publica, laureado com a *Palma de academico* na especialidade de *oenologia*, em França,—e Official da Ordem de Leopoldo, da Belgica.

Tem sido tambem s. ex.ª introductor e propagandista do sulfureto de carbone, dos adubos chimicos e d'outros muitos melhoramentos e beneficios da nossa agricultura e floricultura.

Do exposto se vê que o sr. visconde de Villar d'Allen é um cidadão prestantissimo, a quem o nosso paiz, nomeadamente o Porto e o Douro,—*muito devem.*

VILLAR DAS ALMAS,—freguezia do concelho e comarca de Ponte do Lima, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia. Orago Santo Estevam.

Fogos 115,—habitantes 400.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 251 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 111 fogos e 390 habitantes.

Demora esta freguezia na margem esquerda do rio Neiva, do qual dista a egreja parochial cerca de 2 kilometros,—6 da estação de Tamel (a mais proxima) na linha ferrea do Minho,—16 de Ponte do Lima,—18 de Braga,—20 de Vianna,—66 do Porto—e 403 de Lisboa.

Segundo se lê na *Chorogr. Moderna*, comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*Egreja*, séde da matriz,—Santo Antonio, Freitas, Eido, Eido Velho, Monte, Pereiras, Fonte, Alem, Outeiro, Maneja, Talho, Rua, Pêgo, Eiras ou *Eiros* e Cachada ou *Queixada*.

—

Freguezias limitrophes:—Calvéllo, Gaifar e Sandiães.

Producções principaes:—milho, vinho verde e centeio.

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Albergaria de Penella, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, data em que passou para o de Ponte de Lima.

Tambem parte da sua população pertenceu ao extincto concelho de *Portella das Cabras*.

Cerca de 3 kilometros ao nascente d'esta freguezia passa a estrada real a macadam de Ponte de Lima a Braga,—e é atravessada pela estrada districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde, ainda em construcção.

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionario tanto deve, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta e d'outras freguezias do seu districto.

VILLAR D'AMARGO,—freguezia do concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago S. Miguel Archanjo.

Em 1708 contava 110 fogos;—a *Historia Eccles.* de Lamego escripta por D. Joaquim d'Azevedo, na 2.ª metade do seculo XVIII e publicada no Porto em 1877, deu-lhe os mesmos 110 fogos e 300 habitantes, no que não ha proporção;—o *Portugal S. e Profano* em 1768 deu-lhe apenas 88 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 97 fogos e 428 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 107 fogos e 491 habitantes,—e pelos meus apontamentos conta hoje 111 fogos e 482 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas sómente a povoação de *Villar d'Amargo*, que demora na velha estrada de Figueira de Castello Rodrigo para Villa Nova de Foscôa, no cantão denominado *Cima-Côa* e na margem esquerda da ribeira d'Aguiar, confluente do Douro, da qual dista 4 kilometros para O.;—7 da margem direita do Côa, para o nascente;—outros 7 de Figueira de Castello Rodrigo para N.O.;—10 da estação da Barca d'Alva na linha ferrea do Douro;[1]—39 da estação de Pinhel, na linha da Beira Alta;—50 da Guarda;—199 do Porto pela estação da Barca d'Alva e linha ferrea do Douro,—e 936 de Lisboa.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, muito antiga e bastante arruinada,—e a duas pequenas capellas publicas: a da *Misericordia*, onde se venera uma linda imagem de Christo,—e a de *S. Sebastião* que, segundo consta, foi a primeira matriz d'esta parochia.

Freguezias limitrophes:—Escalhão, a mais populosa d'esta comarca, a leste e distante cerca de 8 kilometros;—Freixeda do Torrão a O., distante 4 kilometros,—e Algodres, distante outros 4 kilometros para N.

Passa junto d'esta freguezia a estrada districtal em construcção de Almeida a Villa Nova de Foscôa.

Producções dominantes:—trigo, centeio, azeite, vinho, amendoas e hortaliça.

O seu chão é secco, accidentado e muito pedragoso.

Na pequena ribeira d'Aguiar, que a banha pelo norte, tem um moinho de cereaes, que trabalha só no inverno.

—

Esta parochia (o seu chão e os seus habi-

---

[1] Esta linha hoje (1886) está em exploração desde o Porto até á foz do Tua—e em construcção muito adiantada desde a foz do Tua até Salamanca, devendo abrir-se á circulação até ali no anno proximo futuro.

V. *Vias ferreas*.

tantes) tem passado por immensas alternativas, como o celebre cantão do *Cima-Côa.*

Foram, em resumo, as seguintes:

No tempo dos suevos, antes de Caliabria ser séde episcopal, pertencia ecclesiasticamente ao bispado de Vizeu;—criada pelos godos a diocese de Caliabria, passou para ella;—com a invasão dos mouros foi destruida a cidade de Caliabria e ficou deserto o Cima-Côa; expulsos porem d'aqui os mouros, passou para o reino de Leão e para a diocese de Cidade Rodrigo, que ficou substituindo a de Caliabria, [1]—e para a nova diocese de Cidade Rodrigo passou esta freguezia de Villar d'Amargo até que o nosso rei D. Diniz conquistou ao de Leão todo o Cima Côa.

—

Ficaram desde aquella data este territorio e esta freguezia pertencendo *temporalmente* a Portugal—e ecclesiasticamente ao reino de Leão, cerca de 100 annos, até que o nosso rei D. João I reivindicou tambem a espiritualidade do *Cima-Côa,* que tomou o nome de *bispado novo* e ficou pertencendo ao bispado de Lamego até 1770, data em que D. José I creou o bispado de Pinhel, passando para elle as freguezias do Cima Côa, do bispado de Lamego, e outros do bispado de Vizeu; finalmente em 1882 foi supprimido o bispado de Pinhel e passaram para o da Guarda esta e quasi todas as outras freguezias d'aquelle bispado.

V. *Caliabria, Côa, Riba-Côa, Villa Nova de Foscôa,—Sabugal* e particularmente *Senhora do Campo.*

—

Depois que o *Cima-Côa* temporal e espiritualmente passou para Portugal, ainda esta parochia administrativa e judicialmente correu variada sorte.

Sabemos que em differentes datas pertenceu aos extinctos concelhos de Almendra e de Castello Rodrigo,—ás comarcas (corregedorias) de Pinhel e de Trancoso—e á grande provedoria de Lamego, que se estendia desde o concelho d'Arouca incluzivamente, a O., até á raia da Hespanha, a E.—abrangendo ainda a N. em Traz os Montes grande parte do districto de Villa Real, desde a margem direita do Tua até á esquerda do rio Teixeira, comprehendendo os actuaes concelhos de Mezãofrio, Regoa, Penaguião, Sabrosa, Alijó e parte do de Villa Real, incluindo a propria villa!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes* n'este diccionario e *Lamego* no supplemento.

Tambem esta freguezia pertenceu á comarca de Villa Nova de Foscôa, antes de passar para a de Figueira de Castello Rodrigo.

Passemos adiante.

Casos tristes

Em 1834, durante as crueis represalias que os liberaes exerceram sobre os realistas, achando-se n'esta parochia hospedado o tenente coronel das milicias de Trancoso, João Damasceno Pereira Coutinho, na casa do capitão-mór de Castello Rodrigo, foi barbaramente assassinado, bem como o dono da casa e um filho d'este.

Vamos fechar este artigo mencionando um facto ainda mais triste e commovente. Parece um romance ou lenda, mas foi, infelizmente, um facto.

—

Em um livro do archivo parochial d'esta abbadia se encontra registrado o seguinte: [1]

No anno de 1676 (ha 210 annos) em uma das noites de 26 de maio a 13 de setembro, estando o rev. abbade João de Barros e Brito descançando na sua cama, bateram á porta da residencia parochial pedindo sacramentos para um enfermo agonisante. Levantou-se immediatamente o abbade, mas, apenas

[1] A cidade episcopal d'este nome esteve junto da foz da ribeira d'Aguiar e por consequencia era vizinha d'esta parochia de *Villar d'Amargo.*

[1] Nós já visitamos o *Cima-Côa* e estivemos em Castello Rodrigo, Figueira de Castello Rodrigo, Barca d'Alva, Escalhão, etc. mas não entramos em *Villar d'Amargo* nem vimos o mencionado livro. Regulamo-nos pelos apontamentos que se dignou enviar-nos o ex.mo sr. José Augusto d'Almeida Crespo, de Figueira de Castello Rodrigo, e que nos merece todo o credito.

abriu a porta para saber quem era o enfermo, foi surprehendido por dois homens estranhos, mascarados e armados, que lhe intimaram silencio e o obrigaram a acompanhal-os até á egreja, dizendo que a sua presença se tornava urgentissima ali.

Logo que chegou ao adro no meio dos dictos dois homens, viu uma comitiva de cavalleiros que o cercaram. Aberta a porta da egreja, apearam-se,—entraram com elle de roldão,—fecharam-n'a sobre si—e logo lhe apresentaram uma mulher com apparencia de senhora distincta, intimando-o para que a confessasse e lhe ministrasse a communhão, *que elles lhe dariam o lavatorio!...*

—

Dirigiu-se o abbade para o confessionario e, quando estava ouvindo a infeliz senhora, notou que os malvados tractavam de abrir uma sepultura na egreja. Convenceu-se de que iam praticar um grande crime, e, não podendo impedil-o, resolveu demorar a confissão o mais possivel, para ver se entretanto a providencia ou algum caso fortuito salvava a pobre senhora; mas os malvados abeirando-se do confissionario, intimaram o abbade para que *sem mais delongas* posesse termo á confissão. Concluida ella, ministrou á penitente a sagrada eucharistia;—os malvados lhe deram o *tal lavatorio*;—momentos depois a infeliz senhora era cadaver;—enterraram-n'a;—intimaram ao abbade completo silencio *sob pena de morte*—e retiraram-se.

—

Nunca se souberam os nomes da infeliz senhora nem dos assassinos, mas tal horror se apoderou do abbade que, dias depois, deixou a egreja, a sua casa e a sua familia; partiu para Roma;—deu conhecimento de tudo ao papa—e este o nomeou conego de Villar *amargo* ou de Amargo [1].

Conclue a dicta nota dizendo—que o abbade ainda viveu muitos annos, mas não mais saiu de Roma;—que d'ali mandou para esta sua egreja, como saudosa lembrança, reliquias de Santo Eugenio e Santo Augusto, que foram recebidas com grande pompa n'esta parochia no dia 29 d'abril de 1678 e teem sido todos os annos pomposamente festejadas.

[1] Proviria d'aqui o titulo d'esta egreja? Vamos indagar.

Ainda hoje (1886) aquella festividade é a primeira d'esta freguezia.

Mandou tambem de Roma differentes alfaias para o culto e entre ellas «um riquissimo vaso sacramental de bellesa e primor inexcediveis» que foi muito maltractado pelos francezes em 1810 [1].

Note-se que esta egreja era da apresentação alternativa do papa e do bispo diocesano, pelo que o papa, como seu padroeiro, devia receber com particular interesse o abbade e conceder-lhe mais facilmente as reliquias, etc.

—

A pedido meu, o sr. dr. Manuel de Barros Nobre, actual juiz de direito d'esta comarca, foi pessoalmente a Villar d'Amargo colher informações com relação a tão estranha occorrencia e apurou o seguinte:

É facto encontrar-se em um dos livros do registro parochial d'esta freguezia a nota a que se allude [2], lavrada pelo rev. João Thomaz de Carvalho Ferreira que, tendo sido parocho desde 1792 até 1795 na freguezia de *Penha d'Aguia*, e depois abbade da de *Escarigo* (ambas d'este concelho) desde 1795 até 1806, passou em seguida para esta de *Villar d'Amargo*, tomando posse em 23 de julho de 1812 e ao tempo em que lavrou a dicta nota (2 de julho de 1815) não só era aqui abbade, mas commissario do Santo Officio, arcypreste d'Almendra, examinador synodal, visitador do bispado no districto do *Cima-Côa*, etc.,—e disse elle *que indagou com muita diligencia tudo o que escreveu*. Merece pois credito, posto que não indique as fontes ou provas de facto tão estranho.

Por seu turno o abbade actual assevera ser ainda hoje constante e firme a tradição a tal respeito e indicou ao meu amigo a se-

[1] Era de crystal e prata. Os francezes arrancaram-lhe bruscamente a prata e deixaram só o crystal.

[2] Ao sr. dr. M. Barros Nobre devemos a fineza de nos enviar uma copia fiel.

pultura onde jaz a tal senhora,—*no corpo da egreja, do lado do Evangelho.*

—

Posto que a egreja tem hoje casas proximas, o meu amigo notou que ao tempo da occorrencia estava distante da povoação cerca de 200 metros—e da casa que se aponta como residencia parochial n'aquelle tempo devia distar 250 metros.

Tambem o meu amigo, folheando os livros do registo parochial, averiguou o seguinte:

1.º—Que o abbade João de Barros e Brito, com quem se deu a estranha occorrencia, era sobrinho do seu antecessor Domingos Henrique de Barros, fallecido em 2 de março de 1652, data em que tomou posse o rev. João de Barros e Brito, talvez por haver n'elle, segundo se suppõe, resignado o tio.

2.º—Que João de Barros e Brito era licenciado em leis e tinha sido advogado em Lamego.

3.º—Que deixou effectivamente esta egreja e o nosso paiz em 1676, acolhendo-se a Roma, e que não mais regressou a Portugal, onde tinha a sua casa e *filhos*, entre elles o dr. Manuel de Barros e Brito, que foi tambem advogado em Lamego e casou em 1695 com Anna da Guerra, da qual teve:

—*Manuel de Barros,* que se ordenou e morreu sendo cura em Escarigo, e

—*Theodora de Barros.* Casou esta com Jeronymo da Fonseca e viveu n'esta freguezia de *Villar d'Amargo, nas mesmas casas* que foram do rev. dr. e abbade, seu avô paterno,—João de Barros e Brito;—note-se porem que este meu collega havia casado em Lamego, quando era ali advogado,—teve filhos do seu matrimonio—e ordenou-se já depois de viuvo.

—

Esta freguezia, muito antes da triste occorrencia, já tinha o mesmo nome de *Villar d'Amargo,* como apurou tambem o meu amigo e se lê no *Censual* do seculo XVI.

Archivo da Camara Ecclesiastica de Lamego.

Esta povoação nunca foi murada, mas teve um reducto, feito em 1648, durante a guerra da restauração, para abrigo e defesa dos seus habitantes contra as correrias dos hespanhoes.

Do tal reducto apenas hoje existe a torre, que estava no meio d'elle, e serve de torre do relogio. É pouco solida e terá 9 a 10 metros d'altura.

—

Ao meu bom amigo e antigo parochiano, o sr. dr. Manuel de Barros Nobre, natural da freguezia de *Tavora,* concelho de Taboaço, [1] e actualmente juiz de direito de Figueira de Castello Rodrigo, agradeço o incommodo que lhe dei e os apontamentos que se dignou enviar-me.

Ao sr. José Augusto d'Almeida Crespo, agradeço tambem os apontamentos que me enviou.

—

Esta freguezia no sec. XVI era da collação e confirmação dos bispos de Lamego;—pagava-lhes de confirmação 1 marco de prata (2$340 réis)—de visitação 500 réis;—de *cathedradeguo* 60 réis—e a terça.

De passagem diremos que n'aquelle tempo só as freguezias do Cima-Côa pagavam *cathedradeguo,* (60 a 240 réis cada uma) mas em compensação não pagavam *censuria,* como todas ou quasi todas as outras do bispado de Lamego.

Censual do sec. XVI.

VILLAR D'ANDORINHO, — freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, comarca, diocese e districto do Porto na provincia do Douro.

Abbadia;—orago o Salvador (Transfiguração)—fogos 410,—habitantes 1:740.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos*

---

[1] V. *Tavora,* vol. 9.º pag. 518, col. 2.ª, onde se encontra muito em resumo a interessante biographia de s. ex.ª

Aproveitando o ensejo, diremos que foi advogado em Armamar, juiz ordinario em Taboaço, delegado do procurador regio em Moimenta da Beira e Arouca, juiz de direito em Santa Maria, nos Açores, e agora aqui, desde 1885.

É um cavalheiro a toda a prova,—muito energico e muito intelligente—e um magistrado dignissimo.

Ainda está solteiro e já não tem pae, nem mãe, nem irmãos!...

B. do Porto, era vigairaria da apresentação das freiras de Santa Clara d'aquella cidade e contava apenas 245 habitantes, que deviam corresponder a 60 fogos.

Em 1708, segundo se lê na *Chorogr. Port.* contava 112 fogos, que deviam corresponder a 450 habitantes.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, contava 188 fogos, que deviam corresponder a 770 habitantes.

Em 1856, segundo se lê no *Almanak Eccl. do Porto*, contava 347 fogos e 1:530 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 263 fogos e 1:368 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 333 fogos e 1:413 habitantes, em quanto que hoje, pelos meus apontamentos, conta 410 fogos e 1:740 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a população d'esta rica, antiquissima e muito importante freguezia, que os nossos chorographos *até hoje* simplesmente indicaram. Apenas o padre Carvalho, confundindo-a com a de *Villar de Paraiso*, d'este mesmo concelho de Gaya, disse—que era vigairaria da apresentação de um secular que fazia as vezes de parocho, lia as estações aos freguezes e comia os benesses da egreja por breve de S. Santidade. Isto mesmo se lê no 2.º dos 7 grossos volumes da *Chrogr. Moderna*, accrescentando apenas o seguinte:

«Parece que logo se poz termo a este abuso, visto o D. G. M. dar a ap. da egreja como pertencente ao mosteiro de Santa Clara, do Porto.»

Valha-nos Deus!...

Já em 1623, como dissemos supra, e alguns seculos antes, como logo provaremos, esta freguezia era da apresentação das dictas religiosas; mas prosigamos e tractemos de ver se adiantamos alguma coisa mais.

—

Demora na margem esquerda do rio *Febros* (confluente do Douro) do qual dista a egreja matriz cerca de 1 kilometro;—3 do esteiro d'Avintes, margem esquerda do Douro;—4 da estação das Devesas ou de Villa Nova de Gaya, na linha ferrea do Norte;—5 do Porto;—138 de Valença do Minho—e 341 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Santa Eulalia de Oliveira do Douro a N.,—Pedroso a S.,—S. Christovam de Mafamude a N.O.,—Avintes a E.—e Canellas a S.O.

Comprehende as aldeias seguintes:

—*Serpente* a S.O.; dista da egreja parochial 3 kilometros;—terá 60 fogos—e parte com a freguezia de Canellas, servindo de linha divisoria a estrada real a macadam do Porto a Coimbra, no sitio da *Rechousa.*

—*Balteiro*, a S.; dista da egreja parochial cerca de 2 kilometros—e terá 40 fogos.

—*Menesas* a S. E.;—conta 23 fogos—e devia pertencer á freguezia d'Avintes, porque está na margem direita do rio Febros.

Quasi todos os habitantes d'esta aldeia são moleiros.

Este povo dista da matriz cerca de 1:500 metros.

—*Lijó*, tambem a S.E.;—dista da matriz cerca de 2 kilometros;—conta 30 fogos—e quasi todos os seus habitantes são lavradores ou proprietarios.

—*Gesta* a E.;—dista da egreja matriz pouco mais de 1 kilometro;—é povoação meeira com a freguezia de Avintes, muito mais distante, pelo que toda esta povoação devia pertencer a Villar d'Andorinho, mas pertencem-lhe apenas 7 fogos—e todos pobres.

—*Moinhos* a N.O.;—dista tambem pouco mais de 1 kilometro da egreja matriz;—está na margem esquerda do rio Febros;—conta 13 fogos e quasi todos os seus habitantes são moleiros; mas um d'elles—Manuel Pinto dos Santos,—foi um dos homens mais ricos d'esta freguezia e um dos 40 maiores contribuintes d'este grande concelho.

Vivia sordidamente; era, porém, não só moleiro, mas *grande proprietario e capitalista.* A sua fortuna era avaliada em 90 a 100 contos de réis, que de nada lhe serviam!...

Falleceu ainda ha poucos mezes, n'este anno de 1886, e deixou 5 filhos, um dos quaes vive na ilha de S. Miguel com um tio (Gomes Neto) muito rico tambem.

—*Baisa* a N.;—está junto da egreja matriz, da qual dista cerca de 200 metros;—conta 17 fogos e abastados lavradores, nomeadamente 3.

É uma das povoações mais ricas d'esta freguezia.

—*Mariz* a N.;—dista cerca de 1 kilometro da egreja matriz;—conta 66 fogos—e è tambem povoação rica, porque os seus habitantes são quasi todos lavradores ou proprietarios.

—*Villar*, a séde da egreja matriz;—conta 140 fogos, mas os seus habitantes são quasi todos pobres,—simples jornaleiros.

Apenas tem 2 lavradores abastados e alguns outros menos importantes. Quasi toda a propriedade pertence ás duas quintas da *Socima* e *De Baixo*.

—*S. Lourenço* a S.;—dista da egreja matriz mais de 2 kilometros:—é uma aldeia populosa e bastante rica, pois tem muitos lavradores, mas a sua população forma um verdadeiro labyrintho! Parte é da freguezia de Pedroso, cuja egreja dista d'aqui 6 kilometros,—a outra parte, cerca de 40 fogos, pertence a Villar d'Andorinho, estando os fogos das duas freguezias misturados e sem linha divisoria alguma.

É uma amalgama singularissima, que vamos explicar:

Esta povoação é muito antiga e tem uma capella de S. Lourenço que foi a primeira matriz d'este povo e dos povos circumvisinhos, os quaes todos obedeciam ou eram *annexos* ao convento benedictino de *Pedroso*, fundado no seculo IX. [1]

Durante seculos o termo da freguezia e do convento de Pedroso, segundo consta de um antigo tombo d'este convento, confinava pelo lado N. com a freguezia de Santa Eulalia de Oliveira do Douro, o que prova que ainda então não existia esta parochia de Villar, pois está entre a de Pedroso e a de Oliveira. Foi creada pelos dictos frades quando viram desenvolver-se a N. do seu convento povoações de certa importancia, e deram-lhe por séde a povoação de Villar, que de um rico lavrador, seu habitante, cognominado *Andorinho*, tomou o nome de *Villar d'Andorinho*, nome que ainda hoje conserva. É isto o que diz a tradição, mas nós suppomos que *Andorinho* é corrupção de *Adonorigo*, nome godo,—e que a dicta povoação, quinta ou granja de *Villar* (pequena villa) foi propriedade e residencia de *Adonorigo Gonçalves do Marnel*, fidalgo distinctissimo, neto dos fundadores do convento de Pedroso,—ou de *Adonorigo Gondoindes*, filho do *Adonorigo do Marnel* [1].

[1] V. *Pedroso*, vol. 6.º pag. 543, col. 1.ª

—

Para a nova freguezia de Villar de *Adonorigo*, hoje *Andorinho*, devia passar a povoação de S. Lourenço, mas alguns dos seus habitantes, magoados por lhes tirarem a sua autonomia, recalcitraram, dizendo que antes queriam pertencer á freguezia de Pedroso, embora muito mais distante do que a nova erecta. Seguiram-se grandes questões e, como os frades os não podessem harmonisar e trazer a bom accordo, deram-lhes liberdade para escolher cada um a freguezia que mais lhe agradasse, pois ambas *n'aquelle tempo* eram da apresentação do dicto mosteiro.

Eis o motivo porque desde remotissima data *até hoje* os habitantes de S. Lourenço podem *a seu livre arbitrio* ser parochianos de Pedroso ou de Villar,—e d'aqui vem a confusão que ainda dura, pois em qualquer ponto da povoação que se edifique uma casa pode o dono d'ella ser *á sua vontade* de uma ou outra das duas freguezias!

O resultado é o seguinte:

Para quem, por exemplo, fôr de Villar para Pedroso pela aldeia e rua de S. Lourenço,—a 1.ª casa que encontra é de Villar, —a 7.ª de Pedroso,—a 8.ª de Villar;—segue-se a capella de S. Lourenço, que é de Villar tambem,—depois casas de Pedroso—e em seguida mais casas de Villar!...

O mesmo succede atravessando-se em outra qualquer direcção esta aldeia.

Nunca vimos amalgama semelhante! [2].

[1] V. *Pedroso*, logar citado,—e *Marnel*.

[2] Lembra-nos o que se dá na villa de Gouveia, districto da Guarda:

Tem 2 freguezias:—*S. Pedro e S. Julião*—e, se algum dos parochianos da de S. Pedro fizer casa na de S. Julião, ou *vice-versa*, a nova casa fica pertencendo á freguezia onde viver o dono d'ella, pelo que ha ali muitas casas na freguezia de S. Pedro que pertencem á de S. Julião, e *vice-versa*.

Aquillo tambem *não é feio*, mas em todo

—

Producções dominantes:—milho, centeio e vinho verde, mas que tem venda facil por preços remuneradores.

Tambem abunda em agua [1] e hervagens, pelo que engorda muito gado bovino, que manda para a Inglaterra.

Foi esta industria uma das mais importantes ao norte do nosso paiz, mas decahiu consideravelmente nos ultimos 2 annos, depois que os Estados Unidos da America se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como estão abastecendo de algodão e cereaes toda a Europa.

V. *Exportação de gado bovino*, vol. 3.º pag. 129, col. 2.ª—onde se encontra uma nota estatistica dos bois que desde 1847 até 1873 exportámos para a Inglaterra,—*só pela barra do Porto*,—e, aproveitando o ensejo, vamos completar aquella nota desde 1874 até 1885:

Annos	Cabeças	Valores
1874	20:310	1.560:380$000
1875	21:941	1.657:415$000
1876	13:434	1.140:950$000
1877	15:292	1.153:185$000
1878	13:932	1.168:040$000
1879	14:513	1.261:800$000
1880	16:386	1.290:180$000
1881	13:391	1.033:500$000
1882	22:415	2.042:467$000
1883	21:697	1.942:468$000
1884	17:927	1.613:003$000
1885	8:797	793:067$000

Do exposto se vê que tendo nós exportado em 1882 pela *barra do Porto* 22:415 bois no valor de 2.042:467$000 réis, a exportação foi baixando e no anno ultimo (1885) exportamos apenas 8:797 bois no valor de réis 797:067$000.

Differença para menos:

Réis.................... 1.249:400$000
Bois.................... 13:618

Vejam que differença!

Em compensação, ainda em 1882 exportavamos pouco, muito pouco vinho para França, emquanto que nos ultimos dois annos (1884 e 1885) exportámos milhares e milhares de pipas, no valor de milhares de contos,—comprehendendo vinhos de todas as provincias do nosso paiz, incluzive os verdes e *rascantes* do Minho,—e exceptuando os generosos do Alto Douro, porque infelizmente a phylloxera destroçou quasi todos os vinhedos d'aquella região, como grande parte dos da França,—e até hoje (1886) nem uns nem os outros se reconstituiram ainda. Pelo contrario—a devastação causada pela maldita phylloxera augmenta cada vez mais —e nós infelizmente já não temos districto algum incolume!...

V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz os-Montes*, *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*..

—

Acha-se tambem decadente a exportação de cebôlas para a Inglaterra, tendo sido muito importante ao norte do nosso paiz, nomeadamente n'esta freguezia de Villar.

Ha aqui lavrador que *só em um anno* apurou 1:200$000 réis em cebôlas!...

Tambem d'esta freguezia vae para o Porto grande quantidade de hortaliça e leite de vacca, no valor de muitos contos de réis por anno.

É tambem muito antiga n'esta parochia e representa contos de réis por anno a industria da lavagem de roupa, em que se empregam centos de mulheres.

Lava-se n'esta freguezia uma grande parte da roupa do Porto [1]—e lavar-se-ha emquan-

---

o caso as duas freguezias teem *area distincta* e *linha divisoria entre si*, o que não succede na dicta aldeia de S. Lourenço.

[1] Além de ter muita e excellente agua nativa, potavel e de rega, de veia corrente, ha n'esta freguezia mais de 100 noras de tirar agua, movidas por bois. Só nas aldeias de Baisa e Mariz se contam 38 dos taes engenhos.

[1] Já em 13 de novembro de 1656 o parocho se queixou ao visitador Fernão Pereira Soares, dizendo—que as lavadeiras, suas visinhas, lavavam muita roupa da cidade e sujavam a agua que ia para a residencia e

to ali se não desenvolver a lavagem a vapor, já iniciada com bom exito pela Santa Casa da Misericordia, que tem duas lavanderias d'aquelle systema,—uma no seu hospital de Santo Antonio,—outra no de Alienados.

Tambem no Porto e em Villa Nova de Gaya se empregam e ganham contos de réis por anno centos d'homens d'esta freguezia como artistas e trabalhadores da alfandega, d'armazens de vinhos, etc.

Tambem é aqui muito importante a industria da moagem de cereaes, pois só o rio Febros move nada menos de 164 rodas de moinhos, grande parte das quaes pertencem a esta freguezia;—e entre os seus muitos moleiros avultou Manoel Pinto dos Santos, já mencionado, que deixou a bagatella de 90 a 100 contos de réis,—fortuna superior á de muitos titulares!...

—

Ha tambem n'esta freguezia 4 grandes quintas:

1.ª—*Quinta de Baixo*, na aldeia de Villar.

Pertence aos herdeiros de Francisco Xavier Calheiros de Noronha, de Vianna, fallecido em 1883.

V. *Vianna do Castello*.

Tem boa casa nobre com brasão d'armas e uma capella de S. João Baptista com um soberbo retabulo de talha dourada, galilé e côro.

Pertencem a esta quinta muitos foros.

2.ª—*Quinta da Soêma*.

Foi de José Correia de Mello da Silveira e pertence hoje aos seus herdeiros, dois filhos naturaes, ainda menores.

Tem boa casa nobre e capella, tambem dedicada a S. João Baptista—e demora na mesma aldeia de Villar.

3.ª—*Quinta da Serpente*, na aldeia d'este lindo nome.

Foi de José Carneiro, fallecido ha muitos annos sem descendencia, e é hoje dos filhos do dr. Alexandrino de Castro, que foi secretario da camara de Villa Nova de Gaya.

É um predio espaçoso e tem boa casa de habitação.

4.ª—*Quinta da Rechousa*, na aldeia d'este nome.

Foi de Domingos Augusto da Silva Freitas Menezes e Vasconcellos, bem conhecido no Porto como *fidalgo da casa da Fabrica*, recentemente fallecido.

Tem boa casa brasonada e capella com a invocação de Jesus, Maria e José.

—

Ha finalmente n'esta parochia muitos pinheiraes e soberbas pedreiras de granito.

Os pinheiraes abastecem-n'a de combustivel e de madeira para construcções. Além d'isso temperam a athmosphera, embalsamam o ar, embellesam os seus montes e contribuem poderosamente para que esta parochia seja, como effectivamente é,—*muito saudavel*.

O granito das suas vastas pedreiras é tambem um manancial de riquesa, por ser o melhor que se encontra em todo o concelho de Villa Nova de Gaya.

D'ali[1] foi o granito para o convento de Grijó (diz a tradição) e para todas as casas principaes d'esta freguezia e das circumvisinhas, nomeadamente para as de Villa Nova de Gaya,—para o convento cruzio da Serra, para a estação das Devesas, e para a *Escola Municipal*, recentemente acabada.

Além do preço da vendagem do granito,[2] empregam-se muitos braços na exploração d'elle e muitas juntas de bois na sua conducção, o que tudo representa um grande capital.

Dos tres ultimos topicos se vê qual a importancia e riquesa d'esta parochia.

---

em que lavava a roupa da egreja, pelo que o visitador lhes prohibiu sob pena de excommunhão *latae sententiae* o continuarem a lavar a roupa n'aquelle sitio, impondo a cada uma das transgressoras a multa de 100 réis.

[1] Da *Pedreira de Santo Antonio*, que é hoje uma *tapada* e pinheiral.

[2] O melhor é o do *Monte da Matta*, que foi dividido em *sortes* e é hoje propriedade particular. Rivalisa com o do *Monte de S. Gens*, que é o melhor das cercanias do Porto,—e com o da *Serra de S. Domingos*, junto de Lamego, que é o melhor da Beira Alta—e com o do monte da *Penida*, junto de Barcellos, que é o melhor do Minho—e *talvez de Portugal!*...

V. *Villar*, aldeia da freguezia de Fontello.—e *Villar de Frades*.

Templos

Além da sua egreja matriz, tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Lourenço*, na aldeia d'este nome.

É um templo singelo e antiquissimo, reedificado em differentes datas.

Tem sobre a porta principal a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA PERTENCE A
VILLAR D'ANDORINHO.

No meio da amalgama que se dá n'esta povoação, como já dissemos, todas as suas casas deviam ter um distico semelhante ao da capella, para se saber a que freguezia pertencem.

Diz a tradição que esta capellinha foi a 1.ª matriz d'esta parochia e por isso *ainda hoje* a 1.ª ladainha que nas sextas feiras da quaresma sae da egreja matriz actual, dirige-se a esta capella de S. Lourenço. cujo padroeiro em tempos remotos teve pomposa festa annual com grande romaria, segundo se lê nas *Constituições* d'este bispado.

A dicta romagem acabou, mas ainda hoje aqui se festeja o padroeiro e a *Senhora de Guadalupe*, muito querida d'estes povos que por ignorancia a denominam *Senhora d'Agua de Lupe*, como denominam *Magdanélla* a freguezia de *Santa Maria Magdalena*, tambem d'este concelho.

A dicta capella de S. Lourenço é publica.

2.ª—*S. João Baptista*, na *Quinta de Baixo*, de que já fizemos menção.

3.ª—*S. João Baptista*, na quinta da *Soêma*.

4.ª—*Jesus Maria José*, na *Quinta da Rechousa*, tambem ja mencionadas.

Estas ultimas tres capellas são particulares, mas teem porta franca para o publico.

Tambem houve na povoação de Villar, no sitio ainda hoje denominado *Santa Ovaia*, uma capella com a invocação de *Santa Eulalia*, no chão que é hoje passal do parocho.

Era antiquissima e desappareceu ha muito tempo.

Suppõe-se que existiu no local onde, approximadamente em 1870, se encontrou uma sepultura de pedra, em fórma de pia.

—

Depois que a matriz d'esta parochia se mudou da aldeia de S. Lourenço para a de Villar, a sua 1.ª egreja esteve no local onde ainda hoje se vê a residencia parochial e unida a ella; como porem fosse pequena e o seu chão muito humido, resolveram fazer outra mais ampla—a matriz actual,—um pouco distante da residencia, mas em sitio bem escolhido:—alto, pittoresco e muito vistoso, sendo para lamentar que não transferissem tambem a residencia.

D'ali se descobre Valbom, Campanhã, Pedroso, S. Cosme de Gondomar, Avintes e o largo da Aguardente, hoje *Praça do Marquez de Pombal*, no Porto, etc.

Não se sabe ao certo a data da sua construcção, mas suppõe-se que foi feita no seculo XVI.

Na torre se vê a data de

1797

É um bom templo, mas pequeno para a população actual da freguezia.

Mede interiormente 25 palmos de largura e 127 de comprimento;—tem altar-mór e 4 lateraes com bons retabulos de talha dourada,—coro, orgão e torre com tres bellos sinos e relogio.

No alto do throno tem um crucifixo do *Salvador*, titular d'esta egreja, e aos lados as imagens de S. Bento, Santa Catharina e Santa Clara, sendo de boa esculptura esta ultima.

Na capella-mór se vê tambem um grande presepio com a adoração dos Magos e que tem pomposa festa annual no dia 6 de janeiro.

Os altares lateraes são os seguintes:

Do lado da Epistola:

1.º—*Senhora do Rosario*, com uma linda imagem da Virgem dentro de um camarim.

Tem confraria propria, legalmente erecta em 1810, e pomposa festa annual com romaria no 1.º domingo de maio.

No mesmo domingo o rev. José Maria Maia, de quem logo fallaremos, hoje abbade de Seixas, e que foi aqui parocho muitos annos, costumava, (honra lhe seja!) ministrar com grande pompa a 1.ª communhão aos meninos, o que dava muito relevo a esta festividade, mas infelizmente depois que o rev. Maia se ausentou decahiu a pompa da 1.ª communhão dos meninos.

2.º—*S. Sebastião*, o mais moderno e mais luxuoso d'esta egreja.

Foi concluido em 1877.

Do lado do Evangelho, tambem descendo da capella mór:

1.º—*Nossa Senhora da Conceição.*

Este altar substituiu e representa o de *Nossa Senhora do Ó*, que se venerava na antiga egreja, no dia de Nossa Senhora da Conceição.

Teve confraria propria, que era a fabriqueira d'esta parochia e fazia uma festa annual á Virgem, mas por falta de recursos a confraria acabou em 1883 e desde essa data é fabriqueira a junta de parochia.

2.º—*Das almas* ou *do Senhor Jesus das Almas.*

Tem confraria erecta em 1826 com muitas indulgencias e um anniversario na 2.ª feira immediata ao 2.º domingo d'outubro.

Conta hoje esta confraria mais de *tres mil irmãos* (?) d'esta parochia e das circumvisinhas.

Tambem n'este altar se venera o Menino Jesus, que tem confraria propria erecta em 1707, mas hoje conta um limitado numero de irmãos, por serem obrigados a pagar annualmente meio alqueire de milho, cada um.

Festejam o Menino Jesus no dia 1 de janeiro.

Tambem na matriz se festeja annualmente —Santa Luzia,—Santo Antonio com arraial, no domingo da Trindade,—e o corpo de Deus, no 3.º domingo d'agosto.

—

Esta parochia era dos frades benedictinos de Pedroso, mas, por escriptura feita em 19 de setembro de 1496, a cederam ás religiosas franciscanas de Santa Clara do Porto em troca da egreja de *S. João da Folhada*, no concelho de Marco de Canaveses. Ficou pois Villar d'Andorinho pertencendo desde 1496 até 1834 ás freiras de Santa Clara do Porto, que recebiam os dizimos e apresentavam o vigario, a quem davam a principio uma bagatella de congrua e o pé d'altar, mas com o decorrer dos tempos, augmento da população e subida do preço dos generos, os visitadores foram elevando a congrua dos vigarios. Em 1623 era de 18$000 réis;—em 1630 subiu a 24$000 réis—e em 1794 a 80$000 réis.

Hoje deve render 400$000 réis, approximadamente.

Contava então esta freguezia cerca de 200 fogos e de 800 habitantes e montavam os dizimos a 970$000 réis, que deviam corresponder a mais de 2:000$000 réis da moeda actual.[1]

Do exposto se vê que tanto a *Chorographia Portugueza* como a *Chorographia Moderna* foram mal informadas,—e no artigo *Villar de Paraiso* mostraremos quem era o *fidalgo que lia as estações e comia os dizimos* d'aquella e não d'esta parochia de Andorinho.

Cartorio da Universidade

Como esta freguezia, desde a sua instituição até 1496, foi do convento de Pedroso, e como este convento passou para os jesuitas e dos jesuitas para a Universidade, no archivo da Universidade se encontram muitos documentos importantes para a historia antiga d'esta parochia, como se vê do *Catalogo dos pergaminhos da Universidade de Coimbra*, feito pelo sr. Gabriel Pereira, illustrado filho d'Evora, e publicado em 1880.

Indicaremos apenas alguns d'aquelles documentos.

---

[1] Tambem as mesmas freiras recebiam os dizimos da minha terra natal, a freguezia da Penajoia, no concelho de Lamego,—dizimos não menos importantes, pois já em 1532 montavam a 160 alqueires d'azeite, 700 de pão, 2:000 de vinho e 2:500 de castanhas,—e em 1834 produzia aquella parochia muito pão, muitas castanhas, muita fructa e cerca de *duas mil pipas* de vinho!...

Era com certesa a melhor quinta das freiras de Santa Clara.

—A pag. 43 do dicto catalogo se menciona um do anno 1280, e que é a collação de um parocho d'esta freguezia, o que prova que ella data, pelo menos, do seculo XIII.

—A pag. 50 se menciona outro do anno 1318.

—A pag. 53 se menciona outro do anno 1342.

—A pag. 55 se menciona outro do anno 1361.

—A pag. 57 se menciona outro do anno 1374.

—A pag. 70 se menciona outro do anno 1459.

—A pag. 71 se menciona outro do anno 1470.

—A pag. 98 se menciona outro do anno 1256,—«pregaminho comprido, composto de tres pedaços deseguaes, um grande, outro menor e o ultimo muito menor. Sentença do bispo do Porto, D. Julião, a favor do mosteiro de Pedroso, sobre o padroado da egreja de Villar, contra o capitulo (cabido) da Sé do Porto, e pondo perpetuo silencio a outros pretendentes.

«No extremo do verso ha uma nota, que parece coeva, e diz: *de ecclesia sancti Salvatoris de vilare de feveros* [1]. No verso outra nota mais moderna (sec. XVI) diz: *S. Salvador de Villar d'Andorinho*. Outra mais moderna falla de *Villar d'Andorinho*.—João Pedro Ribeiro só diz *Villar*.—No documento falla-se de *S. Salvador de Villar*—e a $^1/_3$ proximamente se lê: *cujusdam hominis qui vocatur Andorinus*; [2]—algumas linhas infra: —*Andorinum filium fuisse dominici didaci cornicas*, [1] depois:—*Hermesenda germana Andorini*. [2]— Depois: —*ad fluvium feveros* (junto do rio *Feveros*, ou *Fevros*, que ainda hoje conserva o mesmo nome)»

O tal pergaminho (diz ainda o *Catalogo*) contém copias dos 9 documentos seguintes:

1.º da era de 1235, anno 1197.
2.º » » » 1174, » 1136.
3.º » » » 1172, » 1134.
4.º » » » 1217, » 1179.
5.º » » » 1238, » 1200.
6.º » » » 1238, » 1200.
7.º » » » 1240, » 1202.
8.º » » » 1241, » 1203.
9.º » » » 1249, » 1211.

—

Finalmente a pag. 110, sob o n.º 12 da 4.ª collecção especial, menciona um pergaminho muito importante para esta freguezia. Lamentamos não o ter á mão.

É da primeira metade do seculo XIV e n'elle se descreve o termo d'esta freguezia n'aquella data.

Principia assim:

Isti sunt termini de ecclesia sci salvatoris d'avilar que nocitant d'ferveros...

«Estes são os termos da egreja (freguezia) de S. Salvador de Villar que chamam de *Ferveros* (Villar d'Andorinho)»—e descreve em seguida os dictos termos.

É pois no cartorio da Universidade de Coimbra que se encontram os documentos mais importantes para a historia antiga d'esta parochia, mas quem houver de os consultar necessita de saber paleographia.

---

[1] Da egreja de S. Salvador de Villar de Feveros ou *Febros*.

Assim se denominava tambem outr'ora esta freguezia, por confinar com o rio *Febros*, como já dissemos.

[2] De um certo homem que se chama *Andorinho*.

D'aqui se infere que esta povoação de *Villar* no anno de 1256 era de um homem chamado *Andorinho* e que tomou d'elle o nome, como diz a tradição; mas talvez que *Andorinho* já fosse corrupção de *Adonorigo*, mencionado retro.

[1] Que o tal *Andorinho* era filho de *Domingos Diogo de Cornes*.

Permittam-me aventar a supposição de que este fidalgo era gallego, pois junto de S. Thiago de Compostella, na Gallisa, ha uma povoação importante denominada *Cornes* e d'ella tomou o nome a 1.ª estação da linha ferrea de S. Thiago a Carril.

Nós tambem hoje temos com o mesmo nome de *Cornes* uma aldeia na freguezia de *Espiunca*, concelho d'Arouca,—e uma aldeia e uma freguezia no concelho de Villa Nova da Cerveira, em frente da Gallisa.

[2] Que o tal *Andorinho* tinha uma irmã chamada *Ermesinda*.

O rio Febros

Banham esta parochia o rio *Febros* e differentes regatos seus confluentes.

O Febros nasce a N.E. do monte das *Vendas de Grijó*, na aldeia das *Corgas*, freguezia de Seixezello, junto da egreja matriz, lado O., onde tem um grande lavadouro publico;—caminha para leste, engrossando á proporção que avança;—atravessa e fertilisa os campos da formosa ribeira de Seixezello; toca na aldeia do *Amial* (freguezia do Olival) onde atravessa a antiga estrada de Vizeu e Arouca, e ali se lhe une um arroio que vem dos montes do Amial, mas que pertence á freguezia d'Argoncilhe!....—depois atravessa e fertilisa os vastos campos de *Lavadorinhos*, outra aldeia da freguezia de Olival, em cujo termo recebe as aguas do *Rio de Lobo* e outras que descem dos montes de *Seixo Alvo*, ou *Seixalvo*, com as quaes engrossa e principia a mover moinhos;—atravessa a povoação da Costa e alguns chãos da freguezia de Pedroso—e logo entra na freguezia de Villar, banhando a aldeia das *Menesas*, que devia pertencer á freguezia d'Avintes, porque está na margem direita, e o Febros é officialmente a linha divisoria das duas freguezias na extensão approximada de 2 kilometros, desde a aldeia das *Menesas*, até á de *Moinhos;*—depois divide a freguezia de Avintes da de Santa Eulalia de Oliveira do Douro até que desagua no rio d'este nome, formando na enseada o *Esteiro d'Avintes*.

Tem de curso total approximadamente 15 kilometros,—fertilisa muitos campos—e dá hoje movimento a 164 rodas de moinhos, pertencentes ás freguezias de Pedroso, Villar e Avintes. Já moveu maior numero, mas a cheia de dezembro de 1860 destruiu alguns—e a da noite de 20 para 21 de outubro de 1865,—a maior cheia de que ha memoria no Febros,—levou d'envolta 17 rodas de moinhos e varias pontes, destroçando ao mesmo tempo os campos marginaes e causando prejuisos enormes!

—

É muito pittoresco este rio no esteiro de Avintes, principalmente quando as chuvas do Douro o invadem, formando uma enseada de dois kilometros d'extensão para o interior e ficando em uma especie de promontorio o celebre morro do *Crasto* (Castro) ramificação dos *Montes da Matta*, d'esta freguezia, —morro gigante de forma pyramidal, aprumado sobre o Febros e só accessivel pelo lado sul. É um castello natural muito defensavel para o tempo d'armas brancas, e o seu nome e a sua configuração indicam ter sido ponto de refugio e defesa em tempos remotos.

Dista 1 kilometro da margem esquerda do Douro—e do curuto d'elle se gosa um panorama interessantissimo:

Ao sopé o rio e o esteiro, bons campos e algumas casinhas alvas de neve;—á esquerda a linda cerca dos frades da Conceição, hoje quinta do conselheiro Manuel Maria da Costa Leite [1];—á direita a vistosa e rica povoação d'Avintes;—ao norte o rio Douro, aqui manso e pacifico, sempre sulcado por flotilhas de barcos variadissimos desde os *rabellos* de longo curso até os botes, guigas e vapores de recreio;—além Douro as povoações de Campanhã e Valbom, avultando á esquerda o palacio do Freiro—e á direita a quinta das *Sete Capellas*, da familia Montenegro.

—

A pequena distancia do monte do *Crasto* se ergue a N. o monte do *Carcajido*, mettendo-se de permeio apenas o ribeiro de *Baisa*, confluente do *Febros*. Do alto d'elle se gosa um panorama semelhante ao do *Crasto*, mas muito mais amplo. D'ali se descobre o Porto e a egreja da Lapa, ficando as duas torres d'este templo em linha tal que a vista atravessa as 2 sineiras lateraes, como se fossem uma só.

Este monte é banhado tambem pelo *Febros* e pelas enchentes do Douro, do qual fica mais proximo, e parece um marco er-

---

[1] É capitalista e proprietario, lente da *Escola Medico-Cirurgica* do Porto e director actual da mesma Escola;—rezide no Largo das Virtudes;—é casado e tem successão,—e em julho do corrente anno de 1886 foi nomeado *visconde de Oliveira*.

V. *Myragaya*, vol. 5.º pag. 262, col. 2.ª

guido entre as freguezias d'Avintes, Villar e Oliveira.

Vamos fechar este topico dizendo que os visinhos do *Febros* não conhecem este rio por tal nome, mas pelo de *Madri'a*.

É trivial dizerem:—Vamos ao peixe á *Madri'a*,—a *Madri'a* está secca, etc.

Sirva o exposto de *rectificação* e *additamento* ao artigo *Feveros*, vol. 3.º pag. 180, col. 2.ª

Montes

Além dos mencionados avulta n'esta parochia o *Monte Grande*, a O. de Villar e de Oliveira—e a S. e O. de Mafamude.

Tem differentes sitios com differentes nomes:—*Cravellas*, *Santo Ovidio*, onde está uma capella d'esta invocação,—*Sardoal*, *Telegrapho*, onde esteve um telegrapho antigo de madeira,—*Monte de Laborim*,—e *Serra de S. Thiago*, toda de granito e sobranceira ás freguezias de Villar e Oliveira.

Tomou o nome de uma capella do apostolo, pertencente á ultima freguezia e que tem festa annual com um *clamor* ou procissão que ali vae da freguezia de Oliveira, desde tempo remotissimo, em cumprimento d'um voto.

Do curuto da dicta serra de S. Thiago se descobre um horisonte vastissimo:—a cidade do Porto, grande extensão do occeano e da costa, desde Leça até Espinho, e muitas terras do interior até os montes de Santo Thyrso, Vallongo, Marão, Penafiel e Arouca.

É um dos mais interessantes miradouros de Portugal, mas hoje os pinheiros que o povoam tolhem bastante as vistas.

Tem o dicto curuto uma pyramide geodesica e um marco, onde podem reunir-se e jogar o voltarete, revestidos com as insignias proprias da sua jurisdicção, os parochos de Villar, Mafamude e Oliveira, pois divide os termos d'estas 3 freguezias—e alguem diz que tambem ali toca a freguezia de Canellas.

Lista dos parochos

Desde 1617 (não podemos ir mais longe) foram collados n'esta freguezia os parochos seguintes:

Jeronymo Ayres, de 1617 a 1622.

João Leal Franco, de, 1623 a 1635.

Pedro Alvares Pereira, de 1637 a 1665.

Antonio Aranha Leão, de 1671 a 1709,—ou durante 28 annos,—e conservou se esta egreja na familia dos Aranhas nada menos de 143 annos, como os leitores vão ver, pois este, que era, da casa e quinta da *Egreja*, freguezia de Santo André de Lever, no concelho da Feira, renunciou no seu sobrinho:

Manuel Moreira Leão, filho de Cosme Aranha e de D. Maria das Neves. Foi aqui parocho de 1710 a 1733, e renunciou no seu sobrinho:

Antonio Aranha Leão, filho de Cosme Aranha e de D. Maria Antonia.

Foi parocho desde 1734 até 1794,—ou durante 60 annos consecutivos!... Era muito virtuoso [1] e falleceu com opinião de santo, tendo renunciado no seu sobrinho:

João Moreira Aranha, filho de Manuel Moreira Aranha e de D. Anna Maria da Silva.

Parochiou desde 1794 até 1814.

Foi um parocho benemerito, pois fez a parte nova da residencia e, se a morte o não surprehendesse, acabava por certo o edificio, que ficou em meio e é, mesmo assim, uma boa casa.

Conservou se pois esta egreja desde 1671 até 1814—ou durante 143 annos!...—na posse dos Aranhas da casa de Lever,—casa que ainda hoje (1886) pertence á mesma familia, muito dignamente representada pelo rev.mo sr. dr. Bernardo Moreira Aranha Furtado de Mendonça, que residia na sua casa de Santa Eulalia de Pedorido, concelho de Castello de Paiva, e hoje rezide no novo Se-

[1] Falleceu depois de 1794, mas foi suspenso e coagido a renunciar no sobrinho, por estar muito decrepito e não poder já bem cumprir o munus parochial.

Era muito amigo de creanças; costumava tractal-as nas suas doenças, applicando-lhes certas *mezinhas*, com o que adquiriu grande fama.

Jaz na capella-mór da egreja, na sepultura propria dos parochos, e ainda hoje (1886) ali lhe levam de grande distancia as creancinhas doentes;—collocam-nas sobre a sepultura e fazem orações ao finado, convencidos de que dentro de 8 dias ou a creancinha morre—ou se restabelece.

minario episcopal de Nossa Senhora do Rosario, fundado pelo eminentissimo sr. Cardeal D. Americo, bispo do Porto, junto da povoação dos *Carvalhos*, na freguezia de Pedroso;—seminario, onde o sr. dr. Bernardo Aranha, 2.º sobrinho do rev. João Moreira Aranha, é professor e vice-reitor.

—

Mas prosigamos com a lista dos parochos d'esta freguezia:

Antonio Pedrosa d'Araujo, de 1815 até 1855, ou 41 annos!...

Por causa das perturbações religiosas que se seguiram á implantação do governo constitucional, esteve ausente da sua egreja desde 1834 até 1843, sendo entretanto aqui parochos encommendados José Caetano da Motta e Domingos Alves Lopes, a vergonha do clero. [1]

Antonio Joaquim d'Almeida Raposo, de 1855 a 1856.

Era muito illustrado e foi transferido para a egreja de S. Pelagio de Fornos, bispado de Lamego.

José Maria Maia, de 1857 a 1882, ou durante 25 annos consecutivos, parocho de bons costumes e muito merecimento, hoje abbade da freguezia de Seixas, concelho de Caminha.

Antonio de Sá Teixeira Cardoso tem sido aqui parocho encommendado desde 1882 até hoje (1886).

—

O rev. José Maria Maia nasceu em Refoios do Lima a 4 de fevereiro de 1829;—foi alumno interno do seminario de S. Caetano, em Braga, de 1842 a 1851;—depois familiar do sr. D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, então bispo do Algarve;—recebeu em Lisboa a ordem de presbytero, conferida pelo em.^mo^ patriarcha D. Guilherme, em 1853;—n'esse anno foi despachado capellão militar de Sagres e parocho da mesma villa;—sendo o sr. D. Antonio B. da Fonseca Moniz transferido para o bispado do Porto em 1854, o rev. Maia pediu a sua demissão e em 1856 recolheu-se ao paço episcopal do Porto;—em 1857 foi provido n'esta egreja de Villar, onde se houve com zelo e dignidade e leccionou gratuitamente instrucção primaria 16 annos consecutivos, até que, por instancias suas, foi nomeado para esta freguezia um professor regio.

Encontrando a egreja muito pobre de paramentos, abriu uma subscripção entre os seus parochianos e amigos do Porto e conseguiu dotal-a com um palio decente, um paramento completo para as festividades e outros para uso.

Muito lhe deve pois esta parochia, mas, desejando approximar-se da sua familia e vagando a abbadia de Seixas, para ella se transferiu, collando-se no dia 27 de junho de 1882.

Foi-lhe dada a posse no dia 3 de julho do mesmo anno pelo rev. arcipreste de Ponte de Lima, parocho de Refojos de Lima, terra natal do rev. José Maria Maia, assistindo ao acto mais dois arciprestes e muitos cavalheiros.

Conta hoje pois o rev. Maia 57 annos de idade—e *trinta e tres* de vida parochial!...

A Santa

No dia 28 de dezembro de 1869, quando se tractava de remover para uma sepultura da egreja matriz uma grande quantidade d'ossos que obstruiam o vão onde trabalham os pesos do relogio, encontrou-se na dicta sepultura um cadaver de mulher ainda com dentes, cabello, mortalha e vestidos em bom estado de conservação.

O facto causou alvoroço e logo affluiu muita gente d'esta freguezia, das circumvisinhas e mesmo do Porto para verem a *Santa*, pois assim denominavam todos aquelle cadaver.

De dia para dia augmentava espantosamente a concorrencia, pelo que a auctoridade mandou sepultar novamente o cadaver; consta porem que ainda hoje se mostra a

---

[1] Referimo-nos ao padre Domingos Alves Lopes. Acobertado pela politica, foi o açoute dos seus parochianos. Tinha um viver dissoluto e fez parte da quadrilha que na noite de 2 de fevereiro de 1839 assaltou e roubou a casa do seu visinbo Manuel Martins das Neves; mas acabou miseravelmente em uma enxerga do hospital da Misericordia.

Talis vita, finis ita!...

quem ali vae e que montam a uma somma importante os donativos em habitos, dinheiro, etc,

Ignora-se completamente o nome d'aquella mulher e dos seus paes, mas é certo que jazia ali ha muitos annos;—o povo, pela sua simplicidade, continua a denominal-a *santa* e conta muitos milagres, feitos por intercessão d'ella.

Tambem continua a denominar *santo* o fallecido vigario Antonio Aranha Leão e lhe attribue igualmente muitos *milagres*.

Viação

Atravessa esta freguezia pelo *Monte Grande* e pelas povoações de *S. Lourenço* e *Balteiro* a nova estrada a macadam, de *Santo Ovidio* ou do *Alto da Bandeira* (freguezia de Mafamude) na estrada real do Porto a Coimbra e Lisboa,—para a freguezia de Lobão.

No sitio do *Padrão Vermelho* aquella estrada entronca na estrada municipal a macadam, que do mesmo ponto da *Bandeira* se dirige a Lobão, atravez das freguezias de Mafamude, Oliveira e Avintes—e que da freguezia de Oliveira dá um ramal para a matriz d'esta parochia de Villar d'Andorinho, tambem ligada por outro ramal com a estrada a macadam, primeiramente descripta.

Tem pois esta parochia hoje boas estradas que a ligam com as parochias visinhas e com Villa Nova de Gaya, com o Douro e com o Porto.

Noticias diversas

Entre esta freguezia e as de Avintes e Oliveira houve em outro tempo certa rivalidade, trocando nomes feios.

Costumavam insultar-se chamando *rabões* aos de Oliveira,—*chinos* aos d'Avintes—e *pardos* aos de Villar.

—Quando fallece alguem na povoação da *Serpente*, d'esta freguezia, e se faz o acompanhamento, vae apoz elles uma mulher levando á cabeça uma grande regueifa e um pipo ou garrafão com vinho para beberete dos convidados.

Em outras povoações e freguezias d'este concelho de Gaya e d'outros do bispado do Porto ha o mesmo costume do *beberete*, e em algumas, como na de Canellas, ha até casa propria no adro, destinada para o dicto *beberete* e por isso denominada *casa das pingas*.

—O vestuario dos habitantes d'esta freguezia é o proprio dos arrabaldes do Porto, caprichando as *lavradeiras* em se carregarem d'ouro e de saias nos dias de festa. Por vezes *só uma* leva *vinte saias* e *dois a tres contos* de réis d'ouro em brincos, broches, anneis, relicarios, gargantilhas e cordões!...

Tambem no dia da 2.ª leitura dos banhos vae a noiva com os parentes a casa do noivo levando uma grande merenda, a que chamam *o cesto*, e muitos foguetes para queimarem no fim da merenda.

—Todas as casas d'esta freguezia revelam pouca antiguidade, exceptuando uma da aldeia de *Baiza*, pertencente á familia *Cunhas*.

Tem na padieira de uma janella uma inscripção em caracteres exoticos—e na sala da dicta janella interiormente nichos nas paredes, cavados na pedra, e pequenas pias, como as de agua benta!...

Visitações

Ha n'esta parochia um interessante *Livro de Visitas*, que principia em 1617 e termina em 1864. Como este artigo vae muito longo, extractaremos apenas o seguinte:

—Em 24 d'outubro de 1617 o visitador recommendou, entre outras coisas, a esmola para as freiras de Monchique.

V. *Miragaya*.

—Em 13 d'outubro de 1619 o visitador elogiou o vigario pelo seu zelo, etc.,—e mandou que os freguezes concertassem a *galilé da egreja*.

Hoje não tem galilé.

—Em 10 de julho de 1623 o visitador, no titulo *Obras novas da Madre Abbadeça* (do convento de Santa Clara, que recebia os dizimos d'esta egreja) mandou que désse uma toalha *de lavor de frandes, bem pendente das ilhargas*,—e um *balduario* (talvez livro de ladainhas).

—Em 18 de junho de 1630 o visitador ele-

vou a 24$000 réis a congrua do vigario e mandou que se não celebrasse missa *sem dois lumes*, etc.

—Em 17 d'outubro de 1633 o visitador mandou que o vigario, á estação da missa, indicasse aos seus freguezes os caminhos que necessitavam de concerto.

Em outro tempo os nossos bispos obrigavam o povo a concertar os caminhos—e muitos d'elles se tornaram benemeritos despendendo boas sommas em obras publicas, nomeadamente D. João de Sousa, arcebispo de Braga, e D. Manuel de Vasconcellos Pereira, bispo de Lamego.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X, pag. 931, col. 1.ª e segg., n'este diccionario, —e *Lamego* e *Alvarenga* no supplemento.

—Em 3 de junho de 1637 o visitador outra vez *mandou* que os parochianos concertassem os caminhos, cada um nas suas testadas, etc.

—Em 13 d'outubro de 1645 o visitador mandou que os parochianos fizessem um frontal de *legatura* (tecido de lã) para o altar da Senhora do Ó.

Suppomos que este altar é hoje o de Nossa Senhora da Conceição.

—Em 8 de janeiro de 1647 o visitador pediu que soccorressem com uma esmola o padre Manoel de Deus, pobre e cego, residente no Porto.

—

—Em 21 de setembro de 1648 o visitador lamentou que a egreja não tivesse sacristia e ordenou que a madre abbadessa a mandasse construir.

—Em 26 d'outubro de 1650 o visitador, vendo que a madre abbadessa ainda não tinha mandado fazer a sacrista, multou-a em 4$800 réis, somma importante n'aquelle tempo.

—Em 29 de junho de 1652 o visitador mandou que festejassem a Senhora do Ó no dia da Conceição, como *antigamente* se festejava n'esta egreja.

—Em 9 d'outubro do mesmo anno o visitador mais uma vez mandou que os freguezes concertassem os caminhos, cada um nas suas testadas.

—Em 20 de novembro de 1653 o visitador mandou que *revocassem* a egreja pela parte de fóra, *tomando-lhe os boracos* que penetravam dentro!...

—Em 1 de dezembro de 1655 o visitador, constando-lhe haver cahido a capella de S. Lourenço, mandou que a madre abbadessa a fizesse reconstruir sem demora.

—Em 11 de novembro de 1659 o visitador prohibiu que os caçadores fossem á missa levando as armas e os cães,—sob pena de 550 réis por cada infracção.

—Em 25 de março de 1665 o visitador elogiou abertamente o parocho pelo seu zelo, etc.

—Em 30 de novembro de 1671 o visitador mandou que os freguezes concertassem os caminhos, aprumassem as arvores, cortassem as silvas e recolhessem as aguas dentro de 15 dias, sob pena de pagar 200 réis todo aquelle que assim o não cumprisse.

—

—Em 3 de dezembro de 1675 o visitador mandou que no acto do baptismo se dessem ás creanças nomes de *santos canonisados*, sob pena de 500 réis, pagos pelo ministrante.

Incumbiu tambem o parocho de expôr aos seus freguezes—que não era licito jurar falso para favorecer alguem.

Prohibiu tambem—*sob pena de excommunhão maior ipso facto incorrenda*—levar vinho aos arraiaes para vender, por occasião das festas religiosas;—e sob a mesma pena aggravada com 2$000 réis de multa para a Sé e meirinho, mandou que nos domingos e dias santos se não vendesse tambem vinho no adro e nas proximidades da egreja.

O visitador levava estas e outras instrucções que omittimos, firmadas pelo bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda.

—Em 4 de novembro de 1676 o visitador ordenou, entre outras coisas, o seguinte:

«O rev. parocho examine as parteiras da

sua freguezia na fórma que devem baptisar em caso de necessidade...

«Não permitta que clerigo algum masque tabaco nem o tome de pó ou de fumo, antes de dizer missa...

«Não consinta que na egreja, Adro ou sacristia se converse alto, ou passeie, nem se coma ou beba, pois é logar sagrado.»

—

—Em 28 d'outubro de 1681 o visitador mandou transcrever as longas instrucções que levava firmadas e selladas pelo mesmo bispo D. Fernando, das quaes extractaremos apenas o seguinte:

«Fomos informados que alguns barbeiros e cirurgiões continuam a dar sangrias *sem conta* aos enfermos, sem primeiro se lhes administrar os sacramentos... mandamos *sob pena de excommunhão maior ipso facto incurrenda,* e de dez cruzados, pagos do aljube, que nenhum barbeiro ou cirurgião dê mais de *duas ou tres sangrias* a um enfermo, sem o parocho lhe administrar o sagrado viatico, etc.

«Mandamos... que nenhuma pessoa, ecclesiastica ou leiga, secular ou regular, cante chans e notas ou lettras algumas em lingua portugueza, castelhana, negra, ou qualquer outra lingua vulgar, nas egrejas, ermidas ou procissões, etc.»

Pela sua parte o visitador mandou que os mordomos, para irem temperar a alampada do Santissimo, fizessem uma chave para a porta travessa da egreja, por estarem as casas da residencia *distantes d'ella.*

Do exposto se conclue que já então a egreja estava no sitio onde hoje se vê—e que para ali foi transferida antes de 1617, pois em nenhuma das *visitas* que vamos extractando se faz a minima referencia a tal mudança.

—

—Em 21 d'agosto de 1686, achando-se em Mafamude o bispo D. João de Sousa, acompanhado por missionarios e confessores, andando a visitar pessoalmente a sua diocese, ali chamou o parocho e freguezes de Villar d'Andorinho, e, entre outras coisas, lhes ordenou o seguinte:

Que tivessem a egreja mais limpa e se abstivessem dos serões;—que o parocho, tendo de baptisar filhos illegitimos, inquirisse quem lhes davam por paes, (?) para se poder aquilatar os impedimentos,—e que não consentisse que na sua freguezia fosse de novo morar mulher solteira, sem lhe constar que era de bom procedimento;—que não consentisse tambem na sua parochia danças e folias,—e que a madre abbadessa mandasse fazer na capella-mór um retabulo novo *á moderna, porque o actual tem só tres tabuas pintadas indecentemente.*

—Em 7 de novembro de 1687 disse o visitador:

«Não tenho noticia do andamento da obra do retabulo; recommendo ao parocho que indague, e, vendo que se não fez, ponha sequestro em todos os fructos da egreja, etc.»

Na visitação seguinte já estava feito o retabulo.

—Em 5 de dezembro de 1694 o visitador censurou asperamente o parocho por consentir os serões nas eiras e nas estradas—e os moleiros por moerem e picarem as pedras nos domingos e dias santos!...

—

—Em 11 d'outubro de 1699 o bispo D. Fr. José de Santa Maria, achando-se de visita á diocese na freguezia de Oliveira, chamou ali o parocho e freguezes de Villar d'Andorinho e, entre outras coisas, mandou que fosse assistir ao ensinamento da doutrina uma pessoa de cada casa, levando em sua companhia os menores.

—Em 20 d'outubro de 1701 o visitador mandou que os freguezes reparassem a ponte das Chans;—que o Aleixo de Mattos não mettesse a agua pela estrada... sob pena de 100 réis para o cepo—e que mudassem para dentro da egreja a pia da agua benta, que então estava debaixo da galilé.

—Em 3 de novembro de 1705 o visitador prohibiu que as lavadeiras trabalhassem nos domingos e dias santos, sob pena de 100 rs. pela primeira vez *e as mais em dobro* para o cepo.

—Em 3 de novembro de 1707 o visitador prohibiu que os foliões e comediantes leigos cantassem nas missas solemnes e nos officios de defuntos.

—

—Em 27 de novembro de 1713 o visitador mandou que se concertasse sem demora o tecto da egreja, por estar todo *sobre espeques.*

—Em 14 de setembro de 1752 o visitador vendo que a madre abbadessa não tinha mandado reparar a capella de S. Lourenço, nem feito outras obras que lhe haviam sido ordenadas, lavrou termo de sequestro nos dizimos, que n'esse anno andavam arrendados por 588$500 réis!...

As dictas obras foram orçadas em 30$000 réis.

—Em 8 de dezembro de 1794 o visitador suspendeu o venerando reitor Antonio Aranha Leão *pela sua decrepitude e tremula idade e pelas irreverencias que pratica celebrando até ás duas horas da tarde*, etc.

Mandou que ampliassem a sacristia, por ser pequena,—e elevou a congrua do parocho de 20 a 80$000 réis, attendendo ao augmento da população e ao grande rendimento dos dizimos, 970$000 réis n'aquelle anno!

—Termina finalmente o mencionado livro com o acto da visita de 29 de setembro de 1864. N'essa data o sr. D. João da França Castro e Moura não só visitou *pessoalmente* esta egreja, mas n'ella celebrou e chrismou.

Desde 1617—e talvez desde epocha muito anterior—nenhum bispo tinha vizitado, nem depois d'elle visitou até hoje *pessoalmente* esta egreja.

Deus o tenha em bom logar!...

—

Aos meus bons amigos e collegas, os reverendissimos srs. Manuel Dias Reis de Castro Portugal e José Maria Maia, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

O rev. Maia foi aqui parocho 25 annos e é hoje digno abbade de Seixas, como dissemos supra;—o sr. Castro Portugal nasceu na povoação de *Baisa*, d'esta parochia, no dia 30 de março de 1836—e ordenou-se em 1869.—É filho legitimo de José Dias dos Reis e de D. Joanna Martins das Neves—e parente proximo do sr. dr. Antonio Joaquim dos Reis Castro Portugal, que foi administrador muitos annos do concelho de Villa Nova de Gaya [1].

VILLAR D'ANGUEIRA,—povoação antiquissima em *Terras de Miranda*, hoje representada pela freguezia de *S. Cypriano d'Angueira*, concelho de Vimioso, ou pela de *S. Martinho d'Angueira*, concelho de Miranda do Douro.

V. *Angueira* n'este diccionario—e as *Dissert. Chronol. e Crit.* de J. P. R. vol. 3.º pag. 214.

D. Sancho I doou a D. Tello a dicta povoação de *Villar d'Angueira*: *Ego Sancius, Dei gratia, Portugal. Rex, una cum uxore mea, Regina D. Dulcia, et filiis, et filiabus meis...*

Liv. 2.º de Doações do Senhor D. Affonso III. fl. 15, na Torre do Tombo.

A mencionada doação não tem data, mas devia ser feita pelos annos de 1195 a 1198, porque os bispos confirmantes foram:—D. Martinho, de Braga,—D. Martinho, do Porto,—D. Pedro, de Lamego,—D. Nicolau de Viseu,—D. Pedro, de Coimbra,—D. Sueiro, de Lisboa,—e D. Pelagio, d'Evora, os quaes figuram todos em outro documento do anno 1200 e só conviveram de 1195 a 1204,—e a rainha D. Dulce falleceu no anno de 1198.

Como rectificação aos artigos citados, note-se que a freguezia de *S. Cypriano d'Angueira* pertence hoje ao concelho de Vimioso, comarca de Miranda,—e a de *S. Martinho d'Angueira* pertence ao concelho e á *comarca* de Miranda tambem,—não á do *Mogadouro.*

Terminaremos dizendo que em todo o nosso paiz não ha hoje povoação ou freguezia alguma com o nome de *Villar de Angueira.*

VILLAR D'AREIAS—couto extincto.

Assim se denominava o *couto de Cervães* (no extincto concelho do Prado, comarca de Vianna,—hoje concelho e comarca de Villa

---

[1] Poucos dias depois de escrevermos este artigo, falleceu o sr. padre Manuel Dias Reis na praia de *Lavadores*, freguezia de Santo André de Canidello, onde era capellão e rezidia.

Lux aeterna luceat ei!...

Verde) porque comprehendia a parochia actual de *S. Salvador de Cervães* e metade da de *S. Vicente d'Areias,* no concelho actual de Barcellos. A outra metade da dicta parochia pertencia ao *couto de Manhente*.

V. *Cervães,* vol. 2.° pag. 255,—*Manhente,* vol. 5.° pag. 52, col. 2.ª—e *Areias,* freguezia do Minho, concelho de Barcellos (não do *Prado*) vol. 1.° pag. 238—E,—col. 1.ª

De passagem diremos que uma má estrella pesou sobre o topico *Areias.* N'elle, em virtude da grave doença que ao tempo affligia o meu benemerito antecessor, ha muitos lapsos de redacção, d'alphabetação e de paginação,—lapsos que em grande parte repararemos no artigo *Villar de Frades,* onde havemos de descrever tambem as freguezias de S. João de *Areias de Villar* e Santa Maria Magdalena de *Villar,* concelho de Barcellos que, tambem por lapso, não foram descriptas no logar proprio.

Não se confunda *Villar d'Areias,* o couto extincto, com *Areias de Villar,* — freguezia que havemos de descrever em *Villar de Frades,* a qual representa as duas de *S. João Baptista* e *Santa Maria Magdalena* de *Areias de Villar* e tem hoje por matriz a magestosa egreja do extincto convento dos *loios,* séde do grande couto de *Villar de Frades.*

VILLAR BARROCO,—freguezia do concelho de Oleiros, comarca da Certã, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Orago S. Sebastião,—fogos 91,—habitantes 370.

Curato.

Em 1708 contava 39 fogos;—era curato da apresentação do prior de Cambas,—e pertencia ao termo e concelho da Covilhã, corregedoria e diocese da Guarda, provedoria de Vizeu.

Em 1768 era curato da mesma apresentação e diocese;—rendia 10$000 réis, afóra o pé d'altar,—e contava 34 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 79 fogos e 294 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 91 fogos e 371 habitantes—e a *Memoria de Oleiros,* escripta e publicada em 1881 pelo sr. D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, bispo d'Angra, deu-lhe 74 fogos.

—

É a freguezia menos populosa e menos importante do concelho de Oleiros.

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, passou com todas as d'este concelho para o bispado de Portalegre.

Freguezias limitrophes:—Orvalho, Estreito, Sernadas e Almaceda.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—*Villar Barrôco,* séde da freguezia, com 25 fogos, segundo se lê na *Memoria de Oleiros,*—Malhadancha com 14,—Povoa da Ribeira com 6,—Valle da Sellada com 1,—Aziral com 3,—Povoa de Cambas com 7—e Villarinho com 18.

Villar Barroco demora na pendente O. da serra do *Muradal* e tomou o nome de uma profunda e estreita garganta que lhe fica a sopé, por onde corre a ribeira da *Malhadancha,* que desagua na margem esquerda do Zezere, junto de Cambas,—segundo se lê na *Memoria de Oleiros,* mas o meu mappa differe um pouco.

Dista da margem esquerda do Zezere 5 a 6 kilometros;—14 a 15 de Oleiros, para E. N.E.;—40 de Villa Velha de Rodam, para N.O.—70 da estação do *Peso* [1] na linha ferrea de Lisboa a Madrid por Caceres;—100 de Portalegre—e 274 de Lisboa, pela estação do Peso.

—

Alem da sua egreja matriz, templo singello, mas muito antigo, ha n'esta parochia 3 capellas:—*Bom Jesus,* em Villar,—*S. Pedro,* em Villarinho,—e *Nossa Senhora da Estrella* em Malhadancha.

Consta que esta ultima foi fundada pelo rev. Manuel d'Almeida, prior de Cambas, fallecido em 1734.

Parece que em tempos remotos as povoações que hoje constituem esta parochia pertenceram á de Cambas.

Foi aqui parocho, e muito digno, o rev. Mathias Dias Leitão, natural d'esta freguezia,—desde 1815 até 1833;—seguiu-se-lhe o padre Rafael Antunes até 1842;—depois vol-

---

[1] É a estação mais proxima, em quanto se não construe a linha da Beira Baixa.
V. *Vias Ferreas.*

veu a parochial—ao rev. Mathias Dias Leitão, que ainda vivia em 1859;—succedeu-lhe um sobrinho — Antonio Dias Leitão;—a este José Lourenço Rodrigues—e a este o rev. João Gaspar, que era aqui parocho em 1881.

A congrua d'este curato é de 100$000 rs. comprehendendo o pé d'altar, avaliado em 10$000 réis!...

Producções dominantes: — azeite, castanhas, vinho e cereaes, mas em pequena quantidade.

Esta parochia está hoje civilmente unida á do Estreito.

VILLAR DE BESTEIROS,—freguezia do concelho e comarca de Tondella, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago S. João Baptista,—fogos 232,—habitantes 1:016.

Em 1708 era abbadia do padroado real, —contava 120 fogos—e rendia 200$000 réis.

Fm 1768 era abbadia da mesma apresentação—e contava 149 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 210 fogos e 969 almas—e o de 1878 deu-lhe 229 fogos e 1:011 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a sua população.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Carregueiro,* séde da freguezia,—Povoa, Casal de Cima, Casal de Baixo, Aldeia [1] e Freixeda, todas já mencionadas na *Chor. Portugueza,* bem como a quinta de *S. Vicente,* com uma ermida d'esta invocação,—e outra de *Nossa Senhora,* na Aldeia.

Os apontamentos que recebi da localidade mencionam tambem a aldeia da Venda—e a *Chorographia Moderna* menciona ainda a povoação de *Alcouce.*

Freguezias limitrophes:—Nandufe, Santa Eulalia e Mosteiro de Fragoas.

—

Demora na margem esquerda da ribeira da *Taboaça* (uma das nascentes do Criz, affluente do Mondego) da qual dista 2 kilometros,—10 de Tondella para N.,—22 de Vizeu para S.O.,—28 da estação de Santa Comba, na linha da Beira Alta,—114 da Figueira,—164 do Porto—e 293 de Lisboa.

Esta parochia é servida pela estrada real a macadam, n.º 8, de Vizeu á Mealhada por Tondella e Santa Comba Dão—e por duas estradas municipaes, a macadam tambem, partindo uma d'ellas da dicta estrada real atravez d'esta freguezia, para a feira de Campos, distante uns 6 kilometros.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz—e 2 capellas,—uma publica, outra particular.

A matriz é um bom templo, espaçoso, elegante, muito bem situado, com amplas vistas, uma linda torre a meio da fronteria com balaustrada nas sineiras, e um adro bonito murado.

A capella particular pertence ao lindo palacete brasonado que a nobre familia Calheiros tem na *Aldeia* ou na povoação de *Villar.* Foi de Antonio de Mattos Vasconcellos Mascarenhas e hoje é dos filhos e herdeiros de Antonio Calheiro Pitta de Noronha.

Tem uma elegante fronteria com escada exterior dupla, bonito pateo com um chafariz, capella, jardins e grande cerca, bons campos, vinhedos, matta, pomares, etc., o que tudo fórma uma das primeiras vivendas d'este concelho.

—

A *capella publica,* simplesmente indicada pelo meu informador, supponho ser a de *Nossa Senhora,* mencionada pela *Chor. Port.* na povoação da *Aldeia,*—e pelo *Sanctuario Marianno* (vol. 5.º pag. 300) com o titulo de *Nossa Senhora do Rosario,* na povoação e freguezia de *Villar de Besteiros,* da qual, em resumo, diz o seguinte:

É tão antiga que não se sabe quando nem por quem foi fundada primitivamente e, por ser muito pequena, reformaram-n'a approximadamente em 1680, ficando a medir 40 palmos de comprimento e 25 de largura, com um retabulo novo de talha *e de obra salomonica,* que toma toda a frente, pois não tem capella-mór com divisão, nem outro altar alem do da padroeira.

Tinha n'aquelle tempo (1716) duas irmandades:—uma de mordomos de eleição an-

---

[1] Parece-nos que esta povoação tambem se denomina *Villar.*

nual, que festejavam á sua custa a Virgem do Rosario no seu dia proprio, a 1.ª dominga d'outubro, com missa cantada e sermão;—a outra irmandade tinha estatutos approvados e não podia comprehender mais de 150 irmãos, que eram obrigados a acompanhar com as suas vestes brancas os irmãos fallecidos e a resar por elles, no dia do seu fallecimento, um rosario.

Em virtude da lettra do estatuto, cada irmão tinha tres officios de nove lições, sendo obrigados a assistir a elles todos os irmãos sobreviventes e a resar outro rosario.

Tambem a irmandade era obrigada a fazer todos os annos um anniversario pelos irmãos fallecidos—e a festejar a sua padroeira com sermão, procissão e missa cantada no dia da Senhora—e com missa cantada sómente, nos dias da Conceição, Purificação e Encarnação.

Tinha n'aquelle tempo um capellão, que celebrava missa todos os sabbados pelos irmãos vivos e defuntos—e nos outros dias da semana e nas sextas feiras da quaresma pelos irmãos fallecidos.

E, em cumprimento d'antigos votos, todos os parochianos eram obrigados a ir em procissão, com o seu parocho e cruz levantada, visitar a dicta capella todos os annos duas vezes:—a 1.ª na dominga *in-albis*,—a 2.ª no dia da Ascenção do Senhor,—sempre de tarde.

—

O chão d'esta freguezia é mimoso e fertil—e as suas producções dominantes são:—milho e vinho bom de mesa, que actualmente exporta em quantidade para França, bem como todo o nosso paiz, exceptuando o Alto-Douro, por se acharem os seus vinhedos quasi todos anniquilados pela maldita phylloxera.

Só um commissario francez comprou já est'anno de 1886 na Bairrada e na Beira cerca de 20:000 pipas de vinho!...[1]

Tambem esta freguezia produz centeio, castanhas e fructa de todas as qualidades;—tem muitos pinheiraes e cria bastante gado lanigero.

Tem uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino—e oito rodas de moinhos na ribeira da *Taboaça*, que unida a outras forma o rio Criz, affluente do Mondego.

VILLAR DE CERVOS,—aldeia da freguezia de Alvarenga, concelho e comarca de Arouca, districto de Aveiro, bispado de Lamego, na provincia do Douro.

V. *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo, rectificando o que o meu benemerito antecessor disse da celebre ponte, attribuida ao imperador Trajano, mas que foi feita nos fins do ultimo seculo, como já dissemos nos artigos *Villa Jusã*, vol. X, pag. 772, col. 2.ª—e *Villa Real de Traz os Montes*, no mesmo vol. pag. 931.

VILLAR DE CHAMOIM—ou simplesmente *Villar*,—freguezia do concelho de Terras de Bouro, comarca de Amares, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria;—orago Santa Marinha;—fogos 80,—habitantes 330.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do mosteiro benedictino de Rendufe,—contava 50 fogos—e rendia 40$000 réis para o vigario—e 80$000 réis para o convento.

---

[1] Nota em litros do vinho exportado pela alfandega de Vianna do Castello durante os ultimos tres annos.

	FRANÇA	HESP.	ING.	SUEC.
1883....	—	58:372	—	—
1884....	—	17:319	—	—
1885....	3.180:081	974	72	90

Os valores correspondentes a esses annos são: 1883, 3:300$200; 1884, 994$500; 1885, 211:986$446 réis.

Pela alfandega da Figueira da Foz foram exportados em 1885 e em 1886 (até 31 de maio) as seguintes quantidades de vinho, expressas em hectolitros:

	BRAZIL	FRANÇA
1885............	129:055	74:279
1886............	75:155	425:103

O valor dos vinhos exportados pela Figueira em 1885 sóbe a 138:867$950; e o dos exportados nos cinco primeiros mezes do corrente anno (1886) sobe já a 300:232$680 réis.

Pertencia então ao concelho de Bouro, comarca de Vianna.

Em 1768 contava 66 fogos;—o censo de 1874 deu-lhe 73 fogos e 335 (?) habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 79 fogos e 326 habitantes.

Demora na margem esquerda do rio Homem e dista 2 kilometros da séde do concelho (a aldeia de *Covas*, freguezia de Moimenta) para E.;—20 da séde da comarca, para N.;—22 da séde do districto, para N. E.;—77 do Porto—e 414 de Lisboa.

—

Comprehende 4 aldeias:—Motta, Outeiro, Paço e Travaços.

Freguezias limitrophes:—Monte, Moimenta, *Chamoim*, da qual tomou o titulo,—e *Gondoriz*, alem do rio Homem, que lhe corre ao norte.

Producções dominantes:—milho, centeio, feijões, batatas, vinho, azeite, castanhas e fructa.

Templos: a egreja matriz, em bom estado de conservação,—e 2 capellas publicas:—uma de *S. Bento*, na aldeia de Travaços,—outra de *Nossa Senhora do Livramento*, com irmandade propria, junto da povoação do Outeiro,—ambas bem conservadas.

A egreja demora no sopé da serra, denominada *Alto do Seixo*, por onde passava a celebre estrada romana da *Geira*, uma das 5 que de Braga conduzia a Astorga, atravessando o Cavado na ponte do *Porto*, e seguindo pelas freguezias de Caires, Paredes Seccas, Souto, Balança, Chorense e esta de *Villar*, «onde se acha (diz a *Chorogr. Moderna*) um padrão ou marco milliario abaixo do logar de Travaços.»

V. *Caires, Campo do Gerez, Portella do Homem, Estradas romanas* e *Geira*.

—

O ultimo vigario collado d'esta freguezia foi o rev. Antonio José Gonçalves, fallecido em 19 d'agosto de 1877.

N'esta freguezia costumam os parochos receber o seguinte:

De cada baptisado ou casamento, um pão trigo de 40 réis—e de cada obito, no dia do enterro 4^{l},433 de milho grosso, 2 palmos de rôlo de cera e 20 réis em dinheiro,—e pelos *bradados* ou resa annual 239^{l},277 de milho grosso,—60 litros de vinho—e 1$200 réis em dinheiro.

Tambem o parocho recebe de cada fogo, sendo lavrador rico, de 1.ª classe,—17^{l},725 de centeio,—17^{l},725 de milho grosso—e 24 litros de vinho;—e de cada fogo, rico ou pobre, tem de oblata, sendo casado, 17^{l},725 de milho grosso,—e, sendo viuvo ou solteiro, 8 litros da mesma especie.

Foram naturaes d'esta freguezia os padres—José Gonçalves da Silva e Manuel Gonçalves da Silva, irmãos um do outro, e falleceram—o 1.º no dia 31 de julho de 1879, ás 5 horas da noite, contando 85 annos de idade,—e o 2.º ás 12 horas da noite do mesmo dia, contando 88 annos de idade.

Viviam na companhia um do outro.

Falleceu tambem,—mas na freguezia de Caires, concelho de Amares,—em outubro de 1885, o rev. abbade d'aquella freguezia, José dos Santos Moura, a quem devo os apontamentos supra e tantos outros com que honrou as paginas d'este diccionario.

Deus o tenha em bom logar!...

VILLAR DE CHAN,—quinta, casa e torre, solar dos *Pintos*, senhores de *Ferreiros de Tendaes*. V. vol. 3.º pag. 178, col. 2.ª

VILLAR CHÃO,—freguezia do concelho e comarca de Vieira, districto e diocese de Braga na provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Paio;—fogos 78, habitantes 341.

Em 1706 era da apresentação dos arcebispos,—rendia para os abbades 90$000 réis,—contava 50 fogos—e pertencia ao mesmo concelho de Vieira, mas á comarca de Guimarães.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 260$000 réis—e contava 63 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 72 fogos e 366 habitantes—e o de 78 a população indicada, supra.

Demora esta freguezia na margem direita do Ave, do qual dista 1 kilometro para N.O.,—8 da séde do concelho para S.E.,—43 de Braga,—98 do Porto (por Braga)—e 435 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Pinheiro a N.,—Anjos a S.—e Mosteiro a O.

Os apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador d'este concelho dizem que esta parochia é formada pela aldeia de *Villar Chão* sómente, mas a *Chorogr. Mod.* dá-lhe as aldeias seguintes:—*Villar Chão*, a séde da matriz,—Abelheira, Balteiro, Pereira, Carreira, Amiã, Lage e Portella!...

—

Não tem estrada alguma a macadam e dista 8 kilometros da mais proxima, a municipal, que atravessa este concelho e liga a estrada real n.º 28 (de Braga a Chaves) com a districtal n.º 6, de Amares a Refoios.

Emquanto a templos, tem apenas a egreja matriz, bastante singella, mas bem conservada.

Nunca foi villa, nem tem cemiterio, nem festa alguma em dia determinado.

Banham esta freguezia:—a ribeira da *Abelheira*, tambem denominada rio da *Pertega*, que tem uma ponte d'este nome e desagua no Ave,—e os ribeiros de *Canas, Muros* e *Portosinhos*, que desaguam na Abelheira, dentro d'esta parochia.

A dicta ribeira move 2 lagares d'azeite e 12 moinhos de cereaes.

Producções dominantes:—milho, vinho, azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em hervagens de semente e cria muito gado bovino, que engorda e exportou em grande quantidade, antes de decahir esta industria, que foi muito importante n'esta freguezia e a sua principal fonte de riquesa.

V. *Villar d'Andorinho.*

—

Os habitantes d'esta parochia são hoje bons visinhos, muito laboriosos e muito pacificos, mas em tempos que não vão longe foram *muito desordeiros.*

Costumavam concorrer em grande numero ás festas, feiras e romarias, sempre armados de varapaus,—insultavam e provocavam os povos visinhos—e quasi nunca terminava a festa ou feira sem distribuirem *grossa pancadaria*!...

Esta parochia está na vertente occidental da serra da *Cabreira*, onde apascentam muito gado cabrum e lanigero e fazem muito carvão que levam para Braga.

Tem uma eschola official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Ha nos limites d'esta parochia tres grandes penedos, denominados *Penedos da Pinga*, porque um d'elles assenta sobre os outros dois, formando uma especie de ponte com 3 metros de abertura e 4 d'altura—e está sempre, mesmo na estiagem, vertendo ou *pingando* agua do tecto ou do penedo superior sobre o dicto vão,—agua que é tida por milagrosa e por isso alguns habitantes d'esta freguezia se banham n'ella, em um pequeno tanque, que está no dicto vão.

Diz a lenda—que S. José, passando por ali, batera com o seu cajado no penedo e que desde então o penedo ficara sempre pingando; mas quem não acreditar não pecca.

VILLAR CHÃO,—freguezia do concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Reitoria.

Orago.—Nossa Senhora da Assumpção,—fogos 134,—habitantes 543.

Em 1706 era da apresentação do abbade da villa d'Alfandega da Fé,—tinha 2 ermidas e 4 fontes,—colhia muito azeite,—contava 82 fogos,—pertencia ao extincto concelho de Castro Vicente, comarca de Moncorvo—e ao arcebispado de Braga.

Em 1768 era da mesma apresentação,—rendia para o seu cura 8$000 réis, alem do pé d'altar,—e contava 80 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 122 fogos e 537 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 132 fogos e 523 habitantes.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga, bem como todas as outras freguezias d'este concelho e as dos concelhos de Villa Flor, Carrazeda d'Anciães, etc.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 10.º pag. 927, col. 2.ª

—

A aldeia de *Villar Chão*, séde d'esta parochia e da sua egreja matriz, demora na margem direita de um regato, affluente do Sabor, do qual dista 3 kilometros para O.;—11 de Alfandega da Fé;—35 de Moncorvo, para N.E.;—41 da estação do Pocinho (a mais

proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação de Tua até á Barca d'Alva e Salamanca (V. *Vias Ferreas*)—205 do Porto pela estação do Pocinho—e 542 de Lisboa.

Producções dominantes:—vinho, azeite e cereaes.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho de Chacim, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Alfandega da Fé.

As suas freguezias limitrophes são:—Castro Vicente, Alfandega da Fé e Sendim da Ribeira, na margem direita do Sabor,—e Paradella na margem esquerda d'este rio.

N'esta freguezia *nem n'este concelho* não ha nem toca estrada alguma a macadam!

A mais proxima é a de Mirandella a Moncorvo, por Villa Flor.

—

Nasceu n'esta freguezia o marechal de campo e fidalgo distinctissimo, Manuel Antonio Ferreira de Aragão, morgado e senhor da casa de seus paes.

Casou com D. Petronilha Laura Pereira de Magalhães, descendente do celebre navegador portuguez Fernando ou Fernão de Magalhães que, na opinião mais seguida, era natural da casa da *Pereira*, da villa e concelho de Sabrosa, districto de Villa Real.

Foram paes da dicta senhora Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello Branco Magalhães e D. Petronilha Lopes d'Aboim e Cunha de Sande Soares Carreto, filha de D. Eugenio José Lopes d'Aboim e Cunha, e sobrinha do celebre Godoi, o *principe da paz*.

Do casamento do marechal de campo Aragão com D. Petronilha Laura nasceu o dr. Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, F. C. R. cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e representante da casa de Fernão de Magalhães.

Casou em Villa Flor de Traz-os-Montes com a sr.ª D. Felicidade Amelia Pinto de Lemos, sobrinha do general visconde de Lemos, da qual teve successão.

Para evitarmos repetições, veja-se *Villa Flor de Traz-os-Montes*—e *Sabrosa*, vol. 8.º pag. 275, col. 2.ª e seguintes.

VILLAR DE CORREIXE,—freguezia antiquissima, que nos principios da nossa monarchia pertenceu ao celebre convento da *Vaccariça*, bem como as de Ventosa, Cepins, Monçarros, Barrô, Tamengos, Horta, Sangalhos, etc.

Não sabemos qual a freguezia que hoje representa a de *Villar de Correixe*, pois não temos alguma com este nome. Apenas encontramos no actual concelho de Penafiel a de *Irivo* e *Coreixas*. Vejam-se estas palavras e *Vaccariça*.

VILLAR DE CUNHAS,—freguezia do concelho e comarca de Cabeceiras de Basto, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Lourenço;—fogos 92—almas 420.

Em 1706 era da apresentação do vigario de S. João de Cavez;—pertencia ao concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Guimarães e contava 32 fogos.

O *Port. S. e Prof.* nem sequer a mencionou!

O censo de 1864 deu-lhe 82 fogos e 454 habitantes, no que não ha porporção acceitavel,—e o de 1878 deu-lhe 88 fogos e 477 habitantes,—população muito exagerada tambem.

Comprehende as 3 aldeias seguintes:—Villar, Cunhas e Huz.

Freguezias limitrophes:—Samão, Cavez e Rio Douro.

Producções dominantes:—muito milho, centeio, feijões, azeite, vinho, fructas e lã, pois cria muito gado lanigero, cabrum, vaccum, bovino e suino.

—

Banham esta freguezia o ribeiro do *Frexo*, que tem 2 pontões, e o de *Salgueiro*, que tem outros 2 pontões,—sendo ambos estes ribeiros confluentes do rio Verça, ou *Bersa*, que banha tambem parte d'esta freguezia e morre no Tamega.

A povoação de *Villar*, séde d'esta freguezia, dista cerca de 3 kilometros da margem direita do Bersa, para O.;—4 da margem direita do Tamega, ou da foz do Bersa, para N.;—18 da séde do concelho (S. Miguel de Refoios) para E.N.E.;—40 de Guimarães;—

70 de Braga;—96 do Porto, pela linha ferrea de Guimarães á Trofa,—e 433 de Lisboa.

O chão d'esta freguezia é muito accidentado e não tem estrada alguma a macadam.

O seu clima na parte alta é frio e aspero, pois defronta com as serras de Barroso, que lhe ficam ao norte; mas na parte baixa, ou nas margens do rio *Verça* é muito temperado, pelo que as terras da parte da baixa são mimosas e produzem inclusivamente laranjas, emquanto que as da parte alta apenas produzem centeio, batatas e algum milho.

Esta parochia tem ar puro, boas aguas e é bastante saudavel, mas em 1850 pezou cruelmente sobre ella uma epidemia de typhos, que matou muitas pessoas, pelo que ainda hoje ali o anno de 1850 é denominado o *anno da maligna!...*

—

Aproveitando o ensejo, diremos que a maior parte das nossas chorographias dão erradamente ao mencionado rio *Verça,* ou *Versa* o nome de *Beça* ou *Bessa.* Assim o denominaram a *Chorographia Moderna* e o meu antecessor. V. *Beça.*

Este rio nasce junto de Montalegre;—corta a serra de Barroso de N. a S.—e desagua no Tamega com 30 a 40 kilometros de curso, em grande parte por entre medonhas gargantas de eriçada penedia, e recebe como tributarios muitos ribeiros, que na estação invernosa o tornam caudaloso, principalmente por occasião do desgélo ou quando se derrete a neve que costuma cobrir as montanhas que atravessa.

Este rio corre a espaços por fojos subterraneos e cria trutas saborosissimas de grande tamanho, principalmente nos taes fojos subterraneos,—algumas de 2 kilos de peso e de 3 palmos de comprimento. Parecem pescadas e costumam caçal-as da maneira seguinte: Vão de noute;—levam um facho acceso;—collocam-no á porta dos taes fôjos ou cavernas; as trutas correm em direcção á luz—e os pescadores caçam-nas com redes.

Assim caçam muitas no termo d'esta parochia.

—

Aqui não ha fidalgos. Todos os habitantes d'esta freguezia são lavradores e pastores, geralmente pobres.

A egreja parochial é um templo singello, com altar-mór e 4 lateraes.

Ha tambem n'esta freguezia 2 capellas publicas, ambas bem conservadas:—uma na aldeia de *Huz,*—outra na de *Cunhas,* ha pouco reconstruida.

O meu informador não disse qual a invocação d'ellas.

Ha tambem n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino na aldeia de *Villar,*—um moinho de azeitona em Cunhas,—muitos moinhos de cereaes — e muitos teares em que tecem grande quantidade de estopa e linho.

—

Como esta freguezia é montanhosa, contigua á serra de Barroso e abundante de neve e de rebanhos, abundam tambem n'ella ainda os lobos, no inverno e mesmo no verão.

Em uma correspondencia de Ribeira de Pena para o *Commercio do Porto,* datada de 22 de julho de 1885, se lia o seguinte:

«Em alguns sitios, e mesmo em varias povoações mais montanhosas do concelho de Cabeceiras de Basto, têem apparecido *formosas* manadas de lobos, que, com o maior descaramento d'este mundo, passeiam livremente, mesmo de dia, junto ás casas de qualquer cidadão! Ha dias na povoação de Uz, freguezia de *S. Lourenço de Villar,* dois d'esses animalejos dos bosques appareceram proximo ás casas, entretendo-se a dar caça ás gallinhas, dentro dos eirados! Não tinham medo nem vergonha! As mulheres d'aquella terra viram se na dura necessidade de correr á pedrada os taes hospedes que, por pouco mais, entrariam pelas casas dentro, se de quando em quando não fossem escorraçados por algum fumo da polvora.

Ainda nos fins do mez passado, junto ao rio Méstras, que é um confluente do Tamega, appareceu uma bonita ninhada de pequenos lobos, sendo agarrados todos elles por dois sujeitos da freguezia de Gondiães. Foi uma excellente caçada.»

VILLAR DE FERREIROS,—freguezia do concelho de Mondim de Basto, comarca de Celorico de Basto, districto de Villa Real

diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Pedro;—fogos 260,—habitantes 998.

Em 1706 era abbadia da apresentação do marquez de Marialva, segundo se lê na *Chorographia Port.* Nada mais diz d'esta parochia! Pertencia então ao concelho de Mondim e á grande comarca de Guimarães.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 600$000 réis—e contava 188 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 242 fogos e 938 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 237 fogos e 932 habitantes.

Demora esta freguezia cerca de 5 kilometros a leste da villa de Mondim de Basto;—6 da margem esquerda do Tamega, tambem para E.;—30 de Guimarães,—e 423 de Lisboa.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Villar de Ferreiros*, a séde,—Villarinho, Covas, Pedreira, Cainha, Campos e Villa Chã.

Freguezias limitrophes: Mondim de Basto, Bilbó, Ermello, Paradança, Athey, Limões e Cerva.

Producções dominantes:—cereaes, vinho, batatas, lã e manteiga, pois cria bastante gado lanigero e muitas vaccas, que produzem muito leite, com que fabricam manteiga, industria importante na localidade.

Tambem colhe bastante azeite.

—

Esta parochia, se attendermos ao seu titulo, parece que abundou em *ferreiros*, ou que teve proxima alguma povoação d'este nome, mas hoje em todo este concelho não ha freguezia nem povoação alguma denominada *Ferreiros*—nem memoria de abundarem ferreiros por aqui, mas abundaram com certesa em tempos muito remotos, como prova o muito escumalho que ainda hoje se encontra em volta da povoação de Villar.

Em 1796 todo este concelho apenas tinha 4 ferreiros [1]—emquanto que o de Villa Pouca d'Aguiar tinha 32—e o de Villa Real 71!...

N'aquella data este concelho do Mondim (com a freguezia de Athey) comprehendia: —944 fogos e 3:419 almas;—41 padres,—6 negociantes (todos em Athey)—2 cirurgiões, —6 barbeiros,—2 boticarios,—283 lavradores (proprietarios)—215 jornaleiros,—42 alfaiates,—8 sapateiros,—17 carpinteiros,—5 pedreiros,—2 ferradores,—50 *fabricantes de courama*,—6 almocreves,—84 criados e 90 criadas.

Pastores e moleiros—*nem um!...*

—

Esta freguezia tambem já pertenceu á comarca de Villa Pouca d'Aguiar.

Templos:—a egreja matriz, bem tractada e pintada de novo,—e as 5 capellas seguintes:

1.ª—*Santo Antonio*, na aldeia de Villarinho.

2.ª—*Santo Antonio* tambem, na aldeia de Villa Chã.

3.ª—*S. João Baptista*, na aldeia de Covas.

4.ª—*S. Sebastião*, em Villar, junto da matriz.

5.ª—Capella e sanctuario de *Nossa Senhora da Graça*, no alto do monte *Farinha*, do qual adeante fallaremos.

É um lindo templo, todo de cantaria de granito, muito solido e muito bem conservado, posto que muito antigo. Foi reedificado em 1875 e tem *pára-raios*, como o de *Nossa Senhora da Assumpção* de Villas Boas, junto de Villa Flor, para o defender do continuo estrago que recebia dos raios pela sua elevadissima posição.

Tem um adro espaçoso com 2 grandes muros de supporte;—casa contigua para residencia do ermitão e acolhimento dos romeiros;—outra casa espaçosa, concluida em 1884,—e a O. uma pequena capella, terminada ainda no corrente anno de 1886, representando o mysterio da *Annunciação* com as imagens da Virgem, do Anjo e do Padre Eterno.

É um dos primeiros santuarios de Traz-os-Montes e muito concorrido todo o anno, principalmente nas duas grandes romarias da Ascenção e S. Thiago. Aqui affluem mui-

---

[1] *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante. *Bibl. Port.* Codice n.º 486.

tos devotos das povoações circumvisinhas até grande distancia, já para cumprirem promessas, já para gosarem o vastissimo horisonte e o esplendido panorama que offerece este santuario, topetando com as nuvens no curuto do monte *Farinha*, assim denominado pela sua forma conica, semelhando um monte de farinha.

Para se formar ideia da sua exposição e altitude, note-se que se avista da estrada velha de Vallongo e da freguezia de Grijó, concelho de Villa Nova de Gaya!...

A administração d'este santuario até 1764 pertencia alternadamente—um anno ao abbade de Villar de Ferreiros,—outro anno ao vigario d'Athey; mas n'aquella data passou a ser administrado por uma commissão propria, por carta do arcebispo de Braga, e em commissões se conserva ainda hoje.

Montes

Avultam no termo d'esta parochia os montes seguintes:

1.°—*Toumillo*, ao sul, coberto de medronheiros e pinheiros—e tambem produz cereaes.

N'elle abundam lobos e se encontram ainda javalis.

Separa esta parochia da de Ermêllo;—é banhado pelos rios Ollo e Cabril;—tem uma grande depressão em frente da aldeia de Covas, mas depois eleva-se bastante até o *Alto da Tontuça.*

Na pendente sobre o rio Ollo tem uma formidavel cordilheira de penhascos na extensão de mais de 500 metros, sendo os dictos morros perpendiculares sobre o rio e tão altos que, lançando-se uma pedra do cume, gasta na descida até á base mais tempo do que o preciso para se resar um *Padre Nosso!...*

Esta cordilheira fórma no rio Ollo uma catarata medonha de inverno.

2.°—*Monte Farinha,* a N. de Villar dé Ferreiros e coroado pela capella de Nossa Senhora da Graça.

3.°—*Montes Palhaços,* a N. E.

São notaveis estes montes, porque n'elles se vêem largos cordões de pedra em montão, ruinas de muros antiquissimos, que a tradição local diz serem obras dos mouros;—e tambem dá o nome de *Mina dos Mouros* a uma gruta ou pequena galeria subterranea que ali se vê, na qual o povo julga existirem grandes thesouros, guardados por uma moura encantada lindissima.

A estes montes se seguem outros, que dividem esta parochia das de Cerva e Limões, até se juntarem ao *Toumillo,* que se estende para os lados de Villa Pouca d'Aguiar.

—

Esta parochia ainda não tem cemiterio; mas tem uma aula official de instrucção primaria elementar mixta, para os dois sexos.

Banham esta parochia os rios seguintes:

1.°—*Rio da Ribeira Velha.*

Tem uma ponte em Villar e outra em Villarinho.

2.°—*Rio Cabrão.*

Tem uma ponte junto da aldeia de Villa Chã e outra em Covas.

3.°—*Rio das Mestras.*

Tem uma ponte entre Villar e Villar Chã.

Todos 3 regam a maior parte dos campos d'esta freguezia;—movem moinhos de cereaes e d'azeite;—juntam-se no termo d'esta freguezia e formam o rio *Cabril,* que rega muitos campos, move muitos moinhos e engenhos de massar linho—e a distancia de 5 kilometros desagúa no Tamega, na freguezia de Mondim de Basto, que na sua maior parte é regada pela agua que vae d'esta de Villar de Ferreiros em um açude que tem mais de 1 metro de largo e 7 a 8 kilometros de comprimento, tocando na povoação de Mondim, onde move 13 rodas de moinhos.

—

Ao meu illustrado collega, o rev. Joaquim Maria Rodrigues de Moraes, digno parocho d'esta freguezia na actualidade, agradeço os apontamentos que me enviou.

VILLAR DE FIGOS,—ou *S. Paio de Principaes de Villar de Figos,*—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria.

Orago S. Paio;—fogos 104,—habitantes 450.

Em 1706 era vigairaria da apresentação da collegiada de Barcellos,—pertencia ao termo da villa e concelho de Esposende, comarca e ouvidoria de Barcellos, provedoria de Vianna,—rendia para o vigario 40$000 réis e para a collegiada 150$000 réis—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o vigario 60$000 réis—e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 108 fogos e 413 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 101 fogos e 432 habitantes.

Esta freguezia demora na margem esquerda do Cavado, do qual dista 6 kilometros,—5 da estação de *Laundos* na linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão,—8 de Barcellos,—9 da estação de Barcellos na linha ferrea do Minho,—41 do Porto pela estação de Laundos, e linha ferrea da Povoa,—e 378 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes: *Villar de Figos*, Aldeia, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Hospital de Cima, Hospital de Baixo, Egreja, Egreja Velha, Ribeiro, Fonte dos Santos, Outeiro da Egreja, a montante da matriz, e Valle.

A maior de todas é a denominada *Aldeia*, a jusante da matriz.

Tendo duas povoações com o nome de *Hospital*, não tem nem teve nunca hospital algum.

Freguezias limitrophes:—Courel e Paradella ao sul,—Milhases ao norte,—Pedra Furada ao nascente,—e Faria ao poente.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde ou de *enforcado*, mas que teve sempre venda facil, e hoje se exporta em grande quantidade para a França.

V. *Villar de Besteiros* e *Villa Verde*, séde de concelho e de comarca.

Tambem cria bastante gado lanigero e engordou muitos bois que exportava por bom preço para a Inglaterra, antes de decahir entre nós aquella industria.

V. *Villar d'Andorinho*.

—

Actualmente não tem estrada alguma a macadam; deve porém passar a pequena distancia d'esta freguezia a estrada municipal em construcção de Barcellos para Rates, por Santa Eulalia.

Tambem passa a pequena distancia a estrada a macadam de Barcellos á Povoa de Varzim.

Banham esta parochia dois regatos:—o do *Porto* e o dos *Lameiros*, que desaguam no Cavado.

Não tem quintas nem edificios que mereçam especial menção, posto que ha n'esta freguezia muitos *brazileiros*[1] e lavradores ricos, entre os quaes hoje avulta Manuel da Silva de Figueiredo.

Tem uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Lendas

Dizem que esta freguezia tomou o nome de *Principaes de Villar de Figos*, porque os seus habitantes se immortalisaram tomando o castello da Franqueira aos mouros,—castello que estava muito proximo, a 1 kilometro de distancia para N.E., no monte da Franqueira, mas já no termo da freguezia de *Vilhases* ou *Vilhares* (veja-se esta ultima palavra) junto do sitio onde hoje se vê a ermida de *Nossa Senhora da Franqueira*, que tem festa e romagem no 3.º domingo d'agosto e pertence á freguezia de *Pereira*, por estar no termo d'ella, como provam os marcos que se vêem no dicto monte e que dividem os terrenos d'aquellas duas freguezias.

A tradição local ainda hoje explica a tal *façanha* do modo seguinte:

Tendo os christãos sitiado o castello e defendendo-se elle obstinadamente, os habitantes d'esta parochia juntaram certa noite um grande rebanho de cabras,—prenderam-lhes nas pontas vellas accesas e, tomando o caminho de Barcellos, marcharam com grande alarido sobre o castello,—o que animou os sitiantes e determinou os sitiados a renderem-se, imaginando que de Barcellos haviam chegado ao acampamento dos christãos grandes reforços.

---

[1] Portuguezes que foram negociantes no Brazil.

Aos habitantes d'esta parochia, pela sua astucia, se deveu principalmente a expulsão dos mouros. Foram elles os *principaes* conquistadores do castello e por isso se denominaram e ainda hoje se denominam *Principaes de Villar de Figos.*

Um d'elles me contou *muito a sério* a lenda, como fica exposta.

Pedro Gomes Simões

Entre os filhos *principaes* d'esta parochia merece especial menção *Pedro Gomes Simões.*

Nasceu no anno de 1700; foi negociante no Brazil, onde adquiriu boa fortuna—e viveu os ultimos annos no Porto, na freguezia de Miragaya, onde falleceu em 1780, solteiro e contando precisamente 80 annos de idade.

Era uma excellente pessoa, muito esmoler e muito religioso.

Foi o primeiro bemfeitor da egreja de Miragaya, sua patria adoptiva.

Não só a beneficiou com muitas esmolas durante a sua longa residencia, mas n'ella instituiu *Laus Perenne* semanal em todas as quintas feiras, legando á Confraria do Santissimo *seis contos de réis* para aquelle fim, por escriptura de 4 de setembro de 1776 —declarando que, se houvessem sobras da dicta verba, as fossem unindo ao capital até prefazer *dozoito mil crusados* de fundo para o *Laus Perenne* e que d'ahi em deante poderiam empregar livremente nas obras da egreja ou nas despesas do culto o que sobrasse do *Laus Perenne*,—e instituiu a mencionada confraria por sua testamenteira.

—

A confraria acceitou os legados e os encargos e (honra lhes seja!) tem cumprido até hoje com louvor.

Ha muito que o capital prefez os *desoito mil crusados* e com as sobras e outras rendas tomou *generosamente* sobre si a fabrica da egreja, que estava a cargo da mitra. E não só tem aformoseado o templo, que é hoje sem contestação um dos mais limpos, mais aceiados e mais bem alfaiados do Porto (V. *Miragaya*) — mas faz differentes festas annualmente com grande pompa—e em 1884 montou á sua custa uma aula de instrucção primaria para o sexo feminino,—aula modelo e gratuita, hoje (1886) frequentada por 80 meninas pobres.

Graças a tão benemerito bemfeitor, é hoje a confraria de Miragaya uma das mais ricas do Porto.

Entre outras muitas alfaias de preço, tem um paleo de lhama de prata bordado a ouro, que é um dos melhores do nosso paiz. Com as 8 varas de prata que o sustem e com as 8 lanternas, tambem de prata, que o acompanham, custou cerca de *tres contos de réis!*

O benemerito Simões recommendou que fosse feito o *Laus Perenne* com toda a decencia—e a confraria assim o cumpre. Basta dizer-se que os paramentos do celebrante são de *lhama de ouro.* [1]

—

A confraria, por gratidão, mandou tirar o retrato do seu generoso bemfeitor e collocal-o na sua luxuosa sala de sessões.

É uma linda tela de 2m,52 de comprimento e 1m,54 de largura, com o caixilho.

Representa-o em corpo inteiro e tamanho natural, vestido de calção, meia preta, sapatos de fivella, espadim, casaco comprido, gravata e punhos brancos, bengala de canna da India na mão direita, com guarnições de prata. A mão esquerda aponta para um altar, onde se vê exposto o Santissimo;—á sua direita está sobre uma mesa, poisado sobre um papel com fechos de lacre, representando o seu testamento, um chapeu tricornio, cheio de moedas d'ouro,—e em plano inferior se vê no lado opposto um escudete, cingido por 2 palmas, com a inscripção seguinte:

PEDRO GOMES SIMÕES, NA-
TURAL DE S. PAYO DE PRINCI-
PAES DE VILAR DE FIGOS, TER-
MO DE BARCELLOS; ARCEBISPA-
DO DE BRAGA, INSTITUIDOR
DO SAGRADO LAUSPERENNE
NESTA FREGUEZIA EE S. PEDRO

---

[1] E o celebrante, desde 1864, é o humilde auctor d'estas linhas, como abbade da respectiva egreja.

V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 250, col. 1.ª

DE MIRAGAYA. FALECEO DE IDADE DE 80 ANNOS AOS 18 DE 9BR.º DE 1780, DEIXANDO A IRMANDADE POR TESTAMENTEIRA.[1]

Deus o tenha em bom logar!

—

Tambem foi um grande bemfeitor da sua freguezia.

Vendo que a egreja parochial era humilde e muito pequena—uma simples capella de Nossa Senhora do Rosario, que estava na povoação denominada *Egreja Velha*,—mandou fazer á sua custa a matriz actual, que é um templo espaçoso, muito decente,—e a sortiu de paramentos e pratas,—thuribulo, naveta, calices e uma custodia lindissima dourada.

Tambem mandou fazer a torre e um bello sino, que tinha excellentes vozes. Foi fundido em Braga e diz a tradição que elle, quando fundiam o sino, deitava na caldeira *barretinas cheias d'ouro*.

Beneficiou tambem as egrejas, suas visinhas, e mandou fazer a torre da capella de Nossa Senhora da Franqueira e o sino maior, no qual se vê ainda hoje uma inscripção que diz ter sido mandado fazer em Braga por *Pedro Gomes Simões*.

Deixou sobrinhos, que foram os herdeiros do remanescente da sua fortuna. Ainda ha poucos annos falleceu n'esta freguezia a viuva de um d'elles.

Tambem foi filho benemerito d'esta parochia o dr. Paulo da Cruz. Beneficiou a matriz dando-lhe sinos e differentes alfaias.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do Santissimo Sacramento e a de Nossa Senhora do Rosario, no ultimo domingo d'abril.

Cerca de 1 kilometro ao poente d'esta parochia estava o *castello de Faria*, de que já se fallou. V. *Faria*.

[1] A inscripção termina com as lettras *J. G. F.*,—estando as duas primeiras em monogramma. Querem dizer: *Joannes Glama fecit*,—ou João Glama fez.

É este retrato uma das melhores telas de Glama.

VILLAR DE FONTE ARCADA,—freguezia do concelho e comarca de Moimenta da Beira, bispado de Lamego, districto de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Vigairaria: Orago S. Bartholomeu;—fogos 140, habitantes 592.

Em 1708 era um simples curato annual da apresentação do reitor de Fontearcada, villa proxima, a cujo termo e concelho pertencia na comarca (corregedoria) de Pinhel, provedoria de Lamego,—e contava 120 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação—e contava 116 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 483 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 131 fogos e 477 habitantes,—ou mais fogos e menos habitantes do que lhe deu o censo de 1864.

Nenhum d'elles me satisfaz, porque 123 fogos deviam dar, pelo menos, 500 habitantes;—e os 131 fogos deviam dar, pelo menos, 550 habitantes.

Estão infelizmente assim as estatisticas officiaes da nossa população!...

—

Demora esta freguezia na margem esquerda do Tavora, do qual a egreja matriz dista 2 kilometros para O.,—4 da villa de Fontearcada para N.O.;—7 de Moimenta para E.;—20 da estação do *Ferrão* (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—35 de Lamego;—45 de Vizeu;—140 do Porto—e 477 de Lisboa.

Além da povoação de *Villar*, séde da parochia, não comprehende outras aldeias, mas somente alguns fogos isolados na quinta de S. Vicente e nos moinhos de Penella, Pinheiras, Lapa, Lage da Cadeira e *Cú do Inferno* (o nome é lindissimo) na margem esquerda do Tavora.

Freguezias limitrophes:—Cabaços a N.,—Rua a S.,—Baldos e Arcozello a O.,—Escurquella e Fontearcada a E., alem do rio Tavora.

Producções dominantes·—vinho bom de mesa, milho, trigo, centeio, linho, azeite e batatas deliciosas, como todas as da margem do Tavora.

Tambem produz bastante fructa (de ca-

rôço. não de espinho)—e tem uma fabrica de telha, de systema rudimentar antiquissimo.

O vinho d'esta parochia e das circumvisinhas é *verde* com relação ao do Douro, mas ainda assim é muito superior ao de Amarante e Basto.

—

Templos:—a egreja matriz em bom estado—e 2 capellas:—uma publica, de Santa Barbara,—e outra da Senhora da Relva, [1] particular,—ambas abertas ao culto e bem conservadas. Não mencionam outras os apontamentos que se dignou enviar-me o rev. parocho; mas a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, muito conscienciosamente escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo (V. *Villa Nova d'Ourem*) e publicada no Porto em 1877, deu a esta freguezia as capellas seguintes:—*Nossa Senhora do Pilar,—Senhora da Boa Morte*, de Diogo Xavier de Sousa Ferreira, —*S. Sebastião,—Santo Antonio*, de Bernardo José Teixeira,—e *Senhora da Relva*, de José Joaquim de Gouveia, de Fontearcada.

Tambem deu a esta freguezia a população de 137 fogos e 365 habitantes, no que não ha proporção alguma! E note-se que o auctor era homem muito illustrado e commensal do bispo de Lamego, em cujo paço residia e escreveu a sua *Historia* com elementos *officiaes especialissimos!...*

—

Esta freguezia, como já dissemos, era da apresentação do reitor de Fontearcada, mas os dizimos d'ella, bem como das de S. Miguel de Freixinho, Santo Estevam de Ferreirim, Nossa Senhora da Apresentação de Macieira e S. Miguel de Chozendo—todas curatos annuaes da mesma apresentação,—eram da Universidade, bem como os de Fontearcada, Sendim, Paredes da Beira e Riodades, freguezias circumvizinhas.

No *Censual velho* do bispado de Lamego e que data dos principios do seculo XVI, já se encontra o pequeno e pobre curato de *S. Bartholomeu de Villar.*

Tem feira a 24 d'agosto, dia de S. Bartholomeu, junto da matriz, mas n'esse dia a feira mais importante d'esta provincia é a de S. Bartholomeu em Trancoso, ainda hoje muito notavel, posto que não é a sombra do que foi em tempos mais remotos.

V. *Trancoso.*

O Tavora aqui é placido e tem nas suas margens bons campos, mas alguns kilometros a juzante, principalmente desde a ponte de Riodades até á ponte do *Fumo*, corre por entre penedia escalvada, aprumada, nua, medonha, principalmente quando toca nos celebres *Castellos dos Cabris* e no *S. Pedro Velho*, onde se veêm ainda as venerandas ruinas do 1.º convento de *S. Pedro das Aguias.*

V. *Tavora*, rio,—*Tavora*, villa,—e *Sendim.*

De passagem diremos que, visitando em 1883 as ruinas do actual convento de S. Pedro das Aguias e do convento *velho*, encontramos claros vestigios de *quatro construcções*,—alem da primitiva.

D'ellas daremos noticia no supplemento a este diccionario.

—

Nos limites d'esta parochia ha uma soberba ponte de granito sobre o Tavora. Não tem inscripção nem data alguma, mas é muito antiga e não se sabe quando nem por quem foi feita.

Demora entre esta freguezia e a de Fontearcada e tem de comprimento $120^{m},60$;—de largura $4^{m},90$;—de altura $10^{m},80$,—e 4 grandes arcos.

A tradição local diz que foi feita pelo conde D. Henrique, nos principios da nossa monarchia.

É a maior e melhor ponte de todas as que ha sobre o *Tavora.*

Nós conhecemos as seguintes,—*todas de granito*:—uma na sua foz, outra a do *Fumo*, na freguezia de Tavora,—outra a de *Riodades*, junto da freguezia d'este nome,—esta de *Villar*,—a da *Villa da Ponte*—e outra em

[1] Segundo se lê no *Sant. Marian.* esta ermida tambem já teve o nome de *Senhora do Valle*;—foi feita em 1630, ignorando-se quem a fundou;—em 1721 era administrada pelo dr. Manuel de Gouveia Couraça, clerigo do habito de S. Pedro,—e a imagem da Senhora era de roca e vestidos, mas lindissima e pequena, pois tinha de altura apenas dois palmos

Aldeia da Ponte, na estrada a macadam de Lamego a Trancoso e Celorico da Beira.

Ha n'esta freguezia uma eschola official d'instrucção primaria para o sexo masculino, montada sobre as ruinas da antiga capella de *S. Sebastião.*

Junto d'ella—e em varios pontos d'esta freguezia—se encontram *ainda hoje* muitas sepulturas cavadas em rocha. Sepulturas semelhantes se encontram nas freguezias circumvisinhas, em ambas as margens do Tavora, nomeadamente em Sendim no adro e mesmo á porta da egreja matriz.

Datam, pelo menos, do tempo dos mouros.

Tem finalmente esta parochia um cemiterio em boas condições.

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. As mais proximas hoje são a de Lamego a Trancoso—e a da *Villa da Ponte,* partindo d'aquella para Ferreirim, *hoje*, e que mais tarde talvez se prolongue até á villa de S. João da Pesqueira; mas deve passar a 2 kilometros d'esta freguezia a nova estrada districtal de Vizeu á foz do Tavora, por Moimenta da Beira, Tavora e Taboaço, prestes a concluir-se,—graças aos esforços dos srs. *Macedos Pintos*, de Taboaço, cavalheiros de muito merecimento e grande influencia e que hoje representam a casa mais rica de ambas as margens do Tavora.

V. *Sendim, Taboaço, Miragaya* e *Vicente* (S.) *sitio*, vol. X, pag. 516, col. 2.ª

VILLAR FORMOSO,—freguezia do concelho e comarca d'Almeida, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Fogos 153,—habitantes 642.

Orago S. João Baptista.

Em 1708 era abbadia da apresentação do bispo de Lamego;—pertencia ao concelho de Castello Bom, comarca e corregedoria de Pinhel, bispado e provedoria de Lamego—e contava 60 fogos.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego*, escripta por D. Joaquim d'Azevedo nos fins do ultimo seculo e publicada no Porto em 1877, deu-lhe a mesma apresentação, os mesmos 60 fogos e 156 habitantes, no que não ha proporção, pois 60 fogos deviam conter, pelo menos, 250 habitantes.

Em 1768 o seu parocho era da apresentação alternativa do papa e do bispo de Lamego;—rendia 200$000 réis—e contava 56 fogos.

A sua população durante 60 annos,—comprehendendo 18 do governo do marquez de Pombal,—em vez de augmentar, diminuiu, talvez por causa da guerra com a Hespanha, pois esta freguezia demora na raia.

O censo de 1864 deu-lhe 103 fogos e 456 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 124 fogos e 522 habitantes—e hoje, como dissemos, conta 153 fogos e 642 habitantes.

Prospéra a olhos vistos desde que principiou a construcção da linha ferrea da Beira Alta, que lhe deu uma estação propria, estação *terminus* de 1.ª classe, e uma delegação aduaneira de 1.ª classe tambem,—e mais deve prosperar agora, depois que se abriu á circulação em 23 de maio ultimo (1886) a continuação da mencionada linha até Salamanca, entroncando nas linhas ferreas de Salamanca a Madrid e Paris, pelo que a linha da Beira Alta,—emquanto se não abrir á circulação a do Douro desde o *Tua*, onde hoje termina a exploração, até á Barca d'Alva e Salamanca, já quasi toda feita e prestes a inaugurar-se,[1]—é a linha que offerece um percurso mais rapido entre Portugal, Madrid e Paris.

Está pois Villar Formoso em optimas condições de prosperidade.

—

Demora junto da raia, na margem esquerda da ribeira de *Tourões*, que nasce nas freguezias de Villar Maior e Malhada Sorda;—passa aqui na direcção de S. a N. formando a raia,—e a 20 kilometros de distancia entra no Agueda, que prolonga a linha divisoria das duas nações até morrer no Douro entre a nossa povoação da Barca d'Alva e a povoação hespanhola de *Vega del Torron.*

Villar Formoso dista apenas 1 kilometro da estação do seu nome na linha da Beira Alta;—2 de *Fuentes de Honor*, aldeia hespanhola;—14 da villa e praça d'Almeida;—49 da Guarda;—203 da estação da Pampilhosa, entroncamento na linha ferrea do norte;—

---

[1] V. *Vias Ferreas.*

254 da cidade da Figueira;—303 do Porto—e 433 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—S. Pedro de Rio Secco a N.;—Freineda a S.;—*Fuentes de Honor* (em Hespanha) a E. — e Castello Bom a O.

—

Esta freguezia comprehende apenas a aldeia de Villar Formoso—e agora a que tende a desenvolver-se em volta da sua estação, que é elegante e espaçosa, com todas as dependencias proprias d'ella e da delegação da alfandega,—um bom *restaurant* de mr. Claud Thomaz, francez, etc.,—e junto da estação, ha tambem uma hospedaria de José Antonio Gonçalves, o que tudo representa uma população importante, pullulando de um momento para o outro.

Alem da linha ferrea, que põe esta freguezia em rapido contacto com todo o nosso paiz e com a Hespanha, França, etc., tem uma boa estrada a macadam da sua estação para Almeida, já servida por diligencias.

Producções dominantes:—trigo, centeio, cevada, batatas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

A egreja matriz está bem conservada e é muito antiga.

Suppõe-se que foi feita pelos templarios.

Ha tambem n'esta freguezia as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora da Paz,* coeva da matriz e tambem fundação dos templarios,—segundo diz a tradição.

Consta que junto d'ella houve em tempos muito remotos um convento, de que já se não encontram vestigios.

2.ª—*Santo Christo,* tambem antiga e bem conservada ainda.

3.ª—*Santa Barbara,* em ruinas.

N'esta parochia ha uma pyramide geodesica na altitude de 782 metros sobre o nivel do mar.

—

Esta freguezia tem acompanhado a varia sorte de toda a região do *Cima-Côa.*

Depois da expulsão dos mouros, ficou pertencendo no temporal ao reino de Leão—e no espiritual á diocese de Cidade Rodrigo.

Conquistado o Cima-Côa aos leoneses pelo nosso rei D. Diniz, ficou pertencendo civilmente a Portugal, mas ecclesiasticamente a Cidade Rodrigo, até que o nosso rei D. João I, por bulla de Bonifacio IX,[1] uniu a Portugal tambem a espiritualidade do Cima-Côa, annexando ao bispado de Lamego todas as freguezias d'aquella região que tomaram o titulo de *bispado novo.*

Conservaram-se unidas ao bispado de Lamego até 1770, data em que se criou o bispado de Pinhel, para o qual passaram com outras do de Vizeu,—e em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, extincto o bispado de Pinhel, passaram para este da Guarda.

V. *Pinhel* e *Villar d'Amargo.*

Administrativamente pertenceu esta freguezia ao concelho de Castello Bom até 1834, passando em seguida para o d'Almeida, ao qual ainda hoje pertence.

Judicialmente pertenceu ás comarcas de Pinhel, Guarda e Sabugal, e desde 1875, data em que se creou a comarca d'Almeida, ficou pertencendo a ella judicialmente tambem.

Eis aqui *muito em resumo* as voltas que tem dado esta freguezia—depois da expulsão dos mouros d'estas paragens!...

—

É povoação muito antiga, como provam evidentemente as sepulturas abertas em rocha encontradas no seu termo e que datam, pelo menos, da occupação arabe.

Tem uma escola official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Esta parochia já se acha mencionada no *Censual Velho* da mitra de Lamego, feito nos principios do seculo XVI.

Ali se diz que era da apresentação, collação e confirmação do bispo e que lhe pagava:

De confirmação 1 marco de prata,—réis n'aquelle tempo	2$340
De visitação	500
De *catedradeguo*	60

mais a terça e o dizimo.

[1] Já vimos o original d'esta bulla.

Está unido ao *Censual Velho* da mitra de Lamego e conserva-se na camara ecclesiastica d'aquella diocese.

Em compensação não pagava *censoria*, nem *mortulha*, nem *procuração*, nem *cera*, como pagavam n'aquelle tempo quasi todas as outras freguezias do dicto bispado.

Quem quizer saber o que eram n'aquelle tempo os direitos denominados *censoria, terça, murtulha, cathedradeguo, procuração, jantar, vizita*, etc., veja no *Elucidario* de Viterbo as palavras *Censo* e *Cathedradego*.

—

Esta povoação, por ser aberta e estar precisamente na raia, soffreu muito durante as guerras com a Hespanha desde os principios da nossa monarchia até os fins do ultimo seculo,—e muito soffreu tambem ainda nos principios do seculo actual, por occasião da guerra da Peninsula. Em 1808, quando o general francez Loison deixou a praça d'Almeida e andou talando a Beira Baixa;—em 1810, quando Massena, para vingar os desastres de Junot e de Soult, invadiu Portugal com um numeroso exercito, entrando pelo Cima-Côa,—e em 1811 quando retirava das linhas de Torres Vedras pelo Cima-Côa, tambem talando, saqueando e incendiando todas as povoações por onde passava. [1]

Soffreu esta povoação tambem muito com a batalha de *Fuentes d'Honor*, que se feriu *aqui* nos dias 3 e 5 de maio de 1811 entre o grande exercito francez, commandado por Massena—e o exercito anglo-luso, commandado por Lord Wellington, cobrindo as tropas litteralmente esta freguezia [2] e todas as circumvisinhas, tanto portuguezas como hespanholas, na distancia de legoas!

Felizmente as nossas armas levaram de vencida, como no Bussaco, as altaneiras aguias francezas, perdendo o exercito anglo-luso apenas 198 homens mortos, 1:028 feridos e 294 prisioneiros, em quanto que o exercito francez soffreu um grande revez e teve de retirar sobre Salamanca, abandonando a guarnição que tinha na praça d'Almeida e que depois se evadiu por um feliz accaso—ou por *traição d'alguem!...*

—

Tenho sobre a minha banca de estudo a interessante *Histoire de la Guerre d'Espagne et de Portugal*, durante os annos de 1807 a 1813, escripta pelo coronel inglez John Jones, que tomou parte na campanha, e traduzida para francez e annotada a *seu sabor* por Beauchamp.

Ali (vol. 1. pag. 219 e 220) se descreve o modo como a guarnição franceza se evadiu da praça d'Almeida, na noite de 10 para 11 de maio de 1811, (ha 75 annos); mas tenho tambem sobre a minha banca d'estudo um *roteiro* curioso que pertenceu a José Mathias [1], natural de Vimieiro, concelho d'Arraiollos, então sargento de caçadores n.º 4, e que fazia parte das forças sitiantes no acto da evasão, da qual foi *testemunha ocular*.

No dito roteiro se lê, entre outras coisas, o seguinte:

«Sahi do hospital em 22 de março de 1811;—estive no deposito de S. Bento 4 dias, e marchei para o exercito. Fui encontrar o meu Batalhão em *Cinco Villas*, no cerco d'Almeida, e ali estivemos até que os fran-

[1] V. *Torres Vedras*, *Gojim*, e *Passos da Serra*.

[2] Aqui teve alguns dias Lord Wellington o seu quartel general—e ainda hoje em varios pontos d'esta freguezia, no lado que olha para a Hespanha, se veem restos de muros que, segundo diz a tradição local, foram baterias montadas para bater os franceses.

Diz mais a tradição—que a grande batalha principiou no termo d'esta freguezia.

[1] Era o pae do meu benemerito antecessor.

Assentou praça em 1782 e se conservou sempre na fileira até á convenção d'Evora-Monte.

Fez a campanha da Peninsula e as guerras civis posteriores;—emigrou varias vezes para a Hespanha;—foi em 1823 com a expedição á Bahia, etc.,—e em uma pequena carteira que trouxe sempre comsigo (é o *curioso roteiro* supra) ia consignando algumas occorrencias mais notaveis e—*todas as suas marchas e contra-marchas*,—as terras onde poisava—e as distancias percorridas. Só até o dia 27 de setembro de 1829 tinha elle percorrido a bagatella de 2:566 legoas por mar—e 2:787 por terra,—total 5:353 legoas!... E ainda depois accresceram as marchas e contra-marchas até á convenção d'Evora-Monte.

V. *Vianna do Minho*, vol. X, pag. 461, col. 1.ª e segg.—e *Vimieiro de Arraiollos*.

cezes largaram fogo ás murâlhas e fugiram para a Hespanha. Foi uma *venda* bem conhecida, pois no sitio por onde cortaram a linha estavam os nossos soldados todos avisados *para não fazerem fogo, porque ali havião de passar dois Regimentos inglezes*. Assim passaram os francezes, e de tal fórma que os nossos soldados se envolveram com elles, porque iam muito calados e foram rompendo até que as sentinellas começaram a fazer fogo.

«Mais ainda: A minha brigada, tendo ido para *Mal Partida*, n'essa mesma noite tornou para as *Cinco Villas*, para os francezes passarem como passaram, por *Mal Partida!*... Fomos no seu seguimento, mas só ao outro dia, levando-nos os francezes de dianteira 9 horas!...»

Do exposto se vê que, assim como foi taxada de traição a entrega da praça d'Almeida aos francezes em 1810,—tambem ha quem taxe de *venda* a fuga da guarnição franceza em 1811.

Com vista aos nossos historiadores.

No dia 9 d'abril de 1811 chegou a *Villar Formoso* Lord Wellington;—*aqui teve alguns dias o seu quartel general*—e, depois de varias evoluções dos dois exercitos, deu em 3 a 5 de maio a grande batalha de *Fuentes de Honor*, tão gloriosa para elle, como vergonhosa para Massena, ficando o nosso paiz desde aquella data definitivamente livre das garras francezas, que tão cruelmente nos trataram desde 1807.

M. Alph. de Beauchamp, francez, e por consequencia de todo o ponto insuspeito, nas suas annotações á citada historia de John Jones, diz em uma nota (vol. I pag. 221) o seguinte:

«O resultado da famosa campanha de Portugal foi *todo desfavoravel para a França*, posto que o exercito francez *não soffreu em Portugal revez algum.*»

É assim que se escreve a historia!—Mais abaixo, porem, como os leitores vão ver, o mesmo auctor *muito a sobre-posse* reconhece o desastre do Bussaco.

Quando estivemos em Paris e visitámos o celebre *Arco da Estrella*, onde se acham consignadas todas as victorias de Napoleão I, vimos que na campanha de Portugal apenas mencionaram como *victoria* (?) para as armas francezas a tomada d'Almeida em 1810, quando a praça voou pelos ares com a explosão do paiol.

Que brilhante feito d'armas!...

—

Continua Beauchamp dizendo:

«Sejamos francos: na dicta campanha de Portugal Massena mostrou-se muito inferior á fama que o precedia e *só na retirada* provou que era um habil guerreiro.

«Ferido no seu orgulho por ver que o inimigo, depois de o acossar até á fronteira, sitiou e lhe tomou *á sua vista* a praça d'Almeida que elle proprio Massena *havia conquistado* (?), determinou-se a dar a batalha de *Fuentes de Hunor; não foi porem n'ella mais feliz do que na do Bussaco*, e, abandonando Portugal ao seu adversario, perdeu as boas graças de Napoleão, que lhe tirou o commando e lhe deu um successor menos habil e mais infeliz ainda.»

Posto que só o exercito de Massena,—o filho querido da *victoria!*...—perdeu em Portugal cerca de 25:000 homens na batalha do Bussaco e nas acções de Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, Ponte da Murcella, etc., fiquemos sabendo que as armas francesas durante a guerra da Peninsula—*não soffreram em Portugal revez algum* — e passemos adiante.

—

No dia 24 de março de 1884 deu-se aqui um grande desgosto.

Um carreiro ao atravessar com um carro tirado por bois a ribeira de *Tourões*, saltou para o carro, mas este voltou-se e o matou instantaneamente. Era um homem robusto, de 27 annos apenas.

Em março de 1885 deu-se tambem aqui um desgosto, mas de ordem muito differente. A nossa guarda fiscal apprehendeu a um francez, chamado André Pontirame, 1:511 libras—ou 6:799$500 réis—que tentava passar para a Hespanha sem pagar os respectivos direitos.

—

No dia 18 de janeiro do corrente anno de

1886 chegou á estação de *Villar Formoso* S. A. o nosso principe D. Carlos em viagem para Hespanha e França, onde por essa occasião tractou o seu casamento com a princesa D. Maria Amelia d'Orleans, filha dos condes de Paris. Regressou a Lisboa em março—e no dia 19 de maio[1] aqui passou a mencionada princesa, acompanhada por seus paes e parentes, etc., formando ao todo uma comitiva de 70 pessoas, em um luzido comboyo especial. O principe D. Carlos veiu recebel-a á estação da Pampilhosa—e d'ali seguiram todos no mesmo comboyo para Lisboa, onde, na egreja de S. Domingos, se realisou no dia 22 o casamento, com extraordinaria pompa, prolongando-se as festas até o fim do mez,—festas como em Lisboa nunca se viram e que todos os nossos jornaes minuciosamente descreveram.

—

Em fevereiro d'este mesmo anno de 1886 levantou-se em toda a região norte do nosso paiz o cordão sanitario, que durou 8 mezes alem d'outros 8 em 1884 a 1885.

Custou talvez mil contos, mas bem empregados foram porque, tendo o cholera-morbus feito nos dictos annos milhares e milhares de victimas na França e na Hespanha, não entrou em Portugal.

Durante o dicto cordão tivemos n'elle 8 a 9 mil soldados e lazaretos provisorios em Villa Real de Santo Antonio, Valença, Marvão, Elvas e aqui, em *Villar Formoso*,— além do lazareto permanente em Lisboa.

V. *Villa Real de Santo Antonio* e *Villa Real de Traz-os-Montes*.

—

O serviço do cordão sanitario foi muito bem feito, mas era muito *duro*, principalmente no inverno.

Na raia maritima cruzavam cinco vapores ao longo da costa—e em toda a nossa raia secca, *mesmo nos sitios mais desertos e asperos*, se fez uma continuidade de simples cabanas de palha, como as dos pastores, onde estavam pequenos grupos de soldados, sempre com sentinellas bradando *alerta*— noite e dia,—sendo as distancias de uma á outra cabana tão pequenas, que as sentinellas se avistavam e podiam responder umas ás outras.

Alem d'isso havia rondas volantes e constantes, — noite e dia; — os comboyos não transpunham a fronteira—e o serviço do cordão era feito com todo o rigor militar. Os soldados tinham ordem para fazer fogo sobre todo e qualquer individuo que, depois de admoestado e avisado, tentasse transpor o cordão,—e todo o corpo dos nossos guardas fiscaes rececebeu ordens terminantes para auxiliar os 8 a 9 mil homens do cordão.

—

Os contrabandistas, não podendo estar ociosos tanto tempo, em differentes pontos tentaram romper o cordão—e alguns o conseguiram por veredas occultas em sitios medonhos e noites tenebrosas,—mas muitos foram presos e outros corridos a bala e feridos, perdendo os gados, tabacos e fazendas que tentavam introduzir.

Os soldados eram gratificados, bem alimentados e tinham avultadas rações d'aguardente, principalmente no inverno, mas com a intemperie e falta de commodos nas pequenas barracas muitos adoeceram e soffreram sesões e sarna, molestias felizmente estranhas ao nosso exercito—*em tempo normal*.

—

No dia 23 de maio de 1886, em seguida á passagem da princeza D. Maria Amelia de Orleans, inaugurou-se a exploração da linha ferrea, em continuação da nossa linha da Beira Alta, desde a estação de *Villar Formoso* até Salamanca, benzendo solemnemente as machinas o bispo de Salamanca.

—

Na passagem da princesa D. Maria Amelia d'Orleans foi-lhe offerecido pelos photographos do Porto—Emilio Biel & C.ª—um precioso album com primorosas photographias de todas as estações d'esta linha da Beira Alta, das suas pontes, d'outras obras

[1] Maio d'este mesmo anno de 1886, pelas 2 horas da manhã;—chegou á Pampilhosa ás 10 horas da manhã do mesmo dia—e a Lisboa ás 5 e meia horas da tarde do mesmo dia 19, quarta feira.

d'arte e dos sitios mais pittorescos que atravessa.

Na 1.ª pagina se lia em caracteres artisticamente desenhados a dedicatoria seguinte:

«A sua alteza real a princeza D. Maria Amelia de Orleans ao entrar na sua futura patria, respeitosamente offerecem os proprietarios da photographia real, do Porto, Emilio Biel & C.ª.»

Seguem-se 40 vistas dos seguintes pontos da linha:

Estação da Figueira, tunnel das Alhadas, estação da Pampilhosa, estação do Luso, ponte das Varzeas, tunnel Grande, Salgueiral, ponte Hilijoso, ponte Trezoi, tunnel de Trezoi, estação de Mortagua, ponte de Mortagua, Mortagua, ponte da Breda, ponte do Cris, tunnel do Monte dos Lobos, ponte do Coral, Valle do Dão, ponte do Dão, estação do Dão, estação de Mangualde, tunnel de Abrunhosa, quinta das Barracas, Valle do Mondego, estação de Gouveia, ponte Laganhorda, ponte perto de Fornos, ponte de Muchagata, ponte da Jejua, Celorico, estação de Celorico, entre Pinhel e Guarda, estação da Guarda, ponte Noemi (ferro), vista da Cerdreira, ponte da Fraga, ponte do Côa e estação de *Villar Formoso*.

VILLAR DE FRADES,—ou *S. Salvador de Villar de Frades*,—e *Areias de Villar*, ou *S. João d'Areias de Villar de Frades*,—e *Magdalena de Villar*, ou *Santa Maria Magdalena de Villar de Frades*,—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia que representa hoje tres parochias.

Orago S. Salvador. Os das outras 2 freguezias eram S. João Baptista e Santa Maria Magdalena.

Fogos (das 3 freguezias hoje unidas)—160; habitantes 675.

Em 1706 as 3 freguezias, com a de S. Thiago de *Encourados*, (V.) formavam a abbadia (couto) de S. Salvador de Villar de Frades, ou do celebre convento dos *loyos*, cujo reitor apresentava curas ou vigarios nas 3 restantes e todas 4 contavam 200 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Em 1768, segundo se lê no *Port. Sacro e Profano*, a freguezia de S. Salvador de Villar de Frades contava oitenta fogos,—comprehendendo talvez ás freguezias de S. João Baptista e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*, pois não se encontra menção d'ellas no *Port. S. e Profano;* menciona porem a de S. Thiago de *Encourados*, com 87 fogos, vindo por consequencia a ter as 4 freguezias supra—167 fogos, o que mal póde crer-se, contando ellas já em 1706, como diz Carvalho,—200 fogos!...

—

A *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima nem sequer fez menção do Couto de *Villar de Frades*, nem da ouvidoria de Barcellos, quando no vol. 2.º pag. 475 a 524 deu (?) a população da provincia de Entre Douro e Minho.

O censo de 1864 deu ás freguezias de S. João e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*, já então unidas e comprehendendo tambem a de S. Salvador de Villar,—152 fogos e 651 habitantes,—e o de 1878 deu ás mesmas 3 freguezias, que já então formavam como formam hoje, *só uma*,—150 fogos e 654 habitantes.

Esta freguezia que nós denominamos *S. Salvador de Villar de Frades* (logo diremos porque) demora na margem esquerda do Cavado, do qual a sua matriz (a egreja do extincto convento) dista approximadamente 1 kilometro para S. E.;—6 de Barcellos para E.;—9 de Braga para O.;—5 da estação de Barcellos na linha ferrea do Minho;—56 do Porto—e 393 de Lisboa.

Comprehende na circumscripção da antiga parochia de *S. Salvador* o convento e a cerca, hoje *quinta* de *Villar de Frades*, bem como a sumptuosa egreja do convento, séde e matriz da actual parochia;—na circumscripção da extincta parochia de Santa Maria Magdalena d'*Areias de Villar* as povoações de Estrada, Bouça, Magdalena, Aldeia e Monte,—e na circumscripção da freguezia de S. João d'*Areias de Villar* as povoações de Villar, Quintão, Caslopo, Loureiro, S. Sebastião e Quintella.

—

Este topico de *Areias*, *Villar de Areias*

Villar de Frades e *Areias de Villar de Frades* é um labyrintho para os chorographos extranhos á localidade. N'elle se perdeu o meu antecessor e não sabemos a sorte que nos espéra, posto que lhe havemos prestado *toda a attenção.*

Salvo o respeito devido á memoria do meu benemerito antecessor, se este diccionario estivesse désde o seu principio a nosso cargo, nós teriamos descripto no topico *Areias* a freguezia de que no momento nos occupamos e lhe dariamos o titulo *legal* que tem de *Areias de Villar de Frades;* mas o meu antecessor deu ao concelho de Barcellos apenas a freguezia de *Areias* (orago S. Vicente) confundindo-a com a de S. Thiago de *Areias*, concelho de Santo Thyrso (adiante rectificaremos este e outros lapsos que se encontram n'aquelle topico) e deu ao concelho do Prado outra freguezia de S. Vicente de *Areias*, não existindo já semelhante concelho;—e não descreveu esta de S. João Baptista e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*—ou simplesmente (e melhor talvez) —de S. Salvador de *Villar de Frades.*

E elle estava convencido de que a descreveu, pois em uma nota á margem do artigo *Villar de Frades e Areias, freguezia,* no *Flaviense,* de que fazia uso, disse: «Já está em *Areias,* menos o convento.» Oxalá estivesse, porque nos poupava bom trabalho!...

Mas passemos adiante e tractemos de desenredar a meiada, consoante permittirem as nossas debeis forças.

—

Houve aqui um antiquissimo convento benedictino, que no seculo XV foi dado aos loyos, como adiante mostraremos em topico separado. Denominou-se *Convento de Villar de Frades,*—ou dos *beguinos* ou *homens bons* de Villar. Foi o 1.º que os loyos, conegos de S. João Evangelista, tiveram no nosso paiz. Tão notavel em breve se tornou, que foi egreja parochial e cabeça d'um couto que em 1697 comprehendia nada menos de 15 freguezias, todas da apresentação do prelado ou reitor do convento, que era o abbade da freguezia de *S. Salvador de Villar* e de todas as outras, nas quaes tinha curas, apresentados e collados por elle,—segundo se lê na chronica da ordem, *Ceo Aberto na terra,* pag. 397 a 401.[1]

As taes 15 freguezias eram *n'aquella data* as seguintes:

1.ª—*S. Salvador de Villar,* cuja matriz era a propria egreja do convento.

2.ª—*S. João d'Areias de Villar,* a prender com a de S. Salvador e com a cerca do convento, para E.

Foi unida ao convento pelo arcebispo D. Fernando em 1439, em virtude da renuncia que fez d'ella o abbade Affonso Annes tomando o habito dos loyos.

3.ª—*Santa Maria Magdalena d'Areias de Villar,* a prender tambem com a de S. Salvador e com a cerca do convento, para O.

4.ª—*S. Bento da Varzea* (hoje Varzea e Crujães) que tambem havia sido convento benedictino e que dista do convento de Villar apenas uns 3 kilometros para O. tambem.

5.ª—*S. Miguel de Roriz,* hoje Roriz e Quiraz, distante do convento cerca de 6 kilometros para N.

7.ª—*S. Thiago de Encourados,* a leste do convento.

8.ª—*Santa Maria de Moure,* 7 kilometros para O.

Os loyos obtiveram estas ultimas 3 egrejas no anno de 1771, em troca da de Calvello.

9.ª—*Santa Leocadia de Pedra Furada,* cerca de 12 kilometros para O. do convento.

10.ª—*S. Jorge d'Ayró,* cerca de 3 kilometros para S.

Foi unida ao convento no anno de 1454, em virtude da renuncia do seu abbade João Antunes do Salvador, que tomou tambem o habito dos *bons homens.*

11.ª—*S. Martinho d'Ayró,* já então annexa á de S. Jorge d'Ayró.

12.ª—*Santa Maria de Goios,* cerca de 15 kilometros a O. do convento. Foi unida a elle no anno de 1481, em virtude da renuncia do seu abbade Diogo Annes, que tambem preferiu o habito dos *bons homens de Villar.*

13.ª—*S. Martinho de Manhente,* na margem direita do Cavado, a N. do convento.

---

[1] Veja-se a palavra *Grillo* n'este diccionario.

Foi tambem mosteiro benedictino, extincto em 1403. E achando-se reduzida a simples abbadia secular, o papa Nicolau V, a instancias da rainha Santa Isabel, concedeu bulla para se unir ao convento de Villar, mas o arcebispo D. Fernando, que ao tempo andava desavindo com os *bons homens*, oppoz-se e a deu a um seu famulo, Diogo Affonso; morto porem D. Fernando, o arcebispo D. Luiz Pires acceitou a bulla e em 1480 de bom grado uniu ao convento esta egreja com a seguinte, sua annexa.

14.ª—*S. Vicente d'Areias.*

V. *Manhente.*

15.ª—*Santo Emilião de Mariz*, cerca de 15 kilometros para O. do convento, na margem direita do Cavado tambem.

Foi unida em 1507 pelo papa Julio II, a instancias do cardeal d'Alpedrinha D. Jorge da Costa.

—

É isto o que se lê na chronica citada supra, mas a *Chorogr. Portugueza* deu ao couto de Villar de Frades em 1706 as 19 freguezias seguintes:—S. Salvador (a séde)—S. João d'Areias, Santa Maria Magdalena, Encourados, Adães, Ayró (S. Jorge), Varzea, Moure, Goyos e Pedra Furada,—todas 10 da apresentação do convento de Villar—e Brufe, Carvalhas, Carvalhal, Rio Covo (Santa Eulalia), Alvellos, S. Thiago de Castellões, Mogege, Pereira e Remelhe,—apresentadas por differentes padroeiros.

—

Do exposto se vê que entre as muitas freguezias que este convento apresentava, as 2 mais proximas eram as de S. João e Santa Maria Magdalena d'*Areias de Villar*;—supprimida não sabemos quando a egreja da Magdalena, foi unida á de S. João, que ficou representando as duas,—e em 1834, sendo extincto, com todos os outros conventos do nosso paiz, este de Villar, extincta ficou a freguezia de S. Salvador, matriz do couto e de todas as freguezias que o constituiam, pelo que a freguezia de S. João, que era até ali um *simples curato* da apresentação do *reitor* do convento, abbade da freguezia de S. Salvador e de todas as do grande couto, absorveu o convento e com elle a sua matriz. Ficou pois desde aquella data representando as freguezias de *S. João, Magdalena* e *Salvador*—e, como tivesse á sua disposição 3 egrejas, arvorou em *matriz* a *matriz* do couto—a egreja do extincto convento, por ser a melhor de todas—templo vasto, elegante, sumptuoso, esplendido, sem contestação ainda hoje um dos primeiros templos do nosso paiz!...

Deixou tambem a mesquinha residencia de *S. João d'Areias* e trocou-a pela parte do magestoso convento mais proxima da egreja.

Ora, tendo escapado ao grande cataclismo a veneranda egreja de *S. Salvador de Villar de Frades* e sendo hoje a matriz d'esta parochia, que representa os tristes curatos de S. João e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*—e a propria abbadia de *S. Salvador de Villar de Frades*, antiga e historica matriz do grande couto,—e tendo hoje o seu abbade a residencia parochial no *proprio convento*,—é de rigorosa justiça que esta parochia se intitule *Abbadia de S. Salvador de Villar de Frades*,—ou *Abbadia de Villar de Frades*,—orago *S. Salvador.*

A congregação de Villar de Frades

Com o tristissimo reinado de D. Fernando I (1367-1383) e com as porfiadas guerras subsequentes, campeava altiva a desmoralisação em Portugal, abrangendo todas as classes, inclusivamente o clero. Não corriam melhor os tempos em 1420, quando viviam em Lisboa 3 sacerdotes de grande illustração e raras virtudes:—o dr. João Vicente, conhecido por *Mestre João*, lente de medicina na Universidade de Lisboa, onde nascera em 2 de março de 1380 (sendo seus paes Estevam Rodrigues Macieira e D. Maria Ponce);—Martim Lourenço, doutor em theologia pela mesma Universidade,—e D. Affonso Nogueira, formado *in utroque jure* pela Universidade de Bolonha.

Costumavam elles reunir-se em casa do seu commum amigo Lourenço Annes, prior de S. Julião e sacerdote exemplar tambem.

A todos quatro horrorisava a desmoralisação da sociedade e do clero e, com o louvavel intuito de a combaterem, resolveram

deixar os commodos e o bulicio da corte e ir missionar na aldeia.

Foram primeiramente para a freguezia dos Olivaes, cujo prior os convidou e recebeu com alvoroço. Ali se uniram a elles mais 3 presbyteros de muito merecimento:—o mencionado prior de S. Julião,—Joanne Joannes, irmão d'elle, — e João Rodrigues; — e pouco depois se lhes uniram mais 3:—Affonso Amado, Rodrigo Annes e Martim João.

Resavam em côro, viviam em commum, tendo por chefe e superior o Mestre João, prégavam e doutrinavam, confessavam, sustentavam-se de esmolas que pediam pelo amor de Deus, vestiam grosseiro panno pardo e viviam a vida mais penitente e austera.

O povo adorava-os e vinha de grandes distancias, mesmo de Lisboa, para os ouvir e admirar tanta abnegação, mas o prior dos Olivaes um bello dia, não sabemos bem porque, expulsou-os da sua egreja e da sua residencia.

Foi esta a primeira contrariedade que se oppoz á nascente congregação—e maiores contrariedades se lhe seguiram.

—

Deixando a egreja dos Olivaes, dispersaram-se.

O prior de S. Julião voltou para a sua egreja;—o irmão foi viver com os eremitas da serra d'Ossa;—os outros volveram ás suas occupações; mas conservaram-se firmes no seu santo proposito os quatro seguintes:—D. Affonso Nogueira [1], Martim Lourenço, [2] João Rodrigues [3] e o Mestre João, guia e director de todos, que se encaminhou com elles para o Porto. Ali se apresentou ao bispo D. Vasco, seu conhecido, pois já o havia tractado de uma enfermidade em Lisboa. O bispo recebeu-os carinhosamente e os recolheu na egreja de Campanhã, junto do Porto.

Ali se installaram, proseguindo com a vida penitente que viveram nos Olivaes; o povo os estimava muito tambem, mas em breve D. Vasco foi transferido para Evora e o cura de Campanhã immediatamente os expulsou da sua egreja.

—

Martim Lourenço retirou-se para uma ermida dos arrabaldes do Porto, e D. Affonso Nogueira para casa da sua familia;—mas o Mestre João ainda não esmoreceu com esta nova contrariedade.

Tendo por companheiro unicamente João Rodrigues, marchou para Braga e ali se apresentou ao arcebispo D. Fernando da Guerra; expoz-lhe a sua resolução e as contrariedades que soffrêra; o arcebispo o attendeu e hospedou no seu proprio paço; prometteu-lhe a primeira egreja que vagasse na sua diocese—e cumpriu, pois vagando a egreja de Villar de Frades, deu-lh'a e n'ella o collou em 1425.

A dicta egreja era ao tempo abbadia secular, mas tinha sido convento benedictino fundado, segundo se suppõe, pelo veneravel arcebispo S. Martinho de Dume, em 566;—foi restaurado em 1070, depois da perdição da Hespanha, por Godinho Viegas, ascendente dos Azevedos [1] e bisneto de D. Arnaldo de Baião; estavam porem n'aquella data (1425) tanto a egreja como o extincto con-

---

[1] Filho de paes nobilissimos e primorosamente educado, foi bispo de Coimbra e arcebispo de Lisboa.

V. *Ceo Aberto na Terra*, pag. 638 a 656.

[2] Filho de paes nobres e ricos, foi educado na corte de D. João I, que depois o nomeou seu prégador;—o Santo infante D. Fernando o estimava como irmão e o escolheu para seu confessor e seu esmoler. Falleceu com opinião de santo em Lisboa, em 1446.

V. *Ceo Aberto na Terra*, pag. 611 a 638.

[3] Foi confessor de 2 reis e mestre de 2 principes, etc. Chronica citada, pag. 754 e segg.

[1] Tambem no anno de 1104 D. Gotina, filha do 2.º matrimonio de D. Adozinda, mãe de D. Godinho Viegas, fez uma amplissima doação ao mesmo convento,—e D. Sancho I o coutou e lhe concedeu grandes privilegios a instancias de D. Pedro Salvadores, descendente do mesmo D. Godinho, como se lê na chronica da congregação, pag. 363.

Foram sempre os Azevedos grandes protectores d'este convento e é por isso que n'elle tiveram muitos privilegios e assento no côro. Ainda hoje (1886) lá se vêem duas cadeiras na ordem superior com as armas dos Azevedos,—uma aguia.

vento, em misero estado;—a egreja reduzida a um pequeno e pobre templo;—o mosteiro a uma casa muito singella—e tudo em ruinas; mas o Mestre João gostou do local e da cerca e tudo transformou em praso breve.

—

Deixou em Villar o seu fiel companheiro João Rodrigues; foi a Lisboa; chamou os seus antigos congregados, que de prompto se lhe uniram; expoz-lhes a ultima occorrencia—e logo marcharam com elle para Villar: —D. Affonso Nogueira, Lourenço Annes, Martim Lourenço, Rodrigo Amado, Affonso Pedro e Martim João.

Ali renovaram logo os santos exercicios que tão dedicadamente e com tanta abnegação haviam iniciado nos Olivaes e Campanhã. Discorriam esmolando, pregando e confessando pelas terras circumvisinhas, grandes e pequenas, incluindo Barcellos, Guimarães, Braga e Porto. Visitavam as cadeias, confortando os presos e repartindo com elles tudo o que o povo lhes dava; prégavam nas egrejas, nas praças, nos campos e largos publicos—e o povo corria em montão a ouvil-os, principalmente quando prégava Martim Lourenço, que era um orador distinctissimo.

Em breve se espalhou por toda a provincia a fama dos *bons homens de Villar* (assim os denominava o povo) e tal era o seu prestigio que as pessoas mais distinctas se lhes curvavam—e dentro em pouco se lhes uniram presbyteros bem collocados, taes foram o chantre da Sé de Braga [1] e os abbades de Calvello [2] S. Paio de Midões e Santa Maria de Goyos, tomando o habito grosseiro dos *bons homens de Villar* e renunciando n'elles as suas abbadias, com o que a nascente congregação prosperou muito.

O Mestre João lhes deu estatutos; vestiam burel ou saragoça; professavam pobresa, castidade e obediencia; resavam as horas canonicas em côro; trabalhavam no grangeio da cerca e nas obras do convento—e viviam santamente em commum, á imitação do Redemptor e dos seus apostolos e discipulos.

—

Em 1429, estando tractado o casamento da infanta D. Isabel, filha do nosso rei D João I, com Philippe, *o Bom*, duque de Borgonha, conde de Flandres, etc., e preparando-se a grande armada que a devia conduzir, D. João I chamou a Lisboa o Mestre João e o seu companheiro dr. Martim Lourenço para acompanharem a infanta. Obedeceram elles e entretanto D. Affonso Nogueira, obtida licença do Mestre João, seu superior, partiu para Roma a visitar os sanctuarios da Italia.

Seguiu a infanta, acompanhada por seu irmão o santo infante D. Fernando, pelo Mestre João, Martim Lourenço e luzido sequito. Chegaram com feliz viagem a Borgonha; o duque os recebeu com alvoroço; festejaram-se os desposorios com grande pompa—e, passados dias, o Mestre João, aproveitando o ensejo, partiu com Martim Lourenço para Roma, a fim de dispor o estabelecimento definitivo da sua congregação,—e tudo correu á medida do seu desejo.

Achava-se então á frente da curia romana o cardeal de S. Clemente, Gabriel Condelmario, que o recebeu e tractou não como pretendente, mas como amigo, depois que reconheceu a illustração e virtudes do Mestre João Vicente e soube que pretendia consolidar uma congregação em tudo semelhante á de *S. Jorge d'Alga*, que elle proprio cardeal havia recentemente fundado em Venesa, sua patria.

Feliz coincidencia!

—

O proprio cardeal apresentou o nosso Mestre João ao Papa Martinho V que, achandose já favoravelmente disposto, o recebeu af-

---

[1] Vasco Rodrigues, denominado *arcebispo pequeno*, por ter sido muitos annos governador do arcebispado de Braga, etc.
V. *Agiol. Lusit.* tomo 1.º pag. 452.

[2] Gonçalo Dias de Barros, que vivia muito licenciosamente.
Era rico e deu aos congregados a sua abbadia e toda a sua fortuna, sem reservar coisa alguma para si. Tomou o habito,—recolheu-se ao convento e ali se regenerou acabando santamente.
O Mestre João, sendo já bispo de Viseu, foi assistir-lhe aos ultimos momentos.
Agiol. Lusit. tomo 2.º pag. 622.

fectuosamente e prometteu deferir, como deferiu, apenas recebesse de Portugal as informações que urgentemente pediu ao bispo de Vizeu,—e logo mandou lavrar um breve de confirmação,—em 20 de janeiro de 1431.

Mandou o mestre João para Villar o seu companheiro Martim Lourenço com a feliz nova, para animar ós seus congregados, não o acompanhando por ter ainda pendentes da curia certos negocios complementares; succedeu porem que, passado pouco tempo (em 20 de fevereiro de 1431) falleceu o papa Martinho V, sendo rapidamente eleito papa no dia 3 de março do mesmo anno o cardeal Gabriel Condelmerio, tomando o nome de Eugenio IV, amigo particular do Mestre João, pelo que o penhorou com finesas de toda a ordem.

D. Affonso Nogueira, na sua viagem á Italia, foi a Venesa ver a *Congregação de S. Jorge d'Alga*, e tanto sympathisou com ella que trouxe os seus estatutos e um dos habitos d'aquelles congregados. Não sympathisaram menos com o dicto instituto e com o habito azul celeste os congregados de Villar e por isso rapidamente escreveram ao Mestre João, que ao tempo ainda se achava em Roma, pedindo-lhe que sollicitasse para elles o mesmo habito e a mesma regra dos conegos seculares de S. Jorge.

Annuiu o Mestre João promptamente—e promptamente annuiu o novo papa tambem, por ter sido, como já dissemos, o *fundador* da congregação d'Alga.

Expediu logo novo breve confirmando a congregação de Villar com o titulo de *Conegos seculares de S. Salvador de Villar*, com o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilegios e indulgencias da sua tão querida congregação d'Alga, e a exemptou da jurisdicção dos arcebispos bracarenses, declarando-a immediata á Santa Sé;—nomeou o Mestre João prelado perpetuo da mesma congregação com poderes de nuncio apostolico, relativamente aos negocios d'ella,—e, vagando por essa occasião a mitra de Lamego, deu-lh'a.

Alem d'isso, na despedida deu-lhe por sua propria mão tambem o habito azul dos seus congregados.

Retirou se o Mestre João, confundido e satisfeitissimo! Foi recebido com alvoroço pelos seus companheiros de Villar;—lançou-lhes a todos o habito azul;—deu lhes constituições;—fez eleger novo prelado—e em 1432 ou 1433 recolheu se á sua diocese de Lamego, da qual em 1440, muito contra a sua vontade, foi transferido para a de Vizeu, onde expirou com opinião de santo, em 30 d'agosto de 1463, contando 83 annos de idade.

Foi um bispo modelo, denominado *bispo azul*, porque nunca deixou o habito azul dos seus conegos.

—

Foi este convento de Villar o 1.º convento e a 1.ª séde da congregação;—o 2.º foi o de Recião, junto de Lamego;—o 3.º foi o de Santo Eloy, em Lisboa, para onde transferiram a séde da congregação e do qual lhes proveiu o titulo de *Loyos*.

Tiveram estes congregados diversos nomes:—o 1.º, dado pelo povo, foi o de *Beguinos* [1] ou *Bons homens de Villar*;—o 2.º foi o de *Congregados de S. Salvador*, dado por Martinho V;—o 3.º foi o de *Conegos seculares de S. Salvador*, dado por Eugenio IV, a pedido do Mestre João;—o 4.º foi o de *Conegos seculares de S. João Evangelista*, dado por Pio II, a instancias d'el-rei D. Affonso V e de sua mulher a rainha D. Isabel, por ter particular devoção com o Evangelista,—e o 5.º e ultimo foi o de *Loyos*.

—

Quando a nova congregação, em virtude do breve de Eugenio IV, se julgava mais

[1] No seculo XIII denominavam-se *beguinos* os religiosos leigos ou conversos de S. Domingos e S. Francisco, que se sustentavam de esmolas. Houve muitos institutos de *beguinos* e de *beguinas* em toda a Europa e na Hespanha. A principio viveram santamente, mas com o tempo degeneraram,—foram extinctos—e alguns queimados pelos inquisidores.

Em Portugal tiveram o nome de *beguinos* apenas os eremitas da serra d'Ossa e os *bons homens de Villar*.

É muito digno de ler-se sobre o assumpto o que se encontra no *Elucidario* de Viterbo sob a palavra—*Biguinos*.

tranquilla, nomeadamente por se ver exempta da jurisdicção do ordinario, maiores tribulações a envolveram.

O arcebispo D. Fernando da Guerra declarou-lhes guerra d'exterminio e tentou expulsal-os da sua diocese, tachando-os de ingratos aos muitos beneficios que lhes havia dispensado.

Julgou uma affronta o irem sollicitar do Papa a exempção; cortou relações com elles;—não deu cumprimento ao breve—e intimou-lhes mandado de despejo.

Seguiu-se porfiada lucta, em que o arcebispo empenhou todo o seu alto valimento e, como elles não cedessem, ameaçou-os com a força.

Valeu-lhes em tão negra conjunctura a decidida protecção de D. Affonso I, duque de Bragança, que então vivia no seu palacio de Barcellos e que os amava como filhos.

Não só tomou a seu cargo todas as despezas do pleito, que durou annos, mas empenhou tambem todo o seu valimento em favor dos seus *bons homens* e contra o poderoso arcebispo.

Escreveu-lhe varias cartas exprobando-lhe a duresa com que tractava os pobres congregados e em uma, entre outras coisas, lhe disse:—*que ao pontifice e não a elle cumpria resolver a pendencia;—que era improprio d'um prelado soccorrer-se ao direito da força—e que, se persistisse em levar por diante as ameaças, elle duque lhe certificava que o acharia no convento de Villar em pessoa, disposto a perder a vida em defesa dos congregados.*

O arcebispo hesitou, mas um bello dia resolveu-se a marchar em som de guerra pessoalmente com os seus belleguins, archeiros e homens d'armas contra Villar.

Prevenido o duque D. Affonso, armou logo todos os seus criados e grande numero de vassallos,—correu em defesa dos seus *bons homens*—e, apenas chegou ao convento, mandou por um mensageiro dizer ao arcebispo—*que, se não voltasse immediatamente para Braga, lhe poria na cabeça em logar da mitra um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto elle se fazer soldado, sendo arcebispo.*

O arcebispo retrocedeu;—depois veiu a um accordo e lhes dispensou grandes favores.

O convento

Os congregados transformaram completamente o mesquinho cenobio dos bentos, venerando pela sua antiguidade.

Ainda encontraram na cerca pinheiros e castanheiros gigantescos de corpulencia tal que, tentando mandar para o Porto o tronco de uma d'aquellas arvores, tiveram de desistir, por serem necessarias 24 juntas para a conducção.

Tres homens com os braços abertos não abraçavam o tronco d'alguns pinheiros.

Embellesaram muito a cerca, abrindo diversas ruas orladas de flores e arbustos, e enchendo-a de capellas, revestidas de conchas e mosaicos, destacando-se entre todas a do *Presepio*—e a do *Passarinho.*

Esta ultima foi feita pelos congregados no sitio onde, segundo dizem as chronicas e a tradição, esteve um *abbade santo*, da ordem dos bentos, extactico cento e tantos annos, sem ser visto de ninguem, absorto pelo cantar de um *passarinho*, até que, voltando a si e ao convento, o encontrou completamente transformado e habitado não por monges bentos, mas pelos conegos d'habito azul.

Elles o receberam com assombro;—contou-lhes tudo—e poucos dias depois falleceu!...

A dicta capella foi demolida pelo 1.º dono d'este convento—Balthasar José Martins,—muito depois da extincção das ordens religiosas.

—

Em 1697 o convento compunha-se de 4 dormitorios:—um a leste, outro ao sul, outro ao poente, outro, então denominado o *novo*, sobre o terreiro dos *Cabedaes*,—e em correspondencia com elle se propunham fazer outro, cujos alicerces já estavam abertos.

Da portaria até o projectado dormitorio tambem já tinham feito cinco arcos magestosos e a meio d'elles um grande portico, encimado por um nicho com a estatua do Mestre João, com mitra e bago.

O chão do claustro era todo coberto de

lisonjas de jaspe e no meio tinha um grande chafariz de 2 taças com 4 bicas em cada uma.

A livraria era uma bella casa, que tambem servia d'aula, e tão espaçosa que n'ella se celebraram capitulos geraes;—e pelo interior do convento corria uma levada que movia 2 azenhas [1].

No convento viviam ordinariamente 60 conegos e numero quasi egual de criados e serviçaes, comprehendendo pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros e alfaiates para serviço da casa, por estar em sitio ermo.

Tinham tambem os conegos nas immediações do convento 3 quintas:—a de *S. Martinho*, a do *Quintorio* e a de *Manhente*,—e no rio, ao fundo da cerca, varias azenhas, uma barca de passagem e engenhos para caçar peixes:—salmões, relhos, trutas e lampreias, —sendo o rio coutado, desde Barcellos até o poço do Lago, que tinha 18 braças d'altura,—diz a chronica [2].

Não sabemos que obras se fizeram no convento desde 1697, mas sabemos que, apesar do vandalismo que pesou sobre todos os do nosso paiz, em seguida á extincção das ordens religiosas, o edificio é espaçoso e felizmente está bem conservado ainda.

Tem o aspecto d'um grande palacio quadrangular, com extensos dormitorios, centenares de cellas e um soberbo refeitorio, que foi ladrilhado com grandes pedras de granito, hoje empregadas em eiras dos lavradores circumvisinhos.

Tem interiormente uma capella muito elegante, muito bem tractada ainda e ornada com riquissimos paineis.

[1] N'esta data (agosto de 1886) a camara de Barcellos tracta de organisar uma bibliotheca municipal com alguns milhares de volumes que pertenceram á livraria d'este convento e que a dicta camara tinha amontoados, cobertos de pó e roidos do caruncho, em uma sala escura, posto que a maior parte desappareceu com o grande cataclismo da extincção das ordens religiosas.

Acordou tarde, mas antes *tarde* do que *nunca*.

[2] O Cavado foi outr'ora navegavel até aqui —segundo se lê nas *Memorias d'Argote*, vol. 2.º pag. 529.

Extinctas as ordens religiosas, foi este convento comprado pelo rico negociante do Porto, Balthasar José Martins, que por sua morte o deixou á Misericordia do Porto e esta depois o vendeu á ex.ma sr.a D. Margarida Alves, viuva, tambem do Porto, por quantia relativamente baixa, ficando-lhe o metro quadrado a 40 réis approximadamente, comprehendendo o convento.

É hoje dos filhos e herdeiros da dicta senhora—Joaquim Domingos Ferreira Cardoso e José Domingos Ferreira Cardoso,—que (honra lhes seja!) teem o edificio muito bem reparado e a grande cerca muito bem agricultada.

A cerca é fertilissima; tem talvez 6 kilometros de circumferencia;—é toda murada e banhada por um ribeiro que nasce na proxima freguezia de Martim,—vai engrossando com diversos arroios,—passa na freguezia de Encourados, cujos lavradores, por contracto muito antigo, se utilisam da agua d'elle em certos dias no verão,—e desagua no Cavado.

A cerca produz 30 a 40 pipas de vinho verde,—40 a 50 carros de milho,—muito feijão, muita fructa e muitos melões especiaes pelo seu particular sabor e grandesa.

Rivalisam com os da freguezia da *Pousa*, que são considerados os melhores do Minho, posto que em varios chãos d'esta freguezia de Areias de Villar e da de Encourados se colhem melões eguaes aos da freguezia da Pousa.

São tambem pertença d'esta grande quinta 3 azenhas no Cavado, 1 engenho de maçar linho e 3 engenhos de pesca, onde caçam muitas lampreias e alguns salmões.

Entre os muitos melhoramentos que esta grande quinta recebeu dos seus actuaes proprietarios, merece menção uma bella estrada que a poz em communicação com a estrada a macadam de Braga a Barcellos, que passa a pequena distancia.

A egreja

Posto que este artigo vai tão longo, não podemos deixar de offerecer aos leitores um esboceto d'esta egreja, pois é pela sua archi-

tectura, dimensão e tradições um dos templos mais notaveis do nosso paiz.

É toda de granito porphroide do monte da *Penida*, que atravessa esta parochia,—o granito melhor d'esta provincia, tão alvo e fino que parece marmore. Sustenta vantajosamente o confronto com o granito de *S. Gens*, nos arrabaldes do Porto, e com o de *S. Domingos*, nos arrabaldes de Lamego. D'ali foi a pedra para o pedestal da memoria de D. Pedro V e para outras obras de Braga, posto que o dicto monte está a 11 kilometros de distancia.

A egreja olha para o poente e ladeiam-lhe a fronteria 2 grandes torres, uma ainda incompleta e a outra com bons sinos e relogio, occupando cada uma cerca de 36 metros quadrados de terreno, afóra as paredes!...

Entra-se para ella, como para a dos bentos, no Porto, por um espaçoso atrio, sobre o qual está o grande côro;—seguem-se o corpo da egreja, o cruzeiro e a capella-mór, descrevendo no seu todo a forma da cruz latina.

Tem de comprimento o atrio até á porta principal 8^m,90;—d'ali até o cruzeiro, inclusivé, 28^m,80;—do cruzeiro até o altar da capella-mór 24^m,67—e d'ali até á extremidade do templo 5 metros, sendo por consequencia o seu comprimento total 67^m,37.

De largo tem 40 metros até á capella-mór —e esta 20 metros,—sendo de uma só nave e de estylo gothico.

A parte mais custosa e mais notavel d'este grande templo é o tecto, todo de abobada de granito finissimo, primorosamente trabalhado. A abobada é bastante abatida e parece sustentada por uma infinidade d'arcos que se ramificam e cruzam, formando uma grande rede, sobresaindo nos pontos de intersecção e em outros, pedras lavradas e circulares, á maneira de estrellas.

É tão alta, que nas paredes lateraes tem duas ordens de frestas,—6 por cada lado.

Ignora-se quando foi feita, mas, pelo que se lê na chronica da ordem, é com certesa anterior a 1697, data em que o chronista escreveu; tinha porém n'aquelle tempo maior numero d'altares,—ao todo 15,—emquanto que hoje tem apenas 10.

A chronica diz que tinha no cruzeiro 4 altares, em quanto que hoje tem só 3,—e que tinha no corpo da egreja 10 altares, emquanto que hoje tem apenas 6.

Foi feita no tempo do benemerito arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa (1505 a 1532) ao qual se deve a capella-mór.

—

O côro tem 12 metros de comprimento,— 9^m,10 de largura,—52 cadeiras em duas ordens,—uma balaustrada para o lado interior —e para o lado exterior uma grande sacada, encimada por uma fresta—e 2 janellas aos lados.

Tem um orgão magnifico de força de 24, com 16 registros para a mão direita e 14 para a esquerda.

Já em 1697 dizia d'elle o chronista: «he o orgão melhor da Hespanha e contam os nossos velhos, que da Igreja de Santiago de Galiza se mandou offerecer por elle quanto os Padres pedissem. Foi obrado por certo homem insigne n'aquella arte, chamado *Mestre Lobo.*»

Logo que se entra na egreja pela porta principal, vê-se á esquerda o baptisterio em um vão coberto de abobada e n'elle a pia baptismal, muito bem lavrada. Do lado opposto ha um vão igual com porta para o claustro, que os frades não concluiram. Serve actualmente de cemiterio o seu chão —e no pavimento superior está a residencia parochial.

Em seguida áquelles 2 vãos estão 3 capellas de cada lado, todas de abobada de pedra e com as paredes forradas de azulejo.

Em frente da 1.ª—ao lado esquerdo de quem entra,—vê-se no pavimento da egreja a inscripção seguinte:

S.ª DE MANUEL LO-
PES LOVREIRO DA FREG.ª
DE MOVRE PARA ELLE
E SEUS DESCENDENTES
1762

Na 2.ª capella se vê no azulejo da parede do lado do evangelho:

D. ANTONIO CORARI.
CARDEAL. OSTIENT. NEPOTE.

do S.mo P.a Gregorio 12
q por sva mvita.
virtvde. e santid.e dei
xov o palacio de Roma.
e se meteo na nossa
congregação

E no azulejo do lado opposto:

O P. Afonso. Nogeira.
hvm dos n. P.os fvndadores.
o qval foi a Roma. e al-
cancov. o habito. de qve
hoje vzamos. divinal. mente.
dado. pela. Virgem. M.a S.
Nossa. e nossas constitvisois.
bp.o de Coimbra, e arcebp.o
de Lisboa.

Junto das dictas inscripcões estão pintadas no azulejo as figuras dos individuos, a quem ellas se referem;—e o mesmo se dá nas outras capellas.

Na 3.a se lê no azulejo, do lado da epistola:

O. V. P. Antonio da Conceição. n.al da villa. do
Ponbal. que. servia a
noso. Snor. nesta. sa-
grada. congregacão. por
espaço. de 50 annos.
Faneceo. de idade. de
80 an.s a 12. de maio.
de 1602. Está sepvltado
no convt.o de S. Bento. de
Xabregas.

No azulejo do lado opposto se lê:

O. P. João. Roiz. 2.o ge
ral desta congregacão. qve.
não aseitov. o bd.o de Co-
inbra. por sva mt.a hu
mildade. sendo. promovido.
nele. por el rei. D. Afonso.
5. de qvem hera. confesor.
e da Rainha. D. Izabel.
sva molher.

—

Passemos agora para o outro lado da egreja.

A 1.a capella, entrando, pertence á familia *Magalhães*, de Barcellos, e tem no centro uma sepultura com a inscripção seguinte:

S.a de Diogo de
Villas Boas Caminha
e sevs svcesores deste
morgado
1645.

Na 2.a capella se lê no azulejo do lado da epistola:

Noso. P. S. Lovrenso
Ivstiniano. patriarca.
de Veneza. hvm dos
nosos fvndadores de S.
Jorge. em Alga. em
Italia.

Na parede do lado opposto se lê o seguinte:

Gregorio. 12. svmmo
Pontifice. chamado. an
tes. Angelocotes. hv. dos
P.os fvndadores. da nossa.
congregacão. de S. Jorge
dalga. em Veneza.

A 3.a capella d'este lado é em tudo semelante ás outras—e, nas paredes que separam do cruzeiro as duas mais proximas, estão escadas de pedra, por onde se sobe para os dois pulpitos, que são revestidos de boa talha dourada e ficam em frente um do outro.

Nas extremidades lateraes do cruzeiro se vê da parte do evangelho a capella do Santissimo—e do lado da epistola uma porta que dá para a sacristia, para o claustro (hoje cemiterio) e para a residencia parochial.

No mesmo cruzeiro se vêem mais 2 altares ainda, voltados para o corpo da egreja, aos lados da entrada para a capella-mór; e no vão do cruzeiro se encontram diversas sepulturas com inscripções muito gastas. Apenas podem ler-se as seguintes:

1.a

Aqvi ias ho corpo
do bispo......
....
Falecev em Braga
aos 6 de 7b.ro de
1596

2.ª

S.ª DE DONA CHRISTI
NA DA GAMA PRADO
MULHER QVE FOI DE BEL-
CHIOR RISCADO DE RO-
....
....

—

A capella-mór tem de cada lado 3 grandes frestas envidraçadas e 4 grandes paineis, dois dos quaes estão completamente apagados. Tem mais 2 ordens de assentos para o clero—e estantes na ordem superior.

A sacristia, elegante e com muita luz, é primorosamente estucada e ladrilhada com lusangos de lousa preta e branca, em xadrez.

Tem de comprimento 13^{m},20;—de largura 7^{m},91;—4 grandes frestas á esquerda de quem entra, e do lado opposto 4 grandes telas representando os 4 evangelistas. Teve tambem de cada lado 3 grandes espelhos,—ao todo 6; mas hoje tem só 2, achando-se os restantes a ornar casas particulares?!...

Tem mais dois grandes gavetões ao longo das paredes, cobertos por duas enormes tabuas, medindo uma 9^{m},76 de comprimento e 0^{m},93 de largura,—e a outra 9^{m},33 de comprimento e 0^{m},98 de largo.

Ao fundo tem um altar com esta inscripção:

PROBET AUTEM SE IPSUM HO-
MO: ET SIC DE PANE ILLO EDAT,
ET DE CALICE BIBAT.
S. PAULO AD COR. 11, 28.

Já em 1679 tinha esta egreja muitas reliquias e muita prata, avultando 3 lampadarios da capella-mór, sendo o do meio *como o mais alto homem* (diz a chronica)—muitos castiçaes, thuribulos, navetas, pixides, gomis, tocheiros, custodias e cruzes, entre ellas uma de tamanho descommunal—e «em todas estas peças, sendo de prata fina, e antiga (já em 1697, diz a chronica) he sem duvida mais preciosa a obra, que a materia.»[1]

Tudo se evaporou, não sabemos quando!...

N'esta egreja repousavam tambem já em 1697 muitas pessoss da nossa primeira nobresa, taes eram as seguintes:—D. Godinho Viegas e sua mulher D. Maria Soares; D. Pedro Salvadores e sua mulher D. Sancha Martins, Nuno Aranha, alcaide-mór de Pombal, sobrinho do arcebispo D. Diogo de Sousa; D. Theresa de Mendonça e seus descendentes; D. Leonor de Lemos e seu sobrinho Fernão Pereira, senhor d'Angeja; Diogo Lopes Homem, commendador de S. Romão; Gaspar Pereira e sua mulher D. Angela de Sá; Diogo Correia, da casa de Farelães, descendente de D. Paio Peres Correia, e outros muitos fidalgos d'aquella nobilissima casa; Joanne o *Pobre* e o abbade santo, etc.

Quem pretender mais noticias da congregação, do convento e da egreja de Villar de Frades, leia a *Benedictina Lusitana*, tom. 1.º pag. 316 a 320,—e a chronica *Ceo aberto na Terra*, pag. 209 a 401,—e 551 a 656.

—

Uma das grandes vantagens que offerecia esta congregação era o *egresso* e *regresso*, como por vezes nos disse o sr. D. José de Moura Coutinho, benemerito bispo de Lamego (V. *Telhô*) que foi conego secular de S. João Evangelista, ou *padre loyo*, no convento de Santa Cruz d'aquella cidade.

Se os dictos conegos necessitassem de sair do seu convento por qualquer motivo justo, como saiu o sr. D. José de Moura Coutinho para occupar o logar de deão e depois o de bispo d'aquella cidade, podiam regressar quando muito bem lhes approuvesse,—dado que não tivessem commettido certa ordem de faltas.

Rectificações

Como já dissemos em *Villar d'Areias*, e no principio d'este artigo *Villar de Frades*, o meu benemerito antecessor foi muito infeliz no topico *Areias*. N'elle se encontram lapsos de paginação, d'alphabetação e de redacção, alguns dos quaes elle reconheceu e deixou indicados, para os reparar no supplemento.

Os typographos,—não sabemos porque fatalidade,—repetiram a numeração da pagina

[1] Possuia tambem esta egreja o calix e a patena com que o arcebispo S. Geraldo dizia missa. O calix tinha em volta as figuras e os nomes dos dose apostolos—e a patena o *Agnus Dei*.

238 do 1.º vol. (Vide) nada menos de 48 vezes, com o addicionamento das 24 lettras do nosso alphabeto, desde A a Z, primeiramente singellas e depois dobradas, — comprehendendo na dicta serie o topico *Areias*.

Foi esta a 1.ª infelicidade; seguiu-se-lhe logo a da alphabetação, ficando *Areia* e *Areias* antes de *Arega* e *Aregos*, devendo ficar depois d'estes ultimos 2 artigos.

Agora a 3.ª desgraça:

—

Havendo no concelho de Barcellos 2 freguezias com o nome de *Areias*,—a de *S. Vicente*—e a de *S. João* e *Santa Maria Magdalena de Areias de Villar*, que nós descrevemos sob o titulo *Villar de Frades*,—o meu benemerito antecessor deu ao concelho de Barcellos apenas uma,—a de *S. Vicente de Areias* (pag. 238—F—col. 1.ª) confundindo-a com a de *S. Thiago d'Areias*, na margem direita *do Ave*, concelho de Santo Thyrso, (V.) em quanto que a de *S. Vicente d'Areias*, concelho de Barcellos, está na margem direita do *Cavado*.

Dê-se pois áquelle artigo a epigraphe seguinte:

Areias, freguezia do concelho e comarca de *Santo Thyrso*, districto do *Porto*, diocese de Braga [1], na provincia do *Douro*.

Abbadia. Orago *S. Thiago*;—fogos 142,—habitantes 513 [2].

Demora na margem direita do *Ave*—e a sua egreja parochial dista de Santo Thyrso 3 kilometros para N.,—34 do Porto, pela linha ferrea de Guimarães,—e 371 de Lisboa.

---

[1] Pela ultima circumscripção diocesana, feita em 1882, das 32 freguezias que hoje constituem o concelho de Santo Thyrso, ficaram pertencendo á diocese de Braga apenas 5:—esta de S. Thiago de Areias, a de S. Miguel d'Aves, a de S. Miguel de Lamas, a de Santa Eulalia da Palmeira e a de S. Martinho de Sequeiró. As 27 restantes ficaram pertencendo ao bispado do Porto.

V. *Villarinho*, freguezia do concelho de Santo Thyrso.

[2] Esta freguezia é a que o meu antecessor descreveu a pag. 238—E,—col. 1.ª *in principio*.

Fica assim rectificado tambem aquelle artigo.

Tudo o mais que se lê n'aquelle artigo póde ficar,—exceptuando as ultimas 4 linhas, que pertencem á freguezia de *Areias*, orago *S. Vicente*, concelho de Barcellos, a qual o meu antecessor descreveu a pag. 238—E,—dando-a como pertencente ao concelho do Prado, extincto ha muito.

Demora ella na margem direita do *Cavado* e tem por freguezia limitrophe a de *Manhente*, mas não está annexada á ella. São ambas autonomas e fronteiras á de *S. Salvador de Villar de Frades*, mettendo-se de permeio só o rio.

A mencionada freguezia de *S. Vicente de Areias*, concelho de Barcellos, conta hoje 82 fogos e 370 habitantes.

—

Note-se tambem que o monte de *Penide* ou da *Penida* não está n'esta parochia de S. Vicente d'Areias, como disse o meu antecessor,—mas na de S. *João d'Areias de Villar*, ou de *S. Salvador de Villar de Frades*, na outra margem do Cavado como já dissemos.

Ficam assim rectificados aquelles 3 artigos.

Finalmente com relação ao artigo *Areias* (S. João de) pag. 238—F—col. 2.ª, veja-se tambem o artigo *João* (S.) *d'Areias*, vol. 3.º pag. 412, col. 2.ª

VILLAR DE LAGOANÇA,—ou simplesmente *Lagoança*.

Assim se denominava no seculo XIII a freguezia de *Lagoaça*, concelho de Freixo de Espada á Cinta, quando D. Diniz lhe deu foral, no dia 26 d'abril de 1286.

V. *Lagoaça*.

VILLAR DE LEDRA,—freguezia extincta, que em 1706 pertencia ao termo da villa e concelho de Mirandella, comarca da Torre de Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes. Contava então 30 fogos, uma capella e cinco fontes;—era da apresentação do reitor de Mascarenhas e fazia parte da commenda d'este nome.

Em 1768 era ainda curato da mesma apresentação; pertencia á mesma commenda e á diocese de Miranda (hoje Miranda e Bragança);—tinha como orago S. Miguel;—rendia para o seu cura 10$500 réis, alem do pé d'altar,—e contava 34 fogos.

Mais tarde foi reunida á freguezia de *Carvalhaes* (V. vol. 2.º pag. 132, col. 1.ª—e hoje está unida com a de *Carvalhaes* á de Nossa Senhora da Encarnação da villa de Mirandella, concelho e comarca d'este nome, dis-

tricto e diocese de Bragança, em Traz os Montes.

—

A extincta egreja matriz de S. Miguel de Villar de Ledra dista 5 a 6 kilometros da villa de Mirandella para N. E.—e outros 5 kilometros da estrada real a macadam de Mirandella a Bragança, para N.

As producções dominantes da extincta parochia são:—azeite, cereaes, vinho bom de mesa e lã, pois cria bastante gado lanigero.

O seu terreno é fertil e cria tambem muita caça.

Note-se que esta parochia extincta de *Villar de Ledra*, nenhuma relação tem com a de *Fornos de Ledra*, tambem hoje extincta, da qual se fallou no vol. 3.º pag. 219, col. 1.ª e havemos de fallar mais detidamente no supplemento, porque está ali um dos dois importantes recolhimentos de *Oblatas do Menino Jesus*, fundados pelo benemerito bispo D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara [1].

Villar de Ledra pertence, como já dissemos, ao concelho e comarca de Mirandella, —e *Fornos de Ledra* pertence ao concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros,—distando as duas povoações uma da outra cerca de 17 kilometros.

Parece que ambas as freguezias tomaram o nome de uma povoação denominada *Ledra*, mas hoje na provincia de Traz-os-Montes não ha memoria de tal povoação!... [2]

Ao meu venerando amigo, o sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

—

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, tambem foram unidas á mencionada freguezia de *Carvalhaes* as freguezias de *Villa Nova* e *Contins*.

V. *Villa Nova*, (a 1.ª) n'este diccionario, vol. 11.º, pag. 799, col. 2.ª

Representava pois 4 freguezias a de Carvalhaes, hoje unida á de Mirandella—e esta ficou representando *cinco;* mas, como já se lhe haviam unido *ha muito* os curatos de Bronceda, Chellas, Freixedinha e Val de Madeiro, que foram parochias independentes, representa hoje a freguezia e villa de Mirandella—pelo menos—*dez freguezias!*

Este bispado de Bragança é um labyrintho para os chorographos, como já dissemos e *provámos* n'este vol. XI, pag. 1099, col. 2.ª

VILLAR DA LOMBA,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago — Santo André, apostolo; — fogos (com a de S. Jomil, sua annexa) 160,—habitantes 680.

Esta parochia é relativamente moderna. Foi criada pelos annos de 1840 sobre a aldeia de Villar, que era da freguezia de *S. Jomil*, hoje d'este concelho de Vinhaes, mas pertencia ao concelho de *Santalha*, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Vinhaes, bem como esta freguezia de Villar de Lomba.

Do exposto se vê o motivo por que esta parochia de Villar da Lomba não se encontra na *Chorographia Portugueza*,—nem no *Port. S. e Profano.*

O censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 421 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 415 habitantes.

Tem hoje annexa a freguezia de *S. Jomil*, orago S. Pedro, á qual o censo de 1878 deu 50 fogos e 218 habitantes.

V. *Jomil* (S.) vol. 3.º pag. 419, col. 1.ª

Representa pois esta freguezia 2, formadas por 2 povoações,—*Villar da Lomba* e *S. Jomil*, as quaes até 1840 formavam a freguezia de S. Jomil.

Tambem hoje tem annexa administrativamente a povoação de Ferreiros, que pertence ecclesiasticamente á freguezia de *Edral.* Vide.

---

[1] V. *Villa Verde*, freguezia do concelho e comarca de Mirandella, vol. X, pag. 1097, col. 1.ª e seg.

[2] Nos principios da nossa monarchia denominou-se *Laedra* um districto ou territorio importante da provincia de Traz-os-Montes, o qual demorava entre Bragança e Mirandella, segundo se lê na *Hist. de Port.* de Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 427.

Áquelle districto de *Laedra* pertenciam *Fornos de Ledra* e *Villar de Ledra.*

Junte-se este meandro ao labyrintho das freguezias d'este bispado.

—

Demora esta freguezia de Villar da Lomba e S. Jomil na margem esquerda do rio Mente, que desagua no Rabaçal,—este no Tua—e o Tua no Douro.

A matriz de Villar da Lomba dista do rio Mente 2 kilometros, para E.;—3 da margem direita do Rabaçal, para O.;—5 da confluencia do Mente com o Rabaçal, para N.;—7 da raia de Hespanha, aqui formada pela freguezia de Villar Secco da Lomba,—e 20 de Vinhaes, para O.

Producções dominantes:—cereaes de pragana, batatas, castanhas e algum azeite. Tambem produziu em quantidade vinho de mesa, do melhor d'este concelho, mas hoje pouco vinho produz, depois que a invasão phylloxerica destroçou os vinhedos da maior parte d'esta provincia e que eram a principal riqueza d'ella [1].

Os d'esta freguezia e d'este concelho eram exportados para a Hespanha, ou reduzidos a optima aguardente, que ia para o Porto.

Tambem é mimosa de peixe dos dois rios que a banham—e nos seus montes se cria muita caça grossa e miuda:—perdizes, coelhos, raposas, lobos e javalis.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE MAÇADA, — villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago Nossa Senhora da Conceicão,—segundo se lê no *Mappa das Novas Dioceses*, publicado em 1882, mas a *Chorog. Port.* deu-lhe como orago *Santa Maria*,—o *Port. S. e Profano* deu-lhe como orago Nossa Senhora da Assumpção. O mesmo orago lhe deram Bettencourt e Almeida.

Fogos 480,—habitantes 2:100.

Em 1706 era vigairaria collada, annexa á reitoria de Tres Minas;—pertencia ao termo do concelho e ouvidoria de Villa Real, provedoria de Lamego—e contava 230 fogos.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação do reitor de Tres Minas,—rendia para o seu vigario 50$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 309 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 445 fogos e 1788 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 472 fogos e 1:854 habitantes.

Foi villa e séde de concelho extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Alijó.

Ha n'este concelho hoje 4 freguezias muito importantes: — Sanfins do Douro, Favaios, Alijó e esta de Villar de Maçada, sendo a de Sanfins a mais populosa e hoje absolutamente a *mais rica* d'este concelho e d'esta comarca, pois conta cerca de 540 fogos com 2:400 habitantes;—colhe muito azeite, muitos cereaes e batatas, e ainda no ultimo anno de 1885 produziu cerca de 2:000 pipas de vinho,—mais vinho do que *nenhuma* das freguezias de ambas as margens do Alto Douro!...

Alem d'isso não tem casas nobres. A sua propriedade está muito dividida e muito bem agricultada;—os seus habitantes vivem sem fausto,—são muito laboriosos, muito trabalhadores e exploram em grande escala a industria de carrejões de vinho e aguardente em carros tirados por bois, no que empregam mais de 50 juntas e apuram muito dinheiro. E são elles *ha muito de pelle diabi*,—a gente mais desordeira de todo o Alto-Douro!...

Por vezes tem ido *armados* insultar e provocar as villas circumvisinhas:—Favaios, Provezende, Sabrosa e Alijó, trocando fogo com ellas e havendo ferimentos e mortes!...

Ainda no anno ultimo,—1885,—porque o redactor do *Correio d'Alijó*, com aprumos de livre pensador, os metteu a ridiculo e chamou estupidos e fanaticos, por elles venerarem como *santo* um seu visinho que falleceu em Braga e foi moleiro,—um bello dia foram ás 10 horas da noite armados e em grande bando procurar o dicto redactor na sua propria casa, a meio da villa d'Alijó, hoje a séde d'este concelho e d'esta comar-

---

[1] V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes*,—*Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*.

ca, dispostos a tirar-lhe *a vida*, valendo-lhe o não o encontrarem em casa nem no bilhar da villa, onde o procuraram tambem!...

Com os taes meus amigos ninguem brinca no Alto Douro.

Brincou o redactor,—mas ia pagando *com a vida* a brincadeira!...

Desculpem-nos a digressão.

—

Demora Villar de Maçada na margem esquerda do rio Pinhão, do qual a sua matriz distará 1 kilometro;—10 de Sabrosa para N.;—11 de Favaios, para N. O.;—14 de Alijó;—24 da estação de Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—32 de Villa Real;—151 do Porto—e 488 de Lisboa.

Além da povoação de *Villar de Maçada*, a séde da egreja matriz, comprehende as aldeias seguintes:—Cabeda, Sanradella, Formestes e Francellos;—a quinta do *Rio*, na margem esquerda do Pinhão e que é do padre Antonio do Rio, e a de *Fornos*, que foi da familia Passos Pimenteis e é hoje de D. Emilia Passos Pimentel e de seu marido, cujo nome ignoro.

Além d'estas, que são as principaes, comprehende outras muitas. A *Chorogr. Mod.* menciona as seguintes: — Ribeira, Tojaes, Marinha, Moura, Banha, Ranginha, Braga, Justes, Boa Vista e Tenraes.

Producções dominantes: — vinho, castanhas, batatas, cereaes e azeite.

O vinho era a sua producção principal, mas infelizmente a phylloxera e os outros muitos inimigos das videiras que assolam no momento o nosso paiz, nomeadamente o Alto Douro, teem causado já tambem grandes prejuizos nos vinhedos d'esta parochia e d'esta provincia toda!

Pelo arrolamento official da extincta *Companhia dos Vinhos do Alto Douro*, relativo ao anno de 1840, produziu esta freguezia 818 pipas,—e a tal de Sanfins 2:174.

Bom tempo era esse!

Freguezias limitrophes:—Villa Verde, S. Lourenço, Parada de Pinhão e *Sanfins do Douro*.

A povoação de *Villar de Maçada* é grande e bonita—e tem muitas casas nobres, entre as quaes avultam as seguintes:

1.ª—Da familia *Pizarros*, hoje unida aos *Portocarreiros* do palacio da *Bandeirinha* no Porto, actualmente representada pela viuva e filhos de João Pinto Pizarro da Cunha Portocarreiro, que falleceu em Coimbra no anno do 1885 e jaz no mauzoleu da sua familia no cemiterio oriental do Porto.

V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 271, col. 2.ª—e *Porto*, vol. 7.º pag. 519 a 525.

Se o palacio das *Sereias*, ou da *Bandeirinha*, é um dos mais notaveis do Porto, o que esta nobre familia aqui possue é talvez maior,—está muito bem tractado e bem conservado,—tem uma linda capella,—bons jardins e uma cerca espaçosa, que é uma grande quinta. Comprehende bellos campos regadios e muito ferteis, muito arvoredo fructifero e grandes vinhedos.

Contiguos a este palacete e a esta quinta estavam o palacete e a quinta que foram dos morgados de Villar de Perdizes, com uma linda capella, denominada *Capella de Borba*, o que tudo passou por compra para os *Pizarros Portocarreiros* e forma uma das melhores vivendas da provincia.

Só uma vinha, que está junta aos dois palacetes tem produzido alguns annos 50 pipas de vinho!...

A capella mencionada é de custosa architectura e tem um lindo retabulo de talha dourada.

Ambos estes palacetes são brasonados.

—

2.ª—*Dos Pintos Pizarros.*

É um bom edificio, tambem brasonado.

Foi do 1.º e unico barão da Ribeira de Sabrosa, Rodrigo Pinto Pisarro, de quem já se fallou nos artigos *Ribeira de Sabrosa* [1], vol. 8.º pag. 183, col. 1.ª—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 11.º pag. 964, col. 2.ª e seg. para onde remettemos os leitores.

O barão teve 6 irmãs e 5 irmãos,—total 11. Dos irmãos elle e mais 2 (Gaspar e José Maria) eram formados—e foram tambem militares elle e mais 2—o Francisco e o Antonio. Tambem foram muito liberaes o barão

[1] Quinta na margem direita do *Pinhão* e não do *Corgo*, como por lapso ali se escreveu.

e o Fernando,—e muito realistas os outros 4 irmãos, mas sempre irmãos modello, muito amigos e muito dedicados. Viviam juntos, mas nunca discutiram politica, e deu-se com elles o seguinte facto.

Sendo preso como liberal o barão, foi mettido no castello de S. Julião da Barra. Empenhou-se muito pelo livramento d'elle o irmão Gaspar Homem Pinto Pisarro, que ao tempo era corregedor em Braga e, como os realistas não quizeram annuir ás suas instancias, foi muito espontaneamente encerrar-se na mesma prisão e ali se conservou ao lado d'elle até que o pozeram em liberdade.

O barão era o 4.º na ordem do nascimento. Antes d'elle nasceram o Antonio e 2 irmãos, mas, como o Antonio fallecesse ainda em vida do pae, foi o barão quem succedeu no vinculo e morgado da Ribeira de Sabrosa, do qual foi 8.º administrador; fallecendo porem solteiro e sem descendencia, succedeu-lhe seu irmão Gaspar, que foi o 9.º administrador do dicto morgado. Casou com D. Francisca Pinto de Queiroz, da villa de Favaios, mas não teve filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão Fernando, que foi o 10.º administrador do dicto morgado, mas falleceu em 1876 sem successão, pelo que ficou representando esta nobre casa o sr. Sebastião Maria da Nobrega Pinto Pizarro, de Villa Real, sobrinho do barão e filho de uma irmã que ali casou.

Extinctos os vinculos, foi vendida a quinta da Ribeira de Sabrosa e passou a extranhos. N'ella tinham e existe ainda uma capella de forma circular, muito antiga, com a invocação de Santa Agueda,—e, desde tempos remotos, costumam as mulheres, a quem falta o leite, ir comer a herva que nasce em volta da dicta capellinha!...

—

3.ª—Dos *Pintos Pimenteis*, ramo dos *Pintos Pisarros* e dos *Pisarros Portocarreiros*, —edificio brasonado tambem.

O ultimo representante d'esta nobre familia foi Ignacio Pinto Pimentel, casado com D. Maria Angelina de Castro Pereira, irmã de Manuel de Castro Pereira, que foi ministro d'estado, embaixador, etc.—homem muito illustrado, muito excentrico, muito economico e grande proprietario nos concelhos da Pesqueira e de Carrazeda d'Anciães.

V. *Villarinho da Castanheira.*

Ignacio Pinto Pimentel teve os filhos seguintes:

1.º—José Pinto Pimentel de Castro, bacharel formado em direito.

Casou com D. Maria Henriqueta Pisarro, filha de Thomaz Homem Cortez Pisarro, de Gouvinhas do Douro, e tiveram uma filha e herdeira, D. Maria Angelina, a qual casou em Sabrosa com o senhor da nobre *Casa da Capella*,—Francisco Teixeira da Gama Lobo, e teve muitos filhos, um dos quaes casou com sua prima... filha de Luiz de Castro Pereira, sobrinho e herdeiro do mencionado ministro Manuel de Castro Pereira.

V. *Sábrosa*, vol. 8.º pag. 274, col. 2.ª

2.º—Dionizio Pinto Pimentel de Castro Pereira.

Foi tenente do exercito de D. Miguel, convencionado em Evora-monte; conserva-se ainda solteiro—e vive na aldeia da Ceara, freguezia de Poyares, no concelho da Regoa.

3.º—Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira.

Casou em Gouvinhas do Douro, com D. Bibiana Pinto Pereira de Barros, filha e herdeira de Antonio Teixeira Catharino de Magalhães e de D. Rita Pereira de Barros,—e teve

—D. Maria Anna Pinto Pimentel, ainda solteira.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Alijó.

Templos

1.º—A egreja matriz.

Tem uma só nave, mas é um templo espaçoso, elegante e bem tractado, com altar mór e 4 lateraes, todos de boa talha antiga dourada,—um lindo tecto de madeira apainelado, e todo cheio de pinturas a oleo,—2 pulpitos,—grande e bello côro,—uma boa torre,—adro fechado sobre si—e em volta d'elle um grande campo, que tambem denominam *adro*, onde se faz uma feira mensal de gado bovino, suino e cavallar e d'outros generos, no dia 26, tendo em volta alpen-

dres ou *cobertos*, uns da junta de parochia e outros particulares, para os feirantes.

2.º—*Sanctuario de Santa Barbara*, no alto da serra d'este nome, distante de Villar de Maçada 2 kilometros.

Tem uma grande capella de Santa Barbara—e outra mais pequena, dedicada ao *Senhor Caido;* um bello adro com arvoredo—e festa com romaria em julho.

É um dos pontos mais alegres e vistosos da provincia. D'ali se descobrem 24 freguezias só em Traz-os-Montes,—a estrada de Villa Real a Bragança, no sitio da *Valsa*,—e grande extensão da provincia da Beira.

3.º—*Capella da Senhora do Fundo*, singella, muito antiga e publica.

Demora entre o cemiterio e a egreja parochial.

4.º—*Capella de Borba*, que foi dos morgados de Villar de Perdizes e é hoje dos Pisarros Portocarreiros.

Particular e já mencionada.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio, com sôco de granito, grades e portas de ferro.

Foi acabado em 1883 e demora no caminho de Cabeda, a 100 metros approximadamente da egreja matriz.

Villar de Maçada tem duas fontes publicas:—uma de charco, mas de excellente agua e abundantissima, cujas vertentes formam dois grandes regos permanentes, com lavadouros, regando e fertilisando em seguida magnificas lameiras, denominadas *linhares*, que produzem muito milho, hervagens e linho.

A outra fonte denominada *Fonte da Calheira*, está no caminho de *Sanradella* e não é tão abundante.

Tem esta freguezia 3 pontes sobre o Pinhão:—2 de pau e muito antigas,—outra moderna e de granito, recentemente feita na estrada real n.º 39, de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta, por Sabrosa, Favaios, Alijó, Carraseda d'Anciães, etc.—e que atravessa esta freguezia de Villar de Maçada, achando-se construida desde Villa Real até aqui; e em construcção até Favaios—e já servida por diligencias desde Villa Real até Sabrosa.

Tem esta freguezia tambem muitos moinhos de cereaes no Pinhão, e na villa 2 para azeite.

—

Clima temperado e muito saudavel,—o que não succede em todo este valle do Pinhão, pois alguns kilometros a jusante, principalmente desde *Val de Mendiz* até o Douro, o terreno é ardentissimo no verão. Tremem ali de sezões os gatos, as gallinhas e os cães,—derrete-se a solda das vazilhas de lata,—destempera-se o fio dos instrumentos de corte, expostos ao sol—e estalam as pedras (schisto) com a acção do calor,—mas em compensação os seus vinhedos produziam o vinho *mais generoso do Alto Douro*, que só tinha rival no das quintas do *Roncão*, d'este mesmo concelho, junto da estação de Cottas.

Era finissimo todo o vinho desde a *Pedra Caldeira* até á *Foz do Tua*, na margem direita do Alto Douro;—e na margem esquerda, principalmente nas gargantas do rio Torto, o vinho era tambem muito bom, mas o melhor, absolutamente o melhor de todo o Alto Douro, era o de Val de Mendiz e do Roncão,—antes da invasão phylloxerica, pois actualmente pouco vinho já produzem aquellas afamadas regiões, achando-se até já incultas e abandonadas algumas das suas quintas!...

V. *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas lettras e virtudes e pelos altos cargos que exerceram.

Para formarmos uma extensa lista, bastava percorrer as arvores genealogicas das nobres familias *Pisarros, Pintos Pisarros* e *Pintos Pimenteis*, entre os quaes avultou n'este seculo o morgado e barão da Ribeira de Sabrosa, que foi deputado ás côrtes, ministro, presidente de ministros, general de brigada e homem honradissimo sempre, mas por isso mesmo, tendo herdado vinculos e morgados de seus maiores, pouco mais deixou do que dividas!...

Por cartilha diametralmente opposta se

guiou um seu visinho e contemporaneo, que, nascendo pobre como Job, adquiriu e legou a bagatella de *cinco mil contos*!...

Chamava-se elle José Maria Pinto da Guerra, por alcunha

O Guerra sapateiro

Adquiriu a fortuna no Brazil, mas porque bullas?

Ouçamos os jornaes da epocha:

«Morreu no dia 3 do corrrente [1] no Rio de Janeiro o opulento capitalista, ali conhecido por *Guerra sapateiro*. Era uma individualidade excentrica. Chamava-se José Maria Pinto Guerra e nascera de paes incognitos na freguezia de Villar de Maçada, concelho de Alijó, em Portugal.

Quando chegou ao Rio de Janeiro estabeleceu-se com uma pequena loja de sapateiro. N'um dia descobriu que tinha ganho pouco mais de um conto de réis. Comprou então uma venda. Quando conseguiu ter um capital de dez contos de réis, começou a negociar em escravos. Deu-se bem, foi augmentando o seu peculio, e entendeu que o *genero* daria mais por atacado. Começou então a importar escravos e mesmo a ir buscal-os á Africa, para o que comprou dois navios.

Contrariado o trafico, deitou-se a comprar massas fallidas. Teve alguns desgostos, devendo-se notar que em muitas demandas elle era parte, procurador e advogado.

Vendo que esse negocio tinha os seus *contras*, voltou a negociar em escravos e a fazer algumas operações de juros, modicos: dois ou tres por cento ao mez. Ao mesmo tempo fazia-se proprietario e accionista de bancos e companhias.

Assim conseguiu uma fortuna de cerca de 5.000:000$000 réis.

Nos ultimos tempos tinha medo que o envenenassem, e dizia sempre aos que elle havia contemplado:—*o que vocês querem é que eu feche o olho, seus ladrões*!...

Diz-se que um dos contemplados tomou tal susto quando um dia se zangou o finado com elle, que teve uma febre e morreu.

[1] Maio de 1882.

Diversos individuos pediam-lhe, quando o visitavam, para contemplar certas instituições de caridade. E elle dizia: *Pois sim... sim... merece-o... merece-o... lá vou contemplal-a.* E lá era chamado o consul portuguez para approvar testamento ou novo codicilio.

—

«Nos ultimos tempos os medicos eram os seus herdeiros em vida. Por uma noite de insomnias e de dores, um medico recebeu 6:000$000 réis. Um outro fazia-lhe visitas repetidas a 500$000 réis.

Se vive mais cinco annos, consumiam-lhe o que havia ganho e accumulado em mais de meio seculo.

Nos ultimos annos sentíu que a vida de celibatario não podia ser o complemento da sua existencia. Pensou em casar-se. Chegou mesmo a apaixonar-se por uma respeitavel senhora viuva e muito conhecida na sociedade fluminense. A mais de um amigo queixava-se da ingratidão d'ella em não quererlhe acceitar a mão... e os 5:000 contos.

Teve uma criada que o não podia aturar, e que lh'o dizia com uma franqueza de quem não sabia o que valiam 5:000 contos.

Elle respondia sempre:—«Senhora, veja o que faz... olhe que dá um pontapé na sua felicidade e de toda a sua geração.»

Por occasião da crise bancaria que determinou a quebra da casa Souto e outras, possuia elle, em uma das casas fallidas avultada somma. Indo saber do dono d'essa casa em que estado estavam os negocios, encontrou-o chorando, encarou-o friamente, e disse-lhe: «Homem, que eu chorasse, vá, porque sou o roubado, mas você?!...»

Era avesso a subscripções. Recebendo uma vez um bilhete de cadeira para um beneficio em favor d'uma sociedade de beneficencia, conservou-o sobre a secretaria e, quando a directoria d'aquella sociedade se apresentou para receber a importancia respectiva, entregou-lhe o proprio bilhete.

Sendo-lhe objectado que se tractava de uma obra de caridade, respondeu:—«Ah! conheço essa tal senhora, chamada Caridade, e sei que se lhe abrir a minha porta uma vez, nunca mais me larga. Passe muito bem.

Uma bella occasião appareceu vestido com elegancia que espantou os conhecidos e os que não desejavam vel-o tão perdulario. Quando lhe perguntaram o que queria dizer tanto luxo, respondeu: *São uns ladrões; levam-me um dinheiro fabuloso por tudo isto; querem acabar com o pouco que tenho.* E continuava a resmungar:—*que ladrões!...*

A respeito de coisas intellectuaes tinha opinião muito singular. Quando queria exprimir a sua admiração por um homem de lettras, por um orador ou jornalista, empregava uma phrase profundamente significativa:

—*Oh! é um excellente typographo!*

Testamento

«Deixou varios legados importantes a algumas instituições de beneficencia: cinco predios á ordem do Carmo; tres á ordem terceira de S. Francisco de Paula; a chacara e todos os predios que lhe pertenciam na praia de S. Christovão, á Misericordia do Rio de Janeiro; 58 contos a varias irmandades d'aquella capital e 10 contos, moeda brazileira, á do Santissimo de Villar de Maçada; 10 á Beneficencia portugueza; 150 contos para 30 expostas do Rio de Janeiro; 40 contos para 20 expostas da Misericordia de Lisboa; 34 contos para os pobres de varias freguezias do Rio; 6 contos ao vigario Escobar; 20 contos ao asylo profissional de beneficencia portugueza; deixou livres cinco escravos, dando 500$000 réis a cada um; cerca de 200 contos em varios legados a pessoas de sua amisade; 40 contos á esposa do sr. barão Wildick, consul de Portugal, etc. Instituiu herdeiros do remanescente os seus testamenteiros, os srs. Ventura José da Costa, João Teixeira de Barros e Domingos Rodrigues de Carvalho.»

Posto que este artigo vae já muito longo, não podemos resistir á tentação de esboçar a biographia do mais benemerito filho d'esta parochia e orgulho d'esta provincia:

O barão da Ribeira de Sabrosa

Rodrigo Pinto Pizarro de Almeida Carvalhaes, primeiro barão da Ribeira de Sabrosa, oitavo senhor do morgado d'este nome, e nono do monte de Calvos e Soutelinho Domezio, commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Bento d'Aviz, condecorado com a medalha da guerra de Montevideu, e grão-cruz da legião de honra em França, brigadeiro do exercito nacional e real, do conselho de S. M., ministro e secretario d'estado honorario, etc., nasceu aos 6 d'abril de 1788 n'esta freguezia de *Villar de Maçada*. Seus paes foram Francisco Pinto de Almeida Carvalhaes e D. Antonia Mauricia da Nobrega Pizarro.

Frequentou as escolas de instrucção primaria e secundaria com singular aproveitamento e desde então se conheceram os extraordinarios talentos, que depois foram de tão grande proveito para a nação e para o throno. Ao principio destinaram-n'o seus paes para a vida ecclesiastica, e até chegou a entrar no collegio dos Loyos; mas, vendo que a sua inclinação o chamava a outro genero de vida, resolveu-se a seguir a carreira das armas, assentando praça no regimento de infanteria n.º 5. Serviu com muita distincção na guerra peninsular, e depois fez parte da divisão de voluntarios reaes d'el-rei. São muito conhecidas do exercito portuguez a bravura e intelligencia que desenvolveu na vida militar.

Passou do Rio da Prata a servir no Maranhão ás ordens de Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, visconde da Varzea. Adquiriu ali tão grande popularidade que, por occasião de se proclamar n'aquella provincia os mesmos principios, que no Porto haviam sido proclamados em 24 d'agosto de 1820, foi nomeado membro do governo provisorio, que ali se organisou. Voltando a Lisboa foi um dos que mais contribuiu para que nos fins de maio e começo de junho de 1823 não se restabelecesse o governo absoluto, e para que el-rei, o sr. D. João VI, désse á nação uma constituição modelada pelos principios sustentados por Benjamin Constant. A proclamação do sr. D. João VI, de maio de 23, é obra de Pinto Pizarro.

—

D. João VI não pôde cumprir a sua real promessa, mas é certo que Pinto Pizarro

desde 1823 até 1826 procurou com risco de sua vida tornar constitucional o governo d'estes reinos!

Adoptada pela nação portugueza a carta constitucional de 29 d'abril de 1826, e declarada regente do reino a serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, foi pelo ministro Saldanha nomeado Rodrigo Pinto Pizarro, então tenente coronel, chefe da 1.ª direcção do ministerio da guerra. Brilhante foi n'essa epoca a carreira ministerial do nobre marechal Saldanha; mas é sabido que Pinto Pizarro o ajudou poderosamente com as suas luzes, conselho e trabalhos.

Logo que o regente D. Miguel começou a dar indicios de querer usurpar a corôa da Senhora D. Maria II, foi Pinto Pizarro um dos primeiros que procurou inutilisar aquella tentativa, pelo que teve de emigrar para Inglaterra, d'onde acompanhou os generaes que no Belfast vieram desembarcar no concelho de Bouças, para ajudar os portuenses na revolução de 16 de maio de 1828. Foi Pinto Pizarro pela junta provisoria encarregado de manter a auctoridade d'el-rei o sr. D. Pedro IV, no quartel general do duque de Palmella, e retirou-se novamente em companhia do seu general para Inglaterra. A alçada miguelista condemnou-o á morte, e mandou que a sua cabeça fosse cortada e espetada em alto poste na praia de Bouças!!

Desde 1828 até 1834 esteve emigrado.

Fez parte da expedição á Ilha Terceira e assignou o famoso protesto de 1829.

O collegio eleitoral da provincia do Douro o elegeu deputado ás cortes de 1834, mas a camara não approvou a sua eleição, por motivos que andam impressos e pouco honram a maioria d'aquelle tempo.

O ministerio Saldanha o nomeou governador civil de Villa Real, mas não acceitou a commissão, por motivos muito honrosos para s. ex.ª

—

Em 1835 foi eleito deputado pela provincia de Traz-os-Montes e durante toda a legislatura advogou com o maior zêlo os interesses de todo o paiz e particularmente os da provincia que representava; mas, dissolvidas as camaras em 1836, a provincia, cujos interesses tanto defendeu, não teve uma cadeira de deputado para dar-lhe!...

Por occasião da revolução de 9 de setembro de 1836 subiram ao poder os seus amigos e logo o nomearam administrador geral de Bragança, cargo que acceitou e desempenhou, deixando de si grata memoria.

Eleito deputado ás côrtes constituintes, prestou apoio leal e consciencioso aos seus intimos amigos Sá da Bandeira, Vieira de Castro e Passos (Manuel), merecendo pela sua prudentissima e nobilissima conducta as sympathias de toda a camara, até dos seus adversarios politicos.

Em 1838 foi nomeado commandante da 5.ª divisão militar e outra vez administrador geral de Bragança—e n'esse mesmo anno foi eleito senador pelos circulos eleitoraes de Guimarães e Bragança.

Em 18 d'abril d'aquelle mesmo anno foi elevado á presidencia do conselho e formou o ministerio, a que deu o seu nome, procedendo com tal desinteresse, atilamento e patriotismo que foi considerado como um dos mais habeis estadistas da Europa, no seu tempo.

A maior parte da sua correspondencia diplomatica anda impressa e não ha ninguem que ao lel-a se não ufane de ser portuguez; mas uma influencia estranha... privou o nosso paiz dos serviços de s. ex.ª no dia 26 de novembro de 1839.

Dissolvida a camara dos deputados, muitos circulos o quizeram eleger seu representante em 1840, cabendo essa gloria ao circulo d'Aveiro.

Nas camaras prestou por essa occasião relevantes serviços ao paiz, combatendo as nefastas propostas do ministerio de 26 de novembro com o seu raro atilamento politico.

—

Finalmente, fechada a sessão de 1840, volveu á sua terra natal para se restabelecer de *certo incommodo*... no seio da familia que o idolatrava, e fazer companhia á sua carinhosa mãe, mas infelizmente foi roubado ás esperanças de todos no dia 8 d'abril de 1841,

E parece que o illustre barão presentiu a morte, pois na manhã d'aquelle dia fatal recommendou a um seu confidente que dis-

tribuisse por certas familias pobres de Lisboa uma somma que tinha a receber do estado,—deu a uma irmã dinheiro para distribuir pelos seus visinhos pobres, como era costume seu, augmentando a quantia por ser quinta feira santa;—jantou muito satisfeito com a familia e foi para a *Casa da Fonte*, das suas primas e visinhas *Pintos Pimenteis*.

Apenas ali chegou, achou-se incommodado. As primas quizeram logo pedir soccorro, mas elle conteve-as, rogando-lhes que se calassem para não assustarem a sua familia; augmentando porem o incommodo, chamaram logo um medico; veiu elle rapidamente, mas não pôde valer-lhe.

Ás 4 horas e 3 quartos da tarde d'aquelle mesmo dia,—55 minutos depois do ataque—uma apoplexia pulmonar o matou!

Perdeu a corôa um conselheiro leal;—o paiz um dos seus mais prestimosos servidores;—o exercito um ministro habil;—o parlamento um orador distincto;—a litteratura um eximio cultor;—a boa sociedade um cavalheiro estimabilissimo—e o Douro um dos seus filhos mais benemeritos, ainda hoje pranteado por todos,—sem distincção de côr politica.

—

Depois de morto mais augmentou ainda a sua popularidade, e para isso contribuiu o dizer-se *francamente*—que foi envenenado pelos inglezes, porque em 1839, sendo presidente do conselho de ministros, ministro da guerra e interino dos negocios estrangeiros, exigiu *terminantemente* da Inglaterra a somma que prometteu pagar-nos pela cedencia de certas ilhas, etc.

Constou mais—*que viera já de Lisboa envenenado* e que, apenas chegou á sua casa de Traz-os-Montes, recebera uma carta anonyma em que se lhe dizia—que fizesse as suas disposições, porque *os seus dias estavam contados!*...

Para a sua biographia como homem publico, veja-se a noticia necrologica inserta no *Diario do Governo* de 13 de maio de 1841—e o *Elogio Historico* por Almeida Garrett, nas *Memorias do Conservatorio*, tomo II;—e emquanto ás perseguições que soffreu em 1829 a 1834, vejam-se os papeis que publicou e que se encontram na extensa lista das suas obras, indicada por Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo VII, pag. 179 a 181.

—

Villar de Maçada é povoação muito antiga e importante desde tempos remotos, pois já no seculo XIII D. Affonso III, estando em Lamas d'Orelhão, hoje concelho de Mirandella, lhe deu foral, no dia 2 de maio de 1253.

Livro II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 66, in-fine,—e *Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 131, col. 1.ª

Franklin não lhe deu foral novo nem nós o conhecemos.

Do exposto se vê que esta povoação já existia no seculo XIII, mas temos provas da sua existencia em 1198, pois segundo se lê na *Historia de Portugal* por Alex. Herculano, vol. 2.º pag. 86 (nota) D. Sancho I, estando em Mirandella, deu o reguengo de *Villar de Maçada* a Garcia Mendez em julho d'aquelle anno.

Gaveta 3.ª Maço 6.º, n.º 11 do Archivo Nacional.

Com relação ao dicto Garcia Mendes se lê nas *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes* por João Carlos Feo e visconde de Sanches de Baêna [1], o seguinte:

«XI. D. Garcia Mendes de Sousa, Rico Homem de sangue, e como tal confirma varios foraes em 1205, 1210, e 1219; do Conselho dos Reis D. Sancho I, D. Affonso e D. Sancho II, dos quaes houve algumas mercês. Achou-se na tomada de Silves com El-Rei D. Sancho I, que lhe deu em 1198 o reguengo de *Villar de Maçada*, na terra de Panoias ou de Villa Real. Morreu a 20 de abril de 1239 e jaz no claustro do mosteiro d'Alcobaça...»

Não só existia pois Villar de Maçada em 1198, mas era *reguengo*, ou propriedade da corôa. [2]

—

Este D. Garcia Mendes de Sousa era filho 2.º do conde D. Mendo de Sousa, chamado o

---

[1] Memoria relativa aos duques de Lafões, n.º XI, pag. 135.

[2] *Dissertações Chronol. e Crit.* de J. P. Ribeiro, tomo 2.º pag. 291.

Sousão, mordomo-mór d'el-rei D. Sancho I, etc., e que foi depois d'elle o maior e mais honrado homem que havia em Portugal!...

Estes Soares tiveram o seu primeiro solar na *terra de Panoias*, de que foram senhores, bem como d'outros muitos, pelo que um filho natural e herdeiro de D. Vasco Mendes de Sousa, irmão de D. Garcia Mendes de Sousa, tomou o nome de Ruy Vasques de *Panoias*, por lhe caber a maior parte da sua legitima na *terra de Panoias*.

Concluiremos mencionando uma lapide que foi encontrada aqui e que prova a existencia d'esta povoação já no tempo dos romanos, pois tinha a dicta lapide a inscripção seguinte:

Jovi. optim. M. Alivs rebvrrvs redidi votvm	Albocello

Portugalliae Inscriptiones romanas, pagina 300, n.º 722, e pag. 339.

VILLAR MAIOR,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Reitoria. Orago S. Pedro;—fogos 200,—habitantes 850.

Em 1708 era villa, reitoria e séde do concelho do seu nome na comarca ou corregedoria de Pinhel, provedoria e bispado de Lamego;—contava 120 fogos;—era da apresentação do ordinario—e o seu reitor apresentava curas nas 3 freguezias seguintes:—*Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda*.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, esta freguezia era um simples curato da apresentação do vigario de Malhada Sorda, [1]—rendia para o seu cura 50$000 réis—e contava 175 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 171 fogos e 699 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 191 fogos e 680 habitantes.

—

Alem da villa, comprehende apenas uma aldeia, denominada *Arrifana*, que o meu informador chama *annexa*, como se fôra outr'ora freguezia independente, mas não encontramos menção d'ella em parte alguma.

Por estes sitios apenas ha uma freguezia de S. Martinho de Arrifana, pertencente ao concelho da Guarda, mas dista de Villar Maior cerca de 30 kilometros para O. N. O., emquanto que a mencionada aldeia dista de Villar Maior apenas 3 kilometros para N.

Demora Villar Maior em sitio alto, alegre e vistoso, muito defensavel para os tempos d'armas brancas, e mais ainda por estar entre dois rios,—na margem esquerda do rio *Cesarão*, que banha os seus muros,—e na direita do rio denominado *Porto do Sabugal* (diz o meu informador) ou ribeira d'*Alfaiates*, porque vem da villa d'Alfaiates e cerca de 2 kilometros a juzante de Villar Maior desagua no *Cesarão*, que 2 a 3 kilometros a juzante da confluencia da ribeira d'Alfaiates desagua no rio Côa, affluente do Douro.

Villar Maior dista da ribeira d'Alfaiates 1 kilometro para E.;—12 da estação da Cerdeira, a mais proxima, na linha da Beira Alta;—25 da villa do Sabugal, para N. E.;—35 da Guarda, para E. S. E.;—239 da Figueira;—306 do Porto—e 430 de Lisboa.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam construida nem projectada. Todas as suas estradas são os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia, mas tem uma boa ponte de pedra de tres arcos sobre o rio Cesarão,—e n'este mesmo rio 11 moinhos de cereaes.

Parochias limitrophes:—Badamalos a O.,—Bismula a S.,—Malhada Sorda a N.—e Aldeia da Ribeira a E.

Producções dominantes:—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em caça miuda: coelhos, lebres e perdizes.

Templos

1.º—*A egreja parochial*, toda de granito com bons retabulos de talha dourada nos al-

[1] Foi lapso do auctor, pois a *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta approximadamente n'aquelle tempo, menciona as freguezias de *Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda* como simples *curatos* da apresentação do reitor de Villar Maior, e diz que este era apresentado pelo bispo de Lamego.

tares e um soberbo tecto de abobada de granito tambem.

É o melhor templo dos povos da raia, até grande distancia.

2.º—*Egreja da Senhora do Castello*, que foi a 1.ª matriz.

Está muito arruinada.

3.º—*Egreja da Misericordia*, antiga e bem conservada ainda.

4.º—*Capella do Senhor dos Afflictos*, bem tractada e bem conservada.

Tem luzida festa, hoje a principal d'esta parochia, na 1.ª dominga de setembro.

5.º—*Capella do Espirito Santo.*

6.º—*Capella de S. Sebastião*,—ambas muito antigas, e completamente arruinadas.

—

Esta freguezia tem acompanhado a sorte de todas as do *Cima-Côa*, ou da margem direita do Côa.

Foi conquistada aos mouros no anno de 1139 pelos reis de Leão;—o nosso rei D. Diniz a conquistou depois aos reis de Leão no anno de 1296, ficando temporalmente obedecendo a Portugal e espiritualmente ao bispado leonez de Cidade Rodrigo, até que o nosso rei D. João I a uniu espiritualmente ao bispado de Lamego;—no seculo XVIII passou para o bispado de Pinhel—e em 1882, extincto o bispado de Pinhel, passou para o da Guarda.

V. *Villar Formoso* e *Villar d'Amargo.*

Judicialmente pertenceu á provedoria de Lamego e á corregedoria de Pinhel,[1]—depois passou para a comarca de Trancoso—e por ultimo para a do Sabugal.

Segundo se lê no *Censual* velho do bispado de Lamego, que data dos principios do seculo XVI, esta freguezia n'aquelle tempo era da apresentação do convento de S. Vicente de Fóra e da confirmação dos bispos de Lamego, aos quaes pagava a terça do seu rendimento, mais:

De confirmação 1 marco ou....	2$340 réis
De visitação................	500 »
De *cathedradego*.............	180 »

Depois ficou sendo da apresentação e collação dos bispos de Lamego, até que passou para o bispado de Pinhel.

Tambem no seculo XVI teve annexas as freguezias de Malhada Sorda, Bismula e Nave de Haver, como diz o mencionado *Censual.*

—

Esta villa teve *foral velho*, dado em Coimbra por D. Diniz, a 27 de novembro de 1296.

Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Dinis, fl. 130, col. 1.ª

E teve tambem *foral novo*, dado por D. Manuel em Santarem, no dia 1 de junho de 1510.

Liv. de Foraes Novos da Beira, fl. 21.

Vejam-se tambem os *Artigos da Portagem* e outros direitos no *Liv. 46 dos Tombos*, no *Armario* 17, fl. 62.

Teve tambem esta villa *carta de povoação* dada no Sabugal no anno de 1232, a 6 de agosto, por D. Affonso IX, rei de Leão, como se lê na *Monarch. Lusit.* parte V, pag. 239, v., col. 1.ª;—e na col. 2.ª diz—que el-rei D. Fernando, o *santo*, de Castella, filho d'aquelle D. Affonso IX, para engrandecer a villa do Sabugal lhe deu por termo esta de *Villar Maior*, etc. a 6 d'abril do anno de 1241.

Do exposto se vê que, passados 614 annos, voltou de *novo* esta freguezia para o concelho do Sabugal, pois o concelho de Villar Maior foi extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para aquelle.

—

Villar Maior foi villa e concelho, como acabamos de dizer, até 1855.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara e cadeia, mas transformadas em escola official de instrucção primaria para os dois sexos;—e tambem conserva ainda o seu velho pelourinho, bem como o seu castello e os muros que o circumdavam,—e alguns lanços do muro que cercava toda a villa.

Estas obras de defesa datam de tempos muito remotos, talvez anteriores á occupação arabe, pois é certo que por aqui estanciaram os mouros, godos e romanos, como provam differentes sepulturas abertas na rocha, que ainda hoje se vêem por estes sitios, bem como as moedas romanas que por aqui se teem encontrado;—soffreu porem muito

[1] V. vol. 7.º pag. 67, col. 2.ª

esta povoação com as guerras que assolaram o nosso paiz, nomeadamente na expulsão dos mouros, e que deixaram o *Cima-Côa* deserto.

Seguiram-se depois as guerras entre Leão e Portugal, que tambem pesaram rudemente sobre o *Cima-Côa* até o reinado de D. Diniz, sendo esta povoação uma das que mais soffreu por estar muito proxima da raia.

Depois surgiram as guerras contra Castella, que ainda se repetiram nos fins do ultimo seculo [1], e por ultimo a guerra da peninsula, que açoutou barbaramente estes sitios em 1810, quando o general Massena marchava sobre Lisboa,—e mais ainda quando em 1811 retirava sobre a Hespanha, saqueando e assolando todas as terras que atravessava, não poupando esta pobre villa.

Por ultimo tambem soffreu immenso com a batalha de *Fuentes de Honor*, que se feriu a pequena distancia d'estes sitios, estendendo-se até aqui o movimento das tropas.

V. *Villar Formoso.*

—

Já nem hoje se sabe ao certo quem tomou primeiro aos mouros esta região do *Cima-Côa* [2] e menos ainda quem fez os muros de Villar Maior. Suppõe-se que foram feitos por D. Affonso IX de Leão em 1230, e com certesa foram reconstruidos e ampliados por D. Diniz, em 1296 [3]. D'elles se encontra na *Torre do Tombo* um desenho fiel feito á penna por *Duarte d'Armas*, no seculo XVI, o qual desenhou tambem os castellos do Sabugal, Castello Mendo, Castello Bom, Almeida, Castello Rodrigo e todas as outras nossas fortalesas da raia, n'aquelle tempo,—desenhos hoje muito curiosos e que se guardam em um livro na Torre do Tombo.

V. Rakzinske, *Les Arts*, pag. 231—e *Dictionaire... du Portug.* pag. 73.

Duarte d'Armas estava ao serviço d'el rei D. Manuel e, por ordem d'elle, alem dos castellos supra indicados, desenhou os seguintes:—Moura, Mertola, Castro Marim, Alcoutim, Nodel, Mourão, Monsaraz, Terena, Serpa, Juromenha, Olivença, Elvas, Alandroal, Arronches, Ouguella, Monforte, Assumar, Alegrete, Campo Maior, Alpalhão, Marvão, Nisa, Portalegre, Castello Branco, Castello de Vide, Segura, Montalvão, Idanha Nova, Salvaterra, Pena Garcia, Monsanto, Penamaior, Freixo de Espada á Cinta, Mogadouro, Penas Roias, Vimioso, Miranda do Douro, Bragança, Vinhaes, Outeiro, Chaves, Monforte de Rio Livre, Portello, Montalegre, Piconha, Monção, Melgaço, Castro Laboreiro, Valença do Minho, Lapella, Villa Nova da Cerveira, Caminha, Cintra e Barcellos.

—

Ha n'esta villa dois bons edificios brasonados:—um era dos condes de Tavarede e hoje é de João Antonio Reboacho, para quem passou por compra;—outro pertence a Francisco Pessanha Vilhegas do Casal, pelo seu casamento com D. Virginia, filha da viscondessa da Quinta do Ferro, [1] a cuja familia pertenceu desde tempos remotos a dicta casa.

São ambas muito antigas e no balcão da primeira se vê em lettra gothica uma inscripção que o meu benemerito informador não pôde ler.

Merece tambem especial menção a casa que é hoje de Manuel Antonio Simões e que foi anteriormente de Luiz de Bastos, tendo sido outr'ora muito privilegiada, pois consta que todo o criminoso que se abeirasse d'ella não podia ser preso.

É brasonada e muito antiga.

As ruas principaes d'esta villa são a da *Mizericordia*, a *Direita* e a do *Paço*.

---

[1] V. *Villa Velha de Rodam*, n'este XI vol. pag. 1082, col. 2.ª e seg.

[2] A *Monarch. Lusit.* depois de dizer no logar citado—que foram os reis de Leão, sustenta que foram os portuguezes, mas que depois o *Cima-Côa* passou para os *leonezes* até o reinado de D. Diniz; e desenvolve um grande apparato de erudição em prova de tal asserto; Alexandre Herculano, porem, na sua *Hist. de Port.* tomo 2.º pag. 429 e 430, refuta aquella opinião e sustenta que nós nada tivemos no *Cima-Côa* até o reinado de D. Diniz.

[3] *Hist. de Port.* por Alex. Herculano, tomo II, pag. 113,—e *Poblacion G. de España*, fl. 145, v. e 146.

[1] Esta grande quinta demora na freguezia de *Rio de Mel*, concelho de Trancoso.

V. *Villar Torpim* n'este diccionario—e *Rio de Mel* no supplemento.

Tem uma pequena praça arborisada.

Ha tambem aqui, a distancia de 1 kilometro da villa, uma mina de cobre em exploração.

—

A antiga comarca ou provedoria de Lamego estendia-se desde Arouca e Sobrado de Paiva, ao poente, até á Barca d'Alva, a leste, prolongando-se d'ali para o sul, pela raia até Alfaiates, comprehendendo o extincto concelho de Villar Maior, pelo que nos fins do ultimo seculo, quando D. Maria I mandou concluir a ponte d'Alvarenga sobre o rio Paiva, por meio de uma derrama sobre as comarcas da Feira e de Lamego, tambem o concelho de *Villar Maior*, que ao tempo comprehendia apenas a parochia da villa e as de *Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda*, teve de pagar 20$000 réis para as obras da dicta ponte d'Alvarenga, distante d'aqui mais de 150 kilometros para O.N.O.

O de Almeida pagou........	18$000 réis
O de Castello Bom..........	12$800 »
O de Alfaiates	14$000 »
O de Castello Rodrigo........	60$000 »

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 931—e *Alvarenga* no supplemento.

—

Foi natural d'esta villa D. Gaspar do Rego da Fonseca, filho de Daniel do Rego e de D. Leonor da Fonseca, doutor em canones pela Universidade de Coimbra, provisor, vigario geral e visitador dos bispados de Coimbra, Guarda e Lisboa, por nomeação do sr. D. Affonso Furtado de Mendonça, quando prelado das dictas dioceses, que o tinha sempre comsigo e o propoz ao papa Urbano VIII, em 1630, para seu coadjutor, com o titulo de bispo de Targa.

Vagando em 1635 a diocese do Porto, por fallecimento do benemerito bispo D. Fr. João de Valladares, foi D. Gaspar do Rego n'ella provido em 1637 e foi um prelado virtuosissimo e de muito criterio.

Resava em côro e comia em refeitorio com os seus familiares, transformando o seu paço em um convento rigoroso;—no provimento dos beneficios ecclesiasticos nunca deu preferencia aos seus domesticos, mesmo quando fossem iguaes em merecimento aos outros concorrentes, *porque* (dizia elle) *se tornaria suspeitosa a preferencia, por serem familiares seus!....*

Este virtuoso prelado falleceu de um antraz maligno na garganta, em Lisboa, no dia 13 de julho de 1639,—diz Agostinho Rebello da Costa,—mas D. Joaquim d'Azevedo na sua *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, pag. 239, diz que falleceu em 1638.

Foi sepultado na capella-mór dos frades carmelitas, em Lisboa, e escreveu sobre os *isentos* de Malta e das egrejas de Braga.

—

Quando D. Diniz tomou aos leoneses o *Cima-Côa*, era senhor das villas e castellos d'Almeida, Alfaiates, Monforte, Castello Bom, Castello Rodrigo, Sabugal e *Villar Maior*—e de quasi todo o *Cima-Côa*—D. Sancho de Ledesma, filho do infante D. Pedro, tio de D. Fernando II de Leão e de D. Margarida de Narbona,—sendo D. Sancho, por consequencia, primo co-irmão do mencionado rei D. Fernando e do nosso rei D. Diniz. Anteriormente esta villa e grande parte do Cima-Côa foram da ordem militar de S. Julião do Pereiro, depois ordem d'Alcantara.

V. *Cinco Villas* e *S. João do Pereiro.*

Mais tarde foram condes e senhores d'esta freguezia de *Villar Maior* os Telles da Silva, depois marquezes de Penalva e d'Alegrete, cuja ascendencia póde vêr-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.° pag. 318.

Vejam-se tambem n'este diccionario os artigos *Alegrete* e *Penalva do Castello.*

Esta freguezia de S. Pedro de Villar Maior foi commenda da ordem de Christo e uma das *muitas* de que era commendador D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, 6.° duque de Cadaval, 8.° marquez de Ferreira e 9.° conde de Tentugal, fallecido em 14 de fevereiro de 1837.

Esta commenda era hereditaria na casa de Cadaval.

V. *Memorias Historico-genealogicas dos Duques Portuguezes do seculo* XIX pelos srs. J. Carlos Feo e Visconde de Sanches de Baena, pag. 6, 8, 73, 78, etc.

VILLAR DO MONTE,—aldeia da freguezia de S. Lourenço d'Asmes, concelho de Vallongo, districto do Porto.

Em junho de 1885 foi concedida provisoriamente á sr.ª D. Virginia Schrech a propriedade de uma mina de carvão e ferro, situada na dicta aldeia.

V. *Asmes* (S. Lourenço de) n'este diccionario e no supplemento, onde desenvolveremos largamente aquelle artigo.

De passagem diremos que atravessam aquella importante freguezia as nossas linhas ferreas do Minho e Douro e que está n'ella a estação de *Ermezinde*, entroncamento das duas linhas.

Tambem comprehende o convento da *Formiga*, ou da *Mão Poderosa*, ou *Mão Pedrosa*, que foi dos frades *grillos* (Agostinhos descalços) e que é hoje um importante e muito acreditado collegio de jesuitas.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Salvador;—fogos 58, habitantes 270.

Em 1706 era vigairaria dos tercenarios da Sé de Braga;—rendia para elles 30$000 réis e para o vigario 25, além do pé d'altar; contava 47 fogos—e era uma das freguezias do termo da villa e ouvidoria de Barcellos.

Em 1768 era da apresentação do vigario da Sé de Braga;—rendia para o seu parocho 60$000 réis—e contava 56 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 64 fogos e 250 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 56 fogos e 258 habitantes.

A povoação de *Villar do Monte*, séde d'esta freguezia, demora a N.O da villa de Barcellos, da qual dista 6 kilometros—7 da sua estação na linha ferrea do Minho;—20 de Braga pela estrada real a macadam e 33 pela linha ferrea;—58 do Porto—e 395 de Lisboa.

—

Alem da povoação de *Villar do Monte*, comprehende as seguintes:—Paço, Feiteira, Bouça, Cheira, Casa Nova, Aldeia e Souto.

A *Chorogr. Moderna* menciona mais:—Outeiro, Manello, Gandarella—e os casaes de Gandra, ou Lagos, e Cotarejo.

Os meus apontamentos mencionam tambem a quinta da *Boa Morte*, que é da familia Simões, de Barcellos.

Freguezias limitrophes:—Santa Leocadia, a N.;—Creixomil, a S.;—Santa Maria do Abbade, a E.—e Villa Cova, a O.

Emquanto a templos, alem da sua egreja matriz, tem apenas a capella da *Boa Morte*.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a do Santissimo Sacramento.

Banha esta freguezia o ribeiro *d'Antas*, que move 5 moinhos,—tem uma ponte denominada do *Espanedeiro*—e morre no Cavado.

Producções dominantes:—milho e algum vinho, mas pouco e muito verde.

Tambem engorda bois que exporta para a Inglaterra, mas esta industria, que já foi muito rendosa, está hoje decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

Ha n'esta freguezia uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino —e um monte, denominado de *S. Mamede*, com uma pyramide geodesica.

Passa n'esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 30, do Porto a Vianna, por Barcellos.

Clima temperado e saudavel.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho, fogos 61,—habitantes 259.

Em 1706 estava annexa á reitoria de Macedo de Cavalleiros;—contava 40 fogos—e pertencia ao termo da cidade e ouvidoria de Bragança, bispado de Miranda.

Em 1768 era ainda um simples curato da mesma apresentação do reitor de Macedo de Cavalleiros no mesmo bispado de Miranda; —rendia para o seu cura apenas 6$000 réis, além do pé d'altar—e contava 48 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 269 almas;—o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 269 almas—e hoje, pelos meus apontamentos, conta 61 fogos e 259 almas,—total—uma miseria! Não pode sustentar a sua autonomia e demanda ser annexada, como outras muitas d'este concelho, pois das 38 freguezias,

que hoje o constituem, 17 não contam 100 fogos, cada uma!...

Na sua maxima parte são muito pouco populosas as freguezias d'este districto e bispado de Bragança. Contrastam com as do districto e diocese do Algarve, como já dissemos nos art. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Mirandella,—e *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, para onde remettemos os leitores.

—

Esta pequena freguezia é formada unicamente pela povoação do seu nome, que está a N. e na falda da serra de Bornes. Dista de Macedo de Cavalleiros 5 kilometros para S.S.E.;—35 de Bragança;—60 da Foz do Tua, estação da linha ferrea do Douro e entroncamento da linha de Mirandella pela margem esquerda do Tua, prestes a concluir-se;—199 do Porto—e 536 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Macedo de Cavalleiros a N.N.O.;—Grijó a sudoeste;—Olmos a sueste—e Castellãos a N.N.E., á qual devêra annexar-se por ser a freguezia mais proxima, pois dista d'ella 2 a 3 kilometros.

Passa aqui a estrada districtal a macadam n.º 24.

Banham esta freguezia differentes regatos e dois ribeiros, que a pequena distancia entram na ribeira do *Ginço*, confluente do Sabor.

É bastante fertil o chão d'esta freguezia; produz muitos cereaes, castanhas, batatas, linho, azeite, fructas e algum vinho de mesa, de boa qualidade [1].

Tambem cria bastante gado bovino e lanigero.

A povoação é muito pittoresca, cercada de frondoso arvoredo,—e o seu clima é temperado, mas pouco saudavel, porque tem proximos varios pantanos, que viciam a athmosphera e são o foco das epidemias que teem assolado esta aldeia e obstado ao desenvolvimento da sua população [2].

—

Esta freguezia passou da comarca e ouvidoria de Bragança para o concelho de Chacim, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Macedo de Cavalleiros, que absorveu o de Chacim.

Os seus templos reduzem-se a egreja parochial e duas capellas publicas, — todos singellos e sem coisa alguma digna de menção.

O melhor edificio d'esta parochia é o collegio que foi dos jesuitas, hoje propriedade e habitação da familia Pimenteis.

Está bem tractado e bem conservado.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Ponte de Lima, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga,

Abbadia. Fogos 70, habitantes 296.

Orago S. João Baptista.

Em 1706 era abbadia do concelho e termo da villa dos Arcos de Val de Vez, comarca de Vianna, e da apresentação dos viscondes de Villa Nova da Cerveira;—rendia 120$000 réis—e contava 70 fogos, dos quaes pertenciam 25 ao termo da villa de Ponte do Lima.

Eram os que estavam a S. e O. d'esta freguezia.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia os mesmos 120$000 réis—e contava 54 fogos,—deduzidos talvez os que pertenciam ao termo de Ponte de Lima.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 54 fogos e 251 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 226 habitantes.

—

Comprehende as aldeias de *Villar do Monte*, séde da egreja matriz,—Penedo, Pombeira, Rego, Costa, Rodo, Resteva, Cabo, Alem do Rio, Egreja e Cruz.

Demora na pendente occidental da serra da *Cruz Vermelha* na margem direita do Lima, do qual dista 7 kilometros para N.N.O. —12 de Ponte de Lima para N.N.E.;—35 de Vianna;—117 do Porto pela estação de Vianna, e 454 de Lisboa.

---

[1] É bom, mas o melhor vinho d'este concelho e da parte alta d'esta provincia é talvez o da freguezia das *Arcas*.

[2] Não obstante a insalubridade d'esta parochia, um filho d'ella, que tinha sido guarda da alfandega, falleceu no dia 29 de março de 1884 no *Azylo Maria Pia*, em Lisboa, contando 110 annos de edade!...

Freguezias limitrophes:—Miranda e Riofrio, do concelho dos Arcos, a E.;—Labrujó, a N.;—Barrio e Cepões, a O.—Calheiros e Refojos, a S.—pertencendo ás ultimas 5 ao concelho de Ponte de Lima.

Producções dominantes:—milho, centeio e batatas. Tambem cria gado lanigero.

O seu terreno é muito accidentado, por estar na encosta da grande serra da Cruz Vermelha, a qual offerece panoramas variados e esplendidos e largo horisonte. D'ella se avista perfeitamente o littoral do atlantico desde Vigo até o Porto;—ao sul, sueste e nascente as serras de Lindoso, Gerez, Marão e Estrella—e outras de Gallisa, Leão e Castella.

—

Diz a tradição que esta freguezia foi fundada por 12 pastores da freguezia de Cabreiro, concelho dos Arcos de Val de Vez, que por estes sitios costumavam passar a maior parte do anno, apascentando os seus rebanhos e, tentados pela fertilidade do solo e vastidão dos montados, aqui se estabeleceram definitivamente.

O clima é bastante aspero, mas saudavel.

Ao norte d'esta freguezia e a pouca distancia d'ella passa a estrada a macadam, de Ponte de Lima a Paredes de Coura, ainda em construcção.

Ao meu bom amigo e Cyreneu, o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE MOUROS,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 230,—habitantes 990.

Reitoria.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do chantre de Braga;—rendia para o seu vigario 120$000 réis e os dizimos, mais de 300$000 réis, metade dos quaes iam para a mesa arcebispal e a outra metade para os capellães de S. Pedro de Rates, na mesma Sé;—pertencia ao mesmo concelho de Caminha, então comarca de Vianna—e contava 230 fogos,—a mesma população d'hoje.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario, tambem denominado reitor, 250$000 réis—e contava 188 fogos,—população muito inferior á de 1706.

O censo de 1864 deu-lhe 197 fogos e 873 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 229 fogos e 982 habitantes,—população inferior tambem á de 1706.

Do exposto se vê que nos ultimos 180 annos a população d'esta freguezia, longe de augmentar, se conservou estacionaria—e por vezes baixou muito, o que prova que o seu clima é *pouco saudavel*, como se lê nos apontamentos que o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra se dignou enviar-me, emquanto que os apontamentos que recebi tambem do sr. João Affonso da Monteira dizem que é *muito saudavel* e o *melhor possivel* o clima d'esta parochia «por ter muito arvoredo e estar completamente expurgada de focos de infecção, dizendo os velhos—que não se recordam de haver n'ella a mais pequena epidemia!» Por seu turno diz o sr dr. Luiz de Figueiredo da Guerra:—«O terreno d'esta parochia é fertil e muito abundante d'aguas, o que a torna um pouco sezonatica».

—

Demora esta freguezia em um valle nas duas margens do rio Coura e na esquerda do Minho, distando a sua egreja parochial approximadamente um kilometro do ponto mais proximo na margem direita do Coura;—2 da estação de Lanhellas, a mais proxima na linha ferrea do Minho;—3 da margem esquerda do rio d'este nome;—7 de Caminha, pela estação de Lanhellas;—23 de Valença;—30 de Vianna;—87 de Braga;—111 do Porto—e 488 de Lisboa.

Comprehende duas grandes aldeias:—*Villar de Mouros*, a séde da parochia,—e Marinha, *que antigamente foi juradia* (?)—segundo se lê nos apontamentos do sr. J. A. Monteira. Tambem o seu nome de *Marinha* parece revelar a existencia de *marinhas* ou *salinas* em outros tempos nas margens do Coura,—salinas talvez hoje transformadas em campos, como se transformaram outras muitas no littoral do nosso paiz, v. g. em Mattosinhos. junto da foz do Leça, em Massarellos, junto da foz do Douro,—em Ta-

varede, junto da foz do Mondego,—em Villa Real de Santo Antonio, junto da foz do Guadiana, etc.

Tambem suppomos que a aldeia de *Villar de Mouros* revela a permanencia dos mouros n'estes sitios. A elles se attribue a fundação de uma antiquissima torre, denominada *torre dos mouros*, e que esteve no sitio que ainda hoje conserva o seu nome. Foi demolida em 1838 e empregada a sua pedra nos pegões da ponte que então se fez na foz do Coura, junto de Caminha. Por ella passa a estrada real a macadam, n.º 23, de Caminha a Melgaço, por Valença.

Não se confunda a dicta ponte com outra que ha sobre o Coura, alguns kilometros a montante, no termo d'esta freguezia, pois esta ultima, se não data do tempo dos mouros, vem com certesa dos principios da nossa monarchia e promette longa duração, porque ainda está muito solida e bem conservada. Tem 3 grandes arcos de pedra ogivaes e 2 intermedios, mais pequenos, sem data nem inscripção alguma.

—

Freguezias limitrophes: — Seixas, Caminha, Villarelho, Arga, Argella, Venade, Covas e Soppo.

Cortam esta freguezia duas estradas a macadam:—a districtal n.º 1, de Caminha a Melgaço, por Paredes do Coura, ainda em construcção,—e uma municipal que parte d'aquella, no limite d'esta parochia, e entronca na real n.º 23, de Caminha a Melgaço por Valença,—na freguezia de Seixas.

Producções dominantes: — milho, vinho verde, de boa qualidade, principalmente o branco, e muita madeira e lenha de pinho, que exporta em grande quantidade para as freguezias limitrophes.

Tambem abundam n'esta parochia magnificas hervagens de semente, com que engorda muitos bois que exporta para a Inglaterra, posto que no momento esta industria se acha bastante decadente. V. *Villar d'Andorinho*.

Ha tambem aqui mais industrias de certa importancia:—a de moagem de cereaes,—a da queima do bagaço para fazerem aguardente,—a do fabrico de telha, louça branca e sal,—a de serragem de madeira em um engenho movido por agua,—e a de cutilaria, bastante aperfeiçoada e muito acreditada. Vão d'aqui muitos artigos d'esta industria para a Galliza, para Caminha e mesmo para Lisboa.

Banha esta freguezia, como já dissemos, o rio *Coura* (veja-se esta palavra) que desagua no rio Minho entre as freguezias de Caminha e Seixas. Fertilisa extensos campos n'esta parochia de Villar, que por elle exporta muita lenha, madeira, cereaes e outros artigos, pois o Coura é navegavel por espaço de 6 kilometros e move n'esta parochia grandes azenhas para moagem de cereaes, montadas no leito d'elle, alem dos 12 moinhos da quinta da *Varzea*, de que logo fallaremos, e que no dialecto d'esta provincia, denominam *Barzea* ou *Barze*.

—

É muito antiga esta parochia.

Alèm da sua ponte ainda existente, e da celebre torre dos mouros, demolida no 2.º quartel d'este seculo, como já se disse,—torre que, na opinião do sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, foi solar dos *Mendes*, teem apparecido em differentes pontos d'esta parochia sepulturas abertas em rocha (ainda se encontram algumas no adro da matriz, a 44 centimetros de profundidade) moedas romanas e outros vestigios de remota occupação, principalmente no monte do *Crasto* (Castro) ramo do de *Goyos*.

Ali se vêem restos de fortificações e de edificios de forma circular e se encontra a cada passo fragmentos de ceramica romana e objectos prehistoricos. Ainda ha poucos annos alli appareceu um bello machado de bronze, que hoje faz parte da interessante collecção de prehistoria que possue o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra.

D'esta freguezia se encontra tambem menção em varios documentos dos seculos XI e XII,—e sabe-se que nos principios da nossa monarchia foi couto pertencente ao bispo de Tuy, mas não nos consta que tivesse foral proprio.

Pelo menos Franklin não o menciona.

Segundo se lê na *Chorogr. Port.* este couto de *Villar de Mouros* foi dado ao bispo e Sé

de Tuy, pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques e por sua mãe, a rainha D. Theresa, no dia 3 de setembro do anno de 1125, —e já no anno de 1071 el-rei D. Garcia tinha dado o mesmo couto á dicta Sé e ao seu bispo D. Jorge. O mesmo se lê na *España Sagr.* tomo 22, pag. 66, n.º 12,—e nas *Diss. Chronol. e Crit.* de João Pedro Ribeiro, tomo 4.º, pag. 148, *in principio.*

Ha n'esta parochia jazigos de ferro e uma mina simplesmente registrada.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, ampla, antiga e bem tractada.

Foi transferida para o chão que hoje occupa [1] no anno de 1553 e sagrou-a o arcebispo de Braga D. Balthasar Limpo, sendo aqui parocho um seu sobrinho, de nome Belchior; mas a torre que se ergue a meio do frontispicio foi feita ou reconstruida em 1768.

Tem altar-mór com a imagem da padroeira,—e 5 lateraes:—Santo Nome de Deus,—Senhora do Rosario, onde hoje se venera tambem a imagem do Coração de Jesus,—Santo Antonio,—Almas,—e Coração de Maria, altar moderno.

2.º—Capella de *Santo Amaro.*

3.º—Capella de *S. Sebastião.*

4.º—Capella de *S. Braz.*

5.º—Capella da *Senhora do Crasto*, no pico do monte d'este nome, todas publicas.

6.º—Capella do *Senhor Bom Jesus dos Passos*, pertencente á irmandade d'este titulo,

7.º—Capella de *Santa Quiteria*, pertencente á quinta do *Crasto.*

8.º—Capella de *Santo Antonio.*

9.ª—Capella da *Senhora da Lapa.*

10.º—Capella de *Santa Luzia.*

11.º—Capella da *Senhora do Bom Successo.*

Estas ultimas 5 são particulares.

—

A capella de Santo Amaro tem altar-mór, com a imagem da *Senhora da Peneda*,—e 2 lateraes:—um com a imagem de Santo Amaro,—outro com a de S. Bento.

[1] Os nossos benemeritos informadores não disseram onde estava a *egreja velha.*

A capella do *Senhor dos Passos*, denominada *egreja nova*, tem egualmente 3 altares;—no mór a imagem do Senhor crucificado,—em um dos lateraes a da Senhora da Assumpção—e n'outro a de S. Paio.

As outras capellas teem um só altar, mas todas se acham abertas ao culto e bem tractadas.

As festas principaes d'esta freguezia são as de *Endoenças*, ou da semana santa, a expensas do povo e de um legado perpetuo de 90$000 réis, deixado para aquelle fim por D. Maria do Carmo de Brito, de Vianna do Castello.

Tambem aqui se faz com grande pompa todos os annos a procissão dos Santos Passos, pela irmandade propria, sendo numerosa a concorrencia de fieis dos povos d'este concelho e mesmo da Galliza.

Quinta da Barze (Varzea)

É a melhor propriedade particular d'esta freguezia;—demora entre as povoações de *Marinha* e *Villar de Mouros*;—tem um venerando palacete brazonado, muito antigo—e foi cabeça d'um morgado instituido em 1621 a favor de Miguel d'Andrade da Gama. Com o casamento de D. Antonio Mauricio de Sousa Amorim, entraram os Amorins, oriundos da Galliza, no vinculo de Villar de Mouros, e foi aquelle fidalgo quem restaurou a casa, ennobrecendo-a com a capella e obras de grande vulto,—e sua bisneta D. Maria do Carmo de Brito a deixou em 1868 a um bissobrinho e actual possuidor d'esta grande quinta, o sr. José da Cunha Guedes de Brito e Sá Sottomaior.

Um dos mais intelligentes e benemeritos administradores d'este vinculo foi Lourenço da Gama e Andrade, que mostrou a esta freguezia e a esta provincia o grande partido que podiamos tirar dos nossos rios e ribeiros, aproveitando convenientemente as suas aguas, ainda hoje quasi todas em abandono!

Captou a distancia de 10 kilometros da sua quinta as aguas do Coura, junto da capella de S. João d'Arga;—conduziu-as em uma grande levada *de canos de pedra* até o alto de uma encosta—e na pendente da dicta

encosta montou 12 moinhos de cereaes e um lagar d'azeite, movidos pela dicta agua. Tambem hoje ali se vê um engenho de serrar madeira com o mesmo motor. Alem d'isso transformou em bellos campos e prados regadios muitos hectares de terreno arido, a juzante da dicta levada, augmentando assim muito consideravelmente o valor e rendimento d'aquelles chãos e da sua quinta.

Fez mais um homem só do que teem feito muitos dos nossos municipios, que luctam com falta d'agua, tendo bons mananciaes a menos de 10 kilometros.

> Com vista á camara da Regoa, d'essa formosa villa, princesa do Douro, que tem um orçamento de vinte e tres contos de réis e absoluta falta d'agua, tanto potavel como de rega, distando do rio Corgo menos de tres kilometros?!...

Duas levadas, semelhantes áquella, foram feitas por duas freguezias nossas e d'ellas tiram grande utilidade.

V. *Villa Cova a Coelheira*, vol. XI, pag. 707, col. 2.ª—e *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento.

—

Ha n'esta freguezia, na margem esquerda do Coura, um espaçoso e lindo campo, denominado *Campo do Casal* ou da feira, junto da capella de Santo Amaro, em sitio ameno e muito pittoresco. Tem uma bonita alameda de faias e ali se faz uma feira de gado a 28 de cada mez.

Ha tambem n'esta freguezia um bom cemiterio.

Está junto da egreja matriz;—foi feito em 1884;—tem uma boa fronteria com um grande portão de ferro—e grades de ferro tambem na sua circumferencia.

Em uma das faces exteriores da matriz ha uma inscripção em lettra gothica, mas nenhum dos meus informadores se dignou enviar-me copia d'ella.

Ha tambem n'esta freguezia dois bons estabelecimentos commerciaes de mercearia, pannos de lã, algodão, etc.

Causou grande prejuiso n'esta parochia e nas circumvisinhas o temporal de 25 de novembro de 1876, sendo officialmente avaliado em 1:147$000 só o prejuiso que esta parochia soffreu.

V. *Riba d'Ancora*, vol. 8.º pag. 168.

—

Fecharemos este artigo mencionando um facto que se deu n'esta parochia em março de 1885 e que muito a consternou toda:

Vivia aqui um pobre homem, já decrepito, de 70 annos e entrevado, por nome João Romão. Tinha por companheira unicamente uma filha, e um dia pediu-lhe elle que lhe accendesse uma candeia e a pendurasse no leito onde jazia inerte.

Accedeu a filha e em seguida foi para um moinho distante. Pouco depois notou-se que saia da casa muito fumo e n'ella havia incendio; correram logo muitas pessoas para verem se o extinguiam e salvavam o desditoso velho, mas, a despeito de todos os esforços, a casa foi pasto das chammas, bem como o pobre velho, sem que podessem valer-lhe.

Não se explica a consternação d'este bom povo, quando, exhausto o incendio, depararam com o cadaver do infeliz septuagenario reduzido a carvão!...

Pelo meiado do ultimo seculo foi parocho d'esta freguezia, e parocho muito illustrado, o rev. João Affonso de Sousa.

V. *Insua*, vol. 3.º pag. 397, col. 1.ª—e com relação ás salinas de que fizemos menção supra, veja-se o artigo *Caminha*, vol. 2.º, pag. 57, col. 2.ª *in principio*.

—

Aos srs. João Affonso da Monteira e dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionario tanto deve, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLAR DE MURTEDA, — freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Miguel;—fogos 82,—habitantes 340.

Em 1706 era abbadia da mitra, tendo estado annexa á parochia da Montaria,—e contava 40 fogos.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 120$000 rèis—e contava 43 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 63 fogos e 341 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 75 fogos e 328 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes: *Villar de Murteda*, sède da parochia, Orbideiro, Paço, Rodo, Casal e Pereiro.

Demora esta freguezia nas vertentes da serra d'Arga e na margem direita do Lima, do qual a séde da parochia dista cerca de 6 kilometros para N.N.O.;—12 de Vianna para N.E.;—94 do Porto—e 431 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Amonde, Montaria, Nogueira e Meixedo, todas do concelho de Vianna,—e S. Pedro d'Arcos, do concelho de Ponte de Lima.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde. Tambem cria gado lanigero.

No monte do *Crasto* [1] (Castro) limite d'esta parochia, se encontram vestigios de remota occupação:—restos de muralhas, moedas romanas e cavas de exploração de minas.

Demora tambem n'esta freguezia e em parte da de Nogueira a grande matta das *Corredouras*, que foi dos religiosos dominicos de Vianna e é hoje dos herdeiros de José Joaquim Valladares, de S. Salvàdor da Torre. É o maior pinheiral de todo o concelho de Vianna.

Corta esta freguezia um ribeiro que nasce na serra d'Arga e morre no Lima.

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado e benemerito filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

VILLAR DE NANTES,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago o Salvador;—fogos 180,—habitantes 745.

Em 1706 era vigairaria da casa de Bragança,—pertencia ao termo da villa de Chaves e á comarca e ouvidoria de Bragança;—comprehendia as povoações de *Villar de Nantes* com 80 fogos,—Nantes com 56—e Outeiro João com 30,—total 166. [1]

[1] Almeida deu a este monte o nome de *Montechristo.*

Em 1768 era vigairaria collada da mesma apresentação,—rendia 100$000 réis—e contava 185 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 158 fogos e 624 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 160 fogos e 672 habitantes.

Comprehende hoje as aldeias seguintes:—*Villar de Nantes*, a séde, com 80 fogos,—Nantes com 65,—Fonte Carriça com 20—e Valle da Zirma com 15.

Parochias limitrophes:—Chaves, Nogueira, Samaiões, Cella e Eiras.

Producções dominantes:—centeio, trigo, batatas, milho, cevada, feijões, castanhas, vinho, grão de bico, excellente madeira de castanho e muita fructa de caroço de optima qualidade.

—

Demora esta freguezia na formosa veiga de Chaves, ao fundo da serra do Abrunheiro, notavel pela sua vegetação e pela grande quantidade de castanheiros que a povoam e produzem muita castanha e muita madeira, considerada como a melhor de Portugal.

A povoação de *Villar de Nantes*, dista da villa de Chaves 4 kilometros para S.S.E.;—2 da estrada real a macadam de Chaves a Villa Pouca d'Aguiar, para S.E.;—65 de Villa Real;—92 da estação da Regoa, na linha ferrea do Douro;—196 do Porto—e 533 de Lisboa.

Estas distancias devem modificar-se, logo que se construam as linhas ferreas em projecto e estudos: de Chaves pelos valles do Tamega e do Paiva até Vizeu—e de Chaves pelo valle do Corgo, Regoa e Lamego até Vizeu tambem.

[1] É isto o que se lê na *Chorographia Portugueza*, mas ha muito que foi annexada á freguezia de *Samaiões* a extincta parochia, hoje simples aldeia, de *Outeiro Jusão* (V.) e não Outeiro João, como diz Carvalho.

Perdeu pois esta parochia de *Villar de Nantes* a dicta aldeia do Outeiro, mas em compensação recebeu outras, que havemos de indicar.

—

Esta parochia está muito bem servida de estradas a macadam, pois é atravessada pela de Chaves a Valle Passos, por Carrazedo de Montenegro,—e pela de Chaves a Mirandella, —passando a 1.ª ao norte d'esta freguezia— e a 2.ª ao sul. Tambem passa junto d'ella, a distancia de 2 kilometros, como já dissemos, a estrada real a macadam de Chaves a Villa Pouca d'Aguiar, seguindo d'ali para Guimarães, por Basto—e para a Regoa, por Villa Real.

Templos

1.º—*A egreja parochial.*

É antiga, mas está bem conservada e tem altar-mór e dois lateraes.

2.º—*Capella do Espirito Santo,* publica, tambem muito antiga e já mencionada na *Chrogr. Port.*

Teve outr'ora luzidas festas e grande romagem, mas hoje tem apenas missa cantada e sermão na dominga do Pentecostes.

Está na aldeia de Villar de Nantes.

3.º—*Capella de Sant'Anna,* tambem publica.

Demora na aldeia de Nantes e foi reparada em 1884 pelo benemerito bispo de Macau, D. Antonio Joaquim de Medeiros, de quem logo fallaremos.

4.º—*Capella de Santa Barbara,* na aldeia do Valle da Zirma.

É particular e pertence á familia *Leites,* hoje representada por Alvaro de Magalhães, em virtude do seu casamento em primeiras e segundas nupcias com duas senhoras d'aquella familia.

5.º—*Capella de Nossa Senhora do Soccorro,* no logar de Nantes e tambem particular, mas com porta franca ao publico.

Era do *Hospicio de Convalescença,* que tiveram aqui os frades do convento de S. Francisco de Chaves, e estava unida ao dicto Hospicio, que foi fundado em 1677 a 1678, governando a provincia da Soledade o segundo ministro provincial d'ella, Fr. João da Barca. Tem 4 cellas, varanda, cosinha, refeitorio e outras officinas, bons pomares de fructa, hortas, flores e abundancia d'excellente agua.

A capella tem um só altar com a imagem da padroeira, feita em Braga pelos annos de 1690,—sino e sacristia,—e foi a dicta imagem alvo de grande devoção d'este povo e dos circumvisinhos.

Tanto a capella como o Hospicio pertencem hoje ao sr. José Solari Allegro.

Pessoas notaveis

Nasceu n'esta parochia, no dia 15 d'outubro de 1846, D. Antonio Joaquim de Medeiros, bispo de Macau, filho legitimo de Augusto Joaquim de Medeiros e de D. Theresa de Jesus.

Tendo frequentado alguns estudos em Braga, entrou no *Collegio das Missões Ultramarinas* de Sernache do Bom Jardim em 17 d'abril de 1866, onde muito se distinguiu pelo seu talento, applicação e estudo, sendo laureado em humanidades e obtendo sempre o 1.º premio nas aulas theologicas.

Nos torneios litterarios que então se faziam com grande pompa no dicto collegio por occasião das festas do *Mez de Maria,* em maio, e da *Immaculada Conceição,* em dezembro, tornou-se muito notavel D. Antonio, principalmente em uma festa de Nossa Senhora da Conceição, a que assistiram alem das primeiras pessoas da localidade, os srs. D. José Luiz Alves Feijó, bispo que foi de Bragança, Carlos José Caldeira e o Pro-Nuncio apostolico Mattéra, os quaes, ao verem o modo brilhante como o sr. D. Antonio defendia a sua these, não poderam conter-se e de simples espectadores passaram a arguentes. Tomou a iniciativa o Pro-Nuncio, ficando tão satisfeito que no fim da argumentação, cheio de enthusiasmo, estendeu a mão ao seu vencedor, felicitando-o com estas palavras: *muito bem, muito bem, sr. Medeiros!...*

—

Concluida a sua ordenação, foi nomeado professor do seminario de Macau, para onde partiu a 7 d'abril de 1872, e ali prestou relevantes serviços como professor e reitor, apesar das grandes contrariedades com que luctou.

Nomeado visitador das egrejas de Timor, partiu para ali em novembro de 1875. Encontrou aquella Missão na maior decadencia;

mas rehabilitou-a á custa de insano trabalho e de sacrificios de toda a ordem.

Regressou a Timor em abril de 1877, acompanhado d'alguns padres do *Collegio das Missões* e, como vigario geral e superior da dicta Missão, immortalisou o seu nome.

Edificou residencia para os missionarios e collegios de ensino,—proveu as egrejas e escholas—e lançou os fundamentos da egreja de Dilly, hoje uma das melhores da Occeania, etc.

Pelo seu não vulgar merecimento, o nosso governo em 1882 o apresentou coadjutor do arcebispo de Gôa, sendo logo confirmado pela Santa Sé como bispo titular de Thermopillas, e sagrado em 15 d'abril de 1883, na Sé primacial de Gôa.

Tractou logo de visitar as egrejas d'aquelle arcebispado, mas, aggravando-se-lhe os padecimentos contrahidos no clima de Timor, teve de regressar á metropole para se restabelecer.

Finalmente, por decreto de 29 d'agosto de 1884 foi apresentado bispo de Macau, para onde, pouco depois de confirmado, partiu.

—

Foi confirmado no consistorio publico de 13 de novembro de 1884;—partiu para Roma no dia 3 de fevereiro de 1885, pelo santuario de *Lourdes*, onde se demorou um dia e oito em Roma, sendo affectuosamente recebido por Sua Santidade Leão XIII;—foi a Napoles ver o Vesuvio e as ruinas de Herculanum—e seguiu para Macau, onde entrou em março do mesmo anno, sendo recebido com grande pompa.

É um prelado verdadeiramente apostolico pelo seu zelo, prudencia e sabedoria. As suas pastoraes são um modelo de uncção religiosa.

Macau, até hoje, (setembro de 1886) teve os 18 bispos seguintes:

1.º—*D. Belchior Carneiro*, jesuita, de 1566 a 1583. Morreu com fama de santidade.

2.º—*D. Fr. Leonardo de Sá*, até 1599.

3.º—*D. Fr. João da Piedade*, até 1623.

4.º—*D. Diogo Correia Valente*, jesuita, até 1633.

5.º—*D. Fr. Bento de Christo*, até 1642.

6.º—*D. Philippe Marino*, jesuita, pelos annos de 1671.

7.º—*D. João do Casal*, até 1735.

8.º—*D. Fr. Eugenio Trigueiros*, até 1741.

9.º—*D. Fr. Hilario de Santa Rosa*, até 1750.

10.º—*D. Bartholomeu Mendes dos Reis*, até 1772.

11.º—*D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães*, até 1782.

12.º—*D. Fr. Marcellino José da Silva*, ate 1800.

13.º—*D. Fr. Manuel de S. Galdino*, até 1805.

14.º—*D. Fr. Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim*, até 1828.

15.º—*D. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja*, até 1845.

16.º—*D. Jeronymo José da Matta*, até 1859.

17.º—*D. Manuel Bernardes de Sousa Ennes*, desde 1870 até 1883. Foi transferido em 1883 para Bragança—e em 1885 para Portalegre, onde actualmente rezide.

18.º—*D. Antonio Joaquim de Medeiros*, o bispo actual, sem contestação um dos mais dignos pela sua illustração e virtudes.

Vindo á sua terra natal em agosto de 1884, ministrou o Chrisma a milhares de pessoas na vasta egreja matriz de Chaves, por occasião da pomposa festividade que no fim do dicto mez se celebrou ali, na egreja do convento das religiosas capuchas, ao Santissimo Coração de Maria.

—

Nasceram tambem n'esta parochia e na mesma aldeia de Nantes os 3 irmãos seguintes:—José Celestino da Silva, capitão de cavallaria da Guarda Municipal de Lisboa,—o rev. Julio Celestino da Silva, professor de geographia e historia no Lyceu nacional de Braga e no seminario da mesma cidade, calendarista do arcebispado, etc.—e Antonio Celestino da Silva, que foi em Braga tambem professor de desenho no Lyceu e em varios estabelecimentos de instrucção secundaria,—no *Collegio Academico*, no *Collegio de Nossa Senhora do Sameiro*, etc., deixando viuva e filhos e profundas saudades a todos quantos tiveram a ventura de o conhecer.

Nasceu a 13 de junho de 1843;—frequentou em Braga o curso do Lyceu, obtendo

honroso diploma;—passou depois para a *Eschola Polytechnica* do Porto, na qual fez acto do 1.º anno;—em seguida assentou praça, mas, sendo 1.º sargento, pediu baixa e matriculou-se na *Academia de Bellas Artes*, em Lisboa, na qual seguiu os cursos de pintura historica e architectura, obtendo honrosas distincções. Vagando a cadeira de desenho no Lyceu nacional de Braga, foi n'ella provido e regeu-a muito proficientemente 5 annos, sendo ali collega do seu irmão Antonio, mas falleceu quasi repentinamente no dia 16 de junho de 1885, em Braga, contando apenas 43 annos!...

Era um cavalheiro de muito merecimento.

—

Tambem viveram n'esta freguezia de *Villar de Nantes* e aqui falleceram os seguintes senhores:

1.º—*Alexandre da Costa Leite*, general reformado, natural da freguezia de Samaiões e que militou com bravura na guerra peninsular e nas guerras civis posteriores, em pró da causa liberal.

2.º—O dr. *Antonio da Costa de Lima Lisboa*, natural de Ponte de Lima e que foi corregedor, etc.

Casou n'esta freguezia de *Villar de Nantes* com uma senhora da familia Carmona.

—

Banha esta freguezia um ribeiro que deságua na margem esquerda do Tamega e tem 4 kilometros de curso.

Alem das povoações supra mencionadas, comprehende esta parochia as quintas da Matta, Seixal, Campo da Roda, Senhora da Lapa e o casal da Ribeira d'Avellãs.

Fabrica-se n'esta parochia telha de boa qualidade e muita louça de barro preto, que exporta para os concelhos limitrophes e para o districto de Bragança.

É optima para cosinha.

Terminaremos dizendo que esta freguezia outr'ora foi denominada *Varzena*, segundo se deprehende do *Livro Fidei*. V. *Varzena*.

—

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, dignissimo reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'OSSOS,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Cypriano;—fogos 124, habitantes 660, divididos pelas 3 aldeias seguintes:—*Villar d'Ossos*, a séde da matriz, com 66 fogos,—*Lagarelhos* (V.) parochia extincta, com 34 fogos,—e *Zido*, antigamente *Izedo*, com 24 fogos.

Em 1706 a povoação de *Lagarelhos* era freguezia independente e contava 50 fogos;—e a povoação de *Villar d'Ossos* era abbadia da mitra no termo e concelho de Vinhaes, comarca e diocese de Miranda, e contava com a aldeia de *Zido* 66 fogos.

Em 1768 *Villar d'Ossos* era um simples curato da apresentação do abbade de Moimenta, freguezia d'este mesmo concelho,—recebia o cura 8$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 50 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 114 fogos e 586 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 118 fogos e 628 habitantes,—comprehendendo as povoações de Zido e Lagarelhos.

—

Banha esta freguezia uma grande ribeira confluente do Rabaçal, que morre no Tua, e demora a povoação de *Villar d'Ossos* na margem direita da mencionada ribeira, distando de Vinhaes 7 kilometros para N.O.;—40 de Bragança;—111 de Miranda do Douro;—108 de Mirandella, por Bragança;—158 da estação de Tua na linha ferrea do Douro pela linha ferrea do Tua, prestes a concluir-se;—297 do Porto, pelas linhas ferreas do Tua e Douro,—e 634 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Candedo, Travanca, Paçó e Villa Verde.

Producções dominantes:—milho, trigo, centeio, batatas, castanhas e lã, pois tem muitas hervagens e cria bastante gado de toda a qualidade.

Tambem ha nos seus montes abundancia de caça grossa e miuda, incluindo raposas e lobos.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

É de uma só nave; em altar-mór e 2 la-

teraes,—côro e tribuna particular do palacete dos Bacellares, viscondes de Montalegre, com rotulos para a capella-mór,—e um bom adro com grades de ferro.

É muito antiga e está limpa e bem conservada.

2.º—*Capella do Santo Christo*, na mesma povoação de *Villar d'Ossos*.

É publica e está hoje no cemiterio parochial, que se fez em volta d'ella.

3.º—*Egreja de S. Pedro* em Lagarelhos e que foi a matriz da extincta parochia d'este nome.

4.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves*, na povoação de Lagarelhos. É publica.

5.º—*Capella de S. Thiago*, na povoação de Zido. É tambem publica.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação de *Villar d'Ossos*, um bom palacete brasonado, solar da nobre familia *Pintos Bacellares*, viscondes de Montalegre, hoje habitado pelo sr. Manuel de Mello, da Espinhosa, junto da villa de Trovões, concelho da Pesqueira, por haver casado com a ex.ma sr.ª D. Ignez Candida Pinto Bacellar, neta do penultimo visconde de Montalegre, Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, sobrinho do ultimo visconde de Montalegre,—Francisco Vaz Guedes Bacellar.

Foi 1.º visconde de Montalegre o tenente general Manuel Pinto Bacellar de Moraes Sarmento, senhor da casa de *Villar d'Ossos*.

Fallecendo sem filhos varões, succedeu-lhe sua filha e herdeira—D. Ignez Candida Pinto Bacellar. Casou ella com Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, filho segundo da casa do *Arco*, em Villa Real,—que foi marechal de Campo e 2.º visconde de Montalegre.

Tiveram Francisco Vaz Guedes Bacellar e Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar [1]. D'estes 2 filhos o 1.º foi 3.º e ultimo visconde de Montalegre. Falleceu solteiro e sem successão em 1835, na idade de 21 annos, sendo já tenente coronel de cavallaria na convenção d'Evora Monte (1834) pelo que lhe succedeu seu irmão Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar.

Casou este com sua prima D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Telles de Menezes e Mello, senhora da casa de *Rio de Moinhos*, freguezia d'este nome, concelho de Penafiel, e herdeira da de *Villa Garcia*, em Amarante, por seu pae—Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes,—filho de José Vaz Pereira Pinto Guedes, 1.º visconde de Villa Garcia e irmão do 2.º visconde de Montalegre.

D'este consorcio houveram 17 filhos, entre elles os seguintes:

—Luiz Vaz, 2.º visconde de Villa Garcia;

—Manuel Pinto.

Casou com uma filha do visconde da Bouça;—é hoje tambem visconde d'este titulo—e vive na freguezia da Bouça, concelho de Mirandella.

—D. Ignez Candida Pinto Bacellar, mencionada supra, e casada com Manuel de Mello Vaz de Sampaio, da Espinhosa.

V. *Villa Garcia*, vol. XI, pag. 763, col. 1.ª—e *Villa Real de Traz os-Montes*, no mesmo vol. pag. 996 e seg.

—

Veja-se tambem a *Memoria e exposição authentica da conducta civil e militar de Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, visconde* (2.º) *de Montalegre, desde 1821 até 1823*,—publicada em Lisboa, na Impressão de João Nunes Esteves, em 1823.

Aquella *Memoria* defende o dicto marechal, 2.º visconde de Montalegre, das censuras que lhe irrogaram os emulos e que determinaram o seu tio marechal Silveira, conde de Amarante e marquez de Chaves, a tirar-lhe em Zamora o commando do regimento de cavallaria n.º 6, que fazia parte da divisão, com que o marechal Silveira acclamou em 1823 el-rei D. João VI, na provincia de Traz-os-Montes.

Temos sobre a nossa banca d'estudo um exemplar da dicta *Memoria*, mas possuimos

---

[1] Tiveram tambem uma filha, D. Carolina Vaz Pinto Bacellar, que casou com seu primo Gaspar Ribeiro, da nobre casa de *Santa Eulalia*, no concelho de Ceia.

A dicta senhora falleceu em *Villar d'Ossos*, deixando dois filhos:—Manuel, que falleceu de tenra idade,—e Luiz Ribeiro Pinto Bacellar que vive ora na sua casa de *Fornos do Pinhal*, freguezia d'este nome, concelho de Val Passos,—ora na de Santa Eulalia, de Ceia.

outra, muito mais extensa e mais explicita sobre o assumpto.

É a historia fiel, minuciosa e *muito conscienciosa* da dicta revolução de Traz-os-Montes e da divisão do Silveira desde o seu pronunciamento em Villa Real, no dia 23 de fevereiro de 1823, até que regressou da Hespanha.

Foi escripta pelo rev. dr. Antonio dos Santos Leal, de Moncorvo, abbade de Quinchães, no concelho de Fafe, dezembargador da relação ecclesisstica de Braga, deputado supplente ás côrtes de 1822 e ultimamente governador do bispado de Pinhel, onde falleceu.

Era homem muito illustrado e muito *realista*;—acompanhou a dicta divisão, como addido ao estado-maior;—foi secretario particular do Silveira; — escreveu, differentes proclamações que ao tempo se distribuiram e quando o morgado de Matheus, depois conde de Villa Real, D. José Luiz de Sousa, quartel mestre general e coronel ajudante do general Silveira, foi por este enviado como parlamentario ao commandante em chefe das tropas francezas realistas que entraram em Hespanha n'aquelle anno, foi o rev. dr. Antonio dos Santos Leal nomeado secretario do morgado de Matheus, etc.

Ninguem pois mais competente do que elle, para escrever sobre o assumpto, como escreveu, a *Memoria* que possuimos e que infelizmente ainda se conserva manuscripta!

N'ella descreve tudo o que observou e presenciou, — inclusivamente as intrigas entre os officiaes superiores da dicta divisão,— qualificando-os *todos* com a maior imparcialidade e tractando alguns *bem duramente!*...

Ali se encontram noticias muito interessantes para a historia d'aquella revolução e d'aquella divisão,—noticias em grande parte ignoradas até hoje.

O citado *ms.*, foi por nós comprado no leilão da grande livraria do dr. Vieira Pinto; —é um folio em bella calligraphia;—está completo e luxuosamente encadernado em marroquim—e de bom grado o facultaremos a quem deseje consultal-o.

—

Tem esta freguezia de *Villar d'Ossos* residencia parochial e uma boa horta contigua. Tambem teve um pequeno passal, que por ordem do governo foi vendido em hasta publica e convertido o seu producto em inscripções, averbadas ao abbade, que recebe o juro, — 48$000 réis annuaes, — alem de 180$000 réis de congrua em dinheiro—e das *offertas*, que consistem em um alqueire de centeio de cada fogo.

O abbade actual é hoje tambem arcypreste de Vinhaes.

Terminaremos mencionando outra familia nobre que ha n'esta freguezia, na povoação d'Ossos,—é a familia *Machado*, hoje muito dignamente representada pelo sr. José Antonio Machado e pela sua ex.ma esposa D. Maria Eugenia de Moraes Campilho, irmã dos morgados *Campilhos* de Vidago e de Vinhaes.

Villar d'Ossos é terra muito antiga, anterior ao seculo XII, pois já no anno de 1159 Fernando Godoniz doou ao convento da Castanheira, bispado de Astorga, uma herdade que tinha em *Villar d'Ossos*, junto de Vinhaes, em terra de Bragança.

Viterbo, lettra X.

—

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião e muito illustrado filho de Vinhaes, hoje residente em Mofreita, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'OURO,—aldeia da freguezia de *Ervões*, concelho e (hoje tambem) comarca de Val Passos. V. *Ervões*.

Comprehende mais esta freguezia as povoações seguintes:—Lamas, Alpande, Vallongo de Cima, Vallongo de Baixo, Alfonge, Sadoncelhe—e 15 moinhos na grande ribeira que banha esta freguezia e desagua no Rabaçal, confluente do Tua.

VILLAR D'OURO,—aldeia da freguezia de Espadanedo, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

V. *Espadanedo*, vol. 3.° pag. 59, col. 2.ª

Comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—*Espadanedo*, séde da parochia,— *Villar d'Ouro*, Vallongo, Cabanas, Soutello, ou Soutello de Pena Mourisca, parochia extincta, e Bouzende, outra parochia extincta, cujo orago foi Santa Isabel.

VILLAR D'OURO,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de S. Pedro Velho, concelho e comarca de Mirandella.

V. *S. Pedro Velho*, vol. IX, pagina 18, columna 2.ª

Comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*S. Pedro Velho,—Villar d'Ouro* e Ervideiro, que outr'ora foram parochias independentes e pertenciam ao concelho da Torre de D. Chama, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Mirandella.

A povoação de *S. Pedro Velho* demora entre os rios Rabaçal e Tuella, que formam o Tua. Dista 4 kilometros da margem esquerda do 1.º.—1 $^1/_2$ da margem direita do 2.º;—6 da villa de Mirandella para N.;—56 da estação da Foz do Tua na linha ferrea do Douro;—195 do Porto—e 532 de Lisboa.

VILLAR DO PARAISO,—freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, comarca, diocese e districto do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia. Orago S. Pedro,—fogos 800,—habitantes 3:350.

Em 1708, segundo se lê na *Chor. Port.* era um simples curato da grande comarca e ouvidoria da Feira—e contava 90 fogos!...

Em 1768 era curato da apresentação de D. Maria Camello de Miranda Sarmento e Castro, morgada d'esta parochia;—o seu cura recebia apenas o rendimento do pé d'altar,—e contava 180 fogos.

> No pequeno periodo de 60 annos a sua população duplicou!...

O censo de 1864 deu-lhe 533 fogos e 2:414 habitantes.

> Em menos de 100 annos a sua população subiu approximadamente ao triplo!...

O censo de 1878 deu-lhe 647 fogos e 2:524 habitantes,—e hoje, conta 800 fogos e 3:350 habitantes.

Nos ultimos 22 annos offerece pois um augmento de 267 fogos e 935 habitantes—e só nos ultimos 8 annos o augmento da sua população foi de 153 fogos e 826 habitantes!...

—

Do exposto se vê que poucas freguezias ruráes do nosso paiz terão prosperado tanto como esta—e nunca teve tanta vida como na actualidade.

O seu chão é vasto, fertilissimo, mimosissimo e abundantissimo d'agua potavel e de rega;—produz muito vinho, muito pão, muita fructa e muita hortaliça, vendendo *tudo* facilmente e por bom preço no Porto, inclusivamente a salsa, industria antiga, em que se empregam muitas mulheres d'esta parochia, pelo que as denominam *salsinhas.*

Tambem abunda em hervagens, com que engorda muitos bois para a Inglaterra e sustenta muitas vaccas, que produzem muito leite, que manda para o Porto e Villa Nova de Gaya, apurando só n'este artigo contos de réis por anno.

Produz tambem grande quantidade de excellentes morangos, que manda para o Porto e para Lisboa, onde teem venda facil e por bom preço.

Tambem se faz aqui muita telha, em cujo fabrico emprega muitos braços e apura muito dinheiro,—e tem boas pedreiras de granito para construcções, esteios de ramadas e *parallepipedos* [1], o que representa um capital importante.

Abundam tambem aqui pedreiros, carpinteiros e outros artistas, muitos d'elles *mestres d'obras*, que no Porto ganham muito dinheiro;—e tambem nos armazens de vinhos de Villa Nova de Gaya se empregam centos de filhos d'esta parochia; mas o que nos ultimos tempos mais vida lhe tem dado é o grande numero de *brazileiros*, filhos d'ella que teem ido explorar fortuna pelo commercio no Brazil, muitos dos quaes teem voltado ricos e dotado e embellesado esta freguezia com vistosos e luxuosos palacetes e estabelecimentos commerciaes de toda a ordem.

---

[1] Pequenos cubos de granito durissimo, com que hoje se veem calcetadas as ruas principaes do Porto.

Os taes *parallepipedos* vão d'esta parochia e da de Canellas, sua limitrophe.

Tambem aqui hoje se vêem muitos edificios novos e elegantes, feitos por differentes proprietarios e mestres d'obras.

Contribue tambem muito para a prosperidade d'esta freguezia o seu intimo contacto com a cidade do Porto, da qual dista apenas 6 a 8 kilometros, achando-se ligada com ella por boas estradas a macadam e pela linha ferrea do norte.

Eis o motivo porque esta parochia, denominada, e com rasão, *Villar do Paraiso*, tanto tem prosperado e prospéra,—contrastando com a maior parte das nossas freguezias ruraes, nomeadamente com as do malfadado districto de Bragança, hoje as mais pobres de Portugal, por não terem linhas ferreas nem estradas a macadam ou meios de communicação com os centros commerciaes do nosso paiz, e porque a maldicta phylloxera anniquilou os vinhedos, que eram a sua principal riqueza.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016.

—

Além da pequena povoação da *Egreja*, séde da sua matriz, comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—Cadavão, Chamorra, Corugeira, Estrada, Covinhas, Monte, Novias, Calçada, S. Caetano, Junqueira, Guardal, Capella, Jardim, Agro, Outeiro, Ilha, S. Martinho, Rasa, Telheira, Calçada e *Villar*, ou *Villar de Baixo*, que tambem é nome commum d'esta freguezia, desde tempos remotos, assim como tambem se denominou e denomina ainda hoje *Villar de Cima* a parochia de Villar de Andorinho, sua visinha e limitrophe, distante apenas 2 a 3 kilometros para E.

As outras freguezias limitrophes são:—Villa Nova de Gaya a N.;—Gulpilhares a S.;—Magdalena (vulgo *Madanéla*) a O.;—Canellas e Mafamude a E.

Occupa esta freguezia uma area de 6 kilometros d'extensão de N. á S. tendo apenas 2 a 3 de largura, de E. a O., sendo o seu chão levemente ondulado e bastante humido, o que a torna pouco saudavel. Ainda no ultimo anno (1885) pesaram cruelmente sobre ella as bexigas e mataram muitas creanças. Felizmente está toda coberta de luxuriante vegetação, que atenua e neutralisa os miasmas dos seus pequenos pantanos.

A egreja parochial dista 3 kilometros da estação de Valladares, na linha ferrea do norte, para E.;—6 de Villa Nova de Gaya, para S.;—8 do Porto;—138 de Valença do Minho—e 335 de Lisboa.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Logo a descreveremos.

2.º—*Capella de S. Martinho*, na aldeia d'este nome, a mais importante e mais central d'esta parochia e que parece uma villa, povoada de muitos predios novos e elegantes, duas pharmacias e bons estabelecimentos commerciaes.

A capella está muito bem tractada e é quasi tão espaçosa e talvez mais antiga do que a egreja parochial, mas com as diversas reconstrucções alteraram muito a sua architectura, dando-lhe inclusivamente um portico rectangular em vez do portico ogival que tinha.

N'ella se diz missa nos domingos e dias sanctificados—e aos domingos se faz junto d'ella um mercado de diversos generos.

Tem festa apparatosa com romagem no dia do seu orago.

É publica.

Devia estar aqui a egreja parochial.

3.º—*Capella de S. Caetano*, tambem publica.

Está em sitio pittoresco, vistoso e muito alegre, no alto do pequeno *monte de S. Caetano*, junto da povoação do Guardal.

É maior e mais elegante do que a egreja matriz;—tem torre e sinos;—já n'ella se celebram os officios religiosos e se faz pomposa festa annual com romagem, posto que ainda não esteja concluida.

Demora no local onde esteve uma pequena ermida da mesma invocação, e tem sido feita pela povo, nomeadamente pelos habitantes da visinha aldeia do Guardal, onde ha muitos pedreiros que nas obras d'ella costumam trabalhar nos domingos.

—

A egreja parochial demora em sitio quasi

ermo na estrada a macadam que do Alto da Bandeira conduz a Espinho.

Recommenda-se unicamente pela sua antiguidade e foi de architectura manuelina, mas perdeu as feições proprias com as ultimas reconstrucções e com a muita cal e argamaça em que a envolveram os vandalos do seculo XIX, substituindo o seu bello portico de ogiva por outro rectangular, etc.

A torre foi construida em 1883 a 1884.

Demora no meio de largos campos em um morro de penedos de granito durissimo e aspero, como o de Canellas, de que se fazem os taes *parallepipedos* e esteios para ramadas. Sobe-se para ella por 2 lanços de escadaria, tendo o primeiro 14 degraus,—12 o segundo—e a meio um patamar.

Tem contigua e ligada a ella uma casa brazonada, tambem muito velha, que foi solar dos Camellos, morgados d'esta freguezia, os quaes outr'ora apresentavam o cura ou vigario, a quem davam unicamente o rendimento do pé d'altar,—*liam as estações aos freguezes e comiam os benesses da egreja por breve pontificio*, como disse o padre Carvalho no artigo *Villar d'Andorinho*, confundindo aquella parochia com esta de Villar.

Nas grandes festas os dictos morgados sentavám-se na cadeira parochial com a estola aos hombros e a chave do sacrario pendente do pescoço.

Oh! tempora, oh! mores?...

Tambem consta que obtiveram o senhorio d'esta egreja por escambo feito com os frades cruzios de Grijó, aos quaes cederam certo couto para poderem *dar aqui os dias santos*—e que os dictos frades (conegos regrantes) os recebiam debaixo do palio quando iam visitar o convento de Grijó,—distincção rarissima e honrosissimà,—*si vera est fama*,—pois o convento de Grijó não era de frades *borras*, capuchos ou mendicantes, mas de *conegos regrantes*,—a ordem mais aristocrata que teve o nosso paiz. Eram todos fidalgos *de fure* e os unicos religiosos que em Portugal recebiam com a profissão o tractamento de *Dom?...*

—

A capella-mór da egreja é talvez *unica* no seu genero em todo o nosso paiz.

Tem 2 arcos cruzeiros e 2 altares-mores, sendo o corpo da egreja de *uma só nave!...*

O arco cruzeiro, em vez de comprehender todo o vão da frente da capella-mór, divide-se em 2 arcos, que assentam nas paredes lateraes e em uma columna que tem ao centro, ficando amplo todo o vão da capella-mor e dividido apenas o tecto em 2 lindos cumes d'abobada de pedra, formados cada um d'elles por 4 arcos que partem da dicta columna e das 3 paredes da capella;—e dos 8 angulos d'estes 4 arcos partem 8 aduellas que formam os 2 cumes do vão total, terminándo em ogiva.

Nunca vimos coisa semelhante!

Mais:

Na parede que fórma o fundo da capella estão na mesma linha e no mesmo plano os 2 altares mores, olhando para o corpo da egreja pelos dois vãos dos 2 arcos cruzeiros, tendo cada um d'estes 2^m,10 d'abertura e 4^m,40 d'altura. Dos 2 arcos aos 2 altares o vão é de 4 metros;—e dos 2 arcos até á porta principal tem de comprimento a egreja 13^m,65—e de largura 8^m,80.

São modernos e differentes no estylo os retabulos dos 2 altares, e d'estes o do lado do evangelho é dedicado ao Santissimo Sacramento—e o do lado da epistola á Senhora do Rosario.

O vão da capella-mór, de uma á outra das paredes lateraes, é de 6^m,60—e todo *amplo*, como fica dicto.

No corpo da egreja ha 2 altares lateraes, 1 pulpito e côro.

Em 1875 uma toupeira, rompendo o chão junto do altar-mór do Sacramento, levantou algumas moedas de cobre e depois no mesmo local appareceram mais 25, todas muito antigas e que não foram classificadas.

—

Ha n'esta egreja dois tumulos com brazões, encostados ás paredes e pertencentes aos antigos morgados de Villar. [1]

---

[1] É considerada representante dos dictos morgados a ex.ma sr.a D. Almira de Castro Almeida, casada com o sr. Carlos Alberto de Almeida, moradores actualmente na rua da Liberdade, n.º 59, freguezia de Miragaya, no Porto.

O mais proximo do cruzeiro tem uma portada de marmore branco e a inscripção seguinte, em letras inclusas, bastante maltractadas e difficeis de ler:

AQUI JAZ DONA MARIA
DE CASTRO, MOLHER DO SÕR.
FERNANDO CAMELLO, QUE
SANTA GLORIA TEM. ESTA
CASA COM ELLE FEZ E DO
TOU A SUA FILHA D. AN-
TONIA (ÃT.ª).

A portada do 2.º é de cal e cimento e n'elle se vê uma inscripção semelhante, que principia assim:

AQUI JAZ FERNÃO CA-
MELLO.................
1546.

Em plano superior se vê na parede um brasão com 3 conchas e aves.

Quintas

Ha n'esta parochia varias quintas esplendidas, avultando entre ellas as seguintes:

1.ª—*Da Formiga*, brasonada.

Pertence ao visconde de Proença Vieira, que foi presidente da camara de Villa Nova de Gaya, deputado ás côrtes, etc.

Tem uma linda casa nobre acastellada *intra-muros*, um lago, um moinho, bons jardins, pomares de fructa e grande matta de eucalyptos, australias, araucarias, etc., bellas ramadas com vides, extensos campos e formosos passeios.

2.ª—*Do Almeida Campos.*

É um predio luxuoso tambem, com muita agua, soberbos tanques, ramadas, jardins, bons campos e grande matta.

3.ª—*Do Guardal*, predio espaçoso e de muito valor tambem.

4.ª—*Da Capella*,—outro predio soberbo, pertencente a Manuel Ribeiro.

5.ª—*Da Telheira*, junto da povoação da Rasa.

Tem um bom lago, bellos jardins, grande pomar de larangeiras e d'outras arvores fructiferas, extensas ramadas, campos, etc.

6.ª—*Da Ilha.*

Tem um grande souto de carvalhos e n'elle um soberbo manancial d'agua, que fertilisa extensos campos.

—

Atravessa esta freguezia de N. a S. na extensão approximada de 6 kilometros, a estrada a macadam, denominada *estrada de baixo*, que partindo da estrada real do Porto a Coimbra, entroncando no *Alto da Bandeira*, junto de Santo Ovidio, segue para o Corvo e praia de Espinho.

Passa-lhe um pouco a leste a dicta estrada real do Porto a Coimbra e Lisboa, aqui denominada *estrada de cima*,—e um pouco ao poente passa a linha ferrea do norte, para a qual tem uma bella estrada a macadam, que partindo da *estrada de baixo*,—do largo de S. Martinho, vae em linha recta á estação de Valladares, distante do dicto largo pouco mais de um kilometro.

Ha n'esta freguezia na grande aldeia de S. Martinho, uma succursal da *Companhia União popular penhorista*,—uma *Associação humanitaria de soccorros mutuos*, que em 1884 a 1885 distribuiu pelos seus associados 1:350$000 réis,—e ha tambem uma escola esplendida, montada em um elegante edificio, mandado fazer pelo conselheiro, capitalista e proprietario, o sr. Antonio Manuel da Fonseca, benemerito filho d'esta parochia e acreditado negociante no Brazil.

Depois de feito o edificio e de mobilada a escola, entregou-a ao governo e a dotou com 8 inscripções do valor nominal de um conto de réis cada uma, para do seu rendimento se darem 200$000 réis annuaes ao professor,—30$000 réis para limpesa e conservação da escola—e 10$000 réis para 2 premios annuáes aos alumnos que mais se distinguirem.

Foi inaugurada com grande pompa a dicta escola no dia 25 de julho de 1880, sendo extraordinario o concurso do povo, por ser domingo, dia feriado.

Os nossos parabens ao seu benemerito fundador.

Casos tristes

Na noite de 26 d'outubro de 1884, depois de uma altercação ao jogo em uma taberna

entre Francisco Salvador Nunes, trolha, e Joaquim Francisco, pedreiro, ambos d'esta freguezia, o 2.º crivou de facadas o 1.º, junto da capella de S. Martinho, matando-o instantaneamente.

O reu foi preso no dia seguinte e julgado mezes depois no 2.º districto criminal do Porto, sendo condemnado a 8 annos de prisão cellular ou a 12 de prisão maior, sellos e custas do processo.

Na madrugada do ultimo dia de fevereiro de 1876 um pavoroso incendio reduziu a cinzas n'esta parochia um bom predio e um grande estabelecimento commercial que tinha na loja, com artigos de mercearia, petroleo, polvora, etc., causando prejuisos avaliados em 9 a 10 contos de reis.

Acudiram as bombas de Villa Nova de Gaya e a dos *Bombeiros Voluntarios do Porto*, mas apennas poderam salvar os predios visinhos.

O dono da casa e a familia a custo se salvaram, saltando pelas janellas,—e quebrou uma perna um homem que trabalhava na extincção do incendio.

—

Era natural d'esta freguezia o conselheiro e capitalista Antonio Manuel da Fonseca, fallecido a 8 d'agosto de 1882 em Lisboa, onde foi director da *Companhia das Aguas.*

As *lavradeiras* (mulheres do campo) d'esta freguezia e das circumvisinhas são das mais formosas dos arrabaldes do Porto; — usam pequenos chapeus de panno preto grosso, circuitados de grandes borlas de sêda preta;—pequenas chinellas de couro com ponteira de verniz;—grandes lenços de seda ou de algodão estampado a cores vivas, debaixo do chapeu e sobre o peito;—muitos cordões de ouro de lei no pescoço;—grandes brincos d'ouro nas orelhas—e um monte de saias até 20 a 22!...

V. *Villar d'Andorinho.*

Tambem entre as industrias d'esta freguezia muitas mulheres se occupam em *tirar* (dobar) seda.

Esta parochia não tem residencia nem passal. É hoje seu parocho Silvestre Augusto d'Almeida Pinto, natural de Sinfães e que foi capellão militar,—irmão do sr. dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto, professor no Lyceu central do Porto.

Ao dicto sr. padre Silvestre, abbade d'esta freguezia, devo a *inolvidavel finesa* de não me fornecer apontamentos alguns para a descripção d'ella;—nem sequer me respondeu,—apesar de reiteradas instancias minhas e de varios amigos meus e d'elle, *durante dois annos*?!...

Deus lhe dê o que lhe falta!...

—

Tem esta freguezia um *Club de instrucção e recreio*, inaugurado no dia 3 de junho do corrente anno de 1886.

Tambem tem, ha muito, cemiterio parochial e escolas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Dias Reis Castro Portugal, benemerito filho de *Villar d'Andorinho* (V.) agradeço penhorado os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta freguezia,—apontamentos que s. ex.ª (honra lhe seja!) ali foi colher expressamente para me obsequiar e vingar do inqualificavel *mutismo* do sr. padre Silvestre.

> Agora mesmo acabo de saber que o rev. sr. Manuel Dias Reis Castro Portugal falleceu em junho do corrente anno de 1886.
>
> Deus o tenha em bom logar!...

VILLAR DE PERDIZES, — freguezia do concelho e comarca de *Montalegre*, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Orago—*Santo André Apostolo.*

Vigairaria. Fogos 130,—habitantes 540.

Em 1706 era vigairaria collada da apresentação do reitor de S. Miguel de Villar de Perdizes,—pertencia ao termo e concelho da villa de Montalegre, comarca e euvidoria de Bragança—e contava 100 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario 100$000 rèis—e contava 105 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 122 fogos e 460 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 524 habitantes.

Demora esta freguezia na raia, em terreno pouco accidentado, no valle de *Villar de Perdizes* e ao nascente da serra de *Larouco*, entre os ribeiros de *Portó* e *Cabana*, e é ormada pela unica povoação de *Santo André*, que dista da villa de Montalegre 11 kilometros para E.N.E.;—25 de Chaves para O.N.O.;—83 de Braga para N.E.;—138 do Porto—e 475 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Gralhas, Padronellos, Solveira e S. Miguel de Villar de Perdizes.

Pelo norte confina com o valle da *Gironda*, diocese de Orense, na Gallisa.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, hervagens e bastante fructa de caroço, muito ordinaria.

Tambem produz algum vinho verde e cria bom gado vaccum.

Data de tempos muito remotos esta povoação, mas foi uma simples aldeia da parochia de S. Miguel de Villar de Perdizes até que em 1700 foi arvorada em vigairaria, com parocho proprio, tendo sido feita a sua egreja em 1698.

Fez parte da antiga *Honra de Villar de Perdizes*;—era *casal cerrado* [1]—e pagava juntamente com a povoação de Solveira, hoje tambem parochia independente,—10$560 rs.

Desde 1841 foi do concelho e julgado de Ervededo, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Montalegre.

Banham-n'a os dois mencionados ribeiros—*Porto* e *Cabana*, que dão origem a um braço do Rio Tamega,—correndo o 1.° de O. a E.—e o 2.° de N. a S. Ambos criam trutas, bogas e outros peixes miudos,—e regam e moem.

—

Foi natural d'esta freguezia o dr. Domingos Manuel Annes Coutinho, que nasceu a 16 de novembro de 1789 e falleceu em Lisboa, victima da febre amarella, em 1857.

Era formado em canones pela Universidade de Coimbra;—foi commissario geral do exercito anglo-luso, na guerra da peninsula,—e depois administrador de um dos bairros de Lisboa, etc., mas por morte de D. João VI abandonou a politica e os seus cargos publicos e tractou sómente da administração dos seus negocios, adquirindo boa fortuna.

Era um cavalheiro probo e muito serviçal, principalmente para os seus patricios, que n'elle encontraram sempre o mais desvelado e desinteressado protector.

VILLAR DE PERDIZES,—freguezia do concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz os Montes.

Orago *S. Miguel*.

Reitoria.—Fogos 196, habitantes 830.

Em 1706 era vigairaria da mitra, segundo se lê na *Chor. Port.*;—pertencia ao termo e concelho de Montalegre, comarca de Bragança,—e contava 190 fogos,—alem da povoação de Santo André com 100 fogos e da de Sobreira com 80,—diz Carvalho, mas foi lapso, porque ao tempo a 1.ª d'estas duas povoações já se havia emancipado e constituido em parochia independente, em 1700. A 2.ª emancipou-se em 1796.

Veja se o artigo antecedente e *Solveira*.

Em 1768 era reitoria da mesma apresentação;—rendia para o seu parocho 350$000 réis—e contava 264 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, comprehendendo a povoação da Solveira, que pouco depois se emancipou

O censo de 1864 deu-lhe 181 fogos e 778 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 194 fógos e 710 habitantes.

—

Demora esta freguezia na raia da Galliza;—é formada hoje pela unica povoação do seu nome, dividida em 3 bairros:—*Caria*, *Sameiro* e *Cimo de Villa*,—distando de Montalegre 15 kilometros para E.N.E.;—20 de Chaves para O.N.O.;—86 de Braga para N.E.;

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Montalegre*, vol. V, pag. 444, col. 2.ª, onde se mencionam estes e os outros *casaes cerrados* ou *reguengos*, d'este concelho—e os grandes privilegios e exempções que os nossos reis lhes concederam em differentes datas.

—141 do Porto e 478 de Lisboa por Braga: mas, logo que se construa o caminho de ferro de Chaves pelo valle do Tamega até o Douro [1], hoje em estudos, aquelle itinerario e aquellas distancias devem soffrer grande modificação.

Freguezias limitrophes:—Santo André de Villar de Perdizes, Solveira, Sarraquinhos, Mêxide e Soutellinho da Raia, todas portuguezas, mais 2 hespanholas:—*Videferre*, ao nascente, e Bouzães, no valle da *Gironda*, ao norte, ambas do bispado de Orense, na Gallisa.

Producções dominantes:—centeio, milho, feijões, batatas, muita fructa de carôço, hervagens, castanhas e algum vinho verde, sendo o da parte oriental quasi maduro.

Tambem cria bastante gado lanigero e vaccum, da raça barrozã,—e é mimosa de caça, nomeadamente de perdizes, pelo que se denominou *Villar de Perdizes.*

Está em terreno arenoso e humido, em um grande valle que se estende a nordeste da villa de Montalegre,—desde Meixedo até Meixide, na margem esquerda do riacho da Assoreira, uma das nascentes do Tamega.

Banham tambem esta freguezia, correndo na direcção de S.O. a N.E., mais 2 ribeiros: —*Ingadas* e *Porto d'Arcos*, que reunidos ao *Assoreira* formam a origem occidental do Tamega,—regam, moem e criam peixe miudo.

É bastante frio e aspero o clima d'esta parochia;—não tem estrada alguma a macadam nem sequer esperanças de se ver livre dos medonhos barrancos e precipicios do tempo dos mouros.

Os seus habitantes em geral são pobres. Outr'ora teve uma casa nobre e muito rica, —a dos celebres *morgados de Villar de Perdizes*, de quem adiante fallaremos, mas hoje só tem uns seis ou oito lavradores remediados.

Industria nenhuma, além da lavoura e da criação de gado vaccum.

Tambem aqui não ha minas em exploração nem simplesmente registradas.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Demora em sitio alto e vistoso, um pouco distante da povoação, para O.

É um dos templos mais antigos d'esta provincia e está bem tractado e bem conservado.

Diz a tradição que foi fundado pela celebre *Maria Mantella*, mas tem sido reedificado differentes vezes, datando a ultima de 1797.

Teve muita prata, mas foi toda roubada pelos francezes na guerra da peninsula.

Tem altar-mór e quatro lateraes, torre e 2 sinos.

2.º—*Capella de Nossa Senhora da Saude.*

Está em uma veiga, cerca de 1:500 metros a O. da povoação, e foi mandada fazer pelo reitor d'esta freguezia, Pedro d'Araujo, em 1660.

N'ella ha uma irmandade de S. João e Almas, com estatutos approvados por D. Luiz de Sousa, arcebispo de Braga, em 20 de dezembro de 1678. [1] É fabricada pela dicta irmandade e tem festa com romaria na 2.ª oitava do Espirito Santo e nos dias 24 de junho e 8 de setembro, costumando haver por essa occasião grandes desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes!...

Na romagem de 24 de junho de 1881, por exemplo, travou-se a desordem entre o povo e os guardas da alfandega; estes mataram dois homens e ficaram outros muitos feridos.

---

[1] Esta linha, segundo o projecto, deve atravessar o Douro e seguir pelo valle do Paiva até Viseu; tambem trazemos em estudos outra linha de Chaves a Viseu por Villa Real de Traz os-Montes, Regoa e Lamego,—e outra de Lamego a entroncar na linha da Beira Alta, em Villa Franca das Neves.

V. *Vias ferreas* n'este diccionario e no supplemento.

[1] O *Sanctuario Marianno*, vol. 7.º pag. 438, diz que esta irmandade tem por bulla apostolica 5 jubileus para 5 festividades da padroeira;—que a imagem d'esta media cerca de 4 palmos d'altura;—que tinha o Menino Jesus sobre o braço esquerdo—e que a maior festa e romagem se faziam na 2.ª oitava de Pentecostes.

3.º—*Capella de Santa Marinha.*

É publica, fabricada pelos freguezes, e está tambem fóra da povoação em um monte junto da raia.

4.º—*Capella do Bom Jesus.*

Demora no bairro de *Cimo de Villa* e foi feita pelo rev. reitor d'esta parochia—Pedro Correia,—no anno de 1678.

É actualmente propriedade do rev. Sebastião Coutinho Sant'Anna.

5.º—*Capella de Santa Cruz.*

Pertence á antiga casa dos *morgados de Villar de Perdizes* e n'ella está o Santissimo Sacramento, para maior commodidade do parocho e da freguezia.

6.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves.*

Demora entre os bairros de Caria e Sameiro.

É publica.

—

Em tempos remotos esta freguezia comprehendeu as povoações de Santo André de Villar de Perdizes, Solveira e Meixide, que depois se arvoraram em freguezias independentes, com parochos proprios, mas estes até 1834 eram apresentados pelo reitor de *S. Miguel de Villar de Perdizes*, que recebia as primicias do pão e vinho e bodos d'esta parochia e das suas filiaes, o que tudo montava a 400$000 réis, pagando porém d'elles uma pensão de 50$000 réis—não sabemos a quem.

Esta freguezia de S. Miguel de Villar de Perdizes foi commenda, cujos commendadores recebiam metade dos dizimos d'esta parochia e das suas filiaes, bem como das de Meixide e Soutellinho da Raia. A outra metade dos dizimos de todas as parochias mencionadas era dos fidalgos ou morgados de Villar de Perdizes.

—

Esta parochia pertenceu ao extincto concelho de Ervededo e á comarca de Chaves, desde 1841 até 1853, data em que pelo decreto de 21 de dezembro do dicto anno passou para o concelho de Montalegre.

Teve uma feira no dia 15 de cada mez, concedida por D. João VI em 1817, mas tal feira extinguiu-se ha muito.

Nunca teve foral proprio. Pelo menos Franklim não o menciona; mas foi terra muito privilegiada em outros tempos, porque formava com Santo André e Solveira uma das seis honras de *Barroso*. As outras eram: Gralhas, Meixedo, Padronellos, Padroso e Tourem.

Para evitarmos repetições veja-se o artigo *Montalegre*, onde, a pag. 443, col. 2.ª e 444, col. 1.ª, se mencionam as dictas *honras* e os seus grandes privilegios, confirmados por D. Diniz em 5 de maio de 1325—e por D. João I em 1430,—e ainda accrescentados por el-rei D. Manuel em 1514, por terem a seu cargo os habitantes das dictas aldeias a guarda do castello de *Picônha.*

Ha n'esta freguezia uma delegação da alfandega de Chaves,—uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino,—uma pharmacia,—um facultativo,—um talho de carnes verdes ou açougue, differentes tavernas e alguns estabelecimentos commerciaes pouco importantes.

Fidalgos de Villar de Perdizes

Em outubro de 1551, Antonio de Sousa, capellão e fidalgo da casa do duque de Bragança e abbade d'esta freguezia, instituiu e dotou o *Hospital e capella de Santa Cruz*, mencionada supra, dando-lhe por bulla apostolica todo o rendimento d'esta sua egreja, que então orçava por 755$000 réis por anno,—somma importante n'aquelle tempo,—vinculando a dicta capella e impondo aos seus administradores e successores a obrigação de terem n'ella sacrario e dois capellães que ali celebrassem missa diaria pelo instituidor e seus successores, vencendo cada um dos dictos capellães 3$000 réis por anno e 30 alqueires de pão.

Determinou mais que no dicto hospital houvesse uma botica e que na dicta casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tractassem nas suas doenças os peregrinos pobres de S. Thiago de Compostella, Nossa Senhora dos Remedios, Bom Jesus do Lima e Crucifixo de Orense;—que levassem a cavallo os doentes para o hospital de Chaves ou para o de Monte Rei, junto de Verim,—e que os seus successores, logo que as ren-

das do vinculo augmentassem um terço, casassem uma orphan [1].

—

O rev. Antonio de Sousa, benemerito instituidor, serviu muitos annos os duques D. Jaime e D. Theodosio e d'elles recebeu de moradias e mercês em dinheiro grandes sommas, com que comprou muitos bens, como consta de uma escriptura feita em Braga no dia 15 de dezembro de 1557.

Nomeou seu herdeiro e administrador d'este vinculo:

1.º—*Fernão de Sousa*, moço fidalgo da casa d'el-rei.

Ainda vivia em 1565.

Succederam-lhe os seguintes administradores:

2.º—*Alexandre de Sousa Pereira*, filho de Antonio de Sousa Pereira.

Sentou praça em 1658 e morreu no cerco da praça d'Elvas, em 14 de janeiro de 1659, quando o conde de Cantanhede, D. Luiz Antonio de Menezes, bateu e derrotou os castelhanos, commandados por D. Luiz Mendes d'Aro, marquez del Carpio.

V. Elvas, vol. 3.º, pag. 18 col. 2.ª

3.º—*Antonio de Sousa Pereira*, filho de Alexandre de Sousa Pereira.

Nasceu na sua casa de Villar de Perdizes e militou 22 annos, desde 8 d'abril de 1661 até o dia 7 de dezembro de 1683, chegando ao posto de marechal de campo.

Assistiu á batalha de Montes Claros em 17 de junho de 1665, e n'esse mesmo anno os hespanhoes lhe incendiaram a casa de Villar de Perdizes.

4.º—*Antonio de Sousa Pereira*, filho do antecedente.

Nasceu em Chaves,—foi capitão de cavallos,—e militou desde 14 de fevereiro de 1701 até 15 d'abril de 1738.

5.º—*Alexandre de Sousa Pereira*, filho do antecedente.

Nasceu em Villar de Perdizes e militou desde 29 d'agosto de 1706 até 1713, data em que falleceu.

Em 1708 defendeu admiravelmente o Porto de Sarraquinhos, impedindo a entrada dos hespanhoes para os logares da Chã.

6.º—*Alexandre de Sousa Pereira Coutinho*, irmão do antecedente.

Por sentença do *Juiso das Justificações* prometteram-lhe os serviços de seu pae Antonio de Sousa, de seu avô Alexandre e de seu bisavô Antonio e por elles se lhe passou carta de alcaide-mór do castello de Picônha em 20 d'agosto de 1779, por fallecimento do ultimo alcaide-mór—Alexandre de Gusmão.

7.º—*João Antonio de Sousa Pereira Coutinho*, filho do antecedente.

Foi alcaide-mór de Picônha, por carta de 22 de dezembro de 1800—e falleceu em maio de 1826.

8.º — *Antonio de Sousa Pereira Coutinho.*

Não adiantam mais os nossos apontamentos.

Esta familia foi muito importante e muito rica, pois como já dissemos no artigo *S. Vicente da Chã*, vol. X, pag. 534, col. 1.ª,—um dos fidalgos de Villar de Perdizes foi o herdeiro principal do celebre Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro*, que tendo sido *marçano* e *aguadeiro* falleceu nos fins do ultimo seculo em Lisboa, deixando uma fortuna de *dois mil e seiscentos contos de réis*, somma fabulosa n'aquelle tempo!...

A nobre casa de Villar de Perdizes está em ruinas;—tinha uma boa cerca—e é hoje tudo dos herdeiros de João Lopes de Freitas, da villa de Montalegre, que a houve por emprasamento de 60 annos.

Do *hospital* não ha memoria.

A capella ainda existe, bem conservada e aberta ao culto.

O cordão sanitario

Esteve aqui em 1885 a 1886 um dos muitos postos militares do cordão sanitario que o nosso governo montou em toda a raia terrestre e maritima do nosso paiz contra o *cholera morbus*, que ao tempo assolava cruelmente a Hespanha e que (mercê de Deus!...) nos poupou e não fez em Portugal uma unica victima, em quanto que na

[1] Liv. dos cap. de Vizitas de 1658.

França, Italia e Hespanha matou milhares de pessoas. [1]

Para evitarmos repetições veja-se os artigos *Villa Real de Santo Antonio*, vol. XI, pag. 919, col. 1.ª,—*Villa Real de Traz-os-Montes*, no mesmo vol. pag. 1038, col. 2.ª—e *Villar Formoso.*

Era este posto de *Villar de Perdizes* formado por 60 praças d'infanteria, dispersas ao longo da raia em pequenas cabanas de colmo, desde fevereiro de 1885 até março de 1886,—e soffreram muito, principalmente no inverno, porque foi muito aspero e muito rigoroso n'estes sitios, chegando por vezes a neve a attingir 2 metros d'altura;—mas (honra ao nosso exercito!) os soldados tudo supportaram corajosamente—e o serviço do cordão foi feito com todo o rigor militar!

N'este posto deram-se dois factos interessantes:

1.º—Marchando em certo dia de Chaves para aqui o 2.º sargento d'infanteria 19, José Augusto dos Santos, encontrou na veiga de Soutello 8 hespanhoes, que muito astutamente haviam transposto a linha. Posto que o sargento ia só, deu-lhes ordem de prisão. Responderam-lhe 3 dos hespanhoes, mostrando-lhe 5 marcos d'ouro e offerecendo-lh'os para que os deixasse seguir.

O sargento despresou a offerta e repetiu a ordem de prisão, intimando-os para que seguissem deante d'elle para Chaves e aperrando a arma contra elles. Fugiram 3, mas levou os 5 restantes até Chaves, onde os entregou á auctoridade administrativa.

2.º—Em 21 de julho de 1885 chegou aqui o fornecedor do cordão sanitario com diversos generos sujeitos ao imposto do *real d'agua* [2] e destinados para o destacamento.

Os guardas fiscaes, sabendo que o fornecedor não havia pago o respectivo imposto, apprehenderam aquelles generos, mas o capitão do destacamento, apenas teve noticia do facto, obrigou os guardas a entregar-lhe os generos apprehendidos.

Os guardas accederam á imposição da força, mas depois seguiram-se protestos e reclamações interessantes.

Com a duresa do serviço adoeceram muitos soldados, pelo que se montou aqui tambem uma enfermaria regimental.

—

Estes sitios foram occupados desde tempos muito remotos.

Não longe d'esta povoação de Villar de Perdizes se encontrou no monte de *Remeseiros* um penedo de 10 palmos de comprimento, 8 de largura e 6 d'altura com a seguinte inscripção romana. [1]

INAC CONDUCTA. CONSERVANDA
OI. IN. AC. CONDUCTA. P. MICI
INVOLV.. IO. QUAECUQUE RESAE. MII
A—S. SI. SIQUI. EA—S. V. S. E. V. IANCE—CI.

Argote, confessa que não pôde interpretar a dicta inscripção, e diz parecer-lhe indicar que estava ali alguma fazenda ou herdade e que o dono ou cultivador d'ella escrevera no penedo aquellas lettras rogando pragas aos passageiros que lhe roubassem os fructos da dicta propriedade!...

Concluiremos dizendo que já nos principios da nossa monarchia formavam a raia de Portugal n'estes sitios até Bragança as mesmas povoações que a formam hoje.

V. *Hist. de Portug.* por Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 427.

VILLAR DE PEREGRINOS,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia.

Orago—*S. Salvador* ou o *Salvador*, segun-

---

[1] Só na Hespanha, segundo se lê na estatistica official, desde 5 de fevereiro até 14 de dezembro de 1885, o numero das pessoas atacadas pela epidemia foi de 338:685, das quaes falleceram 119:620.

Em Vallencia falleceram 21:012 pessoas,—em Saragoça 12:788,—em Granada 10:285—e em Murcia 7:376.

Tambem foi muito grande a mortandade em Madrid e em outras povoações da Hespanha.

[2] V. *Elvas*, vol. 3.º pag. 20, col. 1.ª *in fine*.

[1] *Memorias d'Argote*, vol. 3.º pag. 354,—*Portugaliae Inscriptiones*, pag. 112, n.º 251, e *Noticias archeologicas de Portugal*, pelo dr. Hübner, pag. 90 (traducção da Academia).

do se lê nos censos de 1864 e 1878,—no *Diccionario d'Almeida,—Flaviense,—Bettencourt,—Portugal S. e Profano*, etc., mas a *Chorog. Port.* e a *Chorog. Mod.* dão-lhe como orago S. Justo!...

Fogos 70—habitantes 330, (dizem os apontamentos que recebi da localidade)—comprehendendo a povoação de *Villar de Peregrinos*, séde da parochia, e a quinta de *S. Cibrainho*, com 40 fogos,—e a povoação de *Cidões*, parochia extincta e hoje sua annexa, com 30. V. *Cedões.*

Total uma miseria!

Note-se que a quinta de *S. Cibrainho* conta hoje apenas 1 fogo, mas já foi uma aldeia de certa importancia, pois em 1706 contava 10 fogos—e posteriormente contou 14.

Tem decrescido, pois, em vez de augmentar, a população d'esta freguezia.

Em 1706 só a povoação de *Villar de Peregrinos* contava 40 fogos;—a de *Cidões*, já então sua annexa, contava 22,—e a de *S. Cibrainho* 10,—sendo por consequencia a população total d'esta freguezia 72 fogos em 1706,—em quanto que hoje conta apenas 70!...

O censo de 1864 deu-lhe 72 fogos e 362 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 74 fogos e 345 habitantes.

—

Freguezias limitrophes:—Nunes a N.;—Edrosa a S.E.;—Penhas Juntas a S.;—Ousilhão a N.E.—e a O. o rio *Tuella* que, depois de se lhe unir a ribeira do *Rabaçal*, forma o Tua, confluente do Douro.

A povoação de *Villar de Peregrinos* demora na margem esquerda do *Tuella*, do qual dista 4 kilometros para o nascente,—10 de Vinhaes para o sul;—20 de Bragança;—35 de Mirandella;—85 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, pela linha da de Mirandella, prestes a abrir-se á circulação;—224 do Porto pela linha ferrea do Tua—e 561 de Lisboa.

Esta freguezia, approximadamente até 1854, pertencia ao concelho e comarca de Bragança, d'onde passou para o concelho e comarca de Vinhaes.

Era da apresentação da mitra de Miranda, hoje Bragança, e em 1768 rendia para o seu parocho 200$000 réis—e contava 47 fogos, comprehendendo então sómente a povoação de Villar de Peregrinos e a de S. Cibrainho, mas recebendo os dizimos da extincta parochia de Nossa Senhora da Assumpção de Cidões, onde o abbade de Villar de Peregrinos apresentava um cura, a quem dava apenas 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem esteve annexa algum tempo a esta freguezia de Villar a extincta parochia de Nossa Senhora de *Melhe*, que anteriormente foi uma annexa da de Rebordãos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de Edrosa.

Desgraçada provincia!...

Para evitarmos repetições e novas lamentações, veja-se *Villar do Paraiso* e *Villa Verde* do concelho de Vinhaes, tomo XI, pag. 1099, col. 2.ª

De passagem diremos que o padre Carvalho deu á extincta e pobre freguezia de *Melhe* como orago *Nossa Senhora*—em quanto que o *Port. S. e Prof.* lhe deu como orago *S. Martinho!...*

V. *Edrosa.*

—

Esta freguezia não tem nem espera ter estrada alguma a macadam. É atravessada pela de Vinhaes á Torre de D. Chama, estrada do antigo systema e medonha como todas as d'esta provincia, exceptuando as amostras que possue da moderna viação.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1018, col. 1.ª

Confinando com o *Tuella*, rio volumoso e muito caudaloso no inverno, não tem nem teve nunca ponte alguma sobre elle; mas, como os habitantes d'esta freguezia tenham muitos interesses na margem opposta do Tuella, atravessam-n'o de um modo curiosissimo—em uma enorme escada de madeira, lançada sobre elle e presa a uma arvore com um cadeado de ferro, para que o rio nas enchentes não a leve, pois cobre-a durante muito tempo no inverno, ficando interrompida a communicação entre as duas margens até baixar a corrente e poderem de novo armar a escada!

E em Miranda, Villarinho dos Gallegos e

n'outros pontos da extremidade leste da raia d'esta provincia, limitada pelo Douro, como não teem ponte sobre elle nem podem arranjar escada que alcance as duas margens, atravessam-no suspensos em uma corda, que estendem de uma á outra margem, indo os pobres transeuntes (*sauve qui peut!...*) mettidos em ceirões de esparto, ou amarrados á dicta corda por outra corda. Assim atravessam ali o Douro homens e mulheres, gado suino e lanigero, etc.

Só nos certões da Africa e n'esta malfadada provincia se encontram hoje,—em pleno seculo XIX—pontes de tal systema!...

V. *Villarinho dos Gallegos.*

—

Emquanto a templos tem esta freguezia tres:—a egreja matriz actual,—a da extincta parochia de Cidões—e a capella de S. Jorge na quinta de Cibrainhos.

A matriz actual foi feita nos principios d'este seculo;—está bem conservada e limpa;—é bastante espaçosa—e tem uma só nave, altar-mór e 2 lateraes, um dedicado a Nossa Senhora do Rosario, outro a S. Justo,—o padroeiro que alguns chorographos, com o padre Carvalho, deram a esta freguezia.

A imagem da Virgem do Rosario é uma primorosa esculptura.

A egreja tem no alto da fronteria um campanario com 2 sinos—e junto d'ella está o pequeno cemiterio parochial, medindo apenas 6 a 7 metros quadrados!...

A egreja de Cidões é uma humilde capella de uma só nave e com um só altar, dedicado á Assumpção da Virgem.

N'ella se vê uma formosa pia baptismal antiquissima de bello marmore.

Foi de um convento que em tempos muito remotos existiu no monte do *Franco*, termo d'esta parochia de Cidões, e do qual apenas hoje restam algumas paredes desmantelladas no sitio de *S. Namedio*, corrupção de *S. Mamede*,—titulo do pobre convento,—segundo se suppõe—(diz o meu illustrado informador)—pois não ha memoria de tal convento, nem se sabe a que ordem pertencia.

O meu informador, que é o sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, conta cerca de 80 annos e accrescenta que na sua mocidade ouvira dizer a differentes anciãos que o dicto convento foi de templarios, que d'aqui passaram para Valhadolid,—e que assim o contavam seus avós!...

Tambem consta que o dicto convento foi matriz d'este povo e dos circumvisinhos, como prova a pia baptismal que se guarda n'esta egreja de Cidões.

Tambem n'ella ha um calix de prata e uma cruz parochial que pela sua singelesa revelam muita antiguidade e consta terem pertencido ao mesmo convento, do qual muito provavelmente esta freguezia tomou o nome de *Villar de Peregrinos*, porque os templarios costumavam ter nos seus conventos hospitaes ou albergarias para pobres e *peregrinos*.

—

É tambem muito antiga a capella de S. Jorge na quinta de S. Cibrainhos;—está bem conservada e aberta ao culto;—n'ella se festeja annualmente o padroeiro, a 4 d'abril, com romagem, havendo por essa occasião tambem feira de gado, principalmente lanigero, cujos pastores ou conductores, apenas se approximam da capella, descobrem-se e fazem a sua oração—e, acto continuo, dão nove voltas em redor da capellinha, cada um com o seu rebanho!

—

Esta parochia tem uma soffrivel casa de residencia com sua horta e um pequeno passal,—e o parocho tem 170$000 réis de congrua e as *offertas*:—um alqueire de centeio de cada fogo,—além do pé d'altar, que é insignificante, por ser a freguezia pouco populosa e muito pobre, pois com a invasão phylloxerica perdeu o vinho, que constituia a sua principal riqueza.

As suas producções dominantes hoje são:—centeio, trigo, batatas, castanhas, peras, cerejas, maçans, hortaliça e mel de optima qualidade. Tambem cria bastante gado cavallar, muar, azinino, bovino, suino, lanigero e cabrum, por ter grandes montados.

É tambem mimosa de coelhos, lebres, perdizes, teixugos, raposas e *lobos*, no inverno.

Em melhores tempos, quando os abbades d'esta freguezia tinham coadjutores, costu-

mavam estes ensinar instrucção primaria; mas hoje é tal a falta de clero que uma grande parte das freguezias d'esta e d'outras provincias nem parocho proprio teem e menos ainda coadjuctores, pelo que ha muito esta parochia não tem eschola alguma nem sequer de instrucção primaria!...

O clima d'esta parochia é saudavel e varia com a altitude,—sendo mais quente do que frio na margem do Tuella e muito aspero nos montes e serras.

—

Ao meu venerando amigo, o sr. Emiliano Antonio de Sousa, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE PINHEIRO, — freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Abbadia. Orago Santa Marinha; — fogos 168,—habitantes 715.

Em 1633 era vigairaria annexa ao convento benedictino de Vairão,—rendia para as freiras 100$000 réis—e contava 216 habitantes.

Em 1706 era abbadia da apresentação do convento de Moreira;—rendia para o abbade 120$000 réis e outro tanto para as freiras de Vairão, que recebiam 2 partes dos dizimos; —contava 80 fogos—e pertencia ao grande concelho da Maia, comarca do Porto.

Em 1768 era da apresentação do papa, do bispo do Porto e do prior do convento cruzio de Moreira;—rendia 250$000 réis—e contava 101 fogos.

Em 1857 contava 150 fogos e 580 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 152 fogos e 622 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 160 fogos e 701 habitantes.

—

Demora esta freguezia entre o Porto e Villa do Conde;—é atravessada pela estrada real a macadam n.º 30, do Porto a Valença, e pela linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão, na qual tem estação propria, denominada *Villar do Pinheiro*, a N.O. d'esta freguezia, distando a egreja parochial cerca de 1 ½ kilometros da mencionada estação;—13 de Villa do Conde para S.S.E;—16 do Porto para N.N.O.;—45 de Villa Nova de Famalicão pela mencionada linha ferrea;—143 de Valença do Minho —e 356 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—Egreja, a séde da matriz,—Povoa, Venda, Sangemil, Senra, Tezo, Carvalhido, Travessa, Real e Cestêlo,—diz o meu illustrado informador, mas a *Chorog. Mod.* menciona tambem as aldeias de—Agra de Baixo, Rio, Aradas, Cavadinhas e Aguas Ferreas.

Freguezias limitrophes:—Mosteirô e Santa Maria de Villar a N.;—Gemunde a E.;—Villa Nova da Telha e Moreira a S.,—e Avelleda a O.

Producções dominantes: — milho, vinho, trigo, centeio, cebolas, nabos e fructa.

O vinho é verde e *rascante* ou de enforcado, mas teve sempre venda remuneradora e facil—e hoje mais do que nunca, por ser exportado para França, em grande escala.

V. *Villa Verde*, séde do concelho e da comarca do seu nome, vol. XI, pag. 1105, col. 2.ª *in fine*, e seg.

Tambem esta parochia abunda em hervagens, com que engorda muitos bois, que exporta para Inglaterra, industria que foi muito rendosa nas nossas provincias do Minho e Douro, mas que hoje infelizmente se acha em pronunciada decadencia.

V. *Villar de Andorinho.*

—

Esta parochia pertencia ao concelho da Maia, mas, a requerimento de muitos dos seus eleitores, passou para o concelho de Villa do Conde em 1870, por decreto de 11 de maio do dicto anno.

Atravessam esta freguezia dois ribeiros anonymos que movem diversos moinhos, fertilisam os seus campos e desaguam no rio de *Labruge*, um pouco a jusante da ponte da antiga estrada do Porto para Villa do Conde.

O meu benemerito antecessor denominou-os *Pena* e *Lagiellas*, por banharem as aldeias d'estes nomes, pertencentes á freguezia de *Avellêda*,—e disse que desaguavam no mar, o que foi lapso. V. *Avellêda*, concelho de Villa do Conde.

A egreja matriz demora junto da estrada real n.º 30. Não é muito espaçosa, mas está

bem situada e bem tractada,—tem bons paramentos e alfaias e ricas peças de prata, posto que desappareceram outras muitas que em 1807 foram enviadas para o Porto por ordem do principe regente, depois rei, D. João VI—e não mais voltaram,—suppondo-se que as roubariam os francezes.

Em frente da egreja ha um espaçoso terreiro arborisado, onde em 28 de junho de 1872 os habitantes d'esta freguezia e das circumvisinhas—Mosteirô e Avelleda,—para solemnisarem a visita de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, acompanhado por seu irmão o infante D. Augusto, na sua passagem para Villa do Conde, Povoa de Varzim, Barcellos, Vianna, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Amarante, Regoa e Villa Real, [1] fizeram uma apparatosa exposição do seu gado bovino gordo, destinado para embarque.

Apresentaram-se magnificas juntas de bois, garridamente enfeitadas, avultando entre ellas uma que chamou a attenção de todos, inclusivamente de S. M., pelo que o rev. João Francisco Pinto, abbade de Avelleda, immediatamente a comprou e que muito generosamente a offereceu a S. M., dignando-se o mesmo augusto senhor acceital a.

—

Na matriz d'esta parochia se fez com grande pompa, durante alguns annos, no terceiro quartel d'este seculo, a festividade de S. Bartholomeu no domingo seguinte ao dia do mesmo apostolo, 24 d'agosto, sendo muito notavel a esplendida e custosa illuminação. Comprehendia mais de 2:000 lumes de variadas côres, artisticamente distribuidos pela frente da egreja e pelo largo fronteiro em arcos e obeliscos de madeira (nós os vimos) que se guardavam e augmentavam de um anno para o outro, tudo á custa de amadores e devotos, nomeadamente do sr. José Francisco da Silva, abastado lavrador d'esta parochia.

Em freguezias ruraes difficilmente se verá illuminação tão apparatosa. Rivalisava com a da grande festa do Senhor do Calvario, de Gouveia, na Beira Baixa, e que é, ha muitos annos, a illuminação mais notavel de toda aquella provincia.

V. *Gouveia*, villa da Beira Baixa, n'este diccionario e no supplemento.

—

Ha n'esta parochia [1] uma capella dedicada aos *Santissimos Corações de Jesus e Maria* e teve annexo um collegio de meninas pobres, dirigido por *Irmãs Hospitaleiras*, sendo tudo fundado em 1877 a 1878 pela sr.ª D. Maria da Gloria Allen Urcullu Ribeiro, viuva de Manuel Theotonio Ribeiro de Castro e filha de D. José de Urcullu, natural da Hespanha, onde militou na guerra da peninsula, e que depois, perseguido por opiniões politicas, emigrou para Portugal, onde viveu muitos annos e falleceu em 8 de julho de 1852.

Era homem muito illustrado, cavalleiro da ordem de Christo, socio correspondente da *Real Sociedade Geographica de Londres* e das de Paris, Rio de Janeiro, etc. Publicou varias obras em hespanhol—e em portuguez as seguintes:—*Tractado elementar de Geographia*... em 3 vol. (1835–1839) 8.º gr. com estampas, obra ainda hoje muitó estimada;—*Grammatica inglesa para uso dos portuguezes* (1830);—*Cathecismo da doutrinà christã*... (1851);—e *O livro dos meninos*...

A mencionada senhora vivia n'aquelle tempo em uma quinta que possue aqui e foi auxiliada no seu empenho por differentes visinhos e outros devotos. Hoje (1886) vive no Porto e tem, entre outros filhos, um presbytero de muito merecimento, doutorado em theologia pela *Universidade Pontificia Gregoriana* de Roma, em 1885. É vice-reitor do Seminario episcopal do Porto, homem muito illustrado e primoroso escriptor publico.

Chama-se Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro—e foi-lhe dada em patrimonio a mencionada quinta do *Padinho*.

—

Esta freguezia chamava-se outr'ora *Villar*

---

[1] O sr. D Luiz embarcou na Regoa e seguiu pelo Douro para o Porto, onde havia deixado sua esposa, a sr.ª D. Maria Pia, que o foi esperar e receber no *Palacio do Freixo*, em Campanhã,—palacio que ao tempo era o mais luxuoso do Porto.

[1] Na quinta do *Padinho*.

de Porcos e já existia no seculo XI, pois em 1074 Sendino Rodrigues e sua mulher Gendina Paladiniz deram a terça parte que tinham no padroado da egreja de *Santa Marinha de Villar de Porcos*, bispado do Porto, (está averiguado ser esta) a Trutezindo Gutteres e a sua mulher Guntrode—*pro baralia, que abuimus super nostra haereditate cum nostras gentes: et fecestes ad nos ibi grande alhia.*

Isto é:—que lhes davam a terça do padroado d'esta egreja pelos serviços que lhes haviam prestado na contenda que tiveram por causa de certa herdade e em remuneração d'outros beneficios.

E no anno de 1075 Diogo Olidiz deu ao mesmo Tructesindo Guterres a porção que tinha na mesma egreja de *Villar de Porcos* —*pro plagas, et feridas malas, que fecemus ad vestros mallados, et non hubuimus unde illas penture.*

V. *Alhia* e *Malado* em Viterbo.

Ainda nos principios do sec. XVI conservava o mesmo nome de *Villar de Porcos*, segundo se lê no foral que D. Manuel deu ao concelho da Maia em 15 de dezembro de 1519, sendo porém feio e *porco* tal nome, no mesmo seculo XVI tomou o de *Villar de Pinheiro*,—ou por deferencia para com o sr. D. Rodrigo *Pinheiro* que então (1562 a 1572) era bispo do Porto,—ou por haver aqui algum *pinheiro enorme*,[1]—ou por ambos os motivos.

É certo que já nos principios do sec. XVII se denominava *Villar de Pinheiro*, como se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, publicado em 1623.

Na era de LXIII *Abon Arigutinizi* e *Froila Popizi* fizeram uma certa transacção sobre propriedades que possuiam em *Villar de Porcos*, na Maia. V. *Dissertações* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 206, n.º XIII.

Na era de 1340 (anno 1302) D. Beringeria Ayres doou ao bispo do Porto D. Giraldo as egrejas de Cedofeita, Lavra, *Santa Maria de Villar de Porcos*, etc., etc. *Dissertações* de João P. Ribeiro, tomo 5.º pag. 63.

Nos principios da nossa monarchia houve uma *Villa de Porcas* no concelho de Sinfães. Suppomos ser hoje a aldeia de *Porcas* da freguezia de S. Thiago de Piães, n'aquelle concelho. V. *Dissertaçõas* de João P. Ribeiro, vol. 5.º pag. 237;—temos ainda hoje no nosso paiz varias aldeias com os nomes de *Porco*, *Porca* e *Porcas*—e no concelho da Guarda a freguezia do *Porco* e a de *Porcas*.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio parochial, onde se vêem tres elegantes mauzoleus. Foi construido em 1879 e benzido solemnemente no domingo da Paixão, 3 de abril de 1881, pregando o rev. Francisco José Patricio, da cidade do Porto, distincto orador sagrado.

O chão d'esta parochia foi quasi todo de naturesa de prasos de vida, de que eram directos senhores os conventos de Moreira, Santo Thyrso, Arouca, Lorvão, Vairão e Almoster.

Os parochos d'esta freguezia tiveram, além dos dizimos, um grande passal, mas tudo cedeu em eras remotas um dos parochos ao convento de Vairão, reservando para si e seus succesores apenas a *terça* do rendimento total d'esta abbadia, pelo que as religiosas de Vairão tinham a seu cargo a fabrica d'esta egreja e ainda em 1841, pouco antes da extincção dos dizimos, restauraram á sua custa a rezidencia parochial, uma das melhores d'estes sitios.

—

Ha n'esta parochia excellentes aguas ferreas, muito medicinaes.

Foram descobertas por um antigo abbade e gosam de grande credito para o tratamento de certas doenças, posto que, segundo consta, perderam algumas das suas propriedades desde 1863, quando se abriu a estrada em plano superior á nascente das aguas e as encanaram para outro local.

[1] Ainda hoje se encontram enormes pinheiros n'esta freguezia e nas circumvisinhas. Na de *Aguas Santas*, por exemplo, ha dois, cujo tronco tem 4 metros de circumferencia!... E são pinheiros bravos (*pinus maritima*) cujos troncos não costumam engrossar muito. Ora se isto se dá hoje, em 1886, não admira que em outros tempos, quando todo o nosso paiz era muito mais povoado d'arvoredo, se encontrassem por estes sitios pinheiros muito maiores.

São 3 as bicas ou nascentes, cada uma com graduação diversa, e nota-se que as dictas nascentes são mais fortes e abundantes no verão do que no inverno!...

Faz-se uso d'estas aguas bebendo-as no local e em pontos distantes, conduzidas em garrafas. Brotam na pequena povoação denominada *Aguas Ferreas.*

Entre os edificios particulares d'esta freguezia avulta a *Casa da Morgada*[1], edificio espaçoso e um dos melhores das circumvisinhanças. Pertence hoje ao sr. José Antonio de Sousa Dias, irmão de Manuel de Sousa Dias, tabellião em Gondomar, n'este districto.

Abbades d'esta parochia

Occorrem-nos os seguintes:

1.°—David Bezerra Cabral.

2.°—Manuel Moreira.

3.°—Miguel d'Araujo Leite.

4.°—Leonardo Francisco d'Almeida.

5.°—Agostinho André de Barros, pelos annos de 1653, data em que emprasou o campo da *Searinha*, pertença do seu passal, a Domingos da Costa por 10 alqueires de pão, ou 150 réis por cada um.

6.°—Balthasar Antonio, natural de Gemunde.

Foi aqui abbade desde 1671 até 1702.

7.°—Antonio da Costa, natural de Gouvães da Serra, em Traz-os-Montes.

Foi aqui abbade pelos annos de 1714 e resignou em seu sobrinho, o padre Alexandre da Silva, com a reserva de 45 escudos d'ouro da camara e 12 *julios* ou oitenta mil réis da moeda portugueza n'aquelle tempo.

8.°—Alexandre da Silva, mencionado supra.

Ainda era aqui abbade em 1754.

9.°—Dr. Manuel Mendes Vieira, successor do antecedente.

Foi aqui abbade 15 annos.

10.°—D. José da apresentação Lobo, successor do antecedente.

Foi abbade 15 annos e tambem vigario da vara e visitador no districto ecclesiastico da Maia, examinador synodal, etc.

Tinha sido conego regrante no convento de Moreira e d'ali trouxe para esta parochia uma reliquia do Santo Lenho, com previa auctorisação do sr. D. João Rafael de Mendonça, então bispo do Porto.

11.°—Manuel Dias Ramalho d'Oliveira, successor do antecedente.

Era natural de Villa Nova da Telha e foi aqui abbade 45 annos!...

12.°—Antonio Pinto Moreira, natural da freguezia de Barqueiros, concelho de Mezão-frio.

Falleceu em 3 de janeiro de 1854, tendo sido aqui abbade 20 annos.

Era tio do conselheiro e dr. José Julio de Oliveira Pinto, meu contemporaneo na Universidade e talento verdadeiramente superior, bacharel formado em direito, deputado ás côrtes, official maior da secretaria da justiça, etc., infelizmente morto em um duello no vigor da edade, quando tinha deante de si o mais auspicioso futuro!...

V. *Barqueiros*, vol. 1.° pag. 336, col. 2.ª *in fine.*

13.°—Manuel Francisco dos Santos, natural de Villa Nova da Telha, onde nasceu na aldeia de Cambados em 10 de dezembro de 1811, sendo filho de José Francisco dos Santos e de Custodia Theresa de Jesus.

Collou-se em 20 de julho de 1854 e é o rev. abbade actual,—venerando ancião de 75 annos de idade e que hoje, 21 de julho de 1886, conta precisamente 32 annos de vida parochial[1]. É bastante, mas o meu bom amigo dr. Fr. José Caetano Lopes Bandarra, vigario de Longroiva, já conta cerca de 80 annos de idade e 50 de vida parochial,—ainda escreve com firmesa e diz missa *todos os dias!...*

V. *Villa Nune* n'este diccionario, e *Longroiva* no supplemento.

---

[1] É appellido de familia, não titulo de nobresa, posto que os donos d'ella são lavradores ricos e muito considerados na localidade.

[1] Se eu attingir a mesma idade (duvido muito!...) contarei 46 annos de vida parochial, pois já conto 25 e nasci em 1832.

V. *Corvaceira* e *Miragaya*, vol. 5.° pag. 250, col. 1.ª

Pessoas notaveis

1.º—D. Fr. João Moreira, bispo de Cabo Verde, filho de Manuel Moreira e de Andresa João.

Nasceu em 1688 na aldeia da *Povoa* d'esta freguezia e, tendo sido religioso da provincia da Soledade e guardião em varios conventos da sua ordem, foi eleito bispo de Cabo Verde por el-rei D. João V, em 16 de junho de 1742;—foi sagrado na *Sé* patriarchal de Lisboa em 17 de fevereiro de 1743, domingo da sexagesima;—partiu para a sua diocese em 11 de março de 1744;—chegou ali em 28 do dicto mez, sabbado de ramos;—fez a sua entrada solemne na terça feira da semana santa;—governou aquelle bispado 2 annos—e falleceu em 13 d'agosto de 1746, contando 58 annos de idade.

2.º—Fr. João da Trindade, religioso agostinho descalço, ou *grillo*.

Professou no convento da Mão Poderosa, ou da *Formiga*, junto da actual estação de Ermezinde, na parochia de S. Lourenço de Asmes, em 17 de março de 1790.

3.º—Fr. Manuel de Santa Marinha, tambem frade *grillo*.

Professou no mesmo convento em 1 de fevereiro de 1791.

4.º—Joaquim Antunes d'Azevedo, o meu illustrado collega e benemerito informador.

É actualmente reitor de *Villa Nova da Telha*.

Nasceu n'esta parochia, na aldeia de S. Gemil, em 18 de maio de 1828, sendo filho legitimo de José Antunes d'Azevedo, miliciano na guerra da peninsula, vereador da Maia, etc., e de D. Maria Joaquina de Jesus, da casa do *Talho*, em S. Romão de Vermoim.

Estudou preparatorios no collegio da Formiga e no Lyceu do Porto,—e philosophia com D. Francisco da Piedade da Silveira Mourão [1]. Cursou as aulas theologicas do Paço Episcopal do Porto, onde se ordenou, recebendo o presbyterato nas temporas de setembro de 1852. Em janeiro de 1854 foi encarregado da encommendação d'esta freguezia de *Villar de Pinheiro*, onde se collou em junho do mesmo anno, e em 1864 passou para a reitoria de Villa Nova da Telha.

O seu irmão mais velho, Manuel Antunes d'Azevedo, ficou na casa paterna de S. Gemil; casou com D. Maria d'Azevedo Maia, de Modivas, irmã de Antonio d'Azevedo Maia, abbade de Beduido em Estarreja,—e teve, entre outros filhos, Antonio Antunes d'Azevedo, que foi alumno do Lyceu do Porto, onde obteve varias distincções, e já tem o curso completo do Seminario do Porto, onde tenciona ordenar-se.

O nosso biographado é tambem irmão de Antonio Antunes d'Azevedo, o qual casou em Vermoim, com successão,—e de José Antunes d'Azevedo, casado com D. Anna Maria d'Oliveira Azevedo, pharmaceutica approvada, com pharmacia no logar do *Sameiro*, freguezia de S. Gonçalo de Mosteirô, e tem successão tambem.

Os irmãos do nosso biographado,—José e Antonio, — teem sido vereadores,—este na Maia,—aquelle em Villa do Conde.

—

5.º—José Dias da Silva Lemos, sobrinho do general José Antonio de Lemos, de quem já se fallou em *Santa Maria de Villar*, freguezia d'este mesmo concelho de Villa do Conde.

O rev. José Dias da Silva Lemos é reitor actual de Modivas e vigario da vara no districto ecclesiastico da Maia.

6.º—Antonio José da Costa Nabiça, filho de José Francisco da Costa e de Antonia Maria de Jesus.

Nasceu na aldeia da *Povoa*, n'esta freguezia, em 15 d'agosto de 1814, e cegou de *gota serena*, contando apenas 4 annos de idade.

É este um dos homens mais notaveis que tem produsido esta parochia, este concelho e o nosso paiz, pois sendo completamente cego desde a idade de quatro annos e não tendo saido d'esta parochia nem frequentado aulas ou instituto algum de instrucção, é o auctor da maior parte dos versos que o povo do Minho lê e canta e que teem dado *bom lucro* aos editores e aos vendedores das publicações de *cordel*.

São composições ligeiras e incorrectas,

[1] V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. 6.º pag. 54, col. 1.ª *in fine* e segg.

mas muito lidas e estimadas pelo povo—e teem editor sempre certo e venda facil.

Occorrem-nos as seguintes, todas impressas no Porto:

O vinho e a agua; dialogo.

A curuja e o morcego; dialogo.

O môcho e o cuco; dialogo.

Reflexões moraes do atheu agonisante; dialogo religioso.

A Raposa e o Ouriço cacheiro, fabula moral.

Concilio entre as quatro estações do anno; dialogo.

Impertinencias de velha, entre tia e sobrinha; dialogo.

Baile de Entrudo; entremez.

Entretenimentos da Infancia; dialogo religioso.

Resultado da loucura; comedia.

O criado tonto e a velha louca, tambem comedia.

O Douro com pretenções de casar, entremez.

A guerra dos Cães e Gatos.

A saude e a doença, dialogo.

O repolho e a Nabiça, dialogo em 4 folhetos.

Cantigas ao desafio—e outras poesias variadas.

Até onde iria este pobre homem, se tivesse estudos e vista e vivesse em um outro meio?

Conta hoje 72 annos de idade e é um velho de bons costumes, muito tractavel e bastante sympathico.

Não o conhecemos pessoalmente, mas temos no nosso album a sua photographia.

—

Foram tambem naturaes d'esta parochia dois mestres pedreiros de fama:—Domingos Pires de Mattos e Domingos da Costa Neves.

O 1.º fez a capella-mór da egreja actual de S. João da Foz do Douro, mandada construir pelos frades de Santo Thyrso, em 1712,—o 2.º fez entre outras obras a egreja actual de *Santa Cruz do Bispo*, no concelho de Bouças, mandada reconstruir por D. Antonio de Sousa, bispo do Porto.

Facto tristissimo

Na madrugada do dia 26 de janeiro de 1834 (era um domingo) chegou aqui em observação uma força liberal, vindo do Porto, e, defrontando com alguns soldados de cavallaria miguelista, estes debandaram aos primeiros tiros dos liberaes, deixando feridos um dos seus.

Ficou a povoação attonita com aquelle inesperado tiroteio na estrada publica, — e dois filhos d'esta parochia, Manuel Moreira e Antonio Domingos Gomes, moços valentes e muito estimados, pertencentes ás primeiras familias da terra, suppondo que alguma das quadrilhas de salteadores, que ao tempo infestavam a Maia, tivesse assaltado algum viandante ou algum visinho, correram ao local, para verem se podiam defender os aggredidos. Foram logo presos pela tropa e conduzidos para o Porto com o ferido, mas não chegaram ao Porto, porque a dicta força na ponte de Moreira fuzilou barbaramente aquelles tres infelizes e os lançou depois ao Leça.

Desgraçados tempos!...

—

Ao meu bom amigo e collega o rev.[mo] sr. Joaquim Antunes d'Azevedo, illustrado filho d'esta parochia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE PORRO,—freguezia do concelho de Boticas, comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga.

Vigairaria. Fogos 101,—habitantes 480.

Orago—Santa Maria sob o titulo da *Assumpção.*

Em 1706 era um simples curato;—pertencia ao concelho de Montalegre, comarca e ouvidoria de Bragança; — contava 66 fogos na aldeia de Villar de Porro—e 16 na de Carvalho,—total 82 fogos.

Em 1768 era da apresentação do mosteiro benedictino de Refoios de Basto;—rendia para o cura 8$000 réis, além do pé d'altar, —e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 105 fogos e 421 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 99 fogos e 492 habitantes.

Demora esta freguezia na margem direita

do rio Bessa,[1] confluente do Tamega, e comprehende apenas a aldeia de *Villar de Porro*, séde da parochia,—e a de *Carvalho*, ambas mencionadas supra, distando a 1.ª 2 kilometros da margem do rio Bessa;—8 de Boticas para O.S.O.;—20 de Montalegre para S.—e 70 de Braga.

—

Emquanto a templos tem a pequena e pobre egreja matriz em Villar de Porro—e uma capella de S. Matheus na povoação do Carvalho.

Banha esta parochia o Bessa, que rega, moe e cria peixe miudo.

O chão d'esta parochia é bastante plano, abrigado por altos montes ao norte e aberto ao meio dia. Produz muito milho, centeio, feijões, batatas e muita castanha de excellente qualidade.

Nos ultimos annos da dizimaria, esta parochia rendia para o seu vigario 48$000 réis em dinheiro;—1 almude de vinho, 1 alqueire de trigo e 1$200 réis para guisamentos;—benesses 48$000 réis;—total 97$200.

Em tempos remotos esta freguezia, bem como as de *Curros* e *Codeçoso de Canedo*, foram annexas ou filiaes da de *S. Salvador de Canedo*, que por seu turno era abbadia do padroado real, e o seu abbade apresentava curas nas tres annexas. Depois, por doação de um rei nosso,[2] passou a mencionada abbadia para os frades benedictinos de Refoios de Basto, que por bulla apostolica a constituiram commenda sua, comprehendendo esta freguezia de *Villar de Porro* e as outras duas annexas, ficando por cabeça da dicta commenda a egreja de *Canedo*, cujo parocho d'ahi em deante foi simplesmente reitor, apresentado pelos dictos frades, que lhe davam apenas 50 alqueires de pão, e 10$000 réis;—e a um cura ou coadjutor outros 10$000 rèis e 20 alqueires de pão meado.

Deu-se isto de 1428 em diante.

—

O reitor apresentava curas n'esta freguezia de *Villar de Porro* e nas outras filiaes de Canedo.

A tal commenda era importante. Nos ultimos annos da dizimaria o seu rendimento approximava-se de 1:500$000 réis, dando os frades ao reitor da matriz apenas 50$160 réis em dinheiro—e 101$600 réis em generos e passal;—ao todo 151$760 réis.

V. *Canedo* n'este diccionario, vol. 2.º pag. 85, col. 2.ª—e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

Villar de Porro confina a leste com a freguezia de *Curros*,—ao norte com a de Beça;—ao poente com a de Covas—e ao sul com a de Canedo,—todas do concelho de Boticas.

Terminaremos pedindo que deem a esta pobre freguezia outro qualquer nome, pois o de *Villar de Porro* é mais indecente e mais *porco* do que o de *Villar de Porcos*, dado outr'ora á freguezia antecedente, hoje *Villar de Pinheiro*.

P. S.

Esta freguezia de *Villar de Porro*, apesar do seu nome indecentissimo, data de tempos muito remotos e já no seculo XIII tinha certa importancia, pois D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu foral no dia 28 de maio de 1258.

Liv. I de *Doações do Snr. Rei D. Affonso III*. fl. 30, col. 2.ª *in medio*.

VILLAR DO REI,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Pedro;—fogos 65,—habitantes 280.

Em 1768 era um curato da diocese de Braga, e da apresentação da corôa;—pertencia ao concelho do Mogadouro, comarca de Miranda; rendia para o seu cura 30$000 rs.—e contava 43 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 234 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 70 fogos e 287 habitantes.

É uma parochia insignificantissima, como a maior parte das d'esta provincia, nomeadamente d'este concelho de Mogadouro, pois,

---

[1] Alguem denomina este rio *Bersa*.
V. *Villar de Cunhas* e *Villarinho da Mó*.

[2] Alguem diz que foi doação de Vasco Gonçalves Barroso, 1.º marido de D. Leonor d'Alvim, casada em segundas nupcias com o santo condestável D. Nuno Alvares Pereira.
V. vol. 8.º pag. 355, col. 2.ª

contando 34 freguezias, tem apenas 3:813 fogos e 16:042 habitantes.

Das suas 34 freguezias 9 não contam 70 fogos—e 18 contam menos de 100 fogos, cada uma;—7 não contam 150 fogos;—de 150 a 200 fogos tem apenas 5 freguezias;—e com mais de 200 fogos tem somente 4 freguezias, sendo a mais populosa a da villa do Mogadouro, que tem apenas 259 fogos!...

—

Contrastam as freguezias d'este bispado e d'este districto de Bragança com as do bispado e districto do Algarve, nomeadamente as d'este concelho do Mogadouro, com as do concelho de Loulé, que tendo apenas 7 freguezias conta 7:100 fogos e 31:923 habitantes?!...

O que abunda n'este bispado e n'este districto de Bragança, nomeadamente n'este concelho do Mogadouro e nos de Mirandella e Villa Flor, são freguezias *annexas*, por não poderem sustentar a sua autonomia. E esta desgraça vem de longe, pois as 315 freguezias, que pela nova circumscripção diocesana de 1882 constituem a diocese de Bragança, representam mais de 100 freguezias annexas!...

Total:—uma pobresa franciscana.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, *Villa Verde*, de Mirandella, *Villa Verde de Vinhaes* —e *Bragança* no supplemento a este diccionario.

Prosigamos.

—

Demora esta freguezia nas faldas da serra do Suralhão e comprehende apenas a povoação de *Villar de Rei*, que dista 6 kilometros da villa do Mogadouro para S.E.;—8 da margem direita do Douro para N.O.;—40 da estação da Barca d'Alva (a mais proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação;—45 da de Miranda para S.O.;—80 de Bragança para S.;—241 do Porto—e 578 de Lisboa.

Não ha n'esta freguezia nem n'este concelho, — nem nos 4 concelhos limitrophes (Miranda, Vimioso, Alfandega da Fé e Freixo d'Espada á Cinta) estrada alguma a macadam.

Todas as suas estradas são ainda os medonhos barrancos do principio da nossa monarchia!...

Producções dominantes:—trigo, centeio, batatas e lan, pois cria bastante gado lanigero, muar e bovino da raça *mirandesa*, tão estimada, que n'esta provincia se tem vendido a junta dos dictos bois por 60 a 70 libras!...

Parochias limitrophes:—Mogadouro, Val de Porco, Villa dos Sinos, Villa d'Ala e Villarinho dos Gallegos.

Ha n'esta parochia duas minas de chumbo, hoje em abandono, mas que foram exploradas ainda n'este seculo.

Ainda lá se vêem as ruinas dos fornos em que se apurava o minerio.

—

Com relação a estas minas é muito digna de ler-se a *Memoria sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozello e Villar de Rey, na provincia de Traz-os-Montes*, por José Bonifacio d'Andrada e Silva, formado em philosophia e direito pela Universidade de Coimbra, socio e secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, dezembargador da relação do Porto, intendente geral das minas, etc., etc.

Nasceu no Brazil, então colonia nossa, em 1763;—falleceu em 1838;—foi uma illustração superior e um escriptor distinctissimo, como pode ver-se no *Diccion. Bibl.* de Innocencio.

Na dicta *Memoria* [1] se lê o seguinte:

«Ao mesmo tempo que se examinaram os veios de *Ventozello*, [2] não me esqueci de mandar tambem pesquizar uma *mina velha*, que me constava haver em *Villar de Rey*. Esta mina jaz no sitio chamado o *Prado de Reys*, distante um quarto de legoa da povoação, e do logar de Ventozello quasi legoa e meia.

«Os antigos tinham aberto um socavão ou valla de 12 braças de comprido ao longo do

[1] V. *Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*, 1.ª serie, tomo V, parte II, pag. 77 e seg.

[2] V. vol. X, pag. 285, col. 1.ª n'este diccionario.

veio, e funda 15 palmos; estava porem abandonada, talvez porque n'esta altura a galeria de chumbo era em pouca quantidade, e se achava muito disseminada na ganga ou matriz quartzosa. Nos lados d'esta escavação achão-se ainda agora montinhos de pedaços de quartzo, que contem muitas particulas de galena e poderão ser aproveitadas no pizão ou engenho de pilar, que se deve construir.

«Como a lavra regular d'esta mina me pareceo facil e rendosa, ordenei que se aprofundasse um poço de pesquiza para melhor se examinar a naturesa e possança do veio, que corre de Sudoeste a Nordeste. Com effeito este se abriu quasi no fim da escavação antiga para o Sudoeste; e até á altura de 15 palmos mostrava *ter sido já bolido o terreno;* mas d'ahi para baixo appareceo o veio intacto, que consta de quartzo com galena em ninhos de palmo, e palmo e meio de diametro, alternando com camadas de grossura de dois palmos de huma ocra amarellada, que involve pedaços de chumbo verde cristallisado.

«Mais para baixo continua o veio com a grossura de quasi 3 palmos; e consta de ganga quartzosa alvadia com listras de quartzo branco e galena disseminada em massas pequenas e grandes, ás vezes já tão consideraveis, que pesa cada pedaço 3 arrobas.

«Estas massas ou rins de galena achão-se cobertas ordinariamente de hum oxydo de chumbo amarellado, que contem algum ferro. Ha toda a esperança que aprofundando-se mais e mais, este veio augmente de possança e de riquesa.

«A galeria é lamellosa, de láminas finas e cruzadas, cuja estructura a faz mais escura e menos brilhante que a galena ordinaria. Alguns ocos ou *drusas* d'esta galena são forrados de chumbo branco cristallisado, e ás vezes apparece em manchas chumbo negro.

«Pelo ensaio alguns pedaços de mineral do mineral bruto derão por cento, huns por outros, 45 até 50 de chumbo; mas este chumbo he mais pobre em prata que o das minas de Ventozello.

«Nas visinhanças d'esta mina e no circuito de meia legoa ha differentes arvoredos e matas, quaes são as de Passó, Villadalla, e a grande mata da Nogueira, que tem 4 legoas d'extensão.»

VILLAR DE SANCERIZ,—ou de *S. Ceriz*—ou de *S. Cyriaco,*—villa e freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Macedo do Matto*, concelho e districto de Bragança.

Suppomos que é a freguezia mencionada pelo meu benemerito antecessor sob o titulo *Ceriz* (*S.*) pois não temos hoje villa, freguezia nem simples aldeia com o nome de *Villar de Sanceriz,*—nome que lhe dá Franklim, bem como um foral de D. Diniz, datado de Bragança a 30 de dezembro de 1284,[1] —foral differente dos 2 que lhe deu o meu antecessor!...

V. *Ceriz* (*S.*)—e *Macedo do Matto.*

Aproveitando o ensejo accrescentaremos com relação a esta ultima freguezia o seguinte:

Conta hoje 120 fogos e 506 habitantes;—foi abbadia da apresentação do ordinario e esteve algum tempo annexa á de *Bagueixe*, ambas do concelho de *Izeda*, que foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando a 1.ª para o concelho de Bragança —e a 2.ª para o de Macedo de Cavalleiros.

—

A povoação de *Macedo* ou *Macedinho do Matto*, séde d'esta parochia, dista 8 kilometros da margem direita do Sabor para O.—e 25 de Bragança para S.

Comprehende mais esta freguezia as povoações de Frieira e S. Ceriz, ou Villar de S. Ceriz, que foram outr'ora villas, freguezias e sédes de concelhos proprios pertencentes á comarca de Miranda;—depois passaram para o concelho de Izeda comarca de Chacim até 1855, data em que foi extincto o concelho de Izeda, e passaram para o concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, mas, desde que foram extinctas e annexas á freguezia de *Macedo do Matto*, ficaram pertencendo ao concelho e comarca de Bragança.

Em 1840 a freguezia de S. Ceriz ou de *Villar de S. Ceriz* estava annexa á de Frieira.

---

[1] *Gaveta 15, Maço 3*, n.º 4.

Do exposto se vê que esta freguezia de Macedo do Matto, que *nunca foi villa nem concelho,* representa hoje 2 villas e 2 concelhos, contando apenas 120 fogos!...

Bellesas do districto de Bragança e que bem provam o que já dissemos d'elle nos artigos *Villar de Rei, Villa Verde de Mirandella, Villa Verde de Vinhaes* e *Villa Real de Traz-os-Montes.*

VILLAR SECCO,—freguezia do concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro, bispado de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Thiago;—fogos 71,—habitantes 309.

Em 1768 era da apresentação alternativa do ordinario da diocese de Miranda e do commendador maltez d'Algoso, ao qual pertencia só 4 mezes;—rendia 200$000 réis—e contava 75 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 65 fogos e 295 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 71 fogos e 309 habitantes.

É parochia muito antiga, mas uma das menos populosas d'este malfadado districto, pelo que já nem parocho proprio tem, mas um simples *encommendado.*

> Para evitarmos repetições e novas lamentações, vejam-se os artigos *Villar de Rei, Villa Verde de Mirandella, Villa Verde de Vinhaes*—e *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1016 e 1017.

Em 1706 pertencia ao termo, concelho, comarca e diocese de Miranda e era abbadia da mitra.

Comprehende apenas a povoação de *Villar Secco,* disseminada por uma campina na extensão de tres kilometros, em sitio humido e frio, na margem esquerda da ribeira de Genisio, confluente da *Angueira,* bem como esta do rio Sabor.

Dista 11 kilometros de Miranda do Douro paro O.N.O.;—15 de Vimioso para E.S.E.;—40 de Bragança para S.S.E.;—70 de Mirandella, por onde faz caminho para o Porto;—120 da estação de Tua na linha ferrea do Douro, pela linha de Mirandella;—259 do Porto—e 596 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Caçarelhos, Genisio, Malhadas e S. Pedro da Silva.

Producções dominantes:—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero, muar e bovino da excellente raça *mirandesa* pura, não sendo raro vender-se por 60 a 70 libras uma só junta dos dictos bois, creados n'esta parochia.

—

A egreja matriz é um bom templo. Tem campanario—e a pequena distancia demora o cemiterio.

Ha tambem n'esta freguezia 2 capellas:—uma de S. Sebastião,—outra do Espirito Santo, com irmandade propria. Ambas são publicas e estão bem conservadas.

Banha esta parochia a ribeira de Genisio, na qual tem 4 moinhos de cereaes.

Ha n'esta freguezia uma casa nobre, que foi de Carlos de Macedo e Vasconcellos, capitão de milicias e coronel de voluntarios,—irmão de José Maria de Macedo e Vasconcellos, capitão de cavallaria,—e de Antonio de Macedo e Vasconcellos, major de cavallaria tambem.

Ha finalmente n'esta parochia uma fonte publica antiquissima, cuja construcção se attribue aos mouros.

É de granito.

Tambem esta freguezia não tem estrada alguma a macadam, mas só barrancos e precipicios coevos da dicta fonte, ou do tempo dos mouros.

Os abbades d'esta freguezia apresentavam outr'ora o parocho da de *Villa Chã da Ribeira,* (V.) hoje simples povoação da freguezia de Santa Marinha de Uva, n'este mesmo concelho.

Terminaremos dizendo que esta freguezia de *Villar Secco* era uma das que formavam o extincto concelho d'Algoso.

VILLAR SECCO,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho de Nellas, comarca de Mangualde, districto e diocese de Viseu, provincia da Beira Alta.

Orago—Nossa Senhora da Expectação;—fogos 260,—habitantes 1:096.

Curato.

Em 1768 era da apresentação do abbade de Santar;—pertencia ao concelho de Senhorim, comarca de Vizeu;—rendia para o cura 8$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 123 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 256 fogos e 1:031 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 270 fogos (cifra exagerada) e 1:072 habitantes.

Comprehende apenas a aldeia de *Villar Secco*, bonita e vistosa povoação com bons edificios e muito bem situada, formando uma espaçosa rua ao longo da estrada districtal a macadam n.º 44, de Viseu á villa de Ceia, que atravessou esta povoação de norte a sul, cortando na villa de Nellas a estrada real a macadam n.º 48, da Figueira a Mangualde, por Foz-Dão.

Dista 4 kilometros da estação de Nellas (a mais proxima) na linha da Beira Alta, para N.O.;—os mesmos 4 kilometros da villa de Nellas, pois a estação toca nas casas da villa;—10 de Mangualde para S.O. pela estrada real a macadam—e 13 pela linha ferrea;—71 da estação da Pampilhosa;—122 da Figueira;—177 do Porto—e 300 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Nellas, Moimenta, Senhorim, Lobelhe do Matto, Espinho, Alcafache, Santar e Carvalhal Redondo.

Producções dominantes:—vinho, milho, trigo, centeio, azeite, feijões, fructa variadissima e lan, pois tambem cria bastante gado lanigero.

O vinho, como vinho de pasto ou de mêsa, é de superior qualidade, bem como todo o da lindissima e fertil zona do valle do rio Dão, nomeadamente das freguezias de Santar, Nellas, Carvalhal Redondo e Senhorim, muito estimado em todo o nosso paiz e mesmo nos paizes estrangeiros, particularmente em França, para onde nos ultimos annos tem sido exportado em grande quantidade e *por bom preço*!...

Banha esta freguezia o ribeiro do *Corgo*, que a kilometro e meio de distancia desagua na ribeira de Santar, confluente do rio Dão.

Tem nos limites d'esta parochia uma ponte, 2 moinhos de cereaes e 1 d'azeite, mas trabalham sómente no inverno.

Templos:—a egreja parochial e 3 capellas particulares, achando-se uma interdicta e duas abertas ao culto.

Celebram-se na matriz as festas do Santissimo Sacramento, Senhora do Ó, no 3.º domingo d'agosto, Santa Luzia, S. Sebastião, Menino Jesus, S. Braz e Santo Antonio.

—

Edificios brasonados:

1.º—A casa que foi de Antonio Teixeira de Carvalho, de Viseu, hoje de sua filha D. Maria da Gloria Teixeira de Carvalho, casada em primeiras nupcias com o 1.º barão de Prime, da mesma cidade, e em segundas nupcias com José Porphirio de Campos Rebello, de Lisboa, feito *barão*, depois *visconde* e por ultimo *conde* de Prime.

V. *Prime*, vol. 7.º, pag. 673.

2.º—A casa que foi de Miguel Antonio Ponces de Carvalho, hoje de sua irmã D. Maria da Gloria de Mello e Lima.

3.º—A casa de Antonio d'Albuquerque e Brito da Silveira Labath, neto e successor do grande patriota Miguel Antonio Pereira Tenreiro d'Albuquerque. Foi capitão mór, coronel e inspector geral das milicias de Mangualde e por occasião da guerra da peninsula armou e equipou *á sua custa* uma companhia, com que bateu os francezes na *Ponte Palhez*, sobre o Mondego, no caminho de Mangualde para Gouveia, pelo que o general Bersford, commandante de um dos corpos do exercito anglo-luso, o elogiou em uma ordem do dia.

—

Ha n'esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Esta povoação data de tempos remotissimos, como provam differentes sepulturas que n'ella se teem encontrado, abertas na rocha, e que se attribuem á occupação arabe. Ainda hoje aqui se vêem 2 das mencionadas sepulturas.

Tambem esta povoação foi villa e algum tempo séde do extincto concelho de Senhorim, hoje substituido pelo de Nellas.

A casa da camara foi vendida—e o pelourinho foi derrubado para alinhamento e passagem da estrada districtal de Viseu a Ceia·

V. *Nellas, Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim.*

Segundo se lê no *Diccionario Geographico Manuscripto,*[1] que se guarda na Torre do Tombo, os alicerces das casas d'esta freguezia assentam sobre *marmore*, talvez na accepção de *granito*, que é a pedra dominante n'esta região.

Tambem o mesmo diccionario menciona as aldeias d'Algirão, Povoa de Luziannes, Carvalhal e Villa Ruiva como pertencentes n'aquella data a esta freguezia de *Villar Secco*, mas ha muito que nenhuma d'ellas lhe pertence.

—

Esta villa nunca teve foral proprio. Pelo menos Franklim não o menciona; mas era comprehendida nos foraes do extincto concelho de Senhorim, do qual fez parte e foi algum tempo inclusivamente a *séde*, como já dissemos.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Nellas, Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim*, onde se acham mencionados os dictos foraes.

Foi natural d'esta freguezia e aqui falleceu no dia 23 de novembro de 1874 o dr. Antonio Maria d'Albuquerque do Couto e Brito, juiz de direito aposentado com honras de desembargador. Serviu 6 annos em Viseu e foi um magistrado recto e digno.

No dia 8 d'agosto de 1884 um pobre jornaleiro d'esta freguezia, Joaquim Paes Loureiro, tendo uma espingarda na mão com a bocca do cano voltada para si, teve a infelicidade de disparal-a, ficando tão gravemente ferido que no dia seguinte morreu.

—

O *Santuario Marianno* (vol. 5.º pag. 411) diz com relação a esta parochia em resumo o seguinte:

A villa de *Villar Secco* fica no concelho de *Santar*, concelho tão antigo que el-rei D. Affonso Henriques lhe deu *foral velho* e D. Manuel lhe deu *foral novo.*

Nada mais diz a este respeito o auctor do *Santuario Marianno* e Franklin não menciona semelhantes foraes.

Tem *Villar Secco* uma só freguezia que, *haverá cem annos,*[1] foi erecta por um bispo de Vizeu sobre uma antiquissima capella de *Nossa Senhora da Expectação*, porque a sua velha matriz de Santar demorava a meia legua de distancia (bons 3 kilometros para N. N. O.) mettendo-se de permeio um rio de difficil passagem no inverno.

A dicta capella estava em sitio alto, alegre e vistoso a menos de um tiro de espingarda da povoação;—tinha como orago a mesma Senhora;—media de comprimento 90 palmos e de largura 27;—tinha capella-mór com seu retabulo e no meio d'elle, em um nicho, a imagem da Senhora,—mais 2 altares lateraes no corpo da capella.

—

A dicta imagem representava a Virgem sentada, tendo o Menino Jesus nos braços; —era de pedra, mas boa esculptura—e na posição em que se achava media 3 palmos de altura.

Tinha n'aquelle tempo (1716) uma irmandade e uma confraria proprias, que festejavam a padroeira em dias differentes:—a irmandade no primeiro domingo depois da Assumpção;—a confraria em 18 de dezembro, dia da *Expectação de Nossa Senhora.*

A primeira festividade tinha como parte integrante uma procissão que percorria o povoado, acompanhando-a muitos devotos com grande numero de *fogaças* de pão cosido e em grão.

—

A irmandade foi erecta approximadamente em 1660 e os seus estatutos foram confirmados pelo dr. João d'Almeida Loureiro, provisor *sede vacante*, em 1665. Tem muitas indulgencias concedidas pelo papa Alexandre VII.

O parocho d'esta freguezia era n'aquelle tempo (1716) apresentado pelo abbade de

---

[1] Collecção dos relatorios enviados ao governo pelos parochos em 1758.

[1] Approximadamente em 1616, pois aquelle vol. do *Santuario Marianno* foi publicado em 1716.

Santar e corriam por conta d'este e dos padres de S. Jeronymo do convento de Coimbra as despezas da fabrica, dando o abbade um terço e dois terços os dictos padres, porque estes recebiam duas partes dos dizimos d'esta freguezia e da de Santar, emquanto que o abbade recebia apenas uma.

—

O *Sant. Marianno* accrescenta ainda:

«He tradição constante que o logar de *Senhorim* fôra antigamente Villa (o que parece se confirma com lhe chamarem ainda hoje—1716—o *Lugar da Villa*) e que d'este Lugar se mudára a Cadêa, e o Pelourinho para o Lugar de *Villar Secco*, aonde ainda hoje (1716) está: e que isto fizerão os Fidalgos da Casa de Santar, D. Luis da Cunha e D. Pedro da Cunha. E seria porque em Villar Secco terião casas, seria melhor sitio, e haveria mayor povoação, e assim para a honrarem mais, disporião esta mudança. E sem duvida por esta causa (se é que a mudança se não fez depois de ser levantado o Lugar á dignidade de *Villa*) os Prelados de Vizeu farião a erecção da nova parochia.»

V. *Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim*, vol. XI, pag. 1055, col. 2.ª

VILLAR SECCO DA LOMBA,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Julião;—fogos 114,—habitantes 518.

Em 1706 era villa, abbadia e séde do concelho do seu nome, comarca e bispado de Miranda,—sendo seus senhores os condes de Athouguia, mas a apresentação d'esta egreja era do ordinario;—rendia 200$000 réis—e contava 60 fogos,—não comprehendendo talvez, como hoje comprehende, a povoação de Passos.

Em 1768 era da apresentação alternativa do papa e do bispo de Miranda;—rendia 400$000 réis—e contava 35 fogos,—segundo se lê no *Port. S. e Prof.*

O censo de 1864 deu-lhe 101 fogos e 460 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 112 fogos e 507 habitantes:

A povoação de *Villar Secco da Lomba*, demora na raia, em sitio quasi plano entre os dois grandes rios *Mente* e *Rabaçal*, que unidos formam o Tua. Dista da margem esquerda do 1.º 2 kilometros para E.;—3 da margem direita do 2.º para O.—e 30 de Vinhaes para O.N.O.

—

Alem da povoação de *Villar Secco da Lomba*, séde da parochia, comprehende apenas a de Passos ou Paços, freguezia extincta.

Tem hoje annexa civilmente a freguezia de Gestosa, que em 1840 lhe estava annexa para todas os effeitos e pertenciam então ambas ao concelho de Santalha, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, em virtude do qual passaram para o de Vinhaes.

A matriz d'esta parochia é um templo decente, de uma só nave e sem coisa alguma notavel. O parocho tem uma boa casa de residencia e passal.—165 mil réis de congrua e as *offertas*, que consistem no seguinte:—um alqueire de pão de cada fogo.

Tem a povoação de *Paços* uma capella publica, dedicada a Santo Antonio.

O chão d'esta parochia é fertil e produz bastantes cereaes, batatas, castanhas, legumes, hervagens e lã, pois cria gado de todas as especies.

Tambem produziu excellente vinho de mesa em quantidade, antes da invasão phylloxerica anniquilar, como anniquilou completamente os seus vinhedos e a maior parte dos d'esta provincia, tendo n'esta data manchados e seriamente ameaçados todos os restantes do nosso paiz.

Tambem esta freguezia é mimosa de peixe do rio *Monte* e de caça grossa e miuda:—perdizes, coelhos, lobos e raposas.

—

Esta villa e este concelho de *Villar Secco da Lomba* tiveram foral *velho*, dado por D. Diniz, e foral *novo*, dado por el-rei D. Manuel, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas Franklim não os mencionou, porque talvez não existam na Torre do Tombo.

Em 1706 comprehendia este concelho as freguezias seguintes:

Villar Secco da Lomba (a séde)—Quiraz,—Villarinho, já então curato annexo e hoje

simples povoação da freguezia de Quiraz,— Pinheiro Novo, Gestosa, S. Romão de Edral, S. Jomil, hoje parochia independente e então curato annexo á freguezia de Edral, bem como o curato de Frades, hoje simples aldeia da mesma freguezia de S. Romão de Edral.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE SEROIA,—ou simplesmente *Seroia*, ou *Seroa*, e tambem *Poupa*—freguezia do concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, districto e diocese do Porto.

Orago S. Mamede,—fogos 140,—habitantes 600.

Ao que o meu benemerito antecessor disse d'esta parochia no artigo *Serôa* (Vide) accrescentaremos o seguinte :

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, era denominada *S. Mamede de Soroja*,—pertencia á camarca ecclesiastica de Penafiel,—contava 160 habitantes,—e estava annexa á freguezia de Penamaior.

Em 1706 era um simples curato da apresentação do reitor de S. Martinho de Frazão, a cuja reitoria estava annexa;—pertencia á *Honra de Frazão*, concelho de Refoios de Riba d'Ave, comarca e diocese do Porto,—e contava 60 fogos.

Em 1729, segundo se lê na *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tomo 2.°, escripto n'aquella data (V. pag. 116) e publicado em 1736, contava 242 habitantes.

Em 1857, segundo se lê no *Almanach Ecclesiastico do bispado do Porto*, pertencia ao 5.° districto da comarca ecclesiastica de Penafiel;—contava 140 fogos e 536 almas;—era seu cura-parocho, não collado, Raymundo José Coelho de Carvalho, prégador,—e tinha elle de congrua 104$800 réis, sendo 41$600 de pé d'altar, benesses, etc.,—e réis 63$200 de derrama em dinheiro.

O censo de 1864 deu-lhe 115 fogos e 461 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 446 habitantes.

Não tem passal nem residencia.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Outeiro*, séde da parochia,—S. Mamede, *Villar*, Poupa, Paço, Costa, Souto, Gandarinha, Campo Meão, Pousada, Bouça, Mônha, S. Simão e Arroteia.

Demora o logar do *Outeiro* 1 kilometro a N.O. da estrada de Paços de Ferreira para Vallongo, junto de um monte onde se vê uma pyramide geodesica na altitude de 374 metros sobre o nivel do mar.

Dista de Paços de Ferreira 7 kilometros para S.O.;—10 da estação de Vallongo na linha do Douro, para N.E.;—26 do Porto—e 363 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Alfena, Agrella, Rebordosa, Arreigada e Frasão.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde, ou *de enforcado.*

—

Antes de se desenvolver no nosso paiz a viação a macadam e accelerada, havia n'esta parochia e nas circumvisinhas muitos almocreves, nomeadamente na povoação da *Poupa*, os quaes percorriam Portugal todo, sendo conhecidos por *almocreves da Poupa*, pelo que esta e outras freguezias do concelho de Paços de Ferreira tiveram a denomição commum de *Poupa*, devida aos seus almocreves, muitos dos quaes fizeram boas fortunas [1].

Tambem na dicta povoação houve uma estalagem muito conhecida e que hoje é uma simples habitação particular.

Abundam tambem hoje ainda n'esta parochia individuos que se empregam na conducção de fazendas e mercadorias em carros tirados por bois, entre o Porto e o concelho de Paços de Ferreira.

—

Ha n'esta freguezia, junto da aldeia da *Poupa*, uma capella notavel, dedicada ao Senhor do Calvario e muito antiga.

Principiou por um simples cruzeiro de granito, exposto ao ar livre, tendo em um dos lados a imagem do Redemptor, muito grosseiramente esculpida; tornando-se, po-

---

[1] Tambem nas villas de Tavora e Foscôa, no Alto Douro, e em outras muitas povoações do nosso paiz, houve almocreves notaveis. Nós ainda conhecemos alguns.

rem, alvo de grande devoção, cobriram o cruzeiro e a dicta imagem com uma cupula de pedra, firme sobre quatro arcos. Augmentando a devoção e as esmolas dos fieis, taparam tres dos dictos arcos, ficando o ultimo servindo de arco cruzeiro,—e construiram em seguida a elle uma linda capella muito alta, com 12 metros talvez de comprimento, côro, pulpito, um portico elegante muito ornamentado e sacristia espaçosa, com bancadas de pedra ao longo das paredes interiormente, boas alfaias, etc.

Foi o padroeiro pomposamente festejado muitos annos com grande romagem, havendo por essa occasião avultadas offertas de dinheiro, cordões e outros objectos d'ouro —e juntas de bois. Com a decadencia da almocrevaria, decahiram as dictas festas e romagens, mas ainda hoje é grande a devoção com o Senhor do Calvario e tem festa annual, feita d'um modo curioso:

O juiz, a seu arbitrio, convida os padres, o pregador, a musica, etc. Feita a funcção por conta d'elle, compra uma boa porção de regueifas e de vinho;—leva tudo para uma casa *ad hoc*, denominada *casa da confraria*, junto da egreja;—convida todos os homens da parochia—e ali, ao som da musica, devoram as regueifas todas, por vezes mais de 60, — esvasiam o pipo,—e depois todos os convivas ou mordomos dão muito espontaneamente ao juiz da festa, tanto como elle deu quando mordomo:—1$000 réis e por vezes mais, cada um;—nomeiam logo ali novo juiz—e assim se faz a festa todos os annos!

É uma contribuição original e espontanea que pesa sobre esta freguezia desde tempos muito remotos e que todos os parochianos pagam com *muita satisfação.*

VILLAR DO TELHADO,—freguezia antiquissima, que outr'ora existiu no *Campo de Coimbra.*

V. *Telhado*, o 4.º, vol. IX, pag. 528, columna 2.ª

VILLAR THOMÉ.—Assim se denominava outr'ora uma povoação, que suppomos ser a hodierna *Villar Torpim*, pois estava, como está esta, entre a freguezia de *Reigada*, concelho d'Almeida, e a de *Vermiosa*, concelho de Figueira de Castello Rodrigo.

Da dicta aldeia ou freguezia de *Villar Thomé* ou de *Pedro Thomé*, se acha noticia na doação que na era de 1228 (anno 1190) fez aos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra Affonso IX, rei de Leão, quando ainda o *Cima-Côa* era leonez.

V. *Hist. de Portug.* por Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 430,—e a *Chronica dos Conegos Regrantes* por Fr. Nicolau de Santa Maria, parte 2.ª pag. 169, onde se encontra a mencionada doação na sua integra.

A doação das dictas terras e d'outras que os mencionados conegos possuiam em *Villar Thomé* foi confirmada por D. Fernando, filho de D. Affonso IX, em 1237 de Christo; depois os cruzios de Coimbra as cederam aos de Cidade Rodrigo, exceptuando as terras de *Fatima*, na freguezia de Val de Coelha, pelo que esta parochia ficou sendo apresentada pelos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, depois que o Cima-Côa passou para o dominio portuguez.

V. *Villar d'Amargo, Villar Formoso*—e *Villar Torpim.*

VILLAR DO TORNO,—freguezia do concelho e comarca de Lousada, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Orago Santa Marinha;—fogos 106,—habitantes 450.

Abbadia.

Em 1706 era da apresentação do ordinario;—rendia para o abbade 160$000 réis e 50$000 réis para os padres da Companhia de Jesus, do collegio de Braga, que tinham a terça do rendimento;—pertencia ao couto de Travanca, no extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, comarca de Guimarães,—e contava 70 fogos.

Tambem pertenceu ao extincto concelho de Unhão, comarca de Penafiel.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu abbade 200$000 réis—e contava 71 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 78 fogos e 323 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 104 fogos e 348 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—Asenha, Agros, Barral de Cima, Barral de Baixo, Barreiros, Boucinhas, Castanheira, Bom Viver, Casal, Casaes, Covanco, Cima (Cimo)

de Villa, Egreja, Devesa, Forno, Eido, Fonte de Cima, Fonte de Baixo, Outeiro, Mercé, Portella, Roças, Villar, Taverna, Trovoada,—e as quintas de *Cima de Villa*. pertencente a D. Joaquina Emilia Pereira de Queiroz,—*Eido*, pertencente a José Maria Rodrigues de Carvalho,—*Casaes*, pertencente a José Moreira Mendes,—e *Villar*, de Julio Augusto de Castro Feijó.

—

Freguezias limitrophes:—Travanca a E.; Cahide de Rei a S.;—Alentem a O.—e S. Pedro Fins do Torno a N.

Producções dominantes: — milho, vinho verde (*rascante* ou de *enforcado*) trigo, centeio, batatas, feijões, linho, fructa, hervagens, hortaliça e algum azeite.

Tambem engorda bois, que manda para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha muito decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

Em compensação nunca vendeu tão bem o seu *rascante*.

V. *Villa Verde*, villa e séde do concelho.

Demora esta freguezia na margem esquerda do Sousa, do qual a egreja matriz distará 1 kilometro;—3 da estação de Cahide (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—7 de Lousada para S.E.;—11 de Penafiel;—50 do Porto pela estação de Cahide—e 387 de Lisboa.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce junto da *Torre de Villar*,—atravessa a freguezia d'Alentem—e desagua no rio Sousa, dentro da soberba quinta d'Alentem, da qual adeante fallaremos.

Rega e move um moinho—e terá 1 kilometro de curso.

A egreja parochial tem altar-mór e 2 lateraes,—está bem conservada—e é antiquissima a sua capella-mór. O corpo da egreja foi reconstruido ha poucos annos.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella particular, pertencente ao sr. Julio Augusto de Castro Feijó, dono da quinta de Villar.

—

No artigo *viação* esta parochia e este concelho contrastam com as parochias e concelhos do malfadado districto de Bragança.

Tanto este concelho de Lousada, como os seus limitrophes—Penafiel, Paredes e Paços de Ferreira—estão cortados em todas as direcções por magnificas estradas a macadam e pela linha ferrea do Douro, emquanto que no districto de Bragança ainda hoje (*credite posteri!*) não se vê *um kilometro* de estradas a macadam em muitos dos seus concelhos, —taes são Vimioso, Mogadouro, Alfandega da Fé e Freixo d'Espada á Cinta;—o de Miranda tem apenas uma leve amostra de 2 a 3 kilometros—e o de Moncorvo apenas 5 a 6 kilometros na estrada para Villa Flor e Mirandella!...

E que melhoramentos póde esperar um districto que *não tem um jornal unico!...*

Desculpem-nos a digressão e fallemos d'esta freguezia de *Villar do Torno*.

Passa-lhe ao nascente a estrada real a macadam do Porto á Regoa por Penafiel e Amarante;—ao norte a municipal de Lousada á Senhora Apparecida—e a sul e sudoeste a linha ferrea do Douro e a estrada districtal de Felgueiras á estação de Cahide, na mencionada linha ferrea.

—

Ha tambem n'esta parochia muita nobresa, ricos proprietarios e bons edificios, taes são:

1.º—*A Casa de Villar*.

É brazonada e a melhor d'esta freguezia, posto que ainda não está completa. Foi de José Maria de Sousa Pereira—e é hoje de Julio Augusto de Castro Feijó.

2.º—*A casa de Cimo de Villa*.

É brasonada tambem;—foi de Joaquim Januario Teixeira da Silva Queiroz—e pertence actualmente á sr.ª D. Joaquina Emilia Pereira de Queiroz.

3.º—*Casaes*, de José Moreira Mendes.

4.º—*Eido*, de José Maria Rodrigues de Carvalho.

5.º—*Bom Viver*, de Antonio Pinto Ferreira de Magalhães.

6.º—*Fonte de Cima*, da sr.ª D. Maria Julia Pereira de Queiroz.

7.º—*Trovoada*, de João Carlos d'Arrochella.

8.º—*Casa do Torno*, pertencente a José de Sousa Guedes.

Não ha feiras n'esta parochia, mas tem a da *Senhora Apparecida* a distancia de 1 ki-

lometro apenas, na freguezia de S. Pedro Fins do Torno.

Avultam n'esta parochia de Villar 3 montes:—*Casaes* e *Trovoada* a E.—e *Castilhô* a N. Parece que est'ultimo teve outr'ora algum castello ou atalaia, como revela o seu nome de *Castilhô, castrello* ou pequeno castello; mas hoje a unica velharia d'esta parochia e que revela a sua remotissima occupação, é a

Torre dos Mouros

Ergue-se no outeiro assim denominado, junto da povoação da *Senhora Apparecida;* —está entre os dois valles da *Portella* e do *Torno;*—dizem ser obra dos mouros;—tem 18^m,0 d'altura e 9^m,5 de largo,—um pequeno portico,—5 andares, com bonitas salas, que recebem luz de seteiras esguias, abertas nas 4 faces,—e termina em um eirado com varanda de pedra e esplendidas vistas.

Pertenceu á quinta da *Fonte de Baixo*, que foi com outras muitas propriedades dada em dote á sr.ª D. Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira, em outubro de 1851, quando casou com José Joaquim da Motta, da casa de *Ferreirós*, freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto. Falleceu elle em 1880 deixando muitas dividas, pelo que a viuva, para salvar a grande casa de Ferreirós, vendeu a mencionada quinta da Fonte. Por essa occasião (1881) o sr. visconde d'Alentem comprou a dicta torre com o terreno adjacente e (honra lhe seja!) mandou-a restaurar e a transformou em um minarete lindissimo, sem lhe alterar as feições, pelo que hoje se acha muito bem conservada.

Quando s. ex.ª a comprou, tinha sómente as paredes denegridas.

Ha tambem n'esta freguezia um serro denominado *Eira dos Mouros*—e na parochia d'Alentem, visinha e sua annexa, ha tambem uma velharia muito interessante, denominada *Lagar dos Mouros*, o que tudo prova que os mouros tiveram demorada residencia n'estes sitios.

Tem finalmente esta parochia 2 aulas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos.

Clima temperado e saudavel.

Tudo o que deixamos exposto refere-se á freguezia de *Villar de Torno;*—fallemos agora da freguezia de *Alentem*, sua limitrophe e annexa, apenas indicada pelo meu antecessor no artigo proprio.

Alentem

Ao que o meu benemerito antecessor disse d'esta parochia no vol. 1.º pag. 111, accrescentaremos o seguinte:

Pertence tambem ao concelho e comarca de Lousada, *districto do Porto* e por consequencia á provincia do *Douro*, não á do Minho,—e, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencem ambas, e todas as d'este concelho, ao bispado do Porto tambem.

Anteriormente eram da diocese de Braga, que pela dicta circumscripção perdeu estas e outras muitas egrejas em favor dos bispados do Porto, de Bragança e de Lamego.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927, col. 2.ª

Conta hoje esta parochia de *Alentem* 72 fogos e 293 habitantes.

Em 1706 era vigairaria do convento de Caramos;—pertencia ao concelho de Unhão, comarca de Guimarães;—tinha o nome de *Santa Maria d'Arentey* [1]—e contava vinte e tres fogos.

Em 1757 era da mesma apresentação dos conegos regrantes do mosteiro de Caramos; —rendia para o seu vigario 23$000 rs., alem do pé d'altar—e contava 21 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 283 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 69 fogos e 247 habitantes.

—

É e foi sempre vigairaria—e tem como orago *S. Mamede*.

Pertenceu, como já dissemos, ao extincto concelho de Unhão, comarca de Guimarães; —depois passou para a comarca de Penafiel e correição de Barcellos—e por ultimo para o concelho e comarca de Lousada.

Em 1834 foi annexada á freguezia de *Villar do Torno;*—cobrou depois a sua autono-

---

[1] *Chorographia Port.* vol. 1.º pag. 128,—e *Chorogr. Mod.* vol. 2.º pag. 677.

mia, mas, passado pouco tempo, volveu a ser annexa de *Villar de Torno*, como é presentemente.

A egreja parochial é pequena e muito antiga, exceptuando a capella-mór, que foi reformada nos fins do ultimo seculo por D. Chrystovam d'Almeida Soares, bispo de Pinhel, do qual adeante fallaremos.

Demora em um pequeno valle, junto da serra da Cumieira e da margem esquerda do Sousa.

Dista 2 kilometros da estação de Cahide, a mais proxima, na linha ferrea do Douro; —6 de Lousada para S.E.;—49 do Porto pela estação de Cahide—e 386 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Villar de Torno, Cahide, Macieira, Avelleda, Cernadello e S. Pedro Fins do Torno.

Comprehende as aldeias seguintes: — S. Mamede, Agros, Herdade, Outeiro, Grades, Ruivós, Penão de Baixo, Penão de Cima, Bouça Negra, Pereiros, Soutello, Formigal, Souto, Cruzeiro e varias quintas, avultando entre ellas a

Quinta e casa d'Alentem

Pertence esta formosa e magestosa vivenda ao sr. visconde d'Alentem, Antonio Barreto d'Almeida Soares de Lencastre, bacharel formado em direito e um dos maiores proprietarios d'este concelho.

Nasceu n'esta freguezia, na sua grande casa d'Alentem, no dia 14 de junho de 1835; formou-se em 1857 e foi eleito deputado ás cortes em 13 de março de 1870, 9 de junho de 1871, 21 d'agosto de 1881 e 12 de junho de 1884.

É um cavalheiro estimabilissimo, e de grande influencia eleitoral no seu concelho, procurador á junta geral do districto, F. C. C. R. por herança de seus maiores e 1.° visconde d'Alentem por alvará de 26 de novembro de 1873. Vive no seu palacio d'Alentem e casou com sua prima D. Carolina Candida Pinto Malheiro, da nobre casa da *Costilha* em Santo André de *Chrystellos*, n'este mesmo concelho de Lousada.

Tem um filho e uma filha ainda solteiros — e uma outra filha já casada.

Entre os seus nobres ascendentes avulta D. Chrystovam d'Almeida Soares, 1.° bispo de Pinhel, onde falleceu, tendo nascido na sua casa d'Alentem.

V. *Pinhel*, vol. 7.° pag. 62, col. 2.ª

O palacio d'Alentem é absolutamente a primeira casa d'esta freguezia e d'este concelho. Foi principiado pelo mencionado bispo de Pinhel e reedificado e concluido pelo actual sr. visconde;—tem uma fachada com 32 metros de comprimento,—20 de fundo e 22 grandes janellas na frente—grandes salas, —muitos quartos—e 30 a 40 camas *sempre feitas* para os hospedes, pois é a *maior hospedaria* d'este concelho e dos circumvisinhos!... É brasonado e tem uma linda capella muito antiga com uma inscripção gravada em lettras d'ouro n'uma grande pedra, —inscripção muito extensa e que menciona os breves pontificios que lhe concederam varios privilegios e indulgencias em favor da familia d'Alentem *in perpetuum*, bem como auctorisação para ter sacrario e Santissimo permanente.

A cerca d'este palacio é uma grande quinta muito mimosa e fertil, que tem kilometros de circumferencia e produz milho, vinho, trigo, centeio, linho, hervagens, hortaliça e grande variedade e quantidade de fructa. Tem um ramal de estrada a macadam que a liga directamente á estação de Cahide,—e tocam em differentes pontos d'esta grande quinta—a estrada real do Porto á Regoa por Penafiel e Amarante,—a districtal de Cahide a Felgueiras—e a municipal de Lousada por Soutello á *Senhora Apparecida*, a entroncar na estrada real supra.

—

Banham esta parochia e a grande quinta d'Alentem o ribeiro que nasce na freguezia de Villar de Torno e desagua no Sousa,— bem como este rio, que limita a N. e O. esta freguezia e a mencionada quinta e tem aqui, no sitio da *Amieira*, uma ponte, denominada *ponte da Amieira*, reconstruida pela camara quando fez a estrada municipal de Lousada á Senhora Apparecida.

Em uma parte da grande quinta d'Alentem está hoje montada a quinta districtal, com officinas proprias, por arrendamento,

—e n'essa parte tem a grande quinta duas casas com 12 rodas de moinhos, movidos pela agua do Sousa, que move tambem mais 6 rodas na quinta de Ruivos, dentro d'esta freguezia.

Está na grande quinta d'Alentem, na parte hoje occupada pela quinta districtal, o celebre *lagar dos mouros*, cavado a picão na rocha e comprehendendo um lagar com sua dorna ou lagareta,—construcção antiquissima, geralmente attribuida aos mouros.

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino, montada em casa propria, feita em 1885 na aldeia de Soutello, junto da estrada municipal de Lousada á Senhora Apparecida.

—

Alem da egreja parochial e da capella da casa d'Alentem, ha n'esta freguezia outra capella, dedicada a Santa Philomena e mandada construir ha poucos annos pelo actual sr. visconde d'Alentem no monte do *Penedo da Saudade*, um dos sitios mais pittorescos d'esta freguezia.

Na egreja parochial se fazem com pompa todos os annos os officios de quinta feira santa pela confraria do Santissimo, em cumprimento d'um legado que lhe deixou D. Chrystovam d'Almeida Soares, bispo de Pinhel.

VILLAR TORPIM,—freguezia do concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Reitoria. Orago Nossa Senhora dos Prazeres;—fogos 250—habitantes 1:130.

Em 1708 era vigairaria da apresentação do bispo de Lamego e commenda da ordem de Christo;—pertencia ao termo e concelho de Castello Rodrigo, corregedoria de Pinhel, provedoria de Lamego,—e contava 210 fogos.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação,—rendia para o seu parocho 10$000 réis—e contava 183 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano.*

A *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo, abbade resignatario de Sedavim, deu-lhe 210 fogos e 632 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 227 fogos e 895 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 235 fogos e 917 habitantes.

Esta parochia é formada unicamente pela povoação de *Villar Torpim*,—povoação muito antiga, bem arruada, com uma boa egreja e alguns edificios notaveis, pelo que nos custa a crer que nunca fosse villa nem tivesse foral! Pelo menos Franklin não o menciona nem nós encontramos noticia d'elle em parte alguma.

—

Demora na antiga estrada d'Almeida para Castello Rodrigo e deve passar aqui, ou muito perto, a estrada districtal a macadam em via de construcção d'Almeida para a barca e estação do Pocinho na margem esquerda do Douro, por Villa Nova de Foscôa.

Não tem quintas nem herdades habitadas e dista 7 kilometros de Castello Rodrigo para S.—bem como da margem esquerda da ribeira d'Aguiar, para O.—e da margem direita do Côa, para E.N.E.;—9 de Figueira de Castello Rodrigo para S.;—20 da estação da Barca d'Alva, na linha do Douro, prestes a abrir-se á circulação;—25 da estação de Pinhel, na linha da Beira Alta;—48 da Guarda;—221 do Porto, pela estação da Barca d'Alva;—392 de Lisboa pela linha da Beira Alta—e 558 pela do Douro.

Freguezias limitrophes:—Castello Rodrigo a N.;—Reigada a S.;—Vermiosa a E.—e Colmeal a O. e O.N.O.

Producções dominantes:—trigo, centeio, azeite, excellente vinho de mesa, lã e queijo, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em caça—perdizes, coelhos e lebres,—betardas, que ninguem come,—e cegonhas, que ninguem mata, porque, longe de prejudicarem a lavoura, prestam-lhe grandes serviços, sustentando-se quasi exclusivamente de reptis.

As cegonhas e betardas encontram-se n'esta provincia e nas do Alemtejo e do Algarve. Não nos recordamos de as ver nas outras nossas provincias. Costumam as cegonhas fazer o ninho e a creação no alto das torres.

Tambem por estes sitios ha muitas poupas e pegas.

Costumam aqui matar as betardas d'um modo curioso:

Formam um pequeno quadrado com 4 cancellas dos curraes do gado lanigero e, quando morre algum cabrito ou cordeiro, lançam-n'o dentro do quadrado. As betardas, que são carnivoras e teem vista de lince, cahem de chofre sobre o cordeiro ou cabrito, mas, não podendo levantar o vôo sem darem uma corrida d'alguns metros, apenas os pastores as vêem no pequeno recinto, approximam-se e matam-nas a pau, porque ellas, tentando fugir, batem nas cancellas e não podem erguer o vôo.

—

A egreja matriz é um templo rico e vasto, com preciosas decorações de talha antiga dourada,—altar-mór e 4 lateraes,—e boas pinturas a oleo em parte do tecto da capella mór, sendo de madeira lisa a parte restante.

Tambem esta povoação teve 3 capellas publicas, S. Pedro, Santo Christo e S. Miguel—mas foram demolidas. Hoje tem sómente duas particulares, em bom estado de conservação—e outras duas publicas,—*S. Sebastião*, restaurada em 1885—e *Santo Antonio*, em via de restauração no momento.

Das 2 capellas particulares—uma, denominada do *Morgado*, é contigua á egreja matriz,—tem communicação com ella—e um mauzoleu em que repousa um guerreiro, de appellido *Aguilar*, segundo se lê na inscripção esculpida junto da figura do tal heróe, que o representa em corpo inteiro, armado e deitado sobre o mauzoleu.

A outra capella tinha como orago *Santo Antão* e pertenceu á sr.ª D. Josepha Marianna de Campos e Almeida, que a comprou e n'ella erigiu sumptuoso mauzoleu ao seu marido José Alexandre de Campos, cujos restos mortaes em 1852 para ali foram trasladados da sepultura em que jazia no adro da egreja matriz, onde ao tempo se faziam e ainda hoje (1886) se fazem os enterramentos, por falta de cemiterio parochial.

O dicto sr. dr. José Alexandre de Campos falleceu aqui em 21 de novembro de 1850.

V. *Sabugal* e *Pinhel*.

Fazem-se aqui differentes festividades e duas romarias, em cumprimento de antigos votos:—uma vae á freguezia de *Cinco Villas*, distante 5 kilometros, na quarta feira da primeira semana de Paschoa,—a outra vae á *Senhora de Monforte*, freguezia do *Colmeal*, na segunda feira da Paschoela.

Ha hoje aqui feira mensal. Foi creada em outubro de 1884 e inaugurada em 13 de janeiro de 1885.

Entre os edificios particulares d'esta povoação avulta, pelas suas dimensões, antiguidade e architectura, o palacete que foi da nobre familia *Saraivas*, da quinta do Ferro [1] e diz a tradição que foi construido por um dos seus ascendentes, *rico homem* de pendão e caldeira, emblemas que ainda hoje se vêem no brasão que tem sobre o seu portico luxuoso e muito ornamentado.

O dicto palacete é de architectura *composita*,—está bem conservado ainda—e foi feito, não sabemos quando, por Sebastião Saraiva, ascendente dos *Saraivas* da nobre casa e quinta de *Ferro*, na freguezia de *Rio de Mel*, hoje pertencente á sr.ª D. Maria do Carmo Saraiva, viuva e com filhos, irmã e herdeira do ultimo morgado Antonio Saraiva, fallecido ha annos.

Na 1.ª metade d'este seculo D. Maria Antonia Saraiva, contando 40 a 50 annos de idade e vivendo na quinta do *Ferro* com seu irmão Caetano Saraiva, morgado e senhor da casa n'aquelle tempo, casou com o dr. José Pinto, da Leziria, e como pertencesse á dicta senhora o casal de Villar Torpim, foram para ali viver e habitaram alguns annos o magestoso palacete. Fallecendo a dicta senhora sem successão e sem testamento, passou o palacete para o morgado da quinta do *Ferro*, Antonio Saraiva, que o vendeu a Jacyntho Saraiva, das Freixedas, com o qual não tinha parentesco algum;—e Jacyntho Saraiva, fallecendo solteiro e sem successão, deixou-o ao seu sobrinho dr. Aurelio Quirino Saraiva Pacheco, actual possuidor do venerando palacete.

---

[1] V. *Rio de Mel*, freguezia do concelho de Trancoso, n'este diccionario e no supplemento, onde fallaremos da grande quinta e do *grande roubo* que n'ella se fez, pouco depois de 1834.

—

Esta povoação nunca foi murada nem acastellada, mas no tempo da guerra dos 27 annos, ou *da restauração*, algumas obras de defesa se fizeram em volta da sua egreja matriz, como em volta da de Escalhão e de todas ou quasi todas as da raia.

Das dictas obras de defesa hoje apenas se conserva a tradição e o nome de *reducto*.

Ha n'esta povoação um bom largo com bons edificios e ruas amplas soffrivelmente alinhadas, mas ainda calcetadas pelo antigo systema.

Banham esta freguezia 2 ribeiros;—um nasce no termo da Reigada,—outro no de Castello Rodrigo, e juntam-se a 1 kilometro de Villar Torpim, formando a ribeira do *Avelar*, que desagua no Côa.

O 1.º move n'esta freguezia 2 moinhos de cereaes e 1 de azeitona.

—

Esta parochia, por ser quasi fronteiriça e estar entre as praças d'Almeida, ao sul, e Castello Rodrigo, ao norte, soffreu muito durante as guerras entre Portugal e Hespanha e ultimamente na guerra da peninsula. Ainda em 1844, quando o general conde do Bomfim, depois da revolução de Torres Vedras, se apoderou da praça d'Almeida e o nosso exercito a sitiou, esteve aqui em Villar Torpim o hospital militar dos sitiantes no magestoso palacete dos Saraivas.

V. *Almeida* e *Villar Maior*.

Ha n'esta freguezia uma philarmonica ou banda marcial de curiosos, desde 1873.

Pessoas notaveis

Poderiamos alongar muito a lista das pessoas notaveis, filhas d'esta parochia, se a vizitassemos e folheassemos as genealogias das suas casas nobres, nomeadamente a do venerando palacete que foi dos *Saraivas*, mas, para não nos fatigarmos nem fatigar os leitores, mencionaremos apenas as pessoas seguintes:

1.ª—*Barão de Villar Torpim*, Francisco José Pereira.

Foi cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, condecorado com a cruz da campanha da guerra peninsular, com a medalha de commando na batalha de Orthez, e por S. M. Cath. com a de Albuera,—governador das armas do Porto, general do exercito, etc.

Nasceu n'esta freguezia a 12 d'outubro de 1783 e casou em 15 de janeiro de 1804 com D. Maria José de Sá Pereira, filha de Antonio Domingos de Sá, tenente coronel de infanteria, e de D. Rosa Marinha d'Andrade.

Alem d'outros filhos, tiveram—D. Marianna Amalia e D. Anna Candida.

A 1.ª nasceu em 1808 e ainda ha poucos annos vivia na praça d'Almeida, sendo já viuva do marechal de campo Joaquim Antonio de Abreu Castello Branco, do qual teve filhos;—a 2.ª nasceu em 1805 e casou com Jeronymo de Gouveia Sarmento, capitão de infanteria, natural de Moimenta da Beira, que, tendo seguido o partido realista, era já tenente coronel na convenção d'Evora-Monte e foi covardemente apunhalado e morto junto de Coimbra, pouco depois da convenção, quando seguia viagem para a sua casa. Sobreviveu bastantes annos a viuva, que fixou o seu domicilio no seu casal de Tavora, concelho de Taboaço, e deixou os filhos seguintes:

—Carlos de Gouveia Sarmento, que vive em Lisboa, casado e com successão;

—D. Maria, que vive em Lisboa tambem, já viuva e com successão;

—D. Emilia, que vive em Tavora, ainda solteira;

—D. Henriqueta, que falleceu solteira;

—Antonio, que vive no Porto, (ainda solteiro tambem) e

—Jeronymo de Gouveia Sarmento Falcão, que vive em Almeida, onde casou e é muito estimado e considerado.

Não tem filhos.

O 1.º e unico barão de Villar Torpim era filho de Francisco José Pereira, major de infanteria, natural d'Almeida, e de D. Marianna Victoria Ferreira Cardoso, natural d'esta freguezia. Teve os irmãos seguintes:—Antonio Jacyntho, que foi padre,—e Matheus Antonio, que foi uma excellente pessoa e pagador do exercito. Residiu em Bragança muitos annos e depois em Lisboa, onde falleceu, deixando uma filha e herdeira, casada com

seu primo Carlos de Gouveia Sarmento Falcão, supra mencionado.

—

2.ª—*Matheus Antonio d'Almeida*, natural d'esta freguezia, cavalheiro de muito merecimento e rico proprietario.

Casou na villa do Sabugal com D. Caetana Manoella de Campos, filha do dr. João de Campos, capitão-mór d'aquella villa, e teve dois filhos que foram cavalheiros distinctissimos, ambos muito illustrados e muito notaveis:—o dr. José Alexandre de Campos e Almeida, que nasceu no Sabugal em 1794 e falleceu n'esta parochia de Villar Torpim, na sua casa materna, em 1850,—e o dr. Pedro Balthasar de Campos, que nasceu tambem no Sabugal em 1795 e falleceu em Pinhel a 22 de dezembro de 1870. Para evitarmos repetições, veja-se a biographia do 1.º no artigo *Sabugal*, vol. 8.º, pag. 293, col. 1.ª e segg.—e a biographia do 2.º no artigo *Pinhel* [1] vol. 7.º pag. 93, col. 1.ª e segg.

—

Era tambem natural d'esta parochia um celebre *Godinho*, que no 2.º quartel d'este seculo foi escrivão da superintendencia da alfandega no districto de Castello Branco,—homem de estatura agigantada, muito pacifico e muito prudente, mas dotado de força herculea!

Ahi vão duas *sortes* caracteristicas d'elle:

Um dia, estando a fazer serviço em certo mercado da raia, viu um homem com uma tenda e, suspeitando que fosse contrabando, approximou-se d'elle e tractou d'inspeccionar o que vendia. O tendeiro, sem mais comprimentos, lançou mão de uma clavina que tinha debaixo da tenda, disposto a desfechar sobre o Godinho, mas este rapidamente levantou-o pelas pernas e, como se fosse um manequim de palha, duas vezes bateu com elle e com a clavina horisontalmente no chão, deixando-o estatelado!...

Outro dia, encontrando-se na feira de Mangualde com o celebre Manuel Soares d'Albergaria, da *Rede* [1], fidalgo distincto, mas muito desordeiro e muito valente, que ali fôra da sua casa de Oliveira do Conde, só para ostentar valentias e fazer desacatos, disse-lhe o Albergaria: «—Teem-me contado tantas proesas suas, que desejo ver até onde chega a sua decantada força.»

O Godinho desculpou-se muito modestamente, mas continuando as instancias do Manoel Soares e atravessando no momento o campo da feira um carro tirado por bois, conduzindo uma pipa cheia de vinho, o nosso heroe pegou com toda a delicadesa nas chedas do carro e o suspendeu por um pouco, ficando as rodas soltas.

Pararam os bois com a extraordinaria deslocação do peso e, ficando absorto o boieiro, olhando para elle pasmado, disse-lhe o Godinho:

—Isto é uma brincadeira;—recue os bois um pouco.

O homem obedeceu e entretanto o Godinho recuou tambem, levando o carro com a pipa suspenso nas mãos até que o collocou outra vez sobre o rodal—e disse ao conductor que seguisse.

O Manuel Soares ficou muito satisfeito e convencido de haver encontrado um homem mais valente do que elle.

Isto nos contou o sr. Miguel Antonio de Almeida Crespo, da Cogulla, concelho de Trancoso [2], cavalheiro respeitabilissimo e que tractou e conheceu muito de perto os dois.

—

Esta povoação é muito antiga, e já era

---

[1] Este longo artigo,—*que bastante trabalho nos deu*,—foi escripto por nós em 1876, quando visitámos o *Cima-Côa*, e por nós offerecido ao nosso benemerito antecessor, que Deus haja. Recebemos de *bôa fonte* os apontamentos relativos ao dr. Pedro Balthasar de Campos, hoje porem sabemos que elle foi baptisado no Sabugal, mas nasceu na villa e praça *d'Almeida*, onde sua mãe, achando-se no ultimo periodo de gravidez, foi fazer uma vizita e o deu á luz.

[1] V. *Villa Jusã*, vol. XI, pag. 774, col. 1.ª —e *Rêde*, n'este diccionario e no supplemento, onde havemos de fazer largas rectificações e ampliações áquelle artigo.

V. tambem o artigo *Villa Marim*, pag. 785, col. 2.ª

[2] V. *Villa Garcia* e *Freixial*, vol. XI, pag. 765, col. 1.ª. *in-fine*,—e *Cogulla* n'este diccionario e no supplemento.

uma das principaes do *Cima-Coa* nos principios do seculo XI, quando os reis de Leão conquistaram e tomaram aos mouros esta e outras muitas povoações que hoje são de Portugal, como se lê na historia dos godos: *E. M. LXXVII capiuntur in Extremadurii multae populationes cis & citra, per villam Tvrpini, Talmeida, Egitania, & usque ad ripam Tagi.*

Em vulgar:—«Na era de 1077 (anno 1039) se ganharam aos mouros muitas povoações na Extremadura d'aquem e d'alem, por *Villar Turpim*, Almeida e Idanha, até ás margens do Tejo». [1]

Foi esta conquista ou *correria* feita por D. Fernando Magno, rei de Leão, e já n'aquelle tempo esta parochia tinha certa importancia, pois na chronica dos godos é a *unica* povoação mencionada ao norte d'Almeida com o proprio nome de *Villa Turpini*,—villa ou *Villar de Turpino*, ou *Turpim*, pelo que o fallecido dr. Pedro Balthasar de Campos dizia que o nome de *Torpim* ou *Turpim* lhe provem d'um seu antigo senhor, chamado *Turpino*; mas vulgarmente dão-lhe o nome de *Torpim*, como patronimico de *Torpes*.

Tambem antigamente se denominou *Villar Thomé* (V.) por ser de Pero Thomé.

Tambem esta povoação de Villar Torpim foi commenda da ordem do Pereiro, commenda que no tempo d'el-rei D. Diniz passou para a ordem de Christo, quando a ordem do Pereiro se uniu á hespanhola d'Alcantara.

V. *Cinco Villas,—Sabugal* (vol. 8.º pag. 297, col. 2.ª)—e *S. João* [2] *do Pereiro*, (vol. 9.º pag. 10, col. 2.ª

Data pois de tempos muito remotos esta povoação de *Villar Torpim*, mas foi muito mais antiga, talvez anterior á occupação romana, uma povoação que existiu cerca de 2 kilometros para E.,—como diz a tradição local e provam differentes objectos prehistoricos que ali se teem encontrado.

Esta freguezia pertenceu ecclesiasticamente ao bispado de Vizeu, do qual passou para o de Caliabria, [1]—d'este para o de Cidade Rodrigo,—d'este para o de Lamego,—do de Lamego para o de Pinhel—e do de Pinhel para o da Guarda em 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Temporalmente pertenceu ao reino de Leão com todo o Cima-Côa até o reinado de D. Diniz, data em que ficou pertencendo a Portugal.

Civil e judicialmente pertenceu ao concelho de Castello Rodrigo, corregedoria de Pinhel e provedoria de Lamego,—depois passou para o concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca de Trancoso, — depois volveu para a comarca de Pinhel, de novo restaurada, — e por ultimo passou para o concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, depois que este concelho se elevou a séde de comarca judicial de 3.ª classe, por decreto de 12 de novembro de 1875.

—

Em Junho de 1876 pesou sobre esta freguezia e sobre as circumvisinhas d'este concelho, bem como sobre as do concelho d'Elvas, uma medonha praga de gafanhotos, que devoravam todos os renovos dos campos, pelo que se empregaram na apanha e destruição d'elles milhares de pessoas e varios contingentes de tropa, mandados pelo nosso governo.

No concelho d'Elvas as auctoridades pagavam a 60 réis o kilo dos gafanhotos, preço bastante remunerador, pelo que muita gente se empregava na apanha d'elles.

Em julho de 1885 pairou sobre esta freguezia uma trovoada medonha. Causou bastante prejuiso nos campos e por essa occasião uma faisca electrica matou instantaneamente um pobre homem dos muitos que andavam ceifando trigo a leste da povoação

VILLAR DA VEIGA—freguezia do concelho de Terras de Bouro, comarca de Vieira, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago Santo Antonio,— fogos 174, — habitantes 730

Em 1706 era vigairaria annexa á fregue-

---

[1] *Monarchia Luzit.* parte 5.ª fl. 239, columna 2.ª

[2] Leia-se *S. Julião.*

[1] V. *Senhora do Campo.*

zia de S. Martinho da Ventosa, cujo abbade apresentava o vigario e recebia metade dos dizimos, pertencendo a outra metade ao abbade de S. João da Cova; — era do extincto concelho de Ribeira de Soaz (hoje incorporado no de Vieira) comarca de Guimarães,— e rendia 40$000 réis para o vigario e outros 40 para cada um dos 2 abbades, segundo se lê na *Chorog. Port.* que não lhe assigna população.

Em 1768 era um simples curato da apresentação dos abbades de S. João da Cova e S. Martinho da Ventosa;— rendia para o cura 7$000 réis, alem do pé d'altar,— e contava 88 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 151 fogos e 600 habitantes; o de 1878 deu-lhe 168 fogos e 717 habitantes— e hoje (1886) conta 178 fogos e 730 habitantes *permanentes*, pois comprehende as celebres *Caldas do Gerez*, das quaes adeante fallaremos, onde tende a desenvolver-se uma grande povoação e já hoje na estação balnear, de junho a setembro, se encontram centenares de pessoas de todos os pontos do nossso paiz.

—

Em 1706 pertencia, como já dissemos, ao extinto concelho de Ribeira de Soaz, comarca de Guimarães; — pelos decretos de 21 março e 7 d'agosto de 1835 passou para o concelho e julgado de primeira instancia da Povoa de Lanhoso; — em 1839 já era outra vez da comarca de Guimarães;— pelos decretos de 28 de dezembro de 1840 e 18 de março de 1842 ficou pertencendo ao julgado e concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso; — pelo decreto de 24 d'outubro de 1855 passou para o concelho e julgado de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde,— e finalmente por decreto de 12 de novembro de 1875 ficou pertencendo ao concelho de Terras de Bouro, ao julgado de Ventosa e á comarca de Vieira.

—

Comprehende esta parochia 3 povoações: — *Villar da Veiga,* séde da matriz, — *Caldas do Gerez*—e *Ermida.*

A povoação de *Villar da Veiga* conta cerca de 130 fogos. É hoje a mais populosa das 3; — segue-se em população a da Ermida —e depois a das *Caldas*, fóra de tempo de banhos, porque durante a estação balnear supplanta as outras duas e *todas as d'este concelho e d'esta comarca*, pois é uma das primeiras estancias thermaes do nosso paiz, depois de Vizella e das *Caldas da Rainha*, que pela sua população permanente e extraordinaria concorrencia de banhistas são hoje os nossos dous primeiros estabelecimentos thermaes.

São tambem muito concorridos os estabelecimentos de Luso, Molledo, Vidago, Pedras Salgadas, Felgueira, Monchique e Aregos, mas todos são ardentissimos no verão, em quanto que estas Caldas do Gerez, alcandoradas na grande serra e cercadas de frondoso arvoredo, offerecem na estiagem uma temperatura deliciosa e ares e agua purissimos, como não se encontram em Cintra nem no Bom Jesus do Monte em Braga.

Accresce ainda a excellencia das suas aguas medicinaes, que para o tratamento de dispepcias e doenças do figado são *unicas* em todo o nosso paiz e talvez *em toda a Europa*?!...

—

Foram estas aguas conhecidas no tempo da occupação romana; depois, com as guerras que se seguiram, ficaram em completo abandono; — el-rei D. João V mandou aqui fazer uma capella e mais algumas obras nos principios do ultimo seculo, mas ainda em 1860 aqui não vivia permanentemente ninguem. Apenas no verão aqui se formava um pequeno povoado de banhistas, que luctavam com todos os descommodos e a muito custo transpunham a escabroza e medonha serra. Nos ultimos annos aqui se viam já uns 8 a 9 moradores permanentes e umas 10 a 12 casas, mas esse numero augmentou de dia para dia depois que em 1885 se fez a formosa estrada a macadam, servida por diligencias diversas e por trens de toda a ordem, de Braga até aqui.

—

O estabelecimento balnear, propriamente dicto, ainda está mal montado, por desleixo da camara de Bouro, a cujo municipio estas aguas pertencem, mas já aqui se encontram bastantes casas novas, algumas parti-

culares, outras destinadas para os banhistas, e tres hoteis muito decentes, denominados — *Grande Hotel do Gerez,* — *Hotel Central* — *e Hotel Luso Brazileiro,* todos sempre cheios de hospedes durante a quadra dos banhos.[1] A ultima correspondencia d'estas caldas para o *Commercio do Porto,* datada de 25 de julho de 1886, indicava os nomes de todos os hospedes que no momento habitavam os 3 hoteis, dando ao 1.º 74—ao 2.º 89—e ao 3.º 71—total 234.

E note-se que para os hoteis vão sómente os banhistas que dispoem de meios, sendo infelizmente muito maior o numero dos desprotegidos da fortuna e que se accomodam em mais humildes quarteis.

Do exposto se vê a importancia e concorrencia d'esta pittoresca estação thermal no momento e quanto é auspicioso o seu futuro.

Com relação á montanha do Gerez e á temperatura e composição chimica d'estas aguas, etc. V. *Gerez.*

—

A povoação de *Villar da Veiga* demora na margem direita do Cavado, do qual dista meio kilometro para N.;—5 a 6 das povoação das *Caldas,* pora S.;—9 da séde da comarca para N.O.;—12 da séde do concelho para E.N.E.;—15 do ponto mais proximo na raia da Galliza, para S.;—30 de Braga para N.E.;—85 do Porto—e 422 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Campo, Covide e Rio Calvo n'este concelho de Terras de Bouro,—e Cabril no concelho de Montalegre;—a N. e N.E. a montanha do Gerez—e a S. o rio Cavado.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, feijões, vinho, azeite e fructa.

Tambem cria muito gado bovino e lanigero na serra do Gerez e tem ali abundancia de caça grossa e miuda,—perdizes, lebres, coelhos, aguias, corças, cabras monteses e lobos cervaes.

[1] No momento acham-se em construcção varios edificios, sendo um d'elles destinado para hotel. Promette ser o *mais amplo* de todos e deve inaugurar-se no anno proximo futuro.

É tambem mimosa de peixe do rio Cavado.

Templos:—a egreja matriz em Villar da Veiga—e duas capellas publicas:—*Santa Marinha* na povoação da Ermida—e *Santa Eufemia* na povoação das Caldas. Esta ultima é real;—foi construida em 1730 a 1735 á custa do povo por mandado d'el-rei D. João V—e tem capellão proprio com poderes quasi parochiaes desde o dia de S. João até o de S. Miguel, com o ordenado de réis 90$000 pagos pela camara de Bouro.

Durante aquelle periodo de tempo é elle quem administra os sacramentos na dicta povoação e prezide ás festas religiosas e aos enterramentos que se fazem na capella, sem dependencia nem intervenção do reitor de Villar da Veiga, o que não deixa de ser curioso e tem dado occasião a factos interessantes.

Mencionaremos apenas um dos mais recentes:

—

Em principios de setembro do ultimo anno (1885) andando 4 homens a escavar um grande penedo que estava em uma horta junto d'esta povoação, o penedo deslocou-se e matou quasi instantaneamente um dos dictos homens.

A auctoridade local (um simples cabo de policia) officiou logo ao regedor de Villar da Veiga, distante mais de 5 kilometros, para que désse as providencias necessarias. O regedor participou o caso ao juiz ordinario e este deu ordem para que se levantasse o cadaver e fizessem o enterro *como podessem ou quizessem,* visto não haver suspeitas de crime. O regedor transmittiu a ordem ao seu cabo, mas não se incommodou a subir a montanha nem se importou com a guarda e enterramento do cadaver. O caso não era simples, porque desde 24 de junho até 29 de setembro não pode o parocho de Villar da Veiga exercer aqui acto algum do seu ministerio sem consentimento do capellão das Caldas e, quando morre algum parochiano, vae o capellão acompanhar o cadaver até á extremidade d'esta aldeia e ali o entrega ao parocho para este o fazer conduzir á egreja parochial, em forma dos privi-

legios supra, concedidos por el-rei D. João V e que foram confirmados ainda ha poucos annos, por causa de certa pendencia entre o capellão e o parocho; mas o capellão só *dentro d'esta aldeia* póde exercer actos parochiaes.

Pediu-se ao capellão que removesse o cadaver para a casa do fallecido ou para qualquer outra até se fazer o enterro, mas o capellão não consentiu, por estar fóra do limite d'esta aldeia. Por seu turno o parocho e o regedor sò no dia seguinte compareceram, e assim esteve o cadaver dois dias e duas noites no campo, exposto á intemperie, com grave risco da saude publica.

—

Na povoação de *Villar da Veiga* creou-se em 1884 uma feira quinzenal, muito importante.

Além do rio Cavado, que banha pelo sul esta freguezia, separando-a das de S. João da Cova e Louredo, banham esta freguezia de *Villar da Veiga*, o rio *Caldo* e o rio das *Caldas*. Este nasce a uns 12 kilometros de distancia na *Portella de Leonte*,—corre na direcção N.S.—e desagua no Cavado, um pouco a jusante da povoação de Villar da Veiga;—aquelle desagua no rio das *Caldas*.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal de Barcellos a Montalegre, na direcção O. a E.—e um ramal da foz do rio *Caldo* para as Caldas.

Houve n'esta freguezia, pelo meiado d'este seculo, um homem, por alcunha o *Rei Preto*, que se tornou tristemente notavel. Foi ladrão assassino, salteador e o terror d'esta parochia e das circumvisinhas alguns annos, mas *talis vita, finis ita!*...

Tendo-se refugiado na Galliza, foi ali prendel-o um grupo de visinhos seus e fuzilaram-no junto da *Portella do Homem*.

O clima d'esta parochia é saudavel, mas varia muito com a exposição e altitude do terreno.

É temperado na parte baixa, principalmente nas margens do Cavado;—nas encostas do Gerez é aspero—e nas cumiadas da grande montanha é desabrido e insupportavel no inverno—e mesmo na primavera e no outono.

Diario philosophico da
Viagem ao Gerês
que por mandado de
Sua Alteza Real o Se-
renissimo Senhor Dom Gas-
par, Arcebispo e Senhor de
Braga Primaz das Hespanhas
fizerão
O Dr. Manuel Joaquim Maya
Coelho, incumbido das observa-
çoens mathematicas, e Joaquim
Vicente Pereira d'Araujo das phi
losophicas no anno de
1782

Assim se intitula um interessante *ms.* de 29 paginas, que temos sobre a nossa banca de estudo e que é uma descripção ligeira, mas muito conscienciosa, da montanha e das Caldas do Gerez e d'esta freguezia de Villar da Veiga, em 1782. Não podemos resistir á tentação de fazer um pequeno extracto do pobre folheto, que está completo, muito bem escripto, assignado pelo excursionista Joaquim Pereira d'Araujo e talvez *ainda inedito*, pois não encontramos menção d'elle nem do seu illustrado auctor no diccionario de Innocencio.

—

Fallando da serra, diz que nos montes da freguezia de S. João da Cova (hoje do concelho de Vieira) na margem esquerda do Cavado, encontrou dispersos muitos cristaes *(cristalus montanus apice unico)* denominados pelos habitantes *pedras contra o trovão*, e bazaltos negros, luzentes, cristalisados, que provavam evidentemente a existencia d'um vulcão hoje extincto. A mesma conclusão tirou d'outras pedras encontradas na serra do Gerez, que se ergue sobre a margem opposta do Cavado.

Ali reconheceu a celebre estrada romana da Geira;—menciona differentes lanços com mais de 15 pés de largura, ainda bem lageados, e 22 marcos miliarios que encontrou, achando-se a maior parte d'elles derrubados.

Menciona tambem as ruinas de 2 pontes de cantaria:—uma sobre o rio *Forno*, confluente do rio das *Càldas*, no sitio denomi-

nado *Albergaria*,—ponte que ao tempo estava substituida por outra de madeira,—e a 2.ª no *Porto de S. Miguel*, na passagem do rio *Homem*, a um quarto de legoa da raia, que ali tem por balisa uma cruz.

Esteve na grande varzea de *Leonte*, que é (diz elle) funda, espaçosa e dá passagem atravez da serra para a Galliza. Na dicta varzea encontrou ainda os restos de duas grandes trincheiras, que nós fizemos com pedra e terra, cortando de um ao outro monte o grande valle, para estorvar a passagem dos gallegos; — e junto das dictas trincheiras, uma das quaes estava na *Portella de Leonte*, encontrou ainda duas casas, que foram quarteis da tropa, mas que ao tempo eram habitação dos pastores.

Diz que na serra encontrou grandes veios de granito com muito spato e quartzo,—stalactites com base de quartzo e concreções de cristaes,—*petrosilex* esverdeada com crusta quartzosa, — a mesma pedra opaca com laminas conjuntas, — uma composição de spato e malachites, com uma superficie de mina de cobre,—um grande veio de porphydo com spato scintillante, vermelho e branco, tendo de comprimento mais de uma legoa, — muita variedade de plantas, — carvalhos colossaes, etc.

—

Fallando das *Caldas*, diz que a povoação estava sobre o rio do seu nome entre duas grandes serras,—uma ao nascente, outra ao poente, seguindo aqui o rio de N. a S., encostado á serra que lhe fica a O.;—que a povoação tinha n'aquella data (1782) 70 a 80 casas de um só sobrado, bastante grosseiras, mas caiadas por dentro e destinadas para quarteis dos banhistas nos 3 mezes do verão, servindo as lojas para curraes do gado no inverno.

Os banhos eram 8, cada um sobre si, em pequenas casas pyramidaes, encostadas á montanha de leste, da qual brotavam as aguas com differentes graus de calor. A meio de cada uma das dictas casas estava o tanque, havendo em roda espaço sufficiente para se despirem e vestirem os doentes.

O 1.º banho, contando da extremidade N., chamava-se *Forte*, por ser a sua agua a mais quente;—o 2.º, *Contra-forte*, era pouco frequentado e abastecia o 3.º, chegando ali a agua menos quente. O 4.º era o da *Figueira*, cuja agua esfriava no tanque, mas era quentissima na sua nascente.

5.º—*Do figado*.

Tinha uma nascente muito froixa, pelo que a sua agua esfriava muito com a demora em encher o tanque.

6.º—*Da Bica*, assim denominado por correr para elle agua por uma bica de pedra. A sua agua era mais quente do que a do banho do *Figado*, e por isso com a d'elle se temperava a d'este.

7.º—*Das Almas*...

O 8.º esteve junto do adro da capella, mas n'aquelle tempo já não existia, por terem feito no chão d'elle uma casa, entupindo-o.

Todos os banhos se achavam immundos, mal calafetados e *sem portas*!...

—

Diz que estas aguas foram descobertas approximadamente em 1699 por Manuel de Faria,[1] ao tempo cirurgião, morador em Covide, freguezia (hoje) do concelho de Terras de Bouro, e as applicou a varios doentes que faziam poços e se banhavam n'ellas;—que D. João de Sousa,[2] então governador das armas d'esta provincia, vendo o grande partido que muitos doentes tiravam d'estes banhos, mandou fazer atravez da serrania uma estrada para cavalgaduras, liteiras e carros, em substituição das perigosas e estreitas sendas dos rebanhos e pastores, tornando estas aguas muito mais accessiveis, pelo que a concorrencia de prompto augmentou,—e que D. João V mandou aqui fazer 6 tanques, a capella, um hospital e uma ponte sobre o Cavado—consignando 70$000 réis para um capellão—e 40$000 réis para um medico e um cirurgião, pagos pelas comarcas de Guimarães, Porto e Vianna,[3]—e dedicou a ca-

---

[1] Fr. Chrystovao dos Reis, carmelita e boticario em Braga, nas suas *Reflexões experimentaes* que em 1779 publicou relatiivamente a estas aguas, diz que o tal cirurgião de Covide se chamava—*Manuel Ferreira de Azevedo*.

[2] Era irmão do marquez das Minas.

[3] Não menciona a de Braga.

pella a Santa Eufemia, por ter esta santa sido martyrisada n'aquella serrania; mas que infelizmente já em 1782 a ponte e o hospital tinham desapparecido;—os salarios do capellão eram mal pagos;—os doentes já não tinham medico nem cirurgião,—e a policia dos banhos era detestavel!

—

As pessoas nobres ou ricas mandavam guardar os banhos por criados seus armados e, só depois de tomarem muito pausadamente banho, é que o povo podia banhar-se!...

«Tudo occasiona magua (diz elle); mas não podem sem tremer, e espantar o animo verem-se os doentes pobres, descalços, e despidos, unicamente com a cabeça entrapada e o corpo coberto com um capote, irem de suas casas, que são as mais distantes, tomar o banho em horas pouco convenientes, e recolherem-se da mesma maneira, expostos a constipações».

Os mais ricos iam em uma cadeirinha indecente.

Não havia na localidade botica nem loja alguma de commercio;—a venda dos generos de primeira necessidade era monopolio de certos especuladores—e, se alguem tentasse vendel-os mais baratos, era preso pelo almotacé e posto fóra da povoação?!...

Agora o mais interessante:

Villar da Veiga

A povoação das *Caldas* pertence á freguezia de *Villar da Veiga*, que tem (diz o auctor do folheto, referindo-se ao anno de 1782) 148 homens e 175 mulheres,—total 323 habitantes, em 92 fogos, constituindo uma pequena republica, «similhante á de nossos pais, antes que conhecessem o jugo romano, gotico e arabigo».

«O governo he democratico, e as dicizoens confiadas ao conselho e prudencia dos ancioens, são sagradas...

«Tem 7 tribunaes, e em cada hum prezide um velho, assistido de 6 homens, a que chamão *homens d'accordo.* No regimento de tão pequeno estado se occupão 7 juizes e 42 *homens d'accordo.*

«Cada tribunal exerce differentes funcçoens...

«O 1.º he o do *Juiz da Igreja,* aonde se tractão negocios respectivos á Igreja.

«O 2.º he do *Monteiro*, em que se julga das montarias.

«O 3.º das *Vaccas*, que apena e despena os vaqueiros e se informa da sua conducta na guarda do gado.

«O 4.º e 5.º das *Cabras.*

«O 6.º do *Lagar do azeite,* em que se dispoem da cultura e feitura do azeite.

«O 7.º he do *Lugar*, onde tratão negocios particulares, sobre obras, distribuição de terras para cultura, etc.

«Vão *aos chamados* (dizem elles) e cada tribunal tem lugar proprio. Para o do *Monteiro* são convocados ao som de buzina; para os outros ao som de frautas diversas. A qualidade das penas são muitas vezes canadas de vinho.

«São estes povos muito zelosos de suas mulheres e filhas. Olhar para ellas hum estranho é offendel-os, pelo que ha poucos annos (refere-se a 1782) passando qualquer pessoa a elles desconhecida, como o objecto zelado chegasse a ser visto pelo tranzeunte, convocava-se o povo de repente, hum e outro sexo se armava com armas de fogo, paus, e pedras, e expelião o pobre estrangeiro. Antonio Soromenho d'Olivaes, abalizado sacerdote, sendo seu vigario, os dissuadio d'esta temeridade, e em assembleia pactuarão cessão de hostilidades, o que d'ahi em diante fielmente cumprirão, porque as suas promessas são *inviolaveis!*

—

«Para as serras mandão gados, a que elles chamão *vezeiras*, do 1.º de junho athe 8 de septembro, ...bois e vaccas. Os vaqueiros se obrigão a dar conta dellas *sans e salvas*, e se o lobo ferio alguma, de que se lhe occasiona a morte, paga sua estimação. Em hua palavra—só a morte natural izenta o pastor da entrega da cabeça. Quando o vaqueiro tem duvida em pagar a multa, he chamado perante o seu senado, e accordão; sentindo-se gravado, apella para a Ribeira [1],

[1] Freguezia de S. Matheus da Ribeira, con-concelho de Terras de Bouro.

onde ha a mesma politica,—e em casos semelhantes os da Ribeira apellão para Villar...

«As decisoens dos seus mayores estão escritas em 7 livros de papelão, e cada hum dos 7 ancioens guárda o seu, e o faz inviolavel.

—

«A educação fizica, com que crião os seus filhos he bem capaz de os fazer robustos, brigozos, ageis, e inclinados á agricultura, e a todo o trafego. Exercitão-se em atirar á espingarda (cada casa tem seu armazem[1]) bem como a subir ás arvores e fragas, descer sem resvalar, fazer montarias, etc. Seus alimentos são simples, e o vestuario grosseiro. O luxo ainda não viu este paiz, nem o das Caldas o tem enfraquecido ou affeminado. Colhem muito centeyo, milho, sazonadas fructas, bom vinho, azeite, linho etc. Trigo não, pois affirmão ser improprio para aquella terra. Fazem muito carvão das urzes da serra, de que tirão grandes lucros, e feitorizão-no quando a agricultura dá descanço; pescam a tralho, e pluma, bogas, e trutas no rio das Caldas, e á rede no Cavado, salmoens, lampreias, etc., e cação no monte viados, javalis, cervi-cabras, açores, perdizes, coelhos, lebres, etc.—tem muitas colmeias nos montes, de que extrahem abundancia de mel, e tem tambem muitos rebanhos de ovelhas, todas pretas. Não me disseram o motivo de regeitarem as de outra cor.»

—

Fecharemos aqui o extracto, bemdizendo a memoria do aucter do *ms.* que tão fielmente copiou a indole, usos e costumes d'estes povos *nos fins* do ultimo seculo,—indole, usos e costumes que hoje devem estar completamente mudados com os melhoramentos da viação e com o grande centro de vida das suas Caldas.

Deviam ser muito semelhantes a indole, usos e costumes d'outros povos do Gerez, Barroso e Lindoso, no Minho,—Gralheira, Mezio, Caramulo, Monte do Muro e Serra da Estrella, na Beira, mas infelizmente ninguem os copiou e descreveu como o benemerito Joaquim Vicente Pereira de Araujo copiou e descreveu os d'esta freguezia de *Villar da Veiga*, pelo que jazem no olvido!...

Terminaremos dizendo que o sr. dr. Ricardo Jorge, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, visitou as Caldas do Gerez em agosto do anno de 1886,—estudou e analysou as suas aguas—e propõe-se escrever e publicar uma *Memoria* sobre ellas; entretanto veja-se o *Ensaio physico-medico das Caldas do Gerez*, por J. A. da Fonseca Benevides,—*Noticia topographica e physica do Gerez e das suas aguas thermaes* pelo dr. José Pinto Rebello de Carvalho,—o *Aquilegio Medicinal*,—as *Reflexões* já citadas—e sobre tudo a interessante *Analyse das Aguas Mineraes do Gerez*, escripta pelo visconde de Villa Maior em 1851 e publicada pela nossa Academia Real das Sciencias no vol. 15.° das suas *Memorias*, tomo 3.° da 2.ª série, parte II.

É o trabalho mais completo que até hoje se tem publicado sobre o assumpto.

Á ultima hora acabamos de saber que se montou uma linha telephonica entre as ditas Caldas e Braga.

VILLARANDELLO,—freguezia do concelho e comarca de Val Passos, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Vicente;—fogos 310,—habitantes 1280.

Em 1706 era vigairaria de Malta, da commenda de S. João da Corveira;—pertencia ao concelho e termo de Chaves, ouvidoria e comarca de Bragança—e contava 152 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario 40$000 réis—e contava 220 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 279 fogos e 1:160 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 292 fogos e 1:221 habitantes.

É formada pela povoação de *Villarandello*, que se divide em 5 *bairros* ou grupos, todos em volta da egreja matriz:—Bairro do Outeiro, da Cruz, de Baixo, da Rua e da Lavandeira ou *Alevandeira*, como dizem na localidade.

Demora na estrada real n.° 38 de Chaves

[1] Talvez *deposito d'armas*.

a Moncorvo por Mirandella e Villa Flor,—e dista 8 kilometros de Val de Passos para N.;—os mesmos 8 da margem direita do Rabaçal, que, unido ao Tuella, forma o Tua;—21 de Chaves para S.E.;—22 de Mirandella para N.N.O.;—70 da estação do Tua, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro, pela linha do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—209 do Porto—e 546 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Val Passos, Ervões, Alvarelhos, Santavalha, Possacos e Fornos do Pinhal.

Producções dominantes:—centeio, trigo, milho, batatas, castanhas, vinho, azeite, fructas e hervagens.

O seu vinho era de boa qualidade, como vinho de mesa, mas com a invasão phylloxerica hoje pouco vinho produz.

V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes.*

Banha esta freguezia um ribeiro, que move alguns moinhos de cereaes e desagua no Rabaçal.

Esta freguezia pertenceu, como já dissemos, ao concelho de Chaves, comarca de Bragança;—depois passou para o concelho e comarca de Chaves—e por ultimo para o concelho e comarca de Val Passos.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 3 capellas publicas.

A egreja é bastante antiga, principalmente a capella-mór, que tem um soberbo retabulo de talha dourada.

As capellas são:

1.ª—*Santo Antonio.*

2.ª—*Espirito Santo.*

Em volta d'ella está hoje o cemiterio parochial.

3.ª—*S. Sebastião,*—a mais antiga talvez.

Todas estão bem tractadas e bem conservadas, assim como a egreja.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Santa Barbara, no ultimo domingo de agosto.

—

Ha n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino,—uma feira mensal no dia 9,—mercado todas as quintas feiras—e 3 hospedarias.

Foi esta parochia saqueada na noite de 15 de novembro de 1846 pelas tropas do general, barão e ultimamente conde do Casal, em seguida ao ataque de Valpassos.[1]

V. *Villa Verde*, séde do concelho,—e *Val de Paços.*

Tem Villarandello uma boa rua, formada pela estrada real que a atravessa,—um grande campo onde se faz a feira,—e um largo, o adro da matriz.

Ha no termo d'esta parochia uma penha colossal, denominada *Penide.*

—

Segundo resa ainda hoje a tradicção local, foi esta povoação de *Villarandello* uma das mais antigas d'esta provincia. Argote no vol. 3.º das *Memorias de Braga* aponta um marco milliar que existiu n'esta povoação.

Ainda hoje lá se vê. Tem cerca de $1^m,50$ d'altura e a inscripção que pode ler-se no 7.º vol. d'este diccionario, pag. 123, col. 2.ª Ali se mencionam tambem as ruinas de uma povoação antiquissima que existiu no alto de um monte a pequena distancia de Villarandello, no sitio ainda hoje denominado *Cividade.*

É certo que por aqui passava uma das vias militares romanas de Braga para Astorga, por Salamonde, Ruivães, Villarinho do Arco, Chaves, S. Lourenço, *Villarandello*, Possacos, Pineto, Val de Telhas, Complutica, serra de Senabria, etc.[2]

Da dicta estrada ainda hoje se vê n'esta povoação o dicto marco milliar inteiro e fragmentos d'outros.

Tambem se vê em *Possacos*, freguezia limitrophe, um fragmento d'outro marco milliar em uma eira, com a inscripção já indicada no artigo *Possacos* (V.)—e Argote no vol. 1.º das suas memorias, pag. 298, cita outra lapide que ali se encontrou na quinta do Padre Antonio de Sousa, com a inscripção seguinte:

---

[1] Alem do saque, praticaram toda a casta d'excessos, ultrajes, ferimentos e mortes!...

[2] Vide *Itinerario do Imperador Antonino*, n'este diccionario, vol. 3.º pag. 401.

IMP. CP. L : : :
SOVANS. E. NE : : :
: : : : OPE. I : : : : A

Nada mais podia ler-se, por estar a pedra partida.

Veja-se tambem o 2.º vol. das *Memorias* d'Argote, pag. 494, 589 e 607,—e no *Portugaliae Inscriptiones Romanae* a inscripção n.º 148.

—

Em dezembro de 1885 houve aqui uma grande desordem entre um bando de moços que regressavam de Val Passos, onde tinham ido tirar a sorte para o serviço militar.

Ficaram alguns feridos e um d'elles morto,—e em seguida foram presos e mettidos na cadeia 11.

VILLARELHO,—nome de algumas aldeias e freguezias nossas.

Dizem uns que *Villar*, *Villarinho*, *Villarelho*, *Villarandello* e *Villula* são quasi synonymos e significam *pequena villa* ou *pequeno povoado*;—pretendem porem outros que *Villarelho* quer dizer *villa velha*.

Sustentaram grande polemica sobre o assumpto, nas columnas do *Pero Gallego*, jornal de Vianna, o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra e o sr. José Leite de Vasconcellos.

Salvo o respeito devido a tão illustres contendores, inclinamo-nos para a opinião do primeiro.

VILLARELHO,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna, diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora da Encarnação;—fogos 97,—habitantes 450.

Em 1706 era vigairaria annexa á reitoria da villa de Caminha, cujo reitor apresentava o vigario;—rendia para este 50$000 réis, sendo os dizimos dos prestimonios; [1]—pertencia ao concelho e termo de Caminha, comarca de Vianna,—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 40$000 réis—e contava 60 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 377 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 116 fogos (parecem-nos fogos de mais) e 531 habitantes,—e hoje, segundo as informações do seu rev. parocho, tem, como já dissemos, 97 fogos e 450 habitantes.

Demora esta freguezia ao sul e *extra muros* da villa de Caminha, da qual é um arrabalde, depois que a villa se murou, tendo sido anteriormente a matriz d'ella, pelo que a procissão de *Corpus Christi* da actual villa de Caminha foi sempre e vae ainda hoje á matriz de Villarelho, tambem denominada hoje ainda *egreja velha*.

Dista da matriz actual de Caminha, templo manoelino venerando, cerca de 1 kilometro para S.;—22 de Vianna;—104 do Porto—e 441 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarelho*, séde da parochia, cuja matriz está contigua ao fosso e aos muros da villa actual de Caminha (extremidade S.) que outr'ora se estendia pela encosta do monte de Santo Antão, comprehendendo tudo o que hoje é de Villarelho.

Mais claro: A villa de Caminha localisou-se na extremidade N. da freguezia de Villarelho, no pontal formado pelos rios Coura e Minho, roubando a Villarelho todo o chão *intra muros*.

Comprehende tambem Villarelho as povoações de Fonte da Villa, Olheiro, Pombal e *Portella*, já descripta no vol. 7.º pag. 248, col. 2.ª *in fine*.

Ha n'esta parochia boas quintas, taes são:

1.ª—*Vallindo.*

Pertence ao dr. João Xavier Torres e Silva, que a herdou de sua mãe, a qual a comprou aos herdeiros de José Antonio d'Azevedo.

Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Portella*, freguezia de Caminha. Vide.

2.ª—*De S. Roque.*

Foi do 2.º barão de S. Roque,—José de Oliveira Torres,—e é hoje do commendador Antonio Agostinho Coelho da Silva, recebedor d'esta comarca e provedor da Misericordia de Caminha.

3.ª—A que foi de Bento Thomaz, hoje de D. Claudina Cardoso.

---

[1] V. *Insua*, vol. 3.º pag. 397, col. 2.ª *in principio*.

4.ª—A de *Santo Antonio do Moniz*.

É pequena e assumiu o nome de uma imagem de Santo Antonio que tem sobre a porta da entrada, em um nicho,—imagem de pedra e muito querida do povo, que toma o santo como seu protector contra as molestias do gado suino e vaccum.

Esta quinta foi do dr. Gonçalo Xavier da Silva, distincto advogado e homem de grande erudição, natural da villa de Caminha e que muito a enobreceu, deputado as cortes de 1826 e escriptor publico.

Falleceu em 5 de novembro de 1843, perdendo Caminha o seu filho mais illustrado e a provincia um dos jurisconsultos mais distinctos.

Publicou em 1822 o *Elogio Historico* de Luiz do Rego Barreto, em um folheto de 67 paginas, mas escreveu muitas obras que não lograram ver a luz da publicidade,—umas porque ficaram incompletas,—outras porque depois da sua morte perderam algumas folhas.

Andava escrevendo um diccionario portuguez, que ficou nas lettras FRE.

Tambem viveu muitos annos n'esta freguezia de Villarelho, em uma casa e pequena quinta que fez junto do baluarte de S. Rodrigo e da cerca do convento das freiras de Santa Clara, o dr. Sebastião Luiz da Silva Faria, que foi talvez o 1.º jurisconsulto da provincia no seu tempo.

Falleceu em 1883.

—

Atravessam esta freguezia de S.O. a N.E. a estrada real a macadam n.º 4, de Villa Nova de Famalicão, por Vianna, a Caminha e Valença,—e a linha ferrea do Minho;—e de N.O. a S.E. a estrada districtal n.º 1 de Caminha á villa de Coura.

—

Freguezias limitrophes:—Venade a S.E.;—Azevedo a S.;—Christello a S.O.;—Caminha a N.—e alem do Coura, Seixas e Villar de Mouros.

Producções dominantes: — milho, trigo, centeio e vinho verde.

Tem muitas fontes d'excellente agua e bom clima.

A egreja parochial é pequena mas muito antiga e de uma só nave. Tem 3 altares:—o mór, onde está o Santissimo e a imagem da padroeira,—e 2 lateraes:—um da Senhora do Amparo,—outro do Immaculado Coração de Maria.

Ha tambem n'esta parochia as 5 capellas já mencionadas no artigo *Portella*, citado supra;—note-se porém que a de *Nossa Senhora da Graça* não é publica, mas particular;—pertence a Domingos José de Sousa;—está em uma pequena quinta—e tem porta para o caminho publico.

A de *S. Sebastião* tem festa annual, mas a festa mais apparatosa que hoje se faz n'esta freguezia é a da padroeira, no dia 8 de setembro, com procissão, musica, extraordinaria concorrencia de povo, leilão de fogaças, etc.

Além das capellas mencionadas no artigo Portella, tambem houve outra n'esta freguezia, dedicada á *Senhora da Bonança*. Estava na praia e foi demolida por fálta de meios, mas ainda se conserva e venera na egreja parochial a imagem da dita Senhora.

—

Esta fregrezia teve, mas já não tem, residencia nem passal.

Um filho d'esta freguezia legou para residencia dos parochos d'ella uma boa casa com quintal, impondo-lhes a obrigação de dizerem pela alma d'elle 12 missas annuaes; mas em 1834, quando tomou posse d'esta egreja o encommendado Manoel Martins, achou em tal atrazo o cumprimento d'aquelle legado, que o valor das casas e quintal não chegariam para satisfazer o grande numero de missas que os seus antecessores deixaram de celebrar. Celebrou-as elle todas, mas ficou considerando as casas e quintal como *propriedade sua* e assim passaram para os seus herdeiros. Foi uma perda sensivel para esta parochia, pelo que não mais houve presbytero que n'ella quizesse collar-se, pois, alem de ter uma pequena população, os seus habitantes são quasi todos pobres, porque a maior parte do seu terreno pertence a estranhos, nomeadamente aos habitantes de Caminha; e a Caminha terá em breve de annexar-se, como já por vezes se tentou, por ser parte integrante d'aquella

villa, como já dissemos, e não haver parocho, mesmo encommendado, que n'ella queira residir.

Muitos annos foi curada por presbyteros rezidentes em Caminha. O seu parocho actual reside na freguezia de Venáde.

—

Tem uma fabrica a vapor na estrada real de Vianna a Valença. É propriedade do sr. Manuel Lourenço Pereira de Magalhães—e presta grandes serviços a esta parochia e ás circumvisinhas, pois móe cereaes, serra madeira e prepara linho

No anno ultimo esteve parada algum tempo, porque rebentou a caldeira, matando infelizmente duas creanças, sendo uma d'ellas filha do proprio director da fabrica, o sr. João Lourenço Gavinho, irmão do proprietario d'ella.

—

Entre esta freguezia e a de Venade está o monte de Santo Antão, onde ha minas de ferro e d'outros metaes, que ainda não foram exploradas.

O dicto monte tomou o nome de uma antiquissima capella de Santo Antão que se erguia no ponto mais alto e da qual hoje apenas restam vestigios.

D'ali se gosa um panorama esplendido sobre Caminha e seus arrabaldes, dominando grande extensão do Atlantico, d'esta provincia e da Galliza, o forte da Insua, as margens do Coura e do Minho, etc.; mais vistoso porém è ainda o pincaro de Santa Tecla, que lhe fica defronte e *onde nós já estivemos*, na fóz do Minho, margem direita gallega, junto da villa da Guardia. D'ali se vê o sanctuario do Bom Jesus do Monte e o templo da Senhora do Sameiro.

Junto das ruinas da mencionada capella de Santo Antão se encontra uma *mamoa* com vestigios de uma *anta*—e a pequena distancia outra, no sitio denominado *Poço da Chã* ou *Cova do Armada*, como affirma o sr. dr. Sarmento, distincto archeologo da cidade de Guimarães, que já visitou o dicto monte.

—

Se a pequena povoação da *Portella*, hoje pertencente a esta freguezia, *já foi parochia independente*, [1] ha muito que se acha unida a esta de *Villarelho* e por isso cabe a esta freguezia tudo o que o meu bom antecessor disse no artigo *Portella*, já citado. *Vide*. Apenas deverão fazer-se as rectificações indicadas n'este artigo *Villarelho*, notando tambem que o pinhal do *Camarido* não está n'esta parochia, mas na de Christello, sua limitrophe, e na do Molledo;—é atravessado de S. O. a N. E. pela estrada real n.º 4 e pela linha ferrea;—foi semeado por D. Diniz;—pertenceu aos marquezes de Villa Real, duques de Caminha;—depois passou para a casa do infantado—e d'esta para a corôa.

V. *Camarido*, *Caminha* e *Portella*.

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARELHO DA RAIA, ou simplesmente *Villarelho*,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Thiago Apostolo;—fogos 210, habitantes 898, divididos pelas aldeias seguintes: — *Villarelho*, a séde, com 129, Villameã da Raia com 30,—Villarinho do Extremo com 36—e Cambedo (a parte portugueza) com 15.

Em 1706 era abbadia da mitra no termo e concelho de Chaves, comarca de Bragança,—e contava 66 fogos nas aldeias de Villarelho, Cambedo e Villarinho somente, pois Villameã era curato da mitra,—tinha como orago Santa Comba—e contava 40 fogos.

Em 1768 Villarelho, Cambedo e Villarinho eram da apresentação alternativa do papa e da mitra;—rendiam para o abbade 600$000 réis—e contavam 77 fogos,—emquanto que Santa Comba de Villameã era ao tempo vigairaria da apresentação da camara ecclesiastica de Braga;—rendia para o seu vigario 50$000 réis—e contava 41 fogos [2].

---

[1] Duvidamos, posto que assim o affirmou o meu benemerito antecessor, baseado não sabemos em que.

[2] Em 1884 Manuel Lopes Ferreira, d'esta povoação de *Villa Meã*, matou barbarammente sua mulher Delfina Affonso, mas foi preso e condemnado na pena de 25 annos de degredo em Africa.

O censo de 1864 deu ás 2 parochias, já unidas sob o titulo de Villarelho, 189 fogos e 772 habitantes;—o censo de 1878 deu-lhes 121 fogos e 966—e os apontamentos, que recebi e que julgo muito auctorisados, dão-lhe 210 fogos e 898 habitantes, como já dissemos.

—

Esta freguezia demora na raia, em terreno plano, na margem direita do rio Tamega, do qual dista a egreja matriz apenas 1 kilometro para O.;—10 da praça hespanhola de Monte Rei e da villa de Verim que lhe fica proxima, para S.;—11 de Chaves para N.;—84 de Villa Real de Traz-os-Montes;—111 da estação da Regoa, a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—215 do Porto, pela estação da Regoa, [1]—e 552 de Lisboa.

Confina com as freguezias de Outeiro Secco, Villela Secca e Ervededo, a S. e S.O.—Soutellinho a O.,—todas 4 portuguezas e d'este concelho de Chaves;—a N. com a de Oimbra e a E., alem do Tamega, com as de Mondim, Fezes de Bajo e Fezes de Arriba, todas 4 pertencentes ao bispado de Orense.

Producções dominantes:—centeio, trigo, feijão, chicharos, vinho, batatas, algum azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

Banham esta parochia 2 ribeiros:—um nasce no monte da *Forreça*, termo de Cambedo;—é abundante d'agua;—rega parte da veiga de Villarelho, onde fica toda a sua agua no verão, mas no inverno entra na Galliza a N.E. de Villarelho;—atravessa o termo de Rabal—e desagua no Tamega, junto da povoação d'aquelle nome, tendo em Portugal 3 pontões.

O outro ribeiro desagua tambem no Tamega.

Nasce este rio na Galliza, nas faldas da serra de Larouco, em uma fonte denominada *Tamega*, da qual tomou o nome;—banha a villa e a veiga de Verim, separando-as da encosta e praça de Monte Rei, que fazia *pendant* com a nossa praça de Chaves;—tem entre Verim e a dicta encosta uma ponte de pedra de 5 arcos na estrada nova a macadam de Zamora a Orense,—e entra em Portugal pela formosa veiga de Chaves, que é continuação da de Verim, banhando na veiga de Chaves as freguezias de Villarelho, Outeiro Secco e Chaves, na margem direita,—e na esquerda as freguezias de Lama d'Arcos, Faiões, Villar de Nantes e Samaiões, caminhando de norte a sul.

V. *Tamega.*

—

A povoação de *Villarelho*, por estar muito proxima da raia, soffreu sempre muito durante as porfiadas guerras entre Portugal e Hespanha, nomeadamente na guerra da restauração, que durou 27 annos!...

Por vezes foi saqueada e destruida pelos hespanhoes e em 1647 intentaram estes fazer aqui um *forte*, mas o governador d'esta provincia, Rodrigo de Figueiredo, oppoz-se e lhes frustrou o intento.

Foi sempre povoação aberta, mas em tempos muito remotos teve uma *atalaia*, que foi demolida já depois do meiado d'este seculo, para se fazerem, como fizeram, com a grossa cantaria d'ella os muros do cemiterio parochial.

No chão que occupou se vê hoje uma pyramide geodesica.

Tambem houve em tempos muito remotos uma fortalesa no sitio denominado o *Castello*. Foi demolida ha muito e ainda hoje se vê parte da sua cantaria no muro que véda uma propriedade proxima.

Tambem no termo de Cambedo, a 3 kilometros de distancia, se vê no cume do monte *Vamba* restos de muralhas antiquissimas, talvez do tempo dos mouros ou dos romanos.

Templos

1.º—*Egreja matriz* de Villarelho.

Foi reedificada em 1698, como prova a

---

[1] Logo que se construa a linha ferrea de Chaves pelo valle do Tamega, hoje em estudos, seguirá por esta linha, deixando a estação da Regoá, quando se dirija ao Porto; mas, logo que se construa a linha da Regoa a Villa Real e Chaves pelo valle do Corgo, hoje em estudos tambem, seguirá por esta ultima linha, quando se dirija para a Regoa, Lamego e Beira.

data, que se vê na parte exterior da parede, lado norte,—e já n'este seculo foi parcialmente reedificada tambem.

É um templo modesto, mas decente; tem altar-mór, onde está o padroeiro, e 2 lateraes:—um dedicado á Senhora de Guadalupe,—outro a Santo Antonio.

2.º—*Egreja de Santa Comba*, em Villameã e que foi a matriz d'esta parochia, hoje extincta.

3.º—*Capella de Santa Catharina*.

4.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves*.

Ambas são publicas e estão na aldeia de Villarelho,—a 1.ª a N. e a 2.ª a E.

5.º—*Capella de S. Gonçalo d'Amarante*, na aldeia de Cambêdo, cerca de 5 kilometros ao norte da matriz.

6.º—*Capella de S. Pedro Apostolo*, na aldeia de Villarinho.

Ambas são publicas e muito pobres.

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Rosario*, na mesma aldeia de Villarinho

8.º—*Capella de Sant'Anna*, em Villameã.

Estas 2 capellas estão mencionadas na *Chorographia Portugueza*, mas talvez já não existam, porque o meu benemerito informador não as menciona.

Ha tambem ao sul de Villarelho, na antiga estrada de Chaves, um nicho com a imagem de Jesus crucificado, que o povo denomina *Senhor das Almas*, venerando-o com muita devoção.

—

Da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe que hoje se vê na matriz, em um altar lateral, do lado da epistola, diz o *Santuario Marianno* (vol. 7.º pag. 429) em resumo o seguinte:

Em 1721 estava no altar-mór, tambem do lado da epistola;—era de vulto e madeira estofada;—tinha 4 palmos d'altura;—sustentava nos braços o Menino Deus—e era alvo de grande devoção dos povos circumvisinhos, tanto de Portugal, como da Galliza.

No anno de 1661, quando os hespanhoes saquearam esta povoação e incendiaram a matriz, um soldado gallego tomou a imagem da Senhora nos braços, a pretexto de salva-a do incendio,—fugiu com ella para a Galliza, e collocou-a na egreja da Senhora das Neves em Veiga de Lila; mas pouco tempo depois volveu para a egreja de Villarelho.

Tinha pomposa festa no primeiro domingo de maio.

—

Estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos e claramente desde a occupação romana, como arrabalde que eram da grande cidade *Aguae Flaviae*, hoje Chaves.

Datam d'esse tempo talvez a celebre *atalaia*, de que já fizemos menção, e um cippo quebrado que, segundo diz Argote nas suas *Memorias de Braga*, vol. 3.º pag. 270, se via na aldeia de Villarelho, com a inscripção seguinte:

C. Covne
Ancus
Fuscie clu
N. xl
La: : C iv
: : : : : : :
V. S. C.
xxx h. S. E.

Aqui jaz Caio Cneu Anco, filho de Fusco...

Na mesma povoação existiu na casa de Domingos Lopes Fuseiro outro cippo com esta inscripção:

I. O. M. ....
Voi soi
Mil. Lec
vii .... ge. f.
Julino e apr.

Parece que tracta de um soldado da legião 7.ª Gemina e de um Julino, cavalleiro da ala pretoriana.[1]

—

A freguezia de Santa Comba de Villameã foi extincta e annexada a esta de Villarelho em 1847, sendo seu ultimo parocho Luiz da Fonseca Andrade,—e parocho encommendado d'esta de Villarelho, então vaga, Fr. Antonio Botelho, de Villa Real.

A freguezia de *Villela Secca* esteve ou-

[1] Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 89, na traducção da Academia.

tr'ora tambem annexa á de Villarelho, e os parochos d'esta apresentavam os d'aquella, arbitrando-lhes congrua e recebendo os dizimos; tornou-se porem independente, ha muito.

Parte da povoação de *Cambedo* ficou pertencendo civilmente a Portugal e a esta freguezia de Villarelho pelo tractado internacional de 1864, mas obedecendo espiritualmente ao bispo de Orense, como obedece ainda hoje, com grave incommodo dos seus habitantes, pois o em.^mo sr. cardeal D. Americo esqueceu-se de mencionar aquelle grupo de habitantes portuguezes, quando em 1882 deu execução ás bullas pontificias para o arredondamento das nossas dioceses.

—

Tem esta freguezia boa casa de residencia parochial—e contou sempre parochos distinctos. Alguns foram commissarios do santo officio, escriptores publicos e visitadores.

Poderiamos dar uma lista d'elles desde 1620, pois vão até aquella data os livros do registro parochial, mas para não fatigarmos os leitores mencionaremos apenas um dos seus abbades mais distinctos:

Albito Buella

Nasceu na Galliza em 1791 e falleceu em 1862 n'esta parochia.

Era homem muito illustrado, doutor em philosophia e escriptor publico, dotado de grande talento e prodigiosa memoria.

Por causa das convulsões politicas do seu paiz, passou para Portugal e tomou activa parte nas nossas questões dynasticas de 1820 a 1834, seguindo as ideias absolutas, pelo que teve de emigrar para a Hespanha com a divisão do general Silveira em 1823, em seguida á revolução de Traz-os-Montes.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1020, col. 1.ª—e *Moncorvo* no supplemento a este diccionario.

Em 1830 foi-lhe dada a encommendação da egreja de Santa Marinha, de Lisboa, cujo prior jazia na Torre de S. Julião, onde falleceu.

Passado algum tempo foi provido na abbadia de S. Miguel de Rebordosa, concelho de Paredes, no bispado do Porto, da qual passou para esta de Villarelho em 1848 e n'ella foi parocho até 1862, data em que falleceu.

Foi acerrimo apologista do sr. D. Miguel, mas, depois que viu a causa d'elle morta, passou a defender *com egual acrimonia* a sr.ª D. Maria II?!...

Publicou a *Defesa de Portugal* em 1831 a 1833,—semanario politico e moral, 2 vol. 4.º—e ultimamente, quando já era liberal *in nomine*, collaborava no *Povo Legitimista*, jornal de Lisboa.

Uns e outros poderiam dizer-lhe:

Sic valeas, ut farina es!...

—

Succedeu-lhe o abbade Joaquim Esteves, natural de Serraquinhos, concelho de Montalegre.

Collou-se em outubro de 1874 e falleceu em junho de 1877.

É agora aqui parocho, e muito digno e considerado, o rev. sr. Rodrigo de Campos Sanches, natural d'esta mesma freguezia.

O rendimento d'esta egreja pode orçar-se em 300$000 réis, provenientes do pé d'altar, —primicias do vinho, centeio e trigo,—offertas de centeio—e 24$000 de derrama em dinheiro.

Tem alem d'isso boa residencia parochial.

N'esta freguezia não toca estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Chaves a Verim, que segue pela margem opposta, esquerda, do Tamega, a distancia de poucos kilometros,—estrada suavissima e toda tão plana que aborrece, como nos succedeu quando [a percorremos e visitámos Verim em setembro de 1883.

Ha n'esta freguezia aguas mineraes alcalino-gazosas, muito semelhantes ás de Verim, na Galliza, e ás de *Ben-Saude,* (no concelho de Villa Flor), *Vidago* e *Pedras Salgadas.*

Estas aguas de *Villarêlho* tambem se denominam *aguas de Verim* e brotam junto do sitio denominado *Campo Redondo,* a O. de Villarelho, a E. de Cambedo e a S. de S. Sibrão, na Galliza, distando approximadamente 1 kilometro de qualquer das mencionadas aldeias.

Estão mal aproveitadas;—jorram de uma fonte singela;—são *alcalino-gazosas—frias* —e a sua temperatura regula por 16 graus centigrados, sendo a da athmosphera de 11 graus, segundo se lê na descripção do sr. dr. Agostinho Vicente Lourenço. V. *Verim*, vol. X, pag. 306, col. 2.ª

—

De passagem diremos que as celebres aguas *alcalino-gazosas* do Verim gallego, destinadas para banho, brotam na veiga de Verim, cerca de 2 kilometros a N. da povoação,—e as destinadas para beber brotam a menos de 2 kilometros para E. da mesma povoação de Verim, no fundo de uma pequena quebrada.

As primeiras estão no mais completo e triste abandono, dentro de um pequeno recinto, vedado por um muro a esboroar-se, com uma porta desmantellada. O estabelecimento balnear (*credite posteri!*) reduz-se a 3 pequenos tanques de pedra descobertos e com o fundo cheio de lodo,—aos lados pequenas e immundas barracas de madeira com grandes fendas,—3 tinas de lata e 2 de pau!...

Completa o trem balnear uma panella de ferro, exposta ao ar livre, na qual se aquece a agua para os banhos de tina, que custam 2 a 3 *reales* (90 a 130 réis) mas já se pagaram a *pezeta* (180 réis) cada um.

Os de charco são gratuitos.

Em todo o immundo quinteiro e na sua circumferencia até grande distancia não se vê uma unica arvore. Parece que o sol derrete as pedras!

Não exageramos.

—

As aguas para beber estão em melhores condições.

Brotam de duas fontes na base de um obelisco a meio de um recinto circular, bem lageado de pedra e com assentos tambem de pedra em toda a circumferencia, achando-se ligado este recinto com a estrada real de Zamora por uma ampla e formosa avenida, de 300 metros talvez sobre 8 de largura, em linha recta e com suave declive, muito bem traçada e muito bem arborisada por 4 ordens d'arvores em toda a sua extensão, formando uma linda rua com 2 passeios lateraes, terminando no obelisco da fonte, que lhe serve de remate e se vê do alto da grande avenida, apenas se deixa a estrada de Zamora.

O obelisco termina em uma pyramide de 4 faces com 4 inscripções. A que defronta com a formosa avenida é muito lisongeira para Portugal, pois diz:

A ESPENSAS DEL GE
NERAL PORTUGUEZ, 1.º
CONDE D'AMARANTE [1].
ANO 1815.

A segunda diz:

RESTAURADA PELA
VILLA DE VERIM
ANO 1855.

A terceira:

TERMO COMMUNAL
DE ABEDES.

A quarta:

AGUAS ACIDULO-AL-
CALINAS ANALISADAS
POR EL DR. CASARES.
ANO DE 1854.

Em plano um pouco superior á fonte está uma casa para o engarrafamento—e do outro lado da quebrada um pequeno jardim e uma pequena alameda, tudo em abandono e cheio d'hervas!...

Desculpem-nos a digressão.

No dia 4 de julho de 1886 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada e por essa occasião uma faisca electrica matou duas mulheres.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Henrique da Silva Machado, dignissimo reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARELHOS, — freguezia do concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1019, col. 2.ª *in-fine* e seg.

Vigairaria. Orago S. Thomé;—fogos 111,—habitantes 490.

Em 1706 era da apresentação do dom abbade do convento cistersiense do Bouro;—pertencia ao termo e concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, diocese de Braga,—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o pobre vigario 8$600 réis, alem do pé d'altar,—e contava 78 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 412 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 107 fogos e 533 (!) habitantes.

Demora em sitio ardente no alto do grande valle da Villariça e na margem esquerda da ribeira d'este nome, da qual dista 2 kilometros para o nascente;—8 d'Alfandega da Fé para O.N.O.;—11 da margem esquerda do Tua e da linha ferrea d'este nome, para E.;—12 de Villa Flor para N.E.;—35 da villa do Mogadouro para O.;—50 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, pela linha do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—189 do Porto—e 526 de Lisboa.

—

Comprehende apenas 2 aldeias;—*Villarelhos*, a séde da paroehia,—e *Santa Justa*, parochia extincta, que em 1706 contava 25 fogos e era tambem da apresentação do dom abbade do mosteiro de Bouro.

Ha tambem n'esta parochia duas grandes quintas:—*Pae-voia* (?) pertencente a Camillo de Mendonça,—e *Olival d'El-Rei*, pertencente a Antonio Caetano d'Oliveira, de Moncorvo, um dos primeiros proprietarios d'este districto, dono das quintas da *Silveira* e do *Rego da Barca*, na Villariça, onde já tem colhido 500 pipas de vinho, etc.—e tambem possue uma grande casa na freguezia de Santa Comba, concelho de Villa Flor, e em Moncorvo.

Freguezias limitrophes:—Alfandega da Fé, Santa Comba, Villares e Pombal.

Producções dominantes:—azeite, vinho, trigo, milho, feijões, melões, hortaliça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

O seu azeite, como todo o d'este valle da Villariça, é do melhor de Portugal e tem esta parochia um olival soberbo, que é o melhor da Villariça. Denomina-se *Matta de Villarelhos* e comprehende cerca de 5:000 oliveiras compactas, pertencentes a diversos.

—

A egreja matriz é um templo singelo com 1 campanario e 2 sinos e um adro pequeno aberto.

Fazem-se ainda hoje dentro d'ella os enterramentos.

Ha n'esta freguezia tambem 3 capellas publicas e 1 particular;—esta pertence ao palacete brazonado que foi dos morgados de *Villarelhos* e é hoje de Camillo de Mendonça, da nobre casa dos *Mendonças* de Abreiros, por haver casado com uma filha natural e herdeira de parte da grande casa do ultimo morgado de Villarelhos, Francisco Antonio Pereira de Lemos, fallecido em 25 d'outubro de 1883 e que foi deputado ás côrtes, presidente da camara municipal d'este concelho, etc., cavalheiro muito tractavel e muito caritativo.

As outras capellas são:

Santa Justa (a velha matriz) na aldeia d'este nome.

Senhora das Annuncias (?) entre as povoações de Villarelhos e Santa Justa.

Santo Antão, no caminho do Pombal.

A *Chor. Port.* mencionou 4 capellas na freguezia de Villarelhos—e uma na de Santa Justa,—total 6 capellas, alem das 2 egrejas parochiaes.

—

Banham esta parochia a ribeira da Villariça—e um ribeiro que vem da freguezia do Pombal e deságua na Villariça.

Regam, mas não moem, nos limites d'esta freguezia.

Villarelhos, ecclesiasticamente, pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana;—administrativamente foi sempre do concelho d'Alfandega da Fé;—judicialmente pertenceu á comarca de Moncorvo, da qual passou para a de Chacim, e d'esta para a do Mogadouro.

Não tem estrada alguma a macadam.

Os edificios principaes d'esta parochia são:—a casa que foi de Francisco Antonio Pereira de Lemos e é hoje dos seus herdei-

ros, Camillo de Mendonça e Manuel da Costa Pessoa, irmão do 3.º conde de Vinhaes, Simão da Costa Pessoa Pinto Cardoso,[1]—e a que foi do morgado de *Rio Torto*, hoje dos seus herdeiros.

Ambas são brasonadas, mas a 2.ª está em ruinas.

Tem esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma feira annual, denominada de *S. Thomé*, no dia do padroeiro, 21 de dezembro.

O nome official d'esta parochia é *Villarelhos*, mas alguem a denominou já *Villarelho* e *Villarelha*.

—

No dia 23 de junho de 1885 pesou sobre este concelho, nomeadamente sobre esta freguezia e sobre a de Pombal, uma trovoada medonha, acompanhada de graniso, que destroçou os vinhedos e todos os renovos dos campos, causando prejuisos avaliados em muitos contos de réis.

VILLARES, ou *Villares de Murça*,—freguezia do concelho de Murça, comarca de Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora das Neves; —fogos 126,—habitantes 540.

Em 1768 era vigairaria da apresentação do reitor de Tres Minas;—contava 101 fogos —e rendia para o vigario 60$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 506 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 129 fogos e 485 habitantes.

Pertenceu ao concelho d'Alfarella de Jalles, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Murça.

Demora parte d'esta freguezia em alta campina e parte em agreste montanha, na margem direita do rio Tinhella (confluente do Tua) do qual dista 3 kilometros para O.; —7 de Murça para N. O.;—21 d'Alijó;—32 da estação do Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—159 do Porto—e 496 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villares*, séde da parochia,—Asnella e Fonte Fria.

Não tem quintas nem casaes dignos de menção.

Freguezias limitrophes:—Carvas, Fiolhoso, Alfarella e Jou. Esta ultima demora na margem esquerda do Tinhella.

Producções dominantes:—centeio, milho, batatas, castanhas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Tambem produziu algum vinho, mas a phylloxera destroçou completamente os seus vinhedos, como a maior parte dos d'esta provincia, principiando pelos do Douro, pelo que esta freguezia, que foi sempre pobre, mais pobre ficou.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e duas capellas publicas, que nada teem digno de especial menção.

Banham esta freguezia o Tinhella e 2 ribeiros que nascem nos montes d'Alfarella de Jalles e desaguam no Tinhella. Não movem moinhos, nem azenhas, nem fabricas. Simplesmente regam alguns campos.

Não tem estrada alguma a macadam. Os seus caminhos são os mesmos barrancos do tempo dos mouros.

Não tem edificios dignos de menção, nem cemiterio. Os enterramentos fazem-se ainda na egreja parochial.

É povoação muito antiga.

No sitio de Valbom, cerca de 3 kilometros a N. da matriz, no alto de um monte sobranceiro ao Tinhella, estão as ruinas de um castello antiquissimo, de cantaria lavrada,—e, a juzante d'aquellas ruinas, se vê junto do rio Tinhella o busto de uma mulher, esculpido em um grande penedo.

O clima é aspero e frio.

Terminaremos dizendo que esta parochia pertenceu á comarca de Villa Pouca d'Aguiar antes de passar para a de Alijó—e á diocese de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

VILLARES ou *Villares de Trancoso* e *Maçal da Ribeira*, freguezia do concelho e co-

[1] V. *Vinhaes*. O mencionado Manuel da Costa Pessoa casou com a ex.ma sr.ª D. Antonia de Vasconcellos Pereira de Lemos, sobrinha e herdeira principal do morgado de Villarelhos, Francisco Antonio Pereira de Lemos.

marca de Trancoso, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Graça; —fogos 116 na antiga parochia dos *Villares* e 42 na de *Maçal da Ribeira*, sua annexa,—total 158 fogos e 650 habitantes.

Em 1708 esta freguezia de Villares era um simples curato annexo á egreja de Santa Maria de Guimarães da Villa de Trancoso e da apresentação do respectivo abbade;—pertencia ao concelho de Trancoso, comarca ou corregedoria de Pinhel,—e contava 84 fogos, —emquanto que a parochia de *Maçal da Ribeira*, orago Nossa Senhora da Conceição, era na mesma data abbadia do padroado real,—pertencia ao mesmo concelho e comarca,—contava 30 fogos,—e eram ambas do bispado de Vizeu.

Em 1768 a freguezia de Villares era um curato da mesma apresentação e da mesma diocese;—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 80 fogos,—emquanto que *Maçal da Ribeira* era abbadia do padroado real e da mesma diocese de Vizeu;—rendia réis 150$000—e contava 34 fogos.

O censo de 1864 deu a *Villares* 110 fogos e 411 habitantes—e a *Maçal da Ribeira* 37 fogos e 128 habitantes;—o censo de 1878 deu ás duas parochias, já civilmente unidas, 155 fogos e 582 habitantes.

Ha muito que a freguezia de *Maçal da Ribeira* (V.) estava civilmente unida a esta de Villares e não v. v. como por lapso o meu antecessor disse, mas por decreto de 3 de fevereiro do corrente anno de 1886 ficou annexada e unida civil e ecclesiasticamente a esta de Villares, com a denominação commum de *Nossa Senhora da Graça de Villares*. Absorveu, pois, o *curato* de Villares a *abbadia* de Maçal da Ribeira.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villares*, séde do antigo curato e da abbadia actual, Broca e *Maçal da Ribeira*, abbadia extincta.

Freguezias limitrophes:—Maçal do Chão (concelho de Celorico da Beira) Villa Franca das Naves e Carnicães do concelho de Trancoso, Bouça, Cova e Serejo, do concelho de Pinhel.

Producções dominantes:—vinho bom de mesa ou de pasto, azeite, centeio, milho, feijões, batatas, castanhas e lã, pois tambem cria gado lanigero.

Esta parochia pertencia ao bispado de Vizeu;—em 1770, data da creação do bispado de Pinhel, ficou pertencendo a este bispado, —e em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, que extinguiu o bispado de Pinhel, passou para o da Guarda.

Demora esta freguezia na margem esquerda da Ribeira de *Maçoeime*, confluente do Côa, da qual dista 1 kilometro a egreja de Villares para O.S.O.;—2 da estação de Villa Franca das Naves (a mais proxima) na linha da Beira Alta;—10 e Trancoso para S. E.;—25 da Guarda pela estrada a macadam e 32 pela linha ferrea;—239 do Porto —e 363 de Lisboa pelas linhas da Beira Alta e do Norte.

Estas distancias devem variar logo que se construa a linha ferrea projectada e em estudos, tendente a ligar a linha da Beira Alta com a do Douro e a estação de Villa Franca das Naves com a da Regoa, pelas proximidades de Lamego, Moimenta da Beira e Trancoso.

—

Tem esta freguezia duas egrejas:—a matriz de Nossa Senhora da Graça, templo espaçoso, bem tractado e um dos melhores d'este concelho;—a de Nossa Senhora da Conceição, extincta matriz de Maçal da Ribeira,—e uma capella publica de Nossa Senhora da Graça.

Banham esta parochia a ribeira de Maçoeime e alguns pequenos regatos que desaguam na mencionada ribeira;—e atravessam esta freguezia a linha da Beira e a estrada a macadam em construcção de Trancoso á Barca d'Alva.

Tem esta parochia uma azenha para moer azeitona—e uma eira para malhar e seccar o pão,—eira notavel, por ser muito espaçosa e tanto que n'ella se malha o pão de toda a freguezia,—e por ser formada de uma só pedra,—um penedo immenso com a superficie plana e optima exposição.

Está junto da aldeia de Villares e vê-se perfeitamente, como nós já a vimos, da linha

ferrea, que passa a menos de 1 kilometro de distancia.

Ergue-se a N. d'esta freguezia a serra da *Broca*. Nada tem digno de menção.

Ha finalmente n'esta parochia uma nascente d'aguas sulfureas frescas, de que os povos da circumvisinhança fazem uso para tractamento do rheumatismo e de molestias cutaneas.

Foi natural d'esta parochia Fr. Domingos de Santa Maria, religioso agostinho descalço (grillo) de muita illustração e virtude.

Professou no convento de Monsaraz no dia 17 de junho de 1677.

No mesmo anno professaram na dicta ordem 23 religiosos.

—

O dia 29 de junho de 1885 foi um dia de regozijo para os habitantes d'esta parochia, porque, andando em visita á sua diocese o sr. D. Thomaz, bispo da Guarda, e tendo vizitado nos dias 21 e seguintes as restantes freguezias do arcyprestado d'Alverca, no mencionado dia 29 vizitou pessoalmente esta de Villares, que pertenceu ao dito arcyprestado.

Aqui, como em todas as outras freguezias que acabava de visitar, foi pomposamente recebido com musica, foguetes e flores;—jantou com a sua comitiva na casa do rev. abbade Francisco Ferreira d'Albuquerque; por essa occasião brindou ao clero d'este arcyprestado, agradecendo as demonstrações de consideração e estima com que tanto o confundira,—e seguiu para Trancoso, onde chegou pelas 9 horas da noite do mesmo dia, sendo esperado a distancia por muitos cavalheiros e habitantes da villa, que o acompanharam com uma philarmonica.

Toda a villa estava illuminada e subiram ao ar muitas girandolas de foguetes.

No dia seguinte fez a sua entrada solemne e deu principio á vizita d'aquelle arcyprestado.

V. *Trancoso* n'este diccionario e no supplemento.

VILLARES—ou *Villares da Villariça*,—freguezia do concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes. Reitoria. Orago Santa Catharina;—fogos 130,—habitantes 560.

O censo de 1864 deu-lhe 120 fogos e 540 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 128 fogos e 550 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villar de Baixo*, séde da freguezia, com 60 fogos;—*Villar de Cima* com 40, em plano um pouco superior, distando de Villar de Baixo cerca de 400 metros,—e *Colmeaes*, com 30 fogos, distando da matriz cerca de 3 kilometros de caminho pessimo, pelo que as pessoas que ali fallecem são ali mesmo sepultadas na capella de S. Lourenço, antiga matriz d'esta aldeia, que foi outr'ora curato e ainda hoje se chama *annexa*.

V. *Colmêas*.

Villar de Cima em 1706 contava 10 fogos, 2 capellas e 2 fontes e, segundo se lê na *Chor. Port.* parece que tambem foi curato da apresentação do abbade da villa d'Alfandega da Fé.

Villar de Baixo n'aquelle tempo contava 46 fogos;—tinha uma egreja parochial, 2 ermidas e 5 fontes—e era da apresentação do mosteiro cysterciense de Bouro.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, parece que Villar de Cima, Villar de Baixo e talvez a aldeia de Colmeaes já constituiam esta freguezia, ali denominada *Villares*, bispado de Miranda, mas tinha como orago S. Bartholomeu apostolo;—era da apresentação do reitor de Ala;—o seu cura tinha 6$000 réis de congrua, alem do rendimento do pé d'altar,—e contava 188 fogos apenas!...

—

Segundo se lê no *Mappa Estatistico* de 1840,—na *Chorographia Moderna*, vol. 1.º publicado em 1874,—e na *Estatistica Parochial* (collecção dos relatorios dos parochos, existente na secretaria da justiça e que se refere a junho de 1862)—esta freguezia denominava-se *Villar de Baixo* e tinha como orago S. Bartholomeu, mas depois que se lhe annexou o *Villar de Cima*, tomou das duas povoações de Villar o titulo de *Villares* e substituiu o seu antigo orago, S. Bartholomeu, por *Santa Catharina*. Isto não se harmonisa muito bem com o que se

lê no *Portugal S. e Profano,* que já em 1768 lhe deu o titulo de *Villares,* tendo ainda então como orago *S. Bartholomeu.* Talvez que ainda n'aquella data não comprehendesse os 2 *Villares* e *Colmeaes,* porque a sua população total era de 18 fogos apenas; mas o *Port. S. e Profano* tambem não menciona aquellas 2 povoações como parochias independentes.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

—

Demora esta freguezia em terreno alto, vistoso, alegre e saudavel no cimo do valle da Villariça, nas faldas da serra de Bornes ou da Burga, precisamente na estrada de Mirandella para Alfandega da Fé, entre a ribeira da *Burga,* que nasce na freguezia d'este nome e banha a dos Villares pelo nascente,—e ribeira de *Villar* que a banha pelo poente,—as quaes a distancia de 2 kilometros de Villar de Baixo se unem e formam a ribeira de Santa Comba, principio da grande ribeira da Villariça, confluente do Sabor.

O *Villar de Baixo,* que não se encontra nos meus mappas, dista 10 kilometros d'Alfandega da Fé, para O. N. O.;—12 da estação de Villa Flor na linha ferrea do Tua, prestes a abrir-se á circulação, para E.;—15 de Villa Flor para N. E.;—35 do Mogadouro para O. N. O.;—45 da estação do Tua na linha ferrea do Douro;—184 do Porto—e 521 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes: — Santa Comba, Villarelhos e Pombal.

Producções dominantes: — azeite, vinho, trigo, amendoas, optimas laranjas, hortaliça e lã, pois tambem cria gado lanigero.

O seu vinho era excellente como vinho de pasto, mas hoje está reduzido a zero, porque a invasão phylloxerica destroçou os seus vinhedos.

Tambem produz muita cortiça, porque abunda em sovereiros e pinheiros. Só um pinhal pertencente ao visconde de Paradinha vale mais de 30 contos de réis!...

Em *Villar de Baixo* tem 2 fontes d'arco de pedra,—ambas com muita agua potavel — e uma d'ellas com tanque e lavadouro. Segundo se lê algures, os habitantes d'esta povoação teem os dentes negros e podres com a malefica influencia da agua da fonte denominada *Fontareja,* que abastece a maior parte do povoado.

Clima saudavel [1]. Não ha memoria de entrar aqui epidemia alguma. Contrasta n'este ponto com a baixa da ribeira da Villariça, onde, como logo diremos, tremem sesões os gatos, as gallinhas e os cães!...

O aspecto dos Villares é lindissimo, por ter boa exposição e bons edificios, quasi todos caiados, avultando entre elles a casa que foi do capitão-mór d'Alfandega da Fé, Manuel Joaquim de Sousa Pimentel,—a dos herdeiros de Manuel Caetano Reymão—e a de José Saraiva, de Almendra.

Todas 3 são brasonadas.

—

A povoação de *Villares* (Villar de Baixo) nunca foi murada nem teve as honras de villa, mas abundou sempre em nobresa e familias importantes de appellidos Botelho, Reymão, Sousa, Miranda, etc.

Tambem consta que no Villar de Cima houve 6 casas nobilissimas de *cavalleiros de espora dourada!...* Assim o affirma ainda hoje a tradição local.

É certo que outr'ora se viveu esplendidamente aqui. Os *Villares* eram uma côrte na aldeia,—o *rendez-vous* da nobreza circumvisinha.

A egreja parochial é um bom templo com altar-mór e dois lateraes, alem da capella do Senhor da Cruz, unida á egreja, e com porta interior para ella.

A egreja está muito limpa e muito bem conservada, porque foi ha pouco tempo soalhada de novo a madeira e cantaria, e restaurada com um importante legado que lhe deixou o vigario *Carriço,* de Villar de Baixo.

Alem da capella do *Senhor da Cruz,* ha n'esta povoação, e já no caminho de Santa Comba, uma capella de S. João Baptista com galilé,—e houve outra com a invocação de *S. Roque,* mas pelo meado d'este seculo a

[1] Assim o diz o meu informador, mas segundo se lê algures, tambem aqui não faltam sezões!...

familia Miranda, hoje representada pelo visconde de Paradinha e que tem aqui um grande casal, demoliu-a, ou fez com que alguem a demolisse, e incorporou o seu chão na quinta que aqui possue.

Ha tambem no Villar de Cima 2 capellas: —uma de *Santa Martha*, no centro da povoação,—outra da *Senhora do Soccorro*, em um alto a montante da dicta villa. Está muito bem tractada e pintada de novo—e tem luzida festa com romagem no mez de setembro.

Ha tambem na povoação dos *Colmeaes* a capella de S. Lourenço,—e em Villar de Baixo um grande cruzeiro de pedra na *estrada-rua* denominada do *Cruzeiro* é que é a melhor da povoação.

—

Esta freguezia pertenceu á grande comarca de Moncorvo, da qual passou para a de Mirandella e d'esta para a do Mogadouro.

Tem residencia, mas não tem cemiterio. Os enterramentos ainda hoje se fazem na matriz.

Ha no termo d'esta parochia varias minas registradas—e uma de galena (?) e outros metaes em via de exploração.

As trovoadas aqui não costumam causar damno, mas no inverno as chuvas, por ser o terreno declivoso, trivialmente fazem trasbordar os 2 ribeiros já mencionados e causam prejuizos.

Nenhum d'aquelles ribeiros tem pontes, mas em um d'elles ha moinhos que moem no inverno.

Esta freguezia não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!...

Com vista aos illustres vereadores d'Alfandega da Fé.

Ao meu bom amigo e collega, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, ajudando-me á sair do labyrintho.

Mal imaginam os leitores o trabalho que este pequeno artigo nos deu!...

VILLARES, — ribeira de Traz-os-Montes, confluente do Tuella.

Nasce na serra de Nogueira, da parte N. O.;—caminha para S. O. até passar ao poente da freguezia de Murçós, concelho de Macedo de Cavalleiros;—muda depois a direcção para O. S. O.;—passa a N. da freguezia d'Arcas, do mesmo concelho de Macedo de Cavalleiros;—segue depois na direcção O.;—passa ao sul da villa da Torre de D. Chama—e desagua na margem esquerda do rio Tuella, uma das nascentes do Tua, cerca de 3 kilometros a S. O. da Torre de D. Chama.

O seu curso é approximadamente de 30 kilometros, durante os quaes recebe como tributarios differentes ribeiros.

Rega, moe e abunda em peixe miudo.

VILLARIÇA,—freguezia extincta no concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Cyriaco;—fogos 30,—habitantes 128.

Em 1706 denominava-se *Villarisca* e era um curato da apresentação do marquez de Tavora no termo e concelho da villa de Penas Roias, comarca (corregedoria e provedoria) de Miranda.

Em 1768 era curato da apresentação do prior do Mogadouro;—rendia para o pobre cura apenas 8$000 rèis, alem do pé d'altar, e contava 21 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense* ainda era uma freguezia autonoma e contava 70 habitantes (?); mais tarde, porem, foi extincta e annexa á freguezia de Variz, da qual é hoje uma simples aldeia.

Demorava e demora na estrada que das villas de Moncorvo e Mogadouro conduz a Miranda,—e dista cerca de 2 kilometros de Variz para N.O.;—10 do Mogadouro para E. N. E.; — 10 da villa da Bemposta, para N. O.—e 30 de Miranda do Douro para S. O.

—

Está em terreno alto e agreste ao sul e nas faldas da *Serra da Ascenção*, na linha divisoria das bacias hydrographicas do Douro e do Sabor, distando da margem esquerda d'este rio cerca de 15 kilometros para E. — e approximadamente outros 15 da margem direita do Douro para O. A *Serra da*

Ascenção é uma das mais altas d'esta provincia e tem no seu viso uma capella de *Nossa Senhora da Ascenção*, nome dado á padroeira por ter os olhos fitos no ceu, como que presumindo a Ascenção do Unigenito.

Tem festa e romagem no dia da Ascenção do Senhor e foi a dicta capella mandada fazer pelos marquezes de Tavora, quando viviam no Mogadouro.

Esta povoação ainda conserva a sua velha matriz, que é um templo regular,—e á sahida para Sanhoane e Castanheira se vêem as ruinas de uma antiquissima capella.

A casa da residencia era boa, mas está tambem arruinada.

Ainda conserva uma horta e um lameiro, que formavam o antigo passal.

Abunda esta parochia em excellente agua potavel, muito digestiva, por atravessar talvez jazigos de ferro, mas não ha por estes sitios mina alguma em exploração, nem simplesmente registrada.

Esta povoação já esteve algum tempo annexa á freguezia de *Penas Roias*.

Producções dominantes:—centeio, milho, trigo, batatas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero, muar e vaccum da raça *mirandesa*.

Cerca de 3 kilometros a S. O. se vê uma pyramide geodesica na altitude de 971 metros sobre o nivel do mar. D'ali se descobre um vasto horisonte e muitas terras de Portugal e da Hespanha, alem do Douro.

Deve passar n'esta aldeia da *Villariça* a estrada real a macadam n.° 9, de Celorico da Beira a Miranda, mas, infelizmente, tendo sido decretada e estudada ha muito, até hoje (1886) apenas tem 2 kilometros construidos á entrada de Miranda, na secção d'este malfadado districto de Bragança, emquanto que na secção da Beira está quasi toda construida.

V. *Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 830 col. 1.ª—e *Villa Real de Traz os Montes* no mesmo vol. pag. 1:016.

De passagem diremos que outr'ora se escreveu *Vallariça, Vellariça, Villarisca* e *Villarica;* ha muito porem que prevaleceu o nome de *Villariça*.

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. José Bernardo de Moraes Callado, filho da proxima villa da Bemposta e prior actual de Miranda do Douro, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARIÇA ou *Santa Cruz da Villariça*,—freguezia e villa extinctas na confluencia do rio Sabor com a ribeira da Villariça, concelho e comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança.

V. *Moncorvo*, vol. V, pag. 382, col. 2.ª,—*Sabor,—Santa Cruz da Villariça,—Val de Villariça*, vol. XI, pag. 93, col. 1.ª—e *Pedroso*, vol. VI., pag. 544, col. 1.ª. *in principio*.

VILLARIÇA,—ribeira, confluente do Sabor.

Nasce na serra de Bornes ou de *Monte-Mel*;—passa entre Villa Flor, que lhe fica á direita, e Alfandega da Fé á esquerda;—banha estes dois concelhos e parte do de Moncorvo,—e desagua no Sabor cerca de 3 kilometros a montante da confluencia d'este rio com o Douro.

Tem 25 a 30 kilometros de curso;—recebe durante elle muitos regatos nos concelhos d'Alfandega da Fé e Villa Flor;—rega e moe;—tem uma grande ponte de pedra, denominada da *Junqueira*, um pouco a juzante da povoação e freguezia d'este nome, na estrada real a macadam n.° 38, de Chaves a Moncorvo por Mirandella e Villa Flor;—e, unida ao Sabor, forma com os seus gordos nateiros e com os do Sabor e do Douro a fertilissima veiga da Villariça.

V. *Sabor* e *Val de Villariça*.

—

Brota da fenda de um enorme rochedo que está junto da povoação e freguezia da *Burga*, concelho de Macedo de Cavalleiros, e em tanta abundancia que logo ali na sua origem faz mover um moinho, tanto de verão como de inverno;—os regatos principaes que recebe são:—os de *Laça, Val da Cal* e *Ribeiro Grande*.

Com os temporaes no inverno e com as trovoadas no verão, esta ribeira da Villariça trasborda e causa grandes prejuisos, nomeadamente quando as *canameiras* do *Boêdo* estão cheias de renovos, como succedeu em 12 de maio de 1885.

Uma medonha trovoada formou tão grossa

torrente que fez tremer a ponte da Junqueira e levou parte do muro e aterro da avenida O.[1] causando em todo este valle e no *Boêdo* prejuizos avaliados em muitos contos de réis; maiores porem foram ainda os prejuisos causados pela trovoada que no dia 7 de julho do corrente anno de 1886 pesou sobre este valle da Villariça, nomeadamente sobre o concelho de Villa Flor,—prejuizos superiores a 100 contos de réis! ?...

V. *Villas Boas.*

Fecharemos este topico dizendo que a ribeira da Villariça no verão costuma seccar. Fica redusida apenas a alguns poços.

VILLARIÇA,—*veiga* e *valle* nos concelhos de Moncorvo, Alfandega da Fé e Villa Flor, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

O valle

Comprehende toda a bacia hydrographica da ribeira da Villariça;—tem 25 a 30 kilometros de comprimento de N. a S.;—10 a 15 de largura de E. a O.—e muitas povoações, taes são:—Villar de Cima, Villar de Baixo, Santa Comba (povoação grande e rica) Assares, Lodões, Sampaio (antigo solar dos condes d'este titulo) Nabo (povoação importante e rica tambem) Horta, Cabanas de Cima, Cabanas de Baixo e Foz, na foz do Sabor e na margem direita d'este rio e do Douro, sendo estas ultimas povoações pertencentes á freguezia de *Cabeça Boa*, um pouco distante do valle para O, e pertencente ao concelho de Moncorvo, bem como a da Horta.

Demoram todas estas povoações na margem direita do valle e da ribeira da Villariça. As da margem esquerda são:—Burga, freguezia do concelho de Macedo de Cavalleiros,—Colmeaes e Villarelhos, do concelho d'Alfandega da Fé,—Junqueira, do concelho de Moncorvo,—e Rego da Barca (na foz e margem esquerda do Sabor) aldeia pertencente á villa de Moncorvo.

—

Todo este valle é ardentissimo no verão, por estar abrigado a N.—E.—e O.—e voltado para S., recebendo de chapa os raios do sol que o transformam em uma caldeira ou fornalha candente, onde tremem sesões os gatos, as gallinhas e os cães, derrete-se a solda das vasilhas de lata, destemperam-se os instrumentos de córte e estalam as pedras com o calor, como succede no verão em toda a margem direita do Alto Douro, nos terrenos que antes da invasão phylloxerica produziam o vinho mais generoso do mundo!

V. *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão.*

E n'este valle da Villariça, que é bastante ingreme, o calor sobe de ponto ao passo que o terreno desce, tornando-se verdadeiramente insupportavel na veiga ou no *Boêdo*,—nos *Barraes* ou nas extremidades da veiga,—e nas faldas da encosta, nomeadamente na povoação da Junqueira, onde, segundo diz a tradição, houve um templo gentilico dedicado ao sol.

Era naturalissimo que os habitantes da dicta povoação fizessem preces ao sol, porque está no centro da caldeira, em um dos pontos mais baixos da encosta, e ali e d'ali até ao Douro o sol é fogo no verão!...

—

Na mencionada freguezia da Junqueira, a pouco mais de 1 kilometro da avenida esquerda da ponte do seu nome, brotam as excellentes aguas alcalino-gazosas de *Bem-Saude* (Bensaude) na quinta assim denominada, pertencente ao sr. José Manuel Teixeira Malheiro, proprietario e pharmaceutico de Villa Flor.[1]

São congeneres das de Vidago e Pedras

---

[1] Esta ponte era estreita e muito antiga, mas foi alargada e aproveitada para a passagem da nova estrada a macadam de Villa Flor a Moncorvo, bem como a do Sabor, que foi alteada, pois o Douro a cobria nas grandes cheias, como succedeu em 1860.

Tem a ponte da Junqueira 80m,50 de comprimento e dista de Villa Flor 13 kilometros;—a do Sabor tem 7 arcos e 148m,51 de comprimento;—dista de Moncorvo 8 kilometros; 7 da ponte da Junqueira e 3 da margem direita do Douro na *estiagem*, pois nas grandes cheias o Douro cobre os olhaes d'esta ponte.

[1] V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 734, col. 2.ª

Salgadas, Verim portuguez, Verim gallego. (V. *Verim,—Villarelho da Raia*—e *Souzas*) mas não estão ainda exploradas e aproveitadas convenientemente, posto que já foram analysadas em 1880 por Joaquim dos Santos Silva, chefe dos trabalhos praticos no laborotorio chimico da Universidade de Coimbra, socio do *Instituto* da mesma cidade e da *Sociedade Chimica de Berlim*, etc.

Pode ver-se a dicta analyse em folheto de 34 paginas que o sr. Teixeira Malheiro fez publicar em Coimbra no anno de 1880, sob o titulo *Aguas Alcalino-Gazosas de Bem-Saude.*

—

Estas aguas teem deante de si um auspicioso futuro, porque são maravilhosas para o tractamento de muitas enfermidades e distam apenas 12 a 14 kilometros para N. O. da estação do *Pocinho*, na linha ferrea do Douro,—estação que deve abrir-se ao publico ainda n'este anno de 1886 e que vae tornar as dictas aguas muito accessiveis aos portuguezes—*e aos hespanhoes*,—pois a linha ferrea do Douro está prestes a abrir-se á circulação até Salamanca.

V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 475, col. 1.ª—e 478, col. 2.ª

E note-se que dos 12 a 14 kilometros do *Pocinho* até ás aguas de *Bensaude* 7 já estão construidos desde a ponte da Junqueira até á do Sabor,—e os restantes são em planicie,—faceis de construir—e devem ser construidos em praso breve para servidão da villa de Moncorvo,—das muitas povoações do valle da Villariça—e da fertilissima e riquissima veiga d'este nome.

Ainda o valle da Villariça

Divide-se em 3 secções:—*encostas, veiga* e *Barraes*.

Encostas

São aridas, schistosas, de terreno pouco fundo, mas fertil as encostas d'este valle.

Produzem muito azeite delicioso, do melhor do nosso paiz, alguns cereaes e excellente fructa, nomeadamente melões e melancias.

Só na freguezia de *Villarelhos*, concelho d'Alfandega da Fé (V.) tem um olival compacto de mais 5:000 oliveiras!...

Tambem produzia muito vinho de mesa magnifico. Foi esta a sua producção principal, mas infelizmente a phylloxera destroçou os seus vinhedos.

No alto da encosta e no cimo do valle, entre Alfandega da Fé e Macedo de Cavalleiros, o terreno é mais arejado, mais fresco, mimoso, fertil e saudavel e tem grandes mattas de pinheiros e sovereiros, principalmente na parochia dos *Villares*. Vide.

Boêdo ou *Canameira* e *Barraes*

Denomina-se *Boêdo* a veiga que forma a parte funda, plana e mais baixa do grande valle da Villariça na sua extremidade sul, desde a margem do Douro ou da foz do Sabor, até á confluencia d'este rio com a ribeira da Villariça.

Tem esta parte da formosa veiga cerca de 3 kilometros d'extensão;—300 a 400 metros de largura—e tambem se denomina *Canameira*, porque desde tempos muito remotos produz linho canamo em prodigiosa quantidade. Denomina-se *Barraes* a orla ou *barra* do *Boêdo* ou da *Canameira*.

Devem ter os *Barraes* approximadamente o mesmo comprimento e largura do *Boêdo* e formam a extremidade N. da grande veiga.

—

Os *Barraes* são fertilissimos, mas o *Boêdo* é muito mais fertil ainda!

Tanto os *Barraes* como o *Boêdo* são formados pelos nateiros que ali teem depositado o Douro, a Villariça e o Sabor nas enchentes, mas o *Boêdo* é todos os annos coberto e adubado pelas cheias, emquanto que os *Barraes* só nas grandes enchentes são cobertos—e em parte sómente, desde 1792, ou depois que se cortou e arrancou a grande penedia do *Cachão da Valleira*,—córte de 20 metros d'altura talvez (?!...) e que muito prejudicou os *Barraes*, pois aquella penedia, embora distante cerca de 20 kilometros, represava nas enchentes a agoa do Douro até aqui—e o Douro cobria e beneficiava maior extensão dos *Barraes* do que

hoje;—e por ter então aqui muito maior altura, depositava mais nateiros na parte que ainda cobre.

—

Os Barraes hoje produzem muito vinho bom de mesa, chegando o milheiro de vides baixas a dar 5 pipas de 550 litros cada uma, como succede na quinta da Silveira, de que logo fallaremos,—quinta de poucos hectares e que já tem produzido 300 pipas de vinho.

Produzem os *Barraes* tambem trigo, milho, azeite, feijões chicharos, melões, melancias e canamo.

Para se formar ideia da sua fertilidade, note-se que um alqueire de trigo de semeadura dá 30 a 40—e um alqueire de chicharos dá (termo medio) 100!?...

O Boêdo não tem arvores. Produz só milho, canamo, chicharos, meloal e hortaliça, mas é *sem contestação* o terreno mais fertil de todo o nosso paiz—e difficilmente se encontrará nos paizes estrangeiros terreno que em fertilidade rivalise com este.

É incomparavelmente mais fertil do que as formosas margens do Lima e do Mondego, do Liz e do Vouga,—supplanta as decantadas lezirias do Tejo e do Sado,—os campos da Jagunda e do Fundão, na Beira Baixa,—os de Lamego e de Viseu, na Beira Alta,—as *Hortas* d'Elvas, Evora, Beja, Borba e Villa Viçosa, no Alemtejo,—os feracissimos campos da Lagôa e da Quarteira no Algarve,—e as mimosas e fertilissimas ribeiras dos Fornos e da Rêde, do Mourão e de Jugueiros nas margens do Douro.

—

A veiga da Villariça, nomeadamente o *Boêdo* e as suas *canameiras*, recordam a *Terra da Promissão*!

Em 1878, Antonio Pedrano, de Moncorvo, semeou no *Boêdo* 10 alqueires de milho e colheu *mil e duzentos*;—e em 1861 o sr. Margarido Senior, tambem de Moncorvo, semeou 14 alqueires e colheu *dous mil e quatrocentos?!*...

Antes do rompimento do *Cachão da Valleira*, um official de cavallaria, natural de Moncorvo, apresentou em Lisboa um pé de milho do *Boêdo* com 20 espigas,—e muito posteriormente foi d'ali para Coimbra outro pé de milho com 24 espigas. E note-se que ali as espigas costumam ser enormes.

É trivial *um grão só* dar 3 a 4 camas—e cada uma d'ellas 4 a 6 espigas.

Os melões e melancias são saborosissimos. Semeiam-nos e cultivam-nos como o milho, o canano e os chicharos, sem regas, adubo, nem cuidados alguns;—a producção é igualmente espantosa—e não raro ali se encontram melancias pesando 20 kilos, cada uma,—e melões com o peso de 10 a 15 kilos?!...

Sendo o terreno deserto e *até hoje* muito afastado dos grandes centros de consumo, ha ali arrendatario que apura mais de reis 600:000 só em melões e melancias.

O canamo, tambem cultivado sem regas, nem adubo, nem cuidado algum, costuma attingir a altura de 2 metros a 2 e meio?!..

—

Grande parte do *Boêdo* é da confraria do Santissimo de Moncorvo. Costuma arrendar-se ali a vara quadrada de terreno por 2:500 a 3:500 réis. E note-se que o dito chão é só fabricado e aproveitado no estio, porque no inverno está coberto d'agua quasi sempre.

O visconde dos Marmeleiros, de Moncorvo, tem ali uma courella com pouco mais de 100 metros de comprimento e 500 a 60 de largura,—e costuma arrendal-a por 100 libras, ou 450$000 réis?!...

Do exposto se vê que é fertilissima e riquissima esta veiga da Villariça e deve augmentar de valor logo que se abra á circulação a linha ferrea do Douro até á estação do *Pocinho*, cerca de 3 kilometros a montante da foz do Sabor, o que muito deve facilitar a conducção de todos os seus generos e dos seus *afamados melões e melancias* para o Porto,—fructo que até hoje ali mal se conhece, porque o Douro na estiagem se torna quasi microscopico e innavegavel do Pinhão para cima.

Quintas

As principaes d'este valle da Villariça são as seguintes:

A' direita:

Castellares, de João Pedro Miller, de Villa Flor.

A sua producção principal é azeite.

Valle de Espinho, de Eduardo Ferreira de Moncorvo.

Producção principal—azeite.

Athaide, de João Ferreira de Figueiredo, de Villa Flor.

Producção principal—azeite. [1]

Carrascal, de João Pedro Miller, de Villa Flor.

Producções principaes:—vinho e azeite.

Esta quinta foi dos condes de Sampaio e é a maior e melhor de todo este valle. Até o povo d'estes sitios canta:

> Das cidades é o Porto;
> Das villas Villa Real;
> Das aldeias Santa Comba;
> Das quintas o *Carrascal*.

E' um predio soberbo!

Carvalhal, de João Monteiro, da freguezia de Urros, concelho de Moncorvo.

Producção principal:—vinho.

A' esquerda do valle:

Tarrincha, de José Caetano de Campos, de Villa Nova de Foscóa.

Silveira,—ja mencionada, pertencente ao sr. Antonio Caetano d'Oliveira, de Moncorvo, um dos maiores proprietarios do districto de Bragança.

Rego da Barca,—junto da povoação d'este nome, na confluencia do Sabor com o Douro.

Pertence tambem ao sr. Antonio Caetano d'Oliveira.

A producção principal d'estas ultimas quintas é vinho. A 1.ª costuma produzir 300 pipas, e a 2.ª 200.

—

Muito mais poderiamos dizer da veiga, do valle e da extincta e antiquissima povoação da *Villariça*, mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, além dos artigos indicados supra, veja-se no *Elucidario* de Viterbo:—*Apelido, Baralar, Cabadura, Cavalleiro, Cruz* (pag. 235, col. 1.ª *in fine*, da 2.ª edição) *Fiadura, Firma, Maninhadego, Omiziero, Orelhas, Parada, Pelago, Pobradores, Portadigo, Pousada, Raçom, Rancuroso, Rousada* e *Scola*.

Veja-se tambem o *Douro Illustrado* pelo visconde de Villa Maior, pag. 85 e 89,—e as *Noticias de Portugal*, por Severim de Faria, pag. 16.

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Antonio José de Moraes (é ainda apenas subdiacono) filho de Carrazeda d'Anciães, rezidente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHA, ou *Villarinha de Aldoar*,—aldeia de S. Martinho de Aldoar, concelho de Bouças, comarca, districto e diocese do Porto.

V. *Aldoar*.

Comprehende este parochia as aldeias seguintes:

Villarinha, séde da egreja matriz, pelo que esta parochia se denomina tambem *Villarinha*;—Passos, Villa Nova de Baixo, Villa Nova de Cima, Funchal, Fonte da Moura, Padrão Novo, Agra e Costivella, não *Castivellos*; como se lê na *Chor. Moderna*, ou *Costivellos* no supplemento á mesma *Chorographia*.

Parochias limitrophes:—Ramalde, Nevogilde, Mattosinhos, Foz do Douro e Lordello do Ouro.

A aldeia de Passos está contigua e unida á pequena povoação de *Nevogilde*, que fórma a freguezia d'este nome e que ha muito devia estar annexa á freguezia d'Aldoar, cujas matrizes distam uma da outra menos de 2 kilometros.

A povoação de Nevogilde conta apenas 22 fogos. Hoje tem á beira mar, ao longo da nova estrada a macadam da Foz do Douro para Mattosinhos, talvez 60 casas, todas feitas depois de 1870, sendo algumas muito elegantes; mas são todas destinadas para banhistas e, com raras excepções, habi-

---

[1] Todas estas quintas produzem muito azeite, mas produz mais e *muito mais* a celebre quinta de *Lovazim*, na freguezia de *Villarinho da Castanheira*, (V.) concelho de Carrazeda d'Anciães, tambem na margem direita do Douro.

Foi do ministro Manoel de Castro Pereira;—é hoje do seu sobrinho Luiz de Castro Pereira—e costuma produzir 400 pipas de azeite por anno?!...

tadas sómente na época balnear. Deviam porém pertencer á freguezia da Foz do Douro, porque são parte integrante d'ella e do novo e lindo bairro de *Carreiros*, desde Gondarem, ou da pequena depressão a N. do Farol da *Senhora da Luz*, até á *lingueta* ou *molhe* de Carreiros.

Algumas das casas d'este bairro já avançam ao longo da dicta *estrada-rua* para o norte da lingueta—e a freguezia de Nevogilde estende-se pela beira-mar desde *Gondarem*, a S.—até o pequeno ribeiro do *Prado*, junto ao *Castello do Queijo*, lado norte.

Feito o porto artificial de *Leixões*, cujas obras principiaram em 1884 e progridem activamente, achando-se já construidos 2 grandes lanços dos molhes N. e S.—a mencionada rua de Carreiros avançará para N. e em praso breve não haverá solução de continuidade entre a Foz e Mattosinhos.

Todo o terreno desde o *Castello do Queijo* até Mattosinhos é plano e presta-se admiravelmente para armazens e para construcções de toda a ordem, pelo que já subiu de preço escandalosamente!...

De passagem diremos que a egreja matriz de Nevogilde é um templo decente e bem conservado. Demora a meio de um largo irregular, erguendo se em volta a povoação; —olha para o sul;—tinha os sinos com 2 pequenos campanarios nas extremidades leste e oeste da fronteira, mas em 1883 construiram uma torre ao norte da egreja, prolongando-se com ella, e encostada á capella-mór.

Suppomos que a egreja actual é reconstrucção dos principios d'este seculo.

Desculpem-nos a digressão e fallemos de *Aldoar*.

—

Aldoar é o titulo d'esta freguezia, mas não tem povoação alguma assim denominada.

A de *Villarinha*, séde da parochia, está precisamente na antiga estrada (hoje macadamisada) do Porto para Mattosinhos, por Lordello do Ouro.

Erguem-se as casas ao longo da *estrada-rua*, a leste e oeste,—e a egreja matriz, templo pequeno, mas limpo e decente, está do lado E., tendo contiguo o cemiterio parochial.

Esta povoação é a maior da freguezia;—tem algumas casas elegantes—e dá-lhe muita animação a *estrada-rua* que a corta e que é muito concorrida; foi porém muito maior o seu movimento antes de se construir a nova estrada a macadam entre o Porto e Mattosinhos, pelo littoral,—estrada que affrontou muito a do interior, principalmente depois que na do littoral se estabeleceu a companhia *Carris Americanos do Porto á Foz e Mattosinhos*;—e tambem affrontou muito a velha estrada da Villarinha a companhia *Carris de Ferro do Porto*, depois que estendeu as suas linhas até á Foz—e da Foz até Mattosinhos por leito proprio, empregando na tracção muares e machinas a vapor.

V. *Vias Ferreas*, vol. 10.° pag. 480, col. 2.ª.

—

A aldeia da *Fonte da Moura* está precisamente na extremidade norte da rua de *Serralvês*, que é de Lordello do Ouro e pela qual segue a antiga estrada de Mattosinhos e Leça da Palmeira pela Villarinha.

A *Fonte da Moura* é tambem hoje a extremidade da esplendida rua da *Boa Vista* que parte do Campo de Santo Ovidio ou da *Regeneração*, no Porto, e já tem cerca de 4 kilometros, em linha recta até aqui, mas deve seguir com a mesma recta até á beira-mar, junto do *Castello do Queijo*.

Depois de concluida será uma das primeiras ruas de Portugal,—e poucas se lhe avantajarão nos paizes estrangeiros, pois terá cerca de 6 kilometros de comprimento em linha recta e 15 metros de largura;—atravessa terreno mimoso e fertil, suavemente ondulado e que se presta admiravelmente para construcções;—é já servida por carros americanos, movidos a vapor—e, feito o *porto artificial de Leixões*, terá duplo movimento, porque é *uma recta*, o caminho mais curto entre a cidade e Leixões.

Conta já hoje grande numero de casas e pullulam em toda a sua extensão novas construcções, algumas muito elegantes.

Corta quasi em angulo recto a velha estrada da Villarinha, separando na *Fonte da Moura* a freguezia de Aldoar da de Lordello.

—

A povoação da *Villarinha*, séde d'esta parochia, dista aproximadamente 2 kilometros da beira-mar para E.;—2 de Nevogilde para *N.* E.;—2 de Ramalde;—2 de Lordello;—3 de Mattosinhos—e 5 do Porto.

O chão d'esta freguezia é suavemente ondulado, mimoso, saudavel e fertil. Produz muito milho, vinho verde, fructa, hortaliça e hervagens, pelo que tambem engorda muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha decadente.

V. *Villar de Andorinho.*

Na manhã de 9 de julho de 1884, atravessando a povoação da Villarinha uma leiteira, de nome Joaquia Reivas, ainda joven, um seu *conversado*, louco de ciumes, disparou sobre ella á queima-roupa um tiro de rewolver, ferindo-a mortalmente.

Concluiremos dizendo que em todo o nosso paiz não ha outra povoação com o nome de *Villarinha*. Temos muitas denominadas *Villarinho*, mas *Villarinha* só esta.

Conversados

E' costume em volta do Porto, n'esta freguezia de Aldoar e em toda a provincia do Minho, entreterem-se os filhos e filhas do campo (*maneis* e *lavradeiras*) com requebros e amabilidades, *conversando* ou namorando francamente desde a infancia em toda a parte, de noute e de dia,—nas ruas, na lavoura, nos araiaes e nas feiras.

Estão por vezes horas e horas conversando em prosa e em verso delambido, coisa muito interessante para os estranhos á classe.

Conversam por entretenimento e simples distracção, muitas vezes sem intenção de casarem,—outras vezes por affeição e paixão.

Conversam ordinariamente elles e ellas com quem lhes apraz—e é luxo e capricho —terem *muitos conversados*, em quanto solteiros. Nem os paes d'ellas se offendem e magoam com isso, uma vez que o *conversado* seja *fôrma do seu pé*, ou *da sua igualha*,— isto é:—moço com quem possa vir a casar.

Ai d'ellas, se as virem a conversar com os *casaquinhas* ou janotas da cidade,—e ai d'elles, se os apanham a geito!...

Ha tambem *conversados* ou namoros nas aldeias que nem casam nem se desligam durante muitos annos, o que é um castigo para as pobres moças, porque vivem presas ao massador que as requesta, expostas a ficar inuptas e a descredito, insultos, affrontas e desgostos, como succedeu á da Villarinha.

Tambem consta que os *maneis*, ou moços do campo, em outro tempo eram todos discipulos de Platão, extremamente pudibundos e honestissimos nos seus namoros, emquanto que hoje (graças ao *progredior* e aos jornaes de 10 réis!) todos lêem pela cartilha de Zola e não faltam por lá desgostos!...

VILLARINHO, ou *Villarzinho*,—Este termo foi outr'ora, como *villar*, diminutivo de villa, na accepção de aldeia, povoação, casal ou quinta, mas ha muito designa tambem parochias, povoações importantes e villas na accepção hodierna.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villar* e *Villa*.

VILLARINHO,—aldeia e freguezia.

Temos em Portugal 76 aldeias, 15 freguezias, 8 casaes e 3 quintas com o nome de *Villarinho*, mas, para não fatigar os nossos leitores, mencionaremos apenas os Villarinhos seguintes:

VILLARINHO,—aldeia da freguezia de Barrô, concelho de Rezende, districto de Vizeu, provincia da Beira Alta.

V. *Villar*, aldeia da mesma freguezia de Barrô.

VILLARINHO,—aldeia da freguezia de Capelludos, concelho e comarca de Villa Pouca d'Aguiar.

V. *Capelludos.*

O censo de 1864 deu a esta freguezia 235 fogos e 1:097 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 258 fogos e 1:178 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Capelludos*, séde da parochia,—Freixeda, *Villarinho*, Adegos—e as quintas e casaes seguintes, quasi todos habitados: — Lama da Bouça, Vallongo, Cocheiro, Bubana, Porto do Carro, Paço, Regada, Assureira, Bouças, Avilhão e 3 moinhos na margem esquerda do Tamega.

Suppomos que a povoação de Villarinho, hoje pertencente a esta freguezia, é uma das que foram comprehendidas no foral que D. Manuel deu á villa de *Aguiar da Pena*, hoje representada pela de *Villa Pouca d'Aguiar*. Vejam-se estes dois artigos.

—

Segundo se lê nas *Inquirições de D. Affonso III*, fl. 77, 78 e 80,—e na *Historia de Portugal*, de Alexandre Herculano, tomo 2.º pag. 496, a mencionada aldeia de Villarinho denominou-se *Povoa de Villarinho*;—foi fundada em terreno furtado á corôa,—e, demandando o juiz *Gonsalvinus* aquelle terreno, Gonçalo Nunes matou-o. Foi-lhe tomado por D. Sancho II, bem como Villa Pouca d'Aguiar, tambem fundada em terreno da corôa, ou *reguengo*, mas o mesmo rei depois restituiu as duas povoações á familia do assassino, dando-as em *prestamo* a D. João Fernandes e a D. Nuno Fernandes d'Orzibon, casados com duas tias de Gonçalo Nunes.

Tal era a prepotencia dos fidalgos e *ricos-homens* n'aquelle tempo!...

Alexandre Herculano (logar citado) aponta outros muitos factos semelhantes, ainda mais escandalosos.

—

Foi natural d'esta freguezia de Capelludos o tristemente celebre Luiz Antonio Alves, por alcunha o *Negro*, salteador e assassino e que foi o ultimo carrasco que houve no nosso paiz.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Pouca d'Aguiar*, vol. 10 pag. 906, col. 1.ª

VILLARINHO,—aldeia da freguezia de Cacia, concelho, comarca e districto d'Aveiro, diocese de Coimbra.

V. *Cacia*, vol. 2.º, pag. 26, col. 1.ª

Pela ultima circumscripção diocesana de 1882 foi supprimida a diocese d'Aveiro, passando esta freguezia de Cacia e outras muitas da extincta diocese para a de Coimbra; — as restantes passaram para a diocese do Porto.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Cacia*, a séde da freguezia,—Quintão, Sarrazolla, Povoa do Paço e Villarinho. N'esta ultima aldeia deu-se em 14 de junho de 1875 um facto digno de mensão e que um jornal de Aveiro descreveu nos termos seguintes:

Quando, em cumprimento de um voto, se se celebrava na capella de Villarinho uma festa a Santo Antonio, inflammaram-se muitos foguetes e uma porção de polvora que estavam junto da capella, a qual se encheu litteralmente de fumo e correu imminente risco de ser pasto das chammas. O povo que a entulhava ficou tranzido de susto e tratou de fugir, mas com a precipitação muitas pessoas foram atropelladas e chamuscadas e outras ficaram feridas.

Durava ainda a missa, mas o pregador já tinha concluido o sermão e estava no pequeno côro. Era elle o rev. Manuel Simões Junior que, vendo-se asfixiado pelo fumo e não podendo fugir pela porta do côro, precipitou-se sobre o pavimento da capella, ficando sem sentidos, mas, depois que respirou ar livre, volveu ao estado normal.

Felizmente o fogo não se communicou ás decorações e armação da capella, aliás faria muitas victimas.

VILLARINHO, — freguezia do concelho e comarca de Villa Verde, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago S. Mamede;—fogos 106,—habitantes 458.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do reitor de Caldellas, quando não renunciava; — pertencia ao extincto concelho de Pico de Regalados, comarca de Vianna; — era annexa á reitoria de Caldellas,—e contava 80 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação; — rendia para o seu vigario 40$000 réis—e contava 50 fogos,—segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 334 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 84 fogos e 355 habitantes.

Pertenceu ao concelho de Pico de Regalados até 1855, data em que foi extincto aquelle concelho e passou para o de Villa Verde.

—

Esta freguezia demora em terreno suavemente ondulado, mimoso e fertil, na margem direita do rio Homem, do qual dista cerca

de 3 kilometros para N. O.;—1 a E. da estrada real a macadam n.º 3, do Porto a Valença do Minho por Braga, Villa Verde e Monsão;—10 de Villa Verde, para N. N. E.; —21 de Braga;—76 do Porto e 412 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—Egreja, séde da parochia, Escada, Santar, Vallinhos, Real, Paulo e Pomar.

Freguezias limitrophes:—Saúde, a E.;—Athaes, a N.;—Pico (S. Christovam) a S.;—e S. Miguel de Prado, a O.

Producções dominantes:—milho, conteio, feijão, vinho, azeite e fructa.

Atravessa esta freguezia de N. a S. um ribeiro que, depois de engrossar com outros, desagua no rio Homem, confluente do Cavado, no sitio da *Malveira*, ou *Malbeira*, segundo o dialecto minhoto.

Templos

1.º—A *Egreja matriz.*

É muito antiga e acha-se em deploravel estado!

Tem confraria do Santissimo, erecta por Antonio de Lima Abreu, F. C. R. e senhor da nobre casa e quinta do *Paço*, freguezia de Athaes.

2.º—*Capella do Horto.*

3.º—*Capella do Senhor da Cana Verde.*

4.º—*Capella do Encontro.*

5.º—*Capella do Calvario*, ou *Santa Luzia.*

Todas estas quatro capellas são publicas.

Ha tambem n'esta parochia differentes nichos com alguns Passos do Redemptor e que dão muito brilho á procissão de Passos, a mais apparatosa que se faz n'esta freguezia e nas circumvizinhas, de dois em dois annos.

Pessoas notaveis

—*Dr. Joaquim Antonio de Meirelles*, da aldeia de Santar.

Concluiu a sua formatura em direito civil e canonico no dia 13 de junho de 1770; —casou com D. Custodia Serqueira Lobo e teve entre outros filhos o seguinte:

—*Dr. Jacome Antonio de Meirelles*, bacharel formado em direito e que nasceu em 8 d'abril de 1784.

Antes de se matricular na Universidade de Coimbra estudou theologia com muito aproveitamento no collegio do Populo, em Braga,—e concluiu a sua formatura em 9 de junho de 1812.

Exerceu varios cargos municipaes e o de juiz muitas vezes com a maior dignidade; foi superintendente das decimas, quintos e novos impostos no extincto concelho do Pico de Regalados e nos de Villa Garcia, Terras de Bouro, Santa Martha de Bouro, Amares e seus respectivos cotos, sempre com a maior inteiresa e augmento da real fazenda, sem escandalisar nem maguar pessoa alguma, pelo que era geralmente estimado e considerado por clero, nobresa e povo.

Differentes vezes lhe offereceram collocação na magistratura, antes de 1834, mas nunca o poderam resolver a abandonar a sna casa e a sua familia.

Foi durante quarenta e tantos annos advogado e tão distincto que recebia consultas de toda a comarca de Vianna e das circumvisinhas. inclusivamente de Braga, do Porto e de Lisboa!...

—

Escreveu e publicou na typographia bracarense em 1846 um *Repertorio Juridico, organisado por ordem alphabetica*, em 2 vol. 4.º, tendo o 1.º 282 paginas, e o 2.º 382.

É obra de muito merecimento. Comprehende muitas occorrencias forenses mais importantes,—algumas alterações da *Reforma Judiciaria* e da *Novissima*, um appendice explicativo das mais communs abreviaturas das *Lettras da Sagrada Penitenciaria* —e outro appendice com os deveres da magistratura.

Escreveu tambem como additamento ao seu *Repertorio — Consultas Juridicas Praticas*, obra interessantissima que deixou em *ms.* e comprehende 158 consultas importantes, tratadas com amplo desenvolvimento, indicando as opiniões dos mais abalisados jurisconsultos e emittindo a sua.

É um trabalho muito semelhante ao que deixou o distinctissimo advogado de S. Romão de Armamar, Dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, ao seu illustrado amanuense e amigo, Joaquim Ferreira dos San-

tos Rego, hoje sollicitador no Porto,—trabalho pelo qual já lhe offereceram *seis centos mil réis!...*

V. *Romão* (S.) *de Armamar e—Moimenta da Beira.*

O dr. Jacome Antonio de Meirelles, foi, como o seu collega e contemporaneo dr. Mergulhão, um cavalheiro estimabilissimo, de bons costumes moraes, religiosos e civis, —sempre amante da paz e tranquillidade publica, e falleceu no dia 12 de maio de 1853. [1]

Deixou entre outros os filhos seguintes:

—*Dr. Antonio Miguel de Meirelles,* bacharel formado em direito.

Concluiu a sua fortuna pouco antes da morte de seu bondoso pae;—vive na casa paterna—e tem sido varias vezes juiz de direito substituto na comarca de Villa Verde.

—*José Manuel de Meirelles,* habil pharmaceutico, estabelecido na freguezia de Ferreiros, em Amares,—e o

—*Rev. Balthazar José de Meirelles,* residente no patriarchado.

São 3 cavalheiros de muito merecimento.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

VILLARINHO,—ou *Villarinho das Furnas,*—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *S. João do Campo,* concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde.

V. *Villarinho das Furnas.*

VILLARINHO, — freguezia do concelho e comarca de Santo Thyrso, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria;—orago S. Miguel;—fogos actualmente 220,—almas 900.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* contava apenas 70 fogos;—em 1729, segundo se lê na *Geogr. Hist.* de Lima, contava 150 fogos e 357 almas, [2]—e em 1768 segundo se lê no *Portug. S. e Prof.* era da apresentação do mosteiro de Landim—e contava 159 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 189 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 190 fogos e 704 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 217 fogos e 767 habitantes.

Augmentou pois a sua população desde 1706 até hoje, ou nos ultimos 180 annos,—150 fogos.

Passou alem do triplo.

—

Pertenceu civilmente ao termo e á grande comarca de Guimarães;—depois passou para o concelho de S. Thomé de Negrellos,—e, extincto este concelho pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou para o de Santo Thyrso.

Ecclesiasticamente foi do arcebispado de Braga até 1882, data em que pela ultima circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto com todas as freguezias do actual concelho de Santo Thyrso, exceptuando as de Areias, Aves, Lama, Sequeiró e Palmeira, que ficaram pertencendo ao arcebispado de Braga, por estarem na margem direita dos rios Vizella e Ave, que ao norte são a linha divisoria da diocese do Porto [1].

—

S. Miguel de Villarinho está na margem esquerda do Vizella, do qual dista (a egreja parochial) cerca de 1 e meio kilometro;—2 e meio da estação de Lordello (a mais proxima) na linha ferrea de Guimarães;—15 de Santo Thyrso, para E.;—46 do Porto—e 383 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—S. Salvador e S. Martinho do Campo, S. João de Vizella, S. Thiago de Lustosa e S. Mamede de Negrellos.

Comprehende 8 povoações ou aldeias:—*Mosteiro,* séde da freguezia,—Burgo, Eiró, Villa Lobos, Agoeiro, Paradella, S. Silvestre, Lage—e as quintas seguintes:

1.ª—*Mosteiro,* hoje de Manuel Neto Guimarães.

---

[1] O dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, primo do humilde auctor d'estas linhas, falleceu no dia 21 de novembro de 1883.

[2] Não ha proporção entre os fogos e almas, —nem é crivel que em 23 annos (de 1706 a 1729) esta freguezia subisse de 70 fogos a 150!

[1] Esta linha não comprehende todo o Ave, mas só a parte a juzante da freguezia de *S. Miguel das Aves,*—ou depois que recebe em si o Vizella.

2.ª—*Burgo*, hoje de Antonio Barbosa Coelho.

3.ª—*Quintã*, hoje de Antonio da Silva Machado.

4.ª—*Idanha*, hoje de D. Joanna Ferreira da Cunha.

5.ª—*Abrego*, hoje de Antonio Augusto Alves Monteiro.

A *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista menciona tambem os casaes de Choto, Abrego, Bufo, Chadeiro, Casa Nova, Campo, Agoeiro, Quinta e Lage—e *trinta e tres* aldeias, que são com toda a certesa aldeias de mais!

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, da qual adeante fallaremos,—e a 2 capellas publicas:—uma de Nossa Senhora das Dores, na aldeia de Paradella,—outra de S. Pedro, na serra d'este nome, a N. E. da matriz,—capella muito antiga, já mencionada pelo padre Carvalho, [1]—e junto d'ella se viam ruinas de fortificações que o povo attribuia aos mouros,—diz elle.

—

Banha esta freguezia pelo lado N. o Vizella, que morre no Ave, a distancia de 12 kilometros, e não tem pontes nos limites d'esta parochia, mas sómente 5 moinhos e azenhas com muitas rodas e um engenho de maçar linho.

Producções dominantes:—vinho verde e cereaes.

Tem uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Alem do monte de *S. Pedro*, a leste, ha tambem n'esta freguezia o de *Regadas*, a sul.

Clima bom. Não ha aqui doenças predominantes.

Os tres primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são:—Antonio Barbosa Coelho, Antonio da Silva Machado e Antonio Augusto Alves Monteiro.

É seu parocho actual o rev. Joaquim Domingos Machado.

A egreja matriz

Da *Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio, acabamos de receber o n.º 1 do seu *Boletim* (5.º vol. da 2.ª série) com uma bella photographia representando a egreja de que no momento nos occupamos,—egreja interessantissima pela sua architectura e antiguidade, como se vê do artigo que no mesmo numero do *Boletim* mencionado publicou o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, nosso bom amigo e mestre, fundador e presidente d'aquella *Real Associação*.

O mencionado artigo é textualmente o seguinte:

«A remota egreja de *Villarinho de S. Romão*, [1] na provincia do Douro, districto de Santo Thyrso, (aliás concelho de Santo Thyrso, districto do Porto) é um dos poucos exemplares do typo da architectura *Roman* que existem, em Portugal, do seculo XII; pertencendo ao numero dos cem edificios religiosos que foram construidos durante o reinado do primeiro soberano de Portugal, D. Affonso Henriques. [2] Não sómente por esta circumstancia, mas pela origem da sua architectura, a mais remota que ha no reino, se faz recommendar, tanto para servir de estudo architectonico, como para a historia artistica e archeologica de Portugal.

—

«Examinando a photographia que representa este edificio religioso, nota-se-lhe um aspecto severo, porem caracteristico do atraso civilisador na fundação da monarchia, em que a rudez do povo curava mais de conso-

---

[1] Da capella de S. Pedro só existem hoje os alicerces.

[1] Salvo o respeito devido ao meu sabio presidente, amigo e mestre, não posso deixar de dizer que esta egreja se denominou sempre e denomina ainda hoje—egreja de *S. Miguel de Villarinho.*

A de *Villarinho de S. Romão* pertence ao concelho de Sabrosa, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes.

Desculpe-nos s. ex.ª por quem é.

[2] Esta egreja, segundo se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes* por D. Nicolau de Santa Maria, tomo 1.º pag. 318, col. 2.ª foi feita antes do anno 1070 e é por consequencia anterior ao seculo XII e ao reinado de D. Affonso Henriques (1139-1185).

Outra vez peço desculpa ao meu sabio amigo e mestre.

lidar o dominio real no territorio conquistado pelo seu audaz esforço e fortalecido pela crença de cumprir um dever sagrado em resgatar da heresia dos sectarios do Koran, os povos que elles tinham subjugado na Lusitania; pensando unicamente em fazer triumphar a lei de Christo, não cuidava de mais nada, nem mesmo lhe sobrava o tempo n'esta imperiosa lucta que tinha emprehendido para implantar a fé no paiz, empresa que coubera ao poderoso descendente do conde D. Henrique. Portanto não se estranha que a edificação singular d'este edificio possa indicar tambem a inferioridade em que estava a civilisação do povo que tinha erguido esse sanctuario para n'elle render louvores ao Ente Supremo pelas suas victorias, que deveriam estender-se por todo o paiz para engrandecimento da fama nacional e para gloria de Deus.

«Serve, pois, este edificio de proveitoso ensino, por apresentar o estylo correspondente á architectura designada *Roman*, que servia de transição da architectura romana para a ogival; devendo-se particularisar no que a faz distinguir dos outros typos, afim de nos inteirarmos das principaes formas que caracterisam a architectura d'esta epocha.

—

«A primeira cousa a notar é ter todas as suas aberturas de volta inteira ou semi-circular; não ter cornija o frontispicio, e o espelho que dá luz á nave ser um simples *olho de boi*, apresentando uma forma rudimentar.

«A egreja é precedida da *galilé*, servindo-lhe de adro coberto; as janellas teem a fórma de frestas, pela sua pouquissima largura; a torre é de fôrma quadrangular e de limitada altura e construida com excessiva solidez, ficando coberta por um telhado pyramidal. A sua construcção foi executada com apparelho pequeno; tendo as juntas das pedras bastante largura e cheias d'argamaça. A fachada da egreja ficou sem decoração alguma, assim como o portal principal indica tudo ser a construcção mais primitiva d'esta architectura.

—

«No interior ainda mais nua apparece, sendo composta de uma só nave, separado o altar-mór pelo arco triumphal de egual feitio que á arcada da *galilé*, havendo apenas duas inscripções já mutiladas que, por incompletas, não se podem ler, excepto na torre, onde é legivel o nome do devoto que a mandou construir.

«Serve de freguezia, e como a junta de parochia tem poucos meios, eis o motivo porque este edificio se tem salvo de não lhe alterarem o caracter da sua architectura. É o caso de se repetir: ha males que...

«Como d'este typo existem tão poucos edificios, cremos que será para estimar offerecer aos nossos leitores um exemplar digno da sua attenção.

J. da Silva.»

—

Até aqui o nosso sabio presidente, amigo e mestre que (honra lhe seja!) levado pela sua dedicação aos nossos monumentos archeologicos, foi expressamente visitar esta egreja. Nós ainda não a vimos, mas pelos apontamentos que d'ali nos foram enviados, accrescentaremos o seguinte:

Tem interiormente 30^m,0 de comprimento e 6^m,60 de largura.

No arco cruzeiro se vê gravada a data 1692, junto da imagem do padroeiro, que é de tamanho natural e mede 1^m,60 de altura.

Tem um pulpito, altar-mór com um bom retabulo de talha antiga—e 3 altares lateraes:—*Nossa Senhora do Rosario* e *S. Braz*, antigos e com irmandades proprias,—e *Senhor Jesus*, moderno, feito em 1866,—todos tres com festa annual.

Não tem torres, mas sómente por cima do *cabido* um torreão feito em 1870—e n'elle dois sinos que foram refundidos em Braga quando se fez o torreão.

O *cabido*, antiga casa do capitulo, está junto á egreja;—dá communicação para ella e para o claustro—e tem interiormente 10^m,0 de comprimento e 7^m,20 de largura.

Em uma das paredes lateraes d'esta egreja se vê do lado exterior, junto da porta travessa, uma inscripção *em caracteres hoje totalmente indecifraveis*,—diz o meu informador. O sr. Joaquim Possidonio Narciso da

Silva indicou mais duas no artigo supra, mas não as copiou.

O convento

Esta egreja, segundo se lê na *Chronica* já citada e na *Chorographia Portugueza*, tomo 1.° pag. 112, foi convento de conegos regrantes de Santo Agostinho, tendo sido *anteriormente* abbadia secular *muito rica*, fundada para sua sepultura por uns fidalgos da geração dos Fafes, descendentes de Fafes Sarrazim de Lanhoso, rico-homem que pereceu junto de Coimbra na batalha de Agua de Maias,[1] ferida entre D. Garcia rei de Portugal e da Gallisa, e seu irmão el-rei D. Sancho de Castella. D. Fafes Luz, neto d'aquelle heroe, tambem foi rico-homem e alferes-mór do conde D. Henrique, pae de D. Affonso Henriques.

Passados tempos depois da fundação da dicta egreja, o seu abbade Gonçalo Annes Fafes fundou junto d'ella um convento de clerigos, conegos regrantes de Santo Agostinho, ao qual applicou as rendas da sua abbadia,—tudo com previa auctorisação de D. Diogo Fafes, padroeiro da mesma egreja,—e do arcebispo de Braga D. Pedro, tambem conego regrante, que o nomeou abbade do mesmo convento, emquanto vivo fosse.

—

Principiou a construcção do *convento* (não da egreja) no anno de 1070 e já no de 1074[2] estava concluido e habitado por dez conegos, os quaes todos assignaram com o seu abbade D. Gonçalo Annes Fafes a doação que o padroeiro da dicta egreja D. Diogo Fafes, por não ter successão, fez de todos os seus bens ao dicto convento, recolhendo-se a elle em seguida e n'elle acabando os seus dias.

A doação é do theor seguinte:

«*Do ad ipsam Ecclesiam Sancti Michaelis de Vilharinho...*»

Em vulgar:—«Faço doação á Egreja de *S. Miguel de Villarinho* de todos os meus bens e riquesas e de tudo o que me pertence, para que o seu abbade Gonçalo Annes, que é da geração dos Fafes, e os conegos da mesma egreja tenham a sustentação necessaria, emquanto perseverarem no dicto mosteiro segundo o instituto e regra de Santo Agostinho, e para que me recebam e recolham em sua companhia, não só na vida, mas tambem na morte, etc.»

Foi feita esta doação no mez de julho de 1074.

—

Eis o principio d'este convento e a causa porque os seus primeiros prelados tiveram o titulo de *abbades*. Foram elles D. Gonçalo Annes e seu successor D. Garcia Eriz, como consta do epitaphio da sua sepultura, que está mettida na parede da capella-mór (diz a *Chronica*) e é o seguinte:

ERA M. C. C. VI. OBIIT
GARCIA ERIZ, ABBAS DE
VILLARINHO.

«Na era de 1206 (anno 1168) falleceu D Garcia Eriz, abbade de Villarinho.»

—

Passados tempos, foi dado aos prelados d'este convento o titulo de *D. Prior*,—titulo muito honroso e *unico* entre todos os conventos de conegos regrantes do nosso paiz, o que revela a grande consideração de que este convento gosou.

Pelos annos de 1405 era *D. Prior* d'este convento D. João Gonçalves da Camara, que fez n'elle algumas obras, taes foram *a torre e o campanario dos sinos*, como prova a inscripção que se vê na torre, do lado do claustro (diz a *Chronica*) e é a seguinte:

NA ERA DE M. CCCC. XLIII
(anno de 1405) MANDOU
FAZER ESTE CAMPANARIO D.
JOÃO GONÇALVES, D. PRIOR.

[1] V. *Benedict. Lusit.* tomo 2.° pag. 194,—e o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 20, § 3.°

[2] É isto o que se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes*, mas a *Chorographia Portugueza* diz que as obras principiaram em 1170 e se concluiram em 1174.

Merece-nos mais credito a *Chronica*, posto que João Pedro Ribeiro equipara Fr. Nicolau de Santa Maria a Fr. Bernardo de Brito e Lousada.

No fim d'este artigo provaremos evidentemente que este convento é anterior ao anno de 1120.

Foi este *D. Prior* sepultado no claustro, á direita da porta do cabido, *ou Capitulo dos Conegos* (diz a *Chronica*) mandado por elle fazer tambem;—e á esquerda da mesma porta jaz o *D. Prior* D. Vasco de Sousa, seu successor.

Tambem foi aqui D. Prior D. João Fernandes d'Almeida, da casa dos condes (depois marquezes) d'Abrantes, o qual mandou fazer e collocar no altar-mór uma imagem do padroeiro S. Miguel, *toda de bronze* (?) —e fez tambem o retabulo do mesmo altar, *como se vê das letras que tem nas fasquias* (diz a *Chronica*).

Succedeu-lhe D. Luiz d'Almeida, seu sobrinho, que jaz na capella mór em sepultura rasa com o epitaphio seguinte:

AQUI JAZ D. LUIZ D'ALMEIDA, D. PRIOR D'ESTE MOSTEIRO. FALECEO A 23 D'ABRIL DE 1565 ANNOS.

O ultimo *D. Prior* d'este convento foi D. Luiz d'Azevedo,[1] que falleceu a 26 de julho de 1610,—data em que este convento se uniu á congregação dos conegos regrantes d'este reino, sendo prior geral da mesma congregação D. Miguel de Santo Agostinho, que nomeou a D. Estevam dos Martyres primeiro prior trienal d'este convento.

—

É isto o que se lê na *Chronica* da ordem, mas a *Chorographia Portugueza* offerece algumas variantes.

Diz que D. João Gonçalves da Camara, D. Vasco de Sousa, João Fernandes Farto, D. João Fernandes d'Almeida, D. Luiz d'Almeida e D. Luiz d'Azevedo não foram propriamente priores ou prelados d'elle, mas *fidalgos commendatarios,*[2] o que faz grande differença e explica até certo ponto o motivo porque não foi restaurada a egreja primitiva nem ampliado o convento. E extinctos os commendatarios, foram as rendas d'este pobre convento unidas ao de Landim, tambem de conegos regrantes.

Em 1706 habitavam este desgraçado convento de *S. Miguel de Villarinho* apenas dois frades:—um presidente e um recebedor, que recebia os dizimos e *sabidos* d'esta freguezia e da de S. Thiago da Carvalhosa, concelho de Paços de Ferreira, alem da renda dos grandes passaes que esta parochia tinha.

Tirada a congrua d'aquelles dois religiosos e a do cura que administrava os sacramentos aos parochianos, todas as sobras iam para o convento de Landim.

Extinctas finalmente as ordens religiosas em 1834, volveu esta egreja a ser, como primitivamente foi até 1070,—*simples egreja parochial.*

—

No *Catalogo dos Pergaminhos do Cartorio da Universidade de Coimbra,* feito em 1880 pelo sr. Gabriel Pereira, distincto litterato e archeologo, se mencionam varios pergaminhos pertencentes a este convento, taes são os seguintes:

Seculo XVI

N.º 35,—anno 1432.—Casaes em Fontam, na Carvalhosa... teigas de milho pela medida nova, etc.

N.º 36,—anno 1450.—Provisão do Vigario Geral de Braga, confirmando João Vasques, conego do mosteiro de Villa Nova de Muhia (Moinha) em prior d'este de S. Miguel de Villarinho com dispensa da constituição que prohibe dar o governo do mosteiro a quem

[1] Era irmão do veneravel D. Ignacio de Azevedo, martyr e provincial da *Companhia de Jesus,*—e de D. Francisco d'Azevedo, senhor da quinta de Barbosa,—e de D. Jeronymo d'Azevedo, vice-rei da India,—e de D. João d'Azevedo, capitão-mór de Sofala,—todos filhos de D. Manuel d'Azevedo.

[2] Os *commendatarios* foram um dos maiores flagellos que pesaram sobre os conventos!

Eram fidalgos, a quem os nossos reis davam em remuneração de serviços as rendas dos conventos, pelo que muitos d'estes, aliás riquissimos, tiveram de fechar-se por falta de meios, pois todas as rendas eram poucas para sustentarem o luxo, o fausto e os caprichos dos taes zangãos e parazitas, seus *commendatarios.*

V. *Benedict. Lusit.* tomo 2.º pag. 230,—e particularmente o *Preludio* II, pag. 410.

não souber ler, cantar e entender latim, ao menos ao pé da lettra.

Oh! tempora, oh! mores!...

N.º 37,—anno 1469.—Bulla para posse do priorado a Pedro Egidio, religioso do mosteiro de Grijó.

N.º 212,—anno 1488.—União d'este convento de Villarinho ao de Roriz.

Mau fado perseguia este pobre convento de Villarinho?!...

3.ª *Collecção especial*
Pergaminhos mui volumosos

N.º 6,—era 1367,—a pag. 107 do *Catalogo*: Sentença n'uma questão entre os mosteiros de Lordello, *Villarinho*, Santo Thirso e Ferreira—e certos cavalleiros e escudeiros que exigiam certas pensões e direitos.

É composto de 4 pelles em mau estado.

Nas *Dissert. Chronol. e Crit.* de João Pedro Ribeiro, tomo 2.º pag. 255 a 258, se encontra tambem um documento curioso, que prende com este convento. É um compromisso que em 24 d'agosto do anno de 1387 celebraram no convento de S. João d'Alpendurada os prelados e religiosos dos dois mencionados conventos e dos de Riba d'Ave, Cette, Bastello, Pedroso, Ancede, Paço de Sousa, Travanca, Villela, Villa Boa do Bispo, Mancellos, Pombeiro, Roriz, etc., obrigando-se a suffragarem todos o religioso que falecesse em qualquer dos dictos conventos.

Era então prior d'este de Villarinho D. João Gonçalves.

Finalmente as mesmas *Dissertações*, tomo 5.º pag. 5-6, mencionam outro documento interessantissimo para a historia d'este convento. É uma bulla de Callisto II, datada do *anno* 1120, na qual se faz menção dos conventos de Rio Tinto, Pombeiro, Santo Thyrso, Arnoia, Burgães, Antime, *de Fraixino*, *de Saltio*, *de Redentis*, *de Macanariis*, Mancellos, Varzea, Villa Cova de Tellões, Villa Boa do Bispo, Soalhães, Rial, Ancede, *S. João*, Paço de Sousa, Entre Ambos os Rios, Aguas Santas, Pedroso, Cedofeita, Bouças, Vairão, Leça e d'este de *Villarinho*, o que prova *evidentemente* que a fundação d'este convento é anterior ao anno 1120.

Concluiremos dizendo que nos principios do seculo XIV foi padroeira e herdeira natural d'este e d'outros muitos conventos D. Beringeira Ayres, a qual em 12 d'agosto do anno 1302 doou a D. Geraldo, bispo do Porto, o padroado e jurisdicção que tinha n'este convento de *Villarinho* e nos conventos e egrejas de S. Croyo, Tareco, Victorino das Donas, Villar de Frades, Britiande, Cedofeita, Villar de Porcos,[1] Nevogilde, Sobrado, Santa Cruz do Douro, S. Lourenço de Panoias, Pombeiro, Santo Thyrso, S. João d'Alpendurada, Villela, Tibães, Paço de Sousa, etc., etc., reservando para si a doadora os conventos de Ancede, Tarouquella e Travanca e os casaes e *honras* das quintas leigas.

A tal sr.ª D. Reringeira era mais rica do que eu!

V. *Censual do Cabido do Porto*, fl. 86 *in fine*; mas como os illustres conegos portuenses, *desde que Alexandre Herculano visitou o seu archivo*, resolveram não mostrar a mais ninguem o *Censual* (?!.........) vejam-se as *Dissertações Chronologicas e Criticas* de João Pedro Ribeiro, tomo 5.º pag. 63 e 64.

VILLARINHO,—freguezia do concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão.

V. *Villarinho das Cambas*.

VILLARINHO D'AGROCHÃO, — freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Santo Antão;—fogos 87,—habitantes 360.

Em 1706 pertencia ao termo e concelho da villa de Nuzellos, comarca de Moncorvo, bispado de Miranda;—o seu parocho era cura da apresentação do abbade de Nossa Senhora da Assumpção de Nuzellos;—tinha uma capella e 6 fontes—e contava 62 fogos.

Em 1768 era abbadia do mesmo bispado de Miranda e da mesma apresentação;—rendia réis 200$000—e contava 68 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 354 habitantes, comprehendendo annexas, não sabemos quaes.

---

[1] Hoje freguezia de *Villar de Pinheiro*, concelho de Villa do Conde, como já dissemos no artigo proprio. *Vide*.

Em 1862 estavam espiritualmente annexas a esta freguezia as de S. Mamede d'*Agrochão* e S. Martinho de *Ervedosa*, concelho de Vinhaes, mas o censo de 1864 deu-as como freguezias independentes, — a 1.ª com 147 fogos e 588 habitantes,—a 2.ª com 153 fogos e 644 habitantes.

O censo de 1878 deu a esta parochia de Villarinho 91 fogos e 351 habitantes.

Contava então este concelho de Macedo de Cavalleiros 38 freguezias com 4:492 fogos e 18:566 habitantes. Das 38 freguezias 16 não contavam 100 fogos cada uma—e todas as outras menos de 200 fogos, exceptuando 3:—*Ala* com 210, — *Lama Longa* com 212—e *Macedo* com 259.

São muito pouco populosas quasi todas as freguezias d'este districto de Bragança.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, vol. XI. pag. 1099 columna 2.ª

—

Comprehende esta parochia apenas a aldeia de *Villarinho d'Agrochão*, que demora em sitio alto, alegre, vistoso e saudavel, na margem direita da ribeira de Nuzellos, confluente do Tuella, da qual dista 3 kilometros para O.;—7 da margem esquerda do Tuella para E.;—22 de Macedo de Cavalleiros para N. N. O.;—28 de Bragança;—40 de Mirandella;—90 da estação do Tua na linha ferrea do Douro, pela linha ferrea do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—229 do Porto—e 566 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Arcas, Lama Longa e Penhas Juntas.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, batatas, azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero e bovino.

Antes da invasão phylloxerica destroçar como destroçou os seus vinhedos, tambem produzia excellente vinho de mesa, em grande quantidade.

O vinho d'esta parochia, da de Lama Longa, sua limitrophe, e da de Arcas era *o melhor* do alto d'esta provincia de Traz-os-Montes.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 2 capellas publicas. Nada teem digno de especial menção. A festa principal é a do padroeiro.

Esta parochia em 1840 pertencia ao concelho da Torre de D. Chama, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, tendo pertencido á comarca de Mirandella.

Banha esta parochia a ribeira de Nuzellos, na qual tem 2 moinhos.

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 6, de Mirandella a Bragança.

Tambem aqui não ha escola alguma,—nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista aos illustres vereadores de Macedo de Cavalleiros.

VILLARINHO DO ARCO — ou *Villarinho dos Padrões*,—aldeia da freguezia da *Venda Nova*, concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Simão;—fogos 67,—habitantes 306.

Esta freguezia foi simplesmente indicada pelo meu benemerito antecessor. V. *Venda Nova*, vol. X, pag. 278, col. 2.ª

Aproveitando pois o ensejo de fallarmos de uma das aldeias que a constituem, preencheremos o vacuo d'aquelle artigo, consoante o permittirem os nossos limitados recursos.

—

Varios escriptores dão a esta freguezia o nome de *Codeçoso do Arco* e sob elle já foi descripta pelo meu antecessor no vol. 2.º

pag. 313, col. 1.ª; mas ha muito que officialmente é denominada *Venda Nova*—e tem sido sempre parochia autonoma, ou independente.

Demora em terreno arenoso, exposto ao N. e por consequencia frio, na margem esquerda do *Regavão* (uma das nascentes do *Cavado*) do qual dista cerca de 1 kilometro para S. E.;—28 de Montalegre para S. O.;—57 de Braga;—112 do Porto—e 449 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Venda Nova*, séde da parochia,—*Codeçoso do Arco*, ou *Codeçoso da Venda Nova*,—*Sanguinhedo* e *Villarinho do Arco*, ou *Villarinho dos Padrões*.

Freguezias limitrophes:—Pondras e Salto, d'este concelho de Montalegre;—Cerdedo, do concelho de Boticas;—Campos, do de Vieira,—e a N. e N. O. o rio Regavão, pois esta freguezia está no angulo formado pelo Regavão, que a banha a N.—e pelo ribeiro da *Ponte do Arco*, que a banha a O. e desagua no Regavão, correndo até aqui de E. a O.—e aquelle de S. a N.

Producções dominantes:—centeio, batatas, castanhas, algum milho e lã, pois cria bastante gado lanigero e bovino.

Tambem é mimosa de peixe do rio Regavão—e tem nos seus montes abundancia de caça.

—

Em 1706 esta freguezia estava annexa á de Santa Marinha do Ferral, que demora na outra margem (direita) do Regavão;—pertencia ao termo e concelho de Montalegre, comarca (ouvidoria) de Bragança—e contava 26 fogos.

Em 1757 era ainda curato annexo a Santa Marinha do Ferral, cujo abbade apresentava o cura, a quem dava de congrua 6$000 réis alem do pé d'altar,—e contava 30 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 291 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 305 habitantes.

Em 1852, segundo diz o *Flaviense*, era do concelho e comarca de Montalegre;—o meu illustrado informador diz que desde 1841 até 1853 era da comarca de Montalegre, mas do concelho de *Ruivães*,—e a *Chorographia Moderna* diz: «Em 1840 pertencia ao concelho de *Ervededo*, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, *pelo qual* passou ao de Montalegre.»

Nos ultimos annos da dizimaria (1833 a 1834) era vigairaria *ad nutum*, annexa a Santa Marinha do Ferral, cujo abbade recebia os dizimos e dava de congrua ao vigario 40 alqueires de centeio e 39$000 réis em dinheiro,—além de 42$500 réis que tinha de *benesses*.

—

O meu illustrado informador, apoiado na tradição local e em alguns vestigios, diz que a egreja parochial esteve outr'ora no fundo da *Veiga de Codeçoso do Arco*, hoje *Venda Nova*, povoação antiquissima, pois (segundo se suppõe) foi a velha cidade romana, denominada *Presidium*.

Tambem data de tempos muito remotos a aldeia de *Sanguinhedo*, que foi parochia independente, hoje extincta e annexa a *Codeçoso do Arco* ou Vendas Novas.

É certo que passava aqui uma das vias militares romanas que de Braga conduziam a Astorga. Esta seguia por Chaves e o seu trajecto era com pequena differença o da nossa velha estrada real de Braga a Chaves, hoje substituida pela estrada real a macadam n.º 28, prestes a concluir-se e que atravessa tambem esta parochia.

Da velha estrada romana aqui se encontram ainda hoje (1886) alguns marcos milliarios, ou *padrões*, e mais se encontravam ainda no ultimo seculo.

Para evitarmos repetições, veja-se—*Codeçoso do Arco*, vol. 2.º pag. 313, col. 1.ª;—*Sanguinhedo*, vol. 8.º, pag. 393, col. 1.ª tambem e seg.;—*Estradas romanas*, vol. 3.º—as *Memorias* d'Argote, tomo 2.º pag. 534, 554, 574, 580 a 587 e 561,—e tomo 3.º pag. 194 a 202,—e n'este diccionario o artigo *Itinerario do Imperador Antonino*.

Dos dictos marcos milliarios tomou e conserva ainda hoje o nome de *Villarinho dos Padrões* uma das aldeias d'esta freguezia.

—

Alem dos 5 padrões já descriptos no artigo *Sanguinhedo*, o *Portugaliae Monumenta*

colheu de Argote os seguintes, todos encontrados n'esta freguezia:

1.º

TI. CAESR
DIVI F DIVI JU
LI. NEP. PONT
MAX IMP COS
V. TRI. POT
BRAC. AUG
XX

2.º

TI CLAUDIUS
AUG GERMANIC
PONT. MAX
IMP. III. TRB POT
III BRAC. AUG
XX

3.º

. . . .
. . . .
. . . .
XXXIII.

4.º

. . . .
. . . .
. . . .
M. P. XLII.

Na aldeia de *Villarinho dos Padrões* ainda hoje (1886) se vêem 2 dos dictos marcos, servindo de pilares de uma varanda em uma estalagem.

Vias militares romanas

Eram duas as que seguiam de Braga por Chaves, para Astorga,—e o seu traçado era o seguinte:

1.ª

Braga, Aréas, Carvalho, Pinheiro, Pardieiro, Cruz de Real, Confurco, Espinedo, Zebral, Bustello, Linhares, Cruz de Penascaes, Amear, Bezerrellos, Covello do Monte, Ailhó (hoje *Atilleó*) Carvalhelhos, Quintas, Boticas de Barroso, Granja, Sapiães, Casas Novas, Ribeira de Curalha, Casas do Monte e *Chaves.*

A nova estrada real a macadam n.º 28, de Braga a Chaves, segue o mesmo trajecto desde Sapiães até Chaves.

2.ª

Braga, Aréas, Carvalho, Pinheiro, Penedo, Gavinheiras, Salamonde, Ruivães, Boticas de Ruivães, Santa Leocadia, *Ponte do Arco, Villarinho dos Padrões*, Codeçoso do Arco ou Venda Nova (*Presidium* dos romanos) Porto de Carros, Lama do Carvalhal, Subilla, Bréa ou Vréa, Pedreira, Gêa (por baixo de Ladrugães) Villa da Ponte, Cruz de Leiranco, Penedones [1] Berezes ou Beireses, e tambem Perezes e Peireses, [2] Portella de Urzeira, [3] Casaes, [4] Viduellos, Costellães, Ervededo e *Chaves.*

Luctuosas reminiscencias

Ha n'esta freguezia da *Venda Nova* uma ponte de granito sobre o ribeiro da *Ponte do Arco*, na estrada nova a macadam, ponte muito antiga e que dava passagem á velha estrada real e talvez á estrada romana.

Nos fins do ultimo seculo esta ponte foi theatro de scenas horrorosas!

Passando aqui um estudante, natural da freguezia de Calvão, concelho de Chaves, vindo de Coimbra em goso de férias, foi aqui roubado e barbaramente assassinado, por levar um bonito annel d'ouro e ter dicto na

---

[1] Até aqui segue com pequena differença o mesmo trajecto a nova estrada real a macadam;—de Penedones vae ao Alto de Morgada, Portella do Brunhedo, Ponte Pedrinha, Casas Novas, Cruz dos Pardieiros, *Chaves.*

[2] Alguem diz que foi *pago* e outros querem que fosse cidade.
V. *Vicente da Chã* (*S.*) vol. X, pag. 527, col. 2.ª *in fine.*

[3] Entre Meixedo e Codeçoso da Chã.
O que se lê no ultimo topico do artigo *Nogueira*, vol. 6.º pag. 106, col. 1.ª—e no vol. 7.º pag. 252, col. 2.ª—art. *Portella de Orzeira*,—deve ser corrigido pelo que se lê no art. *Rio Caldo*, vol. 8.º pag. 190, col. 2.ª

[4] Por estes sitios não se conhece local ou povoação com o nome de *Casaes;* denominavam-se, porem, *Casaes*, ás povoações de Gralhas, Payo, Mantella, Soutello de Leiranco, Silveira, Meixide, etc., por terem o privilegio de *Casaes cerrados*. V. *Montalegre*, vol. 5.º pag. 444, col. 2.ª

estalagem de Ruivães, quando pagou a conta da despeza: «Ora graças a Deus, que ainda me restam 30$000 réis!»—isto por gracejo, pois só lhe restavam 30 réis. [1]

Os assassinos, morto o pobre estudante, seguiram pelo ribeiro do Arco acima até um moinho que está junto do *Pomar da Rainha* e ahi venderam a João Alves, fallecido ha annos, o chapeu da victima.

Foram presos, julgados e condemnados á morte, em Montalegre e, depois da execução, as cabeças estiveram no alto de postes, na mesma ponte, até serem devoradas pelo tempo e pelos bichos.

Os salteadores e assassinos eram gallegos.

Mais sangue

Dos ultimos individuos justiçados em Portugal nas provincias do norte depois de 1834, [2] o ante-penultimo—José Fernandes Begueiro, solteiro e jornaleiro,—era natural d'esta freguezia da *Venda Nova*, ou de *Codeçoso do Arco*, onde nasceu em 1815, filho de Senhorinha Fernandes Begueira, viuva.

Accusado de haver barbara, aleivosa e traiçoeiramente assassinado e roubado em abril de 1838, na serra das *Alturas de Barroso*, Ignacia Joaquina, viuva de Antonio José da Costa, e o menor Francisco, ambos da cidade de Braga, o juiz de direito de Montalegre, por sentença de 21 de janeiro de 1840, o condemnou a soffrer a pena de morte na forca, erguida no Campo do Toural da villa de Montalegre,—sentença que a relação do Porto confirmou em accordam de 12 de agosto de 1842. Recorrendo de revista, foi-lhe esta negada pelo supremo tribunal em accordam de 12 de maio de 1843—e por portaria de 28 d'agosto de 1844 se communicou ao presidente da relação do Porto que S. M. não houve por bem usar da sua real clemencia em favor do reu.

Foi justiçado na *Praça do Toural*, em Montalegre, no dia 17 de setembro de 1844.

Relação do Porto, cartorio do escrivão Albuquerque.

Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo IV, pag. 142, póde ler-se na sua integra a sentença que o juiz de direito de Montalegre, dr. João Carlos d'Oliveira Pimentel, deu contra o reu. Não a transcrevemos por ser muito longa. N'ella se diz, entre outras cousas, o seguinte:—que o reu foi preso em uma taverna da Venda Nova no dia 25 de maio de 1838, armado com um pau de choupa e uma faca de ponta;—que desde a sua infancia se tinha associado com ladrões, salteadores e assassinos, e que por seu turno padecia a nota de ladrão, salteador e assassino;—que o jury deu como provado o crime com todas as circumstancias aggravantes do libello accusatorio, etc.

—

De uma *Carta* ou *Memoria* que sobre o assumpto escreveu um contemporaneo do reu, que lhe assistiu no oratorio, extractaremos o seguinte:

O reu foi conduzido da cadeia da Relação do Porto para Montalegre por uma escolta de infanteria n.º 2. Seguiu a estrada de Ruivães e, quando passou na *Alturas*, junto do local onde fez as duas victimas, tirou o chapeu e orou largo tempo.

Chegou a Montalegre no dia 13 de setembro de 1844, pelas 10 horas da manhã;—entrou logo na prisão, com muita presença de espirito, comendo e fumando, como se não pensasse na sua triste sorte,—e declarou que eram inuteis as cautellas para se não suicidar, porque queria morrer como christão.

---

[1] Antes inculcasse pobresa, como fez um lavrador do Douro, meu visinho, que indo do Porto com 600$000 réis e tendo de atravessar a serra de Amarante até Mezãofrio por caminho que então era um covil de salteadores, muito de proposito ia tão mal vestido que, chegando a uma estalagem e fingindo-se doente, mandou matar uma gallinha, mas a estalajadeira não se moveu. Instando o bom do homem, disse-lhe ella com asperesa:

—E quem é que me paga?

—Eu sou um desgraçado, respondeu elle, mas julgo que ainda hei-de ter um *pinto* (480 réis) para pagar a gallinha. E, depois de muito rebuscar as algibeiras, deu-lhe o pinto. Ficou a mulher espantada e só então se moveu.

Si non é vero...

[2] Foram em numero de 16,—4 justiçados no Porto—e 12 fóra do Porto.

V. *Victoria*, vol. X, pag. 604, col. 1.ª e segg.

No dia 15 chegaram a Montalegre os executores;—estava elle jantando, mas, vendo-os, entristeceu-se e não acabou o jantar. Era meio dia. Á uma hora foi intimado para entrar no oratorio. Despediu-se das pessoas que atravez das grades o observavam, pedindo perdão a todos e que orassem pela sua alma. Em seguida entrou resoluto no oratorio.

—

Havia o juiz de direito sollicitado do rev. arcypreste 4 ecclesiasticos para ministrarem ao infeliz os soccorros da nossa religião. Acudiram promptamente os rev.os Manuel Caetano, parocho encommendado em Santa Maria de Gralhas,—João Gonçalves, parocho de Sarraquinhos e J. Baptista Rosa.

—

Confessou-se; ouviu com muita compuncção as practicas dos rev.os ecclesiasticos;—comeu e dormiu n'aquella noite, mas muito sobresaltado.

No dia 16 commungou;—ouviu 3 missas;—comeu alguma coisa, mas foi perdendo as forças e deitou-se. Perto da noite, muito conpungido, declarou que eram muitos os seus peccados e que só um Deus de infinita misericordia os podia perdoar. Pediu aos sacerdotes presentes que lhe contassem os mysterios da paixão de Jesus e a conversão de algum santo peccador, beijando sem cessar um crucifixo, bebendo amiudadas vezes agua fria e revelando grande abatimento.

De noite dormiu um pouco mais socegado;—contava muito attento as horas que soavam no relogio da torre e dizia aos assistentes quanto a vida se lhe ia encurtando.

Rompeu a manhã do dia fatal. Não come e só se refrigera com agua fria;—mostra-se resignado e reconcilia-se duas vezes.

«Dão 11 e meia; chega a irmandade da Misericordia e os executores com a alva e corda; entram e não desanima; vestem-no; cingem-lhe o baraço, elle presta-se com toda a resignação e os ajuda a accommodar as voltas da corda na prisão das mãos. Saem para a praça do *Toural*;—forma-se o prestito ....e segue acompanhado pelas auctoridades, pelos 2 executores, vestidos de casaco e calça preta, e por uma força militar de 50 homens, em quanto outros 50 de policia formavam armados em volta do patibulo, que se ergueu a meio da praça.»

—

Dirigiram-se á capella de S. Sebastião na dicta praça, onde o capellão da Misericordia celebrou missa e o padre Manuel Caetano fez uma commovente allocução ao reu e ao povo,—e caminharam para o patibulo. Junto d'elle o reu novamente se reconciliou e, ajoelhando sobre uma taboa, conservou-se firme um quarto de hora sem desfallecer;—ouviu depois a sentença que o escrivão do processo leu;—pediu agua—e o padre Rosa com uma breve e pathetica oração o animou a subir.

Simões, o executor mais novo, o esperava já no cimo do patibulo; sobe o padecente, acompanhado pelos padres Gonçalves e Rosa —e senta-se nos degraus superiores. D'ali mesmo o padre Gonçalves, com os olhos marejados de lagrimas, recitou de improviso um pathetico discurso que muito commoveu o numeroso auditorio, mais de 5:000 pessoas que entulhavam a praça, terminando por pedir em nome do padecente perdão a todos, á mãe, a uma irmã e parentes, amigos, justiça, etc.

O padecente de novo pediu agua e depois elle proprio, com voz sonora e intelligivel, pediu tambem perdão a todos;—disse adeus ao mundo;—implorou a protecção de Maria Santissima, para que lhe alcançasse a misericordia do seu amado filho, cujas chagas elle padecente abrira;—cedeu custosamente o crucifixo que levava nas mãos;—o algoz lançou-lhe o capuz—e a execução foi rapida.

—

A dicta *Memoria* conclue dizendo:

«O executado nasceu em abril de 1815 e contava apenas 22 annos quando foi preso; não recebeu educação alguma moral, posto que dizia pesar-lhe o não ter seguido os conselhos de sua mãe. Entregue muito novo ás paixões e vicios, havia-se amestrado no crime. Julga-se ter praticado outros asssassinios, mas nada declarou, nem mesmo os que lhe fizeram culpa. Em todo o tempo do oratorio e execução mostrou bons sentimentos

e felizes lembranças, grande humildade e santidade. Se a educação cultivasse aquella indole, talvez fosse um homem virtuoso e um excellente cidadão.»

Agora o meu illustrado informador [1].

—

«Já que vem de molde, permittam-me que exponha um facto, tal qual me foi narrado por um dos sacerdotes que no oratorio assistiu ao suppliciado. Foi o rev. João Gonçalves, reitor de Sarraquinhos, venerando ancião fallecido em 12 de junho de 1883.

«Na noite de 16 de setembro de 1844, vespera do dia da execução, (disse elle)—encontrando-me bastante fatigado com o trabalho do dia no oratorio, pedi a um dos meus collegas para me substituir por algum tempo. Assim m'o prometteu e fui deitar-me um pouco. Adormeci logo, mas em breve acordei sobresaltado; sentei-me no leito e, lançando os olhos por toda a sala do tribunal que servia de dormitorio, com surpresa vi os meus collegas dormindo profundamente!

«Levantei-me logo; atravessei a sala onde estáva a força militar, e esta dormia tambem;—dirigi-me ao oratorio e encontrei o reu só, de joelhos e como que em extasis, com os olhos fitos em um crucifixo, balbuciando algumas orações. Saudei-o commovido e elle me disse:

—Padre, se a Rainha Nossa Senhora me perdoasse, eu não acceitava o perdão.

—Não só acceitaria o perdão (repliquei eu)—mas até se evadiria, se podesse.

—Tanto não me evadiria que, offerecendo-se-me occasião para isso, a não aproveitei. Já estive na rua e voltei para a prisão.

«Objectei-lhe que na sala contigua estava a força militar e ao fundo da escada uma sentinella.

—As praças que ali estavam na sala (respondeu elle) dormem todas—e o fundo da escada não tinha sentinella. Já vê, pois, que, se não fugi, foi porque não quiz nem quero. Sinto-me contricto e arrependido dos meus crimes e, d'elles perdoado pela infinita misericordia de Deus, espero estar com elle no paraiso brevemente, em quanto que fugindo tinha de andar escondido, sobresaltado e, associando-me talvez ás más companhias d'outr'ora, tornar-me-hia reu de mais crimes e desamparado da graça de Deus.

«Dicto isto, beijou o crucifixo e chorou.

«Aproveitando tão boas disposições, de novo o exhortei á confiança na misericordia divina e louvei ao Senhor pela conversão de um tão grande criminoso.

«Depois, para me certificar de uma revelação tão estranha, sahi do oratorio e vi que effectivamente as praças todas dormiam e não estava sentinella na escada!...»

—

Continua o meu illustrado informador:

«O mesmo dignissimo sacerdote, João Gonçalves, confessou e acompanhou ao supplicio um outro infeliz, por alcunha o *Pintor*, de Villar de Perdizes, que foi fusilado em Chaves, por crime de deserção, pouco tempo depois da triste secena de Montalegre.

Aquelle desertor era um homem perverso e duas vezes havia tentado assassinar o mencionado sacerdote, a quem na hora extrema escolheu para confessor.

Altos juisos de Deus?!...»

Rectificações

A *Portella de Rebordellos*, de que se fez menção no vol. 7.º pag. 253, col. 1.ª, devia estar n'esta freguezia da *Venda Nova*, ou nas suas proximidades—e não na freguezia e concelho de *Boticas*, como disse o meu benemerito antecessor no logar citado.

A nossa asserção baseia-se nas rasões seguintes:

1.ª—Porque na freguezia e no concelho de Boticas (de Barroso) não ha sitio algum denominado *Portella de Rebordellos*—nem memoria de apparecerem ali marcos milliares.

2.ª—Porque uma das inscripções dos marcos encontrados na *Portella de Rebordellos* dizia que d'ali a Braga eram 5 leguas,—e outra marcava XXXV mil passos,—distan-

[1] Foi o rev. José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires, a quem este diccionario tanto deve, e que infelizmente falleceu em outubro de 1885.

V. *Caires* n'este diccionario e no supplemento.

cia que não corresponde á de Braga a Boticas de Barroso, que regula por 12 leguas, ou 60 kilometros.

3.ª—Porque nas proximidades da villa de Boticas não ha povoação alguma denominada *Campos*, emquanto que a meia legua da freguezia da *Venda Nova*, para poente, se encontra na estrada de Braga a povoação e freguezia de *Campos*—junto do sitio denominado *Botica de Ruivães*, que dista de Braga cerca de 6 legoas, ou 30 kilometros para N. E.,—distancia que mais se approxima da dos taes marcos milliares.

—

Fecháremos este artigo bemdisendo a memoria do nosso illustrado e benemerito informador,—o rev. José dos Santos Moura, fallecido em outubro de 1885.

Deus o tenha em bom logar!...

VILLARINHO DAS AZENHAS,—freguezia do concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Justa;—fogos 72,—habitantes 310.

Em 1706 era vigairaria do termo e concelho de Villas Boas, comarca de Moncorvo, arcebispado de Braga, e da apresentação do reitor dos *Valles*, termo e concelho de Chaves (hoje concelho e comarca de Val Passos)—os seus dizimos eram repartidos pela terça do arcebispo de Braga e pela commenda de S. Nicolau dos Valles;—tinha 2 capellas e 3 fontes—e contava apenas 30 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—o cura recebia 14$600 réis, alem do pé d'altar,—e contava 32 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 61 fogos e 189 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 71 fogos e 243 habitantes.

—

Esta parochia é formada pela unica povoação de *Villarinho das Azenhas*, que demora em sitio fundo, abafado e ardentissimo no verão, a sopé de uma ingreme encosta na margem esquerda do Tua, do qual dista apenas 400 a 500 metros—e approximadamente egual distancia da linha ferrea do Tua, para S. E.;—10 de Villa Flor para N.O.;—37 da foz do Tua e da estação d'este nome na linha ferrea do Douro;—176 do Porto—e 513 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Villas Boas, Meirelles e Ribeirinha, annexas de Villas Boas, as quaes fecham em uma especie de meia lua o pequeno terreno de Villarinho a N.E.S. e E.—e a N. O. o Tua.

Producções dominantes:—optimo azeite em grande quantidade, vinho bom de mesa, cereaes e fructa.

Tambem é mimosa de caça miuda, de peixe do Tua—e de *sesões*, por estar em sitio fundo, abafado e ardentissimo no verão.

Banham esta parochia o Tua e alguns pequenos ribeiros que desaguam no Tua, no qual tem desde tempos muito remotos varias azenhas, das quaes tomou o nome de *Villarinho das Azenhas*. São hoje as 4 seguintes:—*Azenha Nova*,—das *Tres Rodas*,—da *Amieira*—e das *Regadas*.

—

Os 3 primeiros proprietarios d'esta freguezia hoje são:—Antonio do Nascimento de Almeida e Costa, José Pegado e Antonio Pinto Soares.

Templos

1.º—*Egreja parochial.*

A primeira esteve no sitio ainda hoje denominado *Egreja Velha*, cerca de 800 metros distante de Villarinho, pelo que, achando-se arruinada e sendo humilde e pequena, a deixaram e arvoraram em matriz uma capella que estava na povoação, no sitio que hoje occupa.

Foi reedificada e accrescentada em 1716. Tem campanario com 2 bellos sinos—e dentro d'ella se fazem ainda hoje os enterramentos, por falta de cemiterio, o que muito augmenta a insalubridade d'esta parochia.

2.º—*Capella do Espirito Santo.*

Demora ao fundo da povoação de Villarinho. É publica.

3.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, tambem publica, cerca de 2 kilometros a leste de Villarinho, em sitio alto e vistoso, nas faldas da serra do *Pharo*,—serra que está defronte da de Nossa Senhora da Assumpção de Villas Boas e que deve ter approximadamente a mesma altura.

V. *Villas Boas*, freguezia do concelho de Villa Flor.

A dicta capella dos Remedios tem altar-mór e 2 lateraes, todos muito singelos,—e um pequeno campanario com uma sineta.

Festejam a padroeira no primeiro domingo depois da Natividade de Nossa Senhora, havendo por essa occasião uma insignificante romagem.

3.º—*Capella das Onze Mil Virgens.*

Demora na povoação;—é particular;—está em ruinas—e pertence ao primeiro proprietario d'esta freguezia,—Antonio do Nascimento d'Almeida e Costa.

—

N'esta parochia não ha minas em exploração nem simplesmente registradas, mas deve ter importantes jázigos de ferro, porque no seu termo, na pendente da serra do *Pharo* sobre a margem esquerda do Tua, brotam muitas nascentes d'aguas ferreas, que até hoje não foram analysadas. Mencionaremos apenas duas:—a do *Ribeirão*, a S. O. de Villarinho,—e a *d'Agua de Lã.*[1]

Esta ultima abunda em magnesia e os habitantes de Villarinho a aproveitam para uso domestico.

Suppomos que estas aguas são congeneres das thermaes de *Carlão e S. Lourenço*, que brotam alguns kilometros a jusante nas margens do mesmo rio Tua,—e é provavel que sejam devidamente analysadas e aproveitadas, logo que se abra ao transito a linha ferrea do Tua, quasi concluida, e que atravessa as dictas nascentes.

V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 478, col. 1.ª Aproveitando o ensejo, — accrescentaremos o seguinte:

Linha da Foz do Tua a Mirandella

—Contracto provisorio:—24 de dezembro de 1883.

—Approvação:—carta de lei de 26 de maio de 1884.

—Contracto definitivo:—30 de junho de 1884.

—Concessionario: — Conde da Foz, que depois organisou a *Companhia Nacional de Caminhos de Ferro*, á qual traspassou os seus direitos.

—Inauguração dos trabalhos:—16 d'outubro de 1884.

—Extensão da linha:—54 kilometros.

—Obras d'arte:—6 tuneis com a extensão total de 522 metros;—2 viadúctos de ferro e 4 pontes, tendo de extensão total os 6 taboleiros 220 metros.

—Estações:—Foz-Tua, na linha do Douro, em que entronca;—Tralhariz, Amieiro, S. Lourenço, Brunheda, Abreiro, Villarinho (das Azenhas) — Cachão (estação de Villa Flor, distante cerca de 11 kilometros para N.E.)—Frechas e Mirandella,—estação *terminus* actual, emquanto esta linha se não prolonga até á de Zamora, pelas proximidades de Bragança.

Deve abrir-se á circulação no corrente anno de 1887.

Depois de varios contra-projectos, o seu traçado seguiu a margem esquerda do Tua.

A estação de *Villarinho* dista da Foz do Tua 36 kilometros.

Fica assim rectificado o que d'esta linha dissemos no artigo *Vias Ferreas.*

—

O Tua, a montante d'esta freguezia de Villarinho, corre placido, tem margens mimosas e rega bons campos, mas desde Villarinho até o Douro o seu leito é muito pedragoso, apertado, agreste e fundo e descreve a cada passo o bello-horrivel em cachoeiras medonhas e pégos de grande altura, tal é mesmo aqui, junto de Villarinho, mas no termo da freguezia de Valverde (margem direita) a *Ola do Piago*,—e no termo de Villarinho, no sitio da mencionada *Azenha das Tres Rodas*, o pégo das *Taimas*, junto dos fertilissimos campos d'este nome.

V. *Tua* n'este diccionario e no supplemento.

Concluiremos dizendo que esta freguezia tem estado por vezes annexa á de Villas Boas, mas hoje é independente e tem parocho proprio *encommendado*,—o rev. Feli-

---

[1] É possivel que o nome seja outro e que eu não decifrasse bem os apontamentos que recebi.

ciano d'Almeida Ramires, venerando ancião, pois já conta mais de 70 annos de idade.

Ao meu bom amigo e cyreneu, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, mas residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DO BAIRRO,—villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca da Anadia, districto de Aveiró, diocese de Coimbra, provincia do Douro.

Priorado;—fogos 611,—habitantes 2:550.

Orago—S. Miguel.

Em 1708 era priorado da apresentação da casa de Bragança e villa pertencente á extincta comarca de Esgueira, cujo provedor entrava n'esta villa por correição, bem como o ouvidor de Barcellos[1];—alem da egreja parochial tinha 2 capellas publicas—e contava 160 fogos.

Em 1768 era priorado da apresentação da corôa;—rendia 250$000 réis—e contava 27 fogos (?) segundo se lê no *Portug. S. e Profano.*

O censo de 1864 deu-lhe 501 fogos e 2:011 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 551 fogos e 2:271 habitantes.

Em 1840 pertencia ao concelho de S. Lourenço do Bairro, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o da Anadia.

—

Demora em terreno suavemente ondulado, mimoso e fertil, na estrada districtal a macadam de Luso a Mira e dista da estação de Mogofores, na linha ferrea do norte, 6 kilometros para O. S. O.;—9 e meio da villa da Anadia, séde do concelho e da comarca, para O. N. O.;—33 de Coimbra;—100 do Porto —e 251 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho do Bairro*, séde da parochia,—Paço, Pedreira, Torres, Lameirinhas, Pontena, Moinho do Maio, Vendas de Samel, Quinta da Alegria, Quinta do Perdigão, Chepar de Baixo, Chepar de Cima, Bemposta, Levira, Mouta Redonda, Banhos, Ribeirinho, Azenha, Arrota, Freixo, Mellada e Quinta do Pomo.

[1] Foi villa e priorado da serenissima casa de Bragança durante seculos.

Producções dominantes:—vinho, milho, arroz, fructa e hortaliça.

O seu vinho é optimo, como vinho de mesa, pois esta freguezia faz parte integrante da *Bairrada*, uma das nossas primeiras regiões vinicolas e hoje (1887) uma das mais ricas, porque produz grande quantidade de vinho e nos ultimos annos todo tem sido exportado por bom preço[1] para França,—bem como todo o da Beira, da Extremadura e do Minho, depois que a maldicta phylloxera aniquilou os nossos vinhedos do Alto-Douro e os da França; mas infelizmente já todos os vinhedos da Bairrada, da Extremadura e da Beira se acham ameaçados de morte pela mesma praga!

Tambem n'esta região vinicola da Bairrada, nomeadamente nas freguezias de Ancas, Tamengos, Mogofores, Ois do Bairro, S. Lourenço do Bairro e n'esta de Villarinho do Bairro tem causado muitos prejuisos nos ultimos annos a *pyrale*, ou lagarta da vinha, e uma epiphytia muito semelhante á da *diagalves*, flagello da nossa Extremadura.

—

Esta parochia é atreita a pneumonias. Em uma correspondencia de 7 de janeiro de 1874, enviada d'aqui para um jornal de Aveiro, se lia entre outras coisas o seguinte:

«As pneumonias agudas tem causado aqui uma mortandade, como não ha memoria! Raro é o dia, em que não ha uma victima; e tem havido dias de duas. O povo anda aterrado, porque o funebre toque do sino todos os dias lhe vem trazer a triste noticia de que mais um nome se riscou do rol dos vivos. A irmandade das almas está enterrando os pobres, porque o unico coveiro que aqui havia, tambem já succumbiu; e o pharmaceutico da terra, por nome Antonio dos Santos, tambem já não existe! Corta na verdade os fios da alma vêr uns poucos de meninos chorando sobre o cadaver de um pae que era o seu amparo, ou sobre o cadaver de uma mãe, que, já viuva, era o seu unico arrimo!

Até á hora em que estou escrevendo, 3

[1] Tem-se vendido aqui a pipa de 600 litros por 30 a 36 mil réis!...

da tarde, já se deram hoje á terra mais duas victimas. Se isto assim continuar, teremos de pedir providencias ás auctoridades, e á misericordia do Altissimo.

A maior parte dos que são accommettidos pelo flagello duram só 3 a 4 dias; outros, que parece estarem a salvo, recahindo, morrem quando já se não espera.»

Tambem as febres intermittentes são um flagello n'esta freguezia, por ter muitos arrosaes.

V. *Vil de Mattos.*

—

Em abril de 1884 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, caindo por essa occasião muitas faiscas electricas, uma das quaes matou instantaneamente uma pobre mulher.

Esta parochia foi villa e teve foral dado em Lisboa por el-rei D. Manuel, a 6 de março de 1515.

Livro de Foraes Novos da Extremadura, fl. 164, col. 1.ª

Freguezias limitrophes:—Mamarosa, Bôlho, Ois do Bairro, S. Lourenço do Bairro, Ventosa e Covões.

Alem da sua egreja matriz tem 11 capellas publicas e 2 particulares. São as seguintes:

1.ª—*Espirito Santo.*
2.ª—*Senhora do Livramento.*
3.ª—*S. Bartholomeu.*
4.ª—*S. Gregorio.*
5.ª—*S. Geraldo.*
6.ª—*Santa Marinha.*
7.ª—*Senhora da Conceição.*
8.ª—*Senhora das Febres*, alvo de grande veneração, porque as febres, como já dissemos, são o maior flagello que açoita esta freguezia.
9.ª—*S. João.*
10.ª—*Santa Maria Magdalena.*
11.ª—*Senhora da Boa Morte.*
12.ª—*Senhora dos Banhos.* [1]

Todas teem annualmente festa propria—e esta ultima 3 com romarias.

Na séde da parochia ha uma feira mensal.

[1] O meu informador não mencionou a 13.ª

Tem differentes ribeiros e regatos que regam e moem,—e muitas fontes publicas de charco, de poço e de bica, sendo a agua geralmente boa.

Tem uma fabrica de louça amarella—e não tem edificios notaveis—nem *cemiterio parochial!*...

Os enterramentos são feitos no adro da egreja matriz, onde ainda ha poucos annos se encontravam muitas moedas de 3 réis que os antigos costumavam metter nos bolsos dos finados para pagarem ao celebre *Caronte*, barqueiro da fabula, a passagem para os Campos Elysios!...

Não era muito cara a passagem.

Bem mais gastámos nós em 1880 para visitarmos os *Campos Elysios* de Paris.

Tem finalmente esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

Nada resta da sua casa da camara, da cadeia e do pelourinho, porque foram demolidos quando se fez a estrada districtal a macadam.

—

É hoje aqui parocho e arcypreste, aliás muito digno, o rev. sr. Joaquim Gomes dos Santos, que nasceu na freguezia de *Vallongo do Vouga*, concelho d'Agueda, no dia 6 de junho de 1830;—recebeu todas as ordens em Lamego;—celebrou a primeira missa em 20 d'agosto de 1853;—por decreto de 11 de dezembro de 1858 foi apresentado na egreja do Troviscal, então diocese d'Aveiro, hoje de Coimbra,—e por decreto de 14 de julho de 1859 foi apresentado n'esta de *Villarinho* e n'ella se collou em 15 de dezembro do mesmo anno.

—

Aproveitando o unico ensejo que se nos offerece de fallarmos do concelho da *Anadia* no texto d'este diccionario, accrescentaremos ao artigo proprio (V.) o seguinte:

Comprehende 12 freguezias:—Ancas, Arcos, Avelãs do Caminho, Avelãs de Cima, Mogofores, Moita, Ois do Bairro, Sangalhos, S. Lourenço do Bairro, Tamengos, Villa Nova de Monsarros e esta de *Villarinho do Bairro*, com o total de 3:946 fogos e 16:016 habitantes,—segundo o recenseamento de 1878.

No ultimo anno economico de 1885 a 1886 pagou as contribuições seguintes.

Predial	10:026$237
Industrial	1:933$866
Renda de casas e sumptuaria	734$306
Decima de juros	810$203
Sello de verba	496$580
Sello de conhecimentos	323$387
Somma	14:324$579

Os seus 3 maiores proprietarios na actualidade são os ex.[mos] srs.—Marquez da Graciosa,—dr. Alexandre de Seabra—e dr. Francisco Cancella, da freguezia dos Arcos.

A producção principal d'este concelho é o vinho. No ultimo anno (1885) anno muito abundante, produziu talvez mais de 11:000 pipas de 600 litros; — est'anno produziria metade—e em annos regulares costuma produzir 6 a 8:000 pipas.

No anno ultimo vendeu quasi todo o seu vinho para França, a preço de 30 a 36$000 réis a pipa,—e para a França foi tambem no mesmo anno vendida e exportada a maior parte do vinho da Bairrada, da Beira, da Extremadura e do Minho.

Sò desde outubro de 1885 até julho do anno de 1886 foram exportadas pela estação de Mogofores 8:800 pipas, pela da Mealhada cerca de 12:000,—pela de Cantanhede 7:000 e pela da Oliveira do Bairro 1:500,—quasi tódas para a França.

—

É muito prospero o estado d'este concelho e de toda a região vinicola da *Bairrada* no momento, mas essa prosperidade tende a declinar porque os seus vinhedos, bem como os da Beira e da Estremadura, já estão manchados e seriamente ameaçados pela maldita phylloxera—e poucos dos seus proprietarios se teem resolvido a combatel-a com o sulphureto de carbone, que é o melhor insecticida até hoje descoberto.

V. *Villarinho de Cottas, Villarinho dos Freires, Villarinho de S. Romão* e *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

Ao sr. Albano Coutinho, illustrado viticultor d'este concelho e distincto escriptor publico agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Nasceu s. ex.ª em Lisboa na freguezia do Coração de Jesus aos 5 de dezembro de 1848 e foram seus paes Albano Affonso d'Almeida Coutinho [1] e D. Anna Luiza d'Oliveira Gadanho.

Foi alumno do nosso *Instituto Geral de Agricultura,* mas interrompeu o seu curso em 1868 para ir viver com seu pae, que então fixára a sua residencia em Mogofores, onde falleceu em 7 de março de 1876.

Debutou no jornalismo aos 18 annos, publicando na *Gazeta de Portugal* em 1867 uns interessantes folhetins, e tem posteriormente collaborado em outros muitos jornaes politicos, scientificos e litterarios de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, taes são:—*As Economias, Tribuno Popular, Districto d'Aveiro, Gazeta do Povo, Diario Mercantil, Archivo Popular,* a *Republica Portugueza, Diario da Tarde, Gazeta Muzical, Democracia, Jornal da Tarde, Commercio do Porto, Commercio Portuguez,* o *Seculo,* a *Justiça Portugueza,* o *Povo,* o *Jornal de Horticultura Pratica,* a *Vinha Portugueza,* etc.

Em 1879 escreveu uma comedia original em 3 actos,—a *Filha do commendador,*—que foi representada com applauso na inauguração do theatro da Anadia, em abril do dicto anno—e em 1881 publicou em volume, sob o titulo *Ocios* (Porto, typographia Lusitana) a maior parte dos seus escriptos que andavam dispersos.

Casou em 1879 com a sua prima D. Francisca Affonso Coutinho;—tem apenas uma filha;—vive em Mogofores concentrado na vida agricola e da familia—e é um dos mais distinctos vogaes da commissão anti phylloxerica da *Bairrada,* sua patria adoptiva.

VILLARINHO DAS CAMBAS, — freguezia do concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago o Salvador;—fogos 102, —habitantes 450.

---

[1] Veja-se o *Appendice* ao *Diccionario Bibliographico* de Innocencio.

Em 1706 era abbadia da mitra;—rendia 120$000 réis;—pertencia ao julgado de Vermoim, comarca e ouvidoria de Barcellos;—contava 52 fogos—e tinha como orago *S. João* —segundo se lê na *Chor. Portug.*, vol. 1.°, pag. 323, mas suppomos que foi lapso,—e por lapso tambem diz o sr. João Maria Baptista na sua *Chorogr. Mod.* (tomo 2.° pag. 550) que o padre Carvalho na *Chor. Port.* não fez menção d'esta freguezia sob o titulo de *Villarinho de Cambas.*

Solatium est miseris socios habere!...

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, esta freguezia denominava-se *Villarinho de Cambas;*—tinha como orago o Salvador;—era abbadia da apresentação da mitra;—contava 52 fogos—e rendia 300$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 324 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 77 fogos e 317 habitantes—e hoje, segundo diz o seu rev. abbade, conta 102 fogos e 450 habitantes!...

—

Demora esta freguezia na estrada a macadam de Villa do Conde para Villa Nova de Famalicão, entre os rios Este e Ave.

Dista da estação de Villa Nova de Famalicão (a mais proxima) na linha ferrea do Minho 4 kilometros para S. O.;—5 de Famalicão tambem para S. O.;—os mesmos 5 da margem direita do Ave para N. e tambem 5 da margem esquerda do rio Este para S.E.;—18 de Villa do Conde para E. N. E.;—26 de Braga; — 37 do Porto — e 374 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho das Cambas*, séde da parochia,—Egreja, Monte, Nasce-Agua, Padrão, Eiras, Eirado, Vigia, Casermo, Barranhas, Paço, Chãos, Venda, Cruz, Espide, Santo, Cancella, Outeiro, Outeirinho, Bouça, Barrinho, Lagôas, Pena, Vessadinha e Lameiro.

A *Chorographia Moderna* menciona mais as seguintes:—Parada, Pedra d'Anta, Pombalinho e Souto.

Ha tambem n'esta parochia uma quinta importante, denominada *Outeiro*, pertencente ao sr. Antonio Fernandes Ilhão.

—

Freguezias limitrophes:—Fradellos a O.;—S. João do Callendario a E.;—Gemunde Cavallões e Gondifellos a N.—e Ribeirão a S.

Producções dominantes: — milho, vinho verde, hervagens, fructa e madeira de pinho em grande quantidade, pois tem vastos pinheiraes.

A egreja matriz é notavel pela sua antiguidade e pelas suas riquissimas decorações de obra de talha dourada e pinturas a oleo no tecto da capella-mór, representando a transfiguração e outros mysterios do *Salvador*, orago d'esta freguezia,—e no tecto do corpo da egreja 15 paineis restaurados em 1733 e que tambem representam varios mysterios de Christo.

Ha tambem n'esta egreja imagens de boa esculptura.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são duas:—S. João Baptista, a 24 de junho,—e Nossa Senhora da Paz, no dia da Assumpção.

Banha esta freguezia o ribeiro de *Villarinho*, que desagua no Ave, a 5 kilometros de distancia.

Rega, moe e abunda em peixe miudo, nomeadamente trutas.

Foi muito importante n'esta freguezia a industria da engorda de bois para a Inglaterra,—industria decadente na actualidade.

V. *Villar d'Andorinho.*

Em compensação nos ultimos annos tem vendido por bom preço todo o seu vinho para a França, nomeadamente para Bordeus.

V. *Villa Verde*, séde de concelho e comarca.

—

É muito antiga esta parochia, como provam a sua egreja matriz e as suas ricas decorações—e melhor ainda as sepulturas e ossadas que teem apparecido no *Campo da Junqueira*, pertencente á grande quinta do *Outeiro*, na povoação d'este nome,—campo, onde, segundo diz a tradição, houve um convento antiquissimo de frades bentos, que o abandonaram e se transferiram para o de *S. Simão da Junqueira*, proximo de Villa do Conde e distante d'esta freguezia cerca de 10 kilometros para O. S. O.

V. *Junqueira*, freguezia, Douro, vol. 3.° pag. 427, col. 2.ª

Era o dicto campo foreiro ao mencionado convento, pelo que em 1834, sendo extinctas as ordens religiosas, passou aquelle fôro para a fazenda nacional, e em 2 d'outubro de 1857 o governo o poz em hasta publica e o comprou pela quantia de 68$110 réis Antonio Fernandes Ilhão, dono da mencionada quinta do *Outeiro*, e que já era emphyteuta do dicto campo.

Alguem diz que o convento benedictino e depois cruzio de *S. Simão da Junqueira* foi primitivamente fundado no dicto campo, mas nem a *Benedictina Luzitana*, nem a *Chronica dos Conegos Regrantes* dizem coisa alguma a tal respeito.

—

N'esta parochia ha grandes jazigos de ferro.

Por decreto de 31 d'agosto de 1878 foram reconhecidos como proprietarios legaes de uma mina de ferro, sita na aldeia de Espido, Sebastião Maria dos Santos, Francisco José d'Oliveira, João Gomes Ferreira e o padre Antonio da Silva Ferreira, mas até hoje não deram principio á exploração;—e na quinta do *Outeiro* brotam aguas ferruginosas em terreno em partes muito escuro e n'outras avermelhado, o que parece revelar tambem jazigos de carvão e ferro.

Clima temperado e saudavel.

Doenças predominantes—pneumonias no inverno.

A rezidencia parochial é muito antiga e está muito arruinada com o peso dos seculos.

Por occasião do grande terramoto de 1750 estalou a soleira da porta principal da matriz d'esta parochia e ainda se conserva fendida.

Abbades

Até 1542—Manuel Dias.
» 1590—Francisco Soares, que foi tambem conego da Sé do Porto.
Até 1612—Estevam da Costa.
» 1648—Gaspar Gonçalves de Figueiredo.
Até 1685—Joaquim de Sá.
» 1714—Luiz de Sá.
» 1736—Manuel Ferreira da Cruz.
Até 1776—José Freire da Costa.
» 1813—Ignacio Ribeiro de Queiroz.
» 1845—Pedro Ignacio Rodrigues da Costa, visitador.
Até 1850—Joaquim Pereira de Vasconcellos Carneiro.
Até 1852—Antonio José Bernardo de Carvalho.
Desde 1852—Joaquim Alves da Silva.
É o rev. abbade actual.

Esta freguezia ainda não tem cemiterio. Os enterramentos são feitos no adro.

—

Alguem nos disse que esta parochia se denominava *Villarinho das Campas*, o que foi para nós uma surpreza; mas é certo que vulgarmente e officialmente se denomina *Villarinho das Cambas* e assim a denominaram a *Chorographia Portugueza*, o *Portugal Sacro e Profano*, o *Flaviense*, etc.

—

Ao sr. Joaquim Azuaga, dignissimo director da estação de Villa Nova de Famalicão na linha ferrea do Minho e redactor principal da *Alvorada*, interessante jornal litterario que se publica na mencionada villa, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DAS CAMPAS. — Leia-se *Villarinho das Cambas*. Vide.

Em todo o nosso paiz não temos aldeia nem parochia alguma denominada *Campas* ou *Villarinho das Campas*.

VILLARINHO DA CASTANHEIRA,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Santa Maria Magdalena; —fogos 262,—habitantes 1:080.

Em 1706 era villa da corôa e cabeça de uma grande abbadia da opção do cabido e mais ecclesiasticos do côro da Sé de Braga, a cuja diocese pertencia ecclesiasticamente —e judicialmente á comarca de Moncorvo; —era séde do concelho do seu nome e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores e juiz dos orphãos com seus officiaes, 1 capitão-mór e 1 sargento-mór, aos quaes obedeciam 3 capitães de 3 companhias de ordenanças da villa

e seu termo. Comprehendia este as 8 freguezias seguintes (além da séde):—*Pinhal*,[1] (do Douro)—Castedo, Carvalho d'Egas, Lousa, Seixo de Manhoses, Val de Torno, Gavião, hoje simples aldeia da freguezia de Seixo de Manhoses,—e Lagôa, hoje simples aldeia tambem da freguezia de Val de Torno.

Os parochos d'estas 8 freguezias eram todos apresentados pelo abbade de Villarinho da Castanheira, mas o cabido de Braga recebia os dizimos de todas, inclusivamente da de Villarinho,—dizimos que andavam então arrendados por 640$000 réis.

Ao tempo contava esta parochia 200 fogos—e rendia para o abbade 150$000 réis.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação—e contava 201 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 221 fogos e 877 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 260 fogos e 1:015 habitantes.

—

A povoação de Villarinho da Castanheira demora em um planalto alegre e vistoso na antiga estrada de Anciães para Moncorvo e dista 5 kilometros da margem esquerda do Douro para N.;—6 da estação de *Freixo de Numão* (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;[2]—12 de Carrazeda d'Anciães para S. E.;—15 de Villa Flor para S.S.O.;—24 de Moncorvo para O. N. O.;—171 do Porto—e 508 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Val Torno, Lousa, Castêdo, Fonte Longa, Mourão e Seixo d'Anciães.

O clima d'esta parochia é temperado e saudavel na parte alta, mas na margem do Douro e nas suas ingremes encostas é ardentissimo no verão e um medonho viveiro de sezões! Costuma ali o thermometro subir a 40 graus á sombra, quando na villa marca 20!

A baixa é uma verdadeira zona torrida, como toda a margem direita do Douro desde a Regoa até á Barca d'Alva,—emquanto que a parte alta d'esta freguezia e d'este concelho é fresca, muito habitavel e fórma a região denominada *Terra Fria*, ou *Frieira*, em opposição á *Terra Quente*, comprehendida nos concelhos de Murça, Alijó e Mirandella.

A parte alta é abundantissima de agua potavel e de rega,—emquanto que a baixa no verão só tem a agua do Douro e alguns charcos pestilentos.

A parte alta produz vinho, trigo, milho, azeite, muitas bátatas e castanhas, — em quanto que a baixa apenas produz magnifico azeite em grande quantidade, amendoas, sumagre e centeio.

Tambem produzia bastante vinho superior, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos, como destroçou quasi todos os do Alto Douro e d'esta provincia transmontana, achando-se tambem no momento (agosto de 1886) infelizmente já manchados e seriamente ameaçados todos os outros vinhedos do nosso paiz.

V. *Villarinho do Bairro, Villarinho de Cottas, Villa Flor e Villa Real de Traz-os-Mon-*

---

[1] A *Chorogr. Portugueza* não diz qual era a invocação d'esta parochia e por isso não sabemos se se referia á de *Pinhal do Douro*, orago o Espirito Santo,—ou á de *Pinhal do Norte*, orago Nossa Senhora das Neves,—hoje ambas d'este concelho; menciona porem outra freguezia com o mesmo nome de *Pinhal*, e da apresentação do abbade de Marzagão, no termo da extincta villa d'Anciães e pertencente á commenda de S. João Baptista de Marzagão, o que nos leva a crer que á villa e termo de Villarinho da Castanheira pertencia então a freguezia de *Pinhal do Douro*—e á villa e termo de Anciães a de *Pinhal do Norte*. O *Port. S. e Prof.* tambem diz que a freguezia de *Pinhal*, orago Nossa Senhora das Neves, era apresentada pelo parocho de Marzagão.

V. *Pinhal do Douro* e *Pinhal do Norte*.

[2] Esta linha vem do Porto e acompanha a margem direita do Douro até passar em um tunnel de 700 metros o *Cachão da Valleira*; —depois, um pouco a montante (kil. 152) passa para a outra margem (esquerda) do Douro em uma ponte de 7 vãos com a extensão total de 412m,50,—e segue d'ali sempre pela margem esquerda do Douro até á Barca d'Alva, onde entra na Hespanha, seguindo até Salamanca, etc.

Está aberta á circulação até á Foz do Tua, mas ainda este anno de 1886 deve abrir-se ao transito até á estação do Pocinho ou de Moncorvo,—e em 1887 ficará aberta ao transito até Salamanca. V. *Vias Ferreas*.

tes e *Villarinho de S. Romão*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

Esta parochia, alem da villa de Villarinho da Castanheira, não comprehende outras povoações, mas sómente 4 fogos na grande quinta de Lovazim, 3 nos moinhos do Couto e 3 na quinta e nos moinhos da Cova Escura.

Alem d'estas duas quintas, merecem especial menção tambem a da *Telhada*, pertencente a Sebastião d'Azevedo Lobo, de Seixo d'Anciães, cuja producção é azeite (5 a 6 pipas)—e a dos *Lagares*, pertencente ao padre José Maria d'Aguilar, da freguezia das Seixas, concelho de Foscôa.

A de *Lovazim* é hoje absolutamente a primeira e a mais importante d'esta freguezia e d'este concelho e uma das primeiras do Alto Douro e d'esta provincia,[1] porque a sua producção dominante foi sempre azeite; —costuma produzir a bagatella de 80 a 100 pipas de 550 litros por anno;—tem 25 a 30 mil oliveiras,—2 casas de habitação brazonadas e 19 com abegoarias e outras officinas; mede 5 kilometros ao longo do Douro, no qual tem as azenhas de *D. Maria* com 3 rodas de moinhos que andam arrendadas por 100 alqueires de pão,—apascenta 1:000 cabeças de gado lanigero;—produz tambem 1:000 a 1:500 medidas de centeio de 15 litros e 20 a 30 arrobas de amendoa, [2]—Tem finalmente 1 forno de telha na margem do Douro e magnificas *lodeiras* que, plantadas de vides, podem dar 100 a 200 pipas de vinho por anno?!...

Este magnifico predio com alguns outros mais pequenos que o seu feliz proprietario possue n'este concelho, paga 222$400 réis de contribuição predial.

Só por esta quinta offereceu *cem contos de réis* o fallecido par do reino Francisco José da Silva Torres, segundo marido da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, representante da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, avaliada em *seis mil contos?!...* [1]

—

Foi dono d'esta quinta e d'outras muitas na provincia da Beira, nomeadamente em Freixo de Numão, sua terra natal, Manoel de Castro Pereira de Mesquita, ministro da rainha D. Maria II. Fez a expedicção de Moscou e na guerra da peninsula montou *á sua custa* e commandou uma companhia de cavallos.

Nasceu em 1778;—casou em Lisboa com D. Maria Clara Braamcamp, irmã de Anselmo Braamcamp, e—já viuvo e contando 85 annos de idade,—falleceu a 16 d'agosto de 1863 na rua do Calvario, freguesia de Miragaya, no Porto, onde jaz em deposito, no cemiterio oriental, até que seja trasladado, como determinou, para a sua capella de Villarinho da Castanheira. [2]

Não deixou successão, pelo que instituiu universal herdeiro o seu sobrinho Luiz de Castro Pereira, residente em Freixo de Numão. É casado e tem duas filhas:

—*D. Guilhermina de Castro Pereira*, casada com o seu primo Joaquim Augusto de Sá Menezes, do Villarôco, e—*D. Maria da Purificação de Castro Pereira*, casada com o seu primo Sebastião Teixeira Lobo Pisarro

---

[1] D'ella tomou o nome de *Lovazim* um dos pontos do Alto Douro. Tem o n.º 74 na lista que sob o titulo *Pontos do Douro* (V.) publicamos no vol. 7.º pag. 199 col. 2.ª

Não se confunda com o ponto n.º 16 da mesma lista, denominado tambem *Lovazim*, junto de uma quinta de egual nome, na freguezia de S. Thomé de Covellas, concelho de Baião, defronte da parochia e do concelho de Rezende.

[2] Ha n'esta provincia proprietario que colhe mais de 400 arrobas d'amendoa por anno!...

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*. vol. 11.º pag. 1013, col. 1.ª

Entre as muitas quintas que esta familia tem no Alto-Douro avulta na margem esquerda, em frente d'este concelho de Carrazeda d'Anciães e quasi defronte da quinta de Lovazim, a magestosa quinta do *Vesuvio*, que é absolutamente a primeira do Alto e Baixo Douro.

V. Vesuvio.

[2] V. *Freixo de Numão* no supplemento a este diccionario;—entretanto podem ver-se as *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes* do seculo XIX por J. Carlos Feo e visconde Sanches de Baêna, pag. 644, 645 e 646 (nota).

e Castro, da nobre *Casa da Capella*, em Sabrosa.

Templos

Alem da egreja matriz, que é um bom templo com altar mór e 4 lateraes, ricamente decorados com talha antiga dourada,—tem esta freguezia as 10 capellas seguintes:

1.ª—*Senhora da Fé*, na extremidade da villa, indo para Carrazeda.

Tem um só altar com a arvore de Jessé e 12 imagens nos 12 braços de granito. É de fórma redonda, como um pombal, e antiquissima, com portas d'arco de volta inteira;—está em sitio muito vistoso;—é publica—e d'ali se descobre Villa Flor e grande parte d'esta provincia de Traz-os-Montes, da Beira e muito terreno da Hespanha.

2.ª—*Nossa Senhora da Assumpção*, em um morro a N. da villa, d'onde se descobre um vasto horisonte.

É tambem publica, singella e moderna;—está bem conservada, mas não tem festa nem romaria.

3.ª—*S. Sebastião*, ao sul da villa, no caminho de Moncorvo.

É tambem publica, singella e aberta ao culto.

4.ª—*Santo Antonio*, dentro da villa.

É publica e tem porta d'arco de volta inteira e campanario.

5.ª—*Senhora do Rosario*, tambem na villa, com porta d'arco de volta inteira e campanario.

Publica e aberta ao culto.

.ª—*S nhor do Calvario*, tambem na villa.

Foi particular, mas hoje é publica e está em frente da de Nossa Senhora do Rosario.

7.ª—*Senhora da Purificação*. É particular e brasonada, pertencente a um dos palacetes da familia Castro Pereira e foi cabeça de vinculo.

8.ª—*Santa Luzia*, tambem brazonada e pertencente á grande quinta de *Lovazim* da mesma familia Castro Pereira.

Tambem foi vincular.

9.ª—...... profanada, na mesma quinta de *Lovazim*.

10.ª—*S. Bartholomeu*.

É publica.

Feiras

Tem uma mensal, no primeiro dia de cada mez.

Em gado bovino da raça mirandesa, crusada com a raça gallega, é a primeira da provincia,—mais importante do que as de Chacim, Bragança e D. Chama.

Por vezes n'ella se reunem a um tempo mais de 2:000 cabeças de bois?!...

O preço de cada junta nos ultimos annos tem regulado aqui por 20 a 40 libras, mas algumas se tem vendido por 50 a 60.

Viação

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam—e este concelho tem apenas uma que faz parte da de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta por Sabrosa, Alijó, Foz Tua, Carazeda d'Anciães, ponte da Junqueira, Moncorvo, etc.

N'este concelho está construida desde a Foz do Tua até Carrazeda d'Anciães.

Tambem este concelho comprehende cerca de 12 kilometros da linha ferrea do Douro —e um troço da linha ferrea do Tua.

Pessoas notaveis

Pela sua virtude—o capitão mór Manoel Antonio Pimentel e Castro—e pela sua inquebrantavel rectidão o juiz Francisco Vanim de Castro.

Poderiamos levar muito longe esta lista folheando as genealogias das muitas familias nobres que até hoje tem tido esta villa, com os appellidos de Almeida, Pinto, Castro, Pereira, Mesquita, Botelho, Mello, Tenreiro, Tavares, Magalhães, Abreu, etc.

Ainda conserva 6 edificios brasonados:

1.º—A casa que foi de Manoel de Castro Pereira e que é ainda hoje absolutamente a primeira da villa.

2.º—A casa que foi de João Evangelista Nogueira, hoje dos herdeiros de Joaquim Lopes Cardoso.

3.º—A que foi do capitão mór Manuel Antonio Pimentel e Castro e que é hoje de João Gomes Ferreira.

4.º—Outra que foi do mesmo capitão mor e é hoje de D. Maria Eugenia d'Azevedo Lobo.

5.º e 6.º—As duas casas brasonadas da quinta de Lovazim, que foram do mencionado Manuel de Castro Pereira e são hoje do seu sobrinho e herdeiro Luiz de Castro Pereira.

—

Os antigos paços do concelho d'esta villa foram comprados por um individuo que os reedificou e transformou em habitação particular.

Teem na frente um bom largo, que foi a antiga Praça.

O pelourinho tambem já desappareceu.

Banham esta freguezia o Douro e 2 ribeiros que desaguam no Douro, denominados —ribeiro de *Valdranje* e *do Couto*. Tem este ultimo uma ponte que dá passagem para o Douro e para a grande quinta de *Lovazim*; —rega e move 3 moinhos;—o de *Valdranje* rega e move 2 moinhos;—e o *Douro*, nos limites d'esta parochia, tem 3 moinhos nas *Azenhas de D. Maria*, pertencentes á quinta de *Lovazim*.

Ha n'esta freguezia uma aula official *mixta* de instrucção primaria para os dois sexos.

Esta parochia pertenceu ao concelho de *Villarinho da Castanheira*, de que foi a séde, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Carrazeda d'Anciães.

Tambem pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, em virtude da qual passou para o bispado de Bragança com todas as freguezias que eram do arcebispado de Braga na margem esquerda do Tua e que obedeciam ao vigario geral de Moncorvo, comprehendendo este concelho de Carrazeda d'Anciães e os de Villa Flor, Alfandega da Fé, Moncorvo, Mogadouro e Freixo d'Espada á Cinta, hoje todos do bispado de Bragança.

Tambem perdeu em favor do bispado de Lamego, desde a margem direita do Tua até á esquerda do rio Corgo, os concelhos de Sabrosa e Alijó e parte dos da Regoa, Penaguião e Villa Real de Traz-os-Montes.

V. *Villa Real*, vol. 11.º pag. 927, col. 2.ª

Antiguidades

Esta povoação data de tempos muito remotos, como provam os 3 dolmens que ainda hoje aqui se encontram:

1.º—Na planicie alta, denominada *Couto*, cerca de 3 kilometros ao sul da matriz no caminho de *Cabeça Bôa*.

É um dolmen ainda com ara, assente sobre 3 grandes pedras, a meio da planicie.

A ara tem cerca de 2m,25 em quadro;—as pedras em que assenta avultam sobre a superficie do solo cerca de 3 metros;—o todo forma uma especie de casa terrea com entrada do lado norte—e junto d'este dolmen ha em communicação com elle um caminho subterraneo, coberto por lageas tambem de granito e que dá saida para o campo.

2.º—N'este mesmo sitio do *Couto*.

Já não tem ara.

3.º—Junto do caminho do Moncorvo, á esquerda indo de Villarinho de Castanheira e distante d'esta villa cerca de 4 kilometros.

Tambem já não tem ara, mas só grandes pedras toscas de granito a prumo.

O povo denomina estes dolmens *Palas Mouras* e está convencido de que encerram grandes thesouros, guardados por mouras encantadas, que alguem jura ter visto na manhã de S. João; mas quem não acreditar não pecca.

—

No mencionado sitio do Couto ha uma notabilidade d'outra ordem: — o *Castanheiro do Gaiteiro*, assim denominado porque, segundo diz a lenda, nelle se refugiou *in illo tempore* um tocador de gaita de folle, perseguido pelos lobos, que se acercaram do castanheiro e miravam o tocador, como que aguardando a descida d'elle para o devorarem.

Vendo-se o homem livre dos dentes das feras, lembrou-se de soprar ao folle e de tocar a gaita. Feliz lembrança, porque os lobos apenas ouviram tão estranho som, bateram em debandada! Ficou o bom do homem satisfeitissimo;—desceu bemdizendo a lembrança—e, divulgando-se a historia, todos d'ahi em diante a contavam sempre que

viam o castanheiro, pelo que ainda hoje se denomina *Castanheiro do Gaiteiro.*

Vae pelo mesmo preço.

—

Esta villa nunca foi murada, mas, segundo se lê na *Chor. Port.*, teve um castello, que já em 1706 estava em ruinas.

Suppomos que este castello demorava no alto do monte ou serra que avulta entre esta parochia e a da Lousa.

D'ali se descobrem terras dos 14 bispados seguintes:—Braga, Bragança, Porto, Lamego, Vizeu, Guarda, Coimbra, Samora, Salamanca, Cidade Rodrigo, Placencia, Coria, Orense e Tuy.

Teve esta villa 4 foraes:

1.º—Dado por D. Affonso II em 6 de dezembro de 1218.

Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Affonso II, fl. 61,—e *Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 124, v. col. 1.ª

2.º—Dado por D. Diniz, estando na Guarda, em 22 de julho de 1287.

Liv. 1.º de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 204, v. col. 1.ª—e *Gav.* 15, *Maço* 9, n.º 21.

3.º—Dado por D. Pedro I em Braga, a 12 de junho de 1363.

Gav. 15. *Maço* 8, n.º 19.

4.º—Dado em Lisboa por D. Manuel a 13 de julho de 1514.

Liv. de Foraes Novos de Trás os Montes, fl. 22, v. col. 1.ª

Poucas villas do nosso paiz tiveram tantos foraes como esta, o que prova que foi uma villa *muito importante*!...

Entre os muitos privilegios concedidos pelos seus foraes, um d'elles era o seguinte: O cavalleiro que perdia o seu cavallo ficava escuso do serviço—não por *um* anno, conforme o costume geral,—mas durante *cinco*!...

Historia de Portugal de Alexandre Herculano, tomo 4.º pag. 326.

Devia ser muito interessante a collecção dos seus 4 foraes, mas infelizmente jazem no *sancta sanctorum* da Torre do Tombo.

—

Foi senhor d'esta villa o celebre vice-rei da India Lopo Vaz de Sampaio. V. *Anciães* n'este diccionario e no supplemento.

Curiosa estatistica

Segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro (Codice n.º 486 da *Bibliotheca Munip. Port.*) o extincto concelho de Villarinho da Castanheira contava em 1796 a população seguinte:

Fogos 927, homens 1:760, mulheres 1:566, habitantes (total) 3:321; barbeiros 3, pedreiros 14, sapateiros 21, alfaiates 29, pintores 1, moleiros 2, presbyteros seculares 19, presbyteros regulares (frades) 8, pessoas litterarias (?) 8, sem occupação 66, negociantes 17, cirurgiões 5, boticarios 1, lavradores 213, jornaleiros 509, carpinteiros 24, ferreiros 6, ferradores 3, pastores e almocreves 0, criados 16, criadas 37.

—

Do antigo castello de *Villarinho da Castanheira* dizia um documento de Moncorvo de 1370 o seguinte:

«E não tinha o castello de Villarinho agua nenhua, nem almazem, nem açalmamento nenhum.»

No anno de 1372 el-rei D. Fernando I deu á villa de Moncorvo toda a jurisdicção das villas de Moz e *Villarinho da Castanheira*, porque os de Moncorvo lhe peticionaram dizendo:—que o seu termo, tendo sido mui grande, se achava muito reduzido no momento, em rasão dos julgados e terras que os nossos reis lhe haviam tirado, com o que a villa se achava *desfaleçuda* e temia graves damnos, quando fosse atacada pelos inimigos. E que *agora mesmo* (1372) tinha sido cercada e combatida por muitas *companhas* d'elles, que lhes queimaram os arrabaldes, roubáram os gados e fizeram outros muitos damnos, e comtudo elles defenderam a villa até que os inimigos se auzentaram, emquanto que os de Moz e Villarinho da Castanheira se entregaram, sem serem combatidos, etc., pelo que pediam a el-rei lhes desse a jurisdicção civil e crime dos dictos logares e concelhos.

El-rei promptamente deferiu, attendendo aos relevantes serviços que tinha recebido e esperava receber dos de Moncorvo e ao grande *deserviço* dos dictos logares;—mas

como havia de defender-se o pobre castello de Villarinho, se, como já dissemos, elle *não tinha agua, nem almazem, nem açalmamento nenhum?*

VILLARINHO DE COTAS,—freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, bispado de Lamego, provincia de Traz os Montes.

Vigairaria. Orago Santo Antonio;—fogos 52,—habitantes 180.

Em 1706 era da apresentação do parocho de Favaios, a cuja vigairaria estava annexa; —pertencia ao termo da villa, comarca e ouvidoria de Villa Real;—tinha uma capella da invocação de Nossa Senhora do Couto—e contava 25 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação dos arcebispos de Braga;—rendia para o seu parocho apenas 10$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 23 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 57 fogos e 222 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 55 fogos e 161 habitantes.

A sua população tende a diminuir, por causa da grande calamidade que assola o Alto Douro, nomeadamente esta freguezia e as circumvisinhas, como logo mostraremos.

—

Alem da povoação de *Villarinho de Cotas,* séde da freguezia, comprehende apenas a povoação da Orgueira (sò para os effeitos civis) com 17 fogos,[1]—e varias quintas de vinho, hoje todas phylloxeradas e quasi todas incultas, mas que antes da invasão phylloxerica produziam muito vinho do mais generoso do Douro, de Portugal e do mundo! Mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—De José Silverio da Silva, de Celeirós, e que foi do conde de Villa Pouca.

2.ª—A que foi do conselheiro Basilio Alberto Teixeira Cabral, hoje dos seus herdeiros.

3.ª—De José Maria da Veiga Cabral de Sampaio, de Casal de Loivos.

4.ª—De Luiz Teixeira Mourão, de Casal de Loivos tambem, hoje toda inculta.

5.ª—De Antonio Teixeira Cavalleiro, de Villarinho de Cotas.

6.ª—De D. Francisca de Sousa Veiga, tambem de Villarinho.

7.ª—De José Correia, de S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa.

8.ª—De Bento Teixeira, tambem de S. Martinho d'Anta.

9.ª—De Manuel Carlos de Magalhães, de Alijó.

10.ª—De Francisco Julio d'Aguiar, da aldeia da Povoa, annexa á freguezia de Cotas.

11.ª—De D. Margarida de Menezes e Mello, de Villarinho de Cotas.

12.ª—A que foi de D. Marianna Jordão, do Porto.

13.ª—A que foi do general José Paulino de Sá Carneiro e que fazia parte da legitima de sua esposa D. Marianna de Mendonça Cabral, parenta proxima do poeta Francisco José Cabral, de quem logo fallaremos.

14.ª—A que foi do morgado Manuel Alves de Meneses Abreu, de Villarinho de Cotas, hoje domiciliado no Alemtejo!...

—

Note-se que todas estas 14 quintas demoram no *Roncão*, n'essa zona privilegiada que produzia o vinho *absolutamente melhor* do Alto Douro.

Denomina-se *Roncão* o terreno cortado de norte a sul pelo ribeiro da *Povoa,* que deságua na margem direita do Douro, alguns kilometros a montante do Pinhão.

O dicto ribeiro é a linha divisoria entre as freguezias de *Cotas* e *Villarinho de Cotas,* pertencendo a esta as quintas da margem direita—e áquella as da margem esquerda. Pelo facto de serem as que produziam o vinho mais generoso do Douro estão todas completamente phylloxeradas;—quasi todas incultas;—muitas abandonadas—e algumas já pertencem ao *Banco Hypothecario!...*

Infeliz Douro!...

O sr. Luiz Teixeira Mourão mandou algumas amostras de vinho da sua quinta n.º 4 á exposição internacional de Paris em 1867 e obteve a *medalha d'ouro!* Tambem concorreu ás exposições internacionaes de Vienna d'Austria e da Philadelphia, nas quaes obteve igualmente as primeiras distincções. Tal

[1] Ecclesiasticamente pertence a Casal de Loivos.

era a excellencia e superioridade do vinho da sua quinta do *Roncão*,—hoje completamente phylloxerada, abandonada e inculta!...

Veja-se o *Douro Illustrado*, onde o sr visconde de Villa Maior, de pag. 116 a 120, descreveu com mão de mestre o classico *Roncão* e muitas das suas quintas mais notaveis, entre as quaes avultam as da *Romaneira*, *Sibio*, *Malheiro*, *D. Ismenia*, *dos Reis* ou do *Abbade*, etc., e que nós não descrevemos, porque não pertencem á freguezia de *Villarinho de Cotas*.

Prosigamos.

—

Demora a povoação de *Villarinho de Cotas* em sitio relativamente alto, ingreme, ardente e schistoso, na margem direita do Douro e na esquerda do Pinhão, confluente do Douro.

Dista do rio Pinhão 2 kilometros para E.;—2 e meio do Douro para N.;—3 da estação de Cotas na linha ferrea do Douro, para N.N.O.;—5 da do Pinhão para N.N.E., pela nova estrada a macadam;—6 da villa de Favaios para S.S.O.;—8 da villa d'Alijó, tambem para S.S.O.;—132 do Porto, pela estação do Pinhão,—e 470 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Casal de Loivos, Val de Mendiz, Cotas e Favaios.

Producções dominantes:—outr'ora vinho generosissimo e azeite superior tambem;—hoje azeite, pouco vinho, algum centeio e *nada mais*!

Outr'ora foi uma povoação *muito rica*, porque produzia 500 a 600 pipas de vinho do mais generoso e *mais caro* do Alto Douro,—vinho que alguns annos se vendeu a réis 100$000 a pipa de 550 litros em mosto [1],—emquanto que hoje é infelizmente uma das povoações *mais pobres*, depois que a maldicta phylloxera anniquilou os seus vinhedos, que eram toda a sua riquesa, a sua producção principal e por assim dizer *unica*. E não se póde substituir por outra equivalente, porque o seu chão é muito arido,—schistoso e ardentissimo no verão. Tremem ali de sesões os gatos, as gallinhas e os cães,—estalam as pedras com o calor,—derrete-se a solda das vazilhas de lata, destemperam-se os instrumentos de fio expostos aos raios do sol,—e todas as arvores, inclusivamente as oliveiras, juncam de folhas a terra no verão. Só as vides se conservavam viçosas n'aquella zona de fogo e produziam o mais bello *Port Wine*, inveja do mundo inteiro!...

—

Antecipando-se bastante aqui a maturação das uvas, os seus proprietarios (honra lhes seja!) não antecipavam as vindimas. O vinho perdia em quantidade, mas ganhava em qualidade.

Quando colhiam as uvas estavam quasi todas em passa, tão doces como arrobe. Mal podiam comer-se e, quando os feitores não vigiavam muito de perto as vindimadeiras, furtavam arrobas de passas.

As vindimadeiras usavam por vezes navalhas pesadas ou facas de ferro para cortarem as uvas, mas, depois de humedecerem as mãos no mosto, embora as abrissem e voltassem para o chão, as facas e navalhas ficavam presas e como grudadas com colla!

Os homens conduziam ás costas em gigos as uvas para os lagares. Costumavam trazer as pernas nuas do joelho para baixo e humidas com o mosto que escorria dos cestos; para descançarem pousavam-nos de longe em longe nas paredes das vinhas, e, como estas em geral são de schisto miudo, por vezes, ao tomarem de novo os cestos ás costas, collavam-se-lhes ás pernas fragmentos de schisto de volume consideravel e não se desprendiam facilmente. Tal era a espessura e adherencia do mosto!...

—

Ainda o lagar não estava cheio, já o mosto principiava a ferver e, apenas se fazia o *córte* das uvas, o vinho fervia em cachão;—todo o congo vinha logo á superficie e formava uma densa *manta*. Não succedia como succede em outras regiões vinicolas, onde são precisos muitos dias de trabalho para se desenvolver a fervura.

E que aroma não exhalava o mosto dos grandes lagares! Sentia-se por vezes a 1 ki-

---

[1] Ainda est'anno de 1886 aqui se vendeu algum *em mosto* a 90$000 réis a pipa.

lometro de distancia e dentro da casa dos lagares o cheiro suffocava!

Lançado o mosto nos toneis, por vezes transudava atravez das fendas da madeira, mas não corria como corre o das outras regiões vinicolas. Condensava-se como assucar em ponto alto e tocando-se-lhe com um dedo formava fio até 6 decimetros d'extensão—*e mais*, como nós, quando criança experimentámos muitas vezes em uma quinta que temos no Alto Douro, [1]—quinta de bom vinho tambem, mas muito inferior ao d'esta freguezia.

Para se formar idéa da superioridade d'este vinho, note-se que, sem outro adubo alem d'aguardente, póde atravessar seculos, tornando-se cada vez melhor.

Já hoje o de 1815 se paga a 9$000 réis o litro—e, se apparecesse á venda vinho do tempo da instituição da companhia criada pelo marquez de Pombal (1756) valeria o litro 3 a 4 libras!... [2]

—

Costumava carregar-se no verão e, como por vezes os armazens distavam do Douro 3 a 6 kilometros de pessimo caminho e a conducção era feita em carros tirados por bois e, por consequencia, muito morosa, as pipas chegavam ao caes *ardendo* e o vinho a *ferver* dentro d'ellas!

> Não exageramos. Nós muitas vezes, collando o ouvido ás pipas, ouvimos o marulhar da fervura!

Assim estavam no caes sobre a areia candente e expostas á tisneira do sol por vezes oito dias, até se completar a carregação do barco;—no barco seguiam para o Porto, sempre da mesma fórma e sem abrigo algum,—e do Porto iam para a Inglaterra, para a America, para a India, etc., podendo dar tres voltas ao globo sem o vinho desmerecer. Pelo contrario—melhorava sempre, sendo o de *torna-viagem* uma especialidade distincta!

D'esse licor dos deuses produziu esta parochia em 1840—503 pipas;—este concelho d'Alijó 10:232—e o de Sabrosa 10:873, [1]—total 21:105 pipas de 550 litros cada uma, em quanto que no ultimo anno de 1885 os dois concelhos (na região do vinho fino) não produziram talvez 2:000 pipas. Estão perdendo pois só estes dois concelhos mais de 17:000 pipas ou de 850 contos de réis por anno, calculando-se a pipa a 50$000 réis,—preço muito inferior ao d'alguns annos.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

Os lagares

N'esta freguezia e em todo o Douro os lagares são de pedra:—uns de granito, mais ou menos luxuosos,—outros de schisto, por vezes esplendido, que dá tampos de 6 a 7 metros de comprimento sobre 1 de largo e 18 a 20 centimetros d'espessura [2].

Ordinariamente são de 15 a 20 pipas de lotação e teem sempre annexos outros mais pequenos, alem das dornas ou *lagaretas*, tambem de pedra.

Para espremer-se o cango teem um *feixe*, enorme trave de castanho, firme na parede posterior do lagar e que o atravessa a meio, sobrepujando ainda alguns metros e ficando sempre a parte mais grossa na extremidade exterior, a qual ainda, para augmentar a força da alçaprema, addiccionam o *peso*,—uma pedra enorme que pesa ordinariamente duas toneladas. E por meio do *fuso*, que é um grande parafuso de madeira, assente sobre a dicta pedra e preso a ella d'um modo especial, jogando em uma concha tambem de madeira, mettida horisontalmente na cabeça do feixe, elevam este até á extremidade

[1] *Campo Velho*, no valle do Tedo, hoje tambem toda phylloxerada e quasi toda inculta e perdida!...
V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1014.

[2] Com relação á celebre *Companhia dos Vinhos* veja-se o artigo *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 597, col. 1.ª e segg.

[1] Extracto fiel do arrolamento official da extincta *Companhia dos Vinhos do Alto-Douro*.

[2] V. *Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 839, col. 2.ª e seg.

do grande parafuso—ou levantam e suspendem a pedra, como bem lhes apraz.

Juntam o cango em quadrado no meio do lagar; cobrem-no com tabuas;—sobre estas atravessam *malhaes* até tocarem no feixe erguido á maior altura;—depois, movendo o *fuso* em sentido inverso, levantam o peso, ficando o *feixe* assente sobre os *malhaes* e formando uma alçaprema tal que por vezes arruina a parede posterior que segura a outra extremidade do *feixe*!

O processo é rude, mas dá bom resultado.

O cango fica secco e duro como pedra, mas nos ultimos annos em algumas quintas mais luxuosas este processo foi substituido por prensas aperfeiçoadas, de diversos systemas.

Pisa das uvas

Até hoje n'esta freguezia e em todo o Douro as uvas teem sido pisadas por homens, a pé nú, e costumam gastar com esta operação dois dias e duas meias noites,—serviço muito duro e sempre bem pago, principalmente o do *córte* ou da primeira noite, que é feito por um numero d'homens correspondente ao numero de pipas da lotação do lagar,—por vezes 30.

Formam em cordão ou columna cerrada, muito unidos, assentando os braços nos hombros uns dos outros;—collam-se a um dos tampos do lagar e vão marchando muito morosamente e sempre em columna firme até á extremidade opposta, levantando as pernas a toda a altura do volume das uvas e *cortando-as* com os pés nus, até estes baterem no fundo do lagar.

Feito assim o *córte*, debandam,—tocam, dançam e cantam, mas empenhando-se sempre em trazerem submersa a *manta* ou o cango que o mosto fervendo repelle até á superficie.

É uma lucta constante e fatigante, pelo que nos dias de lagarada o tractamento dos pobres homens é sempre melhor e alem d'isso lhes dão repetidas doses de vinho e de aguardente, pelo que muitas vezes se embriagam e travam grandes desordens, que rendem facadas, pancadas, tiros, ferimentos e *mortes*, porque ali nunca intervem a auctoridade. Só impera a força dos desordeiros e dos feitores, que são escolhidos *ad hoc* e andam sempre *bem armados*!...

—

O Alto-Douro foi sempre muito desordeiro, não tanto pela indole dos seus habitantes, como por ter longos tractos de terreno deserto, habitado apenas temporariamente por milhares de trabalhadores que, attrahidos pela carestia dos jornaes, affluem de grandes distancias, inclusivamente da Gallisa; [1] e, como ali se lhes não pede documentos alguns, mas sómente aptidão e vigor, a grande colonia de jornaleiros do Douro abundou sempre em refractarios, desertores e malfeitores de toda a ordem,—inclusivamente ladrões e assassinos, pelo que os feitores e caseiros, para se fazerem respeitar e para conterem as demasias d'aquella medonha *troupe*, são sempre homens destemidos,—andam sempre bem armados—e teem quasi todos já passaporte para a Africa?!...

As quintas do Alto Douro eram como as carvoarias do Alto Alemtejo e como as linhas ferreas em construcção: — *grandes coutos de homisiados.*

Se antes da invasão phylloxerica se prendesse a um tempo todos os jornaleiros das quintas do Alto Douro, podia encher-se de criminosos um grande navio! E, se n'aquella vasta região se erguessem tantas cruzes quantas as mortes que ali se teem feito, toda ella seria um vasto cemiterio e justificaria plenamente o classico anexim: — *No Douro tudo é bom, menos o que falla.*

Distinguiram-se mais tristemente as povoações de Castanheiro do Sul, Valença do Douro, Casaes e Villa Nova de Foscôa, na margem esquerda do Douro,—e Covellinhas, Provezende, Sanfins, Carvalha d'Egas e outras, na margem direita.

—

Contribuia muito para a exaltação e excessos a superioridade e abundancia do vinho, pois ali qualquer pequena porção embriagava, pelo que as desordens, ferimen-

---

[1] V. *Villa Real* de Traz-os-Montes, vol. XI, pag. 1:016, col. 1.ª e sua respectiva nota.

tos e mortes abundavam sempre no acto das carregações. Que o digam os caes de Bagauste, Folgosa, Tello, Espinho, Valença, Bateiras, Corgo, Covellinhas, Gouvinhas, Donello, Pinhão, Roncão e Tua, onde se carregava a maior parte do vinho do Alto Douro e se fizeram *centos de mortes?!...*

Tambem contribuia muito para taes excessos o não haver no Douro, como no Minho, o costume de saldar contas a pau, mas a faca, a fouce, cutello de póda ou clavina.

Em todo o Alto Douro não ha um unico jogador de pau! Ali o pau é só brinquedo de creanças; mas difficilmente se encontrará uma casa sem fouces e armas de fogo — e todo o jornaleiro costuma trazer comsigo o seu cutello de póda, sempre bem afiado e que é uma arma terrivel!... [1]

Se os *bexigueiros* do Porto fizessem no Douro as *sortes* com que costumam *divertir-se* nos grandes arraiaes das cercanias, insultando e provocando os pacificos lavradores, — ou se os valentões do Minho, os grandes jogadores de pau, varredores de feiras, fossem ao Alto Douro ostentar valentias, — podiam ter a certesa de que a maior parte d'elles *lá ficava!...*

Os habitantes do Alto Douro são muito tractaveis, muito generosos e muito obsequiadores, mas com elles *ninguem brinca impunemente.*

Quem quizer *viver* no Alto Douro necessita de ser bem educado e muito prudente, — e não insulte nem provoque ninguem, aliás!...

—

Desculpem-nos tanta digressão, porque estamos fallando de uma das freguezias do Alto Douro, — região importantissima e excepcional, — e quizemos aproveitar o ensejo de dar algumas noticias d'ella no texto d'este diccionario, visto que o meu antecessor não a conhecia, como nós a conhecemos, [1] e por isso muito pouco disse d'ella e dos seus usos e costumes.

V. *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

Prosigamos com *Villarinho de Cotas*:

Templos

1.º — *Egreja matriz.*

É pequena, bastante antiga e suppõe-se ter sido feita no seculo XVI, pois n'ella se vê a data 1568. A capella-mór é mais moderna. Foi reedificada no ultimo seculo pelo benemerito arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão.

Tem este templo altar-môr e 2 lateraes.

2.º — *Capella de Nossa Senhora do Couto.*

Suppõe-se que data de 1650; está interiormente revestida d'azulejo antigo — e no seu adro se fez outr'ora uma feira annual no dia de Nossa Senhora dos Prazeres, — 2.ª feira da paschoéla.

3.º — *Capella de Santo Apolinario.*

É particular e vinculada, pertencente aos herdeiros de Manoel da Cruz Castello Branco, pae do advogado Manoel Alves de Meneses Abreu.

Foi edificada em 1771.

Pessoas notaveis

1.º — *José Antonio Lopes da Veiga.*

Foi cavalleiro-fidalgo e commendador da Ordem de Christo.

Falleceu aqui no 3.º quartel d'este seculo, tendo casado em primeiras nupcias com D. Francisca Baptista, viuva do poeta Francisco José Cabral, de quem adiante fallaremos.

2.º — *Antonio Teixeira Cavalleiro*, hoje o primeiro proprietario d'esta freguezia, —

[1] Nos ultimos annos, aproximadamente desde 1870, grande parte da póda no Douro é feita com thezouras francezas, mas até ali usavam cutellos pequenos e baratos, de 160 a 300 réis cada um, muito elegantes e muito differentes dos cutellos usados na Estremadura, no Minho e nas outras provincias.

Tinham *peito* convexo e muito arqueado, — *gavête* em linha recta, terminando em ponta viva, — e *pêta*, especie de machadinha, nas costas; — e tanto o *peito* como o *gavête* eram de fino aço e cortavam como uma lanceta. A pôda no Douro foi sempre rotineira, mas feita *com todo o esmero!*

[1] É quasi nossa terra natal, pois nascemos no *coração do Douro.*

V. *Corvaceira*, *Penajoia* e *Miragaya*, vol. V, pag. 250, col. 1.ª

excellente pessoa, muito bondoso, muito serviçal e grande influente politico.

3.º — *Dr. José Maria Avelino d'Amorim*, medico distincto.

4.º — *O morgado Manoel Alves de Menezes Abreu*, cavalheiro respeitabilissimo, não tanto pela sua antiga linhagem, como pela integridade e nobresa do seu caracter.

5.º — *João Antonio Duarte* que foi pharmaceutico na Africa e tem sido o pae e amparo dos seus visinhos pobres nas suas doenças, tractando-os com o maior carinho e fornecendo-lhes remedios e dietas.

6.º — *Firmino José Duarte*, sobrinho do antecedente.

Foi negociante na Africa e no Brazil. onde arranjou boa fortuna, salvando-se da crise phylloxerica, desgraça do Douro.

Reside no Porto.

7.º — *Francisco José Cabral*, escriptor publico, boticario e poeta.

D'elle disse Innocencio F. da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*: «segundo consta, foi natural da provincia de Traz-os-Montes, ignorando-se as demais circumstancias da sua vida. E

—*Elegia á morte de Bento de Queiroz Pereira Pinto Serpe e Mello*, Lisboa, 1816, 8.º de 15 pag.

—*Apologia da Religião*, Lisboa, 1817, 8.º de 14 pag.»

A isto se reduz tudo o que disse Innocencio! Vejamos se podemos adiantar alguma coisa mais.

A tradição local, o testemunho de varios parentes que ainda existem — e octogenarios que de perto o conheceram dizem que elle nasceu n'esta freguezia, na qual viveu e falleceu em 11 de maio de 1820, sendo um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia, pharmaceutico e casado com D. Francisca Baptista, da qual deixou successão:—dois filhos legitimos,—Ignez, que nasceu em 13 de janeiro de 1796—e Hypolito, que nasceu em 31 d'agosto de 1798.

Tudo isto é bem averiguado e *provado*, pois em 1879 o reverendo Francisco Antonio de Sousa Brito, que foi parocho d'esta freguezia muitos annos, a pedido nosso revolveu o archivo parochial e nos mandou certidões authenticas do assento d'obito do poeta e do baptismo dos seus dois filhos, — certidões que logo daremos na sua integra; —não encontrou porem o assento do baptismo do poeta, postoque revolveu o archivo desde o anno de 1740. Talvez o não encontrasse (diz o sr. padre Brito) por estar a letra de muitos assentos completamente apagada e esvaida; mas, inquirindo os parentes do poeta e visinhos octogenarios, soube que elle, quando falleceu em 1820, contava cerca de 50 annos de idade. Nasceu pois aproximadamente em 1770;—contava 26 annos quando nasceu a sua filha Ignez —e 28 annos quando nasceu o seu filho Hypolito.

Certidões

I

«Francisco José Cabral, casado que foi n'esta freguezia de Villarinho de Cotas, falleceu da vida presente aos onze de maio da era de 1820 *com todos os sacramentos da Santa Madre Egreja*, como é costume ser, a Sagrada Communhão, e Extrema-Uncção, e o ajudei a bem morrer. Não fez testamento; está enterrado n'esta egreja. E para constar fiz este assento, dia, mez e anno, ut supra. O Parocho João Manoel Teixeira.»

Livro d'obitos de Villarinho de Cottas, fl. 10, v.

II

«Ignez, filha legitima de Francisco José Cabral e de sua mulher Francisca Baptista, d'esta freguezia de Santo Antonio de Villarinho de Cottas, neta paterna de Antonio José de Sampaio e de sua mulher Anna Maria Cabral, e materna de André Baptista e de sua mulher Maria Dias, estes de Sapiaens, freguezia de S. Thiago de Mondroens, [1] nasceu a 13 de janeiro de 1796 (e seis) e foi baptisada em casa, e no mesmo dia, por Luiz Alvares Mourão, da freguezia de S. Bartholomeu de Casal de Loivos, [2] o

---

[1] Concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

[2] Freguezia limitrophe, distante cerca de 1 $^1/_2$ kilometro para S. S. O.

qual mesmo foi padrinho; e, sendo examinado por mim José Fernandes, parocho d'esta freguezia (de Villarinho de Cottas) achei que tinha feito sacramento valido. Recebeu os Santos Oleos em o dia vinte e cinco do dicto mez. Por verdade fiz este assento, de que foram testemunhas Luiz Antonio d'Abreu, clerigo secular d'esta freguezia, e Antonio d'Abreu, e Manoel de Mattos. Luiz Antonio d'Abreu; Antonio d'Abreu; Manoel de Mattos; o parocho José Fernandes.»

Archivo parochial da mesma freguezia, fl. 53, v.

III

«Hypolito, filho legitimo de Francisco José Cabral e de sua mulher Francisca Baptista, d'esta freguezia de Santo Antonio de Villarinho de Cottas, neto paterno de Antonio José de Sampaio e de sua mulher Anna Maria Cabral, da villa de Favaios, e materno de André Baptista e de sua mulher Maria Dias, da freguezia de S. Thiago de Mondroens, nasceu em o dia trinta e um do mez d'Agosto de mil setecentos noventa e oito, e foi baptisado por mim o padre Luiz Antonio d'Abreu, parocho d'esta mesma freguezia, e lhe puz os Santos Oleos, em o dia seis do mez de setembro do dito anno. Foram padrinhos o Padre Francisco da Graça Cabral e sua irmã D. Antonia Cabral, da villa de Favaios, *tios do dicto baptisado*, e forão testemunhas o Reverendo Luiz Antonio da Cunha e Antonio d'Abreu. Dia, mez e era, ut supra. O parocho Luiz Antonio d'Abreu; o reverendo Padre Francisco da Graça Cabral; Luiz Antonio da Cunha; Antonio d'Abreu.»

Archivo parochial da mesma freguezia, fl. 59, v.

—

Do exposto se vê que o poeta Francisco José Cabral era filho de Antonio José de Sampaio e de Anna Maria Cabral, da villa de Favaios, onde em 1798 viviam parentes seus, entre elles 2 irmãos:—Padre Francisco da Graça Cabral e D. Antonia Cabral;—e casou (não sabemos quando nem onde) com Francisca Baptista, filha de André Baptista e Maria Dias, da freguezia de Mondrões, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

A sua filha Ignez casou em Casal de Loiros e não teve successão;—o filho Hypolito casou em Alijó com D. Margarida Alves Seabra, irmã do dr. José Gomes Ribeiro, lente de medicina na Universidade de Coimbra.

O dicto Hypolito José Cabral, *por desgostos de familia*, suicidou-se, afogando-se.

D. Francisca Baptista, viuva e principal herdeira do poeta, passou a segundas nupcias com o commendador José Antonio da Veiga;—e este por seu turno passou a segundas nupcias tambem, deixando á viuva uma boa casa, comprehendendo a maior parte dos bens que foram do poeta Francisco José Cabral, porque a viuva d'este, pelo facto de sobreviver aos seus dois filhos, que falleceram sem successão, tinha rehavido quasi toda a casa do poeta e legou todos os seus bens ao seu segundo marido José Antonio Lopes da Veiga. A viuva d'este—D. Francisca de Sousa Veiga de Magalhães,—natural de Villa Pouca d'Aguiar e possuidora de todos os bens da casa do seu marido, comprehendendo os do poeta Cabral,—ainda existe;—não tem filhos—e rezide no Porto.

Anecdotas

N'esta povoação e nas circumvisinhas ainda se contam muitas anecdotas do excentrico poeta, que Deus haja, pois falleceu como bom catholico, *tendo recebido todos os sacramentos*, apesar de ser um grande philosopho de ideias avançadas e de *vida dissoluta*, qual outro Bocage, de quem foi contemporaneo, confrade e tão amigo, que, desejando conhecel-o pessoalmente, um bello dia montou no seu *rucinante* com uma grande borracha de vinho a tiracollo [1] e foi até Lisboa, onde se apeou á porta do seu *alter ego*, Manuel Maria Barbosa du Bocage, que o recebeu com intimo jubilo e hospedou *como pôde*.

[1] As suas paixões dominantes eram tres: —*versos*, *mulheres* e *vinho*.
Sendo casado, tinha tres amantes!...

Passados alguns dias em grande bacchanal, o poeta de Villarinho vendo-se já sem vintem, disse-lhe que mandasse deitar uma ração mais avultada ao cavallo, porque no dia seguinte partiria.

—Ração ao cavallo?

—Sim;—ao meu cavallo.

—Aonde irá elle!—accrescentou o Bocage rindo. Para te dar de comer, vendi-o logo que chegaste.

Não se magoou o Cabral com isso e partiu a pé com o criado.

A distancia de algumas legoas de Lisboa, disse-lhe o criado que eram horas d'almoço, mas o poeta não respondeu.

D'ahi a pouco tornou o criado a pedir-lhe de comer,—e elle *moita!*

Continuou o criado a instar, gritando, insultando-o e ameaçando-o, pelo que o pobre poeta se *esgueirou* para uma grande quinta proxima e principiou a passeiar n'ella em diversas direcções. Veiu logo um criado da quinta perguntar-lhe o que pretendia.

Tambem não respondeu nem interrompeu os seus passeios imaginarios.

O dono da quinta, vendo o disparate do intruso, ordenou-lhe que saisse immediatamente, aliás o correria a chicote. Approximou-se então o poeta, como se nada tivesse ouvido, e, ostentando vastos conhecimentos de botanica e geologia, principiou por elogiar a quinta e concluiu a *sermôa* dizendo que era uma soberba propriedade, mas que tinha um grande defeito, muito facil de remediar.

—Que defeito é esse?—perguntou-lhe o fidalgo.

—Falta d'agua.

—Bem o sei; mas que fazer?

—Com pequena despeza (disse-lhe cathegoricamente o poeta) eu me comprometto a explorar aqui agua sufficiente para regar toda a quinta e mover algumas rodas de moinhos!

Ficou o fidalgo muito satisfeito e, convencido de que o intruso não era um doido, como lhe parecêra, mas um homem de illustração superior, mandou-o entrar no seu palacete;—palestraram muito;—deu-lhe um bom almoço e 4$800 réis por conta da exploração que o nosso poeta prometteu iniciar em praso breve. Assim arranjou dinheiro para a jornada, mas o fidalgo não mais o lobrigou!...

—

Era um grande proprietario, mas pessimo administrador. Passava a maior parte do tempo mettido na sua pharmacia, que tinha em uma loja immunda, e estava sempre a fazer versos a tudo e por tudo, mesmo aviando as receitas, a que nunca ligou importancia e tanto que por vezes attestava as garrafas dos remedios *com ourina?!...*

Das suas composições poeticas apenas publicou as duas já mencionadas.

A *Elegia* dedicada ao capitão-mór Bento de Queiroz, de Favaios, abre com o soneto seguinte:

Em um carro tirado por Arpias,
Divaga a Morte sobre a terra, e mares,
Fervem-lhe em torno tragicos azares,
Torvas Esfinges, lividas, sombrias:

Vibra a foice cruel nas mãos impias,
Nivela os thronos c'os humildes lares,
Solta medonhos turbilhões nos ares,
Lança tudo o que existe ás campas frias.

Debaixo de seus pés Queiroz baqueia;
Em hora triste, em hora malfadada,
Da vida se lhe rompe a fragil teia.

Descança a alma na Sião Sagrada,
O corpo fica sobre a terra feia,
Pasto de bichos, reduzido a nada.

A *Elegia* começa assim:

I

Que negro pasmo minha vista embaça!
Armas cobertas de horroroso luto!
O motivo de tal Metamorfoze
Quem o póde dizer com o rosto enxuto? [1]

II

Por lei, de que mortal nenhum se esquiva,
Finalizou Queiroz; que perda ingente!
A torva, carrancuda Libitina
Guerra declara a tudo o que é vivente.

---

[1] *L'Homme frissone à l'idée de la mort.*
(Nota do auctor) YOUNG.

III

Em feia estancia, em erma penedia,
Entre a Esposa e o Irmão, que ali concorre,
Com Deus no coração, com Deus nos labios,
Olhando para o Ceo suspira e morre.

IV

Que é d'elle? aonde está?—não posso achal-lo!...
Ja é cinza na fria sepultura;
Em fumo se tornou uma existencia,
Que merecia ter perpetua dura.

V

Este bom cidadão, bom pai e esposo
Que suspiros do peito nos arranca!
Mirrou-se aquella mão, que dadivoza
A todos foi clemente, a todos franca.

E assim prosegue até á quadra 46 e ultima.

Bonitos versos! Ainda hoje qualquer dos nossos poetas se ufanaria assignando-os.

Improvisos

O povo ainda hoje repete, entre outros, os seguintes:

INDO PARA A ERVEDOSA

Em certa casa entrei
Com a fome que levava,
E á mesa me encostei.
Só c'uma febra vermelha
Que no prato achar pude,
Enguli uma botelha
A fazer uma saude.
Enguli uma botelha
E um garrafão rubicundo,
Fui ao monte dos *Cazaes*, [1]
Puz-me a governar o mundo.

A UMA VIUVA SUA VISINHA

Toda a viuva nova e rica
Que entra na egreja attenta,
Direita lança agua benta
Ao seu marido na cova
Com a pontinha do dedo,
—Casa cedo.

A UM CAÇADOR DE FAVAIOS

Sustentar doze cadellas,
Um sacador, um furão,
Só por n'uma occasião
Ir ao monte com ellas,
E caçar coelhos poucos,
—É de loucos.

A UM ENFATUADO EM NOBRESA

Ao fidalgo da carroça
Que tambem quer senhoria,
Sem se lembrar que algum dia
Seu pai andou de coroça
E sua mãe de tamanca,
—Boa tranca.

—

Era sempre rogado para os *outeiros* por occasião das eleições de abbadessas nos conventos de Villa Real e de Murça.

Gostava do divertimento e ficava sempre como um *cacho*!

Certo dia, regressando de um *outeiro* que teve logar no convento das freiras de Murça, vinha tão quente da orelha e tão entretido a fazer versos que, apeando-se na ponte de Murça, o cavallo soltou a cabeçada,—ficou mansamente pastando—e o bom do poeta foi andando, cantarolando e versejando com as redeas do cavallo na mão e o freio e cabeçada de rastos até á villa de Favaios, distante cerca de 15 kilometros! Chegando ali, bateu á porta dos seus parentes e, vindo um criado abrir-lh'a, entregou-lhe as redeas, dizendo-lhe que arrumasse o cavallo.

Ficaram ambos attonitos por verem somente as redeas e o freio e, partindo logo o moço em procura do cavallo, foi dar com elle ainda pastando junto da dicta ponte!...

Cazimiro Eugenio de Sousa Cabral, 3.º primo do nosso poeta, morador em Alijó, possue o retrato d'elle pintado a oleo.

Era tambem primo do poeta o dr. e conselheiro Bazilio Alberto Teixeira Cabral, que morreu em 1877, sendo presidente do su-

---

[1] Pequena povoação no caminho da Ervedosa.

premo tribunal de justiça e deixando uma fortuna superior a 200 contos em dinheiro, alem de boas propriedades em Murça e Villarinho de Cotas.

Outro primo, — Fernando Cabral, — era tambem poeta, muito excentrico e musico distincto. Tocava toda a casta de instrumentos;—tinha uma sala cheia d'elles—e a mania de que estava sempre doente, pelo que mandava todos os dias comprar garrafas de remedios,—mas cheirava-os, provava-os e atirava logo com elles e com as garrafas á rua, dizendo: *não prestam!*

Gastou com isto contos de réis!...

Tambem nunca pegou em dinheiro, receando que lhe communicasse alguma doença,—e pelo mesmo motivo nunca tolerou que pessoa alguma mettesse os dedos na sua caixa do rapé!

—

Data de tempos antiquissimos esta povoação de *Villarinho de Cotas*, como provam as ruinas de um castello que existiu no alto de um pequeno monte, contiguo á povoação, cerca de 500 metros a O.,—monte quasi todo actualmente plantado de vinha.

O povo attribue aos mouros a fundação do dicto castello, mas com certesa data de tempos muito mais remotos, porque ali se teem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas de tijolo e muitos fragmentos de ceramica antiquissima.

Outro castello semelhante existiu junto de Casal de Loivos, freguezia proxima e limitrophe.

É certo que os romanos por aqui tiveram demorada residencia, como provam as dictas moedas e ruinas e as inscripções encontradas em *Favaios* e *Villar de Maçada*.

Vide.

Os frades loyos do Porto receberam algum tempo os dizimos d'esta e d'outras freguezias circumvisinhas.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, esta freguezia e todas as d'este concelho d'Alijó, bem como as dos concelhos de Sabrosa, Murça, Villa Flor, Alfandega da Fé, Carrazeda d'Anciães, Moncorvo, Mogadouro, Freixo d'Espada á Cinta, Villa Real e parte das dos concelhos da Regoa e Penaguião, pertenciam ao arcebispado de Braga.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. XI, pag. 927, col. 1.ª

Antes da invasão phylloxerica, esta pequena freguezia costumava render para o parocho 300$000 réis annuaes—e teve parochos collados até 1851. O ultimo foi João Manuel Teixeira.

Lenda

A tradição local diz que, quando os mouros tomaram a villa de Favaios, os seus habitantes se dispersaram e fundaram as povoações de S. Bento, Cótas e *Villarinho de Cotas*, tendo por egreja matriz commum a estes 3 povos a capella da nobre quinta de S. Jorge, [1] hoje da familia Sepulvedas e que foi antigamente passal da egreja de Favaios.

Expulsos os mouros, voltaram para Favaios os habitantes da aldeia de S. Bento. Os de Villarinho e Cotas não quizeram largar os seus novos domicilios, mas formaram com a villa de Favaios muito tempo uma só freguezia, até que se arvoraram aquellas duas povoações em parochias independentes, mas filiaes da de Favaios. E em signal de sujeição, desde tempos antiquissimos costumavam ir—e vão ainda hoje—ali, no dia de S. Jorge, em cuja capella os habitantes de Cotas e *Villarinho de Cotas* pagam *um vintem de conhecença* ao reitor de Favaios.

Isto é curioso e até certo ponto confirma o que diz a lenda.

—

Os maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os seguintes:—Antonio Teixeira Cavalleiro,—a viuva de José Antonio Lopes da Veiga,—Manuel Alves de Meneses Abreu,—Dr. José Maria Avelino de

---

[1] A dicta capella é um templo antiquissimo e foi effectivamente outr'ora a matriz de Favaios e dos povos circumvisinhos. Ainda conserva a pia baptismal e um tumulo com uma inscripção dos principios da nossa monarchia. De tudo já demos copia e larga noticia para a *Real Associação dos Archiectos civis e Archeologos portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio, e de tão interessantes velharias fallaremos no supplemento ao artigo *Favaios*!

Amorim,—João Antonio Duarte e Firmino José Duarte.

VILLARINHO DA COVA DA LUA,—freguezia extincta no concelho, comarca, districto e diocese de Bragança.

Tinha como orago S. Cypriano ou S. Cyprião;—em 1706 contava 60 fogos e já estava, como esta hoje, annexa á de *Espinhosella*.

Em 1768 era curato da apresentação do abbade de Espinhosella;—rendia para o cura 8$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 49 fogos.

Á mesma freguezia de Espinhosella foram tambem unidas a de *Cova da Lua*, orago Santa Comba,—e a de *Terroso*, orago S. Thomé, que foi abbadia da mitra.

Comprehende pois a freguezia de Espinhosella, orago Santo Estevam,—as povoações de Espinhosella, séde da parochia,—Terroso, Cova da Lua e Villarinho da Cova da Lua, sédes das 3 freguezias extinctas.

Representa pois a freguezia de Espinhosella nada menos de *quatro freguezias*—e tambem já teve e não sabemos se tem ainda annexa a freguezia de *Gondesende*, que em 1878 contava apenas 83 fogos!

É assim este malfadado districto e bispado de Bragança.

V. *Cova da Lua*, *Espinhosella*, *Terroso* e *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, vol. XI, pag. 1099, col. 2.ª

VILLARINHO DOS FREIRES,—freguezia do concelho e comarca da Regoa, districto de Villa Real, bispado de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora das Neves;—fogos 300,—habitantes 1:400.

Em 1706 era vigairaria da Ordem de Malta e da apresentação do balio de Leça;—pertencia ao termo de Villa Real, arcebispado de Braga;—tinha 100 fogos—e denominava-se *Nossa Senhora das Neves de Freirias*,—segundo se lê na *Chor. Portuguesa*.

O *Portug. S. Profano* nem sequer fez menção d'esta freguezia!

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, contava 208 fogos e pertencia ao concelho do Canellas, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o da Regoa.

O censo de 1864 deu-lhe 251 fogos e 1:044 habitantes,—e o de 1878 deu lhe 238 fogos e 1:122 habitantes.

—

Demora esta freguezia no *coração do Douro*,—n'essa privilegiada e abençoada região comprehendida no vasto triangulo formado por Lamego, Villa-Real e Mesão-frio, [1]—em terreno mimosissimo, extremamente fertil e de grande valor, como todo o do concelho da Regoa, ainda hoje povoado de luxuosos vinhedos, de quintas soberbas e de vistosos palacetes na margem direita do Douro e na esquerda do Corgo, distando de qualquer d'estes dois rios cerca de 4 kilometros (do Corgo para L.—e do Douro para N.);—5 da Regoa para N. E.;—17 de Lamego;—20 de Villa Real,—109 do Porto—e 446 de Lisboa.

—

N'esta abençoada freguezia não ha um pinheiro, nem um carvalho, nem um castanheiro ou sovereiro, nem um palmo de terreno inculto. Parece toda um vasto jardim, esmeradamente cultivado. Tal é o surprehendente aspecto dos seus riquissimos e compactos vinhedos e dos seus mimosos pomares de laranjeiras, pereiras, macieiras, figueiras, damasqueiros, etc., etc., que produzem a fructa mais saborosa de Portugal, destacando-se no meio de tão vasto jardim os palacios e quintas dos seus felizes donos.

Só esta comarca da Regoa, formada pelo concelho do seu nome e pelos de Mezão-frio e de Santa Martha de Penaguião vale bem metade da provincia do Alemtejo.

Aqui não ha charneca nua, nem terreno de pousio. Todo o seu chão, — encostas, montes e valles,—é mimosissimo e fertilissimo,—um luxuoso vinhedo cerrado que no anno de 1840, não sendo o mais abundante, produziu 30:213 pipas de vinho de 550 litros cada uma, [2]—vinho quasi todo de embarque ou de *feitoria*, [3] como é todo o d'esta

---

[1] V. *Villa Jusã*, vol. XI, pag. 770 e 771.

[2] Extracto fiel do arrolamento da *Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro*.

[3] V. *Villa Jusã*, logar citado.

parochia de *Villarinho dos Freires*, que no dicto anno produziu 1:992 pipas, tendo produzido alguns annos 2:200 a 2:400?!...

É uma freguezia riquissima—e o seu vinho é do melhor do concelho da Regoa, porque está na margem esquerda do Corgo e por consequencia na região do *Cima-Corgo* ou do *Alto-Douro*,—a classica região do vinho fino, posto que ao passo que se avança para leste ou para o *Alto-Douro*, o vinho vae subindo em qualidade até o Pinhão, Roncão e Tua, a zona dos vinhos mais preciosos do Douro, de Portugal e *do mundo*!

É um nectar dos deuses o vinho d'aquella região, mas infelizmente está toda phylloxerada e quasi toda inculta,[1] emquanto que n'esta freguezia e n'esta comarca da Regoa, como o terreno é mais fundo, mais fresco e mais forte, grangeado a capricho e tractado com o *sulfureto de carbone*, o melhor antidoto *até hoje* conhecido contra a maldicta phylloxera, os vinhedos, embora *todos* manchados e ameaçados, ainda se ostentam viçosos e produzem bastante vinho.

—

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Villarinho*, a séde,—Prezegueda, Santo Xisto, Granja, Escavedas, Alvações do Corgo e muitas quintas, quasi todas habitadas. Mencionaremos algumas.

1.ª—*Vallado*, da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias de seu primo Antonio Bernardo Ferreira, e em segundas nupcias do par do reino Francisco José da Silva Torres, natural da freguezia dos Dois Portos, concelho de Torres Vedras.

Vae esta quinta até á margem esquerda do Corgo, onde tem um pomar de laranjeiras que é o maior e melhor de todo o Alto Douro e produz laranja finissima, que se vende por bom preço.

Em todo o Alto Douro, mesmo na zona mais ardente,—*Pinhão, Roncão* e *Tua*,—que produz o vinho mais generoso do mundo, a laranja é finissima, embora em diminuta quantidade, porquê os pomares demandam rega e ali ha muito pouca agua; mas a laranja mais fina de todo o Alto Douro e de *todo o nosso paiz* é sem contestação a de *S. Mamede de Riba-Tua*, criada entre fragoedo. Alem de ser muito saborosa, tem a casca tão fina que uma laranja, caindo da altura de um metro, estala e rebenta!

V. *Villa Real de Santo Antonio*, vol. XI, pag. 918, col. 1.ª

O pomar d'esta quinta é o maior e mais lindo de todo o Douro, porque os seus riquissimos proprietarios construiram ao longo da margem esquerda do Corgo, que o rega, um grande muro de supporte e sobre elle nivelaram e formaram um extenso campo, que encheram de laranjeiras.

Junto d'este lindissimo pomar construiram tambem outr'ora um luxuoso estabelecimento de moagem, mas no inverno de 1822 a 1823, desabando sobre a outra margem (esquerda) do Douro grande parte da quinta de *Melres*, incluindo a casa, pertencente aos *Portocarreiros* do palacio da Bandeirinha, no Porto, a agua do Douro com o grande volume do entulho (*credite posteri!*)—subiu a enorme altura no rio Corgo, fronteiro á quinta de Melres;—cobriu aquelle estabelecimento de moagem—e na vasante levou-o d'envolta no medonho turbilhão, deixando apenas uma parte do açude, que ainda hoje lá se vê.

Tambem por essa occasião a agua do Douro subiu até á casa da quinta da *Vaccaria*, pertencente aos Cunha Reis de Braga, na foz e margem esquerda do Corgo,—inundou os armazens—e derribou os cyprestes que tinha no terreiro!...

Da grande ponte de pedra, recentemente construida sobre a foz do Corgo na estrada nova a macadam, hoje ainda em construcção, da Regoa a Sabrosa, um pouco a montante da ponte da linha ferrea, vê-se as quintas do *Vallado, Vaccaria* e *Melres*, onde se deu tão extraordinario phenomeno, que mal se acredita hoje!

V. *Poiares*, vol. 7.º pag. 121, col. 2.ª—*in fine*,—*Porto*, no mesmo volume, pag. 519 e segg.—e *Villa Real de Traz os Montes*, vol. XI, pag. 1013, col. 1.ª e sua respectiva nota.

Alem do seu lindissimo pomar compre-

[1] V. *Villarinho de Cotas*.

hende esta quinta grandes vinhedos e tem bons armazens e outras officinas e um palacete brazonado, com capella.

—

2.ª—*Vallado*, tambem, de Antonio Pinto Champalimaud, de Cidadelhe, concelho de Mezãofrio.

3.ª—*Paredes*, pertencente a Joaquim José Alves de Figueiredo Feio, de Villa Real, que n'ella reside.

4.ª—*Pitarrella*, que foi de Affonso Botelho e é hoje de sua filha D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa, de quem logo fallaremos.

É uma das melhores propriedades d'esta parochia.

5.ª—*Firvida*, pertencente ao já mencionado Joaquim José Alves de Figueiredo Feio.

6.ª—*Portella*, pertencente a Victorino Pereira de Sousa, da aldeia de Santo Xisto.

7.ª—*Cavouco*, pertencente a José de Barros Carvalhaes.

8.ª—*Portello*, pertencente ao meu bom amigo e contemporaneo na Universidade, o dr. Antonio Avelino Correia de Carvalho Pereira Vasconcellos, filho de Avelino Correia Pinto de Carvalho Vasconcellos, natural da povoação de *Britello*, freguezia da *Cumieira*, concelho de Santa Martha de Penaguião.

9.ª—*Ponte*, que foi de José d'Almeida Alcoforado e é hoje de João de Barros Carvalhaes.

Edificios mais notaveis, brazonados

1.º—O que foi do capitão-mór de ordenanças Manuel de Mesquita Pimentel e Castro, hoje de seu neto Padre Frederico Augusto de Magalhães Barroso.

2.º—O que foi do dr. Manuel Xavier Vaz de Carvalho, hoje dos herdeiros de Adolpho de Gouveia Vaz de Carvalho, procurador á junta geral do districto, etc.[1]

3.º—O que foi de João de Carvalho Vaz, hoje de sua mulher D. Rosa de Carvalho.

Estes 3 na povoação da Prezegueda.

[1] Era um cidadão prestantissimo, falleceu porem no dia 2 de junho de 1885, deixando viuva e filhos.

4.º—O da grande quinta do *Vallado*, pertencente a D. Antonia Adelaide Ferreira.

5.º—O da quinta da *Ponte*, que foi do morgado José d'Almeida Alcoforado; — depois passou para a sua mulher, tristemente conhecida por *D. Rosa da Ponte*, que pela sua stulta vaidade e pessima administração morreu pobre como Job!...

Pertence hoje esta quinta a João de Barros Carvalhaes.

Edificios não brasonados

6.º—O palacete denominado *Casa Grande*, que foi de Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, da Prezegueda, hoje de sua filha D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1008, col. 2.ª e segg.,—e *Sabrosa*, vol. VIII pag 274, col. 2.ª—*in fine*.

7.º—O palacete que foi de João Henrique de Sousa Guedes, hoje do seu filho Henrique Pereira de Sousa Guedes.

8.º—O palacete de Victorino Cardoso Pinto de Barros.

9.º—O palacete que foi do commendador Maximiano Pinto de Freitas Vaz, de quem passou para o mencionado Adolpho de Gouveia Vaz de Carvalho.

Demoram estes ultimos 4 edificios na importante aldeia da Prezegueda.

10.º—O palacete de Antonio de Barros Carvalhaes, em Villarinho.

11.º—A casa de Luiz dos Santos Pereira, em Villarinho tambem.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, elegante e de moderna construcção, bem conservada e bem alfaiada.

N'ella se acha erecta uma importante irmandade das Almas, que tem como padroeiro *Santo Estevam*.

O cemiterio parochial dista da egreja cerca de 500 metros para S.

2.º—*Capella de Santo Amaro*, na povoação da Granja.

3.º—*Capella de S. João*, na aldeia de Santo Xisto.

4.°—*Capella de S. Bartholomeu*, em Alvações de Tanha.

5.°—*Capella de S. Pedro*, em Escavedas. Todas 4 são publicas.

6.°—*Capella de Sant'Anna*, na grande quinta do Vallado, de D. Antonia Adelaide Ferreira.

7.°—*Capella de Nossa Senhora da Conceição*, na quinta de Paredes.

8.°—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, no palacete que foi de Affonso Botelho, na Prezegueda.

9.°—*Capella de Nossa Senhora do Carmo*, no palacete que foi de Adolpho de Gouveia.

10.°—*Capella de Santa Ritta de Cacia*, tambem na Prezegueda, pertencente ao dr. Victorino Cardoso Pinto de Barros, da Regoa.

11.°—*Capella de S. Jorge*, no sitio da *Retorta*, pertencente a Miguel Pinto, da povoação de Villarinho.

12.°—*Capella de S. Francisco*, na quinta da *Ponte*.

13.°—*Capella de Nossa Senhora da Guia*, em Alvações de Tanha, na casa de Francisco d'Azevedo Alpoim.

14.°—*Capella de Nossa Senhora do Carmo*, na quinta do dr. Antonio Avelino, de Britello.

Estas ultimas 9 capellas são particulares e todas se acham abertas ao culto.

A festa principal é a da padroeira, Nossa Senhora das Neves.

—

Banham esta freguezia o rio Corgo, confluente do Douro;—o rio *Tanha*, que desagua no Corgo a distancia de 5 kilometros, no sitio de Firvida [1];—um ribeiro que nasce em Poyares no sitio de Refojos, em uma propriedade de Jorge Augusto Ferreira (irmão do humilde auctor d'estas linhas) e desagua no rio Tanha depois de atravessar as povoações de Santo Xisto e Villarinho;—e outro ribeiro denominado *Fundogas*, que nasce tambem na povoação de Poiares,—atravessa a da Prezegueda—e morre tambem no Tanha.

Ha n'este rio e nos mencionados ribeiros 4 pontes de pau e os moinhos seguintes para cereaes:

Um com 5 rodas,—outro com 4 rodas,—outro com 3,—outro com 3—e outro com 2, —todos estes em *Villarinho*;—nas Escavedas um com 3 rodas, outro com 2 e outro com outras 2;—no sitio das *Firvidas* um com 3 rodas e outro com 2;—no sitio da *Ponte* um com 4 rodas,—e no sitio das *Quelhas*, em Alvações de Tanha, outro com 2 rodas, —total 12 moinhos com 35 rodas para cereaes—e 2 azenhas para moer azeitona, movidas por gado.

—

Producções dominantes:—vinho, azeite e fructa variadissima,—tudo de qualidade superior.

Freguezias limitrophes:—Poiares a S. e E. —S. Pedro de Nogueira a N.;—Alvações do Corgo—e S. Faustino do Peso da Regoa a O.

Passa n'esta freguezia a nova estrada districtal a macadam em via de construcção da Regoa para Sabrosa.

Em 1844 um pavoroso incendio reduziu momentaneamente a cinzas o palacete da *Retorta*, de José Joaquim Pereira, que n'elle ao tempo vivia e nada salvou, sendo avaliado o prejuiso em mais de doze contos de rèis!...

Ha n'esta freguezia um morro muito pittoresco e de forma conica, denominado *Muro do Crasto* (castro) que, segundo diz a tradição, foi castello dos mouros.

Era muito defensavel para o tempo d'armas brancas e com certesa foi occupado e fortificado desde tempos muito remotos, pois ali se tem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas de tijôlo, fragmentos de ceramica, escumalha de forjas e pequenas pias de granito, pedra estranha na localidade, etc.

Parece uma *mamoa* celtica gigantesca,—um monte artificial,—e está hoje todo de vinha até o curuto, que dista da povoação de

---

[1] O *Tanha* nasce na aldeia de *Lodares*, freguezia de Val de Nogueira;—corre na direcção S. O.;—passa nas freguezias de Andrães, Nogueira e Abbaças, todas do concelho de Villa Real;—atravessa depois esta de Villarinho—e desagua na margem esquerda do Corgo, tendo de percurso total cerca de 20 kilometros.

Rega, moe e cria bastante peixe miudo.

Villarinho dos Freires pouco mais de 1 kilometro e tem na base, do lado sul, a povoação de Santo Xisto.

Ergue-se entre o rio *Tanha* e o ribeiro de *Refojos*.

Ha finalmente n'esta freguezia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

—

Esta freguezia denominou-se *Villarinho dos Freires*, porque foi dos templarios, ou *freires* da ordem do Templo, dos quaes passou para os cavalleiros ou *freires* da ordem de Malta, com o mosteiro que os templarios tinham na freguezia de S. Miguel de Poyares, visinha d'esta de Villarinho,—mosteiro que os *freires* de Malta arvoraram em séde de uma commenda riquissima, comprehendendo esta freguezia de Villarinho e outras.

Em 1532 a mencionada commenda era da ordem de Malta e rendiam os seus dizimos a bagatella seguinte:—5:000 alqueires de pão,—1:000 de vinho,—500 de azeite—e 500 de castanhas,—alem de muitos foros!...

V. *Poiares*, vol. VII, pag. 116, col. 2.ª—e a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego terrenario Ruy Fernandes em 1532 e publicada pela Academia Real das Sciencias no tomo V dos *Ineditos de Hist. Portugueza*, em 1824.

Em 1290, segundo se lê nas *Inquirições d'El-rei D. Diniz*, já a dicta commenda de Poiares era da ordem de Malta.

V. *Feira* em Viterbo.

—

De passagem diremos que, sendo os templarios extinctos em 1311, el rei D. Diniz muito astutamente fundou a ordem de Christo e a dotou com todos os bens que os templarios tiveram em Portugal, mas não passou para os cavalleiros de Christo a grande commenda de S. Miguel de Poiares, porque já era da ordem de Malta,—não sabemos bem desde quando nem por que titulo.

A ordem de *Malta*, de *Rodes*, ou do *Hospital*, nasceu na Palestina em 1104;—foi approvada pelo papa Paschoal II em 1113,—e a rainha D. Theresa, depois da morte do seu marido o conde D. Henrique, a admittiu em Portugal pelos annos de 1112 a 1116.

A primeira casa que teve no nosso paiz foi o convento, depois baliado, de Leça, que em 1800 rendia cerca de doze contos de réis;—depois teve por cabeça o Grão Priorado do Crato, que no tempo d'el-rei D. Affonso V apenas rendia 600$000 réis;—no tempo de D. Manuel já rendia sete contos—e em 1800 rendia vinte e quatro contos de réis, que equivaliam a mais de trinta contos de réis da nossa moeda actual; mas já estava unido á grande *casa do infantado* desde 1789, por breve do papa Pio VI, de 24 de novembro do dicto anno.

V. *Crato*, *Leça do Balio*—e a *Memoria Historica do Mosteiro de Leça* por Antonio do Carmo Velho de Barbosa,—trabalho muito consciencioso e muito minucioso, como trabalho especial que é—e escripto sobre a *localidade*.

Esta parochia de *Villarinho dos Freires*, até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ao arcebispado de Braga.

VILLARINHO DAS FURNAS,—freguezia extincta no concelho de Terras de Bouro e ha muito annexa á de S. João do Campo.

Passava n'esta freguezia, hoje simples povoação de *Villarinho das Furnas*, a celebre estrada da Geira, de Braga a Astorga.

Era a ultima povoação portugueza em que tocava a dicta estrada, que pouco adiante se mettia na Gallisa.

Note-se que *Villarinho das Furnas* demora na margem direita do rio Homem—e S. João do Campo na margem esquerda.

VILLARINHO DOS GALLEGOS,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Curato amovivel. Orago S. Miguel,—fogos 206,—habitantes 850.

Em 1706 pertencia ao mesmo concelho e comarca do Mogadouro.

Nada, absolutamente nada mais diz d'esta parochia a *Chorogr. Portugueza*—e o *Port. S. e Profano* nem sequer a mencionou!...

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 124 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 168 fogos e 695 ha-

bitantes,—e o de 1878 deu-lhe 204 fogos e 819 habitantes.

Não comprehende aldeias. Tem apenas annexa desde 1883 a pequena povoação e freguezia de *Villa dos Sinos* com 38 fogos e já descripta. Vide.

Demora a povoação de *Villarinho dos Gallegos* na margem direita do Douro, do qual dista 1 e meio kilometro para N.;—14 do Mogadouro para S. E.;—40 da estação da Barca d'Alva (a mais proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação desde Tua até Salamanca;—80 de Bragança;—245 do Porto—e 582 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Bruçô ou *Burçó*, Villar do Rei, Villa d'Alla, Ventozello—e Aldeia d'Avila, em Hespanha, alem do Douro.

Producções dominantes: —trigo, centeio, vinho, azeite, batatas e muita lã, pois cria muito gado lanigero e tambem muar e bovino da raça mirandesa.

É tambem mimosa de caça miuda e de peixe do Douro.

Não ha n'esta freguezia, nem n'este concelho, nem nos de Freixo de Espada á Cinta e Vimioso estrada alguma a macadam!...

A leste, sul e sueste de Bragança este malfadado districto apenas tem dois kilometros de estrada a macadam construidos junto de Miranda, na estrada real n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira, pela estação e barca do Pocinho;—todas as outras suas estradas são ainda hoje os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia!

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016, col. 1.ª e 2.ª

Esta parochia tem apenas 1 templo:—a sua egreja matriz, e na sua annexa dois:—a matriz e uma capella de Santa Barbara,—todos singelos e humildes, mas em bom estado de conservação.

Não tem edificios notaveis, brasonados ou sem brasões.

—

Approximadamente em 1869 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, que fez grandes prejuizos.

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

O Douro no limite d'esta freguezia e desde o alto de Miranda até á Barca d'Alva corre fundo e precipitado por entre penhascos medonhos. Aqui por exemplo as margens são formadas por enormes rochedos de desmedida altura. Tambem desde que no alto de Miranda entra em Portugal, até á nova ponte do caminho de ferro a montante do *Cachão da Valleira*, não tem ponte alguma [1],—e desde o Alto de Miranda até á Barca d'Alva apenas tem 3 barcas de passagem:—uma junto da villa da Bemposta,—outra junto da villa de Lagoaça—e outra no Saltinho, concelho de Freixo d'Espada á Cinta.

Nos longos espaços intermedios, como em Miranda e aqui, atravessam o Douro ainda hoje (*credite posteri!*) em cordas lançadas sobre o abysmo e presas a grande altura nas duas margens.

Em Miranda a passagem é feita por este rudimentar processo dentro de um ceirão de esparto suspenso em duas cordas parallelas. No dicto ceirão podem ir a um tempo 4 pessoas—e tambem n'elle passam porcos, cereaes e gado lanigero. O cavallar, muar e bovino tem de contornar a raia, na distancia de legoas.

Aqui, em *Villarinho dos Gallegos*, a passagem é mais simples ainda e feita por meio de uma corda unica, retesada sobre o abysmo. Prendem os passageiros (*sauve qui peut!...*) de um modo especial com um laço de outra corda, suspenso n'aquella,—e com o auxilio de outra corda, presa ao dicto laço, dois homens que estão nas duas margens arrastam o laço com o passageiro ou com o fardo de uma até á outra margem!...

Quando tal ouvi *sensi in fronte meo se arripiare cabellos!* mas um filho da localidade nos disse que a passagem é commoda e que, se estivessemos habituados a fazer a traves-

---

[1] Tem hoje 4 a jusante, e nos principios da nossa monarchia teve outra, da qual ainda restam claros vestigios, entre Mesãofrio e Barrô.

Para evitarmos repetições—V. *Barqueiros*, *Barrô*, *Villa Jusã* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 932, col. 1.ª e segg.

sia, como elles estão, *até haviamos de gostar*?!...

Oh! Deve ser fresca e pittoresca no verão—e mais ainda no inverno, quando o Douro bramir com furia lá em baixo, espumando ao despenhar-se por entre aquella medonha penedia;—e mais fresca deve ser a passagem, quando a grande corda estale e o pobre transeunte se desfizer em massa informe na penedia do leito, no verão,—ou mergulhe e desappareça na torrente, quando o Douro no inverno vae alto e medonho.

E quantas vezes não terá estalado a dicta corda?!...

Terminaremos este topico dizendo que no rigor da estiagem o Douro no termo d'esta freguezia tambem pode atravessar-se a pé enxuto (?) no sitio da *Pena Porreira*, (o nome é decentissimo!) em um grande estendal de penedos informes que tem no leito, mas a passagem ali não é menos divertida nem menos perigosa!

Demanda tibias altas;—vigor, agilidade e levesa—e muita pratica de tal exercicio choreographico, para se não partirem as costellas ou o toutiço nas fragas ou não se tomar algum banho nos poços.

—

Esta povoação é uma das mais ricas do concelho do Mogadouro, por ser muito trabalhadora e muito dada a negocios de commissão e conta propria.

Negoceia fortemente em azeite, lã, couros curtidos e gado lanigero, muar e vaccum da raça *mirandesa*, que é a mais estimada em Traz-os-Montes.

Ha aqui vaccas de 20 a 30 libras *cada uma*—e singeis de 60 a 70 libras?!...

Muitos habitantes d'esta povoação, levados pelo seu genio trabalhador e industrioso, costumam percorrer em cata de algum lucro com o seu negocio de lã, couros, amendoa e azeite não só esta provincia toda, mas grande parte do nosso paiz e da Hespanha, montados em soberbas mulas que vencem 10 a 12 das nossas antigas leguas de 8 a 10 kilometros por dia, atravez de barrancos medonhos!

Um dos primeiros proprietarios, negociantes e viajantes d'esta povoação é Antonio Joaquim Rodrigues,—homem muito trabalhador e muito conhecedor de Portugal e da Hespanha, pois em marchas e contra-marchas tem percorrido até hoje *milhares de legoas* nos dois paizes.

Nasceu n'esta povoação em 1835 e casou em Lagoaça com Angelina Raquel Antunes, prima do fallecido conde de Lagoaça e sobrinha do ultimo capitão-mór de Lagoaça, todos da familia *Antunes*, bem conhecida n'este concelho.

—

Antonio Joaquim Rodrigues é filho de Manuel Rodrigues *Ganhão*, tambem dado á mesma industria, natural d'esta freguezia, e de Maria Joaquina Cardosa, natural de Escalhão;—neto paterno de José Rodrigues *Ganhão*, tambem muito trabalhador e dado á mesma industria, natural d'esta freguezia, e de Anna Joaquina Antunes, de Lagoaça,—e materno de Antonio Fernandes Cardoso e de Maria Nunes,—elle de Escalhão e ella de Villarinho de Gallegos,—todos dados á mesma industria, que é hereditaria n'esta familia.

Antonio J. Rodrigues principiou a correr mundo com o seu pae aos 12 annos e teve do seu consorcio varios filhos, todos igualmente trabalhadores.

Costumam ir com os seus negocios de commissão e conta propria, dentro do nosso paiz até Miranda, Bragança, Mirandella, Chaves, Almeida, Covilhã, Fundão, Evora, Beja, Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães e Braga,—e dentro da Hespanha até Valhadolid, Zamora, Salamanca e Cidade Rodrigo.

Apuram dinheiro, mas trabalham muito, muito!...

—

As festas principaes que hoje aqui se celebram são:—a de S. Miguel, orago d'esta freguezia,—a de Nossa Senhora da Assumpção, orago da sua annexa,—e as de S. Jeronymo e S. Bartholomeu.

Como os habitantes d'esta freguezia eram tidos por constitucionaes e ricos, soffreram muito,—roubos, ferimentos, prisões e algumas mortes,—durante o governo do sr. D. Miguel, desde 1828 até 1834.

VILLARINHO DA LOMBA,—freguezia ex-

tincta, hoje aldeia da freguezia de Quiraz, concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança.

Em 1706 Villarinho da Lomba era um curato annexo á abbadia de Quiraz, no termo e concelho da villa de *Villar Secco da Lomba*, comarca de Miranda, e tinha como orago Nossa Senhora do Rosario, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*,—e em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, tinha como orago Nossa Senhora da Assumpção;—o seu parocho era cura da apresentação do mesmo abbade de Quiraz, que lhe dava 6$000 réis de congrua, alem do rendimento do pé d'altar,—e contava 35 fogos.

Hoje tem 42 fogos e ainda conserva a sua matriz,—uma capella dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, bem tractada e bem conservada.

—

Alem da povoação de Villarinho da Lomba, comprehende a freguezia de Quiraz as povoações de *Edroso* e *Cisterna*, que foram tambem outr'ora freguezias independentes. A freguezia de Quiraz, contando apenas 178 fogos e 800 habitantes, segundo se lê no ultimo recenseamento de 1878, representa nada menos de *quatro freguezias* ?!...

Bellesas do districto e do bispado de Bragança.

V. *Villa Verde*, freguezia d'este concelho de Vinhaes, vol. XI, pag. 1099, col 2.ª

Esta povoação de Villarinho demora na raia e tem um posto fiscal, pertencente á delegação de Vinhaes e ao districto aduaneiro de Bragança.

V. *Quiraz* n'este diccionario e note-se que a extincta parochia de Villarinho da Lomba está, como dissemos, annexa á freguezia de Quiraz e não v. v. como ali se lê, o que foi lapso do meu antecessor.

Terminaremos dizendo que a freguezia de Quiraz com as suas 3 annexas pertencia ao concelho de Santalha, extincto pelo decreto de 3 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Vinhaes.

VILLARINHO DA LOUSÃ, outr'ora *Villarinho das Moitas*,—freguezia do concelho e comarca da Lousã, districto e diocese de Coimbra, provincia do Douro (!) Priorado.

Orago S. Pedro Apostolo;—fogos 415,—habitantes 1:850.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era vigairaria do cabido da Sé de Coimbra;—pertencia á comarca (corregedoria) de Monte-mór o Velho (?!...) provedoria e diocese de Coimbra—e contava 60 fogos!

Em 1768 era priorado da mesma apresentação; rendia para o seu prior 350$000 réis—e contava 370 fogos!

> Custa a crer que a sua população no pequeno periodo de 60 annos augmentasse 310 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 388 fogos e 1:759 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 411 fogos e 1832 habitantes.

—

Demora esta freguezia em terreno fertil e suavemente ondulado ao norte e nas faldas da serra da Lousã e a E. N. E. da villa d'este nome, entre os rios Arouce e Ceira.

A povoação de *Villarinho*, séde d'esta parochia, dista da Lousã 4 kilometros para E. N. E.;—4 e meio do rio Arouce, confluente do Ceira, tambem para E. N. E.;—5 do rio Ceira, confluente do Mondego, para S.;—27 de Coimbra para S. E.;—146 do Porto—e 245 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho*, séde da parochia; ao nascente:—Franco, Prilhão, Cabanões, Casaes, Ribeira dos Casaes e Covão;—ao poente:—Sarnadinha, Freixo, Gandara, Casal do Espirito Santo e Valle;—ao norte:—Rogella e Boque;—ao sul:—Fiscal e Povoa do Fiscal.

Comprehende tambem as quintas de Ribeira Menor, Cachaça e Reguengo do Prilhão, todas pouco importantes,—e varios moinhos e azenhas que logo mencionaremos.

Freguezias limitrophes:—a E. Serpins;—a O. Lousã;—a N. Casal d'Ermio;—a S. um braço da serra da Lousã, ramificação da grande serra da Estrella.

Producções dominantes: — milho, vinho,

trigo, centeio, azeite, cevada, castanhas e lã, pois tambem cria gado lanigero nos seus chãos e na serra.

É tambem mimosa de fructa, hortaliça, hervagens e de coelhos, perdizes e lebres.

—

Cortam e servem esta freguezia as seguintes estradas a macadam :

1.ª—Real n.º 52 da Foz d'Arouce a Castello Branco, em continuação da real n.º 14, de Coimbra á Foz d'Arouce.

2.ª—Districtal n.º 57, que entronca em Villarinho na real n.º 52, segue para Cabeços, etc.

3.ª—Municipal, da aldeia do Covão para a ponte de Serpins, sobre o rio Ceira.

Templos

Alem da egreja matriz de Villarinho, bem conservada e bastante antiga, mas relativamente moderna, pois a 1.ª esteve no sitio das *Moitas*, então povoado de castanheiros, pelo que esta freguezia se denominou—*S. Pedro das Moitas*,—ha n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora das Preces*.

2.ª—*S. Domingos*. Ambas em Villarinho.

3.ª—*Santo Antonio*, na aldeia de Franco.

4.ª—*Santa Eufemia*, em Cabanões.

5.ª—*S. Bartholomeu*, na aldeia de Prilhão.

6.ª—*Santo Ignacio*, na aldeia do Boque.

7.ª—*S. Sebastião*, na aldeia do Fiscal.

8.ª—*Espirito Santo*, no casal d'este nome.

9.ª—*Santo Amaro*, na povoação da Rogella.

Estas 9 são todas publicas e estão bem tractadas, exceptuando a 3.ª, de Santo Antonio.

10.ª—*Senhora das Dôres*, na aldeia do Covão.

11.ª—*Santa Rita*, na aldeia do Reguengo.

12.ª—*Santa Rita*, (outra) na aldeia do Fiscal.

13.ª—*S. Luiz*, na povoação do Freixo.

Estas ultimas 4 são particulares;—estão todas muito bem tractadas—e entre ellas avulta e merece especial menção a de *Santa Rita* (n.º 12) na aldeia do Fiscal.

Tem uma elegante e custosa frontaria de pedra encarnada, extrahida das pedreiras d'Alveite,—e interiormente um bom retabulo de talha dourada com sacrario,—bellas alfaias e Santissimo permanente.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as seguintes:—*S. Pedro* (o orago) e Senhora do Rosario, na matriz;—Espirito Santo e Santo Amaro, ambas com romaria, nas capellas proprias.

—

Tem esta freguezia, na aldeia do Fiscal, dois edificios brasonados:—um pertencente á nobre familia *Quaresma*,—outro aos herdeiros de José Pedro Fernandes e que foi dos *Mexias*.

Banham esta parochia os 4 ribeiros seguintes:

1.º—Ribeiro Maior.

2.º—Ribeiro Pequeno.

Correm ambos de S. a N.;—a pequena distancia fazem juncção—e desaguam na margem esquerda do rio Ceira, junto da aldeia do Boque, a distancia de 4 kilometros.

3.º—De *Villarinho*, que passa junto da aldeia d'este nome.

4.º—Passa ao sul d'esta freguezia.

Estes 2 veem da serra da Lousã,—fazem juncção na aldeia do Valle—e desaguam tambem no rio Ceira, junto da povoação de *Ceira dos Valles*, na distancia de 5 kilometros.

Movem 11 moinhos e 2 azenhas de cereaes,—4 lagares d'azeite e uma fabrica de papel, no sitio do *Valle das Eguas*, pertencente á viuva Lemos & Filhos, da Lousã.

Aguas ferreas

Brota n'esta freguezia, na sua extremidade sul e na raiz da grande serra que a limita por este lado, uma nascente d'aguas ferreas no sitio que chamam *Agua Alta*, porque a tal nascente cae ali de grande altura, formando uma especie de cascata.

É muito medicinal para o tractamento de varias doenças e nunca augmentou com as chuvas no inverno—nem diminuiu com a secca na estiagem,—fenomeno rarissimo e que talvez tenha a sua explicação no facto de brotar a dicta nascente de uma rocha

durissima no bôjo da grande serra, formada de rocha compacta, igualmente dura e por consequencia difficil de penetrar pela chuva e pelo calor.

Em outro tempo vinham de grande distancia, inclusivamente de fóra d'este concelho, muitas pessoas fazer uso d'estas aguas; hoje essa concorrencia afroixou, mas ainda muitas pessoas d'este concelho fazem uso d'ellas, bebendo-as na localidade ou conduzindo-as para suas casas, em vasos de vidro ou de barro.

Em Villarinho ha tambem uma fonte d'agua potavel, digna de menção pela sua puresa e levesa.

É talvez a melhor agua d este concelho— e a dicta fonte denomina-se *Fonte Godinha.*

Pessoas notaveis

Entre os filhos mais benemeritos d'esta parochia mencionaremos apenas dois:—Manuel Furtado de Mesquita e Tavora, que nasceu na aldeia de Villarinho;—foi capitão de cavallos na guerra da restauração, cavalleiro professo da ordem de Christo, etc.

Pelos seus relevantes serviços el-rei D. João IV lhe concedeu a pensão de 40$000 réis e a um seu filho deu de propriedade o juisado dos orphãos, na villa da Lousã.

Foi morto na villa de Penamacôr, batendo-se contra os hespanhoes, em 17 de fevereiro de 1650, e é um dos mais nobres ascendentes do actual visconde da Foz de Arouce.

Foi homem distincto pelas armas no seculo XVII; distinguiu-se porem mais ainda pelas lettras em nossos dias um outro filho d'esta parochia:

Vicente Ferrer Neto Paiva

A biographia de s. ex.ª, a quem nós conhecemos muito de perto, porque vivia em Coimbra e era lente da Universidade—e lente distinctissimo—quando nós nos formamos em 1851 a 1856,—daria um grosso volume e não a comportam as paginas d'este diccionario.

Indicaremos, pois, apenas alguns topicos:

Era filho legitimo do alferes Manuel Francisco Neto e de D. Constança Maria da Encarnação, da casa, quinta e aldeia do Freixo, d'esta freguezia;—neto paterno de José Francisco e de D. Theresa Maria de Paiva, senhores da mesma casa e quinta,—e materno de Caetano de Mattos e Anna de Jesus, da Povoa de Serpins. Nasceu n'esta freguezia, na sua casa e quinta do Freixo, em 27 de junho de 1798;—foi baptisado n'esta mesma freguezia pelo rev. João de Mattos Antunes em 4 de julho do dicto anno;—foram seus padrinhos o rev. Vicente Ferrer Neto Paiva, seu homonymo e tio paterno, e D. Maria Luisa Candida (ou D. Maria Joanna) irmã do biographado.—Falleceu solteiro na dicta sua casa e quinta do Freixo na noite de 11 de janeiro de 1886, contando 87 annos e meio e alguns dias—e deixou a maior parte da sua fortuna,—cerca de 160 contos de réis,—ao seu sobrinho, lente de direito publico na Universidade de Coimbra, o dr. Vicente José de Seiça Almeida e Silva, que pouco tempo lhe sobreviveu. Apenas *nove mezes*!... [1]

—

Foi s. ex.ª uma illustração superior e um cavalheiro respeitabilissimo, do conselho de Sua Magestade, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, doutor, lente cathedratico e decano da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, reitor da mesma Universidade, deputado em varias legislaturas, ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, par do reino, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da mesma cidade e do Instituto, de Coimbra, collaborador de differentes jornaes politicos e litterarios, au-

---

[1] Era tambem par do reino e uma excellente pessoa.

Nasceu na villa da Louzã em 3 d'agosto de 1809 e falleceu em Coimbra no dia 21 de outubro de 1886, igualmente *solteiro*, deixando uma fortuna de mais de *duzentos contos* ao seu irmão José Maria de Seiça, rico proprietario, morador na freguezia de S. Silvestre, concelho de Coimbra.

V. *Louzã* no supplemento.

ctor de varias obras, indicadas por Innocencio Francisco da Silva, etc.

Tornou-se tambem benemerito da instrucção publica fundando em casas proprias, ao lado da sua do Freixo, n'esta freguezia, em 1877, duas aulas d'instrucção primaria para os dois sexos, dotou-as convenientemente e ainda por ultimo as beneficiou e contemplou no seu testamento, deixando á camara municipal da Lousã 4:000$000 réis nominaes em inscripções para repartir o seu producto annual por 20 alumnos e 20 alumnas que frequentem as dictas escolas e pertençam ás familias mais necessitadas das freguezias de Villarinho e da villa da Lousã.

—

O grande historiador Alexandre Herculano era intimo amigo do nosso biographado e tanto que no seu gabinete d'estudo, em Valle de Lobos, tinha apenas 3 retratos:—o do famoso estadista Mousinho da Silveira, —o do nosso grande poeta Soares de Passos —e o de Vicente Ferrer Neto Paiva. No centro estava o de Mousinho e á direita o de Ferrer.

Tambem o nosso biographado era dedicadissimo a Herculano, como provam, entre outros muitos, os factos seguintes:

1.º—Em 20 de setembro de 1877,—13 dias depois do fallecimento de Alexandre Herculano, dirigiu uma carta ao *Jornal do Commercio* de Lisboa, pranteando a morte do grande historiador,—lembrando que se devia erigir-lhe um monumento por meio de uma subscripção publica—e logo offereceu 400$000 réis para a dicta subscripção.

2.º—Na sessão do *Instituto de Coimbra*, de 23 de maio de 1878, leu uma memoria interessantissima, fazendo o elogio historico do grande historiador.

Terminaremos dizendo que o nosso biographado, em 17 de novembro de 1870, foi agraciado com o titulo de visconde do Freixo, mas não o acceitou (honra lhe seja!) preferindo aos titulos nobiliarchicos a consideração e a nobresa do seu aureolado nome.

—

A biographia mais completa e mais interessante que até hoje temos lido com relação ao sabio lente Vicente Ferrer Neto Paiva é a que o sr. Joaquim Martins de Carvalho, seu bom amigo e contemporaneo, illustrado redactor e proprietario do *Conimbricense*, publicou no seu jornal desde o n.º 4:007 de 16 de janeiro de 1886, até o n.º 4:018 de 23 de fevereiro do mesmo anno, para onde remettemos os leitores.

—

Esta parochia e as circumvisinhas soffreram muito em 1811, nos dias 14, 15 e 16 de março, quando por aqui passou de *escantilhão* o exercito francez de Massena, retirando das linhas de Torres Vedras por Pombal, Redinha, Condeixa, Miranda do Corvo, Foz d'Arouce, Ponte da Murcella, Celorico e Guarda, em marcha penosissima, batido e acossado pelo exercito anglo-luso, que o não deixou respirar um momento, obrigando-o a queimar muitos carros de bagagens e a perder muita artilheria, muitos muares e soldados na passagem do rio Ceira e do Alba.

Não se imagina o que soffreu Massena desde Condeixa até á Ponte da Murcella, principalmente em Foz d'Arouce, na passagem do rio Ceira, junto d'esta parochia de Villarinho, que foi litteralmente aberta e devastada, bem como todas as parochias circumvisinhas, pelos dois grandes exercitos.

Temos sobre a nossa banca de estudo uma descripção minuciosa, interessantissima e *authentica* d'aquelles reveses, escripta por M. Guingret, *testemunha ocular*, pois fazia parte do exercito de Massena, como chefe de um batalhão do 6.º corpo, commandado pelo marechal Ney, incumbido de proteger a retirada, e que no revez da Foz d'Arouce, na passagem do Ceira, se cobriu de vergonha e perdeu o commando do dicto corpo.

Bem quiseramos dar ao menos um extracto d'aquelle interessantissimo topico, mas é muito longo e estamos anciosos por fechar este diccionario. Appellamos para o supplemento; entretanto veja-se o artigo *Villar Formoso* e a *Relation historique et militaire de la campagne de Portugal sous le maréchal Masséna par M. Guingret*,—Limoges, 1817,—pag 153 a 175.

VILLARINHO DA MÓ,—aldeia da freguezia de B. ça, concelho de Boticas, comarca

de Montalegre, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, arcebispado de Braga.

V. *Beça*, vol. I, pag. 355, col. 1.ª—e permittam-nos o fazermos algumas addições áquelle artigo:

—

A mencionada freguezia de Beça ou Bessa comprehende as aldeias seguintes:—*Beça*, a séde da parochia,—Torneiros, Quintas e Seirrãos, na margem esquerda do rio Beça,—e *Villarinho da Mó*, Lavradas e Carvalhelhos, na margem direita, pois o rio Beça, do qual adiante fallaremos, corta pelo meio esta freguezia, que em 1706 pertencia ao termo e concelho da Villa de Montalegre, comarca e ouvidoria de Bragança;—comprehendia as mesmas 7 povoações: *Bessa* com 50 fogos,—Torneiros com 26—Quintas e Seirrãos com 56,—Lavradas com 30,—Carvalhelhos com 20—e *Villarinho da Mó* com 15,—total 197 fogos,—e era da apresentação da casa de Bragança.

Em 1757 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 200$000 réis—e contava 46 fogos!—segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 229 fogos e 971 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 251 fogos e 1:211 habitantes.

—

Os dizimos d'esta parochia no meiado do ultimo seculo rendiam 650:000 réis, dos quaes recebia o abbade as *quintas nonas*—e a Patriarchal as *quartas nonas* (?!...)—por bulla pontificia do papa Benedicto XIV, com data de 27 de julho de 1747.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, muitas castanhas, algum vinho verde e fructas na margem esquerda do rio Beça, por ser o chão mais quente e mais productivo,—e apenas centeio, batatas e castanhas na margem direita, por ser o chão mais frio.

Tambem abunda em caça grossa e miuda e lã, pois cria bastante gado lanigero e vaccum da raça *barrozã*,—e é mimosa de peixe, nomeadamente trutas, do rio Beça.

Alem da sua egreja matriz, que nada offerece de notavel, tem as 7 capellas seguintes, todas publicas e abertas ao culto:

1.ª—*Senhora da Apresentação*, na aldeia de Beça.
2.ª—*S. Bento*, na aldeia das Quintas.
3.ª—*S. Martinho*, em Seirrãos.
4.ª—*Santa Margarida*, em Torneiros.
5.ª—*S. Gonçalo*, em Carvalhelhos.
6.ª—*Santo Antonio*, nas Lavradas.
7.ª—*S. Mamede*, em *Villarinho da Mó*,—todas decentes, mas singelas.

—

Demora esta freguezia na parte occidental da serra de Leiranco, em uma quebrada da dicta serra, que é ramificação da de Barroso. Atravessa esta freguezia de norte a sul o rio Beça—e de nascente a poente a antiga estrada real de Chaves a Braga, que tem aqui uma solida ponte de cantaria sobre o Beça. Pela dicta estrada e pela dicta ponte passou o exercito francez do general Soult em março de 1809, quando seguia de Chaves para Braga e Porto.

A dicta estrada segue aproximadamente o traçado de uma das vias mititares romanas de Braga para Astorga.

Para evitarmos repetições, vide—*Estradas romanas*,—*Vias ferreas*, *Villar da Veiga*, *Villar de Perdises*, *S. Miguel e Villarinho dos Padrões*.

—

As aldeias de *Quintas* e *Seirrãos* eram *casaes cerrados* [1] e tinham grandes privilegios concedidos por el-rei D. João I, em carta de 28 de novembro de 1426; mas os seus habitantes eram obrigados a defender o antigo castello de *Seirrãos*, que se erguia a pequena distancia da dicta estrada e das outras povoações, entre esta freguezia e a ribeira de *Terva*.

Ainda hoje ali se vêem as ruinas do mencionado castello e diz a tradição que n'elle vivera uma tal sr.ª D. Loba, a quem os moradores das dictas aldeias pagavam fóros de tudo,—até das cordas dos carros!...

Tambem a mesma sr.ª D. Loba, ou outra do mesmo nome, residiu algum tempo no Castello de Lanhoso, segundo se lê na vida

[1] V. *Montalegre*, vol. V, pag. 444, col. 2.ª—e *Villar de Perdizes*, orago Santo André.

de S. Geraldo, no *Flos Sanctorum* do illustrado dominicano Fr. Diogo do Rosario.

Pessoas illustres

Francisco Antonio Barroso Pereira, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Nasceu n'esta freguezia, na aldeia das Lavradas;—foi delegado do procurador regio em Montalegre por despacho de 3 d'agosto de 1852—e falleceu em Montalegre no dia 17 de novembro de 1854; 3 dias depois (a 20 do dicto mez e anno) falleceu a viuva,—D. Albina de Moraes Caldas, ambos no vigor da idade,—e no dia 14 do mesmo mez e anno falleceu na mesma villa de Montalegre o sr. José Rebello Guimarães, ali medico do partido da camara, natural da freguezia de Tourem.

Foram todos tres victimas do cholera-morbus, que ao tempo assolava as povoações da raia, na Galliza.

Todo este concelho ficou aterrado com a morte d'aquellas 3 pessoas em tão poucos dias.

O general Manoel José Vaz

Thomé, filho legitimo de Acurcio Vaz e de Anna Pereira, humildes proprietarios da aldeia das Lavradas, nasceu n'esta parochia no dia 18 d'outubro de 1803.

Sendo ao todo seis irmãos e muito pobres, o Thomé foi para Lisboa com dois dos seus irmãos trabalhar na lavoura, e um bello dia, andando a apanhar laranjas para embarque, foi preso e obrigado a assentar praça em um dos regimentos de Lisboa, pelos annos de 1828 a 1829.

Serviu algum tempo no exercito de D. Miguel, mas por occasião do cerco do Porto, sendo já official, passou para o exercito de D. Pedro, e d'ahi em diante seguiu sempre o partido da sr.ª D. Maria II.

Foi major da Guarda Municipal do Porto;—d'ali passou para major do regimento de infanteria n.º 13, estacionado então em Chaves (hoje em Villa Real); d'ali passou como tenente coronel para infanteria n.º 8, onde serviu até que, sendo promovido a coronel, passou para infanteria n.º 11 e depois para infanteria n.º 6, onde serviu até que se reformou em general de brigada e falleceu aproximadamente em 1875, na sua casa de campo, junto do Porto.

Quando o prenderam e o obrigaram a assentar praça, ia muito violentado e com a boa intenção de fugir no primeiro ensejo, pelo que, sendo o seu nome *Thomé*, trocou-o pelo de *Manoel José Vaz;*—com este foi sempre conhecido no exercito e, affeiçoando-se á carreira militar, chrismou-se e trocou o seu nome de baptismo pelo de Manoel, com o qual falleceu.

Quando o prenderam e com tanta violencia deixou a faina de jornaleiro, mal imaginava elle que a sua *negregada sorte* ia fazel-o general?!...

Foi feliz e muito feliz, mais feliz porem foi ainda o seu patricio Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro* que, tendo sido em Lisboa *marçano* e *aguadeiro*, chegou a ser fidalgo da casa real e um dos maiores capitalistas de Lisboa no seu tempo, deixando a bagatella de *dois mil e seiscentos contos de réis?!*...

V. *Vicente da Chã* (S.) freguezia do concelho de Montalegre, vol. x, pag. 534, col. 1.ª

—

Como já dissemos, atravessa e banha esta freguezia o rio Beça, já descripto sob este nome no vol. i, pag. 355,—e sob o nome de *Berça* ou *Verça* no artigo *Villar de Cunhas*, pois não sabemos qual seja o seu verdadeiro nome.

O nosso bom amigo e cyreneu José dos Santos Moura, abbade de Caires e muito conhecedor d'este concelho de Montalegre, denominava-o rio *Beça*. E parece que naturalmente assim deve denominar-se, por banhar e cortar a meio a freguezia denominada *Beça;* mas o sr. dr. Moura Coutinho, de Cabeceiras de Basto, homem muito illustrado e ancião venerando, nos apontamentos que nos deu para o seu concelho, que elle conhecia perfeitamente, disse que este rio se denominava *Berça* ou *Verça* e não *Bessa* ou *Beça*.

E nos meus mappas effectivamente se encontra com o nome de *Bersal*...

Não nos atrevemos a cortar o *nogordio*, porque nunca (mercê de Deus!) andámos por semelhantes barrancos e despenhadeiros;—aquelles dois nossos amigos e benemeritos informadores já falleceram ambos —e não temos ali hoje relações.

V. *Villar de Cunhas.*

—

O mencionado rio tem dupla origem a O. das aldeias de *Pedrario* e *Lamas de Sarraquinhos;*—recebe na margem direita o ribeiro do *Carregão;*—cerca de 6 kilometros a jusante, junto da aldeia do Cortiço, recebe o ribeiro de *Avessô*, que nasce no valle de *Firvidas,*—e o riacho da *Cova do Forno*, que nasce junto da aldeia de *Morgade;*—atravessa depois a freguezia de *Cervos*, recebendo na margem esquerda o ribeiro de Varziellas e um pouco a juzante o de *Cervos*. Tendo atravessado a meio toda a freguezia de *Beça* e a de *Canêdo* e recebido de ambos os lados differentes ribeiros, entre os quaes avulta o de *Covas*, cerca de 8 kilometros a jusante d'este ultimo recebe o rio do *Couto de Dornellas*;—toma então o nome de rio das *Mestras*—e cerca de 4 kilometros a jusante morre na margem direita do Tamega, defronte da povoação de *Daivães*, freguezia do *Salvador*, da villa e concelho de Ribeira de Pena, tendo banhado já com o nome de rio de *Mestras* a freguezia de *Villar de Cunhas*, concelho de Cabeceiras de Basto.

Tem 35 a 40 kilometros de curso e varias pontes, entre ellas 3 de cantaria:—*Cortiço, Rebordello* e *Beça.*

Este rio é o maior affluente do Tamega.

VILLARINHO DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Curato. Orago S. Sebastião;—fogos 60,—habitantes 245.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, era curato da apresentação do abbade de *Nozellos*, bispado de Miranda;—rendia para o cura 30:000 réis—e contava 36 fogos.

Em 1852, segundo se lê no Flaviense, pertencia ao concelho de D. Chama, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1885 pelo qual passou para o de Macedo de Cavalheiros;—contava 55 fogos—e era da comarca de Mirandella.

Demora esta freguezia na margem esquerda da grande ribeira de Villares, affluente do Tuella, da qual dista 3 kilometros para S.;—8 da margem esquerda do *Tuella*, uma das nascentes do Tua, para E., —e 20 de Macedo de Cavalleiros para N. O.

Producções dominantes:—cereaes, fructas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem antes da invasão phylloxerica destroçar os seus vinhedos, produzia bastante vinho de boa qualidade.

Banham esta freguezia a W. a grande ribeira de Villares—e a N. outra grande ribeira, confluente da de Villares.

—

Nós mencionamos esta freguezia como independente, porque assim a encontramos no *Mappa das Novas Dioceses*, publicado em 1882, bem como no *Flaviense* e no *Diccionario Chorographico d'Almeida*, mas não podemos adiantar mais, porque não a lobrigamos na *Chorogr. Port.*, nem na *Chrogr. Moderna*, nem recebemos para a sua descripção apontamentos especiaes.

Na *Chorogr. Moderna*, apenas se faz menção de uma aldeia com o nome de *Villarinho do Monte*, pertencente á freguezia das Arcas, d'este concelho de Macedo de Cavalleiros, mas não sabemos se a tal aldeia será, como suppomos, a freguezia de que nos occupamos, porque ali nem sequer se diz que foi parochia extincta!...

O censo de 1864 tambem não a mencionou.

Dista da freguezia das Arcas 6 kilometros para O. S. O.—e da villa de D. Chama, 7 para S. E., mettendo-se de permeio a ribeira de Villares, na qual deve ter moinhos.

—

Dado que esta freguezia de *Villarinho* foi, como suppomos, annexa á das Arcas, representa esta hoje nada menos de 4:—a das *Arcas*, propriamente dicta,—a de *Villarinho do Monte*,—a de *Mogrão* que em 1706 era uma simples aldeia da freguezia de *Ala*, depois tornou-se parochia independente e por ultimo volveu a ser uma simples aldeia,

mas da freguezia das Arcas,—e a de *Nozellos*, tambem hoje simples aldeia, mas que outr'ora foi freguezia e villa antiquissima, pois já D. Diniz lhe deu foral. E na casa da camara havia *um freio* para metter na bocca dos calumniadores e das *mulheres de má lingua*!?...

V. *Arcas e Nozellos.*

—

O vinho da freguezia das *Arcas* é o melhor do alto d'esta provincia de Traz-os-Montes,—e tem a dicta parochia muitos moinhos, taes são:—o da *Ponte,—Ponte de Mogrão,—Carrascal,—Fontainhas,—Lamellas,—Ribeira—e Moinho do Mocho.*

—

Villarinho do Monte nunca foi villa, mas no seculo XVI teve esperanças de o ser, porque D. Manoel lhe prometteu foral proprio. Podem ver-se os *Apontamentos* para elle na *Reforma dos Foraes do Sr. Rei D. Manoel*, Maço 9 de foraes antigos, n.º 11.

Se teve *foral velho*, Franklin não o menciona.

VILLARINHO DAS PARANHEIRAS,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Francisco d'Assis;—fogos 98,—habitantes 402.

Em 1706 era um curato da apresentação do reitor de Moreiras;—pertencia ao termo e concelho da villa de Chaves, comarca de Bragança e á grande commenda de *Santa Maria de Moreiras* da Ordem de Christo, então do duque de Cadaval, commenda que comprehendia *sete parochias*, — e contava esta 50 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o cura 50$000 réis—e contava 55 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 396 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 391 habitantes.

—

Demora na extremidade N. da decantada *Ribeira d'Oura* e a O. do monte de Santa Barbara, em terreno mimoso, pittoresco, saudavel e fertil na margem esquerda do Tamega, do qual dista cerca de um e meio kilometros para S. E.;—4 do grande estabelecimento hydro-therapico de Vidago, para N. N. O.;—15 de Chaves para S. O.;—50 de Villa Real;—78 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—182 do Porto pela estação da Regoa e linha ferrea do Douro,—e 520 de Lisboa.

Este itinerario deve soffrer grande modificação, logo que se construa a linha ferrea, hoje em estudos, de Chaves a Viseu pelo valle do Tamega e que deve cortar a linha do Douro e ter n'ella entroncamento e estação propria junto da estação do Marco de Canaveses, cerca de 44 kilometros a jusante da Regoa, encurtando muito a distancia entre o Porto, *Villarinho das Paranheiras*, e Chaves.

Esta parochia apenas comprehende a povoação de *Villarinho*;—os casaes ou quintas da Baccaria, Lamalonga, Limões, Amieira, Corgo, Carvalhal e Pecho, mencionados na *Chorographia Moderna*,—e 3 moinhos no Tamega, cada um com 4 rodas,—mais 2 moinhos e 2 azenhas no ribeiro das Olgas.

Freguezias limitrophes:—Anelhe, Arcossó, Villela do Tamega e Salhariz.

Producções dominantes : — vinho, milho, centeio, azeite, castanhas, batatas e fructa.

O vinho é, como vinho de pasto, excellente; do melhor da *Ribeira d'Oura*, d'esta provincia e do nosso paiz; mas infelizmente os seus vinhedos soffrem muito com o oidium, porque os enxofram tarde e mal,—com a phylloxera e com outras doenças, pelo que já produzem muito menos do que outr'ora produziram e tendem a desapparecer em praso breve!...

Tambem aqui os olivaes soffrem muito com a ferrugem, que os invadiu approximadamente em 1840, por ser o terreno fundo e quente, o que determinou alguns proprietarios a cortarem e arrancarem grande numero d'oliveiras, pelo que esta freguezia tambem hoje colhe muito menos azeite do que outr'ora colheu.

Tambem aqui, como em todo o nosso paiz, estão muito doentes os castanheiros.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016.

—

Banham esta freguezia o Tamega, confluente do Douro, e um ribeiro, confluente do Tamega. Nasce o dicto ribeiro nas faldas do monte de Santa Barbara, cerca de 3 kilometros a E. N. E. de Villarinho; — toca n'esta povoação do lado sul;—rega e fertilisa muitos campos—e morre na margem esquerda do Tamega, um pouco a jusante do *poldrado*, de que vamos fazer menção [1]. Move 2 moinhos de cereaes e 2 de azeite—e tem uma boa ponte de pedra, construida em 1870 para passagem da estrada real a macadam.

Ha n'este ribeiro, a montante de Villarinho e onde as margens principiam a ser cultivadas, uma grande represa ou deposito d'agua no verão, d'onde saem duas levadas que regam os campos a juzante até o Tamega.

Até 1785 a agua da grande represa era distribuida por dois repartidores nomeados pelo juiz da *vintena;* mas, como houvesse quasi sempre desgostos, provenientes da desigualdade na distribuição, por serem os repartidores proprietarios e interessados na partilha, o juiz de fóra da villa de Chaves, Domingos Alvares Lobo, providenciou de fórma que terminaram as questões e queixumes até hoje!

No tempo das regas, todos os sabbados o thesoureiro da egreja, por meio de toque do sino, convoca o povo e, reunido este no adro, ahi lê o rol extrahido da sentença, na parte relativa á semana proxima seguinte e assim cada proprietario fica sabendo quando tem de regar.

A agua dos domingos é da egreja. Não se distribue, mas arremata-se e adjudica-se a quem mais der, sendo o seu producto applicado para a fabrica da egreja, pelo que esta, apesar de ser muito antiga, se acha limpa e decente.

—

Na tarde de 3 d'agosto de 1842 cairam sobre esta freguezia apenas algumas leves gottas d'agua, mas trovejou a leste e choveu tão copiosamente no monte de Santa Barbara, que o pobre ribeirinho de que estamos fallando engrossou rapidamente como não ha memoria,—transformou-se em um rio caudaloso,—galgou os campos marginaes e levou na torrente as arvores, as paredes, a terra e tudo, causando prejuisos enormes, que até hoje não foram completamente resarcidos!...

—

O Tamega corre aqui fundo e esta parochia tira pouco proveito das suas aguas, pelo que em 1843 resolveram os habitantes d'esta freguezia construir n'elle um dique para levantamento e captagem das aguas, alguns kilometros a montante, no limite de Villela do Tamega, e um grande açude que, partindo d'ali, regasse e limasse todas as terras de Villarinho, que ficam a jusante do dicto açude.

Louvavel resolução foi aquella, mas infelizmente não deu o resultado que podia e devia dar e que talvez dê no futuro.

Duas vezes construiram o dique e outras tantas o levou o Tamega nas enchentes,—se é que alguem mal intencionado não aproveitou o ensejo de o destruir, carregando o Tamega com a culpa, como ao tempo se propalou.

O dique foi feito á custa do benemerito proprietario João Bernardino Machado—e o açude foi feito pelo povo.

E nunca se tornou tão precisa como hoje tal obra, porque poderia transformar em campos e prados magnificos grande extensão de vinhedos que se acham quasi mortos e que tendem a desapparecer em praso breve.

Açudes muito mais dispendiosos teem as freguezias de *Villar de Mouros*, no concelho de Caminha,—de *Villa Cova a Coelheira*, no concelho de Ceia,—e de *Alvarenga* no concelho d'Arouca.

Veja-se a descripção das duas primeiras freguezias n'este diccionario e a da ultima no supplemento.

—

O Tamega tem aqui um *poldrado*, cons-

[1] Tem dois nomes o dicto ribeiro:—desde a sua nascente até á povoação de Villarinho denomina-se *Pecho* — e d'ali até o Tamega *Ribeiro das Olgas*.

truido em 1786, á custa dos concelhos de Chaves e Montalegre, e que dá passagem a pedestres e cavalgaduras—no verão e com aguas medias, pois o Tamega nas enchentes cobre-o,—fica interrompida a passagem—e custa-nos a crer que ainda o não derrubasse! Anteriormente a passagem era feita em barcas, pois desde a ponte de Cavêz até á de Chaves, na extensão de 60 a 70 kilometros, o Tamega não tinha ponte alguma de pedra.

Hoje tem uma na freguezia d'Arcossó, a jusante do dicto *poldrado*, para passagem da nova estrada districtal a macadam, n.º 14, de Villa Pouca d'Aguiar a Boticas de Barroso,—e na freguezia de Santa Marinha de Ribeira de Pena ha tambem outro *poldrado*, construido approximadamente em 1860.

Tem finalmente esta parochia de Villarinho no Tamega 3 moinhos de cereaes com 12 rodas.

Templos

A egreja matriz é um dos melhores templos que ha n'estas circumvisinhanças.

Tem altar-mór e 4 lateraes.

O altar-mór é um bom retabulo de talha antiga dourada com columnas d'ordem corinthia;—no topo se vê o symbolo da ordem seraphica e as quinas das armas portuguezas,—e aos lados as imagens de S. Francisco d'Assis (o padroeiro) e de S. Sebastião.

Tambem no tecto da capella-mór se vê pintada a oleo e em tamanho natural a effigie do padroeiro.

Altares lateraes: — Senhor Crucificado e Senhora das Dores, do lado da epistola,—e do lado do evangelho a Senhora da Saude e o Senhor da Columna. Este e o da Senhora das Dores são de talha moderna simples e mal pintada,—os outros dois são de boa talha antiga dourada, pois pertenciam á egreja velha.

A imagem do Senhor Crucificado pertenceu ao convento franciscano de Chaves, como logo diremos,—e a da Senhora da Saude tem pomposa festa annual, no 2.º dia da oitava de Pentecostes, feita pelos seus devotos, entre os quaes se distingue o commendador Miguel Augusto de Carvalho, socio fundador e gerente do grande estabelecimento hydrotherapico de Vidago. Em cumprimento d'um voto que fez em certa doença, dá todos os annos avultada esmola para a dicta festa e já deu tambem para adorno da imagem um manto de setim branco bordado a ouro, um veu de filó, tambem bordado a ouro, e uma corôa de prata. Sua esposa M.me Carvalho, deu um fio de perolas, avaliado em 70$000 réis.

—

Ha tambem n'esta egreja uma irmandade do *Salvador do Mundo*, muito antiga, pois nos seus estatutos, reformados em 1706 pelo sr. D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga, se diz que os estatutos anteriores necessitavam de reforma *pela sua grande antiguidade*. Foram posteriormente reformados no principio d'este seculo pelo venerando arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Esta irmandade tem por fim suffragar as almas dos irmãos fallecidos—e possue ricos paramentos para as suas funcções funebres.

Tem pomposa festa a 6 d'agosto, dia da Transfiguração, e na 1.ª segunda feira de setembro, um anniversario pelos irmãos fallecidos.

Ha n'esta egreja tambem uma confraria do Santo Nome de Deus—e outra da Senhora da Natividade.

Foi esta egreja reedificada nos fins do seculo XVIII até o arco cruzeiro. A capella-mór foi concluida em 1805.

Toda a despeza feita com as obras da capella-mór correu por conta da commenda de Santa Maria de Moreiras, que recebia os dizimos d'esta egreja, e tambem deu para ella muitos paramentos e alfaias, que ainda hoje se conservam em bom estado.

Usos e costumes

Ha n'esta egreja um curioso *Livro de usos e costumes*, mandado fazer pelo dr. Francisco Velho de Faria, em 7 de dezembro de 1707, na forma da pastoral do sr. D. Rodrigo de Moura Telles com data de 20 de novembro de 1706.

No mencionado livro, entre outras coisas se diz—que pertence ao parocho o seguinte:

1.º—De cada baptisado *um vintem de pão*

e uma candeia de cera (vela de 10 réis!...) —e o mesmo por cada casamento.

2.º—De cada fallecimento de freguez adulto, tem o parocho *dois vintens* de luctuosa e 100 réis pela missa do enterro,—mais 2 almudes de vinho velho, se tiver logar o fallecimento antes do dia de S. Martinho,—um vintem de pão,—uma vela de 10 réis—e a cera dos 3 altares;—e, tendo officio de corpo presente, tem mais um carneiro e outra candeia.

3.º—Para resar por cada defunto em todos os domingos um responso, á estação da missa conventual, tem um vintem de pão em cada domingo, meia canada de vinho e uma candeia de 2 palmos ou 2 libras de cera por todas estas candeias.

Pelos fallecimentos de menores tem tanto como pelos baptisados e casamentos,—e por cada pobre que assiste aos funeraes tem mais um vintem de pão e uma candeia.

4.º—Tem de cada freguez um alqueire de centeio, *de offerta.*

5.º—Alem do que fica mencionado, recebia *de estipendio* da commenda:—12$500 réis em dinheiro, 40 alqueires de centeio, 32 almudes de vinho, 6 libras de cera e 2 alqueires de trigo.

Hoje recebe dos mortuorios o mesmo que recebia—e, em compensação do estipendio que lhe dava o commendador, recebe as *primicias*:—um alqueire de pão e um almude de vinho por cada freguez que colher 7 alqueires de pão e 7 de vinho,—e d'ahi para cima.

Tem mais de *offertas*—um alqueire de pão de cada freguez—e de toda a freguezia réis 40$000 de congrua, em dinheiro, arbitrados pela junta das congruas,—mais 45$000 réis que a freguezia em commum se obrigou a dar ao parocho desde 1884,—e nem assim ha quem pretenda este beneficio.

Tal é a escassez de clero na actualidade!...

—

Em 1847 ainda contava esta parochia entre os seus filhos 7 ecclesiasticos;—hoje conta apenas dois, mas não residentes n'ella:—os rev.^os^ srs. Manuel Henrique da Silva Machado, de quem logo fallaremos, e José Caetano d'Amorim, reitor de Friões, no concelho de Val Passos.

D'aquelles 7 ecclesiasticos um era o rev. Fr. José Antonio de Carvalho, franciscano da provincia da Soledade,—outro era o rev. João Pereira, vigario collado em Seara Velha, n'este concelho,—e os dois irmãos: José Joaquim da Fontoura, minorista, e Joaquim Manuel da Fontoura, subdiacono, ambos cantores notaveis pela sua excellente voz e pelos conhecimentos que tinham do cantochão. O 2.º era tambem bom latino, moralista, liturgista e de costumes irreprehensiveis.

Não completou a sua ordenação, porque no tempo do governo do sr. D. Miguel foi riscado do numero dos ordinandos, quando ia receber a ordem de diacono, por ser tido como liberal. Depois da convenção d'Evora-Monte bem podia ordenar-se e obter mesmo pingues beneficios, mas, pela sua modestia e escrupulos, julgou-se indigno de ascender ao presbyterato e não completou a sua ordenação; viveu porem sempre com a maior honestidade, cumprindo pontualmente os onus da ordem recebida.

Falleceu em 17 de junho de 1874.

Pessoas notaveis

Nasceu n'esta freguezia em 1728 e n'ella viveu e falleceu em 1798, contando por consequencia 70 annos de idade, o rev. *Domingos Gomes*, muito virtuoso, muito considerado e muito illustrado.

Era a gloria do clero da *Ribeira d'Oura* e deixou sobre theologia mystica varios manuscriptos, que infelizmente se perderam, quasi todos!

Foi muito amante da sua terra natal e n'ella promoveu durante a sua longa vida muitos melhoramentos materiaes e moraes de toda a ordem.

Era ascendente do seguinte:

Padre Manuel Henrique da Silva Machado

Nasceu n'esta parochia a 26 d'abril de 1834, sendo filho de João Bernardino Machado e de D. Anna Carolina da Silva.

Frequentou o curso triennal de sciencias ecclesiasticas no seminario de S. Pedro em

Braga, de 1856 a 1859;—completou a sua ordenação nas temporas de S. Matheus em 1860;—em junho de 1862 fez concurso para a egreja de Santa Comba da Ermida, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes, na qual foi provido e se collou;—em 1866 desistiu d'aquelle beneficio—e por decreto de 14 de julho de 1871 foi apresentado em concurso documental na reitoria de S. Martinho de Bornes, concelho de Villa Pouca d'Aguiar, onde se collou no dia 1.º de dezembro do dicto anno, tomando posse no dia 5 de fevereiro de 1872.

Ali se conserva ainda e é um parocho de bons costumes e muito illustrado.

Tem uma livraria superior a 3:000 volumes, comprehendendo muitas obras classicas e raras, o que é um assombro em tal sertão. [1]

—

Em setembro de 1884 S. M. el-rei o sr. D. Fernando (falleceu no anno seguinte!...) achando-se no grande estabelecimento hydro-therapico das *Pedras Salgadas* com sua esposa, a sr.ª condessa d'Edla, e com o sr. infante D. Augusto (V. *Villa Meã de Bornes*) visitou a egreja e a residencia de S. Martinho de Bornes e por essa occasião o rev. reitor Manuel Henrique da Silva Machado lhe offereceu alguns objectos archeologicos que possuia.

—

Os 3 maiores proprietarios de *Villarinho das Paranheiras* na actualidade são:—Antonio José Teixeira, José Antonio Gomes e Francisco Manuel Gomes.

—

Foram tambem naturaes d'esta freguezia:

—*Affonso Domingues.*

Deu á egreja do convento de S. Francisco de Chaves a imagem do Senhor Crucificado, que hoje ali se venera no novo convento, no forte de Nossa Senhora do Rosario, hoje denominado de *S. Francisco.* Trouxe a dicta imagem do Mexico, onde foi feita por um gentio, segundo se lê na *Chronica da Provincia da Soledade.*

Tambem deu para a dicta egreja um calix, cortinas e frontaes de primavera da India, etc.,—e os frades lhe deram uma imagem de S. Francisco e a do *Senhor Crucificado,* que elle deu para a sua egreja de Villarinho, onde se venera ainda hoje em altar proprio, como já dissemos.

É de inferior esculptura.

—*Francisco Teixeira Alvão.*

Vivia ainda em meiado d'este seculo;—era um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia—e foi por vezes vereador da camara municipal de Chaves.

—*Nicolau Teixeira,* um dos avós do antecedente.

Foi cavalleiro professo da ordem de Christo.

—*Padre José Antonio de Miranda.*

Vivia no meiado d'este seculo; foi vigario e um dos maiores proprietarios d'esta freguezia.

—*Padre João Antonio Alves Calvão,* tambem vigario d'esta freguezia, sua terra natal.

No dia 12 de julho de 1884 foi com outro seu collega pescar no Tamega, mas infelizmente no seu regresso caiu do cavallo que montava e fracturou uma perna—e no dia seguinte uma congestão cerebral o matou!

—*José Antonio Vinhaes,* natural d'esta freguezia, rico negociante no Maranhão.

—

No sitio da *Ribeira,* junto do Tamega, se encontram restos de muros antiquissimos no termo d'esta parochia, geralmente attribuidos aos romanos, bem como outros muitos restos de muros que se encontram nas margens do Tamega desde aqui até Chaves e que levam a crer a demorada residencia dos romanos n'estes sitios.

V. *Chaves.*

Até o fim do ultimo seculo os parochos d'esta freguezia eram curas amoviveis, principiando então a serem collados com o titulo de vigarios, mas teve sómente tres. Todos os outros até hoje teem sido encommendados.

Alem da sua egreja matriz tem esta parochia apenas uma capella dedicada a Santa Senhorinha.

---

[1] V. *Verêa de Bornes,* tomo X, pag. 304, col. 2.ª

É publica e está em ruinas.

Actualmente esta parochia não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista aos illustres vereadores de Chaves.

Em agosto de 1885 deu-se n'esta parochia um lamentavel acontecimento:

Certo individuo dispondo-se para ir á caça, encostou a arma a uma parede, da qual estava proxima sua mulher com uma filhinha de quatro annos no regaço. Esvoaçando casualmente uma gallinha, lançou ao chão a arma e esta disparou-se com tanta infelicidade que matou instantaneamente a pobre mãe e deixou a filha em misero estado!

—

Em todo o arcebispado de Braga esta parochia de Villarinho é a *unica* dedicada a S. Francisco d'Assis. Fóra d'este arcebispado temos com igual invocação hoje apenas a da *Amieira*, concelho de Oleiros, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre,—e a da villa da *Ponte de Sôr*, no concelho d'este nome, districto e bispado de Portalegre tambem.

—

Atravessa esta freguezia e quasi que toca na povoação de *Villarinho das Paranheiras* a estrada real a macadam, n.º 5, de Chaves á Villa da Regoa por Vidago, Pedras Salgadas, Villa Pouca d'Aguiar e Villa Real de Traz-os-Montes.

Não sabemos ao certo qual a etymologia do nome d'esta parochia.

Como *paranho* significava honra, couto, amparo ou isento, segundo se lê em Viterbo, talvez que *Villarinho das Paranheiras* tomasse este nome por ser terra isenta ou muito privilegiada em outros tempos, posto que nunca foi villa nem teve foral proprio.

Tambem é possivel que se denominasse *Villarinho das Paranheiras* por haver n'esta povoação desde tempos muito remotos e *ainda hoje* grande numero de fornos do lado exterior das habitações, mas ligados com ellas, e sobre a bocca dos dictos fornos chaminés, aqui denominadas *paranheiras*, que servem para absorver e desviar das casas o fumo e as chammas, quando aquecem os fornos.

Em abono d'esta opinião diz o meu illustrado informador que vira um documento antigo, no qual esta freguezia se denominava *Villarinho das Paranheiras dos Fornos*.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, filho d'esta parochia e reitor da de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DA RAIA ou *Villarinho do Extremo*,—aldeia da freguezia de *Villarelho*, concelho e comarca de Chaves. *Vide*.

Esta aldeia demora na raia, da qual tomou o nome, e tambem se denomina *Verim portuguez*, porque brota n'ella uma nascente d'aguas alcalino gazosas, semelhantes ás do proximo *Verim* gallego e ás nossas de *Vidago*, *Pedras Salgadas* e *Bensaude*.

VILLARINHO DE S. ROMÃO,—outr'ora villa e ha muito simples freguezia do concelho de Sabrosa, comarca e districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Romão;—fogos 220,—habitantes 950.

Em 1706 era vigairaria da apresentação dos conegos de S. João Evangelista (*loios*) do convento do Porto;—pertencia ao termo, concelho, comarca e ouvidoria de Villa Real de Traz-os-Montes,—e contava 85 fogos.

Em 1768 era curato da apresentação do reitor de Celleirós;—pertencia ao arcebispado de Braga;—rendia para o cura 50:000 réis—e contava 80 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 205 fogos e 866 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 215 fogos e 796 habitantes, no que não ha proporção.

Comprehende duas aldeias:—*Villarinho*, séde da parochia, e Paradellinha,—4 habitações no sitio das Levadas,—2 em Val d'Arcas,—3 na margem direita do rio Pinhão—e varias quintas, entre as quaes avultam duas:—a do sr. Visconde de Villarinho de S. Romão e a do sr. Barão das Lages.

—

A aldeia de *Villarinho de S. Romão* de-

mora em sitio alto, alegre e vistoso, e em terreno mimoso, saudavel e fertil entre Provezende e Sabrosa, na margem direita do Douro e do Pinhão, confluente do Douro.

Dista 3 kilometros da villa de Sabrosa para S.—outros 3 da margem direita do Pinhão para O. S. O;—5 da villa de Provezende para N. N. O.;—10 da estação do Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—22 de Villa Real;—137 do Porto—e 474 de Lisboa.

Não passa nem toca n'esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta (V. *Villar de Maçada*) que toca em Sabrosa. É a *unica* estrada a macadam que hoje tem este concelho, já concluida e servida por diligencias desde Villa Real até Sabrosa.

Ha muito que está em projecto e estudos uma estrada districtal a macadam de Sabrosa á estação do Pinhão. E bem precisa é, porque servirá e porá em contacto com a linha ferrea do Douro as villas de Provezende e Sabrosa e outras povoaçõos importantes, nomeadamente *Celeirós* e *Villarinho de S. Romão*, muito proximas da mencionada linha, mas separadas d'ella por ingremes encostas e barrancos medonhos; até hoje porém a dicta estrada ainda não passou do projecto e dos estudos, posto que muito lidou e trabalhou para a construcção d'ella, *despendendo bom dinheiro*, o nosso chorado amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, um dos cavalheiros mais ricos, mais illustrados e mais considerados d'este concelho. Falleceu s. ex.ª no dia 26 d'abril de 1885, sem ver nem sequer dar principio á sua tão querida estrada.

V. *Provezende* n'este diccionario e no supplemento,—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 967, col. 2.ª

—

Freguezias limitrophes:—Sabrosa a N.,—Provezende a S.,—Passos a N. O.,—o rio Pinhão a E.—e Valle de Mendiz alem do Pinhão.

Producções dominantes: — vinho, milho, centeio, azeite, batatas, castanhas e fructa.

A sua producção principal era o vinho, pois em 1840 produziu a bagatella de 2:553 pipas de 559 litros cada uma e ha memoria de haver produzido 3:000 pipas; mas infelizmente hoje pouco vinho já produz, porque a maldicta phylloxera anniquilou a maior parte dos seus vinhedos, bem como os da maior parte do Alto Douro e d'esta provincia.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Jusã*, *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires*, *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

O vinho da parte alta d'esta parochia era de consumo, de pasto ou de mesa, mas o da parte baixa e mais proxima do Pinhão era *do melhor do Alto Douro*, pois estava em intimo contacto com o de *Val de Mendiz*, que só tinha rival no do *Roncão*,—absolutamente *o melhor* do Alto Douro!

Esta parochia foi riquissima antes da invasão phylloxerica, mas hoje soffre muito, porque a phylloxera, como já dissemos nos artigos citados supra, principiou por atacar os vinhedos que produziam o vinho mais generoso, pelo que esta freguezia, como todas as do Alto Douro, perdeu a maior parte do seu melhor vinho tambem—e não sabemos quando reconstituirá os seus vinhedos.

O melhor antidoto contra a phylloxera é o sulphureto de carbone e o nosso governo (honra lhe seja!) montou no Porto uma fabrica onde o prepara e o fornece aos lavradores pelo terço do seu custo, mas a sua applicação é difficil e cara. Só nas vinhas simplesmente manchadas e não de todo invadidas, como estão hoje as do Alto Douro, se póde fazer uso do sulphureto com vantagem. Além d'isso, defeca as vinhas e tem de ser acompanhado de adubos, o que torna a conservação d'ellas tão dispendiosa, que a producção não compensa o lavrador!

—

Bem perto d'aqui, na outra margem do Pinhão, está a quinta do *Noval*, que foi de José Maria Rebello Valente e é hoje do seu genro o sr. visconde de Villar d'Allen [1]. Era

[1] V. *Villar d'Allen*.

uma das quintas mais notaveis do Alto Douro (V. *Douro Illustrado*, pag. 119,) mas, como toda estava na região do melhor vinho, foi toda atacada cruelmente pela maldicta phylloxera. O sr. visconde de Villar d'Allen, acreditado negociante do Porto e um dos mais illustrados lavradores do Douro, tem empregado *todos os meios* para a salvar, prodigalisando-lhe os maiores carinhos e não se poupando a enormes despezas com o sulphureto, adubos variadissimos e grangeios extraordinarios de *toda a ordem!* Tem conseguido como *por milagre* o conserval-a verde e viçosa no meio da devastação geral; mas, tão doentes estão as videiras que, devendo a mencionada quinta, flor e orgulho do valle do Pinhão, produzir, como já produziu, 200 a 300 pipas de vinho,—nos ultimos annos não têm dado 50?!...

—

Alguem confia das videiras americanas a reconstituição dos vinhedos do Douro. O maior apologista e propagandista das taes videiras é o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo, de Provezende, que nas suas quintas d'este valle do Pinhão, a partir com a mencionada quinta do *Noval* e com esta parochia de Villarinho, já tem hoje (1886) cerca de 35:000 videiras americanas, das qualidades mais resistentes, estando enxertadas 15:000, que este anno produziram 18 pipas de *vinho do Douro*—e produziriam 30, ou mais, se não fôra o grande desavinho, proveniente das oscillações climatericas; mas não se imaginam os cuidados que o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo prodigalisa ás videiras americanas—e as grandes sommas que tem despendido com ellas!...

As vides americanas mal se adaptam aos terrenos chistosos e ardentissimos do Alto-Douro,—nem todas são indemnes—e a sua producção directa é muito differente do nosso *Port Wine*, pelo que, para se reconstituir com as vides americanas os vinhedos do Douro, devem ser enxertadas n'ellas as nossas castas europeias, mas de modo que os garfos não toquem na terra;—o que torna a enxertia muito melindrosa, muito precaria, e as vides pouco duradouras.

Entretanto muitos lavradores d'este concelho, nomeadamente os visinhos do sr. dr. Joaquim Pinheiro, estão ensaiando em grande escala a cultura das vides americanas, a sua adaptação aos terrenos phylloxerados, os differentes processos da enxertia, etc.

Temos tambem já grandes viveiros de vides americanas nos differentes postos experimentaes das nossas commissões anti-phylloxericas, nomeadas e subsidiadas pelo nosso governo ao sul e ao norte do nosso paiz, avultando entre aquelles viveiros o do Porto, muito intelligentemente dirigido pelo sr. José Duarte d'Oliveira Junior, redactor do *Jornal de Horticultura Pratica* e d'outras publicações,—cavalheiro muito trabalhador, muito illustrado e muito rico, pois é filho unico do sr. José Duarte d'Oliveira, um dos primeiros negociantes do Porto e grande proprietario no Minho, no Douro e em varios pontos d'esta provincia de Traz-os-Montes, nomeadamente em Murça.

Tambem S. M. el-rei o sr. D. Luiz (honra lhe seja!) mandou fazer grandes viveiros de vides americanas na *Tapada* de Villa Viçosa e nas cercas d'outros palacios seus,—e já est'anno de 1886 offereceu ás commissões anti-phylloxericas 35:000 pés das taes vides.

—

É hoje tambem presidente da commissão anty-phylloxerica do norte, com séde no Porto, o sr. José Taveira de Carvalho, ali residente e negociante de vinhos, engenheiro civil muito illustrado, cavalheiro estimabilissimo e dedicadissimo pelo Douro—e um dos maiores proprietarios do concelho de Amarante, sua terra natal. Tendo uma grande fortuna e negocios importantes seus,—tudo põe de parte (honra lhe seja!) para servir *gratuitamente* o Douro, ao qual tem prestado e está prestando relevantes serviços, como anteriormente prestaram, occupando tão espinhosa presidencia, os ex.mos srs. conde de Samodães e visconde de Villar d'Allen,—cavalheiros tambem muito illustrados e dedicadissimos pelo Douro.

Já que estamos fallando dos cavalheiros a quem o Douro mais deve e que mais relevantes serviços lhe teem prestado na medonha crise que o assola no momento, bem

quizeramos mencional-os todos, mas isso nos é impossivel, porque felizmente são muitos, —tornariamos este artigo demasiado longo e por certo nos exporiamos a omissões involuntarias, pois não temos a honra de os conhecer a todos; não podemos porem deixar de consignar aqui entre os mais benemeritos os nomes dos ex.mos srs. Barão das Lages e Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva. Ao 1.º se deve tudo o que o Douro tem auferido e espera auferir da *cultura do tabaco*,—ao 2.º os maiores esforços em favor da tão necessaria, como santa e justa *lei de marcas*.

Seja-nos licito esboçar muito resumidamente estes dois topicos.

A cultura do tabaco

Em seguida á invasão phylloxerica e destroçados os vinhedos do Alto Douro, a fome invadiu aquella importante região, pelo que varios cavalheiros lembraram a conveniencia de ensaiar ali outras culturas, emquanto se não reconstituiam os vinhedos. Uma d'essas culturas indicadas foi a do tabaco e quem mais abertamente se pronunciou logo em favor d'ella foi o sr. Barão das Lages, por ter no Douro,—aqui em *Villarinho de S. Romão*, —uma boa quinta, já mencionada, e saber que o tabaco foi sempre cultivado, embora a occultas, no Douro, principalmente para a colonia dos jornaleiros da Galliza.

Tambem s. ex.ª desde logo se convenceu de que, assim como no Douro as uvas e todos os fructos teem um aroma e sabor particulares, deliciosos, tambem o tabaco deve ser de primeira qualidade.

A instancias suas a commissão anti-phylloxerica do norte pediu ao governo permissão para ensaiar a dicta cultura, mas o governo, aliás sempre disposto (honra lhe seja!) a amparar o Douro em tão medonha crise, trepidou e não deferiu, com receio de prejudicar a grande receita (milhares de contos!...) provenientes dos direitos sobre o tabaco.

—

Não se deu por vencido o sr. barão das Lages. Tanto lidou e trabalhou, fazendo propaganda oral em reuniões e comicios e pela imprensa em differentes jornaes a favor da sua ideia, que o Douro se agitou;—fez comicios e representações energicas;—representou tambem novamente a commissão anti-phylloxerica do norte—e, *post tot tantosque labores*, o governo em 1881 auctorisou os ensaios da cultura do tabaco, mas sómente na estação amplo-phylloxerica do Douro.

Redobrou as suas instancias o sr. barão das Lages e o governo por lei de 13 de março de 1884 permittiu aos lavradores do Douro a dicta cultura, por espaço de 3 annos, em 1:000 hectares [1] de terreno phylloxerado,— e por decreto da mesma data nomeou uma commissão para dirigir a dicta cultura.

Foi presidente d'aquella commissão o sr. conde de Samodães [2] e publicou um interessantissimo relatorio sobre a cultura do tabaco. Foram vogaes da dicta commissão os mesmos vogaes da commissão anti-phylloxerica do norte,—mais o director da Alfandega do Porto, o chefe da fiscalisação externa da mesma alfandega—e os srs. barão das Lages, Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva e dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão [3].

Posteriormente o governo ampliou o praso dos 3 annos para os ensaios da cultura do

---

[1] Note-se que o terreno das vinhas completamente phylloxeradas e perdidas, só no Douro, regula por *quarenta mil hectares*!...

[2] O sr. conde de Samodães já foi deputado ás côrtes, ministro da fazenda, etc., e é par do reino, bacharel formado em mathematica, o primeiro escriptor catholico do nosso paiz na actualidade, uma illustração superior em linguas e diversas sciencias, dono de uma grande casa, muito trabalhador e com aptidões variadissimas, pelo que tem sido presidente de *centos de commissões, todas gratuitas*, e algumas muito espinhosas e muito importantes.

Apesar da sua enorme actividade não tem um momento de seu!

Agora é elle provedor da importantissima casa da Misericordia do Porto, *já reconduzido*, e tem publicado relatorios que são obras primas na especialidade.

Para a biographia e genealogia de s. ex.ª vide—*Samodães* e *Gogim*.

[3] V. vol. 6.º, pag. 92, col. 2.ª

tabaco no Douro e mandou o distincto agronomo M. C. Rodrigues de Moraes á Hollanda, Argel e França estudar os processos da cultura e preparação do tabaco.

Hoje (1886) é presidente da dicta commissão o proprio sr. barão das Lages, que ainda não perdeu a fé nas vantagens que póde offerecer ao Douro a *nicociana*, posto que até hoje não teem sido muito invejaveis, por differentes rasões. Occorem-nos as seguintes:

1.ª—Porque os lavradores do Douro, habituados a colher nas suas quintas vinho e *só vinho*, tão estimado em todo o mundo, a custo acceitam outra cultura, certos de que nenhuma outra (*e é assim!...*) se adapta tão bem a terrenos tão aridos, nem lhes póde dar um rendimento equivalente ao que auferiam do vinho.

2.ª—Porque o vinho era cultivado livremente e sem peias, emquanto que o nosso governo impoz aos cultivadores do tabaco uma enorme serie de condições durissimas!...

3.ª—Porque os lavradores do Douro sabiam cultivar e preparar *perfeitamente* o vinho, mas nada, *absolutamente nada* sabiam da cultura e preparo da nicociana, o que demanda longo tirocinio, pelo que muitos perderam as suas plantações e outros não tiraram d'ellas ainda o partido que podiam e deviam tirar.

4.ª—Porque os donos das nossas fabricas de tabacos *muito sordida e vilmente se conluiaram* e estabeleceram um preço extremamente baixo para o tabaco do Douro:—240 a 300 réis por cada kilo do melhor!...

5.ª—Porque o tabaco demanda terra succulenta, bem adubada e regas—e mal se desenvolve *sem grande dispendio* no chão das vinhas phylloxeradas, por ser muito arido e schistoso e estar empobrecido com a cultura da vinha desde seculos.

Passemos adiante, para que os zoilos não digam que é *tabaco de mais.*

A lei das marcas

Produzindo outr'ora o Douro, antes da invasão phylloyerica, cerca de 100 mil pipas de vinho, de 559 litros cada uma, hoje não produz a quarta parte, ou 25:000 pipas, e na região do vinho fino produzirá 2 por cento,—quando muito. Ora, sendo o vinho do Douro, o afamado *Port Wine*, inveja do mundo inteiro, devia subir de preço na proporção da escassez, mas infelizmente não succede assim, porque os negociantes do Porto que teem o monopolio da exportação, descaradamente, sem pejo nem vergonha, mettem nos seus armazens vinho da Bairrada, da Beira e da Extremadura,—lotam-no e *pintam-no* com o vinho do Douro;—sem pejo nem vergonha exportam aquella *moxinifada* como *vinho do Porto* ou *do Douro* e assim abastecem os mercados estrangeiros, burlando os consumidores e roubando ao Douro o nome e o credito dos seus vinhos.

Ahi vae a nota official da exportação pela barra do Porto nos ultimos 15 annos—ou desde antes da invasão phylloxerica até hoje, pois a phylloxera manifestou-se no Douro em 1872;—em 1880 já tinha invadido todo o Cima-Corgo, a região do vinho fino,—e em 1884 o Baixo-Corgo—e por consequencia toda a região vinicola do Douro, reduzindo a sua producção ás mesquinhas proporções indicadas supra; não obstante porem isso, a exportação não fraquejou, como os leitores vão ver,—nem fraqueará emquanto houver vinho, embora muito *mais inferior*, nas outras regiões do nosso paiz, e o nosso governo não pozer cobro á mistificação.

Eis a nota da exportação do vinho pela barra do Porto nos ultimos 15 annos:

Annos	Pipas [1]
1870	42:695
1871	43:501
1872	50:182
1873	49:649
1874	56:531
1875	60:672
1876	58:888
1877	61:277
1878	48:720
1879	48:691
1880	62:041

[1] As pipas do Douro são de 22 $1/2$ almudes ou de 559 litros.

Annos	Pipas
1881.	55:313
1882.	59:327
1883.	65:792
1884.	62.022
1885.	64:721

Do exposto se vê que se a exportação em 1870 era de 42:695 pipas,—quando o Douro produzia approximadamente 100:000 pipas,—em 1880 devia baixar muito—e em 1884 descer á quarta parte, ou approximadamente a 10:673, mas não succedeu assim. Pelo contrario:—subiu espantosamente, *fabulosamente*, passando muito alem da producção total, pois não produzindo já n'aquelle anno *toda a região vinicola do Douro* 25:000 pipas, os taes senhores exportaram *como vinho do Douro* (?) 62:022 pipas,—mais do que o *dobro* da producção total d'aquella região,—graças ao milagre operado pela industria da *tinturaria*, que tem sido e continua a ser *a maior desgraça do Douro* !

A fraude é manifesta, evidentissima e clara como o sol, mas, como os taes *tintureiros* são os *acreditados negociantes* da praça do Porto, verdadeiro estado no estado,—ninguem se atrevia a protestar com medo do *papão*; graças, porém, ao muito benemerito sr. Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva, o medo acabou e temos esperanças de que tambem acabará tão sordida especulação.

Por iniciativa de s. ex.ª fundou-se no Porto uma *Commissão de defesa do Douro*, tendo por presidente o sr. conde de Samodães e por vogaes o sr. Pestana e outros muitos dos grandes proprietarios d'aquella região,[1] bem como alguns dos negociantes de vinhos que não vivem da *tinturaria*. Representaram ao governo em nome do infeliz Douro, pedindo uma *lei de marcas* para o vinho d'aquella região e as providencias precisas para que *somente o vinho do Douro* possa exportar-se com o nome de *Vinho do Douro* ou do *Porto*, pelo qual é conhecido em todo o mundo,—deixando plena liberdade ao commercio para exportar pela barra do Porto ou por qualquer outra os vinhos da Bairrada, da Beira, Extremadura, etc., com os seus nomes proprios ou sem designação determinada,—mas não com o de *Vinho do Porto* ou do *Douro*.

Nada mais justo! Mal imaginam porem os leitores como os *acreditados tintureiros* ficaram fulos quando tal souberam!

Como o seu deus é a *ganancia* e pouco lhes importa que leve o diabo o Douro ou Portugal todo, comtanto que *a coisa lhes renda*,—tocaram logo a capitulo: botaram sandices e baboseiras de toda a ordem na imprensa e em reuniões *da familia* na Associação Commercial; coloriram com as suas melhores tintas uma contra-representação que enviaram ao governo e tiveram a desfaçatez de mandarem circulares a muitos lavradores do Douro, pedindo-lhes que declarassem (*credite posteri!*) que estavam *muito satisfeitos* com o *statu quo*, ou com a burla, com a expoliação ou com a tal pouca vergonha da *tinturaria*, e que *muito estimavam* que os taes especuladores e exploradores continuassem com a sua *honrada industria* e fizessem bom negocio vendendo como vinho do Douro o vinho das outras regiões vinicolas, roubando ao Douro o nome e o credito e reduzindo os seus proprietarios á miseria ?!...

—

Escusado é dizer que todos os lavradores do Douro lhes devolveram as circulares, fazendo-lhes figas ao som da bem conhecida lettra de Cambrone.

Tiveram a resposta que mereciam e com toda a certesa receberiam outra *um pouco mais dura*... se, em vez de mandarem, como mandaram, as dictas circulares, fossem pessoalmente ao Douro botar as baboseiras e sandices que botaram pela imprensa e nas suas reuniões.

A dicta *Commissão de defesa* tem trabalhado muito. Convocou na Regoa, Lamego, Armamar, Mezãofrio e Sabrosa, grandes comicios de lavradores do Douro, sendo muito

[1] O sr. M. J. G. Pestana é dono da celebre quinta da *Romaneira*, uma das melhores do *Roncão*, no Alto Douro.
V. *Villarinho de Cottas*—e o *Douro Illustrado*.

applaudida no seu justissimo empenho e secundada com representações de varias camaras do Douro;—tem tractado amplamente a questão na imprensa, pulverisando todos os sophismas dos adversarios;—já teve diversas conferencias com o governo—e nutre bem fundadas esperanças de conseguir o seu desideratum.

Deus o queira.

—

Fecharemos este topico mencionando ainda, entre os cavalheiros que mais serviços teem prestado ao Douro em tão negra conjunctura o sr. barão da Roêda, pelos seus titanicos esforços na lucta contra a phylloxera,—rivalisando com os srs. Visconde de Villar d'Allen e Manuel Pestana.

Que sacrificios não teem ss. ex.as feito—o 1.º para salvar a sua quinta da *Roêda*,—o 2.º a sua quinta do *Noval*—e o ultimo a sua quinta da *Romaneira*?!...

Não podemos tambem deixar de mencionar com louvor os benemeritos ministros das obras publicas—Lourenço de Carvalho (visconde de Chancelleiros) — Saraiva de Carvalho, Antonio Augusto d'Aguiar e Emygdio Navarro,—bem como os presidentes dos diversos conselhos de ministros—Fontes Pereira de Mello, Anselmo Braamcamp e José Luciano de Castro, pois todos teem attendido sempre os clamores do Douro e feito quanto é possivel fazer-se para o salvar, calculando-se em 60 a 70 contos de réis o que o nosso governo tem despendido e está despendendo annualmente na lucta contra a phylloxera.

O assumpto é momentoso e bem quizeramos dar-lhe mais desenvolvimento, aproveitando o *ultimo* ensejo que se nos offerece de fallarmos d'elle no texto d'este diccionario, mas não o permittem as acanhadas proporções d'um simples artigo; poremos pois aqui ponto final e passemos adiante.

V. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 597 e segg.,—*Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:013, col. 1.ª e seg.—*Villa Jusã*, *Villa Verde*, séde de concelho, no mesmo vol. pag. 1:105, col. 2.ª *in-fine*, —*Villar de Besteiros*, *Villarinho do Bairro*, *Villarinho de Cottas* e *Villarinho dos Freires*, pois em todos estes artigos temos fallado dos nossos vinhedos e dos nossos vinhos.

—

Banham esta parochia 2 ribeiros:—o das *Levadas* e o da *Carrapata*,—que desaguam no Pinhão. Não teem pontes, mas regam varios campos e movem 4 moinhos de cereaes. Tem esta parochia mais 2 moinhos no Pinhão—e 2 azenhas para fabrico do azeite,—uma é movida por agua e pertence ao visconde de Villarinho de S. Romão,—outra é movida por gado e pertence a João Bandeira Coutinho P. Mergulhão.

Templos

1.º—A egreja matriz,—bastante antiga e decente

Tem capella-mór e 4 altares lateraes, sendo 3 antigos e 1 moderno,—pulpito, sacristia, pavimento ladrilhado a granito e torre com 3 sinos, está porem muito pobre de paramentos e alfaias.

2.º—*Capella de Nossa Senhora do Pé da Cruz.*

Demora na povoação de Villarinho;—é publica;—está bem conservada, mas não tem paramentos proprios.

3.º—*Capella de Nossa Senhora da Boa Morte.*

É particular;—está bem conservada—e pertence á sr.ª D. Maria Amalia Pereira Barbosa.

4.º—*Capella de Nossa Senhora da Salvação.*

É tambem particular e a mais interessante e mais notavel de todas pela sua remota antiguidade e pela riquesa e aceio que em toda ella transluzem. Pertence ao sr. visconde de Villarinho de S. Romão, de quem logo fallaremos, cavalheiro muito illustrado, muito tractavel e muito sinceramente religioso.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

Capricha em que nada falte na sua tão querida capella.

Está muito bem alfaiada;—tem pulpito, altar-mór com a imagem da padroeira, outro lateral com a imagem de Santo Antonio, ri-

cos paramentos, uma boa lampada de prata, bulla especial para exposição do Santissimo, outras bullas com muitos privilegios e indulgencias, um cofre d'ouro com varias reliquias, uma linda garrafa de cristal com agua do rio Jordão, colhida no proprio rio em 1826 e conduzida por Manuel Clamouse Browne, ascendente (avô materno) do sr. visconde.

Foi esta capella fundada e vinculada em 1462 e serviu de matriz emquanto se não fez a egreja actual.

Assim o diz a tradição e o prova a pia baptismal que ainda hoje conserva.

Na fronteria tem o brasão dos fundadores e uma lapide curiosa. N'ella se vê em plano superior gravada uma caveira entre uma espada e um açoute com as lettras seguintes, tudo muito mal gravado:

JUSTICIA DEJ
MORS FLAGELVM

envolvendo os tres emblemas e dando-lhe a significação propria:

Justiça de Deus,—morte—castigo.

E em plano inferior, sobre a padieira da porta, se vê a inscripção seguinte em lettras inclusas:

DOMUS MARIS DIROS AB IS SALVATIONIS VBI
E SEPVLCRV HIS SUIIS 1592

Toda esta salgalhada se deve com certesa ao estupido pedreiro que reconstruiu a capella em 1592 e copiou as lettras da inscripção primitiva,[1] trocando umas, supprimindo outras e baralhando-as todas, por não saber latim nem decifrar as lettras inclusas.

Na nossa humilde opinião aquella moxinifada quer dizer o seguinte:

DOMUS MARIAE SALVATIONIS, UBI
EST SEPULCRUM HEREDIBUS SUIS.
1592

Em vulgar: *Capella de Maria* (ou de Nossa Senhora) *da Salvação, onde está a sepultura para os seus herdeiros*—ou dos senhores d'esta capella e dos seus herdeiros, successores d'este vinculo.

1592.

Do exposto se vê que esta capellinha, fundada em 1462, segundo se lê na instituição d'este vinculo e na genealogia dos nobres viscondes de Villarinho de S. Romão, foi restaurada em 1592, ou passados 130 annos.

Tambem sabemos que o 2.° visconde de Villarinho de S. Romão, penultimo administrador d'esta capella,—Alvaro Ferreira Girão,—a mandou reedificar em 1872, ou passados 280 annos.

Foi cabeça de vinculo e é pantheon d'esta nobre familia.

N'ella se vê ainda o *carneiro* ou sepultura do fundador com a inscripção seguinte:

Casa da tera (terra) *de Gosalo Lobo*

Fundou elle tambem uma *Irmandade de Nossa Senhora da Salvação* para a padroeira da sua capella, com estatutos proprios, que ainda existem no archivo d'esta casa, e á margem dos dictos estatutos lançou notas que revelam exaltado mysticismo.

Viscondes de Villarinho de S. Romão

1.°—*Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão*, socio da Academia Real das Sciencias, par do reino, 8.° senhor d'este morgado de *Villarinho de S. Romão*, etc.

2.°—*Alvaro Ferreira Carneiro Girão*, sobrinho e herdeiro do antecedente, 9.° morgado de *Villarinho de S. Romão*, 17.° morgado do *Paço dos Ferreiras* do Carregal, no Porto, senhor do *Paço de Avioso*, etc.

Nasceu em março de 1822 e falleceu no seu *Paço do Carregal*, no Porto, em outubro de 1879, já viuvo, contando apenas 57 annos de idade.

A sua morte foi uma surpreza dolorosa para os seus amigos, que eram em grande numero, não obstante haver já algum tempo que se achava doente. Todos julgavam que a sua robusta compleição, ajudada dos recursos da sciencia e dos carinhos de seus

---

[1] Sabe Deus qual seria tambem o latim d'ella!...

extremosos filhos, triumpharia emfim da pertinaz e dolorosa doença. Não succedeu, porém, assim.

Dotado de excellentes qualidades de coração, o finado visconde repellia de si o fausto e as honrarias. Como prova d'isto bastará dizer-se que era raro encontral-o nas solemnidades officiaes, recusando tambem do duque de Loulé a dignidade de par do reino.

3.º—*Luiz Antonio Carneiro Vasconcellos Ferreira Girão*, engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Porto e filho do antecedente.

Casou em 1883 na egreja de Santo Ildefonso, no Porto, com a ex.ma sr.a D. Maria Soares d'Ancede, filha de José Henriques Soares d'Ancede, 1.º barão d'Ancede, par do Reino, etc., e de D. Anna Maxima de Lima, 1.a baronesa do mesmo titulo.

A sr.a viscondessa actual de Villarinho de S. Romão tem 3 irmãos:—D. Elisa Soares d'Ancede, solteira,—Henrique Soares, 2.º barão d'Ancede, tambem solteiro ainda, par do reino, etc.,—e Frederico Soares d'Ancede, bacharel formado em direito e official maior do governo civil do Porto, ambos cavalheiros de muito merecimento, sendo este ultimo casado [1].

O sr. visconde actual de Villarinho de S. Romão, hoje (1886) tem do seu consorcio apenas uma filha,—D. Maria Julia,—que nasceu na sua casa do *Paço do Carregal*, no Porto, em 9 de março de 1884 e foi baptisada *por mim* na egreja de S. Pedro de Miragya, da dicta cidade, no dia 17 do mesmo mez e anno—com a *agua do rio Jordão* que o mesmo sr. visconde possue, como já dissemos.

Para a genealogia de s. ex.a veja-se o artigo *Miragaya*, vol. V, pag. 267, col. 2.a e segg.

Só temos a accrescentar—que os dois irmãos do actual sr. visconde,—*Julio* e *Antonio*,—se conservam ainda solteiros e vivem com o sr. visconde no *Paço do Carregal*, no Porto,—e que o tio de ss. ex.as,—Antonio Luiz Ferreira Girão,—ali mencionado, já não existe!...

[1] V. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 646, col. 1.a

Falleceu em Villa Nova de Famalicão, para onde tinha ido a ares, no dia 2 d'agosto de 1876.

Posto que este artigo vae tão longo, não podemos resistir á tentação de transcrever da *Palavra*, jornal religioso do Porto, [1] as linhas que o sr. conde de Samodães dedicou á memoria do finado

Antonio Ferreira Girão

«Falleceu o ex.mo sr. Antonio Ferreira Girão, professor na academia polytechnica. Era o illustre finado uma das maiores illustrações do Porto. Descendente de uma familia distinctissima, o sr. Girão não se contentou com a nobresa herdada, mas por si proprio quiz additar-lhe novos brasões.

O seu primeiro destino foi a vida militar, e assentou praça em 1842 no regimento de infanteria 6; ahi seguiu os postos inferiores e chegou ao de sargento de brigada. Exercia este posto quando a revolução de 9 de outubro de 1846, denominada da juncta do Porto, arrebentou n'esta cidade. Entrando em operações a tropa sublevada contra a parte do exercito, que se manteve fiel á rainha e que commandava o marechal duque de Saldanha, o sr. Girão seguiu o seu regimento e pela juncta revolucionaria foi promovido a alferes.

Achava-se na divisão que capitaneava o tenente general conde do Bomfim, quando o marechal Saldanha por uma manobra habilissima conseguiu separal-a da outra divisão que dirigia o tenente general conde das Antas. Então o marechal resolveu batel-as em separado, e para isso atacou a divisão Bomfim em Torres Vedras. O conflicto teve logar a 22 de dezembro e é sabido que a derrota foi completa, e o general conde das Antas, receiando egual exito, retirou precipitadamente sobre Coimbra. Ficando prisioneira toda a força, que foi batida, o sr. Girão foi preso e entrou na torre de S. Julião. Como depois da paz e amnistia não foram contemplados os officiaes que não tinham patente legal, o sr. Girão, como todos os outros of-

[1] N.º 1:204 de 11 d'agosto de 1876.

ficiaes nomeados pela junta, teve baixa do serviço militar e ficou sem destino. Resolveu então ir frequentar a Universidade de Coimbra e com esse intento se matriculou em 1847 nas faculdades de mathematica e philosophia.

Foi desde essa epocha que elle principiou a dar provas do seu talento, applicação e tino scientifico. Fez um curso distincto em ambas as faculdades e obteve formatura em philosophia e o grau de bacharel em mathematica. Concluido o seu curso com grande credito, mereceu os suffragios do districto de Villa Real para deputado ás côrtes. No parlamento não se alistou em nenhum partido, mantendo uma posição eclectica. Os seus discursos foram raros, porque o seu genio e caracter o desviavam de ostentações pretenciosas e das paixões politicas. Algumas vezes fallou em favor dos interesses publicos e n'essas occasiões tinha a auctoridade do seu saber, da sua probidade e da sua sisudez. A camara escutava-o com a maior attenção e sympathia. Os seus votos eram sempre conscienciosos e imparciaes; todavia como não vestira a libré dos partidos, não se habilitou para as agitadas contendas dos homens politicos. S. ex.ª não progrediu na carreira parlamentar, nem disputou novas candidaturas.

—

«Retirado do parlamento e não tendo carreira, a que dedicasse a sua actividade, fez-se inscrever em concurso para uma cadeira da academia polytechnica d'esta cidade, na secção de philosophia, e foi provido com o maior applauso do corpo docente e do publico. Nas cadeiras, que regeu, mostrou a solidez da sciencia alliada ao criterio seguro da sua intelligencia. Em chimica, mineralogia e metallurgia era uma notabilidade respeitada em todo o paiz e fóra d'elle. Professor serio, grave, e consciencioso, era amado por todos os seus collegas e discipulos; era estremecido por todos quantos tinham a fortuna de conhecel-o, e quanto mais se conhecia, mais se apreciava.

O sr. Girão era modesto até ao extremo. N'elle nunca entrou a sombra sequer de vaidade, presumpção ou *charlataneria.* Apresentava-se em publico só quando não podia deixar de fazel-o; porém quando apparecia, quer escrevendo quer fallando, era uma delicia ler os seus escriptos ou ouvir os seus discursos.

Era catholico sincero e nós o vimos no congresso que se celebrou n'esta cidade em 1872; todavia o seu caracter retirado não lhe consentia que se pozesse em demasiada evidencia. Os seus escriptos não desmereciam das suas crenças, e com a ironia finissima, para que o habilitava a vastidão de seus conhecimentos, fulminava com mais energia, do que com argumentos directos, os destemperos dos modernos doutores na faculdade da ignorancia e leviandade.

O illustre finado não possuia esses arrebiques de titulos e fitas com que tantas nullidades por ahi se adornam. Para nobreza bastava-lhe o seu claro nascimento. Para a consideração dos homens de sciencia sobrava-lhe saber e provas d'elle.

Era tão sómente professor e socio da academia real das sciencias. Em ambas as academias a posição, que occupava, não era devida ao favoritismo nem á mingoa de homens. Conquistara-a por provas publicas que subsistem para demonstrar que só o merecimento real lhe dera uma collocação em harmonia com a que lhe competia.

Tendo tido, como dissemos, um desastre no começo da sua carreira, foi a elle que o sr. Girão deveu a posição, que depois adquirira. Sem esse contratempo é provavel que houvesse vivido ingloriamente na monotonia da carreira militar em Portugal, limitando-se a fazer guardas, piquetes, rondas e destacamentos, e a tomar parte em alguma parada tão estupida como inutil.

Para as duas academias, a que pertencia, e cujo ornamento era, para a sciencia, para a sociedade, para os seus amigos, veiu uma morte prematura fazer um vasio profundo.

O distincto academico contaria apenas cincoenta annos, e era exactamente n'esta epocha da sua vida que, tendo amadurecido todos os ramos das sciencias naturaes e correlativas, o seu engenho promettia fructos perfeitamente sazonados, alguns dos quaes

se publicaram, e outros restam em manuscripto.

Seja-me permittido dar um publico testimunho do meu sentimento por tão grande perda. Fui seu camarada no mesmo regimento, contemporaneo na Universidade e collega na camara electiva; nunca se interromperam nossas relações e sempre lhe devi attenções e considerações, que sou incapaz de olvidar.

Conde de Samodães.»

Edificios mais notaveis, brazonados

1.°—O do sr. visconde de Villarinho de S. Romão.

2.°—O do sr. barão das Lages e que foi de Zeferino Pereira do Lago.

3.°—O que foi de José Barata da Costa Cardoso, hoje de sua filha D. Ignacia Adelaide Cardoso Barata, viuva do desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar.

Sem brasões

1.°—O que foi de Luiz Pinto de Sousa Tovar, hoje de suas filhas.

2.°—O de Manuel Alves de Carvalho, hoje de seus filhos.

3.°—O que foi de Antonio Maria Alves de Carvalho, hoje de seu filho Francisco Alves de Carvalho.

4.°—O que foi de Antonio de Sousa Rebello, hoje de seus filhos.

Este ultimo demora na aldeia de Paradellinha.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido muitas pessoas notaveis, mas, para não alongarmos demasiadamente este artigo, mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—*Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão*, 1.° visconde de Villarinho de S. Romão, mencionado supra e no citado artigo *Miragaya.*

Foi um escriptor publico distinctissimo e póde ver-se a lista das suas obras no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio. Mencionaremos aqui apenas duas, que prendem muito de perto com o Douro e com esta freguezia:—*Memoria sobre a Epiœnonia, ou molestia geral das vinhas,* (*Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.° parte II da *Nova Serie*, Classe 1.ª)—e *Manual pratico da cultura das batatas e do seu uso na economia domestica*, publicado tambem pela *Academia Real das Sciencias*, em 1845.

Dedicou s. ex.ª a maior attenção ás videiras, como filho do Douro e bom patriota que era,—e, se ainda hoje vivêra, relevantes serviços lhe prestára na tremenda crise que o assola no momento.

Foi tambem s. ex.ª, como se vê da *Memoria* supra, um dos nossos mais benemeritos propagandistas da cultura das batatas, secundando os esforços de sua mãe, que foi a *primeira* que as introduziu e cultivou n'esta parochia.

2.ª—*D. Thereza Luiza de Sousa Maciel*, mãe do dicto sr. visconde.

Em 1798, quando elle contava apenas 13 annos, a dicta senhora colheu *mais de 400 alqueires de batatas* e se immortalisou no concurso aberto pela *Academia Real das Sciencias*, pois na acta de 9 de maio d'aquelle anno se lê textualmente o seguinte:

«Em attenção a ter D. Thereza Luiza de Souza Maciel colhido para cima de 400 alqueires de batatas, em terreno pela maior parte até então inculto, em o sitio de Villarinho de S. Romão, onde fôra *a primeira* a introduzir este ramo de agricultura: a ter descoberto um modo facil de conservar as batatas por espaço de um anno sem corrupção ou deterioramento: e a ter juntado aos seus documentos uma descripção da sua cultura, em que se patenteia maior intelligencia do que nos outros concorrentes: houve a Academia por bem distinguil-a extraordinariamente, conferindo-lhe em premio uma medalha de ouro no valor de 50$000 réis.»

3.ª—*Antonio Luiz Ferreira Girão*, biographado supra.

4.ª—*Antonio Maria Alves de Carvalho*, dr. de capello pela universidade de Coimbra.

Foi juiz de fóra no tempo do absolutismo.

—

Franklim menciona um foral, dado por

D. Affonso III, em Braga, a 5 d'abril de 1258, a *Villarinho, termo de Panoias.*

Suppomos que se refere a este *Villarinho de S. Romão*, mas tambem estava no termo de Panoias o *Villarinho da Samardã* e por isso não sabemos com certesa a qual dos 2 Villarinhos aquelle foral se refere. Só pela leitura d'elle se poderá cortar o nó gordio.

V. *Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III*, fl. 3, *in-fine*, e *Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova.* fl. 141, col. 2.ª

Esta freguezia, bem como todas as d'este concelho e dos concelhos d'Alijó, Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião e 2 do concelho de Villa Real, pertencem ecclesiasticamente á diocese de Lamego, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana. Anteriormente esta e muitas das outras pertenciam ao arcebispado de Braga,—as restantes ao bispado do Porto.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927.

Fecharemos este artigo, mencionando um outro homem notavel

José Pereira Barbosa da Boa Morte

Posto que não nasceu n'esta freguezia n'ella casou, viveu e falleceu. Alem d'isso foi escriptor publico e o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio d'elle fez menção, indicando duas das suas obras, mas do seu auctor apenas diz: «*José Pereira Barbosa da Boa Morte*, de cujas circumstancias pessoaes *nada sei!*»

Vejamos pois se preenchemos a lacuna d'algum modo.

Nasceu de paes abastados, pelos fins do ultimo seculo, na freguezia de *Ancede*, concelho de Baião;—casou n'esta parochia de Villarinho, onde foi um bom proprietario e muito acreditado clinico;—n'ella viveu muitos annos e n'ella falleceu de provecta idade approximadamente em 1850, deixando um filho e herdeiro que ainda existe:

—Adriano Pereira Barbosa, casado e residente no Castanheiro do Sul, freguezia do concelho da Pesqueira, districto de Vizeu.

Era bacharel formado em medicina e philosophia pela Universidade de Coimbra,—muito illustrado e *muito excentrico!*

—

Quando o chamavam para ir ver doentes a pontos distantes e lhe mandavam cavalgadura sem estribos, addicionava ao apparelho *duas cestas*, presas por cordas, e assim fazia a jornada o nosso doutor muito pausadamente, com todo o *aplomb* d'um filho de Esculapio.

Costumava passear só, sempre abstracto, levando no inverno aos hombros um grande capote de que trivialmente se esquecia, deixando-o por vezes ir de rastos pela lama e, se alguem o advertia, costumava muito fleugmaticamente responder:—*Que lhe importa?* E muito fleugmaticamente proseguia com o capote de rastos.

Era muito versado em mathematica e astronomia e fez prognosticos que ainda hoje se repetem com assombro, v. g.—que os astros, decorridos seculos, *marchariam todos em columna cerrada e linha recta?!...*

Annos antes de fallecer, recommendou que o sepultassem no quintal da casa onde vivia;—marcou o sitio;—mandou ali abrir a cova e depois de aberta, deitou-se n'ella, só para ver se tinha a capacidade precisa.

Era muito arrojado na sua clinica.

Por vezes mandou embrulhar em um lençol doentes com febres intensissimas e despejar sobre elles agua fria com um borrifador até os molhar bem; — depois mettia-os na cama,—embrulhava-os em cobertores,—e assim salvou muitos doentes agonisantes.

—

Escreveu e publicou varias obras sobre medicina e outros assumptos. Temos sobre a nossa banca de estudo a 1.ª mencionada por Innocencio e que elle intitulou *Condensação de politica, moral, economia, administração*, etc. Porto, 1841, 8.º de 187 paginas, afóra 2 com a *Advertencia* que termina d'esta fórma: «*Vaticinio.* Não me fundo em vãs conjecturas, mas em principios necessarios...»

A dicta obra é uma interessante collecção de maximas e pensamentos por ordem alphabetica, muito semelhante á do conselheiro José Joaquim Rodrigues de Basto, embora muito mais reduzida e escripta com bastante paixão. D'ella se vê que o auctor não morria

d'amores pelo papa, nem pelos padres e frades, nem pelos governos absolutos,—nem pelos proprios *medicos e cirurgiões*!...

Abre com este pensamento:

«Absolutismo. Um rei que deseja o bem, consegue os fins sem custo.»

--

São do mesmo livro os pensamentos seguintes:

—A adversidade restitue o juizo aos homens.

—A alegria é util ao homem e a tristesa consome-o.

—A poesia é a arte de cantar a prosa em verso.

—A pintura é a arte de copiar a naturesa.

—A architectura é a arte de edificar com segurança e gosto.

—A beneficencia é a segurança dos principes.

—As mesmas acções são crimes e virtudes, segundo as leis e segundo os tempos.

—Só Deus conhece o coração do homem.

—Um espirito sublime approxima-se da loucura.

—O diamante no esterco é precioso, e o pó elevado ás estrellas não deixa de ser vil.

—Sejamos melhores do que somos e seremos muito mais felises.

—Pela riqueza da caixa militar se deve calcular a valentia das tropas.

—Bons livros são bons companheiros e os mais sinceros amigos.

—O passado não volta;—o presente vae fugindo;—é preciso sondar o futuro.

—A inveja é a sombra da virtude.

—Se não imprimissem senão o util, haveria centenares de vezes menos livros.

—O que diz mal de todo o mundo, todo o mundo diz mal d'elle.

—As apparencias mais felizes encerram ás vezes as maiores calamidades.

—O corpo do homem é uma cloaca ambulante.

Bastará.

No supplemento ao artigo *Ancede* completaremos a biographia do medico da *Boa Morte*.

A terra lhe seja leve!

VILLARINHO DA SAMARDÃ,—freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho,—fogos 194,—habitantes 880.

Em 1706 era curato annexo a Santa Maria de Adoufe ou Adaufe, cujo abbade apresentava o vigario de Villarinho;—pertencia ao termo, concelho, comarca e ouvidoria de Villa Real—e contava 100 fogos. V. *Adoufe*.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia 60$000 réis—e contava 131 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 160 fogos e 972 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 188 fogos e 914 (?) habitantes.

Foi curato;—depois vigairaria até agosto de 1852;—desde aquella data passou a ser reitoria, mas, fallecendo o seu reitor em outubro de 1880, ficou em simples encommendação até hoje (1886).

—

Demora em terreno bastante accidentado, precisamente na margem direita do Corgo, entre Villa Real e Villa Pouca d'Aguiar, distando 13 kilometros de Villa Real para N.;—40 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—144 do Porto—e 481 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada real a macadam n.º 5, de Villa Real a Chaves, servida por diligencias,—e deve passar a pequena distancia a linha ferrea, hoje em estudos, de Chaves a Lamego pelos valles do Corgo e do Varosa, tocando em Villa Real e na Regoa, onde atravessa o Douro.

Comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*Villarinho da Samardã*, outr'ora *Villarinho de Samardão*, séde da parochia,—Banagouro, Covello e *Samardã*.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, castanhas, vinho e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero e vaccum.

É tambem mimosa de caça miuda e grauda: coelhos, lebres, perdizes, lobos e raposas.

Freguezias limitrophes:—S. Thomé do Castello e Santa Maria de Adoufe, d'este concelho de Villa Real;—Santa Cruz de Alvadia, do concelho de Ribeira de Pena,—e S.

Salvador de Tellões, do concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Templos:—a egreja matriz e 3 capellas, todos decentes e abertos ao culto, mas sem coisa alguma notavel.

—

É muito abundante d'agua esta parochia, pois banham-na o rio Corgo, confluente do Douro, e muitas ribeiras taes são:—o ribeiro da *Samardã* e o de *Soutello*, que nascem na serra de *Moroucinhos*, ramo da grande serra do Marão, e desaguam no Corgo, a distancia de 5 kilometros,—e os do *Salgueiro*, da *Lagea* e de *Agrella*, que nascem na serra de Villarinho e desaguam tambem no Corgo, a 2 kilometros de distancia. Estes simplesmente regam—e aquelles regam e moem, bem como o rio Corgo.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra:—a de *Borralheiros* e a de *Soutello*,—e um fôjo para caçar lobos, no fundo da serra de Moroucinhos.

—

Data de tempo immemorial a occupação d'esta parochia, pois devia passar aqui uma estrada romana de 2.ª ou 3.ª ordem, da cidade de *Aquae Fluviae* (Chaves) para Lamego e Caria, atravez da cidade de *Cauca* (Villa Pouca d'Aguiar) e da de Panoias ou do seu termo, hoje representada por Villa Real.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos correspondentes ás povoações indicadas.

Note-se que os romanos, alem das suas estradas militares esplendidas, tinham, como nós hoje temos, estradas de 2.ª, 3.ª e 4.ª classe, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra, nem tinham marcos milliares. V. *Estradas Romanas* e *Vias Ferreas*.

E que o povo rei aqui viveu o prova o nome de *Cividade*, que ainda conserva um morro d'esta parochia, no qual, segundo diz a tradição, existiu um castello e se tem encontrado muitas moedas romanas.

Tambem diz a tradição que houve um castello dos mouros (talvez dos romanos) no sitio denominado *Monte da Murada* ou *Muralha*, hoje fragoedo nú, mas que muito provavelmente foi *murado* e fortificado outr'ora.

Ha finalmente n'esta freguezia duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

O clima d'esta parochia é saudavel;—temperado no verão, mas frio e aspero no inverno.

A povoação do Covello em 1758 contava apenas duas casas e dois fogos.

—

Casou n'esta freguezia em 1844 com o medico Francisco José d'Azevedo e aqui tem vivido e vive ainda hoje a ex.ma sr.ª D. Carolina Rita Botelho Castello Branco, no momento já viuva, irmã do sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho, nosso bom amigo e mestre—e principe dos nossos escriptores contemporaneos.

A dicta senhora é mãe do bacharel formado em direito Antonio d'Azevedo Castello Branco e do bacharel formado em medicina José d'Azevedo Castello Branco,—dois talentos de primeira ordem e distinctos escriptores publicos tambem.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 981 a 986.

Etymologias

Tantos povos habitaram desde tempos remotissimos este pobre Portugal e tantas nações estranhas e longinquas percorreram os portuguezes, tendo demorada residencia em muitas d'ellas, que é hoje muito difficil marcar ao certo a etymologia de grande numero de vocabulos do nosso idioma e dos nomes das nossas povoações.

Ahi vae uma simples amostra do pano:

Em 1840 um homem nonagenario, filho d'esta parochia, dizia que ella antigamente se denominou Villarinho de *São Ardão* ou de *Sam Ardam* e que d'ahi lhe provem o titulo de *Samardão*, hoje *Samardã*.

E possivel;—e talvez que o *Sam Ardam*, que hoje se não encontra no kalendario, fosse primitivamente *Santo Adrião*. É possivel até que as nossas aldeias denominadas *Sardão* tomassem o nome do tal *S. Ardão*, posto que o meu antecessor no artigo *Sardão* e o academico Fr. João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arabica* deram o *Sardão*, aldeia d'Agueda, como proveniente do arabe

hardão, lagarto, o que não nos satisfaz completamente, porque temos no nosso paiz varios sitios, casaes, quintas e aldeias com os nomes de *Ardo*, *Arda* (rio) *Ardada*, *Ardão*, *Ardãos*, *Ardega*, ou *Agueda*, *Ardegão*, *Ardeira*, *Ardena*, *Ardido* e *Ardosa*, que deveriam ter a mesma etymologia de *Ardo*, *Arda* e *Ardão*.

—

Temos tambem—*Samaça*, *Samaldo*, *Samaiões*, *Samão*, *Samardão*, *Samardan*, *Samarra*, *Samarrão* e *Samarruda*, que teem muita affinidade,—e *Sardão*, *Sardaça*, *Sardal*, *Sardoal*, *Sardoeiro*, *Sardoeira* e *Sardoura*, que parece terem a mesma etymologia commum, mas Fr. João de Sousa, tendo dicto que *Sardão* provem do arabe *hardão*, lagarto, diz que *Sardoeira* e *Sardoura* proveem do arabe *fara*, andar, e de *daura*, a roda, pelo que *Sardão*, segundo o mencionado auctor, quer dizer—*terra dos lagartos*—e Sardoeira ou Sardoura—*terra em que se anda á roda ou ás voltas!...*

VILLARINHO DAS TALHADAS, — aldeia da freguezia das *Talhadas*, concelho de Sever do Vouga, districto de Aveiro, bispado de Viseu.

Vide *Talhadas*, freguezia, — e *Talhadas*, serra.

O censo de 1878 deu a esta freguezia 220 fogos e 984 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Talhadas*, séde da parochia,—Doninhas, Vide, Seixo, Macida, Ereira, Areias, Fragoa, Povoa, Silveira, Cortez, *Villarinho* e as quintas da Matta, Lameirinhos, Calçada e Dordelinho.

—

Esta parochia é muito minha conhecida —e mais ainda a tal serra das *Talhadas*, pois muitas vezes a atravessei durante a minha formatura (1851-1856) seguindo de Lamego para Coimbra por Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul, Vouzella, *Talhadas*, *Rompe Cilhas*, Agueda, Sardão, Mealhada e Fornos.

Já lá vão 25 a 30 annos, mas nunca esqueceremos tão *deliciosos* passeios.

Note-se que concluimos a formatura sem saborearmos nem sequer uma diligencia!

Faziamos a viagem de Lamego a Coimbra em sella, ordinariamente por aquelle roteiro. Outras vezes, para variar, fomos por Viseu, Tondella e Mealhada,—outras vezes pelo Porto, descendo o Douro embarcados, defrontando com a morte na sua continuidade de cachoeiras e deixando quasi sempre a bombordo ou a estibordo barcos feitos em estilhas; — alugavamos em Villa Nova de Gaya mulas vareiras que nos levavam de retorno até Ovar;—d'ali seguiamos de noite para Aveiro pela *ria*—e d'Aveiro iamos para Coimbra nos classicos *gericos*.

A viagem pelo Porto era muito mais morosa, pois durava sempre 3 a 4 dias.

Mas fallemos das *Talhadas*:

—

É uma serra triste, prosaica e desgraciosa, toda cheia de penedos, atravez da qual seguiamos pela velha estrada muito escabrosa, principalmente no lanço denominado *Rompe-cilhas*, nome bem apropriado, porque ali a estrada corta uma ingreme ladeira d'alguns kilometros, aprumada sobre um rio que serpeia lá no fundo, pelo que os almocreves, para não verem as cavalgaduras despenhar-se no abysmo, iam sempre concertando as cargas e davam cabo das cilhas.

E em que desgraçadas condições nós por ali passamos differentes vezes!...

Ainda hoje se nos arripiam os cabellos, quando nos lembramos de que em 1854, por exemplo, nós atravessamos a *galope* toda a dicta serra, comprehendendo o tal lanço de *Rompe-cilhas*!

V. *Villa Maior*, vol. XI, pag. 775.

Hoje *por preço nenhum* repetiriamos a galopada!...

—

Outra viagem medonha foi a que fizemos (salvo erro) em janeiro de 1853.

Em outubro do anno antecedente, pouco depois de nos matricularmos, o governo mandou fechar a Universidade, por se terem dado em Coimbra alguns casos de cholera.

Retirámos todos para nossas casas—e em janeiro do anno seguinte, havendo passado a peste, recebemos ordem do governo para regressarmos a Coimbra.

Marchámos rapidamente debaixo d'um temporal medonho, com chuva torrencial e

vento que atirava com as cavalgaduras para fóra do trilho. É um facto que eu *só então* observei na serra do *Mezio*, entre Lamego e Castro d'Ayre.

Nós eramos um bando de rapazes;—iamos todos folgados e bem montados;—não nos poupavamos a despezas e tanto que a maior parte dos criados, com o muito vinho e muita aguardente que lhes davamos para não succumbirem, iam bebedos e fazendo sortes que muito nos distrahiam;—levantavamo-nos de noite e rompiamos sempre a marcha com archotes, mas gastámos 4 dias [1] para vencermos as 22 legoas de Lamego a Coimbra!

No primeiro dia pernoitámos em Castro d'Ayre, aonde chegámos já de noite, tendo andado apenas 4 legoas!—No segundo fomos dormir a *Ponte Fóra*, um pouco alem de Vouzella, na falda da serra das *Talhadas*;—no terceiro atravessámos a maldita serra e fomos dormir ao Sardão,—e só no quarto dia chegámos a Coimbra.

Horresco referens!...

—

No meu 5.° anno, concluida a formatura, fiz a mesma jornada, de Coimbra para Lamego, em condições muito differentes, mas pouco invejaveis tambem.

Para não ir em passo de medico, acompanhando a cavalgadura que levava 2 bahus com a minha tenda (alguma roupa, muitos palitos e poucos livros)—e como era insupportavel o calor (junho de 1886)—mandei adeante o criado com a cavalgadura de carga—e eu deixei Coimbra por noite velha e fiz a viagem quasi toda de noite e *sósinho*! Logo que apertava o calor apeava-me na primeira locanda—e ao declinar do sol proseguia.

Assim atravessei a tal serra das *Talhadas* e a do *Mezio*, etc., fazendo de valentão, mas por vezes senti meus arripios, principalmente (bem me recordo!...) ao descer alta noite para o Paiva, junto de Castro d'Ayre, por barrancos medonhos atravez de grande arvoredo, que tornava o caminho escuro como um prego.

E ainda ha quem suspire pelas viagens d'outr'ora!...

Em 1879 fui eu até Paris e incommodei-me bem menos do que n'aquelle tempo me incommodava para ir de minha casa a Lamego, distante 5 kilometros apenas.

Permittam-me pois que envie um *saudoso* adeus á tal serra das *Talhadas*.

Fica-te *em paz e ás moscas*!...

—

Terminaremos dizendo que na aldeia de *Villarinho das Talhadas* se descobriram em novembro de 1885 jazigos de cobre, chumbo e outros metaes. Fez-se o registro na camara de Sever do Vouga e consta-nos que já se organisou uma companhia para explorar o dicto minerio.

VILLARINHO DE TAROUCA,—aldeia da freguezia de S. João de Tarouca, concelho de Mondim da Beira, districto de Vizeu.

> Não se confunda esta freguezia de S. João de Tarouca, *orago S. Braz* (?) concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar,—com a freguezia de Tarouca, *orago S. Pedro*, concelho de Tarouca no mesmo districto de Vizeu, comarca e bispado de Lamego.

A freguezia de *S. João de Tarouca*, orago *S. Braz*, comprehende as aldeias seguintes:—Couto, Pinheiro, Villa Chã do Monte e *Villarinho*, aldeia muito antiga, anterior ao seculo XIII, pois a fl. 23 do livro de *Doações* do mosteiro cysterciense de S. João de Tarouca, extincto, cuja egreja é hoje a matriz d'esta parochia, se fazia menção de um praso feito no anno de 1221, comprehendendo certa propriedade sita na mencionada aldeia de *Villarinho de Tarouca*, impondo ao emphyteuta a pensão do *quinto*, uma teiga de trigo e dez ovos *et post obitum vestrum cum Decima de toto vestro aver mobili, et immobili veniatis ad Sepulturam S. Joannis*...

---

[1] Eu gastei 4 dias e meio, porque morava a distancia de 5 kilometros de Lamego, onde se formou a caravana, e fui dormir ali na vespera.

V. *Corvaceira* e *Penajoia*.

Em vulgar: «e quando fallecerdes sereis sepultados no nosso mosteiro de S. João, que por isso herdará a *decima parte de todos os vossos bens moveis e immoveis...*»

V. *Jazedores* em Viterbo,—artigo muito curioso e que rendeu ao seu illustrado auctor uma grande tunda, dada por Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Historia da Abbadia d'Alcobaça*, pag. 49 e 50, accusando-o de insultador e enxovalhador dos monges.

Veja-se tambem *Tarouca* n'este diccionario e no supplemento.

VILLARINHO DAS TOUÇAS,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Montouto*, concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança.

Contando a freguezia de Montouto apenas 104 fogos e 559 almas, representa nada menos de *seis freguezias*, pois alem da povoação de *Montouto*, séde da parochia, comprehende as povoações seguintes:—Casares, Cerdedo, Candedo, Carvalhas e *Villarinho das Touças*, que já foram parochias independentes.

Só n'este malfadado districto de Bragança se encontra uma desgraça assim!...

V. *Casares*, *Montouto*, *Villa Verde de Mirandella*, vol. XI, pag. 1:094, col. 2.ª,—*Villa Verde* de Vinhaes, no mesmo vol. pagina 1:099—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, no mesmo vol. tambem, pag. 1:016.

—

A povoação de *Villarinho das Touças* demora na raia, em intimo contacto com a povoação gallega denominada *Chargoaçozo* e entre as duas tem havido grandes desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes por causa dos montados, não levando a melhor os gallegos, posto que muito superiores em numero, pois *Chargoaçozo* conta cerca de 100 fogos, emquanto que *Villarinho* conta apenas 17; felizmente essas desordens acalmaram com a ultima delimitação official da raia.

Por vezes se envolveram na lucta não só os habitantes de Villarinho e Chargoaçozo, mas os clavineiros hespanhoes e os guardas fiscaes portuguezes, cruzando-se fogo entre uns e outros.

Foi sempre grande a animosidade entre o povo portuguez e o povo hespanhol e é na raia que essa animosidade se conservou e conserva ainda hoje mais viva,—na raia, onde os dois povos se acham em intimo contacto.

O terreno de Villarinho das Touças é aspero e montanhoso, mas fertil em centeio, batatas e hervagens;—cria muito gado lanigero, principalmente cabrum, — e tambem bovino e suino.

Tambem abunda em caça grossa e miuda: —coelhos, lebres, perdizes, raposas e *lobos*!

—

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARÓCO, — freguezia do concelho e comarca de S. João da Pesqueira, districto de Viseu, diocese de Lamego, provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago S. Bartholomeu;—fogos 236,—habitantes 990.

A *Chorographia Port.* nem sequer fez menção d'esta freguezia!

O *Port. S. e Profano* em 1768 disse que o seu parocho era o abbade da apresentação da mitra;—rendia 500$000 réis—e contava 170 fogos.

Segundo se lê na *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta approximadamente n'aquella data, rendia 600$000 réis;—o parocho era abbade da mesma apresentação, por concurso,—e contava 206 fogos e 530 almas.

O censo de 1864 deu-lhe 207 fogos e 738 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 220 fogos e 853 habitantes.

Demora em sitio alto e plano, — muito arborisado, saudavel e fertil, na margem direita do rio Torto, do qual dista 2 kilometros para N. E.;—10 da villa da Pesqueira para S. E.;—25 da estação do Pinhão, hoje a mais proxima na linha ferrea do Douro; —152 do Porto—e 489 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Pereiros, Valle de Figueira, Trovões, Vallongo do Azeite e Pesqueira.

Producções dominantes:—cereaes, azeite, batatas, castanhas, fructa e vinho de mesa

em pequena quantidade depois que a maldicta phylloxera anniquilou os seus vinhedos, pois anteriormente era o vinho a producção principal d'esta parochia e de todas as d'este concelho, pelo que hoje é um dos mais pobres, tendo sido um dos mais ricos, do districto de Viseu!...

As freguezias da margem esquerda do Alto Douro tiveram a mesma sorte das da margem direita.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1013 e segg.

—

Esta parochia alem da povoação de *Villarôco*, séde da matriz e que hoje conta 140 fogos, comprehende a de *Vidigal*, com 86 fogos,—e a da *Senhora da Estrada* com 10,—mais 8 moinhos no rio Torto.

Banham esta freguezia alguns regatos que desaguam no rio Torto e no Douro, passando um d'elles entre as povoações do Vidigal e Villarôco. Tambem a limita e banha o rio Torto, confluente do Douro.

O rio Torto aqui corre fundo por entre encostas aridas ardentissimas, aprumadas e schistosas, pelo que as suas margens d'aqui até o Douro produziam bello *Port Wine*, principalmente as quintas do Seixo e Retiro.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

É muito antiga mas tem sido restaurada e reedificada muitas vezes. Occorrem-nos as seguintes:—Em 1760 pelo abbade dr. Lopes Monteiro.

Em 1874 foi alteada pelo abbade Antonio Augusto d'Almeida, de Villa Nova de Foscôa.

Em 1881 a junta de parochia demoliu e reedificou a capella-mór, que tem um bom retabulo de talha dourada antiga e um tecto riquissimo de talha dourada tambem,—uma capella particular e 3 altares lateraes, sendo um de Nossa Senhora do Rosario, outro de S. Sebastião, outro de Sant'Anna,—uma bella custodia de prata dourada e cinzelada, estylo manuelino,—e uma imagem da Conceição, tambem de prata.

Nos fins do ultimo seculo tinha tambem 3 irmandades:—uma do Santissimo,—outra de Nossa Senhora do Rosario,—outra das Almas.

2.º—*Capella de Nossa Senhora da Estrada*, a meio da pequena povoação d'este nome, no caminho da Barca d'Alva.

3.º—*Capella de Santa Barbara.*

4.º—*Capella de Santo Antonio*, hoje dentro do cemiterio, ao poente de Villarôco.

5.º—*Capella de Santa Eufemia.*

Estas são publicas e estão limpas e bem conservadas.

6.º—*Capella de S. Miguel*, na povoação do Vidigal.

Pertence a Miguel Augusto Pacheco, *morgado de Villaroco.*

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Repouso*, no alto do Vidigal. Pertence ao morgado d'este titulo, Eduardo de Sousa Donas Boto.

8.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição.*

Demora na Praça de Villarôco e pertence ao visconde de Proença a Velha, residente em Penamacôr.

No frontispicio da dicta capella, que forma parte da fachada do palacete do mesmo visconde, se vê aberto em granito o brasão d'armas com uma corôa de conde.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego* menciona tambem as capellas seguintes:

9.º—*Santa Luzia*, hoje *Santa Luzia Velha*, em ruinas. Ha outra capella nova com a mesma invocação, no termo dos Pereiros, e tem festa annual, mas não pertence á freguezia de *Villarôco.*

10.º—*Espirito Santo.*

Já não existe.

11.º—*S. Domingos.*

Tem hoje a invocação de Santa Eufemia e é a mesma já mencionada sob o n.º 5.

12.º—*Santa Theresa*, defronte da egreja.

Ainda existe e foi sempre particular, pertencente á familia *Almeidas Ribeiros.*

13.º—*Nossa Senhora do Desterro*, dentro da egreja parochial.

Pertencia n'aquelle tempo a Fr. Francisco Xavier, que tinha tambem um oratorio ou capella particular na sua casa.

Tambem n'aquelle tempo os abbades d'esta freguezia tinham a seu cargo toda a fabrica

da egreja parochial—e a fabrica da capella-mór e sacristia de Val de Figueira, onde apresentavam o cura e recebiam os dizimos, ficando a cargo dos freguezes o corpo da egreja.

Não ha hoje n'esta freguezia festas annuaes em dias determinados; apenas d'aqui vae todos os annos, na primeira segunda feira de Paschoa, uma romaria ao santuario de *S. Salvador do Mundo*, junto da Pesqueira, em cumprimento de um antigo voto.

V. *Salvador do Mundo.*

Pessoas notaveis

Teve esta parochia muita nobresa e produziu muitas pessoas notaveis pelas virtudes, armas e lettras, mas soffreu muito com as lutas civis entre liberaes e realistas desde 1820 até á convenção d'Evora Monte (1834)—e com os excessos e represalias posteriores á dicta convenção.

Foram cruelmente perseguidos e tiveram de homisiar-se muitos filhos d'esta parochia,—outros foram barbaramente assassinados,—algumas das suas primeiras casas ficaram reduzidas á miseria com os sequestros—e outras se extinguiram.

Data d'aquelle ominoso tempo a decadencia d'esta parochia,—decadencia que a maldicta phylloxera nos ultimos annos coroou, aniquilando os seus vinhedos.

Entre as pessoas notaveis que produziu, occorrem-nos as seguintes:

1.ª—*D: Claudia*, da nobre familia *Bragas*, da casa da Praça. Casou com João de Gouveia Osorio e teve o sr. visconde de Proença a Velha.

João de Gouveia Osorio foi homem de grande importancia n'esta freguezia, general de divisão do sr. D. Miguel e fidalgo de antiga linhagem, natural de Penamacor.

2.º—*Antonio Cardoso Corte Real e Serpa*, tambem fidalgo distincto, coronel das milicias de Trancoso, etc.

Tinha o seu palacete junto do atrio da egreja e n'elle se vê ainda o seu brasão d'armas,—um dos brazões de mais merecimento artistico d'estas redondezas, tendo por timbre uma corôa de conde. É espaçoso e comprehende muitos emblemas bellicos, peças, bandeiras, armas, tambores etc.

3.º—*O dr. Antonio d'Azevedo Coutinho Pacheco*, afamado jurisconsulto.

Escreveu varias obras sobre jurisprudencia, mas não chegaram a ver a luz da publicidade.

Acommettido de monomania religiosa, suicidou-se, precipitando-se de uma janella em avançada idade.

Falleceu no dia 14 de março de 1808, tendo casado com D. Maria Theresa, da nobre casa e quinta dos *Vieiros*, e deixou dois filhos—o morgado, primogenito,—e Miguel Antonio Coutinho Pacheco.

O morgado foi tenente de milicias e morreu solteiro, deixando um filho bastardo, por nome Luiz, que falleceu em 1884, casado e com dois filhos:—Antonio, que pereceu afogado no Douro em 1867,—e Manuel, que ainda vive.

Miguel Antonio Coutinho Pacheco, filho segundo do grande jurisconsulto, casou com D. Candida Fortunata de Sousa Ferreira, da qual teve 4 filhos que ainda vivem e são proprietarios n'esta parochia:—D. Maria Pacheco, Miguel Augusto Pacheco, João Alberto Pacheco e o rev. Antonio Ayres Pacheco, sacerdote de muito merecimento e vice-reitor no seminario diocesano do Funchal.

4.º—*Dr. Francisco Xavier d'Almeida Sá e Meneses*, fidalgo distincto, grande proprietario e excellente pessoa. Falleceu solteiro e deixou a sua grande casa a um filho natural, Joaquim Augusto de Sá Meneses, hoje casado com sua prima, filha de Luiz de Castro Pereira, residente e grande proprietario em Freixo de Numão.

V. *Villarinho da Castanheira.*

5.º—*O dr. João Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, desembargador da casa da supplicação por el-rei D. João VI, e depois aggravista e desembargador do Paço no tempo do sr. D. Miguel, F. C. R., C. P. da O. de Christo e um dos desembargadores da ominosa *Alçada.*

Frequentando ainda a Universidade, casou em 1790 com D. Anna Josepha Freire Soares de Miranda, da nobre casa dos dou-

tores *Mirandas* de Figueira de Castello Rodrigo, hoje desbaratada e em estranhos, por causa das vicissitudes que tiveram por epilogo a convenção d'Evora-Monte.

A dicta senhora era prima do celebre general Gomes Freire [1], com o qual teve o seu casamento tractado.

O desembargador João Antonio, sendo ainda juiz de fóra em Mafra, acompanhou D. João VI ao Brazil e por ordem do mesmo D. João VI veiu para Portugal alguns annos antes do regresso da familia real.

Era muito legitimista;—foi procurador por Figueira de Castello Rodrigo, em 1828, ás côrtes, ou junta dos 3 estados, que em Lisboa acclamaram D. Miguel como rei, e tanto se pronunciou em favor d'elle, durante a grande lucta, que foi preso por duas vezes e viu toda a sua casa sequestrada.

Desde 1834 viveu homisiado em Lisboa, onde falleceu, em janeiro de 1843.

Do seu consorcio com a prima de Gomes Freire teve os filhos seguintes:

—*Albano Antonio Freire Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, desembargador e corregedor de Villa Real de Traz-os-Montes no tempo do sr. D. Miguel. Por elle foi escolhido para seu secretario quando, em seguida á convenção d'Evora-Monte, partiu para o exilio,—cargo que o dr. Albano recusou por suggestões d'um seu amigo liberal, mas antes elle annuisse, pois em 1836 foi barbaramente assassinado por motivos politicos.

Não deixou descendencia.

—*D. Libania Thomasia Freire de Sousa e Almeida Vasconcellos.*

Casou com Francisco Pinto de Gouveia e Castro, da Prezegueda, concelho da Regoa.

Ambos já falleceram s. g.

—*D. Maria Henriqueta d'Almeida Vasconcellos.*

Morreu solteira.

—*João Antonio Freire Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, freire de Christo, moço fidalgo com exercicio no paço, etc.

Foi assassinado em 1843 em Figueira de Castello Rodrigo pelo antigo feitor da sua casa e filhos d'este, quando, por fallecimento do desembargador seu pae, ali foi para lhes tomar contas e entrar na posse da casa, abandonada desde a partida do pae para o Brazil.

Que tempos?!...

—*Francisco*—e *Sebastião.*

Falleceram de tenra edade.

—*Antonio Pedro Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos.*

Entrou para o Collegio Militar por uma provisão regia de D. João VI, que o dispensou do pagamento de toda e qualquer pensão, em attenção aos relevantes serviços do pae, não obstante o não ser este militar, mas pertencente á alta magistratura.

Antonio Pedro foi premiado em diversos annos e commandante do batalhão collegial.

Assentou praça em cavallaria 7 no anno de 1823, sendo reconhecido cadete;—tomou parte no pronunciamento realista, pelo que 3 vezes emigrou para a Hespanha com o marquez de Chaves, Magessi, etc, e fez toda a campanha realista até á convenção d'Evora-Monte, [1] sendo n'essa data capitão, por distincção e ajudante d'ordens do general Tovar d'Albuquerque.

Terminada a lucta civil em 1834, abandonou inteiramente a politica e casou em Lisboa n'esse mesmo anno com D. Maria José Féo de Siqueira Coutinho, filha de José Maria Féo de Siqueira Coutinho, C. F. C. R., C. P. O. Ch., escrivão do Real Erario, etc., cuja vida, semeada de aventuras e galanteios com actrizes, cantoras e damas lisbonenses, dava assumpto para um grande romance!...

Do seu consorcio com D. Maria J. Fêo teve entre outros filhos o seguinte:

Antonio Pedro Ribeiro de Sousa
Almeida e Vasconcellos

Usa vulgarmente o nome de *Antonio de Sousa Vasconcellos* e é um cavalheiro muito illustrado e de muito merecimento,—secre-

[1] V. *Lisboa*, vol. 4.º pag. 116, *in fine*.

[1] Falleceu em Lisboa a 17 de março de 1882, contando 83 annos de idade e sendo ainda *realista intransigente*, pelo que a *Nação* lhe dedicou um pomposo necrologio.

tario geral da Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, commissario do governo junto do theatro de D. Maria II, professor de historia da arte e esthetica na academia real de bellas artes de Lisboa e distincto escriptor publico.

É auctor de diversos artigos litterarios e obras dramaticas, entre as quaes citaremos o drama historico—*Duquesa de Caminha*,—que foi representado no beneficio da actriz Emilia das Neves, no theatro de D. Maria II, em a noite de 10 de novembro de 1877, e premiado pelo conservatorio dramatico no concurso de 1877 a 1878.

Tambem foi director litterario e artistico do interessante periodico *A Arte*, cuja publicação cessou ha poucos annos com viva magoa dos apreciadores e estudiosos das lettras e artes portuguezas.

É F. C. C. Real com moradia no Paço, commendador da O. Ch.—cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Gregorio Magno, etc.

Nasceu em Lisboa e ali casou com D. Isabel Maria da Costa Freire, filha de Ceslau da Costa Freire, official do antigo senado da camara de Lisboa, Cavalleiro da Ordem de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

É um dos poucos representantes que ainda hoje restam da nobre familia do desembargador João Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos, irmão de Manuel Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos, que foi o ultimo sargento-mór do Villarôco, tendo sido este cargo hereditario na familia desde largos annos.

Ainda em 1853 vivia n'esta freguezia do Villarôco D. Eugenia Thomasia de Sousa Ribeiro, irmã do dicto sargento-mór, a qual falleceu solteira e sem successão.

O brasão d'esta familia é esquartellado, tendo no 1.º quartel as quinas e leões dos Sousas do Prado;—no 2.º as 5 meias luas dos Pintos;—no 3.º as 3 fachas verdes dos Ribeiros;—no 4.º as fachas pretas dos Vasconcellos—e por timbre um leão rompente.

Foi tambem natural d'esta freguezia Marcos da Fonseca, fidalgo distincto e cavalleiro d'Aviz, que em 1706 administrava o hospital Real de Moncorvo e recebia a 4.ª parte das rendas d'elle, por alvará regio, sendo as 3 partes restantes applicadas para a fabrica do dicto hospital.

—

Tambem esta parochia tem produzido homens que se tornaram notaveis pela sua perversidade. Occorrem-nos os seguintes:

1.º—*Francisco Rebello*, assassino e ladrão.

Matou e roubou 3 homens em 1835, mas por seu turno foi morto pelo celebre *Ribeirinha* de S. Mamede de Riba Tua, em 1839, junto da capella de Santa Barbara.

Tambem tentou matar um seu irmão, de nome Albano, que ainda vive, coxo d'uma perna, em virtude de um tiro que sobre elle disparou o tal Francisco Rebello.

2.º—*Bernardino de Sequeira*, de profissão *carreiro* ou boieiro.

Em 1871 matou por vingança um pobre trabalhador, chamado Antonio Carangueјola.

3.º—*Antonio Alexandre Café.*

4.º—*Manuel Nunes*, por alcunha *Orelha Gata.*

5.º — *Manuel*, que por sobrenome não perca.

6.º—*Antonio Ferrador*, da aldeia da Senhora da Estrada.

Estes ultimos 4 servos de Deus, todos filhos d'esta parochia, fizeram parte da grande quadrilha de salteadores, capitaneada pelo celebre *Traquina* da Granja do Tedo, concelho d'Armamar,—quadrilha medonha e numerosa, pois d'ella faziam parte os 32 salteadores que foram presos, julgados e degredados em 1852, na comarca d'Armamar e em outras, onde os taes senhores tinham crimes mais graves.

V. *Valença do Douro*, vol. , pag. 105, co. 1.ª e segg.

A quadrilha era mais numerosa e toda podia e devia ser apanhada na rede, mas por por *certas considerações* foram poupados alguns dos confrades!...

O celebre capitão *Traquina* já voltou do degredo e ainda

hoje (1886) vive na Granja do Tedo!...

—

Em fevereiro de 1860, tendo chovido copiosamente, deu-se n'esta parochia o facto seguinte:

Pelas 10 horas da noite sentiu-se uma especie de terremoto seguido de uma explosão que fez tremer todas as casas do Villarôco e no dia seguinte appareceu a terra fendida até 20 metros de profundidade em uma tapada proxima, pertencente á João Alberto Pacheco, donde se deslocou um grande volume de terra que, impellido pelo peso proprio e por grande volume d'agua represada, levou diante de si quanto encontrou, inclusivamente oliveiras, algumas das quaes ficaram a distancia de mais de 100 metros e ainda hoje (1886) ali se conservam e dão fructo.

Note-se que o terreno é declivoso.

Tambem no dia 25 de julho de 1885 pesou sobre esta freguezia e sobre as circumvisinhas até grande distancia,—Pesqueira, Foscôa, Riodades, Trovões e Paredes da Beira,—uma medonha trovoada, causando prejuisos enormes.

—

A tradição local diz que esta parochia foi villa e teve casa de camara, cadeia e pelourinho, mas de tudo isso nada, absolutamente nada resta, nem nos consta que tivesse em tempo algum foral proprio. Era comprehendida no foral que D. Manuel deu á villa de Avelloso em 21 d'abril de 1514.

V. *Avelloso.*

A mencionada villa foi camara dos bispos de Lamego e D. Manuel no seu foral mencionou todas as rendas que os bispos de Lamego tinham ali, em Vallongo do Azeite, Valle de Ladrões, Canellas, Parada do Bispo, Varzea do Bispo, Trovões e *Villarôco.*

Esta freguezia, hoje da comarca da Pesqueira, pertenceu á comarca (corregedoria) de Trancoso, e anteriormente á de Pinhel, provedoria de Lamego.

No seculo XVI, segundo se lê no *Censual velho* da mitra de Lamego, era da apresentação e confirmação dos bispos d'aquella diocese, aos quaes pagava meio marco de prata, ou 1$340 réis, de confirmação,—500 réis de visitação,—e tinha annexa a freguezia de Val de Figueira.

Entre os pergaminhos existentes no cartorio da Universidade de Coimbra se encontra um que prende com esta freguezia. Tem a data de 1561 e é a composição feita entre o parocho de S. Pelagio de Caria e o d'esta freguezia de Villarôco.

Para maior desgraça d'esta freguezia, uma grande parte dos seus melhores terrenos pertencem a estranhos, pois teem aqui bons casaes os viscondes de Proença a Velha e da Torre do Terranho,—bem como o par do reino Antonio da Costa Lobo e um fidalgo de Penaguião.

Não tem esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 34 do Porto á Barca d'Alva, mas que até hoje ainda não passou da villa da Pesqueira, distante do Villarôco 10 kilometros; deve porem passar perto d'esta freguezia a estrada districtal a macadam de Viseu á Pesqueira, mas tarde ali chegará, posto que já tem um lanço construido no concelho de Sernancelhe, entre Villa da Ponte e Ferreirim de Fontearcada, na bifurcação com a estrada real n.º 44, de Lamego a Trancoso.

Tem esta freguezia no rio Torto 8 moinhos de cereaes.

—

Uns escrevem *Villarôco*, outros *Villarouco.* Nós inclinamo-nos á opinião dos primeiros, mesmo porque julgamos *Villarôco* uma variante de *Villarinho*, diminutivo de *Villar.*

É hoje abbade d'esta freguezia o rev. Manuel de Jesus da Ressurreição Raphael, parocho de bons costumes e muito digno, mas é o presbytero de mais diminuto corpo ou de mais pequena estatura que ha hoje em todo o bispado de Lamego!

Nasceu na aldeia e freguezia de *Nagozello,* concelho de S. João da Pesqueira, em 10 d'abril de 1838, sendo seus paes João Manuel Raphael e Claudia Justina, honrados, mas humildes lavradores.

Note-se que no Alto-Douro se denominam *lavradores* to-

dos os proprietarios, por vezes fidalgos distinctissimos.

Já contava 18 annos quando principiou a estudar latim e 28 quando tomou a sagrada ordem de Presbytero.

Foi parocho encommendado nas freguezias de Val de Figueira a *Nova*, concelho de Taboaço, e nas de Trovões e Valença do Douro; depois collou-se na de *Cever*, concelho de Moimenta da Beira, e ali se conservou 12 annos, desde 15 de julho de 1864 até 15 d'outubro de 1876;—d'alí passou para a de Nagozello, sua terra natal, em 15 de outubro de 1876,—e em 17 de junho de 1885 passou para esta de *Villarôco*.

—

Tanto esta freguezia como as de Vallongo do Azeite, Ervedosa e S. João da Pesqueira, situadas na margem direita do rio Torto, teem moinhos na outra margem (esquerda) d'este rio.

As casas principaes d'esta parochia são as seguintes:

Brasonadas

1.ª—Do visconde de Proença a Velha.

2.ª—De Antonio Cardoso Serpa.

3.ª—De Antonio de Sousa Donas Botto.

Não brasonadas

1.ª—De Joaquim Augusto de Sá Menezes, casado com a filha de Luiz de Castro Pereira.

2.ª—De D. Maria do Carmo de Sá Menezes, tia paterna do antecedente.

3.ª—De Miguel Augusto Pacheco.

4.ª—De João Chrysostomo de Carvalho e Mattos.

5.ª—Do Padre Antonio Manuel da Fonseca Moutinho.

6.ª—De D. Maria do Rosario, que foi do seu marido Antonio Gaudencio d'Almeida Ribeiro, que foi um dos grandes proprietarios d'esta freguezia.

7.ª—Dos filhos e herdeiros de Miguel Pacheco.

8.ª—De Antonio de Sousa Junior.

9.ª—De José dos Santos Affonso, *brazileiro* e capitalista, que fez a dicta casa.

—

Acaba de ser aberta á circulação a linha ferrea do Douro desde *Tua* até o *Pocinho*, comprehendendo este lanço 34 kilometros e 3 estações:—*Vargellas, Freixo* e *Pocinho*.

Esta parochia deverá demandar a estação de *Vargellas*, da qual dista apenas 7 kilometros;—22 da de Tua pela de Varzellas—e 161 do Porto pelas estações de Vargellas e Tua.

VILLARTÃO, — freguezia extincta, hoje simples aldeia da de Bouçoães, concelho e comarca de Val Passos, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, bispado de Bragança.

V. *Bouçoães*, vol. 1.º pag. 426,—e, como rectificação ao que o meu benemerito antecessor disse n'aquelle artigo, note-se que esta freguezia de Bouçoães pertenceu até 1853 (não 1855) ao concelho de Monforte de Rio Livre, extincto pelo decreto de 31 de dezembro d'aquelle anno, pelo qual passou para o concelho de Val Passos, comarca de Chaves, até que o concelho de Val Passos foi elevado á cathegoria de comarca tambem.

—

A povoação de *Bouçoães*, séde da parochia, dista 1 kilometro da margem direita do Rabaçal, uma das origens do Tua,—e 21 kilometros de Val Passos para N. E.

Alem da dicta povoação, comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—*Villartão*, Picões, Lampaças, Tortomil, Regal Covo, Ermidas, Ledões e Bouças.

A *Chor. Portugueza* menciona *Villartão* com 60 fogos; Tortomil e Hermos com 20; Lampaças com 10; Bouças com 5; Regal Covo com 4; Ermidas com 26,—e Picões com 8.

Villartão foi séde de parochia;—tinha como orago S. Lourenço;—era curato da apresentação do abbade de Bouçoães que, em 1768, dava ao pobre cura apenas o rendimento do pé d'altar,—e contava 58 fogos.

Ainda em 1852 era parochia independente.

VILLAS BOAS (—Paço e Torre de)—casa nobilissima na freguezia de S. Jorge de Ayró, concelho de Barcellos.

V. *Ayró*, vol. 1.º pag. 303, col. 2.ª

VILLAS BOAS,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Gonçalo;—fogos 140,—habitantes 620.

Comprehende 2 aldeias:—*Villas Boas*, a séde da freguezia, com 78 fogos,—e *Pereira de Sellão* com 62.

Em 1706 era curato;—comprehendia 3 aldeias:—Villas Boas com 40 fogos,—Pereira de Sellão com 29—e Villa Rei[1] com 12,—total 81 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*,—e pertencia ao termo e concelho de Chaves, comarca e ouvidoria de Bragança.

Em 1768 era vigairaria da apresentação da camara ecclesiastica de Braga;—rendia para o seu vigario 60$000 réis—e contava 82 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 109 fogos e 505 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 117 fogos e 520 almas.

—

Demora em terreno accidentado e pouco mimoso, sobranceiro á extremidade N. da *Ribeira d'Oura* a E. da estrada real a macadam, n.º 5 de Villa Real a Chaves, da qual dista *Villas Boas* cerca de 4 kilometros para o nascente;—12 de Chaves para S. O.;—52 de Villa Real;—79 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—183 do Porto—e 520 de Lisboa.

Estas distancias devem soffrer modificação, logo que se abra ao tranzito a linha ferrea de Foz-Tua á villa de Mirandella, quasi concluida,—e logo que se construam as linhas ferreas em estudos de Chaves a Viseu pelos valles do Tamega e do Paiva,—e de Chaves a Lamego pelos valles do Corgo e Varosa.

V. *Vias Ferreas* e *Villarinho das Paranheiras*.

Não toca n'esta freguezia estrada alguma a macadam. As mais proximas são a já mencionada de Villa Real a Chaves—e a de Chaves a Carrazedo de Montenegro, que passa a distancia de 5 kilometros.

A antiga estrada real e militar de Villa Real a Chaves passava na aldeia de *Pereira Sellão* d'esta freguezia e ainda hoje por ali seguem muitos transeuntes, por ser o traçado mais curto, embora muito escabroso.

Villas Boas dista da estação de Mirandella, na linha ferrea do Tua, 40 kilometros.

—

Freguezias limitrophes:—Villela do Tamega, Loivos, Salhariz, S. Pedro d'Agostem e Villarinho das Paranheiras.

Producções dominantes: — vinho, azeite, castanhas, batatas, milho, centeio e cortiça, que exporta.

O vinho, posto que inferior com relação ao da Ribeira d'Oura, é a sua producção principal e costuma exportal-o para Barroso.

Não ha n'esta parochia edificios brasonados nem sem brazões, dignos de menção.

A egreja parochial é um templo modesto, mas decente e bem conservado. Foi construida em 1790;—demora a meio da povoação de Villas Boas e tem 3 altares,—o mór e dous lateraes, sendo um dedicado a Nossa Senhora da Apresentação—e o outro ao Senhor Crucificado.

O altar-mór tem um bom retabulo de talha dourada e em dois nichos envidraçados as imagens de Santo Antonio de Lisboa e de S. Gonçalo d'Amarante, o padroeiro,—ambas primorosas.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Neves na aldeia de Pereira Sellão—e a montante d'esta aldeia está o *monte de Santa Barbara*, assim denominado por ter no seu viso uma capella de Santa Barbara.

Pertence o dicto monte a 3 freguezias:—Villela do Tamega, S. Pedro d'Agostem e

[1] Ignoramos que povoação hoje representa a tal *Villa Rei*, pois nem a *Chorographia Moderna*, nem os meus apontamentos a mencionam.

Villas Boas,—e n'elle se feriu em 13 de março de 1823 a batalha entre a divisão realista do general Silveira e a divisão constitucional de Luiz do Rego, obtendo os realistas completo triumpho e aprizionando quasi toda a brigada de Moniz Pamplona, pelo que o general Silveira, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, sendo já por successão conde (2.º) d'Amarante, foi por D. João VI nomeado marquez de Chaves.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1019, col. 2.ª e segg.—e *Villar d'Ossos.*

—

A batalha feriu-se na parte do monte pertencente ao termo d'esta freguezia de *Villas Boas* e á de Villela do Tamega.

No alto do dicto monte se vêem restos de uma povoação e de fortificações antiquissimas, talvez do tempo em que os romanos por aqui estanciaram, como provam as muitas moedas romanas que ali se teem encontrado em diversas epocas, segundo se lê nas *Memorias* de Argote, vol. 2.º pag. 495,—e n'este diccionario, vol. 7.º pag. 123, col. 2.ª *in-fine.*

Ali houve tambem uma estação telegraphica, no tempo dos telegraphos de madeira, anteriores aos telegraphos electricos actuaes [1].

A dicta estação correspondia-se com a de S. Francisco da villa de Chaves e com a de *Carrazeda da Labugueira* ou *Cabugueira.*

Ha n'este monte excellente granito para construcções e d'ali vae para todas as obras mais importantes das circumvisinhanças.

É parocho n'esta freguezia ha mais de 20 annos o rev. José Joaquim Alvares Guedes, sobrinho e successor do rev. Joaquim José Rodrigues, filho d'esta parochia e n'ella tambem parocho muitos annos e parocho dignissimo.

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma feira mensal no dia 5 de cada mez. Foi creada no dia 5 de março de 1884.

Em junho de 1886 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada e uma chuva de graniso tão volumoso que destroçou completamente toda a vegetação e causou prejuizos avaliados em contos de reis.

—

Foi natural d'esta parochia e n'ella viveu no ultimo seculo o rev. Francisco José de Queiroga, fecundo e distincto orador sagrado, que em todos os seus sermões nunca cessou de inculcar aos fieis a devoção das *Dores de Maria Santissima,* o que muito contribuiu para que esta devoção se propagasse em todas as freguezias do concelho de Chaves e em muitas dos concelhos circumvisinhos.

A mencionada devoção foi introduzida em Portugal no anno de 1373 pelo rev. L. do Prado que veiu á Hespanha com a auctoridade de missionario apostolico e lançou o habito das *Dores* ao nosso rei D. Fernando I, e a muitos dos seus vassallos. Com o decorrer do tempo esfriou esta devoção e estava quasi extincta em 1708, quando a rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher d'el rei D. João V, a fez reviver na côrte e em todo o nosso paiz, por haver a dicta senhora professado, como os seus augustos ascendentes, aquella devoção.

—

Em 1735 um eremita de S. Paulo erigiu na egreja do seu convento de Lisboa uma irmandade das Dores; depois se erigiram outras no nosso paiz e nas nossas colonias, mas nenhuma prosperou tanto como a que se fundou na egreja da congregação do Oratorio, em Braga, a 18 de junho de 1761.

Antes de se erigir esta irmandade não havia em todo o nosso paiz imagem alguma da Senhora das Dores, mas sómente algumas telas, vindas de Italia A primeira imagem da Virgem das Dores foi mandada fazer pela dicta irmandade e a seu exemplo outras muitas se fizeram no arcebispado e fóra d'elle.

Ainda se conserva em Braga na egreja dos extinctos congregados a primeira, que é lindissima e tem pomposa festa annual na sexta feira da Paixão.

—

Terminaremos dizendo que esta freguezia

---

[1] V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 497, col. 1.ª e segg.—e o artigo *Telegraphos.*

pertenceu sempre e pertence ao arcebispado de Braga, bem como a maior parte (35) d'este concelho de Chaves, mas pela ultima circumscripção diocesana de 1882 passaram para o bispado de Bragança as 11 freguezias d'este concelho de Chaves, que demoravam na sua extremidade leste.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927, col. 2.ª n'este diccionario.

Ao meu illustrado collega Manuel Henriques da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAS BOAS,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia, villa e séde do concelho de Ferreira do Alemtejo, comarca, districto e bispado de Beja.

Foi seu orago Nossa Senhora da Natividade, que ainda hoje se venera na antiga matriz de Villas Boas;—em 1768 era priorado da apresentação do papa;—rendia réis 150$000—e contava 24 fogos.

V. *Ferreira* e *Villas Boas*, vol. 3.º pag. 170, col. 2.ª

VILLAS BOAS,—villa e freguezia do concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Maria Magdalena; fogos 304,—habitantes, 1290—diz o seu rev. parocho.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era villa, freguezia e concelho da comarca de Moncorvo, diocese de Braga;—tinha como donatario *de jure* o conde de Sampaio, senhor da casa de Villa Flor, etc. (V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*) que n'esta villa de *Villas Boas* apresentava os officios de tabellião;—formavam o seu governo civil 2 juizes ordinarios, vereadores com seus officiaes subordinados ao ouvidor de Villa Flor;—era seu juiz dos orphãos o mesmo de Villa Flor, bem como o capitão-mór, que tinha aqui em Villas Boas uma companhia de ordenanças;—a sua egreja matriz era vigairaria *ad nutum* da apresentação do reitor de Mirandella—e os seus dizimos eram divididos em 3 partes:—uma para o arcebispo de Braga,—outra para os senhores de Villa Flor—e outra para um dos commendadores da villa de Mirandella, que o vulgo denominava *commenda dos nove ladrões*?!...

Contava finalmente esta villa 4 fontes e 2 tanques,—uma egreja parochial,—5 capellas,—145 fogos—e comprehendia no seu termo os logares seguintes:

Sarzeda com 4 fogos, uma capella e uma fonte.

Meirelles com 12 fogos, uma ermida e 3 fontes *muito caudalosas!*

Estas 2 aldeias pertenciam á parochia da villa.

Vieiro, freguezia pertencente á villa de Freixiel, com 25 fogos, uma capella e uma fonte.

Villarinho das Azenhas, vigairaria com 30 fogos, 2 capellas e 3 fontes.

V. *Villarinho das Azenhas*.

E mais não disse d'esta parochia e d'esta villa o padre Carvalho! Vejamos se podemos adiantar alguma coisa mais.

—

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação do reitor de Mirandella;—o vigario recebia 11$600 réis de congrua, alem do rendimento de pé d'altar,—e contava 160 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 168 fogos e 952 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 302 fogos e 1:108 habitantes.

Não ha relação entre os dois censos—nem proporção entre os fogos e habitantes que lhe deram um e outro.

Não é crivel que esta freguezia, contando em 1864 apenas 168 fogos, contasse em 1878, ou passados 14 annos, 302 fogos,—sem receber como annexas outras freguezias.

Tambem não póde crer-se que 168 fogos dessem 952 habitantes! Quando muito deviam dar 700 a 750. E os 302 fogos deviam dar pelo menos 1:250 habitantes e não sómente 1:108!

Estão assim as nossas estatisticas.

—

Comprehende esta freguezia 3 povoações:—Villas Boas, séde da egreja parochial,—Meirelles e Ribeirinha.

Villas Boas, a villa propriamente dicta, demora em sitio alto, alegre, saudavel e vistoso na margem esquerda do Tua, do qual dista cerca de 4 kilometros para E. S. E.—5 da estação de Villa Flor, a mais proxima, na linha ferrea do Tua, ainda em construcção, para S.;[1]—7 de Villa Flor para N. O.; —20 de Mirandella para S.;—40 da estação de Foz-Tua na linha ferrea do Douro, pela linha ferrea do Tua e pela estação de Villa Flor, prestes a abrir-se á circulação;—179 do Porto—e 516 de Lisboa.

A povoação de *Meirelles* demora tambem em sitio alto, vistoso, saudavel e fertil, ao nascente e sopé do pincaro de *Nossa Senhora d'Assumpção*, cerca de 300 metros tambem ao nascente da estrada real de Mirandella a Villa Flor e cerca de 3 kilometros a E. N. E. de Villas Boas, no alto do formoso e amplo valle de *Meirelles* que olha para N. e se prolonga até o Tua,—ou até á *Azenha do Cachão*, margem esquerda do Tua e termo d'esta freguezia de *Villas Boas*, na sua extremidade N., onde fizeram a estação de *Villa Flor*, entre o Tua e a estrada real n.º 38 de Mirandella a Villa Flor, que passa a poucos metros de distancia da dicta estação.

—

Este valle de Meirelles produz bastante azeite e cereaes. Tambem produzia bastante vinho, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos, mas nunca foi devidamente aproveitado, pois na sua maxima parte produziu sempre cereaes de pragana, quando todo o valle se prestava admiravelmente para a cultura da vinha e das oliveiras,—e agora, destroçadas as videiras, podia e devia ser todo um olival compacto, lindissimo e riquissimo, dos maiores e melhores da provincia e de facil plantação e cultura, porque todo o seu vasto chão é fundo, fertil e aravel, e não tem despenhadeiros nem penedia.

É provavel que a nova linha do Tua e a estação de *Villa Flor* determinem os proprietarios d'este lindo e amplo valle a enchel-o todo de oliveiras, o que lhe centuplicará o valor.

Corre por este valle a ribeira de Meirelles que desagua na margem esquerda do Tua, um pouco a jusante (sul) da estação de Villa Flor e é atravessada em duas pontes pela linha ferrea e pela estrada real n.º 38.

O dicto valle tambem produz bastante fructa, sendo muito saborosa e uma especialidade distincta a sua pera *corni-cabra* ou do *S. João*,—pera muito temporã.

—

A povoação da Ribeirinha, demora ao sul de Villarinho das Azenhas, cerca de 5 kilometros a S. O. de Villas Boas, na margem esquerda do Tua e quasi a beber n'elle, pelo que tomou o nome de *Ribeirinha*.

Está em sitio fundo, ardentissimo no verão, muito atreito a sesões—e forma a extremidade S. da meia lua ou do semi-circulo que descreve o termo d'esta freguezia, batendo a ponta N. tambem na margem esquerda do Tua, um pouco a montante da estação de Villa Flor, e ficando encravada no centro do semi-circulo, tambem na margem esquerda do Tua, a parochia de Villarinho das Azenhas, que deve ser extincta e annexa á freguezia de Villas Boas, como foi a da Ribeirinha[1].

O chão da Ribeirinha é escabroso e produz azeite e cereaes.

Tambem produzia vinho, e optimo como vinho de mesa, antes da invasão phylloxerica.

Produz pois esta freguezia hoje—pouco vinho,—muitos cereaes, bastante azeite, fructa, hortaliças e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Freguezias limitrophes:—Roios, Val Frichoso, Freixiel, Villa Flor e Villarinho das Azenhas, todas d'este concelho de Villa Flor, —e Barcel na outra margem (direita) do Tua, concelho de Mirandella.

Templos

1.º—*Egreja parochial.*

Demora em um pequeno outeiro contiguo

[1] V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 478, col. 1.ª—e *Villarinho das Azenhas.*

[1] V. *Ribeirinha*, vol. 8.º pag. 187, *in principio.*

á povoação de Villas Boas e está em reconstrucção.

A capella-mór já foi toda feita de novo, dourada e pintada;—ainda não boliram no corpo da egreja, por falta de meios, mas propoem-se fazel-o de novo e mais amplo, pois já construiram a fronteria cerca de 3 metros adeante da fronteria velha, approximadamente em 1878.

2.º—*Capella de S. Sebastião,* no largo da *Lamella,* o principal da villa.

É publica e foi reedificada a expensas de um devoto.

3.º—*Capella de Santo Antonio,* no alto da villa. É tambem publica.

4.º—*Capella da Senhora do Rosario.*

Demora tambem na villa;—é particular e brasonada;—pertenceu á casa da baronesa d'Alverca e é hoje de José Vicente Teixeira de Castro.

N'ella se acha estabelecida uma antiga irmandade das *Santas Chagas.*

5.º—*Capella de Santa Marinha,* na povoação de Meirelles.

É publica, humilde e pobre e está muito maltractada.

6.º—*Capella de Santo Antonio,* na povoação da Ribeirinha.

É tambem publica e muito pobre.

7.º—*Capella de S. Christovam* na serra do Pharo.

É tambem publica e está em ruinas, já meio demolida.

8.º—*Santuario de Nossa Senhora da Assumpção,* hoje o primeiro d'esta provincia.

D'elle fallaremos adiante em topico especial, como bem merece.

—

Ha em Villas Boas 3 edificios brazonados: —a casa que foi de Antonio José de Macedo e Vasconcellos,—outra casa, pertencente não sabemos a quem,—e a capella de Nossa Senhora do Rosario, de que já fizemos menção.

Avultam n'esta freguezia dois altos pincaros que dominam como gigantes grande parte d'esta provincia e das da Beira Alta e Beira Baixa. São o pincaro de *Nossa Senhora da Assumpção,* onde se ergue o sanctuario d'este nome,—e o pincaro da *Serra do Pharo,* que tem 2 pontos culminantes—um denominado *Serrinha,*—outro *Cabeço Gordo,* que é o mais elevado, superior mesmo em altitude ao de Nossa Senhora da Assumpção e pouco distante d'elle.

Fazem *pendant* com a serra de Santa Comba, distante cerca de 30 kilometros para N. O.—d'onde se avistam (nós já os vimos) perfeitamente, bem como de Mirandella, de toda a estrada real n.º 38, de Mirandella a Villa Flor, que passa junto d'elles —e da estrada real n.º 6, de Villa Real a Bragança, desde as proximidades de Murça até muito para alem de Mirandella.

Nos dictos cabeços, tão defensaveis para os tempos d'armas brancas, se teem encontrado ruinas de casas e de fortificações antiquissimas, moedas romanas e sepulturas abertas na rocha, como se encontraram tambem no pavimento da egreja matriz, o que prova que estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos.

Não ha n'esta freguezia minas em exploração nem simplesmente registradas, mas no sitio do *Muro,* junto da povoação da Ribeirinha, se encontram claros indicios de carvão de pedra;—nas faldas do grande morro de *Nossa Senhora da Assumpção* se encontram ainda montões de escorias que revelam exploração antiquissima, talvez de cobre e ferro,—e na serra do *Pharo* deve haver jazigos de ferro, porque da raiz do dicto monte, na sua pendente sobre o Tua, brotam muitas nascentes d'aguas ferreas, como já dissemos no artigo *Villarinho das Azenhas.*

—

Villas Boas foi villa e séde de concelho até 1834 ou 1835; nada porém já resta da sua casa da camara. O pelourinho ainda se vê no largo da *Lamella* e denota muita antiguidade.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza* esta villa teve *foral velho,* dado por D. Affonso IV, mas Franklim menciona apenas o *foral novo,* dado por D. Manuel em Lisboa no dia 4 de maio de 1512.

Liv. de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 14, col. 2.ª

Veja-se a *Minuta* para este foral na *Gav.* 20, maço 11, n.º 19.

Nos fins do ultimo seculo pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada que a escalavrou e arrasou, reduzindo-a á miseria durante muitos annos.

Foi uma especie de tromba marinha que levou d'envolta para o Tua penedos, paredes, arvores, campos e vinhas, deixando em grande parte da pendente sobre o Tua só fragoedo esbulhado!

Ainda hoje se vê na margem do Tua enorme quantidade d'areia e pedras que a dicta trovoada arrojou.

Tambem no dia 7 de julho do passado anno de 1886 pesou sobre este concelho e sobre esta freguezia de *Villas Boas* uma trovoada medonha! Causou prejuizos avaliados em *centos de contos de réis*, mas as freguezias que mais soffreram foram as da parte leste ou da pendente sobre a ribeira da Villariça:—Nabo, Horta, Junqueira, Sampaio, Seixo de Manhoses, Carvalho d'Egas e Villa Flor, nomeadamente esta ultima; a unica victima, porém, foi um homem fulminado por uma faisca electrica na povoação de Meirelles.

V. *Villa Flor de Traz-os-Montes* no supplemento a este diccionario.

—

Esta parochia não tem cemiterio. Ainda se fazem os enterramentos dos cadaveres na sua egreja matriz, mas por fortuna ali o chão rapidamente os consome.

Tambem esta freguezia tem pouca agua potavel — e má; comtudo, é bom, temperado e saudavel o clima de Villas Boas, por estar em sitio alto, enxuto e muito arejado.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são—Manuel da Costa Pinto, de quem logo fallaremos,—João de Moraes e Manuel da Costa Pessoa (irmão do 3.º conde de Vinhaes) casado com uma filha e herdeira de Antonio José de Macedo e Vasconcellos, de *Villarelhos*.

V. *Vinhaes*.

Tambem aqui possuem um bom casal, que foi da baroneza d'Alverca, os srs. José Vicente Teixeira de Castro e filhos.

A casa da baronesa d'Alverca foi a mais rica e nobre d'esta villa e produziu muitas pessoas importantes, militares d'alta graduação, bispos e homens de lettras.

Tem hoje esta freguezia uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Villas Boas, antes de passar para o senhorio dos condes de Sampaio, foi dos *Leões*, descendentes de D. Pedro Soares de Leão, a quem D. Fernando I deu o senhorio d'esta villa e da de *Torre de D. Chama*. Vide.

Curiosa estatistica

Segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia[1], o concelho de Villas Boas em 1796 contava 234 fogos e 934 habitantes, sendo homens 483, mulheres 451, presbyteros seculares 8, barbeiros 1, sem profissão 13, cirurgiões 1, boticarios, 1, lavradores (talvez proprietarios) 92, jornaleiros 144, alfaiates 7, sapateiros 5, carpinteiros 4, ferreiros 3, moleiros 2, pastores 25, criados 134, criadas 87.

Não tinha pessoa alguma litteraria (professores nem bachareis) nem negociantes, nem pedreiros, nem ferradores, nem almocreves, nem cardadores, posto que produzia muita lã, pois criava muito gado lanigero.

Igual nota se encontra no mesmo codice relativamente a cada um dos 20 concelhos que ao tempo comprehendia a grande comarca de Moncorvo. Eram os seguintes:—Agua Revez, Alfandega da Fé, Carrazeda d'Anciães, Chacim, Castro Vicente, Cortiços, Frechas, Freixo d'Espada á Cinta, Mirandella, Moncorvo, Monforte de Rio Livre, Moz, Pinho Velho, Sampaio, Sezulfe, Torre de D. Chama, Val d'Asnas, Villa Flor, Villarinho da Castanheira e Villas Boas.

No supplemento daremos a estatistica dos mencionados concelhos, exceptuando os 3 ultimos, porque já se encontra nos artigos proprios, escriptos por nós, pois tomámos conta d'este diccionario quando já ia a meio do artigo *Vianna do Castello*.

---

[1] Codice 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

Santuario de Nossa Senhora da Assumpção

I

Como reminiscencia da nossa visita a esta provincia em setembro e outubro de 1883, escrevemos na *Folha de Chaves* de 16 de agosto de 1884, em uma correspondencia do Porto com data de 14 do dicto mez, entre outras coisas o seguinte :

«Tambem se realisa ámanhã (referiamonos ao dia 15 d'agosto de 1884) a grande festa e romagem de Nossa Senhora da Assumpção no vistoso e poetico santuario d'este nome junto de Villa Flor,—o 1.° santuario da provincia de Traz-os-Montes e um dos mais notaveis do nosso paiz.

«Parece suspenso nas nuvens! Tão alto e esguio é o pincaro onde está o formoso templo, dominando um extensissimo horisonte para todos os quadrantes, desde a Serra da Estrella até ás do Marão e de Cenabria, na Hespanha, e uma infinidade de povoações, taes são logo ao sopé:—Villas Boas, Meirelles e Villa Flor; mais ao longe Mirandella, Passos, Franco, Avidagos, Lamas d'Orelhão, as capellinhas de Santa Comba e S. Leonardo; Jou, Carrazedo de Montenegro, Murça, Jalles, Moncorvo, Carrazeda d'Anciães, Meda, Marialva, Trancoso, etc.

«Já estivemos no santuario de Nossa Senhora do Castello, junto de Mangualde, coroando tambem um monte com amplo horisonte e largas vistas;—na capellinha do Senhor do Calvario, em Gouvêa, na Serra da Estrella, que offerece largas e surprehendentes vistas tambem;—no Bom Jesus do Monte e no Santuario do Sameiro, tão decantados pelas largas vistas que d'aquelles dois pontos se gosam; mas desde que vimos o santuario da Assumpção de Villa Flor, jamais o poderemos esquecer!...

«Se não tem o apparato de jardins, lagos, hoteis, *chalets*, capellas e escadarias que abundam no santuario do Bom Jesus do Monte, ou mesmo uma escadaria tão magestosa como a do santuario dos Remedios em Lamego, a 1.ª escadaria de todos os santuarios de Portugal,—tem um templo novo, amplo, elegante e vistosissimo, coroando o alto pincaro,—um bom carrilhão de 10 sinos, feito em Lisboa—um bonito adro,—boa escadaria, varias capellas e todos os annos festa pomposa e arraial esplendido.

«Graças a todos os protectores do famoso santuario, nomeadamente ao meu bom visinho[1] Augusto dos Santos Gomes, filho de Villas Boas e o mais benemerito de todos.

«A virgem da Assumpção lhe pague em bençãos o muito que lhe deve tão formoso santuario.»

Foi isto o que a *vol d'oiseau* então dissemos d'este santuario; seja-nos licito porem agora dedicar-lhe mais algumas linhas.

II

Demora no termo d'esta freguezia e dista da povoação de Villas Boas pouco mais de 1 kilometro para leste, mas geralmente dão-lhe o nome de Santuario de Nossa Senhora da Assumpção de Villa Flor, por ser esta villa a séde do concelho e estar a pequena distancia tambem,—cerca de 6 kilometros a N.

O *Santuario Marianno*, tomo 4.° (titulo LXIII, pag. 224) escripto por fr. Agostinho de Santa Maria e publicado em 1712, diz o seguinte :

«Quatro legoas distante da villa da Torre de Moncorvo para o norte, tem seu assento a villa de Villas Boas[2].

«Tem 150 visinhos, e demais da egreja parochial 5 ermidas; a principal d'ellas he dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e fica pouco distante, coroando a imminencia de hum monte, que he o mais alto d'aquelle districto. Estava esta Ermida tão esquecida da devoção dos fieis,—e tão despresada que, nos tempos da calma *entravão nella os ga-*

---

[1] É negociante no Porto, na rua Nova da Alfandega.

[2] Contavam então 3 legoas de Moncorvo a Villa Flor—e outras 3 de Villa Flor a Mirandella. Hoje contam 28 kilometros de Mirandella a Villa Flor e outros 28 de Villa Flor a Moncorvo;—e, como o santuario dista de Villa Flor 6 kilometros para N., as taes 4 legoas dão hoje cerca de 34 kilometros!...
V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 730, col. 2.ª

dos a sestear! Nem he desculpa o ser aquelle sitio muito aspero, e tão alto, que delle se veem terras de sete bispados,[1] assim de Portugal, como de Castella. Porem hoje (refere-se ao anno de 1712) he este santuario muito celebre n'aquella provincia, pelas muitas e grandes maravilhas que Deos tem obrado nella pelos merecimentos de sua Mãy Santissima.»

E prosegue com a historia da capella da *Senhora da Assumpção.*

Em resumo diz o seguinte:

—

Data de tão remota antiguidade que já em 1712 se não sabia quando nem por quem foi fundada.

Foi um templo muito humilde na sua origem e pelo meiado do seculo XVII cahiu em tal abandono que *os gados n'ella sesteavam*, mas um facto muito extraordinario a salvou do olvido.

Em 4 de setembro de 1673 (*Sant. Marianno*, logar citado) uma menina de Villas Boas, por nome Maria, de 10 annos de idade, filha de Jacome Trigo, estando a lavar em um ribeiro contiguo á villa, appareceu-lhe uma mulher de surprehendente bellesa que a chamou;—lançou-lhe a benção;—levou-a a uma ribanceira proxima, da qual brotou no momento uma fonte d'agua;—banhou-lhe a cabeça com a dita agua e lhe disse:—«estás sã do mal que padecias, mas a sesão que tiveste na sexta feira te ha-de repetir ainda hoje; vae pois para tua casa e depressa, para que te não dê no caminho.»

Disse-lhe mais: «lembras-te de quando ias defronte da minha Casa, na Portella de Val Formoso, e eu peguei em ti sem o saberes, livrando-te de perderes a vida em um despenhadeiro, indo em teu seguimento João Lopes e Affonso Trigo que te levou nos braços para casa? Eu sou a Virgem da Assumpção. Vae e dize aos teus visinhos que jejuem a primeira sexta feira e concertem a minha casa, porque eu não cessarei de interceder por vós todos...»

[1] Aliás de 14. Logo os indicaremos.

P. A. F.

No dia 7 do mesmo mez, estando a menina com seus paes em uma eira limpando um pouco de pão, a mesma Senhora lhe appareceu outra vez, sendo já sol posto, e lhe disse que fosse á sua capella. Foi. A meio da ladeira do monte encontrou a Senhora; viu a capella com as portas fechadas e toda cheia de luzes, e a Senhora, tomando uma cruz de madeira que estava na encosta, deu-a á menina e lhe disse: «vae á villa recommendar de novo a todos que não se esqueçam do jejum—e dá-lhes a beijar esta cruz.»

Apenas chegou a casa de seus paes, onde encontrou Bento Lopes e um moço chamado João, pediu-lhes que a acompanhassem, ao que elles annuiram, e, tomando duas velas accesas, percorreram a povoação com a menina, dando esta a beijar a cruz a todos e recommendando-lhes o jejum.

No dia seguinte, sexta feira, 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora, foi a menina repôr a cruz no sitio donde a havia trazido.

A Senhora de novo lhe appareceu e lhe disse que todos os sabbados fosse vel-a á sua capella, o que a menina cumpriu.

Em breve se divulgaram estes factos e logo se avivou a fé com a Virgem da Assumpção nos povos circumvisinhos até muitas legoas de distancia, augmentando espantosamente de dia para dia a concorrencia dos fieis e as rendas do santuario com as offertas em cumprimento de votos e em signal de gratidão pelas curas maravilhosas que experimentavam os enfermos.

Na pequena sacristia se guardava em 1712 um livro em que se achavam registrados muitos milagres, entre elles os seguintes:

—Maria Nunes da freguezia de Sebadelhe, concelho de Foscôa, estando entrevada desde muitos annos, invocou a intercessão da Virgem e logo se restabeleceu.

—Domingos, filho de Francisco Esteves, da freguezia do Peredo, aleijado havia um anno, foi visitar a Senhora e ficou immediatamente são.

—Domingos do Sil, de Villa Flor, estando coberto de lepra, foi lavar-se na fonte da Senhora e ficou limpo.

—Em 1708 um aleijado de nascimento, que só se movia de rastos, esteve 9 dias na capella da Senhora e ficou illeso e são.

—

Sendo extraordinaria a concorrencia dos fieis e não havendo outro caminho alem d'uma escabrosa e estreita senda para subir até á capellinha da Senhora, um capitão-mór de Lamego mandou fazer á sua custa uma estrada em que trabalharam 15 homens oito dias—e calculou-se em 15:000 pessoas a concorrencia dos fieis só n'aquelle anno.

A imagem da Virgem é uma primorosa esculptura de madeira, medindo 3 palmos d'altura, e já em 1712 se festejava com pompa a 15 d'agosto e no dia da Ascenção do Senhor, presidindo o parocho de Villas Boas, a cuja matriz a capellinha estava annexa.

A isto se reduz a historia d'este santuario até 1712, segundo se lê no *Santuario Marianno*;—agora cumpre-nos dar a continuação d'ella até hoje, aproveitando os pequenos dados que nos foi possivel colher.

III

É pouco interessante e pouco edificante a historia d'este santuario desde 1712 até 1843, pois durante aquelle longo periodo de 131 annos conservou-se por assim dizer estacionario e reduzido a mesquinhas proporções, sendo administrado por *mesas* compostas de um juiz ou presidente, de um vice-presidente e de um thezoureiro, todos de eleição popular e (salvas honrosas excepções) pouco zelosos em promoverem o esplendor do santuario e em administrarem as rendas d'elle.

O santuario reduzia-se a uma pequena e humilde capella no topo do cabeço, com altar môr e dois lateraes, um campanario e uma sineta!

Subia-se para a humilde capella por uma escadaria informe e muito estreita, descrevendo uma especie de semi-circulo em volta de uma grande fraga que se erguia quasi em frente da capella,—e do lado N. ou de Meirelles [1] havia tambem um grande cabeço mais alto do que a capella. Não só lhe tirava as vistas, mas affrontava muito o adro, pois entre o dicto cabeço e a capellinha apenas ficava livre o espaço de um metro, ou pouco mais, para passagem dos romeiros.

A mesa de 1837 deu principio ao novo templo, mas em 1843 ainda estava *sicut erat in principio*, por falta de recursos, pois todo o rendimento do santuario se evaporava!...

—

Assim se conservaram as coisas até 1843. data em que fizeram por junto a capellinha do *Calvario*, na encosta do monte, a 1.ª das 5 que hoje lá se vêem.

No anno seguinte o administrador do concelho,—Francisco Leite Pereira d'Almeida, cunhado do sr. visconde de Seabra,—desejando pôr cobro a tanto desleixo e tão má administração, depois de conferenciar com o governador civil do districto, propoz-lhe para gerir as rendas do santuario uma commissão composta dos 9 cavalheiros seguintes:—Antonio Ayres de Soveral, prezidente, —José Diogo de Moraes Ferraz, secretario, — João Tenreiro de Figueiredo, — Adrião Maximo de Sá Magalhães (todos 4 de Villa Flor),—José do Carmo da Costa Pinto, thesoureiro,—José Vicente Teixeira de Castro, ambos de Villas Boas,—Manuel Gomes da Silva Pinto de Magalhães Pegado, da freguezia de Roios,—Justiniano de Moraes Madureira Lobo, de Freixiel,—e Antonio Manuel Vaz de Magalhães, de Samões,—commissão respeitabilissima e que já presidiu á festa de 15 d'agosto de 1844.

N'aquelle anno (1844-1845) rendeu o santuario apenas 234$850 réis, mas em breve o seu rendimento se elevou a mais de *um conto de réis* por anno?!...

—

A primeira commissão desenvolveu logo muita actividade e nos poucos annos da sua administração teve a gloria de ver augmentar consideravelmente a devoção dos fieis e as rendas do santuario.

Mandou edificar na encosta 4 capellas, comprando as respectivas imagens, etc.—instituiu em 1859 a festa de Santa Eufemia, cuja imagem foi feita no mesmo anno e levada em procissão com grande pompa, de

[1] O santuario dista da povoação de *Meirelles* 1 kilometro para S.

Villa Flor para o santuario, no 3.º domingo de setembro, dia da sua festa;—em 1854-1855 mandou construir a casa da commissão, ou dos *Milagres*, que importou em réis 1:450$850, e deu novo brilho e esplendor á festa e romagem do dia 15 d'agosto, que é a principal.

Deixou de si memoria honrosissima, sendo unicamente para lamentar que não subordinasse a um plano harmonico e completo as obras todas que fez e as que de futuro deviam fazer-se n'este santuario e nas suas dependencias: — capellas, escadarias, fontes, arborisação, etc.

O santuario é hoje o primeiro da provincia, mas podia brilhar muito mais, se todas as suas obras obedecessem a uma planta bem traçada e apropriada ás condições de tão esplendido e vistoso sitio.

Terminou a benemerita commissão a sua gerencia em 1860. No primeiro anno teve de rendimento apenas 234$850 réis—e no ultimo 1:226$285?!...

Apurou durante a sua zelosa gerencia 7:980$313 réis;—despendeu 6:900$485—e deixou de saldo 1:079$828 réis.

—

A 2.ª commissão, nomeada por officio do governo civil de 12 de julho de 1860, foi a seguinte:—Antonio José de Macedo e Vasconcellos, presidente, — José do Carmo da Costa Pinto, thesoureiro,—José Vicente Teixeira de Castro, (todos 3 de Villas Boas e os dois ultimos reconduzidos);—João Pedro Miller, secretario, Bento José Vaz, Miguel Corte Real e Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, todos 4 de Villa Flor.

Um dos primeiros cuidados d'esta commissão foi tornar mais accessivel o santuario, para o que, em substituição da estreita escadaria, fez a escadaria actual, concluida nos fins de 1862, mas traçada infelizmente sem um plano harmonico tambem, pelo que demoliram por essa occasião duas das 7 capellinhas já feitas, ficando reduzidas a cinco!...

Em 1864, nas noites de 13 a 14 e de 25 a 26 de dezembro, sentiram-se aqui dois tremores de terra tão fortes que fizeram cair metade da casa do ermitão e arruinaram a egreja, abrindo-lhe uma grande fenda junto da porta travessa do lado norte. Reconstruiram logo a casa do ermitão, mas a egreja conservou-se fendida até 1870.

—

Em 1866 foi encarregado de levantar uma planta do santuario, aproveitando todas as obras já feitas, o engenheiro Eduardo Diniz Lopes de Sousa, que em dezembro do mesmo anno a concluiu e entregou á commissão, mas infelizmente, alem de ser extemporanea, pouco teem aproveitado d'ella!...

Ali se diz, entre outras coisas, o seguinte:

«O santuario de *Nossa Senhora da Assumpção* fica situado proximo a Villas Boas, no cume de uma montanha que se eleva cerca de 555^{m},0 sobre o rio Tua. [1] Esta montanha apresenta uma superficie conica, tendo as encostas muito rapidas, de modo que a subida, que já hoje se faz com um pequeno lacete, é ainda muito difficil, o que obriga a abandonar este caminho e bem assim algumas obras que não teem regularidade alguma!»

—

A 17 de maio de 1868 foi resolvida a reconstrucção da egreja, por estar fendida e ameaçando ruinas, e por ser muito acanhada.

Em 1870 já estava concluido o corpo da egreja;—em 1872 concluiu-se a torre;—em 1874 concluiu-se toda a obra de pedra [2]—e em 1875 fez-se toda a obra de carpinteiro.

Em 1870 a 1871 demittiu-se a 2.ª commissão e foi nomeada a 3.ª, composta dos 5 cavalheiros seguintes: — José do Carmo da Costa Pinto (reconduzido pela 2.ª vez) presidente,—Leonardo dos Santos Costa, thezoureiro, ambos de Villas Boas,—José Manuel Teixeira Malheiro, [3] Antonio Joaquim

---

[1] O templo da Senhora está na altitude de 150 metros sobre o nivel da povoação de Villas Boas,—diz o meu informador.

P. A. F.

[2] O mestre pedreiro foi José de Carvalho Gomes.

[3] E o dono da quinta e das celebres aguas alcalino-gasosas de *Bensaude*.

V. *Villariça* e *Villa Flor de Traz-os-Montes*.

de Moraes Medeiros e Miguel Corte Real, todos 3 de Villa Flor.

Esta commissão continuou as obras da egreja, mas durante pouco tempo, porque em 1873, por fallecimento do presidente José do Carmo da Costa Pinto, foi substituida pela 4.ª commissão, composta dos vogaes seguintes:—Manuel José da Costa Pinto, de Villas Boas, presidente,—Leonardo dos Santos Costa, Antonio Joaquim de Moraes Medeiros e José Manuel Teixeira Malheiro, reconduzidos.

Hoje (1886) a commissão gerente (5.ª) compõe-se do mesmo sr. Manuel José da Costa Pinto, presidente reconduzido, e José Baptista Negreiros, ambos de Villas Boas—Leonardo dos Santos Costa e Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, reconduzidos,—Diogo Miguel Pereira Cabral, Abel de Sá Taveira e Samuel Miller, todos 3 de Villa Flor.

—

Em 1877 foi encarregado da obra de entalha o habil artista José da Costa, de Mangualde, que satisfez com louvor e concluiu em setembro de 1879 a tarefa toda:—retabulo, tribuna e banqueta da capella-mór, 2 altares lateraes, pulpitos, tocheiros, grades do côro, etc., tudo por 2:200$000 réis.

Depois continuaram com as obras do adro.

Em 1883 (14 d'agosto) foi collocado na torre que decora a fronteria da egreja e se levanta a meio d'ella, um carrilhão de 10 sinos, feito em Lisboa, (custou 1:200$000 réis) —e em 1885 um *para-raios*, comprado na Inglaterra.

Em 8 de março de 1886 deram principio ao douramento de toda a obra d'entalha, que a estas horas (novembro do dicto anno) deve estar concluida.

Arrematou-a por 1:600$000 réis o mesmo entalhador José da Costa, sendo todo o ouro de 23 quilates,—e, antes de se dar principio ao douramento, foi estucado o tecto de toda a egreja, com o que despendeu a commissão 150$000 réis.

Foi tambem concluido este anno o lageamento de todo o adro, que custou 700$000 réis,—*só o lageamento*,—obra muito precisa, porque o vento, em rasão da grande altura do sitio, desabrigado de todos os lados, levantava não só a poeira, mas areias e *pedras!*... Alem d'isso favorece a conservação dos altos e caros muros de supporte, porque foram tomadas com argamassa todas as juntas das pedras que formam o lageamento. Ficou este com superficie plana, tendo apenas o declive necessario ao esgoto, para o que foram demolidos os 2 penhascos de que já fizemos menção supra,—e está em esquadria perfeita, o que obrigou a fazer grandes muros de supporte, nomeadamente nas esquinas, por ser de fórma conica o alto pincaro.

A parede do lado sul tem 15 metros de altura?!... Para obviar a sinistros é todo guarnecido por grades de ferro com columnatas de granito e nos 4 angulos se erguem 4 estatuas de louça, de tamanho natural, representando a *Fé, Esperança, Caridade* e *Gratidão.*

—

No dicto adro, lado norte, se vê a casa da commissão ou dos *Milagres*, onde se recebem os donativos dos fieis—e a meio do mesmo adro se ergue o novo templo, que, se não tem bellesas architectonicas, é muito elegante e muito solido, condição indispensavel para resistir á furia dos vendavaes, que faziam voar as telhas, embora duplas e bem argamassadas, pelo que toda a telha do novo templo é de *Marselha* e está presa ao madeiramento com arame de cobre!...

A nova egreja tem de comprimento 19^{m},50 —e de largura 7^{m},0 por ser quasi impossivel dar maior desenvolvimento ao adro.

A sacristia prolonga-se com a egreja e está unida á capella-mór. É pequena, mas tem as accommodações precisas em dois pavimentos e favorece a exposição do Santissimo nos dias de festa, porque a imagem da Senhora que decóra o throno está firme em uma porta e basta abrir esta para se collocar no alto do throno a sagrada custodia.

Terminada a festa, retira-se a custodia e, fechando-se outra vez a porta, fica immediatamente no seu logar a imagem da Virgem.

Sobe-se hoje para o adro por duas escadarias de pedra:—uma de 30 degraus a N., que é o lado mais accessivel,—outra de 138 degraus, a O., que é a principal.

—

Junto d'este pincaro se vê ainda restos de um muro que mostra ter feito parte de fortificação antiquissima;—ali e em volta do mesmo pincaro se teem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas cavadas na rocha, e outras feitas de tijolo;—em um pequeno outeiro proximo, do lado de Villa Flor, se vêem restos de edificações;—no chão onde hoje está a capellinha do *Calvario* se encontrou uma cisterna—e, quando se fez a escadaria proxima, encontrou-se o encanamento que devia conduzir a agua para a dicta cisterna.

Tambem, como já dissemos, a pequena distancia do mesmo pincaro se vê ainda grande quantidade de escorias de preparação de metaes.

Tudo isto revela claramente a remota occupação d'estes sitios. E nada mais natural, porque são muito vistosos, lindissimos, e tanto o pincaro de *Nossa Senhora da Assumpção* como o do *Pharo*, que lhe é contiguo e se ergue do lado sul, a distancia de 2 kilometros, não só eram muito defensaveis para os tempos d'armas brancas, mas prestavam-se admiravelmente para *atalaias*, pois dominam todo o terreno circumjacente até grande distancia,—e para darem por meio de fogos signal d'alarme em occasião de guerra, como se praticou desde o tempo dos antigos lusitanos até á invasão franceza, em nossos dias.

V. *Almenara, Facho, Telegraphos* e *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 497, col. 2.ª e segg.

—

Os fachos e almenaras foram os telegraphos d'outr'ora.

Ainda hoje temos no nosso paiz varios montes denominados do *Facho*, porque n'elles se accendiam os taes fogos—e estamos certos de que este monte do *Pharo* tomou tambem o nome dos fogos que n'elle ardiam, pelo que não deve denominar-se monte do *Faro*, mas do *Pharo*, que em portuguez significa *torre com farol.*

E bom *farol* podia e devia ser—e *foi com toda a certesa*,—porque do alto d'elle, bem como do pincaro da *Senhora da Assumpção*, se avista a Serra da Estrella, a S.,—a do Marão a N. O.,—a de *Senabria*, em Hespanha, a N. E.,—e outras, cujos nomes ignoramos, — comprehendendo terras não de 7 bispados, como diz o *Santuario Marianno*, mas de 14, ou dos mesmos já indicados no artigo *Villarinho da Castanheira*:—Bragança, Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda e Coimbra, em Portugal,—e na Hespanha:—Cidade Rodrigo, Zamora, Salamanca, Placencia, Coria, Orense e Tuy.

—

A isto se reduz o santuario de *Nossa Senhora da Assumpção* no momento.

Contando muitos seculos, nunca atravessou um periodo de tanta prosperidade como desde 1843 até hoje e, se não afrouxar o zelo dos seus administradores, muito prosperará no futuro.

A parte mais importante está feita e estão vencidas as maiores difficuldades. Restam só os embellesamentos que bem merece e que já estão indicados na planta do engenheiro Lopes de Sousa.

São 3 as festas que hoje aqui se celebram:—as duas da Virgem no dia da Ascenção do Senhor e a 15 d'agosto, e a de Santa Eufemia no 3.º domingo de setembro, sendo a de 15 d'agosto a principal. Costumam convidar para ella uma banda regimental de Bragança;—prégou no anno de 1886 o rev. José Maria d'Almeida, de Villa Nova de Foscôa;—renderam as offertas *só n'aquelle dia* mais de um conto de réis—e foi extraordinaria a concorrencia do povo, attrahido pelos encantos do local, pelo renome da festa e da Virgem e pela bellesa do templo, que está lindo como os amores,—alvo de neve exteriormente, e interiormente muito bem acabado e todo estucado e dourado de novo.

É hoje o templo mais bello da provincia e, se foi extraordinaria a concorrencia no anno de 1886, maior deve ser logo que se abra ao transito a linha ferrea do Tua, porque o santuario dista apenas 3 a 4 kilometros da estação de Villa Flor;—está ligado com ella pela estrada real a macadam n.º 38,—e fica por consequencia em intimo contacto com todas as povoações servidas pela linha ferrea do Tua e pela do Douro, desde o Porto até Salamanca,—linhas que por occasião da

grande festa baratearão os preços, o que muito contribuirá para o augmento da concorrencia e esplendor da grande festa.

Tem pois deante de si este santuario o mais auspicioso futuro.

Muitos teem sido os protectores d'este santuario e bem quizeramos mencional-os todos, mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os seguintes:

Francisco Leite Pereira d'Almeida, o administrador que o libertou do marasmo em que jazia, entregando-o á zelosa gerencia das benemeritas commissões.

Manuel José da Costa Pinto, caracter nobilissimo, presidente da commissão actual e que o ama do coração.

Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, dignissimo vogal da 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª e *ultima* commissões.

Tem prestado muito relevantes serviços a este santuario desde julho de 1860—ou durante 26 a 27 annos consecutivos, sem que jámais fraquejasse a sua inimitavel dedicação.

Merecem tambem justos louvores outros muitos vogaes das diversas commissões, mas entre todos os bemfeitores e protectores d'este santuario o mais benemerito até hoje tem sido o sr.

Augusto dos Santos Gomes

Nasceu n'esta freguezia, na povoação de *Villas Boas*, em 8 de novembro de 1834 e foram seus paes Manuel Antonio Gomes e Maria José de Jesus.

É negociante no Porto, e preso com os seus negocios, já não vem a esta freguezia desde 1876; mas, como bom cidadão, bom filho e sinceramente religioso, nunca esqueceu a sua terra natal e menos ainda a Virgem da Assumpção, a quem elle desde a infancia tomou por mãe carinhosa e por sua protectora,—e, como os seus negocios lhe sorriem, deseja mostrar-se grato.

Desde que principiou a restauração do templo e do santuario da Virgem da Assumpção, muito espontaneamente e com intimo jubilo tem auxiliado a empresa com os recursos de que felizmente dispõe.

Deu todas as cordas que se gastaram na construcção da egreja e quasi todos os objectos de prata que hoje tem o santuario:—um calix, uma campainha, um par de galhetas, uma lampada, thuribulo, naveta, etc.

Deu mais 4:000 azulejos, as 4 estatuas que estão nos angulos do adro, 2 sinos do carrilhão e o para-raios, que lhe custou 100$000 réis na Inglaterra e o mandou assentar pelo seu filho Ambrosio dos Santos Gomes, indo do Porto ali expressamente.

Pagou tambem a um homem que veiu expressamente de Lisboa ensinar a tocar o carrilhão e, pedindo-lhe uma das commissões licença para collocar o seu retrato na *casa dos Milagres*, em signal de gratidão, elle muito generosamente offereceu o retrato que lá se vê e que é uma photographia esplendida.

Tambem pagou generosamente n'este anno (1886) os dois sermões ao orador de Foscôa e sabemos que, apenas se abra ao transito a linha ferrea do Tua, tenciona abrilhantar a primeira funcção com um dos mais distinctos oradores do Porto e ir elle proprio visitar o santuario que tanto tem protegido.

Deu tambem para a imagem da Senhora um manto de seda, que lhe custou 90$000 réis—e, se Deus lhe conservar a existencia, não serão estes os ultimos donativos, por certo.

Pode computar-se em 500 a 600$000 réis tudo o que até hoje tem despendido com o santuario.

A virgem lhe pague em bençãos tanta dedicação e tanto amor.

—

Fecharemos este topico lembrando ás benemeritas commissões administrativas d'este santuario 3 coisas:

1.ª—A arborisação do pincaro,—do terreno adjacente—e da estrada real a macadam desde o santuario até á estação de Villa Flor, escolhendo de preferencia *sovereiros* e *oliveiras*, porque são arvores muito vivases, de muita duração e de muito rendimento. Podem com ellas embellesar o santuario e crear uma importante verba de receita no futuro.

2.ª—Crear uma feira annual na vespera e no dia da grande romagem—14 e 15 de agosto.

3.ª—Empregar todos os meios para abastecer d'agua o santuario, embora a conduzam de distancia, de Villas Boas ou de outro qualquer ponto, em tubos de ferro.

—

Ao meu bom amigo e cyreneu, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, mas residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLE,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Sebastião;—fogos 46,—habitantes 250.

Em 1706 era curato da apresentação do collegio de S. Bento de Coimbra;—rendia para os frades 70$000 réis e 30 para o cura;—pertencia ao termo e concelho de Caminha, comarca de Vianna—e contava 50 fogos.

Em 1768 era da apresentação do D. Abbade benedictino do convento de Tibães;—rendia para o cura 8$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 42 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 44 fogos e 237 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 52 fogos e 230 habitantes.

Comprehende 3 povoações:—Egreja, Quelha e Serrape.

Demora em terreno muito saudavel, mimoso e fertil na linda ribeira d'*Ancora* e na margem direita do rio d'este nome,[1] do qual dista cerca de 1 kilometro para N.;—3 (approximadamente), da linha ferrea do Minho,—da estrada real a macadam n.º 4, de Vianna a Caminha,—da beira-mar, e da estação d'Ancora, na linha ferrea do Minho, para E., mettendo-se de permeio a freguezia de *Gontinhães*;—9 de Caminha;—18 de Vianna;—100 do Porto—e 437 de Lisboa.

—

Producções dominantes:—milho, vinho, trigo, centeio, fructa e hervagens, pelo que tambem engorda bastante gado bovino para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha muito decadente.

V. *Villar d'Andorinho.*

Tambem é mimosa de caça dos seus montes e de peixe do mar e do Ancora.

Freguezias limitrophes:—Gontinhães a O.;—Riba d'Ancora a E.—e á N. Azevedo, mettendo-se de permeio os montes de *Varaes*, que são divididos pelas duas freguezias. A S. fica encravada entre as freguezias de Riba d'Ancora e Gontinhães que tomam toda a margem direita do Ancora e não deixam tocar n'elle esta parochia de *Ville*, estando aliás tão proxima do rio, aqui atravessado pela celebre ponte de *Abbadim*, entre as freguezias d'Ancora e Gontinhães.

V. *Abbadim*, aldeia, vol. 1.º pag. 10, col. 2.ª—e note-se que a dicta ponte não é *metade* do concelho de Vianna e *metade* do concelho de Caminha, como disse por lapso o meu benemerito antecessor no logar citado.

É *toda* do concelho de Caminha, porque a este concelho pertencem as duas freguezias d'Ancora e Gontinhães, posto que a freguezia d'Ancora está na margem esquerda do rio e por consequencia devia pertencer ao concelho de Vianna.

—

O chão d'esta parochia estreita gradualmente ao passo que avança para o sul e termina d'este lado em semicirculo a menos de 150 metros da margem direita do Ancora?!...

A ponte de *Abbadim* tem a avenida S. na freguezia d'Ancora. A avenida N. está na freguezia de Gontinhães, mas quasi que toca tambem n'ella a freguezia de Riba d'Ancora, pelo que póde dizer-se que a mencionada avenida é n'este ponto a *linha divisoria* das duas freguezias.

A ponte actual de *Abbadim* não é a ponte *romana*, como disse o meu antecessor. Essa estava cerca de 30 metros a jusante. Ainda lá se vêem claros vestigios nas duas margens e não ha muito que d'ali se tirou al-

---

[1] A *Chorographia Moderna* diz que está na margem *esquerda* do *Coura*!
Foi lapso.
Está na margem *direita* do *Ancora*.

guma cantaria para concerto das guardas da ponte actual que, segundo diz a tradição, é do tempo dos Filippes e nós assim o cremos, pois na dicta ponte se vê a data *1608*.

Ha tambem no Ancora, cerca de 1 kilometro a montante da ponte de *Abbadim*, umas alpondras para passagem no verão,—e a jusante, junto da capella de S. Braz, um pontão denominado *Ponte da Torre*, posto que hoje nas circumvisinhanças não ha torre ou fortalesa alguma.

—

Ainda com relação á ponte de *Abbadim* a tradição diz que o mestre da obra vivia na proxima aldeia de *Aspera*, freguezia de Ancora, nas casas que hoje são dos herdeiros de Cypriano Affonso e que estão no pequeno *Largo de Santa Luzia*, a uns 40 metros da ponte;—que, ouvindo em certo dia estalar os *azimbres* d'ella, suppoz que ella tinha desabado e tanto se assustou e impressionou que em breve morreu,—e que o grande arco da ponte ficou sem fecho.

Ficaria, mas hoje está completo e não accusa defeito; pelo contrario, apesar da sua grande altura, está *muito solida* e tanto que na grande cheia de 1865,—a maior de que ha memoria na *Ribeira d'Ancora* e que levou a antiquissima ponte de *Soutello* e a nova de 3 arcos junto da foz do Ancora, na estrada real a macadam, bem como todos ou quasi todos os moinhos do rio Ancora, o enorme volume d'agua cobriu as avenidas e o grande arco da ponte. Apenas ficou a descoberto o centro do leito d'ella, por ser um pouco mais alto. A ponte oscillou, como viram muitas pessoas que presencearam tão imponente espectaculo, mas ficou firme e firme se conserva ainda hoje, apesar dos seus 268 annos e do violentissimo embate d'aquella enorme cheia e do grande volume d'arvores e madeira das casas e dos moinhos que a torrente levou d'envolta contra a ponte.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam, passa porem muito perto, como já dissemos, a estrada real n.º 4, e mais perto ainda a districtal, que partindo da estação d'Ancora deve entroncar na de Vianna a Ponte de Lima, seguindo por Gontinhães, Riba d'Ancora, Soutello, Orbacem, S. Lourenço, etc.,—estrada importante, porque servirá muitas freguezias da ribeira d'Ancora e do valle do Lima; infelizmente porem a sua construcção vae a passo de lesma!...

A egreja matriz está muito bem situada no centro da freguezia e foi feita ou reconstruida em 1675. É esta a data que tem no pulpito—e no altar das Almas tem est'outra:—1676. Foi tambem reconstruida em 1867 com o subsidio de 100$000 réis dado pela Bulla da Crusada;—em 1876 fez-se de novo a capella-mór;—foi ampliada a sacristia,—e estucado e pintado o corpo da egreja. Fez-se tambem um novo campanario e n'elle se collocaram 2 sinos:—o do campanario velho e um outro mandado fazer de novo,—tudo a expensas do benemerito parochiano Luiz Bernardo Gonçalves Pereira, filho de Antonio José Pereira e de Maria Gonçalves, casado com uma filha do commendador José Bento Ramos Pereira, natural de Riba d'Ancora e rezidente no Porto, cavalheiro de muito merecimento e tambem generoso bemfeitor da egreja e freguezia de Riba d'Ancora, onde possue uma luxuosa vivenda.

Luiz B. G. Pereira vive actualmente no Rio de Janeiro, onde é negociante, mas, embora longe da patria, nunca esqueceu a terra que lhe foi berço. Pelo contrario (honra lhe seja!) sempre lhe dedicou o mais entranhado affecto, como dedicam ao nosso paiz todos os portuguezes que constituem a nossa respeitabilissima colonia brazileira,—gloria e orgulho de Portugal e inveja de todo o Brazil!...

—

A egreja está extremamente limpa e tem 4 altares:—o mór, onde se vê a imagem do padroeiro, e 3 lateraes, sendo um, o do lado da epistola, dedicado ao Coração de Maria—e os dois do lado opposto dedicados á Virgem do Rosario e Almas.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a do Corpo de Deus e Coração de Maria, simultaneamente, em fins d'abril ou principios de maio.

Esta egreja teve o seu principio em uma

capellinha de S. Sebastião que desde tempo immemorial esteve em um monte proximo, hoje povoado de pinheiros e denominado *Pinheiral do Santo*, nome que tomou da velha capellinha, porque n'estes sitios e em grande parte do Minho o martyr S. Sebastião era e é denominado por antonomasia o *Santo*. Assim ainda hoje em Ancora e Gontinhães, onde ha duas capellas de S. Sebastião, as aldeias contiguas ás dictas capellas são vulgarmente denominadas *aldeias do Santo*—e os habitantes das mesmas aldeias são tambem conhecidos pelo appellido do *Santo*.

Como a primitiva capella se achasse em ruinas e os habitantes de *Ville*, ou das povoações da *Egreja*, *Quelha* e *Serrape*, não tivessem outro templo, pois a sua egreja matriz era a do antiquissimo convento benedictino de *S. Pedro de Varaes*, muito distante [1] e commum tambem aos povos que hoje constituem a freguezia de Azevedo (logo explicaremos isto), resolveram restaurar a dicta capella de S. Sebastião e transferil-a, como transferiram, para o local que hoje occupa no centro das dictas povoações, para ficar mais accessivel a todas. Finalmente, desligando-se os povos de *Ville* e *d'Azevedo* da egreja do convento de *Varaes* e constituindo-se em parochias independentes, os de Ville arvoraram a dicta capella em egreja matriz—e o padroeiro d'ella *S. Sebastião* em orago e padroeiro da nova freguezia.

Suppõe-se que a dicta capella outr'ora estava approximadamente no sitio onde hoje se vê um dolmen, já sem cobertura, a meio do *Pinhal do Santo de Ville*, cerca de 1 kilometro a jusante do local que hoje occupa a egreja.

É possivel que até em outros tempos houvesse ali alguma povoação, mas ha muito que no tal sitio apenas se vêem as ruinas do dolmen.

—

Tem esta freguezia residencia parochial,—um pequeno passal—e um cemiterio. Demora este junto da egreja matriz, lado sul;—sobe-se para elle por 3 degraus,—tem fronteria de granito, porta de ferro e 18 metros de comprimento por 14 de largura;—foi benzido solemnemente no dia 28 de fevereiro do anno de 1886, assistindo ao acto differentes presbyteros das parochias circumvisinhas—e terminou a benção com um *Te-Deum*.

Está muito decente e é o 2.º benzido na *Ribeira d'Ancora*. O 1.º foi o da parochia de Riba d'Ancora. Benzeu-se no dia 9 d'outubro de 1885, havendo por essa occasião festa apparatosa, *Te-Deum*, missa cantada e sermão allusivo ao assumpto;—o 2.º foi este de *Ville*;—o 3.º foi o de Freixieiro de Soutello.

Benzeu-se no dia 10 de outubro do anno de 1886 e é um dos mais espaçosos e mais luxuosos da *Ribeira d'Ancora*. Tem 36 metros de comprimento—28 de largura—e demora tambem a pequena distancia da egreja parochial; mas de todos os d'esta ribeira o mais vantajosamente situado e que está prestes a concluir-se, é o da freguezia d'Ancora. Está mesmo em frente da porta principal da egreja, mettendo-se de permeio apenas o adro. Tem frontaria de granito, portão de ferro, etc.

Antes da construcção do cemiterio de *Ville*, os enterramentos eram feitos no adro.

—

Fabricou-se outr'ora n'esta freguezia boa telha e tijolo em abundancia, mas acabou a dicta industria por falta de materia prima.

A telha e tijolo que se gastam hoje aqui veem da freguezia d'Alvarães, concelho de Vianna.

Tambem pesou cruelmente sobre esta parochia de Ville a medonha trovoada de que já se fez menção no artigo *Mollêdo*, vol. 5.º pag. 370, col. 2.ª, e que assolou varias freguezias d'este concelho no dia 10 de junho de 1874.

A saraiva tinha o volume de ovos de pomba;—fazia um ruido assustador—e destroçou vidros, arvores, videiras e todos os renovos dos campos, causando prejuisos avaliados em mais de 50 contos de réis!...

De passagem diremos que o *Flaviense*, o *Port. S. e Profano* e a *Chorogr. Port.* deno-

---

[1] Cerca de 3 kilometros de pessimo caminho para N., em sitio alto, ermo e desabrido.

minam esta parochia *Villa* e não *Ville*, como hoje a denominam todos.

Convento de Varaes

Houve ao norte d'esta freguezia, no monte que a separa da freguezia d'Azevedo e que é uma projecção da serra d'Arga, um convento benedictino antiquissimo, talvez do seculo VII, como o de S. Salvador de Manhente e o de S. João d'Arga [1].

Era o dicto convento denominado de *S. Pedro de Varaes*;—deu o nome ao dicto monte—e estava precisamente no sitio onde ainda hoje se vê a capella de *S. Pedro de Varaes*, outr'ora egreja do extincto convento e que durante muitos seculos foi egreja parochial dos povos que hoje constituem a freguezia *d'Azevedo* a N. e esta de *Ville* a S.—desde 1640 a 1641.

É isto o que dizem a *Chorogr. Port.*, a *Descripção da Villa de Caminha* e a tradição, mas a *Benedictina Luzitana* nem sequer menciona tal convento, o que muito estranhamos, pois temos dados que nos levam a crer não só que elle existiu e foi dos frades bentos, mas que teve rendas proprias de certa importancia.

—

O padre Carvalho, fallando da freguezia de de S. Miguel d'Azevedo, diz:

«Esta freguezia e a que se segue (*S. Sebastião de Ville*) eram ambas huma, e então a parochia em *S. Pedro de Varaes*, que ainda hoje (1706) se vê na cerca, e foi mosteiro da Ordem de S. Bento, e seu Commendatario Fernão Velho, que em hum praso que fez a Lucrecia Lobo, se intitula *Abbade Reytor*, como consta do original, que vi em Viana, em mão de Afonso Pereira da Silva, senhor d'este praso.»

Os povos das duas mencionadas freguezias tornaram-se independentes e constituiram-se em freguezias proprias para evitarem o incommodo de demandarem a matriz que estava distante e completamente isolada no meio do monte.

Foi isto pelos annos de 1640 a 1641, pois o estatuto da irmandade de Santo Isidoro [1] diz que em 1641 se aggregaram á dicta irmandade estas duas freguezias que se haviam separado, pelo que a irmandade de Santo Isidoro, que até aquella data comprehendia só 14 freguezias, ficou comprehendendo 15.

Tambem é certo que esta parochia de *Ville* e a de *Azevedo*, depois da desmembração, ficaram pertencendo ao convento benedictino de Tibães, do qual passaram para o collegio benedictino de Coimbra, por terem sido dos frades bentos antes da separação.

—

A mesma capella de *S. Pedro de Varaes* ainda hoje revela muita antiguidade e em uma das suas paredes se vêem claros vestigios de ligação com o extincto convento, cuja fabrica devia ser modesta e humilde, como a de todos os primitivos conventos de monges.

Dividida em duas a antiga parochia de *S. Pedro de Varaes*, ficou a velha matriz pertencendo a esta parochia de *Ville*, cujo parocho todos os annos no dia de S. Pedro costumava ir cantar a missa do antigo padroeiro na velha matriz de Varaes, o que era bastante violento para o parocho e mais ainda para os parochianos, porque ficava a nova matriz sem missa e elles tinham de ir ouvil-a a Varaes, o que os determinou a cederem a antiga capella aos habitantes d'Azevedo, que ha muito reclamavam e pretendiam chamal-a sua, tendo havido por causa d'ella varias pendencias entre os dois povos [2]; mas em breve reconheceram os mesmos inconvenientes que determinaram os habitantes de *Ville* a ceder-lh'a. Os *de Azevedo* por seu turno a cederam á irmandade de Santo Isidoro, que a reparou e conserva, para satisfazer a um clamor annual do seu compromisso.

Vae ali a irmandade com o dicto clamor na sexta feira da segunda semana da quaresma, em cumprimento de um antigo voto. É este hoje o unico dos muitos clamores que ali costumavam ir em outros tempos.

---

[1] V. *Gondinhães*, vol. 3.º, pag. 306, col. 1.ª,—e *Arga* (S. João de) vol. 1.º pag. 238 M, col. 2.ª

[1] V. *Mollêdo*, freguezia d'este concelho de Caminha, vol. V, pag. 369, col. 2.ª e segg.

[2] V. *Azevedo*, vol. 1.º pag. 292, col. 2.ª.

Principia o clamor em um cruzeiro que está no meio d'uns rochedos a juzante da capella e termina com missa cantada e sermão, depois de cantarem a ladainha dos santos.

—

Na dicta capella se vê ainda hoje (1886) uma sepultura metida na parede e ha memoria de se encontrarem ali outras sepulturas semelhantes.

A cerca do conventó era espaçosa;—está hoje transformada em uma grande bouça—e em 1834 pertencia aos frades de Tibães.

Abundavam tambem n'esta parochia terras foreiras, pertencentes a diversos senhorios e que originariamente foram de um convento, que se suppõe ser o de Varaes; mas com o decorrer do tempo todos aquelles foros se acham remidos e as terras livres e allodiaes, pelo que esta parochia, apesar de pequena, é hoje remediada. Póde até dizer-se *rica.*

Felix Pereira e Luiz do Rego foram os directos senhorios do grande *praso de Varaes*, depois da extincção do convento de Tibães.

A cerca foi do visconde da Torre das Donas (Joaquim d'Azevedo) ao qual a comprou o rev. José Pires Cubal, hoje seu possuidor, —e no tombo se mencionavam outras cercas, *feitas com pedras altas em terreno baldio,*—cercas que o visconde da Torre das Donas despresou e deixou aos moradores d'esta parochia

Do exposto se vê que uma grande parte do chão d'esta freguezia pertenceu ao dicto convento de *Varaes.*

Rectificações

Esta parochia de *Ville* nunca esteve unida á de *Gontinhães*, mas sómente á de *Azevedo* [1], quando ambas formavam uma só e tinham por matriz commum a egreja do convento de *Varaes;* diz porem a tradição —que em tempos muito remotos todos os habitantes da Ribeira d'Ancora formavam uma só freguezia, cuja matriz era a capella de S. Braz, que ainda hoje se vê na veiga d'este nome, junto do rio Ancora, na margem direita d'elle.

É certo que o adro da dicta capella, hoje povoado de oliveiras e sovereiros, foi outr'ora *cemiterio*, pois ali se teem encontrado sepulturas antiquissimas. Ainda ha poucos annos a familia do rev. José Pires Cubal, que possue um campo fronteiro ao adro, em certas escavações que fez no caminho que passa entre o dicto campo e o adro, encontrou sepulturas feitas de pedras quadradas, com uma pequena lousa sobre a cabeceira, contendo ossadas humanas que, apenas se exposeram ao ar, de repente se transformaram em pó.

—

Do exposto se vê que estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos, inclusivamente pelos celtas, como prova o *dolmen*, de que já fizemos menção e que já foi reconhecido e estudado pelo sr. dr. Martins Sarmento, distincto archeologo de Guimarães,—e o *dolmen* já indicado pelo meu benemerito antecessor.

V. *Gondinhães* e note-se:

1.°—Que assim como o meu antecessor estranhou ninguem ter descoberto até aquella data o *dolmen* indicado por elle, alguem estranha que elle, demorando-se bastante tempo n'esta ribeira d'Ancora, como administrador que então era da casa do *Côvo* [1], não reconhecesse o outro dolmen do *Pinhal do Santo de Ville,* estando aliás muito proximo, distante apenas 1 kilometro do de Gontinhães, ou da *Barrosa*, para E.

2.°—Que no mencionado artigo (V. *Gondinhães*, tomo 3.° pag. 306, col. 2.ª *in-principio*)—estranhou não achar n'esta ribeira d'Ancora vestigios alguns de *mamoas*, tendo reconhecido muitas no termo da freguezia d'Ancora. V. vol. 1.° pag. 213, col. 1.ª *in-principio.*

3.°—Que a *veiga de Sapor*, indicada no artigo *Ancora*, pertence a esta parochia de

[1] V. *Gondinhães* e *Azevedo*, logar citado.

[1] V. *Côvo* e *Villa Chã*, vol. XI, pag. 683, col. 1.ª

De passagem diremos que a nobre casa do *Côvo* já vendeu todas as propriedades que por aqui possuia.

Ville. Demora a S. dos *Pinhaes do Santo* e está unida a elles.

4.º—Que a *veiga de Batalhoz*, (vulgo *Talhoz*) ali tambem indicada, prende com a de *Sapor*, mas pertence á freguezía de Gontinhães.

5.º—Que não ha hoje na ribeira d'Ancora veiga alguma com o nome de *Balthasares.*

6.º—Que a veiga de *S. Braz* tambem se denomina veiga dos *Ibres* e dos *Hebres.*

Ainda o dolmen

O sr. dr. Francisco Martins Sarmento, depois de visitar este dolmen, dedicou-lhe no *Pero Gallego*, jornal de Vianna, em abril de 1882, um artigo que vamos extractar:

«O monumento está muito arruinado. Ninguem se lembra de o ter visto com a respectiva mesa, mas ainda existe o individuo que aproveitou parte dos seus supportes para um lagar»—e diz que o tal homem n'essa occasião encontrou ali um objecto de pedra, que talvez fosse um punhal de rocha dioritica despontado.

«A anta de Ville[1] conserva ainda uma das pedras trazeiras, um supporte inteiro e outro traçado pelo meio, mas apesar de estar consideravelmente mutilada, nenhuma duvida pode haver de que é um monumento do mesmo typo que a *Lapa dos Mouros* (o dolmen de Gontinhães) supposto que de mais pequenas dimensões. Em compensação a *mamoa* de Ville póde dizer-se perfeita, e mostra á ultima evidencia que cobria toda a anta...»

«A sua orientação era a mesma que a da anta *da Barrosa*[2]. Contra a minha expectativa, a exploração d'este terreno volvido, e revolvido, apenas produsiu uma ponta de seta de quartzo branco, outra de silex escuro de uma delicadeza extrema, e uma machadinha inteira, de materia pouco differente da encontrada na *Lapa dos Mouros* (dolmen de Gontinhães). — Um pedaço de schisto, mostrando visivelmente ter servido de polidor ou afiador, pertence de certo á mesma epocha d'estes instrumentos de pedra. Não é a primeira vez que os tenho encontrado juntos...»

Ainda como prova da remotissima occupação d'estes sitios, mencionaremos o *Monte da Osseira*, cujo nome revela grande batalha e grande carnificina em tempos de que não ha lembrança. Demora a leste do extincto convento de *Varaes*, no termo d'esta parochia de *Ville*,—e na vertente sul do dicto monte ha um grande morro denominado *Curucho dos Mouros*, muito defensavel, que foi occupado e fortificado *in illo tempore*!...

É formado por medonha penedia muito ingreme, escalvada e nua;—termina em um planalto de difficil accesso—e foi defendido por importantes obras d'arte, de que ainda hoje se vêem claros vestigios:—restos de muros e de fossos e grandes movimentos de terra.

Ainda em 1833 a 1834, por occasião da lucta civil entre D. Pedro e D. Miguel, ali se deu o ultimo *feito d'armas.*

Indo a este valle de Ancora uma grande escolta para prender muitos milicianos miguelistas desertores, pertencentes a esta parochia de *Ville* e ás de Azevedo, Gontinhães, Venade, Riba d'Ancora e outras, os taes desertores, em numero de mais de 100—e todos armados,—fugiram para o monte de Varaes. Vendo-se perseguidos pela escolta, subiram para o tal *Curucho dos Mouros* e d'ali fizeram fogo sobre a escolta, obrigando-a a bater em retirada e a deixal-os em paz.

É um miradouro lindissimo.

—

A pequena distancia do tal *Curucho dos Mouros* ha um sitio denominado *Chão da Vermelha* e outro *Cabeça* ou *Cabeço de Ferro*.

Este ultimo tornou-se tristemente notavel, porque nos principios d'este seculo um malvado ali assassinou barbaramente uma mulher com uma faca e depois, para desviar de si as provas do crime, arrojou a faca para um fragoedo inaccessivel, onde foi vista durante muitos annos por differentes pessoas de *Ville*, quando iam colher matto n'aquelles sitios.

P. A. F.

---

[1] O sr. dr. Sarmento denomina *anta* o que outros denominam *dolmen*.

[2] Refere-se ao dolmen de Gontinhães, que está na veiga da Barrosa. Ambos olham para o nascente.

José Fernando Pereira Deville

Com razão se orgulham esta parochia e este concelho de contar entre os filhos mais benemeritos o sr. José Fernando Pereira Deville, actualmente professor no Lyceu Nacional d'Evora,—cavalheiro muito estimado e considerado pela sua não vulgar illustração e pela nobresa de sentimentos e encantadora affabilidade que o distinguem.

Ao seu nome erigiu perduravel monumento o sr. D. Antonio da Costa no seu formoso livro *Auroras da Instrucção*, pag. 71.

Nasceu[1] n'esta parochia de Ville, que tomou por appellido;—foram seus paes Luiz Fernandes Pereira e Maria Gonçalves;—cursou o Lyceu e o Seminario de Braga;—em 1853 foi despachado para Caminha como professor de latim;—em 1859 foi transferido para Alcobaça;—em 1866 para Estremoz—e em 1880 para o Lyceu Nacional d'Evora.

Casou em Extremoz com D. Maria Carolina Segurado, da casa historica *d'Evora Monte* (V.) onde em 1834 se celebrou a convenção que poz termo á lucta civil entre D. Miguel e D. Pedro.

A dicta senhora falleceu em 1882 e era viuva do coronel Rodrigo Maria Cordeiro Vinagre, irmão do *Morgado da Talha*.

Durante a sua residencia em Estremoz foi o sr. Deville eleito vereador da camara em 3 biennios successivos, occupando sempre o logar de presidente com louvor e deixando de si memoria honrosissima, pois não só restaurou a cadeia da villa e a egreja do extincto convento franciscano, mas fundou a *Bibliotheca municipal* e o *Muzeu* annexo, inaugurados solemnemente no dia 2 de maio de 1880, o que lhe mereceu do governo uma lisongeira portaria de louvor.

V. *Estremoz* n'este diccionario e no supplemento.

Já depois de transferido para Evora foi (em 1881) eleito procurador á junta geral do districto por Estremoz e durante o exercicio d'este cargo tem sido desde 1882 eleito pela mesma junta membro effectivo da respectiva commissão executiva e vogal da commissão inspectora da *Escola Normal*.

[1] Em 23 d'abril de 1832.

—

Ao meu illustrado amigo e collega, o rev. sr. Manuel José Gonçalves, filho d'Ancora, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA,—freguezia do concelho e comarca de Amares, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Thiago apostolo,—fogos 86,—habitantes 390.

Em 1706 era abbadia da mitra;—rendia 150$000 réis;—pertencia ao concelho de Santa Martha de Bouro, comarca de Vianna,—e contava 100 fogos.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 350$000 réis—e contava 96 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 426 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 87 fogos e 398 habitantes.

Segundo se lê na *Chor. Moderna* comprehende as aldeias seguintes:—*Assento*, séde da parochia,—Fontes, Cabaduço, Traz de Devesa, Pomarinho, Monte, Carvalho, Pinheiro, Quintães, Faquiães, Chouzellas, Linharelho, Portella do Valle e Charilhe.

Freguezias limitrophes:—Goães a E.;—Seramil a N.;—Paredes Seccas a O.—e Dornellas a S.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, batatas, vinho verde e lã, pois tambem cria gado vaccum e lanigero.

—

Demora em terreno muito escabroso e accidentado na vertente meridional do monte de Santa Cruz, ramificação da serra do Gerez,—e o logar do *Assento* dista 4 kilometros da margem direita do Cavado para N. O.;—4 da villa de Amares para N.;—5 da margem esquerda do rio Homem para S. E. —8 de Villa Verde para E.;—19 de Braga (por Villa Verde);—74 do Porto—e 411 de Lisboa.

Foi da comarca de Vianna;—d'esta passou para a de Braga,—depois para a de Villa Verde—e por ultimo para a de Amares.

Administrativamente pertenceu ao concelho de Santa Martha de Bouro, extincto pelo

decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Amares—e tambem uma parte d'ella pertencia ao concelho de Paredes Seccas, extincto pelo mesmo decreto de 31 de dezembro de 1853.

Não tem estrada alguma a macadam; passava porem ao norte d'esta freguezia a celebre estrada da *Geira*. Tinha ella aqui um marco milliar que esteve e não sabemos se está ainda no alpendre ou gallilé da matriz, com a inscripção seguinte:

HA: ASTULA: ICAUL. G: C. RAV
TO QUIRINALI: VAL. S.
FESTO LEG. AVG:
M. P. X.

Assim a deu Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, pag. 50, v.;—d'ali a copiaram Argote (*Memorias*, tomo 2.º pag. 536, v.—e *De Antiquitatibus*, vol. 3.º das dictas *Memorias*, pag. 292)—bem como o dr. Levy Maria Jordão,—*Portugaliae Inscriptiones*, pag. 57, n.º 150.

A inscripção é a mesma. Apenas se notam algumas pequenas variantes provenientes das differentes copias.

Quer dizer: que Rancio da familia Quirina e Valerio Festo, legados do imperador, foram os intendentes da reedificação d'aquella estrada — e que de Astula a Braga eram 10:000 passos, ou duas leguas e meia.

—

Alem da egreja matriz, que é um templo modesto, ha n'esta freguezia 2 capellas particulares:

1.ª—*Senhora da Conceição*.

Demora no logar e quinta do *Pinheiro* e foi feita no anno de 1747 por ordem e á custa de Domingos Loureiro, natural da freguezia de Valdozende, concelho de Terras do Bouro e senhor da mencionada quinta, então residente no Rio de Janeiro, impondo-lhe a obrigação de uma missa quotidiana e 3 festas:—uma no dia da padroeira,—outra no dia de Santo Antonio—e outra no dia de S. Gonçalo; mas ha muito tempo nada d'isto se cumpre.

É actualmente possuidor da quinta e capella Manuel Joaquim Ramalho, da dicta parochia de Valdozende.

2.ª—*Santo Antonio*.

Demora na povoação de Chouzellas e foi mandada fazer em 1851 pelo rev. Antonio José Gonçalves d'Azevedo, natural d'esta freguezia, impondo-lhe a obrigação de duas missas annuaes:—uma no dia de S. José—outra no dia de Santo Antonio.

VILLELA,—freguezia do concelho e comarca da Povoa de Lanhoso, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Miguel;—fogos 144,—habitantes 602.

Em 1706 era abbadia da apresentação da mitra;—pertencia ao termo e concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães;—rendia 200$000 réis—e contava 60 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 350$000 réis—e contava 96 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 140 fogos e 574 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 139 fogos e 560 habitantes.

Nos apontamentos que me enviou em 1884 o digno administrador d'este concelho disse que esta parochia comprehendia 2 aldeias e 33 quintas ou herdades principaes;—em outros apontamentos que o seu digno parocho mais tarde me enviou, deu-lhe 5 aldeias:—Ribeira, Outeiro, Santa Catharina, Paço Novo e Pomar Maior;—e o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, nos apontamentos que se dignou enviar-me tambem, disse:—«não ha n'esta parochia aldeias propriamente dictas, mas simplesmente logares com mais ou menos habitações. São os seguintes:—Boa Vista, Chão, Boucinha, Devesa, Monte, Outeiro, *Paço Novo*, *Paço Velho*, Poça da Villa, Ribeira, Portella, Pomar Maior, S. Thomé e Santa Catharina».

A *Chorogr. Mod.* ainda accrescenta os seguintes:—Lama, Telhado e Chã.

Das suas 33 quintas apenas mencionaremos as mais importantes:

S. Domingos, de José Ferreira Guimarães.

Tapada, de Manuel Pereira.

Outeiro, de Manuel Antonio Velloso d'Almeida.

Pomar Maior, de Antonio Fernandes da Silva Villela.

Paço Novo, de Francisco Manuel Soares d'Almeida.

Freguezias limitrophes: — Campo, Gallegos, Garfe, Louredo, Thaide e Fontearcada, todas d'este concelho.

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, centeio, feijões, azeite, fructa, linho e hervagens, pelo que tambem cria muito gado bovino e depois de gordo o exporta para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha decadente. V. *Villar d'Andorinho.*

Não cria gado lanigero.

É tambem mimosa de caça dos seus montes e de peixe dos seus rios,—nomeadamente de trutas.

O seu vinho é verde ou *rascante*, mas de superior qualidade, principalmente o da quinta de *S. Domingos*,—e nos ultimos annos tem sido exportado por bom preço para a França, como todo o do Minho, da Bairrada, da Beira e da Extremadura.

V. *Villa Verde*, séde de concelho,—*Villar d'Andorinho*, vol. XI, pag. 1189,—e *Villarinho do Bairro.*

—

Demora na margem direita do Ave, do qual dista 1 kilometro (a egreja matriz) para N.;—4 da Povoa de Lanhoso para S. E.;—17 da cidade de Guimarães e da estação terminus (a mais proxima) na linha ferrea de Guimarães à estação da Trofa, entroncamento na linha férrea do Minho; — 19 de Braga;—73 do Porto pela linha de Guimarães e 74 pela de Braga,—e 410 ou 411 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam da Povoa de Lanhoso a Guimarães,—e nas Caldas das Taipas entronca na estrada real n.º 23, de Ponte de Lima ao Peso da Regoa, por Braga e Guimarães.

Banha esta parochia ao sul o rio Ave, separando-a da freguezia de Garfe, o qual tem aqui uma ponte de pedra, denominada do *Barreiro*, para communicação das duas freguezias.

Banham-n'a tambem os ribeiros da *Povoa* e de *Vides*, confluentes do Ave; — desaguam na margem direita d'elle, no termo d'esta freguezia, e ambos movem 8 moinhos de cereaes, sendo 5 de moagem particular —e 3 de moagem para o publico.

O ribeiro de *Vides* tem 2 pontes: *Portagido* e *Lameiro.*—e o da *Povoa* 3:—*Ganidouro*, *Leiras* e *Ponte Velha.*

Ha pois n'esta freguezia 6 pontes de pedra,—8 moinhos—e uma azenha com 2 rodas no Ave, um pouco a montante da ponte do Barreiro.

—

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, houve n'esta freguezia 2 torres muito antigas no *Paço de Villela*, de que foi senhor Matheus Mendes de Carvalho.

Das mencionadas torres nada, absolutamente nada hoje existe alem da memoria, porque a casa do *Paço Velho* ou de *Villela*, solar dos Villelas, foi vendida a João Antonio da Silva Vaz, do logar de Simães, freguezia de Fontearcada, já fallecido, que mandou demolir os restos das duas torres, empregando a excellente cantaria d'ellas na mesma casa e em paredes de predios rusticos. Deu elle esta casa em dote a sua filha D. Maria da Silva Ferreira, quando casou com José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, da nobre casa das *Agras*, freguezia de Fontearcada, e estes a doaram ao seu filho Alvaro Herculano Ferreira de Mello e Andrade, a quem actualmente pertence.

—

Esta parochia não tem hoje edificios notaveis. Os mais importantes são os seguintes:

1.º—A casa de Manuel d'Almeida, no logar do *Outeiro*, a qual foi de seu tio, fallecido na mesma casa e solteiro,—Damião de Sousa Leite.

2.º—A casa de Manuel José Fernandes, na *Portella*, e que a herdou de seu pae Manuel Fernandes.

3.º—A casa de José Daniel Barbosa e Castro, na aldeia do *Monte*, e que foi dos seus paes e avós.

Nenhuma d'ellas é brazonada, nem mesmo a do *Paço de Villela*, depois do vandalismo porque passou.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Demora em sitio alto, enxuto, alegre e vistoso no centro da freguezia;—é elegante e

espaçosa;—está limpa e bem conservada;—tem altar-mór, onde está o Santissimo, e 5 lateraes:—Senhora das Dores, Senhora do Rosario, Coração de Maria, Senhor dos Passos e Salvador, com a invocação das *Cinco Chagas*.

Tem côro, boa sacristia, etc.

Foi este templo construido em 1755 a 1764, pois em um livro de *Visitas* que se guarda no archivo parochial, se lê que em 1755, no tempo do arcebispo D. José, mandou o visitador que se edificasse a egreja—e no capitulo da *Vizita* de 1764 achou-a já concluida, pelo que louvou o abbade Manuel do Valle Araujo e os seus parochianos, sendo já arcebispo D. Gaspar.

É de architectura dorica e elegante, apesar do que soffreu com as obras posteriores, pois para ampliarem a sacristia taparam uma das janellas da egreja e cobriram um lanço de cornija, do lado do Evangelho.—Tambem demoliram o campanario, fazendo outro a pequena distancia d'ella, com o que lhe alteraram a fronteria e em parte a encobriram

2.°—*Capella da Senhora das Maravilhas*, na povoação de S. Thomé.

Está bem conservada e é publica.

3.°—*Capella da Senhora do Ó.*

É maior do que a antecedente e de architectura dorica elegante e custosa;—pertence á casa do *Valle,* da aldeia do Paço Novo, mas infelizmente já não tem imagens e está profanada e transformada em adega?!...

Causa dó, mesmo porque é muito mais antiga do que a egreja parochial.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia, todas na matriz e sem romagens, são as do Santissimo Sacramento,—S. Miguel Archanjo (o padroeiro)—e S. Sebastião.

—

Esta freguezia, além dos seus estabelecimentos de moagem, não tem fabricas, mas tece muito linho em teares singelos e de systema antigo, movidos a braço.

Tem uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino e duas particulares, tambem de instrucção primaria, para os dois sexos.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são:—Manuel d'Almeida e o rev. Firmino Fortunato de Sousa Leite, ambos da povoação do *Outeiro,*—e José Daniel Barbosa e Castro, da povoação do *Monte.*

Clima temperado e saudavel. Não ha aqui doenças predominantes.

Nunca foi villa nem teve foral proprio.

Esta freguezia teve um bom passal, que foi desamortisado em 1876 e arrematou-o em hasta publica *por menos de metade do seu valor*, Constantino Rodrigues da Costa, da freguezia de Oliveira, d'este mesmo concelho, fallecido na cidade do Porto, pouco tempo depois. É hoje do seu irmão e herdeiro Sebastião Rodrigues da Costa.

Por descuido do parocho d'aquelle tempo, nem uma simples horta foi reservada, como a lei permitte.

Ficou apenas para os abbades a residencia parochial.

Em frente da matriz ha um cruzeiro que tem a data 1684.

—

Ha n'esta freguezia uma pobre lapide, já mutilada e muito antiga. Tem andado a baldão e hoje está junto do alpendre do passal, a pouco mais de 50 metros da egreja. Diz o meu informador que não foi marco milliario mas talvez lapide sepulcral;—tem de comprimento 0m,60;—de largura 0m,40;—de espessura 0m,20—e restos de uma inscripção, em que hoje apenas se pode ler o seguinte:

... Te: ... II F...

Ao norte d'esta freguezia estende-se o monte da *Ganidoura* até á freguezia de Fontearcada; pertence aos moradores de *Villela* parte d'elle e dos montes de *Gallegos* e *Louredo,*—diz um dos nossos informadores;—outro diz que no monte denominado de *Villela* ha uma enorme lagea, conhecida pelo nome de *Laja de Villa*, onde se secca o milho d'esta parochia, podendo estender-se ali a um tempo *quarenta moios?!...*

V. *Villares*, freguezia do concelho de Trancoso, onde fizemos menção d'outra eira semelhante, que é o assombro e inveja d'aquelles sitios.

Factos memoraveis

Houve, ha annos, aqui dois incendios pavorosos:—um na casa das *Ribeiras*, que foi toda pasto das chammas, perecendo no grande incendio o dono d'ella—João do Valle;—outro na casa de Domingos José de Castro.

—

No dia 16 de maio de 1846, por occasião da revolução da *Maria da Fonte* ou do *Minho*, assim denominada porque n'ella se distinguiu muito esta provincia e particularmente o concelho de *Vieira* e este da *Povoa de Lanhoso*, que se orgulham de ter dado o berço—aquelle ao padre Cazimiro, notavel guerrilheiro intitulado *general defensor das Cinco Chagas*,—e este á celebre *Maria da Fonte*, que se tornou lendaria e eclipsou a gloria do proprio padre Cazimiro, [1]—alguns guerrilheiros quizeram tirar violentamente as armas aos habitantes d'esta freguezia, estes porem reagiram e os repelliram a fogo. Os taes guerrilheiros juraram desforço, mas não se exposeram a nova tentativa.

—

Em 1809 muitos habitantes d'esta freguezia e das circumvisinhas tentaram oppor-se á invasão do exercito francez no monte de *Ganidoura*, mas foram cruelmente rechaçados.

No jornal *A Maria da Fonte*, de 7 de fevereiro do corrente anno, se descreve a triste occorrencia nos termos seguintes:

«O CUME DOS TRES NOMES

(*Scenas da guerra peninsular*)

A sueste e nos suburbios d'esta villa (*Povoa de Lanhoso*) levanta-se o monte de *Ganidoura*, que em 1812 foi dado de fôro pela camara aos habitantes das freguezias de *Villela* e *Fontearcada*.

Em 1809, quando o exercito francez pisava o solo luzitano para conquistar a perola da peninsula e o reino preparava-se para a defesa com os poucos elementos de que podia dispor, o cume do monte de *Ganidoura* foi theatro de uma scena de sangue.

O capitão de ordenanças João Baptista, da *casa d'Alem*, freguezia de Font'Arcada, querendo defender os seus conterraneos, collocou no cimo do dicto monte uma peça d'artilheria, para d'ali fazer frente ao inimigo.

Ficou então aquelle sitio denominado—*Alto da Peça*.

—

Constando na manhã do dia 15 de março do referido anno, que a artilheria n.º 4 e alguns corpos de milicianos se batiam em Salamonde com as tropas invasoras, o capitão Baptista reuniu no Alto da *Peça* todo o povo que vinha retirando e na tarde do mesmo dia estava aquelle sitio coalhado de gente. No dia immediato foi a peça experimentada, sendo com ella disparados alguns tiros sobre uma columna de tropa franceza que a tres kilometros de distancia marchava pela estrada real. O general Corvoisieu mandou uma forte brigada em observação ao ponto d'onde eram ameaçados. Travou-se a peleja durante pouco tempo, porque foi tal a mortandade nos paisanos que ficou o sitio juncado de cadaveres.

Desde então o cume do monte passou a denominar-se *Alto da Matança*.

Ha annos foi ali collocado por ordem do governo um marco de granito para a confec-

---

[1] V. *Porto*, vol. VII, pag. 366, col. 2.ª—*Gramido, Sobroso, Verêa de Bornes, Vianna do Castello*, vol. X, pag. 409, col. 1.ª e segg,—*Villa Pouca d'Aguiar*, vol. XI, pag. 906, col. 2.ª—*Val de Paços*, vol. X.—*Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 842, col. 2.ª—*Paus*, vol. VII, pag. 510, col. 1.ª e segg.—o livro *Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846, ou da Maria da Fonte pelo padre Cazimiro* (Braga, Typog. Lusitana, 1883)—o outro livro *Maria da Fonte* por Camillo Castello Branco (Porto, Livraria Civilisação, 1885)—e a collecção do jornal *A Maria da Fonte*, que desde janeiro do corrente anno (1886) se publica na Povoa de Lanhoso e de que é redactor principal o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, um dos nossos informadores.

De passagem diremos que é hoje muito difficil e talvez impossivel averiguar *com certesa* quem foi a tal heroina que deu o nome á revolução popular de 1846—e a terra onde nasceu.

V. *Maria da Fonte* e *Povoa de Lanhoso* no supplemento.

ção do mappa geodesico, e desde esse tempo tornou-se mais conhecido aquelle monte pelo nome de *Outeiro do Marco.*»

—

No mesmo periodico (n.º 4 de 24 de janeiro do corrente anno de 1886) se lê o seguinte:

Pesca no monte e caça no rio!

«O sr. Antonio José Pereira, da freguezia de *Villela*, andando á caça nas fraldas orientaes do monte da Ganidoura, encontrou junto d'um rego, que conduz a agua d'umas poças proximas, uma grande enguia viva, que decerto viera na agua, pois que o rego estava ainda molhado.

Dias depois, indo o mesmo individuo pescar ao rio Ave e estando de rede armada, occulto com uns amieiros, viu uma lebre, que açoada por uns rapazes se dirigia para o rio, ao qual se lançou a nado. O caçador, com metade do arco da rede fóra d'agua esperou a lebre, que casualmente entrou na armadilha, sendo tirada viva para terra!

São dois casos singulares, e que pessoa fidedigna nos garante como verdadeiros.»

Vae pelo mesmo preço.

Paço Novo

Terminaremos dizendo que a aldeia de Paço Novo tomou o nome de uma casa nobre muito antiga que ali houve, denominada *Paço Novo* com relação á do *Paço Velho* ou das *Torres*, solar dos *Villelas*, dos quaes ainda hoje se apontam descendentes n'esta freguezia e na de Fontearcada.

Achando-se em ruinas o *Paço Novo* foi a sua pedra vendida, approximadamente em 1850, e desde essa data o chão que occupou está cultivado e sem vestigios alguns de construcção?!...

Tambem consta que á dicta casa os habitantes d'esta freguezia pagavam muitos foros, mas que por accordo com o directo senhorio se obrigaram a leval-os á casa do *Castro*, no concelho de Amares, que era do mesmo dono—o conde da Figueira,—e que este os vendeu approximadamente em 1870 a um individuo de Braga, que ainda hoje os recebe na dicta casa do Castro.

—

Ao rev.º sr. Manuel de Freitas Ribeiro, abbade d'esta freguezia,—e ao sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, inventor de uma engenhosa machina de sommar e illustrado redactor do jornal *A Maria da Fonte*, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLELA, — freguezia do concelho e comarca de Paredes, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Reitoria. Orago Santo Estevam; — fogos 270,—habitantes 1:150.

Em 1706 era curato da apresentação dos frades cruzios do convento da Serra, no Porto, para os quaes rendia 800$000 réis e para o pobre cura 35$000 réis; — pertencia ao termo e concelho d'Aguiar de Sousa, comarca do Porto,—e contava 145 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 170 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 236 fogos e 962 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 256 fogos e 847 habitantes, no que houve grande inexactidão, pois 256 fogos deviam ter pelo menos 1:050 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Mosteiro*, séde da parochia,—Maia, Cerrado, Estrada, Lamella, Covello, Giesta, Costa, Muro, Aldarem, Arnellas, Crasto (*Castro*), Marnel, Sarilhos, Capellão, Coucieiro, Guilhade, Sá, S. Salvador, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Cantinho, Boa Vista, Varziella, Codeçal, Cunha, Pinta, Presa, Costa, Figueira, Pena, Penedo, Cornido, Calvario, Moinhos, Amaral, Portas, Lagea, Ferreiros, Fonte, Fontinha, Aldeia, Souto, Pomarinho, Noval, Cabouco, Ribeira, Cunha, Cantinho, Villar, *Villela de Cima* e *Villela de Baixo*.

Quintas

1.ª—*Mosteiro*, de Julio Cesar Nogueira de Seabra.

Comprehende as ruinas do extincto convento dos cruzios, a cerca e mais dependencias.

2.ª—*Maia*, de Belmiro Henrique Coelho de Carvalho.

3.ª—*Coucieiro*, de Manuel Joaquim Coelho Leal.

4.ª—*Moinhos*, de Joaquim da Silva Leal.

5.ª—*Fonte*, de José Joaquim Machado.

6.ª—*Penedo*, de José Narciso Carneiro Leão.

7.ª—*Varziella*, de João Leite da Gama, M. F. C. Real.

Freguezias limitrophes:—Arreigada e Modellos, do concelho de Paços de Ferreira, a N.;—Sobrosa a E.;—Duas Egrejas a S.;—e S. Salvador de Lordello a O.,—todas 3 d'este concelho de Paredes.

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, centeio, feijões e hervagens com que engorda muitos bois para a Inglaterra, industria muito rendosa ainda ha pouco tempo, mas que hoje se acha decadente. V. *Villar d'Andorinho.* Em compensação nunca vendeu tão bem o seu vinho, embora verde e rascante, pois no ultimo anno (1885) os francezes compraram por bom preço e levaram para Bordeus a maior parte do vinho d'esta provincia e das do Minho, Beira e Estremadura.

V. *Villa Verde*, séde de concelho, *Villarinho do Bairro*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão.*

—

Demora esta freguezia na estrada nova a macadam de Paços de Ferreira á villa de Paredes, da qual e da sua estação na linha ferrea do Douro dista approximadamente 6 kilometros para N. O.;—41 do Porto pela dicta estação—e 378 de Lisboa.

É atravessada a leste pela dicta estrada a macadam, que em parte é *districtal* e em parte *municipal.*

Tambem está projectada e já estudada uma estrada real a macadam que deve tocar na povoação do Mosteiro a O.—e na da Boa Vista a E.

Templos

A egreja que foi do extincto convento e que é e foi sempre a matriz d'esta parochia.

Está em sitio agradavel e vistoso, na encosta de um pequeno monte, lado N.;—tem uma boa fronteria ladeada por duas torres com sinos e relogio;—mede interiormente 31^m,3 de comprimento e 9^m,90 de largura no corpo da egreja, que é de uma só nave, e 6^m,15 de largura na capella mór. Tem guarda-vento;—côro alto e muito espaçoso;—altar-mór com um soberbo throno e retabulo de talha antiga dourada;—2 altares aos lados do arco cruzeiro, tambem ambos com ricas decorações de talha antiga dourada,—um do Senhor Crucificado, outro da Senhora do Rosario,—e no corpo da egreja mais 2, sendo um de N. Senhora da Boa Nova e outro de Santo Estevam, ambos de talha moderna e barata.

No retabulo do altar-mór se vê do lado da Epistola a imagem de Santo Agostinho—e do lado do Evangelho a de Santo Estevam.

Tanto este altar como os dois do arco cruzeiro teem preciosos frontaes de talha antiga dourada.

Este templo foi reedificado em 1783 e reparado interiormente em 1876 e 1878 [1].

Tem duas sacristias,—uma pertencente á fabrica,—outra ás 3 confrarias do Santissimo Sacramento (tem optimas alfaias antigas)—Senhora do Rosario e Almas.

A sacristia da fabrica era privativa dos frades e communicava com o côro por uma grande sala contigua a este, sala que ficou pertencendo á egreja desde 1834, mas o possuidor do convento se apoderou d'ella, de mãos dadas com a junta de parochia.

Este venerando templo está limpo e bem conservado e n'elle se fazem pomposas festas, sendo as principaes a de Santo Antonio e as dos oragos das 3 confrarias.

Logo fallaremos do convento.

Capellas

1.ª—*Senhora do Seixoso.*

Demora ao sul da matriz, distando d'ella cerca de 300 metros, no alto do monte do Seixoso, pelo que tem esplendidas vistas.

Foi reedificada e augmentada em 1873 por alguns devotos, nomeadamente pelo commendador Eulalio Coelho da Silva, que

[1] Em outubro de 1876 o nosso governo deu para as dictas obras 600$000 réis.

despendeu com as obras mais de 1:000$000 réis.

Está muito limpa e mesmo aceiada;—tem altar-mór com throno e retabulo de talha dourada, arco cruzeiro, pulpito com grades de ferro, côro, sacristia e, unida a esta, lado E., uma casa para diversos misteres.

A sua invocação é *Nossa Senhora da Saude* de Seixoso;--tem pomposa festa com romagem no dia da Ascensão—e tambem aqui se festeja o martyr Santo Thyrso no 4.° domingo d'agosto.

2.ª—*Santo Antonio.*

Demora a 40 metros da egreja parochial para N. e no mesmo nivel da egreja, dominando a maior parte d'esta freguezia.

Está bem tractada e bem conservada, mas, por ser muito singella e pequena, a festa annual do padroeiro, muito querido dos habitantes d'esta parochia, é feita na matriz.

3.ª—*Senhor dos Passos.*

Era uma casa das mencionadas confrarias, mas em 1878 o commendador Eulalio Coelho da Silva transformou-a em capella, na qual collocou a imagem do Senhor dos Passos em um andor e fez um altar, onde se diz missa.

Esta capella está unida á egreja parochial, do lado N. E.—e contigua á sacristia das confrarias.

Todas 3 são publicas.

4.ª—Na casa da *Varziella.*

5.ª—Na casa da *Fonte,*—ambas particulares, mas com porta franca ao publico.

Edificios mais notaveis

1.°—*A casa de Varziella.* Pertence a João Leite da Gama, da ilha de S. Miguel, F. C. R., descendente da nobre familia *Leites Gamas* de Santo Ovidio de Avelleda.

É brasonada.

2.°—*Casa da Boa Vista,* do commendador Eulalio e construida por elle.

3.°—*Casa da Maia,* de Belmiro Henrique Coelho de Carvalho, que a houve de seus maiores.

4.°—*Casa do Mosteiro,* extincto convento, hoje pertencente a Julio Cesar Nogueira de Seabra.

5.°—*Casa do Amaral,* que tem no mesmo edificio uma grande loja de commercio.

Pertence á Joaquim Ferreira Dias e foi construida por elle ha poucos annos, no local onde existia um pequeno casebre.

Estes ultimos 4 edificios não são brasonados.

—

Banha esta freguezia um regato com duas nascentes que desagua no rio Ferreira a O. na distancia de 1 kilometro. Tem 2 pontilhões,—4 rodas de moinhos—e um engenho de serrar madeira.

No fim das luctas civis que terminaram em 1834 todo o nosso paiz ficou muito tempo coberto de salteadores, que assolaram tambem este concelho e os circumvisinhos.[1]

N'esse periodo calamitoso foram assaltadas n'esta freguezia as casas da *Varziella* e do *Penedo.*

O convento de Santo Estevam de Villela

Foi seu fundador o capitão D. Payo Guterres, filho de D. Gutterres, que vieram para Portugal com o conde D. Henrique, segundo se lê no *Nobiliario* do conde D. Pedro, tit. 55, § 2.° e na *Chronica dos Conegos Regrantes*, tomo 1.° pag. 523.

O mesmo D. Payo fundou tambem o convento de *S. Simão da Junqueira,* nos arrabaldes de Villa do Conde—e foi o tronco da nobre familia *Cunhas* de Portugal e Castella, para onde passou o conde Martim Vasques da Cunha no tempo d'el-rei D. João I e fundou as casas dos marquezes de Vilhena, duques de Escalona, e a dos duques de Ossuna.

Ignora-se a data precisa da fundação d'este convento, mas é certo que já no anno 1118 de Christo se achava fundado e habitado por conegos, sendo seu prior Affonso Paez, a quem uma senhora, por nome Gila Paez, na era de M. C. LVI, que corresponde ao dicto anno, fez uma doação que terminava assim:

---

[1] V. *Varzea da Candosa,—Villa Nova de Foscôa,* vol. XI, pag. 842 e segg.—*Valença do Douro,—Azambuja* e *Falperra* n'este diccionario e no supplemento.

Do igitur omnes ilas haereditates...

Em vulgar: *Dou todas as propriedades supra e as offereço ao altar de Santo Estevam de Villela, para que as tenham e possuam todos os clerigos e presbyteros que ahi morarem debaixo do governo do prior D. Affonso Paez e perseverarem com vida santa e religiosa, segundo a Regra do Padre Santo Agostinho. Foi feita esta carta de doação no mez de junho da era de 1156.*

—

Foi 2.º prior D. Garcia Pires, um dos primeiros conegos a quem Santo Theotonio lançou o habito no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A este prior se fizeram algumas doações, entre ellas uma por Payo Pires no anno de 1138—e outra no mesmo anno pelo capitão Pero Vermuy, deixando ambos ao convento tudo quanto possuiam, para terem parte nas orações d'aquelles religiosos e sepultura no seu claustro.

A estas se seguiram outras doações, que tornaram este convento muito rico, mas, passando com o tempo ao poder de fidalgos commendatarios, que foram verdadeiros zangãos e a maior praga que pesou sobre os nossos conventos durante seculos, os taes senhores alienaram e deram aos seus parentes muitas das melhores propriedades que pertenciam a este convento.

O seu ultimo commendatario e o mais benemerito de todos foi Antonio Brandão, da nobre familia *Brandões*, do Porto, hoje muito dignamente representada pela sr.ª marqueza de Monfalim, viuva, e pelo sr. dr. Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, dignissimo juiz do supremo tribunal.

Tractou generosamente os conegos;—fez no convento varias obras em que poz as suas armas—e falleceu em 1590,—data em que este convento se uniu á congregação de Santa Cruz de Coimbra, mas, demorando-se as bullas da união 5 annos, só em 1595 tomou posse d'elle a congregação, sendo prior geral o dr. D. Chrystovam.

Aos commendatarios, de nefasta memoria, seguiram-se priores trienaes e em 9 de fevereiro de 1595 se elegeu o 1.º—D. Gaspar dos Reis, prior dignissimo que restaurou o convento, tanto no espiritual como no temporal.

—

Em 1612 se uniu *in perpetuum* ao convento da *Serra do Pilar*, tambem da mesma congregação;—em 1706 habitavam-no apenas 2 conegos, servindo um de presidente e outro de procurador, e conservava uma reliquia do seu padroeiro o proto-martyr Santo Estevam, que era annualmente festejado com grande romagem no dia proprio. Orçavam então em 800$000 réis as rendas que d'este convento iam para o da Serra, cujo prior apresentava n'este de Villela um cura secular, a quem dava de congrua 35$000 réis.

Foi couto, mas já nos principios do seculo XVIII havia perdido esse privilegio.

Durante a guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel (1832-1834) viveram n'este convento os conegos seguintes:—D. André da Conceição, D. Prior,—D. Luiz da Annunciada, vigario,—D. João das Neves, procurador,—D. Joaquim do Coração de Maria, D. Francisco das Dôres e D. Bernardo da Ave Maria, os quaes o abandonaram quando foram extinctas as ordens religiosas (1834) e levaram comsigo a reliquia de Santo Estevam, de que falla a *Chorogr. Port.* e que estava na egreja em um braço de prata.

O edificio do convento demorava e demora a S. O. da egreja e unido a ella, em sitio vistoso, alegre e saudavel;—hoje, 1886, conta pelo menos 768 annos;—tem passado por muitas vicissitudes e diversas reedificações, mas está limpo e bem conservado.

Não tem bellesas architectonicas, mas são dignas de menção a sua ampla escadaria e a sacada da sala que é hoje *sala de visitas.*

Ainda o convento

A rainha D. Theresa o coutou no anno de 1128—e na dicta carta se lê entre outras coisas o seguinte:

Do et dono quantum ego habeo intus istos terminos ab integro... Sic aereditates comodo homines, comodo Voce Regalia... Ego Tarasia Regina hanc Kartam jussi fieri, et manu mea roboravi.

Em vulgar: «Dou e concedo quanto eu tenho dentro d'estes termos na sua integra, ... tanto herdades, como homens e *vozes reaes* (multas ou coimas que se pagavam á corôa)... Eu a Rainha D. Theresa mandei fazer esta carta e a assignei por minha mão.»

V. *Voz* e *Cruz* em Viterbo—e as *Dissertações* de João Pedro Ribeiro, tomo 3.º pagina 89.

Fr. Nicolau de Santa Maria (*Chronica dos Conegos Regrantes*, logar citado) não póde adduzir documento algum que provasse a existencia d'este mosteiro antes do anno 1118; temos porem um documento anterior que prova não só a existencia d'este mosteiro no seculo XI, mas que elle então era de *monges* e por consequencia *benedictino*!...

É um letigio que no anno de 1086 (era 1123) ainda no reinado de D. Affonso VI de Leão, moveram os *monges* d'este convento de Villela contra *Eirigu Asiulfiz* e outros, perante D. Egas Ermigiz, que julgou a favor dos monges.

Versava o pleito sobre propriedades sitas na villa e freguezia de *Sancta Marina de Figaria* (Santa Marinha de Figueira, hoje freguezia do concelho de Penafiel).

É um documento interessantissimo para a historia d'este convento e póde vêr-se na integra nas *Dissertações Chronol. e Crit.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 228 e 229.

É em latim e principia n'estes termos: *Temporibus illis*...

Em vulgar: «No tempo em que D. Affonso, rei das Hespanhas, conquistou aos mouros a cidade de Toledo, rebentou um letigio entre os frades do mosteiro de Villela e os herdeiros de S. Mamede de *Fafilanes*. Estes litigantes eram Diogo, presbytero e monge (*Monacus*) que ao tempo presidia ao mosteiro de Santo Estevam de Villela, contra Eirigu Asiulfiz e outros, por causa das terras da egreja de S. *Mamede de Fafilanes* situadas no termo da villa de Santa Marinha da Figueira....»

—

Na divisão que das rendas do bispado do Porto foi feita no anno de 1195 entre o bispo e o cabido, ficou pertencendo ao bispo este convento de Villela, alem d'outros e de varias terras e egrejas.

V. *Dissert.* de João Pedro Ribeiro, vol. 5.º pag. 90 e segg.

Tambem ali (pag. 63) se encontra um outro documento curioso que prende com este convento. É a doação que no anno de 1302 fez Beringeira Ayres ao Bispo do Porto D. Giraldo, dando-lhe este convento e *muitos outros* de que era padroeira, para que elle e seus successores lhe defendessem o convento d'Almoster, — a encommendassem a Deus nas suas orações—e mandassem dizer pela alma d'ella uma missa annual no dia 15 d'agosto.

Finalmente nas mesmas *Dissertações*, tomo 2.º pag. 255, se encontra na sua integra o accordo celebrado no convento d'Alpendurada em 24 d'agosto do anno de 1387, entre os prelados de muitos conventos, incluindo este de *Villela*, obrigando-se os dictos conventos a suffragarem mutuamente os religiosos que fallecessem em qualquer d'elles.

—

No dia 22 de junho de 1885 pesou sobre este concelho e sobre os concelhos limitrophes:—Paços de Ferreira, Penafiel e Santo Thyrso, uma trovoada medonha, que aterrou a todos e causou muitos prejuizos.

N'esta freguezia uma faisca electrica incendiou uma corte onde estava uma junta de bois, matando um d'elles.

No concelho de Paços de Ferreira cairam mais de 50 faiscas electricas. Uma d'ellas incendiou uma casa na freguezia de Freamunde,—outra duas choupanas na freguezia de Figueiró—e outra um rolheiro de palha na freguezia de Pena Maior.

No concelho de Penafiel cairam tambem differentes faiscas e mesmo na cidade duas: uma na casa do sr. Silva Cabral, partindo a haste de uma bandeira e alguns vidros,—outra junta do paiol de infanteria 6, que não tem para-raios.

Tambem cairam varias faiscas electricas no concelho de Santo Thyrso. Uma d'ellas na freguezia da *Reguenga* incendiou uma casa habitada por uma mulher que estava na cama com uma creancinha, sendo ambas

salvas pelos visinhos atravez das chammas que devoraram o predio.

—

Ao meu illustrado collega, o muito rev. sr. Pedro Celestino Cardoso Osorio, abbade de Santa Maria de Duas Egrejas e vigario da vara no 5.° districto ecclesiastico de Penafiel, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA DAS CHOÇAS ou simplesmente *Villela*,—freguezia do concelho e comarca dos Arcos de Val de Vez, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Conceição (Santa Maria)—fogos 112,—habitantes 430.

Em 1706 era abbadia do Ordinario;—pertencia ao mesmo termo e concelho dos Arcos de Val de Vez, então comarca de Vianna;—rendia 300$000 réis—e contava 100 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação, mas corria pleito entre o arcebispo de Braga e os frades bernardos do convento de Fiães,—pleito que os frades venceram;—rendia réis 300$000—e contava 91 fogos.

Em 1834 era da apresentação da mitra.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 426 (!) habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 122 fogos e 415 habitantes.

Nenhum dos dois censos merece credito, pois 426 habitantes são habitantes de mais para 86 fogos,—e 122 fogos deviam dar pelo menos 500 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—Sobre-Egreja, Villa Nova, Telhado, Sordieiro, Redondo, Costa, Quinteiro, Gogido e Casal do Eido.

—

A egreja parochial demora na margem esquerda do rio Vez, do qual dista meio kilometro para N. E.;—2 da estrada real a macadam n.° 1, dos Arcos a Monsão;—10 da villa dos Arcos para N. N. O.;—15 da villa da Ponte da Barca;—32 de Ponte de Lima;—55 de Vianna;—137 do Porto pela estação de Vianna e pela linha ferrea do Minho,—e 474 de Lisboa.[1]

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, feijões, hervagens e fructa.

É tambem mimosa de peixe do seu rio e de caça dos seus montes.

Terreno fertil e mimoso, principalmente na margem do Vez, onde tem campos lindissimos e bellos açudes para irrigação e recreio.

O seu clima é temperado e saudavel, mas varia com as altitudes.

Nas margens do Vez é mais quente do que frio;—nos seus montes é aspero—e a meia encosta temperado.

Freguezias limitrophes:—S. Pedro de Sá a N. N. E.;—S. Cosme e Damião a S. S. E. —Sabbadim e Aboim das Choças a O. S. O., alem do rio Vez.

—

Esta parochia é muito antiga e anterior ao seculo XII, pois já na era de 1225 (anno 1187) D. Sancho I doou a *F. Fernandiz* metade d'ella e do reguengo de Sabbadim na parochia d'este nome e sua limitrophe, na outra margem do Vez.

A dicta doação principia assim:

Ego Rex D. Sancius, una cum uxore mea D. Dulcia, ...

Em vulgar: «Eu rei D. Sancho, juntamente com minha mulher a rainha D. Dulce e meus filhos o rei D. Affonso e o rei D. Henrique, e minhas filhas a rainha D. Theresa e a rainha D. Sancha...»

Maço 12 de Foraes Antigos, n.° 3, fl. 64, v. na *Torre do Tombo*,—e *Dissertações* de J. P. Ribeiro, tomo 2.° pag. 289,—e 3.° parte 1.ª, pag. 178.

Esta parochia nunca foi villa nem teve foral proprio, mas foi terra muito priveligiada, por ser expressamente comprehendida no foral que el-rei D. Manuel deu em 2 de junho de 1515 á villa de *Val de Vez*.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 77, col. 1.ª

V. *Val de Vez*, vol. X, pag. 92, col. 2.ª—e *Arcos de Valle de Vez* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos aquelles

[1] A estação de *Valença* fica mais proxima de *Villela*, mas dista da de *Vianna* 49 kilometros para N. e obriga a maior percurso quem houver de dirigir-se para o sul.

artigos e mencionaremos todas as povoações comprehendidas no foral de D. Manuel. Não as mencionamos agora aqui por serem muitas e o local menos proprio; entretanto podem ver-se em *Franklin.*

—

Esta parochia nunca foi villa, como já dissemos, mas outr'ora pertencia ao termo da antiquissima e extincta villa das *Choças*, cuja séde se ignora. A tradição apenas diz que comprehendia a aldeia das *Choças de Cima*, hoje pertencente á freguezia de Alvora,—a das *Choças de Baixo*, hoje da freguezia de Aboim das Choças,—e uma porção de terreno a O. do rio Vez, n'esta parochia de *Villela*, cujos habitantes não querem se denomine *Villela das Choças*, porque uma das taes aldeias assim denominadas foi um medonho covil de ladrões. Só em um anno d'ali foram 7 degredados para a Africa!...

Diz tambem a tradição que a tal villa das *Choças* tomara o nome das *choças, casebres* ou *tendas*, onde por estes sitios bivacaram os exercitos de D. Affonso Henriques e de D. Affonso VII de Leão em 1128 ou 1129, por occasião da batalha de Valle de Vez.

V. *Arcos de Val de Vez.*

Como reminiscencia da extincta villa das *Choças* ainda hoje se apontam na aldeia das *Choças de Cima*, em Alvora, os restos das paredes de um edificio que (dizem) foi *casa da Misericordia*, transferida para a villa dos Arcos.

Tambem dizem que a matriz da extincta villa estava nas *Choças* de Aboim, no local que hoje occupa a capella de S. Pedro, capella que ainda pelos annos de 1850 era um templo vasto,—*a velha matriz.*

—

Esta parochia é banhada pelo rio Vez e pelo regato dos *Curtos* (talvez *Curutos*) ou dos *Pinheiros*, confluente do Vez, e tem n'este rio uma ponte de pedra e varios moinhos.

Os seus templos reduzem-se á egreja parochial, de uma só nave, reconstruida no ultimo seculo e bem conservada,—e a uma capella de *S. Gonçalo d'Amarante.*

Ha nos montes d'esta freguezia 2 morros notaveis, denominados *Côto do Viso* e *Côto do Signo Samão.* Este ultimo é formado por grandes penedos sobrepostos.

Em maio de 1886 foi annexada ecclesiasticamente a esta parochia de *Villela* a de *S. Pedro de Sá.*

Terminaremos dizendo que não nos foi possivel encontrar documento algum escripto com relação á villa das *Choças*, posto que fizemos inspeccionar o actual archivo da camara de *Val de Vez*, que representa os archivos das camaras extinctas n'este concelho; nada porém ali se encontra a tal respeito, porque foi pasto das chammas, não sabemos quando.

—

Houve e não sabemos se ha n'esta parochia uma familia nobre, por appellido *Lima Brito*, que em 1805 era representada por Antonio de Lima Brito, filho de Manuel de Lima Brito e de sua mulher D. Laura de Sousa Rodrigues, neto paterno do dr. Antonio de Brito de Lima e materno de Domingos Rodrigues.

Ao mencionado Antonio de Lima Brito foi a 7 d'outubro d'aquelle anno concedido por D. João VI o brasão d'armas seguinte:—escudo partido em pala, tendo na 1.ª as armas dos *Britos* e na 2.ª a dos *Limas.*

—

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. Francisco Joaquim da Rocha, parocho actual d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Nasceu s. ex.ª a 10 de dezembro de 1858, na freguezia de *Giella*, d'este concelho, e foram seus paes José Maria Cerqueira da Rocha, antigo sargento das milicias dos Arcos de Val de Vez, e D. Maria Clara da Cunha Varejão;—neto paterno de João Miguel Cerqueira, forriel das milicias dos Arcos na guerra da peninsula, e materno de Francisco Antonio Pereira Varejão, alferes do terço de Coura no regimento de milicias de Vianna, em 1833 a 1834.

O rev. Francisco J. da Rocha foi alumno do seminario de Braga;—ordenou-se em 23 de setembro de 1882 e collou-se n'esta freguezia de *Villela* em 8 de junho de 1886.

VILLELA SECCA,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real,

diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 150,—habitantes 684.

Em 1706 era curato da mitra;—pertencia ao termo e concelho de Chaves, comarca e ouvidoria de Bragança,—e contava 50 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação do abbade de Villarelho;—rendia 60$000 rs. e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 535 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 143 fogos e 684 habitantes.

Toda a sua população está concentrada na grande aldeia de *Villela Secca*, na margem direita do Tamega, do qual dista 3 kilometros para O.;—11 de Chaves para N.;—85 de Villa Real;—112 da estação da Regoa (hoje a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—216 do Porto—e 553 de Lisboa.

Estas distancias devem modificar-se, logo que se construam as 3 linhas ferreas projectadas e em estudos:—1.ª de Chaves a Guimarães;—2.ª de Chaves a Viseu pelo valle do Corgo, Regoa e Lamego;—3.ª de Chaves a Viseu tambem pelos valles do Tamega e do Paiva.

Esta ultima deve encurtar consideravelmente a distancia entre Chaves e o Porto e por consequencia entre Chaves e Lisboa, porque, segundo os estudos já feitos, entronca na linha do Douro no kilometro 58, entre a estação do *Marco* e o apeadeiro da *Livração*, 46 kilometros a jusante da Regoa, e poupará os viandantes ao fastidioso percurso de 101 kilometros em diligencia da estação da Regoa até Chaves.

—

Confina ao norte com a nossa freguezia de S. Thiago de Villarelho da Raia;—ao sul com a de Santa Maria de Bustello;—ao poente com a de S. Martinho do Couto de Ervededo—e ao nascente com a Gallisa, mettendo-se o Tamega de permeio.

Producções dominantes: —milho grosso, muito vinho, feijões, trigo, cevada, hervagens e fructa.

Tambem cria muito gado bovino e é mimosa de peixe do Tamega e de caça miuda.

A egreja matriz, com altar-mór e dois lateraes, é um templo modesto, mas decente,—e ha tambem n'esta freguezia uma capella dedicada ao *Senhor dos Milagres*. Demora a N. da povoação de Villela e está hoje dentro do cemiterio parochial, que é um dos melhores d'estes sitios.

—

Viveu muitos annos n'esta parochia o rico proprietario Francisco Fernandes de Moura, ha pouco fallecido. Era natural da freguezia de Santa Maria de Gralhas, irmão do rev. João Alvares de Moura, muito digno procurador do seminario de S. Paulo, em Braga, e sobrinho do rev. dr. João Alvares de Moura, muito illustrado e muito virtuoso deão da sé do Porto, onde foi advogado distinctissimo e por vezes governador da diocese,—irmão do zeloso missionario e virtuosissimo conego regrante, bacharel formado em philosophia, D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura, natural da povoação de Medeiros, freguezia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre.

V. vol. X, pag. 530.

—

É natural d'esta freguezia de Villela o rev. Felisbino Garcia de Oliveira, parocho collado na freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Lama d'Arcos e Villa-Frade, n'este mesmo concelho de Chaves,—e é hoje reitor d'esta freguezia de Villela o rev. Manuel Caetano Rodrigues, natural de S. Vicente de Redondello.

Villela Secca não tem estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Chaves a Verim, que atravessa as duas formosas veigas assim denominadas e passa a pequena distancia da margem esquerda do Tamega.

É uma estrada lindissima e toda tão plana que até aborrece, como nos succedeu quando em outubro de 1883 visitámos Verim.

A grande industria d'esta parochia e de todas as nossas da raia é o contrabando. Nós temos hoje um corpo de guardas fiscaes numeroso e muito bem montado, mas, apesar de tudo, o contrabando continua em toda a raia e com tanta facilidade que os contrabandistas, dando-se-lhes apenas mais 10 por cento alem do custo das fazendas em

Hespanha, obrigam-se a pol-as em qualquer ponto do nosso paiz. E cumprem religiosamente,—*a despeito de toda a vigilancia fiscal!...*

—

Esta freguezia tambem já pertenceu ao concelho de Ervededo, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Chaves.

Em 1884 Joaquim de Sousa, casado, filho d'esta parochia de Villela, mas residente em Verim, tendo assassinado ali a pobre mulher, foi preso e sentenciado á pena de morte na forca, segundo as leis da Hespanha. Apenas constou o facto na nossa villa de Chaves, o benemerito delegado do procurador regio, dr. João de Sousa Vilhena, reclamou a intervenção do nosso governo. Dirigiu-se este ao rei da Hespanha Affonso XII, o qual generosamente accedeu, commutando a pena do reu na immediata.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA DO TAMEGA, — freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 184,—habitantes 790.

Em 1706 era curato do mesmo concelho e diocese, mas da comarca e ouvidoria de Bragança,—e contava 80 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação dos arcebispos de Braga;—rendia para o vigario 70$000 réis—e contava 88 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 174 fogos e 720 almas,—e o de 1878 deu-lhe 170 fogos e 660 almas.

Comprehende as 3 aldeias seguintes:

1.ª—*Villela do Tamega*, séde da parochia.

Em 1706 contava 40 fogos;—hoje conta 124.

2.ª—*Rodeal.*

Em 1706 contava 30 fogos;—hoje conta 44.

3.ª—*Moure.*

Em 1706 contava 10 fogos;—hoje conta 16.

Ha tambem n'esta parochia 6 quintas:—Oliveira, Ribeira, Regueiral, Souto, Prados e Outeiro;—5 casas de moinhos de cereaes no Tamega, movidos por agua—e 2 moinhos de azeitona em Villela, movidos por bois.

—

Demora em terreno accidentado ao sul da serra de Santa Barbara e na margem esquerda do Tamega, do qual a povoação de *Villela* dista 1 kilometro para S. E.;—11 de Chaves para S. O;—55 de Villa Real;—82 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha do Douro;—186 do Porto pela estação da Regoa,—e 523 de Lisboa.

Estas distancias devem soffrer grande modificação, logo que se construam as linhas ferreas projectadas e em estudos:—de Chaves a Guimarães, em continuação das de Guimarães ao Porto pela Trofa e pela Povoa de Varzim, já construidas e em exploração;—de Chaves a Vizeu pelo Valle do Corgo, Regoa e Lamego,—e a outra de Chaves a Viseu tambem pelos valles do Tamega e do Paiva.

V. *Villela Secca* e *Vias Ferreas*, vol. X pag. 471 e segg.

Passa n'esta freguezia na direcção O. N. O. pelo fundo da povoação de *Villela* a estrada real a macadam n.º 5, de Villa Real a Chaves, servida pelas diligencias e mala-posta que trabalham entre Chaves, Guimarães e Regoa e que suspenderão as suas carreiras logo que se construam as linhas indicadas supra.

—

A dicta estrada real é plana e lindissima desde esta parochia até Chaves, bem como de Chaves até á fronteira e mesmo até Verim, pois já do sitio da *Aveleira*, termo de Villarinho, se descobre a vasta planicie de Chaves, toda cultivada e cortada a meio pela dicta estrada e pelo Tamega, aqui muito sereno e orlado de amieiros, salgueiros, alamos e freixos, regando e fertilisando as veigas de Chaves e de Verim, que formam por assim dizer uma só. Abrigam a veiga de Chaves a S. e S. E. o monte *Minheu* e a serra de *Padrella*—e a N. e N. O. as serras de Barroso.

—

Templos: — a egreja matriz e 2 capellas

publicas,—uma na aldeia de *Rodeal*, com a invocação de S. Thiago,—outra na aldeia de *Moure*, com a invocação de Santo Antonio, —e uma particular na povoação de *Villela*, com a invocação de Nossa Senhora das Dores.

A egreja matriz, templo modesto, mas decente, está muito bem situada na povoação de *Villela*, em terreno alto, alegre e vistoso, dominando toda a povoação, que lhe fica a jusante,—a estrada real a macadam—e um largo horisonte.

Foi reconstruida em 1750 e pintado o tecto em 1880.

Tem uma nave e 5 altares:—o mór com o Santissimo e as imagens da padroeira e de Santo Amaro, e 4 lateraes:—Senhor Crucificado e S. Sebastião, do lado da epistola;—Senhora do Amparo e Senhor dos Passos, do lado do Evangelho.[1]

Festividades principaes:—a da padroeira a 15 d'agosto—e 2 menores:—a da Senhora das Candeias e a do Santo Nome de Deus.

Tem adro murado que serve de cemiterio, desde que se prohibiram os enterramentos nas egrejas.

—

Producções dominantes:—vinho, milho, centeio, azeite, batatas, castanhas, muita fructa de caroço e hervagens, pelo que tambem cria bastante gado bovino e lanigero.

É tambem mimosa de caça dos seus montes e de peixe do Tamega.

O vinho era a sua producção principal, mas infelizmente hoje a phylloxera ameaça de morte os seus vinhedos e já pouco vinho produzem, como todos os d'esta provincia transmontana.

Freguezias limitrophes:—Villas Boas a S.,—S. Pedro d'Agostem a E.,—Villarinho das Paranheiras a O.,—o Tamega a N. E.—e S. Vicente de Redondello, alem do Tamega.

—

É povoação muito antiga e data pelo menos da occupação romana, o que é naturalissimo, por ser um arrabalde e dependencia da celebre cidade *Aquae Flaviae* (Chaves) e demora na via militar para as cidades romanas de Panoias, Lamego e Caria—e talvez para a de *Cauca*, hoje Villa Pouca d'Aguiar, na opinião d'alguns auctores.

V. *Chaves*, *Villa Pouca d'Aguiar* e *Villa Real de Traz-os-Montes*.

Ainda hoje aqui, no termo d'esta parochia de *Villela*, se encontram junto do Tamega claros vestigios de construcções romanas, que o povo denomina *obras dos mouros*, e uma ponte de pedra com assentos de pedra tambem aos lados.

Tambem ha memoria de se terem encontrado moedas romanas em varios pontos d'esta freguezia.

As margens do Tamega são planas e lindissimas a jusante d'esta parochia, no termo de Villarinho das Paranheiras, e mais ainda a montante, atravez da esplendida veiga de Chaves, mas aqui, no termo de *Villela*, são em grande parte escabrosas,—e no sitio do *Chapeirão*, um pouco a montante do açude que os de *Villarinho das Paranheiras* construiram, ha um pégo respeitavel.

—

O monte de Santa Barbara, de que já fizemos menção nos artigos *Chaves*, *Villas Boas* e *Villarinho das Paranheiras*, principia a erguer-se de N. O. no termo d'esta freguezia, junto de *Rodeal*, e é dividido por ella, pela de *Villas Boas* e pela de *S. Pedro d'Agostem*, pertencendo a esta ultima a capellinha de Santa Barbara, pelo que em 1823, quando no dicto monte se feriu a batalha entre a divisão realista do general Silveira e a divisão liberal de Luiz do Rego[1], tambem soffreu bastante esta freguezia de *Villela*.

Ainda hoje o seu actual reitor bem se recorda do susto que então teve!...

Tambem por occasião da medonha trovoada de que ja fizemos menção e que pe-

[1] A imagem actual da padroeira foi mandada fazer pelo parocho e mais devotos em 1703, em substituição da primitiva, que se achava muito deteriorada com o peso dos seculos.

V. *Santuario Marianno*, vol. 7.º pag. 432.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1020, col. 1.ª,—*Barbara* (Santa) serra, vol. 1.º pag. 322,—*Villar d'Ossos* e *Santa Barbara*.

sou sobre o dicto monte no dia 3 d'agosto de 1842, as aguas, dividindo-se em torrentes, causaram muito prejuiso n'esta parochia, principalmente nas povoações de *Villela* e *Rodeal*.

V. *Villarinho das Paranheiras*.

Alem da trovoada de 3 d'agosto de 1842, tambem outra não menos medonha pesou sobre esta freguezia e sobre as povoações de S. Pedro d'Agostem, Bobeda, Seixo e Loivos no dia 26 de junho de 1876.

A agua era tão abundante e tomou tal vulto e força, que inundou os campos e levou na torrente penedos de um tamanho descommunal. Os estragos foram muitos. A agua, na sua maior força, demoliu paredes de dois e tres metros de altura, arrancou arvores e muitas vinhas, cobriu de areia muitos lameiros e fez escavações na profundidade de dez metros. Os trigos e centeios foram todos levados pela torrente. Um raio matou, ao pé de Bobeda, um homem chamado Amador Gomes, que n'essa occasião andava no campo com os bois; finalmente, muitos lavradores ficaram arruinados. Calculou-se o prejuiso, approximadamente em 12 a 15 contos de réis, diz o *Flaviense*, folha de Chaves.

Ha n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma casa unica brasonada, da qual vamos fazer menção.

Pessoas notaveis

1.ª—*Dr. Eduardo José Coelho*, bacharel formado em direito, fidalgo distincto, cavalheiro muito illustrado e de muito merecimento.

Nasceu na sua nobre casa de *Rodeal*, a unica brasonada e absolutamente a mais rica d'esta parochia, e é juiz de uma das varas em Lisboa, tendo sido juiz de direito nos Açores (*Ilha do Pico*) Rezende, Villa Pouca d'Aguiar, Ceia, Tondella e Beja, deputado ás côrtes em varias legislaturas, governador civil de Bragança, etc.

Casou com a sr.ª D. Carolina d'Almeida Pessanha, da nobre familia Pessanhas dos suburbios de Mirandella, irmã de Carolino d'Almeida Pessanha, já fallecido, que foi deputado em differentes legislaturas,—e sobrinha do digno par do reino João Pedro d'Almeida Pessanha, venerando ancião na actualidade e um dos cavalheiros mais ricos d'esta provincia.

O sr. dr. Eduardo José Coelho é filho de Silvestre José Coelho, tambem cavalheiro de muita probidade e dignidade, por vezes administrador e vereador d'este concelho, —e de D. Anna Angelica Gomes de Moura, já fallecida, herdeira e senhora da nobre casa de *Rodeal*.

É s. ex.ª tambem sobrinho, por affinidade, do bacharel Antonio Victor de Carvalho e Sousa, da illustre casa da *Ponte de Chavêz*, morador que foi na aldeia de *Villa do Conde*, freguezia de Valloura, concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Tem o sr. dr. Eduardo J. Coelho uma irmã, D. Angela, ainda solteira,—e dois irmãos:—Alvaro de Moura Coelho, bacharel formado em direito, delegado do procurador regio em Lisboa,—e o rev. Justino José Coelho, administrador da casa de *Rodeal*.

—

2.ª—O rev. *Hermenegildo José Teixeira*.

Nasceu n'esta freguezia, em 22 de novembro de 1822;—foi coadjutor na de S. Pedro de Miragaya, no Porto, desde 1849 até 1860; —passou depois para o patriarchado, onde parochiou em varias freguezias—e é ali actualmente prior de Odivellas, desde 1865.

3.ª—O rev. *Luiz Alves*.

É distincto professor de latim, muito estimado e considerado pela sua não vulgar illustração e pelo seu exemplar comportamento.

4.ª—*João Antonio de Carvalho*, medico-cirurgico e cavalheiro estimabilissimo tambem.

Casou na freguezia de Carrazedo de Montenegro, onde fixou a sua residencia e falleceu ha annos.

Era um habil clinico.

5.ª—O rev. *Jeronymo José de Sousa Martins*.

Nasceu n'esta freguezia em 8 de dezembro de 1806[1];—é seu venerando reitor col-

[1] Conta *hoje* precisamente 80 annos, pois

laddo desde 28 de julho de 1847 (ha 39 annos e alguns mezes?!...)—tendo sido n'ella reitor encommendado mais 2 annos,—desde 26 de julho de 1845 até 28 de julho de 1847,—e, com as suas economias de tantos annos e com os bens patrimoniaes que herdou dos seus maiores, é hoje um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia.

Se eu attingisse tão longa idade,—o que piamente não creio,—contaria 51 annos de vida parochial, pois nasci em 1832 e já sou parocho ha 25 annos. V. *Corvaceira* e *Miragaya*.

6.º—O rev. *Fr. João dos Serafins Ferreira*, homem bastante illustrado, natural da villa de S. João da Pesqueira. Era frade franciscano, mas secularisou-se muito antes da extincção das ordens religiosas e collou-se n'esta reitoria de *Villela do Tamega*.

Por ser taxado de liberal foi perseguido e preso e esteve na cadeia de Chaves durante o governo do sr. D. Miguel.

Falleceu em 26 de julho de 1845—e succedeu-lhe o venerando reitor actual Jeronymo José de Sousa Martins.

Na noite de 2 de julho de 1885 foi aqui barbaramente assassinado Manuel Rodrigues por Antonio de Carvalho.

—

Ao meu bom amigo e collega o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, natural de Villarinho das Paranheiras e reitor de S. Marinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA DA TORRE, ou *Torre de Villela*,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, junto da estação de Souzellas, na linha ferrea do norte.

Orago S. Martinho.

V. *Brafemes,—Torre de Villela* e *Varzea de Cavallos*.

No artigo *Torre de Villela* deu o nosso benemerito antecessor um resumo biographico de José de Seabra da Silva, natural d'esta parochia, mas no grande *Diccionario Popular*, dirigido pelo sr. M. Pinheiro Chagas, se encontra a mesma biographia com maior desenvolvimento e para lá remettemos os leitores. Aqui apenas faremos tres rectificações:

1.ª—Na nota ao artigo *Torre de Villela*, pag. 609, col. 2.ª,—em vez de... *desistencia do principe do Brazil* (*depois de D. Maria I*)—leia-se *desistencia da princesa do Brazil* (*depois D. Maria I*).

2.ª—Na pagina seguinte do mesmo artigo, col. 1.ª, em vez de... *rainha D. Maria Victoria*—leia-se, *rainha D. Marianna Victoria*...

3.ª—No artigo *Varzea de Cavallos*, em vez de—*N'esta aldeia nasceu em novembro de 1732 José de Seabra da Silva*, leia se—*N'esta aldeia nasceu em 6 d'outubro de 1694 Lucas de Seabra da Silva, pae de José de Seabra da Silva*...

Effectivamente o pae nasceu em *Varzea de Cavallos*—e o filho n'esta parochia de *Villela*, como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Torre de Villela*.

—

Comprehende esta parochia 3 aldeias:—Villela, Torre de Villela, e Ponte de Villela,—todas 3 talvez fundadas em uma grande herdade ou quinta que foi do mouro *Zuleiman Iben Giarab Aciki*, pois no *Livro dos Testamentos* do convento de Lorvão sob o n.º 9 se encontra uma carta de venda de uma grande herdade em *Villela, não longe de Coimbra*, feita pelo dicto mouro ao abbade Dulcidio e seus frades [1] por *20 soldos kazimos*, na era mussulmana de CCCCVII, *Mense Ragiab*. Corresponde a maio de 1016 da era christã. E no mesmo anno e no mesmo sitio de *Villela* o mouro Mahomat, filho

estou escrevendo estas linhas no dia 8 de dezembro de 1886. N'este momento marca o meu relogio 11 horas e 3 quartos da noite.

[1] O convento de Lorvão foi primitivamente de frades,—depois *duplex*, de frades e freiras,—por ultimo só de freiras. V. *Lorvão*.

de Abderraman, vendeu ao dicto abbade Lucidio outra grande herdade com seus casaes e edificios de toda a ordem por 40 soldos de *argento puro.*

É isto o que se lê em Viterbo nas palavras *Era* e *Kazimos,*—e na *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, fl. 350, onde Fr. Bernardo de Brito deu o texto da 2.ª carta de venda; n'ella porém se diz que a venda foi feita *per decê solidos,*—por dez soldos, não por 40, como se lê em Viterbo.

Tambem fr. Bernardo de Brito diz que a tal era mussulmana de 407 corresponde ao anno de Christo 968 e á era de Cesar 1006 —emquanto que o *Elucidario* diz corresponder ao anno 1016!...

O que não admitte duvida é que esta povoação data pelo menos dos principios do seculo XI e que já tinha então o mesmo nome de *Villela.*

Tambem d'aquelles dois curiosos documentos se vê o motivo porque o mosteiro de Lorvão apresentou sempre os parochos d'esta freguezia e teve n'ella muitas rendas e fóros.

V. *Torre de Villela* no supplemento a este diccionario, onde ampliaremos consideravelmente este artigo.

VILLULA, portuguez antigo.

Até os fins do seculo XVI, *Villula, Villela, Villar, Villarinho, Villarelho* e *Villarandelello* foram synonimos e diminutivos de *villa*, na accepção de granja, quinta, casal ou pequena povoação.

FIM DO 11.º VOLUME